

הַלַּפִּיד

(HA-LAPID)

Compilação das 156 edições do Ha-Lapid
1927-1958

VOL. II

ficha tecnica

Índice

| | |
|--|-----|
| Ano 12, N°83 Shebat 5698 Dez 1938 | 5 |
| Ano 12, N°84-Nisan 5698 Mar 1938 | 13 |
| Ano 12, N°85 Yiar-Sivan 5698 Abr-Mai 1938 | 21 |
| Ano 12, N°86 Tamuz-Ab 5698 Jun-Jul 1938 | 29 |
| Ano 13, N°87 Tishri 5699 Set 1938 | 37 |
| Ano 13, N°88 Heshvan 5699 Out 1938 | 45 |
| Ano 13, N°89 Kislev-Tevet 5699 Nov-Dez 1938 | 53 |
| Ano 13, N°90 Shevat 5699 Jan 1939 | 61 |
| Ano 13, N°91 Adar 5699 Fev 1939 | 69 |
| Ano 13, N°92 Nissan 5699 Mar 1939 | 77 |
| Ano 13, N°93 Yiar-Sivan 5699 Abr-Mai 1939 | 85 |
| Ano 13, N°94 Tamuz-Ab 5699 Jul-Ago 1939 | 93 |
| Ano 14, N°95 Tishri-Heshvan 5700 Set-Out 1939 | 101 |
| Ano 14, N°96 Kislev-Tevet 5700 Nov-Dez 1939 | 109 |
| Ano 14, N°97 Shevat-Adar 5700 Jan-Fev 1940 | 117 |
| Ano 14, N°98 Nissan-Yiar 5700 Mar-Abr 1940 | 125 |
| Ano 14, N°99 Sivan-Tamuz 5700 Mai-Jun 1940 | 133 |
| Ano 14, N°100 Ab-Elul 5700 Jul-Ago 1940 | 141 |
| Ano 15, N°101 Tishri-Heshvan 5701 Set-Out 1940 | 149 |
| Ano 15, N°102 Kislev-Tevet 5701 Nov-Dez 1940 | 157 |
| Ano 15, N°103 Shevat-Adar 5701 Jan-Fev 1941 | 165 |
| Ano 15, N°104 Nissan-Yiar 5701 Mar-Abr 1941 | 173 |
| Ano 15, N°105 Sivan-Tamuz 5701 Mai-Jun 1941 | 181 |
| Ano 15, N°106 Ab-Elul 5701 Jul-Ago 1941 | 189 |
| Ano 16, N°107 Tishri-Heshvan 5702 Set-Out 1941 | 197 |
| Ano 16, N°108 Kislev-Tevet 5702 Nov-Dez 1941 | 205 |
| Ano 16, N°109 Shevat-Adar 5702 Jan-Fev 1942 | 213 |
| Ano 16, N°110 Nissan-Yiar 5702 Mar-Abr 1942 | 221 |
| Ano 16, N°111 Sivan-Tamuz 5702 Mai-Jun 1942 | 229 |
| Ano 16, N°112 Ab-Elul 5702 Jul-Ago 1942 | 237 |
| Ano 17, N°113 Tishri-Heshvan 5703 Set-Out 1942 | 245 |
| Ano 17, N°114 Kislev-Tevet 5703 Nov-Dez 1942 | 253 |
| Ano 17, N°115 Shevat-Adar 5703 Jan-Fev 1943 | 261 |
| Ano 17, N°116 Nissan-Yiar 5703 Mar-Abr 1943 | 269 |
| Ano 17, N°117 Sivan-Tamuz 5703 Mai-Jun 1943 | 277 |
| Ano 17, N°118 Ab-Elul 5703 Jul-Ago 1943 | 285 |
| Ano 18, N°119 Tishri-Heshvan 5704 Set-Out 1943 | 293 |
| Ano 18, N°120 Kislev-Tevet 5704 Nov-Dez 1943 | 301 |
| Ano 18, N°121 Shevat-Adar 5704 Jan-Fev 1944 | 309 |
| Ano 18, N°122 Nissan-Yiar 5704 Mar-Abr 1944 | 317 |

| | |
|--|-----|
| Ano 18, N°123 Ab-Elul 5704 Jul-Ago 1944 | 325 |
| Ano 19, N°124 Tishri-Heshvan 5705 Set-Out 1944 | 333 |
| Ano 19, N°125 Kislev-Tevet 5705 Nov-Dez 1944 | 341 |
| Ano 19, N°126 Shevat-Adar 5705 Jan-Fev 1945 | 349 |
| Ano 19, N°127 Shevat-Adar 5705 Abr-Jun 1945 | 357 |
| Ano 19, N°128 Ab-Elul 5705 Jul-Ago 1945 | 365 |
| Ano 20, N°129 Tishri-Heshvan 5706 Set-Out 1945 | 373 |
| Ano 20, N°130 Kislev-Tevet 5706 Nov-Dez 1945 | 381 |
| Ano 20, N°131 Shevat-Adar 5706 Jan-Fev 1946 | 389 |
| Ano 20, N°132 Nissan-Yiar 5706 Mar-Abr 1946 | 397 |
| Ano 20, N°133 Sivan-Tamuz 5706 Mai-Jun 1946 | 405 |
| Ano 20, N°134 Ab-Elul 5706 Jul-Ago 1946 | 413 |
| Ano 21, N°135 Tishri-Kislev 5707 Set-Nov 1946 | 421 |
| Ano 21, N°136 Tevet-Adar 5707 Dez-Fev 1946 | 429 |
| Ano 21, N°137 Nissan-Sivan 5707 Mar-Mai 1947 | 437 |
| Ano 21, N°138 Tamuz-Elul 5707 Jun-Ago 1947 | 445 |
| Ano 22, N°139 Tishri-Kislev 5708 Set-Nov 1947 | 453 |
| Ano 22, N°140 Tevet-Adar 5708 Dez-Fev 1947 | 461 |
| Ano 22, N°141 Nissan-Sivan 5708 Mar-Mai 1948 | 469 |
| Ano 22, N°142 Tamuz-Elul 5708 Jun-Ago 1948 | 477 |
| Ano 23, N°143 Tevet-Adar 5709 Dez-Fev 1948 | 485 |
| Ano 23, N°144 Nissan-Sivan 5709 Mar-Mai 1949 | 493 |
| Ano 24, N°145 Tishri-Tevet 5710 Set-Dez 1949 | 501 |
| Ano 24, N°146 Shevat-Nissan 5710 Jan-Mar 1950 | 509 |
| Ano 24, N°147 Sivan-Elul 5710 Mai-Ago 1950 | 517 |
| Ano 25, N°148 Tishri-Tevet 5711 Set-Dez 1950 | 525 |
| Ano 25, N°149 Shevat-Elul 5711 Jan-Ago 1951 | 533 |
| Ano 26, N°150 Shevat-Tamuz 5712 Jan-Jun 1952 | 541 |
| Ano 27, N°151 Shevat-Tamuz 5713 Jan-Jun 1953 | 549 |
| Ano 28, N°152 Shevat-Yiar 5714 Jan-Abr 1954 | 557 |
| Ano 29, N°153 Shevat-Elul 5715 Jan-Ago 1955 | 565 |
| Ano 30, N°154 Tishri 5717 Set 1956 | 573 |
| Ano 31, N°155 Tishri 5718 Set 1957 | 581 |
| Ano 32, N°156 Tishri 5719 Set 1958 | 589 |

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho*

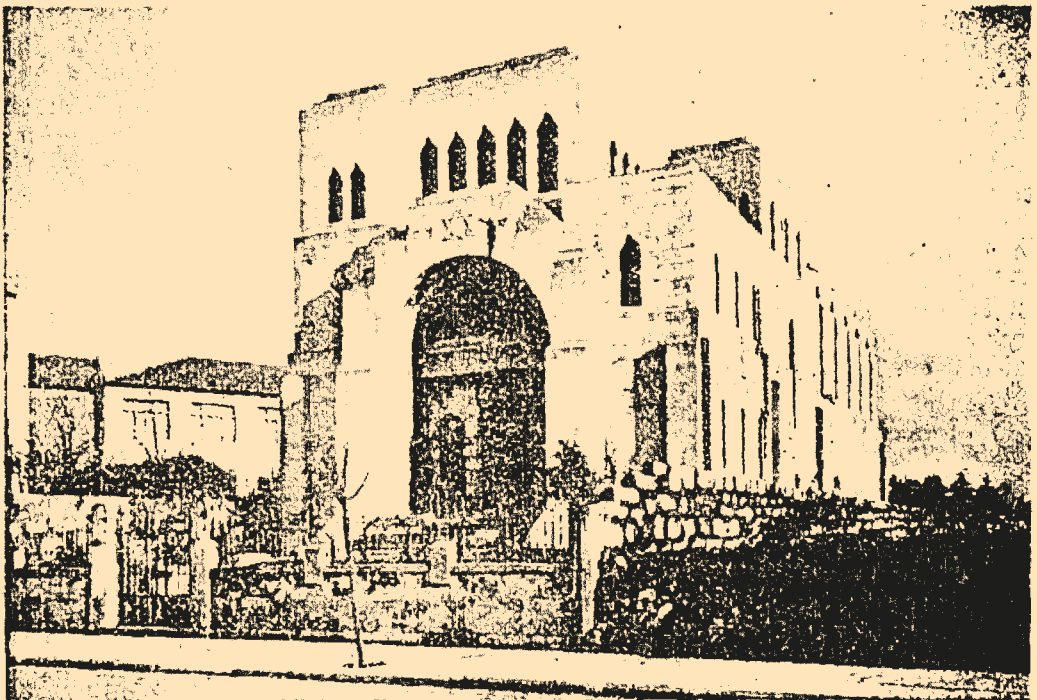
BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista, 854—Porto
—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10
P O R T O

Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm



Vista geral exterior da Catedral judia do norte de Portugal inaugurada solenemente a 16-Jan.º de 1938 (15-Shebat-5698).

Os Maranos Portugueses

Inauguração da Sinagoga Kadoorie

por PAUL GOODMAN

Por uma feliz coincidência, o 500.º aniversário do nascimento em Lisboa de Don Isaac Abravanel, o maior dos exilados de Sepharade, acaba de ser comemorado em Portugal com a abertura solene duma Sinagoga no Porto, edificada principalmente para os maranos que regressaram ao Judaísmo durante a última década.

A história dos Maranos é agora acessível aos leitores ingleses pela brilhante obra do Dr. Cecil Roth, editado pela Sociedade de Publicações judaicas d'America em 1932. No epílogo intitulado: OS MARANOS DE HOJE o Dr. Cecil Roth relata a espantosa sobrevivência destes numerosos cripto-judeus que guardaram uma consciência judaica e a prática de ritos judaicos após mais de quatro séculos de terror e de repressão. E êle conclue: *Quanto às últimas consequências deste espantoso movimento, é ainda demasiado cedo para fazer um juízo.*

Após a minha primeira visita aos maranos portugueses em 1931, eu expunha no *Jewish Chronicle* de (Outubro de 1931) o resultado do meu inquérito no Pôrto, Bragança e outros centros maranos, especialmente em conexão com a obra realisada graças à ajuda do Comité dos Maranos portugueses de Londres, o qual foi constituído conseqüentemente à missão empreendida em 1925 pelo saúdoso Lucien Wolf, pela iniciativa da Aliança Israelita, da Anglo-Jewish Association e da Comunidade Hispano-portuguesa de Londres. Fiquei comovido, como qualquer outro visitante judeu o teria sido, pelo lado romântico dos últimos sobreviventes do que foi outrora uma grande e poderosa secção do povo judeu.

Para dizer a verdade, fui profundamente perturbado pelo vasto problema que se me apresentava como insolúvel.

Não só o Comité Londrino dos Maranos Portugueses não tinha à sua disposição

senão fracos meios, mas era preciso tomar cuidado de não revolver as cinzas do fanatismo religioso num país onde os judeus são agora livres e gosam amplamente de todos os direitos de cidadão. A experiência de alguns anos tinha provado, além disso, que se o regresso dos Maranos suscitou um certo interesse, foi antes em razão do seu carácter exótico, mas não provocou nenhuma ajuda substancial. Era preciso pois registar o triste facto que o Judaísmo, como religião, tinha aparentemente cessado de gerar êste espírito de vanguarda que se nota entre os Haluzim (pioneiros) do renascimento nacional na Palestina.

Quando no decurso duma visita a Bratislava, vi o Rabbi Akibah Schreiber, o chefe da dinastia rabinica de Chatam Sofer, êste último, embora mostrando-se interessado pelos anussins (convertidos à força) de Portugal, manifestou, do ponto de vista halachico (Jurisprudencia Judaica) uma attitude crítica em face dos maranos regressando ao Judaísmo. Não há nenhuma dúvida que a questão genealógica dos Maranos levantou problemas que vão provocar interessantes checloth-u-Tschuboth (preguntas e respostas em matéria jusidica judaica). Se estes escrupulos tinham sido applicados rigorosamente aos refugiados d'Espanha e de Portugal no século XVII, as Comunidades sepharditas d'Amsterdam, de Londres e doutros lugares, difficilmente se teriam organizado.

Os problemas imediatos foram resolvidos pelo Comité dos Maranos Portugueses, que concentrou os seus esforços no Porto, a Capital do Norte de Portugal. Porto torna-se o quartel general d'atracção para os grupos Maranos que desejem manter o contracto com o mundo judaico. Mas se o Judaísmo, nestas regiões quasi inacessíveis vive num crepúsculo de superstições judias e católicas, Porto tem uma popula-

ção judia que a-pesar-da sua composição heterogénica, tem o aspecto duma comunidade estável e a recente chegada de judeus do Galuth Askenaz constitue um elemento apreciável para a difusão dos conhecimentos e práticas judaicas.

A alma desta obra de redenção é o apóstolo dos Maranos o Capitão Artur Carlos de Barros Basto (Abraham Israel Ben-Rosh), que é não só um valente militar, que serviu com uma grande distinção no front britânico das forças expedicionárias portuguesas em França, mas também uma figura heroica, recordando os românticos sephardim da fé judaica cuja constancia e dedicação brilharam através as trevas que envolveram o povo judeu durante séculos, após a grande expulsão de Espanha em 1492. Nascido marano e admitido oficialmente no Judaísmo em Dezembro de 1920, com uma admirável dedicação, manteve firmemente a causa judaica entre os seus irmãos maranos através os bons e maus momentos. A vida agitada da comunidade nascente do Porto, a cidade natal d'Uriel da Costa, recorda os principios agitados das Comunidades sepharditas da Diáspora.

O Capitão Barros Basto visita de tempos a tempos os diversos estabelecimentos maranos para proclamar a fé que nele existe. Publica um periódico intitulado «Ha-Lapid» (O Facho) que forma um traço de união entre os maranos portugueses e o mundo judaico em geral.

Foi o Capitão Barros Basto que tomou a iniciativa da edificação duma Sinagoga no Porto, que, pela grandeza do seu estilo, se devia tornar a cathedral judia do norte de Portugal. Os meios postos à sua disposição eram dos mais modestos e durante anos tinha-se notado que o edificio começado a 1 de Julho de 1929, se apresentaria como uma ruina melancolica, testemunhando a falta de interesse manifestado por êste objectivo eminentemente judaico por aquêles de que se esperava uma ajuda efectiva. A pedido do Sr. Israel Levy, Rabbi mór de França (um dos membros do Comité dos maranos portugueses) o falecido Barão Edmond de Rothchild dera 500 libras para o fundo de construção, mas o seu exemplo não foi seguido por ninguém.

Felizmente, o Comité pôde interessar na obra a Familia Kadoorie de Shanghai. Os srs. Horace e Lawrence Kadoorie forneceram todos os fundos necessários para

o acabamento e arranjo interior do edificio, em honra de seus pais Sir Elly Kadoorie e da finada Laura Kadoorie.

A erecção desta importante sinagoga, simbolo do despertar judeu entre os maranos portugueses e testemunho triunfante da solidariedade de Israel, é, nestes dias agitados, uma das realizações judaicas mais encorajantes.

A consagração da Sinagoga Kadoorie no Porto a 16 de Janeiro de 1938 constitue um acto histórico. Ele abrirá, é precioso esperá-lo, uma nova e feliz época nos trágicos annos do judaismo português. Este dia coincidiu com o hamishah assar bishvat (o ano novo das árvores). E' de bom augurio para o futuro dos maranos portugueses. Possa êle engrandecer e florescer para a gloria de Adonai.

O grande Deus de Israel!
Bessiman Tob.

O. R. T.

De vez em quando em noticias sobre organizações judaicas aparecem estas letras indicando uma prestante colectividade.

Foi fundada por um grupo de israelitas, que, seguindo o exemplo tradicional de celebres Rabbis e do notavel filosofo Barukh Espinosa, compreenderam que as aptidões manuais não são incompatíveis com as intellectuais.

Os seus fins são:

1.º—Ensinar aos jovens e aos adultos judeus profissões industriais e agricolas.

2.º—Propagar os metodos modernos e desenvolver a eficacia do trabalho entre os artifices judeus edosos.

3.º—Fundar e auxiliar cooperativas industriais e agricolas entre as massas judaicas.

Em resumo: contribuir para a reconstrução da economia judaica orientando o supranumerário de intellectuais, de pequenos negociantes e vendilhões empobrecidos para a industria e a agricultura e, duma maneira geral, crear uma nova geração de trabalhadores judeus especializados.

A Inauguração do Templo Kadoorie no Porto

Porto, 16-Janeiro-1938

A inauguração do templo edificado para os Maranos que regressam à fé judaica, é um acontecimento sem precedente. Só aqueles que assistiram à cerimonia da dedicação podem apreciar o seu alto significado. E' difficil imaginar-se *que um só* tenha tido a ideia de fundar uma casa de orações numa cidade e num tempo em que não havia ali judeus; é difficil de acreditar que este mesmo homem tenha, ele só, contribuido a levar a cabo um tal empreendimento.

E como ele realizou maravilhosamente a sua ideal

A Sinagoga do Porto, a catedral judia do norte de Portugal, construida para dar ao marano uma alta concepção da religião de seus pais, está à medida de realizar as esperanças que nela se fundaram. Quão magnífica aparece esta nova Sinagoga na sua beleza virginal! Cada detalhe reflete a santa inspiração, o amor do judaismo.

E' preciso ser do país para bem compreender, por exemplo, o sentido dos arabescos do Ekal (Arca Santa) e as passagens biblicas, que ornarn as galerias e as paredes. E' a obra dum vasto cerebro empregnado de espiritualidade, que fez para o culto de Israel tudo o que um homem lhe pode oferecer no nobre e belo dominio da architectura.

Viu-se edificar muitos outros templos com meios financeiros afluindo de todas as partes. Este é inteiramente a obra dum só homem cuja mão ficou constantemente aberta para levar a cabo a obra começada.

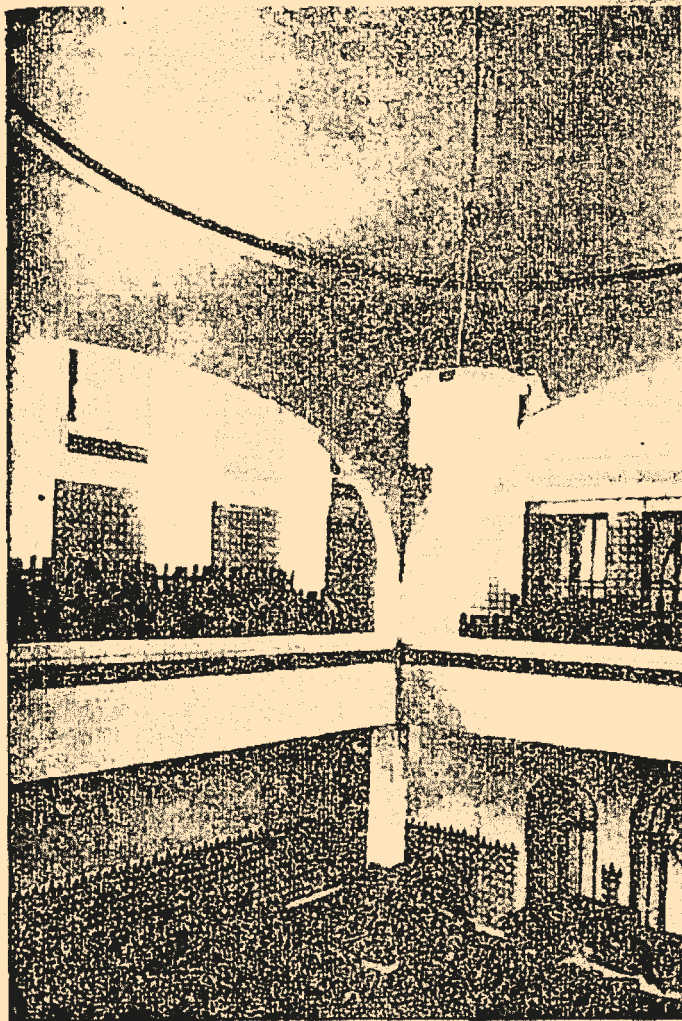
A cerimonia realisou-se a 15 de Shebat



Interior—Arca Santa

em presença de numerosos maranos. O officio, celebrado por Samuel Rodrigues, um dos futuros rabinos maranos, que fazem os seus estudos sob a direcção do capitão Barros Basto, foi dos mais interessantes, sobretudo para aquêles que não tinham assistido antes.

Durante o officio, chegou de Traz-os-Montes, distrito situado além das Serras, um forte contingente de maranos. Eram cultivadores, pastores e pequenos negociantes vestidos com os seus fatos pitorescos. Eles ficaram cheios de respeito nos



Interior—Galeria

degraus da escadaria, fora, para não perturbar o officio.

Eu tive o privilegio de presidir ao officio matinal de sábadó. Um certo numero de fieis maranos foram chamados perante a Thorah. Havia ali um homem muito velho um pastor de 80 anos, vindo com o seu filho e seu genro.

Eles escutavam com olhos maravilhados a secção da Thorah, que se lia, e a vista do Sepher comovia um deles ao mais alto grau.

A Cerimónia da Dedicacão foi celebrada

com um recolhimento digno das mais velhas comunidades.

A celebração da *minhah* por Samuel Rodrigues, foi magnifica na sua simplicidade. O Rev. Diesendruck, de Lisboa, e o Rev. Joseph Hertz foram impressionantes pela melodia das suas orações.

A Comunidade de Lisboa foi representada por mais de 40 pessoas. Havia ali o Snr. Professor Bensabat Amzalak, o *Naguid* dos judeus de Portugal, o Snr. Dr. Elias Baruel, vice-presidente da Comunidade; Dr. Augusto de Esaguy, o conhecido erudito; Dr. Sequeira, presidente de Ehhaber e o Snr. Terlô. Entre os não-judeus notamos o Consul britânico e o ministro da igreja anglicana. A Comunidade sephardita de Londres, que tomou uma parte activa na construcção desta jovem sinagoga sobre a antiga terra de Sepharade, estava representada pelo Snr. Artur de Casseres e o abaixo assinado.

O Capitão Barros Basto fez um vibrante apêlo. Leader dos que regressam ao judaismo, êle falou da immortalidade de judaismo. O officio foi encerrado pelo canto de *Ha-Tikvah*; nunca, na minha vida, ouvi este canto com tanto entusiasmo. *Od lo avdá tikva-tenu!*

Durante a brilhante recepção dada pelas damas do Porto, allocuções foram pronunciadas pelo Snr. Casseres e pelo Dr. Alfredo Klee, vice-presidente da Comunidade berlinense, que desde longos anos se interessa calorosamente pelo movimento marano. Mensagens vindas de toda a parte foram lidas, notavelmente do Rabbi-mor de França, da Alliance Israelite Universelle, do Rabbi-mor Dr. Ovadia, presidente da União Universal das Comunidades Sepharditas.

Paul Goodmam

Traduzido de «Le Judaisme Sephardi» de Paris

== A dedicação da Nossa Sinagoga ==

Na Imprensa judaica estrangeira

Alemanha—O jornal israelita de Berlim, C. V. Zeitung, no seu número de 27 de Janeiro traz o seguinte artigo:

Die Synagogenweihe von Oporto

H. E. Oporto, Ende Januar

Am 16. Januar fand unter grosser Beteiligung die feierliche Weihzeremonie statt. Neben den Mitgliedern der noch jungen Gemeinde Oporto waren etwa 40 Personen aus Lissabon erschienen. Unter den Ehrengästen beifanden sich Professor Dr. Moises Ben-sabbath Amzalak, der Vorsitzend der jüdischen Gemeind in Lissabon, Mr. Paul Goodman sowie zwei weitere Delegierte vom Marranem-Komitee in London; der Preussische Landesverband jüdischer Gemeinden war gleichfalls vertreten.

Nach dem Mincha-Gebet wurden die Torarollen, von welchen eine aus der Alten Synagoge in Berlin stammt und jetzt zur Einweihung vom Vorstand der Berliner Jüdischen Gemeinde gestiftet wurde, in den Aron hakodesch geleitet, worauf der Oberkantor Diezendruck aus Lissabon einige sehr schöne hebräische Gesänge vortrug. Der Gründer und Vorsitzende der Gemeinde Oporto, der Marranenfuher Kapitan Barros Basto, hielt dann eine Ansprache, in der er sein Bekenntnis zur jüdischen Religion ablegte und an die Juden Oportos einen warmen Appell zur Mitarbeit richtete. Die synagogale Feier wurde dann nach Verrichtung der traditionellen Gebet durch Spielen der portugiesischen und der englischen Nationalhymne und durch Singen der Hakiva beendet.

An die Feier schloss sich ein Tee, bei welchem Mr. Paul Goodman die verschiedenen Zuschriften, die ihm als Sekretär des Londoner Marranekomitees aus allen Teilen der Welt—aus Deutschland u. a. auch von Professor Dr. Ismar Elbogen (Berlin)—zugegangen waren, den Anwesenden zur Kenntnis brachte. Die portugiesische Presse nahm lebhaften Anteil an den Synagogeneinweihung und brachte mehrere Bilder von dem vollendet schönen Inneren der Synagoge sowie von der Feier. Der herrliche Bau, der Zusammenarbeit von Barros Basto und Paul Goodman sein Entstehen verdankt, konnte durch eine hochherzige Spende von Sir Elly Kadoorie, zur Zeit Hong-Kong, vollendet werden. Er ist dazu bestimmt, ein Zentrum der Marranen-Bewegung zu werden.

* * *

Itália—O jornal "Israel", de Florença, a 3 de Fevereiro, publica uma descrição da

Dedicação Solene, acompanhada por a vista exterior da Sinagoga, sob o titulo L'inaugurazione del Beth Hakeneseth per i mariani a OPORTO.

França—A Revista «Le Judaisme Sephardi», de Paris, em 31 de Janeiro, consagra tres artigos à inauguração da Sinagoga, intitulados «Message de l'union Universelle des Communantés Sephardites» par Dr. N. J. Ovadia, «Les marranes du Portugal» par Paul Goodman, «Compte Rendu de l'inauguration» par Paul Goodman; artigos estes que traduzimos na integra para o nosso jornal. A citada revista publica os retratos de Sir Elly Kadoorie, D. Laura Kadoorie e de seus filhos Lourenço Kadoorie e Horácio Kadoorie.

E' ilustrada também com gravuras da fachada principal e vista geral exterior da Sinagoga e do Hekhal (Arca Santa).

Publica igualmente as duas placas de honra (em inglês) de homenagem á Familia Kadoorie e ao capitão Barros Basto que o Portuguese Maranos Committee de Londres mandou afixar na Sinagoga Kadoorie.

França—O «Univers Israelite», de Paris, a 11 de Fevereiro, publica a mensagem da União das Comunidades Sepharditas aos maranos de Portugal, acompanhada duma vista geral exterior da sinagoga do Porto.

França—O jornal israelita de Paris, «L'univers Israelite» de 4 de Fevereiro publica um artigo «Inauguration d'une Synagogue de Maranes à Oporto», onde descreve a cerimonia e finalisa a noticia com o seguinte:

«—Em seguida a esta cerimonia, uma brilhante recepção foi dada pelas damas do Pôrto. Leram-se ali muitas mensagens, entre as quais as do Rabbi-mor de França, Israel Levy, do Rabbi-mor Dr. N. J. Ovadia, da Alliance Israelite Universelle, etc.

(Continúa na página 7)

A dedicação da nossa Sinagoga

(Continuação)

O Rev. Israel Levy escreveu: «O meu pensamento vai primeiramente para o nosso valente irmão, o capitão Barros Basto, que levantou a bandeira de Israel e reacendeu a flama santa na terra de Portugal. O seu apostolado fez estremecer de emoção e de altivez toda a casa de Israel. Ele suscitou um elan de simpatia e de entusiasmo em todos os paizes da Diaspora.»

O Dr. Professor Ehrenpreis, Rabbi-mor de Stockholm enviou uma mensagem em hebreu.

A sinagoga está edificada na rua Guerra Junqueiro e chama-se *Kadoorie A'ekor Haïm*.

Alguns dias antes da inauguração do Templo do Porto apareceu no *Jewish Chronicle* um artigo de protesto. O autor classifica de loucura o facto de se ter edificado uma sinagoga numa cidade onde não existe sequer um embrião de comunidade judaica. Não há chochet, não há mohel, não há rabisno, nem cemitério judeu. O autor do protesto lembra a grande miséria dos judeus da Polonia, onde o dinheiro gasto para esta sinagoga teria encontrado, segundo a sua opinião, melhor emprêgo...

Nota da Redacção Pelo dedo se conhece o gigante, o autor do artigo de protesto do *Jewish Chronicle* deve ser um *pu-lhaco* de alma preta e de negros sentimentos habituado, como a toupeira, a minar o terreno, onde se constroe. Deve ser um degenerado mestiço da tribo de Isakar, que tinha como emblema um burro de ossos jortes, e da tribo de Dan, cujo emblema era uma serpente, uma víbora que empeçonha o cavallo para fazer cair o cavaleiro.

Por hoje basta.

B. B.

Imprensa Portuguesa

O *Arquivo Nacional*, de 26 de Janeiro de 1938, de Lisboa, publicou uma gravura com a vista exterior da Sinagoga e uma

K. K. Mekor Haïm

Vida Comunal

Festividades — Realizaram-se com toda a solenidade as festas de Rosh Ha shanah (Ano Novo), Yom Kipur (Dia do grande Perdão) e Sukoth (Festa das Cabanas).

Tambem a festa de Hanucah (Festa dos Macabeus) decorreu com brilho.

Escolas — Tem funcionado regularmente a escola elementar religiosa da Comunidade (Ebeu Mussad Pedra Fundamental) aos domingos das 10 às 12 horas.

No primeiro domingo de Novembro abriram as aulas da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teologico Israelita do Porto) em aulas noturnas e em regimen de externato. Estão matriculados 15 alunos.

Corpos gerentes — No dia 26 de Dezembro reuniu a Assembleia Geral da Comunidade sendo eleitos para os corpos gerentes os os seguintes israelitas:

Assembleia Geral

Presidente — Edwin Edwards; Vice Presidente — Dr. Alfredo Kiefe; Secretários — Eliezer Carvalho e Benjamin Lopes Mendes.

Mahamad

Presidente — A. C. de Barros Basto; 1.º Secretario — Menasseh Ben Dob; 2.º Secretario — Samuel Rodrigues; Gabay — H. Warmbrum; Vogais — David Moreno e L. A. de Barros Basto.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

breve noticia da festa solene da inauguração.

A *Ilustração*, de 1 de Fevereiro de 1938, de Lisboa, publicou a fachada principal da Sinagoga e uma vista interior, acompanhada dum resumo rápido da cerimonia inaugural.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(Continuação do n.º 81)

TITULO LXXII

As Comunas dos judeus destes reinos nos enviaram mostrar uma carta d'El-Rei D. João meu avô de gloriosa memória selada com o seu selo pendente, em a qual se contem, que os ditos judeus se lhe enviaram ágravar, dizendo que alguns judeus casados se faziam cristãos, e ficavam suas mulheres judias; e que por direito dos judeus não devem, nem podem casar sem primeiramente êsses, que foram seus maridos, lhes darem, e outargarem carta de quitamento, que entre êles é chamada guete, o qual deve ser escrito por judeu, e feito por certas regras, e Hordenanças Ibraicas, e se tal guete assim feito não houverem, não casarão com elas nenhuns judeus; e casando sem terem o dito guete, se houverem alguns filhos, serão fornasi-nhos.

1) E, porém, diziam que segundo seu direito, devem tais maridos ser costringidos, que deem o direito guete às ditas judias, que foram suas mulheres; e que haja de tal direito fazerem certo o Bispo D. Gil Alma do seu Concelho e ao Dr. Diego Martins de seu Desembargo e ainda aos outros da sua relação; e que isto não embargante, alguns que assim se faziam cristãos, recusavam de dar o dito guete às judias que foram suas mulheres, por tal, que se lhes rendessem; e que por isto se lhes azava serem despeitadas.

Porém, lhes pediam por mercê que mandasse que lhes fôsse guardado seus direitos e que os ditos judeus assim tornados cristãos fôassem costringidos por êle, e por suas justiças, para que dessem o dito guete como é dito.

2) E o Senhor Rei, vista sua petição e a informação que sobre ele houve, mandou que a dita carta lhe fosse guardados os direitos e que as suas justiças lhes fizessem dar o guete às judias em tal guisa, para que podessem casar.

3) A carta vista e examinada por nós, mandamos que se guarde por Lei com esta declaração; a saber que o dito judeu assim tornado cristão, haja um ano de espaço, contando do dia que fôr tornado à Verdadeira Fé de Jesus Cristo, para dar o guete à dita judia que foi sua mulher, à qual poderá estar esse ano com o seu marido, se quizer; e querendo esta tornar-se cristã, poderá daí em diante viver segundo a Fé de Jesus Cristo; e querendo ficar judia, então poderá ser o dito seu marido costringido, que lhe dê logo o tal guete.

Com esta declaração que assim havemos feita, mandamos que se guarde esta lei e que as nossas justiças façam cumprir como dito é.

TITULO LXXIII

El-Rei D. Pedro, de louvada memória, em seu tempo fez uma lei com esta forma que se segue:

1) Dom Pedro, pela graça de Deus, Rei de Portugal e do Algarve. A quantos esta carta virem faço saber que os judeus de meu senhorio me mandaram dizer que eu lhes fizera graça e mercê, em lhes outargar por minhas cartas, que fizessem e podessem fazer contractos com qualquer pessoas, de compras, vendas e d'outras coisas pela guisa, que os fazem os cristãos do meu senhorio; e que eles usavam da dita graça, como era conteudo nas cartas, que da dita mercê de mim tinham. E que ora em estas cortes, que fiz em Vila d'Elvas, me foi dito por algumas pessoas que eles usavam da dita graça como não deviam e que eu a dizer deles mandei, que fizessem os ditos contractos, em que ouvesse ouhena ou conluido que o mandaria matar e lhe tomaria os bens que ouvessem para a minha Camara, em tal guisa que fôsse em ele cumprida uma Lei D'El-Rei D. Afonso meu Padre, a que Deus perdoe, que foi feita em tal razão.

E diziam que isto lhes era mui grave coisa desta guisa, que antes leixariam de fazer os ditos contractos, que serem obrigados a tão grande pena; e que eu receberia deles de serviço e eles ficariam depenados do que haviam. E enviaram-me pedir, que lhes quizesse temperar tão grave pena como minha mercê fôsse em tal maneira, que eles podessem haver mantimentos, a fazer a meu serviço.

(Continúa no próximo número)

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

... alumia-vos, e
aponta-vos o ca-
minho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista, 854-Porto

—(Toda a correspondência deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIÁRIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Bento da Victoria, 10

PORTO

O que foi a Cerimónia

da inauguração da Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm ?

por Norberto A. Moreno

Eis uma pergunta a que não podemos responder sem embaraços, embaraços motivados pela impossibilidade de pôr nas nossas palavras o brilho com que decorreu aquela solenidade. Despretenciosamente, contudo, responderemos; e, para mais cabal desempenho desta tarefa, vamos por partes e sinteticamente.

A Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm é um templo israelita caracteristicamente oriental — cúpulas, terraço, ornamentação, etc., tudo o atesta — magestoso, imponente, producto feliz do cérebro fértil e actividade incansável do snr. Cap B. Basto. E' também a séde das Comunidades judaicas do norte de Portugal e um monumento destinado a honrar e a perpetuar a sagrada memória dos mártires da Inquisição.

A cerimónia da inauguração teve lugar no dia 16 de Janeiro do corrente ano pelas 15,5 horas.

Na assistência viam-se portugueses, franceses, ingleses, espanhoes, alemães, italianos, russos, polacos, etc. Várias religiões estavam igualmente representadas.

Entre os portugueses não faltavam os maranos com trajes regionais característicos

reforçando a nota de interessante e simpática policromia.

Começou a solenidade pela *tefillah minh'ah* (oração da tarde) dita pelo moreh Samuel Rodrigues, ladeado pelos Snrs. Cap. B. Basto, M. Bendob e os cantores Dizendruk e Hertz. Sendo um templo dedicado a maranos foi escolhido um para pela primeira vez nele officiar.

Em seguida os presidentes da Comunidade de Lisboa e de outras estrangeiras conduziram os *Sefarim* (livros da Lei) da sala em que anteriormente se praticava o culto para o *ehal* (arca santa) da sinagoga propriamente dita. Como alguns representantes de comunidades estrangeiras tiveram a gentileza de oferecer à recém-nascida sinagoga *Sefarim*, foram os próprios que no solene cortejo os conduziram.

A *ner-tamid* (luz perpétua — lâmpada que, como o nome indica, permanece acesa, noite e dia, durante a existência do templo, foi acesa pelo snr. Dr. M. Amzalak, presidente da comunidade de Lisboa. Coube-lhe tal

(Continúa na página 2)

O que foi a inauguração da Sinagoga K. M. H. ?

(Continuação)

tarefa visto ter sido êle que na cerimónia da fundação colocou a primeira pedra do mesmo templo

Seguiu-se o serviço de dedicação da nova casa ao culto divino e a oração de Salomão. Esta última—oração que vem na Bíblia, Livro 1.º dos Reis, capítulo 8.º—foi pronunciada pelo snr. Cap. B. Basto. Visto que os judeus primam como tradicionalistas ainda aqui se não abandonou o Livro dos Livros, repetindo se hoje, no século XX, em terras ocidentais, as mesmas palavras que pronunciou Salomão no século X em terras orientais. E foi da mesma maneira o fundador do templo que o fez.

Foram em seguida ditas sucessivamente orações pelo presidente da República portuguesa, pela congregação, pelas vítimas do fanatismo religioso, pela Spanish & Portuguese Congregação de Londres, pela família Kadoorie e por todos os benfeitores. A comunidade do Pôrto tributou assim a todas estas entidades o seu reconhecimento, consideração e veneração.

O *Igdal*—canto profissional da fé judaica—terminou o officio litúrgico.

O snr. Cap. B. Basto fez em seguida um *darusch* (sermão). Referiu-se com a sua palavra fluente e entusiástica à longa e nobre existência do povo judeu, do qual fez uma eloquente apologia.

Finalmente, tocados a órgão, fizeram-se ouvir: a *Portuguesa*—hino nacional do heroico país em que, salvo o reinado da Inquisição, os judeus viveram sempre livremente; *God save de King* (Deus salve o rei)—hino nacional do diplomático país que mais tem protegido os judeus em geral e os maranos em particular; e *Hatickvah* (Esperança)—hino nacional judaico, único canto que os Israelitas do mundo inteiro podem sem prévio ensaio entoar em côro.

Na Biblioteca Dr. David de Sola Pool teve depois lugar um pôrto de confraternização. Ouvia-se uma miscelânea de linguas, faladas por elementos de tôdas as classes sociais, desde o povo humilde até às elites, que, não obstante a eterogeneidade, mostraram compreender bem que os judeus, pobres ou ricos, mais cultos ou me-

nos cultos, seja qual for a sua origem ou nacionalidade, são sempre irmãos, descendentes do mesmo pai (Abraham) que souberam, desde há 6.000 anos, engrandecer-se pela fé, pelo ideal, amor ao estudo, à civilização, à Paz e à Justiça.

Seguiu-se ainda uma sessão em que a mesa era constituída pelos seguintes senhores: Cap. B. Basto (presidente), Paul Goodman, Dr. Klee, Caceres, Edwards e Dr. Klee (filho).

O snr. Paul Goodman (digníssimo secretário de Portuguese Maranos Comitee de Londres, espirito cultíssimo, escritor célebre e trabalhador incansável em pról da causa judaica, que entre nós deixou muitas simpatias, à parte as suas brilhantes qualidades, pela maneira paternal e carinhosa como acolhia os maranos) leu um sem número de mensagens de tôda a parte do mundo e em tôdas as linguas. Foi esta uma nota extremamente simpática e grata para a jôvem Comunidade do Pôrto.

A participação espiritual nesta solenidade de associações, comunidades, homens de estado, sábios, etc., etc., dos quatro cantos da terra é honrosa para o judaismo e particularmente para esta comunidade.

E para os maranos, repito, imensamente grato saber que o mundo judaico inteiro os felicita com as mais paternas, carinhosas e animadoras palavras—a êles que não há muito começaram a despontar como rosas tímidas da vastidão das cinzas inquisitoriais.

Falaram também os Snrs. Cáceres, do Conselho dos Anciãos da Comunidade Portuguesa de Londres, que teve a gentileza de oferecer auxilio material e espiritual à Comunidade do Pôrto; o snr. Dr. Klee, presidente da Comunidade de Berlim, que igualmente teve a gentileza de lhe oferecer um *sefer torah*; e o snr. Dr. Klee (filho) que fez parte do seu discurso em correcta e pura lingua hebraica. Todos estes senhores, com rara eloquência, manifestaram a sua admiração pela grande obra realizada pelo snr. cap. B. Basto.

Muitíssimo mais poderíamos dizer desta solenidade. Limitâmo-nos, porém, à simples orientação do programa, assinalando a técnica inteligente que presidiu à organização do mesmo.

Inauguração no Pôrto do Templo Kadoorie para os Maranos Portugueses

Mensagem

da União Universal das Comunidades Sepharditas

No dia 16 de Janeiro foi inaugurada solenemente no Pôrto a Sinagoga Kadoorie edificada para os Maranos de Portugal.

Nesta ocasião, a União Universal das Comunidades Sepharditas de Paris dirigiu ao snr. Paul Goodman, Secretário Honorário do Comité Londrino dos Maranos, a seguinte mensagem:

Por ocasião da inauguração do Templo dos maranos do Porto, a União Universal das Comunidades Sepharditas dirige à nova Kehilah os seus votos e as suas felicitações.

Se a sobrevivência de Israel tinha necessidade duma prova, os Maranos do Pôrto ali estão para a fornecer. O recente regresso dos Maranos à fé judia após vários séculos de exercício dum culto ao qual foram convertidos pela violência, não é um facto espantoso nos anais da mística humana e um testemunho brilhante da força invencível do espirito judeu?

Durante séculos, na sombra, nas criptas, a pequena flama deste espirito era transmitida de geração em geração, enquanto sobre o solo flamejavam as chamas da Inquisição.

Que admirável força de resistência!

Que luta desigual!

E contudo, chegou um dia em que a flama do espirito passou por cima das chamas da fogueira. Estas extingiram-se para sempre e a outra flama eterna, fez a sua reparação.

Inaugurando o seu templo, os maranos do Pôrto celebram ao mesmo tempo o triunfo da liberdade de consciência sobre a opressão religiosa, sobre todas as opressões. O Templo do Pôrto, mais que todos os outros templos de Israel, é um monumento que contará aos que passam na linguagem da sua massa, das suas linhas e do seu nome, uma das mais comoventes epopeias judaicas.

O novo templo do Pôrto constituirá sem

dúvida, não somente uma casa de orações, mas também uma mansão de estudos judaicos.

Será um lar onde a alma e o espirito encontrarão o seu alimento: a alma, a piedade; o espirito, o estudo. E quem sabe? Talvez, graças à síntese destes dois grandes valores, reflorcerá sobre a terra de Portugal um judaísmo tão elevado como nos tempos memoráveis de Don Isaac Abravanel.

Os generosos doadores que forneceram os fundos necessários para a construção deste templo são os Senhores Lawrence e Horace Kadoorie. Fizeram-no em honra de seu pai, o grande filantropo Sir Elly Kadoorie, e à memória de sua mãe falecida Dona Laura Kadoorie.

Este gesto tem o seu sentido. Como honrar um pai do qual toda a vida foi votada à mais larga beneficência, se não é por um grande acto de generosidade.

Sir Elly Kadoorie é no mundo sephardi de nossos dias o maior filantropo. Os mais belos testemunhos das suas liberalidades são os hospitais, as escolas, as sinagogas construídas à sua custa em diversos países, notavelmente no Irak, na Persia, na Siria, na Palestina, em Constantinopla, em Shanhai, e noutros lugares. E' pois espantoso que os snrs. Lawrence e Horace Kadoorie, educados em boa escola, tenham resolvido testemunhar o seu reconhecimento e afeição filiais pela criação duma sinagoga unica no seu genero e chamada a grandes destinos?

A União Universal das Comunidades Sepharditas, neste dia histórico, é feliz de dirigir ao seu presidente honorário, Sir Elly Kadoorie, as suas homenagens respeitadas e a expressão da sua admiração. Possa este grande servidor de Israel viver longo tempo rodeado da afeição dos seus e do reconhecimento dos seus numerosos protegidos e

16 - Fev.º - 1616

Morte de Elias de Montalto

Um marano do século XVI que fugiu de Portugal com fama de bom médico e morou 1.º em Livorno e depois em Veneza.

Foi convidado por Maria de Medicir, rainha de França, para entrar ao seu serviço. Ele entrou com as condições de livremente praticar a sua religião e não fazer serviço algum no Sábado. Henrique IV escolheu-o para o seu Conselho a-pezar-de oficialmente nenhum judeu poder viver em França.

(Cecil Roth Historic dates).

Do «American Hebrew».

Este número foi visado pela Comissão de Censura

de todos aqueles que admiram a obra imensa que êle não cessa de expandir em proveito dos desgraçados.

A União Universal das Comunidades Sepharditas, instituição jovem ainda, mas cujo fim é grandioso, pois que se trata do renascimento espiritual dos judeus sephardim, espera muito da sabedoria, da experiência, das directivas de Sir Elly Kadoorie e dos seus dignos filhos, para a ajudar a realizar êste fim pelo plano que será submetido à Conferência de Amsterdam a 15 de Maio de 1938.

Ela dirige igualmente as suas felicitações aos snrs. Lawrence e Horace Kadoorie de ter tido a nobre ideia de estreiar a sua carreira filantropica por uma tão importante acção: a edificação dum grande santuário.

E seja louvada a nobre nação portuguesa que abriga um tal templo e um tal símbolo. A este liberalismo a Biblia respondeu de antemão pelo versiculo seguinte:

Porque a minha Casa é uma Casa de Orações para todos os povos.

Dr. N. J. OVADIA

As Lápides de Honra

O Comité dos Maranos portugueses de Londres mandou afixar na Sinagoga -catedral do Pôrto as seguintes lápides de honra:

This SYNAGOGUE has been erected to the
GLORY OF GOD

and to mark the love respect and veneration
of LAWRENCE and HORACE KADDORIE
for their Father

SIR ELLY KADOORIE, K. B. E., Com Leg.
Hon. and their Mother
the late LAURA KADOORIE.

This Tablet records the gratitude of the
PORTUGUESE MARRANOS COMMITTEE
of LONDON
for the benefaction of the KADOORIE
family.

This Tablet is erected by the PORTUGUESE
MARRANOS COMMITTEE of LONDON in
honour of Captain ARTUR CARLOS DE
BARROS BASTO as a tribute to the historic
services rendered by him as the Leader of
the Jewish Work of Redemption in Portugal
and in the establishment of this SYNAGO-
GUE with which his name will be asso-
ciated for all time.

* * *

Esta sinagoga foi eregida para glória de Deus e para marcar o terno respeito e veneração de Lawrence e Horácio Kadoorie por seu pai Sir Elly Kadoorie, K. B. E. Comendador da Legião d'Honra, e sua mãe a falecida Laura Kadoorie.

Esta lápide recorda a gratidão do Portuguese Maranos Committee de Londres pela benemerência da familia Kadoorie.

Esta lápide é eregida pelo Portuguese Maranos Committee de Londres em honra do Capitão Artur Carlos de Barros Basto como um tributo pelos históricos serviços prestados por êle como Leader da Obra judaica de Redenção em Portugal e no estabelecimento desta Sinagoga com a qual o seu nome deve ser associado para todo o sempre.

Palestra em nome dum delegado

Ainda a propósito da inauguração da Sinagoga K. M. H.

Minhas Senhoras e Meus Senhores:

«Gostaria de possuir méritos de orador para poder traduzir por palavras o meu estado actual de alma, isto é, o meu pensar e o meu sentir. Poderia também tornar agradável esta minha ligeira palestra que, assim, apenas terá uma qualidade: ser sincera, absolutamente sincera.

Falo a V. Ex.cias em nome do Snr. Albino de Castro, decano dos maranos de Freixo de Espada à Cinta (distrito de Bragança), respeitável véelho que, a-pesar-dos seus 80 anos, se desloca da fronteira até aqui para ter o prazer de assistir a esta solenidade.

Queria fazer compreender a V. Ex.cias o que sente um marano que conhece um pouco a religião dos seus antepassados, entrando num templo como êste e em tais circunstâncias.

Seria necessário para isso, Minhas Senhoras e Meus Senhores, desenrolar ante vossos olhos a vida judaica, ou melhor, a tragédia judaica—termos aqui quâsi sinónimos—dos últimos séculos, isto é, desde que os judeus residentes no nosso país foram «mar-anus» (convertidos à fôrça, amargamente).

Tentemo-lo a-pesar de tudo.

* * *

Estava-se no século XVI, século historicamente formidável, formidável pelas venturas e desventuras que trouxe aos habitantes de todos os países em geral e do nosso querido Portugal em particular.

Foi neste século que as lusas caravelas começaram audaciosamente a sulcar os mares, a sondar os seus mistérios, a revelar a existência de novos mundos, concorrendo para a expansão comercial, industrial e, digamos mesmo, moral e intelectual do nosso país. Abençoada por isso esta era.

Foi também neste século, e isso apaga as saúdades deixadas pelos outros aconteci-

mentos levando-nos a vê-lo negro como a morte—se êle é a própria Morte!—que foi instaurado no nosso país, no nosso Portugal antes abençoado, o maior monstro que a história regista, o mais malfadado dos tribunais e, talvez porisso, o mais poderoso—o Tribunal da Santa Inquisição.

Santa! disse eu; na realidade era assim apelidada muito embora fôsse verdadeiramente infernal.

Efectivamente é impossível compreender que houvesse um Deus, um Deus que é nosso pai, Bom, Todo-Poderoso, Sumamente Misericordioso, a quem tão negregado Tribunal agrãdasse. Tal Deus, se existisse, deixaria de o ser, embora isto pareça um paradoxo, pois perderia estes mesmos atributos passando a ser um génio do mal.

Mas, Minhas Senhoras e Meus Senhores, não falemos nisso porque tal hipótese não pode, não deve ser encarada.

Quer o Tribunal quer as suas obras são da autoria dos homens, dos mortais. Porque Deus diz: «*Não quero que o pecador morra; quero que se arrependa e viva.*» E isto considerando já o povo judeu como um povo pecador, — «pecar é próprio dos homens».

Note-se, porém, que o principal pecado de que o acusavam era o de *adorar Deus de uma maneira diferente dêles.*

Quanto ao resto nada havia a dizer dos pobres judeus. Sempre serviram fielmente o seu país com todos os meios ao seu dispôr, sobretudo intelectualmente, visto ser êste o seu mais vasto campo de acção.

A sua influência na história portuguesa é notável, mesmo nas descobertas através os «mares nunca dantes navegados».

Acompanharam sempre os capitães das naus como elementos de primeiro plano, permitindo-lhes livremente dispôr do seu talento poliglota, dos seus vastos conhecimentos de náutica, matemática, astronomia e de terras orientais.

E, afinal, Minhas Senhoras e Meus Senhores, qual a recompensa de tais serviços?

Crear um tribunal para lhes dar caça como a perigosas feras—a êles cujo principal pecado consistia em adorar um Deus Altíssimo, Uno Onnipotente, Espiritual e Eterno!; encarcerá-los e infligir-lhes tôda a espécie de torturas e martírios; violentar-lhes as filhas e esposas depois de por todos os meios lhes fazer perder as fôrças nas masmorras—porém, quantas preferiram provocar a morte esmagando a cabeça conta as paredes, à falta de uma arma com que se podessem ferir, a entregar a sua honra a monstros como eram os esbirros!

Acontecimentos formidáveis pela grandeza dramática estes!

Suponham, Minhas Senhoras e Meus Senhores, o que sentirá um marano cioso dos seus antepassados e da sua história, cada vez que sobre esta corre a vista Sem dúvida há-de ver sempre os seus irmãos amarrados aos instrumentos de tortura, debater-se nos cárceres com tôda a espécie de agonias, caminhar lentamente para as fogueiras e sentir crepitar as chamas devoradoras dos corpos em que o sangue da sua raça circulava.

Muitos dêles conseguiram fugir para o estrangeiro; outros, porém, foram obrigados à fôrça a adoptar o cristianismo; e as crianças atiradas brutalmente para as pias batismais.

Aparentemente obtinham católicos e, sob pena de irem saborear o ardor das chamas, tinham em público de mostrar que o eram.

A maioria refugiou-se nas montanhosas aldeias transmontanas e beirenses. Aí continuaram a viver, exteriormente católicos e interiormente fieis ao credo mosaico, à religião dos seus antepassados.

E os anos foram-se arrastando, agrupando-se às dezenas e às centenas.

Os maranos sempre da mesma maneira, lutando pela vida, indo por vezes à igreja, mas orando ao Deus de Moisés.

A propósito, Minhas Senhoras e Meus Senhores, permitam-me que confirme estas minhas palavras com algumas orações colhidas no distrito de Bragança entre correigionários que as não deixaram perder através os séculos e ainda hoje as pronunciam com fervor:

Padre nosso: «Padre nosso um, padre nosso dois, padre nosso três... padre nosso

dez; morra a lei de Cristo e viva a lei de Moisés.»

Ao entrar na igreja: «Nesta igreja entro, mas não adoro pau nem pedra; também não adoro pão nem vinho; venho unicamente adorar ao Deus de Moisés vivo.»

Louvor ao Senhor:

«Quando ao mar chegámos,
«Logo por Moisés chamámos.
«Moisés nos respondeu
«Com uma voz muito dolorida:
«Chamai pelo Deus de Israel
«Que vós sereis socorridos.

«Louvamos ao Nascente,
«Louvamos ao poente;
«Louvamos ao Deus de Israel
«Para todo o sempre.

«Oh grande Deus de Israel
«Santo e justo e bendito.
«O Vosso Santo Nome
«No Monte Sinai está escrito.

==

Orações como estas, cheias de sinceridade e grandeza, poderia ler um grande número se não receasse abusar demasiado da paciência dos que me escutam.

* * *

Ora, segundo a própria natureza, o homem é sempre influenciado pelo meio e, por isso, pouco a pouco, os maranos começaram a assimilar-se aos católicos, perdendo algumas das suas tradições e costumes.

Os anos foram-se acrescentando. Cêrca de cinco séculos são já passados—cinco séculos, Minhas Senhoras e Meus Senhores!

Havia-se quasi deixado de falar em judaísmo. Mas a tradição nunca se chegou a perder por completo.

Hoje existem ainda nas reconditas aldeias e, duma maneira geral, em todos os meios. Não falam em judaísmo, é certo, mas oram ao Deus de Israel, têm práticas judaicas. Provam-no as orações que acabei de ler e, melhor, o vasto repositório de tradições recentemente colhidas nas mais diversas localidades registadas no jornal «Ha-Lapid» que há 11 anos publica a Comunidade Israelita

do Pôrto; e prova-o melhor ainda a Sagrada «Obra do Resgate» devida a S. Ex.cia o Sr. Cap. B. Basto.

E é, Minhas Senhoras e Meus Senhores, passados 500 anos, quando se supunha o judaísmo completamente desaparecido que nesta cidade Invicta tem lugar a inauguração solene de uma Catedral judaica, uma Catedral magestosa, admiravelmente delineada, uma Catedral onde V. Ex.cias vêm ver descendentes dos mártires da Inquisição que hoje não esitam em declarar orgulhosamente a sua origem e declará-lo bem alto, aos quatro ventos, como aqui se vem fazendo.

Esta é, pois, a primeira Conferencia Judeo-Portuguêsa efectuada na Península Ibérica desde que a Inquisição se apagou da face da terra.

Compreenderão agora, Minhas Senhoras e Meus Senhores, um pouco melhor a minha emoção assistindo a êle, e o que eu queria, se fôsse artista da língua, pintar a V. Ex.cias com as devidas côres.

Abri-lhes, porém, o meu coração, pronunciando palavras sinceras, palavras duma alma sangrenta das torturas padecidas pelas suas irmãs, mas que, hoje sobretudo, começa a sentir-se curada, pois reconhece que uma aurora nova surgiu, uma aurora de Redenção, uma aurora Imortal na História dos Cristãos Novos, e exulta de júbilo por ter assistido a ela e ter para tal concorrido com o seu fraco préstimo.

Resta-me, pois, Minhas Senhoras e Meus Senhores, unir-me a todos os correligionários, para juntos glorificarmos o Deus Altíssimo e Uno de Israel, rogando-lhe que conceda ao seu povo vida e saúde para cumprir a missão sacerdotal de que foi encarregado.

Tenho dito.

Pôrto, 16 de Janeiro de 1938.

Norberto A. Moreno

Rabí Dr. Henrique Pereira Mendes

No dia 20 de Outubro de 1937, na sua residência em Mount Vernon com a idade de 85 anos faleceu o Rabbi-mor Emeritus dos judeus do rito português de New York. Era um historiador notavel e foi um dos nove fundadores do importante periodico judaico American Hebrew.

Deus Bendito tenha a sua alma em paz.

VIDA COMUNAL

Casamento—Realizou-se solenemente no dia 20 de Março (17 de Veadar) na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, segundo o rito português, a benção nupcial religiosa do Snr. Max Hans Dreifuss, natural de Buehl (Alemanha) e da Snr.^a Heldegard Midas, natural de Furth (Baviera). Serviram de padrinhos os Snrs. Hans Warmbrun e Paul Platchek e de madrinhas as Snr.^{as} Warmbrun e Platchek.

No final do acto religioso o Snr. Elbogen, filho do Rabbi Elbogen, reitor do seminário rabinico de Berlim, fez um magífico discurso (darusch) sobre a vida do lar judaico. Foi o acto religioso celebrado pelo Rev.^o Hertz, servindo de mestre de cerimónias o moreh marano, Snr. David Moreno.

Aos noivos deseja Ha-Lapid muitas felicidades.

Festa de Purim—Decorreu numa atmosfera de sã alegria esta festividade na nossa Comunidade.

Os cárceres da Inquisição

As prisões do Santo Officio eram, na maior parte das cidades, sujas celas de 12 pés de comprimento por 10 de largura, não recebendo mais que um fraco rajo de claridade por uma pequena janela aberta no alto de maneira que os prisioneiros podiam a custo distinguir os objectos. A metade destas celas era occupada por um estrado sôbre o qual êles se deitavam; mas como cabiam nele a custo 3 pessoas e muitas vezes metiam o dôbro em cada quarto, os mais robustos eram obrigados a dormir no chão, onde tinham tanto espaço como o que é reservado aos mortos numa sepultura. Estas celas eram tão húmidas que as esteiras ou palhas que serviam a estes desgraçados apodreciam em pouco tempo. Os outros móveis de que os calabouços eram guarnecidos consistiam em alguns vasos de barro para satisfazerem as necessidades naturais; estes vasos eram esvasiados semanalmente, o que obrigava os prisioneiros a viverem numa atmosfera viciada, que a maior parte si encontra a morte, e os que saíam estavam tão desfigurados que pareciam cadáveres ambulantes.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(Continuação do n.º 83)

2) E eu vendo o que me enviaram pedir, querendo-lhes fazer graça, e mercê, não embargando o dito meu mandado, que sobre tal foi feito: tenho por bem, e mando, que aqueles Judeus, que minhas cartas mostrarem e que hajam de fazer os ditos contratos, que os façam chãos ou desafortados como às partes aprouver, e quere sejam chãos, ou desafortados, que não ponham em eles penas algumas.

3) E daqui em diante quando estes Judeus, ou Judias quizerem contratar com Cristãos e Cristãs, seja a ele presente o juiz, se a ele presente poder ser, ao qual Eu mando que se não escuse dele, salvo se houver algum embargo tal, por que não possa a ele ser presente, ca se eu achar e se dele escusa maliciosamente, eu lho estranharei muito gravemente: e não podendo a ele ser presente, mande a um Tablião, e esteja a ele presente com outro Tablião, que o contrato houver de escrever à custa do Judeu, e trez homens bons Cristãos, que ao dito contrato sejam presentes por testemunhas, ao menos; e entregue logo êsse Judeu a cousa, que vender, se cousa fôr, e se possa logo entregar, ou o preço da cousa, que comprar, ou qualquer outra cousa de que quizer fazer o contrato.

4) E essa cousa, ou preço entregada, ou não, seja dado juramento pelo Juiz, ou tablião, que o contrato escrever as partes, que esse contrato entre si quizerem fazer, a cada um a sua lei quando esse contrato fizerem entre Cristão e Judeu, que digam se o dito contrato, pela guiza que o mandaram fazer, é bom, e verdadeiro, sem onzena, e concluído nenhum de onzena; e se pelo dito juramento disserem, que o dito contrato é bom, e verdadeiro, e sem onzena, e concluído de onzena, como por eles é razoado, então o dito Tablião presente o dito juiz ou outro Tablião quanto o dito juiz aí não poder ser, e as ditas testemunhas, escreva o dito contrato com o dito juramento, que as

ditas partes sobre ele fizerem; e outro se como esta cousa, ou preço foi entregue ou devedor, ou não, se cousa for, de que se logo não possa fazer entrega: e os contratos, que se em esta guisa fizerem, mando que valham, e d'outra guisa não.

5) E se depois acontecer que êsse Cristão com que êsse contrato for feito, porvar por seu juramento, e por uma testemunha Cristã, ou Judia de crer, sendo esta parte tal, que o Juiz entenda que em tal caso deva ser creada por seu juramento, e quando tal pessoa não for, e provar por duas testemunhas Cristãos ou Judeus, ou por um Cristão e por um judeu dignos de fé e de crer, que esse contrato foi e é onzaneiro, e houve em ele onzena, ou outro engano de usura, mando que o Judeu, cujo êste contrato for, que o perca e o Cristão, que em ele for obrigado, seja dele quite; e a Justiça do Lugar, onde isto acontecer, faça logo entregar este contrato ao dito Cristão; e tome dos bens do dito Judeu, cujo o contrato for, outro tanto, quando montar no dito contrato, e o entregue por mim ao Almuxarife do Lugar, onde isto acontecer, perante o meu Escrivão.

6) E o Judeu não haja porém outra pena nenhuma pela primeira vez, que tal razão como esta acontecer; e pela segunda vez como pela dita guisa a quantia dobrada de qualquer contrato; e pela terceira vez tome para mim pela guisa suso dita aquilo, que contar no dito contrato de qualquer cousa que seja por uma cousa quatro; e das trez vezes em diante haja tal pena, como dito é na terceira vez.

7) E o Cristão outro si não seja tendo a pena alguma por esse juramento, que fez quando o contrato foi feito, porque acusou, e descubriu depois a verdade do dito contrato. E em cada uma das ditas segunda, e terceira vezes e por todas as outras seja o Cristão livre, e quite do dito contrato, e entregue dele pela justiça da terra pela guisa, que dito é na primeira vez.

8) E por esta mesma guisa se faça os contratos, que os ditos Judeus fizerem, ou cada um deles com os Cristãos em razão das compras e vendas das herdades.

(Continúa)

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)

Avenida da Boavista, 854 — PÔRTO

— Toda a correspondência deve ser dirigida ao Director —

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A

Rua da Fábrica, 80

PÔRTO

FÉ ARDENTE—ALMA SÃ—CORAÇÃO GENEROSO



A BENEMÉRITA FAMÍLIA KADOORIE

Sir E., Kadoorie, K. B. E., Comendador da Legião de Honra e seus filhos, Lawrence Kadoorie, esquire e Horace Kadoorie, contribuíram com 5.000 libras para a construção da Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm do Pôrto.

Dedicação solene da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim no Pôrto

(RELATO)

Começou a cerimónia às 16 horas precisas, com a oração de *Minhah* (oferenda), sendo oficiante o Rev. Moreh (guia) marano transmontano Samuel Rodrigues.

As cadeiras dos Parnassim (Provedores) eram ocupadas pela Comissão Directora de Honra, constituída pelos Srs. Artur Casseres, britânico de origem marana, do Conselho dos Anciãos da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, ladeado à direita pelo Dr. Moses Bensabat Amzalak, Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e Dr. Alfredo Klee, Vice-Presidente da Comunidade Israelita de Berlim, e à esquerda pelos Srs. Edwin Edwards, do Portuguese Maranos Committee de Londres, Presidente da Assembleia Geral da Comunidade Israelita do Pôrto e Paul Goodman, Secretário Honorário do Portuguese Maranos Committee de Londres e da Portuguese Congregation da mesma cidade.

Desempenhavam as funções de mestres de cerimónias os Srs. Hans Warmbrunn, Menasseh Ben-Dob e o Rev. Moreh marano transmontano David Moreno.

Terminada a oração de *Minhah* realizou-se a trasladação dos *Sepharim* (livros sagrados) da Arca provisória do Beth-Hamidrash da Yeshibah Rosh Pinah para a Arca definitiva.

O cortejo era iniciado pelo Rev. Joseph Herz cantando durante o trajecto o salmo de David n.º 29 (Habu la-Adonai). O 1.º sepher era conduzido pelo Sr. Casseres, de Londres; o 2.º pelo Dr. Amzalak, de Lisboa; o 3.º pelo Dr. Alfredo Klee, de Berlim; o 4.º pelo Sr. Edwin Edwards, de Londres; o 5.º pelo Rev. Diesendruck, de Lisboa; o 6.º pelo Dr. Elias Baruel, de Lisboa; o 7.º pelo Dr. Augusto de Esaguy, de Lisboa; e o 8.º pelo Dr. Hans Klee, de Berlim. À entrada do solene cortejo no recinto sagrado, o Rev. Samuel Rodrigues, acompanhado por maranos antigos Talmidim (alunos) da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teológico

Israelita), entoaram o canto de Boas-Vindas (Barukh Habá). Abriu as portas do EH'al (Arca Santa) o Sr. Paul Goodman, assistido pelo Rev. David Moreno.

Colocados os *Sepharim* na Arca Santa, o Rev. Diesendruck, com a sua magnífica e musical voz, cantou, cheio de emoção, o Ym-lokh (glorificação divina).

Terminado este canto o Sr. Cap. Barros Basto convidou o Dr. Amzalak, que havia colocado a primeira pedra da Sinagoga a acender o Ner Tamid (Luz Perene), que arde continuamente perante a Arca para glória de Deus e lembrança dos mortos de Israel.

Cumprido este acto, na Thebah (tribuna dos oficiantes), o Rev. Diesendruck entoa o serviço litúrgico da dedicação de Casa Nova (Deut. cap. 28, vers. 1 a 14; I Reis, cap. VI, vers. 11 a 13; Isaías, cap. 65, vers. 21 a 25; Salmos n.º 30, n.º 134; Kadish).

Findo este acto litúrgico o Rev. Diesendruck cede o lugar ao Cap. Barros Basto, que recita, em língua portuguesa, a *Oração de Salomão*, que este rei dos judeus pronunciou na inauguração do Templo de Jerusalém (Livro I dos Reis, cap. 8.º, vers. 23, 27 a 43 e 56 a 61).

Novamente o Rev. Diesendruck oficia entoando as orações de bênção: 1.ª, em português, pelo Sr. Presidente da República Portuguesa e Governo; 2.ª pela Comunidade; 3.ª pelas vítimas do fanatismo religioso; 4.ª pela Família Kadoorie; 5.ª pela Spanish & Portuguese Congregation de Londres.

Findas as Bênções é cantado o Igdal (canto profissional da fé israelita) pelos Revs. Joseph Herz, Samuel Rodrigues, maranos e congregantes do Pôrto.

Sobe então ao púlpito o Cap. Barros Basto, que numa linguagem simples mas vibrante, prega o Darush (sermão), tomando como tema o versículo do profeta Zacarias: «Não pela força, não pela violência, mas pelo meu espírito», disse Adonai, Deus dos

1.ª Conferência Luso-Judaica

Há tempos anunciamos que, por ocasião da Dedicção Solene da nossa sinagoga-catedral do judaísmo no Norte de Portugal, se realizaria a 1.ª Conferência Luso-Judaica.

Dissemos e assim se fez. Após o *Pôrto-de-Honra* oferecido pelas damas israelitas do Pôrto na sala da Assembleia Geral da Comunidade, se realizou a sessão única da 1.ª Conferência Luso-Judaica.

Presidiu o Sr. Cap. Barros Basto, tendo à sua direita M.^{me} Edwards e os Srs. Artur Casseres e Edwin Edwards e à sua esquerda os Srs. Paúl Goodman, Dr. Alfredo Klee e Dr. Hans Klee.

Aberta a sessão o Sr. Paúl Goodman lê numerosas mensagens enviadas por várias notabilidades judaicas.

Em seguida usa da palavra em inglês o Sr. Artur Casseres, homenageando o Cap. Barros Basto e a sua obra: o seu discurso foi gentilmente traduzido em francês por M.^{me} Edwards.

Fala a seguir o Sr. Terlo, de Lisboa, que, começando por citar vários factos da sua biografia para demonstrar as dificuldades que tem que vencer quem se propõe a construir qualquer coisa de útil aos seus semelhantes, associa-se à homenagem prestada ao *leader* dos maranos e tece elogios à hospitalidade portuguesa.

Segue-se como orador o Dr. Alfredo Klee com a sua palavra fluente, em alemão, evoca a grande época da idade de ouro do judaísmo peninsular e incita os alemães aqui refugiados a colaborarem com a comu-

nidade portuguesa na grande obra de renascimento da cultura judaica na terra de sepharad.

Usa da palavra o Sr. Cap. Barros Basto, dizendo ter terminado a primeira parte da sua obra, sendo agora necessário consagrar tóda a actividade em se fazer a reeducação israelita das famílias de origem da nação sacerdotal da Humanidade, da nação guarda fiel do monoteísmo puro, e para êsse esforço pede a colaboração das damas, para que nos seus lares conservem a fé e ritos ancestrais e entusiasmem os seus maridos e filhos a bem observá-los, seguindo assim o nobre exemplo das mulheres maranos que souberam, durante quatro séculos, a-pesar-de hórridas perseguições, conservar conforme a cultura de que dispunham, as tradições judaicas.

Então o Dr. Hans Klee, na língua santa — o Hebraico, manifesta a sua satisfação pelos actos solenes a que assistiu e diz que ao afastar-se de Portugal ficará longe da vista de nós, maranos, mas que nós ficaremos perto do seu coração.

David Moreno pronuncia o discurso que já publicámos.

Levy Rafael, de Belmonte, presta homenagem de gratidão ao guia-magno dos maranos pelos seus esforços empregados na educação dos jovens e rudes maranos da Beira, fazendo voços de que Deus lhe dê longa vida e saúde para continuar a sagrada obra.

E assim terminou esta histórica sessão, à qual assistiram vários delegados maranos.

exércitos. Descreve as violências egípcias, assiro-babilónicas, helénicas e romanas para destruírem a fé israelita, o desaparecimento dessas forças e a eternidade da divina fé de Israel; termina por demonstrar que é uma honra o ser-se judeu.

Finda a cerimónia com os hinos: *A Portuguesa*, *Good save the King* e *Ha-Tikvah*, ao som do órgão tocado pelo jovem Nuno Azancot de Barros Basto.

Tóda a cerimónia decorreu numa atmosfera de respeito e recolhimento.

Centenas de pessoas enchiam o edificio. Estavam representadas tódas as crenças existentes em Portugal, havia católicos, anglicanos, evangélicos lusitanos, metodistas, baptistas, maranos, israelitas professos, etc. É a primeira vez que, depois da Inquisição, em Portugal se nota numa solenidade religiosa uma tão bela afirmação de paz e harmonia, onde crentes de várias confissões cristãs assistem numa atitude de fé e respeito piedoso a um serviço litúrgico da religião-mãe das suas crenças.

A INAUGURAÇÃO DA NOSSA SINAGOGA NA IMPRENSA ESTRANJEIRA

The Jewish Forum — 305, Broadway, New York city (Revista mensal, n.º de Março de 1936). Publica o artigo do Sr. Paúl Goodman sob o título «The Portuguese Maranos», Opening of Kadoorie Synagogue.

Israelitisches Familienblatt — Berlin S W 68, lindenstr. 69 (N.º 12 de 24 de Março-1938). Publica um artigo da autoria do Dr. Hans Klee, intitulado «Marranenscliiksab in Portugal», acompanhado por uma fotografia do interior da Sinagoga.

Judisches Gemeindeblatt, de Berlim — Órgão da União das Sinagogas da Prússia e Alemanha do Norte (N.º 3, 1 de Março de 1938). Publica um artigo sob o título «Die Neue Synagogue in Oporto», acompanhado pela vista exterior da Sinagoga e a fotografia do Comité de Honra na cerimónia inaugural.

Judisches Gemeindeblatt — Órgão das Direcções da Comunidade Judaica de Berlim (N.º 11, 13 de Março de 1938). Publica um artigo «Geschichte der Marannen» (gemeindeabend in Friedenstempel) acompanhado das fotografias do Comité de Honra inaugural e da família Castro de Lagoaça.



COLONIZAÇÃO JUDAICA

Uma nova terra para um velho povo

A revista americana *The Jewish Forum* vem propondo um remédio para atenuar a crise provocada pelo anti-judaísmo em vários países; a proposta consiste em ser feita uma *démarche* junto do governo do México, por intermédio dos Estados-Unidos da América-do-Norte, para que a península da Baixa Califórnia seja concedida para o estabelecimento duma colónia judaica oriunda dos países que perseguem os judeus.

Esta península, estende-se desde 22º 40' de latitude até 32º 40' Norte. Tem 760 milhas de comprimento e a sua largura vai de 30 a 150 milhas. Tem uma área de 56.000 milhas quadradas. A sua população actual é cerca de 93.000 almas. É bom clima, sensivelmente semelhante ao da Palestina. Tem vários portos de mar aproveitáveis. Há nesta península montanhas e vales verdejantes.

OFERENDAS À NOSSA SINAGOGA

Registamos as seguintes oferendas feitas à nossa sinagoga por ocasião da sua dedicação solene:

— A «Spanish and Portuguese Congregation» de Londres, ofereceu um sepher Thorah, uma mappah (manto para sepher) bordado a ouro, dois rimonim e uma yad (mão indicadora) em prata; também ofereceu 25 livros em hebraico e inglês para as orações quotidianas.

— O Sr. Edwin Edwards, de Londres, ofereceu um fato e dois barretes para Hazan.

— O Dr. Alfredo Klee, Vice-presidente da Comunidade de Berlim, ofereceu em nome dela um sepher Thorah e uma bela mappah.

— O Sr. Hans Warmbrunn ofereceu um Kos (cállice) em prata, em estilo oriental, para Kidush.

— A Ex.^{ma} Sr.^a Madame Kolbach, a ornamentação de plantas.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Lea Azancot de Barros Basto, camélias para ornamentação do Ehal.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Branca Bendob, ofereceu uma toalha para mesa e outra para lava-mãos.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Nucia Janovski, um pano de veludo azul com franjas douradas, para a Thebah (Tribuna de officiantes).

— A Ex.^{ma} Sr.^a M.^{elle} Pereira de Bragança, um pano bordado.

— A Ex.^{ma} Sr.^a D. Sofia Gotliebe Carvalho, os cortinados em damasco para o Ehal (Arca Sagrada).

— O Sr. Asher J. Haïm, administrador honorário do Templo Berith Shalom (Aliança da Paz), de Paris, enviou 8 livros de orações quotidianas em hebreu (rito português).



Ao nosso Director, *leader* dos maranos, ofereceu o Dr. Alfredo Klee, num estôjo, a placa metálica comemorativa do 5.º centenário de D. Isaac Abravanel, cunhada pela Comunidade Israelita de Berlim, já descrita no Ha-Lapid.

Também o mesmo senhor recebeu do Sr. Comendador Giuseppe Pardo Roques uma antiga meguilah em pergaminho, belamente iluminada, montada sobre um belo suporte de pau preto e marfim.

CARTAS DE MARANOS

De Belmonte (Beira-Baixa) foi recebida uma carta em que uma família marana se lamenta de não poder assistir a «um acto tão solene nessa tão soberba sinagoga como é um lugar onde se dizem as orações de Adonai, que são orações mais antigas do povo santo, que é Israel»... «pois diremos umas orações para esse dia. Pedimos a Deus Adonai que dê forças e alentos a todos os dirigentes de tão valiosa sinagoga e mais uma vez pedimos a Deus de Israel que nos livre de todos os cruéis, que têm estado contra os nossos israelitas»... fazemos votos para que façam as orações solenes com prazer, alegria e satisfação. São estes os nomes que agradecem: Abílio Diogo Henriques, sua esposa Raquel Henriques Morão e seus filhos Felismina Henriques Morão, José Henriques Morão, Conceição Henriques Morão, Luiz Henriques Morão, Alda Henriques Morão e Ana Henriques Morão.

De Vilarinho (Mogadouro), recebemos também uma carta, da qual extraímos algumas frases mais marcantes.

«Vilarinho, 10 de Janeiro de 1938.

Ex.^{mo} Senhor Capitão:

Acuso o recebimento da sua prezada carta à qual respondo; agradeço muito o seu convite para ir ver inaugurar o santo edificio de que já fui aluno. Mas hoje encontro-me numa situação tão humilde, que não posso corresponder a tão honrosa festa (fala em seguida em vários maranos, que desejavam assistir, mas as suas dificuldades financeiras lhes tornam impossível esse desejo).

Assim custa-me do fundo da alma não ir lembrar-me de tudo quanto aí passei, além de que, no meu honesto lar, ainda não esqueci os bons ensinamentos que o nosso bom Reitor nos dava, e ainda hoje tenho pena dos tempos que passei na Sinagoga; quer cumprindo com os meus deveres, quer ouvindo as leituras dos meus professores; julgo que não era dos mais desobedientes. Dou-lhe também parte que tenciono casar-me por todo o mês de Fevereiro e pela minha parte gostava de ir receber as bênçãos da Sinagoga.

Mas como a gente é pobre, não podemos ir tão longe, teremos de o fazer só civilmente. Eu, como rapaz novo, tive sempre a esperança de que arranjava qualquer lugarzito antes que fôsse pequeno, mas hoje vejo que já não pode ser nada, ter-me-ei de sujeitar a ser escravo para poder comer o escasso pão de cada dia, mas além de tudo perder ainda tenho fé no grande Deus de Israel que me há de ajudar em todos os meus sofrimentos.

E assim termino, enviando-lhes os mais sinceros cumprimentos para a Ex.^{ma} Família e o Senhor Capitão aceite um abraço do seu antigo Talmid que lhe deseja muitas felicidades e um próspero Ano-Novo.

A Paz seja convosco

ARTUR HENRIQUE LOPES.»



PUBLICAÇÕES ISRAELITAS

The Jewish Contribution to Civilisation, par Dr. Cecil Roth — Macmillan and Co., Limited — St. Martin's Street — London, 1938. Magnífico trabalho histórico de erudição de grande oportunidade na era actual, de tórvo anti-semitismo. Necessário livro em tôdas as bibliotecas judaicas públicas ou particulares.

Bulletin of the Hebrew University — Jerusalém. Utilíssimo para todos os que se interessam por conhecer o desenvolvimento deste notável centro de actividade cultural hebraica.

Don Isaac Abravanel — sa vie et ses œuvres, par Dr. Henri Soil — Fondation Séfer — 17, Rue Saint-Georges, Paris (9.^e). Trabalho de erudição sôbre o notável conselheiro de D. Afonso V de Portugal e amigo do Duque de Bragança. O autor deste elegante trabalho é professor na Escola Rabínica de França.

História dos Israelitas no Brasil, por Isaac Z. Raizman — Editorial Buch Presse — S. Paulo (Brasil). Interessante trabalho sôbre o esforço dos judeus na colonização e desenvolvimento do Brasil.

A QUESTÃO JUDEO-ÁRABE E A ACTIVIDADE SIONISTA

Por NORBERTO A. MORENO.

É verdadeiramente grande, verdadeiramente emotivo o que se está passando, o que há 50 anos se vem passando na Palestina. O sonho dos sionistas entrando a passos rápidos no campo das realidades constitui um testemunho vivo, eloquente, do poderio da vontade humana impulsionada por uma fé e agindo segundo uma directriz bem determinada. A terra exuberante, ou melhor, a exuberância da terra acaba de ressuscitar. Centenas e centenas de homens, de elevado nível intelectual mesmo, têm descido ao seio dessa terra-mãe, respirando o seu hálito ardente, vivendo a sua vida simples e rude, mostrando-nos simultaneamente que a vida do campo jamais foi e jamais será desprezível como muita gente, eivada de estúpidos preconceitos sociais, crê. São igualmente nobres o camponês, o médico ou o estadista, desde que a sua actividade vise o bem social.

Por isso é exemplar ver braços de toda a casta volver e revolver a terra, dissecar pântanos, transportar águas, fazer plantações, levando assim a vida e a beleza paisagística onde apenas reinava a esterilidade e a monotonia. Verdadeiramente nobre essa íntima comunhão, essa revolucionária comunhão de homens e terras e terras e homens. E' isto e muito mais o que vem sucedendo em Eres Israel.

Dia a dia a Imprensa nos traz demonstrações estatísticas e fotográficas dos progressos da Palestina. Juntamente, porém, nos narra accidentes tão numerosos como trágicos ali ocorridos. E maior é a nossa admiração vendo que, não obstante as dificuldades financeiras, o acanhado espaço, a aridez desse mesmo espaço e ainda a feroz opposição árabe, os progressos são extraordinários. Graças a essa opposição muitas vidas se vão para sempre perdendo. Chegam a ser arriscadas as aventuras nocturnas por lugares solitários; umas vezes assaltantes propondo a escolha da bolsa ou vida, outras vezes

balas perfurando misteriosamente as trevas vão roubar as vidas dos transeuntes. Causas análogas sucedem, por vezes, até nas próprias habitações. O ressurgimento vai-se, pois, efectuando num meio hostil, mas não perde parte da sua poesia.

Que impressão devemos ter do árabe? A falar com absoluta franqueza, até certo ponto não deixa de nos parecer destituída de naturalidade a sua attitude. Ora analisemos o assunto. Vejamos primeiro o que observa, o que pensa o árabe:

— Há meio século eram cerca de 25.000 os judeus existentes na Palestina. Nós, então, éramos chamados a colaborar com eles, empregados ao seu serviço e considerados alguém. Surgem, começam a propagar-se e a enraizar-se nos espíritos dos judeus as ideias sionistas. De todos os países partem emigrantes conhecedores da civilização occidental. Por toda a parte aparecem organizações sionistas para tratar esse problema migratório. E avalanches de judeus vão dando entrada na Palestina. A população cresce assustadoramente. Compram-se terras, constroem-se cidades, vilas e aldeias em que o modernismo impera, em que abundam reflexos duma civilização que destoa no meio. Constroem-se escolas, hospitais, instituições de beneficência, universidades, bibliotecas, etc., etc. O empregado árabe do judeu, desaparece, porque eles, judeus, auxiliam-se mutuamente. As escolas são frequentadas por judeus, nos hospitais recolhem-se judeus, as instituições de beneficência aproveitam aos judeus, as universidades e bibliotecas são para uso dos judeus. Para nós fica apenas a indiferença ou o desprezo.

— Podia o árabe resignar-se com a nova feição do meio, procurando imitar, procurando aperfeiçoar-se; mas não, limita-se a odiar.

Entretanto, o número de braços continua a aumentar dia a dia, sempre prontos para continuar a revolução da terra. Esta surge

transformada em encantador pomar — são as laranjas os frutos que melhor produz e dos quais a Palestina é já hoje um importante centro. O problema turístico vai tendo cada vez maior incremento. De tóda a parte surgem visitantes. Os costumes tradicionais judaicos são adoptados. O sábadó é guardado religiosamente, muito embora sejam numerosos os judeus liberais lá estabelecidos. A língua hebraica torna-se, por assim dizer, cada vez mais viva.

E tudo o árabe continua a observar, e por tudo continua a aumentar a sua inveja (é o tórmo), a sua intolerância, a sua inimizade. Dêstes sentimentos advêm, naturalmente, as conseqüências a que já nos referimos: roubo de muitas vidas.

Essa opposição do árabe, afinal, é de sempre. Já em 1565, quando José Nassi, judeu português, ali fundou as primeiras colónias, ela se manifestou claramente.

Como solucionar a questão judeo-árabe? Será difícil, não impossível. Estará solucionada quando êle, árabe, compreender e concordar que se trata da Pátria Judaica, da Terra Prometida, do Lar Nacional, e optar pela paz. Porque o problema sionista não recua. Só pode desenvolver-se. A inimizade árabe dificultará um tanto a acção judaica, mas concorrerá para a impor à admiração do mundo, porque, apraz-me sempre repetir, um resultado será tanto mais honroso, dar-nos-á tanto mais prazer quanto mais difícil fór de conseguir. Era, salvo erro, Epicteto que dizia isto, por outras palavras: «Quanto maior fór a batalha, maior será a vitória».

Os factos, melhor analisados, roubam, porém, a aparente razão ao árabe.

Diz êle: que os judeus se apoderaram das melhores terras, quando, afinal, as terras de que se apoderaram, digo, que compraram, estavam simplesmente em péssimo estado, dadas como improdutivas. Que os judeus não empregam árabes ao seu serviço, muito embora só no cultivo das laranjeiras fóssem, êste ano, empregues 5.000. Que os salários dêstes são inferiores aos dos judeus e, no entanto, são iguais e superiores aos recebidos quando trabalham para os próprios árabes. Que nada aproveita com os progressos civilizadores dos judeus, aproveitando, pelo contrário, muito. O país inteiro está-se tornando famoso, graças aos judeus. Nas aldeias árabes, próximo de outras judaicas, os habitantes possuem casas modernas, têm métodos

de cultura aperfeiçoados, águas, electricidade, etc., emquanto que nas distantes vivem ainda uma vida rudimentar, primitiva, habitando cabanas, empregando grosseiros métodos de cultura.

Graças à actividade sionista, ao dinheiro judeu, ao esforço judeu, a Palestina é hoje cortada por magníficas estradas, onde circulam carros de tóda a espécie, possui esplêndidas cidades, em que tudo é moderno e belos portos que a põem em comunicação com todo o mundo. Começa a ser, de facto, o «lar nacional judaico», um Estado tão judeu como Portugal é português.

Há mais ainda: é que todos os terrenos colonizados são comprados e pagos, não invadidos como pretende o árabe.

A Declaração Balfour, em Novembro de 1917, concedeu êsse Lar, onde o povo judeu poderá ser, de facto, judeu, com absoluta liberdade de consciéncia e com todos os direitos.

Há, pois, possibilidades de um acórdó judeo-árabe, com o qual ambos os povos possam lucrar: conformar-se ou concordar voluntariamente o árabe com a posse da Arábia, como concorda o judeu com a da Palestina. Acresce que o árabe tem ainda a Transjordânia, a Síria e o Irak, para onde se pode desenvolver, emquanto que o judeu apenas tem a pequena Palestina, comprada ainda à sua custa e aos pedaços, nos quais a população se vê forçada a concentrar. O árabe não é, portanto, expulso; recusa-se a ser bom vizinho.

*

Para melhor concretizarmos a actividade sionista, não resistimos à tentação de recorrer ao supremo e eloqüente argumento dos números, fazendo, previamente, para melhor cumprimento do nosso objectivo, uma rápida descrição da Palestina. Começemos:

A Palestina tem a superfície de 66.330 km² (26.330 a Oeste do Jordão-Transjordânia e 40.000 a Este do mesmo rio), uma população de 1:600.000 habitantes (1:300.000 a Oeste do Jordão e 300.000 a Este), sendo a densidade de população de 49,4 a Este do Jordão.

A vegetação é sub-tropical. Cultiva-se no litoral — a parte melhor irrigada e em que as colónias são mais numerosas — a videira,

a laranjeira, etc. Sem cursos de água, exceptuando o Jordão e o Mar Morto. Além de uma cadeia orográfica que se estende do Norte ao Sul e cuja altura atinge 3.000 metros, existem alguns montes, sendo o mais elevado o de Hermon (2.760 metros). O clima é mediterrâneo; muito sol, estendendo-se a época das chuvas de Dezembro a Março.

Actualmente está sob o protectorado da Inglaterra, à qual foi confiada pela Liga das Nações. A língua oficial é a hebraica. A unidade monetária é a libra palestiniana (igual à esterlina) e a de superfície o dunam métrico (igual a 1.000^{m²}).

Das colónias actuais, as primeiras foram fundadas em 1882, graças ao auxílio do Barão Rotschild. Em 1901 fundou-se o Keren Kayemeth Leisrael e em 1920, após a Declaração Balfour, o Keren Haiesod. E', sobretudo a estes dois organismos, que se devem os progressos efectuados em Eres Israel, progressos a que, como prometemos em cima, passamos a referir-nos particularmente.

A população entre 1917 e 1937 subiu de 50.000 para 430.000 judeus (não judeus havia, em 1917, 410.000 e há hoje apenas 920.000). De 1931 a 1936, 71 % dos emigrantes judeus têm-se dirigido para a Palestina, que é hoje o país em que a percentagem deles é maior — 31 %.

A quantidade de terras em poder dos judeus duplicou de 1917 a 37. Emek Izrael, Emek Jefer e Emek Zebulun são modernos centros agrícolas, muito embora o Governo tivesse considerado «inaptas para o cultivo» as respectivas terras.

A população rural, que em 1917 se resumia em 10.000 pessoas distribuídas por 40 colónias, montava já, em 1936, a 97.300 por 186 colónias.

Em 1917, 1.600 estabelecimentos industriais ocupavam 4.000 pessoas. Em 1936, 4.615 ocupavam 32.830. A produção anual aumentou para 9 vezes mais. Enquanto algumas nações orientais importam máquinas de guerra, importa a Palestina máquinas agrícolas. E' a nação que maior número destas importa no Oriente.

De 1923 a 35 quintuplicou a exportação e triplicou a importação.

Haiffa e Tel Aviv são os melhores portos. O primeiro, construído em 1933, rivaliza hoje com o de Alexandria.

Referente à actividade cultural durante os últimos 20 anos, preferimos transcrever do Almanaque para 5698 um eco do Keren Kayemeth Leisrael:

«O idioma hebreu renasceu como idioma nacional: uma rede de escolas (51.314 alunos) desde o jardim da infância até à Universidade, uma imprensa hebraica diária (tiragem de 50.000 exemplares), uma activa produção de livros, Radiofusora Hebraica; a biblioteca da Universidade é hoje em dia a maior de todo o Oriente. Arte; o Museu de Tel Aviv, Bezabel; o teatro Hebreu goza de fama universal; a Orquestra Sinfónica, organizada por Huberman, é muito elogiada.

Reconstruindo o lar, criamos cultura hebraica e participamos no tesouro da cultura universal.»

A tornar mais simpática a actividade sionista, está ainda o escrupuloso cuidado que tem havido na nomenclatura das terras.



HISTORIETAS JUDAICAS

O jornal francês *Marianne* traz a seguinte historieta:

«— Quando Halbin foi nomeado Rabi-mor de Bucarest, capital da Romania, foi uma grande alegria para os judeus religiosos, mas uma grande contrariedade para os livre-pensadores. O chefe destes últimos não achou nada de mais interessante do que enviar ao Rabi-mor um bilhete postal com a figura dum porco.

Halbin respondeu-lhe imediatamente, pelo correio, enviando-lhe o seu próprio retrato.

Um dia encontraram-se os dois, e o livre-pensador, um pouco atrapalhado, disse ao rabino:

— Eu fui incorrecto para consigo, mas... que significa o envio da sua fotografia?

Respondeu o Rabi:— Eu julgava que quando fui nomeado Rabi desta terra, V. me tinha enviado o seu retrato e correspondendo à sua amabilidade mandei-lhe o meu.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Tudo se ilumina
para aquêlle que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR—A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor HaIm
Rua Guerra Junqueiro, 340—PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

A 2.^a Conferência Universal das Comunidades Sefharditas

Nos dias 14, 15 e 16 de Maio de 1938 realizou-se em Amsterdam (Holanda) a 2.^a Conferência Universal das Comunidades Sefharditas na sede da Comunidade Israelita Portuguesa daquela cidade holandesa.

Colocada sob a presidência de honra dos senhores Sir Elly Kadoorie, Charles Sebag Montefiore, S. E. Catani Pachá e Emanuel Salem foi presidida pelo Sr. Professor L. J. Paiache, Presidente da Comunidade Israelita Portuguesa de Amsterdam.

Estavam presentes 39 delegados representando 62 comunidades, o que nos dá a nota do progresso na ideia, pois na 1.^a conferência realizada em Londres, em Maio de 1935, compareceram 25 delegados representando 13 comunidades.

Comunidades representadas nesta conferência agora realizada:

Inglaterra (Londres e Manchester); Antilhas holandesas; Argentina (Buenos-Aires); Espanha; Estados-Únidos (Nova Iorque); França (Paris, Marselha, Baiona, Argel, Oran, Túnis); Grécia; Holanda (Amsterdam e Haia); Palestina; Portugal (Lisboa); Alemanha (Hamburgo); Romania; Jugoslávia (Belgrado, Skoplie, Zagreb, Bitoli e Sarajevo).

ORDEM DO DIA:

Sábado à noite—14 de Maio

1.º Boas-vindas pelo Presidente da Comunidade Israelita Portuguesa de Amsterdam;

2.º Discurso Inaugural pelo Rabi Dr. N. J. Ovadiah;

3.º Telegrama de homenagem a S. M. a Rainha dos Países Baixos;

4.º Eleição da Direcção da Conferência (Presidente, Vice-Presidente, dois Secretários);

5.º Discurso do Sr. V. N. da Costa em Nome da delegação inglesa;

6.º Mensagem de Sir Elly Kadoorie, Presidente Honorário da União Universal das Comunidades Sefharditas. Outras mensagens.

Domingo de manhã

7.º Relatório pelo Secretário Geral, Ovadiah Camby;

8.º Nomeação das Comissões;

9.º Relatório do Sr. Rabi-mor Ovadiah sobre o estado espiritual do judaísmo.

Domingo à tarde

10.º Relatório do Sr. Paúl Goodman sobre o projecto financeiro concernente à criação duma Escola Rabínica Superior;

11.º Discussões;

12.º Propostas diversas eventuais.

Segunda-feira de manhã

13.º-a Reunião das comissões;

13.º-b Votações;

- 14.º Apresentação do balanço pelo tesoureiro Sr. Roberto Mitrani;
 15.º Aprovação do balanço;
 16.º Votação do orçamento.

Segunda-feira à tarde

- 17.º Deliberações diversas;
 18.º Rectificação da Direcção Honorária da União;
 19.º Eleição duma Comissão Executiva e duma Comissão Financeira;
 20.º Discurso de encerramento.

VOTAÇÕES E DELIBERAÇÕES

— Aprovação do relatório apresentado pelo Secretário Geral sobre a acção desenvolvida pela Comissão Executiva de 1935 a 1938.

— Aprovada a criação da Escola Superior Rabínica em Jerusalém (Metrópole do Judaísmo).

— Aprovada a difusão dos princípios morais do judaísmo, ficando isso a cargo da Comissão Executiva, Comissão Rabínica e futura Direcção da Escola Rabínica.

— Aprovada a constituição duma Associação Rabínica e a convocação dum Congresso Rabínico Sephardi.

— Nomeação duma comissão de socorro a emigrantes sephardim.

— Criação duma secção sephardita na Administração Palestiniana da Agência Judaica.

— Aprovação do relatório de contas da União.

— Votação do orçamento da Administração da União.

— Criação dum Fundo inalienável para o sustento da Escola Superior Rabínica.

■

ALGUMAS MENSAGENS

De *Le Judaisme Sephardi*:

«Entre as cartas chegadas à Conferência expressando-lhe votos de sucesso, destacamos as dos Srs.: Jacob Meir, Rabi-mor da Palestina; de Bension Uziel, Rabi-mor de Tel-Aviv; do Dr. Isaac Alcalay, Rabi-mor da Jugoslávia; do M. J. Salzer, Rabi-mor de Marselha; de M. Neville Lasky, Presidente

do Jewish Board of Deputies, de Londres; de M. David Sassoon; do Capitão Barros Basto, do Porto; de J. de A. Benyunes, de Nova Iorque; de Henrique Toledo, de Genebra; de M. Confino e E. Gozlan, de Argel; de Moses J. Azancot, de Tânger; de M. D. Gaon, de Jerusalém; de Mosco Gadimir de Paris; de M. S. D. Levy, de Casablanca; de M. Is. Alcheh, de Salónica; da Liga Hebraica Universal, de Jerusalém; da Loja Bené-Berith, do Cairo; e de numerosas Comunidades que não puderam fazer-se representar.

Lastimamos que a falta de espaço não nos permita a publicação destas cartas tódas entusiastas e tódas cordiais.»

■

CORPOS DIRECTIVOS DA UNIÃO
 UNIVERSAL DAS COMUNIDADES
 SEPHARDITAS

PRESIDÊNCIA HONORÁRIA

— Sir Elly Kadoorie (Shanghai), Presidente Honorário.

— Charles E. Sebag-Monteffore (Londres), Presidente Honorário.

— S. E. Catani Pachá (Cairo), Vice-Presidente Honorário.

— M.ª Emanuel Salem (Paris), Vice-Presidente Honorário.

— Professor L. J. Palache (Amsterdam), Vice-Presidente Honorário.

COMISSÃO CENTRAL

PRESIDENTE:

— D. V. N. da Costa (Londres).

VICE-PRESIDENTES:

— Rabbi Joseph Levi, Presidente do Tribunal Rabínico de Jerusalém.

— Professor Dr. Moses Bensabat Amzalak (Lisboa).

— Lázaro Abrahamvitz.

— Dr. Belifante.

— I. Nacamuli.

— David Sassoon.

— Barrow Sicree.

(Continua na página número 4).

Abraham Nunes Bernal e Isaac de Almeida Bernal—dois mártires da Inquisição

POR NORBERTO A. MORENO.

À simpatia do Dr. Cecil Roth, erudito judeu britânico, pela causa marana devemos a publicação de um opúsculo que se intitula «Abraham Nunes Bernal et autres martyres contemporains de l'Inquisition», escrito como seria de desejar que fôsem todos os trabalhos de carácter histórico.

Dele vamos extrair os elementos essenciais para a composição de uma ligeira biografia das duas personagens principalmente tratadas no referido opúsculo e cujos nomes deixamos a sobrepor estas linhas.

Trata-se de duas figuras que *Ha-Lapid* deseja incluir numa galeria de mártires da fé judaica que possa ficar como testemunho do que foi a vida e a morte dos maranos e portanto do que é o maranismo.

Manuel Nunes Bernal, que possuía também o nome hebraico de Abraham, nasceu de pais maranos em Almeida, Portugal, no ano de 1612. Casou com Leonor Baez e teve cinco filhos que educou na fé de seus pais. Estabeleceu-se como comerciante em Ecija, Espanha.

Leonor veio a ser, entre vários outros judeus maranos, açoitada e condenada a prisão perpétua pela Inquisição, em Córdova por volta de 1655. Na mesma altura um dos seus filhos, Jorge, de 13 anos de idade, nascido em S. Lucar de Barrameda, foi condenado a quatro anos de prisão.

Em Córdova, Dezembro de 1625, isto é, 30 anos antes da condenação de Abraham Nunes Bernal, foram chamadas a contas com a Inquisição cerca de cinquenta pessoas, portugueses na quasi totalidade, «culpados do nefando crime de judaizar».

Contava-se entre estes, Ines Marques, viúva de Francisco Rodrigues, de Vila Real, cujo «crime» consistia em ter transformado, para consolação mútua dos correligionários perseguidos, a sua casa em Sinagoga.

Em 1655, em Córdova, 3 de Maio, juntamente com cinco outras pessoas, foi condenado à fogueira Abraham Nunes Bernal. Com a piedade característica os inquisidores fizeram todos os possíveis para que os réus

se arrependessem do grande pecado de adorar o Deus de Moisés. Quatro chegaram a manifestar esse arrependimento, pelo que tiveram a recompensa de serem estrangulados antes de ir para a fogueira. Abraham Nunes Bernal ficou, porém, incensível, declarando que cousa alguma lhe poderia fazer diminuir a fé no seu Deus.

O Marquês dos Velez que estava presente ao acto comoveu-se com aquela persistência, e, de crucifixo em punho, aproximou-se de Abraham, exortando-o à conversão. Mas tudo inútil. Abraham «foi queimado vivo porque declarou ser um observador da Lei de Moisés e morreu obstinado na sua crença, recusando vir à nossa santa fé católica» segundo reza a crónica hostil.

A notícia d'este auto produziu dolorosa impressão em Amsterdam, onde se haviam já fixado vários membros da família do mártir. Na Sinagoga realizou-se uma oração fúnebre em sua memória. Isaac da Fonseca Aboab traduziu num eloquente discurso o estado de alma dos correligionários residentes naquela cidade. As notabilidades litéfaras da Comunidade compuseram elegias também em memória do mártir, que foram reunidas num volume publicado com o título *Elogios que zelosos dedicaron á la Felice memoria de Abraham Nuñez Bernal, que fue quemado vivo sanctificando el Nombre de su Criador*. Esta obra, publicada por Jacob Bernal, é hoje muitíssimo rara.

Sabe-se que das vítimas do auto de Córdova várias possuíam o nome de Baez, sendo provavelmente parentes de Bernal.

Antes de 1650 foi também preso pela Inquisição um jovem de 17 anos, Marco (Isaac) de Almeida Bernal, de Montela (Galícia), filho de Francisco Rodrigues de Almeida e sobrinho de Abraham Nunes Bernal.

Aquêle jovem merece também especial menção ao lado de Abraham.

Durante cinco anos o Santo Officio conservou-o preso em Valladolid, esperando convertê-lo ao catolicismo. No primeiro inté-

(Continuado da página número 2).

VOGAIS:

- Dr. Barnett; A. Benroy; Jos. E. Elmaleh; Neville Laski, Presidente do Jewish Board of Defanties; Navarro (Londres).
- Moisés Florentino e Afonso Nahum (Manchester).
- Menahem Coriat e Gruenbaum (Barcelona).
- Vaz Dias e H. Pimentel (Amsterdam).
- J. R. Lobato (Haia).
- Isac Molho (Jerusalém); Dr. Bandelac de Pariente (Paris); Dr. Braco Poliocan (Sarajevo); J. Toledano (Oran); Henrique de Toledo (Genebra).

COMISSÃO EXECUTIVA

- Dr. N. J. Ovadiah, Presidente; A. H. Navon e Paúl Goodman, Vice-Presidentes; O. Camby, Secretário Geral; Roberto Mirani, Tesoureiro.
- Vogais; David Beriro (Londres); D. J. Cardoso (Amsterdam); William Valid, Professor na Faculdade de Direito de Paris; Marcel Mirtil, Advogado no fóro de Paris; Saúl Amar, Vítor Ades, Roberto Bahsi, Zária Levy, Salomão Shahmoon.

rogatório declarou que por mais querida que a vida lhe fôsse pô-la-ia sempre com prazer ao serviço da Lei de Moisés. Recorreu-se à tortura, mas as ideas ficaram as mesmas. O Arcebispo de Placência, não desesperando de o converter a bem ou a mal, fê-lo transportar a Santiago. Reconheceu, porém, a inutilidade de todos os esforços, pelo que, em Março de 1655, com 22 anos de idade e após cinco de tortura, Isaac de Almeida Bernal foi condenado às chamas.

Quando caminhava para a fogueira perguntaram-lhe os inquisidores se estava arrependido do seu obstinado procedimento. Ele fez um sinal com a cabeça. Julgando que êste movimento traduzia a afirmativa, tiraram-lhe a mordaca — que lhe haviam pôsto «receando que a sua sinceridade impressionasse ou corrompesse os espectadores». Mas logo que Isaac de Almeida Bernal pôde usar da palavra, declarou com tôdas as suas forças que jamais abandonaria o seu Deus e que os que o rodeavam não passavam de idólatras. Em seguida continuou

COMISSÃO RABÍNICA

- Jacob Meir, Rabi-mor da Palestina, Presidente Honorário.
- Bensian Uziel, Rabi-mor de Tel-Aviv, Vice-Presidente Honorário.
- Joseph Levy, Presidente do Tribunal Rabínico de Jerusalém, Presidente.
- David Askenasi, Rabi-mor de Oran; David Jessurun Cardoso, Rabi de Nova Iorca; Elian Francês e Dr. Israel Ricardo, Rabis de Amsterdam; Semtob Gaguin, Presidente do Tribunal Rabínico de Ramsgate (Londres); Dr. N. J. Ovadiah, Rabi-mor da Cultural Sephardita de Paris.

COMISSÃO FINANCEIRA

- David Beriro, Presidente; D. N. V. da Costa; Charles Sebag Montefiore (Londres); Barrow Sicree (Manchester); André Amar; Salvator Roditti (Paris); D. I. Cardoso e Vaz Nunes (Amsterdam).

COMISSÃO DE EMIGRAÇÃO

- Paúl Goodman, Presidente; Dr. Belifante, A. H. Navou, André Amar, H. Pimentel.

com aspecto de satisfação para o *Quemadero*. As hostilidades à sua volta aumentaram, chegando a ser ferido a golpes de navalha.

Tinham acabado de o amarrar à fogueira quando a chuva começou a cair. Os executores quiseram adiar o auto, mas Isaac opôs-se insistindo que terminasse o seu martírio. Rodearam-no então de fuligem e pês para facilitar a sua combustão e chegaram-lhe o fogo.

Emquanto as chamas subiam no ar ouvia-se uma voz alegre que entoava Salmos.

Foi assim que aos 22 anos terminou a existência de Isaac de Almeida Bernal.

Em sua memória compuseram os escritores da Comunidade de Amsterdam elegias que foram publicadas num volume com o título *Récit du bienheureux martyre de l'invincible Isaac de Almeida Bernal qui mourut brûlé vif en sanctifiant le nom du Seigneur*.

Caros correligionários maranos:

Aqui ficam mais duas das nossas figuras. Fixemos os seus nomes e honremos também a sua memória.

UMA BIOGRAFIA INTERESSANTE

Na sede da Comunidade Israelita de Washington, capital dos Estados-Unidos da América-do-Norte, no dia 11 de Maio, o Sr. Salomão Levitan discursou sobre o tema «O judeu na política americana». Na sua emocionante oração ele descreve a sua vida na América, onde chegou como um pobre rapaz emigrante e chegou a Presidente do Banco Nacional e Tesoureiro do Estado de Wisconsin.

Nasceu em Taurrogen, próximo de Tilsit, na Prússia Oriental, em 1862. Quando completou 5 anos de idade, o seu pai deu-lhe um Taleth e mandou-o para uma escola particular aprender o hebraico, a nossa língua sagrada. Nessa escola havia 15 alunos. Quando soube ler aprendeu as orações: Shaharith (oração matinal); Minhah (oração da Oferenda); Arbith (oração vespertina); orações do começar e findar as refeições, oração ao deitar e ao levantar.

Aos 6 anos leu os cinco livros de Moisés e sete profetas.

Aos 7 anos começou a escrever.

Aos 8 tomou um professor que lhe ensinou aritmética, e a escrever o hebraico e o alemão.

Aos 11 anos começou a aprender o Talmud. Sua mãe pensava fazer dele um Rabi.

Aos 13 anos deu entrada numa Yeshibah (Seminário) em Kawno e Slabotka, na Lituânia. Os Talmidim dormiam na Yeshibah, que era anexa à Sinagoga. Os seus leitos eram bancos com palha a servir de colchão e tinham que se cobrir com os seus próprios sobrefudos por falta de cobertores.

A alimentação dos seminaristas era fornecida por boa gente habilitada a tomar o encargo de dar de comer a um aluno por semana. Uma família dava de comer ao domingo outra à segunda-feira, outra à terça, etc.

Acontecia alguma vez um ou outro aluno ter um dia apenas pão e água.

Tinham que consertar o fato e algumas vezes que lavar a roupa.

Café ou chá só quando alguém lhes dava de presente.

Só tinham carne uma vez por semana ao sábado.

As dimensões modestas do nosso jornal

não nos permitem fazer mais longos extractos desta comvente biografia onde a miséria e a esperança sadia perpassa até que, depois de muitas atribulações e acidentes, raiou para ele o sol do triunfo. E na vida fácil e confortável recorda com saúde os tempos do seu tempo de privações e de fé.

Belo exemplo para os nossos Talmidim.



AS INSCRIÇÕES NA SINAGOGA CATEDRAL DO PORTO

É interessante registar as inscrições em belos caracteres hebraicos, que ornamentam e ensinam na nossa magnífica Sinagoga.

No Ekhal (Arca Santa), além das duas tábuas de mármore com os dez mandamentos, na padieira superior lê-se em hebreu:

— «Escuta Israel! Adonai, é nosso Deus, Adonai é Uno» (Deut. VI, vers. 4).

e no arco grande que remata a Arca:

— *Eu, Eu sou Adonai e fora de mim não há salvador* (Isaiás 43, vers. 11).

No friso do balcão da Házarah (Galeria das Damas), de modo a serem lidas pela Congregação:

— *Sereis para mim santos, porque Santo sou Eu, Adonai.* (Levítico XX, vers. 26).

— *Santos sereis, porque Eu, Adonai, vosso Deus, sou Santo.* (Levítico XIX, vers. 2).

— *Amarás Adonai, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todas as tuas forças.* (Deut. VI, vers. 6).

— *E vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação santa.* (Exodo XIX, vers. 6).

— *Adonai está com aquêles que o chamam e com os que o invocam com sinceridade.* (Salmo 145, vers. 18).

Na Házarah (Galeria das Damas), nos frisos das paredes por cima dos azulejos luso-árabes:

— *Mulher forte quem a achará? O seu valor excede o das pérolas.*

— *O coração de seu marido está nela confiado que nada lhe faltarão.*

— *Ela lhe faz bem, e não mal todos os dias da sua vida.*

— *Busca lã e linho, e trabalha com a indústria das suas mãos.*

— *Ainda de noite se levanta e dá mantimento a sua casa e tarefa às suas servas.*

— *Prova se é boa a sua compra, e a sua lâmpada não se apaga à noite.*

— *Estende a sua mão ao fuso e as palmas das suas mãos pegam na roca.*

— *Abre a sua mão ao aflito e ao necessitado estende a sua mão.*

— *Faz para si tapeçaria de linho fino e púrpura é o seu vestido.*

(Provérbios de Salomão, cap. 31, vers. 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19, 20, 22).

Na fachada exterior principal, ladeando o Maghen David (signo de David), em enormes letras douradas:

— MEKOR HAYM (Fonte Vital).

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Cidade do Vaticano — O Museu do Vaticano, que tinha estado fechado durante a visita do Chanceler-Alemão Hitler à Itália, reabriu as suas portas.

Instruções severas foram dadas aos guardas para que proibissem a entrada a todas as pessoas usando a insígnia da Cruz Gamada.

Inglaterra — No dia 30 de Maio, no final do officio religioso matinal, o bispo de Chichester usou da palavra na Sinagoga de West London e denunciou a *nova idolatria* propagada pelos nazis alemães. Presidia o judeu britânico Marquês de Reading.

Escócia — A Assembleia Geral da Igreja Escocesa, reunida em Edimburg, adoptou uma resolução combatendo o anti-semitismo e a perseguição anti-judaica. «Uma Igreja verdadeiramente cristã não pode ser anti-semista», declara a resolução.

A Assembleia renova o seu protesto contra a crueldade e a virulência dos ataques de que são vítimas as minorias judaicas sem defesa na Europa Central e Oriental; o verdadeiro cristianismo é incompatível com o anti-semitismo.

Alemanha — Cento-e-cinquenta israelistas da comunidade judaica portuguesa têm intenção de se estabelecer próximamente nas Índias neerlandesas. A Conferência Mundial das Comunidades Sepharditas, que reuniu recentemente em Amsterdam, resolveu facilitar-lhes a realização deste projecto.

Inglaterra — Estabeleceu-se em Londres o grande sábio judeu Dr. Sigmund Freud com a sua família e alguns dos seus colaboradores. O Dr. Freud era professor da Universidade de Viena de Áustria e tem 82 anos de idade.

Também fixou residência em Londres o célebre filósofo judeu Dr. Wilhelm Steekel. Este sábio austriaco teve de deixar em Viena a sua preciosa biblioteca e uma galeria contendo obras-primas de arte.

OFERENDAS À NOSSA SINAGOGA

(RECTIFICAÇÃO)

No n.º 85 deste jornal demos a notícia de várias oferendas feitas à nossa Sinagoga por ocasião da sua dedicação solene, mas tendo havido algumas incorrecções involuntárias, nos apressamos a fazer a devida rectificação:

— O fato e dois barretes para Hazan foram oferta da Spanish & Portuguese Congregation, de Londres.

— A Yad de prata (mão indicadora ou ponteiro) foi oferta do Sr. Joseph Meller, O. B. E. Presidente do Portuguese Maranos Committee de Londres.

— O Sr. Paul Goodman ofereceu uma libra em honra desse solene acto.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

O QUE UM REFUGIADO DEVE SABER

O Comité de Assistência aos Refugiados de Paris, publicou estes prudentes conselhos dirigidos aos que, fugindo à intolerância e à perseguição, vieram procurar um refúgio em França :

1.º Não se meta em política, porque as leis do nosso país vo-lo proíbem ;

2.º Cuide da sua apresentação ;

3.º Seja delicado e discreto ;

4.º Seja modesto. Não elogie as qualidades do país que acaba de deixar e as quais lhe parecem faltar em França. «Na minha terra tudo ia melhor» é uma fórmula que ferirá os franceses que o escutam ;

5.º Aprenda depressa a expressar-se em francês. Não fale em voz alta e, se fala uma língua estrangeira, evite fazê-lo em público, na rua, num transporte comum, num café ;

6.º Respeite todas as nossas leis e todos os nossos costumes. Quando estiver embaraçado por uma dificuldade legal, administrativa ou jurídica, dirija-se a uma organização reconhecida pelas autoridades ou a um advogado que nós lhe indicarmos, que é melhor do que certos agentes que o *arranjarão* em vez de arranjar os seus casos.

Nós desejamos ser-lhe úteis e pedimos-lhe que nos ajude seguindo estes conselhos, que são os seus primeiros deveres para com a Comunidade francesa que o acolhe.

(Fazemos nosso este aviso substituindo as palavras França e franceses por Portugal e portugueses).

EM BUSCA DE TORQUEMADA

É o título dum livro de Robert Loewel, em que o autor refere uma viagem a Portugal e Espanha e fala do passado judaico nestes países e dos vestígios ainda existentes desse passado.

O *Univers Israelite* de Paris, publicará uma apreciação desse livro, da qual extractamos o seguinte: — «Portugal apresenta-nos uma outra tonalidade. Os maranos tanto tomaram, através os séculos, o costume de praticar o seu culto em segrêdo, que lhes é

muito difícil hoje praticá-lo à luz do dia... A religião permanece, para eles, inseparável duma vaga noção de mistério e de ocultismo.

As recordações da Inquisição são vivazes a tal ponto que em Bragança, actualmente, ainda se esconde a lâmpada de Shabbath num pote de barro para não ser vista do exterior, e têm o cuidado de, quando rezam, terem as portas e janelas bem fechadas. Os maranos não conseguem deshabituar-se deste gosto da noite».

Este gosto persistente pela sombra fez dizer graciosamente ao Capitão Barros Basto, do qual se sabe o corajoso apostolado: «É talvez por causa de longos hábitos ancestrais, que, eu também, gosto mais das orações da noite...»

À MEMÓRIA DOS ISRAELITAS MORTOS PELA FRANÇA

No dia 19 de Junho foi inaugurado solenemente, em Donamont, o monumento à memória dos Israelitas mortos pela França.

Este monumento consta duma muralha onde estão afixadas as duas tábuas da lei com os 10 mandamentos esculpidos em caracteres hebraicos, tendo por baixo, em francês, a seguinte legenda:

Aos franceses aliados e voluntários estrangeiros israelitas mortos pela França.

O terreno onde assenta o monumento judeu foi pôsto por Monsenhor Ginisty, bispo de Verdun, à disposição da Comissão do Monumento Israelita, que conta, entre os seus membros, o general judeu A. Weiler, presidente, e várias personalidades eminentes da Comunidade de Paris; o bispo de Verdun subscreveu para este monumento, como numerosas personalidades judias subscreveram para o Ossário, que está sob o sinal da cruz.

Colocada sob o alto patronato do Sr. Presidente da República, dos Srs. Presidentes do Senado e da Câmara, efectivamente presidida por M. Champinchi, Ministro da Marinha, com a comparação de numerosas notabilidades civis, militares, religiosas, e de numerosas associações de antigos combatentes, esta manifestação teve um lugar de destaque entre as que nesse dia celebraram a vitória de Verdun.

OS JUDEUS NAS ORDENAÇÕES AFONSINAS

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 84)

9.º E quanto é em razão das rendas, e aforamentos, e emprazamentos, e parçarias deles, mando que as façam pela guisa, que as fazem os cristãos uns com os outros, salvo se façam juramento em eles pela guisa que o hão de fazer nos outros contratos sobreditos em tal maneira, que não haja aí onzena, ou concluído, ou engano de onzena.

10.º E se depois êsses cristãos provarem pela guisa suso dita, que houve em êles onzena, ou concluído de onzena, ou outro engano de usura, mando que o dito contrato não valha, e o cristão fique dele quite; e as Justias dos Lugares, onde isto acontecer, lhe façam logo entregar o dito contrato e para mim outra quantia, quanta montar em cada um dêsses contratos, pelos bens do judeu, que êsse contrato fizer como dito é, e não haja porém outra pena: e se o judeu não tiver bens que por si nem por outrem não possa fazer entrega ao Cristão, e a mim dos ditos contratos, e das penas que lhe por êle mando dar pela guisa, que dito lhe seja logo preso, e não seja sôlto até que o entregue ou lhe eu mande dar por êle outra pena, qual eu vir que merece, e no feito couber.

11.º E mando aos Cristãos, que em os ditos contratos, que com os ditos Judeus fizerem, que se não acusarem, ou demandarem o engano, e onzena, e usura, que entenderem de provar pela guisa suso dita, que lhes pelos ditos Judeus foi feita nos ditos contratos, que com êles fizeram, do dia que os ditos contratos foram feitos até dez anos, que não pagam para êste lugar daí em diante, e pôsto que depois dos ditos dez anos, queiram demandar, e acusar, como dito é, que lhes não valha.

E mando, que nos ditos dez anos cada um do povo possa acusar isto mesmo, que a parte acusaria, se quisesse, e haja por si a quarta parte da pena, que eu dêsse contrato para mim hei de haver.

12.º E mando aos Tabeliães do meu Senhorio, que pela guisa suso dita façam os ditos contratos, e sejam valiosos. E em testemunho disto lhes mandei dar esta minha Carta. Dentre a Cidade de Évora, a cinco dias de Outubro. El-Rei o mandou por João Estêves seu Vassalo, e Veedor da sua Fa-

zenda. Gonçalo Peres a fêz Era de mil trezentos-noventa-e-nove anos.

13.º Depois disto El-Rei D. Duarte meu Senhor, e Padre de gloriosa memória em seu tempo deu uma carta patente selada do seu selo pendente à Comuna dos Judeus da Cidade de Lisboa, da qual o teor tal é,

14.º D. Eduarte pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Ceuta, A quantos esta Carta virem fazemos saber, que os Judeus da Comuna da Judiaria da nossa mui nobre, e sempre leal Cidade de Lisboa nos enviaram dizer, que até aqui êles sempre acostumaram comprar e vender como os Cristãos, e como outras quaisquer pessoas, quaisquer cousas móveis, que vendiam ou compravam, recebendo, ou pagando logo os preços sem fazerem entre si outras nenhuma escrituras de obrigações, nem firmidões, assim como compravam na Alfândega da dita Cidade, panos, e outras algumas cousas móveis; e que não atendiam, se o poderiam assim fazer sem pena alguma, pedindo-nos por mercê, que lhes declaremos se nos prazia de o assim fazerem. E nós visto seu dizer e pedir, praz-nos que êles comprem, e vendam como os cristãos, ou com quem lhes aprouver, aquelas cousas móveis, que o Cristão e o Judeu logo paga, e recebe, em que não quiserem entre si fazer outra Escritura de firmidã, segundo até aqui o acostumaram de fazer nas compras, que assim faziam na dita Alfândega dos panos, e de outras cousas móveis, que logo recebiam e logo pagavam.

(CONTINUA).

O 1.º AUTO DE FÉ

O 1.º Auto de Fé que se celebrou em Portugal foi na Cidade de Lisboa em domingo 20 de Setembro de 1540. Era inquisidor geral o Infante D. Henrique, Arcebispo de Évora, que depois foi Cardial e Rei. Fêz-se o cadafalso junto dos Paços da Ribeira, ou junto à Casa dos Coutos. Presidiu ao Auto D. João de Melo, Bispo do Algarve, que veio a ser Arcebispo de Évora. Assistiu El-Rei com todos os prelados eclesiásticos e fidalguia. Prêgou o Padre Fr. Francisco de Vila-Franca, eremita de Santo Agostinho, e naquele tempo reformador da sua religião em Portugal. Saíram penitenciadas 23 pessoas.

J. H. DA CUNHA RIVARA.

Revista Universal Lisbonense — Vol. 8.º.

Tudo se ilumina
para aquêlle que
busca a luz.

BEN-ROSH

ה ל פ י ד

... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECF. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Halm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 60
PORTO

Jérusalem... Jérusalem des Psaumes

*Le soleil s'est couché
Derrière les monts de Judée.
Ciel d'or, ciel de Bible entuinée
Par un pinceau oriental.
Le soleil s'est couché.*

*Des bédouins passent sur la route.
Dans l'arrogance de leurs haillons.
Sombre rappel de l'Islam.
Et, là-bas, les coupoles, les minarets, les clochers
Chevauchent vers la colline de Moriah,
Ensevelissant ce qui fut notre Temple.*

*Jérusalem, Jérusalem des Psaumes,
Hier, j'ai écouté ton sommeil
Au rythme de la nuit d'étoiles.
Tu dormais, roulée dans le velours des ténèbres,
Et je sentais alors que sous la blessure de tes ruines,
Sous le piétinement des générations ennemies,
Ton vieux cœur battait comme mon cœur.*

*Je rêvais.
O fugitif éblouissement!
Le moyen-âge et sa misère,
Les sanglantes prouesses des Croisés,
L'oppressant mystère de la Passion,
Tout s'effaçait dans la splendeur retrouvée
Du Saint des Saints.*

*Tu n'étais plus que lumière et que gloire,
Pureté, rayonnement,
Royaume de Dieu sur la terre.*

O fugitif éblouissement!

*Mais dans la clarté de l'aube,
Dans le feu du crépuscule,
Je ne retrouve plus ton cœur,
Ton vieux cœur juif de prophète.*

*Les moines et les muezzins
Et les orthodoxes crasseux du Mur des Pleurs,
Les diseurs de prières mortes
Et les vendeurs d'amulettes,
Se pressent à travers le labyrinthe
De tes soukhs,
Comme chevauchent les coupoles, les minarets, les
[clochers]
Sur le mont des patriarches.*

Ah! Jérusalem, Jérusalem des Psaumes.

*Le soleil s'est couché
Derrière les montagnes de cendres.*

(Jérusalem, Avril 1931).

LILY JEAN-JAVAL.

O PROSELITISMO NO JUDAISMO

«*L'Univers Israelite*» publica em um dos seus últimos números um interessante artigo que tem como título «*Le judaisme ne constitue ni un peuple, ni une race, mais une religion et une tradition*». Assina-o Jules Lazard.

O referido artigo constituiu para nós uma agradável surpresa. É que tínhamo-nos proposto escrever alguma coisa justamente sobre o mesmo assunto, em resposta a muitos disparates que temos ouvido e... e temos lido, provenientes de criaturas que tinham obrigação de os não dizer.

Dada a impossibilidade de uma transcrição na íntegra do citado artigo, vamos extrair algumas passagens. É preferível assim, porque apresentamos uma opinião menos suspeita que a nossa.

N. A. M.

Provar aos homens de boa fé que o mo-saísmo é uma religião e não uma raça, e ainda menos uma nação, é esforçar-se por repelir certos ataques, porque este «racismo» é a plataforma que serve de apoio a todos os outros enganos.

Importa provar que, assim como os cren-tes dos outros cultos, os Judeus, na maioria, são descendentes de convertidos.

Quando o Rei do Egipto convidou a família de Jacob a fixar-se no seu país, ela compreendia 70 pessoas (Gênesis XLVI).

Quando da saída do Egipto constata-se (Exodo XII, 37—Números 1, 46) que os homens «de pé» são em número de 600.000.

Este número de homens de armas supõem uma população de mais de dois milhões de almas, incluindo mulheres, velhos e crianças.

Quantos egípcios de todas as raças tinham eles absorvido durante a sua estada?

As Escrituras confirmam-nos as primeiras e prováveis conversões.

O Império de Salomão estendia-se além da Palestina; os povos conquistados adoptavam a sua fé; sob o seu reino etíopes tornam-se judeus; o título de «Leão de Juda» que usaram durante quinze séculos os seus reis, e mesmo até aos nossos dias, pode ser reclamado pelo Rei de Itália.

A-pesar-dêste país ter adoptado com o decorrer do tempo a religião copta, resta ainda na Etiópia (ou Abissínia) uma comunidade judaica.

Estes pretos, conhecidos com o nome de

Falachas, praticam o seu culto como se fazia no tempo de Salomão.

O prestígio de Salomão estendeu a sua influência ao mundo inteiro; as suas esquadras percorriam todos os mares.

Feitorias foram criadas pelos Judeus na Grécia, Itália, Gália, Espanha e Norte de África.

Sabe-se (Cícero: *pro flaco* 28) «que eles foram activos convertedores a começar pelos seus escravos que libertavam».

Durante 15 séculos os Judeus colonizam e convertem (Bossuet *Histoire universelle*; Polybé II—20; Josepho, *Ant.* VIII, 6, XII, 3). Horácio fala dos seus progressos; Philon, cujas afirmações são confirmadas por várias inscrições, dá uma longa lista das suas colónias.

Em Alexandria, que conta um milhão de adeptos, em Antióquia, Damasco, Chypre, na Grécia, quasi todos os judeus eram gentios convertidos que, não falando senão o grego, mandaram traduzir a Bíblia para a sua língua.

Valério-Máximo, Séneca confirmam os resultados do proselitismo dos judeus, que vai desde os humildes até certos membros do patriciado romano.

Certas conversões ao judaísmo fizeram-se em massa: além dos Etíopes já citados, os vencedores Hachmonitas obrigam os Sírios a converterem-se.

Reis e seus súbditos, como a família de Adiabene convertem-se.

Os habitantes da Idumea convertem-se ao judaísmo quando da sua conquista por Hircano no ano 129 a. C. (Bossuet, *Histoire Universelle*).

Depois da era cristã, sob Heraclius, quando Benjamim de Tiberíades conquistou a Judeia, os cristãos palestinos converteram-se em massa, voltando à sua antiga fé.

Adoptam o judaísmo o reino de Yemen na Arábia (antes de Mahomed), tribos berberes, Schleuhs marroquinos.

Pelo ano 750, Bulan, rei dos Khazars, povo poderoso que ocupava um vasto território entre o Mar Cáspio e o Mar Negro e cuja capital era Etel (Astrakan?), abjura o paganismo e abraça o judaísmo com os seus súbditos.

Os seus descendentes, cuja maioria está na Crimeia, tem a fisionomia e os costumes tártaros.

Os Tártaros vizinhos dos Polianos, Severianos, Wiatitichis, entre outros, seguiram o exemplo dos Khazars.

No século XII, no Cáucaso, convertia-se ainda ao judaísmo.

Na Índia, em Cochim, costa do Malabar, em Koukan, mais ao Norte, os judeus convertidos têm o rosto escuro e mesmo preto.

Na China, no Turkestão, os judeus são de tipo chinês.

Todos estes testemunhos concorrem para afirmar que o judaísmo adquiriu adeptos em todas as nações, de todas as raças e cores: brancos, bronzeados, amarelos e pretos.

David era ruivo (Samuel XVI-12); Jesus também (Matt. 5-7).

Qual é o Ariano, o Semita?

E' o mesmo que perguntar: Qual é o Francês? E' o Provençal, o Bretão, o Vasco, o Normando? — Preocupação inútil.

A mesma bandeira reúne os concidadãos numa pátria comum.

Por outro lado, qual é o cristão que pode assegurar que não teve nenhum judeu entre os seus antepassados?

Tel-Aviv é uma cidade judaica. Debalde aí se procura o judeu lendário, pálido e barbado, chapéu de feltro, com guedelhas, dos guetos.

Encontram-se aí todos os tipos como outrora no templo de Jerusalém, quando aí se celebrava a Páscoa (Actes II, 3), grandes e pequenos, ruivos e castanhos, narizes curtos, achatados, arrebitados.



O novo Presidente do Portuguese Maranos Committee

Sua Excelência Sir Elly Kadoorie, K. B. E. (Cavaleiro do Império Britânico), Comendador da Legião de Honra, Presidente Honorário da União Universal das Comunidades Sepharditas, Presidente Honorário da Comunidade Israelita do Pôrto (Kahal Kadosh Mekor Haïm), grande filantropo judeu universalmente conhecido e um grande em Israel, dignou-se aceitar a presidência do Portuguese Maranos Committee de Londres, lugar que desempenhava Sua Excelência o Barão Sir Francis A. Montefiore, a quem Deus chamou à sua divina presença.

MAZAL TOB — BESIMAN TOB.



PROVÉRBIOS DE SALOMÃO

I, 8 — Filho meu, ouve a instrução de teu pai e não deixes a doutrina de tua mãe.

VI, 20 — Filho meu, guarda o mandamento de teu pai, e não deixes a lei de tua mãe.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

A ESCOLA FAMILIAR

Como é sabido, cabe à família um activo papel na educação das crianças. As qualidades e os defeitos destas dependerão, pelo menos parcialmente, da atmosfera do lar. A responsabilidade das mãis sob este ponto de vista é, sem dúvida, a maior; é ao seu cuidado que ficam entregues os filhos durante a maior parte do tempo, pois os pais necessitam ir procurar no trabalho o pão de cada dia. Daqui a necessidade de uma prévia e sólida preparação moral que permita às mulheres o cumprimento dos deveres que o matrimónio leva consigo.

Ora nós queremos referir-nos aqui, especialmente, ao aspecto religioso e dirigir-nos às mãis judias, sobretudo às maranas que habitam a província onde os meios de formação religiosa escasseiam por vezes.

Convém recordar que, com a inquisição, os mestres religiosos e os oratórios desapareceram, faltando assim os elementos que pudessem auxiliar os pais na educação religiosa dos filhos. Contudo, hoje, volvidos 400 anos, ainda existem ritos, ainda se pronunciam orações judaicas nessas terras provincianas. Graças a quem? Aos próprios pais e, sobretudo, às mãis que, de geração em geração, foram transmitindo os seus conhecimentos. Esta é, de resto, uma nota simpática no judaísmo em geral, mas em que as mãis maranas são dignas de particular louvor.

Pois bem. Torna-se necessário que a tradição continue a manter-se. Torna-se mesmo necessário que cada marano procure instruir-se de maneira a poder fornecer aos filhos mais conhecimentos do que recebeu dos seus pais. Isto só o nobilita. Só assim se poderá assegurar a vitalidade da fé. Convém ter nas habitações o maior número possível de objectos que lembrem a religião: mezuzoth, candelabros, livros, estampas de figuras judaicas, etc. As crianças, devido à sua natural curiosidade, farão perguntas que fornecerão ensejo para dar explicações, explicações estas que convém ampliar com os conhecidos «antes», «depois» e «a-propósito». Convém ainda que todos os pais procurem adquirir uma Bíblia e que em cada aldeia os maranos existentes façam reuniões em que ela seja lida e comentada, em que se faça o intercâmbio dos conhecimentos individuais e se procure adqui-

rir conhecimentos novos. Para isso, o Instituto Teológico Israelita do Porto, estará sempre pronto a dar qualquer explicação sobre assuntos religiosos e a fornecer os livros que possam concorrer para o mesmo fim. Mais fornece ainda: programas em forma de questionário, que facilitarão, sem dúvida, a missão dos pais.

Procedendo assim, cada um poderá orgulhar-se de, como dissemos acima, poder transmitir aos seus filhos mais conhecimentos do que os recebidos de seus pais.

E assim a sagrada religião de Moisés, pela qual tantos dos nossos pereceram nas fogueiras, continuará sempre brilhante e sempre nobre.

NORBERTO A. MORENO.

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Inglaterra — Numa recepção dada em Londres em honra do célebre cineasta americano Eddie Cantor, comunicou este que acabava de entregar um cheque de 98.000 libras para auxílio aos filhos dos refugiados judeus.

Aberta na mesma ocasião uma subscrição entre a assistência, obteve-se mais a importância de 6.000. Graças a Eddie Cantor, durante a sua breve estada em Londres, cerca de 104.000 libras são recolhidas em favor dos filhos dos refugiados judeus.

Alemanha — A notícia publicada no estrangeiro segundo a qual o Barão Luiz de Rothschild, detido em Viena, será libertado brevemente, é acolhida em Berlim e em Viena, nos meios competentes, com cepticismo.

Desejava-se que a detenção do Barão Luiz de Rothschild durasse ainda muito tempo. Nos meios nazis de Viena acusam-no sobretudo de ter conseguido fazer passar uma parte da sua fortuna para o estrangeiro e afirma-se veementemente que o passivo destes negócios vai além do activo cerca de oito milhões de marcos.

—O conhecido sábio Judeu Dr. Ismar Elbogen, professor do Instituto de Altos Estudos Judaicos de Berlim, abandona definitivamente a Alemanha para se estabelecer nos Estados Unidos, onde poderá continuar os seus estudos.

COMOVENTE CERIMÓNIA PATRIÓTICA E RELIGIOSA AOS MORTOS ISRAELITAS DA GRANDE GUERRA

No aniversário da gloriosa batalha de Verdun teve lugar a inauguração dum monumento erigido em Douaumont à memória dos Israelitas franceses mortos em defesa da França.

No grande templo da rua Thiers celebrou-se a cerimónia. Antes desta, porém, a assistência em pé escutou a «Marselhesa» tocada por uma orquestra dirigida por M. Lazare. O rabi Aboulker cantou então o «Adon Olam» acompanhado por um côro. O Sr. Assouline evocou em seguida a memória dos 250 Israelitas de Constantine caídos durante a guerra. A oração pelos mortos foi dita pelo rabi-mor Halemi e foi seguida de uma outra oração pela República e pelo povo francês.

A assistência dirigiu-se também ao cemitério israelita onde nova cerimónia teve lugar diante do monumento que perpetua a memória dos Israelitas de Constantine mortos no campo de honra.

NOVAS PUBLICAÇÕES

A *Bloch Publishing Company*, 31 West 31 st St., New York City, lançou no mercado um belo livro, da autoria do Dr. Maurice J. Karpf, intitulado «*Jewish Community Organization in the United States*», útil para todos os que queiram estudar as actividades judaicas na grande República Norte-Americana. Numa linguagem boa e acessível a todas as culturas, o autor faz passar diante dos olhos do leitor toda a vida orgânica social dessa grande judiaria de quatro milhões e meio de descendentes de Abraham.

Distribuição do povo eleito pelos diversos estados, sua distribuição económica; relações sociais entre judeus e não judeus; emigrantes; organizações comunais para actividades religiosas, culturais e protecção cívica.

Organizações de assistência à pobreza, às crianças e aos velhos. Educação e recreio de adultos.

Acção dos judeus americanos em outras regiões.

Obras diversas de serviço cultural e de instrução, etc., etc.

A edição é de magnífico aspecto, o que honra a Companhia Editora.



CARTEIRA ELEGANTE

O Sr. Lawrence Kadoorie, filho mais velho do grande benemérito Sir Elly Kadoorie, Presidente Honorário da Comunidade Israelita do Pôrto e Presidente Honorário da União Universal das Comunidades Sepharditas, K. B. E., Comendador da Legião de Honra, pediu em casamento Miss Muriel Gubbay, de Hong Kong. — *Mazal Tob.*

— O Sr. Maurice Paul Goodman, filho do Sr. Paul Goodman, Vice-Presidente Honorário da Comunidade Israelita do Pôrto, Secretário Honorário do Portuguese Maranos Committee de Londres, pediu em casamento Miss Vera Appleberg. — *Mazal Tob.*

— Em Lisboa, no dia 10 de Agosto, realizou-se o enlace matrimonial do nosso amigo Sr. Walter Stern com a gentil menina Leonie Ring. — *Mazal Tob.*



UM GESTO DO DR. CECIL ROTH

O célebre historiador inglês Dr. Cecil Roth, membro benemérito da Comunidade Israelita do Pôrto, autor dos livros *O Apóstolo dos Maranos* e *História dos Maranos*, tendo conhecimento das medidas anti-judaicas do Governo italiano, pediu a sua demissão da Academia Colombaria de Florença e da Sociedade Real de História de Veneza, das quais era membro estrangeiro.



UMA IMPORTANTE COLÓNIA JUDAICA SERIA ESTABELECIDA NA ILHA MELVILLE

Uma colónia de 100.000 judeus seria estabelecida na Ilha Melville, no largo da costa Norte da Austrália: tal é o projecto de M. Cramsie, antigo Presidente do Conselho da Indústria da Carne na Austrália.

A Ilha de Melville, a 65 quilómetros ao Norte de Darwin, tem uma superfície de cerca de um milhão de hectares. O clima é são e o solo muito fértil.

A Inquisição do Pôrto operando

(Da *História do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*, por Alexandre Herculano).

No Pôrto a Inquisição tomara uma fisionomia particular. A sua existência tinha-se ligado com uma questão económica. Era então bispo da diocese o carmelita D. Fr. Baltazar Limpo, sujeito que passara por ilustrado e austero, e que conforme se pode ajuizar das memórias que dele nos restam e da sua correspondência não era de-certo homem vulgar. Supomo-lo, até, sincero no seu zelo religioso. A nobre e independente linguagem com que falara ao papa sobre a reforma da igreja, e a sua isenção de opiniões no Concílio de Trento provam que o carácter do bispo do Pôrto era bem diverso do do bispo de S. Tomé.

Mas o desabrimento de D. Fr. Baltazar claramente indica um carácter impetuoso, ardente, inflexível e absoluto nas suas opiniões. Que a uma índole destas se associem profundos sentimentos religiosos, e ter-se-á um fanático. A religiosidade, ou natural ou adquirida pela educação lançada no molde de um espírito tenaz mas suave, produz o mártir; unida a um génio irritável e audaz, produz o perseguidor.

O fanatismo e a violência são inseparáveis onde a violência é possível. Quando o fanático ultrapassa os limites do moral e do justo é porque pervertida a razão a consciência que se ofusca lhe diz que a religião o exige. Transposta a barreira da consciência não há abuso ou crime a que elle não possa atingir sem ser em rigor criminoso. E' nisto que se distingue do hipócrita, é na diferença de responsabilidade. Infelizmente, porém, na história a distinção é difficil e, às-vézes, inteiramente impossível. Na presente hipótese, desejaríamos bem achar plena prova da irresponsabilidade de D. Fr. Baltazar Limpo.

A existência da Inquisição no Pôrto, dissemos nós, tinha-se ligado com uma questão económica, ou antes fôra precedida por esta. O bispo concebera o desígnio de construir uma igreja no sítio onde estivera em outro tempo a Sinagoga, a qual era contígua ao bairro onde habitaram os cristãos novos da cidade ou pelo menos a maioria deles. Os restos da Sinagoga, que o bispo Carmelita

queria converter em igreja, estavam situados na Rua de S. Miguel, meia deshabitada, e cujos edificios em ruínas pertenciam pela maior parte a famílias hebreias.

Haviam os proprietários solicitado naquella conjuntura que, para se restaurar e repovoar essa rua, uma das principais da povoação, fôsem armadas ali as lojas de tecidos de lã. Pôsto que já resolvida favoravelmente a súplica, tinham-se ainda suscitado difficuldades que retardaram a execução do desígnio. Querendo, nessa conjuntura, obter recursos para a edificação que tentava, o bispo convocou os cristãos novos, e pediu-lhes que declarassem a sôma com que cada um se oferecia a contribuir para aquella piedosa empresa. Declararam elles que, no estado em que as cousas se achavam, daria cada um três ou quatro cruzados, mas que, se a pretensão que tinham chegado à execução, construiriam elles a igreja, contribuindo para isso generosamente. Aceitou o bispo a condição; mas as difficuldades continuaram, e os cristãos novos, talvez injustamente, começaram a acusá-lo de deslealdade, e de que longe de favorecer o negócio do armamento, punha em segredo por obra tudo quanto era possível para impedi-lo. A desconfiança mútua trouxe a irritação: a irritação as pretensões infundadas.

O bispo exigiu os recursos prometidos: os cristãos novos negaram-se positivamente a subministrá-los antes de realizar a condição que limitara a promessa. A cólera do prelado traduziu-se então em ameaças terríveis de vingança, e a vingança não tardou a realizar-se desproporcionada à offensa, se é que realmente a havia. A gente hebreia ficou aterrada. O Pôrto tinha presenciado mais uma cena violenta, fruto do carácter irascível de Carmelita.

O procurador dos feitos da coroa fôra já mandado espancar por elle, em consequência de ter ofendido certos direitos episcopais no exercício do seu cargo, e um sobrinho do Conde de Feira, que passara pelo prelado sem se descobrir, fôra por elle insultado e advertido de que a repetição da descortesia

OS JUDEUS NAS ORDENAÇÕES AFONSINAS

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 86)

15.º Outro-sim nos enviaram dizer, que por vèzes elles queriam fazer, e afirmar alguns contratos por escritura pública, e que os deixavam de fazer, por não acharem tão prestes o Juiz, perante quem se haviam de fazer, e afirmar, e que quando achavam o Juiz, e não tinham o Tabelião; e que nos pediam por mercê, que lhes dêssemos a nossa Carta, porque os Tabeliães pudessem fazer os ditos contratos perante um, ou dois homens bons da dita Cidade, que mais prestes acharem, ou perante algum outro Tabelião, ou Tabeliães; e que este seria azo deles fazerem mais contratos. E nós vendo o que nos assim diziam, e pediam, querendo-lhes fazer graça e mercê, temos por bem, e mandamos, que elles possam assim fazer os ditos contratos, pretende um, ou dois Tabeliães, porque comunalmente são residentes naqueles Lugares, que lhes são devisados, servindo seus Offícios: ao qual, ou aos quais homens bons, ou Tabeliães, presente que o dito contrato se houver de fazer, Mandamos que dêem Juramento a cada uma das partes em sua Lei, se em os ditos contratos da usura, ou especia de engano; e o Tabelião, que o dito contrato fazer, o escreva assim, fazendo segundo se até agora acostumou e fêz perante

os ditos Juizes. E este lhes fazemos sem embargo da Ordenação, nem defesa, que em contrário disto seja, e das Cartas, que sobre isto tem, enquanto acharmos que o fazem bem, e como devem.

16.º Porém mandamos a todos os Juizes, e Justiças, e Officiais, e pessoas da dita Cidade, a que esta Carta fôr mostrada, que assim o comprem, e guardem, e lhes façam os ditos Estormentos de compras, e vendas, e outras quaisquer Escrituras de firmidam, como aqui é contendo, mostrando primeiramente os ditos Judeus, ou Judias nossas Cartas de contratos, por que assim fazer possam: e o Tabelião, que o dito contrato fizer, não escreva em elle tôda a dita Carta de contrato, mas somente faça em sua escritura dela menção: unde al não façandes. Dantes na dita Cidade de Lisboa a cinco dias de Dezembro, El-Rei o mandou por Gomes Borges, que agora tem carrêgo de Chanceler-Mor, Rodrigo Anes escrivão em loge de Filipe Afonso a fêz. Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e trinta e seis anos. E mandamos, que esta Carta valha aos Judeus da dita comuna e a outros quaisquer, que na dita Cidade quiserem contratar pela guiza, que dito é, e a outro nenhum não.

17.º A qual Lei, e a Carta suso ditas vistas por nós, louvamos e confirmamos, e mandamos que se guarde, e cumpra como em ella é contendo.

talvez lhe custasse a vida. O ruído que fêz o successo trouxe um inquérito judicial, que o Carmelita só pôde impedir, suplicando a intervenção do próprio Conde de Feira. Tal era o homem que os cristãos novos tinham tido a imprudência de irritar. O bispo do Pôrto sabia até onde chegavam os seus direitos episcopais; sabia que para ser inquisidor na própria diocese não precisava da autoridade da Inquisição. Começou, portanto, a processar os cristãos novos. O conselho geral não tardou a estabelecer uma delegação sua no Pôrto, mas o prelado, no qual virtualmente a própria lenda de 23 de Maio de 1536 reconhecia o direito de se ingerir naquelas matérias, não se esquecia, ou residindo na diocese ou na córte, de agravar a sorte da raça proscrita, cujas queixas eram principalmente dirigidas contra a sua autoridade.

Não tardou que ao Norte do Douro se

repetissem as mesmas cenas de tirania, de expoliação e de imoralidade que se representaram no centro e no meio-dia do reino. Eram as mesmas monstruosidades na ordem dos processos, a mesma corrupção das testemunhas pelos afagos ou pelo terror, as mesmas extorsões dos agentes inferiores.

A memória que nos serve de guia, dirigida ao Infante D. Henrique acêrca do procedimento da Inquisição no Pôrto, não é assaz explícita em relação aos membros daquele tribunal. O que parece é que um dos inquisidores de Lisboa, Jorge Rodrigues, fôra para ali enviado, mas que o bispo dirigia tudo, ou como principal comissário, ou pelo direito que lhe provinha da sua qualidade de diocesano, e pelo absoluto do seu carácter.

(Continua no próximo número).

COMUNIDADE ISRAELITA DO PORTO

Mapa de RECEITAS e DESPESAS de 1 de Julho a 31 de Dezembro de 1934

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|-----------------------------------|-----------|-----------------------------|-----------|
| Saldo do antecedente | 567\$15 | Culto (despesas) | 250\$00 |
| Quotizações e donativos | 1.829\$95 | DESPESAS GERAIS { | 378\$53 |
| | | Água e luz | 50\$10 |
| | | Diversas despesas | 228\$90 |
| | | Seguros | 900\$45 |
| | | Saldo para 1935 | 996\$63 |
| | 1.897\$10 | | 1.897\$10 |

Mapa de RECEITAS e DESPESAS do ano de 1935

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|--|------------|---|------------|
| Saldo do ano antecedente | 996\$65 | 1.ª SECCÃO - CULTO: | |
| Saldo do Crêdit-Franco Portugais | 827\$94 | Morim | 5.938\$00 |
| Saldo do Instituto Teológico Israelita | 2.781\$89 | Diversas | 48\$10 |
| Quotizações e donativos | 2.131\$20 | 2.ª SECCÃO - INSTRUÇÃO: | |
| Subsídio do Portuguese Maranos Committee | 8.240\$00 | INST. TEOLÓGICO { | 3.058\$90 |
| | | Desp. com Talmidim | 780\$40 |
| | | Alimentação | 298\$75 |
| | | Artigos escolares | 235\$00 |
| | | Servente | 318\$16 |
| | | 3.ª SECCÃO - PATRON. DOS TRABALHADORES: | |
| | | Assistência pecuniária | 43\$00 |
| | | 4.ª SECCÃO - MAGHEK ADOM: | |
| | | Assistência clínica | 698\$50 |
| | | DESPESAS GERAIS { | 781\$50 |
| | | Água e luz | 1.800\$00 |
| | | Diversas | 200\$00 |
| | | Assistência à Comunidade da Covilhã | 400\$00 |
| | | de Bragança | 325\$00 |
| | | DESPESAS ESPECIAIS { | \$71 |
| | | Advogado | 14.858\$31 |
| | | Estórno (erro de soma) | 119\$82 |
| | | Saldo para 1936 | 14.477\$68 |
| | 14.477\$68 | | 14.477\$68 |

Mapa de RECEITAS e DESPESAS do ano de 1936

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|---|------------|--|------------|
| Saldo do ano antecedente | 119\$52 | 1.ª SECCÃO - CULTO: | |
| Quotizações e donativos | 1.581\$00 | Morim (preceptores) | 7.900\$00 |
| Subsídio do Portug. Maranos Committee | 10.990\$00 | Diversas | 485\$20 |
| Donativo do Portug. Maranos Committee para Bragança | 2.687\$60 | Fabricação de matsah | 848\$70 |
| Venda de matsah (pão ázimo) | 136\$00 | 2.ª SECCÃO - INSTRUÇÃO: | |
| | | Instituto Teológico | 259\$70 |
| | | Livros para a Bibliot. e artigos escolares | 421\$90 |
| | | 3.ª SECCÃO - PATRON. DOS TRABALHADORES: | |
| | | Assistência pecuniária | 481\$50 |
| | | 4.ª SECCÃO - MAGHEN ADOM: | |
| | | Assistência clínica | 76\$20 |
| | | DESPESAS GERAIS { | 803\$85 |
| | | Água e luz | 445\$52 |
| | | Diversas | 190\$00 |
| | | Móveis e utensílios | 227\$20 |
| | | Seguros | 263\$20 |
| | | DESPESAS ESPECIAIS: Advogado e outras | 1.807\$00 |
| | | Assistência à Comunidade da Covilhã | 1.986\$00 |
| | | de Bragança | 15.171\$57 |
| | | Saldo para 1937 | 292\$35 |
| | 15.468\$92 | | 15.468\$92 |

Mapa de RECEITAS e DESPESAS do ano de 1937

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|--|------------|--|------------|
| Saldo do ano antecedente | 292\$85 | 1.ª SECCÃO - Culto: | |
| Quotizações e donativos | 2.148\$00 | Hazan J. Herz | 2.200\$00 |
| Subsídio do Portuguese Maranos Committee | 11.000\$00 | Morim (preceptores) | 8.475\$00 |
| Do Port. Maranos Committee para Bragança | 847\$00 | Diversas | 801\$80 |
| Empréstimo | 1.172\$40 | 2.ª SECCÃO - INSTRUÇÃO: | |
| | | Instituto Teológico | 158\$05 |
| | | Biblioteca | 5\$00 |
| | | 3.ª SECCÃO - PATRON. DOS TRABALHADORES: | |
| | | Assistência pecuniária | 613\$80 |
| | | DESPESAS GERAIS { | 448\$10 |
| | | Água e luz | 201\$25 |
| | | Diversas | 523\$50 |
| | | Móveis e utensílios | 227\$20 |
| | | Seguros | 70\$00 |
| | | Servente | 842\$75 |
| | | DESPESAS ESPECIAIS: | 809\$80 |
| | | Assistência à Comunidade de Bragança | 15.454\$75 |
| | | de Covilhã | 15.454\$75 |
| | 15.454\$75 | | 15.454\$75 |

Tudo se ilumina
para aquéle que
busca a luz.

BEN-ROSH

ה ל פ י ד

... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

A REPARAÇÃO DO DANO

Naquele tempo e naquela terra havia um homem generoso e bom, de nome Aïb, cuja cabeça era sempre agitada por pensamentos frementes de ideais de fé e de justiça social, cujo coração se comovia ao conhecer misérias humanas, cujo braço forte de actividade amparava os fracos no caminho da verdade e cuja mão acariciadora afagava os tristes e aflitos de alma.

Inteligência reflectida e alma sonhadora, procurava ligar a si jóvens e vèlhos, a quem pretendia insuflar nma alma nova que só tivesse a aspiração de caminhar para a luz, para o bem e para a beleza moral.

Num verdejante prado fêz construir um edificio, com uma alta tórre, onde faria a sementeira de elementos formadores de almas novas.

Chamou a si almas rudes e selváticas das montanhas do Norte dessa terra e, quando as viu formando um pequeno rebanho, como bom pastor as protegia, as guiava e as acariciava. Que imenso prazer éle sentia quando, como bom lavrador, éle abria com a sua charua espiritual os sulcos donde brotaria uma messe doirada de trigo ideal! Que grande ventura sentia quando aquelas almas selvagens, moldadas pelas suas mãos de escultor idealista, começavam a tomar formas de beleza social! Que encanto sentia quando, como carpinteiro e paciente preceptor, notava que essas almas de rude aspereza produziam gestos de bondade de amor e de fé!

E a alma do sonhador, elevava, então, no seu êxtase místico, louvores ao Deus Altíssimo e Único.

Os animais egoístas, preocupados sòmente com o confôrto do seu tubo digestivo, não compreendiam a obra de Aïb, o formador de almas novas, porém, as simpáticas aves migratórias, as boas andorinhas, iam, de terra em terra, por todo o mundo, chilreando sons laudativos do louco sonhador.

E, desde então, nos quatro cantos da terra, aves de diversas côres e cantos, faziam ressoar pelas florestas as suas homenagens ao guia das almas selvagens.

Mas eis que despertando dum pesado sono, provocado pela digestão duns sapos e outros úteis animais campesinos, abre os olhos, levanta a cabeça Nahash, a serpente, o mais malicioso e mais peçonhento dos animais criados, que passa a sua existência rastejando no pó e na lama.

Repara e nota o fecundo trabalho de Aïb e, como a horrorisa tudo o que é belo e grande, tudo quanto é bom e generoso, silva furiosamente contra o agitador.

O seu sinistro silvar acorda e chama a atenção de negros corvos e maléficis abutres, que, vivendo de corpos mortos, preparam nas trevas da noite as garras que hão de ferir o bom sementeiro.

Bestas carniceiras sorriem, antegosando os bons pedaços de carne, que esperam saborear. E umas corujas, que, tendo fugido da destruição de Sodoma, se albergaram nuns pardieiros, naquele campo alegre, piam velhacamente, preparando a Haskabah (*de profundis*) daquele bom homem que havia tido piedade da sua fealdade e por isso lhes permitira a sua permanência ali, aju-

dando-as a viver com algumas migalhas que elle fazia sobrar do sustento das suas ovelhas.

Os corvos conseguem infiltrar algumas ovelhas ranhosas do seu rebanho no rebanho do bom pastor. Das bestas carniceiras, alguns lobos, disfarçados em cães de guarda, simulam ajudar o guia sonhador, que mal não pensa e que mal não cuida.

As corujas enquanto comem as migalhas do rebanho vão, num piar manso e suave, preparando as ovelhas, insuflando nelas instintos de feras.

Nabash, com os seus encantamentos, a todos dava aspectos humanos.

Um côrvo pela calada da noite entra nos subterrâneos da torre, levando para ali os seus malefícios.

E, um dia, quando tudo estava preparado, toda a horda miserável assalta a torre indefesa, e assenhoreia-se dela.

O sonhador é entregue aos abutres para que o dilacerem.

Nabash, pelos seus maléficis poderes e pelos seus sinistros elementos, transforma algumas das ovelhas mansas em cães danados, que abocanham ferozmente o seu bondoso amigo e protector. Outras ovelhas reagem, mas são impotentes para resistirem ao bando criminoso, que as dispersa e lhes nega a alimentação, enquanto as rézes danadas tinham boa e fresca erva, límpida e saborosa água, para terem força para mordere o seu guia.

Preparavam-se os abutres para a eliminação de Aib, quando Deus Bendito, juiz da eterna verdade, que protegeu Daniel, o profeta, na cova dos leões, fez triunfar a verdade. E Aib volta a ocupar a torre e a reparar os estragos que a maléfica malta havia feito, e ali vieram de longes terras e dos campos vizinhos boas almas para saúdar aquêle guia das almas escurecidas.

Pouco tempo antes do sol da verdade deslumbrar os olhos dos que haviam de justiça o apóstolo, uma das rézes do rebanho, que haviam danado e que abocanbara ferozmente o seu preceptor, vinha pedir-lhe perdão, rogando-lhe que esquecesse todas as suas maldades e que lhe consagrasse a sua amizade e carinho, como outrora. Acrescentava que, encorajado pelo desejo de reparação do dano, fôra perante os executores dos abutres proclamar que havia mentido contra o sangue inocente do seu mestre, sujeito a ser vítima elle próprio, e por todos

os locais por onde andava patenteava o seu arrependimento; que lhe perdoasse, pois, visto ter assim descarregado a sua consciência e feito completamente a reparação do mal feito.

Aib ouviu-o serenamente e depois respondeu:

— Meu pobre e pequeno judas: vai ao jardim, toma um galo dos dedicados aos sacrificios, sobe ao alto da torre, depena o galo e espalha todas as suas penas. Quando tiveres terminada essa obra, volta.

O pequeno judas cabrito montês assim fez; uma a uma foi arrancando as penas ao galo e as arremessava para fora do eirado; e uma leve brisa as fazia esvoaçar e espalhar pelos campos em redor.

Terminada a sua tarefa, o cabrito montês voltou dizendo:— Mestre, já fiz o que me mandaste. Ordenas mais alguma cousa?

— Sim, diz-lhe o Mestre, vais agora reparar o que fizeste. Vais começar por apanhar todas as penas que lançaste fora.

— Mestre, isso é impossível. Posso apanhar muitas delas mas nunca todas as penas, porque muitas as levou o vento para longe e não sei para onde.

— Pobre alma de cabrito montês, se não consegues reparar o dano recolhendo todas as penas extraviadas, cousas facilmente palpáveis e visíveis, como podes conceber que esteja reparado o dano das más palavras que são invisíveis e impalpáveis? Como é impossível a reparação do dano da dispersão das penas, mais e muito mais difícil é a reparação do dano moral. Da mordedura da bôca caluniosa fica pelo menos a cicatriz da dentada.

BARROS BASTO.

SENTENÇAS TALMUDICAS

Está escrito: Tu amarás o Eterno teu Deus. Isto significa: Faze com que o nome do Eterno seja amado pela tua maneira de ser e de agir. — *Talmud (Yomah)*.

O pai que ensina a lei sagrada a seus filhos tem tanto mérito como se a tivesse ensinado aos seus netos e aos bisnetos, até ao fim das gerações. — *Talmud (Kidushim)*.

Sem discípulos não há mestres. — *Talmud (Sanhedrin)*.

ORAÇÕES DOS CRIPTO-JUDEUS

(TRADIÇÕES MARANAS)

Santo e justo omnipotente Senhor, Deus, eterno criador, que habitais nas alturas, cercado de imensos coros celestes e de imensos anjos, de todos louvado, Deus forte, pai dos pecadores; os anjos por nós vos dêem louvores; engrandeça-vos do mundo a gente, o céu e a terra e tudo o que é vivente; tudo louve o grande Deus de Israel Jacob e de Abraão e de Isac e todos o santifiquem em um cântico fiel; oh! Deus supremo, oh! Deus de Israel, oh! Deus firme em quem tenho a minha esperança, sede de misericórdia e de vingança, protege Senhor um povo afrontado de desgraças e ruínas ameaçado; triunfar o faz dos seus inimigos. Livra-nos de tão eminentes perigos, tem clemência do teu povo, Senhor, que anda disperso, sem ter pastor, vê que contra elle estão conspirando muitos leões assanhados, que nos querem tirar as nossas vidas; não permitas, grande Deus soberano, que se alegrem com as nossas mortes e com os nossos danos, cruéis desprezam inocentes vozes, são tiranos, infames algozes; vê, se o teu poder nos faltar, ao seu rigor não podemos escapar; Tu és o Deus Adonai, meu protector, meu amparo e meu salvador, teus milagres foram patentes; Deus forte, livra-nos do horror da morte, teu braço já estende contra quem o teu povo ofende; castiga e humilha quem o teu povo maltrata; confunde-os com vergonha e com espanto quem o teu povo santo persegue, mostra-lhe dum modo justiceiro, que só Tu és o Deus santo e justo e verdadeiro, assim como fizeste a Faraó, faz a quem a teu povo perturba a paz; livra-nos assim como livraste do Egipto o teu povo, com poder infinito; livra-nos como livraste os três meninos de Babilónia do fogo; livra Senhor o teu povo como livraste a Daniel do lago dos leões; livra-nos como livraste o vosso profeta Jonas do ventre da baleia; livra-nos como livraste a Suzana da ímpia sentença tão tirana; livra-nos das perseguições ao teu povo de Israel; atende-nos assim como a Judite atendeste quando o ímpio vencer quiseste; livra-nos grande Deus verdadeiro de tão triste e penoso cativo; livra-nos Senhor, por compaixão, de quem nos persegue sem ter razão; livra-nos do seu poder e volta contra elles a sua

tiranía; permita o vosso santo nome que sejam dispersos e sejam perdidos; teus prodígios excelsos e soberanos emprega castigando os tiranos; eu sei, Divino Grande Deus de Israel!, quanto é louvável o vosso santo poder e o vosso santo nome em tôda a terra, e a vossa magnificência é superior aos céus; louvamos todos o nome santo do Senhor, porque só o seu santo Nome é digno de ser louvado; o temor de Deus é santo e elle permanece por todos os séculos, e os seus juízos são verdadeiros, por si mesmo justificados, porque o Senhor é um Deus todo poderoso e um divino rei, sobre os deuses; trazei vítimas e entrai nos seus templos, adorai ao Senhor no átrio santo, trema tôda a terra na sua presença, publicai entre as nações que o Senhor estabeleceu o seu reino, para que a sua misericórdia se confirme sobre nós e a verdade do Senhor permaneça eternamente; jurou o Senhor e não se arrependerá, tu és o eterno sacerdote, segundo por ordem de Israel, porém todo o Israel espere no Senhor desde agora por todos os séculos, e elle há de remir a Israel e a tôdas as suas iniquidades e a sua santa misericórdia se estende de geração em geração, e todos os que fielmente vos procuram tenham em vós o maior prazer e alegria, e digam sempre aos que procuram a nossa salvação, digam exaltado seja o grande Deus de Israel e elle seja louvado por todos os séculos e por todos os seus santos e pelos filhos de Israel; alegrem-se os céus e a terra, comova-se o mar em tôda a sua extensão, e os campos com tudo o que Deus cria nêles; nações das gentes ofereci os vossos louvores ao Senhor, ofereci ao Senhor tôda a vossa honra e glória, que é dada ao seu Santo Nome; os montes, cumes de serras se derreterão à vista do Senhor, e na sua presença tremeu a terra, anunciará aos céus a sua santa justiça, e virão todos os povos da sua glória, confundir-se-ão todos os que adoram ídolos porque só vós sois o Senhor altíssimo em tôda a terra infinitamente exaltado sobre todos os deuses; Alegrai-vos, ó justos, no Senhor e celebrai com os vossos louvores a memória da sua santidade. Bendito seja o Deus de Israel; por todos os séculos amai o Senhor. — *(Recolhida em Bragança).*

O ENSINO RELIGIOSO

I—Necessidade do ensino religioso

O maior mal de que enferma a sociedade é a ignorância religiosa. Com o ensino religioso na família não se pode contar muito, porque a maior parte dos pais ou não podem, por falta de tempo ou de competência, ou não querem ensinar a religião aos filhos. É necessário, pois, que os preceptores façam compreender aos chefes de família a obrigação que lhes impende, de educar ou mandar educar na religião de Moisés os filhos. Os próprios preceptores necessitam de ser de uma persistência inquebrantável no ensino das crianças, a-fim-de num futuro não muito distante verem uma geração nova composta de bons israelitas e bons cidadãos.

Sem o ensino religioso a fé extinguir-se-á. Urge, portanto, não deixar perder os restos da tradição que quatro séculos mantiveram, ainda que decadentemente.

Todo o preceptor deve pelo menos destinar uma hora todos os sábados e dias festivos ao ensino da religião às crianças. A preparação para *Bar-Mitçvah* deve ser mais demorada.

Deve-se também, claro está, ir dando instrução mais completa à medida que a idade das crianças vai aumentando.

Não se deve mesmo deixar de explicar a religião aos adultos de uma maneira acomodada à sua inteligência. É conveniente aproveitar para este efeito os sábados e outros dias festivos, à hora que mais apta parecer para a assistência do povo, durante os officios religiosos, por exemplo.

II—Métodos de ensino religioso

Para que o ensino religioso produza os devidos frutos, torna-se necessário que nelle se observem fielmente as recomendações da pedagogia moderna aplicada a este ensino.

A primeira delas é que se não reduza o ensino religioso a conseguir que as crianças aprendam de cor, inconscientemente, rotineiramente, as fórmulas dos manuais. É utilíssimo, é mesmo necessário que elas decorrem essas fórmulas, para que adquiram um conhecimento breve, claro e rigorosamente exacto das verdades israelitas; mas é também inegável que o preceptor deve empe-

ñar-se em fazer-lhes compreender aquilo que decoram para que o ensino não fique reduzido a um simples exercício de memória. Ninguém ousará afirmar que conhece os princípios da religião aquêle que aprendeu fórmulas de cor, mas sem nada compreender; ficou com palavras na memória mas não com ideas.

Se quisermos que o ensino religioso forneça os devidos frutos, comecemos por fazer às crianças uma breve e clara explicação daquilo que elas se propõem decorar, tendo o cuidado de lhes dar a significação das palavras menos conhecidas e das frases mais obscuras. É um valioso auxílio que se lhes presta, porque a retenção do que se compreende é sempre menos morosa e menos fatigante. Mandar decorar uma fórmula e só depois explicá-la é processo contrário a tôdas as regras da pedagogia.

Haja também o maior cuidado em que as crianças pronunciem bem e convenientemente as palavras das fórmulas. Temos encontrado algumas e até adultos que estropiam tudo. É note-se que, em matéria de fé, às-vêzes succede que da simples troca de uma palavra resulta uma blasfêmia.

Depois de se verificar que a criança sabe bem de cor a fórmula, deve ser-lhe explicada convenientemente, em termos simples, claros, concretos, empregando exemplos e analogias, e em seguida faça-se-lhe um interrogatório hábilmente dirigido, de forma que ela fique com um conhecimento exacto e completo, tanto quanto possível, da verdade ensinada.

Dê-se inteira liberdade às crianças para que nas respostas se exprimam por palavras suas, devendo ser obrigadas a fixar, palavra por palavra, somente as fórmulas e enunciacões dos princípios fundamentais.

Este método expositivo-interrogativo, dá óptimo resultado, sobretudo para crianças com pequena cultura intelectual. Mas nas explicações evitem-se desenvolvimentos excessivos e superiores à capacidade das crianças às quais é ministrado, a-fim-de não criar nelas repugnância pelos temas da exposição.

Aconselhamos os preceptores que repitam muitas vêzes, sobretudo as cousas mais importantes, tendo o cuidado de não variar, sobre os pontos fundamentais, as expressões

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Renacimiento de Israel». — Buenos-Aires (Argentina). — Nesta época que passa em que as nações, que não esqueceram uns séculos de civilização, procuram rearmar-se para defender os princípios de verdade e de justiça social obtidos pelo esforço e sacrifício de seus antepassados, o povo de Israel precisa também de rearmar-se com as armas espirituais e culturais, conhecendo e continuando a obra dos seus antepassados a-fim-de poder vencer não pela força, mas pelo espírito.

Fiel a esta necessidade de rearmamento espiritual a Editorial Israel — Sarmiento 2396 Buenos-Aires — encetou a publicação de várias obras para o almejado fim.

A primeira obra que nos chegou à mão escrita num fácil e castiço espanhol, facilmente compreensível para qualquer português é *Renacimiento de Israel*, seleccionada e compilada por Ludwig Levisohn. E' uma excelente colectânea de escritos de Moses Hess, Leon Pinsker, Theodoro Herzl, Max Nordau, Bernard Lazare, Ajad Haam, Albert Einstein, Stephen Wise, Arnold Zweig, etc., etc.

«Rodas do tempo», por Coronel A. R. Brancal. — Livraria Sá da Costa — Largo do Poço Novo, 24 — Lisboa — 1938.

Obra útil em tôdas as bibliotecas e livrarias particulares, ela nos facilita o conheci-

mento dos calendários civis e religiosos, usados pela humanidade desde os mais remotos tempos históricos até ao dia de hoje, e facilita-nos também a passagem dum para outro calendário, por regras simples e claras,

Historia a origem e evolução dos diferentes calendários, as ideas religiosas dos povos que os empregavam, a explicação e significação das festividades das principais religiões actuais e sua determinação no calendário.

O autor, o sr. Coronel António Rodrigues Brancal, cripto-judeu beirão, sincero e convicto, numa forma atraente apresenta-nos um resumo das crenças judaicas, suas festividades e usos dos cripto-judeus portugueses. Indica-nos também em cada dia do ano alguns factos notáveis da história portuguesa. O livro, de bom aspecto gráfico, que contém cerca de 250 páginas de texto, encanta-nos, pela forma correcta, simples e atraente como são tratados todos os assuntos.

«Pequena História da Filosofia», por David J. Perez. — Edifício Mesbla — Rua do Passeio, 56 — Caixa Postal 3.722 — Rio de Janeiro.

Livrinho interessante da *Colecção Portátil*, dirigida pelo Prof. Robert James Botkin, onde o autor, em linguagem clara, modesta, mas elegante, fornece a qualquer autodidata os elementos indispensáveis para conhecer e falar sobre o tema filosófico das diversas escolas antigas e modernas, orientais e ocidentais. Lê-se com agrado e satisfação.

que julgarem convenientes, que se gravem na memória das crianças.

O interrogatório deve ser, em regra, animado e sem interrupções, feito de modo que haja sempre alguém a falar — ou o preceptor interrogando ou a criança respondendo. Mas, é claro, devem evitar-se os exageros nesta rapidez de interrogatório: é preciso dar à criança tempo bastante para compreender a pergunta e ver a resposta que tem de dar.

As perguntas deverão ser: a) *breves*; b) *formuladas* em termos tais que as crianças as compreendam; c) *claras*; d) *precisas*; e) *coordenadas*, isto é, segundo a ordem das matérias; f) *úteis*, evitando-se as desnecessárias, aquelas a que se responda com um simples *sim* ou *não* evidentes, assim como também as muito abstractas, as subtis, e as indiscretas, que podem levar as crianças a pensar mal ou a ter dúvidas sobre as verdades da fé.

As crianças não sejam interrogadas segundo a ordem dos seus lugares; e até convirá fazer primeiro as perguntas e designar só depois disto a criança que há de responder.

Será escusado dizer que o interrogatório deverá ser feito dignamente e com familiaridade, embora paternal.

O preceptor deve exigir respostas directas, exactas, concebidas em termos claros, e, além disso, pessoais, e não assopradas pelos vizinhos; mas, tratando-se duma criança tímida, pode e deve ajudá-la com alguma palavra esclarecedora.

Quando a criança responder bem, deverá o preceptor dirigir-lhe alguma palavra de aprovação ou, pelo menos, repetir a resposta, mostrando assim que é acertada; respondendo mal, convirá que faça a mesma pergunta a outra criança que lhe inspire mais confiança.

(Continua no próximo número).

ENSINO ELEMENTAR E DOMÉSTICO

Fiel ao seu progama de acção educativa judaica, a Yeshibah Rosh-Pinah (Instituto Teológico Israelita do Pôrto), a-fim-de facilitar o trabalho dos pais e preceptores (morim), inicia a publicação de alguns programas e questionários para o ensino elementar das escolas das comunidades e núcleos maranos, bem como para o ensino doméstico entre judeus e cripto-judeus.

Programa do curso elementar de Hebreu teóric

HEBRAICO TEÓRICO

4 classes

1.ª CLASSE:

Hebreu — leitura e escrita quadrada e aljamias luso-hebraicas — aquisição de vocabulário litúrgico.

2.ª CLASSE:

Escrita rabínica — aquisição de vocabulário. Artigo, substantivo e adjetivo.

3.ª CLASSE:

Pronomes e verbos na forma Kal — formação de frases. Tradução de trechos muito fáceis da Thorah e do Sidur.

4.ª CLASSE:

Conjugação dos verbos regulares em tôdas as conjugações, preposições, advérbios, conjunções e interjeições. Tradução de trechos fáceis da Thorah, Nebiim e Ketubim e do Sidur.

Questionário de rudimentos de judaísmo

RUDIMENTOS DE JUDAÍSMO

- Como reconhece a existência de Deus?
- Qual é a proclamação da unidade divina? (Em hebraico — em português).
- Quantos são os mandamentos de Deus proclamados no monte Sinai?

- Quais são?
- Quantos são os artigos da fé israelita?
- Quais são?
- Explique cada um deles, por sua ordem.
- Quantos são os livros da Lei de Moisés, nosso Mestre?
- Quais são os seus nomes em hebraico e em português?
- Porque têm esses nomes?
- Além da Thorah (lei de Moisés), temos outra lei?
- Que diferença há entre a Lei escrita e a Lei oral?
- Quais são as festas solenes israelitas e a sua significação?
- Quais são os jejuns israelitas, e qual o motivo porque foram instituídos?
- Quais são as orações principais diárias dos israelitas?
- Quais são as partes mais importantes de cada uma dessas orações?
- Quais são as comidas proibidas?
- O que é shehitah?
- O que são tefilim?
- O que são sisiioth?
- O que é mezuzoth?
- Quando se usam tefilim, sisiioth e mezuzoth e para quê?
- Em que consiste a Berith Milah e qual a sua significação?
- Em quantas partes se divide a Bíblia?
- Que livros constituem cada uma dessas partes?
- Que livros constituem a Lei oral?
- O que é o Shulh'an Arukh (mesa posta)?
- O que são dinim?
- O que são passukhim?
- O que é Kadish?
- O que é Kedushah?
- O que é a Bircat ha-cohanim?
- Quando se lê a Thorah e os profetas?
- Como se chamam as secções da Thorah e dos profetas que são lidas semanalmente?
- Como se chama o local onde se reúne a congregação para fazer as suas orações?
- O que é o minian?

(Continua).

A Inquisição do Pôrto operando

(Da *História do Estabelecimento da Inquisição em Portugal*,
por Alexandre Herculano).

(CONCLUSÃO)

O ódio do antigo Carmelita não se limitava já aos que o tinham ofendido; era uma guerra de morte a toda a gente de raça hebraica. Dirigindo-se a Mesão-Frio, cuja população não excedia naquele tempo a cento-e-trinta ou cento-e-quarenta habitantes, ouviu só num dia, o depoimento de quasi trezentas testemunhas acerca dos cristãos-novos da vila. E' fácil de imaginar como as perguntas seriam feitas, como escritas as respostas, e quantos ficaram culpados.

Em Vila-do-Conde e Azurara passaram-se factos análogos. No Pôrto havia nove indivíduos que tinham tomado o officio de testemunhas contra o judaísmo, jurando em quasi todos os processos por parte da justiça. Entre elles distinguia-se uma Catarina Rodrigues, mulher pública da mais baixa esfera, que se prostituía até a escravos. O escrivão do tribunal, Jorge Freire, antigo recebedor de certas rendas da mitra, e até então assaz pobre, enriqueceu brevemente no novo officio, exemplo que não foi baldado para os outros officiais. Nada disto via o bispo, a nada atendia, cego pelo rancor. A própria Catarina Rodrigues achava nesse duro e terrível sacerdote favor e trato benévolo. Quando os réus, a-pesar-de todas as dificuldades que lhes punham à própria defesa, alcançavam provar que as denúncias e depoimentos dados contra elles eram penas caluniosas, e não havia remédio senão soltá-los, os denunciadores e testemunhas falsas ficavam impunes, e se algum dos agravados lhes movia acção nos tribunais civis, era de novo acusado e preso.

A parte imoderada que o bispo tomava na decisão das causas despertou o ciúme do inquisidor Rodrigues; mas este ciúme, que noutras circumstancias poderia aproveitar aos réus, tornara-se inútil pela situação relativa dos dois membros do tribunal. Jorge Rodrigues, velho e paralítico, pôsto que hábil jurisconsulto, apenas opunha frouxa resistência ao fogoso carmelita, que, educado num convento, não tivera occasião de cursar os estudos canónicos. Assim, as sentenças em geral não representavam senão o voto

incompetente do prelado, e o inquisidor delegado, quando as achava injustas, limitava-se a recusar publicá-las em audiência, ou a declarar no acto da publicação que o seu voto fôra contrário, mas que tivera de ceder à inflexibilidade de D. Fr. Baltazar.

O promotor da Inquisição, João de Avelar, homem de costumes dissolutos, era, bem como todos os outros ministros e agentes do tribunal, criatura do bispo. Tinham-lhe conciliado o favor deste a violência do seu génio e o profundo rancor que manifestava contra os cristãos-novos. No exercício das suas funções, João de Avelar não reprimia aquella, nem ocultava este. Quando lhe apresentavam um desses breves de protecção especial que os cristãos-novos costumavam comprar no mercado de Roma para se esquivarem às atrocidades do tribunal da fé, protestava logo contra elle, chegando a ponto de dizer, escumando de raiva, que era mais fácil deixar prostituir por el-rei uma filha sua, do que reconhecer a validade de tais breves. As audiências e julgamentos da Inquisição do Pôrto davam campo a cenas não menos apaixonadas da parte de D. Fr. Baltazar; cenas que são fáceis de imaginar, lembrando-nos de que, como era natural, aquelles que tinham suscitado a perseguição, recusando dar as sômas prometidas para a nova igreja, não foram dos últimos a entrarem nos cárceres do Santo-Officio.

Henrique Luiz, um deles, foi condenado a dez anos de reclusão; mas o bispo achou repugnância nos seus colegas a irem mais longe, e a condená-lo a vestir o sambenito. Venceu, por fim, declarando que, se nisso havia injustiça, tomaria a responsabilidade dela perante Deus. Pode supor-se quão acesa cólera deviam excitar no seu animo as testemunhas favoráveis aos réus, sobretudo quando os depoimentos eram precisos, e não achava meio de os atenuar ou de fazer titubear as testemunhas. Prorrumpia não raro em afrontas contra esses que assim ousavam contrariar os seus intuitos. Os epítetos que lhes dava de cães, cuspir-lhes na cara, eram amenidades a que Fr. Baltazar recorria às-

-vêzes para os conduzir ao silêncio. Os abusos dos ministros subalternos condiziam com este ódio fanático do bispo, ao qual a cegueira da paixão levava quasi à demência. Alguns officiaes honestos, a quem aquellas demasias repugnavam, demitiam-se dos cargos, e por esse mesmo facto os agentes que debaixo da capa do zêlo encobriam as suas ruins tenções mais facilmente podiam realizá-las. O primeiro escrivão do tribunal havia-se escusado por desgosto desta espécie, mas o que lhe sucedera, membro como elle do cabido, soubera amoldar-se melhor às ideas do prelado.

O carcereiro e o guarda dos cárceres também pertenciam ao bando dos zelosos. Antigo criado de D. Fr. Baltazar Limpo, o carcereiro escolhera um guarda que fôsse instrumento da própria maldade. De conceito, os dois opprimiam por mil modos os réus para lhes extorquiarem dinheiro e submeterem-nos a todos os seus caprichos, fazendo ao mesmo tempo acreditar ao bispo que as suas mãos eram puras, e que só o zêlo os tornava rigorosos até à crueldade. A carceragem de cada preso era de ordinário uma ou duas dobras; mas quando a riqueza verdadeira ou suposta, de alguns deles, acendia a cubiça do carcereiro, a taxa subia, às-vêzes, a vinte. A sorte dos que não podiam pagar era desgraçada. O guarda completava por sua parte as extorsões do carcereiro. Sem dinheiro não se abriam as portas para os advogados e solicitadores falarem aos presos, e nem sequer para entrarem nas lóbregas masmorras as cousas mais necessárias à vida. Pôsto que casado, António Pires (era este o nome do chaveiro) parece que achava longas e tediosas as horas passadas nos claustros inquisitoriaes. Havia ali duas cristãs-novas, mãe e filha, julgadas já, e cuja sentença fôra cárcere perpétuo com o trajo chamado sambenito. Estas mulheres estavam à mercê de António Pires, e palavras de um amor brutal soaram, acaso pela primeira vêz, naqueles recessos humedecidos do suor de mil agonias.

A donzela foi deshonrada. Essa infeliz, para quem na primavera dos anos tinham deixado de existir as torrentes da luz do sol, os aspectos do firmamento, os verdores dos bosques e campinas, a alvorada e o crepúsculo, o aroma e o matiz das flores; para quem, ao passo que, por assim dizer, se lhe afundira ante os olhos a natureza física, se

lhe haviam afundido também tôdas as esperanças do mundo moral, e cuja vida de dilatados horizontes só ficara povoada por dois sentimentos, o da perpetuidade do cárcere e o das saúdaes inúteis, devia ser bem desgraçada! A masmorra era-lhe como pátria adoptiva; o sambenito, vestidura e mortalha, e que pensamentos seriam os seus quando, prostituída, e tendo por testemunha da prostituição um amor de mãe, a consciência lhe disse que descera ainda um degrau que parecia não poder existir na escada das misérias da vida? Em circunstâncias daquellas, o coração humano ou estala, ou se abranda à terrível grandeza de um coração de demónio.

Verificou-se o segundo fenómeno. A vítima de António Pires chegou a gloriar-se da deshonra, mostrando orgulho de trazer no seio o fruto do torpe adultério. Eumenide no meio das suas antigas companheiras, era ella quem completava os tratos da polé e do potro, quando os esbirros davam tréguas ao martirio. A humilhação e as privações das que eram infelizes sem serem infames como que lhe refrigeravam o espirito. Os seus caprichos eram lei. A' menor desobediência, a vingança descia pronta; o feroz António Pires distribuía com mão larga os maus tratos e as injúrias, impedia a entrada dos alimentos, e inventava quantas oppressões lhe sugeria o seu ânimo danado. Se acreditarmos as memórias dos cristãos-novos, estes factos eram públicos no Pôrto. Não podia, portanto, o bispo ignorá-los. E D. Fr. Baltazar Limpo, esse homem, que, poucos anos depois, trovejava no Vaticano contra a imensa corrupção de Roma; que fazia curvar a fronte do Pontífice diante das ameaças proferidas por elle em nome de Deus, tolerava os dramas repugnantes que se passaram nos calabouços da Inquisição, como se fôsem uma obra pia e digna de louvor. Exemplo tremendo dos precipícios a que podem arrastar-nos as três piores paixões humanas; o fanatismo, a vingança e o orgulho insensato.

OBRA DO RESGATE

Milah — No dia 6 de Novembro de 1938 (12 de Hechvan de 5699), foi recebido na Aliança de Abraham o marano Guilhermino da Silva Ranito, de 19 anos de idade, natural da Covilhã; recebeu o nome de Samuel.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH) || COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim Rua da Fábrica, 80
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO PÓRTO

O MESTRE DE AVIZ E OS JUDEUS

*Das Memórias para a história de Portugal que compreendem
o governo del Rei D. João o 1.º, por Joseph Soares da Sylva.*

VOL. I, CAPÍTULO XXVI.

Do mais que obrou o Povo naquele dia, e no seguinte.....
...; e foi, que ajustaram (os sublevados) entre si, que para o Mestre se sustentar na dignidade em que o constituíam, lhe era necessário não só gente, mas dinheiro, e que o meio mais pronto de poder havê-lo, era roubarem logo todos os judeus, que havia na cidade, e moravam os mais deles na rua, que a seu respeito se chamava da Judiaria, aonde entre tantos havia dois de grandes cabedais, que eram D. Judas, o qual foi Tesoureiro-Mor de El-Rei D. Fernando, e D. David, que fôra seu privado.

Tomada esta resolução, se foi passando palavra, e ajuntando a tôda a pressa gente, para se pôr por obra; porém como era de muitos, não poder ser com tanto segredo, que antes de executada não tivessem os judeus notícia dela; e recorrendo logo ao remédio, que julgaram mais eficaz, não trataram da Rainha e só buscaram ao Mestre, pedindo-lhe instantemente lhes valesse, e acudisse em tão urgente perigo. O Mestre se escusou, dizendo, *que aquillo lhe não tocava, que pedissem à Rainha os socorresse, e segurasse, pois era a que como tal podia, e devia fazê-lo.* Porém elles de tal modo repetiram as instâncias, que compadecidos deles os Condes de Arraiolos, e de Barcelos, que se achavam presentes, intercederam com o Mestre, para que os livrasse, e com efeito montaram todos três a cavallo, e foram para

aquêle lugar, aonde já estava muita parte do povo, esperando que se ajuntasse outro, para se executar aquêle seu desígnio. O Mestre então lhes disse:

— Que é isto, amigos, para que vos ajuntais outra vez? Aonde quereis ir, ou que intentais fazer?

— Senhor, disseram elles, estes traidores destes judeus, principalmente D. David e D. Judas, que são da parte da Rainha, têm grandes tesouros: queremos-lhos roubar, para vo-los dar a vós, a quem só queremos por nosso Rei, e Senhor.

— Amigos, lhes tornou o Mestre, não façais tal cousa, deixai isso por minha conta, que eu lhes darei o remédio conveniente.

— Pois, responderam elles, já que não quereis que os roubemos, iremos buscá-los aonde quer que estiverem, e tra-los-emos à vossa presença, para que descubram onde têm os tesouros, e vo-los entreguem.

Instou novamente o Mestre para os dissuadir de semelhante excesso, sem que fôsse possível reduzi-los, parecendo-lhes que naquela desobediência manifestavam melhor o seu affecto, e a sua fidelidade; até que vendo esta porfia os Condes, disseram ao Mestre, que o remédio, que só achavam para os fazer apartar daquelle sítio, era que dele saísse, porque certamente o seguiriam; como assim succedeu, indo com elle a maior parte do povo; e chegando o Mestre à Rua Nova, encontrou o Juiz do Crime da Cidade, que

então era Antão Vasques, ao qual disse, que fosse logo apregoando por toda ela da parte da Rainha, e debaixo de certa pena, que ninguém fizesse mal, nem ofendesse aos judeus; e ele lhe respondeu, que sim o faria, mas não da parte da Rainha, senão da sua; e por mais que o Mestre lhe rogou, e persuadiu, que tal não fizesse, ele sem embargo disso, todos os pregões, que deitou, foram em nome do Mestre. O povo ouvindo isto, e vendo um tal desinteresse, concebeu novos estímulos para o desejar por seu Rei, e assim iam dizendo todos uns para os outros:

— Que fazemos, que não levantamos este homem por nosso Rei?

Com estas, e outras semelhantes vozes o foram acompanhando até à Sé, aonde se apearam ele, e os Condes para ouvirem missa, e o povo se foi separando pouco a pouco, com que os judeus ficaram livres de tão próximo perigo.

*

Da mesma obra de José Soares da Silva.

A Rainha D. Leonor retirou de Lisboa para Alenquer acompanhada por muitos fiadigos, ministros, etc.

«Foram também com a Rainha D. David e D. Judas, os judeus que o povo queria roubar, os quais com medo, deste, e por continuarem no seu serviço, partiram na sua comitiva, e com algum disfarce, por não serem conhecidos.»

■

UM HOMEM SÓ, SEM FAMÍLIA, SEM FILHOS E SEM DEUS

Guilherme II, ex-Kaiser da Alemanha, declarou a um jornalista americano:

«Da nossa Alemanha... Adolf Hitler fez uma nação de histéricos, conduzida por um milhar de mentirosos e de fanáticos... É um homem só, sem família, sem filhos e sem Deus... Uma nação é criada pela família, uma religião, tradições. É feita do coração das mães, da sabedoria dos pais, da alegria e da exuberância dos filhos... Um alemão incorpora esta nação nele mesmo e não tem nem Deus, nem dinastia a conservar, nem passado a consultar.»

Esta declaração foi já reproduzida por todos os jornais de todos os continentes, excepto, é claro, a imprensa nazi.

UMA MOÇÃO DO CONSISTÓRIO ISRAELITA DE PARIS

O Consistório Israelita de Paris, reunido pela primeira vez em sessão aberta desde os recentes acontecimentos da Alemanha, sentese incapaz de retomar as suas deliberações sem ter expresso solenemente, em nome de toda a comunidade parisiense, a dor e a indignação que suscitam nela as perseguições ordenadas pelos actuais dirigentes do Reich.

A quasi totalidade das sinagogas foram incendiadas, os fiéis obrigados a profanar os Rolos sagrados, e mesmo como em Sarrebrück, obrigados a espalhar eles próprios o petróleo nos lugares do culto, os rabis conduzidos aos campos de concentração, as arrestações em massa, os assassinatos, as sevícias, a espoliação e a pilhagem, todas estas vergonhas ficarão marcadas com ferro vermelho sobre as espáduas dos criminaes.

Sem sinagogas, a oração não continuará nelas a elevar-se para o Soberano Senhor. Os rabis, mesmo na prisão, continuarão servidores da Lei. A alma dos mártires encontrará do lado de lá a eterna santificação.

Resta o dever humano. É assegurar o mais de-prensa possível as possibilidades de vida a todos os infelizes israelitas perseguidos, privados de meios de subsistência, por vezes até de alojamentos.

O Consistório de Paris tomou conhecimento dos esforços feitos na França para este fim. Fará tudo o que dele depende e usará de toda a sua influência para que esta acção de socorro seja plenamente eficaz.

■

INIMIGOS DA CIVILIZAÇÃO

Duff Cooper, na sua conferência aos Embaixadores, fez uma alusão às perseguições anti-judaicas na Alemanha.

Fê-lo duma maneira delicada e discreta, mas as suas palavras tiveram um profundo eco:

«Parece-me justo, disse ele, parece-me justo e necessário declarar que um regime que começa pelo auto de fé de livros, que continua pela abolição da liberdade do pensamento e da imprensa, que persegue a religião, procura exterminar pela crueldade uma raça antiga que deu ao mundo o cristianismo, é o inimigo da civilização.»

O ENSINO RELIGIOSO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 88)

II — Métodos de ensino religioso

(Continuação)

Além do método expositivo-interrogativo, a que acabamos de nos referir, um outro há que pode ser empregado com bons resultados: é o método *oriental*.

Este método permite ao preceptor, no caso, aliás pouco provável, de se encontrar num meio em que lhe faltem auxiliares, ensinar um elevado número de crianças, mesmo dos dois sexos.

Consiste êle em fazer repetir várias vezes, cadencialmente, em voz alta, por tôdas as crianças ao mesmo tempo, depois separadamente, por uma ou mais, e em seguida de novo por tôdas, etc., a lição, por partes, até que a saibam de cor.

O preceptor terá o cuidado de mandar sentar as crianças em bancos, distanciados suficientemente para que os dum banco não possam incomodar os do banco seguinte, ficando os meninos adiante das meninas. Deverá conservar-se na frente, sentado, ou, melhor ainda, de pé, firme, sem passear, dominando-os a todos com o olhar; e quando vir algum desatento, dirija-lhe imediatamente uma pergunta ou mande-o repetir o que se estava dizendo.

Para precisar os ensinamentos ministrados e gravá-los na memória das crianças, de grande utilidade será que no fim de cada lição o preceptor faça uma recapitulação do que nela foi explicado e que as crianças a repitam; e depois de cada série de lições impõe-se também uma recapitulação delas, distinguindo-se bem as suas diversas partes e a sua ordem lógica.

III — A educação religiosa

Não basta conseguir que as crianças fixem as lições ensinadas. Isto seria apenas illustração da intelligência. Ora o coração, o carácter e a consciência necessitam igualmente ser formados. A's verdades teóricas e às explicações é preciso juntar ainda as

normas de vida, as exortações ao cumprimento dos deveres, etc.

Devem, pois, os preceptores, ter sempre diante dos olhos esta grande verdade: que a sua missão não é só instruir mas também, e principalmente, educar; não é só ensinar as verdades da fé e os preceitos divinos, mas sobretudo conseguir que os educandos, crendo, se tornem verdadeiramente homens de bem e bons israelitas. E' preciso, segundo Dupanloup, «guiar-lhes o carácter, corrigir-lhes os defeitos, fortalecer-lhes a vontade, iluminar-lhes e rectificar-lhes a consciência, ennobrecer-lhes os sentimentos; é preciso, enfim, elevar por completo a sua alma a Deus».

A obra dos preceptores só ficará completa tratando êles de formar as crianças para a vida israelita, para a piedade e para a virtude.

E' portanto, necessário aproveitar tôdas as ocasiões de inspirar às crianças o santo temor de Deus, o horror do pecado, o amor da oração, o desejo de frequentar a sinagoga e o porte respeitoso e devoto dentro da mesma, bem como a obediência aos superiores, a applicação ao trabalho, etc.

Além de instruir e educar, deve o ensino visar ainda a santificação — cujo principal meio reside na oração.

Necessitam, portanto, os preceptores, de ensinar as crianças a fazer as suas orações atenta e devotamente, e dum modo particular a assistir à que é feita pelo Oficiante na Sinagoga. Além disso farão por despertar nelas o desejo de purificarem a sua consciência tôdas as vezes que ela se sinta culpada; e deverão ensinar-lhes a fazer o exame de consciência, a excitar em si a dor dos pecados cometidos e a confessá-los a Deus, especialmente em *Iom Kipur* (Dia de grande Perdão).

Nunca os preceptores poderão contar com a perseverança dos educandos se não lhes formarem na alma a consciência moral, o carácter, o amor do dever e a nobre aspiração de o cumprir com fidelidade e em tôdas as circunstâncias, pondo inteiramente de lado os respeitos humanos.

Cantos Sionistas de CAMÕES

SONETOS

*De Babel sôbre os rios nos sentamos,
De nossa doce pátria desterrados,
As mãos na face, os olhos derribados,
Com saúdades de Ti, Sião, choramos.*

*Os órgdos nos salgueiros penduramos,
Em outro tempo bem de nós tocados;
Outro era êle, por certo, outros cuidados;
Mas por deixar saúdades os deixamos.*

*Aquêles que cativos nos traziam
Por cantigas alegres preguntavam:
Cantai (nos dizem) hinos de Sião.*

*Sôbre tal pena, pena tal nos dão,
Pois tiránicamente pretendiam
Que cantassem aquêles que choravam.*



*Sôbre os rios do Reino escuro, quando
Tristes, quais nossas culpas o ordenaram,
Lágrimas nossos olhos derramaram
Por Ti, Sião divina, suspirando,*

*Os que iam nossas almas infestando,
De contínuo em error, as cativaram;
E em vão por nossos Salmos preguntaram;
Que tudo era silêncio miserando.*

*Dizendo estamos: Como cantaremos
As accetas canções a Deus benino,
Quando a contrários seus obedecemos?*

*Mas já, Senhor só Santo, determino
Deixando viciosísimos extremos,
Os cantos prosseguir de Amor Divino.*



*Na ribeira do Eufrates assentado,
Discorrendo me achei pela memória
Aquêlle breve bem, aquela glória,
Que em Ti, doce Sião, tinha passado.*

*Da causa de meus males preguntado
Me foi:— Como não cantas a história
De teu passado bem, e da vitória
Que sempre de teu mal hás alcançado?*

*Não sabes, que a quem canta se lhe esquece
O mal, inda que grave e rigoroso?
Canta pois, e não chores dessa sorte.*

*Respondi com suspiros: quando cresce
A multa saúdade, o piedoso
Remédio é não cantar, sendo a morte.*

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Le Comunità Ebraiche della Libia». — Tipografia «La Poligrafica» — Firenze (Itália) — interessante estudo histórico das principais famílias desta comunidade por Gabriele V. Raccab.

«Lunario Ebraico Libico». — Slá Cbira 3 — Tripoli — o seu autor Sr. Gabriele V. Raccab apresenta-nos em ordem cronológica de dias e meses, factos históricos de interesse para a Comunidade Israelita da Líbia.

«Contemporary Jewish Record». — Revista publicada pelo American Jewish Committee — 461 — Fourth Avenue, New-York, N. Y.

E' um *magazine* de artigos firmados por escritores de autoridade sôbre os acontecimentos e problemas relativos à vida judaica e também sôbre diversos assuntos de carácter social democrático do mundo de hoje.



ENSINO ELEMENTAR E DOMÉSTICO

Questionário de rudimentos de judaísmo

(Continuado do número anterior)

— Quais são os nomes dos officiantes, dos ajudantes, da arca dos livros sagrados, do local onde estão os officiantes, do local donde as mulheres assistem ao culto?

— Quais são as principais berakhoth (Bênçãos) que conhece, pronunciando-as em hebraico e português?

— O que é o Kidush?

— O que é a Habdalah?

— O que é o Seder?

— O que é a Hagadah?

— Como é o calendário hebraico?

— Quantos anos novos tem o ano hebraico?

— Como se passa da era hebraica para a vulgar e vice-versa?

— Quando começam e findam os dias segundo o uso israelita e porque se usa assim?

— Que é Bar-Miçvah e qual a sua importância?

— Quais são os deveres para com Deus, para consigo próprio, para com a sua família, para com a sua nação e para com o próximo?

Questionário de História

A CRIAÇÃO

- Quem criou o céu e a terra?
- Quantos são os dias da criação?
- Descreva a obra feita nos seis primeiros dias?
- Estes dias são da mesma duração dos que usamos?
- Como foi criado o primeiro homem?
- Em que Adão foi criado à semelhança de Deus?
- Como foi criada a primeira mulher?
- Qual a significação da maneira como foi criada?
- Qual a origem do sábado?
- Para que foi criado esse dia?
- Tinha Deus necessidade de repouso?
- Quem criou os anjos?
- Para que os criou?
- O que era o jardim do Eden?
- Qual foi a prova a que foram sujeitos Adão e Eva?
- Qual a significação da desobediência de Adão e Eva?
- Qual foi a punição recebida por eles?
- Quais foram os primeiros filhos de Adão e Eva?
- Qual foi o crime de Caim, qual o seu motivo e qual foi a sua punição?
- Adão e Eva tiveram mais filhos?

NOAH

- Porque ordenou Deus o dilúvio?
- Porque resolveu Deus poupar Noah e os seus?
- Como se salvou Noah do dilúvio?
- Que meteu Noah dentro da arca?
- Como findou o dilúvio e como o conheceu Noah?
- Que fez Noah quando saíu da arca?
- Qual a significação do arco da velha aliança?
- Quais eram os filhos de Noah?
- Qual o seu procedimento para com seu pai, quando da colheita dos frutos?
- Porque motivo foi construída a torre de Babel?
- Qual a punição deste acto?

OS PATRIARCAS

- O que é a idolatria?
- Onde vivia Abraham?

— Eram os pais e parentes de Abraham idólatras?

— Como chegou Abraham ao conhecimento do Deus Verdadeiro?

— Porque saíu Abraham da Caldeia?

— Para onde se dirigiu Abraham?

— Como começou a nação hebraica?

— Qual foi a causa da separação de Abraham e Loth?

— Qual a origem do nome Hebreu e da Terra Prometida?

— Que aconteceu a Loth depois da separação?

— Depois da vitória de Abraham, quem veio ao seu encontro para o abençoar?

— Como foi a destruição de Sodoma e Gomorra?

— Qual foi a origem dos Moabitas e Amonitas?

— Narre a história de Agar e Ismael.

— Qual foi o sinal da aliança de Deus com Abraham?

— Como foi o sacrifício de Isaac e porque motivo?

— Onde era o monte Moriah?

— Que fez Abraham depois da morte de Sarah?

— Como desempenhou Eliezer a sua missão quando foi procurar Ribkah?

— Como Isaac recebeu Ribkah?

— Como nasceram Esav e Jacob?

— Porque era que Isaac amava mais Esaú?

— Como foi que Esav vendeu o seu direito de primogenitura?

— Quais eram as vantagens desse direito?

— De que maneira conseguiu Jacob receber a bênção paterna?

— Onde foi refugiar-se Jacob fugindo à cólera de Esav?

— Que sonho misterioso teve Jacob na sua viagem?

— Como foi recebido Jacob em casa de Laban?

— Com quem casou Jacob?

— Porque voltou Jacob para a Terra Prometida?

— Como foi a luta de Jacob com um anjo e que nome recebeu?

— Como foi a reconciliação de Jacob e Esav?

— Quais foram os filhos de Jacob?

(Continua).

A expedição portuguesa às Canárias em 1440

Em 1440 efectuou-se uma expedição portuguesa às Canárias, sob as ordens de D. Fernando de Castro. As despesas orçaram por 710.000 reais brancos, obtidos por meio de quatro empréstimos das comunas judaicas de Evora, Lisboa, Leiria, Santarém, Alenquer, Coimbra, Setúbal, Lamego, Portalegre, Estremoz, Algarve, Beja, Abrantes, Viseu e Pôrto.

Por este facto se demonstra quanto os judeus portugueses contribuíam com o seu auxilio pecuniário para os progressos das nossas emprêsas marítimas. O seguinte documento prova a nossa afirmação:

CARTA DE QUITAÇÃO A JOÃO CARREIRO

2 DE ABRIL DE 1441

Dom Afonso, etc. — a quantos esta carta virem fazemos saber que nos mandamos tomar conta e Recadação por Alvaro Anes nosso contador em os nossos almoxarifados de Alenquer e Sintra e Vila Franca a João Carreiro morador em a nossa mui nobre e mui leal cidade de Lisboa e criado (sic) Infante dom Pedro meu sobre todos presado e amado tio de todo aquele que el por nosso mandado recebeu e dispendeu em o ano do nascimento do nosso senhor Jesus Cristo de mil iiij^o R em a armada em que foi dom Fernando de Castro governador que foi da casa do Infante dom Henrique meu muito presado e amado tio e em outras despesas que fez por nosso mandado o qual João Carreiro se mostrou ter recebido este que se segue: primeiramente recebeu cinquenta mil reais brancos de Pero Lopes da agua recebedor da nossa sisa do pescado e madeira da dita cidade do que ela rendeu o dito ano.

Item recebeu cento e cinquenta mil reais brancos da comuna dos Judeus da nossa cidade de Evora que dela havemos por emprestado.

Item recebeu cento e cinquenta mil reais brancos da comuna dos Judeus da dita cidade de Lisboa do dito emprestado.

Item recebeu vinte mil reais brancos da comuna dos Judeus de Leiria do dito emprestado.

Item recebeu trinta e seis mil reais brancos das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Santarem do dito emprestado.

Item recebeu vinte e quatro mil reais das comunas dos Judeus dos almoxarifados da cabeça de Alenquer do dito emprestado.

Item recebeu vinte mil reais das comunas dos Judeus do almoxarifado de Coimbra do dito emprestado.

Item recebeu vinte e quatro mil reais das comunas dos Judeus do almoxarifado de Setubal do dito emprestado.

Item recebeu dezanove mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Lamego.

Item recebeu dezassete mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Portalegre.

Item recebeu quarenta e oito mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Estremoz.

Item recebeu trinta e tres mil reais das comunas dos Judeus dos nossos almoxarifados do reino do Algarve.

Item recebeu cinquenta e seis mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Beja.

Item recebeu sete mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Abrantes.

Item recebeu seis mil reais das comunas dos Judeus do nosso almoxarifado de Vizeu.

Item recebeu cinquenta mil reais das comunas dos Judeus da comarca dentre Douro e Minho e da nossa cidade do Porto os quais dinheiros havemos das ditas comunas por emprestado.

E mandamos a cada uma comuna depois fazer pagamento dos que nos assim emprestaram por aquilo que nos pagaram dos quatro pedimos que deles havemos de nos fazerem serviço.

E assim amonta em todos os dinheiros que o dito João Carreiro por nós recebeu pelas partes suso escriptas setecentos e dez mil reais brancos.

E alem dos ditos dinheiros recebeu mais o dito João Carreiro estas cousas adiante escriptas as quais ele comprou por nosso mandado, a saber:

de seu tres arroubas e de estrens desparto novos um e de cordas de linho canave para brocis dez braças e de arpoeiros uma de

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Holanda — A Federação Neerlandesa dos Jornalistas, reunida em assembleia geral, considerando a emoção da população assim como a sua boa vontade, adoptou por unanimidade uma resolução, na qual faz apêlo ao Governo e especialmente ao Ministro da Justiça, para que seja mostrada a maior generosidade no acolhimento das vítimas das perseguições judaicas; em primeiro lugar, as crianças e os vèlhos que se apresentam nas fronteiras.

Inglaterra (Londres) — Um comité especial de israelitas inglêses, presidido por Lord Samuel, entrou em negociações com o Governo britânico, a fim de organizar a emigração para a Inglaterra e a educação dos milhares de crianças judias alemãs que vão ser albergadas e criadas na Grã-Bretanha.

Os membros dèste comité estão também em negociações com autoridades diversas dirigentes do ensino na Grã-Bretanha, sobretudo com o London County Council.

Noruega — Um milhar de estudantes noruegueses reuniram-se em Oslo a 24 de Novembro e resolveram pedir aos estudantes do mundo inteiro para combater o movimento de ódio racial e de intolerância. Uma comunicação foi dirigida ao Governo norueguês para pedir a admissão na Noruega dum certo número de refugiados judeus.

Chili — Dizem-nos de Santiago-do-Chili que setenta-e-cinco parlamentares, pertencendo a várias organizações políticas, dirigiram ao chanceler Hitler, em nome da civilização, uma mensagem, protestando contra as perseguições de que são objecto os judeus e pedindo que elas acabem e que sejam restabelecidos para elles os direitos à vida e à justiça.

trinta braças e de fio de palombar um novelo e de vidrais um e de croques um e de polens de pano trez e de pontões doze e de rolo de pano um grande e de toneis de carvão de pedra trez e de esteiras de junco xviii e de corda de linho canhamo quarenta braças que passou (sic) um quintal e meio e de tachas para pregar solhos cem milheiros. O qual João Carreiro se mostrou por verdadeira conta que assim deu dispender por nosso mandado todos os ditos seicentos e dez mil reais brancos que recebeu e todas as outras coisas que recebeu por compra que não ficou dele nenhuma coisa por dispender em soldo e graças e resguardo do soldo que mandamos dar ao dito dom Fernando e dom Alvaro seu filho e João de Ataíde e Martim de Tavora e outros cavaleiros e escudeiros que foram com ele por assim e seus homens de armas e besteiros e homens de pé e em fretes de naus e em outras coisas necessarias á dita armada. E em algumas outras despesas que não pertencia a ele as quais despesas por nós foram vistas, e porque achamos serem tais como deviam as aprovemos e houvemos por boas e porque eram muitas e por desviadas coisas e partes não se puseram em esta quitação por o mendo por que seria mui longa escritura, por que o sobre dito João

Carreiro que nos deu assim boa conta de todo o que recebeu por nosso mandado com paga e entrega sem dele falecer cousa alguma. Porem lhe mandamos dar esta nossa quitação por sua guarda e de seus bens herdeiros e sucessores para nunca em nenhum tempo por isto serem demandados para dele haverem de dar recado alem do que já tem dado. E mais damos aos veedores da nossa fazenda e contadores e a outros quaisquer e que este pertencer por qualquer guisa que seja que não costranjam nem mandem costranger o dito João Carreiro e seus herdeiros que hajam de vir perante eles a mais dar conta disto por que nós os damos por quites e livres deste dia para todo o sempre e se lhe alguns quizerem ir contra este nosso (mandado) mandamos ás nossas justiças que lho não consintam e lhe comprem e guardem e façam cumprir e guardar esta nossa carta compridamente em todo sem algum outro embargo que sobre ele ponham onde não façandes nada sem a dita cidade de Lisboa dous dias de Abril por autoridade do senhor Infante dom Pedro etc. Alvaro Anes o fez no ano de iiij^o Rj — (Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso V, L.^o 2, fl. 102).

Apud Arquivo Histórico, de Braancamp Freire.

Mestre Guedelha nas aclamações de D. Duarte e de D. Afonso V

Rui de Pina, na sua *Crónica de El-Rei D. Duarte*, diz:

«Ao outro dia, depois do falecimento de El-Rei, que eram quinze dias de Agosto, o Infante D. Duarte, depois de haver com os Infantes seus irmãos conselho e deliberação sobre a maneira que ao diante havia de ter, como príncipe mui católico e prudente, falou ante-manhã com seu confessor aquelas culpas de que sentiu sua consciência gravada, e tomou o Santo Sacramento, para com a limpeza da alma que devia, tomar o ceptro real, que já o esperava; e estando-se para isso vestindo de ricos panos e reais, como para tal dignidade e ao auto seguinte convinha, chegou a êle Mestre Guedelha, judeu, seu físico e grande astrólogo, e lhe disse:

— Parece-me, senhor, que vos aparelhais para logo entrardes na real sucessão que vos por direito pertence, peço-vos por mercê, que êste auto dilateis até passar o meio-dia, e nisso prazedo a Deus fareis vosso proveito, e será bem de vosso reino, porque estas horas em que fazeis fundamento ser novamente obedecido, mostram ser mui perigosas, e de mui triste constelação, cá Júpiter está retrógrado, e o sol em decaimento com outros sinais que no céu parecem assaz infelizes.

O Infante lhe respondeu:

— Bem sei, Mestre Guedelha, que do grande amor que me tendes vos nascem êsses cuidados de meu Estado e serviço, e eu não duvido que a astronomia seja boa, e uma das ciências entre as outras permitidas e aprovadas, e que os corpos inferiores são sujeitos aos sobreceletes; porém, o que principalmente creio, é ser Deus, sobretudo e que com sua mão e ordenança são tôdas as cousas; e, portanto, êste cargo que eu com sua graça espero tomar, seu é, e em seu nome, e com esperança de sua ajuda o tomo, a Ele só me encomendo, e à Bemaventurada Virgem Maria Sua Madre Nossa Senhora, cujo dia hoje é, e com muita devoção e devida humildade peço a Deus que me ensine, favoreça e ajude a governar êste seu povo, que me quer ora encomendar, como sentir que seja mais seu serviço.

E Mestre Guedelha tornou dizendo:

— Senhor, a Ele praza que assim seja;

como quer que não era grande inconveniente sobreserdes nisso um pouco para tudo se fazer pròsperamente, e como devia.

E o Infante lhe respondeu:

— Não farei, pois, não devo, ao menos por não parecer que mingua em mim a esperança de firmeza que em Deus, e sua fé devo ter.

E logo Mestre Guedelha afirmou que reinaria poucos anos, e êsses seriam de grandes fadigas e trabalhos, como foram, segundo ao diante se dirá.

Descrevendo a cerimónia da aclamação do Rei D. Afonso V, o cronista Rui de Pina diz:

«O Príncipe D. Afonso, pôsto em vestiduras reais, e bem acompanhado de todos, saíu fora ao assentamento, onde, pelo Infante D. Pedro, com grande reverença e muito acatamento, foi pôsto na cadeira real.

E enquanto um Mestre Guedelha, singular físico e astrólogo, por mandado do Infante regulava, segundo as influências e cursos dos planetas, a melhor hora e ponto em que se poderia dar aquela obediência:

E em dizendo Mestre Guedelha, que era boa hora para fazer sua obediência, o Infante com os giolhos em terra, tomou as mãos ao Príncipe, e em lhas beijando, disse:

HANUCAH

A Comunidade Israelita do Pôrto, festejou duplamente o dia 18 de Dezembro. Fé-lo com suficiente razão, pois esta data comemorou o primeiro dia da solenidade de Hanucah (Festa das Luzes) e o aniversário do seu Presidente e nosso prezado Director Sr. Capitão Barros Basto. Em homenagem a este ofereceu a Comissão Directiva do Grupo Sionista Judah Halevi um *Copo-d'água*, que decorreu no meio de grande animação.

**ÊSTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA**

Tudo se ilumina
para aquêta que
busca a luz.

BEN-ROSH

תלפיד

... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

A entrada solene do Bispo D. Frei Baltazar Limpo, no Pôrto

Aos 24 dias do mês de Maio de 15 e 37 anos entrou o Bispo D. Baltazar nesta cidade da maneira seguinte:

«Primeiramente a cidade lhe mandou fazer um batel com seu toldo e bandeiras que lhe mandou oferecer em que veio desembarcar na areia de Miragaia. Dali se veio à Igreja de S. Pedro onde estavam o Colégio da Sé, Ordens de S. Francisco e S. Domingos. Os vereadores o esperaram à porta principal da dita Igreja com suas varas na mão, porque assim foi acordado por eles e muitos cidadãos que para o caso se ajuntaram em S. Francisco, porque havia de sair em Procissão Solene e a dita porta lhe falaram. A saber, foi debaixo do arco da dita porta o Bispo se foi direito ao altar-mor onde tinha o seu assento em que se não assentou somente fez sua oração e feita se vestiu logo no Pontifical e tomou a relíquia. O Pálio tomaram seis Beneficiados que o trouxeram e assim veio em sua Procissão Solene até à Sé.»

Declaro que antes da entrada e vinda do Bispo, o Cabido cometeu aos Vereadores se queriam trazer o Pálio acordaram com o concelho dos cidadãos que o não trouxessem ou quanto não declaravam se havia de trazer Relíquia nem se sabia antes se dizia que havia de vir diante dele e em êle sem ela havia de vir debaixo do Pálio e por isso o Cabido ordenou que o trouxessem os Beneficiados e em S. Pedro quando se viu que o Bispo tomava a relíquia a cidade o quisera mandar trazer e porque já os clérigos tinham as varas na mão não se fez mudança. Esta

pequena memória quis eu escrivão aqui pôr para o diante, por quanto os Vereadores na entrada dêste Bispo quiseram saber o modo que se teve na entrada do Bispo que ora é de *liom* que foi dante dêste desta cidade e nunca se pode saber nem os oficiais que então eram poderam disso dar conta, nem tinham disso lembrança, nem outra pessoa alguma pôsto que se fez diligência para se saber.

Do Livro de Vereações de 1519 a
1538 (fôlhas 2 do ano 1537) do
Arquivo Municipal do Pôrto.

PORTO — Fonte Vital do Resgate

UMA PROFECIA

• Daquí donde houve nome
O vêlho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Presago vejo
Na geração crescente ir despontando.
As feições renovadas
Com que a antiga família portuguesa
Se distinguiu outrora. O brío, a honra,
Os são costumes, puro amor da Pátria
A singela franqueza,
A nobre independência de outras eras.
Ressurgirão daqui. »

Assim vaticinou Almeida Garrett, referindo-se à laboriosa, leal e sempre Invicta Capital do Norte de Portugal.

Carta do Bispo e Inquisidor do Pôrto a El-Rei D. João III

«SENHOR: — O Provisor de Braga e Gomes Afonso Prior da Igreja colegiada de Guimarães, vieram a esta cidade estar aos despachos finais de muitos feitos da Santa Inquisição como Vossa Alteza mandou de que eu recebi muita consolação porque com elles, e com as pessoas que lá estavam se julgaram muitos feitos como Deus a elles e a mim inspirou é certo que me descarregaram mui bem a consciência, e me parece cousa mui necessária nas cidades em que há de haver, e assentar-se Inquisição haver pessoas deputadas e idôneas em letras e virtude para se juntarem com os Inquisidores aos despachos finais, contra dúvidas entre locutórias de que as partes apelam, que não importam nada às-vêzes, e sòmente as querem para as apelações irem à Côrte, e nisso se consumir o tempo, se disto não fôra já muitos foram despachados há dias, e supor também que ainda o não podem ser agora, e todavia dos que se prenderam até agora são despachados muitos com penitências leves, e alguns poucos ausolutos, e ao presente estão sentenciados para irem ao cadafalso perto de quarenta pessoas presas deles julgados a morte, que pedem reconciliações, e deles a cárcere perpétuo com sambenitos, e deles a cárceres temporais, e agora estamos assentando os que serão admittidos a reconciliação porque a pedem, e os que também o não devam e além destes presentes julgados haverá perto de vinte ausentes que julgados que se remetem à cúria secular, assim que me parece que irão ao cadafalso entre presentes e ausentes perto de sessenta, e o Provisor se há de partir agora para Braga por serem acabadas as fêrias, e ser lá necessário, e eu roguei ao Prior, que ficasse aqui ainda alguns dias, e elle o fêz, e beijarei as mãos de Vossa Alteza, por lhe escrever agradecimentos de quem bem feito o tem ambos neste caso por serviço de Deus e seu, e também me parece que não deve de abrir mão do Prior de Guimarães porque o acho virtuoso e letrado e idóneo para este caso, e não tão occupado como o Provisor de Braga que também me parece muito letrado, e homem de bem e o Prior me parecia mui conveniente para a visitação do arcebispado na cleresia se elle o quere aproveitar e cumpre ser logo em se acabando este auto, o qual já se não começa

de ordenar o cadafalso por Vossa Alteza não mandar provisão para o Corregedor o qual deve logo demandar para se começar o cadafalso e se fazerem outros aparelhos. Cá é fama que Vossa Alteza chega a Coimbra e ou aí, ou Almeirim se daí não houver de passar adiante poderá ser, que lhe irei beijar a mão para lhe dar conta do que me parece acêrca da Inquisição de Braga para se bem poder fazer, se de algumas outras cousas, que são serviço de Vossa Alteza...»

A seguir pede ao rei que não consinta que o Núncio, conforme constava, cerceie as acções da Inquisição, a seguir queixa-se da gente do Pôrto de quem diz que *como aqui não podem viver fidalgos, cada um deles o é dizendo que eles não achão em mim deixar de castigar os herejes por sua culpa nem lhe quero dar confiança a leigos, pesa moralmente com a Inquisição, porque os mais dos homens desta terra tratam por via dos cristãos novos a quem tem dado dinheiro, e como nestas terras não sabem quão delicada é a justiça da Inquisição.* Elle D. Baltazar tem-se sacrificado muito no desempenho dos cargos de Bispo e de Inquisidor e espraia-se em queixas numerosas contra a Câmara e autoridades seculares e camarárias de quem entre muitas cousas que enchem seis grandes páginas diz *me mandaram um recado por três homens, muito descortez, o qual me foi dado na mesa da Inquisição perante todos os Deputados, a saber o Provisor de Braga, e o Prior de Guimarães e Jorge Roiz e o Dr. João do Avelar, e o meu Vigário e um Bacharel meu, e o recado dizia «Dizem o Juiz e vereadores que mandeis tirar a recadação da Portagem, e arca em que se lança porque o povo está mui alvoraçado, e se não que elles usarão de seu remédio», do que as pessoas que comigo estavam, ficaram espantadas.*

Termina a carta pela notificação que faz dumas excomunhões com que agraciou alguns funcionários camarários *por me impedirem a arrecadação de minhas rendas* a que julga ter direito por um foral que cita. A carta finda por *«Beijo as mãos de Vossa Alteza, cuja leal vida e estado Deus guarde. Do Pôrto a 20 de Outubro de 1542.*

O BISPO DO PÔRTO.

(Da col. Moreira já citada).

O AUTO-DE-FÉ NO PORTO A 11 DE FEVEREIRO DE 1543

(Segundo o testemunho do Corregedor
Dr. Francisco Toscano).

CARTA DIRIGIDA A EL-REI D. JOÃO III

SENHOR:— V. Alteza me escreveu que o Bispo desta cidade tinha despachado alguns feitos dos cristãos novos que se prenderam pela Inquisição, que se haviam de remeter à cúria secular, e que eu os despachasse pelos processos, que de seus casos eram ordenados como fôsse direito, sem apelação, nem agravo.

Esta provisão veio com outras do Bispo, o qual logo fez ordenar tudo o que era necessário e mandou fazer em um campo desta cidade, donde estava a porta do Sol três cadafalsos pela ordenança dos de Lisboa e a 11 d'este mês de Fevereiro se fez o auto, em que houve 84 penitentes, a saber; 4 que padeceram, 21 que se queimaram em estátuas, 15 de cárcere perpétuo com sambenitos, 43 penitenciados a cárcere temporal de um até dez anos e duas testemunhas falsas; as heresias d'estes (segundo as sentenças delatavam) foram muitas e graves, e valeu aos de cárcere perpétuo, que pediram mesa, com muita contrição. O auto foi bem feito e sossegado com boa ordem que nêle houve, pôs grande espanto à gente desta terra, que nunca outro tal viram. Estimou-se a gente que a êle veio assim desta terra como de fora em 30.000 pessoas, e parece que esta justiça foi feita por vontade de Deus, e que chovendo os dias dantes de muita água e vento, o dia do auto súbitamente se tornou mui sereno e claro, durou o auto com a queima até às 5 da tarde; nesta terra houve muito proveito, e fruto assim no espirital, como temporal depois que a Santa Inquisição se nela; o Bispo que o fez bem, e com muita diligência e porque se diz que êle se quere escusar, porque certo, êle e os officiais que aqui tem são de esta arte para êste Santo Offício, porque de cem pessoas que tiram despachados nunca se pode saber de seus despachos senão depois de publicadas as sentenças.

(A seguir refere-se a obras que são necessárias em uns conventos).

A carta é datada (do Porto a 15 de Fevereiro de 543).

(a) *Francisco Toscano.*

(Copiada da colecção de listas impressas e ma-

AS VÍTIMAS DO AUTO-DE-FÉ DO PORTO

Auto Público da Fé (único de que temos notícia) celebrado no Campo, junto à Porta-do-Sol, da cidade do Porto, em 11 de Fevereiro de 1543.

Sendo inquisidor da Inquisição do Porto, D. Fr. Baltazar Limpo, Carmelita, Bispo da mesma cidade, e depois Arcebispo de Braga.

Armaram-se para êste auto três cadafalsos, à semelhança de Lisboa. Fêz-se tudo com muito sossego e boa ordem. Acabou-se pelas 5 da tarde.

A gente que concorreu a ver esta festa calculou-se em mais de cinqüenta mil pessoas.

Saíram no auto 42 homens e 43 mulheres, dentre os quais foram:

Relaxados em carne:— Três homens e uma mulher.

Relaxados em Estátua:— Dezasseis homens e cinco mulheres.

Penitenciados:— Saíram 15 de sambenito e cárcere perpétuo; saíram 43 condenados a cárcere de 1 até 10 anos; saíram 2 por testemunhas falsas.

Uma das mulheres processadas neste auto, chamava-se Guiomar Rodrigues, X. N.

Em Lamego também por êste tempo houve inquisição, de que era inquisidor o seu Bispo D. Agostinho Ribeiro, mas do que por ela se fez nada sabemos.

(Da colecção *Moreira*, já citada).

Uma das vítimas d'este auto de fé, foi Gabriel Alvares, condenado porque sendo judeu, e tendo-se tornado X. N. (cristão novo) depois do baptismo *usou de práticas e ritos judaicos*, e em sua casa em Matozinhos fazer esnoga, onde recebia muitos cristãos novos da cidade do Porto.

Processo 10.262 (secção da Inquisição de Coimbra). Promotor o Dr. João do Avelar — data do processo 1541.

(Arquivo Nacional da Torre do Tombo).

nuscritas dos Autos-de-Fé, públicos e particulares, celebrados pela Inquisição de Coimbra, corrigida e anotada por António Joaquim Moreira, Lisboa).

(Vol. 865 da Secção 1.863 dos reservados da Biblioteca Nacional de Lisboa).

ONDE FUNCIONAVA A INQUIÇÃO NO PORTO DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Cópia do Decreto de El-Rei D. João III, por que mandou pagar as casas que foram tomadas para se fazer o cárcere da Inquisição na cidade do Porto.

«Almoxarife ou recebedor do Almoxarifado do Porto. Mando-vos que do dinheiro com que sois obrigado a acudir este ano por este de 1546 a Bastião de Morais, Recebedor dos dinheiros do Reino para meus assentamentos deis e paguéis aos herdeiros de Fernão de Aranha e de Catarina de Seixas, sua mulher, defuntos e moradores que foram na dita cidade cinquenta mil réis por outros tantos em que foram avaliadas as casas conteúdas na certidão atrás escrita do Licenciado João de Valadares, Juiz de Jura dos órfãos, da dita cidade, as quais casas lhe foram tomadas para se fazer nelas o cárcere da Santa Inquisição, que nelas está feito e hei por bem de lhas mandar pagar por minha fazenda, os quais cinquenta mil réis vós dareis entregues ao dito Juiz dos órfãos para os fazer dar e repartir pelos herdeiros dos ditos defuntos a quem directamente pertencem e por este conhecer ao mesmo do Dr. Juiz feito pelo Escrivão dando eles a certidão do meu contador dessa contadoria em que declare que foram as ditas casas e chãos delas assentadas no L.^o de meus próprios dela com declaração que os mandei pagar para o cárcere da Inquisição e que foram os ditos cinquenta mil réis pagos no dito Bastião de Morais por vós mando ao dito Bastião de Morais que vo-los tome em conta e pagamento do dinheiro que lhe assim sois obrigado entregar e aos contadores que o levem em despesa ao dito Bastião de Morais. Manuel da Costa o fêz em Santarém a 26 de Julho de 1546. E este não passará pela chancelaria.»

Consta da certidão de que se faz menção neste decreto serem estas casas em que se fêz o cárcere da Inquisição sitas na rua Escura da cidade do Porto e foreiras à Sé e ao Convento de S. Domingos da dita cidade e que foram lançados no Inventário que se fêz por morte dos possuidores em 11 de Novembro de 1541.

(A fôlhas 41 do volume 164.^o dos manuscritos do Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa «secção dos reservados».)

Inglaterra — 236 crianças judias refugiadas da Alemanha chegaram a Harwich. Foram conduzidas para o campo de Dovercourt, especialmente preparado para receber as crianças. O número de crianças acolhidas na Inglaterra eleva-se a 1.800. 600 de entre elas foram adoptadas por famílias inglesas.

Holanda — Por decreto real, o Dr. Lewis Edward Vissev foi nomeado Presidente da Alta-Côrte dos Países-Baixos.

O Dr. Vissev, que se interessa muito pela obra sionista, é o Presidente do Keren Hayesod Holandês.

Estados- Unidos — Segundo o «Svenska Dagbladet», um grupo de financeiros judeus suecos, polacos e americanos, tratarão da criação dum Banco nos Estados- Unidos, com o fim de facilitar a emigração e o estabelecimento dos refugiados judeus da Alemanha e da Polónia.

O banqueiro sueco bem conhecido, Sr. Olaf Aschberg, partiu para Paris onde fará negociações com os melhores financeiros. Dirigir-se-á em seguida aos Estados- Unidos. Os autores deste projecto esperam poder interessar nêle os governos de alguns países.

Palestina — A Associação «Os Filhos de Sião» decidiu oferecer aos refugiados da Alemanha um terreno no valor de 100.000 dólares para lhe permitir criar uma colónia agrícola.

U. R. S. S. — O recenseamento da população da U. R. S. S. começou a 17 de Janeiro.

Nenhuma pergunta sobre a religião, raça, origem social figura no questionário; pedem-se somente indicações sobre a nacionalidade, a língua materna, a profissão, o lugar de trabalho, a situação de família e o grau de instrução.

Paris — Na sinagoga sefardi (rito português) da rua de S. Lázaro, realizou-se no dia 13 de Janeiro, uma imponente cerimónia à memória de Kemal Ataturk, Presidente da República da Turquia. Estavam presentes Suas Eminências Rabi Julien Weil, Rabi-mor de Paris; Rabi Dr. Isaac Alcalay, Rabi-mor da Jugóslávia (de passagem em Paris) e o Rabi Dr. N. J. Ovadia, Rabi-mor da Cultural Sefardita de Paris, e várias notabilidades judaicas sefarditas e representantes da Turquia.

A perseguição dos pastores em França e Navarra em 1321 a 1328

Samuel Usque, na *Consolação às tribulações de Israel*, narra:

«Vi em França e Espanha levantar-se em um mesmo tempo dois grandes males contra mim (nação israelita). Um deles foi que um moço pequeno de idade de dezassete anos, dizendo que se lhe havia aparecido uma pomba à tarde e que se lhe pusera sobre o ombro e às-vézes sobre a cabeça, e logo começara o espírito santo que lhes dizem, a visitá-lo, e que quisera tomar a pomba com a mão, mas que se lhe appareceu uma moça virgem extremadamente formosa e lhe disse, eu te faço pastor na terra irás a pelejar com os mouros, e vês aqui o sinal do que viste com teus olhos, e olhando em si o moço diz que achou escrito em seu braço a cousa como passara.

E neste mesmo tempo se descobriu outro que publicava haver achado feita a figura da cruz em sua espalda, e a verdade disto diziam ser que estando dormindo junto duma fonte o sonhou; mas como quer que haja sido, a pomba sem fel me foi a mim peçonhentíssimo escorpião e o sonho acontecimento verdadeiro e desastrado, porque ouvindo os principais da terra estas novas se alvorçaram todos e como a santo o tratavam, fazendo-lhe mui solenes honras; vendo isto os baixos, se reduziu a êle grande multidão de gente vil seguindo o apelido de irem conquistar o Reino de Granada; mas ai de mim que o público só era contra mouros, e a cruel pancada tinha o céu secretamente determinado fôsse nos judeus; e dando o demónio e nosso inimigo ocasião que um israelita zombasse do seu milagre, conceberam grande ódio contra mim e começaram deixando a empresa de Granada a pôr em execução amarga sentença que meus delitos (até ali cometidos) haviam a justiça divina requerido; de que estes tão inocentes estavam que os faziam algozes de meus membros; arremetendo aquêle grandíssimo povo (cujo número era já de trinta mil homens) em Tudela meteram quantos cordeiros israelitas ali recolhidos estavam a bôca de espada; e partindo-se para a vila por nome

Cordel uma parte com intensão danada e de matança, o príncipe Melsar Tolosa, ou por melhor dizer algum merecimento de meus padres os Patriarcas que contra nossas culpas ante Nosso Senhor se punham em defesa; mandou com grande diligência muita gente bem armada que lhos prendessem, fizeram-no tão esforçadamente que trouxeram deles dez carros presos; sabendo os frades isto levantaram-se à meia-noite e mui secretamente desconhecidos foram ao caminho e juntando-se com a gente desataram os pastores da prisão em que vinham, e lançaram fama que êles foram desatados por milagre; donde tôda a gente da terra começou dizer a uma voz, vêde, vêde o milagre dos pastores; e com esta tão falsa fama se encruaram contra os judeus, e fizeram tal união que mataram duzentas almas a ferro do ímpeto primeiro; e correu assaz risco também o próprio senhor da cidade porque os defendia. Havia-se acolhido muita quantidade de meus filhos a uma fortaleza de Nabona aos quais havendo ido nova como levavam dez carros atados dos inimigos desceram-se à cidade, e para se melhor assegurarem, mandou Melsar Tolosa um seu parente com êles encomendando-lhe que os levasse a salvar na forte cidade de Carcasxona; mas o traidor descobrindo o ódio que secreto tinha contra mim, vendeu-me aos vilões das aldeias dando-lhe aviso que me viessem matar ao caminho e como esfaimados lóbos que carne diante se lhe oferece arremeteram contra aquêle rebanho de ovelhas e estragaram-nas, não havendo piedade de crianças nem de mulheres moças e fracas vêlhas mas metendo totalas idades à espada fizeram ali um grande charco de sangue israelítico deixando-lhe os corpos e ossos por aquêles caminhos arremessados e outros no lugar que caíram estendidos às aves e cães oferecidos por pasto. E não parando aqui esta sorte de desventura voou com muita ligeireza a todos os términos de Bordeus, Inglaterra, Castelserracim e Agenes, de maneira que foi por tôdas estas partes voz pública que o judeu que se achasse fôsse matado; e na província de Tolosa, Bigorda, Marciam e Condom, cidades, e em

outras muitas, por esta triste fama e pela prisão dos pastores nos carros, mataram cento-e-vinte Kehiloth à espada e o castigo do Senhor andava tão temeroso sobre mim, que por menos mal escolheram matar-se alguns com suas mãos antes que esperar a ira dos inimigos, destes foram aquêles israelitas que em Castelserracim estavam acolhidos, os quais deitando sorte uns com outros quem de cada um a seu companheiro mataria feneceram todos, e dois somente que por último ficaram cujas mãos haviam sido no sangue de seus irmãos homicidas se deitaram daquela altíssima torre em baixo, fazendo-se pedaços.

E em Tolosa não ficou nenhum que não acabasse a ferro, ou se tornasse cristão, para salvar a vida, salvo um só que pela muita amizade que tinha com o senhor da terra escapou: e em Gasconha de quanto número nela havia ficaram somente vinte, vivos; havendo feito em tôdas as outras almas cruel matança; na vila de Lérida parecendo-me que com minha astúcia me havia de salvar do inimigo (que em uma mão trazia a sentença do céu, e na outra a espada para executá-la), deram setenta pessoas suas fazendas ao senhor da terra para que os trouxesse seguros ao reino de Aragão, e em saindo da cidade se descobriu seu engano fazendo em todos êles uma mortandade miserável; os do reino de Aragão estiveram em um ponto de serem perdidos se a Divina Misericórdia não detivera um pouco a mão ao inimigo, fazendo que um bispo filho de El-Rei os favorecesse; mas vendo que assim não podia o atorcedor sair com seu mau intento, se partiram os pastores em quatro partes, Valença, Barcelona, Jaca e Monferrat, e vindo aquêles que trazia a cruz sobre suas espaldas, a Jaca (a quem todo o povo se humilhava) pôsto que os judeus se subiram ao muro vinda a manhã a dezassete do mês de Tamuz (o mês de Junho) mataram deles quatrocentas almas escapando somente dez no Castelo daqui passados mil-e-quinhetos pastores (e para mim demônios) à cidade de Barbaste estiveram todos os judeus daquela terra e assim de tôdas as outras partes na atribulação que sói estar o condenado já à morte por justiça esperando a vida por mercê: a êste temeroso passo chegados, começou o celeste Rei, (havendo já misericórdia do seu povo) tocar

os corações dos príncipes com piedade que procurassem quanto de seu poder fôsse a salvação dos atribulados israelitas que de tamanha fortuna haviam escapado, El-Rei de Aragão mandou logo a seu filho que destruísse e acabasse quantos pastores e de sua quadrilha se achassem em seu reino, pela mão do qual foram enforcados e às lançadas mortos mais de dois mil deles e outros muitos que fugindo deixaram limpa tôda aquela terra de sua peçonha: El-Rei de França os desterrou de todo o seu reino, e o que nêle se achasse mandou que o pudessem matar sem pena, e o Papa deu comissão a todos os Bispos e Prelados que não deixassem a vida quantos pastores debaixo seu domínio tivessem: finalmente perseguidos assim da bondade d'Aquêle que o mundo governa desafogou todos estes reinos daquelas serpes, mas o inimigo meu passando-os no reino de Navarra atemorizado o Kahal de Pamplona com sua má vinda, passaram-se a um lugar vizinho dali três léguas chamado Monreal, e os que por seu dinheiro os acompanhavam, traindo-os, na bôca dos esfaimados lóbos e inimigos pastores os entregaram, e matando deles algumas almas, o resto fugindo se acolheram ao lugar onde iam e atrás êles até lá os seguiram os péssimos pastores; mas arribados à terra, esforçou nosso Senhor os perseguidos israelitas, e voltaram o rosto para os inimigos pelejando mui valentemente com êles, dos quais mataram ali cento-e-setenta entrando nêles o maioral que trazia a cruz, de uma seta que lhe atirou o moço do cavaleiro que nos guardava, e vendo os outros caído em terra e morto o seu príncipe desmaiaram, e voltando com grande pressa as costas se acolheram. Já aqui começaram os pastores de enfraquecer e passando-se à cidade de Tudela trezentos deles, vendo que o lugar onde os judeus estavam era forte com suspiro se partiram dali os deixaram, como a raposa ao frangão fraco que no poleiro vê alto e acolhido; considerando os ricos de meus filhos que ficaram, a grande mercê que em escapá-lo com êles o Senhor havia usado, deram a seus irmãos os pobres mantimento para três anos com que pudessem reparar a extrêma pobreza e miséria em que haviam ficado, e daqui a pouco tempo se acabou de perder de todo o ponto a companhia dos inimigos pastores e sua mortífera memória se consumiu.»

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 87)

TÍTULO LXXIV

De como as Comunas dos Judeus hão de pagar o serviço Real

El-Rei D. Afonso, o quarto, em seu tempo, fez uma Lei, em esta forma, que se segue:

1.º Esta é a ordenação, que El-Rei fez para a qual guisa as comunas dos Judeus de seu Senhorio hão de pagar de El-Rei, segundo se adiante segue.

2.º Primeiramente todo Judeu desde que fôr em idade de catorze anos em diante, e fôr casado ou viúvo, pague vinte soldos em cada um ano. E a Judia, que fôr casada ou viúva, que pague dez soldos. E o Judeu, ou Judia, não paguem nenhuma cousa até que sejam em idade de sete anos; e desde a dita idade de sete anos em diante a Judia pague dois soldos e meio até que seja em idade de doze anos; e o Judeu pague cinco soldos até que seja em idade de catorze anos. E a Judia desde que fôr em idade de doze anos em diante, e não fôr casada e viver em poder do Padre ou da Madre, ou de outrem, ou servir a outrem, pague meio maravedí, que são sete soldos e meio; e se viver por si, pague dez soldos; e o Judeu, que fôr de catorze em diante, e não fôr casado, e viver em poder alheio, pague um maravedí, que são quinze soldos em cada um ano; e se viver por si, pague vinte soldos.

3.º Item. Todo o Judeu, ou Judia, que colhêr vinho das suas vinhas, pague de cada um tonel de moiação quarenta soldos; e se vender o vinho em uvas, sejam quantos tonéis de vinho poderão dar essas uvas, e pague quarenta soldos em cada um tonel de moiação, como dito é; e se todo êste visto, e estimado, e escrito pelo Colhedor e Escrivão de El-Rei. E o Judeu, ou Judia, ante que colha ou mande colhêr êste vinho, faça-o saber ao Colhedor, e Escrivão; e se o assim não fizer, perca todo o vinho, que assim colhêr, ou mandar colhêr, e seja de El-Rei; e se o fizer saber aos ditos Colhedor e Escrivão, e depois escolher algum tonel, ou pipa, de que não pague o direito a El-Rei, perca êsse tonel, ou pipa, ou outro vinho, de que assim não pagar o direito a El-Rei; e se outra vegada lhe assim acontecer, perca todo

o vinho, que houver em essa vinha, de que colheu vinho, que assim esconder; e se a terceira vêz lhe isto acontecer perca todo o dito vinho, e de mais seja-lhe estranhado o corpo, e no haver, como fôr mercê de El-Rei. E o Judeu, ou Judia, que colhêr o dito vinho, deve fazer certo por juramento quantos tonéis, ou pipas colhe; e provando-se que houve mais, haja as ditas penas.

4.º Item. Todo o Judeu, ou Judia, que comprar uvas para fazer vinho, e o vender em gros ante que colha, pague seis dinheiros de almude pela medida de Lisboa; e se o quiser para seu beber, pague outro tanto, salvo se fôr das suas vinhas, que pague, como dito é. E deve dizer o vendedor por juramento ao Colhedor de El-Rei, e ao Escrivão quanto vendeu ou entregou; e se fôr achado mais que vendeu ou entregou perca-o o Judeu, e seja de El-Rei, como dito é.

5.º Item. Todo o Judeu, ou Judia, que vender vinho a tôrno, pague dois almudes do almude da medida de Lisboa de guisa, que seja do tonel de moiação, cinco libras. E não deve vender vinho até que o faça saber ao Colhedor, e Escrivão; e se lho não fizer saber, haja a pena sobredita. E manda El-Rei, que o seu Colhedor, e Escrivão vejam as adegas dos ditos Judeus, em que os ditos vinhos colherem, para saber que tonéis houveram; e quantos, para haver El-Rei deles o seu direito pela maneira, que dito é, e para ser estranhado aos Judeus, se lhe não pagarem o seu direito.

6.º Item. Todo o Judeu, ou Judia, que fizer vinho, e o vender a cristão, que obrigue-se ao Colhedor, e Escrivão que pague seis dinheiros do almude de colheita; e se o vender a tôrno, pague dois soldos, como dito é.

7.º Item. Todo o Judeu, que matar carne para seu comer, ou para vender, ou para exercer, e fôr de seu comer, pague da vaca jovenca de um ano até dois dez soldos, e desde um ano em diante pague vinte soldos dela; e do carneiro e da ovelha dois

O ENSINO RELIGIOSO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 89)

IV — Preceptores (Morim)

Sendo muito concorrida a escola, o preceptor não poderá ensinar sozinho todas as crianças. Tem, pois, de recorrer à coadjuvação de outros preceptores ou de pessoas dum e doutro sexo, que sejam piedosas e tenham instrução religiosa bastante para o desempenho desta missão de tanta glória para Deus, e tão salutar para as almas.

Fácil será ao preceptor recrutar auxiliares, encontrando alguma pessoa de boa vontade que se preste a isso. Saiba o preceptor pedir-lhes e verá como elas não sabem recusar-se. Faça-lhes ver quanto meritória é esta obra. Quem salva ou concorre para salvar uma alma, assegura a salvação da sua própria.

Como representante de Deus deve amar as crianças que lhe estão confiadas sem fazer distinção entre ricos e pobres, inteligentes e rudes, e ensiná-las com toda a paciência, zelo e interesse.

Ditosos aquêles que ensinam a religião com zelo! Será grande a sua glória como nos diz o profeta David (XII, 3): *Os que ensinam aos outros os caminhos da justiça, brilharão como as estrélas por toda a eternidade.*

E' possível que os auxiliares dos preceptores não possam a princípio ensinar mais do que as fórmulas religiosas. Não é muito mas é alguma cousa, se elles forem de inteira confiança e ensinarem essas fórmulas sem as deturpar.

Muita cautela nesse ponto: antes ver-se o preceptor só, do que auxiliado por pessoas animadas das melhores intenções, mas igno-

soldos; e de cabrão um soldo; e do cordeiro, e do cabrito, patos, capões e galinhas quatro dinheiros de cada um. E defende El-Rei que não degole nenhum, salvo o degolador posto pelos Judeus em cada lugar, ou quem elle mandar; e o degolador faça-o saber ao Colhedor; e se o Judeu, ou Judia, degolar sem o degolador, haja as penas supraditas.

rantes e duma incapacidade absoluta para fazer o ensino.

O recrutamento dos auxiliares também pode ser feito na própria escola.

O preceptor conhece ali, passado pouco tempo, quais são os alunos que mais se distinguem pela assiduidade, intelligência, comportamento e applicação. Entre estes alunos escolhe os mais aptos e separa-os dos restantes e começa a dar-lhes em dias determinados e horas marcadas, uma lição particular, procurando ensinar-lhes tudo quanto julgar necessário para que venham a ser seus auxiliares.

Sabendo elles ler e, quando não saibam sendo inteligentes e dotados duma certa aptidão para o ensino, trate o preceptor de os habilitar convenientemente para exercerem este apostolado, estabelecendo uma espécie de curso bi-semanal ou semanal — *Escola de preceptores auxiliares*, por exemplo. Neste curso ministre-lhes sobre as verdades da fé conhecimentos suficientes para que possam fazer explicação da matéria religiosa sem cair em erros pelo menos substanciais; ensine-lhes alguns princípios applicáveis de pedagogia e inspire-lhes o amor das crianças e uma verdadeira estima pelo ensino. Empréstee-lhes publicações adequadas, que possam concorrer para a sua formação pedagógica, por exemplo, rudimentos de judaísmo explicados, livros de história sagrada, tratados elementares de liturgia, etc.

Não se julgue o preceptor dispensado de ensinar as crianças por maior que seja o número de auxiliares voluntários; elle tem o dever de ir assistir, todas as vezes que possa, às lições e tomar parte nelas tanto na sede da Comunidade como nos núcleos de que esta se compõe, para ver o estado de adiantamento das crianças, corrigir erros ou completar lacunas que porventura note no ensino, e também para incitamento de mestres e discípulos.

Além dos preceptores auxiliares convém que haja grupos de protectores das Escolas (aquêles que dão um subsídio mensal para as despesas do ensino religioso).

(Continua).

Adaptação de NORBERTO A. MORENO.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Ha'im
Rua Guerra Junqueiro, 340 — Pôrto

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

HOMENAGEM AO PAPA PIO XI

«Eu nunca vi, espectáculo humano mais notável nem mais tocante do que em tôrno do grande Papa que acaba de desaparecer, nem esta unanimidade de pesar e de respeito. Católicos e protestantes, cristãos e judeus, crentes e descrentes, todos os homens de boa-vontade, que são ainda tão numerosos sôbre o planeta, manifestaram a sua veneração e o seu reconhecimento. E' que Pio XI, numa época em que as misérias provenientes da Grande Guerra tinham engendrado doutrinas de provocação, de desespero e de ódio, soube lembrar a todos os povos da terra que só a Fé, a Esperança e a Caridade podem construir e sustentar civilizações duráveis. Em frente aos loucos armados, êle, morrendo desarmado, proclamou o poder do espírito e, dêste longo combate do Anjo e do Dragão, saiu vitorioso.

Como os grandes papas da Idade-Média fêz da colina do Vaticano o centro espiritual do mundo e a sua própria morte, até ao seio da qual o acompanharam a sua justiça e a sua piedade, acaba de ser para os homens de tôdas as confissões, ao mesmo tempo um exemplo de coragem e uma nobre ocasião de experimentar a sua secreta comunicação de sentimentos e de ideas.»

ANDRÉ MAUROIS
(da Academia Francesa).

Homenagem do Rev. Julien Weill, Rabi-mor de Paris

Na sexta-feira à noite, 10 de Fevereiro, no decorrer da oração, no templo da Vitória, o Rabi-mor Sr. Julien Weill, pronunciou

uma alocução, de que extraímos uma passagem:

«Embora a solenidade sabática convide a afastar pensamentos fúnebres, creio cumprir o meu dever e responder aos sentimentos de todos vós, meus irmãos, saüdando com uma homenagem comovida o grande ancião, que acaba de se extinguir, o chefe supremo da cristandade, SS. Pio XI.

Êle era rodeado da afectuosa veneração, não só de milhões de católicos, dos quais era ilustre pastor, mas de todos os que viam nêle o modelo das mais nobres virtudes humanas. Êle possuía o respeito e a profunda gratidão de todo o Israel, em favor do qual elevou a voz com uma autoridade incomparável.

No decorrer da sua história, inimigo de tantas perseguições, Israel beneficiou muitas vezes da benevolência iluminada e da protecção eficaz dos papas que o defenderam contra acusações vergonhosas e o preservaram das agressões do fanatismo.

Mas o venerado Pontífice, pelo qual o mundo traz hoje luto, tem direito a um reconhecimento particular, da parte do judaismo nesta época de torturas inauditas para tantos dos nossos correligionários tão odiosamente tratados para além das fronteiras.

Pio XI não trabalhou sômente para o progresso da justiça social, da paz e da fraternidade entre todos os povos, não defendeu sômente em geral, os direitos imprescritíveis da personalidade humana e todos os valores espirituais cuja nascente é a Bíblia e sobretudo o Decálogo que nós relemos na secção sabática dêste dia, denunciou, com um ardor e uma energia que parecem aumentar no próprio tempo em que cediam as suas

fôrças físicas, as perniciosas aberrações do paganismo racista; condenou em termos decisivos o «inadmissível» anti-semitismo, absolutamente incompatível com a fé cristã e gerador dos maiores excessos e das mais deshumanas violências.

Não conseguiu o venerável Pontífice evitar ou fazer cessar a perseguição que caiu tão cruelmente sobre o judaísmo de certos países, perseguição que, através o judaísmo, atinge dolorosamente o próprio cristianismo, e, por aí, toda a civilização espiritual de que a Bíblia hebraica é uma das nascentes essenciais; mas deixou palavras e escritos inolvidáveis e um grande exemplo que não serão perdidos. Atendendo a que trazem todos os seus frutos a reivindicação soberana dos sagrados direitos da consciência que encontrou em Pio XI o mais eloquente dos intérpretes, prestamos diante da sua nobre figura a nossa comovida homenagem, e guardaremos para sempre a lembrança dum homem que, a-pesar-das divergências de dogmas que nos separam das confissões cristãs, podemos chamar um grande servidor de Deus, animado duma caridade que se estendeu a todos os oprimidos, e um apóstolo intrépido da liberdade, da justiça e da paz.»

As condolências da Aliança Israelita

Eis o texto da mensagem que a Aliança Israelita dirigiu a Mgr. Valério Valeri, núncio apostólico em Paris, por ocasião do falecimento do Papa :

«A Aliança Israelita, profundamente comovida com o desaparecimento do grande Papa que acaba de se extinguir, associa-se ao luto que feriu toda a cristandade e todos os que professam o amor da humanidade, da paz, da justiça e a dedicação aos direitos da consciência.

Jamais ela esquecerá a caridade e a coragem com que Pio XI defendeu todos os perseguidos, qualquer que fosse a sua raça, ou a sua confissão, em nome dos princípios eternos dos quais foi o mais nobre representante sobre a terra.

Criada para a protecção e o levantamento do judaísmo oprimido, a Aliança faltaria ao seu dever se não se dedicasse a perpetuar no coração dos seus correligionários a memória desta admirável figura que será acompanhada para além-túmulo pela sua gratidão inalterável e a sua infinita veneração.»

UM APÊLO DE LORD BALDWIN EM FAVOR DOS REFUGIADOS

Em 8 de Dezembro, Lord Baldwin, eminentemente homem de estado inglês, no decorrer duma reunião a que assistiam as mais altas autoridades morais e religiosas de Inglaterra, lançou em favor das vítimas das perseguições anti-semitas um apêlo radiodifundido, transmitido por todos os postos de Inglaterra e dos Estados-Unidos. A emoção levantada nestes países foi considerável, porque Lord Baldwin, compreendendo a miséria de tanto desgraçado, soltou o vibrante grito de apêlo que esperavam todos os homens de corações revoltados pela renovação das bárbaras perseguições na Alemanha.

«Milhares de homens, de mulheres e de crianças, despojados dos seus bens, arrancados do seu lar, procuram entre nós um asilo, um refúgio do vento e um abrigo da tempestade, disse êle no seu discurso. Já não sou um Ministro da Coroa. Não vos falo hoje como um político ou como um membro de partido. Sou um inglês mediano que está revoltado e desolado pela situação destes homens desprezados e perseguidos e dos seus filhos inocentes. Podem não ser nossos compatriotas mas são homens como nós.

«Milhares de séres de todos os graus da riqueza, da posição social, da cultura e da educação foram igualados na miséria. Não tentarei descrever-vos o que pode significar o ser desprezado, infamado e isolado como um leproso.

A honra da nossa pátria é desafiada e cabe-nos a nós responder a esta provocação.

«Quem poderá hoje, neste fim de ano, reunir os seus sem pensar nos que, perdido o seu país, perdida a sua família, perdida a sua casa, arrancados ao que os homens e as mulheres amam acima de tudo?

Quem poderá hoje separar da sua vida estas famílias dispersas, despedaçadas?

Como poderíamos nós próprios desejar ser felizes com êste fardo no fundo dos nossos corações?

Como poderíamos nós próprios pretender ter descarregada a consciência se não fizermos tudo que nos fôr possível para aliviar um tal sofrimento que o destino nos poupou?»

UMA REFORMA E UMA NOMEAÇÃO

RABI DR. MOISÉS GASTER

Não fazemos injúria ao novo rabi-mor de França afirmando que a notícia da reforma definitiva do Sr. Israel Lévi diminuiu a energia espiritual do judaísmo francês.

Tôda a sua acção pertence já à história. Estamos tão próximo dele que nos parece indiscreto prestar-lhe homenagem hoje.

Nascido em Paris, a 7 de Julho de 1856, o Sr. Israel Lévi foi nomeado em 1882 rabi da Sin. Vitória. Secretário de Zadoc Kahn, foi em breve seu genro. Historiador e crítico eminente, substituiu em 1892 Isidoro Loeb na «Revue des Etudes Juives» e no Seminário Israelita, depois em 1896 na cadeira do judaísmo na Escola de Altos Estudos, em Sorbona.

Conhecem-se os seus trabalhos científicos, lembra-se a sua calorosa eloquência, guardaram-se as provas da sua lucidez na Aliança Israelita Universal e nas grandes obras em que colaborou. O que domina nêle é a grandeza de alma e o culto da verdade.

Adjunto do rabi-mor Dreyfuss, ficou o confidente de Zadoc Kahn e substituiu-o já durante o interregno em 1908. Durante a guerra — que lhe roubou o seu genro — o Sr. Israel Lévi viu o seu papel aumentar, ao lado do Sr. Alfred Lévi, então rabi-mor de França, ao qual sucedeu emfim a 30 de Julho de 1919, eleito por 53 vozes entre 54 votos. E' portanto êle que deve resolver os problemas da paz, em particular o reatamento das relações com as províncias ocultas e a reconstrução das comunidades feridas pela tormenta. Mas além destas preocupações puramente francesas, o Sr. Israel Lévi compreendeu a grandeza da tragédia judaica e tomou a direcção da assistência aos emigrantes da Europa oriental, depois, em 1933, da assistência aos refugiados da Europa central.

No nosso respeito filial entram ao mesmo tempo a admiração e o reconhecimento.

Foi eleito rabi-mor de França o Sr. Isafe Schwartz. Nascido em Trenheim (Baixo-Reno) em 1876, o Sr. Isafe Schwartz entrou no Talmud Torah em 1890. Brilhante aluno da Escola Rabínica de 1895 a 1901, foi primeiramente o interino do rabinato-mor de Marselha, antes da nomeação do Sr. Honel Meiss, sendo depois, em 1907, nomeado em

No dia 5 de Março chamou Deus Altíssimo e Único à sua divina Presença o antigo Hab'am (Doutor da Lei) da Comunidade do Rito Português da Grã-Bretanha.

Exalou o seu último suspiro aos 83 anos de idade, no conforto espiritual familiar dos seus entes queridos, que assistiam comovidos ao último adeus dêste homem grande, em Israel.

Descendente duma família de notáveis israelitas, nasceu em Bucareste, capital da Roménia, a 16 de Setembro de 1856.

Judeu sapientíssimo, demonstrou as suas magníficas qualidades duma erudição profunda, não só no meio cultural e cultural judaico, mas em vários estabelecimentos científicos não judeus.

Em Universidades do seu país natal e da liberal Grã-Bretanha, a sua palavra fluente e cheia de HoH'mah (sabedoria) fêz vibrar a juventude estudiosa.

O movimento tendente a criar na Palestina o lar nacional judaico não deixou indiferente o ilustre historiador. A sua vida foi cheia de actividade nas ciências históricas e sociais, sentindo o seu juvenil e enérgico influxo associações notáveis, tais como The Jewish Historical Society, The Jewish Colonial Trust, The National Union for Jewish Rights e The Anglo-Jewish Association, The Royal Asiatic Society, The Society of Biblical Archeology, The Folclore Society, etc.

Publicou numerosos livros e era considerado como uma das maiores autoridades europeias em matéria de folclore.

Que Deus reúna a sua alma ao feixe da vida eterna e que o seu corpo repouse em paz e glória.

Baiona, onde ficou até 1913. Rabi-mor de Bordeus de 1913 a 1919 foi, depois da vitória, rabi-mor de Estrasburgo e do Consistório do Baixo-Reno. Esmoler benévolo junto da armada americana durante a guerra, o Sr. Isafe Schwartz é cavaleiro da Legião-de-Honra desde 1923.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 90)

TÍTULO LXXIV

De como as Comunas dos Judeus hão de pagar o serviço Real

8.º Item. Todo o Judeu, ou Judia, que mercar carne de cristão, e seja de seu comer, seja degolada pelo dito degolador, como dito é, e pague quatro dinheiros do arrátel, pelo arrátel de Lisboa; e faça todo êste saber o dito degolador ao dito colhedor, e Escrivão de El-Rei, para haverem deles o seu direito.

9.º Item. Do pescado, que vender, ou comprar de um sóldo, pague um dinheiro, e de seis dinheiros uma meada, e assim do mais e do menos; e tanto pague do pão cozido, que comprar, ou vender, e da fruta qualquer que seja, ou de outra qualquer cousa, que vender, ou comprar pelo miúdo, assim como ferraduras, esporas, e outras quaisquer cousas; e do alqueire de trigo, que comprar, ou vender pela medida de Lisboa, ou de Santarém, quatro dinheiros; e do alqueire de cevada, ou milho, ou centeio, ou legume dois dinheiros, e assim do mais, e do menos. E virão ao Colhedor, e Escrivão de El-Rei cada domañ, que lhes dêem, e paguem todo o dinheiro de El-Rei das ditas cousas; e se o assim não fizerem, que hajam as penas suso ditas; e se sobnegarem o direito, que El-Rei há de haver das ditas cousas, percam-nas, e sejam de El-Rei, ou lhe paguem a estimação delas.

10.º Item. Todo o Judeu, que mercar de qualquer pessoa que seja para si, ou para outrem, mercadorias, ou lhas derem para vender, assim como mel, cera, azeite, panos, prata, ouro, ferro, cobre, ou outras mercadorias quaisquer em grosso, pague quatro dinheiros da libra; e o Judeu, que as vender, pague outro tanto; e isto haja lugar no trôco, se o fizerem. E estas mercadorias, que assim mercarem, ou trocarem, façam-no sabente do dito Colhedor, e Escrivão logo, se a mercadoria fôr feita na vila, onde forem estes Colhedor, e Escrivão; e se fôr feita fora da vila, façam-no perante o Tabelião dêsse lugar, onde comprar, ou vender, se aí Tabelião houver; e se aí Tabelião não hou-

ver, façam-no perante testemunhas e em êsse dia, se puderem, ou em outro dia façam-no sabente ao Colhedor, e Escrivão; e se o assim não fizerem, sobnegarem o direito a El-Rei hajam as penas suso ditas.

11.º Item. Todo o Judeu, que comprar, ou vender, ou trocar bêstas, ou gados, pague quatro dinheiros da libra; e êsse mesmo se comprar, ou vender cartas de maravediz, ou doutras quaisquer cousas que sejam, também herdades de pão, como de vinho ou olivais ou outras quaisquer herdades, ou cousas, que sejam móvel, ou raiz ou de natura de cada uma delas.

12.º Item. Todo o Judeu, ou Judia, que houver herdades, casas, olivais, pomares, hortas, ou outra raiz qualquer, salvo vinhas, pague o oitavo de renôvo, que Deus aí der, como por Jugada, não lhe sendo desfalcadas as custas, que sôbre isto fizer, salvo se fôr herdade, de que haja de dar foro, que lhe seja desfalcado o dito foro.

13.º Item. Todo o Judeu, ou Judia, que houver gados, bêstas, colmeias, pague o dízimo do renôvo.

14.º Outro si manda, e defende, que Judeu, nem Judia, que haja quinhentas libras, ou daí para cima, não sejam atrevidos de sair fora dos seus reinos sem mandado de El-Rei; cá, aquêlo ou aquêles, que se forem sem seu mandado, perderão os haveres, que houverem, e ficarão para El-Rei; e os corpos estarão à sua mercê, como aquêles, que passam mandado de seu Rei, e Senhor.

15.º A qual Ordenação El-Rei mandou, que se guardasse para todo sempre por todo o seu Reino, e Senhorio, e mandou em ela pôr o seu selo pendente. Feita em Valada a 15 de Novembro. Bartolomeu Joanes a fêz por mandado do dito Senhor Rei Era de mil e trezentos e noventa anos.

16.º A qual lei vista por nós, mandamos que se cumpra, e guarde como em ela é conteúdo.

ENSINO ELEMENTAR E DOMÉSTICO

QUESTIONÁRIO DE HISTÓRIA

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 89)

— Quem era a mãe de Joseph e de Benjamim?

— Quais foram os sonhos de Joseph que provocaram a má vontade de seus irmãos?

— Como foi Joseph vendido por seus irmãos?

— Como esconderam o seu crime perante seu pai?

— Para onde foi levado Joseph e a quem foi revendido?

— Porque foi que Putifar mandou prender Joseph?

— Quais eram os companheiros de prisão?

— Que sonhos tiveram os seus companheiros e como foi que Joseph lhes os explicou?

— Que sonhos teve o Faraó e qual foi a explicação de Joseph?

— Que recompensa recebeu Joseph do Faraó?

— Que fez Joseph durante os 7 anos de abundância?

— Porque motivo foram os irmãos de Joseph ao Egípto?

— Que se passou no primeiro encontro de Joseph com seus irmãos?

— Que condição lhes exigiu para os deixar regressar à sua terra?

— Que remorsos tiveram os filhos de Jacob?

— Porque se conformou Jacob com a partida de Benjamim?

— Como foram recebidos os irmãos de Joseph na segunda viagem ao Egípto?

— Qual foi a última prova a que Joseph submeteu seus irmãos?

— Como Joseph se fez reconhecer?

— Porque mandou vir Joseph toda a sua família para o Egípto?

— Como recebeu Jacob a notícia de que era vivo Joseph e o que fez?

— Como agraciou o Faraó a família de Joseph?

— Onde morreu Jacob?

— Quais eram as virtudes e as riquezas de Job?

— De quem era descendente Job?

— A que provas foi submetido Job e porque motivo?

— Em que termos Job se submeteu à vontade do Senhor?

— Quem o visitou?

— Que recompensa deu o Senhor a Job?

O GRÃO-MESTRADO DE MOISÉS

Qual foi a causa da perseguição dos Israelitas no Egípto?

— Que ordens deu o Faraó para exterminar o povo hebreu?

— De que maneira a mãe de Moisés conseguiu salvar o seu filho?

— Que significa o nome de Moisés?

— Onde foi educado Moisés?

— Porque fugiu Moisés do Egípto?

— Onde foi refugiar-se Moisés?

— Como conheceu Moisés a sua futura mulher e o seu futuro sogro?

— Em que circunstâncias Deus encarregou Moisés da missão de ir salvar os israelitas?

— Quais foram os dois milagres feitos por Deus para encorajar Moisés na sua missão?

— Porque foi que Moisés pediu a colaboração de seu irmão Aarão?

— O Faraó concordou com a partida dos israelitas?

— Quantas e quais foram as pragas que caíram sobre o Egípto?

— Qual foi a origem da Páscoa (Pessah)?

— Como a deviam celebrar os israelitas?

— Qual foi o resultado da última praga?

— Porque foi que Moisés não seguiu o caminho mais curto para a Terra Prometida?

— Como foi a passagem do Mar Vermelho?

— Como acalmou o Senhor os murmúrios dos israelitas?

— Como era o Maná?

— Que milagre fez Moisés no monte Horeb?

— Como foram derrotados os Amalecitas?

— Como deu o Senhor a Lei no monte Sinai?

- Quais são os 10 mandamentos?
- Porque adoraram os israelitas o bezerro de ouro?
- Que fez Moisés quando presenciou esta idolatria?
- Que mandou fazer Moisés para prestar culto ao Senhor?
- Diga quais os principais objectos do culto?

—Quais foram as festas estabelecidas para os israelitas? Que acontecimentos elas celebram?

—Quais eram as entidades encarregadas do culto?

—Que castigo receberam os violadores da Lei? (o blasfemador, os filhos de Aarão, Corah, Dathan e Abiram).

—Que punição receberam Aarão e Miryam por murmurarem contra Moisés?

—Que fizeram os 12 exploradores mandados à Terra Prometida?

—Porque se revoltaram os israelitas? E qual o castigo do Senhor?

—Que falta cometeram Moisés e Aarão no rochedo de Cadesh e qual a sua punição?

—Quais foram os novos queixumes dos israelitas e a sua punição? Porque fez Moisés a serpente de Bronze?

—Porque Balaam abençoou o povo israelita?

—Como morreu Moisés? Quem escolheu para seu sucessor?

—Que livros escreveu Moisés?

—Quem escreveu o último capítulo?

JOSUÉ - O CONQUISTADOR

—Como foi a passagem do rio Jordão?

—Quando deixou de cair o Maná?

—Como se apoderaram os israelitas da cidade de Jericó e da cidade de Hai?

—Porque não tiveram os levitas a sua parte na distribuição das terras?

OS JUÍZES

—Que era um Shophet (Juiz) entre os israelitas?

—Que acções notáveis praticaram a profetisa Deborah e o Shophet Barak?

—As acções de Ghideon?

—As acções de Abimelekh?

—As acções de Jephthah e sua filha?

—As acções de Sansão,

—Conte a história de Ruth e Noemi?

—De quem são antepassados Ruth e Boaz?

—Quem era o Kohen-ha-Gadol Heli (Sumo sacerdote) e como adoptou o seu discípulo Samuel?

—Como morreu Heli?

—Como puniu Deus os filisteus por terem tomado a arca e como a restituíram?

—Que pediram os israelitas ao profeta Samuel?

A REALEZA DE SAÚL, DAVID E SALOMÃO

—Como foi sagrado rei Saúl Ben-Kis?

—Como venceu Saúl os Amonitas?

—Como Jonathan salvou os israelitas?

—Conte como Saúl venceu os Amalecitas e o que se passou com o profeta Samuel?

—Como foi sagrado rei David Ben-Isai?

—Como foi David para a corte de Saúl?

—Como foi vencido o gigante Goliath?

—Porque Saúl passou a odiar David?

—Como correspondeu David às perseguições de Saúl?

—Como foi a aparição de Samuel a Saúl?

—Como morreram Saúl e Jonathan?

—Porque houve guerra entre David e Isboseth e como findou?

—Como se tornou Jerusalém capital do reino dos israelitas?

—Como foi conduzida a Arca Santa para Jerusalém?

—Que crime cometeu David, como se arrependeu e qual a punição sofrida?

—Como se revoltou e morreu Absalom?

—Qual foi a nova falta de David e qual o castigo?

—Como se chamava o filho de Bethsabé?

—Porque se revoltou Adoniah quando da coroação de Salomão?

—Que obra literária deixou o rei David?

—Quais foram os primeiros actos do rei Salomão?

—O que pediu ele ao Senhor?

—Como julgava ele os seus súbditos?

—Como construiu o Templo de Jerusalém?

—Quais as empresas marítimas de Salomão?

—Que livros escreveu?

REINO DE ISRAEL E DE JUDAH

—Porque motivo os israelitas se dividiram em dois reinos no tempo de El-Rei Rehabeam, filho de Salomão?

— Como se chamava o reino do Norte e o reino do Sul.

— Qual a origem do nome de Judeia e de judeus?

— Que eram profetas e qual a sua missão?

— Quais os nomes dos grandes e pequenos profetas?

— Qual o procedimento de Acab e de Jezabel, rei de Israel?

— Que castigo lhes anunciou o profeta Elias?

— Para onde se retirou Elias e como foi alimentado?

— Que se passou entre Elias e a viúva de Seraptah?

— Como confundiu Elias os sacerdotes de Baal?

— Que se passou com a vinha de Naboth?

— Quem foi o discípulo de Elias?

— Como subiu Elias ao céu?

— Quais foram os milagres do profeta Eliseu?

— Que se passou entre Eliseu e os soldados sírios?

— Como foi cercada Samaria e depois libertada?

— Que se passou na visita do rei Joas ao profeta Eliseu?

— Que milagre fez este profeta depois de morto?

— Como foi sagrado rei de Jehu e como morreu a rainha Jezabel?

— Como Athaliah se apoderou do trono de Judah?

— Como foi salvo Joas e como foi proclamado rei de Judah?

— Como morreu Athaliah?

— Que missão deu o Senhor ao profeta Jonas?

— Qual a sua punição por não ter cumprido as ordens do Senhor?

— Como cumpriu depois a sua missão?

— Quem era Judite e qual a sua acção para libertar Bethuliah do cerco dos assírios?

— Como foi destruído o reino de Israel?

— Qual a história de Tobiah?

— Que fez Ezequiah, rei de Judah ao subir ao trono?

— Como foi libertada Jerusalém cercada pelos assírios?

— Como Isafas curou Ezequiah e qual o milagre que fez?

— Como puniu Deus o rei Menasseh por não seguir as virtudes de seu pai?

— Como se arrependeu?

— Qual o profeta que anunciou o cativo de Babilónia?

— Qual foi o último rei de Judah?

— Como foi cercada e tomada Jerusalém?

— Quais as acções dos profetas Jeremiah e Ezequiel?

— Em que data findaram os reinos de Israel e de Judah?

CATIVEIRO DE BABILÓNIA

— Porque Nabucodonozor educava no palácio alguns moços judeus?

— Como ficaram fiéis à Lei de Moisés, Daniel e os seus três amigos?

— Que se passou no julgamento de Suzana?

— Como foi o sonho de Nabucodonozor e como o explicou Daniel?

— Porque foram lançados numa fornalha os três amigos de Daniel e como foram salvos?

— Qual foi a segunda visão de Nabucodonozor, sua significação e como foi punido o seu orgulho?

— Como descobriu Daniel a impostura dos sacerdotes de Bel?

— Porque foi lançado na cova dos leões o profeta Daniel e como foi salvo?

— Que se passou no festim de Baltazar?

— Quem conquistou Babilónia e como morreu Baltazar?

— Quem pôs fim ao cativo de Babilónia?

— Quem dirigia os primeiros judeus regressados à Terra Prometida?

— Quais as acções de Esrah (Esdras) e Nehemiah?

— Como foi escolhida Ester para rainha?

— Que serviço prestou Mordokhai (Mardoqueu) ao rei?

— Quem era Aman e porque queria o massacre dos judeus?

— Como foram salvos?

— Como foi punido Aman?

O ESTADO JUDAICO RENASCIDO

— Como conquistou Alexandre, o Grande, a Judeia?

— A quem pertenceu a Judeia depois da morte de Alexandre?

— Quem mandou traduzir as escrituras sagradas para grego por 70 sábios judeus?

— Porque El-Rei Selenco mandou Helio-

MOISÉS

A-pesar-de educado na Córte do Faraó, Moisés — já vimos — não se desinteressou um só instante da sorte miserável dos seus irmãos. Incapaz de separar o seu próprio destino do deles, não pode resolver-se a aceitar o bem-estar que se lhe oferece, enquanto os hebreus são martirizados.

Encontra mais doce, mais belo, sofrer com todo Israel do que ser feliz êle só.

Renuncia ao bem-estar, às honras de que é rodeado, para reclamar a sua parte da humilhação comum. Também, sem nenhuma mortificação, se mistura a todos os escravos desprezados. Conforta-os, dá-lhes coragem, e não hesita em se bater por êles, tanto e tão bem que para escapar ao castigo do Faraó, foi obrigado a fugir para o país do Madian.

Aí, um outro incidente vai ainda revelar-nos completamente a elevação dos seus sentimentos; perto dos poços onde êle parou assiste a uma cena que o revolta profundamente. Duas raparigas levando a beber os seus rebanhos são maltratadas pelos pastores que, vindo detrás, pretendem passar primeiro. Moisés não as conhece, mas não pode ficar impassível diante desta injustiça. Intervém e impõe rapidamente silêncio a

estes cobardes que queriam abusar da sua força.

Moisés sente-se pois atormentado pela necessidade de ajudar os fracos, os oprimidos, quer se trate de israelitas ou estrangeiros, de homens ou de animais.

Sabeis, caros amigos, o que o Midrasch nos conta sobre isso: um dia Moisés apascentava as ovelhas de Jetro. De-repente vê um cordeiro afastar-se do rebanho. Correu atrás dele e notou que se dirigia para uma nascente. Moisés deixou-o beber e como o cordeiro estava um pouco fatigado, conduziu-o nos braços, acariciando-o tão ternamente que no Céu, o bom Deus, comovido, disse: «Só Moisés terá suficiente amor e paciência para fazer sair Israel do Egipto e conduzi-lo através do imenso deserto até à terra prometida».

Eis porque, meus caros meninos, Moisés teve a felicidade de se aproximar tanto de Deus que lhe falava, nos diz a Bíblia, face-a-face. A nobreza do seu carácter, a paixão da justiça, a sua inesgotável bondade relativamente a todos os seres vivos, indistintamente, faziam dele o único homem digno de receber a Torah e de guiar o povo de Deus.

BEN-YCHAI.

Do «L'UNIVERS ISRAELITE».

doro a Jerusalém e o que aconteceu a êste no Templo?

— Que fez o rei Antioco Epifânio aos judeus?

— Como morreram herôicamente o velho Eleazar e a viúva Hannah com os seus sete filhos?

— Que fez Matatiah e seus filhos na cidade de Modin?

— Quais as acções notáveis de Judah Macabeu?

— Como morreu herôicamente Eleazar, irmão de Judah?

— Como morreu Antioco?

— Como morreu herôicamente Judah Macabeu?

— Quem foi o sucessor de Judah Macabeu e fez uma aliança com os romanos?

— Quem da família de Judah Macabeu foi feito rei dos judeus?

— Quem era Herodes, o Grande e como se apoderou do trono?

— Que crimes praticou êste Rei?

— Quem eram Hillel e Chamai?

— Quando foi a Judeia reduzida a província romana?

— Em que regiões foi dividida a Judeia?

— Como começou a guerra contra Roma?

— Quem destruiu Jerusalém e o Templo?

— Quem foi o chefe da revolta dos judeus no tempo do Imperador Adriano?

— Como se chamava o Rabi que coadjuvava o chefe da revolta?

— Como findou a guerra?

— Como morreram Bar-Kohebah e Rabi Akibah?

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

ה ל פ י ד

... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Como neste reino viviam os judeus

É certo, que desde tempos muito antigos, e ainda antes da vinda do Filho de Deus ao Mundo, já havia judeus nos reinos de Espanha. O modo, com que depois foram tratados dos príncipes cristãos, referem os antigos Concílios da Igreja, e o particularizaram também as leis dos Visigodos.

Na ruína geral desta Província, e entrada dos árabes, não padeceram tanto como os cristãos, antes se conservaram entre uns e outros, conformando-se, com o que lhes estava melhor para o fim da sua residência. Não só os judeus se conservavam entre os cristãos no tempo dos reis godos, senão também depois da restauração de Espanha. No governo de El-Rei D. Sancho II foram tão favorecidos, que alguns dêles se viram preferidos para os officios públicos; absurdo tão grande, que obrigou ao Sumo Pontífice Gregório IX a publicamente o estranhar ao dito Rei na Decretal: *Ex speciali titulo de judeis et Sarracenis*, mandando-o admoestar pelos bispos de Astorga e Lugo, a que remediasse este abuso. Mais lhe ordenava, que dando rendas reais a judeu, ou mouro, constituísse um superintendente cristão, que acudisse as vexações, que os tais costumavam fazer aos eclesiásticos, e geralmente a todos os cristãos no rigor da exacção, execução e forma da cobrança. No tempo d'este Rei eram obrigados a dar uma âncora, e uma amarra para toda a Nau, ou Galé, que El-Rei mandava armar.

No tempo de El-Rei D. Diniz parece que ainda se continuava autorizar os judeus com os officios públicos; porque no artigo XIV dos XLII, que em Roma deram os eclesiásticos contra o dito Rei, que refere Bzovio nos

Annaes no ano de 1289, lhe argüiram, que provia os judeus nestes officios; e sobre este favor lhes permitia, andar sem sinais, nem divisas, conforme o Concílio Geral tinha ordenado; e que últimamente não permitia, que os obrigassem a pagar dízimos; o que tudo prometeu reformar, ajustando-se aos sagrados Cánones. Este favor de serem admitidos aos serviços dos reis, como se viu em um chamado Judas, Ministro de El-Rei D. Diniz, lograram os judeus até ao tempo de El-Rei D. Duarte. Este fez uma lei, em que mandou, que nenhum judeu, ou mouro, pudesse ser official de El-Rei, Rainha, Infantes, Titulares e Prelados, a qual depois confirmou seu filho El-Rei D. Afonso V, e anda nas suas Ordenações, o que obraram por Conselho dos Inquisidores do Reino. Neste tinham os judeus liberdade, para poderem possuir bens de raiz, o que não puderam alcançar no de Castela. El-Rei D. Pedro I, moderando outros modos de proceder, que com os tais judeus se usavam, ordenou, que quando alguns dêles comprassem bens de raiz aos cristãos, ou lhos emprazassem, aforassem, arrendassem, ou descambassem, se lhes passasse a carta de compra e venda, presente o Juiz do lugar, ou dois tabeliães, jurando êles primeiro, que procediam sem engano, nem usura. Era tanto, o que possuíam os judeus, que Moisés Navarro, Arabi-mor, e sua mulher D. Salva, no tempo de El-Rei D. Pedro I, instituíram um grosso Morgado de muitas quintas e fazendas no termo de Lisboa, conservando-lhe El-Rei que os possuidores conservassem o apelido de Navarro.

El-Rei D. João I, no ano de 1404, mandou que todo o judeu, que não escrevesse no

O Estabelecimento da Inquisição em Portugal

A bula, que entre nós instituiu a Inquisição, foi a de 23 de Maio de 1536, publicada no tomo 3.º do *Corpo Diplomático Português*, a pág. 302 e no *Colectivo das Bulas e Breves Apostólicas*, bula dirigida aos bispos de Coimbra, Lamego e Ceuta, cujo original está no Bulário do Arquivo da Torre-do-Tombo, m. 9 de Bulas, n.º 15.

Depois disso vigorou o *Regimento da Santa Inquisição* de 3 de Agosto de 1552, cujo original, devidamente assinado pelo Cardial Infante (D. Henrique), se conserva na Torre-do-Tombo, parecendo deduzir-se da sua fórmula de revogação anterior, que se encontra a fl. 31, que antes dêles se usavam quaisquer outros regimentos, provavelmente os das Inquisições espanholas.

O Regimento de 1613 fala-nos pela primeira vez em procuradores que *defendam os presos*.

*

Com assistência de D. João III, a 22 de Outubro de 1536, reuniu-se cabido, cônegos, prelados, clérigos e povo da cidade de Évora, e perante êles, o notário apostólico Diogo Travassos em alta e inteligível voz, diz o termo da publicação, fêz a leitura da bula cum ad nihil magis e da carta monitória do édito e tempo de graça por 30 dias, a-fim-de todos saberem a lei em que ficavam vivendo.

O édito dirigido aos vizinhos e moradores da cidade de Évora e seus termos, notifica aquêles que se sentirem culpados nos crimes da heresia e apostasia, por terem praticado actos do rito judaico, luterano ou

dia de S. Martinho todos os frutos e bens de raiz que tinha, os perdesse para o rendeiro. Tendo bens, que chegassem à valia de seis mil reais, pagava cada um 120 a El-Rei, como declaram as Ordenações de El-Rei D. Manuel.

Da História da Santa Inquisição do Reino de Portugal e suas Conquistas,

por FR. PEDRO MONTEIRO,

Doutor e Mestre na Sagrada Teologia,
Consultor da Santa Inquisição, etc. (dominicano), vol. II.

maometano, ou tiverem praticado feitiçarias ou sortilégios, a que venham confessá-los e manifestá-los publicamente, pedindo penitência dêles, porque Jesus Cristo *tem sempre os braços abertos para perdoar*.

E não só aos actos próprios se refere, como também aos que virem fazer e obrar, ainda que seja a pais, mãis ou parentes e ainda mesmo a pessoas que tenham já falecido. Estas confissões ou declarações podem ser escritas, quando a pessoa, que as faz, souber escrever, e no caso contrário serão escritas pelo escrivão.

De 30 dias era o tempo da graça, isto é, o tempo em que os culpados seriam absolvidos das censuras e penas de excomunhão maior, com penitências *saúdáveis para as suas almas*. A êsses, que neste tempo assim se viessem confessar, prometia o édito que não seriam presos, nem encarcerados. Mas, ai dos que de tal forma não procedessem; porque êsses eram *revéis e pertinazes* e contra êles usaria o Inquisidor-mor de todos os rigores do seu officio!

Este édito era datado de 20 de Outubro de 1536, mas não tendo sido julgado sufficiente foi um outro publicado a 18 de Novembro do mesmo ano, no qual se apontavam os factos delituosos para que todos ficassem sabendo de que culpas se haviam de confessar e quais as que deviam denunciar.

Começa por enumerar os ritos e cerimónias judaicas, depois menciona as de carácter muçulmano e termina pelos luteranos. Entre os ritos e usos judaicos são mencionadas acções que não pertencem a esta religião mas a superstições pagãs; estas últimas serão sublinhadas ao serem transcritas:

Indícios de judaísmos;— Guardar os sábados, não trabalhando e vestindo-se de festa; fazer comida às sextas-feiras para o sábado, acendendo e mandando acender então candeieiros limpos e mechas novas mais cedo que os outros dias e deixando-os acesos tóda a noite até se apagarem; degolar aves, atravessando-lhes a garganta, tendo experimentado o cutelo na unha do dedo da mão e cobrindo o sangue com terra; não comer toucinho, nem lebre, nem coelho, nem aves afogadas, nem enguia, polvo, congro, arraia, pescado que não tenha escama; jejuar o jejum maior que cai em Setembro, não

comendo todo o dia até à noite ao nascer das estrelas e estando no dia de jejum maior, descalços e pedindo perdão uns aos outros; jejuar o jejum da Rainha Ester, *assim como às segundas e quintas*; solenizar a Páscoa comendo pão ázimo em bacias e escudelas novas, rezando os salmos sem *Gloria Patri*; fazendo orações contra a parede, *sabadeando*, abaixando a cabeça e levantando-a e usando então dos *atafaliis*, isto é, de correias atadas nos braços ou postas sobre a cabeça; comer quando alguém morre, em mesas baixas e só pescado, ovos e azeitonas; estar então detrás da porta; banhar os defuntos; lançar-lhe calções de lenço, amortalhando-os com camisa comprida e pondo-lhes em cima a mortalha dobrada como se fôsse capa; enterrá-los em covas fundas e em terra virgem e pondo-lhes na boca um grão de aljófar ou dinheiro de ouro ou prata, dizendo que é para pagar a primeira pousada, cortar-lhes as unhas e guardando-as; derramar ou mandar derramar a água dos cântaros e potes, dizendo que as almas dos defuntos se vêm ali banhar ou que o anjo percutiente lavou a espada na água; deitar, nas noites de S. João e de Natal, ferros, pão ou vinho na água dos cântaros e potes, dizendo que naquelas noites a água se torna em sangue; deitar a bênção aos filhos, pondo-lhes as mãos sobre a cabeça e abaixando a mão pelo rosto abaixo sem fazer o sinal da cruz; circuncidar os filhos; depois de os baptizar rapar-lhes os óleos que lhes puseram.

Indícios muçulmanos: — Jejuar o jejum do Ramadan, não comendo em todo o dia, banhando o corpo todo e estando descalços fazendo orações de mouros; guardar as sextas-feiras e não comer toucinho, nem beber vinho.

Indícios luteranos e heréticos: — Dizer que não há paraíso, nem inferno, que não há mais que nascer e morrer; não crer no Santíssimo Sacramento; não crer em todos os artigos da Fé; dizer que a missa não aproveita às almas; afirmar que o Santo Padre e Prelados não têm poder para ligar, nem absolver; dizer que a confissão se não deve fazer a sacerdotes, mas cada um se há de confessar em seu coração; dizer que há a transmigração das almas; dizer que cada um se pode salvar ainda que não seja cristão; negar a virgindade de Nossa Senhora; dizer que Jesus Cristo não é o Messias prometido.

Por último o édito admoestava os ouvintes

a que confessassem ou denunciasses os casos de bigamia, bruxedo ou feitiçaria e aquêles que tivessem alguma Bíblia em português, que devia ser examinada.

Para os judeus fazia-se uma restrição: era preciso não os acusar de actos anteriores a 12 de Outubro de 1535 que tinham sido já perdoados, e para todos, confessantes ou denunciantes, se cominava a pena de excomunhão maior no caso de não cumprirem as disposições do monitório, que teve publicidade a 19 de Novembro.

E para essa publicidade se poder efectivar e o monitório se cumprir, logo no dia seguinte El-Rei D. João III fazia expedir uma Carta dirigida a todos os portugueses, desde os mais altos na escala hierárquica, os infantas, até ao seu último vassalo, ordenando que prestassem à Inquisição todo o auxílio, prendendo ou mandando prender os que contra as suas determinações delinqüissem, fazendo citar, requerer e emprazar quaisquer pessoas ou penhorar os seus bens, recebendo, emfim, e fazendo receber benigna e favoravelmente os officiais do Santo Officio.

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Paris — O Sr. Carlos Cohen, de Sidi-bel-Abbés, foi nomeado Ministro-Oficiante (HAZAN) da Sinagoga do rito português da rua do Buffault. O Sr. M. Mossé foi nomeado primeiro Hazan da mesma Sinagoga.

Isaac Levy

Com 78 anos de idade afastou-se de nós, por chamamento de Deus Bemdito, o nosso velho e venerando amigo Isaac Levy, antigo Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa. Era um bom e piedoso observante da Lei de Moisés. Elemento culto e de excellentes qualidades morais.

Que a sua alma seja reunida ao feixe da vida eterna e que o corpo repouse em paz e glória.

O estabelecimento da Inquisição no Pôrto

No dia 30 de Junho de 1541, El-Rei D. João III ordena ao Bispo do Pôrto, D. Frei Baltazar Limpe, o estabelecimento do Tribunal do Santo Officio. A carta é do teor seguinte:

Por me parecer que seria mui grande serviço do Nosso Senhor fazer-se a Inquisição em todos os meus reinos e que fôsse feita por tais pessoas de que Nosso Senhor fôsse muito servido, assentei com o Infante, meu Irmão, que vós a fizésseis no Arcebispado de Braga e nesse vosso bispado com um letrado de muita confiança como por outra carta vos escreverei mais largamente e vereis pelas provisões do Infante, meu Irmão, por que vos comete o dito cargo na forma que vereis. E por que para isso são necessários officiaes — a saber — promotor, meirinho, escrivão e solicitador e estes convém que sejam pessoas de confiança, folgarei de vos informardes se nesse vosso bispado haverá pessoas que sejam aptas para isso e em que haja as qualidades que devem de ter quem nestes cargos houver de servir. E por que agora seria bem que elles não tivessem ordenado, me parece que deveis buscar pessoas que sirvam sem elle, porque para promotor e escrivão podereis achar alguns clérigos que folguem de o ser, os quais pelo breve que o Santo Padre passou aos officiaes da Inquisição, lhe aprouve que sendo clérigos e tendo quaisquer benefícios os pudessem comer, pôsto que nêles não residissem e este privilégio é tão grande que só por elle folgaram de entrar nestes cargos, quanto mais que os cargos são tais, que folgaram de os aceitar sem ordenado, pois se lhe pode seguir, folgarem de lhes fazer mercê e o meirinho pode ser o vosso, sendo tal-qual, cumpre para isso e assim o deve elle de ser e com o mantimento que já tem, poderá servir estoutro cargo e para solicitador, muitos achareis que folguem de o ser, muito vos encomendo que logo vos informeis de tudo isto e me escreveis o que achardes e vos parecer assim nisto como em todo o mais que virdes que cumpre para esta obra logo haver efeito e com aquella brevidade que convém em cousa de tão grande serviço de

Nosso Senhor como esta é e que tão grande seu des-serviço é estar por fazer.

Lisboa, 30 de Junho de 1541.

(*Corpo Cronológico*, parte 3.^a, maço 15, doc. 54, da Torre-do-Tombo).

Pouco tempo depois para o mesmo efeito e a-fim-de coadjuvarem o Inquisidor do Pôrto, El-Rei D. João III escreveu as seguintes cartas ao Provisor de Braga, ao Dr. Gaspar de Carvalho e ao Bacharel Gomes Afonso:

« Ao Provisor de Braga:

Eu, El-Rei etc., encomendo-vos e mando-vos que tanto que esta carta minha vos fôr dada vá-des à cidade do Pôrto para nestes três meses de férias que se acabam por dia de S. Lucas, ajudardes a despachar os feitos da Inquisição com o Bispo do Pôrto e o Licenciado Jorge Rodrigues e com os mais accessores que o Bispo para isso tomar e confio de vós que folgareis de aceitar este trabalho pelo serviço que a Nosso Senhor nisso fazeis.»

« Ao Dr. Gaspar de Carvalho:

Amigo etc. Eu escrevo ao provisor dêsse arcebispado que vá à cidade do Pôrto para nestes três meses de férias que se acabam por dia de S. Lucas, ajudar a despachar os feitos da Inquisição com o Bispo do Pôrto e o Licenciado Jorge Rodrigues e com os mais accessores que o Bispo para isso tomar, muito vos encomendo que lhe encarregueis também de minha parte e entretanto que elle lá estiver trabalhareis que os da Relação sirvam seus cargos e a justiça não pereça.»

« Ao Bacharel Gomes Afonso:

Porque o Bispo do Pôrto terá necessidade de vós o ajudardes nas cousas da Inquisição, assim na visitação que a isto como no mais do mesmo cargo, vos encomendo muito que sendo vós por elle requerido o ajudeis nisso e em tudo o que cum-

Casamentos Elegantes

Lawrence Kadoorie & Muriel Gubbay

No dia 9 de Novembro passado realizou-se em Hong-Kong o enlace matrimonial do Ex.^{mo} Sr. Lawrence Kadoorie, filho do grande benemérito Sir Elly Kadoorie, com Miss Muriel Gubbay, de Hong-Kong.

Muitas venturas desejamos aos noivos.

Maurice Paúl Goodman & Vera Appleberg

No dia 23 de Fevereiro do corrente ano realizou-se na Spanish And Portuguese Synagogue, da Landerdale Road (Londres) a bênção nupcial do enlace do Sr. Maurice Paúl Goodman, filho mais velho do Sr. Paúl Goodman, bem conhecido historiador e publicista, Vice-Presidente Honorário da Comunidade do Pôrto, Secretário Honorário do Portuguese Maranos Committee de Londres, etc., com a menina Vera Appleberg, filha mais nova do Sr. H. Appleberg. Foi celebrante o Reverendo David Bueno de Mesquita. A noiva, conduzida solenemente pelo braço de seu pai, trajava uma clássica túnica de longas mangas de cetim branco marfim bordada de pérolas; o véu era seguro por um diadema de pérolas e o ramo de noivado era de açucenas. As donzelas de honra foram as meninas Rosemary Aaron e Frances Lewey. Elas trajavam vestidos de cetim branco com muitos folhos e na cabeça véus de tule com grinaldas de florinhas, os seus ramos eram de anémonas. O Sr. Cyril J. Goodman foi o padrinho de seu irmão.

Entre a distinta assistência a este acto solene notavam-se as seguintes pessoas:

Dr. and Mrs. A. A. Hayman, Mr. and Mrs. George J. Webber, Miss Judith Webber, Chief Rabi Bension Uziel (Tel Aviv), Rabi e Mrs. Shemtob Gaguin, Dayan e Mrs. I.

Abramsky, Dayan e Mrs. M. Gollop, Dayan e Mrs. H. N. Lazarus, Mr. E. Abinun, Mrs. Israel Abrahams, Dr. Phyllis Abrahams, Mr. e Mrs. L. Bakstansky, Dr. e Mrs. Lionel D. Barnett, Mr. I. Len-Zvi, Mr. e Mrs. Israel Cohen, Councillor M. H. Davis, L. C. C., Mr. e Mrs. D. Vaz Nunes da Costa, Dr. e Mrs. S. Daiches, Mr. e Mrs. F. de Kiss, Sir Benjamin e Lady Drage, Dr. e Mrs. Ch. Duschinsky, Mr. Joseph S. Elmaleh, Dr. e Mrs. M. Epstein, Dr. e Mrs. Irael Feldman, Dr. e Mrs. W. M. Feldman, Dr. e Mrs. Hugh Gainsborough, Mr. S. Gaon, Mr. e Mrs. I. Goodman, Mr. e Mrs. W. Goodman, Dr. e Mrs. N. Gurrie, Mr. e Mrs. G. Helshy, Mr. e Mrs. A. M. Hyamson, Mr. e Mrs. B. Janner, Mr. Donald P. H. Josephs, Dr. e Mrs. T. Lasker, Mr. e Mrs. M. Gordon Liverman, Professor Georges Loukomsky, Mr. e Mrs. M. J. Landa, Mr. e Mrs. I. Landau, Mr. Neville Laski, Mrs. Eustace A. Lindo, Mr. H. W. E. Lindo, Mr. Michael Marchant, Mr. e Mrs. Lazar Margulies, Mr. e Mrs. Oscar Margulies, Mrs. D. Bueno de Mesquita, Mr. e Mrs. Alan A. Mocatta, Mrs. M. Mirrelson, Mr. e Mrs. Charles E. Sebag-Montefiore, Rev. e Mrs. M. L. Perlzweig, Mr. Cyril M. Picciotto, K. C., Dr. Hans Rehfisch, Dr. e Mrs. Cecil Roth, Mr. e Mrs. Simon Rowson, Viscountess Samuel, Mrs. S. Samuel, Mrs. S. Samuel, Mr. e Mrs. Wilfred S. Samuel, Mr. e Mrs. David S. Sassoon, Dr. e Mrs. J. Snowman, Dr. Celina Sokolow, Mr. e Mrs. Robert B. Solomon, Mr. e Mrs. Leonard Stein, Mrs. Alfred Watt, Mr. e Mrs. Joseph Webber, Dr. e Mrs. Ch. Weizmann.

Finda a cerimónia a mãe da noiva deu uma recepção na sua vivenda Hativah, The Ridgeway, N. W., depois da qual os noivos partiram em viagem de núpcias para a Córsega.

MAZAL TOB — BESIMAN TOB.

prir e fôr necessário e de vós confio que o fareis como cumpre a serviço de Nosso Senhor.»

Novamente escreve ao Bispo do Pôrto.

«*Reverendo Bispo:*

Amigo etc. O Licenciado Manuel Falcão me deu vossa carta e o ouvi em tôdas as cousas em que de vossa parte me falou e tenho muito contentamento de assim fazerdes.

E acêrca das provisões para aquêles dois cristãos-novos se saírem de meus reinos e assim das cartas para o provisor e o prior de Guimarães vos ajudarem nas cousas da Inquisição, mandei fazer conforme ao que de vossa parte me disse o dito Manuel Falcão e este moço de estribeira as leva quando outra cousa vos parecer necessária. Folgarei de ma escreverdes para nisso logo mandar provar.»

(Colecção de S. Vicente, vol. 7.º, fl. 196).

O 15 DE SHEBATH

(ANO NOVO DAS ÁRVORES)

A MISHNAH menciona o 15 de Shebath entre as quatro festas de ano novo como sendo o ano novo das árvores. Esta data servia para o cálculo de ORLAH e REVAI (terceiro e quarto ano da plantação da árvore e da vinha). O TALMUD relata que o costume se estabeleceu na Palestina de plantar neste dia, novas árvores. Este uso manteve-se depois da dispersão judaica e durante toda a Idade-Média. Entre os judeus que não podiam possuir terras usavam celebrar este dia comendo frutas da Palestina ou iguais.

A festa de 15 de Shebath tornou-se também a festa da Juventude. Ela simboliza o renovamento eterno da natureza, a sua eterna juventude.

Hamishah Assar Bishebeth

15 DE SHEBATH

É este o dia festivo dedicado à Juventude Israelita, porquanto é ela que tal dia comemora.

Foi neste dia que com grande satisfação minha, assisti à festa dos frutos e da juventude na grande Catedral erigida no Pôrto por iniciativa de meu mestre Sr. Capitão Barros Basto, para o resgate dos maranos em Portugal.

Encontrava-se então repleta de jovens e pessoas idosas que pareciam transbordar de alegria por verem que a árvore plantada há poucos anos se encontrava repleta de frutos e com fé ardente.

Foi neste dia e neste lugar sagrado que me encontrei com alguns ex-talmidim que, há tempos, não via; os quais me alegraram não só com a sua presença, mas também por ver neles, fé, esperança e vontade firmes!... Credo no progresso da religião que de todas é a mãe, naquela que só inspira verdade.

A cerimónia da minh'á decorreu solenemente oficiada pelo moreh Samuel Rodrigues, acompanhado nos cânticos pelos ex-talmidim que, com suas sonoras vozes e corações repletos de fé e esperança, oravam ao Senhor.

Terminada a cerimónia o Grupo Sionista Judah Halevi convidou a assistência a saborear uns frutos para melhor recordar a significação do dia e para melhor infiltração de todos no Sionismo.

Tudo decorreu na máxima ordem e alegria, e o nosso mestre, usando da palavra, mais uma vez nos mostrou a significação do dia que se festejava, fazendo-nos bem compreender a sagrada missão que por dever nos é exigida; o resgate dos maranos e a união dos que o tivemos e temos por guia no caminho da verdade, porquanto o provérbio diz «a união faz a força» e como tal precisamos de nos unir para melhor resistir aos reveses que constantemente nos assolam.

É ao Grupo Sionista Judah Halevi que cabe o esplendor da festa que, com a bela compreensão do sionismo, procura estas interessantes passagens do calendário hebraico, para a alegre junção e convivência da Juventude Israelita.

JOSEPH PEREIRA GABRIEL.

OBRA DO RESGATE

O antigo Talmid da Yeshibah do Pôrto, Joseph Gabriel foi levar algumas palavras de esperança a cripto-judeus de Lagoaça.

— O moreh Samuel Rodrigues foi a Lisboa observar os ritos, cerimónias e como eram praticadas as obras de assistência, a-fim-de aumentar a sua cultura israelita.

— O mesmo moreh Rodrigues visitou Covilhã, Fundão e Belmonte, levando palavras de fé a vários maranos.

TERRA DE ISRAEL

O general Haining, comandante em chefe das forças britânicas na Palestina, dirigiu um telegrama de felicitações ao chefe do destacamento de voluntários judeus que havia combatido um importante bando árabe nas proximidades do Mar Morto.

— A primeira escola de pilotos aviadores judeus criada no último ano em Lydda concedeu diplomas a sete jovens judeus.

Um aero-clube judeu foi criado em Jerusalém.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Mártires Cripto-judeus

No dia 27 de Março de 1605 foi queimado pela Inquisição o marano António Dias, natural de Beja.

—No dia 31 de Março de 1669, quarto domingo da quaresma, foi queimado em Lisboa o Padre Luiz de Azurara Lôbo, acusado de judaísmo. Tinha trinta anos. No mesmo auto de fé saíram com sambenito 30 mulheres e 47 homens. Uma mulher com quem o pai do Padre Lôbo era casado e todos os filhos vieram também para a Inquisição. Esta mulher e alguns de seus filhos foi queimada em Coimbra a 26 de Maio de 176...

—No dia 2 de Abril de 1497 El-Rei D. Manuel mandou tirar aos judeus tôdas as crianças menores de 14 anos a-fim-de serem educadas no catolicismo.

—No dia 17 de Setembro de 1662 foi condenado em Lisboa a ser queimado o cripto-judeu Diogo Flores, mercador, natural da Guarda.

—No dia 15 de Setembro de 1780, morre em França, para onde havia fugido às perseguições religiosas, o judeu marano Jacob Rodrigues Pereira, inventor do ensino dos surdos-mudos. Tinha nascido em Berlenga, perto de Peniche, a 11 de Abril de 1715.

—No dia 16 de Outubro de 1667. Auto de fé em Évora. Saíram 84 homens e 132 mulheres e 1 homem e 3 mulheres para serem queimadas e 4 estátuas. Manuel Rodrigues Sanches, tintureiro, de Cabeço de Vide, morto no cárcere, com 110 anos, foi absolvido, depois de morto. É queimado o cripto-judeu Jácome de Melo Pereira, Capitão de Cavalaria e os seus dois filhos são penitenciados.

—No dia 17 de Outubro de 1660, no auto de fé realizado no Terreiro do Paço (Lisboa), é queimado o cripto-judeu Meia Noite, natural de Abrantes.

—No dia 18 de Outubro de 1739, no auto de fé, em Lisboa, no Terreiro da Lã, é degolado e em seguida queimado o poeta dramático António José da Silva, o *Judeu*, também advogado. Tinha 34 anos e havia nascido no Rio-de-Janeiro em 8 de Maio de 1705. No mesmo auto de fé saíu também sua mulher, Leonor Maria de Carvalho, natural da Covilhã, de 27 anos e sua mãe Lourença Coutinho, viúva já e com 61 anos.

ONDE ERA EM LAMEGO A JUDIARIA

Bernardino Zagalo, no seu livro *Tempos Aureos* (História e lendas) publicado em 1914, diz que a comuna judaica se desdobrava pitorescamente por Fafel fora até às margens do apoucado Coura.

Informa mais que em 1377 João Antunes, escrivão do almoxarifado em Lamego e Viseu, entre várias bemfeitorias fez doação de uma casa junta à igreja de Almacave, em Lamego, que ficava perto da judiaria, para nela serem tratados e socorridos os judeus que padecessem de moléstias contagiosas.



O ÚLTIMO AUTO DE FÉ EM PORTUGAL

No dia 16 de Setembro de 1781 realizou-se o último auto de fé, na sala do Tribunal do Santo Officio em Évora.

Os condenados eram oito, acusados de heresias, e entre estes contavam-se alguns padres católicos. Nenhum foi condenado à morte.

Nota: nasceu em Barcelos perto de Badajoz 1715

O último auto de fé em Portugal, em que houve queima de pessoas, realizou-se em Lisboa no dia 20 de Setembro de 1761.

Foram condenadas a cárcere e arbítrio. Dos dois filhinhos do poeta, um nascido já na prisão, da mãe e da avó, nunca mais houve notícia. Deixou muitas comédias, mas, as que, parece, suscitaram mais o ódio aos inquisidores, foram: *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança, Esopaida ou Vida de Esopo e Amphitrião ou Júpiter e Alémena*. Em 1726, cursando a Universidade, já tinha sido prêso e sua mãe. A segunda vez foi em 1737 e desta vez para a fogueira. Tem uma estátua levantada no salão do teatro de S. Pedro-de-Alcântara, do Rio-de-Janeiro.

—No dia 21 de Outubro de 1576, Isabel Vaz, prima da avó do Dr. António Homem, lente em Coimbra, queimado em Lisboa a 5 de Maio de 1624, é pela segunda vez condenada.

Extinção da Inquisição em Portugal

No dia 31 de Março de 1821 foi extinto em Portugal o Tribunal do Santo Offício.

O decreto é assinado por Hermano José Braancamp de Sobral, Presidente; Agostinho José Freire, deputado, Secretário; João Baptista Felgueiras, deputado, Secretário.

A proposta foi apresentada pelo deputado Margiochi, às côrtes constituintes.

No país e seus domínios existiram quatro tribunais permanentes: Lisboa, Coimbra, Évora e Goa, que principiam a funcionar em 1510, 1541, 1563 e 1600, sendo todos extintos em 31 de Março de 1824.

LISBOA — Queimaram vivos 355 homens e 221 mulheres; padeceram tormentos 6.005 homens e 5.765 mulheres; morreram nos cárceres 706 homens e 546 mulheres; autos de fé, 272.

ÉVORA — Queimaram vivos 234 homens e 200 mulheres; padeceram tormentos 6.916 homens e 4.765 mulheres; morreram nos cárceres 801 homens e 667 mulheres; autos de fé, 180.

COIMBRA — Queimaram vivos 180 homens e 215 mulheres; padeceram tormentos 6.249 homens e 7.252 mulheres; morreram nos cárceres 630 homens e 720 mulheres; autos de fé, 304.

GOA — Queimaram vivos 82 homens e 32 mulheres; padeceram tormentos 4.840 homens e 1.512 mulheres; morreram nos cárceres 726 homens e 227 mulheres; autos de fé, 91.

Além das inquisições de Lisboa, Évora, Coimbra e Goa, houve em Portugal as inquisições de Tomar, Pôrto e Lamego. E também se celebraram autos de fé em Angola, Cabo Verde e outras partes onde eram mandados visitares, que como adjuntos procediam a eles.

O QUE DIZEM DE NÓS

No jornal *O Figueirense* num artigo intitulado «Dr. Abel Maria Jordão» por Belisário Pimenta, datado de Coimbra — Dezembro de 1921, diz-se... sei apenas que, para os católicos, a família Barros Basto não gozava de muito boa fama na limpeza de sangue porque tinha mais do que uma costela judaica.

VIDA COMUNAL

Pôrto — Foi festejado o dia 15 de Shebath solenemente, não só por ser o ano novo das árvores, mas também por ser aniversário da Dedicção Solene da Sinagoga Kadoorie.

Donativo de rituais — A Sociedade Judaica Heshaim (Árvore da Vida) da Congregação Judaica Hispano-Portuguesa de Londres, que já havia enviado 25 rituais de orações quotidianas, em hebreu e inglês, do rito português, que serviram na Dedicção Solene da Sinagoga Kadoorie, enviou em Setembro passado 50 exemplares de cada um dos seguintes rituais para as festividades do Ano Novo, Dia de Perdão, Festas das Cabanas e Páscoa e Pentecostes, no total de 200 livros bem impressos e encadernados para serem usados na Sinagoga do Pôrto.

Beneficência — O Sr. David S. Shellim, membro da Congregação Judaica Portuguesa de Londres, enviou, há tempos dez libras para um fundo de caridade da Congregação do Pôrto. Este donativo foi aplicado sob o nome de The David S. Shellim Charity Fund, na secção de Maghen Adom (Signo Vermelho) da Comunidade do Pôrto que se destina a assistência clínica. Graças a este donativo puderam ser socorridos um velho marano trasmontano e três jovens maranos, um deles atacado por uma doença muito grave.

A INQUISIÇÃO APRECIADA POR CATÓLICOS

«Etrangère aux beaux siècles de l'Eglise, l'inquisition ne pouvait naître que des tenebres de l'ignorance et de la fange du moyen-âge. Sa conduite n'a point démenti son origine.»

(Carta de Gregoire, Bispo de Blois, ao grande inquisidor de Espanha).

É o grupo dos Cains; daqueles a quem mais tarde ou mais cedo, Deus e os homens hão de, infalivelmente, perguntar: — Que fizestes de vossos irmãos?

ALEXANDRE HERCULANO.
(*História da Inquisição*).

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

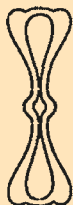
BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mehor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Uma lágrima de piedosa saüdade por um
grande de Israel cuja alma voou até
à Mansão Divinal de Adonai



R A B I - M O R J A C O B M E Ï R

RABI JACOB MEÏR

No dia 27 de Maio, chamou Deus à sua divina presença o reverendo Rabi Jacob Meïr, Rabi-mor da Palestina (rito português) desde 1921, na idade de 83 anos.

Era um grande sábio e um justo.

O Sr. M. D. Gaon, no seu livro *Os Judeus do Oriente na Palestina*, dá-nos as seguintes notas biográficas do ilustre extinto:

«Rabi Jacob Meïr nasceu em Jerusalém a 7 Adar 5615 (13 de Fevereiro de 1856), filho de Caleb Mercado Meïr, pessoa abastada e beneficente. Recebeu novo uma sólida instrução, conforme o uso desse tempo. Casou em 5632 (1872 da era vulgar) com D. Raquel Ishaki, de Salónica, tendo deste consórcio um filho que morreu de tenra idade e uma filha, que desposou o filho do seu mestre Rafael Azriel.

Em 5637, abandonando a carreira rabínica, instalou-se em Jafa (Palestina) e dedicou-se ao comércio bancário, mas pouco tempo depois, a pedido do Rabi Barukh Pinto e do argentário Azariah de Botton, volta para Jerusalém e retoma os seus estudos Talmúdicos na Yeshivah (Seminário) particular de Botton.

Depois de 5 anos de estudos consecutivos, parte em missão religiosa para Bukara, em 5642 (1882 e. v.) e para a África do Norte, em 5645 (1885 e. v.).

Em 5648 (1888 e. v.) consegue agrupar os judeus de Jafa (Asquenazim e sefardim) numa só comunidade e éle próprio é nomeado membro do Beth-Din (Tribunal Rabínico) de Jerusalém.

Consegue igualmente que os judeus de Yemen façam parte da comunidade sefardita de Jerusalém. Fundou, com o Rabi Haïm Hirshon, a Associação Safah Berurah (linguagem clara), que tinha por fim a difusão da língua hebraica e à qual aderiram o célebre Eliezer Ben-Jehudah e Haïm Calmi.

Nesta época o governador de Jerusalém resolveu expulsar os judeus persas, que mandara aprisionar, mas Rabi Jacob Meïr fez tanto e tão bem que conseguiu que fôsse revogada a expulsão. Contribuiu poderosamente para a construção de novos bairros em Jerusalém. Foi assim que Rehovoth foi construída, em 5653 (1893 e. v.), Ezrat Israel, em 5655 (1895 e. v.) e Yemin Moxé, em 5658 (1898 e. v.).

Na idade de 45 anos aprendeu o francês, que foi de grande utilidade na sua carreira.

Em 5660 foi enviado em missão à Argélia para restabelecer ali o prestígio do rabinato palestinese, gravemente comprometido por caluniadores e conseguiu-o.

Interveio igualmente num conflito que surgiu em Hebron entre o Rabi Elias Mani e o Rabi Rahamim Franco, por causa do cargo de Rabi-mor daquela cidade. De colaboração com o Rabi Salomão Eliachar e Rabi Salomão Susin, conseguiu sanar o conflito.

Resolveu outros conflitos não menos importantes, tendo sempre em mira o interesse geral do judaísmo.

Graças a um fundo que obteve da família Barukof de Bukhara, fez construir em 5666 (1906 e. v.) a CASA DOS ÓRFÃOS e foi nomeado a 20 de Elul (Lua de Agosto) do mesmo ano Rabi-mor de Jerusalém, mas mais tarde, em consequência dum conflito desagradável que rebentou motivado por esta eleição, preferiu pedir a demissão desse cargo. Depois, em 5667 (1907 e. v.), foi eleito Rabi-mor de Salónica por unanimidade dos eleitores. Mas, também ali os seus adversários vigiavam e intrigavam. Acusaram-no ao govêrno turco de ser sionista, jovem turco, europeizado, filho de judeus gregos, etc., e nesse mesmo ano, em Elul, foi mandado comparecer no ministério turco em Constantinopla, onde o chefe do govêrno lhe disse o seguinte:

— «O senhor deve saber que, segundo as informações que recebi, é indigno de ocupar o pòsto de Rabi-mor. Sem o relatório de Rachid Pachá, que faz o elogio das vossas qualidades, eu vos mandaria atar os pés e as mãos e lançar-vos ao Bósforo. Em todo o caso, o senhor não será Rabi-mor.»

O seu regresso a Jerusalém encheu de alegria os seus adversários, mas a comunidade de Salónica fez tanto e tão bem que a sua eleição foi finalmente rectificada e, a caminho do seu cargo, foi recebido no palácio de Yildiz, onde o Sultão Abdul-Hamid o condecorou com a Ordem de Medjidié.

A recepção, que a comunidade de Salónica lhe fez, foi cordial e grandiosa. Esta

comunidade, que teve uma época de esplendor, encontrava-se em decadência e a tarefa do seu novo chefe espiritual foi a reorganização do ensino hebraico, para o que mandou vir professores e professoras da Palestina. Entretanto, o partido Jovem Turco subia ao poder. Rabi Moisés Levy, Rabi-mor da Turquia pede a demissão e ele foi convidado a suceder-lhe (5669—1909 e. v.), mas teve que declinar este importante oferecimento por causa da insistência dos judeus de Salónica, que, para o conservarem, tinham proclamado um dia de jejum.

No começo de 5671 (1911 e. v.), uma votação unânime das comunidades palestinas elegeu-o Rabi-mor de Erez-Israel (Terra de Israel), mas ainda Salónica, para o reter, declarou a greve geral e venceu Jerusalém.

Por essa época o Sultão Mahomed IV, visitando Salónica, condecora-o com a insígnia Osmanié (1.ª classe). Quando Salónica foi tomada pelos gregos tomou tal atitude que causou a admiração de todos.

Depois teve as melhores relações com o rei Jorge I e seu filho Constantino. Teve grande amizade com o grande estadista Venizelos, conseguindo sempre tudo o que interessava à comunidade, quando ele patrocinava esse assunto.

No Verão de 5679 (1919 e. v.) deixou definitivamente Salónica e foi fixar-se na Palestina. Perante uma comissão de estudo americana pro-Palestina pronunciou um eloquente discurso em favor do Lar Nacional Judeu.

Em 1921, a pedido do primeiro Alto Comissário Britânico, Sir Herbert Samuel, preparou um importante estudo sobre numismática judaica.

Fêz parte duma delegação enviada pelo Conselho Nacional de Jerusalém junto do Ministro das Colónias em Londres; em 1921 foi nomeado pelo governo, juntamente com o Rabi Isaac Kook, presidente do Conselho do Rabinato-mor palestinese, que acabava de ser fundado e o qual era composto de dois rabis sefardim e quatro askenazim.

Foi eleito Rabi-mor da Palestina pelas comunidades sefardim, que lhe concederam o título honorífico de Rishon-le-Sion (o primeiro em Sion); reorganizou a Escola Rabínica Tifereth Jerushalaïm e confiou a direcção a Rabi Joseph Ha-Levi; contribuiu para a manutenção do asilo dos velhos; recusou

receber honorários pelo cargo de Rabi-mor; presidiu à Yeshibah Porath Joseph, fundada por Joseph Sassoon de Bombaim (esta Yeshibah consta dum oratório, um talmud Torah, alojamentos gratuitos para 20 rabinos, dos quais 10 cabalistas, que recebem também gratificações mensais); tomou parte no 13.º Congresso Sionista, onde defendeu a causa dos judeus do Oriente e reclamou a criação duma secção superior que tratasse do seu renascimento.

Uma das principais obras do Rabi Jacob Meïr foi a reunião em uma grande Yeshibah, chamada Ohel Jacob de todas as pequenas yeshiboth disseminadas em Jerusalem (essas yeshiboth eram: 1) Beth Ha-Haron, fundação Aarão Abecassis, de Londres; 2) Beth Eliahu, fundação Jacob Menahem Eliahu, de Bucarest; 3) Beth Yehudah, fundação Jadah Guedalia, de Londres; 4) Beth Yakob, fundação Sir Jacob Sassoon e sua mulher Raquel de Bombaim; 5) Beth Jacob, fundação Jacob Pereira, de Amsterdam; 6) Berith Abraham, fundação Abraham José Franco, de Livorno; 7) Peer Anavim, de José, Rafael e Abraham Franco de Livorno; 8) Yeshivath Abraham e Sarah, da família Pereira, de Amsterdam; 9) Yeshivath Montefiore, de Sir Mosés Montefiore, de Londres; 10) Maghen David I, de David Emanuel Pinto, de Amsterdam; 11) Maghen David II, de David Bluca, de Nardaia; 12) Mazal Someah, de Mazaltov, em nome de seu filho David Ezrah, de Calcutá; 13) Mixmaroth, de Jacob Sassoon, de Alexandria; 14) Mixmaroth Kehuna, de Massud Cohen, de Lisboa; 15) Kais Nissim, de Cais Nissim Xemama, de Paris).

Graças aos seus esforços, vários e importantes legados foram obtidos a favor de instituições das comunidades sefarditas da Palestina, entre outros destacamos o importante legado da falecida Sr.ª Simhah Belílios, de Hong-Kong.

O ilustre extinto tinha escrito duas obras de jurisprudência rabínica. Estes manuscritos foram devorados pelas chamas no grande incêndio de Salónica.

Cavaleiro da Legião de Honra, titular de numerosas Ordens nacionais e as mais altas distinções honoríficas, ele foi, no Oriente, durante a guerra, o representante qualificado do judaísmo junto das potências aliadas.

Rabi Jacob Meïr foi um dos grandes pioneiros do renascimento palestinese. Ele era um homem de ideal e de acção.

Sir Filipe Sassoon

No dia 3 de Junho morreu em Londres, após uma dolorosa e rápida doença, Sir Filipe Sassoon, Alto Comissário das Obras Públicas do Império Britânico, desde 1937.

Com êle desaparece uma personalidade de primeira plana, que unia a uma rara distinção espantosas qualidades de organizador e uma emocionante intuição do futuro. Não pôde, a-pesar-da sua origem e parentela, tomar parte directa na gestão de obras judaicas, mas era membro da Comunidade Portuguesa de Londres, e, como sua irmã, a Marquesa de Cholmondley, que dirigia a seu lado as recepções da sumptuosa morada de Park Lane, êle correspondia generosamente a todos os apelos e, nos conselhos oficiais, a sua acção humanitária era sempre eficaz.

Nasceu em 1888, filho único do Barão Eduardo Alberto Sassoon, e, por sua mãe, neto do Barão Gustavo de Rotschild. Existe uma tradição de que os Sassoon, originários de Bagdad e de Bombaim, são descendentes do rei David.

Depois de brilhantes estudos em Eton e em Oxford, Sir Filipe tomou, em 1912, o título de seu pai; foi eleito aos 23 anos deputado conservador à Câmara dos Comuns, e representou, até à sua morte, o mesmo distrito eleitoral de Kent. Tomou parte na grande guerra, e no fim foi desmobilizado com a graduação de Major, tendo servido durante a guerra na frente francesa, primeiramente como ajudante de campo do Marechal French, depois como secretário de Sir Douglas Haig, tendo recebido em 1917 a Ordem de S. Miguel e S. Jorge.

A sua carreira parlamentar foi das mais brilhantes. Secretário do Ministro dos Transportes, ocupou as mesmas funções de 1920 a 1922, junto de Lloyd George, primeiro ministro. Então se reuniram em sua casa os principais elementos construtores da amizade franco-inglesa. Sub-secretário de Estado da Aviação no Ministério Baldwin, de 1924 a 1929, conservou este cargo no Ministério da União Nacional, de 1931 a 1937, para em seguida se tornar Alto Comissário das Obras Públicas.

Foi graças ao seu impulso pessoal que a aviação britânica deu rápidas provas. Êle próprio foi por via aérea até aos confins

Morreu o Rei—Viva o Rei

Um rei morre e outro lhe sucede. Um grande Rabi morre e outro vai ocupar o seu lugar. Deus chamou à sua divina presença o Rabi Jacob Meir, Rabi-mor da Palestina, do rito português e outro foi rendê-lo nesse posto de honra e de sacrifício, foi o Rabi Bension M. Uziel.

Seguindo a vèlha e tradicional forma de aclamação portuguesa diremos:

Arraial, arraial por Don Bension M. Uziel, Rabi-mor da Terra de Israel, segundo o rito de Portugal.



INSTITUTO MEMORIAL GASTER

No East End, de Londres, está em organização o Gaster Memorial Institute, em memória do falecido Haham, Rabi Dr. Moisés Gaster, da Spanish & Portuguese Congregation de Londres. Foi já escolhida uma comissão organizadora para levar a efeito este projecto.

Êste Instituto compreenderá uma biblioteca, sala de leitura, clube e museu.

do Império e pode dizer-se que a sua morte prematura foi apressada por recentes imprudências. A sua experiência técnica e o seu entusiasmo pela aviação davam às suas eloquentes intervenções no Parlamento um peso decisivo.

Alto Comissário das Obras Públicas, tornou-se popular, porque, conhecendo das cousas de arte, compreendia o alcance social do urbanismo. Também êle dirigia e protegia os museus, organizando exposições de arte em proveito de obras de beneficência. Amigo pessoal do Duque de Windsor (ex-rei de Inglaterra), recebia com rara distinção tôda a côrte. As suas exéquias, conforme as suas últimas vontades, foram celebradas numa estrita intimidade.

Sir Samuel Hoare prestou-lhe as suas últimas homenagens, dizendo quais os serviços prestados por uma tal personalidade, o que emocionou e comoveu a selecta assistência.

Spanish and Portuguese Jews Congregation, London

Relatório apresentado pelo Mahamad à assembleia dos Anciãos

A assembleia geral anual dos Anciãos da Comunidade Sefardi de Londres, reuniu a 5 de Fevereiro de 1939, e o Mahamad apresentou-lhe um relatório que resumimos como se segue:

A Comunidade tomou parte na comemoração das bodas de prata do Dr. J. H. Hertz, Rabi-mor do Império Britânico.

Devido à sua avançada idade, o Sr. Ger-shom Delgado, muito estimado presidente do Board of Elders, viu-se na obrigação de pedir a demissão.

O Sr. Cyril M. Picciotto K. C. recebeu as felicitações da comunidade, na ocasião da distinção *King's Counsel*, que lhe foi conferida pelo governo britânico.

A comunidade deplorou a perda do Sr. Claude J. Goldsmith-Montefiore e do Sr. Frederick Nunes Martinez, membro do Board of Elders e Parnas de 1915 a 1918. Ambos se tinham distinguido pela sua actividade em favor dos judeus.

Desejando manifestar a sua solidariedade relativamente aos judeus Askenazis perseguidos na Alemanha, a comunidade organizou, na sinagoga de Bevis Marks, um serviço religioso com leitura de salmos e participou no fundo de socorros constituído para os refugiados. Em resposta a um apêlo assinado pelo Sr. Charles Sebag-Montefiore, presidente dum comité criado para este fim, uma soma de 15.000 libras foi recebida da parte dos membros da comunidade. Ao mesmo tempo diversas medidas foram tomadas para acolher certos sábios sefardis expulsos do seu país.

Uma brochura acaba de aparecer expondo a actividade desenvolvida entre os maranos de Portugal sob os auspícios de Londres e sob a direcção do Capitão Artur Carlos de Barros Basto. A sinagoga Kadoorie do Pôrto foi inaugurada solenemente a 10 de Janeiro de 1938.

Tendo as sinagogas hispano-portuguesas de Chetham Hill Road e Withington, em Manchester, pedido à comunidade um certo auxílio financeiro, um comité foi nomeado para estudar a questão.

As receitas das ofertas e de Beth Haïm

elevaram-se durante o ano em revista a £ 776-6-3 e o deve-se foi de £ 747-16-1. A publicação de *Bevis Marks Records* custou £ 116-11-6.

Sabe-se que o falecido Sir Francis A. Montefiore Bart. tinha legado à comunidade uma soma de 10.000 libras. As despesas do processo legal vão ocasionar uma redução de 25 %, do legado.

A assembleia foi solicitada a votar um subsídio de 300 libras em favor da sinagoga de Holand Park em Londres, cujo presidente é o Sr. J. S. Elmaleh.

Conforme uma decisão anterior, o Rev. D. Bueno de Mesquita B. A. prègou nas sinagogas de Holland Park e de Ramsgate, e o Rev. B. Rodrigues Pereira, de Ramsgate, officiou na sinagoga de Landerdale Road.

Os Srs. Eliezer Abinun e Salomon Gaon seguem os cursos do colégio judeu e do colégio da universidade, assim como as lições do Rev. Shemtob Gaguin, presidente do Beth-Din. Destinados à carreira rabínica, estes estudantes, que officiam já há alguns anos, estão propostos com o título de *hazans assistentes*.

As reuniões de Midrash de Heshaim fazem-se regularmente.

O Sr. Frank J. Hassan continua a occupar-se das crianças de West End que seguem os cursos de religião. As escolas de «Gates of Hope» e de «Villareal and National Infant School» funcionam com satisfação geral. As classes mantidas pela comunidade dos judeus persas de Stamford Hill estão em vias de progresso.

As palestras feitas às crianças da sinagoga de Landerdale Road pelo Rev. D. Bueno de Mesquita B. A., têm um grande successo e são seguidas por um número importante de crianças.

A convite do Mahamad, o Sr. Herbert Løwe M. A., da Universidade de Cambridge, fez no dia de Kipur, na sinagoga de Bevis Marks, uma importante conferência de circunstância.

A publicação dos mais importantes documentos e arquivos dos 17.º e 18.º séculos da comunidade, sob o título de «Bevis Marks

Records» e sob a direcção do Dr. Lionel D. Barnett C. B., está muito adiantada. A comunidade adquiriu para a sua livraria diversos livros, especialmente um exemplar de a *The Proceedings at Large in the Arches Court of Canterbury between Mr. Jacob Mendes Da Costa and Mrs. Catharine Da Costa Villo Real, Goth of the jewish religion and cousin germans relating to a marriage contrat*, publicado em 1734. A comunidade recebeu um memorial sôbre Jacob Isaac Belisha (1862-1894), de Manchester, dedicado a seu filho, o muito honorável Leslie Hore Belisha M. P., Ministro da Guerra britânico e membro do Board of Elders.

O Montefiore Endowment Committee foi muito activo. Por morte do Rev. B. J. Salomons (encarregado da reorganização do colégio em 1897), foram nomeados membros do colégio o Dr. Victor Kurrein, precedentemente Rabi de Linz (Antriche) e o professor Isaac Markon, um sábio da Alemanha.

A-fim-de desenvolver a biblioteca e o museu do colégio um crédito de 2.500 libras foi votado, mas vistas as circunstâncias actuais foi proposto adiar esta decisão. Por outro lado, é recomendada (de mettre en état) a residência deixada vacante por um dos *hazanim* de Ramsgate, a-fim-de nela alajar certos sábios sefardis que procuram um refúgio na Inglaterra.

Para honrar o centenário do Board of Guardians, que tem lugar em 1937, e para o recompensar do seu trabalho a favor dos pobres da comunidade, esta conferiu ao sobredito comité o título de *Hebrat Shaaré Ezra*, comportando este para o presidente um lugar de honra na sinagoga. Um crédito de 1.000 libras é proposto para este comité em favor dos pobres.

As *ascamot* (estatutos) datando de 1664 foram revistas por um comité presidido pelo Sr. Dr. L. D. Barnett C. B.

Sucedendo ao Dr. Henry J. Sequeira, o Dr. Sydney Mellins foi nomeado chefe da assistência médica aos pobres. O Dr. Sequeira é o descendente de Dr. Isaac Henriques Sequeira, de Lisboa, que depois de ter feito estudos em Portugal, em Bordens e em Leyden, se estabeleceu em Inglaterra pela altura de 1758 e foi o médico extraordinário do príncipe regente de Portugal e da embaixada portuguesa junto da corte de St-James.

A sociedade literária sefardi continua a sua bemfazeja actividade sob a presidência

do Sr. Alan A. Mouvatta. A biblioteca de literatura judaica em Landerdale Road sob a direcção do Sr. Richard Barnett, Sr. A., está aberta a todos os membros da Comunidade.

A união sefardi

Na 2.ª Conferência Universal das Comunidades Sefarditas, que teve lugar em Amsterdã a 14 de Maio de 1938, sob a presidência do professor J. L. Palache, assistiram cêrca de quarenta delegados vindos de doze países diferentes.

A comunidade de Londres foi representada pelo Rev. Shemtob Gaguin, Srs. D. Beriro, D. V. N. da Costa e Paul Goodman; e de Manchester foi-o pelos Srs. R. Barrow-Sieree e M. L. Florentin. A Conferência reunida pela primeira vez em Londres, em Maio de 1935, tem por fim imediato reunir os representantes do judaísmo sefardi mundial, em vista duma cooperação em proveito das comunidades sefarditas. Ao mesmo tempo, a União da qual Sir Elly Kadoorie e Sr. Charles Sebag-Montefiore são os presidentes de honra, decidiu constituir um fundo de 100.000 libras para o estabelecimento em Jerusalém duma escola rabínica superior, cuja necessidade é vital para a vida espiritual dos judeus sefardim através o mundo. No decorrer duma reunião do Executivo e do Comité Financeiro, que teve lugar a 14 de Novembro de 1938, foi decidido abrir a subscrição para uma primeira (tranche) de 15.000 libras, capital e interêsses devendo servir para manter a escola mediante um orçamento anual de 2.000 libras.

O relatório supra estava assinado por *Neville Laski*, presidente do Mahamad; *D. V. N. Da Costa*, *J. S. Elmaleh*, *John Sebag-Montefiore*, *Harold W. E. Lindo*, *gabbay* — directores.

NOVAS PUBLICAÇÕES

History of the Jews, por *Paul Goodman*.—Este illustre publicista acaba de publicar uma nova edição da sua história dos judeus, correcta, aumentada e actualizada. A primeira edição saíu em 1911 e, depois dessa, mais 7 edições saíram do prelo.

Nos Estados-Unidos também foi várias vezes impressa e teve enorme circulação. Traduzida em várias línguas, inclusivé em português, esta obra escrita em linguagem simples, mas elegante, tem tido uma expansão notável.

(Editores: J. M. Dent & Sons, Ltd. — 10, Bedford Street, London W. C. 2).

O Congresso dos «Cruzes de Guerra» em Nantes

Nos dias 26 a 30 de Maio do corrente ano realizou-se em Nantes (França) um congresso dos antigos combatentes da grande guerra, condecorados com a Cruz de Guerra. Tomaram parte numerosos delegados dos departamentos da metrópole e das colónias, juntamente com os seus camaradas parisienses. Foi no castelo dos Duques da Bretanha que se realizaram as assembleias plenárias, bem como as sessões das comissões. Três officios religiosos foram celebrados em memória dos «Cruzes de Guerra» mortos pela França. O primeiro teve lugar na Catedral de Nantes, em presença do Bispo Monsenhor Villepelet e do Rev. Abade Asport, em cujo magnífico sermão, exaltou o valor moral da condecoração, que simboliza as virtudes e a coragem do soldado francês. No templo protestante, foi o Pastor de Saint-Etienne que officiou, na presença dos delegados. Na sinagoga, ao serviço religioso, organizado sob a presidência do Sr. Saxer, assistiram igualmente tôdas as altas personalidades militares que participaram no Congresso. O officio foi dirigido pelo Sr. Eisner, chantre do Consistório Israelita de Paris e o Rev. Rabi Kaplan, delegado do Rabi-mor de França, pronunciou um comovente sermão, do qual vamos dar um pequeno resumo. Rabi Kaplan evocou a cerimónia de Douamont realizada poucas semanas antes e na qual tomou parte como numa sagrada peregrinação. Era também uma outra peregrinação que ali agora se celebrava. Ele tinha a impressão que ia fazer visita aos seus antigos companheiros de armas. Era efectivamente em Nantes que se conservava a gloriosa bandeira do 41.º regimento de infantaria, regimento quatro vêzes louvado em Ordem do Exército, e ao qual pertenceu durante a guerra.

Em seguida prestou homenagem às personalidades presentes e particularmente felicitou-se de ver, tão admiravelmente representadas na sinagoga, a marinha pelo Almirante Guepprate, a infantaria pelo General Weiller e a aviação pelo coronel Fonck.

Lembrando os fins da Associação Nacional dos Cruzes de Guerra, falou da união de todos os franceses. «E' áqueles combatentes que trazem no peito a prova incontestável da sua bravura, aos «Cruzes de Guerra», que

Dos quatro cantos da terra

Espanha—Um certo número de judeus fixaram-se em Barcelona depois da retirada do exército republicano e entre eles vários judeus alemães. Pouco depois da occupação da capital catalã pelo exército do General Franco, a maior parte destes judeus foram presos mas, depois duma curta retenção, quasi todos foram soltos.

A sinagoga de Calle Provença—o único templo judeu de Catalunha, foi fechada e como as instalações da comunidade judaica se encontravam no mesmo edificio, toda a actividade religiosa foi interrompida.

Holanda—Foi celebrado o tricentenário da comunidade sefardi de Amsterdam (fundada em 1639) por meio de um serviço religioso especial, no templo sefardi, sob a presidência do Rabi E. M. Francès.

Depois de ter sido, durante 55 anos, secretário da Comunidade Sefardi de Amsterdam, o Sr. A. G. Mendes da Costa, antigo presidente da Organização Sionista dos Países Baixos, pediu a sua demissão, succedendo-lhe seu filho, Sr. W. A. Mendes da Costa.

O pai e o avô do Sr. A. J. Mendes da Costa foram igualmente secretários da comunidade sefardi.

Inglaterra—A direcção do Fundo Baldwin anuncia que a importância das subscrições se eleva a 465.000 libras esterlinas.

220.000 libras serão para a obra de socorro às crianças e 90.000 libras para o Conselho dos Judeus da Alemanha.

Verbas de menor importância foram concedidas a outras obras de auxílio aos refugiados.

a vossa Associação pede para que se façam os apóstolos da união. Para permitir que o país vença as dificuldades da hora presente, a união não é menos indispensável que durante os duros combates da guerra».

Ao findar a sua allocução fez uma oração em memória dos seus concidadãos caídos no campo da honra e em prol da França que, fazendo frente ao obscurantismo que tenta avassalar o mundo, mantém o seu nobre ideal de luz e de civilização.

Assembleia Geral da Comunidade luso-hispânica de Manchester (Inglaterra)

Reuniu a Assembleia Geral da The Congregation Of Spanish And Portuguese Jews, sob a presidência do Sr. Manuel Cansino, presidente (Parnas) da Sinagoga. Sendo apresentando o relatório anual, ele deplorou a perda para o judaísmo, pelo falecimento, este ano, do Rabi Dr. Moisés Gaster. Êle felicitou-se pelas boas relações que o Mahamad (Direcção) daquela Congregação mantém com a Comunidade Portuguesa de Londres.

Foi aprovado um voto de louvor ao Sr. Lopes Dias, chefe de côro honorário, pelos serviços prestados.

Também a assembleia votou o agradecimento ao vice-presidente, Sr. Ruben Galaskie e ao Sr. Abraham Bessa, pela sua actividade durante os três últimos anos.

O relatório foi aprovado.

Passou-se em seguida à eleição do Mahamad, sendo eleitos os seguintes senhores:

Manuel Cansino, presidente; Maurício Bessa, vice-presidente; Abraham Sereno, tesoureiro; S. Guerson, secretário; vogais, Leão Levi, Abraham Cansino, Ruben Glaskie, Abraham Bessa, Jaques Abdela, M. Burrow Secree.

Em honra de Catulle Mendes

Em homenagem ao célebre escritor francês, foi colocada solenemente uma placa na casa onde nasceu, na cidade de Bordeus (França).

Antecedeu esta cerimónia uma recepção na Câmara Municipal, alusiva à homenagem. Foram lidos vários trechos poéticos de Catulle Mendes, por Madame Jane Catulle Mendes. O Sr. Laforcerie, presidente do Comité França-Portugal, juntou-se aos organizadores para prestar homenagem à memória do poeta, cuja família, de origem portuguesa, se estabeleceu em Bordeus, há mais de cem anos.

Falaram depois vários oradores ilustres em favor do homenageado. Esta homenagem realizou-se no grande anfiteatro da Faculdade de Letras. A municipalidade de Bordeus vai dar a uma rua o nome de Catulle Mendes.

Assembleia Geral da Comunidade Portuguesa de Withington (Inglaterra)

No seu discurso, o Sr. presidente J. E. Anzarut prestou homenagem à memória do Rabi Dr. Moisés Gaster, que durante mais de meio século não deixou de velar pelo bem estar espiritual da comunidade. Prestou igualmente homenagem à actividade da Sociedade das Damas em prol do fundo de construção. O Sr. presidente mostrou o apreço que tinha pelos serviços prestados pelo Rev. J. Pereira Mendonça nas conferências que fez perante não judeus.

O Sr. Barrows Sicree foi eleito presidente.

No final o Sr. presidente fez um apêlo aos pais, para que mandem os seus filhos às aulas de hebraico desde a mais tenra idade.

Um apêlo do Rabi-mor da Palestina

Tel-Aviv, 24 de Abril de 1939.

Aos nossos irmãos judeus sefardim de França, da Tunísia e da Argélia:

Todos os nossos pensamentos, todos os nossos esforços, devem ser dirigidos, nesta hora, para o reforçamento da nossa base vital em Erets-Israel (Palestina — Terra de Israel), única luz emergindo das trevas que cercam os nossos desgraçados irmãos perseguidos na diaspara (terras de desterro).

No momento em que as nossas legítimas aspirações, muitas vèzes seculares, para o fim de restabelecer o nosso antigo esplendor, tornámo-nos o objectivo duma actualidade cada vèz mais ardente, eu apelo para vós, para que participeis dos nossos esforços em vista da libertação da Terra e do Povo e da ressurreição da História e do Pensamento judaicos, para que vós vos enfileireis no movimento mizrahista (oriental), que sintetiza harmoniosamente o trabalho consagrado à mútua ajuda e aos esforços tendentes a desenvolver a cultura judaica.

Vós demonstrareis assim a vossa vontade de participar na restauração do povo judeu na Terra Santa, na qual mergulham profundamente tôdas as nossas raízes.

O Rabi-mor sefardi da Palestina,
BENSION M. UZIEL.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Deus chamou a si um dos seus mais fiéis servidores, o Rabi-mor Israel Levy

O nosso eminente e venerado pastor extinguiu-se docemente com esta serenidade de alma, que é própria das altas virtudes morais e religiosas, de que tóda a sua existência foi o reflexo.

Filho da terra alsaciana, onde as crenças são profundas e as tradições enraizadas, o Rabi-mor Israel Levy tinha conservado tódas as nobres convicções e tinha adquirido todo o ardor duma natureza de escolha.

A Jornada divina que êle passou sôbre a terra foi partilhada entre o estudo e o ensino, entre a defesa da justiça e da tolerância e o exercício da caridade.

Ainda aluno, sôbre os próprios bancos da escola, êle se revelou entre todos e se mostrou digno dos mestres distintos que professavam então no Seminário Israelita de Paris.

Ao estudo consagrou-se com tanta paixão que a sua inteligência superior abrangue e elucidou tódas as questões. Pela sua palavra como pelos seus escritos êle fez notar a sua profunda erudição.

A Revista de Estudos Judaicos (*Revue des Etudes Juives*) é-lhe devedora em grande parte da sua fama pela publicação, que êle se deu para fazer, de trabalhos dum alto alcance científico do nosso eminente e saudável Rabi-mor, um dos quais é a edição e estudo do Eclesiástico ou a Sabedoria de Jesus Ben-Sirah.

Na Escola Rabínica de Paris, onde foi professor de história e literatura judaicas até 1919, fez cursos que ficaram célebres e

lhe granjearam um prestígio de que sempre esteve cercado.

A sua autoridade e a sua fama irradiaram para além das fronteiras de França. Também era consultado por comunidades estrangeiras como sábio escutado e seguido como chefe espiritual e religioso.

Durante os anos de paz, como através as provas da guerra, o seu coração foi profundamente martirizado não só pelos sofrimentos da humanidade como pela crueldade das perseguições. Êle dominou os seus mais íntimos sentimentos para só tomar conhecimento do seu dever, desempenhando o seu santo ministério travando o bom combate contra a injustiça e a iniquidade, vindo em socorro de todos os oprimidos, sem distinção de culto nem de origem, esforçando-se por aliviar tódas as misérias.

Severo consigo mesmo, êle só tinha indulgência para os outros e inclinava-se com piedade sôbre as fraquezas humanas.

Pela sua bondade, pelas suas altas virtudes, êle soube conquistar todos os que dêle se aproximavam; pela amplitude do seu saber, soube conquistar tódas as inteligências.

A sua palavra era doce e persuasiva. A eloquência dimanava dos seus lábios para reanimar a fé, vivificar o sentimento religioso, fazer germinar nos corações a doçura e a bondade, a justiça e a caridade. Pela nobreza dos seus sentimentos, pelo seu espírito de tolerância, êle impôs o res-

TERRA DE ISRAEL

Informamos os nossos leitores que entre os judeus, que habitam na Palestina (Terra de Israel), por ocasião dos recentes ataques de terroristas árabes contra as colónias judaicas, foi organizada uma fôrça armada pelos jovens colonos, não só para defender as povoações judaicas, mas também para colaborar com as fôrças britânicas na punição dos terroristas.

Esta fôrça armada é designada, em hebraico, Mishmar Ezrah'i, que em língua portuguesa se traduz por Guarda Auxiliar e os inglêses traduzem, fora da letra, por Civilian Guard. Mishmar Ezrah'i conta nas suas fileiras mais de 15.000 voluntários.

A Mishmar Ezrah'i organizou agora uma *sociedade de precaução contra "raids" aéreos*, tendo-se inscrito imediatamente 8.000 voluntários, os quais tendo sido submetidos a uma rigorosa inspecção médica só foram admitidos 4.000.

Esta nova organização está em estreita colaboração com a policia, hospitais e a sociedade de primeiros socorros Maghen David Vermelho. Está também planeada uma organização feminina auxiliar do mesmo género.

— Numa reunião do Conselho Agrícola de Histadruth, realizada, no fim do mês de Maio, em Tel-Aviv, o Sr. Harzfeld relatou

que, durante os últimos três meses, dez novas povoações judaicas foram estabelecidas na Palestina (Terra de Israel).

— No dia 26 de Julho, perto de Nathania, foi criada uma colónia judaica em honra de Charles Netter. Cinquenta colonos, que tinham feito os seus estudos agrícolas em Mikveh-Israel, ocuparam o terreno pôsto à sua disposição.

— O Keren Kaiemeth de Israel, de França, resolveu a criação de uma outra colónia, que terá o nome de um grande judeu francês: Adolfo Cremieux.

— Dois Sepher-Thorah (Livros da Lei de Moisés em pergaminho), salvos miraculosamente em Novembro passado, da destruição de uma sinagoga alemã, chegaram à Palestina e foram solenemente entregues à nova sinagoga de Tel-Aviv "Beth Israel".

— Vários Xeques árabes que assistiram à recepção, dada em honra do Rabi-mor Uziel, pelo Conselho Sephardi da colónia judaica de Nathania, o decano dos convidados muçulmanos declarou no seu discurso que os muçulmanos "pedem a Allah pelo restabelecimento da ordem na Palestina" e se felicitou pela nomeação do Rabi Uziel para o cargo de Rabi-mor Sephardi da Palestina.

peito pela religião de Israel. Assim finda uma existência tão bela, tão plena, tão fecunda, uma jornada verdadeiramente divina, passada sôbre a terra.

Que piedosa recordação para todos os que, como eu, disso foram testemunhas, e que disso sentiram os efeitos benéficos, mas também que dor é uma tal separação! Para os jovens, que exemplo a meditar!

Unamos as nossas lágrimas às da sua família. Para o Todo-poderoso elevemos as nossas orações inclinando-nos com uma respeitosa afeição e um piedoso reconhecimento para honrar a memória do grande pontífice de Israel que foi o Rabi-mor de França, Israel Levy.

Nota da redacção—Rabi Israel Levy —Nasceu em Paris a 7 de Julho de 1856.

Foi nomeado Rabi em 1879. Em 1882—Rabi-mor coadjutor de Paris. Em 1892—Professor da Escola Rabínica de Paris. Em 1896—Professor à Escola Prática de Altos Estudos. Em 1919—Rabi-mor de França. Em 1939—Demissão dêste alto cargo por motivo de saúde. Em 23 de Junho de 1939—Morte em Paris.

O Rabi-mor Israel Levy foi um entusiasta pela Obra do Resgate dos Maranos Portugueses. Por seu intermédio o Sr. Barão Edmond de Rothchild, de Paris, fêz um donativo de 500 libras para a construção da Sinagoga do Pôrto. Era um grande amigo e admirador do Leader dos Maranos, o Capitão Barros Basto. O Reverendo Rabi Israel Levy era membro benemérito da Comunidade Israelita do Pôrto.

Calendário Israelita

Ano de 5700

(Tem 13 meses lunares e 385 dias)

- 1.ª lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 14 de Setembro de 1939.
- 2.ª lua (Heshvan) — 30 dias
dia 1 — 14 de Outubro de 1939.
- 3.ª lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 13 de Novembro de 1939.
- 4.ª lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 13 de Dezembro de 1939.
- 5.ª lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 11 de Janeiro de 1940.
- 6.ª lua (Adar) — 30 dias
dia 1 — 10 de Fevereiro de 1940.
- 7.ª lua (Veadar) — 29 dias
dia 1 — 11 de Março de 1940.
- 8.ª lua (Nissan) — 30 dias
dia 1 — 9 de Abril de 1940.
- 9.ª lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 9 de Maio de 1940.
- 10.ª lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 7 de Junho de 1940.
- 11.ª lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 7 de Julho de 1940.
- 12.ª lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 5 de Agosto de 1940.
- 13.ª lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 4 de Setembro de 1940.

Dias festivos do ano 5700

- Rosh Ha-shanah* (Ano-Novo) — 1.º dia — 14 de Setembro de 1939 — 2.º dia — 15 de Setembro de 1939.
- Kipur* (Dia do grande perdão) — 23 de Setembro de 1939.
- Sukoth* (Festa das cabanas) — 1.º dia — 28 de Setembro de 1939 — 2.º dia — 29 de Setembro de 1939.
- Hoshanah Rabah* — 4 de Outubro de 1939.
- Shemini Assereth* — 5 de Outubro de 1939.
- Simhat Thorah* — 6 de Outubro de 1939.
- Hanukah* (Festa dos macabeus) — 1.º dia —

A CAMARA MUNICIPAL DE PARIS PERANTE A MORTE DO RABI-MOR DE FRANÇA, REVERENDO ISRAEL LEVY

Em nome da municipalidade parisiense, o seu presidente enviou a seguinte mensagem ao Sr. Barão Eduardo de Rothchild, presidente do Consistório Central dos Israelitas de França:

“— Em nome de Paris, eu me inclino perante a memória daquele que foi o chefe amado da Sinagoga francesa, o Rabi-mor Israel Levy, que honrou o seu ministério pastoral pelos seus trabalhos, pela dignidade da sua vida, pelo seu largo espírito de tolerância e porque durante a guerra que amargurou o seu coração se associou a tódas as obras de solidariedade patriótica e social.

Eu vos exprimo, Senhor Presidente, assim como aos Senhores Membros do Consistório Israelita, os nossos sentimentos de dolorosa simpatia.

(a) GABRIEL BOISSIÈRE, >

7 de Dezembro de 1939 — 8.º dia — 14 de Dezembro de 1939.

Lailanot (Ano-Novo das árvores) — 25 de Janeiro de 1940.

Purim (Festa da Rainha Ester) — 24 de Março de 1940.

Pessah (Páscoa) — 1.º dia — 23 de Abril de 1940 — 8.º dia — 30 de Abril de 1940.

Lag-Laomer — 26 de Maio de 1940.

Shabuoth (Pentecostes) — 1.º dia — 12 de Junho de 1940.

Jejuns em 5700

Assassinato de Guedaliah — 17 de Setembro de 1939.

Kipur — 23 de Setembro de 1939.

Cêrco ao Templo — 22 de Dezembro de 1939.

Jejum de Ester — 21 de Março de 1940.

Tomada do Templo — 23 de Julho de 1940.

Destruição do Templo — 13 de Agosto de 1940.

Dos 4 cantos da terra

Estados- Unidos—O pavilhão iúgoeslavo na Exposição de Nova Iorque foi construído pelo architecto iúgoeslavo E. Weisman, filho dum capelão israelita (Hazan) da comunidade israelita de Zagreb.

Estados- Unidos—O Sr. Solo Blum, deputado de Nova Iorque, foi eleito presidente da Comissão dos Negócios Estrangeiros da Câmara dos Representantes. O Sr. Solo Blum tem 69 anos de idade. É um partidário convicto do Presidente Roosevelt.

Holanda—O célebre escultor holandês Joseph Mendes da Costa morreu em Amsterdão, com 76 anos de idade; pertencia a uma velha família de judeus portugueses. Era oficial da Ordem de Orange-Nassau.

Alemanha—O *Sturmer*, jornal anti-judeu, dirigido por Julius Streicher, amigo pessoal e político de Hitler, começou há poucos meses uma intensa campanha contra os alemães, que tenham uma pequena costela judaica, mesmo que tenham qualquer outra crença, declarando que *estes mestiços são agentes judeus, graças aos quais o judaísmo mundial consegue o enxovalhamento do sangue alemão*.

Polónia—Sete-centos bachareis judeus da Polónia pediram a sua admissão na Universidade Hebraica de Jerusalém.

De acôrdo com as autoridades da Palestina, 270 dêsses estudantes foram inscritos na Universidade de Jerusalém e 130 no Instituto Técnico de Haiffa.

Áustria—A falta de médicos na Áustria obrigou as autoridades nazis a conceder aos médicos judeus licença de exercer a sua profissão em pessoas não judias, infringindo assim as suas leis anti-judaicas.

Estados- Unidos—Um rico industrial judeu de Atlantic City, originário da Áustria, Sigmund Ojserkis, antigo presidente da Boardwalk National Bank, fez o donativo da sua colecção de arte, avaliada em perto de 4 milhões de francos, ao Comité Americano de socorro aos refugiados.

Carta aberta duma judia

O *Univers Israelite*, de Paris, publicou uma carta aberta que uma judia, Madame Clarisse Eugénia Simon, dirigira ao jornal *Rayon*. Por a julgarmos interessante, publicamos também o seguinte extracto:

«A indiferença religiosa da maior parte das mulheres judias nos afflige profundamente.

Duma maneira geral devemos constatar a bondade do seu coração; elas esforçam-se por minorar a miséria e o sofrimento, elas organizaram numerosas obras pias e participam com as dos outros cultos, sem se occuparem de nenhum modo, nem da nacionalidade, nem da religião daqueles a quem socorrem.

Mas se no ponto de vista filantrópico a sua actividade beneficente se manifesta, já não se passa o mesmo no ponto de vista religioso.

A sua ignorância sobre este assunto impediu-as de adquirir a fé, esta fé profunda, tão doce à alma, esta fé que nos ilumina, que nos faz compreender tudo, e que nos permite suportar corajosamente a adversidade, quando ela nos atinge.

Infelizmente, nós somos obrigados a constatar o bem fundamentado das suas respostas quando perante elas nós apresentamos estas questões.

Elas dizem-nos: Como poderemos ter a fé? Nós nada compreendemos dos officios, aos quais nós assistimos não sabendo o hebraico. O Shemah e a Amidah, é tudo quanto conservamos da nossa iniciação. Outras mulheres confessam-nos que os seus pais nada lhes ensinaram e que elas nunca puseram os pés na Sinagoga. E todas declaram que não iniciaram os seus filhos nas práticas religiosas que não lhes interessam, nem também nos officios.

Aquelas nossas correligionárias que conhecem os officios da Sinagoga da rua Copérnico dizem, como nós próprias dizemos: Se tais modificações tivessem sido introduzidas na nossa grande Sinagoga, sem dúvida que as damas deixariam de falar durante a oração.

Nota da redacção—A Sinagoga da rua Copérnico de Paris é uma Sinagoga onde parte do culto é feito em hebraico e outra parte em francês.

O DECÁLOGO

P.—*Como se chama a Lei que Deus promulgou sobre o Monte Sinai?*

R.—A lei promulgada por Deus sobre o Monte Sinai chama-se Decálogo ou os Dez Mandamentos.

P.—*Dizei os Dez Mandamentos.*

R.—1.º Eu sou o Eterno teu Deus, que te tirou do país do Egipto, da casa dos escravos;

2.º Não terás outro Deus além de mim; não farás nem adorarás nenhuma imagem;

3.º Não pronunciarás o nome de Deus para a mentira, porque Deus não deixa sem castigo aquêle que pronuncia o seu nome para a mentira;

4.º Lembra-te do dia de Sábado para o santificares. Trabalharás durante seis dias, mas o sétimo dia é consagrado ao Eterno teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu gado, nem o estrangeiro que esteja na tua terra, porque o Eterno criou em seis dias o céu, a terra, o mar e tudo que elles contêm, e abençoou o sétimo dia e o santificou;

5.º Honra teu pai e tua mãe, afim que os teus dias sejam prolongados sobre a terra que o Eterno teu Deus, te deu;

6.º Não matarás;

7.º Não cometerás adultério;

8.º Não roubarás;

9.º Não levantarás falsos testemunhos;

10.º Não cobiçarás a casa do teu próximo, nem a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem nada que pertença ao teu próximo.

Desenvolvimento dos Dez Mandamentos

PRIMEIRA TÁBOA

Primeiro mandamento

Eu sou o Eterno teu Deus que te tirou do país do Egipto, da casa dos escravos.

P.—*Que significa o primeiro mandamento?*

R.—O primeiro mandamento não contém a forma de uma lei positiva. Não encerra nenhuma proibição. Afirma a

existência de Deus, e os direitos do homem à liberdade.

P.—*Que significam as palavras: o homem é livre?*

R.—O homem é livre, isto significa primeiramente que nenhum poder humano tem o direito de oprimir os fracos e de os fazer escravos.

O homem é livre, isto significa em segundo lugar que cada um tem o direito de crer, de pensar e de proceder segundo a justiça e o bem.

P.—*O homem é livre para praticar o mal?*

R.—Deus deu ao homem a liberdade para empregá-la para o bem, mas há homens que empregam a sua liberdade para fazer mal. Esses homens são maus e terão a responsabilidade dos seus actos.

Segundo mandamento

Não terás outro Deus senão eu e não farás nem adorarás nenhuma imagem.

P.—*Qual é a importância do segundo mandamento?*

R.—O segundo mandamento proclama a verdade fundamental do Judaísmo. A unidade de Deus. Antes da promulgação do Decálogo, os Patriarcas já acreditavam num Único Deus. Mas o segundo mandamento divulgou essa verdade pelo mundo inteiro, fazendo desaparecer tôdas as falsas crenças, as doutrinas morais e as superstições indignas da humanidade.

P.—*Qual é a consequência moral da unidade de Deus?*

R.—Deus é Um, isso significa que Deus é o único Criador, o Pai de todos os homens são filhos de Deus, todos devem portanto considerarem-se e amarem-se como filhos de um mesmo pai, ou seja como irmãos. A unidade divina tem como consequência a unidade humana; a unidade do Criador conduz à unidade da criatura. O monoteísmo tem como corolário a fraternidade universal.

Terceiro mandamento

Não pronunciarás o nome de Deus para a mentira.

P.— *O que é que proíbe o terceiro mandamento?*

R.— O terceiro mandamento proíbe-nos de nos servirmos do nome de Deus para fazer acreditar uma mentira.

É uma vergonha mentir, mas torna-se um crime quando nos queremos cobrir da autoridade da Divindade para defender a nossa mentira. É um crime para com os homens e uma blasfêmia para com Deus.

P.— *Como é que se pode transgredir indirectamente o terceiro mandamento?*

R.— Os hipócritas que se escondem com as aparências religiosas e que fazem da religião uma máscara para melhor enganar os homens, transgridem o terceiro mandamento.

O Pentateuco diz: "Sêde íntegro com respeito ao Eterno teu Deus".

Quarto mandamento

Lembra-te do dia de Sábado para o santificares. Trabalharás durante seis dias, mas o sétimo dia é consagrado ao Eterno teu Deus.

P.— *Que encerra o quarto mandamento?*

R.— O quarto mandamento encerra dois pensamentos: o primeiro diz que é preciso fazer do sétimo dia um dia sagrado, santificado; e o segundo que é a consequência do precedente, diz que é preciso abster-se de fazer qualquer trabalho.

P.— *Que compreendeis por santificar o dia de Sábado?*

R.— Santificar o dia de Sábado significa que é preciso fazer do último dia um dia superior, que é preciso que seja consagrado ao aperfeiçoamento da nossa natureza moral.

P.— *Que compreendeis pela vossa natureza moral?*

R.— O homem tem uma natureza dupla: uma natureza física, um corpo, como todos os outros seres do Universo, mas tem também além disso e é só uma outra natureza, uma consciência, faculdades, uma alma, que o coloca sobre todos os outros seres e lhe impõe deveres superiores, o dever de viver com dignidade, com nobreza e de se aperfeiçoar. O sétimo dia deve ser consagrado a esse aperfeiçoamento, e é por isso que deve ser dedicado à meditação, a exercícios morais e religiosos e a tudo que possa contribuir ao nosso progresso.

P.— *Qual é o segundo pensamento do quarto mandamento?*

R.— O quarto mandamento prescreve a lei do descanso, a lei do descanso responde a uma necessidade da nossa natureza e de toda a natureza. É por isso que não somente devemos nós descansar, mas também conceder o descanso àqueles que nos servem e aos nossos animais. A terra deve também descansar uma vez cada sete anos (1). Aquêles que não observam o descanso prescrito pelo quarto mandamento privam-se dum dos mais belos gozos da vida.

Quinto mandamento

Honra teu pai e tua mãe.

P.— *Qual é o dever do quinto mandamento?*

R.— O dever do quinto mandamento é o de testemunhar o nosso respeito aos nossos pais.

P.— *Porque é que o quinto mandamento não diz: "Ama o teu pai e tua mãe?"*

R.— O quinto mandamento não podia ser assim formulado: "Ama o teu pai e a tua mãe" porque o amor deve ser espontâneo, e não ordenado por uma lei. É contra a natureza que uma criança não goste de seus pais, mas há crianças que não respeitam os seus pais como devem e essas crianças são culpadas.

P.— *Como é que uma criança deve testemunhar o seu respeito para com seus pais?*

R.— O respeito para os pais consiste sobretudo na obediência em tudo que eles nos ordenam. Devemos ambicionar ser-lhes agradáveis, seguindo-lhes os conselhos, e inspirando-nos pelos princípios que eles nos inculcam e pelos bons exemplos que eles nos dão. Trabalharemos assim para a sua felicidade e a nossa.

Resumo dos cinco primeiros mandamentos.

P.— *Como resumis os cinco primeiros mandamentos?*

R.— Moisés trouxe os dez mandamentos gravados sobre duas tábuas. A primeira tábua contém os deveres do homem para com Deus e para com os nossos pais. São os deveres de respeito e afeição filial. Devemos a nossos pais respeito e obediência, como a Deus.

(1) Levit., XXV, 1-6.

SEGUNDA TÁBUA

Sexto mandamento

Não matarás.

P.— *Que significa a lei do sexto mandamento?*

R.— O sexto mandamento proíbe ao homem de matar o seu semelhante. Antigamente os amos pretendiam ter o direito de vida e de morte sobre os seus escravos. O Judaísmo afirma o direito do homem à vida. A força não pode destruir o direito.

P.— *O que é que se compreende por homicídio moral?*

R.— Há pessoas que matam os seus semelhantes, sem ser com armas. Envenenar a vida de outro pela maldade, pelo martírio, matar pelos desgostos e pelas tristezas, é considerado como um homicídio pela lei religiosa, ainda que este crime não seja punido pela lei civil.

Sétimo mandamento

Não cometerás adultério.

P.— *Que contém o sétimo mandamento?*

R.— O sétimo mandamento prescreve aos esposos de observarem fielmente os deveres que aceitaram ao unirem-se. O maior crime depois do homicídio é o de não respeitar a honra do seu lar.

P.— *Que nos prescreve ainda o sétimo mandamento?*

R.— O sétimo mandamento proíbe-nos de nos deshonrarmos por pensamentos, por palavras ou por actos impuros. Quere que a nossa vida seja virtuosa e que pratiquemos esta lei do Levítico: «Sêde santos, porque eu, o Eterno vosso Deus, sou santo».

Oitavo mandamento

Não roubarás.

P.— *Que significa o oitavo mandamento?*

R.— O oitavo mandamento ordena-nos a proibição, a lealdade. Proíbe-nos de enganar o nosso próximo de qualquer forma que seja. O comerciante que emprega balanças falsas, medidas falsas ou que engana o comprador na qualidade da fazenda torna-se culpado de um roubo.

P.— *Como é que uma pessoa se torna indirectamente culpada de roubo?*

R.— 1.º Quando se é conivente com

o ladrão comprando ou escondendo os objectos roubados;

2.º Quando se nega restituir ao seu dono um objecto achado.

3.º Quando se retém o ordenado devido a um operário;

4.º Quando se abusa da confiança do próximo para guardar ou destruir uma cousa que nos tenha confiado à nossa guarda.

5.º Quando se empresta por usura, e em geral quando se procura enriquecer por meios desleais.

Nono mandamento

Não levantarás falso testemunho.

P.— *O que significa o nono mandamento?*

R.— O nono mandamento proíbe o falso testemunho perante a justiça; porque o falso testemunho pode ter consequências muito graves para a vítima, podendo fazer-lhe perder a sua honra, os seus bens e algumas vezes a sua vida. O falso testemunho é portanto um crime.

P.— *E' somente perante os tribunais que o falso testemunho é proibido?*

R.— O nono mandamento proíbe-nos toda a espécie de falso testemunho. Aquêlê que calunia o seu próximo, que espalha boatos falsos e aquêlê que atinge a honra e a consideração do seu próximo, transgride o nono mandamento. Um dos nossos doutos ensina, no Tratado de Princípios, «Que a honra do teu próximo te seja tão preciosa como a tua própria».

P.— *O que é a maledicência?*

R.— A maledicência consiste em dizer mal inútilmente. O Pentateuco diz: «Não vás espalhando o mal». Nunca nos devemos fazer eco de boatos malévolos, dizendo, como no fim da Shemoné Esré: «Meu Deus, preserva a minha língua de todo o mal e os meus lábios de toda a palavra maldizente».

Décimo mandamento

Não cobiçarás o bem do teu próximo.

P.— *O que é a cobiça?*

R.— A cobiça é o vício que nos faz desejar o bem de outrem. O invejoso aflige-se do que possui o seu vizinho; entristece-se da sua felicidade. Nunca sa-

Aos estudantes perseguidos por serem judeus

Dum magnífico artigo intitulado *Bancos de Ghetto*, da autoria de Raúl Mourgues, publicado no *Univers Israelite*, transcrevemos os seguintes trechos:

— Estudantes judeus, apaixonadamente vos saúdo! Eu recolho em mim a indignação de todos os pensadores do mundo, a fraternidade de todos os escritores, de todos os sábios, de todos os cérebros que fecundam a terra. E vo-las ofereço como uma arma de alegria, para revigorar a vossa altivez, para reconfortar a vossa potência secreta.

Sabeis bem porque os miseráveis vos isolaram.

Porque vós sois, dizem êles, um povo a quem persegue a maldição de Deus...

Que Deus? Com que direito? Nisso acreditam, somente, neste Deus que o seu ódio invoca? A idea de Deus é inconciliável com a idea de maldição. Ainda mais, com a idea de castigo colectivo e eterno.

E ainda mais, quando se aplica esta blasfêmia a um povo, que deu à humanidade o que ela jamais conheceu de mais

divino: o amor social, o perdão das injúrias, a nobreza moral.

Dizem mais: vós não precisais de vos dedicardes à ciência; *regressai aos vossos sarrabiscos e às vossas lojecas*. Êles esquecem, ou antes, êles ignoram, estes cretinos — a obra de Ehrlich e de Einstein, de Berliner e Von Lieben, que inventaram um o telefónio, outro a lâmpada eléctrica da Telegrafia Sem Fios, de Marcus e de Schwartz, de Wasserman, Freud e Lombroso, e a pléiade dos Prémios Nobel judeus e o longo cortejo luminoso dos sábios e dos pensadores judeus da História.

... Estudantes judeus, endireitai-vos, vergonha para aquêles que tem vergonha! E flagelai orgulhosamente aquêles que vos querem fazer sucumbir. Sêde altivos e direitos! Vós não sois indivíduos que sofrem; vós sois um povo que luta. Vós tendes o direito à Ciência como ao sol. Melhor ainda: vós tendes o dever de adquirir a Ciência e a Inteligência.

Não para vós. Não para uma profissão. Mas para tôda a herança de que tendes o encargo, isto é, para os judeus de amanhã e de sempre. E para a humanidade inteira também, que vos contempla e vos admira e que tem necessidade do vosso Pensamento e do vosso trabalho, mesmo ao preço do vosso sangue.

Suprimi da História o trabalho judeu; que noite!...

Estudantes judeus perseguidos, levantai as vossas frentes e os vossos corações, para a vossa Mensagem e a vossa Missão.

tisfeito com o que lhe pertence, não deseja senão tirar ao próximo a sua felicidade.

P. — *A que pode levar a cobiça?*

R. — A cobiça leva a todos os crimes, ao roubo, ao assassinio.

Foi por cobiça que o rei Achab fez matar Naboth para se apropriar da sua vinha.

P. — *A cobiça é proibida pelas leis humanas?*

R. — Não; só a lei moral é que proíbe a cobiça. Esta lei figura com razão nos dez mandamentos, porque a cobiça move a todos os vícios e a todos os crimes.

Resumo dos cinco últimos mandamentos

P. — *Resumi os mandamentos da segunda tábuca?*

R. — Os mandamentos da segunda tábuca do Decálogo contêm os deveres do homem para com o seu próximo ou os deveres de justiça.

EM PROL DOS REFUGIADOS

A subscrição para o Fundo Balwin em favor dos refugiados da Alemanha foi encerrada. Ela atingiu a quantia de 522.700 libras esterlinas. Daqui em diante os donativos serão recebidos para as rubricas seguintes: *Conselho cristão prol refugiados e Conselho prol judeus da Alemanha*. Uma comissão de distribuição foi criada por estas duas organizações.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

*Tudo se ilumina
para aquêlle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

O 10 de Novembro da Germania Nazi

Na véspera do dia 10 de Novembro de 1939, pelas 21 horas se celebrou na nossa monumental Sinagoga Kadoorie do Pôrto, Catedral Judaica do Norte de Portugal, uma cerimónia religiosa em sufrágio das vítimas do massacre de israelitas na Germania Nazi, realizado, há um ano, sob o pretexto de que um jovem tresloucado judeu polaco tinha morto em Paris um funcionário da embaixada alemã, a quem atribuía a desventura da sua família.

Nessa acção tumultuosa foram queimadas sinagogas e livros sagrados, bem como outros objectos de piedade e de saudosa memória. Em comemoração dêste dia funesto a Comunidade Israelita do Pôrto (Kahal Kadosh Mekor Haïm) a-fim-de dar um conforto moral a imigrados judeus alemães realizou este acto de culto tendente a levantar os corações e a confortar as almas dos que violentamente foram obrigados a abandonar a terra em que nasceram.

Perante uma numerosa assistência, não só de judeus estrangeiros como de portugueses, começou a cerimónia litúrgica, sendo oficiante, por especial obséquio, o nosso amigo Menasseh Ben-Dob, sendo acolitado pelos morim Samuel Rodrigues e David Moreno.

No final da oração de Alem, subiu ao púlpito, como DARSAN (orador) o rev. David Moreno, que pronunciou o seguinte Darush (sermão):

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Foi na véspera do passado *Tisheah-Beab* que nós ouvimos neste lugar explicar o

que das nossas tradições mais directamente se liga aquêlle dia á destruição do templo, as casas em ruínas, etc. Durante êsse discurso lembrei-me que nós, na época actual fomos testemunhas dum novo *Tisheah-Beab*.

Foi no dia 10 de Novembro do ano passado que nós, à noite ouvimos, pelo rádio, falar dos «progromos» na Alemanha. Poucas horas depois líamos nos jornais as respectivas e tristes confirmações.

Nós, em Portugal, estávamos então em segurança; sòmente ouvíamos e líamos; mas hoje há muitos entre nós que nessa altura viveram para ver, sofrer e sentir os acontecimentos pessoalmente.

São êles que têm visto as Sinagogas queimadas; são êles que têm visto estúpidamente destruídos os seus bens. Qual o seu crime? Foram maus cidadãos? Não. O seu único e grande crime é serem judeus, é existirem. Impotentes e silenciosos tiveram de sofrer, pois que uma palavra de opposição, um gesto apenas, podia ter novas conseqüências, novas opressões, podia até custar a saúde ou a vida.

Muitos dêles, que actualmente se encontram entre nós, foram conduzidos nessa altura à cadeia, tal-qual como há 1900 anos os nossos antepassados o foram à escravidão.

Os telegramas que, há um ano, chegaram aos filhos residentes aqui, os pedidos urgentes para a reclamação dos pais e dos irmãos e para os libertarem das cadeias e dos campos de concentração representavam cada um uma tragédia, uma última e desesperada tentativa para salvar uma vida e conservar uma família.

Êsses gritos de socorro não foram em vão. O nosso Governo não ficou surdo aos pedidos do Comité de Lisboa, que, na sua qualidade de administrador central da emigração judaica, tratou também os assuntos relativos ao Pôrto.

A-pesar-de estar interdita a imigração, todos os pedidos foram deferidos nessa altura, dentro dum prazo curto, podendo dar a liberdade aos parentes, dar-lhes a possibilidade duma vida nova, uma vida nova subordinada, como não podia deixar de ser, às leis do país.

Há, contudo, restrições na prática de algumas profissões; há também a dificuldade de falar e compreender a língua portuguesa. Mas que é tudo isso comparado com o facto de ter segura a vida e os bens?!!!

Creio que nenhum dos imigrados sofreu a fome e a nenhum faltou um teto para se abrigar, um leito para recobrar as fôrças. Não devemos pois deixar de dar graças: 1.º a Deus, 2.º ao Governo Português.

Aqueles que sentem como judeus e que deploram como golpe grave a destruição e perda dos seus templos, gozam a hospitalidade d'êste ediffício em cuja arca Santa se encontra até um *Sefer Torah* (Livro da Lei) que o Dr. Klee—que propositadamente veio da Alemanha assistir à sua inauguração—se dignou trazer e oferecer-nos.

Eu sei:—Não encontram aqui o mesmo officio religioso, a que estão habituados desde a infância; difere exteriormente do rito da Europa do Norte, o que aqui se pratica. Mas comparemos também os costumes e os dialectos da gente do Minho e do Algarve. São diferentes; e no entanto todos somos portugueses. O dialecto e os costumes em Hamburgo e na Baviera são também diferentes e contudo todos são alemães. Isto já vem através os séculos e nós não podemos mudar em 2.000 anos os costumes e a pronúncia da língua.

Entre o rito Sefardi e Askenazi só há diferenças exteriores. Peço portanto um pouco de boa vontade para compreender os nossos usos e costumes.

Nós Sefardim, ou melhor nós Maranos esforçámo-nos por oferecer aos imigrados—aos perseguidos—um lar religioso. Fazêmo-lo de alma e coração porque compreendemos a sua dor, visto que também

nós há 450 anos fomos perseguidos. Os nossos antepassados conservaram a sua religião a ocultas e com perigo de vida; e nós, os trinetos d'êsses mártires podemos livremente confessar a sua e nossa fé.

Meus caros ouvintes:—Somos todos irmãos, Israel só é uma raça espiritual como diz Edmond Fleg; por isso tendes os nossos braços. Oremos todos no nosso templo. Todos descendemos de Abraham, Isaac e Jacob. A nossa *Torah* está escrita com as mesmas letras e contém as mesmas palavras que a vossa. E a nossa santíssima divisa é como a vossa: "*Shemah Israel, Adonai Elohemo, Adonai Ehad*" (Escuta Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é Uno).

Terminado o Darush, que foi ouvido com emoção pelos judeus, que compreendiam a língua portuguesa, o Sr. Paulo Platchek subiu ao outro púlpito e reproduziu em língua alemã o mesmo Darush, dando à sua leitura expressiva uma nota de elevado sentimento.

Antes do encerramento da cerimónia foi feita uma solene oração pelos mortos d'êsse acontecimento, no meio do silêncio respeitoso dos assistentes, que em certos momentos o interrompiam para dizer em voz grave e solene o Amen.

Foi uma noite que marcou bem fundo na memória de todos, que tiveram a ventura de a ela assistir.

ESTATÍSTICA MACABRA

Antes de Hitler, havia na Alemanha 650.000 judeus.

Não há lá mais de 300.000.

Que foi feito dos outros?

200.000 imigraram.

30.000 estão presos.

90.000 morreram.

20.000 findaram com a vida.

80.000 foram assassinados.

Na Austria, de 300.000 judeus, não há mais que 140.000.

130.000 saíram do país.

10.000 estão encarcerados.

10.000 foram suicidados.

5.000 foram mortos.

Esta macabra estatística é fornecida pelo jornal inglês *News Chronicle*.

N E S H I K A H

(O B E I J O R I T U A L)

No período antigo da sociedade o gesto e a acção eram mais expressivos do que a linguagem humana como meios de comunicação entre os homens, porque as palavras eram então pouco numerosas e a complexa maquinaria do falar estava ainda no seu estado rudimentar, incapaz pois de traduzir ou testemunhar sentimentos. Esta dificuldade, característica em tôdas as nações nas épocas primitivas, predispunha o homem para uma geral taciturnidade com uma ocasional erupção de ardente, abrupta ou copiosa eloquência de gestos (actos que falam mais que palavras). Nesta linguagem de acção, um beijo era naturalmente a expressão e o símbolo de afeição, de estima, de respeito e de reverência. Este costume aparece-nos de longa data.

A *Bíblia* dá-nos o testemunho dêste velho uso.

No *Velho Testamento*:

— Jacob beija seu pai Isaac (Génesis, cap. 27, vers. 26 e 27).

— Jacob beija sua prima Raquel (Génesis, cap. 29, vers. 11).

— Laban abraça e beija seu sobrinho Jacob (Génesis, cap. 29, vers. 13).

— Esav abraça e beija seu irmão Jacob (Génesis, cap. 33, vers. 4).

— Aarão beija seu irmão Moisés (Êxodo, cap. 4, vers. 27).

— Moisés beija seu sôgro Jetro (Êxodo, cap. 18, vers. 7).

— Noémia beija as suas noras Ruth e Orpha (Ruth, cap. 1, vers. 9).

— Orpha beija sua sogra Noémia ao despedir-se dela (Ruth, cap. 1, vers. 14).

— Samuel, o profeta, sagra Saúl Ben-Kis, rei dos israelitas e beija-o ao findar êsse acto solene (I Samuel, cap. 10, vers. 1).

— David e seu cunhado Jonatan beijam-se mutuamente (I Samuel, cap. 20, vers. 41).

— Absalam, filho do rei David, a todo o partidário que se lhe apresentava, apertava-lhe a mão e beijava-o (II Samuel, cap. 15, vers. 5).

— O chefe militar Joab beija o chefe militar Amasa (II Samuel, cap. 20, vers. 9).

No livro apócrifo de Tobias (de autor judaico):

— Raquel beija seu primo Tobias (Tobias, cap. 7, vers. 6).

— Os pais beijam a noiva de Tobias (Tobias, cap. 10, vers. 12).

No *Novo Testamento* também há testemunho dêste velho uso entre judeus, pois que os primeiros nazarenos eram judeus:

— Judas saúda o seu mestre Jesus com um beijo na face (Mateus, cap. 26, vers. 48).

— Jesus censura Simão por o não beijar, quando entrou na sua casa (Lucas, cap. 7, vers. 45).

— O filho pródigo beija seu pai ao mostrar o seu arrependimento (Lucas, cap. 15, vers. 20).

— Os fiéis nazarenos beijam o apóstolo Paulo (Actos dos apóstolos, cap. 20, vers. 37).

— O apóstolo Paulo recomenda aos fiéis que mutuamente se saúdem com um beijo santo (Epístola aos romanos, cap. 16, vers. 16; I Coríntios, cap. 16, vers. 20; II Coríntios, cap. 13; I Tessalónicos, cap. 5, vers. 26).

— O apóstolo Pedro (o 1.º papa) recomenda aos seus fiéis: Saú dai-vos uns aos outros com um beijo de caridade (I Epístola de Pedro, cap. 5, vers. 14).

Na Idade-Média os Rabis reduziram os beijos solenes a três espécies: de reverência, de recepção e de demissão ou despedida (Bereshith Rabbah sôbre o Génesis XXIX, 11).

No Oriente, entre os povos semitas, é muito usado o beijo solene nas condições que os nossos Rabis indicam. Em França se pratica tal acto no momento solene de condecorações. Em Portugal, especialmente no Norte, as senhoras cristãs mais conservadoras, usam vários costumes judaicos: não vão à igreja sem cobrirem a cabeça e saúdam-se entre si com o beijo ritual. Também os homens o praticam em actos de solene emoção.

Igualmente êsse uso é praticado entre os judeus sefardim (do rito português ou espanhol) do Mediterrâneo. Na Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teológico do Porto) nos casos prescritos pelos Rabis medievais pratica-se êsse acto solene.

INSTITUTO TEOLÓGICO ISRAELITA

Investidura dum moreh

No dia 21 de Julho de 1939 (sexta-feira), pelas 21 horas, na sinagoga Kadoorie Mekor Haim, do Pôrto, realizou-se a solene investidura do novo moreh Joseph Israel Pereira Gabriel, antigo Talmid da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teológico Israelita do Pôrto), de onde havia saído para o serviço militar.

Tendo demonstrado a 14 do referido mês perante o Conselho Escolar do referido Instituto, que possuía as habilitações necessárias para o exercício do cargo de moreh (preceptor israelita), foi pelo Ex.^{mo} Reitor intimado a comparecer no referido dia 21 para a sua investidura.

A' hora marcada o candidato apresentou-se envergando o seu uniforme. Na sala havia uma boa assistência de portugueses.

Joseph Pereira Gabriel, ladeado pelos morim (preceptores) Samuel Rodrigues e David Moreno, entrou no salão de culto, pronunciando as frases tradicionais do rito marano trasmontano em uso ao começar qualquer oração solene:

Adonai, meu Senhor, nos meus pensamentos.

Adonai, meu Senhor, nas minhas palavras.

Adonai, meu Senhor, no meu coração.

A assistência, que conhecia a língua santa, cantou o Barnkh Abah:

— Bemdito seja o que vem em nome de Adonai; nós vos bemdizemos da casa de Adonai.

O candidato pára em frente da Arca Santa e perante ela se curva respeitosa-mente.

O moreh David Moreno veste-lhe a túnica negra de oficiante e o moreh Samuel Rodrigues substitue o seu Kepi militar pelo barrete tronco-cónico de veludo negro dos oficiantes.

Em seguida Joseph Gabriel sobe lentamente os degraus de mármore da Arca Santa; os dois preceptores abrem-na, dei-

xando a descoberto os livros sagrados. Joseph abraça e beija um Sepher Thorah (Livro da Lei de Moisés), findo o que coloca a mão esquerda sôbre o coração e com o braço e a mão direita estendida na direcção dos Livros Sagrados, pronuncia o seguinte juramento:

— Por minha livre espontânea vontade, sem qualquer reserva mental, perante esta augusta assembleia prometo amar, proteger e socorrer os meus irmãos, membros da santa congregação de Israel, consagrar-me a torná-los melhores e mais ilustrados, ser assíduo no cumprimento dos meus deveres israelitas, estudar com zêlo os ensinamentos do Judaísmo para chegar a ser em tudo e para tudo um moreh (Preceptor israelita).

Prometo de hoje em diante ensinar e defender o judaísmo pela palavra, pela pena, pela família e pelas minhas relações sociais, enfim, por todos os meios puros e honestos ao meu alcance, sejam quais fôr as circunstâncias em que me encontre.

Se eu algum dia faltar a êste solene compromisso, que Adonai, Deus Bemdito de Israel, me puna com tôdas as maldições escritas no sagrado livro da Thorah.

Para firmeza de tudo assim o declaro. Terminado o juramento, o Reitor do Instituto, Prof. Barros Basto, Moreh Hagadol (Guia-magno) dos Maranos, toca com as suas mãos um Sepher Thorah, leva-as aos lábios, e coloca-as sôbre a cabeça de Joseph, dizendo:

— «Se fôres fiel cumpridor da solene promessa que acabas de fazer, sôbre ti sejam as palavras de Adonai a Abraham, nosso pai: — Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem.»

E recebe agora também a tríplice bênção escrita na Lei por Moisés, nosso Mestre e pronunciada por Aarão, o sacerdote e seus filhos sôbre o povo de Israel:

— Adonai te abençoe e te guarde.

— Adonai faça resplandecer o seu rosto sôbre ti e tenha misericórdia de ti.

— Adonai volte o seu rosto para ti e te dê a paz.

(O Reitor, segundo o vêlho uso marano,

Clarões de incêndio na noite

Abril, 1933.—Vermelho incêndio no céu de Berlim. O Reichstag está em fogo. Quem cometeu êste crime? A voz popular não se engana. Não é o pobre inconsciente que os chefes oficiais da Nova Alemanha querem abater. É o mesmo que tendo querido a destruição do véelho monumento — símbolo da representação popular — bárbaramente aniquilou a liberdade do seu povo. *Morte da liberdade.*

Novembro, 1938.—Vermelhos incêndios no céu do Reich. As sinagogas ardem. Mulheres, véelhos, crianças são atiradas para a rua na noite. O sangue corre. Que crimes cometeram aquêles sôbre que se exerce uma tal violência? Têm sido maus cidadãos? Não, o seu crime, a sua falta é serem Judeus. Os Rolos da Lei, aquêles livros Sagrados, são lançados nos braseiros. Os santuários pacíficos e veneráveis casas consagradas à oração e à exaltação religiosa, afundam-se nas chamas. A turba de nazis troça diante da blasfêmia. Amanhã

começa a tríplice bênção com as mãos impostas sôbre a cabeça do candidato e depois desce-as tocando-lhe com os dedos as faces).

A assistência diz:—Amen (Assim seja).

Em seguida o Reitor abraça o candidato, dá-lhe a Neshikah (beijo ritual) na face, sendo em seguida imitado pelos dois moriãs (preceptores) Samuel Rodrigues e David Moreno.

Então o novo moreh Gabriel dirige-se para a Thebah (Tribuna dos officiantes), cobre-se com o Taleth (manto litúrgico) e celebra a oração de Arbith (Véspera de sábado) com a satisfação de tôda a assistência.

Mais um obreiro para trabalhar no resgate dos seus irmãos maranos, que Deus Bemdito lhe dê fôrça e coragem na sua nobre missão e que nunca o desânimo entre na sua alma, que sempre tenha fé, vontade e perseverança.

haverá ainda profanações. Outras confissões, filhas da mesma fé, serão feridas e injuriadas. É porque elas, também, professam o respeito do homem, criação de Deus, o amor do próximo?

Exaltação doida da violência e da iniqüidade. *Morte do amor fraternal.*

Setembro, 1939.—Vermelhos incêndios no céu da Polónia. O canhão causa a desordem. Bombas mortuárias caem incendiando casas, hospitais, asilos de órfãos, destruindo impiedosamente milhares de vidas humanas.

Varsóvia, a cidade heróica arde como um facho. Nenhuma lei internacional, nenhum sentimento de humanidade protege o povo polaco, cujo único crime é existir, querer sobreviver, livre e independente, é defender-se contra os inimigos que querem, pelo terror, curvá-lo sob um jugo cruel. A fôrça brutal é desencadeada, com desprezo de tôda a justiça. *Morte do direito. Barbárie.*

Tais são as ordens de Hitler. Tais são as façanhas dessas hordas sem fé, nem Deus.

A civilização, preciosa testemunha dos esforços da humanidade para melhores condições de existência, a religião, que eleva a alma do homem e o exalta no amor, tôdas estas cousas que são a dignidade e a honra da humanidade — são condenadas a sofrer a lei da afrontosa violência, a escravidão dos bárbaros?

Não. Depois da noite sulcada pelo clarão dos incêndios elevar-se-á o dia, o dia puro da vitória. Saüdemos em nome do Senhor nosso Deus, os que dêle serão os artistas: os soldados desta obra de liberdade. O dia que vir a Alemanha vencida, pelos exércitos da França e da Inglaterra, depor as suas armas, será saüdado como uma aurora de alegria para a humanidade da justiça e do amor.

PIERRE GEISMAR.

L'Univers Israelite.

Tradução de Norberto A. Moreno.

Era uma vez um distinto químico...

E' uma história autêntica, pouco conhecida, à qual os acontecimentos dão uma certa actualidade. Põe em cena o Dr. Haïm Weizmann, que há dias, encerrando o 21.º Congresso Sionista de Génova, confirmou e exaltou a lealdade dos judeus palestinianos quanto à Grã-Bretanha.

Em 1916, o Dr. Weizmann, distinto químico, era professor na Universidade de Manchester. Nesta época, os laboratórios do Almirantado sofreram duma escassez de acetona, indispensável para o fabrico de certos explosivos. Lloyd George, primeiro ministro, tinha-se dirigido a vários sábios para que substituíssem a acetona sintética pela verdadeira. Mas as pesquisas eram muito demoradas.

Foi então que o Dr. Weizmann foi mandado ao 10 Downing Street. Lloyd George explicou-lhe o que a Grã-Bretanha esperava d'êlo.

— Seja, respondeu o químico, não me pouparei à trabalhos. E visto que se trata de salvar o país, trabalharei mesmo no Sábado.

E safu, digno, pronunciando fórmulas de química como encantos.

Nos laboratórios do Almirantado

Durante todo o mês, o Dr. Weizmann permaneceu fechado nos laboratórios do Almirantado, curvado sobre as suas retortas e as suas provetas. Mandou buscar bizarros ingredientes. As sentinelas postas diante das portas ouviam por vezes surdas detonações. Enfim, um dia que uma explosão mais forte que as outras tinha feito saltar, viu-se o Dr. Weizmann, com a sua bata manchada de ácidos, e rosto iluminado.

Apresentou-se neste estado diante de Lloyd George.

— Senhor primeiro ministro, não faltará a acetona à armada britânica, as minhas experiências estão concluídas.

— Como conseguistes isso?

O sábio explicou detalhadamente, donde se percebia claramente que tinha isolado átomos de cereais em fermentação e átomos de... escremento de cavalo. Perfeitamente.

Um cheque

Lloyd George abriu a sua gaveta, tirou um livro de cheques, datou e assinou um cheque.

— Pegue, meu caro professor, preencha o senhor próprio, com a importância que quiser...

O Dr. Weizmann levantou-se, envolveu-se na sua bata.

— Excelência, recuso. Está escrito no livro de Salomão: «Um serviço que se faz pagar perde por isso mesmo todo o seu perfume».

— Esse sentimento honra-o, respondeu Lloyd George, sem se demorar sobre o perfume da acetona sintética. Permita-me então que peça ao rei que o ennobreça. Heim! Um título de barão?

— Nada mais. Porque está escrito no *Cântico dos Cânticos*...

Lloyd George passou a mão pelos cabelos, que anunciavam um precoce embranquecimento, e replicou:

— A Grã-Bretanha é generosa; tem por tradição recompensar os seus filhos quando eles a servem bem. Esta recompensa, Sr. Professor, escolha-a o senhor próprio; é mais uma ordem que um pedido.

Nascimento do Lar judeu

Foi então, depois de reflectir um pouco, que o Dr. Weizmann pronunciou estas palavras:

— Seria feliz se os meus correligionários errantes pudessem ter um lar bem deles, sendo possível na Palestina, terra dos seus antepassados...

Assim nasceu, graças à acetona sintética, o Lar judeu da Palestina. Sabe-se por outro lado que o Grande mufti de Jerusalém assegurou, há dias, a sua fidelidade à Grã-Bretanha. Judeus e Árabes reconciliaram-se graças à Alemanha, inimiga comum.

«De Paris-Midi».

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 91)

TÍTULO LXXV

De como os Judeus não hão-de levar armas quando forem a receber El-Rei, ou fazer outros jogos

El-Rei D. João, meu avô de muito louvada memória, em seu tempo fêz Ley, de que o teor tal é.

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber, que nós vendo como de pouco tempo para cá os Judeus das Comunas das Cidades, e Vilas, e Lugares do nosso Senhorio quando saem fora dos Lugares, onde Comunas de Judeus há, receber com trabalhos a nós, ou á Rainha minha mulher, e Infantes meus filhos; e outro se quando saem a algumas vodas, ou jogos para algumas honras, e festas de homens bons dêstes lugares, onde vivem, usam de levantar arroidos, pelos quais se seguem entre eles muitas feridas, e mortos, e grandes omizios; e perolhes esto per vezes per nossas Justiças fora defeso, não o leixaram de fazer, ante o usaram daí em deante mais, levando armas assi cotas, e casquetes nas cabeças, como espadas, e cutelos, e outras armas, fazendo com elas muito mal, como dito é.

2.º E porque a nós pertence pôr a este tal remedio, que eles possam viver em assocego, e neo serem ousados daqui em deante fazerem tais cousas, tolhendo, e tirando o azo, per que se esto poderia fazer, ordenamos, e estabelecemos, e por Lei pomos, que daqui em deante não seja nenhum Judeu tão ousado, que quando assi forem as Comunas dos Judeus, onde essas Comunas ouver, a vodas, ou a festas, ou a receber-nos, ou á Rainha, ou Infantes, ou fazer outros jogos, que leve armas vestidas, nem espadas, nem outros cutelos; e se alguns então quizerem fazer jogos de esgrima, que levem espadas botas, e roupas de jogo; e fazendo o contrario, mandamos que as armas, que assi levarem sejam perdidas, e as Comunas dos Judeus, que as armas levarem, paguem por cada vez que o fizerem mil dobras d'ouro pera a nossa Camara; e se da parte alguma Comuna se levantar algum arroido, o que o levantar moira porem.

3.º E porem mandamos a todos os Corregedores, Meirinhos, Juizes, e Justiças, e Arrabis das ditas Comunas do nosso Senhorio, que façam cumprir, e guardar este, que per nos é mandado; e os Almuxarifes dos Lugares, donde esto acontecer, que recadem, e façam recadar logo pera nós as ditas mil dobras, sob pena de as pagarem de suas casas; onde uns, e outros al não façades. Dada em a cidade d'Evora a seis dias de Março. El-Rei o mandou por Joane Mendes Escrivão de Goes seu Vassalo, e Corregedor por ele em sua côrte Era de mil e quatrocentos e quarenta anos.

4.º E depois disto quando mandamos reformar estas Ordenações, as Comunas dos Judeus se enviaram agravar a nós a dita Ordenação, dizendo que lhes era muito odiosa, porque não parecia cousa razoada, que por um Judeu levar uma arma a semelhantes jogos, e autos sem culpa da Comuna, ela ouvesse de pagar tão grande pena, cá ligeiramente poderia acontecer, que um Fidalgo, ou Cavaleiro falaria com algum Judeu seu acostado, que aos ditos jogos levasse alguma arma para depois nos pedir a dita pena, do que a dita Comuna não seria em culpa alguma: pedindo-nos por mercê, que emendassemos a dita Lei que tal guisa, que aquele, que a dita Lei quebrantasse, fôsse penado segundo nossa mercê fôsse, e a Comuna não recebesse por ele prejuizo quando não fôsse azador, nem consentidor de a dita Lei ser quebrantada.

5.º E nos visto seu requerimento, por nos parecer ser razoado, Acordamos de a emendar em esta guisa; a saber, quando algum Judeu em semelhantes Jogos, ou em cada um deles levar alguma arma das de suso ditas, sem mandado, azo, ou consentimento dessa Comuna, mandamos que tal Judeu seja nosso cativo, e seus bens todos nossos pera de todos fazermos o que nossa mercê for: pero se ele for casado ao tempo que acontecer que ele quebrante a dita Lei,

DAS COMUNIDADES E NÚCLEOS MARANOS

Chaves—*O Comércio de Chaves*, o jornal de Trás-os-Montes de maior tiragem e circulação, no seu número de 24 de Agosto de 1939, diz:

Nascimento—Na segunda-feira passada, deu à luz mais um pimpolho, o décimo primeiro, a espôsa do Sr. Arnaldo do Nascimento Pires, proprietário do Restaurante Império. Os nossos parabéns.

—O mesmo jornal, de 31 de Agosto, na secção *Hóspedes e Viajantes*, diz:

Esteve em Chaves, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o Sr. Capitão Artur Carlos de Barros Basto, do Pôrto.

D. Sofla Gotlieb de Carvalho

Os senhores do Mahamad (Direcção) da Comunidade Israelita do Pôrto, na sua sessão de 18 de Outubro de 1939, votaram por unanimidade que fôsse lavrado na acta um voto de sentimento por Deus Bemdito ter chamado à sua divina presença no dia 4 de Outubro (21 de Tishri de 5700) a Ex.^{ma} Sr.^a D. Sofla Gotlieb de Carvalho.

A bondosa senhora era a extremosa mãe do nosso correligionário Sr. Luiz de Carvalho, digno Secretário da Assembleia Geral da nossa Comunidade.

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Alemanha—Os nazis (nacionalistas alemães) apoderaram-se da magnífica biblioteca pertencente à Comunidade Israelita de Berlim, que continha 80.000 volumes, entre os quais havia várias edições antigas ou raras, assim como numerosos incunábulos e manuscritos antigos. Esta rica colecção foi entregue ao Instituto de Estudos Ráxicos.

China—Sir Victor Sassoon, israelita do rito sefardi, deu 20.000 libras para o fundo britânico da defesa nacional.

Holanda—O governo francês agraciou o célebre violinista judeu Sam Sweep, chefe da orquestra real em Haia, com o grau de Cavaleiro da Legião de Honra.

França—Foi também agraciado Oficial da Legião de Honra o Sr. C. Gruemblatt, que é um dos gloriosos voluntários judeus de 1914. Antigo e novo combatente, visto que está actualmente no front.

Palestina—O Dr. Herzog, rabi-mor achkenasi de Palestina, enviou a S. M. o Rei George VI uma mensagem telegráfica, invocando a bênção divina sobre o soberano e a armada britânica, empenhados numa luta pelo direito contra a força.

Nótulas sobre o Natal de Jesus de Nazareth

O nascimento de Mithra (o deus solar) era festejado a 25 de Dezembro, marcando o início do ano novo.

—Só no século IV (4.º) foi oficialmente decretado que 25 de Dezembro fôsse o Natal de Jesus de Nazareth.

—Os basívilianos festejavam o nascimento de Jesus a 24 de Abril, outros a 25 de Maio e a Igreja oriental a 6 de Janeiro.

—Ainda em 353 o arcebispo Libério festejava o Natal a 6 de Janeiro.

—Em 377, por ordem do Papa Júlio I, o nascimento de Jesus foi oficialmente marcado para 25 de Dezembro, dia em que se festejava o Natal do deus solis.

fique sua mulher salvo todo seu direito, e seus bens. E a dita Comuna não haja pena alguma por ele, salvo se ela mandar a algum Judeu, que ao dito tempo leve alguma das ditas armas, ou lhe der azo, ou conferimentos pera a levar, sabendo que a leva; ca em tais casos, e cada um deles mandamos que a dita Comuna pague a dita pena contuada na dita Lei feita pelo dito Senhor Rei meu Avô: e em todo caso aquele, que levar a dita arma, será nosso cativo, e seus bens serem apicados à Coroa dos nossos Reinos, como dito é.

6.º A qual lei vista, e examinada por nós com a limitação, e declaração assim por nós feita, mandamos que se guarde por Lei daqui em diante, porque nos parece que com justa razão deveria assim se limitada, e declarada. E se os ditos Judeus que assi forem em os ditos recebimentos ou vodas, ou festas, forem dez, ou dali arriba, que levem armas, porque não é de prezumir que tantos as podessem levar sem consentimento da Comuna, mandamos que em tal caso a Comuna pague a pena, que lhe per El-Rei meu Avô foi posta.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלְּפִיד

*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Hadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

M A O Z S U R

(HINO DE HA NUCAH)

TRADUÇÃO DO ILUSTRE SÁBIO JOSEPH BENOLIEL

I

*A ti, meu Deus, a ti, meu Salvador,
A ti, só cabe o preito e o louvor.
Quando o teu santo Templo alevantares
Do pó onde jaz sepulto há dois mil anos,
Quando o inimigo audaz acorrentares,
Que ao teu povo sofrer fêz tantos danos;
Com cânticos de amor e gratidão
Celebraremos então
Doutro altar a feliz Dedicção.*

II

*De infindas mágoas a alma nos saciaram
Egípcios que à traição nos subjugaram;
Encheram-nos a vida de amarguras
Com trabalhos, vexames e tormentos;
Mas Deus pôs têrmo às nossas desventuras
E ouviu dos seus eleitos os lamentos;
E hostes egípcias e o seu rei perverso,
A voz do Rei do Universo,
Tudo no Mar Vermelho foi submerso.*

III

*Terra nos levou da Promissão
a adorá-lo no templo de Sião;
Mas ingratos e indóceis nos mostramos,
Servindo a deuses falsos e grosseiros:
Logo fugiu de nós a paz ... e andamos
Cativos em países estrangeiros:
Setenta anos choramos em Babel
Lágrimas de sangue e fel
Até que nos salvou Jerubabel.*

IV

*Na Pérsia o impio Aman, feroz, medita
A arv're extirpar do povo israelita;
Mas abateu-lhe a audácia o justo Céu,
Descobrimdo e frustrando os seus enganos,
Dando fama e favor a Mardoquéo,
E a êle a morte inglória dos tiranos;
A êle e a seus dez filhos que arvoraram
A fôrca onde os enforcaram
Porque êles contra os justos conspiraram.*

V

*De Epifanes, o Grego, a crueldade
A pátria nos roubou e a liberdade.
O Templo profanando, e dos Hebreus
Mudando as Leis e as praças arrasando;
Até que Deus por mão dos Macabeus
Nos libertou daquele jugo infando.
O altar foi restaurado, e desde então,
Celebra a nossa nação,
Cada ano essa feliz Dedicção.*

O Judaísmo e a Guerra

Sob este título, o jornal francês *L'Europe Nouvelle*, de 4 de Novembro, publica um longo artigo sobre a situação dos judeus perante a guerra. O autor do artigo aborda estes dois aspectos: a acção política e os fins da guerra.

Extraímos deste artigo algumas passagens:

A ACÇÃO POLÍTICA

Ela é baseada inteiramente sobre um facto de ordem moral, cuja importância a ninguém escapará, principalmente aos dirigentes do III Reich. É que não há um só israelita no mundo, seja qual for o seu país, a sua língua, a sua situação social, que não tenha o sentimento de ser o aliado dos Aliados, que não deseje a sua vitória, que não queira fazer os impossíveis para que esta vitória seja total e obtida rapidamente.

Tentando abranger a acção pro-aliada do judaísmo, nós não falaremos, evidentemente, dos israelitas de França, de Inglaterra, da Checoslováquia e da Polónia, pois que neste caso fazem simplesmente o seu dever de bons franceses, ingleses, checos e polacos.

Dissemos já que os judeus da Polónia fizeram todo o seu dever desde o primeiro minuto da guerra, esquecendo graves dissensões que se tinham levantado entre as massas judaicas e diversos Governos polacos. Acrescentamos que o novo Governo, constituído em Paris, após a partilha provisória do país entre alemães e russos, resolveu manifestar, e duma maneira muito clara, esta reconciliação: um dos primeiros gestos do general Sikorski, Presidente do Conselho e chefe do exército polaco em França, foi o de assistir ao culto celebrado na Grande Sinagoga de Paris, em honra do país mártir.

FINS DA GUERRA

Há fins da guerra propriamente judaicos?

Sabe-se que, segundo a opinião de Hitler, os judeus quiseram a guerra. Ele próprio

denunciou, num discurso extravagante, pronunciado no Reichstag, a 30 de Janeiro de 1939, como sendo os únicos belicistas do mundo, ameaçando-os, em caso de guerra, de destruição total.

A verdade, toda a gente a conhece hoje. Os judeus foram as primeiras vítimas da guerra de agressão hitleriana. A sua eliminação de toda a influência sobre os destinos do Reich, como de resto a supressão de tudo o que ligava a Alemanha à civilização ocidental — as igrejas, as instituições democráticas, as ciências e as artes — tinha por fim retemperar o povo alemão num estado de barbárie, próprio para dêle fazer o instrumento cego, dócil e terrível da guerra de conquista hitleriana. Além disto, introduzindo a luta anti-judaica nos países, especialmente naqueles que o novo imperialismo neo-germânico, no passado, e dia-se desmoralizá-los, enfraquecê-los, e fazer desviar sobre os judeus uma virulência patriótica que poderia contrariar os desígnios dos futuros invasores.

A guerra não sendo judaica, os israelitas não desejam mais que ninguém a paz. Nenhuma finalidade da guerra foi anunciada, nenhuma reivindicação foi formulada por aqueles que falam e actuam em nome do Judaísmo. Hitler, dizem êles, obrigou os povos livres a baterem-se pela sua independência e pela civilização! Que há de mais natural que o judaísmo esteja com êles? Os judeus, segundo a sua opinião, não têm mérito nenhum especial em consagrar todas as suas forças à defesa da unidade humana; êles nenhuma recompensa têm a pedir por se terem colocado, desde a primeira hora, no campo da liberdade. O seu lugar é neste campo e isso lhes basta.

Os maranos no estrangeiro

Na Sociedade Sionista de Genebra (Suíça), o nosso distinto correligionário Dr. Hans Klee, que veio assistir à inauguração solene da nossa Sinagoga do Porto, fez uma conferência intitulada *Vlagem entre os maranos* (o ensinamento da História), perante numerosa e selecta assistência, que no final felicitou calorosamente o orador.

Os judeus nesta 2.^a Grande Guerra, na frente ocidental

1.º cabo João Pedro Séé, morto em combate

Agente de ligação do exército britânico, condecorado com a cruz de guerra com palma e com o seguinte louvor em ordem do exército:

«—Modêlo de fé, de coragem e de dedicação. Sempre voluntário para as missões perigosas.

Fazendo parte (a seu pedido) dum pôsto, defendido por elementos franco-britânicos, caiu em frente do inimigo defendendo-o com sucesso, dando assim aos seus camaradas britânicos e franceses o valor da sua bravura e da sua abnegação.»

O cabo João Pedro Séé, era o filho do capitão Raimundo Séé, morto na Grande Guerra, e sobrinho do coronel Fernando Séé e neto do general de divisão Leopoldo Séé e da Sr.^a Generala, que presidia com tanto fervor às obras caritativas da Comunidade Israelita.

Esta linhagem de soldados conta ainda os dois filhos de Madame Enos, mortos na Grande Guerra, igualmente netos do general Séé.

Louvor em ordem do exército francês referente ao sargento Eugénio Guuduín, do 8.º regimento de Zuavos, judeu parisiense, condecorado recentemente com a cruz de guerra:— «Oficial inferior de informações, homem de grande coragem e de dedicação absoluta, fêz um trabalho importante num pôsto muito perigoso, voluntário para patrulhas em território inimigo, relatou preciosas informações.

O sargento Pedro Bloch, deputado do Aisne, promovido por distinção a alferes e colocado no ...º Regimento de Artilharia Colonial.

Max Da Costa, antigo aluno da Escola Politécnica, promovido por distinção a capitão de artilharia.

Miguel Fróis, um dos primeiros classificados da Escola de Cavalaria de Saumur, promovido a alferes de cavalaria e desempenhando as funções de tenente. E' filho do Sr. André Fróis, antigo adjunto do *mair*e de Bayonne e neto do Sr. Armando Gomes, Presidente do Consistório Israelita da referida cidade.

João Pôço, promovido por distinção a alferes de artilharia.

Maurício Stern, delegado do Fundo Nacional Judaico (Keren Kayemeth L. Israel), louvado em Ordem da Brigada e condecorado com a cruz de guerra com estrêla de bronze.

«—Na Ordem da Brigada, Maurício Stern, sargento do Regimento de Infantaria n.º 103, chefe dum grupo colocado nos postos avançados, organizou a retirada prevista do seu grupo debaixo do fogo do inimigo e, graças ao seu sangue-frio, reconduziu-o são e salvo para as nossas linhas depois de ter levantado e feito transportar um homem do serviço de reabastecimento, gravemente ferido.»

O capitão Jorge Levy, engenheiro civil de minas, foi condecorado com a cruz de guerra, acompanhada pelo seguinte louvor:

«—Muito bela atitude debaixo de fogo no dia 9 de Novembro, no cumprimento duma missão para a qual se tinha oferecido voluntariamente. Caiu a noite, recusou ser rendido e continuou a transmitir as mais interessantes informações sob um bombardeamento de grosso calibre.

O sargento André Lehmann, promovido por distinção a 1.º sargento de infantaria e louvado por:

«—No dia 27 de Setembro de 1939,

fazendo parte dum ponto de apoio muito sumariamente instalado, cercado e fortemente atacado pelos alemães, apresentou-se voluntariamente para levar uma mensagem urgente ao comandante do sub-sector, a-pesar-de ter que atravessar uma zona muito perigosa, onde se tinha infiltrado o inimigo, e semeada de minas. Foi ferido pela explosão duma delas, cumprindo bravamente a sua missão.»



O soldado Carlos Hanun, do Regimento de Infantaria n.º 14, foi louvado por:

«— Voluntário para executar um *raid* às linhas inimigas, deu provas duma coragem notável durante o combate em que o seu grupo era atacado por um destacamento sete vezes superior em número. Depois de ter infligido perdas sérias ao adversário, pôde regressar às nossas linhas com os seus camaradas.»

Nos exércitos, ... de Novembro de 1939.

O CORONEL BEKER,

(Comandante do Regimento de Infantaria n.º 14)

(Extracto da Ordem Regimental n.º 5).



(Extracto da Ordem n.º 7 do Regimento de Infantaria n.º 27, do dia 1 de Outubro de 1939):

Maurício Bendim, soldado reservista, 3.ª companhia.

«Excelente soldado, dando provas de energia constante. No decurso do ataque alemão de 17 de Setembro, mostrou-se corajoso, sendo um exemplo para todos os seus camaradas.»



Da Ordem do Exército Aéreo:

Pedro Israel, tenente; Miguel Bernard, sargento-ajudante; André Robert, sargento-ajudante.

«Equipagem notável de coesão e sangue-frio. Encarregada dum reconhecimento que se tornava difícil pelas circunstâncias atmosféricas, não hesitou em cumprir a sua missão em baixa altitude e, a-pesar-duma defesa anti-aérea muito activa

TERRA DE ISRAEL

Várias fábricas foram criadas na Palestina desde o começo da guerra. Fábricas de aço fino, de conservas de peixe, de couros e vinagre. Todas elas foram criadas por emigrados de Viena, de Praga ou de Berlim.

— As negociações comerciais entabuladas entre a Palestina e a Turquia terminaram por um acôrdo destinado a facilitar as trocas entre os dois países e à libertação dos créditos congelados na Turquia em conta dos exportadores palestinos.

— Foram organizadas mais duas unidades auxiliares palestinoses, de 600 homens cada, compostas unicamente de alistados voluntários. As famílias destes mobilizados receberão pensões semelhantes às que são pagas às famílias dos mobilizados britânicos.



Vida comunal

Festividades — Pôrto — Foram celebradas nesta comunidade, na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, as festividades de Rosh Ha-shanah (Ano-Novo), Yom Kipur (dia de grande perdão) e Sukoth (festa das cabanas), com boa assistência de judeus portugueses, polacos e alemães.

Participaram em actos de culto os morim Samuel Rodrigues, David Moreno e o digno 1.º Secretário da Comunidade Sur Menasseh Ben-dob.

Também a festa dos Hanukah (festa dos macabeus) foi solenemente celebrada perante uma boa assistência de judeus portugueses e estrangeiros.

Instituto Teológico — Os cursos nocturnos desta escola de educação religiosa têm decorrido com regularidade, sendo professores os morim (preceptores) Samuel Rodrigues e David Moreno.

do inimigo, recolheu as mais preciosas informações fotográficas.

Atacada por aparelhos caças, obrigou o adversário a abrir combate e conseguiu reentrar nas nossas linhas, a-pesar-do motor ter sido avariado pelo fogo inimigo, dando provas, no decurso das circunstâncias, dum magnífico desprêzo pelo perigo.»

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 95)

TÍTULO LXXVI

De como os Judeus hão-de viver em Judiarias apartadamente

El-Rei D. João meu Avô de louvada memória em seu tempo fêz Lei, de que o teor tal é.

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A todos os Juizes, e Justiças dos nossos Reinos, que esta nossa carta virdes, ou o trelado dela em publica forma feita por autoridade de Justiça, saude. Sabede, que nós havemos por informação, que alguns lugares dos nossos Reinos os Judeus, que aí há, não vivem todos apartadamente em suas judiarias, segundo é ordenado por nós e pelos Reis, que ante nós foram; e que alguns deles vivem misticamente entre os Cristãos, e andam de noite às deshoras fora, das ditas Judiarias: do que a nós não praz, nem o havemos por bem feito, se assi é.

2.º E porém vos mandamos, que cada um de vós em vossos julgados façades apregoar, que todos os Judeus se vão morar dentro nas Judiarias, que lhes são apartadas até certos dias convinhaves, que lhes pera elo afinardes; e que outro si depois que fôr noite não saiam fora das suas Judiarias. E aqueles, que o contrario fizerem, vós os prendeis, e não os solteis sem nosso mandado; fazei-lhes tomar para nós todos os seus bens. E se em algum desses lugares não houver Judiarias, ou forem tão pequenas, em que todos não possam caber, vos os apartade, ou lhas acrescentade, se pequenas forem, de guisa que possam em elas caber em aqueles lugares, que forem mais convenhaves.

3.º E em esto sede bem deligentes, e avisados de guisa, que o serviço de Deus, e nosso seja em ele guardado; senão sede certos, que a vós nos tornaremos por elo, e vo lo estranharemos: unde al não façades. Dada em na Cidade de Braga a trinta dias de Setembro. El-Rei o mandou. Alvaro Gonçalves a fêz. Era de mil e quatrocentos e trinta oito anos.

4.º A qual Lei vista, e examinada por nós, havemos por boa, e mandamos que

A Guerra dos Pastores

No comêço do século XIV os judeus tiveram que suportar uma perseguição que não teve igual até então: é a conhecida pela *guerra dos pastores*.

Um santo fervor se tinha apoderado dos pastores no Meio-Dia da França e nas fronteiras de Espanha lhes tinha inspirado a idea de fazer a guerra aos sarracenos; mas antes, a exemplo dos cruzados, resolveram fazer mão baixa sôbre os bens judeus. Estes fanáticos pegaram em armas; o seu número aumentou com todos os vagabundos que percorriam o país, e em tôdas as cidades que se encontravam na sua passagem, os judeus eram massacrados.

A exaltação tinha feito de tal modo progresso que os senhores do Midi fizeram vãos esforços para se oporem aos massacres. O número destes desvairados era imenso. O Conde de Toulouse tentou mandar prender alguns; mas os monges acharam meio de os libertar, e publicaram que esta libertação era um milagre.

Desde então nada se opôs à corrente (segundo Ibn Verga Shebet Yudah), 120 comunidades judias foram inteiramente destruidas no Sul da França. Na Gasconha, em Castel-Sarrasin, Bordeaux, Agen, Foix os judeus foram implacavelmente massacrados, um grande número dêles tinha-se refugiado num castelo forte, sôbre o Garona. Êles sustentaram um cerco; mas bem depressa foram obrigados a ceder ao número dos assaltantes, e gostaram mais de se darem à morte uns aos outros, do que cair vivos nas mãos dos seus perseguidores.

Contudo o Papa fêz todos os esforços para impedir estas desordens (Vide págs. 533-85 de *Les Juifs en France, en Italie et en Espagne*); pronunciou a ex-comunhão contra os pastores e reprovou também a conduta dos monges que, em nome da reli-

se guarde como em ela é contendo, e que se entenda nas Vilas grandes, e em outros lugares, onde houver até dez Judeus, e daí para cima; porque achamos, que assi foi ordenado por El-Rei D. Pedro de louvada memória em artigos gerais por ele acordados, e terminados nas Cortes, que fêz na Vila de Elvas.

gião, tinham podido autorizar semelhante banditismo.

Algumas cidades do Midi escaparam contudo ao furor desta horda de fanáticos. Em Montpellier os judeus foram salvos, e o chefe do bando dos pastores, que se tinha apresentado nesta cidade, foi morto. Eles não foram também felizes na Gasconha, e o que é verdadeiramente revoltante, é que quando os judeus desta região foram exterminados, Eduardo II de Inglaterra e Duque de Aquitania, escreveu friamente ao senescal da Gasconha para reclamar os bens destes infortunados (carta de Eduardo II, em 1321 — Arquivo da Torre de Londres), « *Estes bens (diz o rei de Inglaterra) pertencem a nós e não a outros.* »

O Sul da França não foi o único teatro destas cenas deploráveis. Elas estenderam-se à Navarra e Aragão; mas ali o rei chegou a parar os furores destes fanáticos e provou pela sua conduta que, se os reis tinham querido proteger os judeus, eles teriam podido salvá-los.

*De Les Juifs en France, en Italie
et en Espagne.*

LONDRES

O major R. D. Q. Henriques, militar-escritor, laureado com o prémio internacional do romance

Tendo participado no concurso internacional do romance, o major Robert D. Q. Henriques acaba de obter, pelo seu livro *Nem armas nem armaduras*, um prémio de 3.000 libras esterlinas e a publicação da obra em onze países. O romance (vêcu) pelo autor foi editado por Nicholson & Watson.

O major Henriques teve uma carreira romântica cheia de aventuras. Descende duma família cujos serviços prestados à Inglaterra batem todos os *records*. Nascido em Londres, em 1905, foi educado em Rugby e no Novo Colégio de Oxford, onde obteve uma menção honrosa na história moderna. Em 1926, entrou na artilharia

real. Jogador apaixonado de polo, recebeu no concurso de um *match*, que teve lugar no Cairo, uma fractura que o obrigou a ficar de cama durante um ano.

De regresso a casa, fêz serviço em Aldershot, em 1931 e em Wollwich, em 1932. O seu amor pela equitação permitiu-lhe o prazer de percorrer todo o país a cavalo por ocasião do «International Horse Show, Olympia». Em 1933, foi nomeado capitão na Territorial (R. A.). Há dois anos, expulsou o leão e o leopardo do Sudão e da África Equatorial.

No mês de Julho passado, o major Henriques, depois de ter completado um curso de Estado-Maior, foi nomeado oficial do Estado-Maior. É actual major da brigada R. A. nas novas divisões.

A família do major Henriques, que foi da Espanha para a Holanda, é uma das mais velhas famílias judaicas da Inglaterra, remontando ao reinado de Elisabete. O seu bisavô foi o primeiro judeu que fêz parte da Comissão Real. O seu pai e os seus três tios combateram na última guerra. O seu tio Ronald, militar regular no regimento do Reno, foi o primeiro soldado judaico caído no campo de honra em 1914. O seu pai, Juliano, advogado, que partiu como comandante da companhia «The Queen's Westminster Rifles», foi um dos primeiros comandantes da companhia T. A. sobre o *front*. Basile, seu irmão mais novo (actualmente director do estabelecimento judeu do «Bernhard Baron St-George»), comandou um dos primeiros *tanks* através o «no man's land», na última guerra, e Herald, seu outro irmão, serviu no batalhão motorizado da Royal Horse Guards.

Actualmente os dois irmãos gémeos do major Henriques (de 29 anos de idade) estão de serviço, um no estrangeiro, na R. A. e o outro, no país. Sua irmã, comanda um destacamento de 60 Nurses da V. A. D. Madame Robert D. Henriques é a filha do primeiro Visconde Bearsted e sobrinha do actual. É a irmã de Lady Swaythling.

Há nove meses o major Henriques tinha pôsto a sua casa, situada em Cotwolds, à disposição dos refugiados da Europa Central. Está actualmente ocupada por 24 refugiados, alguns dos quais se distinguiram nas artes e nas ciências.

Nem armas nem armaduras não é o

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Espanha—O Ministro dos Negócios Estrangeiros condecorou, em nome do Generalíssimo Franco, o Rabi-mor, Presidente do Tribunal Rabínico de Tetuan (Marrocos espanhol), com a Cruz da Real Ordem de Isabel, a católica, que é uma das mais altas distinções espanholas.

Lituânia—O teatro judaico de Wilna reabriu ao público.

—Reuniu em Kaunas um congresso de Rabis. Na sessão inaugural o Governador Civil, Sr. Rusteika e um representante do Governo, Sr. Solblis, apresentaram as suas saudações de boas-vindas aos congressistas. O Sr. Presidente do Conselho, o coronel Merkis, dirigiu uma mensagem à Direcção do congresso. Eram cerca de 270 os Rabis congressistas.

Estados Unidos—A *United Jewish Appeal* recolheu a quantia de 250.000 dólares, da qual enviou metade a S. S. o Papa Pio XII, para os refugiados católicos dos países dominados pelo nazismo e a outra metade ao Rev. George Arthur Butterick, para os refugiados protestantes.

—A Associação dos antigos combatentes judeus dos Estados Unidos, abriu uma subscrição cujo produto será destinado à compra e envio para a Finlândia duma ambulância devidamente equipada.

—Em comemoração do 9.º centenário do nascimento do célebre Rabi Rashi, que viveu em França em meados do século XI, o Seminário Judeu de Nova Iorque organizou uma exposição de obras e de manuscritos do afamado teólogo judeu.

Bolívia—O primeiro cemitério judaico da Bolívia foi inaugurado nos arredores de

La Paz, em presença de personalidades oficiais e de representantes das comunidades judaicas da Bolívia. Tôda a imprensa da Bolívia publicou artigos referentes a esta cerimónia.

Turquia—O violento terramoto neste país impressionou a população judaica da Palestina, que enviou vestidos e medicamentos suficientes para socorrer 15.000 pessoas.

Os dois Rabis-mores da Palestina, Rev.º Herzog (rito tudesco) e Rev.º Uzul (rito português), dirigiram-se ao Consulado Geral da Turquia apresentando as suas condolências e as simpatias de todos os judeus da Palestina.

As municipalidades judaicas de Haffa e de Tel-Abiv enviaram, cada uma, 100 libras para o fundo de socorro aos sinistrados.

A Associação médica judaica Hadassah enviou uma missão médica ao local da catástrofe.

O pòsto emissor radiofónico turco oficial dirigiu uma mensagem de agradecimento à população palestinense e o Consulado Geral turco em Jerusalém escreveu à Hadassah agradecendo, em termos calorosos, a sua espontânea ajuda.

União Sul Africana—O *Board of Deputies* judeu da África do Sul, enviou a quantia de 10.000 libras à American Joint Distribution Committee, para ajuda aos judeus pobres da Polónia.

Finlândia—O Rabi-mor Dr. Simão Federbuche dirigiu uma mensagem aos combatentes judeus do exército finlandês, exaltando o seu patriotismo e sublinhando o facto de que um grande número de voluntários judeus se tinham alistado ao serviço da Finlândia. Tôda a imprensa finlandesa publicou esta mensagem.

Egipto—Um grupo de voluntários judeus da Palestina chegou à cidade do Cairo e foi incorporado nas unidades britânicas de engenharia, Royal Engineers Corp.

primeiro livro do autor. Tinha já escrito *Death by Moonlight* (a morte ao luar), publicado em Inglaterra por Collins e na América por Morrow.

De Jewish Chronicle
(Tradução de David Moreno).

OBRA DO RESGATE **Lealdade da Palestina para com o Império Britânico**

Publicações — Foram publicados para o fim educativo dos cripto-judeus e outros os seguintes opúsculos:

Não por fôrça, mas pelo meu espírito — Darush (Sermão pronunciado pelo *leader* dos Maranos, Artur Carlos de Barros Basto (Abraham Israel Ben-Rosh), na cerimônia da Dedicção Solene da Sinagoga Kadoorie Mekor H'a'im no Pôrto, no dia 16 de Janeiro de 1938 (15 de Shebat de 5698). Edição de *Ha-Lapid* (O Facho), periódico Israelita — Pôrto.

Oração Matinal de Shabbath (Segundo o rito português) — Arranjo e tradução por A. C. de Barros Basto (Ben-Rosl). Edição do Instituto Teológico Israelita (Y eshibah Rosh-Pinah) — Rua Guerra Junqueiro n.º 340, Pôrto.

Visita pastoral a Trás-os-Montes — O digno Reitor do Instituto Teológico Israelita (Yeshibah Rosh-Pinah), Presidente da Comunidade Israelita do Pôrto, o Sr. Capitão e Professor Barros Basto, acompanhado pelo nosso moreh (preceptor israelita) Joseph Pereira Gabriel, safu do Pôrto no dia 25 de Agosto passado, a-fim-de visitarem vários núcleos de judeus maranos desta província nortenha.

Visitaram Chaves, Rebordelo, Vinhais, Macedo de Cavaleiros, Mogadouro, Lagoaça e Fornos. Em todos estes locais os maranos ouviram palavras de fé dos mensageiros da Obra do Resgate.

Em Bragança, onde se encontrava também o moreh Samuel Rodrigues, houve um officio especial na Sinagoga Shaaré Pidion (Portas do Resgate), sendo celebrante o novo moreh Gabriel, acompanhado pelo côro de antigos Talmidim da Yeshibah e usou da palavra o *leader* dos maranos, o Sr. Prof. Barros Basto, sendo escutados por todos com emoção, os dois mensageiros. Distribuíram várias publicações religiosas e quadros educativos por todos os lugares que visitaram e nos quais foram muito bem acolhidos.

O Sr. Reitor do Instituto e nosso Director trouxe muito boas impressões sobre a piedosa recordação que em todos encontrou em serem fiéis à fé dos seus antepassados. Regressou ao Pôrto no dia 2 de Setembro.

O Comité Executivo Palestiniano da Agência Judaica e o Conselho Nacional Judaico da Palestina (Vaad Leumi) decidiram, numa reunião comum efectuada em 3 de Setembro de 1939, proceder à inscrição de voluntários para o serviço nacional. Os voluntários serão inscritos para:

a) o serviço da comunidade judaica no que concerne à segurança, vida económica e outras necessidades públicas;

b) se pôr à disposição das autoridades militares britânicas na Palestina para os serviços que elas quiserem requerer dêles.

Mais de 135.000 judeus palestinianos (sendo um terço mulheres) dos 18 aos 50 anos, se alistaram.

Nota-se que as relações judeu-árabes se vão tornando cada vez mais amigáveis.

Comité de Redacção de «Le Judaisme Sephardi»

Esta revista publica:

«Temos o grande prazer de anunciar que o Sr. Paul Goodman aceitou fazer parte do Comité de Redacção desta revista.

O Sr. Paul Goodman, secretário geral da importante comunidade hispano-portuguesa de Londres e vice-presidente do executivo da União Universal das Comunidades Sefardis, é muito conhecido dos nossos leitores para que seja necessário apresentá-lo. Já têm apreciado a qualidade dos seus artigos que se distinguem sempre pela sua clareza e sua perfeição. Historiador e escritor de talento, autor de diversas obras importantes, o Sr. Paul Goodman trará a esta revista uma colaboração que aumentará o seu valor. Saúdamos sinceramente a presença do Sr. Paul Goodman entre nós.»

*Tudo se illumina
para aquête que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

Os cristãos novos no Pôrto

El-Rei D. Manuel, estando em Muge, decretou, em 5 de Dezembro de 1496, a expulsão dos judeus, os quais sob pena de morte e confisco de bens, deviam abandonar os territórios portugueses até ao fim de Outubro de 1497. Ordenava o decreto que êles podiam sair livremente com tôdas as suas fazendas e El-Rei lhes mandaria pagar quaisquer dívidas que lhes fôssem devidas.

Dizia mais El-Rei que para sua ida lhes daria todo o aviamento e despacho que cumprir.

Um poeta satírico coevo de D. Manuel referindo-se à liberdade de que gozavam os judeus em Portugal, antes do decreto de expulsão, diz:

A terra está
de esnogas bem cheia
e fazem a ceia
dos asmos por cá.
Vereis enfeitados
os sábados todos
vereis de mil modos
capuzes frisados.

Nenhuma má vontade tinha El-Rei D. Manuel contra os judeus e a sua expulsão tinha sido exigida pelos reis católicos de Espanha, em cláusula expressa no contrato de casamento do rei português com a herdeira do trono espanhol.

Satisfazendo o pedido dos sogros, mas vendo os inconvenientes da expulsão, pois não desejava privar o País de súbditos que pelo número, pelas aptidões várias, sobretudo para as artes mecânicas, pela

riqueza que possufam, pelos espíritos ilustrados e subtis que contavam no seu seio, não eram para desprezar sem quebra de importância para a vida da nação, D. Manuel resolveu convertê-los à força ao catolicismo.

No dia 2 de Abril de 1497 El-Rei mandou tirar aos judeus todos os filhos menores de 14 anos para serem baptizados, medida violenta que deu lugar a cenas lancinantes, e pouco depois usou da mesma maneira para com os restantes israelitas.

Samuel Usque descreve essa horrível tragédia da seguinte forma:

“e mandou-lhes ali notificar que êle queria se tornassem todos cristãos e que o devessem fazer por amor, o que fariam últimamente por força; não bastou estes ameaços para voltarem meus filhos as costas a seu Deus, antes com constância responderam que tal não fariam. Vendo El-Rei que maiores fôrças eram necessárias para os abalar, entrou em conselho e acordaram apartar dentre os vêlhos os mancebos de até 25 anos.

Como os tiveram divisos fizeram-lhe uma prática de venenosas palavras cobertas de triaga, prometendo-lhes muitos favores no reino se por amor se convertessem...; de maneira que achando-os tão firmes como a seus pais, a êles com grandíssima ira arremeteram aquêles executores, e a uns pelas pernas e braços, e a outros pelos cabelos e pelas barbas arrastando, por força os levaram até dentro às igrejas, e ali lhe deitaram a sua água, e tocando com ela uns e mal alcançando outros, lhe impuse-

ram sôbre isso nomes de cristandade e os meteram em poder de vêlhos cristãos para os sujeitar à religião e guarda de sua fé.

Como tiveram esta injusta e violenta obra acabada, tornaram aos pais, que tão angustiados sustinham já a vida que aborreciam, a dar-lhes outro trago mortal, dizendo-lhes que seus filhos se haviam convertido já cristãos e que o devessem êles assim fazer se queriam ter vida em sua companhia; nem a isto os vêlhos se abalaram, até que El-Rei lhes mandou tirar o comer e o beber por três dias contínuos, para com a angústia da fome os tentar, o que êles também mui animosamente suportaram; vendo El-Rei que ainda isto não bastava, e que se mais com fome os pensasse pereceriam, determinou usar com êles a violênciã que havia usado com seus filhos, e arrastando-os pelas pernas, outros pelas barbas e cabelos, dando-lhes punhadas no rosto, e espancando-os, às igrejas, onde lhes deitaram água, os levaram.

De muitos que grandes extremos fizeram por se defender, foi assinalado entre êles, um, o qual fazendo cobrir a seis filhos com seus *thaleciõth*, com uma sábia prática esforçando-os a morrer pela lei, um a um, com êles todos ao cabo se matou; e outros, mulher e marido se enforcaram, e aquêles que os quiseram levar a enterrar foram mortos pelos inimigos às lançadas.

Muitos houve que se lançaram em poços, e outros das janelas abaixo se faziam em pedaços, e todos estes corpos israelitas assim mortos os levavam os algozes a queimar ante os olhos de seus irmãos, para maior mêdo e temor de sua crueldade os compreender.

Com esta violênciã, contra as leis divinas, e humanas, ficaram feitos cristãos muitos corpos, mas nunca nas almas lhes tocou mácula, antes sempre tiveram imprimido o sêlo da sua antiga lei."

Referindo-se a estes tristes acontecimentos, Garcia de Resende, escreveu na sua *Miscelânea*.

«Os judeus vi cá tornados todos num tempo cristãos, os mouros então lançados fora do reino passados e o reino sem pagãos ;

vimos sinagogas, mesquitas, em que sempre eram ditas e prêgadas heresias, tornadas em nossos dias igrejas santas bemditas.»

Nos dias 9, 10 e 11 de Abril de 1506 houve em Lisboa uma matança de cristãos-novos, tendo servido de pretexto uma explicação racional imprudente que um cristão-novo deu acêrca dum pretenso milagre.

Garcia de Resende, testemunha, narra êsse horrível massacre da seguinte forma:

Vi que em Lisboa se alçaram povo baixo e vilãos contra os novos cristãos mais de quatro mil mataram dos que houveram às mãos. Uns dêles vivos queimaram meninos despedaçaram, fizeram grandes cruezas, grandes roubos e vilezas em todos quantos acharam...

Quando tal soube, El-Rei D. Manuel agiu, mandando as suas justiças actuarem. Garcia de Resende, também narra isso em verso:

Estando só a cidade por morrerem muito nela, se fêz esta crueldade; mas El-Rei mandou sôbre ela com mui grande brevidade. Muitos foram justiçados quantos acharam culpados homens baixos e bragantes e dois frades observantes. Vimos por isso queimados. El-Rei teve tanto a mal a cidade tal fazer, que o título natural de nobre e sempre leal lhe tirou e fêz perder. Muitos homens castigou e officios tirou:

O cronista judeu Samuel Usque, também contemporâneo, sôbre êsse massacre diz o seguinte:

«Não bastou havê-los trazido com tanta sem razão e injustiça à sua fé, afastando-os

da lei em que nasceram, mas ainda assim os não deixavam viver quietamente, denotando-os, injuriando-os, abatendo-os e tratando-os com baixeza e desprezo, e isto já o levaram em paciência, se não lhe levantaram aleives e falsos testemunhos para os destruir e arrancar do mundo, prègando os prègadores nos púlpitos, e dizendo os senhores em lugares públicos, e os cidadãos e vilões nas praças, que qualquer fome, peste ou terramoto que vinham à terra era por não serem bons cristãos: e que secretamente judaizavam; assim que alcançando alguns intrínsecos inimigos a vontade do povo quanto inclinada estava em seu dano, acharam aparelho para meterem em efeito seus maus ânimos, entre os quais houve dois frades domínicos, que saíram pela cidade de Lisboa, com crucifixos às costas amotinando o povo, e clamando viessem todos em sua companhia vingar a morte do seu Deus, e com muitos preversos ociosos e gente mecânica que a êles se recolheram, com lanças e espadas nuas em suas mãos arremetendo contra o fraco e desprovido povo dos mal baptizados e novos cristãos mataram quatro mil almas dêles, roubando e usando tôdas aquelas crueldades que em um saque duma cidade se faz, atazalhando os homens, arremessando as criaturas às paredes e desmembrando-as, deshonorando as mulheres e corrompendo as virgens, e sôbre isso tirando-lhes a vida; houve muitas que prenhes as lançaram das janelas sôbre as pontas das lanças que já em baixo as estavam esperando, e assim atalhavam o caminho às inocentes criaturas antes que arribassem ao mundo, onde o Céu piedoso as mandava; entre elas se achou uma que, esforçando-a a muita ira e sua honra, a um frade, que a queria forçar, matou com umas facas que o mesmo frade trazia.

Se êste assim terrível mal durara naquêle ímpeto acabaram todos os novos cristãos, que na cidade de Lisboa habitavam, mas provendo a misericórdia divina com as justiças da terra, que acudiram, e atrás disso El-Rei que, com diligência, veio a socorro da vila de Abrantes, onde se achava, cessou aquella matança temerosa."

Estas tragédias da conversão forçada dos judeus portugueses e de massacres de cristãos-novos não deixaram vestígios nos

arquivos portucalenses; talvez alguém mais feliz do que eu consiga encontrar algum documento. Estou, até prova em contrário, convencido que a gente laboriosa, rude, mas bondosa do Pôrto evitou todos os excessos.

Encontrei a fôlhas 56 do *Livro de Provisões* (1500 a 1539) uma carta régia de D. Manuel, datada de 12 de Maio de 1506, em que diz ter em serviço não se fazer na cidade do Pôrto prisão sôbre os cristãos-novos como se fêz em Lisboa.

A fôlhas 146 do referido *Livro de Provisões*, do Arquivo Municipal do Pôrto, existe uma carta régia de D. João III ordenando que na cidade do Pôrto se favoreçam os cristãos-novos. A carta é datada de 22 de Dezembro de 1521.

Julgo que a conversão forçada dos judeus portugueses foi, pois, feita sem os sucessos trágicos lisboenses. Os judeus abandonaram a judiaria do Olival e muitos foram-se estabelecer para a Ribeira por a isso serem forçados.

No Livro 1.^o das *Próprias*, do Arquivo Municipal do Pôrto, existe uma carta régia de 4 de Abril de 1534, onde diz que uns mercadores intentam ir para a rua de S. Miguel e El-Rei manda aos seus juizes que oiçam todos os pareceres dos officiais da Câmara sôbre a mudança de todos os que estiverem arruados nela. Nessa carta se menciona pretenderem os mercadores algibebes, que vendiam roupa feita e usada, da rua de S. Miguel, a construção duma igreja, por aquella rua ser das mais povoadas e nobres da cidade.

Uma carta régia de D. João III, existente no *Livro de Provisões* já citado, a fôlhas 316, faz saber à cidade do Pôrto que proveu para bispo a D. Frei Baltazar Limpo. A carta é datada de 6 de Abril de 1537.

Êste bispo foi solenemente recebido pela cidade, como se verifica por um documento já publicado neste jornal.

O Bispo do Pôrto, pouco depois de tomar posse da sua diocese, interessou-se para que a grande Sinagoga do Pôrto, sita à rua de S. Miguel, na parte dessa rua actualmente chamada de S. Bento da Vitória, fôsse transformada em igreja católica e empregou todos os meios ao seu alcance para êsse fim.

Por documentação apresentada já sabe-

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

França—A Agência Telegráfica Judaica comunicou que tinha recebido um apêlo do Sr. Santeri Jacobson, *maire* de Lauritsala, pedindo a todos os judeus uma ajuda urgente e substancial a favor da Finlândia.

Este apêlo é assinado por um grupo de judeus escandinavos representando a Finlândia, a Suécia, a Noruega e a Dinamarca e insiste sôbre o perigo que representaria a expansão soviética.

Roménia—O Congresso da União das Comunidades Judaicas da Roménia elegeu o Dr. Alexandre Safran, Rabi de Bacau, para o cargo de Rabi-mor da Roménia. O novo Rabi-mor nasceu em 1910, na Moldávia; é diplomado pela Universidade e pelo Colégio Rabínico de Viena e pertence à organização sionista tradicionalista MIZRAHI.

Estados Unidos—Numa cerimónia presidida pelo Sr. La Guardia, os representantes da Associação Americana dos Antigos Combatentes Judeus, entregaram ao Vice-Cônsul finlandês, Sr. Carlos Kunsamo, uma ambulância-automóvel equipada, destinada ao exército finlandês.

—No dia 16 de Janeiro, realizou-se a primeira assembleia pública convocada nos Estados Unidos, em honra do Dr. Weiz-

mann. 6.000 pessoas se juntaram no Meca Temple de Nova Iorque. A Jeunião foi presidida pelo Dr. Stephen Wise, Presidente Honorário da Federação Sionista dos Estados Unidos da América e entre os oradores figurou o Sr. La Guardia, Governador de Nova Iorque que, assim como o Governador Lehmann, é Presidente Honorário da Comissão de Recepção Weizmann.

Estados Unidos—O Presidente Roosevelt recebeu em audiência particular o Dr. Haïm Weizmann, Presidente da Agência Judaica da Palestina, tendo sido apresentado por Lord LOTHIAN, embaixador da Grã-Bretanha, em Washington.

Lituânia—O govêrno lituânio aprovou os Estatutos da Comunidade Judaica de Wilna e reconheceu-a como representante da população judaica desta cidade.

Palestina (Terra de Israel)—Está em Jerusalém o 1.º Alto Comissário Britânico na Palestina, o nosso correligionário Lord Herbert Samuel. Foi recebido pelas mais altas personalidades. Lord Samuel encontra-se ali em viagem de estudos.

—Também chegou a Haifa (Galileia), por via aérea, sua Eminência o Dr. J. Herz, Rabi-mor do Império Britânico.

mos que os judeus da judiaria do Olival haviam sido obrigados a sair dêsse bairro judaico, constituído pelas actuais ruas de S. Bento da Vitória, S. Miguel, rua da Vitória, rua das Taipas e viela do Ferraz, para a Praça da Ribeira, após a sua conversão forçada ao catolicismo. Não encontrarei até agora documentação que me permita afirmar se foram todos ou só parte obrigados a sair dêsse local.

Apresentei documento que prova que vários mercadores querem ir residir na rua de S. Miguel (actualmente rua de S. Bento da Vitória e rua de S. Miguel), e que êsses mercadores em troca dessa licença se pronunciam a construir uma igreja na rua de S. Miguel.

No Livro 1.º das *Próprias do Arquivo Municipal Portuense*, existe a fôlhas 365,

datada de 14 de Janeiro de 1539, uma carta régia de D. João III, confirmando a determinação da Câmara para que os mercadores algibebees, que eram cristãos-novos e velhos, que por outra igual determinação haviam sido mandados estabelecer na Praça da Ribeira, fôssem obrigados os que se recusassem a voltar para a rua de S. Miguel, donde tinham saído, por ser das mais nobres da cidade, principalmente depois da despesa de 3.000 cruzados com a factura da igreja no edificio da sinagoga, e com o calçetamento da rua e consêrto de casas.

A êste assunto da transformação da antiga grande Sinagoga do Pôrto na actual igreja de S. Bento da Vitória, se refere Alexandre Herculano no trecho da sua *História do Estabelecimento da Inquisição*.

ANTÓNIO GRANJO

No dia 19 de Outubro de 1921 foi assassinado em Lisboa o Dr. António Granjo, Presidente de Ministério, antigo deputado e combatente da Grande Guerra, tendo-se batido nas trincheiras da Flandres, no *front* britânico, no posto de Alferes de Infantaria.

António Granjo era descendente de judeus trasmontanos, da aldeia de Carção, concelho de Vimioso, distrito de Bragança, onde ainda existem parentes cripto-judeus, que praticam certos ritos judaicos.

Era uma bela alma e um belo coração.

O jornal de Lisboa *República* publicou, no dia 31 de Março de 1938, um artigo editorial do qual publicamos alguns excertos, pela impossibilidade de o publicar na íntegra, devido ao pouco espaço deste periódico:

António Granjo morreu deixando um rasto de saúde quasi misteriosa: o mistério que envolve as grandes figuras tocadas pela dor. Era um bom e um valente. Mataram-no sem se saber por quê—numa onda de criminosa alucinação. A memória desse homem é-nos particularmente grata. E Granjo foi, até, noutra fase deste jornal, seu director. Queremos aqui arquivar a dedicatória que lhe consagra Aquilino Ribeiro, no seu último livro sobre a vida de «Anastácio da Cunha, o lente penitenciado de Coimbra».

Porque assassinaram este homem medularmente bom? Se quiséssemos organizar o corpo de delito, em profundidade, para a história, de balde procuraríamos o facto negro, concreto e pessoal, destes que logicamente são o germe ou raiz do crime. Tanto na sua vida privada como pública, agarrar-se-ia fumo. Nunca cometeu nem deixou cometer exacções, violências ou abusos de poder. Longe de ser um Rosas, depois do reconto dava a mão ao inimigo. Perdoava, é certo que sem cálculo nem grandeza. E o seu pecado, mercê do qual se perdeu, foi fechar os olhos à vaga de

interesses inconfessáveis, de ambições desmedidas, de paixões furiosas, que crescia para o poder. Se este é um pecado sem remissão para quem detém o mando, pagou-o caro; foi o republicano imolado à tara comum; foi o bode expiatório, sem proveito nem exemplo, de uma geração de políticos passa-culpas, bêbados com o triunfo pessoal, ensoçados de «Direitos do Homem» e de romantismo, sem noção das responsabilidades que assumiam. A sua morte foi perpetrada por uns títeres que na véspera não sabiam que iam assassinar. Suponha-se a mão hedionda de um demiurgo tirando ao acaso de uma chusma de pobres diabos, esfomeados, analfabetos e meio idiotas, como há cá pela terra:— «Dente de Ouro», «Clarim do Carmo», calha-vos a sorte... E os miseráveis, moldados em sordidez, em aspiração abominável e confusa, em fúria e selvajaria, foram. O que espanta não é que a mão horrenda encontrasse agentes para realizar o atroz mandato. O «Dente de Ouro» e o ignóbil «Clarim» que espetou o chanfalho no «bandulho do porco» são compreensíveis, repetimos. Representam a supuração da barbárie humana, para não dizer portuguesa, agitada e movida com arte. E matar para eles foi o acto mais simples deste mundo. Além do frenesi que lhe haviam insuflado, tinham atrás de si a impulsão atávica. Vejam-na pobre, insatisfeita, martirizada, vítima do magnate e do mercador, do rei e do fidalgo, do militar e do eclesiástico, do letrado e do juiz, de quem tem rédea ou vara, e a planta humana é o que para aí se vê, rasteira, débil, sem louvores para a vida. Na hora turva, cada um está apto a arvorar-se em vingador. Vingador de quê e contra quem? Não sabe; não lhe perguntem. Foi por isso que o assassinio de Granjo pareceu mergulhado em indevassável mistério. E mais claro nem uma fachada na Mouraria. Este «Dente de Ouro» é representativo. Não há nada que assombre, pois, nestes facinoras empurrados por aquela mesma mão que embaralhou as cartas, jogou poeira ao ar, criou um ambiente de crime, e cujos dedos foram o político sedento de poder, o industrial que tinha veniaga a passar, os empreiteiros de

sarrafusca, o incorrigível partidário do Sr. D. Manuel ou do Sr. D. Duarte Nuno, e não se sabe que entidade subtil, salitrosa, que não deixa rasto, Providência do Mal dentro das pequenas democracias atontadas e petroleiras.

O que assombra é que depois da quarta-feira a que o Presidente do Conselho se submeteu durante todo o dia, as autoridades da véspera ou autoridades recém-investidas, os oficiais da conjura ou os oficiais neutros, os políticos que chegavam ao galarim e os que nunca perderam a posição, cabecilhas ou mandões, não roubassem um minuto à intendência, à neutralidade, à cobardia, ao gaudío do triunfo, e deixassem matar aquêle homem como um viandante numa estrada deserta, sem ninguém lhe acudir! Aparte Cunha Leal, que vemos debater-se impotente e afogado na maré de loucura, trepidando de desespero heróico, os outros escondem-se, somem-se, esgueiram-se, passam à sucapa, relampejam ao longe, chegam tarde. Ratazanas, vermes, sombras, espectros. Êsses oficiais de marinha, todos ou quasi todos, onde se meteram? Não acabam de sair das alfurjas os revolucionários civis? Os colegas, ontem tão poderosos, não têm modo de chamá-lo para o seu abrigo? Ninguém de pêso e de rasgo pega daquelle homem e o leva quer da Avenida Miguel Bombarda, quer do Arsenal, o oratório de condenado à morte do Arsenal. Porque se esvaem, nunca mais vêm, não querem saber, antepõem outros cuidados, ou chegam tarde e a más horas...? Por isto, porque não há uma direcção em Portugal. Há uma classe dirigente, mas bizantina. Na hora de crise, mentores, chefes, capitaneadores fundem-se na multidão gregária de que são reses.

O drama é tecido com tôdas estas fatalidades. Na nossa pobre vida humana, dentro do curso que nos leva, cada um é responsável pelo modo como braceja, sem dúvida; as reacções do individuo há, porém, que observá-las dentro do corpo social para compreendê-las. A tragédia de 1921 fêz patentear a falta de alma na sociedade portuguesa, que é como a luz numa casa. Como se explicaria, não sendo assim êste matar às-cegas?

António Granjo, soldado garboso da Flandres e de Trás-os-Montes, amassador de ideal, devoto da liberdade, homem de

bem e de boa fé, desprovido de invejas e de rancores, que sabia ler nos olhos do seu amigo, aparece nos meus sonhos, imenso, pavoroso, ensangüentado. Creio que é pecha comum em certa altura da vida começar-se a ter horror da acção e invencível tendência para sonhar. Sonhar acordado que é uma forma de catalepsia espiritual. O pensamento à sôlta vai por estranhas veredas até regiões absurdas em que, ao dar-se conta, acabamos por nos sentir entontecidos quando não escandalizados.

Senão a tôda a gente, a mim succede-me sonhar assim. Nesses sonhos ocupa-se-me o entendimento com cousas que podiam ter sido e não foram por um triz, com o desvio que o deslize fluvial da existência sofreu desta ou daquela nonada, com os pecados vélhos, com os sêres que me foram queridos e já não são dêste mundo. E vejo-me muitas vezes, como o divino Laércida, descer pela «avenida dos altos ciprestes e salgueiros bravos à mansão escura de Aides». E também avança para mim, condensando-se sua sombra vaporosa na neblina baça, a multidão dos defuntos. Vem primeiro meu pai, com branco sorriso no rosto amaciado e lágrimas amantíssimas nos olhos; logo após, uma face ebúrnea de amada: a vélha tia que me contava histórias de pasmar e que deu protoplasma à minha psique de escritor. Depois outras figuras de segundo plano discorrem filmáticamente na minha retina subjectiva. E entre elas eis que avança, carão largo, leal, género do marchante cuja palavra era ouro, António Granjo. Falam-me e eu ouço-lhes as vozes aladas, circunstanciais, de uma suavidade de cetim, que não fazem mais ruído que pétalas de rosa desfolhando-se da roseira para o relvedo. E António Granjo chora sôbre si e nós todos. Ao pobre grande homem, pelo que foi, pela morte que padeceu, pelo juízo recto que lhe mereci, quero consagrar êste modesto livro em que perpassa outra figura do povo, grande, trágica, e batida pela flama que jamais se apaga.

**ÊSTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA**

Judeus que se batem na frente ocidental

Do *Echo de Alger*:

— A cidade de Tiemeen é feliz de ter actualmente dentro das suas barreiras o seu primeiro condecorado com a nova Cruz de Guerra, o jovem Cláudio Gueyger, filho de madame Gaston Abucaya. Louvado em ordem do seu regimento de Infantaria por brilhantes acções na frente do Moselle, este jovem 1.º cabo conta apenas 20 anos.

Do *Lorrain Republicain*:

— É com o maior prazer que soubemos que a Cruz de Guerra com louvor foi concedida ao alferes Edgar Levy, comandante de companhia em certa parte do *front*.

O Sr. Edgar Levy, Secretário Geral da União das Sociedades de Educação Física e de Preparação para o serviço militar e membro do Comité de numerosas sociedades desportivas de Metz e da região, encontrará aqui as felicitações de todos os desportistas, que lhe consagram a sua estima e a sua simpatia.

Comunidade Israelita do Porto

(Kahal Kadosh Mekor Haim)

Mapa das Receitas e Despesas do ano de 1938

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|--|-------------------|--|-------------------|
| Quotizações e donativos | 8.186\$90 | 1.ª Secção — Culto : | |
| Subsídio do Portuguese Maranos Committee | 11.000\$00 | Morim (preceptores) | 8.683\$00 |
| Donativos do Portuguese Maranos Committee para a inauguração da Sinagoga | 9.027\$50 | Despesas diversas | 996\$80 |
| The David S. Schellim Charity | 1.100\$00 | Matsah (pão ázimo) | 415\$80 |
| Donativos para o Fundo do Cemitério | 2.172\$40 | 2.ª Secção — Instrução : | |
| Venda de Matsah (pão ázimo) | 403\$00 | | \$ |
| Serviços litúrgicos pagos | 78\$00 | 3.ª Secção — Patronato dos trabalhadores : | |
| | | Assistência financeira | 668\$00 |
| | | Vestuário | 43\$20 |
| | | Alimentação | 150\$00 |
| | | Impressos | 40\$00 |
| | | 4.ª Secção — Signo Vermelho (Maghen Adom) : | |
| | | Assistência clínica e medicamentos | 1.210\$50 |
| | | Impressos | 80\$00 |
| | | Despesas gerais : | |
| | | Água e luz | 1.488\$30 |
| | | Servente e guarda-nocturno | 677\$50 |
| | | Diversas despesas | 169\$20 |
| | | Despesas especiais : | |
| | | Mobiliário e utensílios | 5.479\$90 |
| | | Despesas da inauguração da Sinagoga | 2.666\$05 |
| | | Reparações no edificio | 214\$00 |
| | | Pagamento dum empréstimo feito em Dezembro de 1937 | 1.172\$40 |
| | | Seguros | 227\$20 |
| | | Subsídio à Comunidade da Covilhã | 800\$00 |
| | | Saldo para 1939 | 24.781\$85 |
| | 26.914\$80 | | 2.182\$95 |
| | | | 26.914\$80 |

Explicação do saldo

Porto, 31 de Dezembro de 1939.

| | |
|------------------------------|------------------|
| Fundo do Cemitério | 2.172\$40 |
| Fundo geral | 10\$55 |
| Total | 2.182\$95 |

O MAHAMAD.

Comunidade Israelita do Porto

(Kahal Kadosh Mekor Haim)

Mapa das Receitas e Despesas do ano de 1939

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|---|------------|--|------------|
| Saldo do antecedente: | | 1.ª Secção — Culto: | |
| 5.ª Secção — (H'e'brah Kadishah) <i>Repouso eterno</i> | | Morim (preceptores) | 8.504\$00 |
| Fundo do cemitério | 2.172\$40 | Compra de Matsah (pão ázimo) | 508\$45 |
| Juros deste fundo | 22\$80 | Diversas despesas | 93\$50 |
| Fundo geral | 10\$55 | 2.ª Secção — Instrução: | |
| Subsídio do Portuguese Maranos Committee de Londres | 11.000\$00 | Artigos escolares, impressos, etc. | 181\$15 |
| 1.ª Secção — Culto: | | Viagem de instrução por um Moreh | 103\$00 |
| Venda de Matsah (pão ázimo) | 512\$80 | Gratificações escolares a Morim | 120\$00 |
| Quotizações e donativos | 3.059\$05 | 3.ª Secção — Patronato dos trabalhadores: | |
| | | Assistência financeira a vários | 869\$00 |
| | | 4.ª Secção — Signo vermelho: | |
| | | Assistência clínica e medicamentos | 531\$00 |
| | | Despesas gerais: | |
| | | Água e luz | 751\$20 |
| | | Servente e guarda-nocturno | 882\$50 |
| | | Diversas despesas | 183\$75 |
| | | Despesas especiais: | |
| | | Mobiliário e utensílios | 1.050\$00 |
| | | Reparações no edifício | 376\$40 |
| | | Seguros | 227\$40 |
| | | | 14.894\$65 |
| | | Saldo para 1940 | 2.441\$95 |
| | 16.776\$60 | | 16.776\$60 |

Explicação do Saldo

Pôrto, 31 de Dezembro de 1939.

| | |
|------------------------------|-----------|
| Fundo do Cemitério | 2.194\$70 |
| Fundo geral | 247\$25 |
| Total | 2.441\$95 |

O MAHAMAD,

Comunidade Israelita de Bragança

Mapa das Receitas e Despesas do ano de 1939

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|--|-----------|------------------------------------|-----------|
| Saldo da Gerência do ano findo | 5.717\$84 | Expediente e Culto | 326\$10 |
| Juros de capitais | 500\$00 | Água consumida | 118\$90 |
| Ofertas diversas | 10\$00 | Limpeza | 300\$00 |
| | | Luz consumida | 49\$20 |
| | | Renda de casa | 1.800\$00 |
| | | Livros para a Biblioteca | 95\$00 |
| Total | 6.227\$84 | Total | 2.682\$20 |

Bragança e Secretaria da Comunidade Israelita, aos 31 de Dezembro de 1939.

O encarregado da Escrita,
F. H. GORGUEIRA.

O Secretário,
JOÃO ANTÓNIO COSTA.

Tudo se ilumina
para aquêlê que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

MISSÃO RELIGIOSA DE ABRAHAM

Da *Mishné Thorah*, v. 81 do Rabi Moisés Ben-Maimun (Maimonides).

«Desde a sua mais tenra infância, o patriarca começou a aplicar a tôdas as cousas a sua inteligência e a reflectir dia e noite.

Êle preguntava a si próprio como era possível que as esferas celestes possam cumprir constantemente a sua evolução sem que o impulso lhes seja dado por alguém capaz de a dirigir, pois lhe parecia evidente que elas não se dirigiam por si próprias.

Infelizmente, não havia ninguém para o instruir e o tirar da dúvida, porque êle estava rodeado, em UR Kasdîm, só de pessoas ignorantes que adoravam as estrêlas e as constelações. Seus pais e todo o povo da região eram idólatras e êle também. Mas o seu coração estava inquieto e esforçava-se por chegar à verdade e tal era a rectidão do seu espírito que se elevou até ao verdadeiro conhecimento. Êle descobriu assim que há um só Deus, que dirige os astros e que criou tôdas as cousas. E lhe pareceu evidente que não existiam outras divindades.

Foi assim que reconheceu o êrro no qual tôda a gente vivia e por que aberração tinham chegado a adorar os astros e os ídolos a ponto de se afastarem completamente da verdade. Abraham tinha quarenta anos quando adorou o seu criador. Desde que se achou possuído da Verdade, começou a discutir com os habitantes de UR KASDIM para os levar ao bom caminho, apontando-lhes os seus erros. Êle

partiu os ídolos e pôs-se a prègar ao povo dos arredores o dever de prestar culto só ao Criador do mundo. Só a Êle, dizia êle, pertencem a adoração, as oferendas e as libações e é só o seu culto que é preciso transmitir às gerações futuras. Havia pois o dever de derrubar, quebrar, destruir todos os ídolos, a-fim-de desviar para sempre o povo do êrro em que estava mergulhado, imaginando que não havia divindade alguma além dos seus ídolos. Êle tinha começado a convencer a multidão com os seus argumentos quando o rei o mandou buscar para o matar, mas Abraham escapou milagrosamente à morte e partiu para HARAN.

Ali, pôs-se a prègar abertamente a tôda a gente a fé no Deus Único, senhor do Universo, a quem se devia adorar. Êle ia anunciando assim a verdade de cidade em cidade e duma região a outra região, até que chegou ao país de Canaan. Ali prègou ajuda o verdadeiro Deus, assim como diz a Escritura: «Êle invocou ali o nome do Senhor, Deus do Universo. E como o povo se juntava à sua volta e lhe fazia perguntas acêrca dos seus discursos, êle explicava a cada um as suas crenças e acabava por os convencer. Foi assim que milhares de pessoas se ligaram a êle e formaram a *casa de Abraham*.

Êle implantou nos seus corações esta grande verdade, escreveu livros sôbre êste assunto e transmitiu a sua fé a seu filho Isaac. Isaac, por sua vez, a fêz conhecer aos que o rodeavam. Êle a transmitiu a Jacob, recomendando-lhe que a comunicasse a todos os que o acompanhavam».

Cartas a Alguém e a Ninguém

A um Am ha-aretz

Vou dar-te a satisfação de te mandar esta carta, visto sêres hoje pessoa importante, desde que, depois da tebilah (banho ritual) que recebeste no Tejo, pertences hoje a Am ha-aretz (Povo da Terra).

Sei que tens perturbado gente simples, afirmando, com ares doutorais, que a minha acção de reeducação espiritual judaica é missionarismo e fazer proselitismo, e que tais obras são contrárias ao espírito da religião israelita.

Pelo artigo anterior, «A missão religiosa de Abraham», és desmentido pelas palavras do célebre e venerado Rabi Moisés Ben-Maimun (Maimonides), de Córdova, que foi e ainda hoje é alguém no campo espiritual. Pelas suas palavras poderás ficar a saber que a nação judaica começou por um prosélito autodidacta, que foi missionário da Verdade, e de outros prosélitos. Já vês que não tens dito senão tolices. Vens assim confirmar aquela frase de Salomão, que nos diz ser infinito o número dos tolos.

A-pesar-de sêres mais burro do que permite a Thorah (Pentateuco), visto que ela apenas nos cita um burro, o de Balaam, que quando falava dizia cousas acertadas, espero que não continues a dizer tais disparates.

A-pesar-de já sêres velho e haver um provérbio popular, do povo desta terra, que diz: *burro velho não toma andadura*, tenho esperança que consigas aprender esta pequena lição, que não é muito custosa.

Alguns que leiam esta minha carta poderão dizer-me que Salomão, o sábio rei dos judeus, ensina-nos no seu livro de Provérbios (Mishelê), capitulo 26, versículo 4: «Não respondas ao tolo segundo a sua tolice, para que também te não faças semelhante a êle».

Também há um provérbio popular português, que diz: *A palavras loucas, orelhas moucas*. Isto está bem quando o tolo não é insistente nas suas tolices, porque, neste caso, também nos ensina Salomão no versículo seguinte:

— «Responde ao tolo segundo a sua tolice para que não seja sábio aos seus olhos.»

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

França — O Rabi Gollop, foi nomeado capelão militar israelita junto das forças expedicionárias britânicas em França. O capelão Gollop celebrou vários officios religiosos e distribuiu livros de orações pelos soldados israelitas ingleses.

Equador — Em Guayaquil, uma Comunidade Israelita foi fundada por um grupo de refugiados da Alemanha, de Itália e da Hungria.

Inglaterra — O Rabi-mor do rito tedesco da Palestina, Dr. Isaac Herzog, que se encontra em Londres, tem conferenciado com as autoridades britânicas sobre a transferência para a Palestina de escolas religiosas judaicas (Yeshiboth), que se encontravam na Polónia, e cujos alunos e corpo docente se refugiaram em Wilna.

A Associação MIZRAHI britânica fez uma notável recepção em honra dêste Rabi-mor da Palestina.

Romania — No dia 3 de Março, na grande sinagoga de Bucareste, realizou-se a investidura solene do novo Rabi-mor, Dr. Alexandre Safran.

O Rabi Dr. Safran, na sua qualidade de Rabi-mor dos judeus da Roménia, prestou juramento perante o Senado romão, onde passou a representar a população judaica.

União Sul-Africana — O Board (directório) da Instrução Judaica de Johannesburg adquiriu um manuscrito rarissimo do Talmud do XIV século. Só se conhecem dois manuscritos dêste género. O outro encontra-se na Biblioteca do Estado em Munique.

E é por esta última razão que pretendo dar uma lição a um ignorante.

Como deves estar na segunda meninice, pus em prática também um conselho do nosso sábio rei Salomão (Provérbios, cap. 22, vers. 15): «A tolice está ligada ao coração do menino, mas a vara da correição a afugentará dêle».

Esperando que esta pequena lição e correição te bastará, desejo-te que fiques em Paz (Shalom).

BEN-ROSH.

Judeus que se batem na frente ocidental

Do *Journal de Mostaganem*:

Uma bala alemã acaba de deitar na terra de lorena, o Sr. Maurício Malkah, campeão atlético de Orânia, o mais novo dos quatro filhos mobilizados do Sr. Jonas Malkah, mutilado da Grande Guerra.

Sempre voluntário para as missões perigosas, este belo e esbelto jovem casu no campo da honra, aceitando com tanta grandeza de alma como de comovente simplicidade o sacrifício pela Pátria.

O tenente André Gutmann foi louvado em ordem de divisão e condecorado com a Cruz de Guerra estrelada.

O tenente André Gutmann é genro do Sr. Henrique Lajeunesse, membro do Consistório Central Israelita de França.

O tenente-piloto aviador Weismann, mutilado da guerra, cem por cento, foi promovido ao grau de Grande Oficial da Legião de Honra.

O tenente Leon Agurtine, do Centro de Instrução dos regimentos de marcha dos voluntários estrangeiros, Cavaleiro da Legião de Honra, Cruz de Guerra 1914-18, foi promovido Cavaleiro da Ordem de Leopoldo da Bélgica.

O soldado judeu argelino Jacques Taieb morreu em combate com 26 anos de idade.

Pedro Bloch, jornalista, deputado e conselheiro geral de Laon foi nomeado alferes e colocado a seu pedido num regimento de artilharia colonial, que está na frente.

O Sr. Alfredo Salomon Ghighi, conselheiro geral de Oran, com 54 anos de idade,

foi reintegrado como intendente militar adjunto e enviado a seu pedido para os exércitos da frente.

O jovem Salvador Cohen, do Sud-Oranais, filho dum mutilado da Grande Guerra, alistou-se voluntariamente num regimento de infantaria para se ir juntar aos seus três irmãos, que estão nos postos avançados da linha Maginot.

O 1.º cabo de infantaria Claudio Gueyger, de 20 anos de idade, natural de Tlammcen, foi louvado em ordem do seu regimento e condecorado com a Cruz de Guerra.

O Sr. Professor Edmundo Ben-Hamu, da Faculdade de Medicina de Argel, mobilizado como tenente-coronel médico, foi promovido a Oficial da Legião de Honra por serviços militares.

O capitão-médico João Meyer, cuja brilhante conduta na Grande Guerra, tinha merecido vários louvores e a medalha militar, e no final da guerra foi agraciado com o grau de cavaleiro da Legião de Honra, foi, por serviços prestados nesta guerra, promovido a oficial da Legião de Honra. Seu pai, o tenente Olivier Meyer, oficial de artilharia, foi condecorado com a Cruz de Guerra.

O seu terceiro irmão, pai de cinco filhos, é actualmente oficial de artilharia e está na frente.

O uniforme de capelães israelitas franceses

O uniforme dos capelães, é, como o dos oficiais, de côr caqui. O seu barrete é preto, com um vivo vermelho e três galões dourados. Os capelães israelitas, sôbre o peito em forma de pingente, usam as Tábuas da Lei, em vez da cruz que usam os seus colegas cristãos.

Spanish & Portuguese Congregation — London

A ASSEMBLEIA ANUAL DO BOARD OF ELDERS (CONSELHO DOS ANCIÃOS)

A assembleia anual dos anciãos da Comunidade Israelita Portuguesa de Londres, realizou-se, no dia 7 de Fevereiro passado, sob a presidência do Sr. D. V. N. da Costa.

Damos aqui um resumo do relatório apresentado pelo Mahamad (Comissão Executiva) e assinado pelos Srs. David Beriro, Presidente; John Sebag Montefiore e Alfredo Isaac, Vogais (wardens); e Harold W. E. Lindo, Tesoureiro (gabay). O relatório, que reflecte a actividade tão intensa como variada da importante comunidade israelita luso-hispânica de Londres, produziu uma profunda impressão na Assembleia e recolheu a unanimidade dos sufrágios.

Procedeu-se em seguida às eleições. Foram reeleitos, respectivamente, Presidente e Vice-presidente dos Anciãos, por um período de três anos: os Srs. D. V. N. da Costa e Charles E. Sebag Montefiore.



A guerra fêz suprimir, nas sinagogas, os serviços da tarde e da noite, por causa do Black-out, isto é, da escuridão completa que torna as deslocações muito perigosas.

Um grande número de jovens estão mobilizados, entre os quais um dos Parnassins, Tenente Alan A. Mocatta. O facto histórico que o venerável Leslie Hore-Belisha, membro do Parlamento, teve o privilégio de servir como Secretário de Estado de Sua Majestade, para a guerra e como membro do Conselho Superior da Guerra (War Cabinet) num dos períodos mais críticos para a defesa do Império, ficará como uma origem de orgulho para a Comunidade.

O Sr. Charles E. Sebag Montefiore, como Presidente da Associação Judaica dos antigos combatentes, pôs-se à testa do Comité para o Bem-Estar do Soldado com o fim de conseguir conforto aos marinheiros, soldados e aviadores judeus. A pedido do Mahamad, o Rev. A. Nunes Vaz pôs-se à disposição do Comité Judeu dos Serviços de Guerra estabelecido para as necessi-

dades religiosas e sociais dos judeus, servindo nos exércitos e na marinha de Sua Majestade.

O Mahamad dirigiu-se ao Sr. Artom A. Romain pedindo-lhe, em virtude de um dos seus membros estar ausente por ter sido mobilizado, para colaborar com êle nas deliberações em sinal de homenagem pelos eminentes serviços prestados por êle e pela sua colaboração.

Uma homenagem especial foi também prestada à memória do Dr. Moses Gaster, Hahram da Comunidade desde 1897, falecido a 5 de Março de 1939. A sua viúva receberá uma pensão anual de 300 libras.

Menções especiais foram feitas sobre o extinto Sir Filipe Sassoon, membro do Parlamento, falecido em 1939 e Ministro das Obras Públicas de Sua Majestade, filho de Sir Edward Sassoon que foi Presidente dos Anciãos da Comunidade.

Anuncia-se também a demissão do Sr. Neville Laski, K. C. de Presidente do *Board of Deputies* e a sua substituição pelo Prof. S. Brodetsky.

O Sr. Neville Laski e o Sr. Paul Goodman foram membros da delegação judaica à Conferência Palestinense convocada pelo governo britânico.

O Sr. Cyril M. Picciotto, K. C. foi eleito em substituição do Sr. D. V. N. da Costa impedido de assistir às sessões do Board.

Atendendo à recrudescência de emigrados Sefhardim de Itália, um Comité de Acolhimento foi organizado e pôsto sob a presidência do Sr. Charles E. Sebag Montefiore, coadjuvado por o Sr. Roberto N. Carvalho, secretário-honorário e o Dr. O. D. Schazzw, originário de Itália, secretário. Este comité fêz criar uma secção especial no Comité Geral dos Refugiados Judeus, para uso destes refugiados judeus italianos em Bloomsbury House. Para a educação dos filhos destes refugiados, os quais ocupavam na Itália situações elevadas, agradecimentos especiais são devidos a M.^{mo} L. D. Barnett, a M.^{ma} Neville Laski, assim como a várias outras damas e senhores da Comunidade.

A União Sephardita

A situação internacional e em particular a explosão das hostilidades impediram a realização das medidas tomadas com o fim de estabelecer um Colégio Rabínico Sephardi em Jerusalém. O Executivo da União em Paris teve que empregar todos os seus esforços para socorrer refugiados sephardis de Viena, após a ocupação desta capital pelos nazis, assim como aos da Comunidade de Barcelona, 700 refugiados que tiveram que deixar esta cidade depois da derrota do partido republicano e que foram internados num acampamento perto de Perpignan (França).

A União conseguiu não só aliviar os sofrimentos destes refugiados, mas também obter para vários deles vistos e passaportes para se dirigirem ao México e outros lugares, onde os bons officios da União podiam encontrar eco favorável junto das Comunidades Sepharditas da América hispano-latina. Um apêlo, assinado pelo Presidente e Vice-Presidente dos Anciãos, feito a número seleccionado de Yahidim (contribuintes) da nossa Comunidade, recolheu a quantia de 360 libras e 16 shillings que foram consagrados pela União a este trabalho de caridade e de solidariedade judaica.



Sir Francis-Montefiore, quando faleceu em 1936, deixou à Comunidade um legado de 10.000 libras. A Comunidade recolheu no seu cofre 7.500 libras deste legado, deduzidas as despesas de contribuições, e bem assim 1.043 libras e 3 pences de juros acumulados desde 1936. O Mahamad apresentou propostas junto dos seus eleitores sôbre a maneira de aplicar este fundo.

—O relatório de contas acusa uma diminuição de 289 libras nas quotizações e de 72 nas oferendas.

—A *Educação Religiosa* das crianças sofreu muito com o facto de tantas famílias terem abandonado Londres para residirem nas províncias, mas as lições e as conferências para este efeito foram substituídas por um *Curso por correspondência* confiado à sagacidade do Rev. D. Bueno de Mesquita B. A.

—O Dr. L. D. BARNETT, C. B., como Presidente do Comité de Educação e o Sr. Artom A. Romain, como Presidente da

Escola «Portas da Esperança» velam para que as crianças, que ficaram em Londres, possam seguir os cursos ao domingo pela manhã sob a direcção do Rev. A. Nunes Vaz. O Sr. Frank I. HASSAN continua a sua actividade como Tutor-Visitador destas crianças e Mahamad estaria satisfeito se tôdas as famílias interessadas colhessem proveito disto.

—Tomando em consideração os longos serviços do Sr. B. Ereira e Miss R. Mussaphia, das classes Vilareal, foi resolvido continuar com os seus honorários a-pesar-da impossibilidade em que estão de não exercerem o magistério.

—O Mahamad aceitou o convite para associar esta Comunidade ao Joint Comité para a educação religiosa dos filhos dos refugiados e nomeou o Sr. John Sebag-Montefiore como seu representante junto dêle. Uma quantia de 60 libras foi votada para este fim.

—A Comunidade foi representada pelo Sr. Harold W. E. LINDO numa conferência convocada pelo *Board of Deputies* no dia 5 de Novembro, quando um Comité para os Problemas da Evacuação foi fundado.

—Sob o título *Bevis Marks Records*, um volume do Dr. Lionel D. Barnett, C. B., foi apresentado aos membros. Esta obra, que comportará um segundo volume, completa admiravelmente a história da Comunidade Sphardita de Londres, publicada pelo falecido Dr. Gaster.

—M.^{me} Gaster deu ao Mahamad, em memória de seu marido, o retrato de Don José Cortissos (1646-1742), um notável sephardi, cuja carreira romântica está descrita na *Jewish Encyclopedia*, vol. IV. Este retrato e o do próprio Dr. Gaster foram felizmente retocados pelo Sr. Artur de Cásseres, a quem o Mahamad se confessa grato.

—O Dr. Gaster legou à Sinagoga uma preciosa colecção de artigos de jornais desde 1838 até 1908 relativos à fundação da *Sinagoga do Oeste* (reformada) dos judeus britânicos.

—Outros volumes preciosos foram também recebidos, entre os quais destacamos: *A enfermaria judaica*, 1849, pelo nosso amigo, Sr. Wilfred Samuel, F. R. Hist. S.; e a *História dos Judeus* (1939, 7.^a edição), pelo nosso amigo Sr. Paul Goodman.

—A Fundação de Moses Montefiore

PALESTINA

(TERRA DE ISRAEL)

Devido à descoberta dum cientista judeu, a Palestina vai tornar-se uma região produtora de alumínio.

— Uma nova povoação, Moshav Shear-Yashuv foi estabelecida na região de Hulch. Começou com 20 famílias e depois estabeleceram-se mais 60 famílias. A povoação ocupa 1.300 dunam (cada dunam equivale a 1.000 metros quadrados). Desde os tumultos de 1936, cada nova povoação é limitada por uma palissada e as primeiras casas são constituídas por barracas.

— Pela Agência Judaica foram adquiridas, para o seu museu arqueológico, moedas e armas judaicas datando da revolta de Bar-Kokhebah, que nos anos de 132 a 135 antes da Era Vulgar, tentou libertar-se do jugo romano. Esta colecção constava de 80 objectos de ferro e cobre, que haviam sido encontrados em 1905, em escavações feitas no local da Cidadela de Bethar, centro da actividade de Bar-Kokhebah, que actualmente está próximo da aldeia árabe Battir nos arredores de Jerusalém. Estes

em Ramsgate continua a sua actividade a-pesar-das circunstâncias actuais e do facto do Rev. B. Rodrigues Pereira, B. A. Ministro-Oficiante da Sinagoga estar mobilizado.

Os Srs. Dr. L. D. Barnett, M. R. D. de Sola, J. S. Elmaleh, F. I. Hassan e H. B. de Mesquita foram nomeados como representantes da Comunidade junto da Direcção (Board) da Shehitah.

— O Sr. I. Hofman foi nomeado regente do côro em lugar do Sr. A. Lavando que emigrou de Londres, e foram nomeados Hazanim-Adjuntos os Srs. Eliezer Abinun e Salomão Gaon.

— *Donativos*— O Mahamad anuncia com satisfação o donativo dum tapête turco feito pelo Sr. V. Bchar para os salões da Comunidade, bem como também o de um tapête persa do Sr. A. H. Yadgaroff.

O relatório é assinado pelos Srs. David Beriro, Presidente; John Sebag Montefiore, Alfredo Isaac e Harold W. E. LINDO.

objectos eram propriedade dum mosteiro de Monte Sion.

— A Sociedade de Primeiros Socorros do Signo Vermelho dispõe já de 1.200 voluntários (homens e mulheres) devidamente instruídos para qualquer emergência. O número de casos tratados pela Sociedade em 1939 foi de 8.744, quando em 1938 foi de 6.531 e em 1937 foi de 5.875. O número de pacientes tratados na sua sede foi de 6.218 em 1936; 4.399 em 38 e 4.155 em 37.

— Uma nova povoação judaica com o nome de Kfar Masaryk, em comemoração do falecido Presidente da República Checoslováquia, foi estabelecida no mês de Fevereiro por um grupo de refugiados checoslovacos da Ha-Shomer Hatsair.

A nova povoação ocupa 2.000 dunams de terra pertencente ao Fundo Nacional Judaico, e está situada entre Haifa e Acre.

— O Keren Kayerneth Le-Israel (Fundo Nacional Judaico) durante 1939 comprou 58.009 dunam de terra na Palestina.

— A Escola de aviação judaica Aviron formou 30 aviadores judeus, que foram diplomados pelo governo britânico.

Esta escola possui 7 aviões de ensino e 3 de passageiros.

— O Deputado Williams disse no Parlamento Britânico que, na brigada britânica de voluntários palestinianos, havia 6 judeus para um árabe.

— Na Palestina, na Galileia, próximo à aldeia Kefar Tabor, havia uma Escola Agrícola Kadoorie, que esteve encerrada durante dois anos, e acaba de ser reaberta. O novo director desta escola é o Sr. Fiat, que tinha sido instrutor da criação de aves domésticas em Mikvé Israel.

— Fundou-se uma nova colónia, que é a 57.^a desde os tumultos árabes e a 7.^a fundada desde que começou a guerra.

— O navio de carga *Miriam*, de 900 toneladas, pertencente ao Zloyd Marítimo Palestinense, que a Rádio Alemã tinha anunciado o naufrágio no Mar do Norte, entrou em Haifa com a sua tripulação de 20 pessoas sãs e salvas. Este barco foi atacado duas vezes por alemães no dia 29 de Janeiro, ao largo da costa belga.

Visado pela Comissão de Censura

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 96)

TÍTULO LXXVII

Que os Judeus não sejam prêsos por dizerem contra êles, que se tornarão Cristãos em Castela, salvo sendo dêles querelado

No livro da nossa Chancelaria foi achada uma Lei, que El-Rei D. João, meu Avô em seu tempo fêz, da qual o teor tal é:

1.º D. João, & C. A vós Corregedor, juizes, e Justiças da Cidade de Lisboa, e a tôdas as outras Justiças dos nossos Reinos, que disto houverem de conhecer, a que esta carta fôr mostrada, ou o trelado dela em público forma, saude. Sabede, que a Comuna dos Judeus da dita Cidade de Lisboa nos enviou dizer, que nos Reinos de Castela, e d'Aragão foram feitos muitos roubos, e males aos Judeus, e Judias estantes áquela sação nos ditos Reinos, matando-os, e roubando-os, e fazendo-lhes grandes premas, e constrangimentos em tal guiza, que alguns dêles se faziam cristãos contra suas vontades, e outros se punham nomes de Cristãos não sendo baptizados com padrinhos, e madrinhas, segundo o direito quere; e esto faziam por escapar da morte até que se podessem pôr em salvo; e que alguns dêsses Judeus, e Judias se vieram aos ditos nossos reinos, e trouxeram suas mulheres, e filhos, e fazendas, dos quais moram, e vivem alguns dêles em esta Cidade, e alguns em outras Cidades, e Vilas, e Lugares do nosso Senhorio.

2.º E que ora lhes é dito, que nós davamos nossas cartas, porque alguns dêles sejam presos, e que fazemos mercê, e doação de seus bens e algumas pessoas, por quanto nos fora dito, que eles foram assi cristãos, e se tornaram Judeus no que eles diziam, que recebiam grande agravo, e sem-razão, e enviaram-nos pedir por mercê, que lhes houvessemos a elo algum remédio com direito, e lhes dessemos nossa carta, porque os não prendessem, nem lhes tomassem seus bens por tal razão.

3.º E nós vendo o que nos dizer, e pedir enviaram, e porque nossa mercê, e vontade é, que os Judeus, e Judias do

nosso Senhorio, assi os naturais dele, como os que pera ele vieram viver, e morar, ou vierem ao diante, que eles, e seus bens sejam guardados, e defesos, e que os não prendam, nem lhes tomem seus bens contra direito, e como não devem: Temos por bem, e mandamos-vos, que não prendais, nem mandeis prender nenhum Judeu, nem Judia dêstes tais semelhantes; nem lhes mandêde, nem consentais a outros nenhuns, que lhes tomem, nem mandem tomar seus bens em nenhuma guiza, posto que contra eles seja dito ou querelado, que foram cristãos, e que se vieram aos nossos ditos Reinos, e vivem em eles por Judeus, e como Judeus: salvo sendo antes deles querelado de querela dada, e Jurada, e testemunhas nomeadas, que foram feitos Cristãos, como o direito quer; e então prendede estes Judeus, e Judias, de que assim fôr querelado de tais querelas, e fazei deles cumprimento de direito, e Justiça; e ao menos que tal acusação, e querela assim não seja dada contra eles, como dito é, vós os não prendeis, nem mandais prender, nem consenteis a outros nenhuns que os prendam, nem tomem, nem embarguem seus bens.

4.º Outro si vos mandamos, que antes que estes querelosos, e acusadores assim recebades, a tais acusações, e querelas, que lhe requeirades que vos dem fiadores, acontiosos, e abonados, moradores, vizinhos dêstes Reinos nossos, pera, se depois não sairem verdadeiras suas querelas, e acusações em todo, como dito é, haverem de compor, e correger por seus bens, a estes Judeus, e Judias, de que assi querelarem, e fazerem prender, totalas custas, e despezas, perdas, e danos, que se lhes seguirem por elo; é de mais para haverem outra alguma pena, segundo a malfcia, em que forem achados: e esta fiadoria, que estes querelosos assim hão-de dar, se entenda naquelas pessoas, que não forem abonadas,

nem houverem bens de raiz em estes nossos Reinos, que valham cem mil libras, para pagarem, e comporem todo o dito é.

5.º Outro si mandamos que esses Judeus, e Judias, de que assi fôr querelado, como dito é, que lhes façades sequestrar seus bens, e pô-los em mãos de homens fieis por conto e recado, para depois serem entregues a quem direito fôr, dando-lhe para seu mantimento aquilo, que fôr necessario: e se vos êsses Judeus, ou Judias derem fiadores no valor, que valerem os ditos bens, por eles não enlhearem os ditos bens, recebede-lhe os ditos fiadores, e leixade-lhes ter seus bens: e fazed de guisa, que se guarde direito, e Justiça, e os ditos Judeus não recebam em elo agravo, nem se enviem sobrelo mais agravar a nós.

6.º Outro si vos mandamos, que depois que tais querelas forem dadas, que êsses, que as derem, não possam fazer avenças com as partes; e em caso que as façam, que não valham; e sem embargo das ditas avenças, se ponha o feito pela Justiça contra esses presos à custa dos que as ditas querelas derem, e se siga até final Sentença, para ser dada pena a êsses Judeus, se culpados forem, se não para serem êsses querelosos punidos, segundo dito é; e em caso que avenças aí haja feitas, per que êsses Judeus não possam haver, nem percalçar nenhuma cousa dêsses querelosos, que esse, que eles assi haviam de haver, seja para as obras, segundo nós mandarmos.

7.º A qual Lei vista por nós, a confirmamos assi como em ela é conteudo.



Visitante ilustre

O célebre Dr. Haim Weizman, a quem *Ha-Lapid* se tem referido como o grande propulsor da criação do Lar Nacional Judaico na Palestina, esteve em Janeiro em Lisboa, em trânsito para os Estados-Unidos da América.

A Comunidade Israelita do Pôrto, tendo conhecimento da estadia do ilustre judeu em Portugal, dirigiu-lhe o seguinte telegrama de modestíssima homenagem:

DOUTOR WEIZMAN

Hotel Aviz—LISBOA

Respeitosas saudações ao Grande Homem em Israel da Comunidade Israelita do Pôrto.

CAP. BARROS BASTO,
Presidente.

Publicações recebidas

Review Of The Year 5699.—Recebemos esta publicação (volume 41, do American Jewish Year Book) editado por The American Jewish Committee and The Jewish Publication Society Of America. Esta utilíssima revista, em forma resumida e elegante fala-nos das actividades e acontecimentos que interessam às comunidades judaicas dos Estados-Unidos da América e doutros países, tais como:—Império Britânico (Grã-Bretanha, Canadá e União Sul-Africana), Bélgica, França, Holanda, Suíça, Dinamarca, Noruega, Suécia, Alemanha, Checoslováquia, Hungria, Itália, Polónia, Dantzig, Estónia, Letónia, Lituânia, Memel, Romania, Bulgária, Grécia, Iugoslávia, Palestina, Cuba, México, Argentina, Brasil, Uruguai, Finlândia, Rússia, Turquia, Arábia, Síria, Egipto e Etiópia.

Também trata sobre o problema dos refugiados judeus e actividades empregadas para o solucionar.

Obra útil em tôdas as livrarias judaicas.

O enderêço para a Jewish Publication Society é 225 So. 15 th Street, Philadelphia, Pa.—Estados-Unidos da América.

Contemporary Jewish Record (a review of events and a digest of opinion) publicada bi-mensalmente pelo American Jewish Committee de Nova Iorque. Revista que encerra artigos das melhores penas sobre os mais capitosos assuntos judaicos da actualidade.

Recebemos os n.ºs 1 e 2 do volume 2.º (Janeiro, Fevereiro, Março e Abril de 1939).

Porque é que eu sou judeu—por Edmond Fleg—o Dr. David José Perez, autor da *Pequena História da Filosofia* (a que já nos referimos no *Ha-Lapid*) e da interessantíssima tese «A Influência do Hebraico na língua latina» deu-nos a tradução e adaptação do livro de grande oportunidade de Ed. Fleg. Livro útil para reeducação judaica da mocidade, que, por vezes por culpa dos pais, tem receio de nobremente afirmar a sua origem judaica, com temor baseado apenas na ignorância até dos principais basilares da civilização de Israel.

A direcção do Dr. David José Perez é: Rua Teresa Guimarães, 21 (Botafogo)—Rio de Janeiro.

*Tudo se illumina
para aquêle que
basca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — Pôrto

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

Don Yahia Ben-Yahi

(Um dos colaboradores de D. Afonso Henriques)

POR A. C. DE BARROS BASTO

Um berbere da tribo dos Masamuds, chamado Mohamed Abu-Abdallah Ben-Thumrut, depois de ter passado vários anos da sua juventude nas escolas de Córdova, do Cairo, de Damasco e de Bagdad, ter feito a tradicional peregrinação a Meca e ter estudado em Bagdad com o famoso sectário Algazali, o reformador e vivificador da religião muçulmana, cujas ideas adoptou, regressou a Marrocos em 1116.

Os ensinamentos de Algazali haviam feito de Ben-Thumrut um fanático austero, enebriado pelo espiritualismo da nova doutrina, forma mais pura do islamismo, baseado no Al-Koran e na vèlha tradição, contrastando com a acção do corpo sacerdotal marroquino, que caíra num sêco formalismo religioso, tornou-se o apóstolo dessa doutrina entre as tribus berberes; prègou-lhes a simplicidade nos costumes, o ódio às artes e a guerra aos reis almorávidas, que viviam no meio dos requintes da civilização árabe, repudiando também a ortodoxia sunita e a explicação literal do Al-Koran, que attribuía a Deus os sentimentos e as acções dos homens.

A austeridade da sua vida, a singularidade das suas acções e a audácia das suas palavras não tardaram a granjear-lhe nume-

ros adeptos. Constantemente seguido por uma multidão curiosa e atenta, pôs-se a prègar nas encruzilhadas, censurando com azedume as voluptuosidades dos ricos, as injustiças dos grandes, os vícios dos imames, a quem acusava de serem infiéis ao Al-Koran. A doutrina que êle ensinava ao povo era tão fácil de compreender como severa a praticar, porque, para êle, todos os dogmas se reduziam a um só, a unidade de Deus, e todos os ritos a uma só oração: — "Ó Senhor Allah, o mais misericordioso dos misericordiosos, tu conheces os nossos peccados, perdoa-os; tu conheces as nossas necessidades, satisfá-las; tu conheces os nossos inimigos, afasta o mal que êles nos possam fazer. É tudo quanto te pedimos, a ti que és o nosso senhor, nosso criador e nosso apoio".

A sua acção moralizadora, como reformador de costumes, fêz-se sentir imediatamente.

Aly, o Emir de Marrocos, por muito tempo, recusou-se a punir o agitador, e, tendo-o interrogado, num dia em que o mandou vir à sua presença, considerou-o um doido. Mas, passado algum tempo, em 1120, instado pelos imames, mandou sair da cidade de Marrakesh (Marrocos)

êste inspirado, que amotinava a população e perturbava até os exercícios do culto islâmico.

Ben-Thumrut retirou-se para um cemitério, próximo da cidade, onde construiu uma choupana, e recomeçou as suas prédicas perante uma grande multidão, que, de toda a parte aflua ao seu eremitério. Esta prodigiosa romagem e a efervescência, que provocam no povo as suas audaciosas palavras, assustaram por fim o Emir que deu ordem para o matarem. Avisado por sectários, que tinha no próprio paço do Emir, Ben-Thumrut fugiu para o deserto, Além-Atlas, com os seus mais dedicados partidários, e reuniu com a sua palavra as tribus rudes, donde era originário, como tinha reunido o povo de Marrakesh.

Intitulando-se então Mahdy (*encaminhador* — no caminho de Deus), equivalente a enviado de Deus, nome que lhe haviam dado os seus discípulos, escolheu dez companheiros ou apóstolos, formou um conselho (Diwan) de 50 conselheiros, e, feito assim chefe supremo duma nova seita religiosa, resolveu iluminar à ponta de espada os que não tinha iluminado com a sua palavra.

Como outrora o fundador dos almorávidas, desceu de repente das montanhas à testa dum enorme bando de rudes fanáticos (1121).

O Emir Aly, que neste momento estava na Andaluzia, acabava de sufocar uma revolta em Córdova, quando teve conhecimento da aparição do Mahdy nos seus estados.

Regressou precipitadamente a Marrocos e enviou contra o agitador algumas tropas, que foram desbaratadas logo no primeiro recontro. Uma segunda expedição, mais considerável, sofreu a mesma sorte, dispersada antes de combater por uma espécie de terror pânico. Finalmente foi enviado um exército, comandado pelo próprio irmão do Emir, Abu-Tahir-Temym, o qual não foi mais feliz, sofrendo uma completa derrota.

Depois desta tríplice vitória, o Mahdy e os seus soldados, aos quais deu o nome de almóadas (*al-muahedyn* = unitários) estabeleceram-se atrás das montanhas do Atlas e construíram uma cidade fortificada, chamada TINMAL, no alto dum grande rochedo, donde saíam para contínuas razias na planície.

Tendo durante três anos aumentado as suas forças pelo proselitismo e pela guerra de algaradas, os almóadas desceram então de Tinmal, onde ficou o Mahdy, em número de 30 a 40 mil, comandados pelos dez apóstolos e dirigiram-se para a capital, com a intenção de a tomarem e de destruir com isso o império dos almorávidas.

O Emir Aly reuniu sob o seu comando todas as forças de que dispunha e safu ao encontro dos almóadas. Apesar da superioridade numérica do seu exército, o Emir foi batido pelos discípulos do Mahdy, e refugiou-se na sua capital onde se entriacheirou.

Os almóadas começaram o cerco, mas sendo mais bravos no combate do que em estratégia, deixaram-se surpreender por uma sortida nocturna dos defensores, e foram exterminados nos seus acampamentos. Dos dez apóstolos, seis morreram, e os fracos destroços do seu exército, que deveram a sua salvação ao valor e prudência de Abd-al-Mumen (servo do crente), um dos apóstolos escapados ao massacre, fugiram para o seu refúgio de Tinmal (1125).

Em 1130 morre misteriosamente o Mahdy depois de ter transmitido os seus soberanos poderes ao seu discípulo Abd-al-Mumen, que dirigiu desde então os negócios da nova seita como político hábil e como capitão valoroso. Tendo reparado as perdas da campanha anterior, retomou a ofensiva. Conquistando aldeia por aldeia, tribu por tribu, província por província, apoderou-se a pouco e pouco de todo o Mogreb.

O Emir Aly só podia lutar com êxito contra os almóadas, protegendo-se com as fortes muralhas da sua capital, sendo forçado para sua própria defesa a chamar em socorro seu filho Texufin, governador da Andaluzia, para o vir ajudar com as suas tropas.

Na Península Ibérica o exemplo de Marrocos frutificara. Fizeram-se almóadas os árabes da Andaluzia, e, animados pelas vitórias dos correligionários em África, revoltaram-se em vários distritos contra os almorávidas. Texufin, o filho do Emir Aly, que governava em Espanha, conseguiu deter enérgicamente as rebeliões, mas tendo recebido as cartas, em que seu pai lhe contava o mau estado da causa almorávida e lhe pedia socorro urgente, juntou as melhores tropas almorávidas de Espanha, compostas

de soldados muçulmanos e cristãos e partiu para a África (531 da Hegira e 1137 ou princípios de 1138 da era vulgar).

A Espanha muçulmana, privada das suas melhores tropas, ficara, pode dizer-se, desguarnecida. Os governadores dos castelos e das cidades, sempre predispostos à rebelião, passavam a proceder como senhores independentes.

Os árabes davam o nome de Andaluz à Península Hispânica, e à sua parte ocidental o de Algarve, que significa *Ocidente*. Os autores judeus designavam pelo nome *Scpharad* a parte da Península ocupada pelos mouros; e pelo de *Edom* a parte ocupada pelos cristãos.

O Algarve dividia-se em três províncias: a de *Balata* com as cidades de Santarém, Sintra e de Lisboa; a de *Alcácer* com as cidades de Alcácer, Évora, Badajoz, Xerez, Mérida, Alcântara e Cória; e a de *Alcunu* com as cidades de Faro, Mértola e Silves. Este nome de *Alcunu* é o antigo nome de *Cuneus* dado pelos geógrafos gregos e latinos à região habitada pelos cunetes ou cynetes, e adoptada pelos mouros.

A ambição dos emires, as dissensões interiores e a guerra civil tinham acabado por fraccionar o grande império hispano-muçulmano numa quantidade de pequenos estados, após o fim dos últimos Omeyyadas. Os historiadores árabes chamam a estes tempos a época dos rasgamentos.

O quadro, que do estado das cousas públicas naquele tempo nos deixaram os escritores árabes, ou contemporâneos ou mais próximos, é, na verdade, lastimoso. A ruína do país, aos olhos das pessoas prudentes, parecia inevitável; porque a decadência moral era extrema. Os homens de probidade e ciência viviam desprezados e esquecidos, e os que se apoderavam das magistraturas públicas ajuntavam à cobiça e ao orgulho completa incapacidade. No meio de guerras civis, feitas sem entusiasmo, sem glória e só por causas abjectas, ao passo que a agricultura se definhava e as artes esmoreciam, o povo deixava aos ambiciosos tratarem das armas, e os homens de guerra habituavam-se a combater mais com os enrêdos, do que com o ferro. A paz desaparecera completamente, e ninguém podia contar com a própria segurança. Corria-se evidentemente para a dissolução da sociedade através das discórdias intesti-

nas, e por assim dizer, no país de Andaluz eram já tantos os potentados, quantas as povoações que havia nêles.

A guerra civil de fundamento religioso era quasi, pode dizer-se, o regime normal das populações muçulmanas.

Emquanto no Norte de África almóadas e almorávidas se batiam com furor, desde que Texufin, em 1137, corra a socorrer seu pai o Emir Aly, senhor da Mauritânia e Andaluzia, que se achava em situação desesperada, em Espanha houve uma série ininterrupta de rebeliões provinciais, em que os rebeldes aproveitavam as circunstâncias para se proclamarem independentes.

Afirmam os historiadores árabes, que o primeiro a sublevar-se no Andaluz foi Ibn-Caci, o mais famoso de todos os rebeldes.

Hamed Ibu Husein Ibn-Caci, também chamado Abul Kassim Rumi, era um moçárabe, natural de Silves, que havia abandonado a religião de seus pais, convertendo-se ao Islam e adoptando a doutrina de Algazali, a mesma que inspirara o mahdi dos almóadas.

Um escritor árabe, Ibn-Al-Catibe, diz-nos que Ibn-Caci, na mocidade, ainda em vida de seus pais, vivera com prodigalidade, "até que a luz da verdade o iluminou, e então deu em esmolas os seus bens e foi pelo Andaluz em peregrinação santa. Foi êle que edificou um mosteiro numa alcaria importante, no termo de Silves; nêle se reuniam os seus partidários, que foram para o país uma fonte de desgraças".

"Êle quis ter o império e chamou-se Madi. As suas mentiras foram muitas; assim, que êle tinha feito a peregrinação a Meca durante uma noite; que transmitia mentalmente o pensamento que queria; que gastava dinheiro do tesouro de Deus. Quando andava em peregrinação, a gente corria para êle, e uma multidão de eremitas e de gente de guerra tomou o seu partido."

Ibn-Caci apresentando-se como Mahdi (chefe messiânico, dirigido por Deus, que, segundo a crença muçulmana, havia de trazer a felicidade aos homens e fazer triunfar a verdade e justiça) fizera-se chefe da seita dos muridas (*aquêles que conhecem a vontade de Deus*).

Perseguido pelos almorávidas oculta-se e continua com a sua acção expansiva, aproveitando-se das agitações que convulsionavam o país.

(Continua).

Documentário sôbre Maranos

Do livro *Recordações da minha família*, por Israel Salomon — New Iork — 1887 (5647 E. H.) — (Impresso para circulação particular).

— III. Pág. 10. —

Meu pai era filho de Israel e de Bella Salomon. Morreu repentinamente em Lisboa em Janeiro de 1819, vinte-e-um dias após a sua chegada de Falmouth. Eu estava com meu pai, e o seu falecimento deu-se numa sexta-feira. Pouco antes nós tínhamos alugado um andar não mobilado numa casa de andares, e um conhecido de Cornwall, chamado Phillip Samuel, um polaco, tinha sido convidado por meu pai para ceiar connosco. Depois da ceia pedi-lhe que ficasse essa noite em nossa casa e no dia seguinte nos acompanhasse à Sinagoga. Pouco tempo depois eu estava deitado e fui despertado pelos gemidos de meu pai e saí apressadamente à meia-noite — a esta hora, em Lisboa, as ruas estão cheias de milhares de cães, os quais vivem dos restos de animais e sobejos de comidas que cada noite despejam das janelas de cada casa.

Apressadamente me dirigi nessa terrível noite para a morada da Sr.^a Júlia Delivant, uma velha amiga de Londres, e como cheguei a sua casa, foi quasi um mistério, por causa do ladrar e dos ataques dos cães e coberto como estava com os despejos arremessados das casas; e depois despertei os inquilinos e chamei um doutor, o qual declarou que a vida se extinguiu, a família do Sr. Schemeya Cohen levantou-se, e os criados, dos quais o cozinheiro se chamava Benrimo, ficaram comigo toda a noite velando. Meu pai tinha cerca de 55 anos de idade quando faleceu. O Sr. Phillip Samuel ficou comigo, e nunca me deixou até que liquidei, com o seu auxilio, todos os negócios de meu pai que requeriam cuidado. Isto gastou mais dum ano, e então regresssei a casa de minha mãe em Falmouth.

— Pág. 12 —

Desapontamentos em assuntos comerciais perseguiram Phillip, e meu tio Lyon Joseph aconselhou-o a ir para Portugal, onde meu tio bem como meu pai, tinham relações

comerciais e por isso recebeu cartas de recomendação para Schemeya Cohen, o mais rico residente em Lisboa.

Phillip era um cavalheiro elegante, usando barba preta. Mas, nestes dias, ninguém excepto judeus usavam na Europa barbas, e a bordo do navio, em que era passageiro, êle pensou na impressão e preconceitos que a sua barba levantaria entre os portugueses e, antes de sair do navio, rapou a barba. Depois arrependeu-se disso, porque conheceu que neste tempo também muitas famílias judaicas da melhor classe mercantil residiam em Lisboa, e descendiam de velhas famílias judaicas que se tornaram aparentemente cristãs, observando exteriormente cerimônias para salvarem a fortuna e as famílias dos cruéis carneiros da Santa Inquisição; mas na vida privada familiar êles sempre ficaram judeus até que chegasse a oportunidade de disporem das suas posses e propriedades, e emigraram para a Holanda, Gormânia e outras regiões; o Phillip chegou a familiarizar-se com algumas destas famílias de crypto-judeus, e era sempre recebido por êles como um amigo.

Eu lembro-me, num sábado à noite, virem dois cavalheiros a casa do Sr. Cohen perguntar-lhe a data de Kipur, e êles inclinaram-se respeitosa mente perante a Arca; um ajoelhou e chorou como uma criança.

Eu parti no ano de 1820 para Palmouth. O meu pobre amigo Phillip continuou as suas actividades comerciais e recebeu duma casa francesa uma consignação de relógios de ouro. Êle era sempre caritativo, e um rapaz pobre, órfão, foi-lhe recomendado para o auxiliar nos seus negócios comerciais. Êle tomou o rapaz para sua casa e confiança, e um dia, ao regressar a casa, notou que o rapaz aparentava uma certa perturbação.

Êle disse que tinha abandonado a casa por pouco tempo e na sua ausência alguém entrara e roubara o *stock* de relógios de ouro. O pobre Phillip ficou desnortado e foi à polícia, acompanhado pelo rapaz, que contou a sua história. Algumas semanas depois o Sr. Samuel era avisado que devia ir pessoalmente perguntar em todas as ourivesarias para ver se podia encontrar qualquer indício, e êle disse ao rapaz que fôsse com êle. Em frente duma casa o rapaz

disse: — « Não é preciso entrar aí, porque já aqui estive ». Mas o Sr. Samuel entrou e insistiu com o rapaz para que entrasse com êle. Logo que o ourives viu o rapaz e ouviu a pergunta do Sr. Samuel, disse que tinha comprado àquele rapaz um relógio de ouro; quando o relógio foi reconhecido como um dos objectos roubados, o rapaz foi entregue às mãos da polícia e metido na prisão.

Êle converteu-se ao cristianismo e foi posto em liberdade devido à intervenção do seu padrinho, um habitante de Lisboa com muita influência.

O gatuno encontrou o meu amigo em plena rua e insultou-o. Êste encontro inesperado com o culpado matou o pobre Samuel, que, voltando para casa, morreu poucas horas depois, com uma síncope cardíaca.

O pobre Samuel era muito versado em literatura judaica; e estando muitos judeus ilustrados de Marrocos e da Arábia em

nossa casa, e falando connosco e discutindo sôbre os seus livros, eu podia ter aprendido muito destas fontes. Êles tinham satisfação em me ensinar o hebraico, para conversar e ler com êles os livros hebraicos. Mas, como a maioria da gente môça, eu gostava mais de leituras amenas, e quando cheguei à meia idade amargamente lastimei ter perdido êste fundo enorme de conhecimentos que tão facilmente podia ter adquirido.

Nota da Redacção. — Êste documento não só prova a existência de inúmeros e abastados cripto-judeus ou maranos em Lisboa em 1819 e 1820, mas também a existência duma sinagoga em casa dum judeu britânico, numa época em que existia ainda a Inquisição em Portugal.

Êste interessante documento foi-nos enviado pelo Ex.^{mo} Sr. Wilfred S. Samuel, de Londres, em 21 de Agôsto de 1933, a quem cordialmente agradecemos.

Combatentes da Guerra Civil em Espanha

Alistaram-se voluntariamente no Tércio espanhol, que combatia ao lado dos nacionalistas, os seguintes ex-alunos do Instituto Teológico Israelita (Yeshibah Rosh-Pinah):

— João (Johanan) Vaz Quina, natural de Argozelo, concelho de Vimioso, distrito de Bragança.

— Rodrigo (Eliezer) de Sousa Ferreira e Costa, natural de Penafiel, distrito do Pôrto.

— Adriano Augusto (Aarão) do Nascimento Almeida, natural da Mêda, distrito da Guarda.

De nenhum dêles há notícias de estarem vivos; o último ainda escreveu várias vezes para o Instituto, sendo a sua última carta enviada da frente do Ebro, dias antes da ofensiva dos governamentais nessa zona.

Se Deus os chamou à sua divina presença, que use para com êles da sua infinita misericórdia.

Emigrantes maranos

Emigraram para os Estados Unidos do Brasil, vários maranos de Trás-os-Montes, entre êles o Sr. Júlio César de Alge, natural de Lagoaça e que viveu muitos anos em Chaves.

— Também emigraram para o Brasil, os seguintes ex-alunos do Instituto Teológico Israelita (Yeshibah Rosh-Pinah):

— Manuel Augusto (Emanuel) Rodrigues, natural de Vilarinho.

— Artur Henrique (Abraham) Lopes, natural de Vilarinho.

— António (Yomtob) Rodrigues, natural de Belmonte.

— Manuel António (David) Lapo, natural de Vila Nova de Gaia.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VIDA COMUNAL

PORTO

Ano Novo das Árvores — Realizou-se nesta comunidade a solenidade de Rosh-Ha-shanah Lailanoth (Ano novo das árvores) e 2.º aniversário da inauguração solene da nossa magnífica Sinagoga Kadoorie.

Em seguida ao acto de culto, houve um *Pôrto-de-Honra*.

O Rev. Moreh (Preceptor), David Moreno usando da palavra, disse:

“Minhas Senhoras e meus Senhores:

A data de hoje, *15 de Shebat*, é uma data digna de permanecer na memória dos judeus em geral e dos maranos em particular. Comemora o dia de *rosh-ha-shanah* (ano novo das árvores); e comemora o dia da inauguração da Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, que coincidiu com o (5.º centenário) aniversário de Dom Isaac Abravanel. Este célebre judeu, de fama universal, nasceu em Lisboa em 1437 e descendia da Casa Real de David.

Com tal riqueza de tema podia hoje, minhas Senhoras e meus Senhores, falar durante muitas horas, contar-lhes detalhadamente a vida dos maranos, descrever o notável papel das árvores na vida da humanidade, etc. Mas estes assuntos são já do conhecimento da grande maioria dos que me escutam, que teve mesmo o prazer de assistir à inauguração desta catedral. Limitar-me-ei portanto a lembrar-lhes em breves palavras os acontecimentos a que me venho referindo.

Em referência aos maranos é-me extremamente grato ler um fragmento da Mensagem da União Universal das Comunidades Sepharditas, dirigida à nossa Comunidade quando da sua inauguração (faz portanto dois anos):

“Se a sobrevivência de Israel tinha necessidade duma prova, os maranos do Pôrto

ali estão para a fornecer. O recente regresso dos maranos à fé judia após vários séculos de exercício dum culto ao qual foram convertidos pela violência, não é um facto espantoso nos anais da mística humana e um testemunho brilhante da fôrça invencível do espírito judeu?

Durante séculos, na sombra, nas criptas, a pequena flama dèste espírito era transmitida de geração em geração, enquanto sôbre o solo flamejavam as chamas da inquisição.

Que admirável fôrça de resistência!

Que luta desigual!

E contudo, chegou um dia em que a flama do espírito passou por cima das chamas da fogueira. Estas extinguiram-se para sempre e outra flama eterna fêz a sua reaparição.

Inaugurando o seu templo, os maranos do Pôrto celebram ao mesmo tempo o triunfo da liberdade de consciência sôbre a opressão religiosa, sôbre tôdas as opressões. O templo do Pôrto, mais que todos os outros templos de Israel, é um monumento que contará aos que passam na linguagem da sua massa, das suas linhas e do seu nome, uma das mais comoventes epopeias judaicas.

O novo templo do Pôrto constituirá, sem dúvida, não sòmente uma casa de orações, mas também uma mansão de estudos judaicos.

Será um lar onde a alma e o espírito encontrarão o seu alimento: a alma, a piedade; o espírito, o estudo. E quem sabe? Talvez, graças à síntese dèstes dois grandes valores, reflorescerá sôbre a terra de Portugal um judaísmo tão elevado como nos tempos memoráveis de Dom Isaac Abravanel.”

A nossa Sinagoga foi a primeira que, após a Inquisição, se ergueu no Pôrto. A última fôra transformada em igreja — a igreja de S. Bento da Vitória. É depois de quási cinco séculos que o monumento onde

nos encontramos afirma nas suas linhas fortes e majestosas a grandeza duma fé que se julgava morta.

Foi a coroa de louros do Sr. Capitão Barros Basto, o marano que consagrou a sua vida ao estudo da religião dos seus antepassados, ao resgate dos seus irmãos de fé. Foi êle que, com o seu entusiasmo ardente e comunicativo, conseguiu interessar o mundo inteiro pela sua causa, pela causa dos descendentes das vítimas da Inquisição, que, ao Norte de Portugal, ocultavam os restos das suas crenças!

O mundo inteiro teve ocasião de admirar a coragem daqueles que durante mais de quatro séculos mantiveram, a-pesar-de tôdas as hostilidades do meio em que viviam, a sua fé, as suas orações, as suas tradições.

Jornais de todo o mundo falaram dos maranos e lhes fizeram justiça. Vários livros se escreveram também sôbre êles. Destaco, *Sob o encanto de Portugal*, escrito por M.^{me} Lili Jean Javal, ilustre escritora francesa, e *Os maranos de hoje* da autoria do erudito escritor inglês Dr. Cecil Roth.

Na cerimónia da inauguração desta Catedral judaica fêz-se representar também quási o mundo inteiro. De todos os países nos chegaram mensagens de fraternal affecto, palavras de admiração e encorajamento. Da Comunidade de Lisboa vimos entre nós mais de 40 pessoas. Tôdas as comunidades e núcleos maranos da provincia enviaram os seus delegados, em cujos rostos se lia bem a comoção que lhes ia na alma. O templo cheio de imponente beleza parecia-lhes um sonho, uma construção impossível para êles, que, durante tantos anos se viram forçados a ocultar a voz da sua alma, a voz da sua fé, a voz da fé de seus pais.

Mas, minhas Senhoras e meus Senhores, eu prometi-lhes não me demorar demasiado com êste assunto, não porque lhe falte grandeza, mas por me faltarem recursos a mim, e portanto não devo abusar da benevolência dos que me escutam.

Passarei apenas a dizer mais algumas palavras sôbre o ano novo das árvores:

«Se compararmos a Palestina de ontem com a de hoje, notaremos uma extraordinária diferença. Ontem era a Palestina em ruínas, a Palestina estéril constituída espe-

cialmente por extensíssimos e incultos areais, a Palestina que enchia de tristeza todos os viajantes que sabiam ter sido aquela a terra que "manou leite e mel" de outrora, a chorada e cantada pátria dos nossos antepassados. Hoje os viajantes que visitam a Palestina sentem uma vida nova dentro de si, sentem que ainda têm uma pátria, uma pátria bela e digna de ter sido o berço duma civilização brilhante, e sente sobretudo esperança e confiança no futuro.

E tudo isto porquê? Graças ao esforço dos pioneiros que não se esqueceram nunca de que a Palestina fôra linda e manara leite e mel... porque era arborizada. Para a ressuscitar bastava pois ressuscitar as árvores, ou melhor, plantar árvores. Hoje nos anteriores e extensos areais, árvores de fruto de tôda a espécie oferecem a sua sombra agradável, a sua frescura, a sua beleza, a sua riqueza. E aquêlas árvores amigas e boas dão tudo, dão inclusivamente um exemplo de coragem e firmeza na árdua luta pela existência. A festa da árvore é, minhas Senhoras e meus Senhores, uma grande lição de moral em primeiro lugar, visto exaltar um dos mais belos sentimentos da nossa alma, como seja a gratidão por todos os nossos amigos, pequenos e grandes, ricos e pobres. A festa da árvore é ainda e principalmente um grandioso acto de solidariedade humana, um elo que liga à nossa geração as gerações que passaram e ligará a nossa às gerações futuras. Honrando as árvores que assistiram ao nosso nascimento, honramos a memória dos que nos precederam e as plantaram. Plantando árvores que nos hão-de sobreviver, deixamos monumentos assinalando a nossa passagem sôbre a terra, provando aos nossos filhos e aos nossos netos, que pensamos nêles com carinho e com amor. Finalmente, minhas Senhoras e meus Senhores, plantando árvores multiplicamos honrosamente o património dos nossos antepassados e contribuimos para a prosperidade e grandeza da nossa pátria.»



Purim — Também esta festa comemorativa do livramento do povo judeu, graças à intervenção da Rainha Esther junto de El-Rei dos persas Artaxerxes (na Bíblia Ashyerosh), e da punição do maldito ministro Aman, que foi enforcado na força

que havia levantado para o notável judeu Mordescal; foi solenizada nesta comunidade. A recitação do Livro de Ester (meghilath Esther) foi feita pelo digno 1.º Secretário Sr. Menasseh Bendob.

O Rev. David Moreno fêz uma palestra alusiva a esta comemoração.



Pessah' — Decorreu brilhantemente esta festa da libertação do povo judeu da escravidão egípcia. A assistência aos actos de culto foi numerosa e selecta. O pão ázimo (matsah) foi fornecido pela Comunidade de Lisboa e era de fabricação legal inglesa.



Shebuoth — Esta festa comemorativa da outorga da Lei no monte Sinai, realizou-se na Sinagoga Kadoorie Mekor Kaïm perante numerosa assistência de judeus portugueses, alemães, polacos, austríacos, russos, etc.

Registamos com satisfação, que a frequência de fiéis aos actos litúrgicos da Sinagoga cada vez é mais numerosa. Deus encaminhe aquêles que ainda andam transviados do caminho da Fé.



Amparo dos desterrados — Os senhores do Mahamad (Junta Directora) desta Comunidade, em sessão de 5 de Maio, p. p., tomaram a seguinte deliberação: — Devido à grave situação internacional muitos dos nossos correligionários são obrigados a abandonarem a sua terra natal e procurarem uma nova existência em outras terras, e como muitos se têm dirigido à nossa Comunidade pedindo assistência, e como a solução parcial ou total não está de acôrdo com a finalidade de nenhuma das nossas secções, por proposta do Sr. Presidente é criada uma nova secção, denominada **SOMEKH HA-GOLIM** (Amparo dos desterrados) destinada a dar assistência moral e, tanto quanto possível, material a êsses desterrados judeus, devendo criar-se um arquivo privativo desta secção, onde serão colleccionados os documentos relativos a êste assunto, mesmo os de casos já resolvidos antes da criação desta secção.

Paul Goodman

Pelo jornal *The Jewish Chronicle* tomamos conhecimento que no dia 10 de Abril próximo passado completou 65 anos de idade o Sr. Paul Goodman, digníssimo Vice-Presidente honorário da nossa Comunidade, Secretário Honorário do Portuguese Maranos Committee, de Londres,



PAUL GOODMAN

publicista notável e incansável organizador de úteis e boas actividades judaicas.

Ha-Lapid e todos os que têm tido a honra de conhecer pessoalmente êste nosso ilustre correligionário, desejam-lhe uma longa e próspera vida, cheia de satisfação e alegria, para seu benefício e da causa judaica, que tanto necessita de tais homens.
Be-siman Tob.

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

O NOSSO ESPECIAL CENTENÁRIO

“HALAPID”, n.º 100

by PAUL GOODMAN

A Tribute to CAP. ARTHUR
CARLOS DE BARROS BASTO.

The hundredth issue of “Halapide” is an event which deserves special commemoration. For about 15 chequered and eventful years this journal has appeared in spite of difficulties that at times seemed insuperable. Undaunted by all obstacles, however, the gallant Editor has carried on his self-imposed task with a tenacity of purpose which has marked the whole of his Jewish public life. He has borne the whole brunt of editing this modest organ of the Marranos in Portugal—a periodical unique in Jewish journalism—and has been likewise its main, and often its sole, contributor. Its pages contain valuable material for the history of the Jews in Portugal, but the Jewish historian will also find in it most interesting facts relating to the latter-day Jewish Revival in that country.

“Am Israel Hai” (“The Jewish People Lives!”) is the latest declaration that has made its round throughout the world-wide Jewish Diaspora, and we may now say truly that among the Remnant of Israel in Sepharad that escaped the terrors of the Inquisition and the corroding influences of centuries, there, too, Israel lives.

When in 1909 I wrote my “History of the Jews” (which has been made available to the Marranos in a Portuguese translation), I then recorded that there was no longer any trace of the former Jews and Judaism in Spain and Portugal. In 1939, when I issued the 7th edition of that work, I was, happily, able to refer to the resurrection of Judaism in that part. There was, indeed, only a slight flicker of light that shone in the prevailing darkness, but this NER TAMID (Perpetual Light) had been lovingly tended these many years by the gallant Captain, who, as a true Israelite, worthy of his Jewish ancestors, has remained faithful at his post. No obloquy, not even the defection of friends, could move him to forsake the faith that is in him. May he long be spared in strength and in good heart to keep the torch of Judaism alight and aloft.

COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

Don Yahia Ben-Yahia

(Um dos colaboradores de D. Afonso Henriques)

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 99)

Entre os partidários de Ibn-Caci havia um chamado Mohamed Ibn-Yahia, também conhecido por Ibn-Cábila (Cábila significa o *adiantado* ou *avançado*), o homem do seu tempo mais hábil guerreiro, astuto e valente, de grande talento de palavra; e são afamadas as suas epístolas. Estas qualidades fizeram com que Ibn-Caci lançasse as suas vistas sobre êle e empregasse os seus esforços em conseguir a adesão d'êste homem, que além das qualidades pessoais tinha também grande número de partidários e admiradores, e, efectivamente, Ibn-Yahia, no comêço do ano de 1144 (539 da Hegira) uniu-se com todos os seus ao partido de Ibn-Caci.

Ibn-Yahia foi também denominado Al-mustafá (o escolhido, o favorito) por causa da intimidade que tinha com Ibn-Caci e pela dedicação aos seus interesses.

Em Abril de 1144, Ibn-Caci ordenou a um dos seus sectários que se apoderasse do castelo de Monte Agudo, perto de Mértola. Esse guerreiro surpreendido pelos almorávidas, quando realizava o seu intento, foi feito prisioneiro e morto. Ibn-Caci não desistiu da sua acção. Em Agôsto do mesmo ano manda o seu amigo predilecto Ibn-Yahia, tomar de assalto o castelo de Mértola, encorajando-o com os gloriosos epítetos de *espada da revolta e sustentáculo do império e da glória*.

Ibn-Yahia e a sua gente, ao todo 70 homens, puseram-se em emboscada nos arredores do castelo de Mértola, e tomaram-no depois de matarem a sentinela, ao anoitecer do dia 14 de Agôsto; e logo proclamaram nêle Ibn-Caci. Alguns dias depois, Ibn-Caci fêz a sua entrada solene na fortaleza, à frente de grande multidão dos seus sectários, e instalou ali o seu govêrno. As

populações vizinhas revoltaram-se a seu favor. Muitos se lhe vieram juntar. Para todos era extremamente generoso.

Dentro em pouco, quasi todo o occidente (pelo menos a parte que viria a ser portuguesa) estava submetida a Ibn-Caci, que em tudo procede como um verdadeiro príncipe dos crentes.

Dois Walis importantes Ibn-Uazir (Abu Mohamed Cidrá), de Évora e Mohamed Ibn-Omar Ibn-Almondir, de Silves, vão a Mértola prestar homenagem e juramento de fidelidade a Ibn-Caci (Setembro de 1144), o qual confere ao primeiro o govêrno de Beja e a Almondir o govêrno de Silves.

O chefe supremo das tropas almorávidas no Andaluz era Ibn-Gania, que deixara progredir a rebelião no Algarve, por não ter recursos militares que pudesse distrair da luta em que andava empenhado, no centro e oriente da Espanha muçulmana. Nessas regiões, era êle a alma da resistência almorávida contra os almôadas.

Ibn-Almondir, o Wali de Silves, ansioso por ser útil a Ibn-Caci, atravessa com os seus guerreiros o Guadiana, toma Huelva e vai atacar Sevilha.

Ibn-Gania tendo conhecimento em Córdova destas más novas, acorre com as suas tropas almorávidas e surpreende Ibn-Almondir, quando êste assolava já os campos de Sevilha, vence e põe em fuga os muridas.

Mas eis que Córdova, aproveitando a ausência da guarnição almorávida revolta-se, e em breve se revoltam também Murcia, Almeria e Malaga, e Ibn-Gania para acudir ao centro do Andaluz, tem que pôr de parte a idea de subjugar o Algarve, cujos distritos, com Ibn-Vazir governando em Badajoz e Ibn-Caci pontificando em Mértola, estavam de todo perdidos para a dinastia almorá-

vida. Tendo conhecimento da revolta de Córdoba, Ibn-Caci pensou na possibilidade de realizar o seu grande sonho: apoderar-se da capital do Andaluz. Senhor de Córdoba, teria a seus pés o império muçulmano da Espanha. Encarregou da empresa Ibn-Almondír e o seu amigo predilecto Ibn-Yahia, o conquistador de Mértola.

Esta empresa foi mal sucedida e as tropas de Ibn-Caci tiveram de retroceder.

Estes acontecimentos passavam-se já no ano de 1145.

Como ouvisse os venturosos sucessos dos almóadas em Africa e a morte do rei Texufin em Orau, Ibn-Caci enviou as suas cartas e mensageiros ao príncipe dos almóadas Abdel-mumen dando-lhe conta das revoltas de Espanha e como êle se havia apoderado de grande parte da Andaluzia contra os almorávidas, aos quais tratava de hereges e maus muçulmanos, e lhe oferecia a sua obediência, convidando-o a entrar em Andaluzia e apoderar-se dela: Abdel-mumen nomeou-o seu Wali do Algarve em Rebié 2.^o do ano 540 da Hegira (1145).

Ao mesmo tempo o caudilho dos almorávidas Ibn-Gania sabendo o mau estado das cousas de seus reis em Africa, procurava sustentar na Andaluzia o vacillante estado não só por força das armas como também com prudente política: corria as províncias, exortava os povos à união e obediência aos seus legítimos soberanos, e onde não valia a persuasão empregava com oportunidade a força e o rigor. Assim mantinha em obediência muitas principais cidades, e vendo que se multiplicavam os rebeldes e que já eram muito poderosos os de Axarquía e o Algarve, foi buscar alianças com os cristãos, e para debilitar os mais poderosos bandos semeou entre os seus caudilhos a discórdia e fatal desavença. Como soubesse que Ibn-Caci tinha escrito aos almóadas oferecendo-lhe a sua obediência, e que Abdel-mumen o havia nomeado Wali do Algarve, aproveitou esta ocasião para suscitar a inveja em seus parciais Ibn-Cidrá e Ibn-Almondír. Dizia-lhes que se deviam apartar da sua amizade e olhar por si, pois Ibn-Caci tratava de engrandecer-se só e tomar a soberania do estado, que maquinava contra a liberdade de todos, e queria trazer os feros almóadas à Espanha para repetir as desgraças que os príncipes e caudilhos andaluzes tinham sofrido na vinda dos almorávidas, com a diferença que Jusuf

Texufin veio redimir aos muçulmanos das cadeias que lhe lançava o tirano Afonso (o avô de Afonso Henriques), porém que Ibn-Caci não podia desculpar êste mau conselho com tão louvável ocasião: que só a sua desmedida cobiça do soberano mando o movia a trazer à Espanha os derramadores do sangue dos muçulmanos de Africa; que a sua intenção era enganar-lhes; que êle não aspirava senão a manter sem mancha o honroso cargo de caudilho e amparador das fronteiras do Islam, permanecer e seguir no caminho de Deus até à morte, que esta era a verdadeira glória, e que por essa senda se subia ao cume inacessível da mais permanente fortuna. Eram ambos caudilhos de nobre e generoso ânimo e se persuadiram das razões de Ibn-Gania e o fogo da emulação que se não havia extinto nos seus corações se excitou agora de novo e logo se indispuseram com êle reprovando seu governo e suas alianças; chegaram a ponto de rompimento declarado, e moveram as suas gentes contra Ibn-Caci. Este Wali, para defender-se destes bandos pediu ajuda a Ibn-Arrik, Amir de Colimbria (D. Afonso Henriques), que veio em sua ajuda, e entraram juntos a terra de Beja e de Merida, fazendo os cristãos fartos estragos naquela terra. Saíram contra êle Ibn-Cidrá e Ibn-Almondír, e tiveram sangrentas escaramuças, e o obrigaram a retirar-se para a sua fortaleza de Mértola, isto em Xaban de 540 (1145), e ali despedindo os cavaleiros de Ibn-Arrik deu-lhes belos presentes de armas e cavalos.

Os sarracenos toleravam mal esta aliança de Afonso Henriques com o seu chefe, de quem murmuravam, acusando-o de subserviência ao príncipe infiel, dizendo que Ibn-Caci se portava como um servo que movia as pestanas por insinuações do outro.

Foi impossível conter a indignação popular. Os habitantes de Mértola sublevaram-se e Ibn-Caci foi feito prisioneiro pelos parciais de Ibn-Cidrá, a quem os sublevados abriram as portas do castelo.

Ibn-Caci foi conduzido a Beja e lançado lá num calabouço.

Durante estas agitações Ibn-Yahia cai em desfavor no ânimo de Ibn-Caci e êste manda-o matar. Ibn-Yahia consegue salvar-se e vai refugiar-se em Coimbra sob a protecção de D. Afonso Henriques (o Ibn-Arrik dos cronistas muçulmanos), o qual

Organização da Comunidade do Pôrto

A nossa comunidade para melhor realizar os seus fins criou as seguintes secções:

1.^a secção — *Emunah Israely* (Culto Israelita) — superintende em sinagogas, oratórios, actos de culto e ensino religioso por meio de darushim (sermões, homilias) e actos litúrgicos.

2.^a secção — *Limud Israely* (Instrução Israelita) — dirige a criação de escolas primárias, escolas profissionais, universidades populares, bibliotecas, ginásios, etc.

3.^a secção — *H'assuth Ha-Poalim* (Patronato dos Trabalhadores) — tem por fim dar assistência pelo trabalho, organizando um serviço de colocação, criando cozinhas económicas, cantinas, creches, etc.

4.^a secção — *Maghen Adom* (Signo Vermelho) — tem por fim criar e sustentar hospitais, albergues, recolhimentos, maternidades, postos de socorros médicos e cirúrgicos e assistência moral e material a enfermos nos seus domicílios.

5.^a secção — *H'ebrak Kadishah* (Repouso Eterno) — tem por fim cuidar dos cadáveres, tratar dos funerais e enterramentos, cuidar da conservação das sepulturas e cemitérios, orar pelos mortos.

6.^a secção — *Somekh Ha-golim* (Amparo dos desterrados) — tem por fim dar assistência moral e, tanto quanto possível, material a emigrantes.

recebe com agrado o amigo do seu antigo aliado o senhor de Mértola. Entretanto levava a voz de Ibn-Caci e mantinha o seu bando Abdala Abu Ali Ibn-Samail, que conseguiu apoderar-se de Beja, tirou da prisão o mahdi de Mértola, o qual se dirigiu a Marrocos pedir o auxílio dos almóadas.

Quando os almóadas, sob o comando de Abu-Amram, entraram em Algeciras em 1146, foram ajudados por Ibn-Caci, que comandava cavaleiros do Algarve.

(Continua).

Sinagoga Portuguesa de Londres e as Comemorações Centenárias de Portugal

A Spanish & Portuguese Congregation de Londres, Kahal Kadosh Shaar ha-Shamaim (Sagrada Congregação Porta dos Céus), que tem a sua sede em Heneage Lane, Bevis Marks, enviou ao Sr. Embaixador de Portugal na capital britânica o seguinte honroso officio:

TO HIS EXCELLENCY
THE PORTUGUESE AMBASSADOR
AT THE COURT OF ST. JAMES'S.

London, 31 st May 5700—1940.

Your Excellency,

The celebrations in London in commemoration of the Eighth Centenary of the Independence of Portugal to be inaugurated by you at a reception on Sunday next affords a welcome opportunity to the Wardens of the London Congregation of Spanish & Portuguese Jews (popularly known as the Portuguese Synagogue) to tender to your Excellency their good wishes for the future welfare and prosperity of the fair land of Portugal from which so many members of this Community trace their descent.

On this auspicious and historic occasion, those Jews whose ancestors had been settled in ancient Lusitania before the independence of that country had been secured look back with pride to the achievements of those many Jews who in the course of the subsequent centuries had added glory and strength to the land of their birth and allegiance.

It is a happy omen for the future of Portugal that the descendants of those Jews who are now the loyal and devoted citizens of England can join wholeheartedly in wishing to the ancient Ally of this nation's continued prosperity and a fruitful development of its genius.

The Jews of this land are particularly appreciative of the enlightened policy of His Excellency Dr. António de Oliveira Salazar, who, inspired by the noble sentiment that «the idea of government, by its very definition, is bound up with truth and justice», has manifested it in his attitude towards the members of the Jewish race and faith who now live under the dominion of the Government of which he is the most illustrious Head.

I have the honour to be,
Your Excellency's obedient servant,

PAUL GOODMAN
Secretary.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 98)

TÍTULO LXXVIII

Da forma, em que há-de ser feita a doação, que El-Rei fizer dos bens dalgum Judeu, por comprar ouro, ou prata, ou moedas

El-Rei Dom João meu Avô de gloriosa memória em seu tempo fêz lei, de que o teor tal é.

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Ceuta. A vós Afonso Vasques Corregedor por nos na Correição d'Antre Tejo, e Odiana, e a outro qualquer, que vosso logo tiver, a que esta nossa Carta fôr mostrada, saude. Sebede, que por quanto alguns da nossa Côrte, e outros alguns nos pediram alguns bens d'alguns Judeus, dizendo que os seus bens eram nossos, e os podíamos dar de direito, por quanto compraram ouro, ou prata, ou moedas contra nossa defesa; os quais bens lhes nós davamos por nossas cartas de Doações feitas simplesmente sem se obrigando os querelosos, nem dando fiadores a tais querelas, nem prometendo de com eles fazer avenças; das quais Doações já passaram mui muitas pelos Vedores da nossa Fazenda. Por onde nós como os do nosso conselho, e desembargo, acordamos, e fazemos uma forma de Doação, pela qual mandamos, que passem daqui em diante as ditas Doações, e não em outra guiza; e que pelas Doações, que já eram passadas, se não fizesse obra, se fôsem mais, ou menos, que esta, que vai incorporada em esta Carta, da qual o teor tal é.

2.º D. João, etc. A vós Juizes de tal lugar. Sabede que F. nos disse, que F. e F. Judeus mercadores moradores em esta vila compraram, e venderam, e vendem e compram ouro, e prata, e moedas sem havendo de nós licença para elo; a qual cõusa era contra a Lei, e Ordenação por nós feita, pela qual razão diz, que todos os seus bens assi moveis, como de raiz, eram nossos, e pertenciam a nós, e os podíamos dar de direito: e pediu-nos, que se lhes fizemos mercê, e Doação deles.

3.º E nos vendo, o que nos ele pedia, se assi é que os ditos Judeus compraram, ou venderam ouro, ou prata, e moedas contra nossa defesa, e seus bens pertencem

a nós; e querendo-lhes fazer graça e mercê, por quanto êle querelou, e jurou, e nomeou testemunhas perante o corregedor da nossa côrte, que bem, e verdadeiramente dava a dita querela, e a entendia de provar, prometendo não fazer com eles avença, e seguir o feito até defenitiva, e fazendo-a, que todo o que fôsse dado, ou prometido em avença, fôsse para nós, e não para o que a avença fizesse, e demais que se seguisse o feito pela parte da justiça à custa do quereloso até defenitiva; da qual querela nos fêz certo por Escritura publica; e se obrigou mais, que não lhe provando a dita querela, e os ditos Judeus fôsem absoltos, e livres dela sem pena nenhuma, que eles lhes pagasse outro tanto, quanto deles poderia haver, se a dita querela fôsse provada; e deu para elo fiadores abonados, que mostraram logo bens desembargados del dito F. para se em lhes fazer execução, se os ditos Judeus, fôsem absoltos da dita querela, senão tanto que pela Sentença, que contra êle fôsse dada, fôsse feita execução nos bens deles ditos fiadores, sem sendo para elo mais citados, nem chamados.

4.º Portanto temos por bem, e fazemos-lhe deles livre, e pura doação entre vivos valedoira deste dia para todo sempre para ele, e para todos os seus herdeiros, e sucessores, que depois dele vierem, de todos seus bens assi moveis, como de raiz, que eles em esta vila, e seu termo, e em outros quaisquer Lugares do nosso Senhorio tiverem, onde quer que forem achados. E por vós mandamos, que presente os ditos judeus, e algumas partes, a que pertencer, se achardes que assi é como ele diz, e que pela dita razão seus bens são nossos, e que os podemos dar de direito, metades em posse deles o dito F., ou seu certo Procurador, e lhes leixardes lograr, e haver, e possuir, dar, e vender, escaimbar, e fazer deles, e em eles todo o que lhe aprover, assi como de sua cousa propria, por quanto nos lhe fazemos deles Doação o mais firmemente, que a nos

VIDA COMUNAL

Criação de escolas—Os Senhores do Mahamad na sua sessão de 4 de Agosto, resolveram que fôsem criadas duas escolas profissionais, sendo uma para raparigas e outra para rapazes, as quais terão os nomes e fins seguintes:

Beth Ha-Sepher Esheth Hail—*Escola Israelita de Educação e Trabalho Doméstico*—Tem por fim preparar raparigas para serem boas espôsas e boas mãis, não só educando-as religiosamente, mas também nos trabalhos e lides caseiras, bem como em puericultura.

Esse ensino constará de:

- 1.º Educação religiosa; rudimentos de Hebreu, nossa língua sagrada; rudimentos da teologia dogmática e moral israelitas; história da nação judaica;
- 2.º Costura e labores;
- 3.º Culinária;
- 4.º Lide caseira;
- 5.º Puericultura;
- 6.º Vida social;
- 7.º Jardinagem, horticultura e criação de aves.

Além dêste ensino haverá o aperfeiçoamento do conhecimento da língua portuguesa, educação física e canto coral.

—O ensino de costura e labores, será essencialmente prático à maneira dum atelier de modista.

—Durante o trabalho haverá conversas

israelitas e prática de línguas francesa e inglesa.

—Nesta escola não haverá criadas. O serviço doméstico será feito pelas educandas.

Beth Ha-Sepher Derekh Haim—*Escola Profissional Israelita Caminho de Vida*—Tem por fim ministrar a rapazes israelitas:

- 1.º Educação religiosa;
- 2.º Artes manuais.
- 3.º Línguas: Português-Hebreu, Francês e Inglês;
- 4.º Comércio: Contabilidade, escrituração, dactilografia, etc.;
- 5.º Enfermagem;
- 6.º Horticultura, jardinagem, apicultura, etc.;
- 7.º Educação física.

Conferência—O distinto professor Trechanski, refugiado de guerra, natural da Lituânia, a convite do Conselho Escolar da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teológico Israelita) fêz na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm uma conferência sôbre o grande organizador do Sionismo Teodoro Herzl e sôbre o grande poeta do renascimento hebraico Bialik. Esta conferência *in memoriam* dêstes dois notáveis judeus foi feita em língua Idish e traduzida para português pelo digno 1.º secretário da nossa Comunidade o

podemos fazer a outrem primeiro não são dados por nossa Carta. Dada em tal Lugar. Etc.

5.º Porem vos mandamos que se perante vos penderem alguns feitos, que sejam, ou forem ordenados sobre as ditas doações, que concertedes as ditas Doações com esta nossa nota, que em esta nossa carta vai incorporada; e se achardes que são tais como esta, ide pelos ditos feitos em diante, se não forem tais como ela, vós não façades por elas obra nenhuma, nem vades pelos ditos feitos em diante. E vos fazed-o assi

saber aos juizes das cidades, vilas, e lugares da vossa correição, que assi o façam, e tenham esta maneira suso dita, por quanto assi é nossa mercê de se fazer: un de al não façades. Dada em Santarem a seis dias de Outubro. El-Rei o mandou por Vasco Gil de Pedroso Licenciado em Leis seu Vassalo, e do seu desembargo. João Fernandes a fez Era de mil e quatrocentos e cinquenta e cinco anos.

6.º A qual Lei vista por nos louvamos, e confirmamos como em ela é conteudo.

Sr. Menasseh Bendob. O conferente foi muito aplaudido e felicitado.

Tisheah Beab (9 de Ab) — Êste infausto dia da perda do estado judaico foi comemorado por serviços litúrgicos, em que tomaram parte alguns refugiados de guerra, e por duas conferências alusivas ao triste acontecimento, uma delas em hebreu e francês pelo Sr. Professor Trechanski e outra pelo Moreh Marano Sr. Samuel Rodrigues.

Terminação de cursos — Os ex-talmidins da Yeshibah do Pôrto, David Moreno e Samuel Rodrigues, hoje Morim (preceptores israelitas) fizeram estudos profanos e neste ano terminaram os seus cursos: David Moreno o de Engenheiro-auxiliar de Obras Públicas e Minas; Samuel Rodrigues os cursos de Química Geral e Analítica Industriais.

Os nossos parabéns.

Refugiados de guerra — Muitos judeus após a derrocada francesa nesta segunda Grande Guerra vieram pedir a hospitalidade provisória na terra portuguesa.

Os primeiros chegados foram acolhidos carinhosamente pela Comunidade do Pôrto que lhes deu assistência moral e material possível.

Como o número era grande demais para as nossas possibilidades económicas, foi constituído no Pôrto um Comité de Auxílio aos refugiados, composto pelos Srs. Hans Warmbrum, Presidente; Engenheiro Alfredo Daniel e Menasseh Bendob.

Êste Comité independente da Comunidade é uma secção do Comité de Lisboa e trabalha de acôrdo com as organizações judaicas americanas Hicem e Joint.

¿Não tem a história como a poesia suas tragédias demasiado lúgubres para a juventude? ¿E entre estas tragédias, há alguma tão sombria como a história dos judeus?

Da *História dos Judeus*

POR

JAMES K. HOSMER.

Sentenças e Máximas Talmúdicas

Tudo conforme o uso da região.

*

Tudo depende da mulher.

*

Se todos os pecados são punidos por intermediários, Deus reserva para si o direito de punir a opressão.

*

Quando o filho (afastado da sua família) é obrigado a caminhar descalço, lembra-se da felicidade da casa paterna.

*

Quando o pastor está irritado contra as suas ovelhas, põe à testa do rebanho um carneiro cego.

*

Se um castelo se arruína, continua a ser chamado castelo; se o estrume se eleva, também conserva o nome de estrume.

*

Tal nação, tal chefe.

*

Tôda a gente lisonjeia o rei.

*

Se dois homens questionam, repara qual é o que cede e primeiro se cala; podes ficar convencido que êle é de melhor família que o outro.

*

Se o mensageiro da destruição é autorizado a ferir, então não distingue o justo do ímpio.

*

Eis o processo dos maldizentes: começam por dizer bem, mas pouco a pouco

põem-se a insinuar tôdas as espécies de maus propósitos.

*

Os orgulhosos ficarão para sempre adormecidos no seu pó.

*

Todo o homem orgulhoso acaba por se tornar um objecto de desprezo.

*

A ira destrói o saber e desenvolve a tolice.

*

Tôda a amizade que não é acompanhada de reprimenda não é uma amizade.

*

O carvão que não arde a tempo nunca arderá.

*

Quanto maior é o homem, maiores são as suas paixões.

*

Aquêlê que frequênta assiduamente o templo e a escola gozará da graça divina.

*

Aquêlê que pratica muitos jejuns merece o nome de pecador.

*

Aquêlê que abjura a idolatria é considerado como israelita.

*

Aquêlê que repreende o seu próximo numa piedosa intenção merece a felicidade eterna; êle será admitido na presença da Divindade, e a sua frente será coroada com uma auréola de graça.

*

Se alguém recusa o ensino da Lei sagrada ao seu discípulo, é como se o privasse da herança de seus pais.

*

As próprias crianças no seio de suas mãis amaldiçoam o sábio que recusa comunicar a sua sabedoria.

*

Aquêlê que quere fazer demais faz muitas vezes pouquíssimo.

*

Aquêlê que denuncia o seu próximo será punido primeiro.

*

O impuro liga-se ao impuro, o puro procura o puro.

*

Faltar à sua palavra é um pecado tão grave como a idolatria.

*

O lisonjeiro acaba por se tornar o escravo daquele a quem lisonjeia.

*

Envergonhar o seu próximo públicamente é tão grave como praticar um assassinato.

*

Maldizer é tão grave como renegar a Divindade.

*

A maledicência é um pecado tão grave como a idolatria, o incesto e o assassinato.

*

Aquêlê que maldiz do seu próximo peca não só contra os homens, mas contra o próprio Deus.

*

Todo o maldizente merece ser ferido de lepra.

*

Todo o maldizente mereceria ser lapidado.

Tudo se ilumina
para aquêlle que
busca a luz.

BEN-ROSH

תְּלִפְיָד

... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Ha'alm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

HA-TIKVAH

(A ESPERANÇA)

HINO NACIONAL JUDAICO

(TRADUÇÃO DO EXTINTO PROF. JOSEPH BENOLIEL DO ANTIGO CURSO SUPERIOR DE LETRAS DE LISBOA)

Ainda se não extinguiu a nossa esperança,
A nossa esperança secular,
De regressarmos à terra dos nossos pais,
À cidade onde David estabeleceu os seus arraiais.

I

*Emquanto no âmago do coração
A alma judaica continuar a gemer,
E para as bandas do Oriente
Os olhos se dirigirem em demanda de Sião.*

Ainda se não, etc.

II

*Emquanto as lágrimas dos nossos olhos
Jorrarem como chuvas abundantes,
E que miriades dos filhos do nosso povo
Continuarem a ir visitar os túmulos dos nossos Pa-
triarcas.*

Ainda se não, etc.

III

*Emquanto o muro do nosso Templo adorado
Brilhar à nossa vista,
E sobre as ruínas do nosso santuário
Ainda houver olhos que derramem pranto.*

Ainda se não, etc.

IV

*Emquanto as águas do Jordão impetuosamente
Correrem a transbordar
E no mar de Kineret com estrépito
E estrondosamente se engoljar.*

Ainda se não, etc.

V

*Emquanto as estradas estiverem desertas
E a desolação reinar nas campinas,
E entre as ruínas de Jerusalém
Continuar lacrimosa a filha de Sião.*

Ainda se não, etc.

VI

*Emquanto de lágrimas cristalinas
Se banharem os olhos da minha pátria,
E para gemer e planger
Se levantar à meia-noite.*

Ainda se não, etc.

VII

*Emquanto o sangue em nossas veias
Gota a gota ainda correr
E sobre os túmulos dos nossos pais
Se converter em gotas de orvalho.*

Ainda se não, etc.

VIII

*Emquanto o sentimento patriótico
No coração judaico palpitar
Ainda poderemos esperar que em breve
Se compadeça de nós o Deus a quem irritamos.*

Ainda se não, etc.

IX

*Ouvi, irmãos, que errantes andais por essas terras
As palavras de um dos nossos profetas
Emquanto houver um judeu no mundo.
A nossa esperança subsistirá.*

Ainda se não, etc.

COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

Don Yahia Ben-Yahia

(Um dos colaboradores de D. Afonso Henriques)

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 100)

Vejamos agora qual foi a influência do movimento almóada na vida judaica peninsular:

Como narramos, Abd-Almumen, chefe dos almóadas, Emir Almumenin (Príncipe dos crentes) caminhando de vitória em vitória, destruiu o império dos almorávidas e o seu domínio estendeu-se de pressa sobre toda a África do Norte.

No seu fanatismo ardente, este chefe venturoso não tolerava crença alguma diferente da sua. Quando se apoderou de Fez, fez convocar a Comunidade Judaica, muito numerosa, daquela cidade, e disse-lhe:

— Vós negais a missão do Profeta e esperais um Messias. Já passou muito tempo e o vosso Messias não apareceu. Não podemos, por mais tempo, tolerar a vossa incredulidade. Escolhei: o Islam ou a morte!

Os judeus ficaram desesperados. Reconsiderando, Abd-Almumen permitiu que emigrassem os judeus que não queriam abjurar. Muitos, que deixaram a África, foram estabelecer-se em Espanha. O maior número converteu-se aparentemente ao Islamismo, esperando tempos melhores.

Este procedimento impiedoso era aplicado a todos os judeus das regiões que caíam em poder dos almóadas. Os cristãos sofreram a mesma sorte, mas como havia na Espanha reinos cristãos, na sua maior parte preferiram retirar-se para junto dos seus correligionários. Sinagogas e igrejas foram destruídas em todo o império almóada.

Os judeus tinham-se facilmente resignado a praticar exteriormente o islamismo, porque esse culto se limitava a fórmulas

de reconhecimento da missão do Profeta e a algumas cerimónias monotestas, isentas de toda a idolatria.

Estas considerações tranquilizavam a consciência de vários rabinos muito piedosos. De-resto, os almóadas contentavam-se com a aparência e não exerciam a menor vigilância sobre os falsos convertidos. Estes não somente praticavam em segredo a religião judaica, mas continuavam a entregar-se activamente aos estudos talmúdicos e reuniam nas suas escolas a juventude estudiosa, que ia, em seguida, por obrigação, ouvir explicações do Koran. Contudo houve homens enérgicos a quem repugnava esta hipocrisia; estes confessaram publicamente o judaísmo e morreram mártires da sua fé. Entre estas vítimas, cita-se em primeiro lugar uma autoridade talmúdica: Judah Ha-Kohen Ben-Sussan, de Fez.

Na Península, em todos os territórios que caíam na mão dos almóadas sucedia o mesmo. As sinagogas sumptuosas de Andaluzia foram pilhadas e destruídas. O velho Rabi de Córdova, Joseph Ben-Sadik, teve a dor de assistir à ruína da sua comunidade, a mais antiga e a mais considerável do país e morreu pouco depois (1148-1149). As grandes academias judaicas de Sevilha e de Lucena foram fechadas. Rabi Meir, filho e sucessor do chefe da Escola, de Joseph Ibn-Migash, emigrou para Toledo e foi seguido por todos que puderam subtrair-se ao jugo dos conquistadores.

Os seus bens foram confiscados e as suas famílias reduzidas à escravidão. Quanto aos outros, converteram-se ostensivamente ao islamismo, mas praticavam em segredo a sua verdadeira fé, esperando um momento favorável para arrancarem a

H'ASSIDÏM

O flagelo da Guerra Europeia trouxe até Portugal alguns judeus H'assidim; julgamos ser nosso dever ensinar aos portugueses o que este nome significa.

H'assid, plural H'assidim (piedosos) é o nome duma seita judaica fundada em 1740 na Polónia meridional por Israel Ben-Eliezer, cognominado Baal Shem Tob (o senhor do Nome divino) ou como abreviadamente lhe chamavam, Besht.

Houve desde épocas remotas duas correntes no judaísmo; uns partidários do formalismo ritual, e outros duma tendência mística; daí a opposição entre os Fariseus e os Essénios, na época do segundo templo, entre Talmudistas e Cabalistas na Idade-Média, entre H'assidim e Orthodoxos na segunda metade do século XVIII.

Os excessos do ritualismo e do legalismo, nos quais tinham caído nesta época as comunidades judaicas, deviam fatalmente produzir uma forte reacção mística. Os H'assidim consagram ao sentimento religioso uma importância infinitivamente maior do que ao conhecimento e prática da Lei oral; elles insistem sobre a omnipresença de Deus, e praticam, por meio da oração e dum treino especial, o êxtase que permite ao homem entrar em comunicação directa com a divindade; elles tiram da Kabbalah a crença segundo a qual cada acção humana pode ter repercussões nas esferas elevadas do mundo divino, e o

homem puro e justo (Çadik) é capaz de agir sobre a vontade divina, e, dessa maneira, modificar o curso normal dos acontecimentos naturais; mas, contrariamente aos Cabalistas, que caíram progressivamente numa espécie de ascetismo, os H'assidim preconizam a alegria, que consideram como uma das formas mais elevadas da adoração piedosa.

O H'assidismo organizou-se pouco-a-pouco durante a existência de Baal Shem Tob, que teve como principais discipulos Baer de Meseritz e Jacob Joseph Cohen.

Daí a pouco houve verdadeiras dinastias de Çadikim, milagreiros místicos, aos quais os crentes recorriam em tôdas as circunstâncias da vida.

A primeira metade do século XIX foi, para o H'assidismo, a época do mais completo desenvolvimento; a metade da população judaica da Rússia, da Polónia, da Galícia e da Romania seguiam as práticas desta seita e acreditavam no poder dos Çadikim.

A opposição dos orthodoxos e dos legalistas não tinha esperada este momento para se fazer sentir; desde 1772 ela tinha à sua testa Eliah Ben-Salomon, cognominado o Gaon de Wilna, que via neste movimento místico um grande perigo para o judaísmo, e cujos discipulos tomaram o nome de *Mitnagedim* (os oppositores).

No século XIX os partidários da cultura moderna (*Maskilim*) que procuravam introduzir entre os judeus o ensino das ciências,

máscara. A Espanha cristã, governada então pelo imperador Afonso Raimundes, e que tinha tomado um grande desenvolvimento, torna-se o asilo dos proscritos. Toledo, a sua capital, foi em breve um centro de onde a ciência judaica começou a irradiar com novo brilho.

Este feliz resultado era a obra de Judah Ben-Ezra, o filho de Joseph Ben-Ezra que, com os seus três irmãos, tinha lançado tanto brilho sobre a literatura judeo-espanhola.

Judah Ben-Ezra, ainda muito novo, era o favorito do imperador, o sábio, o benévolo Afonso, que, em seguida à conquista do castelo de Calatrava, situado na fronteira, entre Toledo e Córdova, tinha-o nomeado governador desta cidade, ao

mesmo tempo que lhe concedia o título de príncipe (*Nassy*) dos israelitas.

Judah aproveitou-se da sua influência e da sua alta posição para aliviar tanto quanto possível a desventura de seus irmãos fugidos aos almóadas, e empregou a sua fortuna em resgatar os que tinham caído na escravidão.

Em breve Toledo teve uma numerosa colónia de emigrados judeus; Rabi-Meir Ben-Migash ali fundou uma Academia Talmúdica, que contou, pouco depois, numerosos discipulos.

Judah, cuja influência aumentava sempre, foi elevado à dignidade de almoxorife da casa imperial de D. Afonso VII, o primo de D. Afonso Henriques.

(Continua).

das línguas e das literaturas europeias, juntaram-se aos Mitnaghedim para combaterem o H'assidismo; êste então começou a perder terreno e parecia estar destinado a desaparecer num futuro próximo.

Sejam quais forem as críticas que possam incidir sobre o H'assidismo, êle insuflou à alma popular o sentido profundo do divino, que a casuística dos Talmudistas lhe tinha quasi feito perder, e êle deu, durante quasi um século, à vida religiosa e social do judaísmo, na Europa Oriental, formas duma grande originalidade, que inspiraram aos escritores da língua Ydish (dialecto judeo-germânico) as suas obras mais características.

Ainda umas notas sobre o fundador desta seita.

Baal Shem, era o cognome como já dissemos de Israel Ben-Eliezer, de Miedzboz, nasceu em 1698 e morreu em 1760. Não concordando com o judaísmo ortodoxo, que, na Polónia, exagerava até à minúcia a prática religiosa e com os Talmudistas, cujas discussões conduziam a secas argúcias, Baal Shem refugiava-se nas florestas e nas montanhas para escutar a sua alma que lhe dizia que Deus está muito próximo do homem e que uma oração intensa lhe permite desembaraçar-se dos laços carnaes e lhe permite de coração para coração pôr-se em comunicação com a divindade. Segundo os seus discípulos, êle era o herdeiro popular da Kabbalah, cujos segredos lhe davam um poder mágico sobre os seres e sobre as cousas.

Sejam quais forem as opiniões divergentes, é certo, porém, que o H'assidismo é impregnado de potência moral e de elevado sentimento poético.

T E S H U B A H

(O arrependimento)

A doutrina judaica exprime a possibilidade de anular, pelo arrependimento, pela dor e pela expiação, as conseqüências do pecado e da degradação que ela imprime na alma do culpado: A justiça de Deus não pode admitir que um filho seja responsável pelas faltas cometidas por seus pais:— cada um suporta a falta cometida por êle próprio. (*Dent.*, 24-16).

As seitas judaicas no comêço da Era Vulgar

(Segundo Flávio Joseph)

Do livro «Antigüidades Judaicas»,
vol. VII, cap. I.

Cirenio Senador Romano, que era um homem de grande merecimento, e que depois de ter passado por todos os outros cargos de honra, tinha sido elevado à dignidade de Cônsul, foi, como já vimos, eleito por Augusto, Governador da Síria, com ordem de fazer o alistamento e inventário de todos os bens dos particulares; e Copónio, que comandava um corpo de cavalaria, foi mandado com êle para a Judeia. Mas como esta província estava unida à Síria, foi Cirenio, e não êle, quem fêz o tal recenseamento, e tirou todo o dinheiro pertencente a Aquelão.

Não podendo os judeus sofrer semelhante inventário, Joazar, Grande Sacerdote, filho de Bocto, os persuadiu a não resistirem; mas passados tempos, um chamado Judah, que era Gaulanita, e da cidade de Gamala, protegido de um fariseu chamado Sadoc, solicitou ao povo a que se levantasse, dizendo que êsse recenseamento não era outra cousa mais que uma manifesta declaração da sua escravidão; e para o exortar à sua liberdade, representou-lhe: Que se o successo da sua empresa fôsse feliz, êles não gozariam com menos glória que sossêgo de todos os seus bens; mas que deviam confiar em Deus, que lhe seria propício, se êles da sua parte fizessem tudo o que estivesse em suas mãos.

Penetrou-se o povo tanto dêste discurso, que logo se revoltou.

E' incrível que fôsse a revolução, que estes dois homens concitaram de toda a parte. Tudo eram mortes e assassínios: roubava-se indiferentemente amigos e inimigos com o pretexto de defenderem a liberdade pública; matava-se com o desejo de enriquecer as pessoas mais graduadas; a raiva dos sediciosos passou até ao excessivo furor de que nem a grande fome, que sobreveio, os impedia a que entregassem as

idades, nem os suspendia a derramarem o sangue da sua própria nação; e viu-se o fôgo desta cruel guerra civil incendiar com as suas chamas até o Templo de Deus: tão perigoso é querer-se violar as Leis e os costumes das Nações.

A vaidade, que Judah e Sadoc conceberam de estabelecerem uma quarta Seita, e de aliciarem a si todos os que gostavam de novidades, foi a origem dêste mal. Não perturbou então sòmente tôda a Judeia; mas lançou as sementes de tantos males, com que depois foi afligida.

Por isto julgo conveniente dizer alguma cousa sôbre as máximas desta Seita.

CAP. II

Das quatro Seitas dos Judeus

Aquêles que entre os Judeus affectavam professar sabedoria, estavam havia muitos séculos divididos em três Seitas: Essenianos, Saducianos e Faresianos, dos quais já falei no segundo Livro das Guerras dos Judeus, e agora direi mais alguma cousa.

O modo de viver dos Fariseus não era efeminado, nem de regalos, mas simples: pertinazes nas suas opiniões; honradores dos vèlhos que nunca se atreviam a desmentir. Atribuam ao destino tudo o que sucedia, sem contudo tirarem ao homem o poder de acção; de sorte que movendo-se tudo por ordem de Deus, êles o faziam dependente da nossa vontade, para nos inclinar aos vícios, ou às virtudes. Criam na immortalidade da alma; que ela era julgada no outro mundo, e premiada ou punida conforme seus merecimentos; que umas ficavam eternamente prisioneiras no outro mundo e que outras voltavam a êste. Por esta crença adquiriram tão grande autoridade entre o povo, que êle segue os seus sentimentos em tudo o que respeita ao culto de Deus, e as preces solenes que se lhes faz; assim, cidades inteiras eram lestemunhas fidedignas da sua virtude, do seu modo de viver e dos seus discursos.

A Seita dos Saducianos seguia que as almas morrem com os corpos: que a única obrigação que temos, é observar a Lei, por ser uma acção virtuosa; não contradizer a ciência daqueles que a ensinam.

Os sectários dêste partido são em pequeno número, mas composto de pessoas de maior autoridade. Nada se faz sem seu conselho; e quando occupam cargos honrosos, são obrigados a conformar-se com o ditame dos Fariseus, porque de outra forma o povo os não soffreria.

Os Essenianos, que fazem a terceira Seita, attribuem tudo sem excepção à providência de Deus. Crêem na immortalidade da alma e julgam dever-se trabalhar com tôdas as forças para se praticar a justiça. Satisfazem-se de mandar as suas ofertas ao Templo, sem irem ali fazer sacrificios, porque êles em particular os fazem com cerimónias ainda maiores. Os seus costumes são irrepreensíveis e a sua occupação é a cultura das terras. A sua virtude é tão admirável, que muito excede à dos Gregos e outras Nações, e nisso fazem continuamente particular estudo. Os seus bens são em comum, tanto pobres, como ricos, e o seu número mais de quatro mil.

Não têm mulheres, nem criados, por se persuadirem que as mulheres em nada contribuem ao sossêgo da vida; e que os criados era ofender a natureza, que a todos fêz iguais; assim serviam-se uns aos outros, escolhendo pessoas de bem da ordem dos Sacerdotes, para que recebam tudo o que recolhem da sua cultura e tenham cuidado de os sustentar a todos.

Êste modo de viver é quasi semelhante ao daqueles que se chamam Plistas entre os Dacios.

Judah, de quem já falámos, foi o autor da quarta Seita. Ela era em tudo semelhante à dos Fariseus, excepto sustentarem seus sectários que não há mais que um só Deus, a quem se deve reconhecer por Senhor e Rei. Entusiastas da sua liberdade, soffrem antes os mais cruéis tormentos, do que sujeitarem-se a dar a qualquer homem o nome de Senhor e de Rei. Sôbre isto me não alargarei mais, por ser cousa sabida de todos, e eu não poderei exprimir até que ponto chega o valor incrível, a paciência e o desprezo com que êles soffrem os tormentos.

Mas esta invencível constância de ânimo se aumentou ainda mais pelo vergonhoso modo, com que Gussio Floro, Governador da Judeia, tratou a nossa Nação, que a obrigou a sublevar-se contra os Romanos.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 99)

TÍTULO LXXIX

**De como o Judeu converso à Fé de Jesus Cristo
deve herdar a seu Padre e a sua Madre**

El-Rei D. Afonso o Segundo da esclarecida memoria em seu tempo fez Lei, per que ordenou, e mandou, que o Judeu não exherdasse seu filho, ou filha que se tornasse Cristão, ou Cristã, mais tanto que esse filho, ou filha for tornado á Fé de Jesus Cristo, logo haja todo o direito de sua herança de guisa, que já mais nunca seja tornado a viver entre seus parentes; e nós assi o mandamos, que se guarde, e cumpra por Lei.

1.º E porque poderia recrescer duvida como o dito filho Cristão haverá de herdar a seu Padre, ou a sua Madre Judeus, declaramos a dita duvida em esta guisa, que se segue; a saber, se o dito filho Cristão for só, que não haja outro irmão, ou irmã Judeu, ou Judia, declaramos, e mandamos que herde ao dito seu Padre, e Madre, assi como se eles fossem Cristãos; a saber, as duas partes de todos os seus bens, as quais lhes logo sejam entregues como dito é; e ainda que sejam muitos filhos, e todos juntamente se tornem Cristãos, não haverão mais de seu Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia do que dito é em um só filho, como suso é declarado; e a terça ficará salva ao Padre, ou Madre para dela fazerem sua vontade em todo o tempo e caso a diante, segundo direito dos Judeus, sem já mais em algum tempo o dito filho Cristão herdar nela, salvo sendo-lhe deixada pelo Padre, ou Madre antes da sua morte.

2.º E no caso que o dito filho Cristão tenha outro irmão Judeu, ao tempo que assi for tornado á Fé de Jesus Cristo, mandamos que esse filho haja logo a metade de todos os bens, que o Padre, e Madre a esse tempo houverem, e a outra metade fique aos ditos Padre, e Madre: e havendo mais que um irmão Judeu, em tal caso haja sómente a terça dos ditos bens, e as duas partes fiquem aos ditos Padre, e Madre. E o dito filho Cristão nunca já haja esperança de haver, e herdar em seus bens, salvo quando lhe for dado, ou deixado por

eles antes de sua morte por sua vontade: e bem assi não hajam esperança os ditos Padre, e Madre na herança do dito filho Cristão.

3.º E tornando-se depois Cristão cada um dos outros filhos, haverá logo a terça parte de todos os bens, que os ditos seus Padres, e Madres a esse tempo houverem; e assi cada um dos outros filhos até não ficar nenhum, nem havendo esperança de mais herdar ao Padre, e Madre, nem esse Padre e Madre a seus filhos.

4.º E em todo o caso, onde o filho Judeu tornado Cristão for casado, e herdar a seu Padre, e Madre, segundo suso dito, e declarado é, deve descontar na herança, que logo houver quando for tornado á Fé de nosso Senhor Jesus Cristo, tudo aquilo que dos ditos de seu Padre, e Madre houve, se ainda ambos forem vivos; e se já a este tempo algum deles for morto, haverá toda sua herança desse morto inteiramente sem descontamento algum, e na parte do que ainda for vivo descontará o dito casamento, segundo que lhe logo herdar, como dito é.

5.º E com esta declaração mandamos que se guarde a dita Lei, como em ela é conteúdo, e por nós declarado como dito é.

6.º E porque algumas vezes acontece, que o Judeu, ou Judia casado, ou casada se torna Cristão, ou Cristã, e é conteúda entre o converso, ou conversa, e o que fica Judeu, ou Judia como seus bens haverão de ser partidos entre eles, mandamos que quando tal caso acontecer, se faça entre eles partição em esta guisa que se segue.

7.º Se algum Judeu, ou Judia casado se tornar Cristão, ou Cristã, o converso escolha uma destas coisas, qual quiser; a saber, ou parta com sua mulher, se ficar Judia, igualmente, ou se antes quiser, sejam vistos os bens, que cada um deles trouve ao tempo do casamento, e aquilo que trouve, isso leve.

8.º E se o casamento entre eles for feito por Carta d'arras, e o que se tornar

Cristão, ou Cristã quiser haver o que trouve ao casamento, segundo os casamentos, que se fazem por cartas d'arras; Mandamos que sejam em si valiosas, salvo se o que se tornar Cristão, ou Cristã o contradisser, dizendo que não foi assi como em elas é conteúdo; em tal caso seja ele recebido a provar o que disser por testemunhas; e a prova, que se houver de fazer, seja ao menos por três testemunhas, que não sejam suspeitas; e se provado for, não se dê fé á carta das arras, mas sómente á prova, que assi for feita, como dito é: e isto mandamos assi, porque havemos por informação que algumas vezes acostumavam os Judeus de pôr nas cartas das arras mais do que é verdade.

9.º E se acontecer, que os bens, que o marido, e a mulher assi trouverem ao tempo do casamento, depois crescerem por alguma guisa, tornando-se cada um deles Cristão, e não havendo a esse tempo algum filho, ou filha, se o converso, ou conversa escolher antes os bens que trouve ao casamento, que a metade de todos, em tal caso deve haver esse converso, ou conversa do crescimento as duas partes, e o que ficar Judeu, ou Judia leve o terço.

10.º E se ao tempo que cada um deles for tornado á Fé, eles houverem um filho sómente, e se tornar Cristão, e o Padre, ou Madre, converso, ou conversa antes quiser a metade de todos os bens, em tal caso haverá aquele, que ficar Judeu, ou Judia, a outra metade, e o dito filho Cristão, ou Cristã haverá logo as duas partes dessa metade, que acontecer a seu Padre, ou Madre, que assi ficar Judeu, ou Judia: e se por ventura acontecer que esse marido, ou mulher, que se tornar Cristão, ou Cristã, queira antes haver os bens, que trouve ao casamento, em tal caso haverá as duas partes do dito crescimento, e o marido, ou mulher, que ficar Judeu, ou Judia, haverá a parte, que trouve com a terça parte do crescimento, e o dito filho, ou filha de entre eles haverá logo as duas partes de tudo isso, que assi ficar a seu Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia, assi do principal, como do crescimento.

11.º E ainda que sejam muitos filhos, e juntamente se tornem Cristãos, não haverá mais de seu Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia, do que dito é em um seu filho, como suso é declarado, e a terça parte,

ficará salva ao dito seu Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia, para dela fazerem toda sua vontade segundo o direito dos Judeus, sem já mais em algum tempo o dito filho, ou filhos Cristãos herdem, nem haverem deles coisa alguma contra vontade dos ditos seu Padre, ou Madre, ainda que em algum tempo esse Padre, ou Madre se tornasse Cristão.

12.º E em caso que os ditos Padre, ou Madre ao dito tempo hajam algum outro filho, ou filha, Judeu, ou Judia, mandamos que o dito filho, ou filhos Cristãos hajam logo a metade de tudo aquilo, que ficar a seu Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia por qualquer guisa que seja, e a outra metade fique ao dito Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia: e havendo mais que um filho, ou filha, Judeu, ou Judia, em tal caso o filho, ou filhos, que se tornarem Cristãos, hajam logo a terça parte de tudo aquilo, que assi ficar ao dito seu Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia, como dito é, e as duas partes fiquem ao dito Padre, ou Madre. E os ditos filho ou filhos, Cristão, ou Cristãos, nunca já mais hajam esperança de herdar, nem haver mais de sua herança, nem bens contra sua vontade; nem o dito Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia aos ditos filhos Cristãos em algum tempo.

13.º E acontecendo ao depois que algum dos ditos filhos que assi ficarem Judeus, se torne Cristão, haverá logo a terça parte de todos os bens, que o dito seu Padre, ou Madre, Judeu, ou Judia, houverem em participação com o dito seu marido, ou mulher, converso, ou conversa; e bem assi de cada um dos outros filhos Judeus, que se tornarem Cristãos a diante; e pelo que logo assi houverem, devem ser contentes e satisfeitos de toda a herança do dito seu Padre, ou Madre que assi ficar Judeu, ou Judia, sem mais já deles haverem em algum tempo contra sua vontade, ainda que em algum tempo sejam tornados Cristãos, como dito é no Capítulo suso escrito.

14.º E em todo o caso, onde o filho Judeu tornado Cristão for casado, e herdar a seu Padre, e Madre, segundo suso é declarado, deve descontar na herança, que logo houver, quando for tornado á Fé de Jesus Cristo, tudo aquilo que do dito seu Padre, e Madre houve em casamento, se ainda ambos forem vivos; e se a esse tempo algum deles for morto, haverá toda

Calendário Israelita

Ano de 5701

(Tem 12 meses lunares)

- | | |
|---|--|
| 1. ^a lua (Tishri) — 30 dias dia 1 — 3 de Outubro de 1940. | <i>Kipur</i> (Dia do grande perdão) — 12 de Outubro de 1940. |
| 2. ^a lua (Heshvan) — 29 dias dia 1 — 2 de Novembro de 1940. | <i>Sukoth</i> (Festa das Cabanas) — 1. ^o dia — 17 de Outubro de 1940 — 2. ^o dia — 18 de Outubro de 1940. |
| 3. ^a lua (Kislev) — 30 dias dia 1 — 1 de Dezembro de 1940. | <i>Hoshanah Rabah</i> — 23 de Outubro de 1940. |
| 4. ^a lua (Tebet) — 29 dias dia 1 — 31 de Dezembro de 1940. | <i>Shemini Assereth</i> — 24 de Outubro de 1940. |
| 5. ^a lua (Shebat) — 30 dias dia 1 — 29 de Janeiro de 1941. | <i>Simhá Torah</i> — 25 de Outubro de 1940. |
| 6. ^a lua (Adar) — 29 dias dia 1 — 28 de Fevereiro de 1941. | <i>Hanukah</i> (Festa dos Macabeus) — 1. ^o dia — 25 de Dezembro de 1940 — 8. ^o dia — 1 de Janeiro de 1941. |
| 7. ^a lua (Niçsan) — 30 dias dia 1 — 29 de Março de 1941. | <i>Lailanoot</i> (Ano Novo das Árvores) — 12 de Fevereiro de 1941. |
| 8. ^a lua (Iyar) — 29 dias dia 1 — 28 de Abril de 1941. | <i>Purim</i> (Festa da Rafnha Ester) — 13 de Março de 1941. |
| 9. ^a lua (Sivan) — 30 dias dia 1 — 27 de Maio de 1941. | <i>Pessah</i> (Páscoa) — 1. ^o dia — 12 de Abril de 1941 — 8. ^o dia — 19 de Abril de 1941. |
| 10. ^a lua (Tamuz) — 29 dias dia 1 — 26 de Junho de 1941. | <i>Lag-Laomer</i> — 15 de Maio de 1941. |
| 11. ^a lua (Ab) — 30 dias dia 1 — 25 de Julho de 1941. | <i>Shabuoth</i> (Pentecostes) — 1. ^o dia — 1 de Junho de 1941. |
| 12. ^a lua (Elul) — 29 dias dia 1 — 24 de Agosto de 1941. | |

Dias festivos do ano 5701

Rosh Ha-Shanah (Ano Novo) — 1.^o dia — 3 de Outubro de 1940 — 2.^o dia — 4 de Outubro de 1940.

Jejuns em 5701

Assassinato de Guedaliah — 6 de Outubro de 1940.
Kipur — 12 de Outubro de 1940.
Cêrco ao Templo — 9 de Janeiro de 1941.
Jejum de Ester — 12 de Março de 1941.
Tomada do Templo — 13 de Julho de 1941.
Destruição do Templo — 3 de Agosto de 1941.

sua herança deste morto inteiramente sem descontoamento algum; e na parte do que ainda for vivo descontará o dito casamento, segundo a quantia em que herdar, como dito é.

15.^o Dizemos que o dito filho assi

tornado Cristão deve herdar em todo caso a qualquer irmãos, e outros assi, e pela guisa como a eles herdariam, se Cristãos fossem, guardando á cerca de tal herança os Direitos Imperiais, e Leix do Regno, assi como em elas é conteúdo.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

OS MACABEUS



MATATHIAS e seus filhos, os heróicos restauradores do culto ao Deus Altíssimo e Único, o grande Deus de Israel.

VIDA COMUNAL

LISBOA

Eleição dos corpos gerentes — No dia 1 de Dezembro reuniu a Assembleia Geral desta Comunidade para proceder à eleição dos corpos gerentes, sendo o resultado o seguinte:

Assembleia Geral — Presidente, Dr. Augusto d'Esaguy; 1.º secretário, Friedrich Westheimer; 2.º secretário, Fritz Neumann.

Mahamad (Junta Directora) — Presidente, Professor Doutor Moses Bensabat Amzalak; Vice-presidente, Dr. Elias Baruel; 1.º secretário, Dr. Semtob Dreibratt Sequerra; 2.º secretário, Siegfried Hiller; Tesoureiro, Jaime Buzaglo; Vogais efectivos, Salomão Levy J.^{or}, Samuel Sorin, Abraham A. Levy, Dr. Moises Cagi Ruah, Samuel Pariente e Moises Ryten; Vogais substitutos, Joel Sequerra, W. Terlo e Samuel Sequerra.

Foi também sancionada pela Assembleia a escolha dos Parnassim da Sinagoga Shaaré Tikvá feita pelos seus Yehidim (contribuintes) e que foi a seguinte: Professor Doutor Moses Bensabat Amzalak, Abraham A. Levy, Haim Levy e Marcos Ezagui.

A Assembleia aprovou também por unanimidade as seguintes conclusões do relatório da Junta Directora transacto que não-de constituir bases do programa mais instantane do trabalho a realizar pelo novo Comité:

a) Promover que todos os israelitas residentes em Lisboa sejam contribuintes da Comunidade a fim de terem direito aos diversos beneficios concedidos pelo art. 4.º dos Estatutos da Comunidade;

b) Reorganização da Shehitá de molde a servir as actuais circunstâncias para o que se contratará um novo Shohet e pessoal técnico especializado;

c) Equilíbrio orçamental da Sinagoga Shaaré Tikvá pela actualização das quotas e pagamento separado dos lugares das senhoras e dos cavalheiros;

d) Aquisição no mais curto prazo do terreno confinante com o cemitério.

Hehaber — Esta prestimosa Associação da Juventude Israelita comemorou o seu 15.º aniversário com vários actos solenes, de 25 de Dezembro de 1940 a 5 de Janeiro de 1941, da seguinte forma:

Dia 25 de Dezembro — Competições desportivas inter-sócios, às 10 horas.

Dia 26 — Uma sessão solene comemorativa, que constou do seguinte: 1.º Acender as luzes de Hanucah; 2.º Abertura pelo Dr. Semtob D. Sequerra, Presidente do Hehaber; 3.º Ascarah em memória dos sócios falecidos; 4.º Misheberakh ao Hehaber; 5.º Entrega de Diplomas a sócios honorários e alfinêtes de honra por serviços prestados ao Hehaber; 6.º Discursos pelos Srs. Prof. Dr. Moses Bensabat Amzalak, Dr. Augusto d'Esaguy, Siegfried Hiller e Fritz Neumann; 7.º Cumprimentos ao Hehaber pelos representantes de várias organizações; 8.º Recitações em hebraico e português, etc., etc. Findou a sessão com os hinos «A Portuguesa» e «H'atikvah».

Dia 28 de Dezembro — Na Sinagoga Shaharé Tikvah, rua Alexandre Herculano n.º 59, um serviço religioso pela Juventude, às 16 horas. A's 22 horas, na sede do Hehaber, palestra sobre Hanucah pela Ex.^{ma} Sr.^a Doutora Sarah Benolie! em português e em Idish por D. Pesia Katzan; concêrto por Henrique Sadkovski, jovem violinista de 15 anos; recitações do Sr. Kurt Hant e no final o baile tradicional desta instituição.

Dia 30 de Dezembro — «Matinée» Infantil.

Dia 31 de Dezembro — Dia de propaganda do Hehaber — (visita de grupos de raparigas e rapazes a várias casas israelitas com o fim de Explicar o papel desta associação).

Dia 5 de Janeiro de 1941 — Exposição de Menoroth (candelabros) de Hanucah e de Shabbath e perfumadores, seguida de uma tarde músico-literária.

Lamentamos, por falta de espaço, não

podermos dar um mais longo relato destas festas, para as quais fomos gentilmente convidados.

PORTO

Festas de Rosh Ha-shanah, Kipur e Sukoth — Foram solenemente celebradas as festas de Ano Novo, Dia do Grande Perdão e das Cabanas na nossa Sinagoga, catedral do judaísmo no Norte de Portugal. A assistência numerosa. Ambiente de fé e de respeito. Tomaram parte em vários actos religiosos os Srs. Menasseh Bendob, Wormser e os morés maranos Samuel Rodrigues e Joseph Pereira Gabriel, e demonstrou as suas excelentes qualidades de tangedor de Shophar (busina litúrgica) o Sr. Samuel Goldmark.

Na festa das Cabanas foram usados lulabim e ethrogim, (palmas e cidrões) dos jardins da nossa sinagoga.

Em *Simhath Thorah* (festa da Alegria da Lei) houve uma distribuição de prendas às crianças, oferecidas pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Olga Warmbrum, distribuídas pelo Paul Platchek, acompanhadas por palavras paternas.

Festa de Hanucah — Realizou-se esta festa dos Macabeus na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, sendo oficiante o moreh marano Joseph Pereira Gabriel; as luzes de Hanucah foram acesas pelo Rev. Wormser, que depois das respectivas bênçãos cantou o hino desta festividade Maoz Sur, que depois foi também entoado pelo menino Alberto Szmulevicz, refugiado de guerra.

Houve um darush (homilia), feita pelo moreh Joseph Gabriel sôbre o significado da festa de Hanucah.

No final houve no recinto de festas um *Pôrto* de confraternização entre judeus portugueses e refugiados, usando da palavra o distinto publicista Sr. I. Grodenski, Sr. Menasseh Bendob, Cap. Barros Basto. Em seguida houve vários recitativos e cantos entoados por refugiados adultos e crianças, tendo decorrido a festa numa atmosfera de boa-amizade e confraternização.

Bar-Miçvah — Na Sinagoga do *Pôrto* fizeram a sua profissão de Bar-Miçvah

AS NOSSAS ESCOLAS

O Instituto Teológico Israelita do *Pôrto* (Yeshibah Rosh-Pinah) é um seminário destinado a preparar e educar os israelitas para o exercício de funções religiosas, servindo também como centro de estudos religiosos israelitas, destinado a difundir o conhecimento do judaísmo.

Realiza os seus fins por meio da lição, da palestra, da conferência, da revista, do livro, da excursão, da exposição, etc...

Constituem fundos do Instituto:

- a) Quotas de sócios protectores;
- b) Produto de venda de publicações;
- c) Quaisquer donativos, legados ou subsídios.

Neste ano de 1940, êste Instituto publicou as seguintes orações em língua portuguesa para uso de todos os que conheçam imperfeitamente a língua hebraica, nossa língua sagrada:

— Oração antes de deitar.

— Orações para a Véspera de Shabbath.

— Birkath Ha-Mazon (graças após a refeição).

— Hallel.

Ê Reitor dêste Instituto Teológico o Sr. Capitão Professor A. C. de Barros Basto.

O secretário e bibliotecário é o Sr. Joseph A. Pereira Gabriel, Moreh (preceptor israelita).

Escola Profissional Israelita Derekh Haïm (Caminho de Vida). Foi nomeado Director desta escola (em organização) o Sr. Davide Moreno; Moreh e engenheiro-auxiliar de construções e minas.

Escola Elementar Israelita Eben-Mussad (Pedra Fundamental). Foi nomeado regente desta escola o Moreh Joseph A. Pereira Gabriel.

(filho do preceito) atingindo a sua maioridade religiosa os seguintes jovens:

— No dia 21 de Dezembro: Willy Censor.

— No dia 28 de Dezembro: Zeeb Wax, Besiman Tob, Mazal Tob.

PORTUGAL TOLERANTE REFUGIADOS

Da parte católica:

Tendo falecido em Lisboa o Sr. Fortunato Carlos Abecassis, judeu praticante da religião dos seus antepassados, os seus empregados católicos da filial da sua casa comercial na cidade do Pôrto, mandaram a expensas suas rezar uma missa sufragando a sua alma; para prova do que afirmamos aqui se publica o respectivo anúncio, transcrito de *O Comércio do Pôrto*, do dia 17 de Novembro de 1940:

Fortunato Carlos Abecassis

Pela Gerência da Casa Abecassis (Irmãos) & C.^a, nesta cidade, é mandada rezar amanhã uma missa de sufrágio por alma do seu muito querido e saudável Chefe, Ex.^{mo} Sr. Fortunato Carlos Abecassis, falecido em Lisboa, no dia 10 do corrente.

Este piedoso acto tem lugar na Igreja dos Congregados pelas 8,30 da manhã.

Da parte evangélica:

O periódico evangelista *O Semeador Baptista*—Leiria, 15 de Novembro de 1940, publica o seguinte:

Quem é o meu próximo?

—«Deixe-o afogar-se! é um judeu». Assim gritava há pouco em Cracóvia, uma multidão de pessoas, reunidas à margem de um rio, onde, no meio de blocos de gelo, um jovem lutava pela vida. «Deixe-o afogar-se, não é mais que um judeu!» Este grito resume o sentimento de toda a

Beth-Ha-Midrash—Para que alguns refugiados israelitas do rito askenazy (Tudesco) fizessem as suas orações quotidianas segundo o rito a que estavam acostumados, a subcomissão portuense de assistência aos judeus refugiados, dirigida pelo Sr. Hans Warmbrunn, criou na Rua da Boavista n.º 276, um Beth-Ha-Midrash (oratório) para esse fim. A Comunidade Israelita do Pôrto (Rito Português) pela sua 6.ª secção—Somékh-Ha-Golím (Amparo dos Desterrados), forneceu um Sepher Thorah (Livro da Lei), um shofar (busina litúrgica), um Aaron Ha-Kodesh (uma arca de livros sagrados) uma mesa e dois castiçais de cobre.

Conferência—No domingo 29 de Dezembro, pelas 16 horas realizou-se no Beth-Ha-Midrash da Yeshibah Rosh-Pinah (Instituto Teológico Israelita) uma conferência feita pelo israelita norte-americano, Sr. S. A. Trone sobre a possibilidade de alguns refugiados se estabelecerem como colonos na República Dominicana (América Central) onde receberiam terrenos, alfaias agrícolas, etc. A conferência foi interessante e várias famílias de refugiados se inscreveram para o fim indicado pelo conferente.

Idade-Média em muitos que se dizem *crístãos*, ainda hoje, e para quem seu irmão «não passa de um judeu». Das margens do rio levanta-se um novo grito mesclado de imprecações: «Está a afundar-se, vai morrer!» Porém nesse momento outro jovem chega correndo, atravessa o povo que o procura deter; atira-se às águas geladas do rio; luta contra a corrente, e depois de mil esforços, de arriscar vinte vezes a vida, consegue trazer à margem o infeliz que ia morrendo. Como recompensa, a princípio não recebe mais que zombaria de todos os presentes. Mas logo depois faz-se um silêncio religioso. O público acabava de certificar-se de que o que se ia afogando não era judeu, mas sim o que o havia salvo das águas!

De *O Jornal Baptista*, do Rio de Janeiro.

Cronologia israelita

ANTES DA ERA
VULGAR

- 2200 — Missão de *Abraham*. Êle dirige-se da Caldeia para o país de Canaan, terra prometida à sua posteridade. Sacrifício de *Isaac*.
- 2000 — Um dos doze filhos de *Jacob*, *Joseph* torna-se ministro dum Faraó. — Os hebreus instalam-se no Egito e ali são reduzidos à escravidão.
- 1550 — *Moisés* liberta os hebreus da escravidão egípcia. Passagem do Mar Vermelho. Revelação da Lei (Thorah) no Sinai.
- 1500-1100 — *Josué* conquista o país de Canaan; as 12 tribos de Israel e os Juizes: Deborah, Guideon, Jephthah, Samsão, etc.
- 1100-1050 — O Juiz-profeta *Samuel*. Instituição da realeza. — *Saul*, primeiro rei.
- 1047-1027 — Reinado de *David*. — A Arca Santa transportada para Jerusalém.
- 1027-978 — Reinado de Salomão. — Construção do Primeiro Templo. — A realeza no seu apogeu.
- 977 — Revolta de *Jeroboam*. — O reino divide-se em dois: o de Israel (dez tribos, tendo—por capital Samaria) e o de Judah (2 tribos, capital Jerusalém).
- 920-900 — *Akab* e *Jesabel* reinam sobre Israel. — Os profetas *Elias* e *Eliseu*.
- 887-840 — *Atalia*, depois *Joas* reinam sobre Judah. — O grande sacerdote Zacarias.
- 752 — O profeta *Jonas* enviando a Ninive.
- 721 — *Sargon*, rei da Assíria, toma Samaria e põe fim ao reino de Israel. — Deportação e desapareção das 10 tribos.
- 727-609 — *Ezequias*, depois *Menasseh*, depois *Josias* reinam sobre Judah. — O profeta *Isaías*.
- 609-587 — O profeta *Jeremias*. — Reinado de *Sedecias*. — Nabucodonosor, rei dos Caldeus, destrói Jerusalém e o Templo.

— Fim do reino de Judah. — Deportações para o Cáucaso, para Arménia, e sobretudo para Babilónia. — Os hebreus sob o domínio assiro-caldaico.

- 587-539 — Cativo de Babilónia. — O profeta *Ezequiel*. — Fim do império Caldaico. — Os hebreus sob o domínio persa. — O profeta *Daniel*. — *Ciro* autorisa *Zerubabel* a reconstruir os muros e o Templo de Jerusalém, apesar da oposição dos Samaritanos.
- 473 — No reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia, os judeus escapam a uma perseguição graças à rainha *Esther* e Mardoqueu, que se vingam brutalmente dos seus inimigos.
- 398-385 — *Ezrah* e *Nehemias* reorganizam o Estado Judaico sob o domínio persa. — Êles obrigam os hebreus, que tinham desposado mulheres cananeias a divorciarem-se. — Governo dos Grandes-Sacerdotes. — A Grande Sinagoga e o Segundo Templo.
- 333-32 — *Alexandre o Grande*, rei da Macedónia, apodera-se da Palestina e destrói o império persa.



O que dizem de nós

O Sr. Dr. Salomão Stein, refugiado da guerra, que esteve no Pôrto e que tivemos o prazer de apreciar as suas qualidades intelectuais e de fino trato, tendo sido entrevistado em Nova-lorque pelo jornal *Der Morgen Journal* (Jewish Journal) disse como os refugiados judeus foram carinhosamente acolhidos pela população do Pôrto, tanto judeus como cristãos, referindo episódios impregnados de um grande sentimentalismo próprio dum coração agradecido à forma cativante como êle e outros foram acolhidos pelo bom povo da capital do Norte de Portugal.

Sentenças e Máximas Talmúdicas

Perdoai e Deus vos perdoará.

*

Aquêlé que recusa socorrer os pobres comete um pecado tão grave como a idolatria.

*

As trevas cercam aquêlé que espreita constantemente a ocasião de se fazer convidar para a mesa de outrem.

*

Deus eleva aquêlé que se humilha e abaixa o que se eleva.

*

O homem vê todos os defeitos, excepto os seus.

*

Aquêlé que difama incessantemente as famílias dos outros, mostra dessa forma que êle próprio é duma família pouco respeitável. Vós nunca ouvireis o elogio de outrem na bôca dum homem de baixo nascimento.—O Rabi Samuel acrescenta:—Aquêlé que maldiz dos outros descobre dessa maneira os seus próprios defeitos.

*

Adquirir um servo hebreu, é arranjar um amo para si.

*

Todos os princípios são difíceis.

*

Todo o orgulhoso é susceptível e todo o homem susceptível é tolo.

*

Um celibatário não é um homem.

*

O homem que não frequenta o templo, que existe na sua cidade, é um mau vizinho.

*

Aquêlé que tem ainda pão no seu cêsto e diz:—Que comerei amanhã? E' um homem de pouca fé.

*

Aquêlé que não ensina uma profissão a seu filho, ensina-o a roubar.

*

Deus não dispersou os israelitas senão para espalhar as suas crenças no meio das nações.

*

As orações que dirigis a Deus devem ser sempre curtas.

*

A calúnia mata três pessoas: mata o próprio caluniador, aquêlé que acolhe as palavras do caluniador e o caluniado.

*

Viver em celibato, é tão grave como praticar um assassinato.

*

Todos os israelitas são solidários uns dos outros.

*

Aquêlé que recusa prestar assistência a um doente é considerado como um assassino

*

Aquêlé que aceita a esmola sem estar necessitado será um dia forçado a mendigar; enquanto aquêlé que é necessitado e não recorre à caridade (mas se esforça por todos os meios a remediar-se com o produto do seu trabalho) será depressa em estado de socorrer os outros.

*

Aquêlé que pode impedir que um outro faça mal e se abstém disso é tão culpado como o próprio pecador.

*

O orgulho é o sinal vulgar da pobreza do espírito.

*

O jejum do dia de Kipur serve de expiação dos peccados cometidos contra Deus; mas não apaga as faltas cometidas para com o próximo, antes dête ter obtido a reparação.

*

Quando se entra numa cidade é preciso adoptar os seus usos.

*

E' preferível fazer do sábadô um dia de trabalho do que estender a mão à caridade.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 101)

TÍTULO LXXX

Das penas, que haverão os Judeus, se forem achados fora da Judaria depois do sino da Oração.

Na nossa Chancelaria foi achada uma Lei feita por El-Rei D. João meu Avô de gloriosa memoria, de que o teor tal é.

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal etc. A todos os Juizes, e Justiças dos nossos Reinos saude. Sabei que as Comunas dos Judeus dos nossos Reinos nos enviaram dizer, que elas recebiam mui grande agravo por uma Ordenação dos nossos Reinos, na qual era conteudo, que qualquer Judeu, que fôsse achado de noite fora da Judaria, fosse preso até nossa mercê, e perdesse os bens para nós; a qual pena era mui grave, e a Ordenação muito odiosa, por que de ligeiro podiam cair nas penas delas por suas necessidades, ainda que fosse sem culpa desses Judeus: e enviaram-nos pedir por mercê, que minguassemos de tal pena, e levantassemos a dita Ordenação, ou a revogassemos, e lhe posessemos outra qualquer que nossa mercê fosse, per que eles podessem viver.

2.º E nós vendo o que nos dizer, e pedir enviaram, aonde Conselho com os da nossa Corte, revogamos a dita Ordenação, e daqui em diante Ordenamos, e Estabelecemos, e pomos sobre elo tal Lei, que qualquer udeu de idade de quinze anos a cima, que for achado pela Vila, ou Lugar, onde for morador, depois que o sino da Oração fôr acabado de tanger, pela primeira vez pague cinco mil libras, e seja preso, e não solto até que as pague, posto que diga que não tem por onde as pague; e pela segunda vez pague dez mil libras da Cadeia, e não seja solto até que as pague, como dito é na primeira vez; e pela terceira vez seja açoitado publicamente, e feita nele a dita execução, seja solto sem pagando outra pena.

3.º E destas penas destes dinheiros seja a metade para o Alcaide da Vila, ou Lugar, que o prender ou dos Meirinhos da Corte, ou das Correções, se os eles prenderem, e acharem, a outra metade seja para os feitos dos presos pobres, que nesses Lugares

jazerem nas Cadeias; e se por outras pessoas forem achados, que não seja Alcaide, ou Meirinho, ou seus homens, damos-lhe poder que o possam prender, e acusar, e levem essa metade, que o Alcaide, ou Meirinho, ou seus homens haviam de levar, se por eles fossem presos.

4.º E esta Lei, e penas suso ditas não hajam lugar nestes casos; a saber, se algum Judeu vier de fora da Vila de caminho, ou de alguma Quinta, ou lugar, e lhe anoitecer no caminho, que possa vir caminho direito para a Judaria.

5.º Outro si se algum andar caminho, e de noite chegar a algum Lugar, e a tais horas, que a Judaria já seja cerrada, que possa dormir na Vila em Estalagem, ou em outra pousada, onde dormirem outros homens.

6.º Item. Se vier em barca por mar de noite, que possa sair onde a barca portar, e ir-se seu caminho direito para a Judaria, onde a houver, ou para outra casa, ou Estalagem, onde alguns Cristãos estiverem, para aí com eles dormir.

7.º Item. Se algum Judeu tiver quinta, ou Lugar fora da cidade, ou Vila, ou Lugar, onde Judaria não houver, que possa estar em seu lugar, e de noite requerer, e buscar aqueles, que o houverem de ajudar a adubar seus bens, e fazer as coisas, que lhe cumprem, com tanto que os não achem dentro em casas com mulheres Cristãs, não estando aí seus maridos, ou outros homens de seu devido.

8.º Item. Se em tangendo o sino lhe acontecer estar em algum Lugar dentro da Cidade, ou Vila, e ele como ouve o sino vem seu caminho direito para a Judaria, ou casa onde pousar, se aí Judaria não houver, que não seja preso, posto que a Oração seja dita antes que ele aí possa chegar.

9.º Item. Se algum Judeu for chamado de alguma tal pessoa, que deva ir a sua casa, ou lhe for grande necessidade ir

lá por coisa, que ao Cristão, ou Judeu seja mister, que possa lá ir, com tanto que leve candeia, e Cristão consigo em quanto for, e vier pela Vila; e assim o possam fazer Fisicos, ou Cirurgiães, ou outros Mesterais, se para seus Officios, e Misteres forem chamados.

10.º Item. Que fora das Vilas, e Lugares possam andar caminho de noite, e atravessar por essas Vilas, se o caminho por aí for.

11.º Outro si se alguns Judeus forem rendeiros das sisas de El-Rei, que possam andar, e guardar, e arrecadar suas rendas de noite, com tanto que tragam consigo Cristãos, e os não acharem em casa suspeita.

12.º Nos quais casos queremos, e mandamos que esta nossa Lei não haja lugar, e isto possam eles fazer sem receio da pena suso dita. E porem vos mandamos, que assim a façades daqui em diante cumprir, e guardar, e não consintais a nenhum, que contra ela vá em nenhuma guisa que seja: unde al nom façades. Dado na cidade de Lisboa a doze dias de Fevereiro. El-Rei o mandou por João Mendes Corregedor na sua Corte. Era de mil-e-quatrocentos e cincoenta anos.

13.º Item. Nos foi mostrada uma Carta de El-Rei D. Eduarte meu Senhor, e Padre de louvada memoria, per que ordenou, e mandou que em todos os casos suso ditos, e cada um deles, em que o Judeu devesse sendo achado depois do sino da Oração fora da sua Judaria, vindo de fora da Vila, de ser relevado da pena contida em a dita Lei, em todos deve ser relevado -saindo-se da sua Judaria ante-manhã de madrugada para alguma parte fora da Vila, ou Lugar, onde for morador; porque parece ser a razão igual daquelle, que de madrugada sair da Judaria para fora da Vila por alguma necessidade evidente á de aquele, que vindo de fora da Vila por semelhante necessidade chega de noite depois do sino da Oração á Vila, e Judaria onde é morador.

14.º A qual Lei, e Carta suso ditas, por nós vistas, e examinadas havemos por boas, e mandamos que se guardem como nelas é conteudo.

Judeus do velho Pôrto

Abraham Farrar ou Ferrar — médico e poeta português; nasceu no Pôrto, morreu em Amsterdam em 1663. Depois de exercer clínica em Lisboa, Farrar emigrou para Amsterdam, onde êle veio a ser (1639) Presidente da Comunidade Portuguesa. Êle era sobrinho de Jacob Tirado, o fundador da Congregação Portuguesa Beth Yáakob em Amsterdam. Aqui Farrar criou a amizade de Rabi-Menasseh Ben-Israel (Manuel Dias Soeiro) o qual lhe dedicou o seu «Thesouro dos Dinim». De Ferrar «Declaração das Seiscentas e Treze Encomendas da Nossa Santa Ley» (Amsterdam 1627) é uma interpretação poética do «Tariag Mizvot» em verso português.

Êle chama-se a si próprio «Judeu do destêrro de Portugal». Barros «Relacion de los poetas», págs. 53, diz erradamente que êle escreveu em espanhol, quando êle escreveu em português.—Farrar (Abraham) —*Jewish Encyclopedia*.



Conferência sôbre maranos na Suíça

No domingo, 10 de Novembro, em Lucerna (Suíça), no salão da Comunidade Israelita, promovida pelo Grupo Misrahi, realizou-se uma conferência intitulada «Os Maranos de ontem e de hoje» (A história como mestra), sendo conferente o Sr. Dr. Hans Klee. O brilhante e sugestivo orador foi muito aplaudido.

Lembramos aos nossos leitores que o Sr. Dr. Hans Klee esteve em princípios de 1938 entre nós.

Visado pela Comissão de Censura

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

תלפיד

*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRES NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Rabi Abraham Zacuto, astrónomo e historiógrafo, foi
um propulsor científico para a criação
do Império Colonial Português



Cristóvão Colombo, o descobridor da América,
visita Zacuto no seu gabinete de trabalho,

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 102)

TÍTULO LXXXI

De como o Rabi-Mor dos Judeus, e outros Rabis devem usar de suas Jurisdições

El-Rei D. João meu Avô de louvada memoria em seu tempo fez Lei, de que o teor tal é.

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta Carta virem fazemos saber, que perante nós apareceram os Procuradores das Comunas dos Judeus da Cidade de Lisboa, e outros Judeus de nossos Reinos, e se agravaram de D. Judah Cohen nosso Rabi-Mor, e deram dele muitos Capítulos dizendo, que lhes fazia muitos agravos, e sem razões, usando do dito Officio como não devia, e tomando conhecimento dos feitos, e coisas, que a ele não pertenciam.

2.º E por tirarmos dentre eles contendas, fazemos perante nós vir os privilegios, que por nós foram dados a Mestre Mousem que foi nosso Rabi-Mor, por quanto o nós demos ao dito D. Judah pela guisa que o havia o dito Mestre Mousem: Outro si fazemos vir Sentenças, e Cartas, e privilegios, que as Comunas sobre isto haviam, e as Ordenações feitas por El-Rei D. Pedro nosso Padre, e de El-Rei D. Fernando nosso Irmão, a que Deus perdoe, para vermos a juridição, que os Rabis houveram até agora, e como o Rabi ora dela havia de usar. E visto tudo, fazemos uma Ordenação, que se adiante segue, na qual declaramos o livramento, e juridição que o Rabi ha-de haver, e como ele, e seus Ouvidores dela hão-de usar.

3.º Primeiramente mandamos a todos os nossos Juizes, e Corregedores das Comarcas, e Desembargadores, e Sobre Juizes, e Ouvidores, que não conheçam de nenhum feito Civil, nem Crime, que seja entre Judeu, e Judeu de qualquer estado, e condição que seja, nem dê Cartas nenhumaas direitas, nem outras; e se as derem, mandamos, e defendemos aos nossos Chanceleres, que as não selem; e se as derem, ou forem seladas dos nossos sêlos, mandamos que não valham, nem façam por elas obra,

e estes que as derem sejam tidos de pagarem a nós os nossos encoutos; por quanto é nossa mercê, que todos os feitos de qualquer maneira que sejam entre Judeu, e Judeu, sejam vistos, e desembargados por ele, ou por seus Ouvidores, e selados do nosso sêlo, que o dito Rabi-Mor trouxer.

4.º E outro si mandamos, e defendemos a todos os Judeus dos nossos Reinos, que não quebrem, nem denunciem, nem demandem uns aos outros perante nenhuma Justiça das suso ditas, salvo perante o dito Rabi-Mor, ou perante seus Ouvidores, ou perante os Rabis das Terras, sob pena de nos pagarem mil dobras d'ouro; e aquele, que contra isto fôr, mandamos ao Rabi-Mor que o prenda, e tenha prêso até que pague a dita pena.

5.º Item. O Rabi-Mor trará um nosso sêlo feito das nossas armas, assim como o são os outros nossos sêlos das Correições, e as letras dele digam: SÊLO DO RABI-MOR DE PORTUGAL, e êsse sêlo seja dado a um Cristão, ou Judeu, que com o Rabi-Mor ande, de boa fama, e condição, e o traga, e seja Chanceler; e com êsse sêlo sejam seladas todas as Cartas, sentenças e desembargos, que pelo dito Rabi-Mor, ou por seu Ouvidor, que com ele andar, forem assinadas; e levem de Chancelaria pela tausação da nossa Chancelaria.

6.º Item. Nas Comarcas por nós diante divisadas, onde hão-de ser postos Ouvidores pelo dito Rabi-Mor, será dado a cada Ouvidor um sêlo das nossas armas, e as letras em redor dirão: «Sêlo do Ouvidor das Comunas d'Entre Douro e Minho», e assim das outras Comarcas: e êste sêlo seja dado pelo Rabi-Mor a um judeu, ou Cristão, que seja morador no Lugar, onde o Ouvidor houver de estar, que seja bom, e de boa fama, e condição e as sele com o dito sêlo todas as Sentenças, e desembargos, que por ele passarem.

7.º Item. O Rabi-Mor trará sempre consigo por onde andar um Ouvidor, que

seja Judeu, Letrado, e de boa fama, e condição, que ouça os feitos, que a ele pertencer, e que ele por si desembargar não puder.

8.º Item. O Rabi-Mor dará todas as Cartas direitas nos feitos civis, que forem entre Judeu, e Judeu, as quais Cartas serão feitas em nosso nome, e assinadas por ele, ou por esse seu Ouvidor, que ele para elo trazer, e seladas do nosso sêlo, que ele trouxer, e não do seu.

9.º Item. Todas as Cartas, que por ele passarem, onde a causa, sobre que se dão, fôr finda, em que não ha mais distinção, ou Cartas de Confirmações de Rabis das Comunas, ou doutros Officiais, que a eles pertençam de confirmar, ou Cartas direitas, por que se faça direito, e justiça, serão em nosso nome, como suso dito é: e as outras que são Cartas testemunhais, ou de agravos, ou frontas, ou protestações, que perante ele forem pedidas, de que ainda a nós pertença o conhecimento de sôbre seu livramento, ou mandado havermos de corregger, sejam dadas pelo Rabi-Mor em seu nome poendo seu ditado: Judah Cohen Rabi-Mor por meu Senhor El-Rei das Comunas dos Judeus de Portugal, e do Algarve. A quantos esta Carta virem, ou ouvirem. A vós Rabi de tal Lugar, segundo em êsses livramentos requerer; e serão seladas do dito nosso sêlo.

10.º Item. Não dará Cartas de segurança, salvo naqueles casos, que as dão aos Corregedores das Comarcas, que por nós são postos; e as que assim der, serão dadas em seu nome, e não no nosso, pondo o ditado: Judah Cohen etc. A vós Rabi da Comuna dos Judeus de tal Lugar. Sabei que eu seguro F. que está perante vós a direito, etc. Segundo a forma das Cartas de segurança.

11.º Item. Quando chegar a algum lugar, onde nós não formos, será Correição por esta guisa; mandara aos Tabeliães, que venham perante ele, e pedir-lhes-ha os estados, assim os gerais com acordo dos Officiais, e homens bons das Comunas onde fôr, desembargará, e os especiais corregerá, mandando prender aqueles, que culpados forem, e entregá-los-ha aos Rabis, que façam deles direito, e justiça.

12.º Item. Mandará apregoar, que se a houver alguns, que recebessem mal, ou sem razão dos Rabis, e dos Vereadores, e dos ou-

tros Officiais da Comuna, ou de alguns poderosos, que vão a ele, e que lho será corregger.

13.º Item. Depois que isto fazer fizer, ele, ou aquele seu Ouvidor, que com ele andar, sente-se na audiencia com os Rabis, e veja os feitos, que perante eles andam, e faça-os logo desembargar sem delonga nenhuma; e se achar que alguns desses feitos são detidos por mingua dos Rabis, faça-os logo desembargar, e pagar pelos bens dos Rabis as custas ás partes, que por sua mingua em êsses feitos fizeram. E o Rabi-Mor, ou seu Ouvidor, que assim com ele andar, não terá nenhum desses feitos em si para os desembargar; nem tomará conhecimento de nenhum feito civil, nem crime por nova citação, ou por simples querelas, salvo se fôr dos Rabis, e Vereadores, Procuradores, e Tabeliães, e doutros Judeus poderosos, de que os Rabis dos Lugares sem malicia, e engano disserem, que não podem fazer direito, e justiça; e estes feitos destas pessoas, de que lhe damos conhecimento, faça em guisa, que os livre nos Lugares, onde os ele achar, e não tire dal; e se os livrar não puder em quanto fôr nos Lugares, cometa-os a um homem bom Judeu do Lugar, onde os feitos forem, ao mais prazer das partes que o fazer puder; e se o al tal não puder achar, cometa-os no primeiro Lugar, e mais a cerca do Lugar onde as partes forem moradores, aos Rabis desse Lugar, ou a um homem bom Judeu, em que se as partes louvarem, ao qual, ou aos quais assinarão tempo combinavel a que os possam livrar, para haverem acabamentoo qual devem sem dano das partes.

14.º Item. Não tomará conhecimento de nenhuns feitos de almotaçaria, porque é isenta dos Concelhos.

15.º Item. Não tomará conhecimento por nova citação, nem por simples querela, nem por agravo, nem por apelação de nenhuns feitos de injurias verbais, porque o conhecimento destes feitos pertence aos Rabis das Comunas de os ouvirem, e livrarem com os Vereadores, e por eles serem findos; salvo naqueles casos, que são entre as pessoas contidas na Ordenação do Reino feita sobre tal razão.

16.º Item. Saberá como estão os bens dos Orfãos em seus tempos, e em cuja mão, e guarda; e fará tomar, ou tomará conta a seus Tutores, e Curadores; e aos que tutores, e Curadores não tiverem, mande

aos Rabis que lhes dê até ao dia certo, e sob certa pena.

17.º Item. Tomará, ou mandará tomar, em quanto nesse Lugar estiver, as contas dos bens das Comunas aos Procuradores, e Tezoueiros, e fará por em recadação todas as rendas, e dinheiros, e bens deles; e os que achar devedores mandá-los constranger por seu Porteiro, que paguem o que assim deverem: e para tomar estas contas não os levará fora do Lugar, ou Lugares.

18.º Item. Aqueles que forem dados em estados, e merecerem de ser presos, mandá-los-ha prender; e como forem presos, entregá-los-ha aos Rabis dos Lugares, como dito é; e os que prender não puderem, deixá-los-ha em rol a esses Rabis, e mandar-lhes-ha que os prendam; e se achar depois que esses Rabis são nisso negligentes, que os escarmente, como achar que é direito.

19.º Item. Constrangerá, e mandará constranger as Comunas, que tenham Letrados para ensinar nos Lugares, onde se costumou de os haver, e assim Capelães tantos, como se sempre acostumou; e se essas Comunas não puderem achar esses Letrados, e Capelães pelos preços, que entenderem que é razão, que o Rabi-Mor constranja esses Letrados, e Capelães, que sirvam, e lhes faça dar as soldadas, que ele com os Rabis, e Vereadores, e homens bons Judeus por juramento acharem, e acordarem que merecem outras pessoas.

20.º Item. Nem esmolas o Rabi-Mor não fará, nem mandará fazer, nem despende dos bens das Comunas contra suas vontades.

21.º Item. Fará, e mandará fazer, e correrger calçadas, ou Edifícios publicos, ou privados, se os aí houver.

22.º Item. Nos Lugares, onde El-Rei for, o Rabi-Mor não fará correição, porque a correição nesses Lugares pertence ao Corregedor da Corte, que ha poder de correrger sobre todos os Officiaes, e Senhores do Reino; e o Corregedor fazendo correição, ou sendo chamados perante êle algumas das pessoas poderosas suso ditas, e o Rabi-Mor aí fôr, remeta-os a ele, ou a seu Ouvidor, que com ele andar, e mande-lhe que as desembargue logo sem delonga, e assim aos que mandar prender; e se o Rabi-Mor, ou seu Ouvidor forem negligentes, e os não desembargarem como, e aos tempos que devem, que lho escarmente como vir que é

direito; e nas outras coisas o Corregedor fará correição segundo a seu Officio pertence.

23.º Item. O Rabi-Mor não porá, nem fará nenhum Rabi em nenhum Lugar; e se foram postos, sejam logo revogados; e as Comunas façam, e tirem os Officiaes por pelouros, segundo é contendo na nossa Ordenação; e os que saírem por Rabis, venham ao Rabi-Mor com a eleição, e confirme-a em cada ano; e ele lhes dê disso cartas feitas em nosso nome assinadas por ele, ou pelo seu Ouvidor, que ele trouxer consigo, e seladas com o dito nosso sêlo.

24.º Item. Para os feitos das Comunas serem bem desembargados, e as partes não fazerem grandes despezas, mandamos ao Rabi-Mor que ponha um Ouvidor na Cidade do Porto para os de Entre-Douro, e Minho; e outro na Torre de Moncorvo, para os de Trás-os-Montes; e outro em Vizeu para os da Comarca da Beira d'aquem da Serra; e outro em Covilhã para os de Ribas de Coa pela Serra além até contra o Tejo; e outro em Santarem para os da Estremadura; e outro em Evora para os de Entre-Tejo, e Odiana; e outro em Faro para os do Algarve, e mais não; e se outros mais, ou em outros Lugares são postos, sejam logo revogados. E esses Ouvidores haverão cada um seu Escrivão Cristão, ou Judeu, que seja de boa fama, e que saiba bem escrever, e servir o Officio, jurando que tenha segredo nos feitos, que com ele falarem, e que bem e directamente use do dito Officio; e leve das Escrituras seu direito, e guarde as Ordenações, que são dadas dos Escrivães da nossa Corte. E assim traga o Rabi-Mor consigo um Escrivão jurado Cristão, ou Judeu, que saiba bem ler, e escrever, e seja de boa fama, e tal que bem e directamente use do dito Officio; e este escreva todos os desembargos, e feitos, e livramentos, e Escrituras, que o Rabi-Mor, ou o Ouvidor, que com ele andar, desembargarem, e mandarem fazer.

25.º Item. Estes Ouvidores não tomem conhecimentos de nenhuns feitos, salvo daqueles, que das Comarcas devisadas a cada uns vierem por agravo, ou por apelação; nem dêem cartas, nem outros desembargos, salvo o que a êsses feitos pertencerem; e as cartas, que assim derem, sejam dadas em nome do Rabi-Mor, como suso dito é, e não em nosso nome; e outro si

o Rabi-Mor, nem seus Ouvidores por nenhuns feitos não porão excomunhão, nem pena d'excomunhão, salvo naqueles casos, em que os seus direitos a mandam pôr, em que se outra execução não requiere, nem se pode fazer.

26.º Item. O Rabi-Mor não dê cartas de graça, nem de mercê, nem privilegios, porque alguns sejam escusados de pagar fintas, nem talhas, servir com as Comunas, nem outras nenhuma, que não sejam direitas; e as que dadas têm sejam revogadas; e se as mais der, que não valham, nem se faça por elas obra.

27.º Item. O Rabi-Mor, nem seus Ouvidores não dêem Alvarás, porque mandem fazer alguma coisa, que a direito, e justiça pertença; e guarde a Ordenação, em que isto é defeso aos nossos Officiais, e dê deles cartas, como suso dito é; e se contra isto alguns Alvarás der, que lhos não comprâm, nem se faça por eles obra.

28.º Item. Mandamos ao Rabi-Mor, que as cartas, que der sejam bem vistas, e examinadas em tal guisa, que sejam direitas, que por elas não seja feito prejuizo ao direito das partes, nem defenda nelas que não recebam agravos, nem apelações; se as der, que os Rabis, e Justiças, sem embargo de tais cartas, conheçam dos feitos, e ouçam as partes, e recebam as razões, e embargos lidimos, que cada um alegar, e dêem agravos, e apelações nos casos, que os com direito, e Ordenação do Reino devem dar.

29.º Item. Mandamos, e defendemos ao Rabi-Mor e seus Ouvidores, que não prendam, nem mandem prender, nenhuns, salvo se deles ouverem querelas juradas, e testemúnhas nomeadas, e em tais feitos, que segundo a Ordenação do Reino o devem ser; e antes, nem depois que presos forem, não tirem, nem mandem tirar inquirição devassa sobre nenhum, salvo se fôr nos casos, em que se deve tirar; e guardem nisso as Ordenações do Reino.

30.º Item. Os feitos, que nas terras, perante o Rabi-Mor forem ordenados, mandamos que se tenha neles tal regra, a saber. Que nos feitos crimes os Rabis dos Lugares os ouçam, e desembarguem, e das sentenças, que derem, dum agravo, ou apelação para o dito Rabi-Mor; e se a parte não quizer agravar, ou apelar, que apelem eles pela Justiça; e do Rabi-Mor venham êsses agravos, ou apelações a nós, e não fique nenhum

feito crime, em que a Justiça segundo direito e Ordenação do Reino haja lugar, findo por seus livramentos, mas em tôda a guisa venham a nós. E nos feitos civis, que os Rabis dos lugares desembargarem, se alguma parte agravar, ou apelar, vão estes agravos, e apelações ao Rabi, ou a seus Ouvidores; e se das Sentenças, que eles derem, a parte apelar, ou agravar, que lhes dêem êsses agravos, e apelações para nós, e se as partes agravar, ou apelar não quizerem, dêem-lhes essas Sentenças, e livramentos em cartas feitas em nosso nome, e seladas do nosso sêlo, como dito é, quando passarem pelo Rabi-Mor, ou pelo Ouvidor, que ele consigo trouxer; e as que forem dadas pelos outros Ouvidores das Comarcas, sejam feitas em seus nomes, e do Rabi com os ditados suso escritos, e mandem por elas fazer obra, e execução, assim como por nossas Sentenças.

31.º Item. As apelações, e agravos, que assim houverem de vir ao Rabi-Mor, venham aos ditos Ouvidores, segundo as Comarcas forem; e das Sentenças, que eles derem, não venha mais agravo, nem apelação ao Rabi-Mor, mas venham logo sem outro meio a nós: porem se o Rabi-Mor estiver na Comarca, as apelações, que vierem por onde ele estiver, e houverem de passar por aí, e forem ao Ouvidor, que na Comarca estiver, o Rabi-Mor as ha-de tomar, e livrar por si, ou por seu Ouvidor, que consigo trouxer, e dele apelar, ou agravar para nós, segundo dito é.

32.º Item. Dos feitos, que pelo Ouvidor, que consigo trouxer, forem desembargados, de que a ele pertence o conhecimento, como suso dito é, não devem receber agravo, nem apelação para o Rabi-Mor, mas logo dele hão-de vir a nós.

33.º Item. Mandamos, que o Rabi-Mor tenha Porteiro jurado, que faça as penhoras e execuções pelas Sentenças e livramentos, que ele, ou seu Ouvidor der: outro si que ele pelos direitos, e rendas, que a seu Officio pertencem, possa mandar penhorar nos bens dos Officiais das Comunas; e se esses houverem alguma razão a não pagarem, que a venham, ou enviem mostrar perante ele; e se ele disso não quizer conhecer, possam dele apelar, e agravar para nós, e ele delhes o agravo, ou apelação em tal caso: e doutra guisa contra direito não mande penhorar, nem constringer, porque será tido a lh'o corrigir. E quando é por algumas dividas,

se lh'as alguns deverem, cite os devedores perante os Rabis dos Lugares, e siga seu direito perante eles, como é mandado nas outras pessoas, e feitos.

34.º Item. Se acontecer, que alguns Ouvidores do Rabi-Mor sem ordem de Juizo fizerem alguns agravos a algumas pessoas, esses agravos venham perante o Rabi-Mor, e digam-lhe o agravo, que lhes seu Ouvidor fez, e se lho não quizer corrigir, então venham a nós, e faremos-lhe direito: e quanto é dos que se sentirem agravados dele, ou do Ouvidor, que com ele andar, ou dos outros Officiaes, que ele consigo trouwer, possam vir a nós, ou ao Corregedor da nossa Corte, que é seu Juiz, a que pertence em nosso nome o conhecimento deles, e faremos-lhe direito sem embargo da pena das mil dobras, que lhe é posta.

35.º Item. Mandamos ao Rabi-Mor, que não traga consigo, nem por ele onde andar, cadeia nenhuma; e os que presos houverem de ser, posto que sejam das pessoas, de que ele deve haver conhecimento, faça-os ter, e guardar nas prisões das Comunas dos Lugares, onde ele estiver.

36.º Item. Mandamos aos Rabis das Comunas, que vejam as Sentenças, e mandados, e desembargos, que forem dados pelo dito Rabi-Mor, ou por seus Ouvidores, e que os cumpram e guardem, e façam por

eles obra, segundo neles fôr conteudo; e se o eles fazer não quizerem, mandamos ás nossas Justiças dos Lugares, a que as ditas Sentenças, e desembargos forem mostrados, que os cumpram e guardem, e façam cumprir como neles fôr conteudo, com tanto que sejam daqueles, que são conteudos nesta nossa Ordenação; e se contra ela forem, mandamos e defendemos a todos os Rabis, Juizes, e Justiças, que as não cumpram nem guardem, nem façam por elas obra nenhuma.

37.º E Mandamos ao Rabi-Mor, e aos ditos seus Ouvidores, que vejam a dita Ordenação, e a guardem como nela é conteudo, e não façam, nem mandar fazer coisa alguma contra ela para que sejam certos, que se o contrário fizerem, que lho faremos pagar por seus bens, e corrigir os danos, e custas aos danificados, e mais estranhar-lho-hemos nos corpos, e bens como aqueles, que não cumprem mandado de seu Rei, e Senhor: *unde al nom façades*. Dada na mui Nobre, e leal Cidade de Lisboa a três dias do mês de Maio. El-Rei o mandou por Johane Meendes Corregedor na sua Corte. Fernam Vaasques a fez Era de mil e quatrocentos e quarenta anos.

37.º Item. A Qual Lei vista por nós, mandamos que havendo aí Rabi-Mor, que se guarde como nela é conteudo.

Sentenças e Máximas Talmúdicas

Aquêlê que se abstém de pedir a Deus pelo seu próximo comete um pecado.

*

Aquêlê que pode ocupar-se do estudo da Lei sagrada e disso se abstém atrai sôbre si grandes dores.

*

Deus dá sofrimentos àquêles que ama.

*

Se conheceis uma pessoa que tem por costume cumprimentar-vos, trata de a cumprimentar em primeiro lugar.

*

Se suportais em silêncio as maldades que vos faz o vosso próximo, o próprio Altíssimo vos fará justiça.

O homem que, durante quarenta dias, não tem algum aborrecimento, nada tem a esperar de bom no mundo futuro.

*

O cão, quando tem fome, devora os seus próprios excrementos.

*

Um objecto que serviu para uso sagrado não deve ser empregado para uso profano.

*

Quando a dispensa está vazia, a discórdia bate à porta e entra.

*

O operário queima a língua com a colher que êle próprio fabricou.

O pobre tem fome sem que o saiba.

*

Quando estás a fazer oração, repara diante de quem estás.

*

Não preguntes o preço dum objecto quando não tens intenção de o comprar.

*

Não se deveria confiar uma escola a um professor celibatário.

*

O vinho só foi criado para consolar os aflitos.

*

Os sábados e as festas foram instituídos para que se possa consagrar ao estudo da Lei e às meditações sagradas.

*

Que as orações que dirigis a Deus sejam sempre curtas.

*

Não é o jejum e o cilício que trazem o perdão, mas o arrependimento e as boas obras.

*

Não deixes as inquietações entrar no teu coração, porque elas já mataram os homens mais fortes.

*

Não te embriagues e não pecarás.

*

Não te encolerizes e não pecarás.

*

Não é o rato que é o ladrão, mas o buraco (onde se esconde) que é o verdadeiro ladrão.

*

O coração do homem muda o seu rosto, para bem ou para mal.

*

Estudai primeiro, depois discuti.

O sábado foi dado para vós e não vós para o sábado.

*

Antes de pensar em casar, é preciso construir uma casa e procurar um pedaço de terra.

*

Quando se pratica uma boa acção, é preciso praticá-la com alegria.

*

Os jovens alunos aguçam o espírito dos seus mestres; perante eles são como a lenha miúda que é necessária para acender a lenha grossa.

*

Não elogies exageradamente o teu amigo, porque, à força de dizer bem dêle, acabarás por revelar os seus defeitos.

*

Os louvores a Deus devem ser recitados sempre antes das súplicas.

*

É preciso sempre expressar-se em termos decentes.

*

Não se deve nunca demorar o cumprimento dum boa acção.

*

Não esperes, para orar a Deus, que estas em aflição.

*

Excitai sempre em vós o bom génio contra o mau; e se o génio bom não parece sair vitorioso da luta, entregai-vos à oração e às meditações sagradas: se este meio não é ainda eficaz, pensai então no dia da morte, e o génio bom triunfará.

*

Esforçai-vos para terdes com que festejar, convenientemente o dia de Shabath.

*

É preferível fazer um trabalho vil e nojento do que estender a mão à caridade.

NECROLOGIA

DR. ALFREDO BENSÁUDE

No dia 2 de Janeiro de 1941 faleceu este nosso correligionário, ilustre cientista e antigo Director do Instituto Superior Técnico de Lisboa.

O *Primeiro de Janeiro*, do dia 4 dêsse mês, publica as seguintes notas biográficas dêste notável israelita português:

* — Natural de Ponta-Delgada, na ilha açoreana de S. Miguel, o Dr. Alfredo Bensaúde ali nasceu em 1856, contando, portanto, 84 anos de idade. Pedagogo de extraordinário merecimento e cientista de prestigioso renome, bem cedo nêle se revelaram as qualidades intelectuais que haviam de impô-lo como figura de grande destaque entre os mais doutos investigadores do seu tempo. Filho primogénito do opulento e activo industrial que foi José Bensaúde — introdutor da cultura do tabaco e das indústrias de chá e de ananases naquela ilha — foi enviado por seu pai à Alemanha, a fim de ser ali educado.

Alfredo Bensaúde iniciou, então, os seus estudos, frequentando as classes preparatórias da Escola Técnica Superior do Hanover, passando dali para a Escola de Minas de Claustal e terminando os seus estudos na Universidade de Gottenburgo. Com 25 anos apenas, foi-lhe concedida, pela mesma Universidade, a medalha de ouro, pela tese que apresentou sobre cristalografia, e que o govêrno alemão publicou por sua conta, com um prefácio em que se dizia que fôra «resolvido um problema perante o qual parecia ter estacado a ciência».

Convidado, sucessivamente, para subdirector do Museu de Hamburgo e para «privat docent» da

Universidade de Friburgo, preferiu vir para Lisboa e exercer as funções de professor do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa e de preparador da Escola Politécnica.

Mineralogista notável, engenheiro, professor de ciências naturais, era tão grande a sua reputação, que, em 1910, o Dr. Brito Camacho, Ministro do Fomento do Govêrno Provisório, o convidou para remodelar o Instituto onde era professor, para criar o Instituto Superior Técnico.

Educador e mestre experientíssimo de sucessivas gerações de alunos daquele estabelecimento de ensino, o erudito pedagogo foi também um excelente crítico e apaixonado coleccionador de obras de Arte. Após a morte de seu pai, em 1922, regressou à sua terra natal e assumiu a administração das suas propriedades agrícolas e da sua casa industrial. Mais tarde, em 1935, encontrou-se, pela última vez, em Lisboa, com os seus irmãos: — Joaquim Bensaúde, notável investigador das cousas náuticas portuguesas e Rafael Bensaúde, que, como médico em Paris, conquistou fama mundial.

Foi autor de numerosos trabalhos de erudita investigação científica. Há poucos anos, e como justa homenagem à sua obra, foi honrado com o título de director honorário do Instituto Superior Técnico, tendo, nessa altura, recebido as maiores provas de afecto e de consideração dos seus antigos colegas e alunos e das pessoas mais representativas do País e de muitos homens de ciência estrangeiros. Era condecorado com a Ordem de Santiago e possuía outras vèneras estrangeiras de grande categoria.

O Dr. Alfredo Bensaúde era viúvo da ilustre escritora Jane Bensaúde, autora de obras de educação e recreio para crianças; pai da Sr.^a Dr.^a D. Matilde Bensaúde, nome também ilustre na ciência e directora dos Serviços Fitopatológicos do Ministério da Economia Nacional e do Sr. José Bensaúde, que se encontra em Nova-Iorque, onde fêz parte da nossa delegação à Exposição Internacional; e tio dos Srs. Jacques, Dulmann e Vasco Bensaúde. *

Não admittas na tua casa um grande número de pessoas íntimas.

*

Respeitai sempre a autoridade superior do vosso país.

*

É preciso sempre respeitar o público.

*

É preciso sempre ser amável com toda a gente.

*

Que a vossa linguagem e o vosso trato com o vosso próximo seja atraente e gracioso,

Se a vossa mão esquerda repele, que a vossa dextra atraia.

*

Conforme o camelo assim será a carga.

*

Tal é o jardim, tal é o jardineiro.

*

Gasta com a mesa conforme a tua fortuna; sê um pouco mais gastador com os teus vestidos; mas reserva os gastos maiores para o teu alojamento.

Visado pela Comissão de Censura

Tudo se ilumina
para aquêta que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלֵּפִיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — Pôrto

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

Os judeus refugiados na cidade do Pôrto

organizaram os trabalhos de manipulação e cozedura do «pão ázimo», que deverá ser comido durante a Páscoa dos hebreus

Coincidindo com o comêço da lua-cheia, celebrar-se-á em todo o mundo israelita, de 11 a 18 do próximo mês de Abril, a quadra festiva e soleníssima da Páscoa dos hebreus—que, para os prosélitos daquela crença religiosa, constitue também um acontecimento deveras notável, sob os pontos de vista histórico, social, familiar e agrícola. Relembram-se, assim, numa tradição multi-secular e com um ritual caprichosamente votivo, as tormentosas vicissitudes do duro cativo e da escravidão servil que o povo hebraico suportou no Egipto, até o advento glorioso da hora suprema do seu resgate, da sua liberdade e da sua independência...

Segundo a narrativa bíblica, os inimigos dos israelitas sofreram depois o terrível

flagelo das dez pragas, que, num cortejo apocalíptico, devastaram e cobriram de luto e de miséria o antigo reino dos Faraós. Baixou, então, à Terra o «anjo exterminador», que, numa só noite, feriu de morte todos os primogénitos das famílias egípcias. A intervenção dêsse poder sobrenatural favoreceu ainda o povo hebreu, quando, sob o comando de Moisés, pôde evitar a ira dos seus perseguidores, atravessando a pé o leito do Mar Vermelho—

cujas águas se afastaram, miraculosamente, abrindo caminho para a margem oposta... Nesta quadra pascal, reüniam-se antigamente, em Jerusalém, milhares de judeus espalhados pelos mais distantes pontos do Universo—que, à semelhança do lendário Ashaverus, pareciam condenados pela maldição duma vida errante e tormentosa. E confortavam-se



Cliché gentilmente cedido por O Primeiro de Janeiro.

cujas águas se afastaram, miraculosamente, abrindo caminho para a margem oposta... Nesta quadra pascal, reüniam-se antigamente, em Jerusalém, milhares de judeus espalhados pelos mais distantes pontos do Universo—que, à semelhança do lendário Ashaverus, pareciam condenados pela maldição duma vida errante e tormentosa. E confortavam-se

uns aos outros, fraternalmente, como se pertencessem todos a uma única e numerosa família — cujos membros deveriam intensificar sempre a evangelização da sua Nova Lei, até que um dia para eles surgisse, enfim, numa aurora bendita, a «*Terra da Promissão*»...

Sacrificava-se, então, o cordeiro imaculado — que deveria ter mais de oito dias e menos de um ano de idade. Durante uma semana, apenas, deveria comer-se «*pão ázimo*» — pão não levedado, feito somente de água e farinha, sem o menor indício de fermentação. Esse pão, duro e insípido, quasi laminar e perfurado — como se fôra uma espécie de bolacha... — é talhado em rodela circular, não havendo nunca interrupção durante o tempo do seu fabrico, desde que a massa pode ser manipulada até à sua breve cozedura num forno muito quente. Ao comer-se esse pão ázimo e duro, todos deverão lembrar as penosas vicissitudes que os hebreus sofreram no Egito e, meditando bem, esforçar-se-ão por temperar os corações e as almas nas mais duras provações, de maneira a poderem ser enfrentadas e vencidas, com resignação e estoicismo, as mais rudes surpresas da vida futura. E na constância dessa mística religiosa reside, afinal, o segredo da perseverante vitalidade do povo hebraico — que, embora impiedosamente perseguido, mantém em absoluta pureza a devoção sincera da sua crença e a prática submissa dos seus costumes tradicionais...

Vítimas inocentes dos horrores da guerra actual, perseguidos e humilhados, sem Pátria, sem lar e quasi sem família, numerosos judeus refugiaram-se em Portugal — seguro «*pôrto de abrigo*» e zona pacífica da Europa, com uma janela aberta sobre a vastidão imensa do Atlântico. Quasi todos aqui aguardarão apenas a oportunidade de emigrarem para a América do Norte — em busca de trabalho e em demanda da Felicidade que perderam. Fixaram-se muitos d'elles na cidade do Pôrto, onde encontraram sempre um acolhimento carinhoso, de sincera e franca hospitalidade. E todos se confessam penhoradamente gratos à população portuense e às autoridades — que, de algum modo, conseguiram até minorar-lhes a desventura duma existência infortunada. Aproximava-se agora a quadra solene da Páscoa dos hebreus e, embora não pudessem

sacrificar, neste ano lutuoso, o cordeiro immaculado, não queriam deixar de comer durante aquêles oito dias o «*pão ázimo*» — que, presentemente, simbolizaria, num sacrificio de humildade e de resignação, o estímulo para suportarem com heroísmo os lances mais dolorosos da vida futura.

Obtiveram autorização legal e, sem perda de tempo, improvisaram, numa padaria desta cidade, as «*suas instalações*» para a manipulação e cozedura daquele pão não levedado — que vai ao forno em rodela laminar de massa, suspensas de varas de madeira, durante dois ou três minutos. Tôda a comunidade judaica residente no Pôrto — homens, mulheres e crianças, intelectuais e operários, ricos e pobres... — se apressou em colaborar, espontânea e graciosamente, nesse trabalho de intenção votiva — que se transfigura enfim numa eloquente lição de civismo e num exemplo edificante de nobre sacrificio por um Ideal, cuja tradição se perpetua e se espiritualiza na admirável realização dum ritual de mística e sincera religiosidade.

Surpreendemos ontem, em plena laboração, essa curiosa e improvisada padaria da colónia judaica do Pôrto. Trabalhava-se em fraterno e alegre convívio — como se aquelas criaturas tivessem esquecido, por momentos, a trágica desventura da sua existência tormentosa. E, como que adivinhando no que meditavamos, um simpático israelita, de barbas muito brancas e de olhar muito sereno, informou-nos, solícito e atencioso:

— Isto para nós representa a continuidade do nosso culto religioso — como se estivéssemos, de novo, nos nossos antigos lares. A Páscoa é a nossa «*festasagrada*» e, durante essa semana, nenhum de nós comerá outro pão, que não fôsse «*pão ázimo*» — ainda que disso dependesse a nossa própria vida... Ao saboreá-lo, assim duro e insípido, meditaremos, uma vez mais, nas injustas e violentas perseguições que o povo hebreu tem sofrido, sem nos esquecermos nunca que a hora da Justiça e da Liberdade há de soar também, — quando, no caminho do Senhor, encontrarmos, por fim, a gloriosa «*Terra da Promissão*»...

De *O Primeiro de Janeiro*, de 27-3-1941.

O ANHO PASCAL

Quando Deus deu a sua lei a Israel, o povo, comovido com tantos deveres e santas obrigações, aproximou-se do trono celeste e exclamou:

— Senhor, nosso Deus, tu ordenaste-nos que respeitássemos a vida, a honra e a propriedade alheia; proibiste à mentira que entrasse na nossa bôca, à inveja, às más paixões que entrassem no nosso coração. Nós juramos obedecer à tua lei; mas os nossos inimigos vão empregar contra nós estas armas terríveis nas quais não queremos tocar. Que vai ser de nós?

— Escutai, respondeu a voz celeste:— O anho, algum tempo depois da sua criação, veio-me dizer:— Senhor! Eu não tenho dentes, nem unhas para rasgar e morder os meus inimigos; não tenho chifres para os ferir, nem pés ágeis para fugir. Assim vou ser a sua presa; digna-te socorrer-me.

— Anhito, lhe respondi, queres que eu te torne cruel como o tigre, venenoso como a serpente?

— Não, meu Deus, exclamou êle, prefiro a minha fraqueza e a minha inocência.

— Pois bem, meu povo de Israel, és tu que és o anho; deixa-te ferir de preferência a morder; deixa-te matar de preferência a derramares tu o sangue...

Do MIDRASH.



A melhor e a pior cousa

Rabi Gamaliel, tendo dado ordem ao seu criado Tabi, que lhe trouxesse alguma cousa que fôsse boa, do mercado, êle trouxe-lhe uma língua.

— Vai comprar agora alguma cousa má — disse-lhe então Rabi Gamaliel.

O criado trouxe também uma língua.

— Que é isto? — diz o Rabi. — Quando eu te peço um bom prato, trazes-me uma língua; e quando te peço um prato mau, é também uma língua que tu me trazes?

— E' que — replicou o criado — da língua vem o bem e da língua vem o mal...

Do MIDRASH.

Comunidade Israelita de Bragança

Balanço da Comunidade Israelita de Bragança, em 31 de Dezembro de 1940

| ACTIVO | |
|---|-----------|
| Saldo entregue pela Gerência do ano de 1939 | 3.544\$14 |
| Juros recebidos sôbre o depósito na Caixa Geral | 40\$66 |
| Total | 3.584\$80 |
| PASSIVO | |
| Rendas de casa | 1.950\$00 |
| Expediente, luz, etc. | 342\$70 |
| Limpeza, água, etc. | 415\$20 |
| Biblioteca | 81\$50 |
| Sôma | 2.789\$40 |
| Saldo para a nova Gerência de 1941 | 795\$40 |
| Total | 3.584\$80 |

Pela Direcção da Comunidade
O Presidente,
a) Francisco António de Barros.



Obra do Resgate

No dia 7 de Fevereiro, por iniciativa do Instituto Teológico Israelita Rosh-Pinah, foi recebido na Aliança de Abraham o jovem Fernando Rodrigues Morais, natural de Lamego (Beira-Alta), nascido a 21 de Julho de 1914, o qual será chamado em Israel por Reuben Rodrigues Morais.

— No dia 26 de Março, foi igualmente recebido na Aliança de Abraham, o jovem António Joaquim Xavier, natural do concelho de Freixo-de-Espada-à-Cinta (Trás-os-Montes), de 28 anos de idade, o qual será chamado em Israel por Yomtob Ben-Gabriel.

Cronologia Israelita

ANTES DA ERA

VULGAR

333-323 — A Palestina é incorporada no Império de Alexandre, o Grande. — Os Samaritanos possuem um Templo e um culto independente. — Simeão, o Justo, continua a tradição oral da Grande Sinagoga.

320-198 — A Palestina cai nas mãos dos Ptolomeus, que reinam no Egito. — Os judeus instalam ou desenvolvem comunidades nas cidades gregas do Mediterrâneo, em Antióquia, Damasco, Éfeso, etc. e sobretudo em Alexandria onde, administrada por um Etnarca (governador), preparam a fusão do espírito judeu e do espírito grego.

198 — A Palestina é incorporada no reino da Síria por Antioco, o Grande.

175-168 — Antioco IV, Epifânio, rei da Síria, quer impor aos judeus da Palestina a religião e os costumes gregos. — Revolta dos Macabeus ou Hasmoneus. — Primeiros desenvolvimentos da literatura Apocalíptica.

168 — A Palestina, liberta da dominação síriaca, torna-se um estado independente.

139 — Simão Macabeu, Príncipe e Grande Sacerdote, alia-se com os Romanos. — Existe nesta época uma colônia judaica em Roma.

104 — Aristóbulo I, neto de Simão, toma o título de rei.

103-78 — Reinado do seu sucessor, Alexandre Janeu; lutas violentas entre as duas seitas dos Fariseus e dos Saduceus.

63 — Pompeu e os Romanos apoderaram-se de Jerusalém.

47 — Os Judeus da Diáspora (Dispersão), que possuem, segundo Strabão, comunidades em tôdas as províncias do Império Romano, dos quais vários são cidadãos e eleitores em Roma, obtêm

de César o direito de enviar ao Templo um tributo anual (Fiscus Judaicus).

40 — O idumeu Herodes, governador da Galiléia, faz-se aclamar rei dos Judeus, pelo Senado Romano.

25 — As escolas de Shamaï e de Hillel perpetuam a tradição oral. — Progresso da seita Essenia.

4 — Morte de Herodes, o Grande. — Revolta dos Judeus.

ERA VULGAR

6 — A Palestina é dividida em quatro províncias romanas.

10 — Morte de Hillel. — A tradição oral continuada pelos Tanaïm (ensinadores): Gamtiel I.

26-36 — Pôncio Pilatos, procurador da Judeia — Jesus de Nazaré e os seus apóstolos. — Os judeo-cristãos.

38 — Herodes Agripa, neto de Herodes, o Grande, é elevado à realeza graças ao Imperador romano Cláudio.

40 — Os Judeus de Alexandria, ameaçados nos seus interesses e privilégios, enviam como seu embaixador junto do Imperador Cláudio, um seu correigionário, o filósofo Filon.

44 — Helena, rainha de Adiabenia e seus filhos Izates e Monobaz, convertem-se ao Judaísmo. — Progresso do proselitismo judaico.

50-60 — Actividade de Saúl de Tarso (S. Paulo), que faz do judeo-cristianismo uma religião independente.

64 — Florus, governador da Judeia. — Revolta dos Judeus.

66 — Vespaziano é enviado por Roma para acabar com a revolta. — O historiador Flávio Joseph toma parte na luta e rende-se aos romanos.

70 — Tito apodera-se de Jerusalém, destrói o segundo Templo e leva para Roma numerosos prisioneiros, entre os quais o último rei dos Judeus, Agripa II, sua irmã Berenice e Flávio Joseph. — A Palestina, província romana.

Sentenças e Máximas Talmúdicas

Um só homem foi criado na origem do mundo: é para nos ensinar que aquêlê que atenta contra a vida dum só homem comete um acto tão grave como se tivesse destruído todo o género humano. Por outro lado, aquêlê que contribui para a salvação dum só homem tem tanto mérito como se salvasse todo o género humano.

*

Porque é que Deus só formou um homem no momento da criação? Foi no interêsse da concórdia, para que nenhum homem possa dizer a outro:— Eu sou duma raça mais nobre que tu.

*

O último ladrão é o primeiro a ser enforcado.

*

Gozai do vosso fino copo de cristal, nem que seja só por um dia; não importa que no dia seguinte êle seja quebrado.

*

Cem moedas colocadas no comércio vos permitem ter todos os dias carne e vinho. Cem moedas empregadas na cultura da terra não vos dão mais que sal e legumes.

*

Aquêlê que vai visitar o seu campo todos os dias ali encontra de cada vez uma moeda,

*

Quem gerou o escorpião? Uma raça ainda pior do que êle.

*

Que deve fazer o homem para adquirir a sabedoria? Que frequente as academias (Yeshiboth) e se ocupe pouco de comércio.

*

Que deve fazer o homem para enriquecer? Que se ocupe muito de comércio e que seja leal nas suas transacções.

*

Assenta-te abaixo do lugar que convém à tua condição, é melhor que te digam: "sobe", do que te digam: "desce".

*

A lama atrai a lama e a podridão atrai a podridão.

Não censure no teu próximo um defeito que tu mesmo tens.

*

Gota a gota se enche a medida.

*

A chuva é o espôso da terra.

*

Aquêlê que é grande neste mundo será pequeno no mundo futuro.

*

Se alguém herdou de seu pai uma grande fortuna e a queira dissipar em pouco tempo, basta-lhe usar vestidos de linho, usar preciosos cristais e contratar operários a jornal sem os vigiar.

*

Aquêlê que começou uma acção louvável lhe compete pô-la em execução

*

Aquêlê que trabalha activamente na véspera do Shabath terá que comer no dia de Shabath. Mas aquêlê que nada fez na véspera do Shabath, que comerá no dia de Shabath?

*

Aquêlê que não viu Jerusalém no seu esplendor nunca viu uma bela cidade.

*

Aquêlê que não viu o emplo de Jerusalém nunca viu um edifício esplêndido.

*

Aquêlê que puniu com o dilúvio os contemporâneos de Noé e castigou os que levantaram a torre de Babel punirá também um dia o homem que falta à sua palavra.

*

Todo o homem tem o dever de se habituar à doçura e à benevolência.

*

No dia em que a lisonja começa a reinar, a justiça não é feita com imparcialidade, os costumes corrompem-se; e ninguém pode já dizer ao seu próximo: os meus actos são mais belos do que os teus.

*

Sê o primeiro a reconhecer a tua inferioridade.

Da língua vem o bem, da língua vem o mal: quando ela é boa, nada há melhor do que ela; quando ela é má, nada há de pior.

*

É da própria floresta que sai o cabo do machado.

*

Quando o ferro foi criado, as árvores ficaram a tremer.

—Porque tremeis? lhes disse o ferro; que a vossa madeira não venha unir-se a mim e nenhuma de vós sofrerá o menor dano.

*

As pessoas honestas poupam o seu dinheiro, porque não querem apropriar-se dos bens dos outros.

*

Nas paredes de tua casa se conhece que tu és ferreiro.

*

Assim como o mármore receia o canivete, também o caluniador teme o seu semelhante.

*

Um rei não tem o direito de renunciar às honras que lhe são devidas.

*

As palavras saem da boca dos vende-

dores ambulantes, como a bicharia dos farrapos.

*

Aceita daquele que herdou, mas não do que roubou.

*

Do meio de espinhos sai a rosa.

*

O uso prevalece contra a lei.

*

Se alguém vos deve dinheiro e não vos pode pagar, evitaí passar junto dêle.

*

Exclui vários da tua casa e não introduzas qualquer homem em tua casa.

*

Pelo movimento dos teus lábios, reconhece-se que és um homem instruído.

*

É pela tua conduta que atraíras a afeição dos homens ou os afastarás.

*

Há quatro causas que provocam uma velhice prematura: os temores, os desgostos que o pai experimenta pela má conduta de seus filhos, uma má mulher, e as fadigas da guerra.

Dona Guilhermina (Raquel) Lopes Mendes

A's 6 horas de sábado, 10 de Maio, chamou Deus Bendito para o descanso eterno esta excelente senhora. Mãe extrema, ente bom e caritativo, foi das primeiras cripto-judias que abertamente entrou na Congregação de Israel e apresentou seu filho único para ser recebido na Aliança de Abraham, facto êste que se realizou quando êle tinha cêrca de 17 anos de idade, sendo mohel o moreh Ha-gadol (guia magno) dos maranos, o Sr. Capitão Barros Basto, com a assistência médica do Dr. Costa Lima.

Em homenagem à boa mãe em Israel, que se finou nesta vida terrena, foi rezada na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, uma Askabah, pelo leader marano, perante uma assistência de maranos.

Ao seu querido filho, o alferes de Infantaria Sr. Lopes Mendes, em serviço na Província de Angola, enviamos os nossos sentidos pêsames.

NECROLOGIA

Joseph J. Abravanel

Faleceu em Istambul (Turquia), o extremo pai do nosso amigo e correligionário Jaques J. Abravanel, digno Cônsul de Portugal naquela cidade.

O extinto, era descendente directo do célebre Rabi D. Isac Abravanel, ministro das finanças de El-Rei D. Afonso V, de Portugal e Rabi-mor dos judeus portugueses.

A cerimónia fúnebre realizou-se na sexta-feira, 14 de Fevereiro, pelas 14,30 horas, no Templo Israelita Italiano, sito à rua Chahsuvar de Istambul (antiga Constantinopla).

A' ilustre família enlutada, *Ha-Lapid* envia as suas sinceras condolências.

Festa do profeta Eliseu, o amigo das crianças boas

No dia 12 de Janeiro, no edificio da Sinagoga Kadoorie, num recinto apropriado, realizou-se uma festa de boasvindas às crianças judias refugiadas.

Depois da oração da tarde (minh'ah), reuniram-se as crianças, acompanhadas das suas mããs, na cripta da Sinagoga, onde lhe foram oferecidos doces e moscatel.

A gentil menina Tsebiah Bendob, filha do digno 1.º secretário da Comunidade do Pôrto, Sr. Menasseh Bendob, conceituado comerciante e fabricante de peles finas, bem conhecido nesta cidade, dirigiu às suas correligionárias refugiadas as boasvindas em lingua Ydish e em seguida, resumidamente, traduziu em português:

Queridas colegas:

Sinto hoje uma grande alegria de poder passar convosco algumas horas divertidas.

Eu sou filha de judeus, os quais vieram para o Pôrto há vinte anos, onde ainda não havia uma única reunião judaica. Venho felicitar-vos com o meu sincero coração, porque me alegra muito de vos ver cá. A vossa vinda não foi em boas situações, mas com tôda a certeza os vossos pais cuidarão para que nada vos entristeça. Sentia-me mais alegre se vos pudesse ter junto de mim como companheiras, mas se sois mais felizes noutro país, alegrar-me-á de receber dal boas notícias.

Beberemos à vossa saúde e à saúde dos vossos pais, assim como à saúde daqueles que nos organizaram a nossa pequenina festa.

Envieiros do nosso sincero coração muitos cumprimentos para tôdas as crianças judaicas, garantindo-lhes que não pensando nas más situações, ficaremos fiéis ao nosso povo.

A menina Tsebiah foi muito aplaudida.

Em seguida, o Sr. Capitão Barros Basto, em francês, dirigindo-se às crianças, falou das acções do profeta Eliseu (Elishah Ha-Nabi) sôbre a sua amizade às crianças boas e do castigo que deu às más, fazendo votos

Vida Comunal

LISBOA

Casamento — Na quarta-feira, 20 de Adar de 5701 (19-Março-1941), pelas 13 horas, na Sinagoga Shaaré Tikvah (Portas da Esperança), sita à rua Alexandre Herculano, 117 — Lisboa, foi dada a bênção nupcial do jovem Joel Sequerra e da gentil menina D. Simy Levy, filha do Sr. Salomão Levy Jr.

Aos noivos *Ha-Lapid* deseja MAZAL TOB — BÉ-SIMAN TOB.

PORTO

Bar-Miçvah — No dia 8 de Fevereiro, na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, foi recebido solenemente como Bar-Miçvah (Filho do Preceito), isto é, adquiriu a maioridade religiosa o jovem Zeeb, filho do Sr. Raphael Moshé Deutsch (Levi), refugiados da guerra.

BÉ-SIMAN TOB — MAZAL TOB.



Dois cães e um lobo

Dois cães zangados lutavam entre si, quando de repente surge um lobo que ataca um deles. Então o outro cão fêz êste raciocínio:—Se eu agora não vou em socorro do meu colega, o lobo o matará, e amanhã êle me atacará a mim. Os dois cães reconciliaram-se pois, e, fazendo causa comum contra o lobo, conseguiram tirar-lhe a vida.

Do TALMUD.

que tôdas elas fôsem sempre boas e dignas de carinhos e não de punições.

Todos o aplaudiram alegremente.

Seguiram-se várias danças de roda, umas portuguesas, outras do leste europeu, com grande satisfação da pequenada e também dos seus entes queridos.

Esta simples e modesta festa, mas também grande pelo seu significado moral, marcou uma nota indelével no coração daqueles que, por motivo dos horrores da guerra, se encontravam fora da sua terra natal, mas onde tinham quem os recebesse com franca e carinhosa fraternidade.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 103)

TÍTULO LXXXII

Que os Judeus não sejam prêsos por dizerem contra eles, que fizeram moeda falsa, ou compraram ouro, ou prata, salvo sendo primeiro deles querelado.

No Livro da nossa Chancelaria foi achada uma Lei d'El-Rei D. João meu Avô de gloriosa memoria, de que o teor tal é.

1.º — D. João por graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Ceuta. A vos Juizes, e Justiças dos nossos Reinos, a que esta carta for mostrada, ou o trelado dela em publica forma, e a outras quaisquer pessoas, e Officiais, a que disto o conhecimento pertencer por qualquer guisa que seja, saude. Sabede, que a Comuna dos Judeus desta Cidade nos enviou dizer por Judah Negro morador na Cidade de Lisboa, que algumas pessoas desta Cidade, e d'outros Lugares denunciam, e levantam fama de alguns deles, disendo que fizeram, e fazem moedas falsas, e que tratam e usam delas, e que compram, e vendem, e compraram, e venderam ouro, e prata, e moedas, e bulhões, e que as fundiram, e fundiam, e faziam as ditas coisas, e cada uma delas contra a nossa defesa; e quando vos algumas pessoas requererem, que prendais alguns Judeus da dita Comuna, que porem vos da sua parte é dito, e requerido que o não façades, por quanto isto faz maliciosamente, e pelos ditos Judeus haverem azo de haverem medo, e lhes peitarem, posto que o Judeu, contra que for dito, se não senta nisso por culpado, com temor de sêr prêso, e lhes serem escritos seus bens, fazem avença com aqueles, que assim deles denunciam, e lhes dão do que teem; e que não embargem todos estes agravos, que assim recebem, que vos prendedes, e queredes prender aqueles, de que vos assim foi denunciado, ou sobre que fama levantam, e que lhes fazedes escrever seus bens sem vos eles dar querela jurada, e testemunhas nomeadas, por que o deveis de fazer; na qual causa dizem, que lhes é feito agravo, e sem razão: e que porem nos pediam por mercê, que lhes houvessemos a isso remedio com direito.

2.º — E nos vendo o que nos assim dizer, e pedir enviaram, temos por bem, e mandamos-vos, que os não prendais, nem mandeis prender por tais denunciações, e famas, que deles sejam dadas, nem levantadas, nem lhes tomades por isso seus bens, salvo se deles for querelado, e a querela for jurada, e as testemunhas nomeadas, e se se o querelozo obrigar não provando a querela, e sendo o Judeu solto sem pena, que lhes pague outro tanto, quanto esse querelozo haveria, se fosse provado; e sobre a obrigação dar fiadores havondosos, que se obriguem, que se o querelozo não provar a querela, que deu, e for por isso condenado por Sentença ao Judeu prêso, que eles fiadores mostrem logo os bens desenbargados do dito querelozo, em que logo se faça execussão pela dita Sentença; e não os mostrando, que pela Sentença se faça logo execussão nos bens desses fiadores, sem sendo para isso mais citados, nem chamados; e se tal querela com tal fiadoria der, vos prendede aquele, de que vos assim for querelado; e se esses que prêsos forem, derem fiadores aos bens, e deixade-lhos estar em seu poder, até que o feito, que contra eles for ordenado, seja desenbargado por direito, e Sentença que ha de haver os ditos bens; e al não façades.

Dada em Cidade de Lisboa a sete dias de Maio.

El-rei o mandou por Johane Mendes Corregedor em a sua Corte. Pero Esteves a fez Era de mil e quatrocentos e cincoenta e cinco anos.

3.º — A qual Lei vista por nós, mandamos que se guarde, como em ela é conteudo.

Visado pela Comissão de Censura

*Tudo se ilumina
para aquêlle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

ה ל פ י ד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Um bragançano ilustre

Dr. Baltazar (Isac) Oróbio de Castro, nasceu em Bragança em 1620, filho de judeus-maranos, que retiraram dali para Sevilha. Êle estudou filosofia na Universidade de Alcalá de Henares com tal sucesso, que deu lições públicas naquela universidade. Pouco satisfeito com o estudo da filosofia, dedicou-se à medicina e alguns anos depois, gozava em Sevilha da fama de médico muito habil; foi médico assistente do Duque de Medina Celi e da familia real. Denunciado à Inquisição como cripto-judeu foi prêso. Permaneceu três anos nos cárceres do Santo Ofício e sofreu as mais espantosas torturas.



Pôsto em liberdade e expulso de Espanha, refugiou-se em França e foi nomeado Professor de Medicina em Toulouse. Em 1666 declara-se públicamente judeu, toma o nome Isac; estabeleceu-se em Amsterdam, onde se torna o centro dos amigos da poesia espanhola e das ciências. Manteve correspondência com Baruk Espinosa, mas combateu mais tarde a sua filosofia. Um dos apoletas mais fervorosos do judaísmo, combateu o cristianismo.

Dr. Oróbio de Castro morreu a 7 de Novembro 1687; o seu epitáfio é o seguinte:

*S.º do Bemaventurado e insigne
Varão Doutor Isac Oróbio de Castro
faleceu em 1 de Kislev Ano 5448.*

ANTIGAS SINAGOGAS DO PÔRTO

466

Frei Fernando da Soledade, escritor portuense do século XVII-XVIII, autor da *História Seráfica*, diz, na Parte IV, livro III, capítulo XIV, páginas 305 e seguintes dessa obra, que D. João I em 1410 concedeu a Gil Vaz (ou Vasques) da Cunha, fidalgo de origem castelhana, autorização para edificar suas moradas de casas no pequeno monte (mons siculus — monchique) em que tinham habitado os judeus e onde existia uma sinagoga abandonada. No mesmo local havia casas em que noutros tempos moravam os Doutores da Lei, e, pela encosta que dêste monte vai subindo para ocidente, viam-se ainda muitos monumentos em que eram sepultados os professores das cerimónias judaicas, o qual por êsse respeito — continua o cronista — ainda hoje conserva o nome de Monte dos Judeus. Acrescentarei que efectivamente em certos documentos antigos aparece mencionado êsse almocávar (cemitério) hebraico o qual parece se estendia até ao alto do actual Largo do Viriato e Rua dos Fogueteiros; recordação dos antigos moradores do local ou do cemitério — se tem conservado através de tantos séculos na designação bem conhecida das Escadas do Monte dos Judeus.

Nas primeiras décadas do século XVI, viviam nas referidas casas de Gil Vasques da Cunha o seu descendente Pero da Cunha Coutinho e sua mulher D. Brites de Vilhena, os quais, não tendo filhos, resolveram em 1533 fundar um Convento de Religiosas nas próprias casas em que viviam.

Só em 1538, porém, falecido já Pero da Cunha, êsse convento ou Mosteiro pôde ser inaugurado, vindo a chamar-se da *Madre de Deus de Monchique*.

A sinagoga que aí houvera já muito antes tinha desaparecido.

Depois de descrever a igreja do convento citado, Frei Fernando da Soledade, no capítulo XV do livro e obra citada informa: — «Depois que saímos da Igreja e caminhamos pelo pátio, nos aparece à mão direita dêle gravado na parede do

dormitório antigo um epitáfio de caracteres hebraicos, abertos em uma pedra, que fôra da Sinagoga, e neste lugar a mandou pôr Gil Vás da Cunha, fundador das casas, servindo justamente de padieira a uma porta ».

No século XIX ainda essa pedra estava no mesmo lugar: conheceu-a muito bem o investigador portuense Querubino Lagoa e em 1862, conforme conta o Dr. Pedro Victorino, em *Notas de Arqueologia Portuense*, reparou nela «o arqueólogo Possidónio da Silva que não descansou sem a obter, o que conseguiu só em 1872, depois de passado o convento à posse de particulares; o seu proprietário, Clemente Guimarães Menéres, oferecia-a ao Museu do Carmo (Lisboa), onde deu entrada em 1875». E' alusiva à fundação de sinagoga, e tudo leva a crer que efectivamente lhe pertenceu.

Se, como diz Soledade, essa sinagoga estava abandonada em 1410, pode presumir-se que havia sido substituída por outra. Ora sabe-se que, em verdade, vinte-e-quatro anos antes dessa data outra existia.

Em 1386 os Judeus do Pôrto tinham na *Munhota* ou na *Rua de sôbre a Munhota* (ou *Minhota*) uma casa de oração: — «nós, comuna dos Judeus da dita cidade do Pôrto, os quais somos juntos na dita cidade, na rua de sôbre a *Munhota*, na loja da casa de Lourenço Peres, marinho, que é da nossa oração, por Anton Judeu, que nos chamou da parte do *arrabi-mor*... «a qual loja diziam os judeus que era a sua casa de oração». (Livro 3.º de Perg. — documento n.º 9, do Arquivo Municipal do Pôrto).

Onde era a *Rua da Munhota*?

Na *Concórdia*, celebrada em 25 de Junho de 1331 (Livro grande da Câmara do Pôrto, fôlhas XII) para pôr têrmo às contendas constantes entre os bispos e o concelho, sôbre pêsos e medidas, etc., diz-se que o concelho do Pôrto se obrigava a fazer uns Banhos com suas casas e caldeiras naquele local «que é detrás das casas de Domingos Pires da *Minhota*», ou, não podendo ser aí, no rossio abaixo da

cidade. Ora êsses banhos, poucos anos depois, eram sítos na Ribeira, conforme se vê duma Inquirição de 1939 e deles se conservou memória, durante muitos séculos, no topónimo local de Rua dos Banhos, e talvez até no de Postigo dos Banhos.

Segundo um documento antigo a «Rua da Minhota» ia «da Fonte da Rata até ao princípio da Rua da Ferraria de Baixo» — actual do «Comércio do Pôrto».

A Casa da Oração dos Judeus em 1386 era pois dentro do âmbito das muralhas da cidade; apesar disso foi nesse ano que D. João I mandou aos Juizes Vereadores e Procurador que assinassem lugar aos ditos judeus no campo do Olival, para aí fazerem judiaria e pobraçom, afim de serem «coudados e defesos dentro na dita cidade por razão das grandes guerras» com Castela. Foi então que se estabeleceu a conhecida judiaria do Olival (da qual restam as ruas de S. Bento da Vitória e S. Miguel, pelo menos) — judiaria apartada que foi feita, lê-se numa carta de D. João I do dito ano de 1386, «por nosso mandado e constrangimento», no que os judeus dispenderam «grã parte do que haviam» (Livro Grande do Arquivo Municipal do Pôrto, fôlhas 16 v.º).

No seu trabalho *Os Judeus no Velho Pôrto*, o ilustre investigador Sr. Barros Basto diz ter encontrado documentos referentes a prazos, aforamentos e rendas que provam a existência duma velha judiaria próximo de S. Domingos e limitada pelo rio Douro, rio da Vila, Rua de Belomonte e muralhas da cidade — a qual, depois da construção da judiaria do Olival, teria passado a ser designada nos documentos pelo nome de judiaria Velha ou judiaria de Baixo. A essa deveria então pertencer a sinagoga da Rua da Minhota.

Mais antiga que tôdas essas deve, porém, ser a judiaria a que Querubino Lagoa encontrou uma única referência e se dizia situada próximo da Cidade (que aquêl autor identificou com o local em que em 1518 foi erguido o convento de S. Bento da Ave-Maria). Barros Basto não deparou com qualquer documento comprovativo da existência de tal judiaria.

Tive, no entanto, a fortuna de encontrar recentemente entre os documentos do Arquivo Distrital um em que se diz que o hospital dos Coreiros da Sé existia na

Rua Escura em 1320, situando-o, outro documento de 1440, na Judaria Velha à cêrca da Cidade: a Cidade, segundo a identificação moderna do Prof. Dr. Mendes Correia, ficava no alto do monte do Corpo da Guarda, donde a Rua Escura não está, realmente, a grande distância.

Mas há mais e muito interessante. Diz um livro antigo do Cabido da Sé que «o Sr. Bispo D. Afonso Pires (falecido em 1362) deo á Meza Capitular humas casas nesta rua (antiga Rua das Aldas, e actual de Santana), tempo em que se chamava Sinagoga»; nota que é confirmada e esclarecida por outra, do século XIV, em que se lê: — «Bispo dom Afonso que ora he em esta egreja, o qual deu umas casas que estom na rua que chamom a ssynagoga acima da rua das Aldas».

Que concluir?

Que outra sinagoga existiu no Pôrto, antes de tôdas as citadas, no próprio monte da Sé.

De O Primeiro de Janeiro.

Pôrto, 7 de Março de 1941.

A. DE MAGALHÃES BASTO.

LAG BA-OMER

É o 33.º dia de Omer

Êste dia rompe o período nefasto que começa depois da Páscoa ou depois do 1.º de Yiar (segundo os usos) durante o qual não se deve casar. Segundo uma tradição, uma epidemia dizimou durante êste período a escola de Rabi Akibah (princípio do 2.º século) e parou no 33.º dia de Omer. Assim neste dia é uma festa de estudantes.

Os cabalistas, na Palestina, celebram neste dia as bodas do seu patrono Rabi Simeon Ben Yohai (discípulo de R. Akibah) junto do seu túmulo, em Meron (Galileia). Os israelitas de Argélia vão em romagem ao túmulo do Rabino Epbraim Enkaúá (XV.º século), em Tlemcen ou a outros lugares memoráveis.

Sentenças e Máximas Talmúdicas

— Porque é que raras vezes os filhos dos sábios se tornam sábios?

— Para que se não possa dizer que a sabedoria se transmite por herança.

*

— O credor encontra sempre uma ocasião para se fazer pagar.

*

— Os homens que fazem penitência obterão mais do que os justos perfeitos.

*

— Pode fazer-se o elogio completo dum homem ausente, mas na sua presença só se deve fazer uma parte do elogio.

*

— Quando o número dos que sacrificam tudo aos seus interesses se multiplica, então aprova-se o que é mau e censura-se o que é justo. Maldição para a sociedade que chegou a este ponto: ali só se ouvirão choros e gemidos.

*

— Como são belos os preceitos que saem da boca dos que os praticam.

*

— Se um cão ladra contra ti, entra; se uma cadela ladra contra ti, sai.

*

— O cão cala-se mais depressa do que a cadela; a cólera do genro dura também menos tempo e é mais fácil de acalmar que a da nora.

*

— Fazer envergonhar o seu próximo em público é um crime tão grave como o adultério.

*

— É preferível atirar-te a uma fornalha

ardente do que envergonhar o teu próximo em público.

*

— Desce um degrau para escolher uma mulher; sobe um degrau para escolher um amigo.

*

— Os passos do burro são conforme a razão de cevada.

*

— Quando o vinho entra, a razão sai.

*

— Quando o vinho entra, o segredo sai.

*

— A verdade tem uma tal acentuação que a torna conhecida.

*

— Se cai a casa, ai das janelas.

*

— Logo que o boi cai, é aguçada imediatamente a faca.

*

— Quando o boi cai, os carneiros, em grupo, se lançam sobre êle.

*

— Se uma pedra cai sobre uma bilha, desgraça para bilha; se a bilha cai sobre uma pedra, desgraça para a bilha; seja de que maneira fôr, é sempre a bilha que sofre.

*

— Muitas vezes carrega-se sobre um velho camelo a pele dum novo.

*

— Há muitos burros novos cuja pele serve de cobertura a suas mães.

*

— A alma do homem testemunha contra êle.

— O ferreiro sentado junto da sua bigorna é muitas vezes punido com a obra das suas próprias mãos.

*

— As falsas testemunhas são desprezadas, mesmo por aquêles que as subornam.

*

— Elogiar-se a si próprio é uma prova de ignorância.

*

— O orgulho é o sinal vulgar da pobreza de espírito.

*

— Palavriado desmedido é uma prova de loucura.

*

— O melhor dos remédios é o silêncio.

*

— Das figueiras nascem figos.

*

— O servidor dum rei é também como um rei.

*

— O escravo tem predilecção pela vida desregrada.

*

— Os maus servidores pedem conselho quando a coisa já está feita.

*

— Começa-se por transgredir um preceito pouco importante e acaba-se por infringir os mandamentos mais graves.

*

— O jejum do dia de Kipur serve de expiação para os pecados cometidos para com Deus, mas êle não expia as faltas cometidas para com o nosso próximo, antes de êle ter obtido a satisfação a que tem direito.

— Mal o espinheiro sai da terra, já os seus ramos são guarnecidos de espinhos.

*

— Antes do doente ter exalado o último suspiro, o intendente da sua casa está já designado.

*

— Enquanto tens sapatos nos pés esmaga os espinhos.

*

— Até que o gordo se torne magro, o magro depauperece.

*

— Se tendes pobres na vossa família, é justo que lhes deis socorro antes dos pobres que vos são estranhos. Da mesma forma os pobres que habitam na vossa cidade devem aproveitar da vossa liberalidade antes dos duma outra cidade.

*

— Pratica obras que possam ser lembradas perante o teu ataúde.

*

— É preferível fazer do sábado um dia de trabalho do que estender a mão à caridade.

*

— Por cada dez medidas de palavriado distribuídas ao género humano as mulheres tomaram nove delas para si.

*

— Por cada dez medidas de sono que foram repartidas pelos homens, os criados tomaram nove delas para si.

*

— No mundo futuro os justos serão admitidos mais próximos de Deus do que os próprios anjos.

*

— Muitas vezes infringe-se a lei para defender a própria lei.

Cronologia Israelita

ERA VULGAR

- 69-70 — Cêrcos de Jerusalém pelos romanos. — Johanan Ben-Zacai funda o Instituto Teológico (Yeshibah) de Jabné. — Destruição do Segundo Templo. — Nova dispersão judaica: para Arábia, Geórgia, Crimeia, Itália, Hispânia, Gália, Renânia, etc..
- 81-96 — Reinado de Domiciano. — Progresso do proselitismo judaico. — Flavius Clemens, sobrinho do Imperador, converteu-se ao judaísmo.
- 133-136 — Em Palestina, insurreição e derrota de Bar-Kokhbah. — Martírio de Rabi Akibah. — Jerusalém torna-se cidade inteiramente pagã sob o nome de Aelia Capitolina.
- 211-217 — Reinado de Caracala, todos os judeus do Império têm acesso às magistraturas romanas.
- 220 — Judah o Santo, Reitor da Yeshibah de Sephoris termina a redacção da Mishnah. — Comêço dos Amoraïm (intérpretes ou expositores). — Em Babilónia, sob a dominação partha, onde os judeus são administrados por um Rosh galuth (chefe do destêrro), Abbah Arekah funda a Yeshibah de Surah e Rab Samuel é reitor da de Pumbaditah.
- 323-337 — Constantino, primeiro imperador cristão. — O concílio cristão de Nicêa marca para a Páscoa cristã uma data diferente da Páscoa judaica e cria o dogma da divindade de Jesus de Nazareth.
- 350 — Completa-se a redacção do *Talmud de Jerusalém*.
- 395 — Morte de Theodosio. — O império romano divide-se em dois: o império do Ocidente e o império do Oriente (do qual faz parte a Palestina).
- 418 — Os judeus do império do Ocidente são excluídos de tôdas as dignidades e funções públicas.
- 411-484 — A península ibérica é conquistada pelos visigodos da seita ariana, que deixam aos judeus uma completa liberdade religiosa.
- 471 — Perseguição aos judeus de Babilónia, sob o reinado do rei partha Firuz. — Martírio do rosh Galuth Mar Huna.
- 500 — R. Ashi e Rabinah terminam a redacção do *Talmud de Babilónia*. — Os *Saboraïm* (opinantes) sucedem aos *Amoraïm*.
- 511 — *Mar Sutra* II, rosh Galuth, organiza em Babilónia um estado judaico quasi independente, sob a soberania do rei partha Kobad.
- 537 — Éditos de Justiniano, imperador do Oriente, privando os judeus da igualdade civil e da liberdade religiosa.
- 586 — Recaredo, rei visigodo de Espanha, abjura o arianismo e torna-se católico.
- 612 — O seu sucessor Sisebuto obriga os judeus a escolherem o baptismo ou o exílio.
- 622 — Mahomet procura conquistar os judeus para a nova religião que acaba de fundar.
- 624 — Tendo falhado o seu desígnio, entra em luta armada contra as tribos judaicas da Arábia.
- 629 — Dagoberto, rei dos francos, obriga os judeus a escolherem o baptismo ou o exílio.
- 637 — Tomada de Jerusalém por Omar. — Os judeus da Palestina passam para a dominação árabe.
- 641 — Bulan, rei dos Chazars (Rússia Meridional) converte-se ao judaísmo, assim como os seus subditos.
- 651 — Derrota de Yergeral III, último imperador partha. Os judeus de Babilónia passam para a dominação árabe.
- 658 — Mar Isaac, reitor da Yeshibah de Surah, toma o título de *Gaon*.
- 694 — Todos os judeus de Espanha e da Provença são declarados escravos.
- 711 — Os árabes conquistam a Espanha e dão aos judeus uma completa liberdade religiosa.
- 721 — Aparição do falso messias judeu Serenus na Síria.
- 761 — Anan Ben-David, na Babilónia, rejeita a autoridade legal do Talmud e funda a seita dos Karaïtas.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 104)

TÍTULO LXXXIII

Do Privilegio dado ao Judeu, que se torna Cristão

El-rei Dom João meu Avô de louvada memória em sem tempo fez uma Lei em esta forma, que se segue:

1.º Dom João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve, e Senhor de Ceuta. A quantos esta Carta virem fazemos saber, que nós Estabelecemos, e poemos por Lei, e Ordenação, que pela Santa Fé de Nosso Senhor, e Salvador Jesus Cristo sêr exalçada, e multiplicada, porque aquêles, que são infieis, assi Judeus, como Mouros, quanto mais forem favorisados, e houverem favor algum além do que hão ao aos Cristãos, porque eles em sendo Judeus são relevados d'alguns encargos, dos quais o não são os Cristãos, porém por haverem razão de mais *tostemente* se tornarem à Fé de Jesus Cristo Nosso Salvador, tal como êste, que se assi tornar à dita Fé, seja escusado de têr cavallo, posto que haja quantia para o têr segundo a nossa Ordenação; e mandamos, que seja disso escusado. E assi mandamos aos nossos Coudeis de todas as nossas Cidades, Vilas, e Lugares, onde forem moradores, ou eles quizerem viver em nossos Reinos, assi de Portugal, como Algarve, que os não constranjam para terem os ditos cavalos, posto que tenham a dita quantia, segundo por nós é Ordenado para os terem, como dito é, e mandamos, que posto que as ditas pessoas, ou cada uma delas sejam postas nos livros das caudelarias, ou dos besteiros, ou das vintenas do mar, que sejam dêles tirados, e riscados, e sejam de todo livres, e quites, e libertados, e não sejam para isso mais constrangidos.

2.º Outro si mandamos, que esses, que se assi tornarem a dita Fé, não sejam constrangidos para terem nenhuma outras armas, nem bestas de garrucha, nem de polé, nem sejam postos por besteiros do Couto, nem em vintena do mar, nem outras nenhuma armas, posto que tenham quantia

para as terem, porque nossa mercê é serem de todo livres, e quites, e isentos, e por nenhuma guisa para isso constrangidos.

3.º E este nosso Ordenamento mandamos que se entenda naqueles, que se já tornaram à dita Fé também como naqueles, que se daqui em diante tornarem, posto seja igual razão do privilegio assi a uns como a outros. E em testemunho disto mandamos assi fazer este nosso Ordenamento, e Lei, a qual mandamos escrever no nosso Livro da Chancelaria e disso vão logo Cartas testemunhaveis a todas as Cidades, e Vilas dos nossos Reinos, para ser sabido este nosso estabelecimento. Feito em Tentugal primeiro dia de Novembro, e publicado no dito dia, e logo aos cinco dias do dito mês, presente o Doutor Diego Martins do Dezembargo d'El-rei; e Eu Filipe Afonso isto escrevi: Era do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e vinte e dois anos.

4.º A qual Lei vista, e examinada por nós, confirmamos, e mandamos que se guarde, e cumpra, como ela é conteudo, e *adendo*, e declarado em ela, mandamos que haja lugar não somente naquele Judeu, que se tornar Cristão, mais ainda em qualquer Cristão, que casar com alguma Cristã, que antes fôsse Judia, porque houvemos por certa informação que assi foi usado, e pelo Rei D. João, e D. Duarte meu Avô, e Padre de gloriosa memoria, e ainda o entendemos assi por serviço de Deus, e Exalçamento da Santa Fé Católica.

5.º E com esta declaração, e adição mandamos, que se guarde a dita Lei, como suso dito é e por nós declarado.

Visado pela Comissão de Censura

Comunidade Israelita do Pôrto

(Kahal Kadosh Mekor Haïm)

MAPA DAS RECEITAS E DESPESAS DO ANO DE 1940

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|---|------------|--|------------|
| Saldo do antecedente: | | 1.ª Secção — CULTO: | |
| 5.ª Secção — (H'ebrâh Kadishah) — Repouso eterno — Fundo do Cemi- tério | 2.194\$70 | Morim (preceptores) | 7.760\$00 |
| Fundo geral | 247\$25 | Compra de Matsah (pão ázimo) . . . | 702\$00 |
| Quotizações e donativos | 2.439\$50 | Diversas despesas | 368\$80 |
| Subsídio do Portuguese Maranos Com- mittee de Londres | 10.227\$50 | 3.ª Secção — PATRONATO DOS TRA- BALHADORES: | |
| 1.ª Secção — CULTO: | | Assistência financeira a vários . . . | 1.486\$00 |
| Venda de Matsah | 708\$00 | 4.ª Secção — SIGNO VERMELHO: | |
| Donativos | 315\$00 | Assistência clínica e medicamentos . | 212\$00 |
| 3.ª Secção — PATRONATO DOS TRA- BALHADORES: | | 6.ª Secção — AMPARO DOS DESTER- RADOS: | |
| Donativos | 1.041\$00 | Diversas despesas | 66\$05 |
| 5.ª Secção — REPOUSO ETERNO: | | Despesas gerais: | |
| Donativos | 400\$00 | Água, luz e saneamento | 841\$60 |
| Juros do Fundo do Cemitério | 35\$36 | Servente e guarda-nocturno. | 722\$50 |
| | | Diversas despesas | 358\$80 |
| | | Despesas especiais: | |
| | | Mobiliário e utensílios | 60\$00 |
| | | Reparações na Sinagoga. | 807\$30 |
| | | Documentos para Londres | 410\$95 |
| | | | 13.796\$00 |
| | | Saldo para 1941 | 3.812\$31 |
| | 17.608\$31 | | 17.608\$31 |

EXPLICAÇÃO DO SALDO:

| | |
|------------------------------|-----------|
| Fundo do Cemitério | 2.630\$06 |
| Fundo geral | 1.182\$25 |
| Total | 3.812\$31 |

Pôrto, 31 de Dezembro de 1940.

O MAHAMAD.

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

ISRAEL, O POVO ELEITO

ISRAEL FOI ELEITO:

— em razão dos méritos dos pais.

Jer. Sanhedrin, 27 d.

— também das mães.

Siphrah, 112 c.

A eleição é devida a um puro acto de amor da parte de Deus.

Deus, que criou primeiramente Adão, o pai de todos, e que produziu todos os homens à sua imagem, ama-os todos e toma cuidado igualmente de todos; êle é o Deus de tôda a carne, de todo o homem que vem ao mundo, mas quis unir, muito particularmente, o seu nome a Israel (Mekiltá, 107 b); e fêz dêle o seu povo.

Tu nos escolheste dentre todos os povos, tu nos amaste e puseste em nós as tuas complacências. E tu nos elevaste acima de tôdas as línguas, e tu nos santificaste pelos teus manda-

mentos e tu nos conduziste, ó nosso Rei, para o teu culto.

Sidur.

O povo judeu é eterno:

Israel é um povo eterno, como está escrito. Um povo se levanta, outro desaparece, mas Israel permanece eternamente.

Pereq Ha-Shalom.

A terra subsiste para sempre, e Israel subsiste para sempre...; eu não mudei, nem mudarei, e a casa de Jacob não foi aniquilada e não será aniquilada...

Pereq Ha-Shalom.

As grandes solenidades—Rosh Hashaná e Kipur

P. — *Quais são as festas do Judaísmo?*

R. — Fôra o dia de Sábado ordenado pelo Decálogo, o Pentateuco instituiu duas grandes solenidades e três festas.

P. — *Quais são as duas grandes solenidades?*

R. — São os dias de: Rosh Hashaná e Kipur, que se celebram no dia 1 e 10 do mês de Tischri.

P. — *O que significa Rosh Hashaná?*

R. — Rosh Hashaná significa o começo do ano. Pelo ponto de vista civil deveria o mês de Nissan ser o primeiro mês do ano, mas religiosamente e sob o ponto de vista da natureza é o mês de Tischri. Rosh Hashaná é o aniversário da criação do mundo. Esta solenidade dura dois dias, e ambos têm a mesma solenidade.

P. — *Como é chamado Rosh Hashaná no Pentateuco?*

R. — O Pentateuco designa Rosh Hashaná pelo termo de Yom Hazikaron, dia de lembrança.

P. — *Qual é a lembrança do dia de Rosh Hashaná?*

R. — Nesse dia Deus lembra-se dos homens e os homens devem lembrar-se de Deus. Mas eles devem sobretudo lembrarem-se d'elles próprios e de tudo que praticaram durante aquêlle ano. Devem assim pela lembrança prepararem-se para o arrependimento e a Penitência, que terá lugar dez dias depois, no dia de Kipur. Portanto o dia da lembrança deverá ser uma preparação séria para o grande dia de Kipur.

P. — *Como se chama o período entre o dia 1 e o dia 10 do mês de Tischri?*

R. — Êsse período é chamado os dez dias de Penitência.

P. — *Qual é a cerimônia especial dos dias de Rosh Hashaná?*

R. — É a cerimônia do toque do Schofar. O Schofar feito de um chavelho de carneiro, em memória do sacrificio de Abraão, é um instrumento sagrado do culto antigo.

Os toques de Schofar têm por fim impressionar-nos; deve elevar os nossos pensamentos, e levar-nos a um exame severo da nossa consciência.

P. — *Que significa dia de Kipur?*

R. — Dia de Kipur ou Yom Hakipurim significa Dia de Expição; é a maior solenidade do Judaísmo. Desde o pôr do sol do dia 9 de Tischri até ao acabar do dia 10 temos obrigação de nos consagrar inteiramente, meditando e reflectindo longamente, examinando escrupulosamente a nossa conduta passada e pedindo a Deus perdão dos nossos pecados.

P. — *Deus perdoa todos os pecados?*

R. — Quando o nosso arrependimento é sincero Deus perdoa-nos os pecados cometidos para com êle. Mas pelos pecados que cometemos contra o

nosso próximo deveremos primeiramente emendar o mal que lhe causamos.

Enquanto o não fizermos não poderemos esperar o perdão de Deus.

P. — *Quais são as cerimônias especiais do dia de Kipur?*

R. — Kipur é um dia de jejum. De Kal Nidré à Neila não devemos tomar nenhum alimento. Os officios religiosos celebram-se sem interrupção desde manhã até à noite. Na reza de Mussaph lembrámo-nos da triple confissão que outrora fazia o sumo sacerdote no templo e ajoelhamo-nos em cada uma dessas confissões para manifestar a nossa humildade e o nosso desejo de purificar a nossa vida.

P. — *Como termina o dia de Kipur?*

R. — O dia de Kipur termina por uma confissão de fé de toda a assembléa, que proclama solenemente a Shemá, e a cerimônia acaba pelo toque de Shofar.

As três festas

P. — *Quais são as outras festas mosaicas?*

R. — São chamadas as três festas mosaicas: Pesah, Shabuoth, Sucot, que quere dizer Páscoa, Pentecostes e Cabanas.

P. — *Qual é a significação destas três festas?*

R. — Estas três festas são por um lado festas da natureza e por outro lado relacionam-se tôdas três a um mesmo acontecimento histórico, a saída do Egito.

P. — *Em que são estas três festas, festas da natureza?*

R. — Estas três festas são chamadas festas da natureza porque celebram: 1.º — O começo da ceifa; 2.º — O fim da ceifa; 3.º — O fim das colheitas. É por isso que a estas festas se lhes dá ainda os seguintes nomes: Festa do mês de Abib (êxodo 23,16) ou festa das espigas, nome que se dá à festa da Páscoa, porque ofereciam na Páscoa a primeira medida de trigo que colhiam no mês.

Hag hakazir, festa da ceifa, nome dado ao Pentecostes, porque em Pentecostes tinham acabado a colheita.

P. — *Quando é a festa da Páscoa?*

R. — Pesah é a 15 de Nissan. É o aniversário da saída do Egito e da passagem do mar vermelho que teve lugar a 21 de Nissan. É por isso que Pesah dura oito dias. Dêsses oito dias os dois primeiros e os dois últimos são santificados. Yom tob. Os quatro dias do meio são semi-festas Hol Hamoad, durante os quais o trabalho não é proibido.

P. — *Quais são as principais determinações da festa da Páscoa?*

R. — Durante os oito dias da Páscoa, não deve-

mos conservar nas nossas casas nada que tenha fermento (Hamés). Em lugar de pão alimentámo-nos durante esses oito dias de Massot, Azimos ou pão sem fermento.

P. — O que é o Séder?

R. — Nas duas primeiras noites da Páscoa, celebra-se a cerimônia familiar do Séder, durante a qual se lê Hagada, ou passagem da saída do Egito.

P. — O que é que se põe no prato do Séder?

R. — No prato do Séder põem-se principalmente estas três cousas: Pesah, Massot, Maror. Pesah ou carneiro pascal, é representado por um osso de carneiro assado ao lume; lembra a décima praga do Egito a morte dos primogênitos, época em que todos aquêles que tiveram confiança em Deus foram poupados. Massot o pão ázimo lembra a pressa com que os nossos antepassados fugiram do Egito, levando a massa sem levedar, que cozeram ao sol. Maror, as ervas amargas simbolizam a amargura da escravidão e os sofrimentos que os nossos tiveram no Egito.

P. — Falemos de Pentecostes?

R. — Shabuoth ou festa das semanas, chama-se assim porque se celebra sete semanas depois da Páscoa ou seja 6 de Sivan. É a segunda das três festas e o aniversário da promulgação do Decálogo. Dura dois dias sendo ambos santificados.

P. — Quais são as cerimônias especiais da festa Shabuoth?

R. — Shabuoth como é a festa da ceifa ornamentámos as sinagogas e as nossas casas com flores e verduras. E para lembrar a promulgação da lei dada ao Monte Sinai, fazemos a leitura solene dos dez mandamentos durante o officio do primeiro dia.

P. — Que significa Pentecostes?

R. — Pentecostes significa quinquagésimo porque esta festa celebra-se no quinquagésimo dia depois da Páscoa.

P. — Qual é a última das três festas?

R. — É a festa das cabanas, ou Succot, completada pelos dois dias finais Azereth ou Shemini Azereth.

P. — Quando é que se celebra Succot?

R. — Succot celebra-se cinco dias depois de Kipur dia 15 de Tishri, com o Azereth esta festa dura nove dias dos quais os dois primeiros e os dois últimos são santificados. Os cinco dias intercalados são dias semi-festivos ou Hol Hamoed. O último desses cinco dias chama-se Hoshana Rabá.

P. — Quais são as cerimônias especiais da festa de Succot?

R. — Fazem-se para esta festa cabanas ao ar livre para lembrar a permanência dos nossos antepassados nas cabanas durante os quarenta anos que permaneceram no deserto. Como esta festa é também a da colheita, é costume ornamentar estas cabanas com produções do outono.

P. — O que é o Lulab?

R. — O Lulab (palmeira) é um feixe composto de quatro espécies; um ramo de palmeira, ramos de

murta, ramos de salgueiro e um fruto chamado Etrog ou Cidra. Estas quatro espécies reunidas simbolizam a união dos grandes e dos pequenos, dos fortes e dos fracos, que são todos iguais perante Deus e que se devem ajudar mutuamente. Agite-se o Lulab durante os salmos do Hallel para mostrar o nosso reconhecimento a Deus que nos renovou as produções da terra.

P. — Como é que se chama o último dia da festa de Succot?

R. — O segundo dia de Azereth chama-se Simhá Torá, ou festa da Lei. Nesse dia fazemos a leitura do último capítulo do Deuteronomio e imediatamente começa-se o Pentateuco pela leitura do primeiro capítulo do Génesis.

P. — A que horas do dia começa e termina o Sábado e as festas?

R. — Todas as nossas festas começam ao pôr do sol da véspera do dia fixado pela Lei e terminam no dia marcado quando anoitece.

P. — Quais são as rezas com que iniciamos e terminamos o Sábado e as outras festas?

R. — Iniciamos o Sábado e as festas pela reza chamada Kidush, santificação, e terminamos pela Habdálá separação pela qual declaramos a solenidade terminada.

P. — Que diferença existe com relação ao trabalho entre o Sábado e as festas?

R. — Excepto no dia da Expição que é em tudo muito semelhante ao Sábado e que se chama mesmo o Sábado dos Sábados, nas outras festas é-nos permitido acender o lume, luzes e cozinhar os nossos alimentos.

P. — Fora os dias de festas não há também uns dias que se fazem officios especiais?

R. — Sim, é em Rosh Hodesh que se celebra pela recitação do Hallel e a reza suplementar ou Mussaf.

NECROLOGIA

SAMUEL VAN DEN BERG

No princípio de Fevereiro d'este ano, chamou Deus à sua divina presença o Sr. Samuel Van den Berg, senador holandês, um amigo dos maranos portugueses, membro honorário da Comunidade Israelita do Porto. Tinha saído da Holanda pouco antes da ocupação germânica e fôra residir para uma vila (casa de campo), que possuía em Nice (França).

Era um justo, era um bom.
Paz à sua alma.

Sentenças e Máximas Talmúdicas

— Se um justo morre, a perda é para os seus contemporâneos. E' como uma pérola que se perde; seja onde fôr que ela se encontre, ela é e continuará sempre pérola; ela só está perdida para o seu primeiro possuidor.

*

— A morte do justo é uma calamidade pública; o seu nascimento é uma felicidade para todo o mundo.

*

— Os justos prometem pouco e fazem muito, enquanto que os homens sem fé prometem muito e nada fazem.

*

— Os justos são dirigidos pelas suas boas inclinações; os maus são dirigidos pelas suas más inclinações; os homens vulgares umas vezes são dirigidos por umas e outras vezes por outras.

*

— A beneficência e a justiça social valem por si próprias tanto como a observância de todos os preceitos da Lei divina.

*

— Fazer sofrer os animais é transgredir a Lei divina.

*

— Mais vale um pequeno proveito na sua terra que um grande proveito em terra muito longe.

*

— Previne-te contra o mau antes que êle te obrigue a tomar precauções.

*

— Antes de comer e beber o homem tem dois corações; depois de ter comido e bebido só tem um coração.

— A verdade fica, a mentira desaparece.

*

— Convive com o perfumista e também espalharás bom cheiro.

*

— Uma mulher má, é como uma tempestade, uma trovoada contínua.

*

— Roubar um homem é mais grave que roubar qualquer coisa a Deus.

*

— As maiores desgraças numa família provêm muitas vezes da má educação dos filhos.

*

— Corrige os teus defeitos antes de querer corrigir os dos outros.

*

— Os prosélitos são tão perniciosos para Israel como uma doença contagiosa.

*

— Em várias passagens da Escritura sagrada é dito que Deus é cheio de misericórdia. — Isto significa, diz Rabi Hilel, que a sua justiça se inclina sempre para a clemência.

*

— Faz com que vários te queiram bem, mas só descubras os teus segrêdos a um entre mil.

*

— O homem iracundo terá por proveito a sua ira. O homem amável gozará do fruto das suas obras.

*

— A maior parte dos filhos assemelham-se aos irmãos de sua mãe.

— A maior parte dos bastardos são ma-
nhosos.

*

— O feiticeiro pronuncia fórmulas má-
gicas sem saber o que diz.

*

— Se o pastor é coxo e a ovelha corre-
dora, o pastor diz: à entrada do redil nós
conversaremos e ajustaremos as nossas
contas.

*

— O nascimento do mau é uma calami-
dade pública; a sua morte é uma felicidade
para o mundo inteiro.

*

— Nem à porta do inferno, os maus
fazem penitência.

*

— Sete poços foram cavados para des-
truir o justo e êle de todos se livrou; um
só basta para exterminar o impio.

*

— A fome durará sete anos e não entra
na casa dum trabalhador.

*

— Três coisas diminuem as fôrças do
homem: as inquietações, as viagens e os
remorsos.

*

— Deus ama estas três espécies de ho-
mens: aquêlê que se não irrita; aquêlê que
não aliena a sua liberdade e aquêlê que
não guarda rancor.

*

— Deus odeia estas três espécies de ho-
mens: aquêlê que fala dum modo inteira-
mente diferente daquilo que pensa; aquêlê
que podendo testemunhar a favor do seu

próximo se abstém disso; aquêlê que tendo
visto sem outra testemunha o seu próximo
praticar um acto vergonhoso, vem denun-
ciá-lo em justiça.

*

— Há três espécies de homens cuja vida
não é vida: Aquêlê que espia sempre a
ocasião de se fazer convidar para a mesa
de outrem; aquêlê que se deixa dominar
pela sua mulher; aquêlê a quem a doença
acabrunha com sofrimentos.

*

— Há três espécies de homens cuja vida
não é vida: os homens demasiado compas-
sivos, os que se irritam fâcilmente e os que
são melancólicos.

*

— Há três affectos naturais: o affecto
dum homem pela sua terra natal, o do
marido por sua mulher e o do comprador
pelo objecto comprado.

*

— Há três espécies de homens de quem
Deus proclama diâriamente a virtude: o
jovem que mora numa grande cidade e
conserva costumes puros; o pobre que
entrega um objecto achado; e o rico que
distribui o dizimo dos seus rendimentos
em sêgrêdo.

*

— Há três coisas que tornam orgulhoso
o homem que as possui: uma bela casa,
uma bela mulher e belos fatos.

*

— Há três coisas que acalmam o espí-
rito: a música, a pintura e os perfumes.

*

— A raça israelita distingue-se pelas três
qualidades seguintes: é compassiva, modesta
e caritativa.

Cronologia Israelita

ERA VULGAR

- 797 — O Judeu Isaac acompanha uma embaixada enviada por Carlos Magno a Harun-al-Rashid.
- 950 — Moisés Ben-Enoch funda a Yeshibah de Córdoba. — Chasdai Ben-Shaprut é ministro do sultão de Córdoba, Abdul-Rahman.
- XI e XII séculos — Gershon funda a Yeshibah de Mayence e Isaac Alfasi a de Lucena; Rashi preside à de Troyes e Abraham Ibn-Daud à de Narbona.
- 1090 — O imperador Henrique IV garante a Judah Kalonimos, e aos judeus de Spire as suas vidas e propriedades.
- 1096 — Primeira cruzada, acompanhada por numerosos massacres de judeus.
- 1144 — Primeira acusação de morte ritual. (William de Norwich).
- 1146 — Segunda cruzada. — Massacres de judeus em França e na Alemanha.
- 1181 — Filipe Augusto fecha a Yeshibah de Paris.
- 1211 — Rabinos franceses e ingleses emigram para a Palestina.
- 1232 — J. Ben-Mari Ben-Anatoli é encarregado pelo imperador Frederico II de traduzir filósofos gregos.
- 1254 — Depois de vários exílios e várias anistias, os judeus são banidos de França por Luís IX.
- 1274 — O papa Gregório X nega, numa bula, a morte ritual.
- 1290 — Os judeus são expulsos da Inglaterra.
- 1305 — Salomão Ben-Adreth preside à Yeshibah de Barcelona.
- 1334 — Casimiro III da Polónia concede aos judeus o *Privilegium Frediricanum*.
- 1391 — Primeiras matanças de judeus em Castela e em Aragão.
- 1404 — Chegada à Holanda de *maranos* (judeus convertidos à força ao catolicismo) que praticavam em segredo o judaísmo.
- 1450 — J. Colon preside à Yeshibah de Pavia.
- 1481-2 — É estabelecida inquisição contra os maranos em Castela e em Aragão. — Torquemada.
- 1492 — Graças aos subsídios e à protecção do marano Luís de Santagel, rendeiro das taxas reais dos reis católicos Fernando e Isabel, Cristóvão Colombo freta três navios e descobre a América, tendo a bordo vários judeus e maranos. — No mesmo ano todos os judeus são expulsos de Espanha.
- 1500 — Joseph Polak preside a uma Yeshibah em Cracóvia.
- 1503 — O judeu convertido Pfefekorn ataca o Talmud, que é defendido pelo católico Reuchlin.
- 1517 — A Palestina torna-se turca.
- 1530 — Carlos V concede a Joselmann de Rosheim a extensão dos privilégios dos judeus de Alsácia.
- 1532-44 — Panfletos de Lutero pró e contra os judeus.
- 1567 — O marano português Joseph Nassi é nomeado duque de Naxos pelo sultão da Turquia.
- 1586 — O cabalista Luria apresenta-se como messias. — Os judeus da Polónia estabelecem o Sinodo das Quatro Províncias.
- 1600 — Samuel Palache, embaixador do sul de Marrocos em Amesterdão.
- 1642 — Isaac Aboab e 600 judeus de Amesterdão estabelecem-se em Pernambuco.
- 1648 — Primeiras perseguições dos judeus na Polónia: os cossacos de Chmielnicki.
- 1657 — Menasseh Ben-Israel (Manuel Dias Soeiro), obtém de Lord Cromwel o direito de estabelecimento dos judeus em Inglaterra.
- 1665 — Sabatai Zebi é proclamado messias em Smirna.
- 1703 — Jonas Aron estabelece-se em Filadelfia.
- 1750 — Frederico — o grande — concede um privilégio geral aos judeus da Prússia.
- 1753 — O Parlamento inglês autoriza a naturalização dos judeus.
- 1772 — Gustavo III autoriza os judeus a estabelecerem-se em Estocolmo e em Goeteberg.
- 1782 — José II, imperador da Áustria, publica um *édito de tolerância* para os judeus.
- 1784 — Luís XVI abole a portagem corporal que pesava sobre os judeus da Alsácia.
- 1789 — Os judeus dos três bispados de Alsácia e de Lorena encarregam Ber Isac Ber da missão de expôr os seus pedidos à Assembléia Nacional.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 105)

TÍTULO LXXXIV

**Que o Judeu possa demandar sua dívida ao Cristão,
pôsto que sejam passados vinte anos, não
embargante a Lei antes feita em contrario**

El-rei D. Afonso em seu tempo fez Côrtes gerais na Vila de Santarem, em que lhe foram por parte dos povos requeridos certos artigos, entre os quais lhe foi requerido um em esta forma, que se segue:

1.º Item — Dizem, que nosso Padre pôs por Lei, e mandou que se guarde, que todos os Judeus, que tivessem cartas, e obrigações, ou prazos de dividas, e as não demandassem do dia que essas obrigações fossem feitas até vinte anos, que depois que as não podes-

sem haver, nem demandar, nem lhe fossem tidos a elas aqueles, que lhes eram obrigados, e foi sua mercê de a revogar depois disto arrego de alguns: pedindo-nos por mercê, que se guarde a dita Lei.

Ao qual Artigo respondeu o dito Senhor Rei em esta guisa. Diz El-rei que se guarde daqui adiante sobre isto o Direito Comum.

2.º — O Qual artigo com a dita resposta visto, e examinado por nos, mandamos que se guarde por Lei, assim como em ele é contido, e suso declarado.

TÍTULO LXXXV

**Que os Judeus não sejam Officiais d'El-Rei, nem dos Infantes,
nem de quaisquer outros Senhores**

El-Rei D. Afonso o Segundo da famosa memória em seu tempo fez uma Lei, de que o teor tal é:

1.º — Porque aqueles, que são honrados pelo Santo Batismo, não devem ser agravados dos Judeus, os quais por nos assi como por testemunhas da morte de Jesus Cristo devem ser defesos somente, porque são homens; porem mandamos, e estabelecemos por Lei, que nós, nem nossos sucessores não façam Judeu nosso Ovençal, nem lhe encomendemos coisa alguma, porque os Cristãos em alguma guisa possam ser agravados. Porem não defendemos aos outros, que lhes os seus serviços não possam encomendar.

2.º — E achamos no Livro da nossa Chancelaria, que depois El-Rei meu Senhor, e Padre de gloriosa memoria em sendo Infante fez outra Lei sobre este mesmo caso em esta forma, que se segue.

3.º — Outro si mandamos, e defendemos

aos Infantes, Arcebispos, e Bispos, Condes e Mestres, Abades, e Prioros, Comendadores, Cavaleiros, Escudeiros, e quaisquer outros Senhores grandes, e honrados dos nossos Reinos, que não tenham, nem tragam em suas casas, nem em suas terras, quintas, e lugares por seus Vedores, Mordomos, ou Recebedores, ou Contadores, ou Escrivães nenhum Judeu, de qualquer condição que seja; e qualquer que o contrário fizer, se fôr Infante, ou Arcebispo, ou Conde, ou Mestre, ou Prior do Hospital, ou Prior da Santa Cruz, ou Abade Bento, pague mil dobras d'ouro; e os outros de mais pequena condição paguem quinhentas; e todo seja para nós: e o Judeu, que aceitar o Officio de cada uma das ditas pessoas, seja açoitado publicamente, e haja cento açoites compridos.

4.º — As quais Leis ambas vistas, e examinadas por nós, confirmamos, e mandamos que se cumpram, e guardem como nela é conteudo.

Calendário Israelita

Ano de 5702

(Tem 12 meses lunares)

- | | |
|---|--|
| 1.ª lua (Tishri) — 30 dias dia 1 — 22 de Setembro de 1941. | 6 de Outubro de 1941; 2.º dia — 7 de Outubro de 1941. |
| 2.ª lua (Heshvan) — 30 dias dia 1 — 22 de Outubro de 1941. | <i>Hoshanah Rabah</i> — 12 de Outubro de 1941. |
| 3.ª lua (Kislev) — 30 dias dia 1 — 21 de Novembro de 1941. | <i>Shemini Assereth</i> — 13 de Outubro de 1941. |
| 4.ª lua (Tebet) — 29 dias dia 1 — 21 de Dezembro de 1941. | <i>Simhá Torah</i> — 14 de Outubro de 1941. <i>Hanukah</i> (Festa dos Macabeus) — 1.º dia — 15 de Dezembro de 1941; 8.º dia — 22 de Dezembro de 1941. |
| 5.ª lua (Shebat) — 30 dias dia 1 — 19 de Janeiro de 1942. | <i>Lailanoot</i> — (Ano Novo das Árvores) — 2 de Fevereiro de 1942. |
| 6.ª lua (Adar) — 29 dias dia 1 — 18 de Fevereiro de 1942. | <i>Purim</i> (Festa da Rainha Ester) — 3 de Março de 1942. |
| 7.ª lua (Nissan) — 30 dias dia 1 — 19 de Março de 1942. | <i>Pessah</i> (Páscoa) — 1.º dia — 2 de Abril de 1942; 8.º dia — 9 de Abril de 1942. |
| 8.ª lua (Yiar) — 29 dias dia 1 — 18 de Abril de 1942. | <i>Lag-Laomer</i> — 5 de Maio de 1942. |
| 9.ª lua (Sivan) — 30 dias dia 1 — 17 de Maio de 1942. | <i>Shabuoth</i> (Pentecostes) — 1.º dia — 22 de Maio de 1942. |
| 10.ª lua (Tamuz) — 29 dias dia 1 — 16 de Junho de 1942. | |
| 11.ª lua (Ab) — 30 dias dia 1 — 15 de Julho de 1942. | |
| 12.ª lua (Elul) — 29 dias dia 1 — 14 de Agosto de 1942. | |

Dias festivos do ano 5702

Rosh Ha-Shanah (Ano Novo) — 1.º dia
— 22 de Setembro de 1941; 2.º dia — 23
de Setembro de 1941.

Kipur (Dia do grande perdão) — 1 de
Outubro de 1941.

Sukoth (Festa das Cabanas) — 1.º dia —

Jejnns em 5702

Assassinato de Guedalioh — 24 de Se-
tembro de 1941.

Kipur — 1 de Outubro de 1941.

Cêrcio ao Templo — 30 de Dezembro de
1941.

Jejum de Ester — 2 de Março de 1942.

Tomada do Templo — 2 de Julho de
1942.

Destruição do Templo — 23 de Julho de
1942.

Visado pela Comissão de Censura

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

OS NOSSOS MÁRTIRES

Antonio José da Silva “O Judeu”

Êste cripto-judeu,
insigne escritor
teatral, natural do
Brasil, então coló-
nia portuguesa, foi
queimado nas fo-
gueiras da Inquisi-
ção, na cidade de



Lisboa, no dia 18
de Outubro de
1739, tendo o San-
to Ofício permiti-
do piedosamente
que sua mãe e sua
espôsa assistissem
a êsse suplício.

A nossa gravura reproduz a maquete dum monumento, que esteve para ser
construído na Avenida da Liberdade, em Lisboa, nos primeiros
anos após a proclamação da República Portuguesa.

DECÁLOGO

P.— *Como se chama a lei que Deus promulgou sobre o Monte Sinai?*

R.— A lei promulgada por Deus sobre o Monte Sinai chama-se Decálogo ou os Dez Mandamentos.

P.— *Dizei os dez mandamentos.*

R.— 1.º Eu sou o Eterno teu Deus, que te tirou do país do Egito, da casa dos escravos;

2.º Não terás outro Deus além de mim; não farás, nem adorarás nenhuma imagem;

3.º Não pronunciarás o nome de Deus para a mentira porque Deus não deixa sem castigo aquele que pronuncia o seu nome para a mentira;

4.º Lembra-te do dia de Sábado para o santificares. Trabalharás durante seis dias, mas o sétimo dia é consagrado ao Eterno teu Deus. Não farás nenhum trabalho nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu gado, nem o estrangeiro que esteja na terra, porque o Eterno criou em seis dias o céu, a terra, o mar e tudo que eles contêm, e abençoou o sétimo dia e o santificou.

5.º Honra teu pai e tua mãe, a fim de que os teus dias sejam prolongados sobre a terra, que o Eterno teu Deus, te deu;

6.º Não matarás;

7.º Não cometerás adultério;

8.º Não roubarás;

9.º Não levantarás falsos testemunhos;

10.º Não cubiçarás a casa do teu próximo, nem a sua mulher, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem nada que pertença ao teu próximo.

Desenvolvimento dos dez mandamentos

PRIMEIRA TÁBUA

Primeiro mandamento

Eu sou o Eterno teu Deus que te tirou do país do Egito da casa dos escravos.

P.— *Que significa o primeiro mandamento?*

R.— O primeiro mandamento não contém a forma de uma lei positiva. Não encerra nenhuma proibição. Afirma a exis-

tência de Deus, e os direitos do homem à liberdade.

P.— *Que significam as palavras: o homem é livre?*

R.— O homem é livre, isto significa, primeiramente, que nenhum poder humano tem o direito de oprimir os fracos e de os fazer escravos.

O homem é livre, isto significa, em segundo lugar, que cada um tem o direito de crer, de pensar, e de proceder segundo a sua consciência, segundo a justiça e o bem.

P.— *O homem é livre para praticar o mal?*

R.— Deus deu ao homem a liberdade para empregá-la para o bem, mas há homens que empregam a sua liberdade para fazer mal. Esses homens são maus e terão a responsabilidade dos seus actos.

Segundo mandamento

Não terás outro Deus senão eu e não farás nem adorarás nenhuma imagem.

P.— *Qual é a importância do segundo mandamento?*

R.— O segundo mandamento proclama a verdade fundamental do Judaísmo. A unidade de Deus. Antes da promulgação do Decálogo, os Patriarcas já acreditavam num Único Deus. Mas o segundo mandamento divulgou essa verdade pelo mundo inteiro, fazendo desaparecer tôdas as falsas crenças, as doutrinas morais e as superstições indignas da humanidade.

P.— *Qual é a consequência moral da unidade de Deus?*

R.— Deus é Um, isso significa que Deus é o único Criador, o Pai de todos os homens. Todos os homens são filhos de Deus, todos devem portanto considerarem-se e amarem-se como filhos de um mesmo pai, ou seja como irmãos. A unidade divina tem como consequência a unidade humana; a unidade do Criador conduz à unidade da criatura. O monoteísmo tem como corolário a fraternidade universal.

Terceiro mandamento

Não pronunciarás o nome de Deus para a mentira.

P.— *O que é que proíbe o terceiro mandamento?*

R.— O terceiro mandamento proíbe-nos de nos servirmos do nome de Deus para fazer acreditar uma mentira.

E' uma vergonha mentir, mas torna-se um crime quando nos queremos cobrir da autoridade da Divindade para defender a nossa mentira. E' um crime para com os homens e uma blasfêmia para com Deus.

P.— *Como é que se pode transgredir indirectamente o terceiro mandamento?*

R.— Os hipócritas que se escondem com as aparências religiosas e que fazem da religião uma máscara para melhor enganar os homens, transgridem o terceiro mandamento.

O Pentateuco diz: «Sêde íntegro com respeito ao Eterno teu Deus».

Quarto mandamento

Lembra-te do dia de Sábado para o santificares. Trabalharás durante seis dias, mas o sétimo dia é consagrado ao Eterno teu Deus.

P.— *Que encerra o quarto mandamento?*

R.— O quarto mandamento encerra dois pensamentos: o primeiro, que diz que é preciso fazer do sétimo dia um dia sagrado, santificado, e o segundo, que é a consequência do precedente, diz que é preciso abster-se de fazer qualquer trabalho.

P.— *Que compreendeis por santificar o dia de Sábado?*

R.— Santificar o dia de Sábado significa que é preciso fazer do último dia um dia superior, que é preciso que seja consagrado ao aperfeiçoamento da nossa natureza moral.

P.— *Que compreendeis pela vossa natureza moral?*

R.— O homem tem uma natureza dupla: uma natureza física, um corpo, como todos os outros seres do Universo, mas tem também, além disso, e êle só, uma outra natureza, uma consciência, faculdades, uma alma, que o coloca sôbre todos os outros seres e lhe impõe deveres superiores, o dever de viver com dignidade, com nobreza e de se aperfeiçoar. O sétimo dia deve ser consagrado a êsse aperfeiçoamento, e é por isso que deve ser dedicado à meditação, a exercícios morais e religiosos e a tudo que possa contribuir ao nosso progresso.

P.— *Qual é o segundo pensamento do quarto mandamento?*

R.— O quarto mandamento prescreve a lei do descanso, a lei do descanso responde a uma necessidade da nossa natureza e de toda a natureza. E' por isso que não somente devemos nós descansar, mas também conceder o descanso àquêles que nos servem e aos nossos animais. A terra deve também descansar uma vez em cada sete anos. Aquêles que não observam o descanso prescrito pelo quarto mandamento privam-se dum dos mais belos gozos da vida.

Quinto mandamento

Honra teu pai e tua mãe.

P.— *Qual é o dever do quinto mandamento?*

R.— O dever do quinto mandamento é o de testemunhar o nosso respeito aos nossos pais.

P.— *Porque é que o quinto mandamento não diz: «Ama o teu pai e tua mãe?»*

R.— O quinto mandamento não podia ser assim formulado: «Ama o teu pai e tua mãe» porque o amor deve ser espontâneo, e não ordenado por uma lei. E' contra a natureza que uma criança não goste de seus pais, mas há crianças que não respeitam os seus pais como devem e essas crianças são culpadas.

P.— *Como é que uma criança deve testemunhar o seu respeito para com seus pais?*

R.— O respeito para os pais consiste sobretudo na obediência em tudo que êles nos ordenam. Devemos ambicionar ser-lhes agradáveis, seguindo-lhes os conselhos, e inspirando-nos pelos principios que êles nos inculcam e pelos bons exemplos que êles nos dão. Trabalharemos assim para a sua felicidade e a nossa.

Resumo dos cinco primeiros mandamentos.

P.— *Como resumis os cinco primeiros mandamentos?*

R.— Moisés trouxe os dez mandamentos gravados sôbre duas tábuas. A primeira tábua contém os deveres do homem para com Deus e para com os nossos pais. São os deveres de respeito e afeição filial. Devemos a nossos pais respeito e obediência, como a Deus.

(*Contínua no próximo número.*)

Consultório

Iniciamos neste número esta secção destinada a dar resposta a várias perguntas que nos fazem sobre assuntos religiosos ou que estejam relacionados com eles.

As respostas, quando não forem assinadas, são dadas pelo conselho escolar do Instituto Teológico Israelita do Pôrto (Yeshibah Rosh-Pinah).

I

Pergunta:

O Ex.^{mo} Sr. Professor Nogueira pede a explicação do que é o Talmud e de que livros se compõe.

Resposta:

O *Talmud* (Estudo), é uma vasta colectânea em hebreu e em arameu, compreendendo: 1.^o—O texto da *Mishnah*, isto é, da Lei oral desde as suas origens até ao ano 220 da Era vulgar; 2.^o—As interpretações e comentários de todos os géneros, inspirados por este texto aos mestres e aos alunos das Escolas ou Academias Teológicas da Palestina e de Babilónia na época dos Amoraim, do ano 220 ao ano 500. Destas existem duas redacções: o Talmud de Jerusalém, terminado na Palestina nos meados do século IV e o Talmud de Babilónia, muito mais importante pela sua extensão e conteúdo, terminado em Babilónia pelo ano 500, por Rab Ashi e Rabinah. Dá-se o nome de Ghemarah à parte do Talmud de Babilónia que é acrescentada à *Mishnah*. Cada um destes Talmuds segue a divisão da *Mishnah*, em seis *ordens*, que são subdivididas em *tratados*. Mas a palavra tratado não significa neste caso que as matérias sejam logicamente classificadas ou desenvolvidas. Não há, pelo contrário, nenhuma ordem real nestas duas enormes compilações. Assiste-se, lendo-as, às palestras e às discussões intermináveis que cada um dos versículos da Bíblia inspira aos comentadores: subtis raciocínios de casuística e de jurisprudência, deduções sensatas ou audaciosas, história, lenda, religião, moral, filosofia, geografia, zoologia, astrologia, superstições e tradições, ciência e poesia suce-

dem-se e entrelaçam-se em cada capítulo, quasi em cada página. As opiniões mais diversas e as mais contraditórias se expressam nestas colectâneas, que representam cerca de dez séculos de pensamento judeu; e não é para surpreender que algumas delas tenham parecido, sob vários aspectos, chocantes aos próprios talmudistas. Mas, em geral, as opiniões não obrigam senão os seus autores (cujos nomes são sempre expressos) e não se impõem nem como dogmas, nem como regras de conduta.

Dois caminhos do pensamento se reconhecem, com efeito, em todos os desvios destes mesmos labirintos que são os dois Talmuds: 1.^o—Os comentários da Lei propriamente dita pertencem ao pensamento *jurídico* e constituem uma jurisprudência, a *Halashah*, que possui fôrça de Lei, — sob a condição com tudo que, de acôrdo com uma interpretação tradicional do *Êxodo*, cap. XXIII, vers. 2, a decisão tenha sido tomada por maioria de votos dos doutores que a discutiram; 2.^o—Os comentários dos textos *não legislativos* da Bíblia pertencem, pelo contrário, à livre fantasia, que se liga, quer a um passado mais ou menos lendário, quer ao conhecimento mais ou menos exacto da natureza ou do universo, quer pela necessidade de cativar ou comover uma assembleia de fieis, quer com o fim de descobrir os mistérios da criação ou perscrutar sobre as visões de além-túmulo e as promessas dos Últimos Dias. Ela cria então a *Hagadah*, conjunto de narrativas e fábulas, de noções e de ficções, de imagens e de simbolos onde nenhum judeu é obrigado a ver verdades rigorosas.

II

Pergunta:

O Sr. J. A. P. G., tendo lido o estudo sobre Yahia Ben-Yahia, pede lhe seja indicada uma maneira prática para passar da Era vulgar para a Era mussulmana.

Resposta:

Cálculo aproximado para transformar a era mussulmana em cristã ou vulgar.

Subtrai-se 622 à data cristã, e depois como o ano mussulmano é mais curto que o ano solar cerca de 11 dias, juntar um ano

Seitas judaicas

Os Karaïtas

Depois do cisma cristão e da ruína do estado judaico e do Templo, os Doutores propuseram-se ter como tarefa perpetua o judaísmo *levantando uma paliçada em volta da Lei* (Thorah). Nas escolas da Palestina (sob a dominação romana) e nas de Babilónia (sob a dominação partha e depois árabe) a tradição oral desenvolve-se e toma vulto nas vastas colectâneas da Mishnah, do Talmud de Jerusalém e do Talmud de Babilónia, cuja autoridade, em matéria legal, se impõe pouco a pouco a todos os judeus da Diáspora (Destêro). Contudo, no 8.º século da Era vulgar, rebenta uma reacção contra o Talmudismo: — os *Karaïtas*.

Karaïtas, de *mikrah* (leitura), palavra que designa, por opposição ao Talmud, os livros da Biblia. O Karaísmo é uma seita fundada nos meados do século 8.º por Anan Ben-David, sobrinho do rosh Galuth (chefe do destêro) Salomão, em Babilónia, então sob o domínio árabe.

Reagindo contra a tradição Talmúdica, os Karaïtas, descendentes espirituais dos Saduceus, rejeitam toda a tradição e pretendem obedecer unicamente, para a fé e para a prática da vida e do culto, às três partes da Biblia (Pentateuco, Profetas e Escrituras sagradas).

O Karaísmo teve um período muito brilhante entre o 9.º e o 12.º século em Jerusalém, em Constantinopla, na Arábia, no Egito e até na Península Ibérica. Existem actualmente alguns milhares de adeptos, na Turquia, na Crimeia, na Galícia e na Polónia.

por cada 33, pelo tempo compreendido entre a Hégira e o ano da Era vulgar em que o acontecimento se passou.

Exemplo:

$$\begin{array}{r} 1248 \\ - 622 \\ \hline 626 \\ + 19 \\ \hline 635 \end{array} \quad \begin{array}{r} 626 \\ - 296 \\ \hline 32 \end{array} \quad \begin{array}{r} 33 \\ 18 \\ \hline \end{array}$$

O ano 1248 da Era vulgar corresponde ao ano 635 da Hégira ou da Era mussulmana.

VIDA COMUNAL

PORTO

Festas de Rosh Ha-shanah, Kipur e Sukoth — Foram solenemente celebradas as festas do Ano-Novo, Dia do Grande Perdão e das Cabanas na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm (catedral do judaísmo no Norte de Portugal) num ambiente de fé e de respeito. Tomaram parte em vários actos religiosos os Srs. Menasseh Bendob, Wormser e o moreh marano Pereira Gabriel.

A assistência era composta de judeus alemães, maranos e pólaços.

REFUGIADOS

A maior parte dos refugiados judeus que moravam no Pôrto, mudaram a sua residência para as Caldas-da-Rainha, onde estabeleceram um Beth Ha-Midrash (Casa de Orações).

O reverendo Rab Fajbusz Szulem Dembinski partiu do Pôrto para as Caldas no dia 13 de Agôsto, tendo tido na estação do caminho de ferro uma afectuosa despedida por parte de membros da Direcção da comunidade do Pôrto e outros israelitas e maranos.

O reverendo Dembinski, guia religioso da Congregação dos Hassidim, deixou saúdaes em todos aquêles que tiveram a honra de privar com êle. Alma bem formada, espirito cheio de fé e de tolerância e guia espiritual onde se manifestava fina intelligência e cordial bondade.

As festas do mês de Tishri (Lua de Setembro) foram celebradas também nas Caldas-da-Rainha sob a direcção litúrgica do reverendo Rab.

O Instituto Teológico Israelita do Pôrto enviou livros de orações e um shophar (busina litúrgica); um sepher thorah (Livro da Lei) foi enviado de Lisboa.

O Mahamad (Junta Directora) da Comunidade do Pôrto delegou no seu 1.º Secretário Sr. Menasseh Bendob o encargo de ir às Caldas-da-Rainha apresentar cumprimentos ao venerando Rab e desejar-lhe um novo ano de 5702 cheio de venturas e prosperidades.

No dia 17 de Setembro partiu o Sr. Menasseh nessa missão, tendo sido recebido carinhosamente não só pelo reverendo Rab como por todos os fiéis.

Talmudistas

Tanaïm, plural de Tanah (do aramaico *teni*, ensinar), nome dado aos doutores da Thorah (Lei) entre o ano 10 e 220 da Era vulgar.

Como mais tarde os Amoraïm, muitos dêles exerciam profissões manuais. — Distinguem-se seis gerações de Tanaïm: 1.^a de 10 a 80; 2.^a de 80 a 120; 3.^a de 120 a 140; 4.^a de 140 a 165; 5.^a de 165 a 200; 6.^a de 200 a 220. Os comentários, interpretações e decisões dos Tanaïm foram consignadas por escrito na *Mishnah* de Judah — o Santo, acabada cêrca do ano 220.

Os sucessores dos Tanaïm foram os Amoraïm.

Amoraïm, plural de Amora (de Amar, dizer), nome dado aos comentadores da Mishnah, sucessores dos Tanaïm e predecesores dos Saboraïm. Êles exerciam muitas vezes profissões manuais.

Contam-se na Palestina três gerações de Amoraïm desde o ano 219 a 500 da Era vulgar; os seus comentários foram reunidos no *Talmud de Jerusalém*, terminado no século IV e no *Talmud da Babilônia*, terminado no ano 500.

Saboraïm, plural de Saborah (pensadores), nome dado aos Doutores da Lei (Thorah), que sucederam aos Amoraïm e que precederam os Gaons, desde o ano 500 a 589 da Era vulgar.

Êles nada acrescentaram ao Talmud, cuja redacção tinha sido terminada no ano 500; a sua obra consistiu sobretudo em completar o seu arranjo por tratados e capítulos.

Gaons (Gheonim, plural de Gaon), titulo dado aos chefes das Academias teológicas (Yeshiboth) de Surah e Pumbadita, em Babilônia.

Êles eram ao mesmo tempo juizes supremos independentes dos Príncipes do Destêrro, aos quais êles se contentavam de ir prestar homenagem uma vez por ano. Os Gaons tinham por missão interpretar o Talmud e tomar decisões jurídicas e religiosas de acôrdo com os seus ensinamentos.

O Gaonato começa com Hanan de Hiskiah, em 589, em Pumbaditah, e, em 658, com Mar Ben Mar Hunah, em Surah.

O último Gaon de Surah foi Samuel Ben-Hophni, que morreu em 1034; o penúl-

A missão de Israel e o Messianismo

Sejas antes o amaldiçoado, que aquêle que dá a maldição.

— Ê melhor estar entre os perseguidos do que entre os perseguidores.

— Deus não dispersou os Israelitas, senão para espalhar a sua crença no meio das nações.

— Como o mundo não pode passar sem o ar, da mesma maneira não poderá existir sem Israel.

— O Messias não virá sem que a série das almas destinadas a vir ao mundo esteja esgotada.

— Os profetas, previram as maravilhas do futuro, não viram a época messiânica; porque, para tudo que diz respeito ao futuro do mundo, é um mistério em que nenhum ser humano pode penetrar.

— O que distinguirá a época messiânica dos tempos actuais, é a libertação das nações.

(DO TALMUD).



Obra do Resgate

Promovida pelo Instituto Teológico Israelita (Yeshibah Rosh-Pinah), no dia 13 de Setembro foi feita a Berith milah (circuncisão) do jovem marão João Carlos Cerqueira Lopes da Silva Martins, primo do antigo Talmid da Yeshibah Johanan Vaz Quina, falecido na Guerra Civil de Espanha, fazendo parte do Tércio Estranjero.

No dia 19 do mesmo mês, depois de curado, foi feita a solene entrada na Aliança de Abraham desta alma resgatada, sendo oficiante o Reitor do Instituto Prof. Barros Basto e testemunhas o Moreh Joseph Gabriel e o antigo talmid Aarão Horta.

BESIMAN TOB.

timo Gaon de Pumbaditah foi Haï, que morreu em 1038; depois Hesekiah foi em 1040, ao mesmo tempo o último Gaon e o último Príncipe do Destêrro.

SENTENÇAS E MÁXIMAS TALMÚDICAS

— A justiça, a verdade e a paz encontram-se sempre juntas e formam apenas uma só coisa.

Em tôda a parte onde reina a justiça, reina também a paz; e onde há paz, há também justiça.

*

— Tendes talvez a intenção de praticar uma má acção em segredo, dizendo com vós mesmos: — Quem me verá?

— Tomai cuidado, as próprias pedras e os pilares da vossa casa testemunharão contra vós.

*

— Há oito coisas que são vantajosas, quando delas se faz um uso moderado, mas cujo abuso é prejudicial. São: o vinho, o trabalho, o sono, a riqueza, as viagens, as relações sexuais, os banhos quentes e as sangrias.

*

— A maior alegria do coração vem da mulher.

*

— O sol brilha para todo o mundo.

*

— Uma mudança na alimentação vulgar é um começo de males do estômago.

*

— Há seis virtudes que asseguram ao homem uma felicidade, da qual receberá o lucro neste mundo e cujo capital lhe estará reservado no mundo futuro. São: a prática da hospitalidade, o cuidar dos doentes, o fervor durante a oração, a frequência das escolas, a instrução que manda dar a seus filhos e o dever que a si mesmo impõe de julgar o seu próximo com indulgência.

*

— Enfeitai o porco com belas folhagens; êle nem por isso deixará de se esfregar na lama.

*

— A inteligência dos sábios desenvolve-se à medida que envelhecem; a tolice dos ignorantes aumenta à medida que êles avançam na idade.

*

— Os discípulos dos sábios fazem reinar a paz no mundo.

*

— Se a raposa está no poder, curva-te perante ela.

*

— A porta que está fechada para o pobre se abrirá para o médico.

*

— Onde Satã não pode chegar, envia o vinho como mensageiro.

*

— O último dos dez mandamentos, que proíbe cobiçar o bem de outrem, vale por si só todos os outros mandamentos do Decálogo.

*

— As palavras que vêm do coração, vão ao coração.

*

— Deus tem uma multidão de mensageiros para prover ao alimento daqueles que o respeitam.

*

— Se alguém quer mentir, que conte casos dos países longínquos.

*

— Muitas palavras, muitas tolices.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 106)

TÍTULO LXXXVI

Que os Judeus tragam sinais vermelhos

No Livro da nossa Chancelaria foi achada uma Lei feita por El-Rei D. João meu Avô de gloriosa memoria, de que o teor tal é.

1.º — Era de mil e quatrocentos e vinte nove anos, vinte dias de Fevereiro na Cidade de Evora. O Mui Nobre Senhor D. João por graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve, porque lhe foi dito por alguns do seu Povo em Cortes, que os Judeus do seu Senhorio pela maior parte não traziam sinais, quais deviam trazer, e esses, que traziam, eram tão pequenos, que se não pareciam, e outros os traziam de duas, e três pernas, e mais não, e os traziam descosidos, e baixos em tais lugares, que se não pareciam, e os cobriam de guisa, que se não extremavam, nem devisavam dos Cristãos, o que era grande perigo, e dano ao Povo: o dito Senhor Estabeleceu, e pôs por Lei, que todolos Judeus de seu Senhorio tragam

sinais vermelhos de seis pernas cada um no peito acima da boca do estomago; e que estes sinais tragam nas roupas, que trouverem vestidas em cima das outras; e sejam os sinais tão grandes, como o seu selo redondo; e que os tragam bem descobertos, de guisa que pareçam; e qualquer, que o não trouver, perca as roupas, que trouver vestidas, e seja preso até mercê d'El-Rei; e aquele que o trouver mais pequeno que o dito selo, ou o trouver descosido, ou ao fundo da boca do estomago, ou o trouver coberto, perca a roupa, em que o trouver, e jaça quinze dias na Cadeia; e destas roupas haja metade aquele que o acusar, e a outra metade seja para as fontes, e pontes, e calçadas do Lugar, onde forem achados.

2.º — A qual Lei vista por nós a havemos por boa, e mandamos que se guarde, como em ela é conteudo.

TÍTULO LXXXVII

Do Judeu, que rompe a Igreja por mando de algum Cristão

El-Rei D. Afonso o Terceiro em seu tempo fez Lei, porque ordenou, e mandou, que se Judeu rompesse a Igreja por mandado d'algum Cristão, fosse queimado á porta dessa Igreja; e o Cristão, que lhe tal rompimento mandou fazer, se fosse Cavaleiro, pagasse a El-Rei trezentos maravedis, e mais fosse degradado do Reino por um ano; e se fosse Escudeiro, ou pião, ou outro homem de semelhante condição, que morresse porem.

Fidalgo de solar, e ele não era nosso Oficial, que o mandasse fazer por nosso serviço, em tal caso mandamos que seja degradado para fora do Reino por dois anos, e mais *peite* a nós cento escudos de ouro; e se for de outra qualquer condição mais pequena, mandamos que morra porem. E com esta declaração mandamos que se guarde, e cumpra a dita Lei, assi como em ela é conteudo, e por nós suso declarado.

1.º — A qual Lei vista por nós, declaramos em esta guisa: a saber, se o que mandou fazer tal rompimento fôr Cavaleiro, ou

Visado pela Comissão de Censura

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

O centenário do “Jewish Chronicle” e a mensagem do Sr. W. Churchill

O jornal anglo-judaico *Jewish Chronicle*, completou cem anos, e publicou uma edição especial onde transcreve várias saudações e mensagens recebidas, entre as quais destacamos, pela sua importância para o futuro do judaísmo, a mensagem do grande estadista britânico o Sr. W. Churchill, do teor seguinte:

«Por ocasião do centenário do *Jewish Chronicle*, que é um pedra fundamental na história do judaísmo britânico envio uma mensagem de encorajamento ao povo judeu de aqui e dos outros países.

Ninguém sofreu tão horrivelmente como o judeu sofreu dos inarráveis bandidismos que Hitler e os seus praticaram sobre os corpos e almas do homem.

O judeu foi o primeiro a sofrer os assaltos que o nazismo fez contra os baluartes da liberdade e da dignidade humana; o judeu suportou e suporta ainda o jugo que é insuportável; o judeu não deixou que êste jugo lhe quebrantasse o espírito e não perdeu o desejo de o enfrentar. E' certo que no dia da vitória estas desgraças dos judeus e a acção, que os judeus manifestam nesta luta não serão esquecidas. Os judeus viverão outra vez em tempo

melhor e verão a vitória dos princípios da justiça, que os seus antepassados tiveram a honra de proclamar.

Será outra vez demonstrado que as mãos do moínho de Deus moem devagar mas moem muito fino».

Este número especial traz também saudações dos primeiros ministros da Polónia, da Checoslováquia, da Noruega, da Bélgica, da Holanda, da Jugoslávia e da Grécia, do General De Gaulle, chefe das forças livres francesas, de Ivan Maisky, embaixador da Rússia em Londres, do Dr. Haïm Weisman, do Prof. Zelig Brodetski, do Rabi-mor do Império Britânico Dr. Joseph Herz, do Arcebispo Kenterbery, do Cardeal Hinzly, e de outras entidades judaicas e não judaicas.

O historiador Dr. Cecil Roth, digno membro honorário da Comunidade Israelita do Pôrto, escreveu um artigo especial historiando a vida do *Jewish Chronicle*, o único jornal que atingiu no mundo o seu centenário.

Os escritórios dêste jornal, durante esta guerra, foram duas vezes bombardeados por aviões germânicos e apesar de o edifício ter sido destruído o jornal não cessou a sua publicação.

DECÁLOGO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 107)

SEGUNDA TABUA

Sexto mandamento

Não matarás.

P. — *Que significa a lei do sexto mandamento?*

R. — O sexto mandamento proíbe ao homem de matar o seu semelhante. Antigamente os amos pretendiam ter o direito de vida e de morte sobre os seus escravos. O judaísmo afirma o direito do homem à vida. A força não pode destruir o direito.

P. — *O que é que se compreende por homicídio moral?*

R. — Há pessoas que matam os seus semelhantes, sem ser com armas. Envenenar a vida doutro pela maldade, pelo martírio, matar pelos desgostos e pelas tristezas, é considerado como um homicídio pela lei religiosa, ainda que este crime não seja punido pela lei civil.

Sétimo mandamento

Não cometerás adultério.

P. — *Que contém o sétimo mandamento?*

R. — O sétimo mandamento prescreve aos esposos de observarem fielmente os deveres que aceitaram ao unirem-se. O maior crime depois do homicídio é o de não respeitar a honra do seu lar.

P. — *Que nos prescreve ainda o sétimo mandamento?*

R. — O sétimo mandamento proíbe-nos deshonorarmos por pensamentos, por palavras ou por actos impuros. Quere que a nossa vida seja virtuosa e que pratiquemos esta lei do Levítico: «Sêde santos, porque eu o Eterno vosso Deus, sou santo».

Oitavo mandamento

Não roubarás.

P. — *Que significa o oitavo mandamento?*

R. — O oitavo mandamento ordena-nos a probidade, a lealdade. Proíbe-nos de enganar o nosso próximo de qualquer forma

que seja. O comerciante que emprega balanças falsas, medidas falsas ou que engana o comprador na qualidade da fazenda, torna-se culpado de um roubo.

P. — *Como é que uma pessoa se torna indirectamente culpada de roubo?*

R. — 1.º Quando se é conivente com o ladrão comprando ou escondendo os objectos roubados;

2.º Quando se nega restituir ao seu dono um objecto achado;

3.º Quando se retém o ordenado devido a um operário;

4.º Quando se abusa da confiança do próximo para guardar ou destruir uma coisa que nos tenha confiado à nossa guarda;

5.º Quando se empresta por usura, e em geral quando se procura enriquecer por meios desleais.

Nono mandamento

Não levantarás falso tesmunho.

P. — *O que significa o nono mandamento?*

R. — O nono mandamento proíbe o falso testemunho perante a justiça; porque o falso testemunho pode ter conseqüências muito graves para a vítima podendo fazer-lhe perder a sua honra, os seus bens e algumas vezes a sua vida. O falso testemunho é portanto um crime.

P. — *E' sómente perante os tribunais que o falso testemunho é proibido?*

R. — O nono mandamento proíbe-nos toda a espécie de falso testemunho. Aquêl que calunia o seu próximo, que espalha boatos e aquêl que atinge a honra e a consideração do seu próximo, transgride o nono mandamento. Um dos nossos doutos ensina, no Tratado dos Pais. «Que a honra do teu próximo te seja tão preciosa como a tua própria».

P. — *O que é a maledicência?*

R. — A maledicência consiste em dizer mal inútilmente. O Pentateuco diz: «Não vás espalhando o mal». Nunca nos devemos fazer eco de boatos malévolos, dizendo

António José da Silva “O Judeu”

No dia 18 de Outubro, fêz precisamente 203 anos que foi queimado em vida o illustre comediôgrafo António José da Silva.

Este homem foi desde muito novo perseguido pela Inquisição, bem como a sua família, por seguirem a Lei de Moisés. Todos os homens que têm valor são perseguidos, porque a inveja humana é grande e foi o que também aconteceu ao “Judeu” porque as suas obras eram e continuam a ser bastante notáveis.

Como António José da Silva era o grande amigo do povo e o grande inimigo da sociedade da época, apresentando nas suas obras todos os “snobs” do seu tempo, e êsses, pessoas importantes, pertencendo alguns ao Tribunal do Santo Officio, resolveram prendê-lo e martirizá-lo com benevolência, não pela troça que lhes fazia, mas sim pelo grande crime de ser judeu.

António José da Silva foi prêso pela primeira vez no dia 8 de Agosto de 1726 e foi solto a 23 de Outubro do mesmo ano.

Onze anos depois volta a ser prêso, bem como sua mãe e espôsa, acusados de judaísmo e a principal denunciante foi uma escrava prêta de nome Leonor. Entraram no cárcere em 5 de Outubro de 1737, onde, novamente foram martirizados “piedosamente” e foi conservado na prisão até ao dia em que o “Judeu” deixou de pertencer ao

número dos vivos. Segundo uma testemunha que fazia parte do processo, declarou que a ama de leite de António José, foi quem induziu a escrava a levantar falsos testemunhos ao Réu e a tôda a gente da casa.

Como todos os que crêem em Deus, quando se vêm aflitos contra a injustiça humana, rezam e jejuam, porque o rezar é o alívio da alma, e como António José rezava e jejuava, os dignos senhores do Tribunal do Santo Officio resolveram dar por companheiro ao desventurado “Judeu”, um seu familiar de nome António Gomes Estêves, afim de ver e ouvir quais as práticas religiosas que êle fazia.

No cárcere fêz êle cinco jejuns que foram testemunhados pelos seus “companheiros”, que lhe vieram sobrecarregar mais a culpa, a grande culpa de crer na Lei de Moisés.

Em 16 de Outubro, foi-lhe notificada a sentença, “de mãos atadas” e no auto de 18 de Outubro de 1739 foi relaxado à justiça secular.

No mesmo saíram sua mãe e espôsa, dando-lhes assim ocasião de se despedirem.

E assim terminou um grande comediôgrafo português que viveu e morreu pelo Teatro Nacional e pelo grave crime de ser judeu.

NUN AZANCOT BEN-ROSH.

como no fim da Shemoné Eshrê: «Meu Deus, preserva a minha língua de todo o mal e os meus lábios de tôda a palavra maldizente».

Décimo mandamento

Não cobiçarás o bem do teu próximo.

P. — *O que é a cobiça?*

R. — A cobiça é o vício que nos faz desejar o bem de outrém. O invejoso aflixe-se do que possui o seu vizinho; entristece-se da sua felicidade. Nunca satisfeito com o que lhe pertence, não deseja senão tirar ao próximo a sua felicidade.

P. — *A que pode levar a cobiça?*

R. — A cobiça leva a todos os crimes, ao roubo, ao assassinio.

Foi por cobiça que o rei Achab fêz matar Naboth para se apropriar da sua vinha.

P. — *A cobiça é proibida pelas leis humanas?*

R. — Não, só a lei moral é que proíbe a cobiça. Esta lei figura com razão nos dez mandamentos, porque a cobiça move a todos os vícios e a todos os crimes.

Resumo dos cinco últimos mandamentos

P. — *Resumi os mandamentos da segunda tábua?*

R. — Os mandamentos da segunda tábua do Decálogo contêm os deveres do homem para com o seu próximo ou os deveres de justiça.

Recordar é tornar a viver

O judeu e o exército inglês

Do jornal inglês *The Graphic*, de 6 de Março de 1915, traduzimos o artigo que abaixo publicamos.

Costuma dizer-se das nações que elas têm os judeus que querem ter. Assim na Inglaterra, onde qualquer distinção perante a lei, entre judeus e os demais cidadãos de outros credos religiosos desapareceu há muito; onde, devido à índole profundamente tolerante e amante da justiça dos seus naturais, o preconceito popular contra a nossa raça é quasi nulo, o judeu integrou-se na vida nacional completamente. Prova-o bem o artigo do *The Graphic* que, a nosso ver, marca uma nova época na história de Israel. Pela primeira vez depois da perda da sua independência, como nação, Israel dá o mais alto exemplo daquilo que é lícito esperar d'ele quando *deixe de ser considerado como ser à parte dentro duma nação estranha*.

Eis o artigo: "Em geral, para o mundo, o judeu tem sido até hoje considerado quasi como um mistério. Julga-se que, apesar de viver dentro das nações, tomando parte em tôdas as manifestações da sua actividade, êle faz no entanto vida à parte, por assim dizer, dentro das quatro paredes da sua casa.

Se essa maneira de encarar o israelita foi verdadeira enquanto o obrigavam a viver isolado nos guetos, sujeitos a leis de excepção, aqui na Grã-Bretanha não se pode pensar dessa forma nem por um momento.

A crise actual da Europa, proporcionou ao judeu o ensejo brilhante de provar perante o mundo, que não é o ente misterioso que o julgavam, nem que tão pouco constitue um enigma difficil de esclarecer. A ilusão que a seu respeito se faziam amigos e inimigos, durante séculos, não pode subsistir de ora em diante nem mesmo nos espíritos mais conservadores. A attitude do judeu perante a guerra actual apagou completamente quaisquer vestígios de separatismo que ainda lhe restassem dos seus antigos tempos do gueto. Êle é hoje apenas um homem pronto para a guerra ou não,

consoante a sua idade e as condições de vida lhe o permitam.

A glória das batalhas, o clangor da luta, o esforço heróico em que se joga a vida ou se afronta a morte e sobretudo a idéia nobre da emancipação do mundo, do jugo, do militarismo, apossaram-se da sua ardente imaginação e tiveram como resultado contribuir êle para a guerra em número mais avultado do que nunca se teria suposto. Nenhum tipo especial de judeu, nem nenhuma das suas classes, se eximiu a êsse santo dever. As oficinas de alfaiataria dos bairros orientais de Londres, Leeds ou Manchester; as marcenarias e carpintarias de Liverpool, Glasgow e ainda de Whitechapel em Londres; os grandes ou pequenos negociantes das grandes ou pequenas cidades do Reino Unido; as escolas, colégios e universidades; os laboratórios médicos e os tribunais; as grandes fábricas, as sinagogas, e até mesmo as Jeshibás ou escolas Talmúdicas — tôdas essas instituições contribuíram largamente com a sua parte de mancebos para o exército britânico. Esta circunstância explica-se não só pelo desejo ardente, que anima o judeu em servir a sua terra natal, mas também por outros factores que entram na sua maneira de ser actual.

Há alguns anos a esta parte a mocidade israelita manifestou uma marcada tendência para sair das occupações sedentárias seguidas por seus pais. Aspiram a uma maior liberdade física e mental. Para êsses novos, o grande ideal, é realizar um tipo de homem fisicamente mais perfeito que o da geração anterior. Os rapazes israelitas frequentam classes de exercício de recrutas, clubes de natção, de ginástica, de marcha; realizam excursões pelos campos e dormem ao ar livre; jogam o futebol e o box; fazem armas, remam, voam e sabem guiar automóveis. O resultado de todos êsses exercí-cios físicos manifestou-se na presente geração. A consciência da aptidão física representou um grande papel para estimular o judeu a responder ao chamamento às armas. A febre da guerra incendiou-se e lavra ainda

nos bairros judaicos das nossas cidades. De uma população total de 240.000 judeus, 10.000 apresentaram-se agora voluntariamente ao serviço activo, completando com aquêles, que já serviam no exército da metrópole e das colónias, uma percentagem muito superior à de qualquer outro credo religioso.

A armada conta também um número avultado de israelitas, sendo contudo difícil de fixar a sua cifra exacta. O soldado judeu difere dos seus camaradas não israelitas, apenas no seguinte: êle é dotado de um espírito mais crítico, não aceitando tudo como verdades infalíveis; os oficiais para êle são sempre assunto de comparações recíprocas; compara os trenos, e discute, a respeito das vantagens ou desvantagens de tudo quanto o cerca.

Numa palavra a agilidade de espírito e as faculdades críticas do judeu aplica-as êle, ao exército como a tódas as coisas da vida. Um exame da lista dos judeus incorporados, demonstra que êles não manifestam qualquer preferência por êste ou aquêlo corpo de exército. O movimento iniciado há tempos a favor de regimentos especiais de judeus, não encontrou geral aprovação.

O recruta judeu, longe de querer afastar-se dos seus irmãos não israelitas, alista-se no regimento mais próximo do lugar em que habita afim de fraternizar com os antigos camaradas da fábrica ou da oficina.

Em todos os corpos de exército da Grã-Bretanha se encontram nomes israelitas; o que prova que o judeu não é atraído para um regimento de preferência a outro, porque êste seja mais bem remunerado ou aquêlo goze de maior renome.

Enlistam-se indiferentemente nos mesmos bem remunerados ou nos de recente formação.

Não só na metrópole mas ainda nas colónias o judeu respondeu generosamente com o seu contingente de sangue. Os regimentos do Canadá, da Austrália e da África do Sul assim o demonstram.

Nos hospitais adjuntos aos corpos de exército em acção há médicos e enfermeiros israelitas e contam-se em grande número as raparigas e senhoras do mesmo credo que frequentam os nossos cursos de enfermaria».

Termina aqui o interessante artigo do *The Graphic*. Não seria menos interes-

Menahem Mendel Usishkin

No dia 2 de Outubro, faleceu às 20,15 horas, com 78 anos, êste notável guia veterano do movimento sionista, Presidente do Fundo Nacional Judaico, natural da Rússia.

Era uma das mais queridas personalidades sionistas. De tódas as colónias judaicas da Palestina foram para Jerusalém delegações, quando souberam da morte, para tomar parte no entêrro.

O funeral foi impressionante não só pela quantidade como pela qualidade dos acompanhantes.

Na sua campa tódas as colónias palestinienses deitaram terra.

O cadáver ia amortalhado na bandeira sionista.

O ilustre extinto nasceu em 1863 na vila Dobroné (Carvalhais) — Rússia.

Estudou em Moscovo, em 1898, formou-se em engenharia.

Quando ainda era estudante, entrou no movimento sionista e foi o organizador de muitos grupos de jovens dêste partido nacional judeu.

Em 1890, formou em Odessa uma junta dos Amigos de Sion, para trabalharem na colonização da Palestina.

Recolheu fundos para a criação da Universidade Hebraica de Jerusalém.

Foi um dos delegados sionistas à Conferência da Paz, no fim da Grande Guerra, 1914-1918.

sante que de tódas as outras nações beligerantes pudessemos publicar idênticos estudos. Faltam-nos, porém, os dados.

ADOLPHO BENARUS.

(Do *Boletim do Comité Israelita de Lisboa*, de 28 de Março de 1915).

Admoestado com muita caridade...

(DOCUMENTO COMPROVATIVO)

O Sr. Dr. António Baião, Director do *Arquivo Nacional da Torre-do-Tombo*, no seu livro *Epsódios Dramáticos da Inquisição Portuguesa*, transcreve do processo do cristão-novo António Soares, o seguinte relato do tormento a que este cripto-judeu foi sujeito:

"... E logo na casa e lugar do tormento estando aí os senhores inquisidores e sendo o réu presente lhe foi dado juramento dos Santos Evangelhos em que pôs a mão sob cargo d'êlê lhe foi mandado que dissesse verdade e lhe foi dito que pelo lugar em que estava e instrumentos que nêlê via poderia entender qual'era a diligência que com êlê réu estava mandado fazer pelo que para a poder escusar o tornam admoestar com muita caridade da parte de Cristo N. S., queira confessar suas culpas para com isso alcançar a misericórdia que nesta mesa se dá aos bons e verdadeiros confitentes e por o réu dizer que não tinha culpas que confessar foram chamados os ministros e o réu despojado de seus vestidos e assentado no banquinho, pelos senhores inquisidores foi protestado que se êlê réu no dito tormento morresse, quebrasse algum membro ou perdesse algum sentido a culpa fôsse d'êlê réu e não d'êles senhores inquisidores, ordinário, deputados e mais oficiais e ministros do Santo Officio, pois com tanto atrevimento se punha a tão grande perigo e saúde de sua vida.

E por os médicos e cirurgiões dizerem vendo e apalpando pelas costas ao réu que se queixava de dor em uma espádua direita de doença que tivera de anos a esta parte, e vendo que havia nela alguma lesão disseram que convinha dar-se-lhe tormento no potro aonde logo foi pôsto e lhe puzeram os cordéis em tôdas as oito partes aonde de novo lhe foi feito o protesto pelo senhor inquisidor na forma acima dita e o admoestou de novo com muita caridade e por dizer que não tinha culpas que confessar lhe foram dando a primeira volta com tôdas as ditas oito partes e o senhor inquisidor o foi admoestando que não tinha que confessar, que era cristão, repetindo esta palavra e dizendo quando o admoestavam

mas que morra, que era cristão, que sobre os senhores inquisidores havia de ficar, que não fizera tal coisa, e sendo admoestado com caridade que confessasse, disse que não queria confessar, que o matassem e caindo no que tinha dito que não queria confessar tornou a dizer que não tinha culpas que confessar e tornou outra vez a dizer que não queria, que não tinha que confessar e lhe deram segunda volta em todos os cordéis e sendo admoestado não disse palavra mais que dar ais, misericórdia de Deus me favoreça pois me não crêem, ela me socorra, Jesus seja com a minha alma, estou acabado, dizendo estas palavras em tom como que cantava e sendo outra vez admoestado respondeu:

— *Não me digam nada que hei-de morrer pela fé de Cristo* e logo lhe foram dando a terceira volta em tôdas as oito partes e êlê dizendo *Misericórdia de Deus me valha, não tenho que confessar, sou cristão, não me digam nada* e logo lhe foram dando quarta volta e o foram admoestando com muita caridade sem êlê falar palavra, nem dar um ai, só que se calassem que era cristão e logo lhe foram dando cinco voltas e o tornou o senhor inquisidor a admoestar com muita caridade da parte de Cristo que confessasse respondeu:

— *Sou cristão, não me digam mais nada* e se lhe deu sexta volta e sétima volta sem responder coisa nenhuma, sendo os cordéis grossos, quebraram alguns e foi dito pelos médicos e cirurgiões que se lhe tinham dado tratos muito expertos e que até os cordéis delgados quebravam e sendo admoestado com caridade que pedisse tempo para cuidar suas culpas, respondeu que não tinha que confessar, que era bom cristão mas que o matassem e que lhe não dissessem mais palavra:

— *Querem que diga mentira não o hei-de fazer.*

E por dizerem os cirurgiões e médicos que tinha levado todo o tormento que devia levar e estar satisfeito do assento mandou o senhor inquisidor que o desatasse e o levassem a seu cárcere de que fiz êste termo que êlê senhor inquisidor assinou e eu, notário, António Monteiro, o escrevi.

Diogo Osório de Castro — António Monteiro — Luís Alvares da Rocha."

E suporiam estas criaturas de forma humana que tinham coração?

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 107)

TÍTULO LXXXVIII

**Que não valha testemunho de Cristão contra Judeu, sem
testemunho de Judeu, e o Juiz valha contra
eles no que se passar perante ele.**

El-Rei D. Dinis de famosa memoria em seu tempo fez uma Lei em esta forma, que se segue:

1.º — D. Diniz por graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta Carta virem faço saber, que Guadella Arrabi-Mor dos meus Reinos me mostrou uma minha Carta, de que o teor tal é.

2.º — D. Diniz por graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A todas Justiças dos meus Reinos saude. Sabede, que os judeus dos meus Reinos se me enviaram queixar, que vós e vossos Concelhos, lhes fazedes muitos agravos, e desaforamentos como não devedes; e que catades contra eles, e contra seus haveres muitas carreiras em muitas guisas, por que perdem muitos dos seus direitos; e que outro si lhes perlongades seus feitos de guisa, que despendem mais do que a demanda vale; e que não podem haver aquilo, que lhes devem, nem fazer a mim o mesmo serviço, assi como eu tenho por bem, e que lhes não guardades suas Cartas, que teem minhas, e de meu Padre, e de meus Avós, e que lhes ides contra elas; e que queredes que provem contra eles, e contra seus haveres por Cristãos sem Judeus. E isto não tenho eu por bem, se assi é; porque vos mando que vós não os agravedes, nem desaforesdes, nem vades contra eles, nem lhes passedes suas Cartas, que teem minhas, e de meu Padre, e de meus Avós; e mando que não valha contra eles, nem contra seus haveres nenhum testemunho em nenhuma coisa, senão por Cristãos e Judeus.

3.º — Item. Se me queixaram que alguns Cristãos querem provar contra eles, e contra seus haveres por Cristãos sem Judeus nas demandas, ou *preitos*, que passam com eles em Concelho perante vós, ou perante os

Tabaliães escrevam todas demandas, ou feitos, que os Judeus houverem com Cristãos perante vós, aqueles que forem em maneira de Juizo, ou de *quitaçom*, ou de entrega de pagamentos, ou de corregimento sobre quaisquer coisas, de guisa que se não possa depois negar, nem vir por razão de duvida a outra prova; e esta Escritura pague cada uma das partes, assi como fizer a seu feito; e quando algum Judeu em Concelho se vir, mando que os Tabaliães o ponham al por testemunha por os outros homens bons, que al se virem quanto é nos feitos, que forem entre os Cristãos, e os Judeus.

4.º — Pero mando que os Juizes possam sêr testemunhas entre eles, em quanto forem Juizes, naquelas coisas que entre eles julgarem, ou se fizerem em maneira de Juizo.

5.º — E assi mando que valha isto entre vós, e eles, e em outra quisa não, e vós assi o fazedes guardar; e *al nom façades*, se não a vós me tornarei eu *porende*; e mando aos Tabaliães, que registem esta carta, e que a leiam em Concelho uma vez cada *domaa*; e mando que os meus Judeus tenham esta carta em testemunho. *Dante* em Coimbra primeiro dia de Janeiro. El-Rei o mandou por sua Corte. Esteves Annes a fez Era de mil e trezentos e trinta e dois anos.

6.º — E disseram-me, que esta carta que lha aguardavão em todo meu Senhorio, e que lha não queriam guardar nas minhas audiências; e pediram-me por mercê que lha mandasse aguardar nas ditas minhas audiências; porque tenho por bem, e mando, que a dita minha carta seja guardada tambem nas audiências, como em todo meu Senhorio, assi como em ela é conteudo; a qual carta logo foi lida, e publicada em Santarem nas minhas audiências aos vinte e

dois dias de Julho Era de mil e trezentos e sessenta e dois anos perante o meu sobre-juiz, e perante os meus Ouvidores da minha Corte; e em testemunho disto lhes mandei dar esta minha carta com o dito teor. *Dante* em Santarem a vinte e sete dias de Julho. El-Rei o mandou por Joham Lourenço, e por Estevom Ayres seus Vassallos. Pero de Valença a fez Era de mil e trezentos e sessenta e dois anos.

7.º — E nos *adendo*, e declarando em a dita Lei, ordenamos, e mandamos que haja lugar, quando for contenda entre Cristão, e Judeu, e o Cristão quizer dar em prova outro Cristão contra Judeu; e se em esse caso o Judeu quizer dar por testemunha algum Cristão, possa-o fazer, e valha seu testemunho contra o Cristão sem outro testemunho de Judeu; e querendo esse Judeu dar por testemunha outro Judeu contra o dito Cristão, não o podera fazer, nem valha seu testemunho, salvo dando com esse Judeu outro Cristão por testemunha.

8.º — E se for contenda entre Judeu, e Judeu, em tal caso poderá cada um deles dar por testemunha Cristão contra Judeu, e valerá seu testemunho, assi como se fosse entre Cristão, e Cristão.

9.º — E em todo caso, *honde* for contenda entre Cristão, e Cristão, valerá testemunho de Judeu com outro testemunho de Cristão, e o testemunho do Judeu só não valerá, salvo por consentimento daquele, contra que for dado por testemunha: pero sendo algum feito crime tão grave, que caiba nela pena de corpo, e sendo cometido em lugar ermo, ou solitario, ou de noite a tal tempo, que não possa ser visto, ou testemunhado por algum Cristão, em tal caso mandamos que fique em Juizo dos julgadores, a qualidade de maleficio, e o tempo, e lugar *honde* foi feito, e a condição do Judeu, que é dado por testemunha, e assi recebam, ou reprovem seu testemunho, segundo lhes bem parece, e acharem por direito.

10.º E com esta declaração assi por nós feita mandamos que se guarde a dita *Ley d'El-Rey Dom Dinis*, segundo em ella é conteudo, e por nós adido, e declarado, como dito é.

VIDA COMUNAL

PORTO

Celebrou-se a festa dos Macabeus da Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, tendo tomado parte nos officios os Srs. Wormser, Menasseh Bendob e o moreh marano Joseph Gabriel.

LISBOA

O nosso Director, Capitão Barros Basto e o Sr. Menasseh Bendob, digno 1.º secretario da nossa Comunidade do Pôrto, foram a Lisboa afim de estreitarem relações com os elementos judaicos da capital. Visitaram a Cozinha Económica, onde encontraram refeições para judeus pobres, o Albergue Israelita, onde foram carinhosamente recebidos pelo gerente, a Sinagoga Shaaré Tikvah (Portas da Esperança), onde foram alvos da delicada atenção dos reverendos Cástel e Dizen-druk, e bem assim do amável shamash (Diacono) Querub e de outros israelitas do rito português. Visitaram também o Beth-ha-Midrash (Oratório) Oel Jacob (Tenda de Jacob), na Avenida Miguel Bombarda, do rito tudesco, onde foram também gentilmente recebidos.

O nosso Director visitou também a sede da Comissão de Assistência aos Refugiados, onde tratou de vários casos pendentes, encontrando também o melhor acolhimento.

Dos quatro cantos da Terra

Cidade-do-Vaticano — Informa o jornal judeu norte-americano, de Nova-Iorque, *Forward*, que nesta cidade, após a publicação das leis anti-judaicas italianas foram empregados mais de cem judeus.

França — Informa ainda o mesmo jornal que nos campos de concentração os judeus celebraram as festas religiosas do mês de Tishri (lua de Setembro).

Visado pela Comissão de Censura

*Tudo se ilumina
para aquêlê que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)

Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haím

Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A

Rua da Fábrica, 80

PÓRTO

O JUDEU CONVENCIONAL

De elementos estranhos mil forjado
Por facêto ou malévolô artifício,
Surgira o sordido judeu factício,
Que, só, tem livre curso no mercado.

Em vão naquela imagem, retratado,
Buscando do meu povo algum indício,
Pregunto: Por que raro malefício
Fôra o bíblico tipo assim mudado?

Oh! feros dom-quichotes da arte e ciência,
Que as lides pelejais do belo e justo,
De pena em riste, à ponta do pincel:

Se acaso vos prezais de coerência,
Porque do grão Moisés o gesto augusto
Negais aos pobres filhos de Israel?!

JOSEPH BENOLIEL,

Professor do Extinto Curso Superior de Letras de Lisboa.

A lição de Mordokhai à rainha Ester

A' memória dêstes dois judeus é anualmente celebrada, por todos os israelitas a festividade de Purim (Festa da Rainha Ester), no dia 14 de Adar, ou seja em meado da lua de Fevereiro.

Nesta data é costume não só nas sinagogas, como em todos os lares judaicos o chefe de família ler o livro de Ester, pois nêle se encontra escrita a transformação de atrozes opressões em que se encontrava o povo judeu, em bem-estar e glória.

Foi no tempo do rei Assuero o qual reinou desde a Índia até a Etiópia, que o seu 1.º Ministro de nome Haman, usando de tôdas as possíveis honras e regalias, pela simples razão de o judeu Mordokhai, tio da rainha Ester, mulher de Assuero, não ajoelhar à sua passagem e considerá-lo como uma divindade, porque êste ministro conseguira do rei um édito concedendo-lhe esta honraria, ofendido na sua vontade procura extremar de uma vez para sempre não só a Mordokhai, mas a todos os judeus que se encontravam no reino de Assuero.

Então dirige-se ao rei e diz:

«Há um povo espalhado e dividido entre os povos em tôdas as províncias do teu reino, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos; e pouco caso fazem das leis do rei; pelo que não convém ao rei deixá-los ficar.

Se bem parecer ao rei, escreva-se que os matem; e eu porei nas mãos dos que fizerem a obra dez mil talentos de prata, para que se metam nos tesouros do rei.»

Então tirou o rei o seu anel da sua mão e o deu a Haman, adversário dos judeus. E disse o rei a Haman:

«Essa prata é te dada como também êsse povo, para fazeres dêle o que bem parecer aos teus olhos.»

Então foi escrito em nome do rei Assuero e selado com o seu anel para todos os povos e províncias do seu reino, para que destruíssem, matassem e lançassem a perder todos os judeus, desde o mais moço ao mais velho, crianças e mulheres em um mesmo dia e que saqueassem os seus despojos.

Mordokhai faz saber à rainha Ester, por intermédio de um eunuco, tudo quanto se passava no seu reino contra os judeus, mandando-lhe mesmo cópia da lei escrita que se tinha publicado por mandado de Haman e selado com o anel de Assuero e ordenando-lhe que fôsse ter com o rei e lhe pedisse e supplicasse pelo seu povo.

Ester quer obedecer, mas tem receio das leis que condenavam à morte qualquer pessoa (mesmo a rainha) que entrassê nos aposentos do rei, salvo se êste levantasse o ceptro de ouro. E comunica ao tio todo o seu mêdo; e a recusa da intervenção a respeito do seu povo e por seu tio ordenada.

Então Mordokhai manda dizer a Ester:

«Não imagines que em casa do rei escaparás à morte mais que todos os outros judeus. E se de todo te calares, livramento para o povo de outro lado sairá; mas tu perecerás; e quem sabe se para êste fim tu chegaste a ser rainha?»

Ester obedece, e consegue não só o livramento do seu povo como também a morte para os que o querem matar.

Não foi só êste Haman que quis fazer desaparecer de uma vez para sempre o povo de Deus!...

Vários o têm tentado; mais o tentarão; mas Deus o protege, o guia; e as fôrças e ferramentas construídas para a morte do humilde, dedicado e inteligente povo, para nada servem que não seja estreitar o mais possível a sua união e em seguida a morte ou seja o desaparecimento completo dos seus autores.

Sejamos como Mordokhai; não tenhamos receio de nos dizermos judeus, pois a nossa lei, o nosso ideal, é de todos o mais perfeito, e o que moralmente a todos se impõe.

Não tenhamos receio de divulgar a nossa (melhor que tôdas as outras) crença religiosa, pela simples razão de nos encontrarmos gozando de umas certas regalias de haveres que possuímos.

Pois não vêem a grande e admirável organização judaica, que preparou da forma mais brilhante e honrosa donativos para que nada faltasse a judeus perseguidos e

BIBLIOGRAFIA HEBRAICA PORTUGUESA

Se Portugal hoje não possui um precioso património de escritos e obras antigas do muito que a longa e laboriosa actividade dos nossos pais produziu, a causa disto deve atribuir-se ao fanatismo estúpido e cego da idade média, que deitava às chamadas tudo o que provinha do pensamento hebraico, ou que tivesse alguma relação com o hebraísmo.

Acérrca disto ninguém ignora os éditos de Gregório VIII, de Inocêncio IV, éditos reforçados depois pela Bula Pontifícia de Beneditino XIII, no ano de 1415.

De tão grande património que é o que ficou? Nada ou poucas migalhas.

Mas vejamos por ordem.

Em manuscritos, mencionaremos uma Bíblia de valor inestimável do século XIII (ano de 1299) cujo autor parece ser um tal Joséph Assefardy, e que hoje se encontra na Biblioteca Nacional de Lisboa. Além dessa, encontram-se ainda na dita Biblioteca alguns manuscritos de Lamentações do 9 de Ab.

No Arquivo da Torre do Tombo, existe um fragmento de 1313 que contém uma parte do Profeta Isaias, Cap. XL a Cap. XLIV 16, das palavras *vequiru eleha* às palavras *af yehom*.

Parte na Biblioteca Nacional de Lisboa, parte no Arquivo da Torre do Tombo, existem mais de 300 códices do extinto Convento de Alcobaça, códices que foram transportados para esta cidade em 1836. Estes manuscritos, na sua maioria, são dos séculos XII e XIII, alguns em caracteres

góticos e outros em forense, obras daqueles monges, dos quais era esta a principal ocupação. Alguns destes códices, quasi todos escritos em pergaminho, compreendem os vários livros da Bíblia traduzidos em latim (Vulgata), comentários aos Profetas, aos livros Apócrifos (Tobias, Macabeos Judit, etc.) o número CCCXXIII (número 222 da Bibl. Nac.), em papiro de carácter forense, contém em idioma lusitano o segundo livro das Ordenações Afonsinas, o qual, como se sabe, encerra a legislação portuguesa refereste aos Judeus.

No Pôrto temos um fragmento dum comentário de Ibn Evra, o Zohar do Genesis, e uma gramática de David Kimhi.

Em Coimbra, uma bela Bíblia em pergaminho de 385 fôlhas, uma verdadeira preciosidade bibliográfica, e tanto mais estimável quanto mais pobre é o nosso País em documentos desse género, como diz Mendes dos Remédios na monografia *Uma bíblia hebraica* (Arquivo Bibliográfico da Biblioteca da Universidade de Coimbra, 1903, n.º 1).

A cidade de Évora possui uma Ketubá (contrato de casamento) de 1483.

Conquanto os Judeus Portugueses (1) fôssem valentes e diligentes copistas de

(1) «En el Reyno de Portugal eran excellentissimos escrivanos y asi avia en España muchos libros manuscritos de rarissima perfección porque se pagava por una Biblia correcta y de buena letra cien escudos de oro, y a vezes mas» (Aboab, Nomologia, Cap. XIX p. 232 (Edição Amsterd. 1727).

obrigados brutalmente a deixar os seus bens, a sua vida normal, pela simples razão de ser judeus!

Isto é admirável!

Nenhuma crença religiosa se esforçaria desta maneira para que os seus irmãos de idéias pudessem percorrer o mundo (depois dos seus haveres terem sido roubados) sem que nada lhes faltasse, a não ser o martirizado, mas dedicado e altruísta povo judeu.

Por esta lição que Mordokhai deu a Ester e por estas pequenas mas curiosas passagens que acabo de narrar, creio que todos compreenderão que é mesquinho e

de nada serve (a não ser para se prejudicar a si próprio) o ser judeu e fingir-se de qualquer outra crença.

Isto é mesquinho e revoltante; e vós que para nada servis, lembrai-vos da resposta de Mordokhai à rainha Ester e que o vosso procedimento seja parecido e então quando não livres o vosso povo porque não é preciso, livrai-vos ao menos a vós, tornando-vos dignos da estima dos vossos correligionários, que de todo se esforçam para o vosso engrandecimento espiritual.

JOSÉ A. PEREIRA GABRIEL.

manuscritos, podemos bem dizer que o que possuímos é uma miséria, um triste resto dum grande colosso, é a poeira insignificante dum edifício secular destruído por uma tempestade.

Chegaram aos nossos dias alguns códices, dos quais acho interessante fazer menção ainda que se não encontrem em Portugal:

Aboab (Amst., 1727); o *Compêndio dos Dinim de Pardo* (Amst., 1689); *Esperança d'Israel de Menasse B. Israel* (Amst., 1639); *Piedra Gloriosa de Menasse B. Israel* (Amst., 1639); *Conciliator de Menasse B. Israel*, 1.^a parte (Francfort, 1932); 2.^a parte (Amst., 1641); 3.^a parte (Amst., 1650); 4.^a parte (Amst., 1651).

| Ano | Obra | Autor | Lugar | Possuidor | Cidade onde se acha |
|--------|------------------|----------------|--------|--------------|---------------------|
| 1346 | Com. a Bíblia | ? | Lisboa | B. de Rossi | Parma |
| 1410 | Agiógrafos | S. B. Yom Tob | — | " " " | " |
| 1469 | Pent. e Aftarot. | Sam. Medina | — | " " " | " |
| 1470 | Prof. Post. | Jasuf B. Josef | — | " " " | " |
| 1473 | Pent. e Aftarot. | Sam. Medina | — | " " " | " |
| 1480 | " " " | Moses Scriba | — | Abarbanel | Gorizia |
| 1495 | Pent. e Agiog. | Isaac Scriba | Évora | B. Carmelita | Florência |
| 1495 | Psaltério | ? | Lisboa | B. Vaticano | Roma |
| S. xv. | Bíblia | ? | — | José Abarb. | Veneza |

No ano de 1485, imprimiram-se os primeiros livros hebraicos em Lisboa. Neste ano safu do prelo a *Orah-Haim*, de Rab Jacob ben Aser, em 98 fls. Bernardo de Rossi, no seu comentário histórico da Tipografia hebraica, diz que este foi o primeiro livro hebraico impresso em Portugal.

Outro livro, o Pentateuco hebraico, viu a luz em Lisboa, em 1489. Também em Leiria havia uma tipografia hebraica onde, no ano de 1494, foram impressos os primeiros Profetas. Assim, vemos que com os tipógrafos Zorbá, Eliezer e Zaccai, seu filho, floresceram em Portugal duas afamadíssimas tipografias capazes de rivalizar com as italianas de Pesaro, Milão, Pieve, Nápoles, Bolonha.

Portanto, em Lisboa, que eu saiba, não existe hoje uma só obra impressa em Portugal e a Biblioteca Nacional possui apenas sessenta livros mais ou menos, de insuficiente valor bibliográfico e todos do século XVII e XVIII. São, contudo, dignos de nota: o *Cuzary de Juda Levy* (Amst., 1663); a tradução do mesmo em língua espanhola por Abendana; a parafraze ao Pentateuco, por Isaac Aboab (Amst., 1681); a nomologia de Emanuel

É bem pouco, como se vê o que nos resta da gloriosa florescência hebraica que teve como berço este País.

Desejamos que de novo se desperte aquêlê nosso antigo génio e que possamos novamente, sob o sol da liberdade, retemperados de fôrça e de espirito, mostrar ao mundo inteiro que não se enfraquece a nossa grande alma hebraica e que somos sempre capazes de fazer nobres e gloriosos feitos.

JACOB RODOLFO LEVY.

Do *Boletim do Comité Israelita de Lisboa*,
de 23 de Março de 1913.

VIDA COMUNAL

Purim — Na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, à Rua Guerra Junqueiro n.º 340, se realizou a solenidade de Purim (Festa da Rainha Ester) tendo tomado parte nos officios os Srs. Menasseh Bendobe, Wormser e o moreh marano J. Gabriel.

**ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA**

Os treze artigos de fé

P. — *Quais são as principais crenças do israelita?*

R. — As principais crenças do israelita foram formuladas por um douto da escola espanhola, Maimonides, nascido em Córdova em 1135, e que morreu no Cairo em 1204.

Essas crenças são chamadas os treze artigos de fé.

P. — *Quais são essas crenças?*

R. — Creio:

1.º Que Deus criou o Universo e tudo o que êle contém, e que ordena tôda a natureza;

2.º Que Deus é Um e Único;

3.º Que Deus não tem corpo, nem nenhum órgão corporal;

4.º Que Deus é Eterno;

5.º Que Deus é o Único que tem direito ao nosso culto e que é a êle que devemos dirigir as nossas preces.

Creio:

6.º Que as palavras dos nossos profetas são verdadeiras;

7.º Que Moisés é o maior de todos os profetas;

8.º Que a lei que nós seguimos é aquela que Deus deu a Moisés;

9.º Que nenhum homem tem o poder de mudar essa lei;

Creio:

10.º Que Deus conhece todos os pensamentos do homem;

11.º Que Deus recompensa os bons e castiga os maus;

12.º Que Deus mandará um dia o Messias;

13.º Que a alma é imortal.

P. — *As treze crenças podem relacionar-se a quaisquer princípios?*

R. — As treze crenças do Israelita podem relacionar-se a três princípios, formulados pelo teólogo Albo:

1.º A crença em Deus;

2.º A crença na Lei de Deus;

3.º A crença na Justiça de Deus.

DESENVOLVIMENTO DOS TREZE ARTIGOS DE FÉ

Primeiro artigo

P. — *Que compreendeis pelas palavras: Deus é o Criador?*

R. — Deus é o Criador do Universo, isto significa que Deus é o Senhor do Universo, que foi êle que formou tôda a natureza, todos os seres e tôdas as coisas. E' Deus que dirige o mundo e socorre tôdas as criaturas.

P. — *Como devemos considerar a natureza?*

R. — A natureza é maravilhosa; atesta pela sua beleza, pela sua grandeza e pela sua majestade o poder, a sabedoria e a bondade do Criador.

P. — *Como se chama Deus para indicar que êle governa o mundo com bondade e sabedoria?*

R. — Para indicar que Deus governa o mundo com bondade e sabedoria chama-lhe: a Providência. Deus deu a cada criatura o instinto e os meios para se conservar e se perpetuar.

P. — *Que sentimentos nos deve inspirar a idéia do Todo-Poder divino?*

R. — A idéia do Todo-Poder divino deve-nos inspirar não um sentimento de medo, mas sim um sentimento de respeito para o Poderoso Senhor de tôda a natureza, e um sentimento de confiança para aquêle cujo poder nos pode proteger nos momentos mais difíceis, quando todo o socorro humano é fraco e falível.

Segundo artigo

P. — *Que compreendeis pela unidade de Deus?*

R. — Pela unidade de Deus, compreende-se que Deus é Um e Único, duma unidade sem igual, que Deus não partilha a sua divindade com nenhum outro ser. E'-nos portanto proibido reconhecer um carácter divino a qualquer outro que não seja Deus. Nada lhe pode ser comparado nem lhe pode ser associado.

P.—*Onde afirmamos nós a nossa crença na unidade de Deus?*

R.—No segundo mandamento do Decálogo e na Shemá: Escuta Israel o Eterno é o nosso Deus, o Eterno é Uno. (Deut, VI, 4).

P.—*Como é que se pode provar a unidade de Deus?*

R.—Pode-se provar a unidade do Criador pela unidade da Criação. Tudo o que existe na natureza encadeia-se e harmoniza-se numa forma tão perfeita que se pode afirmar que todo o Universo é a obra dum só Criador.

Terceiro artigo

P.—*Que compreendeis por estas palavras: Deus não tem corpo?*

R.—Deus não tem corpo, isto significa que Deus não é composto de órgãos; não tem nenhuma forma nem nenhuma cara; não se pode representar por nenhuma imagem.

P.—*Se Deus não tem órgãos corporais, como se explicam as expressões da Escritura Sagrada, tais como: a mão de Deus, o braço de Deus, a bôca de Deus?*

R.—A Escritura Sagrada como se dirige aos homens emprega a linguagem dos homens; mas Deus não tem nenhuma fisionomia e as expressões empregadas na Escritura devem ser compreendidas como estilo figurado.

P.—*Explicai-me esta passagem da Bíblia: Faremos um homem à nossa imagem, à nossa semelhança.*

R.—E' a nossa alma que se assemelha à imagem de Deus e não o corpo. O homem parece-se em qualquer coisa a Deus, pela sua inteligência, pelas suas faculdades morais e pela sua dignidade. E' a única criatura dotada de consciência, e é o que o torna um ser superior a todos os seres da natureza.

Quarto artigo

P.—*Que compreendeis pela eternidade de Deus?*

R.—Deus é eterno, isto significa que Deus não tem nem princípio nem fim, que existiu antes de qualquer outra coisa e que fica para sempre eterno.

P.—*Pode-se dizer que a alma é eterna?*

R.—Não, a alma é imortal mas não eterna, porque ela teve um princípio, e quanto que Deus sempre existiu. E' por isso que se chama o Eterno.

P.—*Pode-se provar a Eternidade de Deus?*

R.—Sim Deus existiu sempre, porque nada nasce sem uma causa e se Deus tivesse começado, uma causa mais poderosa que êle o teria precedido, e se Deus acabasse de existir, uma causa mais poderosa que êle o substituiria. E não se pode conceber outra causa mais poderosa que Deus que é o Poder Supremo.

Quinto artigo

P.—*Porque é que só devemos dirigir as nossas preces a Deus?*

R.—Deus é o único que tem direito ao nosso culto, porque só êle é o Todo Poderoso e perfeito, extremamente bom e santo, que só êle pode responder às nossas preces; dêle só depende a nossa felicidade e só êle tem direito à nossa adoração e à nossa confiança.

P.—*Que compreendeis por estas palavras: Deus é perfeito?*

R.—Compreende-se por isto que Deus não tem defeitos, nem fraquezas, nem limites, que é o princípio e a fonte de tôda a verdade, de tôda a justiça, de todo o bem e de todo o poder.

P.—*Como compreendeis a bondade de Deus?*

R.—Deus não quer senão o bem das suas criaturas. E' por causa da sua bondade que nos dotou de inteligência, e que nos deu a idéia da felicidade e o meio de a alcançarmos pelos nossos esforços e pelos nossos méritos.

Sexto artigo

P.—*Que chamais os profetas?*

R.—Chamam-se profetas os homens que foram os intermediários de Deus, que falaram em seu nome, e que proclamaram as suas leis.

P.—*Profeta significa aquêle que prediz o futuro?*

R.—Na Bíblia profeta não significa aquêle que prediz o futuro, mas como os profetas falavam em nome de Deus, para

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 108)

TÍTULO LXXXIX

Do que doesta Cristão, que foi Judeu, que responda sobrello perante o Juiz secular

El-Rei D. João meu avô de gloriosa memória em seu tempo ordenou, que se o judeu se tornasse Cristão, e lhe algum chamar tornadiço, ou Judeu, e ele quer por *elo* demandar o que o demoestou, que as Justiças Eclesiasticas *nom ham dello* de conhecer, e que a nós pertence dello o conhecimento, por ambos serem leigos, e da nossa Jurdiçom.

1.º E porem mandamos, e defendemos a qualquer, a que chamarem Judeu, que se tornou Cristão, ou outro doesto seme-

lhante, que o nom demande por ello perante o Juiz Eclesiastico, mais perante as nossas Justiças, e nós lhe deremos tal emenda, e corregimento, como acharmos per direito, e na Ordenaçom do Reino sobrello feita e conteudo; e se o demandar perante as Justiças Eclesiasticas pela dita razão, que pague áquele, que o acusar, trinta coroas, ou o valor, que áquele tempo valerem, por a nossa Chancelaria.

2.º A qual Lei vista por nós, mandamos que se guarde, como em ela é conteudo.

TÍTULO XC

Que o Judeu ao sabado não seja costraugido responder em Juizo

El-Rei D. João meu avô de louvada memoria em seu tempo fez uma Lei, da qual o teor tal é.

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve. A todas as Justiças dos nossos Reinos, a que esta carta for mostrada, saude. Sabede, que quando nos agora chegamos á cidade de Lisboa, nos foi dito pelas Comunas dos Judeus dos nossos Reinos, que elles querendo guardar seu Sabado, e Pascoas,

segundo em seu direito era outorgado, que não iam ás audiencias das nossas Justiças, tendo que em os ditos tempos não procederiam contra elles; as quais não queriam dello conhecer, e iam por seus feitos em diante; e se elles a ello não vinham, davam reverias, e sentenças contra elles; no que diziam, que recebiam grande agravo: e pediram-nos por mercê, que lhes houvessemos a ello algum remédio com direito.

2.º E nos vendo o que nos assi pediam,

quem o futuro não é ignorado, tiveram por vezes o dom de predizer os acontecimentos futuros.

P. — *Qual era a missão dos profetas?*

R. — Os profetas tiveram por missão instruir o povo, de fazerem os maus arrependem-se e voltar ao bom caminho, de animarem os bons a praticarem o bem, e de predizerem a uns e outros o que os esperava como prêmio da sua conduta.

P. — *As palavras dos nossos profetas referem-se só a Israel?*

R. — Os profetas eram particularmente os intermediários de Deus junto de Israel, mas tinham também por missão dirigir ás outras nações e de publicarem as promes-

sas de bem feitas da parte de Deus á humanidade inteira.

P. — *Em que época existiu o espírito profético de Israel?*

R. — O espírito profético existiu em Israel desde os Patriarcas até aos últimos profetas Haggai, Zacarias e Malaquias, que viveram nos primeiros anos da construção do segundo tempo de Jerusalém.

P. — *Deus já se tinha revelado aos homens antes de existir Abraão?*

R. — Sim. Deus falou a Adão, a Noé e a outros, prescrevendo-lhes deveres e manifestando-lhes os seus desígnios.

(Continua no próximo número).

mandamos, e defendemos as nossas Justiças, que não costringam os Judeus que aos Sabados, e ás Pascoas suas respondam perante êles, nem dêem reverias, nem sentenças contra êles, e posto que as dêem, que não valham, nem se faça por elas execução. E defendemos aos ditos Judeus, que não vão a elo; e os que a elo forem, a saber, a preitos, e demandas, que sejam prêsos quinze dias, e percam as roupas

para os nossos Meirinhos, e Alcaldes, ou quaisquer outros, que os acusarem: a qual defesa é mandado o requerimento da dita Comuna logo mandamos apregoar pela dita Cidade. Dada na dita Cidade a quatorze dias de Outubro. Era de mil quatrocentos e um anos.

3.º A qual Lei vista por nós havemos por boa, e mandamos que se guarde, como em ela é conteudo.

TÍTULO XCI

Do Judeu, que bebe na taverna

El-Rei D. João meu avô de famosa memoria em seu tempo fez Lei, per que ordenou e mandou, que todo o Judeu, que na taverna Cristenga bebesse, pagasse cinquenta reais brancos. E nós assi o mandamos e confirmamos: a qual pena mandamos e confirmamos: a qual pena mandamos que seja para o Alcaide Mór do Lugar, onde este caso acontecer.

Pero queremos que êsto haga lugar nas Cidades, e Vilas, onde houver Comu-

nas de Judeus, em que se venda vinho atavernado; ca onde não houver taverna de Judeus, em que se venda vinho Judengo atavernado, não haverá lugar a dita Lei, porque nos foi mostrada uma carta do dito Senhor Rei D. João, per que depois limitou a dita Lei, como dito é.

1.º E com a dita limitação, e declaração mandamos que se guarde a dita Lei, assi como em ela é conteudo, e per nós aqui declarado

Publicações recebidas

The Damascus Affair — (*Diary of Dr. Louis Loewe* — July — November 1840), editado pelo Montefiore Theological College — Rrmgate.

Documentário interessante sôbre uma missão judaica britânica à cidade de Damasco, onde houvera uma perseguição a judeus. A introdução é feita pelo nosso amigo e digno Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Pôrto, o Sr. Paul Goodman, e o prefácio em hebreu pelo Rev. Rabbi Shemtob Gaguin, que nos honrou com a sua visita pastoral, há alguns anos.

Ha-doar — Jornal judeu norte-americano, em hebreu, como um artigo sôbre a confraternização de maranos e refugiados de guerra, que se acolheram, ao nosso País; artigo êste firmado por M. S. Ben-Meir, pseudónimo literário do distinto professor Treshanski, actualmente em Filadélfia. Este artigo é acompanhado duma fotografia do Capitão Barros Basto.

Jewish Digest — Revista judaica norte-americana, onde é publicado um resumo do artigo do professor Treshanski, a que acima nos referimos.

Research Institute on Peace and Post-war Problems — Editado pelo The American Jewish Committee — Nova-Iorque.

Jewish Studies of Peace and Post-war Problems — Por Morris R. Cohen, Professor Emeritus de Filosofia da Universidade de Nova-Iorca.

NOTÍCIAS DA AMÉRICA

O Sr. H. Warmbruun, digno Tesoureiro da Comunidade do Pôrto e ex-Presidente da Comissão de Assistência aos Refugiados (filial do Pôrto) encontra-se presentemente em Denver, cidade junto das Montanhas Rochosas (Norte America), a 1.650 metros de altitude. Nesta cidade mais ou menos da grandeza do Pôrto, há cêrca de 30.000 judeus e muitas sinagogas. O Sr. Warmbruun conta, por motivos estranhos à sua vontade, demorar-se na América até ao fim da guerra. Deus queira pois que regresses breve para benefício da Humanidade.

*Tudo se illumina
para aquêlle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלְפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Ha'im
Rua Guerra Junqueiro, 240 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Nos velhos tempos & nos novos tempos

Em todos os séculos se levantaram contra nós perseguidores. Mas o Santo bendito seja Êle, salva-nos constantemente das suas mãos.

Da «HAGADAH SHEL PESSAH».

Os filhos de Israel frutificaram, e aumentaram muito, e multiplicaram-se, e foram fortalecidos grandemente; de maneira que a terra se encheu dêles.

Depois levantou-se um novo rei sôbre o Egito, que não conhecera a José;

O qual disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é muito, e mais poderoso do que nós. Eia, usemos sãbiamente para com êle, para que não se multiplique, e aconteça que, vindo guerra, êle também se ajunte com os nossos inimigos, e peleje contra nós, e suba da terra.

E puzeram sôbre êles maiorais de tributos, para os afligirem com suas cargas. Porque edificaram a Pharaó cidades de tesouros. Pitom e Ramesses.

Mas quanto mais o afligiam, tanto mais se multiplicava, e tanto mais crescia: de maneira que se enfadavam por causa dos filhos de Israel.

E os egípcios faziam servir os filhos de Israel com dureza;

Assim que lhes fizeram amargar a vida com dura servidão em barro, e em teijolos, e com todo o trabalho no campo; com todo o seu serviço, em que os serviam com dureza.

(EXODO, I, VERS. 7 a 14).

A saída dos judeus do Egito

(CONTOS DA MINHA BÍBLIA)

«Minha mãe, conta-me uma história da tua Bíblia. Já estou cansada dos contos do meu livro, são todos tão antigos» dizia a pequena Naomi fechando o seu livro com impaciência. A mãe respondia sorrindo «Naomi as histórias da Bíblia são mais antigas, não devem pois ter muito interesse para ti

«Sim, minha mãe, mas dessas não me canso eu; são sempre tão bonitas as que tu me contas.»

«Bom, então vamos escolher uma de especial interesse para nós, agora que se aproxima a Páscoa, a saída dos judeus do Egito e a sua passagem pelo Mar Vermelho.

Desde o tempo de Joseph que os judeus viviam no Egito onde tinham sido sempre tratados com muita benevolência. Mas, na época em que começa a minha história, reinava um imperador Pharaon que, temendo a preponderância no seu país desse povo tão arrojado e inteligente, resolveu exterminá-lo ordenando que fôsem afogadas tôdas as crianças do sexo masculino que nascessem.

Mas houve uma mãe que desafiou a ordem real, conseguindo, durante muitas semanas esconder o seu filho. Isto, porém, não o pôde fazer por muito tempo; e então, resolvendo separar-se d'êlo, meteu-o no seu pequeno berço e, deixando sua filha Miriam de guarda, escondeu-o entre juncos à borda do rio. Aí costumava tomar banho a princesa filha de Pharaon.

Nesse dia, quando saía do banho, o acaso deu que encontrasse o pequenino berço ali escondido. Ordenou às suas donzelas que lho trouxessem e disse, «deve ser uma pobre criança Judia; vamos salvá-la da sua sorte.»

Ao mesmo tempo encomendava que fôsem procurar uma ama para a criança, e então Miriam, que estava ao facto de tudo quanto tinha passado, aproximou-se e pediu à princesa que lhe deixasse trazer uma ama que ela conhecia. A princesa

acedeu ao seu pedido e foi ela buscar sua própria mãe. O pequeno chamou-se Moisés o que em hebraico significa que da água o tinha ela salvo.

Moisés cresceu e viveu no palácio, e desde pequeno sua mãe lhe soube infundir o amor pela sua raça. Assim é que via com tristeza a vida que os pobres judeus levavam. Os egípcios maltratavam-nos obrigando-os a trabalhar bárbaramente. Empregavam-nos para fabricar casas e êles próprios tinham que fazer os ladrilhos para elas.

Um dia Moisés viu um egípcio bater e maltratar um judeu e, cheio de indignação, quis intervir para defender o seu irmão de raça. Bateu-se com o egípcio e matou-o, e então, alarmado pelo que tinha feito, fugiu da cidade. Viveu algum tempo nos campos como pastor e um dia em que conduzia o seu ebanho viu um arbusto a arder; chamou-lhe a atenção que as chamas não devorassem a rama, e pensando que a sua vista o teria enganado, aproximou-se quando, ouviu uma voz que chamava; «Moisés, Moisés, afasta-te que estás pisando terra sagrada. Moisés encurvou-se cheio de pavor, e do arbusto ouviu voz de Deus que lhe dizia que voltasse ao Egito que era êle o escolhido para libertar o seu povo e conduzi-lo a terra de Canaan que tinha sido prometida aos seus antepassados. Moisés, que era um modesto, não compreendia como Deus (Bendito) o tivesse escolhido para tão grande missão e, alegando a sua incapacidade, pedia que fôsse outro nomeado para êsse fim. Mas Deus (Bendito) disse-lhe que êle lhe mostraria o caminho, e para provar-lhe o poder que lhe dava, disse-lhe que atirasse com a sua vara para o chão. Moisés viu com espanto que se transformara numa serpente que, quando lhe quis pegar tomou a sua forma primitiva. Agora Deus disse-lhe que puzesse a sua mão ao peito. Moisés assim fêz e, aterrorizado, viu-a coberta de lepra. Deus disse-lhe que mão se assustasse, que tornasse a colocá-la na mesma

posição e então a terrível moléstia desapareceu.

Com estas provas o poder com que o tinha investido, Deus ordenou a Moisés que procurasse o seu irmão Aarão, e que juntos fôsem a Pharaon pedir a liberdade do seu povo. Assim o fizeram, mas Pharaon, que era um pagão, disse-lhes que não reconhecia a autoridade do Deus os enviava, e que não deixaria sair os judeus seus escravos. Moisés e Aarão usaram de todos os meios de persuasão, mas foi inútil, nada conseguiram. Então Deus fez recair sobre os egípcios pragas terríveis, e o povo reclamava de Pharaon que deixasse partir os judeus. Mas tinha o coração duro o imperador, e só a última praga, a mais terrível de todas, o fez ceder. Deus disse a Moisés que estivessem os judeus prontos para partir, e nessa noite mandou o seu anjo da morte às casas dos egípcios. Em todas elas havia um morto; o primogênito de cada família, desde a de Pharaon até a do mais humilde dos servo. O anjo só tinha poupado as casas dos judeus em Gochen. Os egípcios lamentavam-se cheios de pavor, e imploravam que se deixasse partir esse povo para elles nefasto. Enfim veio a palavra de Pharaon a Moisés e Aarão. Ide, parti, levai convosco o povo de Israel. Ide servir o vosso Deus. E os próprios egípcios que antes os tinham maltratado, davam-lhes jóias, ouro e prata para que partissem.

Como lhes tinha recomendado Moisés, já estavam elles preparados para a partida, com o pão, que não tinha tido tempo de levedar, atado às costas. Assim saíram os judeus do Egipto e, não esquecendo a promessa feita a Joseph, levaram com elles os seus restos mortais, para os enterrarem em Canaan.

Pelo deserto caminharam dias e noites esses pobres judeus fugitivos, extenuados com a canseira do caminho, homens, mulheres e crianças com a fé de breve verem terminados os seus suplícios. Mas ainda ameaçava o perigo. Chegaram ao Mar Vermelho e já os egípcios arrependidos de os terem deixado partir, vinham em sua perseguição. Pharaon com um poderoso exército os seguia e diante d'elles só o mar: nenhum meio possível de salvação. Então clamaram a Moises, revoltando-se contra a sua triste sorte.

«Par que nos trouxeste do Egipto para fazer-nos sair do nosso cativoiro? Não havia lá covas, que precisassemos vir morrer aqui?» E Moisés disse-lhes que não receassem, que tivessem fé em Deus, que não os abandonaria. E elle implorava-o pela salvação do seu povo. Veio a resposta divina tão bela, infundir coragem a Israel.»

«Porque chamas por mim? Dize ao povo de Israel que vá avante!».

Então Moisés estendeu a sua vara sobre o mar, e as águas partiram-se formando duas paredes e o povo passou entre ellas pelo secco.

Pharaon e os seus guerreiros, que presenciavam atônitos esse milagre seguiram-nos e nesse momento as ondas uniram-se, afogando todos os egípcios. Os judeus vendo-se enfim libertados dos seus antigos inimigos, romperam em cânticos de alegria, louvando e abençoando o Deus que os tinha salvo. E Miriam tirou a sua lira e ao seu acompanhamento cantou o povo de Israel a nossa linda Achirá, que nos conta os feitos dessa milagrosa jornada.

Está terminada a minha história, Naómi. Agora diz, o que mais gostaste dela?

E respondeu a pequena, pensativa:

«Porque chamas por mim? Diz ao povo de Israel que vá avante!».

D. X.

(Do Boletim do Comité Israelita de Lisboa — de 16 de Abril de 1916).

Uida comunal

Pessah e Shebnoth Não só a festa de Pessah' (Páscoa) a festa da Libertação, mas também a festa de Shebnoth (que comemora a outorga da Lei no Monte Sinai) foram devidamente celebradas na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, à Rua Guerra Junqueiro desta cidade.

Na festa de Páscoa foi feito pão ázimo e pela primeira vez foi recebido d'esse pão (Matsah) fabricado nos Estados-Unidos da América do Norte o qual foi distribuído pelos refugiados residentes nesta cidade e arredores.

A DOCTRINA DE SABATAI ZEBI EM TRIPOLI (ÁFRICA DO NORTE)

POF GABRIEL V. RACCAH

(Estudo inédito para HA-LAPID)

Na Sinagoga "SCIVEHA" de Tripoli existe ainda hoje, uma *Ner* (lâmpada de azeite) em memória de Sabatai Zebi.

É estranho o facto que o nome d'este homem, que terminou por abraçar a religião islâmica, encontre ainda um lugar de honra num sagrado templo de Israel.

A doutrina sabatiana, foi difundida em Tripoli, por HAIM GALBAN que compôs um *piut* (poesia religiosa) em honra de Zebi e com a colaboração dos jovens Joseph Fonseca e Abraão Haiun.

Muitos dos filhos de Israel natos em Tripoli, foram chamados Sabatai, em honra de Zebi.

Mas a difusão da doutrina sabatiana teve maior importância por obra de Abraão Miguel Cardoso, um judeu marano, natural de Rio Sêco e que segundo o seu testemunho regressou ao judaísmo em Livorno.

No ano de 1670, o duque da Toscana recebeu de Osman de Chio, pachá de Tripoli o pedido para lhe ser mandado um médico e o duque mandou-lhe Cardoso (vide meu estudo no "Avvenire di Tripoli" de 2 de Agosto de 1936).

Abraão Miguel Cardoso que era seque de Zebi aproveitou-se da ocasião para difundir ainda melhor o sabatianismo; mas a sua propaganda foi combatida fortemente pelos chefes da Comunidade Israelita de Tripoli Isaac Lumbroso e Abraão Nunes.

Depois duma áspera luta os chefes da Comunidade conseguiram que saísse de Tripoli, por ordem do pachá, o Cardoso que se dirigiu para o Egipto. Expulso o Cardoso a sua obra foi continuada pelo seu discípulo Jacob Fellah Bani. Como Sabatai Zebi, também Jacob Fellah Bani abraçou o islamismo. O seu túmulo está situado na *Giudecca* de Tripoli e é também venerada pelos árabes de Tripoli, que lhes chamam *Sidi Iagub*.

Mortos Sabatai Zebi, Galban, Cardoso e Fellah Bani a *ner* (lâmpada) posta em

A moral do judaísmo

Meus caros leitores, vós ouvireis mais duma vez, talvez, afirmarem perante vós que uma outra religião ensina ao mundo os preceitos de moral, que regulam hoje as acções dos homens. Vos dirão que a moral do judaísmo é muito menos pura e menos elevada que a das crenças que saíram do seu seio.

É necessário que vós estejais em condições de refutar estas afirmações inexactas e para isso, julgamos bem fazer-vos dando aqui algumas máximas extraídas da Escritura Sagrada e do Talmud.

Elas terão a dupla vantagem de vos fazer apreciar, como ela merece, a religião dos vossos antepassados e de vos fornecer preciosas indicações sobre o que tereis de fazer para agradar a Deus e aos homens.

Máximas extraídas do Pentateuco (Thorah)

Amarás Adonai, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças.

— Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

— Que cada um de vós honre vosso pai e vossa mãe.

— Vós não praticareis nenhum furto nem mentireis um ao outro.

— Vós não julgareis falsamente.

— Vós não amaldiçoareis o surdo, e não coloqueis obstáculos diante do cego.

— Vós não praticareis iniquidade em julgamento, não deveis favorecer o pobre e não tereis atenções para o rico, mas vós julgareis o vosso próximo com justiça.

— Não useis da maledicência no meio do vosso povo.

— Não odiareis o vosso irmão no vosso coração.

— Não vos vingareis e não guardeis rancor.

honra de Zebi envia na noite tenebrosa e silenciosa os seus raios, para iluminar, em conjunto com as outras *neroth* (lâmpadas), a Sinagoga *Sciveha*.

Os treze artigos de fé

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 109)

Sétimo artigo

P. *Em que é que Moisés se distingue dos outros profetas?*

R.—1.º As verdades reveladas pelo intermediário Moisés aos Israelitas e à humanidade são as mais importantes. Essas são o fundamento de toda a religião e de toda a moral;

2.º Os milagres que Deus fez por meio de Moisés excederam em grandeza e brilho a todos aqueles que foram operados pelos outros profetas;

3.º Deus dirigiu a palavra a Moisés sem se servir de intermediários, mas sim pela maneira mais clara e mais directa; o que não acontecia quando Deus se manifestava aos outros profetas;

4.º O espírito profético sempre existiu em Moisés, que obtinha revelações de Deus quando desejava, graça que não foi concedida a nenhum outro profeta;

5.º Moisés foi o único que deu leis; os outros profetas apenas confirmaram a lei de Moisés.

Oitavo artigo

P.—*Em que lugar e em que época deu Deus a sua lei a Israel?*

R.—Deus deu a sua lei a Israel sobre o Monte Sinai, no sexto dia do terceiro mês após a saída do Egito, ano 2448.

P.—*Perante quem foi proclamada a lei de Deus?*

R.—Perante todo Israel reunido no Monte Sinai.

P.—*Era necessária a presença de todo o povo para acreditarem na missão de Moisés?*

R.—Sim, para dar a sua lei, Deus precisava falar ele mesmo ao seu povo e investir solenemente Moisés, o seu fiel intérprete, da sua grande e santa missão.

P.—*Que prova deu o povo de Israel da sua fé pelas palavras de Moisés?*

R.—Numa voz unânime todo o povo encarregou Moisés de receber a lei de

Deus, prometendo-lhe inteira obediência e afirmando da maneira mais solene a verdade da revelação divina.

P.—*Como é que continuou a transmissão da lei de Deus em Israel?*

R.—Moisés, tendo recebido a lei sobre o Monte Sinai, transmitiu-a a Josué, seu sucessor Josué transmitiu-a aos decanos, os decanos transmitiram-na aos profetas, os profetas aos homens da Grande Sinagoga, e estes aos doutos e aos rabinos que se foram sucedendo sem interrupção até aos nossos dias.

P.—*Quais são os homens da Grande Sinagoga?*

R.—Chama-se assim a assembléa, que composta sucessivamente de cento-e-vente doutos, e que se formou na época da construção do segundo templo de Jerusalém e da qual fizeram parte os últimos profetas.

Nono artigo

P.—*A lei de Deus podia ser mudada ou modificada?*

R.—Não, a lei divina ficará imutável até à eternidade.

P.—*Como devemos considerar um profeta que ensinasse a abolição dum preceito da lei?*

R.—Deveríamos considerá-lo como um falso profeta, e um impostor.

P.—*Mas se esse profeta nos parecesse fazer um milagre por meio da sua doutrina, não deveríamos ter fé nas suas palavras?*

R.—Não, apesar de todas as aparências de milagre, devemos considerar como falsa toda a doutrina contrária à lei que Deus nos deu, para ser observada por todas as gerações

Décimo e undécimo artigo

P.—*Que compreendeis por estas palavras: «Deus conhece todos os pensamentos do homem?».*

R.—Que Deus vê o que se passa no espírito e na consciência dos homens, que

lê nos nossos corações, que conhece os pensamentos mais escondidos das suas criaturas, e que nada se pode pensar nem fazer às suas escondidas.

P.— *O que é que nos torna responsáveis para com Deus, da nossa conduta?*

R.— O que nos torna responsáveis para com Deus, é:

1.º A razão com que Deus nos dotou e pela qual temos a faculdade de distinguir o bem do mal;

2.º A revelação, pela qual Deus nos fêz conhecer a sua vontade e os nossos deveres;

3.º A liberdade moral, pela qual temos o poder de querer o bem e evitar o mal.

P.— *Não poderíamos desculpar-nos com as inclinações com que Deus nos criou e que nos levam a praticar o mal?*

R.— Essa razão não poderia desculpar-nos; porque se Deus nos criou com as nossas inclinações deu-nos também o poder de as vencermos, e de nos servirmos dela unicamente para o bem e em conformidade com a vontade divina.

P.— *Como pode a bondade de Deus permitir o castigo dos maus?*

R.— A verdadeira bondade não podia ser contrária à justiça; é porque Deus é realmente bom que castiga a injustiça, e nada lhe é mais odioso que acções e pensamentos culpáveis.

P.— *Porque acontece muitas vezes que o homem justo é infeliz, enquanto que o homem injusto vive na prosperidade?*

R.— Não conhecemos bastante nem os homens, nem a natureza, nem as circunstâncias dos acontecimentos, para que possamos explicar todos os caminhos da Providência.

Basta-nos saber que Deus recompensa cada um segundo as suas obras, e que faz na sua sabedoria concorrer para o bem o que na aparência é um mal.

P.— *Porque não vem o castigo imediatamente depois duma má acção?*

R.— Porque Deus, na sua magnanimidade deixa muitas vezes ao pecador o tempo de reflectir sobre a sua conduta, de se arrepender e de emendar o mal que fêz.

P.— *Porque é que Deus não recompensa imediatamente as boas acções?*

R.— Se uma boa acção fôsse sempre seguida duma recompensa, os homens

fariam o bem pela recompensa, a virtude não seria louvável, mas sim interessada

P.— *O temor do castigo e a esperança duma recompensa é unicamente o que nos deve impedir de praticar o mal ou de nos incitar a praticar o bem?*

R.— Não devemos sòmente praticar o bem pelo único motivo de agradar a Deus e de satisfazer a nossa consciência, como também a vergonha de merecer a reprovação divina deve-nos bastar para conservarmos as nossas mãos e o nosso coração puros de todo o acto e pensamento injusto.

P.— *Castiga Deus os filhos pelos pecados dos pais, ou os pais pelos pecados dos filhos?*

R.— Não: Deus sòmente castiga os pecadores.

P.— *Em que caso sofrem os filhos pelos pecados dos pais?*

R.— Os filhos podem sofrer pelos erros dos pais e não pelos seus. Dando uma má educação aos seus filhos, os pais fazem dêles umas vítimas. Mas os filhos podem sempre reagir contra a má educação que receberam.

Duodécimo artigo

P.— *Que significa a palavra Messias?*

R.— Esta palavra quer dizer ungido: chamava-se assim os réis, por causa do óleo da unção, que lhe deitavam sobre a cabeça na ocasião da cerimónia da sagração.

P.— *Porque se distinguirá a época do Messias segundo dizem os profetas?*

R.— Essa época será marcada pelo reino da verdade e da justiça, pelo triunfo da crença na unidade de Deus sobre a terra pelo acabar do ódio da guerra e de tôdas as calamidades que afligem a humanidade; numa palavra pela união e a paz que formação de todos os homens um povo de irmãos e amigos concorrendo todos para o bem estar geral da humanidade.

Trigéssimo artigo

P.— *Que principio se liga ao da imortalidade da alma?*

R.— Que o justo deve esperar a recompensa certa na vida futura e que o mau que morre sem se ter arrependido por meio duma penitência sincera, não pode escapar ao castigo.

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 109)

TÍTULO XCII

Se for contenda entre Cristão, e Judeu, a quem pertencerá o conhecimento dela

El-Rei D. Fernando de esclarecida memoria em seu tempo fez Cortes na Cidade de Lisboa, e foram-lhe por parte dos Concelhos requeridos certos artigos gerais, aos quais ele respondeu por Conselho da sua Corte. E entre eles lhe foi requerido um, do qual com a resposta, que a ele foi dada, o teor é este, que se adiante segue:

1.º Ao que dizem no cincoenta e nove artigo, que de direito os Mouros, e Judeus nom devem haver Jurdição, nem Senhorio sobre os Cristãos, e usa-se, que os Mouros hão por seu Juiz o Alcaide-Mor seu, e os Judeus seu Arrabi-Mor, e outros Officiais, como hão os Cristãos, os quais conhecem dos feitos, que hão os Cristãos com eles; o que é defeso por direito, e pela santa Escritura: e que fosse nossa mercê de mandarmos, que se não faça, e que o seu Arrabi, e Alcaide conheçam dos seus feitos, que eles entre si houverem, e fora nos que houverem os Cristãos com eles, que os juizes os livrem.

A este artigo respondemos, que eles hão Privilegio, e lho outorgaram os Reis, que ante nós foram, por algumas razões aguisadas: e porem mandamos que lho guardem pela guisa, que em ele é conteúdo.

2.º O qual artigo com a dita resposta declaramos em esta guisa, que se segue; a saber, que nas Cidades e Vilas, onde por nós é ordenado que haja juizes, que em

especial conheçam desses feitos em todo caso, que a feitos civis pertença, segundo agora fazem: e nos outros Lugares, onde tais Juizes nom são deputados especialmente, mandamos, que nos feitos civis, que nom hajam dependencia de algum crime, em que o Cristão seja autor, e o Judeu reu, seja o Judeu demandado perante seu Arrabi, porque segundo direito o autor deve seguir o foro do reu: e bem assi mandamos que se faça, se for contenda entre Mouro, e Judeu: e no caso, onde o Cristão for reu, e o Judeu autor, seja o Cristão demandado perante o Juiz Cristão de seu foro: e em todo feito crime seja o Judeu acusado pelo Cristão perante o Juiz do-Crime do Lugar, onde o caso acontecer; e bem assi seja acusado o Cristão pelo Judeu perante o Juiz Cristão do Lugar, onde o crime for cometido, como dito é, dando sempre apelação nos casos, em que manda a Ordenação sobre isso feita.

3.º E tudo isto, que dito é, nom haja lugar nos feitos das dizimas, e portagens, e sisas, e quaisquer outros direitos Reais; porque tais feitos como estes mandamos que sejam tratados perante aqueles Juizes, a que pelas Ordenações do Reino o conhecimento deles pertence: e bem assi em qualquer outro caso, onde por nossa graça especial, ou qualquer outro mandamento outra coisa seja ordenada.

P.—*A que nos deve levar a certeza duma vida futura?*

R.—A bem aproveitar desta vida que é curta, afim de nos prepararmos para um futuro que não terá fim.

P.—*Qual é o meio de nos prepararmos para a vida futura?*

R.—E' de trabalhar sem cessar para o nosso aperfeiçoamento.

P.—*Como é que podemos trabalhar para o nosso aperfeiçoamento?*

R.—Cumprindo sempre os nossos deveres, e aumentando sem cessar os nossos estudos.

P.—*Que devemos sentir pela incerteza em que estamos do momento da nossa morte?*

R.—Como o fim da nossa vida nos é desconhecido devemos conduzir-nos de forma que a cada momento a nossa alma esteja pronta a aparecer, pura e cheia de boas obras perante o soberano juiz de todos os homens.

TITULO XCIII

De como os Tabeleães dos Judeus hão de fazer suas Escrituras

El-Rei D. João meu Avô de gloriosa memoria em seu tempo fez Lei em esta forma, que se segue:

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber, que a nós é dito, que os Tabeleães das Comunas dos Judeus dos ditos nossos Reinos fazem totalas Cartas, e Escrituras, e Estormentos per Abraico. E vendo nós em como se delo seguia, a segue perda, e dano a nós, e ao nosso Povo: Porem nós com acordo dos do nosso Conselho Ordenamos, e mandamos, que qualquer Judeu, que fôr Tabeleão dessas Comunas dos Judeus, não faça Carta, nem Estormento, nem Escritura per Abraico, senão per linguagem ladinha portuguez; e fazendo eles, ou cada um deles o contrario desto, mandamos que morra por elo. E porem mandamos que assi se guarde todo nosso Senhorio.

2.º A qual Lei vista per nós, achamos que era muito odiosa na parte da pena porque segundo direito e comunal razão, a pena deve sempre corresponder ao maleficio, e não parece ser cousa razoada, que por tão leve crime algum homem haja de morrer. E porem limitando a dita pena, mandamos que a dita Lei haja lugar no Tabeleão, que fezer a dita Escritura em letera Abraica por fazer falsidade, e de feito a fez; e no caso, onde o dito Tabeleão fizesse a dita Escritura verdadeiramente sem fazendo outra falsidade, ainda que a fizesse em Abraico, tal como este mandamos que seja açoutado publicamente, e perca o Offício, e nunca mais o possa aver em algum tempo.

3.º E com esta limitação, e declaração mandamos que se guarde a dita Lei, assim como em ela é conteudo, e per nós aqui declarado, com dito é.

A JUDIARIA DE LISBOA NO SÉCULO XV

(Segundo o depoimento dum viajante cristão)

Na *Revue des Etudes Juives*, foi publicado um estudo do rev. Rabi Julien Weil sobre a História dos judeus em Espanha e Portugal no século XV.

O autor publica extractos da viagem dum médico, Jerome Münze, que visitou Lisboa nos fins de Novembro de 1494.

Transcrevemos a curiosa descrição que faz o viajante dos bairros judeus e das suas sinagogas.

— Os judeus têm três bairros privativos abaixo-da-fortaleza (Castelo de S. Jorge) no sopé do monte, os quais são fechados tôdas as noites. No sábadô, véspera de Santo-André, eu visitei a sua sinagoga; eu nunca vi nada de semelhante. A' frente encontrava-se um pátio que era coberto por uma vide enorme cujo tronco media quatro palmos de circunferência. Que magnifico local com um púlpito para prègar como nas mesquitas.

Ali ardiã dez grandes candelabros tendo cada um cinquenta ou sessenta lâmpadas, sem contar muitas outras mais.

E as mulheres tinham uma sinagoga separada, onde ardiã muitas e numerosas luzes.

Os judeus de Lisboa são muito ricos e são os recebedores dos impostos dos quais o rei lhes deu a concessão. Eles apresentam-se com altivez perante os cristãos. E êles estão muito apreensivos porque o rei de Espanha pediu ao rei de Portugal para expulsar os maranos e também os judeus, e no caso contrário lhe faria guerra.

O rei de Portugal, seguindo o exemplo do rei de Espanha, deu ordem a todos os maranos para saírem do País até ao Natal.

Estes fretaram um navio de nome Rainha e em meados de Dezembro partiram para Nápoles.

Quanto aos judeus, o rei deu-lhes dois anos completos, para serem expulsos metódicamente.

Desta maneira, os judeus vão-se embora continuamente e procuram estabelecerem-se no estrangeiro.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

תְּלִפִּיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BÁSTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mehor HaIm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica 80
PÓRTO

PROMESSA A ISRAEL

Ouvi-me vós que conheceis a Justiça, vós, povo em cujo coração está a minha lei: não temais o opróbio dos homens, nem vos turveis pelas suas injúrias.

Porque a traça os roerá como a um vestido, e o bicho os comerá como a lâ: mas a minha justiça durará sempre, e a minha salvação de geração em geração.

Assim tornarão os resgatados do Senhor, e virão a Sião com júbilo, e perpétua alegria haverá sôbre as suas cabeças: o gôzo e alegria alcançarão, a tristeza e o gemido fugirão.

O exilado cativo depressa será solto, e não morrerá na caverna, e o seu pão lhe não faltará.

Porque eu sou o Senhor teu Deus, que fendo o mar, e bramem as suas ondas. O Senhor dos Exércitos é o seu nome.

Estas duas coisas te aconteceram; quem tem compaixão de ti? a assolação, e o quebrantamento, e a fome, e a espada: por quem te consolarei?

Já os teus filhos desmaiaram, jazem nas entradas de todos os caminhos como o boi montez na rêde.

Eis que eu tomo da tua mão o cálice da vagueação, as fezes do cálice do meu furor; nunca mais o beberás.

Porém pô-lo-ei nas mãos dos que te entristeceram, que dizem à tua alma: abaixa-te e passaremos sôbre ti: e tu puseste as tuas costas como chão, e como caminho, aos viandantes.

ISAÍAS, cap. 51.

RECORDAR É TORNAR A VIVER

Os ideais judaicos e a guerra

«Regra geral as sociedades da natureza da nossa não devem ocupar-se de assuntos da política contemporânea, mas a guerra não é a política no seu aspecto de controvérsia de partidos nem é propriamente um assunto — é mais: é um facto, e um facto terrível que envolve não só a nossa segurança mas ainda a nossa própria existência nacional e que portanto exige todos os esforços conjugados da nação. É por isso um dever imperterível das associações britânicas, quaisquer que sejam os seus intuitos, consagrar todas as suas energias e todos os seus esforços contra a perseguição tenaz da guerra. Toda a nossa influência sobre os nossos associados e através destes sobre todas as comunidades judaicas do Império deve ser empregada com aquêle fim.

Há contudo uma razão especial para que as associações de carácter científico, como esta, tomem uma parte activa na organização da defesa da nação. Esta guerra tem um aspecto à parte que necessita ser tratado pelo homem de estudo. Tivemos no passado, guerras de índole bastante diferente; guerras dinásticas, guerras de religião, outras com o fim de aumento de território e ainda guerras de comércio — mas pela primeira vez nos encontramos a defrontar com uma guerra que tem um carácter moral. É o que encontramos ao aprofundar a questão. Na realidade e na sua essência não se trata dos direitos da Sérvia ou da neutralidade da Bélgica, da hegemonia nos Balcans ou mesmo da Soberania dos mares. São essas apenas manifestações superficiais de um conflito de raízes profundas e de ensinamento moral e político. O povo alemão ou pelo menos uma grande parte dele deixou-se invadir por uma filosofia que pretende justificar os seus instintos dominadores e ambições e que conseguiu amoldar e dirigir a própria política nacional.

Essa orientação não só é absolutamente irreconciliável com as tendências predominantes na filosofia política da Inglaterra e da França mas é também um perigo para os

interesses vitais de todas as nações assim como para a paz mundial. É necessário reconhecer a existência desse perigo pavoroso e é necessário fazê-lo compreender pelo público afim de que o esforço da nação esteja em relação com a magnitude do assunto.

O meu fim, nas breves observações que me proponho apresentar, é, não só denunciar o perigo geral da escola prevalecente no pensamento político germânico mas também a incompatibilidade dessa escola com os ideais e ensinamentos judaicos e especialmente o perigo com que ela ameaça as liberdades conquistadas com tanto sacrifício pelas comunidades judaicas.

Essa escola filosófica é devida em parte à actividade demagógica de Treitschke e Nietzsche mas as suas raízes profundas encontram-se sobretudo nas «Lições sobre filosofia da história» de Hegel. Foi Hegel que empreendeu a tarefa de proclamar o Estado coisa absoluta e última na ordem política. Como a segurança do Estado é essencial, ele arguia que o seu atributo principal era a força e como a sua soberania deve ser incompatível com qualquer outra soberania existente a sua função principal era a guerra. Esta opinião foi ampliada e vulgarizada por Treitschke com uma energia e entusiasmo extraordinários na atmosfera profundamente electricada do Império Alemão criado em 1870. Para este filósofo o Império Alemão era um Estado superior que não podia admitir rivalidades.

Era pois necessariamente um Estado Militar, visto que era uma força organizada, e o primeiro pensamento e dever de todo o cidadão era preparar-se para a guerra. A guerra não era só necessária para conservar a primazia do Estado alemão, era também como uma medicina enviada por Deus que curava todos os males humanos, físicos ou morais. Desta teoria resultavam muitas conseqüências; duas devem ter sido notadas pela sua importância capital. A primeira era que visto os Tratados com outras nações poderem limitar a soberania alemã, eles não

deviam ser respeitados em tôdas as circunstâncias, e a outra era que, em virtude do poder rival da Grã-Bretanha, esta nação devia ser considerada como a pior inimiga da Alemanha.

É esta, em poucas palavras, a orientação político-filosófica em que a actual geração foi educada. Não teria sido de grandes resultados se, como outras especulações filosóficas, tivesse ficado restringida aos filósofos e aos auditórios das suas classes mas nas mãos de Treitschke converteu-se em credo político. Os seus discípulos fizeram vibrar com elas os bancos das Universidades; serviram de bandeira da Nova Alemanha, de contra-senha do patriotismo alemão e de base psicológica do sistema geral da política alemã. O seu extraordinário resultado prático encontrou a sua expressão literária em em dois livros recentemente publicados, prefácios da guerra actual, que não tratam directamente de especulações filosóficas mas do trabalho prático do Estado Alemão. Um dos livros é a *Germania Imperial*, do Príncipe Von Bulow e outro *A Alemanha e a próxima guerra*, do General Von Bernhardi. Nenhum d'esses livros poderia ter sido escrito se não tivesse existido um Treitschke para expor e vulgarizar as conseqüências práticas das doutrinas de Hegel na atmosfera incendiada de nacionalismo do Império Germânico adolescente.

Estas são as origens remotas da guerra actual. Quando Jules Fabre em 1870 perguntava ao Príncipe de Bismarck contra quem dirigia êle a guerra, o chanceler respondia-lhe secamente: «contra Luís XIV»; assim podemos nós dizer hoje que é contra Hegel que fazemos a guerra—felizmente apenas contra uma parte de Hegel.

Se essa teoria é a negação absoluta de tudo quanto os modernos filósofos britânicos, e muito especialmente Beutham e Stuart Mill, ensinam, não o está menos diametralmente oposta ao pensamento, instintos e ideais judaicos. Renan dizia que Israel nunca tinha conhecido «uma forte organização do Estado», mas quer essa observação seja verdadeira ou não, o que é certo é que os judeus com o seu apêgo inquebrantável às coisas do espírito e com o seu profundo individualismo e universalismo, não teriam facilmente abraçado a concepção moderna germânica do Estado militar e sua finalidade.

Para os judeus o Estado foi criado para

o indivíduo e não o indivíduo para o Estado, e isso esclarece muitos pontos da nossa história. Não é possível conceber o judeu aceitando de boa mente a doutrina da necessidade e eternidade da guerra, como princípio estabelecido por Deus, e a idéia do cidadão soldado antes de tudo e acima de tudo. Estas coisas são combatidas radicalmente por todo o ensinamento judaico.

É possível que existam pontos de contacto entre as numerosas notas da escala da civilização germânica e outras civilizações aricas, mas o que certamente não existe é qualquer concordância ou contacto entre a idéia essencialmente pagã de um Deus-guerra e os seus adoradores com o pacifismo irreductível de todos os pensadores judaicos. O super-homem judeu não foi David «o promotor de grandes guerras» cujas mãos manchadas de sangue não foram julgadas dignas de construir o Templo, mas sim Salomão, o sábio, o homem da tranqüillidade e da paz. A resposta do judeu a Treitschke—e perdoe-se-me a aproximação—está contida na vibrante mensagem a Zerubabel.

«Não será nem pela força nem pelo poderio, mas sim pelo meu espírito, disse o Senhor das Hostes!».

Entre os judeus o ideal contido nessas palavras não ficou restringido a uma simples esperança ou anelo; soldou-se aos seus instintos ao calor dessa fornalha incendiada que é a história de Israel.

É por isso que sempre encontramos os judeus da Alemanha militando no campo oposto à política sanguinolento de Treitschke e dos seus. Tôda a política judaica alemã dirige-se contra o militarismo e contra a Reacção, e enfileira-se ao lado do Príncipe Alberto e Stockmar e com os idealistas liberais da chamada escola de Gotha, que queriam a unidade da Alemanha pela força das idéias liberais e repeliam os métodos de fogo e sangue de Bismarck. Boerne, Heine e Riesser foram os pioneiros dessa escola liberal e ainda após o triunfo do sangue e fogo de 1870 tôda a influência judaica germânica com Larker e Bemberger e os não políticos como Berthold Auerbach à sua frente, lutou por arrancar o novo Império das mãos dos reaccionários e da justificação pseudo-científica de Treitschke a respeito do seu barbarismo. Se essa foi a atitude do israelita alemão, qual não deverá ser a do judeu da França e da Inglaterra liberais, no momento actual?

Nós, porém, judeus temos uma outra indicação do vício essencial da doutrina de Treitschke, que é talvez mais convincente do que a incompatibilidade da sua filosofia com a nossa. Tivemos já de sentir os efeitos terríveis das suas más qualidades, porque antes de ter preparado a guerra actual, tinha rompido em guerra contra nós.

Treitschke não foi só o apóstolo do *estado militar* e da *guerra necessária*, foi também em avultada medida um dos maiores agentes provocadores do actual anti-semitismo. Com êle esta qualidade não era excentricidade ou anomalia; era a consequência lógica da sua doutrina, visto que era essencial para a sua concepção do Estado que êste fôsse homogêneo debaixo do ponto de vista de raças. O seu sistema não comportava no seu Estado Teutónico ideal um elemento que, além de não teutónico, pretendia colocar a força da idéa moral acima do poder material; que considerava a vida civil como normal, que odeava e a guerra e sonhava e prégava a paz universal dominada por leis internacionais. Foi por estas razões que na realidade veio a fundar-se o moderno movimento anti-semitico. Treitschke e os seus discípulos ganharam efectivamente os seus primeiros triunfos na perseguição e carnificina dos prodromos anti-judaicos russos perpetrados entre 1880 e 1890. Nesta parte da sua doutrina o êxito foi na realidade completo, porque todo o rústico em quem ardia o bárbaro instinto da intolerância religiosa ou do ódio ao judeu exultava com a justificação pseudo-científica que lhe vinha dos filósofos de Berlim e operava em virtude dela. Cremos que a teoria de Treitschke não pode fornecer prova mais convincente do seu carácter essencialmente anti-social.

Os autores do anti-semitismo são os mesmos da guerra actual. Ambos êstes factos são as resultantes lógicas da mesma ordem de idéias bárbaras; são os gémeos hediondos, progenitura de um ensinamento hediondo que busca introduzir os instintos mais baixos da natureza humana no Templo da moderna «Kultur».

Julgo ter dito o suficiente para mostrar que nós judeus da Grã-Bretanha temos um interesse especial em combater a guerra actual com toda a nossa energia e em ver que ela não termine sem o esmagamento absoluto do militarismo alemão. Para o mundo inteiro o militarismo alemão repre-

senta uma ansiedade constante e os encargos tremendos que acarretam os grandes exércitos e as enormes esquadras navais; para o judeu, porém, é a ameaça perpétua aos seus direitos civis e políticos e o seu triunfo representaria disfarçadamente o regresso ao ghetto. Parece-me também que na guerra em que estamos empenhados lutamos não só por nós mas ainda por aquela parte da nação germânica que não esqueceu as tradições gloriosas dos seus mais famosos poetas e filósofos e com as quais a causa dos nossos irmãos judeus-alemães está intimamente entrelaçada.

Na emancipação destes, havemos talvez de encontrar o caminho mais seguro para uma paz permanente e também para a felicidade duradoura do próprio povo alemão.

(Discurso pronunciado em Londres, em 7 de Dezembro de 1914, pelo extinto Sr. Lucien Wolf, Vice-Presidente da Sociedade de Estudos Históricos Judaicos da Inglaterra.

Publicado no Boletim do Comité Israelita de Lisboa a 16 de Abril de 1916.

Deveres para com Deus

P. — *Como podemos dividir os deveres que temos a cumprir para com Deus?*

R. — Em deveres íntimos e deveres públicos.

P. — *O que é o dever íntimo?*

R. — É o de elevar os nossos pensamentos para Deus, procurar compreendê-lo, respeitá-lo, amá-lo com todas as forças do nosso coração e da nossa alma,

P. — *Porque devemos amar a Deus?*

R. — Devemos amar a Deus porque Deus é bom, e porque devemos amar tudo que é bom e belo, a verdade, a justiça, a misericórdia, a indulgência, numa palavra, a perfeição para a qual devemos dirigir todas as forças da nossa alma.

P. — *Como devemos amar a Deus?*

R. — Devemos amar a Deus como nos dedicamos a um amigo a quem se pode dizer e confiar tudo porque Deus é o nosso melhor amigo e está sempre pronto para nos escutar.

P. — *Podemos facilmente chegar a conhecer Deus?*

R. — Sim, podemos facilmente conhecer Deus, se bem que seja invisível, Deus está em toda a parte. A sua presença revela-se

Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 110)

TÍTULO XCIV

Que não façam tornar nenhum Judeu Cristão contra sua vontade

A Comuna dos Judeus da Cidade de Lisboa nos enviaram mostrar uma Carta do virtuoso Rei Dom João meu Avô de gloriosa memoria, de que o teor tal é:

1.º Dom João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta Carta virem fazemos saber, que as Comunas dos Judeus dos ditos nossos Reinos por Mestre Mousem nosso Fisico e Arrabi Mor dos ditos Judeus, nos mostrou uma letera do nosso Senhor o Papa Bonifacio Nono, bulada do seu verdadeiro selo do chumbo, colgado por fios de sirgo vermelho, e amarelo, com figuras de duas cabeças no dito selo, com umas letras em cima delas de uma parte, e da outra outras letras, que dizem, *Bonifacio Papa Nono*; a qual letera era escrita em pregaminho, da qual o teor dela, que nós mandamos examinar, e transladar do latim em linguagem da nossa Chancelaria, de verbo a verbo tal é.

2.º *Bonifacio* Bispo servo dos servos de DEUS para ser havida desta cousa memoria para todo o sempre. Porque a nos pertence por nossa Provisão assi dar ajuda a cada um, que o seu direito seja guardado, e sem dano conservado, assi é que nos visto o teor de uma letera do Papa Clemente Sexto nosso antecessor de boa memoria, feita sobre a defensão dos Judeus, bulada sob a Bula do chumbo do dito nosso antecessor, feita segundo costume da Corte de Roma, as quais se começam já a danar, consumir, e romper por velhice, a qual nós fazemos esguardar,

e diligentemente examinar na nossa Chancelaria; e vista e examinada à petição, e instancia dos sobreditos Judeus, em esta nossa letera a fazemos treladar, e de verbo a verbo pôr, da qual letera o teor tal é.

3.º *Clemente* Bispo servo dos servos de DEUS. A todolos verdadeiros Cristãos, que esta letera virem saude, e benção Apostolica. Porque segundo aos Judeus não deve ser dada licença nas suas sinagogas usarem maiores coisas, que aquela, que lhes é outorgado pela Lei, assi em aquelas cousas, que lhes são outorgadas, não lhes deve por nenhuma pessoa ser feito prejuizo algum. E como quer que os sobreditos Judeus queiram durar em sua perfia, e endureamento, e não queiram conhecer as palavras dos Profetas, e as puridades das Santas Escrituras, pelas quais podiam vir à Fé dos Cristãos, e a conhecimento de sua saude; pero quando que nossa defensão, e ajuda demandarem, e a mansidade da piedade dos Cristãos, não lhes deve ser negada.

4.º E Nos querendo seguir as carreiras dos Padres Santos nossos antecessores Papas Calisto, Eugenio, Alexandre, Celestino, Inocencio, Gregorio, Nicolau o Nono, Nicolau o Quarto, recebemos as petições, e querelas dos ditos Judeus, e outrogamos-lhe a defesa, e defensão de nosso poderio. E porem estabelecemos, e mandamos, que nenhum cristão não constranja os ditos Judeus por força, ou contra sua vontade, ou talante a receber o Sacramento do Santo Batismo; e se algum

em tôda a natureza. Em nós mesmos, Deus fala-nos constantemente por intermédio da nossa consciência. Pela consciência, Deus dita-nos os nossos deveres. Escutar a voz da nossa consciência é escutar a voz de Deus.

P. — *O que é o temor de Deus?*

R. — O temor de Deus é o princípio da sabedoria (Prov. 1, 6). O temor de Deus

não consiste em ter medo, mas sim, em venerá-lo e não querer desagradar-lhe e merecer a sua reprovação. Devemos considerar a maior das vergonhas e o maior dos castigos quando Deus desaprova a nossa conduta. E ao contrário devemos considerar como a mais bela recompensa a aprovação de Deus. Merecer a aprovação de Deus é a felicidade suprema.

Judeu por sua vontade fugir para os Cristãos com proposito de receber sua fé, depois que sua vontade fór clara, e publica, então seja feito Cristão sem outra malesa, ou calunia; cá não é de presumir, que aquele Judeu haja verdadeira fé de Cristão, que há a fé dos Cristãos contra a sua vontade.

5.º Outro si mandamos, que nenhum Cristão não fira, nem mate, nem roube de seus dinheiros, ou de seus bens Judeu algum, nem lhes mudem seus costumes sem mandado, e Juizo do Senhor da terra, ou do Reino, ou da Cidade, em que os ditos Judeus morarem.

6.º Outro si mandamos, que nenhum Cristão não torve, nem embargue as festas, e solenidades dos ditos Judeus com armas, ou com paus, ou com pedras, ou por outra qualquer guisa.

7.º Outro si queremos, que nenhum Cristão não constranja Judeu algum, que lhe faça serviço, ou obra por força, salvo aqueles serviços, que eles eram habituados a fazer nos tempos passados.

8.º Outro si querendo tirar, e embargar as maldades, e malezas dalguns Cristãos, mandamos, que nenhum Cristão não brite, nem mingue os cemitérios dos Judeus, nem cave em eles, desaterre os corpos já soterrados, por dizer que quer aí buscar ouro, ou prata, ou dinheiros.

9.º E mandamos, que se algum Cristão, depois de ir sabedor do teor destes nossos mandados, contra eles quizer vir, e que Deus não queira, perca sua honra, e seu Officio, se o houver, ou seja ferido de sentença de Escomunhao, salvo se logo seu peccado correger com digna, e boa satisfação.

10.º Pero queremos, que aqueles Judeus hajam aquela guarda, e detenção deste nosso privilegio que não andarem, ou não mingarem alguma cousa contra a fé dos Cristãos Dante em Avinhão tres nonas de Julho do sexto ano do nosso Pontificado.

11.º E nós inclinados às petições dos ditos Judeus, e às sobreditas letas, e privilegios, e teor deles, por nossa Autoridade Apostolica enovamos, e damos-lhe autoridade, e ajuda, e defendimento. Pero por esta não entender dar a nenhuma pessoa direito algum de novo, mas somente queremos conservar, e guardar o antigo uso. E mandamos, que não seja nenhum tão ousado, que vá contra esta nossa carta de

enovação, e vontade, e confirmação, quebrando-a, ou por ousamento sandeu a ela contradizendo; e se algum fizer o contrario, ou tentar para o fazer, seja certo, que haverá a sanha, e a maldição de DEUS, e de Sam Pedro, e de Sam Paulo, seus Apostolos, Dada em Roma ante Sam Pedro a dous dias de Junho no ano primeiro do nosso Pontificado.

12.º E disse-nos, que por quanto era posta defesa pelos Reis, que ante nós foram, que nenhum sem sua carta não publicasse nenhuma letas, que nos pedia por mercê por si, e pelas ditas Comunas dos ditos Judeus, que por nossa autoridade lhe madassemos dar o trelado dela sob nosso sêlo, e mandassemos aos Tabliães, e Justiças dos ditos nossos Reinos, que sem embargo da nossa defesa, a publicassem, e lha mandassemos guardar, como ela é conteudo.

13.º E nos vista a dita letera, como era sã, e sem antrelinha, nem outro vicio, nem rasura nenhuma e por ser melhor, e mais especificada, e declarada, de publicar a alguns Tabliães, que latim não sabem: Temos por bem, e mandamos a qualquer Tablião de nossos Reinos, a que a dita letera, ou esta nossa Carta for mostrada, que a publiquem nas audiencias, e praças, e em outros lugares quaisquer, perante quaisquer Juizes, e Justiças, assi eclesiasticas, como sagrães, que lhes for requerido, e dêem testemunhos destas publicações, se lhes forem pedidos e demandados da parte das ditas Comunas, e Judeus, sob seus sinais, sem embargo das nossas defesas, e Ordenações, que sobre tal razão são feitas.

14.º E mandamos a todos os Juizes, e Justiças dos ditos nossos Reinos, que lha fação cumprir, e guardar como em ela é conteudo, e lhes não vão nem consentam a nenhuma pessoa, que lhes contra ela vá em nenhuma guiza que seja unde al não façades.

Dante na Cidade de Coimbra a dezassete dias de julho. El-Rei o mandou por Lourence Anes Fogaça seu Vassalo, e Chanceler-Mor. Gonçalo Anes a fez Era de mil quatrocentos e trinta anos.

15.º A qual Carta mandamos que se guarde por Lei, assi como ela é conteudo.

Visado pela Comissão de Censura

Os deveres públicos, cultos e cerimónias

P. — O culto público é necessário?

R. — O culto público é necessário para traduzir os nossos sentimentos, assim como a palavra é necessária para exprimir os nossos pensamentos. Sem culto arriscávamos os nossos sentimentos religiosos a ficarem inertes enquanto que o culto torna-os vivos e expressivos.

P. — O que é a reza?

R. — A reza é uma necessidade da nossa natureza; é a expansão da alma para com Deus. Quando rezamos comunicamos, falamos por assim dizer com Deus.

P. — Há muitas maneiras de rezar?

R. — Há duas maneiras de rezar, a reza íntima e a reza em público. A reza íntima não está impressa em nenhum livro e não está formulada sobre nenhum texto; é a meditação do nosso coração. Assim para aquêle que sofre as lágrimas que verte perante Deus são como uma reza. A reza em público é aquela que se faz com uma reunião de fiéis. Essas rezas são chamadas o Rito e são sempre ditas por um Hazan que é o intérprete dessa assembléia.

P. — A reza é necessária a todos?

R. — Sim a todos é necessário a reza: Ao que é feliz, porque o homem feliz deve agradecer a Deus a sua felicidade, ao infeliz, porque o infeliz necessita implorar o socorro de Deus; ao pecador, porque deve pedir perdão dos seus pecados; ao virtuoso, porque deve pedir a fôrça necessária para resistir às más tentações e de se conservar no bom caminho.

P. — Como é que devemos rezar?

R. — Devemos rezar com recato e sinceridade; o nosso porte deve ser respeitoso e os nossos fatos asseados e decentes.

P. — Quais são as horas determinadas para rezar?

R. — E'-nos ordenado rezar três vezes por dia, de manhã, de tarde e de noite.

P. — Qual é a reza que um israelita tem obrigação de dizer de manhã e de noite?

R. — E' a Shemá (Deut VII, 4 a 9).

P. — Dizei a Shemá.

R. — Escuta, Israel, o Eterno é o nosso Deus, o Eterno é um. (Abençoado seja para sempre o nome do seu reino glorioso). Amarás o Eterno teu Deus, com todo o

teu coração, com tôda a tua alma e com tôdas as tuas fôrças. Que as palavras que eu te ordeno hoje sejam gravadas no teu coração. Falarás delas quer estejas em tua casa quer em viagem, quando te levantares e quando te deitares. As ligarás como sinal sobre a tua mão e sobre a tua testa, e as escreverás nos humbrais da tua casa.

P. — O que é a mezuzá?

R. — A mezuzá é um pequeno estôjo que encerra a Shemá. Coloca-se a mezuzá à entrada da nossa casa. Ao vê-la quando entramos ou saímos da nossa casa, devemos lembrar de Deus, porque devemos pensar em Deus fora da nossa casa, na nossa vida pública assim como na nossa vida íntima.

P. — O que é o Sisit?

R. — O Sisit constitui também um sinal para nos lembrarmos de Deus. No terceiro parágrafo da Shemá, é-nos recomendado o colocar nos nossos fatos um sinal visível, uma franja de côr. «E quando vós virdes este sinal vos lembrareis dos mandamentos de Deus e os cumprireis e não vos deixareis seduzir pelas paixões dos vossos corações e dos vossos olhos. (Números XV, 39).

P. — O que são os tefilin?

R. — Os tefilin contêm quatro capítulos do Pentateuco e devemos tê-los postos durante a reza da manhã nos dias de semana no braço esquerdo ao lado do coração e sobre a testa centro do nosso pensamento.

P. — Depois da Shemá qual é a nossa reza principal?

R. — A nossa reza principal depois da Shemá é a reza chamada o Shemoné-Esré, que compreende dezanove bênçãos.

P. — As bênçãos de que se compõe o Shemoné-Esré são as mesmas para o Sábado e para os dias festivos?

R. — As três primeiras e as três últimas só se dizem em dias festivos, as outras treze são substituídas por uma bênção especial, relativa à solenidade do dia.

P. — Quando é que se deve dizer as rezas chamadas Mussaf, Kal Nidré e Neilá?

R. — A reza do Mussaf ou reza suplementar diz-se nos Sábados, nos dias festivos e em Rosh-Hodesh; as rezas chamadas Kal Nidré e Neilá formam o princípio e o fim da cerimónia do dia de Kippur.

Calendário Israelita

Ano de 5703

(Tem 13 meses lunares)

- 1.ª lua (Tishri)—30 dias
dia 1—12 de Setembro de 1942.
- 2.ª lua (Heshvan)—29 dias
dia 1—12 de Outubro de 1942.
- 3.ª lua (Kislev)—29 dias
dia 1—10 de Novembro de 1942.
- 4.ª lua (Tebet)—29 dias
dia 1—9 de Dezembro de 1942.
- 5.ª lua (Shebat)—30 dias
dia 1—7 de Janeiro de 1943.
- 6.ª lua (Adar)—30 dias
dia 1—6 de Fevereiro de 1943.
- 7.ª lua (Veadar)—29 dias
dia 1—8 de Março de 1943.
- 8.ª lua (Nissan)—30 dias
dia 1—6 de Abril de 1943.
- 9.ª lua (Yiar)—29 dias
dia 1—6 de Maio de 1943.
- 10.ª lua (Sivan)—30 dias
dia 1—4 de Junho de 1943.
- 11.ª lua (Tamuz)—29 dias
dia 1—4 de Julho de 1943.
- 12.ª lua (Ab)—30 dias
dia 1—2 de Agosto de 1943.
- 13.ª lua (Elul)—29 dias
dia 1—1 de Setembro de 1943.

(Este ano tem 383 dias)

Dias festivos do ano 5703

- Rosh Ashana*—1.º dia—12 de Setembro de 1942.
Rosh Ashana—2.º dia—13 de Setembro de 1942.
Kipur—21 de Setembro de 1942.
Sucot—1.º dia—26 de Setembro de 1942.
Sucot—2.º dia—27 de Setembro de 1942.
Hoshana Raba—2 de Outubro de 1942.
Shemini Asseret—3 de Outubro de 1942.
Simhá Torá—4 de Outubro de 1942.
Hanuca—1.º dia—4 de Dezembro de 1942.
Hanuca—8.º dia—11 de Dezembro de 1942.
Purim—21 de Março de 1943.
Pesah—1.º dia—20 de Abril de 1943.
Pesah—2.º dia—21 de Abril de 1943.
Pesah—7.º dia—26 de Abril de 1943.
Pesah—8.º dia—27 de Abril de 1943.
Shabuot—1.º dia—9 de Junho de 1943.
Shabuot—2.º dia—10 de Junho de 1943.

Jejuns em 5703

- Assasínio de Quedaliá*—14 de Setembro de 1942.
Kipur dia de Expição—21 de Setembro de 1942.
Cêrco ao Templo—18 de Dezembro de 1942.
Jejum de Esther—18 de Março de 1943.
Tomada do Templo—20 de Julho de 1943.
Destruição do Templo—10 de Agosto de 1943.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR—A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

RECORDAR É TORNAR A VIVER

A Internacional e a Nação Judaica

O Congresso Socialista de Londres atrever-se-á a falar duma guerra de libertação das nacionalidades sem tratar da questão judaica?

O povo polaco deu provas duma vitalidade admirável conservando intacta a sua consciência nacional durante os cento e vinte-e-cinco anos que se seguiram ao seu desmembramento pelos seus três poderosos vizinhos.

Os povos slavs escravizados pela Austria e pela Turquia deram provas da resistência da sua vitalidade, e, pelo facto de terem conservado, quer sob o domínio austro-húngaro, quer sob o domínio turco, a sua individualidade nacional, são hoje dignos de viverem em absoluta independência.

Mas repare-se no milagre dos milagres, e vós, que falais de libertar as nações oprimidas, contemplai o mais belo espectáculo que a história da humanidade nos oferece: olhai para um povo pequeno, fugindo e dispersando-se pelo mundo, em virtude da violência das armas, despojado do seu território, guardando durante vinte séculos a sua alma nacional e os traços distintivos da sua raça, apesar das mais atrozes perseguições!

Ah! pobres antisemitas de todo o mundo, que falam com tanto desprezo da ganância e do materialismo do judeu, como elles ignoram que a sobrevivência dos judeus, através de dois mil anos de sofrimentos e de torturas, é o mais belo triunfo, no campo de idealismo puro, desde a origem mais remota da huma-

nidade. Viviam num pequeno rincão exposto ao sol da Ásia, banhado pelo Mediterrâneo, apertando-se em torno da sua cidade santa, Jerusalém, e defendidos por duas cadeias de montanhas. Tinham fundado o mais alto ideal moral, a que os povos da antiguidade puderam atingir, e chamaram-lhe Deus, e esse Deus era a Justiça. O seu Deus justo mandava-lhes que tratassem os estrangeiros como irmãos; que um dia por semana, o Sábado, dessem descanso aos seus servos; e as práticas da higiene juntavam-se aos preceitos da mais elevada moral. Quando os ricos abusavam da sua riqueza, ou os reis do seu poderio, os Profetas saíam de entre o povo, para flagelarem aquêles que violavam a lei de Deus.

Um dia, setenta anos depois dos ricos e dos fanáticos terem crucificado um pobre galileu por este ter pronunciado algumas palavras subversivas, os romanos, que eram então senhores do país, como o eram de todos os povos em roda do Mediterrâneo, perseguiram-nos nas suas crenças e na sua autonomia.

Os judeus revoltaram-se e depois do cerco mais atroz da história da humanidade, suportado heróicamente na capital, foram expulsos do território dos seus antepassados e converteram-se no povo errante a quem, desde o primeiro dia, a cristandade nascente, lançou o seu anatema. E elles, arrimando-se uns aos outros no fundo dos seus guetos

conservavam-se na fé e nos costumes dos seus maiores e viveram, condenados aos misteres inferiores pela proibição da posse de terreno; sóbrios, económicos, providentes e estouvados; amaldiçoados como heréticos, desprezados como estrangeiros, invejados em virtude das suas aptidões comerciais, detestados por causa de alguns usurários de entre eles, que faziam o comércio do dinheiro, assim continuaram, vítimas dos massacres nos dias de desgraças nacionais.

Durante dezanove séculos a sua vida foi um longo martírio por toda a terra. Eles contudo esperavam a hora das reparações; esperavam o Messias que lhes havia de trazer a pátria perdida e implantar a Justiça e a Paz por todo o Universo.

A França da Revolução não lhes entregou a pátria perdida, mas deu-lhes os Direitos do Homem, que a Inglaterra já lhes tinha concedido, e que a livre América, a Alemanha e os países da Europa Ocidental lhes concederam em seguida. Se em toda a parte os judeus tivessem sido tratados como o são na França, na Inglaterra, na América e na Alemanha, a questão judaica, como questão nacional, já estaria resolvida. Para os judeus franceses a questão está solucionada.

Não são eles hoje judeus, mas simplesmente franceses judeus, franceses de linguagem, de cultura e de coração; a França não conta nos seus exércitos defensores mais corajosos.

Neste grande Oriente nacional francês, onde já se tinham fundido numa liga tão harmónica celtas, latinos e germanos, vieram eles integrar-se tão profundamente, o seu sangue está tão ligado ao sangue francês em todos os campos de batalha, que constituem hoje parte integrante e inseparável da pátria francesa.

Mas se o problema judaico está resolvido para os judeus da França, da Inglaterra, da Alemanha e da América, está muito longe de ter encontrado a sua solução na Rússia, na România e na Polónia. Obter-se-á, quando se tratar da paz, sobre o papel, a solene promessa desses países de que os seus judeus cessarão de serem tratados como párias, mas na realidade continuará durante dezenas de anos a suportar sofrimentos morais e materiais atrozes.

A perseguição despertou e alimentou em

alguns milhões deles a consciência nacional, que já não se aplaca apenas com algumas vagas promessas.

Por muito tempo considereirei como quimera esse sonho dos judeus «sionista» que reclamam a entrega da pátria dos seus antepassados. Em vários pontos da Palestina estabeleceram-se colónias modelos em que os judeus provaram que, após dois mil anos de vida urbana, não perderam nenhuma das qualidades dos antigos camponeses da Galileia e da Judeia. Como esperar, porém, que a Palestina viesse a recuperar a sua autonomia, enquanto estivesse sob o domínio turco?

Mas eis que a Turquia se suicida; a Europa está prestes a apoderar-se do território em que os conquistadores turcos, durante seis séculos de domínio, não conseguiram fundar uma nação fundindo-se com os indígenas e a Palestina vai cair em lote à França republicana. A França da Revolução deu aos judeus a dignidade humana; mas é necessário que a França vitoriosa vá mais longe; é necessário que ressuscite a Nação Judaica; é necessário que à sua voz, todos os judeus da Rússia, da România, da Polónia e da Ásia Menor, que todos os judeus que conservaram uma alma nacional, vão ocupar, depois da paz, a terra dos seus avós. É necessário que a guerra de libertação das nações termine pela ressurreição da mais antiga das nações que a Fôrça brutal dispersou e que a Fôrça brutal não conseguiu dominar.

GUSTAVE HERVÉ,

Do Jornal de Paris *La Guerre Sociale*;

(Transcrito do *Boletim do Comité Israelita de Lisboa*, de 28 de Março de 1915).

Notícias da América-Central

O venerando Rab Fajbusz Szulem Dembinski, guia espiritual da Congregação de Judens H'assidim, que durante a sua estadia no Porto, deixou a melhor impressão, não só pela sua bondade, como pelo seu alto sentimento religioso, escreveu ao 1.º Secretário da nossa Comunidade, não só referindo-se às atenções aqui recebidas, mas também comunicando que se encontra em Havana (Cuba), onde não só pelos judeus, mas também pela população local tem sido respeitosa e carinhosamente acolhido.

Proclama Isaías Festas Post-Mosaicas

O PROFETA

PURIM E HANUKAH

1. O espírito do Senhor ADONAI está sobre mim; porque o Senhor me ungiu, para pregar boas novas aos mansos: enviou-me a restaurar os contritos de coração, a apregoar liberdade aos cativos, e a abertura da prisão aos presos.

2. A apregoar o ano aceitável do Senhor e o dia da vingança do nosso Deus, a consolar todos os tristes.

3. A ordenar aos tristes de Sião que se lhes dê ornamento por cinza, óleo de gozo por tristeza, vestidura de louvor por espírito angustiado; para que se chamem carvalhos de justiça, plantados do Senhor, para que seja glorificado.

4. E edificarão os lugares antigamente assolados, restaurarão os de antes destruídos, e renovarão as cidades assoladas, destruídas de geração em geração.

5. E haverá estrangeiros, e apascentarão os vossos rebanhos; e estranhos serão os vossos lavradores e os vossos vinheiros.

6. Porém vós sereis chamados sacerdotes do Senhor, e vos chamarão ministros de nosso Deus: comereis a abundância das nações, e na sua glória vos gloriareis.

7. Por vossa dupla vergonha, e afronta, exultarão sobre a sua parte: pelo que na sua terra possuirão o dôbro, e terão perpétua alegria.

8. Porque eu, o Senhor, amo o juízo, aborreço a rapina no holocausto; e farei que a sua obra seja em verdade; e farei um concerto eterno com eles.

9. E a sua semente será conhecida entre as nações, e os seus descendentes no meio dos povos; todos quantos os virem os conhecerão, que são a semente bendita do Senhor.

10. Gozo-me muito no Senhor, a minha alma se alegra no meu Deus; porque me vestiu de vestidos de salvação, me cobriu com o manto de justiça, como quando o noivo se orna com atavio sacerdotal, e como a noiva se enfeita com as suas jóias.

11. Porque, como a terra produz os seus renovos, e como o horto faz brotar o que nêle se semeia, assim o Senhor ADONAI fará brotar a justiça e o louvor para tôdas as nações.

P. — *Quais são as festas instituídas posteriormente à promulgação da Lei?*

R. — E' a festa de Purim ou das Sortes e a de Hanukah ou da Inauguração.

P. — *Quando é a festa de Purim?*

R. — A festa de Purim é no dia 14 do mês de Adar (ou duodécimo mês).

P. — *Qual é o fim desta festa?*

R. — O fim de celebrar a revocação dum édito que Aman, favorito de Assueros, rei dos Persas, tinha obtido do rei e que ordenava a exterminação dos Israelitas de todo o Império.

P. — *Porque é que se chama festa de Purim?*

R. — Êsse nome vem de Pur que significa sorte; Aman tinha fixado por meio de sorte o dia 13 do mês de Adar para executar o seu projecto mas Deus por intermédio da rainha Ester salvou os Israelitas dessa perseguição e castigou Aman e os seus partidários.

P. — *Como é que se celebra esta festa?*

R. — Pela leitura do livro de Ester (a Meguila) que contém a história desse acontecimento, por festas e por esmolos distribuídas aos pobres.

P. — *Quando teve lugar esse acontecimento?*

R. — No ano do mundo 3400, na época da restauração do segundo templo de Jerusalém.

P. — *Porque celebramos a festa de Hanukah?*

R. — Em memória das vitórias alcançadas pelos Israelitas, sob o comando dos Asmoneus ou Macabeus, sobre Antiochio Epifânio, rei da Síria, que tinha invadido a Palestina e profanado o templo de Jerusalém (ano 3596 da criação).

P. — *Quando é que tem lugar esta festa e como é que se celebra?*

R. — Hanukah tem lugar no dia 25 do mês de Kislev (nono mês), celebra-se por agradecimento a Deus, pela recitação do Hallel, e por iluminações feitas progressivamente cada noite, durante oito dias, na Sinagoga e em casa de cada família israelita.

Arquivo das famílias hebraicas da Líbia

por GABRIEL V. RACCAH

(Estudo inédito para HA-LAPID)

ABEASIS — Família originária da Península Ibérica.

Como tantas famílias hebraicas, também os *Abeasis*, expulsos da Península Ibérica foram estabelecer-se em Gibraltar. Eram comerciantes em artigos de seda e mantinham relações comerciais com Veneza para aquisições de mercadorias.

Em 1790, Benjamim Abeasis, deixou Gibraltar e estabeleceu-se em Malta. Um seu neto foi com toda a família para Calcutá (Índia), enquanto um outro neto de nome Jacob, nascido antes dele em Malta, veio para Tripoli, onde morreu em 8 de Janeiro de 1879. Jacob Abeasis foi o fundador da família Abeasis da Líbia. A ele se refere o Rabi Haïm Cohen de Tripoli nos seguintes termos «venerando, puro, justo» (vide a obra de Rabi Haïm Cohen de Tripoli *Miçvath Ha-Melekh* impressa em Livorno (Itália) por Benamozegn.

Jacob Abeasis desposou duas mulheres; teve vários filhos entre os quais um chamado Joseph e outro David.

David foi classificado pelo *Cohen* supra dito, *Glória da Juventude*. O pai Jacob e o filho David colaboraram para a impressão da obra do *Cohen*. Joseph teve um filho ainda vivo em Tripoli de nome Clemente; mas David morreu sem deixar filhos.

Da segunda mulher Jacob Abeasis teve três filhos: Rafael que se encontra em Túnis, Elias em Sfax (Tunísia) e Abraam morto.

No cemitério hebraico de Tripoli estão sepultados: Abraam Abeasis (M. 9 de Maio de 1901) — Aldo Abeasis (M. 10 de Setembro de 1915) — Matilde Abeasis (M. 25 de Outubro de 1918).

LABI — O seu nome foi dado a uma escola hebraica; a etimologia do seu nome quer dizer em hebraico Leoa. Esta família era originária de Saragoça (Espanha).

Anselmo Labi, excelente pessoa, veio

para Zara (Almacia) no século XIV e foi um banqueiro famoso.

Um Don Vidal Joseph Ben Labi, foi um poeta hebreu espanhol.

Fundador dos Labis em Tripoli, foi o Gaon Simão Labi, nascido em Fez, cerca de 1500 e morto em Tripoli; *Quitem Paz* obra sobre o Zohar.

Foi autor do hino (Piut) sabático Bar Johai.

Seu filho Joseph Labi, foi também como ele Rabino.

Descendentes do Gaon Simão Labi:

Rabi Judah Labi, cabalista mestre do histórico Rabino Abraam Azabi — morto em Tripoli a 14 de Agosto de 1833.

Eliasz Labi, Rabino, morto em Bengazi (Cirenaica) a 12 de Dezembro de 1889.

Saul Abi, foi cônsul Austro-húngaro e chefe da comunidade; fez introduzir a língua italiana na escola hebraica de Tripoli e foi o primeiro que introduziu em Tripoli o café. Foi uma espécie de Mosés Montefiore, para o hebraísmo tripolitano, porque defendeu os hebreus contra o anti-semitismo. Morto em Tripoli a 15 de Janeiro de 1890.

Ernesto Labi, foi cônsul belga em Tripoli, tinha uma medalha do Papa Pio X. Morto em Livorno (Itália) a 7 de Março de 1911.

Henrique Labi, comerciante, foi agente da Companhia de Navegação Italiana Florio & Rubattino. Morto em Tripoli a 27 de Julho de 1861.

DRIKES — É uma família pagã helenica que se converteu ao judaísmo em Cirene (Cirenaica) no tempo da insurreição hebraica no reinado do Imperador romano Trajano.

Um Chimens Drikes foi corsário barbaresco em Tripoli no século XVI.

REGIGNANO — Família originária de Begignano (Calabria — Itália). Foi estabelecer-se em Mantua e em outros centros da Itália, depois veio para Gibraltar.

Em 1790, Barukh Regignano deixou

Gibraltar e veio estabelecer em Tripoli. Aqui foi o fundador dos Regignanos. Fundou em Tripoli a Sinagoga Barukh em 1830. Foi vice-cônsul inglês na cidade de Derna (Cirenaica) nos anos de 1820-21-22. Um seu descendente Huato Bexnino Regignano foi uma pessoa má (Ish Belial).

Um advogado Félix Regignano foi patriota italiano e um dos carbonários; combateu ao lado do General Zucchi em 1831, e David Regignano contribuiu para a impressão da obra de Recanati *Dicionário Hebreo-Caldaico*.

HORI — Família berbere de Uad Serus (Tripolitânia) que se converteu ao judaísmo no século VII da era cristã.

Os Hori de Tripoli são violentos e rancorosos, afortunadamente são poucos.

O Dr. Slouschz descobriu em Uad Serus uma *mazeva* (pedra tumular) dum Hori do século XIV.

BARANES — Família berbere originária da Argélia que se converteu ao judaísmo no tempo da rainha hebraica Al-Kahena no século VII.

Os Baranes são numerosos na Tripolitânia.

HENRIQUES — Família originária da Península Ibérica.

No cemitério hebraico de Tripoli encontra-se um túmulo dum Gabriel Henriques, morto no ano de 1830.

Em Tripoli já não existem Henriques.

RABBA — Família originária da Sicília, que se estabeleceu em Tripoli na idade média. Deu muitos Rabinos entre os quais Sião Rabba, Haïm Rabba, todos membros do Tribunal Rabínico de Tripoli.

ZANCO — Família originária da Calábria e veio estabelecer-se em Tripoli na idade média.

NUNES VAZ — Família originária da Península Ibérica. Uma Carolina Nunes Vaz, nata em Livorno e morta em Tripoli em 26 de Janeiro de 1932, foi a fundadora da primeira escola feminina italiana em Tripoli.

MEGHNAGI — Família originária de Meknez (Marrocos) e estabeleceu-se em Tripoli por 1800.

TAMMAN — Família originária da Síria e estabeleceu-se em Gebel (Tripolitânia) no tempo de Antioco Epifânio (150 anos a. c.).

GIARMON — Família originária de Germa (Phasania) e estabeleceu-se em *Oarian* em tempos remotos.

RACCAH — Família originária da Pe-

nínsula Ibérica. Foi estabelecer-se em Livorno (Itália), Amsterdam (Holanda) e na Argélia; em Livorno eram fortes comerciantes e tinham agências comerciais também em Hamburgo (Alemanha).

De Livorno alguns dos Raccah foram para Smirna (Turquia) por 1600. Um Arão Raccah foi em Smirna negociante de frutas e um seu filho de nome Abraam tinha monopólio do comércio de sêda na cidade de Smirna, enquanto um outro filho de nome Meshod foi um estudioso de literatura rabínica.

Em Smirna Meshod Raccah estudou sob a direcção dos rabinos Abulafia e H. Cohen, Meshod Raccah veio para Tripoli por 1750 e foi rabi-mor. Escreveu *Maase Rokeah*, o primeiro volume impresso em Veneza, o segundo volume em Livorno; um outro volume desta obra perdeu-se. Este rabi morreu em Tripoli.

Os descendentes de Meshod Raccah, foram: Baruk, seu filho mais velho, foi comerciante e tinha relações comerciais com o Sudan, Nigéria, Kano e Tombucto; seu filho Joseph foi rabino.

Um filho de Baruk de nome Isaac, comerciante, tinha navios mercantes os quais usavam a bandeira de Veneza. Um filho de Isaac foi Salomão, rabino e poeta.

Os filhos de Salomão foram: Rabi Jacob Raccah, citado no Diário de Benjamim II, e Rabi Sião Raccah fundador da Hebra David Ha-Melekh de Tripoli, Gabai e benfeitor.

Um filho de Sião é o Huato (Victorio) pai do escrevente.

Ele é ainda vivo, ele ajudou os imigrados judeus da Europa Oriental de passagem de Tripoli directamente para a América (pelos anos de 1889-90-91 e depois).

Um filho de Huato é Jacob, um dos fundadores dos Macabeus de Tripoli e professor no Talmud Torah; Rafael, filho de Huato, foi fundador de Hevrat Bahuri Sion de Tripoli e da Hevrat Dudaim para a juventude. Gabriel, o único escrevente histórico hebreu tripolitânico, sionista revisionista, é membro do grupo sionista revisionista de Tripoli.

Na Itália viveram; Guido Raccah, advogado, percursor do sionismo, falecido em Milão; Luís Raccah, advogado em Livorno; Júlio Raccah, professor universitário; Leão Raccah, rabino e jornalista em Livorno; Victorio Raccah, professor; Paulo Raccah, tenente do exército.

Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 111)

TÍTULO XCV

Do Judeu, que se torna Cristão, e depois se torna Judeu

El-Rei D. Afonso o Segundo em seu tempo fez uma Lei, em a qual entre as outras coisas e conteudo um Capitulo, que tal é:

1.º Outro si dizemos, e defendemos, que depois que o Judeu for tornado Cristão à Fé de Jesus Cristo, que não torne mais à Fé, que antes tinha; e se o fizer, perca *porende* a cabeça, se depois que for amoestado, se não quizer tornar, ou emendar.

2.º A qual Lei vista por nós, mandamos que se guarde, como em ela é conteudo; e *adendo*, e declarando em ela, ordenamos, e

mandamos, que se algum, que sempre foi Cristão, se tornar Judeu por sua vontade, tal como este morra porem, sem sendo mais amoestado; porque não parece ser coisa *razoada*, nem conforme ao direito, que aquele, que nasceu de Cristão, e de Cristã, e foi batizado segundo ordenança da Santa Igreja, e sempre viveu como Cristão, e depois se torne Judeu, que haja mais de ser admoestado para se tornar à Fé, em que nasceu, e em que foi criado; e porem mandamos, que o que tal coisa fizer morra porem sem mais ser admoestado.

TÍTULO XCVI

Que nenhum Judeu não faça contracto ônzanelro com Cristão, nem com outro Judeu

El-Rei D. Afonso o Quarto em seu tempo fez uma Lei, de que o teor tal é:

1.º Todos os Reis, e outros qualquer Princepes, que Cristãos são, devem fazer muito por serem guardados os mandados de DEUS, e *confirar* muito os caminhos, per que o serviço de DEUS per eles seja acrescentado, e os seus *sobjettos* bem regidos nas coisas temporais, e muito mais em *aquello*, que tange a salvação das suas almas. Porem nós D. Afonso o Quarto pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve, havendo sempre vontade d'acrescentar o serviço de DEUS, de que todo bem recebemos e querendo aproveitar aos bens temporais, e muito mais às almas daqueles, que nossos *sobjettos* são, e vendo que algumas coisas, que usaram em nosso Senhorio em tempo de nossos predecessores, que eram em deserviço de Deus, e em dano dos bens temporais, e das almas dos nossos *sobjettos*: Querendo a isto haver remedio de conselho dos da nossa Côte estabelecemos, e ordenamos as Leis, que se adiante seguem:

2.º Porque onzenar, e fazer contractos usureiros é contra o mañdado de DEUS, e em dano das almas daqueles, que deles usam, e estragamento dos bens daqueles, contra que se usam de pôr: porem estabelecemos, e ordenamos por Lei, que nenhum Cristão, ou Judeu não onzene, nem faça contracto usureiro por nenhuma guisa que seja.

3.º E porque alguns mais com receio de perder seus bens, que por temor de DEUS, se cavidaram de usar disto: Porem mandamos, e defendemos, e estabelecemos, que se provado for pelo devedor contra algum credor, que depois da publicação desta Lei onzenar, ou fez contracto usureiro com ele, aquele credor, contra que provado for, não haja *auçom* nenhuma contra o devedor assi no principal como na usura. E se por ventura o devedor antes que prove, que no empréstimo houve onzena, ou que o contracto foi usureiro, pagar ao credor todo, ou parte daquilo, em que parecia, que era obrigado, mandamos que se quizer provar, que em aquele empréstimo houve onzena, ou que o contracto foi usureiro, seja recebido à prova

guardando a ordem do Juizo; e se o provar o credor lhe entregue todo o que dele recebeu, assi o principal como a usura.

4.º E porque aqueles, que emprestado tiram, ou fazem outros contractos, por muito mesteirosos que são, segundo as vontades dos credores, porque hajam razão de lhes acorrerem com aquilo, que lhes compre, fazem muitas confissões do que não é, e renunciam os direitos, que os ajudam contra aquellas confissões, que fazem; porem estabelecemos, que se algum confessar, por recebeu algum emprestimo, e até sessenta dias queira dizer que o não recebeu, posto que o confessasse, mandamos que o possa dizer, e que seja a isso recebido, segundo já por nós, e por nosso Padre isto foi mandado. E se acontecer, que o devedor a este mandado dos sessenta dias renunciar, dizendo em tempo do contracto que renuncia ao direito, que diz, que ante dos sessenta dias possa vir contra a sua confissão, mandamos que tal renunciação seja nenhuma.

5.º E para não haverem os homens razão de se estragar contendendo, se tal renunciação como esta, achando-a escrita pelos Tabaliães, valerá ou não; porem estabelecemos, que os Tabaliães a não escrevam, nem os Escrivães das nossas audiências, nem outros quaiques, que tais obrigações hajam de fazer; e se contra isto forem, hajam pena de falsarios.

6.º E porque os homens acham muitos caminhos para usarem de malicias, e a nós pertence de as tolher, considerando que

alguns devedores sob *collor* desta nossa Lei perlongam as dividas aos credores dizendo, que os contractos eram usureiros, como quer que o não fossem; porem estabelecemos, que se o tempo, a que a divida deve ser paga, for passado, demandando-a o credor, e o devedor diga, que o emprestimo, ou contracto foi usureiro, não embargando isso que diz, o Juiz, perante que o feito for, *filhe* aquilo, em que achado for que o devedor é obrigado, se outro direito por si não puser, e ponha-o em mão de dois homens bons; e se depois for provado pelo devedor, que o emprestimo, ou contracto foi usureiro, o dito Juiz lhe faça entregar o que lhe tomou; e se o por ventura provar não poder, então seja entregue de sua divida o credor com totaldas perdas, e danos, que se lhe por a dita razão seguirem.

7.º A qual Lei vista por nós, havemos por boa, e mandamos que se guarde assi como em ela é contendo: pero declarando ácerca dela na segunda parte, em que fala dos que fazem muitas confissões daquilo, que não é, renunciando os direitos, que os ajudam contra aquellas confissões, que assi fazem, dizemos que haja lugar nos contractos feitos entre os Cristãos, ou entre Cristão, e Judeu, em que o Judeu faça alguma confissão daquilo, que não é em favor do Cristão; e quando o contracto for feito entre Cristão, e Judeu, em que o Cristão faça tal confissão contra si em favor do Judeu, mandamos que se guarde a Lei, que adiante é escrita, feita pelo dito Rei D. Afonso em tal caso.

A religião—A religião judaica

P. — *O que é a religião?*

R. — A religião é um sentimento que nos leva a conhecer a amar a Deus, e a obedecer aos seus mandamentos.

P. — *O que é que Deus nos pede?*

R. — Deus pede-nos que façamos o bem, evitemos o mal, levando uma vida pura e recta, e que respeitemos a dignidade da nossa natureza.

P. — *Todos os homens acreditam em Deus?*

R. — Sim, todos os homens acreditam em Deus porque o sentimento religioso

existe em todos os homens. É um sentimento universal.

P. — *Se a religião é universal, porque existe uma religião judaica?*

R. — Se todos os homens tivessem bem compreendido Deus, não teria sido necessário fundar uma religião especial. Mas os homens formaram idéias muito falsas sobre a Divindade. Representaram-na por meio de ídolos; cometeram em seu nome horrores, crimes e imoralidades. Foi por isto que necessário ensinar a Verdade religiosa. E foi o que fez o Judaísmo.

P. — *Quais são as verdades que o Judaísmo fez conhecer ao mundo?*

R. — O Judaísmo ensinou ao mundo a existência de um só Deus, ou monoteísmo, e o amor do próximo. E' por isto que as nossas principais crenças se resumem nestas duas frases: «Escuta Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é um».

«Ama o teu próximo como a ti mesmo.»

P. — *Que dizem os nossos sábios acerca dos homens que não pertencem à nossa religião?*

R. — Os homens de tôdas as religiões que acreditam em Deus e praticam o bem serão parte na Vida Eterna.

P. — *Que significam os termos: "Hebreus, Israelitas, Judeus?"*

R. — Os três termos: «Hebreus, Israelitas, Judeus» têm a mesma significação mas vêm de épocas diferentes. Os Patriarcas

são designados pelo termo de Hebreus; o último dos Patriarcas, Jacob, recebeu o nome de Israel e os seus descendentes foram chamados Israelitas. Entre os doze filhos de Jacob um deles, chamado Judá formou uma tribo mais importante que as outras; deu o seu nome ao reino de Judá que sobreviveu cento-e-trinta anos mais que o reino de Israel. Portanto, judeu significa descendente de Judá.

P. — *Tem a palavra judeu alguma significação desprestigiada?*

R. — Não, a palavra judeu em si própria não tem nada de desprestigiada, mas empregam-na, muitas vezes, como um termo injurioso. Devemos levantar a cabeça perante aquêles que nos injuriam, e responder às injúrias mostrando que os Judeus honram a sua religião e que tudo o que é judeu é digno de respeito e de estima.

A Moral do Judaísmo

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 110)

Máximas extraídas do Pentateuco

— Não recorrereis aos encantadores e aos mágicos.

— Vos levantareis perante a velhice e honrareis a face dos velhos.

— O estrangeiro será para vós como o habitante do país; amá-lo-eis como a vós mesmos.

— Que o salário do jornaleiro não fique em vossa casa até ao dia seguinte.

— Quando fizerdes a vossa colheita, vós deixareis a ceifa incompleta no fim do vosso campo e não apanhareis os restos caídos no vosso campo. Vós não respigareis na vossa vinha e não recolhereis os bagos caídos, mas deveis abandoná-los para os pobres e para o estrangeiro.

— Honrai vosso pai e vossa mãe para que os vossos dias sejam prolongados.

— Não deveis cubiçar a casa do teu próximo, nem nada que lhe pertença.

— Se emprestais dinheiro ao pobre, não sereis para com êle como credores, não exijais dele juros.

— Se tendes como penhor o manto do

vosso próximo, ao pôr do sol, entrega-lho porque é a sua única coberta.

— Não offendereis a autoridade e não maldireis do chefe do povo.

— Sêde santos, porque eu Adonai, teu Deus, sou santo.

— Não atendas uma narração mentirosa; nem sejais cúmplice dum mau, servindo de testemunha para a iniquidade.

— Não seguireis a multidão para mal fazer.

— Se encontrares o boi do vosso inimigo caído debaixo da carga, não o deixeis ao abandono, ajudai-o aliviando-lhe a carga.

— Fugi da palavra de mentira.

— Maldito seja o que despreza o seu pai e a sua mãe.

— Venerai Adonai, vosso Deus e lhe sereis dedicado.

— Fazei o que é justo e bom nos olhos de Adonai, vosso Deus para serdes felizes.

— Sabei que Adonai, vosso Deus, vos corrige como um pai corrige o seu filho.

— Livrai-vos de esquecer Adonai, vosso Deus.

Tudo se ilumina
para aquêlle que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

CRISTÓVÃO COLOMBO

Era êle um judeu?

POR PAUL GOODMAN

Há 450 anos a 12 de Outubro de 1492, o maior de todos os navegadores, conhecido em Portugal por Cristóvão Colombo (e em Espanha como Cristobal Colon) avistou no hemisfério Ocidental da coberta do seu navio-almirante uma pequena ilha, chamada por êle S. Salvador, a qual provou ser o descobrimento das Américas. As lutas dêste marinheiro aventureiro são conhecidas por a realização dos seus grandes sonhos, mas a sua linhagem ocultou-se na obscuridade. Êle nasceu em Génova, mas a sua família não era certamente de origem italiano.

Rabi Dr. M. Kayserling no seu livro *Christopher Columbus and the participation of the Jews in the Spanish and Portuguese discoveries*, apresenta um interessante caso de investigação de que Cristóvão Colombo era de origem judaica. Mas enquanto isto até agora tinha encontrado pouco apoio, recentemente tem sido continuado com saber e penetração crítica por um eminentíssimo literato e estadista espanhol, Senhor D. Salvador de Madariaga. Com uma grande abundância de detalhes históricos, êle tinha provado no seu livro intitulado *Christopher Columbus*, que Colombo ou Colon era um converso, isto é, um Marano e que muito do que era extraordinário na sua profissão pode somente ser explicado por esta asserção.

Está assinalado que embora Colombo pudesse ter nascido em Génova, êle guardou

muito silêncio acerca disso e nunca falou italiano, nem nunca o escreveu quando dirigindo-se aos seus compatriotas, e que, de facto, êle falou espanhol com a acentuação portuguesa.

Cristóvão Colombo foi um genovês de origem judaica-espanhola é o juízo considerado do Senhor D. Salvador de Madariaga, (o qual incidentemente, cita o Professor Dr. Moisés Bensabat Amzalak entre as suas autoridades citadas). Em verdade, Colombo foi vivo mostrou-se por as suas devoções que foi um bom cristão mas como êle mesmo admitiu foi amigo, da companhia de Mouros Judeus.

Êle baseou a origem da sua grande empresa não sobre razões, nem matemáticas, nem mapas mas sobre as palavras do profeta Isaias e de Esdras, de Apócrifos Judeus. Completamente êle inconscientemente traíu o estímulo judeu que o impeliu, como o autor justificou por instâncias muito numerosas para publicar aqui. O nosso autor fez um estudo fascinador do memorial referido a Colombo, especialmente por o historiador português João de Barros, e chegou à seguinte conclusão: — «Adiante com o fogo da sua imaginação, outro fogo, duma horrenda natureza, foi então também torturando a sua alma com o pior tormento sem repouso. No tempo em que êle apresentou as suas extraordinárias propostas perante o Rei

O Deus do Pentateuco é o Deus Universal

Para o demonstrar, vamos examinar sucessivamente a concepção do Deus criador, a do Deus dos patriarcas e a do Deus de Moisés.

1.º — O Deus Criador. — Eu não creio que ninguém contesta antiguidade da narrativa da Criação, pela qual começa o livro do Génesis. Ora que nos mostra esta narrativa?

Mostra-nos um Deus que, pela sua vontade tóda poderosa, sém matéria prima, sem a ajuda de ninguém, *criou o Universo*.

É impossível conceber um Deus mais universal.

O dilúvio em seguida destrói tóda a humanidade, salvo Noé e a sua família.

Depois do insucesso da Torre de Babel, a descendência de Noé povoa a terra e as setenta nações, enumeradas como saídas desta descendência, são consideradas pela narrativa mosaica como constituindo inteiramente a nova humanidade (Génesis, cap. X, e XI; XI, 9).

2.º — O Deus dos Patriarcas. — A narrativa bíblica é continuada pela história dos patriarcas.

Deus revela-se a Abraão; mas o pacto que Êle concluiu com êle não interessará a êle e ao povo hebreu;

— «Eu próprio que aqui estou e que trato contigo; tu serás o pai duma *multidão de Nações*». O teu nome não se pronunciará mais doravante Abram; o teu nome será Abraão, porque eu te farei pai de uma *multidão de Nações*. (Génesis, XVI, 4-5).

Depois da terrível prova de Abraão, esta promessa é repetida mais claramente ainda: — «*E tódas as nações da terra serão felizes pela tua posteridade, em recompensa de que tu obedeceste à minha voz*». (XXII, 18).

De facto, cristãos e muçulmanos se reclamam de Abraão, e não sòmente os israelitas.

Esta promessa de ordem universalista é em seguida renovada a Isaac, e depois a Jacob (Génesis, XXVI, 4; XXVIII, 14);

De resto, viu-se, desde capítulo XIV, 18-23, Melchisedeg, e depois Abraão, prestarem juramento *perante Adonai, Deus supremo, autor dos Céus e da Terra*.

3.º — O Deus de Moisés. — Deus revelou-se a Moisés no monte Horeb, como o Ser por Excelência: — «Eu sou aquêle que por si existe».

Moisés diz a Deus: — «Eis que eu vou procurar os filhos de Israel e dizer-lhes: O Deus de vossos pais me enviou para vós; se êles me dizem: qual é o seu nome? Que lhes direi eu? Deus respondeu a Moi-

D. João II de Portugal, os seus amigos e parentes, os judeus convertidos de Espanha estavam sendo arrebatados aos seus lares, cobertos com vergonha e opróbio, e queimados em postes. Êle triunfou por causa dêles para levantar ao mais alto que a terrível profundidade da queda dos seus irmãos».

E êste sentido do triunfo judaico trouxe por conseguinte nas suas próprias palavras para o fim da sua espantosa carreira:

«Eu não sou o primeiro almirante da minha família — deixem-lhes dar-me o nome que êles querem, para, depois de tudo, David, um muito sábio Rei, guardava ovelhas e mais tarde era feito um Rei de Jerusalém, e eu sou o servo daquele mesmo Senhor que elevou David para aquêle estado».

Esta análise é de extraordinário interêsse para os cidadãos judaicos de Portugal. Colombo casou com uma mulher portuguesa,

Filipa Moniz Perestrelo; de facto para citação o historiador espanhol Gonzalo Fernandez de Oviedo, Colombo tornou-se pelo seu matrimónio *um vassalo natural* de Portugal *o criador* das grandes descobertas geográficas (como o Senhor de Madariaga se refere para esta terra).

Colombo partiu para a sua sempre memorável jornada num dia seguinte ao nove de Ab (dia da dupla destruição de Jerusalém) no ano de 1492, quando a grande expulsão de judeus de Espanha foi ordenada.

Esta jornada era uma prova funesta para os judeus *êste mais activo povo industrial e criador*, como o Senhor de Madariaga os chama, para nestes últimos dias cêrca de seis milhões de judeus estarem num lar no novo mundo descoberto por Colombo, o Marano.

Trad. de MIRYAM BARROS BASTO.

sés: «Eu sou aquêle que por si existe». E acrescentou: Assim falarás aos filhos de Israel: Adonai, Deus de vossos pais, Deus de Abraão, Deus de Isaac e Deus de Jacob, me enviou para vós. Tal é o meu nome para sempre, tal é o meu atributo de geração em geração (Êxodo, III, 13-15).

Identidade completa, como se vê, entre o Ser por Excelência e o nome quadrilateral, que nós por êsse motivo designamos por Adonai.

A universalidade do Deus de Abraão implicitamente afirmada nas narrativas do Génesis, é pois explicitamente proclamada pelo Êxodo.

Nada de mais universal que o *Ser por Excelência*.

Aqui se impõe uma nota de ordem geral que esclarecerá como a viva luz a questão, tão vulgarmente obscurecida, do *Deus nacional de Israel*.

É certo que na Torah, Israel tem o lugar preponderante.

O Génesis é cheio com a história dos patriarcas, que é a história das origens de Israel.

O Êxodo é principalmente a narração do livramento de Israel e da sua organização religiosa.

O Levítico é em grande parte consagrado às prescrições do culto público de Israel, os Números às provas de Israel no deserto.

O Deuteronomio não é senão uma lembrança dos principais acontecimentos vividos por Israel, das leis que Israel recebeu e uma forte exortação de ter que seguir estas leis. Assim um leitor superficial poderia, à primeira vista, julgar que o Pentateuco só se ocupa dum pequeno povo e do Deus dêste pequeno povo. Mas se se lê atentamente, que se vê? Vê-se que êste pequeno povo é o povo eleito do Deus universal, povo graças ao qual tôdas as nações da terra devem encontrar a felicidade.

Então tôda a Torah se ilumina com uma imortal claridade:

A Torah foi ditada a Moisés para a humanidade inteira, porque o povo de Israel é o instrutor da humanidade, escolhido pela Providência. E é isto o que exprime esta passagem célebre do Êxodo, que eu entrego à meditação de todos os partidários do famoso *particularismo* ou do *feroz isolamento* de Israel:

— «E Moisés subiu para Deus; e Adonai chamando-o do alto da montanha, lhe disse: — Dirige êste discurso à casa de Jacob, esta declaração aos filhos de Israel: Vós vistes o que eu fiz aos egípcios; a vós, eu vos levei sôbre a asa das águias e eu vos aproximei de mim. Doravante, se vós sois dóceis à minha voz, se vós guardais a minha aliança, vós sereis o meu tesouro entre todos os povos. Porque tôda a terra me pertence; mas vós, vós sereis para mim um reino de sacerdotes e uma nação consagrada. Tal é a linguagem que tu terás para com os filhos de Israel. (Êxodo XIX, 3-6).

Mas se as coisas são assim se a Torah deve servir para todos os homens e não só para o povo de Israel, esta tendência deve manifestar-se por vezes directamente. É com efeito o que tem lugar como o vão demonstrar alguns exemplos. Primeiramente a aliança de Deus com Noé no Génesis, IX, 1-17; ela aplica-se a tôda a humanidade: — «Está ali (o arco-íris que parece ligar a terra ao Céu) o sinal da Aliança que eu estabeleci entre mim e tôdas as criaturas da terra».

Depois do Decálogo, a mais importante das revelações que relata a Torah, faz-se notar pelo seu carácter de universalidade. Também é êle a base das legislações de todos os povos civilizados, desde a difusão do Cristianismo. E contudo êste Decálogo não começa por uma declaração na aparência particularista: — «Eu sou Adonai teu Deus que te fez sair do Egito, duma mansão de escravidão egípcia senão para receber o depósito sagrado duma Lei de alcanço universal?

Quando, nos números XVI, 23, Moisés e Arão intercedem em favor dos rebeldes do partido de Coré, é ao *Deus dos espíritos de tôda a carne* que vai a sua súplica, e não, ao Deus dos pais, ao Deus de Israel; é que êles falam em nome da justiça e a justiça é de ordem universal: «Oh Deus, Deus dos espíritos de tôda a carne! Pois que, um só homem terá pecado e tu te irritarias contra a comunidade inteira?».

Mais adiante, no capítulo XXVII, versículo 16, Moisés emprega a mesma qualificação para pedir a Deus que designasse o seu sucessor; «que Adonai *de tôda a carne*, instrua um chefe sôbre esta comunidade que caminhe sem cessar a sua testa e que dirija todos os seus movimentos; afim de que a

O 25.º Aniversário da Declaração Balfour

No dia 1 de Novembro, no Palace Theatre, de Londres, promovida pela Federação Sionista da Grã-Bretanha e Irlanda, realizou-se uma sessão magna comemorativa desse acontecimento.

Presidiu à sessão o Ex.^{mo} Sr. Lord Melchett e foram oradores os seguintes senhores e senhoras:

Sua Reverendíssima o Rabi-mor Dr. J. H. Hertz, Artur Greenwood, Madade Israel M. Sieff, Madame Edgar Dugdale, Brigadeiro Sir Windnam Deedes, Berl Locker, Prof. S. Brodetsky, Barnett Jauner.

A reunião decorreu no meio de grande entusiasmo da assistência, sendo muito aplaudidos os oradores:

Sobre esta sessão magna *O Primeiro de Janeiro*, importante diário do Porto, publicou as seguintes notícias:

Os judeus querem ter uma pátria

LONDRES, 2 — O deputado trabalhista e antigo ministro Artur Greenwood disse hoje numa reunião da Federação Sionista que em conformidade com os princípios da carta do Atlântico entre os principais fins da paz se devia contar a justiça ao povo judaico. A reunião efectuava-se para comemorar o 25.º aniversário da declaração Balfour. Artur Greenwood disse:

«Depois do armistício, as vossas esperanças e as tradições do povo judaico devem ter um lugar proeminente na vida do mundo. Aquêles de nós que se opõem e opuseram a certos compromissos, olham, com satisfação, para trás, e encontram a nossa política na Palestina.»

comunidade de Adonai não seja como um rebanho sem pastor».

A oposição deste atributo universalista ao nome quadrilateral mostra super-abundantemente que este último nunca podia aplicar-se a Deus nacional.

COMMANDANT A. LIPNNAN.

O rabino chefe Dr. J. H. Hertz mostrou a sua confiança na declaração do Primeiro Ministro, Churchill, de que os sofrimentos do povo judaico não seriam esquecidos, e disse esperar que tal declaração «não fôsse apenas uma promessa».

O antigo secretário do Governo da Palestina, sir Wyndham Deeds classificou a declaração Balfour como «um grande acto de restituição do país, feito pelos cristãos aos judeus». O Primeiro Ministro sul-africano, Marechal Smuts, numa mensagem, declarou a sua confiança, e disse esperar que a declaração Balfour «continuasse efectiva». A promessa duma pátria devia ser levada a efeito, depois da guerra, e viria realizar, plenamente, as promessas feitas nessa declaração. — E. T.

O povo judaico transformou a Palestina num dos melhores centros de estratégia militar e modelo de boa administração

WASHINGTON, 2 — A-propósito do 25.º aniversário da declaração de Balfour o jornal *Washington Post*, de hoje, diz que a Palestina constitui, presentemente, um dos mais fortes bastiões dos aliados no Próximo Oriente.

O jornal acrescenta: «A população judaica da Palestina concorre, 100 % ao esforço de guerra dos aliados e trabalhou, tão admiravelmente, que conseguiu a transformação de uma terra empobrecida num país florescente. O jornal *Saint Louis Globe*, diz que da terra desolada o povo judaico transformou a Palestina num dos melhores centros de estratégia militar e modelo de boa administração. — E. T.

* * *

Um volume comemorando a declaração Balfour foi publicado sob a direcção do publicista Sr. Paul Goodman, com um prefácio por Lord Cecil of Chelwood e uma introdução pelo Dr. Chaim Weizmann, Presidente da Agência Judaica para a Palestina.

Conto do Ghêto

Não poder morrer

Era noite; o silêncio era profundo; de repente o Shamash (diácono), julgou ouvir o martelo de pau com que chamava pela manhã e a noite os fiéis à Sinagoga, oscilar levemente para cima e para baixo.

O martelo não me deixa dormir, disse êle a filha, que também ouvia aquelas pancadas ligeiras e estranhas.

É alguém que está a morrer na nossa rua, disse ela estremecendo; e imediatamente cheia de terror começou a rezar em voz alta:

Shamash Israel (Ouve Israel!) é o rabino que está a morrer.

E então no meio da noite silenciosa, ouvia-se bater a tódas as portas as três pancadas sabidas do martelo.

A filha do Shamash estremecia até ao fundo da alma cada vez que ouvia o pai bater às portas das casas. E quando a última pancada dada na última porta lhe tinha acabado de reboar aos ouvidos, disse:

Foi agora que o rabino deu o último suspiro.

E não pode deixar de verter lágrimas ardentes. A recitação dos psalmos sustinha a alma do rabino prestes a abalar, e as sombras da morte não se tinham ainda desvanecido à roda dêle.

Pela manhã sentiu-se pior e então os discípulos começaram a lamentar em altas vozes. Foram buscar um grande pedaço de cera e um pavio, mediram a estatura do doente, e fizeram com o modêlo um círio gigantesco.

Cobriram o círio com uma mortalha, e levaram-no para o cemitério, onde o enterraram ao lado dos mortos.

Apesar disso, tiveram que servir-se da mesma medida do corpo do rabino, para fazerem as seis tábuas do caixão.

— Deus! Deus poderoso! exclamaram os discípulos, o que havemos de fazer para que o rabino não morra?

Vamos reunir anos para êle, respondeu um dêles, talvez que Deus nos ouça. Um dos discípulos foi-se de casa em casa, com um papel na mão, no qual cada um inscrevia o número de anos, semanas ou dias

que dava da sua própria vida para o rabino moribundo.

A filha do Shamash estava justamente à porta na ocasião em que o discípulo passava com o papel.

E tu, disse êle, dirigindo-se a ela, não darás nada para o rabino?

Dou-lhe a minha vida, a minha vida tóda, disse ela soluçando.

Escrevo o que acabas de dizer?

Escreva! Escreva!

O discípulo, então inscreveu a vida de Annelé.

Logo no mesmo instante o rabino melhorou e no dia seguinte enterrava-se o cadáver de uma jovem no cemitério.

Era o da filha do Shamash.

A jovem tinha hesitado tão pouco em ir fazer companhia aos mortos, quanto o rabino tinha repugnância em fazer desaparecer o seu nome do livro dos vivos.

Nos primeiros dias de convalescença, o rabino andava alegre e bem disposto; recuperou um vigor extraordinário. Depois tornou-se triste e pálido. Ninguém sabia a que attribuir o mal.

Efectivamente ninguém sabia, que pela noite adiante, quando o rabino estava assentado, estudando a *guemarah*, aberta diante dêle, ouvia-se, em baixo, no pátio, um canto subtil; e que cada vez que o rabino abria a janela, apercebia defronte dêle uma jovem bonita, cujo sorriso gelado pela morte, êle via brilhar até acima, por entre o véu das trevas.

Agora, pensava então o rabino, podia ela estar livre e cantar como os pássaros do ar.

E no silêncio da noite, regava com as lágrimas as grossas páginas da *guemarah*.

Uma vez por volta da meia noite, lamentosos gritos de angústia soaram à volta da casa; eram sons estranhos como os que são arrancados pela dor.

Pouco depois, ouviu os vagidos de uma criança recém-nascida.

Oh desgraça! exclamou o rabino, fui eu que a despojei dessa alegria.

E tódas as noites, desde então, começou a ouvir os mesmos vagidos entremeados das cantigas com que as mães embalam as

crianças; e estes cantos arrancavam-lhe lágrimas do fundo do coração.

Os gritos de dor repetiram-se seis vezes; depois, de cada vez, vinha a criança recém-nascida, e no fim aquelas arrebatadoras cantilenas infantis.

Depois disto, um grande silêncio.

Outra vez ainda, ouviu-se soar um canto alegre e jubiloso e o rabino disse:

Agora, é o primeiro filho que festeja a iniciação religiosa, e fui eu que a despojei dessa alegria.

O silêncio restabeleceu-se novamente.

Alguns anos depois, soaram outra vez os cantos de júbilo e o rabino disse:

Agora, conduz ela a filha ao tálamo nupcial; oh desgraça! desgraça! essa satisfação arrebatei-lha eu.

Cada vez que ouvia a voz, não era já nem lamentando, nem chorando, mas sempre em cantos deliciosos e suaves, e o rabino dizia:

Teria sido uma mãe feliz, e fui eu que destruí a sua felicidade.

Foi assim que o rabino viveu tóda a vida da jovem.

Teria dado muito para ouvir, uma vez só que fôsse, em vez daquelas deliciosas melodias, algumas queixas amargas; por essa forma, ficaria certo que lhe caberia conhecer a desgraça neste mundo; mas o seu desejo não se cumpriu, e o rabino vertendo lágrimas sôbre a *guemarah*, dizia:

Pois que! é possível que tivesse de ser feliz a um ponto destes!

Então desejava morrer, consumir-se; aquêle canto fatigava-lhe a vida.

Todavia, não podia morrer. Estava velho e decrépito; todos os correligionários tinham descido à cova antes dele; as próprias crianças, que na infância êle tinha abençoado, viu-as depois encostadas às muletas, velhas, tristes e caducas, zombarem da morte em vão, e morrerem. Mas êle não podia morrer.

Quando chegará êsse momento, mulher? perguntava êle muitas vezes: quanto tempo queres tu viver ainda?

Então, ouviu-se uma vez, pela volta da meia noite, soar no fundo do pátio um lamento semelhante ao de um moribundo.

Agora, morreu, disse o rabino; Deus seja louvado para todo o sempre!

No dia seguinte, ao romper da manhã, os talmidim (discípulos) foram dar com êle, sem vida, com a cabeça deitada sôbre a *guemarah* (Talmud).

Vida comunal

PORTO

As festas de Tishri — Na Sinagoga Ka-doorie Mekor Haïm, à Rua Guerra Junqueiro, n.º 340, realizaram-se as festividades de Rosh Ha-Shanah (Ano-Novo), de Kipur (Grande Perdão) e Sukoth (Cabanas). Várias pessoas vieram da província expressamente para tomarem parte na austera penitência do santo dia de Kipur.

CALDAS-DA-RAINHA

Nesta vila onde estão concentrados cerca de 400 almas judaicas, refugiadas, organizaram, como já aqui informamos, um Beth Ha-Midrash (oratório) para o culto normal diário.

Para as festividades do Ano-Novo e Kipur improvisaram uma sinagoga no amplo salão de festas do Montepio, devidamente ornamentado, sendo êsses adornos gentilmente cedidos pela família Serrano.

Com o fim de dar assistência moral a êsses irmãos de fé, desterrados do seu lar, a Comunidade Israelita do Pôrto delegou no seu digno 1.º Secretário Sr. Menasseh Bendob, o benéfico encargo de lhes desejar que Deus Bendito em breve tempo ponha fim às suas atribulações.

O Sr. Menasseh fazia-se acompanhar dum Sepher Thorah (Livro da Lei) e vários livros de orações para as três festas.

Nessas festas solenes foi feita uma oração de bênção aos governantes, dita em hebraico pelo respectivo oficiante e em seguida em língua portuguesa pelo delegado do Pôrto, o Sr. Menasseh Bendob.

Visado pela Comissão de Censura

Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 112)

TÍTULO XCVII

Se o Cristão fez obrigação ao Judeu por dinheiro, possa dizer, passados dois anos, que os não recebeu

El-Rei D. Afonso o Quarto em seu tempo fez uma Lei, de que o teor tal é:

1 — Aguisada razão é, que aquele que é estabelecido em prol e favor do Povo, nom seja tornado em seu dano. E porque nos D. Afonso o Quarto confirando a prol do nosso Povo, e vendo em como recebiam muito dano por razão demprestimos, que recebiam dos Judeus com usuras, que lhes pagavam, ordenamos nossa Lei, e publicar fâsemos, em que defendemos aos ditos Judeus, que nom fizessem os ditos emprestimos, nem outros contractos usureiros, dando-lhes certas penas na dita Lei conteudas, se contra isso fizessem. E ora é-nos dito por homens dignos de fé, que por razão da dita defesa os ditos Judeus fazem outros contractos com os Cristãos, per que os Cristãos recebem muito maior dano dos seus haveres, que aquilo que recebiam antes da dita defesa.

2 — Porem querendo nos levar adiante o que em prol do dito povo foi ordenado, e arredar as malícias dos Judeus, por nom sêr aqui estabelecido, e em dano do povo tornado, hordenamos, e estabelecemos por Lei, que se os Cristãos fizerem contractos alguns com Judeus, que os ditos Cristãos fiquem obrigados por alguma coisa aos ditos Judeus, que os ditos Cristãos possam dizer em qualquer tempo, que sejam demandados pelos Judeus, posto que passados sejam dois

anos, que nom receberam aquilo, por que os ditos Judeus os demandaram: e nom lhes empeça confissão alguma, se a fizerem, antes que demandados sejam, assi que o encargo da prova seja dos Judeus; e se nom prova-rem, que os Cristãos receberam tudo aquilo, que pelos ditos Judeus for demandado, sejam *absoltos* da dita demanda, posto que provem esses Judeus parte daquilo, que por eles é demandado. E se porventura pelos ditos Cristãos esta *eixeicom* for renunciada; temos por bem que tal renunciação lhes nom empeça.

3 — E porque poderia acontecer, que em engano disto os ditos Judeus pagariam dinheiros, ou outras coisas, de que fizessem os contractos, presente testemunhas, aos que com eles esses contractos fizessem, havendo feita sua fala com esses devedores, que lhes tomassem parte daquilo, que lhes assi dessem: Porem temos por bem, que se isto for provado, que o Judeu perca a dívida verdadeira, e o Cristão outro tanto como o que tornar; e isto seja todo para o prol Comunal daquela Vila, onde o contracto fôr feito. E para isto se melhor guardar, cada um do Povo possa isto acusar, e este acusador haja a terça parte daquilo, que provar e o *al* seja para o prol Comunal da Vila, como dito é.

4 — A qual Lei vista por nós, havemos por boa, e mandamos que se guarde assi como em ela conteudo.

TÍTULO XCVIII

Que as pagas, e entregas feitas pelos Cristãos, e Judeus, se possam fazer sem presença do Juiz

No Livro da nossa Chancelaria foi achada uma Lei d'El-Rei Dom Afonso o Quarto, de que o teor tal é:

1 — Outro si temos por bem, que cada um do Povo possa acusar os Judeus, que

contractos usureiros fizerem, para haverem aquela pena, que é posta na nossa Lei antes disto feita contra os usureiros; e esse acusador haja a terça parte daquilo, que provar, e as duas sejam para a prol Comunal da Vila, onde os contractos forem feitos: salvo se o

Publicações recebidas

A Book of Jewish Thoughts — Seleccionados e dispostos por Sua Eminência o Rabi-mor do Império Britânico, Dr. J. H. Herz. Esta antologia foi organizada há uma vintena de anos para os aviadores, soldados e marinheiros judeus de Sua Magestade Britânica. Nesta nova edição revista, muitos novos nomes aparecem; entre eles, Einstein e Weizmann, o Papa Pio XI e General Smuts, Austen Chamberlain e Presidente Roosevelt, Ronsim Rolland e J. L. Magnes, cada um dos quais se pronuncia sobre as novas esperanças e novas agonias que os últimos anos têm trazido para Israel.

A unidade da selecção na antologia é o pensamento judeu.

Para muitos que leram esta antologia foi uma revelação das maravilhas espirituais do judaísmo e do lugar do judeu no pensamento e na história da humanidade.

Esta edição é dedicada à memória do Tenente-Aviador Ronald Austin Jarvis, desaparecido depois dum encontro com o inimigo sobre o Canal da Mancha a 12 de Setembro de 1941.

Este livro foi já traduzido em árabe, alemão, húngaro, polaco e ydish. Também sairá brevemente em hebraico.

Foram feitas duas edições em caracteres Braille para cegos: uma em Washington (América) e outra em Manchester (Inglaterra).

History of the Jews, por Paul Goodman.
— Uma nova edição dessa magnífica história

da autoria do nosso amigo e vice-presidente da Comunidade Israelita do Porto, com uma nota prefácio de Sua Eminência o Rabi-mor do Império Britânico, Dr. J. H. Herz no qual se dirige aos aviadores, marinheiros e soldados judeus de Sua Magestade, para quem foi feita esta especial edição, enaltecendo-lhe o valor moral e espiritual desta obra.

Para aquêles que arriscam a sua vida contra os que têm levado a muitos lares judaicos a expoliação, a dor e o luto, será um bom conforto espiritual ao lerem nessa história os dias sombrios e trágicos, das perseguições e depois a ruína e castigo dos perseguidores do povo eterno, o povo de Israel.

Jewish Emancipation (A selection of documents) por Raphael Mahler. — Colectâneo de documentos emanados dos dirigentes de várias nações, referentes a emancipação dos judeus, acompanhados por vários comentários. O mais antigo destes documentos é holandês e data de 1657 e o mais moderno é a concessão do mandato à Grã-Bretanha sobre a Palestina, pela Sociedade das Nações em 1922. Este documentário de grande interesse histórico foi editado pelo Instituto de Investigação sobre a Paz e os problemas após-guerra, sob os auspícios de The American Jewish Committee, de New-York, e faz parte duma série de opúsculos intitulada *Os judeus e o mundo após-guerra*.

devedor quizer acusar o dito credor, e provar, que o dito contracto foi usureiro; no qual caso temos por bem, que a dívida assi do principal, como da usura seja todo em prol do dito devedor, assi como na nossa Lei feita antes desta é conteudo.

2 — E porque já na nossa Lei é conteudo, que os contractos, que forem entre Cristãos, e Judeus nom sejam valiosos, se perante o Juiz nom forem feitos, assi as pagas, como as entregas, salvo em certos lugares, e seria grave coisa aos Judeus de haverem os Juizes, para serem presentes ás pagas, e

entregas: Porem temos por bem, que fazendo os ditos Judeus os contractos perante o Juiz, como na dita nossa Lei é conteudo, posto que as pagas, e entregas nom sejam feitas perante o Juiz, provando eles por Escritura publica, ou por testemunhas Cristãs, e nom por confissão da parte, como *suso* dito é, que lhes seja *avondoso*, posto que nom sejam feitas essas pagas, e entregas perante o Juiz.

3 — A qual Lei vista por nós, louvamos, e confirmamos, e mandamos que se guarde como como em ela é conteudo,

*Tudo se ilumina
para aquêlle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. V. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Os sete filhos de Hannah

(LAMENTAÇÃO RECITADA NAS SINAGOGAS DO RITO PORTUGUÊS EM FRANÇA)

A filha do meu povo chora e lamenta-se por causa de Hannah e por causa dos seus sete filhos que foram mortos à sua vista!

A pobre mãe cafu e morreu sôbre os seus filhos!

Êles deviam renegar Adonai e prostrarem-se perante Baal; mas, todos juntos, proclamaram a Unidade e a Omnipotência do Criador do Universo.

— Como, suspirou a mãe, enquanto as lágrimas lhe inundavam o rosto, pode o infiel reinar sôbre a herança de Jacob!

A pobre mãe cafu e morreu sôbre os seus filhos!

O Tirano dirigiu-se primeiramente ao mais novo, nestes têrmos: — Se tu queres adorar esta imagem, eu te saberei dar riquezas e honras!

— Não, não, exclamou o menino, eu não quero abandonar o Deus de nossos Pais, porque só Êle é grande!

Cortaram-lhe a cabeça com uma espada e a mãe beijou o seu cadáver.

A pobre mãe cafu e morreu sôbre os seus filhos!

Ao segundo, êle falou com auto-

ridade: — Prostra-te, disse êle, perante o meu Deus, porque Êle é forte.

— Não, não, exclamou o menino, eu só adorarei o Deus único que está no Céu e que sempre livrou a Nação Santa da mão dos seus opressores!

Êle foi morto.

A mãe cafu e morreu sôbre os seus filhos!

Ao terceiro, êle falou assim: — Toma o meu anel e não recuses; faz o que eu quero, para que os príncipes não zombem de mim por causa do meu insucesso e da inanidade do meu juramento.

— Não quero, exclamou o menino; nunca a minha língua prestará homenagem a um ídolo!

A pobre mãe cafu e morreu sôbre os seus filhos!

E uma voz se fêz ouvir do alto do Céu:

— Saüdação a vós, disse ela, saüdação a vós, sete filhos de Hannah! O vosso lugar está preparado no Paraíso, porque vós servistes Deus com amor!

E a feliz mãe, no Paraíso, se alegrou com os seus filhos!

A FESTA DE HANUKÁ

(EXTRACTO DUMA CONFERÊNCIA)

Instituiu Judah Macabeu a festa de Hanuká, para ser celebrada todos os anos durante oito dias por todo o povo de Israel.

Esta festa tem um carácter eminentemente alegre e consolador. Lembra-nos um passado glorioso, incute em nossos corações idéias viris e generosas, e nos ensina conjuntamente a honrarmos os nossos heróicos antepassados, a conservarmos sempre vivo e inalterável o culto da nossa sagrada pátria, a admirarmos, cheios de amor e gratidão a incansável solicitude com que o nosso Deus nos favorece, e a não deixarmos apagar-se em nós a esperança de melhores dias para a nossa querida nação.

É a 25 de Kislev, em Dezembro, perto do solstício de Inverno, quando os dias vão começar a crescer, e o sol, dilatando a sua curva celeste, não tarda a derramar sobre a terra maior soma de luz e de calor, que os Israelitas celebram a Hanuká, a sua festa das candeias, a sua Restauração.

É também em Dezembro que Portugal, o belo país que habitamos e amamos como uma segunda pátria, festeja a sua libertação do jugo pesado e insupportável de outros Anticocos, não menos tirânicos e implacáveis que o nosso — o jugo dos Filipes.

Pequeno, altivo e indómito como nós, como nós confinado num estreito litoral ao extremo ocidental dum continente e à beira dum vasto mar, Portugal teve, como nós, períodos de glória e decadência, duas reconquistas — sobre os mouros a primeira, a segunda sobre os espanhóis, — uma missão grandiosa, heróica e guerreiros afamados, legisladores e poetas que são o assombro do universo.

Dia a dia desafiado no seu brio pelas sombrias e ameaçadoras ondas no Atlântico, que havia êle de fazer senão aceitar-lhes o repto, arremeter contra elas, vencê-las, avassalá-las, e fazer nelas tamanha brecha, que por ela têm passado desde então, e até ao fim dos séculos hão-de continuar a passar, as frotas de toda a terra.

Sorte análoga coube a Israel, Tendo à retaguarda o péso de toda a Ásia; dia a dia assistindo aos embates de cem povos

desenfreados, vendo a terra agitada nas convulsões frenéticas do ódio, da cobiça, da violência, da idolatria e da corrupção, voltou os olhos para o imenso Mediterrâneo, que se estendia aos seus pés, e num grito que atravessou o espaço e cujos ecos ainda hoje se não extinguiram, proclamou a unidade de Deus, a unidade da criação, a unidade da família humana, a unidade da Lei!

Portugal abriu caminho no oceano; Israel, no coração do homem — oceano não menos vasto, profundo e agitado.

Vanguarda do exército da civilização, Portugal, do alto das suas caravelas, e de espada em punho, lá foi oceano fora, ultimar o ciclo das descobertas e fazer entrar na vassalagem da Europa o domínio integral de todo o nosso globo.

Emissário de Deus na terra, Israel também navegando laboriosamente por entre as tumultuosas ondas de perseguição, ora baixando até aos abismos dos cárceres inquisitoriais, ora pousando no alto das fogueiras e dos cadafalsos, lá foi, mar de lágrimas fora, estejado na sua fé, e arvorando o livro da sua Lei, varrer, à luz dos seus fulgentes raios, as derradeiras sombras do paganismo, manifesto ou disfarçado, — esse fautor de desunião e de discórdia, — e entregar à humanidade, sem distinção de raças nem procedências, as chaves autênticas do reino dos céus!

Israel e Portugal, duas das mais pequenas nações do mundo, foram, são e serão sempre dois grandes povos que bem mereceram da humanidade!

Os Israelitas portugueses são portugueses duplamente ou duplamente Israelitas, e por isso, cabe-lhes duplamente o dever de honrarem, com a sua ilustração e com os seus actos, as duas nobres e beneméritas nações a que se honram de pertencer!

29 de Kislev de 5764

28 de Dezembro de 1913

JOSEPH BENOLIEL.

DECLARAÇÃO BALFOUR

Enquanto a colonização judaica na Palestina (conhecida por a sua designação hebraica como Yishub) foi gradualmente germinando mesmo sob as mais desvantajosas condições do domínio turco, a erupção da Grande Guerra em 1914 causou à Organização Sionista, com a sua sede central em Berlim, fôsse dispersada e posta fora da acção. A Organização tinha sido seriamente enfraquecida por a desesperação aparente da expectação Sionista na Palestina sob os turcos. Uma oferta para os Sionistas em 1903 por José Chamberlain, como Ministro do Governo Colonial Britânico, de um território na África Oriental Britânica (no Planalto de Guas Ngishu, como vulgarmente é designado por Uganda) para uma colónia autónoma judaica, — indirectamente uma notável façanha Sionista — e sua rejeição por um Congresso Sionista guiou para a formação da Organização Territorial Judaica sob a direcção do literato e protagonista Sionista Israel Zangwill Anglo-Judaico (1864-1926). Seu objectivo foi « alcançar um território com umas bases autónomas para aquêles judeus que não podiam ou não queriam permanecer nas terras nas quais êles já viveram ».

A Organização Territorial Judaica, pensou baseada no ideal Sionista da autonomia judaica, ser capaz de captar influentes elementos não-Sionistas mas não foi apesar disso bem sucedida nas suas pesquisas para um conveniente território para a colonização judaica, e em 1918 desistiu da função. Mas enquanto, num lado, a separação de muitos proeminentes Sionistas para aquela rival corporação tinha materialmente enfraquecido a Organização, no outro lado, em consequência disso desenvolveu o bíblico, simpatias pro-judaicas as quais já há séculos se tinha manifestado na Inglaterra puritana.

Foi nos trágicos anos da Grande Guerra que, no meio do trabalho e labuta para o qual os judeus foram sujeitados, não só como vítimas da descriminação mas também como combatentes, um raio de luz de inesperado esplendor luziu sobre êles. Depois de ter consultado tôdas as variantes da opinião judaica e sustentado por os principais Poderes Associados e Aliados, o Governo Britânico declarou-se em favor do estabelecimento na

Palestina dum lar nacional para o povo judeu na seguinte carta que foi dirigida para (o segundo) Lord Rothschild por Arthur James Balfour, o Ministro do Estado dos Negócios Estrangeiros:

MINISTÉRIO DO ESTRANGEIRO

2 de Novembro de 1942

Caro Lord Rothschild:

Tenho muito prazer em transmitir para V. Ex.^a em nome do Governo de Sua Majestade, a seguinte declaração de simpatia com as aspirações dos Sionistas, a qual tem sido submetida e aprovada por o Conselho de Ministros.

O Governo de Sua Majestade encara favoravelmente o estabelecimento na Palestina dum lar nacional para o povo judaico e usará os seus maiores esforços para facilitar a realização deste objectivo, sendo claramente entendido que nada seria feito que pudesse prejudicar os direitos civis e religiosos das actuais comunidades não-judaicas na Palestina, ou os direitos e estatuto político possuídos por judeus em alguns outros países.

Eu ser-lhe-ia muito grato se levasse esta declaração ao conhecimento da Federação Sionista.

Seu sinceramente

ARTHUR JAMES BALFOUR.

A Declaração Balfour (como esta comunicação chegou a um acôrdo) foi saudada por os judeus de todo o mundo como um acto de libertação nacional comparável ao decreto de Ciro da Pérsia que precedeu para o estabelecimento da Comunidade Judaica na Judeia depois do Cativo da Babilónia. O instinto para a própria conservação evocou entre os judeus de tôdas as terras um sentimento colectivo e coesão que inutilizou-se nas barreiras nacionais e divisões ideológicas, e deu para o ideal Messiânico da Restauração para Sion uma actualidade que cativou as mentalidades judaicas.

Da *History of the Jews*, por PAUL GOODMAN.

Trad. de MIRYAM BARROS BASTO.

A situação dos judeus

**na Europa ocupada pelos alemães
merece uma declaração con-
junta dos governos aliados**

LONDRES, 17 — Eden fazendo na Câmara dos Comuns uma comunicação a respeito das notícias sobre os planos alemães para exterminar os judeus na Europa disse: «Lamento ter de informar a Câmara que recentemente o governo britânico recebeu relatórios de toda a confiança, sobre o tratamento bárbaro e desumano a que são sujeitos os judeus na Europa ocupada pelos alemães. Recebi especialmente uma nota do governo polaco, que também foi enviada aos governos de outras nações unidas e teve grande publicidade na Imprensa. Portanto, o governo britânico está realizando consultas com os Estados-Unidos, e aproveito esta oportunidade para comunicar à Câmara o texto da declaração publicada hoje em Londres, Moscovo e Washington. Foi chamada a atenção dos governos belga, checoslovaco, grego, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Polónia, Estados-Unidos, Grã-Bretanha, Rússia e Jugoslávia e da Comissão Nacional Francesa para as numerosas notícias recebidas na Europa, que as autoridades alemãs não contentes em negar as pessoas da raça judaica, em todos os territórios sobre os quais se tem aplicado as suas leis bárbaras, os mais elementares direitos de humanidade, estão agora a pôr em prática as muitas vezes repetidas intenções de Hitler de exterminar o povo judeu.

O que se passa na Polónia

Na Europa Oriental os judeus estão vivendo em condições horríveis e de barbárismo. Na Polónia, que foi transformada em matadouro nazi, as judiarias, ali estabelecidas pelos invasores alemães são sistematicamente limpas de todos os judeus, excepto um pequeno número de operários especializados, necessários às indústrias de guerra. De nenhum dos que dali têm saído, se tornou a receber notícias. Os válidos são obrigados a trabalhar até morrerem nos campos de trabalhos forçados. Os doentes são abandonados para morrer sem tratamento ou de fome ou deliberadamente mortos em execuções em massa. Estas crueldades infligidas a muitas

centenas de milhares, incluem homens, mulheres e crianças completamente inocentes. Os governos acima referidos e a Comissão Nacional Francesa condenam nos termos mais violentos esta política bestial de extermínio a sangue frio. Declaram que estes acontecimentos apenas podem fortalecer a resolução de todos os povos que amam a liberdade de derrubar o bárbaro sistema hitleriano da Alemanha. Reafirmam a solene resolução de que os responsáveis por estes crimes não escaparão ao castigo e porão em prática todas as medidas necessárias para assegurar este fim.

Depois da declaração de Eden todos os membros da Câmara dos Comuns se puseram em pé em sinal de protesto pelos crimes bárbaros cometidos pelos alemães contra os judeus. — E. T.

A declaração foi radiodifundida em 23 línguas

LONDRES, 17 — A declaração conjunta dos governos aliados sobre o extermínio dos judeus pelos alemães foi radiodifundida em 23 línguas pelas emissoras de Nova-Iorque e de Londres. — E. T.

GAMBERRA, 17 — O informador oficial do governo australiano manifestou hoje o caloroso apoio da Austrália à declaração das nações unidas contra a campanha anti-judaica que está sendo realizada pelos alemães. — E. T.

OTAVA, 17 — O Primeiro Ministro do Canadá, Mackenzie King, declarou que o governo canadiano sentia-se feliz, associando-se à declaração dos aliados condenando enérgicamente a política nazi de extermínio dos judeus. — E. T.

Os judeus da Palestina desejam receber os seus irmãos

LONDRES, 17 — A comissão central dos judeus dirigiu um apelo para que fôsse dado refúgio a todos os seus concidadãos que se encontram sem lar. O apelo diz: «Permitam, pelo menos, que o meio milhão de judeus que se encontram na Palestina, possa acolher os seus irmãos e irmãs, num território em que se não sintam estrangeiros. — E. T.

De *O Primeiro de Janeiro*, Pôrto, 18 de Dezembro de 1942.

COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

Don Yahia Ben-Yahia

(Um dos colaboradores de D. Afonso Henriques)

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 101)

A parte cristã de Portugal, legada por Afonso VI, Rei da Galiza, Leão e Castela, a sua filha natural D. Teresa, mulher de Henrique de Borgonha, neto do Rei da França, Roberto — o Excomungado, havia-se tornado num estado independente graças a seu filho D. Afonso Henriques.

D. Afonso I de Portugal havia estabelecido a sua côrte em Coimbra, onde se fôra refugiar Yahia Ben-Yahia, o grande auxiliador de Ibn-Caci, Emir do Algarve.

Quem era este homem?

Yahia Ben-Yahia era um nobre judeu, descendente de Yahia Ben-Yahia, que se havia notabilizado no reinado de Abdallah, filho de Mohamed I, Emir de Córdova pelas suas qualidades militares, e além disso segundo a tradição, era considerado como oriundo da Casa Real de David, o Rei psalmista. Esta antiga família hebraica usava um braço de armas partido em pala tendo na dextra um leão com um ramo de palmeira numa mão — na sinistra do escudo patenteava uma águia com as garras abertas e afastadas e mostrando a sua cauda entre as garras, aberta como uma flor.

Como poderá haver alguém que estranhe usar este nobre judeu entre os moçulmanos o nome de Mohamed Ibn-Yahia, vou dar alguns exemplos desta duplicação de nomes, um entre os judeus e outro entre os árabes:

O célebre ministro do Rei de Granada, Samuel Ben-Nagrela era chamado pelos árabes Ismael Ibn-Nagrela; o gramático Jonas Marinos entre os árabes era Abulwalid Meruan Ibn-Djanash; Salomão ben Judah Ben-Gabirol, designado pelos escolásticos cristãos da Idade-média por Avicebron ou Avicebrol, era entre os árabes Abu-Ayub Suleiman Ibn-Yahia; o filho de Samuel Ben-Nagrela e que era rabino, era conhecido entre os árabes

pelo nome de Abu Huçain Joseph Ibn-Nagrela; e o célebre poeta Judah Ha-Levy era entre os árabes Abul-Hassan Iehudah Ibn Halevy.

D. Afonso Henriques antevendo no fugitivo um auxiliar precioso para o seu desejo de expansão territorial recebe-o com muito agrado e honra. Ben-Yahia já era conhecido do soberano português porque fôra êle que viera a Coimbra como embaixador de Ibn-Caci pedir a ajuda militar portuguesa para o seu antigo chefe e amigo, o Emir de Mértola.

Entre Ben-Yahia, o audacioso e astuto conquistador do Castelo de Mértola, o mais forte de todo o Algarve e El-Rei D. Afonso se travaram longas conversações de carácter militar sôbre um assunto que preocupava o Rei de Portugal.

Santarém era uma das principais povoações de Belatha e a que mais receio inspirava aos portugueses. Dali saíam a maior parte das algaras, que iam levar a devastação e a morte até aos distritos situados no coração de Portugal. A solidez e o inacessível do Castelo de Santarém, e o grande número de defensores tinham convencido D. Afonso de que os seus recursos militares não eram suficientes para o tomar à escala vista. Depois de muito ter cogitado sôbre a maneira de haver a cidade, se pela força, se por qualquer estratagem, escutando os conselhos e opiniões de Ben-Yahia resolveu finalmente apoderar-se dela durante a noite e com assalto repentino de um modo semelhante ao usado pelo guerreiro judeu no seu assalto a Mértola.

Mem Ramires, um fidalgo da casa do Rei, foi por este instruído do plano e enviado a Santarém, com o fim secreto de estudar atentamente o local e ver por onde seria

mais fácil a escalada. O homem de confiança de D. Afonso Henriques era cauteloso e de viva inteligência e com inteligência e cautela entrou na cidade pretextando negócios, seguindo indicações de Ben-Yahia, tudo analisando e medindo e tudo repetindo a El-Rei quando regressou a Coimbra.

Ficou satisfeito El-Rei D. Afonso com o relato que Mem Ramires lhe fizera da sua missão e resolveu tomar Santarém por escalada, sendo a principal condição para o bom êxito o absoluto segredo. El-Rei nem aos seus mais íntimos comunicou a idéia. Consultou porém o Prior de Santa-Cruz, D. Teotónio, cujo conselho tivera sempre por avisado e cauteloso, o qual não achou irrealizável, embora temerário o empreendimento. Decidiu-se pois a lançar-se na aventureira empresa.

Conferenciou com os cavaleiros Lourenço Viegas, Pero Pais e Gonçalo de Sousa e fê-lhos cientes da sua resolução, das notícias que recebera e do plano que tinha em mente, recomendando-lhes o máximo sigilo, sob pena de morte.

No dia 10 de Março de 1147 sai de Coimbra D. Afonso acompanhado por 250 dos seus melhores cavaleiros. No dia seguinte manda o judeu Martin Moab com mais dois mensageiros, a Santarém, anunciar aos mouros que findavam as tréguas três dias depois. Desempenharam os mensageiros a sua missão.

Findava o prazo marcado numa sexta-feira, e na noite de sábado, pouco depois da meia-noite os guerreiros portugueses tomam de assalto e por surpresa o forte castelo de Santarém. Nos incidentes do assalto a história regista a acção dum mancebo chamado *Moygem*, nome que parece se tratar dum judeu.

Satisfeito com o grande êxito alcançado, El-Rei D. Afonso não esqueceu os serviços prestados por Ben-Yahia, e para o recompensar, após a tomada de Lisboa, agraciou-o com o senhorio de Unhos, Frielas e Aldeia dos Negros e concedeu-lhe brazão de armas representando um campo com uma cabeça de mouro ao centro. Da última povoação doada tomaram os seus descendentes o apelido *Negro*.

D. Yahia Ben-Yahia estabeleceu então a sua casa em território português, sendo o tronco duma família judaica ilustre, que muitos e assinalados serviços prestou a êste país.

Quando em 1148 os almoadas penetraram na Andaluzia e perseguiram os judeus, que se não queriam converter ao islamismo, D. Yahia aproveitou-se do valimento que possuía junto de D. Afonso Henriques para aliviar tanto quanto possível, a sorte dos seus irmãos de fé fugidos. Acolheu com carinho várias famílias judaicas, que vinham refugiar-se em Portugal, ajudando-as a criarem uma nova existência neste país, que também fôra hospitaleiro para êle. D. Afonso Henriques escolheu-o pelas suas altas qualidades para chefe supremo dos judeus portugueses (Rabi-mor), sendo tido em grande estima por todos os israelitas dêste reino.

Voltemos a falar do Ibn-Caci, o ex-amigo de D. Yahia.

Em Junho ou Julho de 1146 o primeiro exército almóada é enviado à Península sob o comando dum homem de confiança do soberano marroquino. Acompanhava a expedição, na qualidade de Alwali do Algarve, Ibn-Caci.

Pouco tempo depois, com a ajuda dêste exército, Ibn-Caci é novamente senhor de Mértola, Silves, etc.

Em 1151, Ibn-Caci, pretendendo sacudir o jugo dos almóadas propõe aliança a Afonso Henriques, que lhe foi funesta.

O historiador árabe Ibn-Alcatib, diz:

— «Ibn-Arrique acolheu bem o seu pedido e mandou-lhe um dos seus cavalos, um escudo e uma lança. Os habitantes de Silves recearam as consequências desta ingerência e então trataram de se pôrem a coberto duma tal ameaça. Para isso afastaram da cidade seu filho Alhuçain Ibn-Amed Ibn-Caci com um pretexto qualquer. Depois um grupo de habitantes de Silves trouxe um homem algemado fingindo que êle tinha sido apanhado a fazer pilhagem. Êles pediram autorização ao capitão da guarda da cidade para entrar, e, enquanto êle ia obter essa licença, um trço dêles penetrava no castelo e matava Ibn-Caci, e levantando a sua cabeça na ponta duma lança bradou: Eis aqui o Madi dos Nazarenos! Êstes sucessos da morte de Ibn-Caci passaram-se em Jumada 1.º do ano de 546.» (Agosto ou Setembro de 1151).

Em 1151 D. Yahia Ben-Yahia, acompanhando D. Afonso Henriques, numa operação militar para a conquista de Alcácer do Sal, que foi mal sucedida, caiu mortalmente ferido na luta travada entre os mouros de-

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 113)

TÍTULO XCIX

**Do Judeu, ou Mouro, que dorme com alguma Cristã,
ou do Cristão, que dorme com alguma Moura ou Judia**

Muito convem ao estado do Reino pensar como suas Leis sejam bem guardadas, e ainda escarmentar aqueles, que as sem grande necessidade trespassam, e quebrantam: e muito mais lhe convem trabalhar como sejam bem guardadas as Leis de DEUS, de cuja mão recebeu e mantém o estado Real. E porque por Lei de DEUS é defeso, que nenhum Cristão nom haja ajuntamento com nenhuma Moura, ou Judia, nem alguma Cristã com algum Judeu, ou Moura, por serem gentes de Leis desvairadas, e de tal ajuntamento se poderia ligeiramente seguir coisa de grande desserviço ao Senhor DEUS: Portanto pomos por Lei e mandamos que nenhum Cristão nom haja ajuntamento carnal com alguma Judia, ou Moura, nem Cristã com Mouro, ou Judeu; e que qualquer, que o contrario fizer, *moira* porem.

1.º E isto entendemos quando tal ajuntamento fosse feito por vontade, e *assabendas*; cá se alguma mulher de semelhante condição fosse forçada, nom deveria por isso haver pena, somente haveria a dita pena aquel, que cometesse a dita fôrça: e por semelhante dizemos do que tal pecado fizesse por ignorancia, a saber, nom sabendo, nem havendo justa razão de saber como a outra pessoa era de Lei desvairada; cá em tal caso aquela pessoa, que nom fosse sabedor da condição, e desvairo da outra, nem houvesse alguma razão de o saber, nom mereceria por tal coisa haver pena, e somente deveria ser penada aquela pessoa, que do dito desvairo fosse sabedor, ou houvesse justa razão de o saber, cá se em alguma culpa fôsse de o saber, deveria ser penada, segundo a culpa em que fôsse.

fensores e os assaltantes portuguezes e cruzados ingleses. Morreu heróicamente quem heróicamente viveu.

Um dos seus descendentes, o sábio Joseph filho de David Ben-Yahia, falando desta familia, diz: — «Os Bene-Yahia eram uma familia santa e real que dominaram em Portugal nas terras de Unhos, Fruelas e Aldeia dos Negros por muitos anos. As suas casas eram cheias de tóda a riqueza, de trigos, de vinhos, mas tudo desprezavam para servirem a Deus.»

BIBLIOGRAFIA

Histoire des arabes et des mores d'Espagne — Louis Viardot.
— *Les Juifs d'Espagne* — Graetz.

— *Histoire du Peuple Juif* — Max L. Margolis.
— *Historia de los musulmanes de España* — R. Dozy.
— *História de Portugal* — Alexandre Herculano.
— *Historia de la dominación de los arabes en España* — Joseph Conde.
— *Shelshet Ha-Kabalah* — Guedaliah Ben-Yahia.
— *Estudios historicos, políticos y literarios sobre los judios de España* — Amador de los Rios.
— *Jewish Encyclopaedia* — (Ibn-Yaliya).
— *Cronica dos Bene-Yahia* — Carmoly.
— *Os judeus em Portugal* — Mendes dos Remedios.
— *Monarquia Lusitana*.
— *Os drabes na obra de Alexandre Herculano* — David Lopes.

Visado pela Comissão de Censura

Comunidade Israelita do Pôrto

(KAHAL KADOSH MEKOR HAIM)

MAPA DAS RECEITAS E DESPESAS DO ANO DE 1941

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|--|------------|---|------------|
| Saldo do antecedente : | | 1.ª Secção — CULTO : | |
| 5.ª Secção — (Hebrah Kadishah) — Repouso Eterno — Fundo do Cemi- tério | 2.630\$06 | Moreh. | 3.600\$00 |
| Fundo geral | 1.182\$25 | Diversas despesas | 971\$20 |
| Quotizações e donativos | 2.280\$00 | 2.ª Secção — INSTRUÇÃO : | |
| Donativo especial | 317\$85 | Artigos escolares | 267\$20 |
| Subsídio do Portuguese Maranos Com- mitté de Londres | 9.950\$00 | 3.ª Secção — PATRONATO DOS TRA- BALHADORES : | |
| 5.ª Secção — REPOUSO ETERNO : | | Assistência a diversos | 3.728\$25 |
| Donativos | 316\$00 | 4.ª Secção — SIGNO VERMELHO : | |
| Donativos para o Fundo do Cemitério | 362\$95 | Medicamentos | 269\$80 |
| Juros líquidos do Fundo do Cemitério | 21\$71 | 5.ª Secção — REPOUSO ETERNO : | |
| | | Mortalha e vestido mortuário de linho | 332\$95 |
| | | 6.ª Secção — AMPARO DOS DESTER- RADOS : | |
| | | Diversas despesas | 1.174\$90 |
| | | Despesas gerais : | |
| | | Água, luz e saneamento | 723\$80 |
| | | Servente e guarda-nocturno | 754\$00 |
| | | Diversas despesas | 267\$70 |
| | | Despesas especiais : | |
| | | Reparações na Sinagoga | 348\$50 |
| | | À Comunidade de Bragança | 1.507\$80 |
| | | À Legião Portuguesa | 100\$00 |
| | | | 14.046\$10 |
| | | Saldo para 1942 (Fundo do Cemi- tério) | 3.014\$72 |
| | 17.060\$82 | | 17.060\$82 |

Pôrto, 31 de Dezembro de 1941.

O MAHAMAD.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלְפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — ~~ANT. DE BARROS BASTO~~ (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

A missão de Israel

P. — Qual é a missão que Deus encarregou Israel?

R. — Deus encarregou Israel da missão de conservar e de ensinar, o reconhecimento dum Deus único criador de tudo que existe, exercendo a sua justiça e a sua bondade para com tôdas as criaturas.

P. — Como deve Israel cumprir a sua missão?

R. — Pela sua afeição por êsse Deus único, pela sua fidelidade à lei que Deus lhe revelou e praticando os mandamentos contidos nessa lei.

P. — Esta conduta é suficiente para cumprirmos a nossa missão?

R. — Sim, por que é pela observação dos preceitos divinos que Israel deve ser o povo eleito, e proclamar pelo facto da sua existência e do seu exemplo, a sabedoria das leis e a santidade das doutrinas de que Deus o fêz depositário.

P. — Porque escolheu Deus o povo Israelita para lhe revelar a sua lei?

R. — Porque Abraam pai do povo Israelita, tendo vivido no meio de povos idolatras, reconheceu o verdadeiro Deus, do qual proclamou a unidade, adorou-o com todo o seu coração e a sua alma e recebeu dête a promessa de fazer dos seus descendentes uma grande nação, herdeira de tôdas as bênçãos divinas.

P. — Qual foi a origem desta aliança?

R. — Deus fêz a sua primeira aliança com Abraam; renovou-a com Isaac, depois com Jacob; concluiu-a definitivamente com o povo Israelita, no Monte Sinai depois da saída do Egito.

P. — Como se devem compreender estas expressões da Bíblia: o Deus de Abraam, de Isaac e de Jacob, ou o Deus de Israel?

R. — Compreende-se por isto que êstes Patriarcas foram os primeiros a reconhecer e a proclamar a unidade de Deus. Mereceram por isso que Deus se fizesse conhecer por meio dêles.

P. — Deus é exclusivamente o Deus de Israel?

R. — Não, Deus quis juntar o seu nome aquêle dos Patriarcas e de Israel, porque Abraam e os seus descendentes foram os primeiros que rejeitaram o culto de divindades falsas e ensinaram aos homens o conhecimento do Deus verdadeiro, Criador e Senhor soberano de Universo. Mas Deus é o Deus de todos os homens, de todos os povos e de todos os seres.

P. — Os homens que não pertencem à nossa religião têm parte na vida eterna?

R. — Sim, todos os homens que reconhecem Deus como Criador e rei do Universo, que praticam a justiça e a virtude estão no número dos bem-aventurados. Assim o ensinam os nossos sábios: "Os bons de tôdas as religiões têm parte no reino da vida futura".

A morte de Moisés

Chegados ao Jordão em frente a Jericó, os israelitas foram contados. O seu número passava de seiscentos mil homens fortes, que tinham vinte e mais anos, não entrando neste número os levitas. Entre eles não havia ninguém, que tivesse vinte e mais anos quando saíram do Egito, excepto Josué e Caleb. Todos os outros tinham morrido no deserto.

Adonai diz a Moisés: — Sobe à montanha de Abharim e olha do alto para o país que Eu dou aos filhos de Israel. Em seguida morre sobre a montanha e vai juntar-te a teus pais como fez o teu irmão Aarão.

Moisés respondeu: — Que Deus dos espíritos de toda a carne se digne pôr à testa do povo um homem que o dirija e o guie, para que o povo de Adonai não seja como um rebanho sem pastor.

E Adonai respondeu: — Escolhe Josué, filho de Nun, homem animado pelo meu espírito, e impõe as mãos sobre ele. Tu o apresentarás em seguida perante o sacerdote Eleazar e perante toda a assembléia para que todos os filhos de Israel lhe obedeam. Então Moisés falou ao povo da seguinte maneira:

— Vou morrer neste lugar; não passarei o Jordão. Vós o passareis e possuireis este belo país. Tomai cuidado de nunca esquecerdes a aliança que contraístes com Adonai de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Cumpri os mandamentos de Adonai e benditas serão as vossas casas, a vossa terra e os vossos rebanhos; vós mesmos sereis benditos ao entrar e ao sair; e Adonai vos manterá como nação santa assim como o jurou. Mas se não escutais a voz de Adonai, vosso Deus, sereis malditos. Sereis esmagados pelos vossos inimigos e espalhados entre todos os povos dum ao outro extremo da terra. E vos tornareis o espanto e a mofa de todos os povos onde Adonai vos conduzir. Ali não encontrareis repouso, nem um ponto de apoio para planta de vossos pés. A *Terra Prometida* se tornará inculta e arruinada. E quando os outros povos

preguntarem porque Adonai tratou assim este país, responder-se-á: — Porque os israelitas abandonaram a aliança que Adonai contraíu com eles, Adonai os arrancou do seu solo e os lançou sobre uma outra terra, como nós o vemos hoje.

Ora, quando se tiver cumprido sobre ti a desgraça e que tu te voltares para Adonai com todo o teu coração e com toda a tua alma, Adonai terá piedade de ti e porá termo ao teu exílio, e te juntará do seio dos povos entre os quais te tinha espalhado. Estejam os teus proscritos na extremidade dos céus, Adonai os chamará de lá e os reconduzirá ao país que seus pais possuíram.

Eu tomo hoje como testemunhas o céu e a terra de que vos propuz a bênção e a maldição, a vida e a morte. Escolhei pois a vida para que vivaís vós e vossos descendentes.

Quando Moisés acabou de transcrever todas estas palavras num livro, ordenou aos levitas: — "Tomai este livro de ensinamento e depositai-o ao lado da arca de aliança, Ele ficará como uma testemunha contra vós".

Depois de ter abençoado cada uma das tribus de Israel. Moisés subiu ao monte Nebo. Do alto deste cume, Deus mostrou-lhe todo o país e disse-lhe: — "Eis o país que eu prometi a Abraam, a Isaac e a Jacob". E Moisés, o fiel servidor de Deus morreu ali, na terra de Moab, conforme a ordem de Adonai. Foi enterrado no vale e ninguém até hoje conheceu o local da sua sepultura. Moisés tinha 120 anos de idade quando morreu, a sua vista não enfraquecera e a sua força vital não estava esgotada. Os filhos de Israel o choraram na planície de Moab durante trinta dias.

E nunca mais se levantou, em Israel, profeta como Moisés, ao qual Adonai se manifestou face a face; testemunham isto todos os sinais e os milagres que Adonai lhe mandou fazer no Egito contra Faraó e todo o seu povo; testemunham isto o grande poder e todas as temíveis acções que Moisés demonstrou na presença de todo Israel.

A morte de Judah

O MACABEU

(Segundo o historiador FLÁVIO JOSÉ)

El-Rei Demétrio, tendo notícia da morte de Nicanor e da total derrota do seu exército, mandou outro contra os judeus comandado por Bacides. Partiu êle para Antioquia, entrou na Judeia, acampou-se ao pé de Arbela na Galileia, abriu as cavernas em que estavam muitos judeus, e foi para Jerusalém. Sabendo no caminho que Judah estava numa aldeia chamada Berseth marchou logo contra êle. Judah tinha só então dois mil homens, de que a maior parte se espantou do grande número da gente inimiga, do que duzentos lhe fugiram, e lhe ficaram mil e oitocentos homens; porém vendo que não tinha meio algum para fortificar as suas tropas se resolveu a dar batalha com a pouca gente que tinha. Êle os exortou, dizendo que êle excedia à grandeza do perigo, pela grandeza de seus ânimos. E sôbre o que lhe representavam de que havia muita desigualdade entre as suas fôrças e as dos inimigos, e que valia mais retirar-se para acrescentar novas fôrças, vindo depois a combater, respondeu:

— Não permita Deus que eu seja tão infeliz, que o sol me veja dar as costas aos meus inimigos. Ainda que me custe a vida eu não hei-de manchar com uma vergonhosa fugida o esplendor das vitórias, que tenho ganho, mas eu receberei com as armas na mão, combatendo generosamente tudo aquilo que Deus quizer que me aconteça.

Estas palavras de um capitão tão valeroso deram tal fôrça, que êles persuadiram esta pouca gente a desprezar um tão grande perigo, e suster sem susto os ímpetus dum tão poderoso exército.

Bacides pôs em ordem de batalha as suas tropas, e a sua cavalaria em duas alas, e no meio os que estavam armados mais levemente defendidos com falanges macedônias; comandou pessoalmente a ala direita. Logo depois de ter marchado com esta ordem êle se aproximou dos inimigos, man-

dou às trombetas que tocassem, e aos seus soldados que começassem a batalha.

Judah da sua parte fêz o mesmo, e o combate esteve duvidoso, o qual durou até ao pôr do sol. Logo Judah, vendo que Bacides combatia na ala direita com a tropa escolhida, chamou os seus soldados mais valentes, e foi marchando com tanta destreza e desembaraço que rompeu os batalhões, e os fêz fugir, e os perseguiu até ao monte de Aza. Os da ala esquerda vendo que êle se tinha adiantado mais o seguiram, e o cercaram de tôda a parte. Assim na dificuldade de se retirar, êle se fêz firme, e de ter morto um grande número de inimigos, se achou tão falto de alento, e tão cansado que morreu mui gloriosamente, coroando tôdas as suas grandes e imortais acções. Os seus soldados não podendo resistir mais, depois da perda dum tal capitão só cuidaram em pôr-se a salvo. Simão e Jonatan, seus irmãos, levaram o seu corpo de noite para Modim, onde foi enterrado com grande magnificência na sepultura de seu pai.

Todo o povo chorou por êle muitos tempos, e lhe tributou as honras devidas, que a nossa nação costumava tributar às pessoas ilustres. Tal foi o fim glorioso de Judah — o Macabeu, êste grande capitão, êste homem admirável, que tendo sempre diante dos olhos o govêrno que recebeu de seu pai, e a sua recomendação, se expôs com espírito invencível a tantos trabalhos, e tão grandes perigos para alcançar a liberdade da sua pátria. Não é pois de admirar a honra e a glória de podê-la livrar da escravidão dos macedônios com um infinito número de acções tão heróicas, e tão gloriosas, poder êle adquirir um nome e uma reputação tal qual nunca já mais extinguirão os séculos. Êle se ocupou no cargo de grande Sacerdote por espaço de três anos.

O FILÓSOFO

(CONTO JUDEU)

Samuel, filho de Menasseh, nascera em Alexandria; desde várias gerações, a sua família vivia nesta cidade, entre os idolatras, helenos e egípcios.

E se Menasseh continuava fiel ao Deus dos seus antepassados, não podia contudo evitar que seu filho frequentasse pagãos. Ora, Samuel tinha atingido a idade varomil quando se ligou por amizade com Mnesidemo, o filósofo grego.

Num dia de sábado, Menasseh chamou o seu filho para a refeição do meio-dia, e Samuel não respondeu, porque lia com uma tal atenção que estava surdo para tudo o que passava na casa, Menasseh foi ter com êle e perguntou-lhe que capítulo da Thorah o absorvia a êste ponto. E Samuel confessou que não lia o livro sagrado, mas uma obra de filosofia que Mnesidemo lhe tinha emprestado.

— Meu filho, disse Menasseh, como podes tu esquecer as leis de Adonai, a ponto de leres neste dia de sábado, um livro ímpio, que tu devias evitar em todo o tempo?

Samuel baixou a cabeça e não respondeu.

Na noite seguinte, Samuel, filho de Menasseh, teve um sonho. Sonhou que estava encadeado no fundo duma prisão por ter sido condemnado à morte. Então exclamou: — «Meu Deus, tu que libertas os cativos e que reconduziste os nossos irmãos de Babilónia, socorre-me!» E despertou.

Samuel tornando a adormecer, teve outro sonho. Sonhou que se tinha perdido no deserto; torturado pela sede, alquebrado pela fadiga, deixara-se cair na areia e esperava a morte. Então erguendo-se com muito custo e levantando as mãos para o céu, exclamou: — «Meu Deus, tu que deste a Moisés o poder de fazer jorrar uma fonte dum rochedo, socorre-me!» E despertou.

Tendo adormecido novamente, teve um terceiro sonho. Sonhou que estava só num barco abandonado que era agitado pelo mar embravecido. E como uma vaga, mais terrível que as outras, ameaçava submergi-lo, exclamou:

— «Deus de Israel, tu que salvaste da tempestade o navio de Jonas tem piedade de mim!» E despertou.

Da caridade

P. — *O que é que a lei nos ordena de fazer aos nossos semelhantes?*

R. — De empregar todos os meios, de aproveitar tôdas as circunstâncias para nos tornarmos úteis ao nosso próximo, e de praticar para com todos obras de caridade.

P. — *O que é que se entende por obra de caridade?*

R. — Entende-se por obra de caridade tudo o que o homem fizer pelo próximo, pelo sentimento de amor fraternal e sem mira de algum interesse.

P. — *Quais são obras de caridade?*

R. — 1.º Visitar os enfermos;

2.º Prestar os últimos deveres aos mortos;

3.º Socorrer os pobres, ou seja emprestando-lhes dinheiro ou seja fazendo-lhes esmola;

4.º Dar hospitalidade;

5.º Reconciliar os desavindos;

6.º Consolar os aflitos;

7.º Advogar a causa dos inocentes e defender o fraco a quem recusam justiça;

8.º Dar bons conselhos.

P. — *O que é que compreende por próximo, irmão e semelhante?*

R. — A religião manda que chamemos assim a todos os homens sem distinção.

Devemos cumprir os nossos deveres para com todos os homens, sem distinção de raça ou de religião.

Despertando, viu que o dia começava a nascer. Então Samuel, filho de Menasseh, levantou-se. Pegou no livro que lia na véspera e foi a casa de Mnesidemo, o ateu. E disse-lhe:

— Toma lá o teu livro cheio de mentiras, porque eu não quero mais ofender Adonai, meu Deus, o Deus dos meus antepassados, que sabe reconduzir para Êle os seus filhos transviados pela falsa ciência dos teus semelhantes.»

(Do *Univers Israélite*).

ETIENNE TRÈVES.

A Moral do Judaísmo

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 112)

Máximas extraídas do Pentatenco

— E agora, Israel, que é que Adonai teu Deus te pede, senão que tu respeites Adonai, teu Deus, que sirvas Adonai, teu Deus, de todo o teu coração e de toda a tua alma; que tu observes os seus mandamentos e os seus preceitos que hoje te ensino para teu bem.

— Vós sois os filhos de Adonai, vosso Deus, não façais nenhuma incisão.

— Quando virdes o boi de vosso irmão, ou a sua ovelha desgarrados, vós os entregareis a vosso irmão, e assim fareis para tudo o que um dos vossos irmãos tiver perdido.

— Não tereis no vosso saco duas espécies de pesos, um maior e outro menor; não haverá na vossa casa duas espécies de alqueires, um maior e outro menor, mas tereis pesos inteiros e justos e alqueires inteiros e justos, porque aquêles que faz esta iniquidade é em abominação a Adonai, vosso Deus.

Máximas extraídas dos profetas

— Observai a justiça e praticai a caridade.

— Corta do teu pão para aquêles que tem fome; os pobres aflitos leva-os à tua casa. Quando virdes alguém que não tem vestido cobre-o, não te escondas para aquêles que são a tua carne. Então orarás e serás atendido.

— Adonai ama a justiça e odeia a extorsão.

— Se vós quereis que permaneça convosco, diz Adonai, tornai-vos melhores, praticai a justiça, não oprimeis o estrangeiro, a viúva e o órfão.

— Que o sábio não se glorie da sua sabedoria, que o forte não se envaideça da sua força, que o rico não se orgulhe da sua riqueza. Mas aquêles que se quer gloriar, diz Adonai, glorifica-se de ter inteligência, de me conhecer, de saber que eu, Adonai, pratico a caridade, a justiça, a equidade, porque é nisso que tenho prazer, diz Adonai.

— Bendito seja o homem que põe a sua confiança em Adonai, êle será como uma árvore plantada à beira de água, que estende as suas raízes ao longo duma corrente; que não sente o calor quando êle chega, e cuja folhagem é sempre verdejante; que não sofre no tempo da seca e não cessa de dar frutos.

— Aquêles que adquire riquezas injustamente é como a perdiz que choca o que ela não pôs; êle será forçado a abandoná-las no meio dos seus dias, e no fim, reconhecerá que agiu como um insensato.

— A pessoa que tiver pecado morrerá; o pai não sofrerá a pena do crime do seu filho; o filho não sofrerá a pena da iniquidade do pai; o justo gozará dos frutos da sua justiça; o ímpio expiará a sua impiedade.

— Repeli todos os vossos pecados, e fazei dentro de vós um novo coração e um novo espirito.

— É a caridade que eu desejo, diz Adonai, e não sacrifícios.

— Procurai Adonai e vivereis.

— Procurai o bem e não o mal.

— Odiai o mal e amai o bem.

— Foi te dito, ó homem, o que é bem e o que Adonai te pede, é que pratiques a justiça, que exerças a caridade e que caminhes com humildade perante Adonai, teu Deus.

— Procurai a justiça, procurai a humildade.

— Julgai equitativamente e exercei a caridade e a misericórdia um para com outro; não oprimeis a viúva, o órfão e o estrangeiro, e não mediteis o mal um contra outro.

— Falai com verdade um ao outro; e não ameís os falsos juramentos.

— Não temos todos um mesmo pai, um mesmo Deus, não nos criou Êle todos?

Máximas extraídas dos salmos e dos provérbios

— Feliz aquêles que não caminha segundo os conselhos dos maus, e que se não detém no caminho dos pecadores, e que não se

assento na assembléia dos zombadores, mas que toma o seu prazer na lei de Adonai, e a medita dia e noite.

— Quem subirá à montanha de Adonai, quem morará no lugar da sua santidade. É aquêlê que tem as mãos puras e o coração justo, que não é levado pela falsidade e que não jura para enganar.

— Muitos sofrimentos atacam o mau, mas a misericórdia divina cerca aquêlê que tem confiança em Adonai.

— Vinde, filhos escutai-me. Eu ensinarei o respeito por Adonai. Qual é o homem que deseja viver, que gosta de viver longo tempo para gozar da felicidade que êle guarde a sua língua do mal e os seus lábios de palavras enganadoras, que êle se desvie do mal e pratique o bem; que êle ame e promova a paz.

— Adonai está perto daqueles que têm o coração quebrado e socorre aquêles que têm o espírito abatido.

— Não te irrites por causa de gente má, não sejas invejoso daqueles que se dão à perversidade, porque êles serão repentinamente cortados como o feno, e murcharão como a erva verde.

— Afasta-te do mal e faz o bem, e tu permanecerás eternamente, porque Adonai gosta da rectidão e não abandona os seus bem-amados.

— Feliz aquêlê que se aplica com inteligência às necessidades do pobre, no dia da desgraça Deus o salvará.

— Não sejas vãos quando as riquezas aumentam; não ligueis a isso o vosso coração.

— Vós que amais Adonai, odiai o mal.

— Como um pai tem piedade pelos seus filhos, assim Adonai é misericordioso para com aquêles que o respeitam.

— Feliz o homem que respeita Deus e que ama muito os seus mandamentos.

— Por que meios o mancebo tornará puro o seu caminho? E' observando o que tu ordenaste, Adonai.

— Se Adonai não abençôa a casa, é em vão que o pedreiro trabalha, é em vão que a sentinela vigia se Deus não guarda a cidade.

— Quando tu comeres do produto do trabalho das tuas mãos, tu prosperarás e serás feliz.

— Como é belo! Como é agradável quando os irmãos permanecem unidos.

Dos jejunos

P.— *Além do dia de Kipur há outros jejunos?*

R.— Há três jejunos principais: o do dia 10 de Tebet, o do dia 17 de Tamuz e o do dia 9 de Ab.

P.— *O que são os dias de jejum?*

R.— São aniversários muito dolorosos. Os nossos três jejunos relacionam-se ao desaparecimento de Jerusalém. O dia 10 de Tebet é o aniversário do cerco de Jerusalém. O dia 17 de Tamuz é o aniversário da tomada de Jerusalém, a primeira vez por Nabuchodonosor, rei da Babilónia em 3348 e a segunda vez por Titus, imperador dos romanos em 3830 da criação. O dia 9 de Ab é o aniversário da tomada e da destruição do Templo.

P.— *Há ainda outros jejunos?*

R.— Sim, há ainda outros dois jejunos que são: 1.º o jejum de Quedalia no dia 3 de Tishri, aniversário do assassinato de Quedalia, que Nabuchodonosor tinha nomeado governador da Palestina. Êste assassinato trouxe a rainha definitiva da nacionalidade judaica. 2.º o jejum de Ester, dia 13 de Adar, instituído por Mordecai e Ester para lembrar o jejum ordenado pela rainha quando ela expôs a sua vida para salvar o seu povo da perseguição de Aman.

Algumas leis rituais

P.— *Vamos dizer algumas leis rituais que devemos observar como regras de pureza e de santificação.*

R.— É-nos proibido: 1.º de comer o sangue e a carne dos animais impuros, tais como: os reptis, os crustáceos e as aves de rapina. Entre os quadrúpedes podemos utilizar para o nosso alimento os ruminantes que tenham o casco fendido; devem ser degolados segundo o uso tradicional e estarão isentos de defeitos e de certas doenças que a lei oral determina. 2.º de misturar pelo cozinhado o leite e a carne. 3.º de matar no mesmo dia para o nosso alimento a vaca e vitelo.

Os deveres públicos, cultos e cerimónias

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 111)

P.— *É permitido agregar rezas particulares no Shemoné Esré?*

R.— Sim é-nos permitido juntar as fórmulas gerais uma invocação especial a Deus, para o nosso interesse pessoal ou em interesse de outras pessoas.

P.— *O que é que contém as outras partes do nosso rito?*

R.— O nosso rito contém ainda salmos, cânticos e umas bênçãos curtas que se dizem em sinal de reconhecimento a Deus.

P.— *Qual é o cântico conhecido pelo nome de Hallel?*

R.— Chamam-se assim os cânticos recitados em sinal de reconhecimento nos dias festivos e contém os salmos 113 a 118, precedidos e terminados por uma bênção curta.

P.— *Não há outras rezas além das que se dizem de manhã, de tarde e de noite?*

R.— Sim; as rezas para depois de cada refeição. Há também bênçãos que se dizem antes de comer frutas ou qualquer outro alimento, antes de beber e antes do cumprimento de certos actos religiosos, e quando se vêem certos fenómenos da natureza.

P.— *Pode-se rezar em qualquer parte?*

R.— Em qualquer parte onde haja asseio pode-se rezar porque Deus está em toda a parte.

P.— *Para que são destinadas as sinagogas?*

R.— Êsses edifícios são consagrados ao culto de Deus; os fiéis reúnem-se ali para rezarem juntos, e para celebrarem o culto divino publicamente e com solenidade.

P.— *Qual deve ser a nossa conduta no lugar onde se reza?*

R.— Devemos entrar nesse lugar santo com respeito, comportar-nos com recato, e abstermo-nos de conversar.

P.— *Qual é o princípio dos nossos sábios com relação à reza?*

R.— Vale mais, dizem êles, fazer uma reza curta com recolhimento que uma reza comprida com distracção.

P.— *Em que língua devemos rezar?*

R.— É-nos permitido rezar em qualquer língua; mas em geral consagrou-se a língua hebraica na qual o nosso rito foi primitiva-

Da Pátria

P.— *Quais são em geral os nossos deveres para com a pátria?*

R.— É nosso dever obedecer às leis, respeitar a constituição do Estado, servir a pátria, defendê-la, e numa palavra de unir os nossos interesses e o nosso destino, ao destino e ao interesse geral do país em que vivemos.

P.— *Um israelita, chamado ao serviço militar é obrigado a cumprir tôdas as prescrições religiosas?*

R.— Como a paz interior e exterior e o interesse comum estão acima dos deveres particulares, todo o israelita chamado ao serviço militar é dispensado, durante êsse serviço, de tôdas as observações religiosas que não possam combinar com o serviço da pátria. (Decisões sinédricas, art. VI).



Outros tempos...

De como El-Rei mandou à Ilha de S. Tomé os moços que foram judeus

No ano de quatrocentos e noventa-e-três em Tôrres-Vedras, deu El-Rei a Álvaro de Caminha, cavaleiro de sua casa, a capitania da Ilha de S. Tomé de juro e de herdade, com cem mil réis de renda cada ano pagos na casa da Mina. E porque os judeus castelhanos, que de seus reinos se não saíram nos têrmos limitados, os mandou tomar por cativos segundo a condição da entrada, e lhes tomou os filhos e filhas pequenos, que assim eram cativos e os mandou tornar todos cristãos, e com o dito Álvaro de Caminha os mandou todos à dita Ilha de S. Tomé, para que sendo apartados dos pais e suas doutrinas, e de quem lhes pudesse falar na lei de Moisés, fôssem bons cristãos, e também para que crescendo e casando-se pudesse com êles povoar a dita ilha, que por esta causa daí em diante foi em crescimento.

De Crónica de El-Rei D. João II.

GARCIA DE REZENDE.

mente composto e cujo emprêgo mantém nas sinagogas de tôdas as partes do mundo, uma preciosa unidade.

Comunidade Israelita do Pôrto

(KAHAL KADOSH MEKOR HAIM)

MAPA DAS RECEITAS E DESPESAS DO ANO DE 1942

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|---|------------|--|------------|
| Saldo do ano antecedente: | | 1.ª Secção — CULTO: | |
| 5.ª Secção— <i>Repouso Eterno</i> (H'e'brah Kadishah — Fundo do Cemitério.) | 3.014\$72 | Moreh | 3.600\$00 |
| Quotização e donativos | 1.349\$50 | Diversas despesas. | 201\$40 |
| Subsídio do Portuguese Maranos Committee de Londres | 9.950\$00 | 2.ª Secção — INSTRUÇÕES: | |
| 1.ª Secção — CULTO: | | Compra de máquina de costura | 500\$00 |
| Donativos | 130\$00 | Diversas despesas. | 336\$85 |
| 5.ª Secção — REPOUSO ETERNO: | | 4.ª Secção — SIGNO VERMELHO: | |
| Donativos | 100\$00 | Assistência clínica e medicamentos | 196\$90 |
| 6.ª Secção — AMPARO DOS DESTERRADOS: | | 6.ª Secção — AMPARO DOS DESTERRADOS: | |
| Donativos | 100\$00 | Diversas despesas. | 814\$90 |
| Juros Líquidos do Fundo do Cemitério. | 19\$85 | Despesas gerais: | |
| | | Água, luz e saneamento | 780\$65 |
| | | Servente e guarda nocturno. | 812\$50 |
| | | Diversas despesas. | 671\$65 |
| | | Despesas especiais: | |
| | | Reparações na Sinagoga. | 841\$00 |
| | | À Comunidade de Bragança. | 2.010\$40 |
| | | | 10.766\$25 |
| | | Saldo para 1943 | 3.897\$82 |
| | 14.664\$07 | | 14.664\$07 |

EXPLICAÇÃO DO SALDO:

| | |
|------------------------------|-----------|
| Fundo do Cemitério | 3.034\$57 |
| Fundo Geral | 863\$25 |
| | <hr/> |
| | 3.897\$82 |

Pôrto, 31 de Dezembro de 1942.

O MAHAMAD.

Tudo se ilumina
para aquêlle que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor HaIm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

A misteriosa personalidade de Bernardim Ribeiro

(O TROVADOR DO AMOR E DA SAUDADE)

POR A. C. DE BARROS BASTO

CAPÍTULO I

Os primeiros passos duma investigação

Nos primeiros anos da nossa mocidade, neste tempo em que em nosso peito a flor do amor abria as suas pétalas, as obras de Bernardim Ribeiro deleitaram a nossa alma, e nela deixaram uma impressão tão profunda e indelével, que, quando já as cans ornaram a nossa frente, se a memória nos fala dêsse trovador do amor e da saúde, ainda o nosso coração evoca a sua sentimental personalidade com uma não menos terna e sentida saúde.

Foi pois com aprazimento que li o estudo sobre Bernardim, feito pelo Dr. José Teixeira Rêgo e publicado no *Diário de Notícias*, (Lisboa, 7 de Novembro de 1925) e reproduzido na sua obra «Estudos e Controvérsias», (Pôrto, 1931). Não só pelo ali exposto, como também por conversas que tive com o autor, destaquei três pontos principais na sua tese:

1.^a — Bernardim Ribeiro era um judeu, ou melhor um cristão-novo.

2.^a — Era da família de Abrabanel.

3.^a — Era Judah Abrabanel, o célebre Leão Hebreu, autor dos «Diálogos de Amor».

A sua primeira afirmação estava para mim perfeitamente provada; a terceira regei-

tei-a imediatamente porque Judah Abrabanel fôra sempre judeu e nunca um converso ao cristianismo, nunca podia como judeu frequentar o paço de D. Manuel depois do decreto da expulsão e também porque nesse tempo estava em Itália; quanto à segunda afirmação era preciso procurar um Abrabanel que tivesse sido cristão-novo. Andando com isto no pensamento, súbitamente uma idéia me surgiu e que me mostrou que Teixeira Rêgo seguira uma boa pista. Havia um Abrabanel que fora cristão-novo e êsse era nada mais e nada menos que o filho de Judah Abrabanel (Leão Hebreu) que fôra mandado para Portugal, por seu próprio pai, com um ano de idade acompanhado por uma ama nos últimos dias de julho ou primeiros de Agosto de 1492, por ocasião da expulsão dos judeus de Espanha. D. João II teve conhecimento da vinda desta criança para o seu reino e deu ordem para se apoderarem dela, e que feito foi. D. Manuel depois mandou baptizar êste rapazito que se chamava Isaac, como seu avô, e deu-lhe um nome de baptismo e um apelido diferentes dos que tinha. Tudo isto nos é relatado pelo próprio Judah Abrabanel no seu poemeto hebraico «Lamentação sobre o Destino».

Transmiti esta idéia a Teixeira Rêgo, que pouca atenção deu preocupado com várias fantasias. Após a sua morte alguns amigos, que conheciam o assunto das nossas conversas, incitaram-me a que investigasse para ver se encontrava fundamentos para esta minha hipótese.

Resolvi pois lançar-me nesta árdua empreza nos momentos da calma possíveis entre vários incidentes e accidentes da minha vida profissional militar e, após a minha retirada do serviço efectivo, entre vários aborrecimentos e contrariedades que a vida, por vezes, nos traz. Procurei ler o que vários escritores disseram de Bernardim e resumidamente darei aqui o que colhi de útil para a minha hipótese. Dos traços biográficos colhidos nas obras do nosso poeta e Eclogas do seu amigo Sá de Miranda falarei quando tratar da exegese delas.

Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), na *Europa Portuguesa*, escreve:

— «Oygamos un dos mas raros exemplos de amor en un pecho, de pena en un amante. Bernardin Ribeyro, hombre noble, y de nobilissimo ingenio, amava cordeal y puramente a esta Princesa (D. Beatriz) porque ella, como apreciadora de la Poesia benemerita, le honrava y favorecia com escuchar cuidadosamente sus versos, por que no eran ellos en lo afectuoso para oír-se con descuydo.

...compuso aquel Libro tan estimado que intituló *Saudades*— y por las que Beatriz le dexó a el de su estimacion, ya por las que llevaba ella de su patria. Passó... a peregrino em Italia. Vió todas sus grandezas, y teniendo por mayor que todas su pena y el motivo della bolvió por Saboya. Sabiendo allí que Beatriz (no perdiendo la piedad de principes portuguezes, aunque perdiesses el vivir entre ellos) sahía en horas señaladas a poner-se en una puerta para dar limos na a los pobres, introduxose entre ellos para verla; y ella, reconociendo-le, mandole que no se detuviese en la ciudad, por que ya eram passados los dias de los entretenimientos antigos de Palacio. Obedeciola en esto, mas no en acetar un socorro grueso que le oferecia para bolver-se...

Deviose un escrito tan afetuoso a tan elevado amor; un amor tan notable a tan virtuosa Princeza; un vivir tristissimo a tanto sentimiento.

...O mesmo autor na *Fuente de Aga-*

nipe y Rimas Varias, diz tambem de Bernardim:

— Era natural de la villa del Torram, hidalgo de nascimiento e jurista de professiõ, Dio-se tanto a las amorossas passiones, i tristezas, i soledades, que de noche se quedava algumas vezes por los bosques, i a las margenes de los rios, gimiendo e llorando.

Resultóle esto de aver dado en el desatino de enamorarse profundamente da la Infanta D. Beatriz, hija del Rei D. Manuel, i ella, com irle dando cuerda (burlas de Palacio) le acabó de rematar. Escribio sus Eglogas, i otros versos a estes amores; i sus prosas intituladas la Menina i Moza ó Saudades de Bernardin Ribeyro, despues que perdió de vista la Infanta, que fue quando la llevaron a su marido, el Duque de Saboya IX en el Titulo, i III en el nombre de Carlos. Sucedió esta ausencia el año 1521 i a ella escribió la Cancion que empieça assi: *Desde o meu sol*, etc..

No que diz êste autor estou de acôrdo no que afirma dos amores de Bernardim com D. Beatriz; quanto a ser Torrão a sua terra natal, não aceito, mas acho possível que, quando D. João II mandou que dêle se apoderassem, dada a sua tenra idade, alguma família da confiança do rei tomou o encargo da criança e essa família viveria no Torrão; quanto à afirmação de que êle era jurista de profissão, embora tivesse frequentado a Universidade onde travou amizade com Sá de Miranda não creio que êle se doutorasse pois nunca referência alguma apresenta o nosso poeta como Doutor, não se dando o mesmo com Sá de Miranda.

Manuel da Silva Mascarenhas, fidalgo da Casa Real e governador da Fortaleza de Outão, editou em 1645 *Menina e Moça* ou *Saüdades de Bernardim Ribeiro* e no Prólogo, diz: — «...tratei de dar à estampa êste livro: à uma, pela obrigação de português, e a outra pela de parente do autor dêle, que era primo co-irmão de meu avô».

«O assunto do Livro são amores do Paço daquela idade e histórias que verdadeiramente aconteceram disfarçadas debaixo de Cavalarias, que era o que mais naquele tempo se usava escrever. O principal da história é sôbre coisa sua de certo amor ausente, cujas saüdades lhe acabaram a vida. Os nomes dos que falam no livro são as letras mudadas dos verdadeiros que se escrevem, como *Narbindel*, Bernardim;

Avalor, Álvaro; *Aonia*, Joana; e assim os outros. Intitulou-se *Menina e Moça*, e como o não compôs mais que para si, e foi parte de seus ativos e namorados pensamentos, como ête diz: que o livro o não fêz para nenhum ou para melhor dizer para um só, se não imprimiu em sua vida; por sua morte se achou entre os seus papéis».

Êste autor nos indica que a *Menina e Moça* trata de amores do poeta no Paço e que são usados na obra anagramas e disfarces para mascarar factos verdadeiros. Apresenta-se o editor como parente de Bernardim, ora sabendo-se que os Mascarenhas do Torrão eram pessoas de confiança de D. João II (Bernardim Ribeiro e o Bucolismo por Teófilo Braga) vejo aqui um indício de que a família que tomou o encargo da criação do filho de Judah Abrabanel era parente dos Mascarenhas e vivia no Torrão.

Almeida Garrett, numas notas do seu poema *Camões*, diz:

«Bernardim Ribeiro, cujo romance da *Menina e Moça* é uma alegoria de seus altos amores do Paço. Corre por verdadeiro o que aqui se diz a êste respeito. A sua morada na Serra de Cintra, a sua ida de peregrino aos Alpes, isto é a Turim onde se achava a Infanta D. Beatriz, casada com o Duque de Sabóia, são factos: o resto quem pode affiançar».

«Os derradeiros dias da vida romanesca e aventureira do apaixonado Bernardim Ribeiro são a parte menos decifrada e decifrável do enigma da sua vida».

Alexandre Herculano no *Panorama*, diz: *Os amores de Bernardim Ribeiro e a Infanta D. Beatriz*.

«Tradição antiga é o que o célebre autor da *Menina e Moça*, tivera largos amores com a Infanta D. Beatriz, filha de D. Manuel, a qual por conveniências políticas casou com o Duque Carlos de Sabóia.

«Todavia a história cala a êste respeito: o único homem que podia ter-nos dito alguma coisa sôbre tão tristes amores — Garcia de Rezende — que descreveu miudamente a partida da Infanta, era mui destro para haver de tocar em um ponto que ofenderia os pios ouvidos dos cortesãos de D. Manuel e de D. João III. Com efeito, se se ainda hoje parece incrível que um pobre cavaleiro trovador ousasse levantar os olhos para a filha do maior rei do mundo, quão

criminosos não pareceriam, então, amores tão desproporcionados?»

«Pôsto que a história seja muda em tal matéria, não o é quanto ao modo porque os portugueses olharam o casamento da Infanta. Damião de Góis nos conservou àcêrca disso uma memória curiosa: «no tempo (diz êle) em que se fêz êste casamento da Infanta D. Beatriz com D. Carlos, Duque de Sabóia, e ainda neste presente, há aí muitas pessoas, que dizem Duque em geração, nem em estado, tinha qualidades, porque lhe houvesse El-Rei D. Emmanuel de dar a sua filha por mulher, pôsto que fôsse segunda.»

«Seria porém a causa apontada pelo cronista a única da desaprovação que mereceu tal casamento? Não nos parece provável à vista do que vamos dizer.

«Entre os importantes manuscritos da biblioteca real existe um códice, que contém memórias avulsas de vários sucessos, nacionais e estranhos, da primeira metade do século XVI. É todo escrito pela mesma letra, a qual sem dúvida é daquele tempo. Entre outras coisas, aí se acha uma notícia da partida da Infanta, que completa a que nos deixou Garcia de Rezende, e nos dá a saber quão desgraçada foi a pobre D. Beatriz no seu casamento com o Duque Carlos, e que a idéia que da insuficiência e pouca nobreza dêste se fazia em Portugal nasceu provávelmente da pintura, que voltando à Pátria, os fidalgos e mais pessoas da armada deviam traçar do acolhimento que em Sabóia tinham achado. Damos na Integra a notícia citada, sem nos cingirmos todavia à extravagante ortografia daquela época, não tendo ainda acertado a saber para que sirva conservá-la na publicação de antigos inéditos, se não é para dificultar a leitura dêstes.»

A ida da Infanta para Sabóia

«O embaixador D. Claudio, do Duque de Sabóia, havendo o que desejava, que era a mais formosa Princesa, que se podia dizer, apressou sua ida em breve. El-Rei, vendo a sua vontade, e a do duque, que por cartas dava pressa à sua partida, ordenou uma mui boa armada de naus, galeões, caravelas e galés e muitos fidalgos honrados, e mui luzidos de muitos colares e chaparias.»

“E um domingo, e à segunda-feira, dia de Nossa Senhora das Neves do ano de 1521, fizeram mostra muitos fidalgos; e a Infanta Duqueza e embarcou êsse dia que eram 5 de Agôsto, na nau Santa Catarina do Monte Sinai, nau de 700 tonéis, muito formosa, e de dentro, tôdas as câmaras da Infanta pintadas de ouro, e forradas de bordos. - El-Rei e a Rainha acompanharam até dentro da nau; e a Infanta D. Isabel, sua irmã, ficou aquela noite com ela, e dormiu. Ao outro dia foi lá El-Rei e Rainha, e deram sarau, e trouxeram consigo a Infanta D. Isabel, espedindo-se todos da Infanta D. Beatriz, que não foram poucas as lágrimas dos espedimentos. Ao outro dia, que era quarta-feira, partiu do pôrto de Lisboa com esta frota.”

“A saber: a nau Santa Catarina, capitaina, e o Conde de Vila-Nova por guarda da Infanta e capitão-mor da frota.

O arcebispo de Lisboa na nau Vitória Nova, de 700 tonéis.

E 11 naus outras de 400, 200 e 50 tonéis.

E 3 galeões, 150 tonéis.

E 12 caravelas veleiras.

E 4 galés e 2 bragantins.

E 200 homens, com muita artilharia, armas, e instrumentos de folgar; e assim correram o mar; e a um domingo, dia de S. Miguel de Setembro do ano de 521 chegaram a Vila Franca de Niça, pôrto do Duque de Sabóia, a uma hora depois do meio-dia; e assim das naus como da vila se fêz gram festa da artilharia. E o Duque mandou pedir à Infante, que não dormisse na nau; e ela se escusou de sair por aquela noite, e vendo o Duque sua escusa, foi lá em pessoa com alguns gentis-homens, e lhe pediu que em tôda a maneira sãsse; ela o fêz por conselho do Conde, contra sua vontade, e de todos, e safu com tochas; onde achou doze facas guarnecidas, para si e para as damas e alguns chibaus para os fidalgos, porque dali a Niça, onde era a povoação, pelo rio acima era meia légua; e aí foram ter. E a Duqueza de Namuns (Nemours) irmã do Duque, e mãe de El-Rei de França, que aí estava, safu fora ao terreiro das casas, onde o Duque pou-sava a receber; e aí se fizeram grande cerimónia, e cortezia, e dali foi com a Infante para dentro, e assim a Rainha por hospeda aquela noite. Ao outro dia pela

manhã fôra ouvir missa a um mosteiro de São-Domingos, pegado com as casas, e um cardeal que aí era, disse missa, e os benzeu.”

“O Duque é homem pequeno de corpo, e alvo; de rosto comprido, e feio de tudo; tem um ombro mais alto do que outro e é um pouco azumbado, e as pernas delgadas e muito prudente. A êste casamento eram vindos um cardeal e três bispos e um Marquês, e três Condes, e logo se tornaram. Em Niça estiveram oito dias, nos quais alguns justaram, e o Duque deu banquete aos portugueses; e ao cabo dos oito dias partiu com a Infanta para Piemonte; e à partida a Infanta se achou só em uma faca, com dois moços de estribeira; e como ia de cá acostumada de andar doutra maneira, achava-se corrida, e não soube que fazer, senão tornar-se às lágrimas, porque a mor parte dos portugueses eram já embarcados para se tornar. E alguns outros que por a servir aqui se iam acompanhar, não o consentiram, que assim lhes era ordenado do Duque; e ao passar de uma ponte, uns cem alabardeiros lhes puzeram as alabardas nos peitos, e não consentiram que passassem avante. As damas iam em chibaus de alu-guer, com varas nas mãos, sem nenhuma companhia de homem, caindo a cada passo por seguir a Infanta, pranteando e chorando sua orfandade e a pouca honra e galhado que dos saboianos recebiam; e dizendo dêle muitas pragas, e a pouca vir-tude e honra com que as tratava.

A armada partiu de Vila Franca para Portugal, e vindo na costa de Grada (Granada) adoeceu o arcebispo de Lisboa, e se deixou ficar em Gibraltar onde faleceu; e tôda a frota chegou a Lisboa a salvamento a 5 de Dezembro de 521.”

*

“Transcrevemos por inteiro esta memória, porque dela se podem deduzir violentas suspeitas que favoreçam a tradição dos amores da Infanta com o poeta. A má vontade com que ela desembarcou mostra que êste casamento não lhe era demasiadamente grato; todavia isso terá fácil explicação, se atendermos a que era impossível que não lhe constasse já quão galhardo e bem pôsto era o *azumbado* D. Carlos. Mas como se explicará o procedimento

daquele Príncipe depois de desposado com a Infanta, para possuir a qual tantas diligências fizera por alguns anos? Que causa poderia haver para afrontar, os senhores e cavaleiros portugueses, e, o que mais é de admirar em uma época na qual as tradições da cavalaria não tinham acabado de todo, para maltratar tão indignamente não só a Infanta mas as damas do seu séquito? Um motivo houve, por certo, para tão repentina mudança de proceder; para o saber certeza debalde interrogáramos as trevas do passado; mas pode aventurar-se uma conjectura; a notícia dos amores da Infanta com um cavaleiro português teriam chegado aos ouvidos do senhor de Vallaison (Cláudio) que revelaria a seu amo depois das núpcias, o terrível segrêdo que levara de Portugal, porventura o receio de que entre os que na viagem a acompanharam existisse o seu rival, e de que alguma das damas o favorecesse, viesse a acender o ciúme do Duque, e o obrigasse a partir logo para o Piemonte, embargando tão àsperamente o passo aos cavaleiros que iam após êle, com intenções cortezes. A leitura atenta da memória que transcrevemos parece dar grande pêsso à conjectura que fazemos."

Conde de Sabugosa nas *Donas de Tempos idos*, diz:

"Não custa a crer também que a inocente beleza da Infanta seduzisse o impressionável autor da *Menina e Moça*, que saía dos serões do Paço cogitando naqueles versos, que dizem:

Se nasci por meu mal ver
e não por vê-lo acabado
melhor fôra não nascer
que ver-me desesperado.

Amaram-se? Foi Beatriz a desditosa Aonia? Os críticos teimam em asseverar que tal não podia ser fundados em argumentos tirados dos próprios versos do poeta, da comparação de datas (prováveis pois as não há seguras para a vida de Bernardim Ribeiro), e de motivos de ordem moral, que nem sempre convencem, porque é sabido que em matéria de sentimento não são impedimentos nem a desproporção de idades, nem a desigualdade de jerarquias, nem muitas outras considerações sociais.

.....

Para a memória da Infanta D. Beatriz, e para o respeito que ela nos inspira nada importaria que se tivesse deixado enternecer pela platônica fantasia amorosa de um poeta bem aceito na Côrte, visto que a própria História nos dá notícia de como ela foi sempre intangível na sua reputação, dedicada ao desageitado marido, e como em Itália afastara suavemente, mas com firmeza, êsse poeta que lhe apareceu no Piemonte levado pela fôrça da sua paixão.

Em tão excelente companhia nenhuma dúvida tenho em afirmar que convicto estou da veracidade dos amores sentimentais de Bernardim com a Infanta D. Beatriz, mas vou continuando a citar outros autores, que nos indicam elementos de utilidade para o almejado fim.

(Continua).

Catulle Mendes

Abraham Catulle Mendes, literato francês, poeta e comediógrafo, nasceu em Bordéus em 1847, e faleceu em 1909.

Seu pai chamava-se Tibulle Mendes e sua mãe Reine.

Seu pai e seus ascendentes, vindos de Portugal, eram banqueiros em Bordéus há mais de 100 anos.

Eram judeus portugueses intelectuais que emigraram da sua terra natal para evitar perseguições da Inquisição, e assim conservaram intactas a sua liberdade de pensar, a sua cultura e a sua elegância de espirito. Na sua residência bordeleza existe um quadro a óleo sóbrio e expressivo mostrando, no centro duma biblioteca onde brilham os tons quentes e os ouros extintos das encadernações antigas, um homem de belo aspecto, de discreta distinção, a larga fronte tocada de luz, os traços bem marcados, e que tem na mão a obra dum autor latino. Tendo traduzido Tibullo e Catulo, teve a ideia de dar o nome do primeiro a seu filho e ao seu neto o nome do segundo.

Em Maio de 1939 a cidade de Bordéus comemorou solenemente a recordação de Catulle Mendes. Entre outras homenagens uma placa foi colocada na casa onde nasceu.

A MORTE NÃO QUIS TROCAR

Num humilde casebre, sem sol e alegria, no coração da Hara de Tunis.

A' cabeceira da cama de seu filho, Rebeca, taciturna, meditava. Duas vezes, a morte veio-lhe arrebatando o querido fruto das suas entranhas. Ai! Que mal tinha ela feito? Porque pecado o Deus justo lhe reclamava este horrível resgate? Piedosa ela o era assim como seu marido, ambos viviam no respeito do Eterno e se afastavam do mal.

Sem contudo se desesperar, ela nutriu a esperança duma próxima maternidade. E a criança veio.

"Um filho!" exclamou a parteira agitando um pequeno ser todo côr-de-rosa que chilreava. Mas desta vez, a parteira não viu nos olhos dos pais este orgulho judeu de ter um filho macho. Rebeca pedia com terror se tinha valido mais uma filha, pois que os seus filhos não escapavam. E Choa, seu marido, mascava o mesmo pensamento.

Só a avó Ester tinha acolhido a criança por *yu yu*.

No seu quarto, Rebeca tinha rasgado o papel cheio de sinais cabalísticos, de peixes vermelhos, de versículos apropriados para afastar o mau olhar. No sangue ainda quente duma bezerra sacrificada, ela tinha molhado a sua mão, depois floriu as paredes do seu quarto de impressões digitais.

Ela tinha amamentado o seu filho com abundância; os mais vigilantes cuidados envolveram os seus primeiros anos e, como uma planta saciada de seiva, a criança desenvolvia-se vigorosa e direita.

No quinto ano o mesmo pressentimento os tragou, ela e seu marido. Ano fatal para os seus outros filhos, seria ela desta vez mais atendida? Deus compadecer-se-ia enfim da sua desgraça?

O afogado das faces, o ardor vivo do olhar, o riso claro indicavam a saúde do pequeno Mochi.

Mas no começo do Outono, Rebeca notou com aflição que seu filho emmagrecia. Para triunfar do mal sorrateiro, ela o fartou de comida. Uma noite, um barulho igual, surdo como um choque dum martelo a acordou bruscamente: Mochi, no seu sono, tossia fracamente.

A tosse! A tosse maldita!

— Nenhuma dúvida: o mal horroroso habitava o peito do seu pequeno. Então, ela aproximou-se d'ele, ternamente o aconchegou todo contra ela, oferecendo-lhe o calor tépido do seu seio. E desde então, noite e dia sem descanso, a horrível tosse pontuou a sua dor de mãe. Então, ela mandou seu marido ir buscar o doutor.

— Não o mesmo, tinha ela recomendado: ela queria crer que o médico que tinha tratado os seus outros filhos trazia a pouca sorte.

Um outro veio, falou-lhes nos mesmos termos velados, mas ai! tão claros para eles, tão claros!

Durante um mês ela lutou, desesperadamente, sustentada pela sua fé no Eterno, que duas vezes desgraças sucessivas, idênticas, não tinha podido comover; ela lutava contra a sua rival macabra. E' porque ela estava a tornar-se má. Todo o dia ao pé de seu filho, ela assestava os seus olhos cheios de ódio sobre aquêles que dela se aproximavam. Choa êle mesmo evitava o seu olhar duro onde se lia uma amarga censura.

Hatati! (eu pequei), lhe gritava ela por momentos, mas tu não sabes senão rezar! no mal que nos arranca um atrás do outro a carne da nossa carne, tu não ofereces senão a arma frágil da oração!

Ela olhava a sua velha mãe Ester com mais severidade ainda; ela não lhe perdoava, dir-se-ia, de viver tanto tempo, de acumular anos sobre anos, de ter enfim um poente tão duradouro quando, na aurora da sua vida, os seus pequenos, inexoravelmente, eram ceifados.

Para enternecer Deus clemente e para se fazer perdoar, ela jejuava. Ela privava-se de alimento na esperança mística que o que ela perdia das suas fôrças iriam para o seu filho. Ela deu dum jacto esta vida que ela gastava lentamente em transe e jejuns.

Uma vizinha aconselhou-a de ir cair o túmulo do Rabi Haï Bessis; o grande santo que em reconhecimento interviria em seu favor. Uma manhã dirigiu-se ao cemitério, arrancou as ervas que invadiam, e o túmulo

conservado por as angústias das mães, tornou-se branco como uma mortalha.

Mas o mal prosseguia na sua obra devorante.

Uma outra lhe aconselhou de vender o seu filho; ela só se resignou a isso com pena; uma noite que a tosse extenuava o seu pequeno, ela correu à pressa bater à porta do habir Jossef (gato-pingado), o qual, mediante 12 piastras, consentiu em comprar a criança. E, desde então, tôdas as sextas-feiras, Jossef, levava à Rebeca o produto do seu peditério; porque Mochi devia estar para o futuro ao encargo das boas atmas piedosas.

Mas o mal piorava sempre.

Disseram-lhe que era uma praga rogada pelos invejosos. Para o conjurar, ela mandou vir a melhor Kheffafa (benzedeira) da cidade. A exorcista tinha pôsto na sua mão direita um punhado de sal e recitou palavras misteriosas rodando a sua mão sôbre a cabeça do doente, sete vezes para a direita e sete vezes para a esquerda. Depois Mochi tinha cuspidado sôbre o sal; um delgado fiosinho sanguinolento nadava na saliva.

Ai! Porque não tinha atendido à sua inquietação?

Ai! Cada dia mais sôbre a débil criatura, a morte infame applicava as suas ventosas.

Entretanto, tinha passado o cabo do Inverno e, no coração doloroso da mãe, a Primavera ia fazer florir uma esperança efémera, como êle.

Uma noite, com efeito, Rebeca notou gemidos que saíam do quarto onde sua mãe dormia. Dum salto, ela foi ao pé dela.

— Mãe, que tens?

— Minha filha, eu sufoco. Ai! É aqui, parece-me que me puseram um saco de chumbo! E a velha torcia-se sôbre a sua cama baixa.

Uma alegria maldosa estremeceu no coração de Rebeca. Milagre! Sua mãe tinha o mesmo mal de seu filho! Muito baixo, ela agradecia a Deus compassivo que aceitava tomar a avó em lugar do pequeno. Sem dúvida, pensou ela, como-vida das minhas infelicidades, ela ofereceu-se em sacrifício, nas suas preces. E o Eterno, que rejeitou os meus votos, atendeu os seus.

Rebeca pegou nas suas mãos a mão descarnada e levou aos seus lábios.

— Mãe! Mãe! murmurava ela, cheia de alegria e de dor, cobrindo-a com os seus beijos e com as suas lágrimas.

No dia seguinte, a tosse tinha acalmado bruscamente; a esperança inundou o seu coração. Mas eis que, fatigada, Ester exigia que a tratassem, que a socorressem, e Rebeca consternada, repartia-se entre seu filho e sua mãe. Uma multidão de idéias confusas acometia o seu espírito.

A mesma vizinha, que lhe havia aconselhado de vender o seu filho, segredou-lhe uma noite ao ouvido:

— Oh! minha irmã, debes reear que Ester se cure antes de Mochi. O provérbio diz: "Se o velho se levanta antes, êle devorará o pequeno".

E desde que ouviu isto, Rebeca, que nisso pensava com abalo viu crescer a sua angústia.

Dilema pungente! Alternativa cruel! Sua mãe ou seu filho! Ai! como ela se oferecer-se-ia com entusiasmo em seu lugar! Mas a morte, instalada à cabeceira da cama dos doentes, reclamava um dos dois, com extrema avidéz.

Rebeca via a sua mãe lutar àsperamente contra o abraço gelado, em quanto que o seu pequeno se abandonava sem defesa.

Ela tratava descuidadamente a sua mãe, não por vontade determinada, nem por desejo inconfessável, mas porque, primeiramente, ela devia salvar o seu filho.

Entretanto, Choa, por caridade, substitua a sua mulher ao pé da doente. Êle estava todo o dia sentado numa esteira e e rezava. Logo que a ouvia queixar-se, levantava-se, dava-lhe o remédio, arranjava a coberta sôbre o seu corpo emmagrecido.

— Que Deus te abençoe, meu filho!

— Que Deus afaste de nós o mal! repeita êle baixinho.

E a vetha, uma tarde de Verão, levantou-se com fome. Rebeca viu-a aparecer bruscamente no seu quarto! Á sua vista, ela estremeceu, e deu um grito rouco.

O quê? Deus arrepender-se-ia? Sua mãe lastimaria, de repente, o seu sacrifício? No último momento, o terror ter-lhe-ia feito recuar?

Essa noite, Mochi tossiu mais do que o costume; o lenço com o qual ela lhe enxugava os lábios tingiu-se de vermelho. Doida de dor, Rebeca deixou o quarto, abriu a porta da rua e, de joelhos sôbre a soleira

da porta, perante o céu mudo, ela invocou uma última vez o Deus dos Justos.

— Oh meu Deus, evita-me o luto! Porque é que a tua severidade se encarniça sobre mim? Os meus lábios nunca profiriram blasfémias e as minhas mãos nunca espalharam a iniquidade. A toda a hora do dia, eu abençoou-o o teu santo Nome...

E levantava os braços para tomar os céus em testemunha da sua angústia.

— Quando os olhos gastos não puderam mais encher-se do com o esplendor do dia, é justo, oh meu Deus, que tu despaches a morte. Mas o meu filho ainda não conheceu nenhuma felicidade. O meu pequeno partirá sem ter experimentado as alegrias dos tefilines, nem as de espôso, nem de perpetuar o seu nome.

Ai! Os olhos que mal se abriram, que res tu fechá-los para sempre? Se tu, contudo me deixares eu educa-lo-ei na tua crença, no teu amor, para a tua glória? Se eu mereço a tua ira, pune-me mesmo na minha carne, poupa, poupa o meu filho. Oh meu Deus! porque me concedes a alegria de ser mãe se tu me despedaças depois?... Fere com a esterilidade as minhas entranhas malditas antes que de me dar esta dobrada ferida...

Ela chorou lágrimas mais numerosas que as estrélas que a escutavam tremeludentes.

Ao romper do dia, Ester levantou-se completamente curada. E à noite do mesmo dia, depois de ter esvasiado o seu peito, o pequeno Mochi foi reunir-se aos dois anjos que lá nas alturas o esperavam...

Como todas as judias que, neste mês de Ab, deixam as suas jóias, Rebeca se viu despojada do seu único enfeite.

Junto da sua espôsa enlouquecida que o acusava de ter morto o seu filho e que repete a estranha frase: "A velha devorou o pequeno!". Choa, a quem uma tosse também minada surdamente, recitou as lamentações de Job:

Os dias de aflicção atingiram-me...

Quando eu esperava o bem, o mal veio para mim, quando eu esperava a claridade, as trevas vieram... O homem nascido da mulher é duma vida curta; êle sai como uma flor e que depois é cortada...

(De *L'Univers Israélite*).

RYVEL.

Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 114)

TÍTULO XXVI

Do Judeu, ou Mouro, que anda em hábito de Cristão, nomeando-se por Cristão

Porque houvemos por informação, que alguns Mouros e Judeus se vestem em hábitos de Cristãos, nomeando-se por Cristãos, e conversando com êles nom sendo conhecidos por aquêles, que verdadeiramente são; e isto fazem por haverem azo de pecarem com algumas Cristãs, e fazerem mais ligeiramente alguns outros malfícios na Cristandade; e porque isto é grande mal, e coisa de mau exemplo: Pomos por Lei e mandamos, que se algum Mouro, ou Judeu fôr achado na Cristandade em hábito de Cristão, nomeando-se por Cristão, e conversando

com Cristãos, e por tal havido entrê êles, que tal como êste logo por êle mesmo feito sem outra sentença seja nosso cativo, e possamos dêle fazer mercê a quem nos aprouver, assi como de coisa nossa. E se por ventura fôr achado, que no tempo que assi usava como Cristão, cometeu algum malefício, por que mereça pena de justiça; Mandamos que se faça com êle a justiça, segundo fôr o malefício que houver cometido; cá nom é nossa tenção, que por assi ser nosso servo, se deixe de fazer em êle justiça, se fez coisa porque a mereça.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 20
PÓRTO

Juramento de Lôbo

O Lôbo, chanceler do Leão, foi um dia acusado por todos os animais:

— Êste glotão, gritavam êles, faz da floresta um deserto, das nossas fêmeas viúvas, dos nossos filhos orfãos.

O Rei irritou-se muito e censurando-lhe a sua crueldade, disse-lhe:

— O passado não é reparável, mas livra-te de ser cruel para o futuro. Contenta-te para as tuas refeições com os animais que encontrares mortos nos campos; e se tu estrangulas algum animal vivo, jura abster-te de carne durante dois anos.

O Lôbo jurou e foi-se embora.

Alguns dias depois, com uma fome devoradora, viu uma ovelha pastando num prado.

Mil pensamentos lutavam dentro da sua cabeça:

— «Privar-me de carne durante dois anos! Isto é duro... Eu jurei... Mas o que é precisamente um ano?

Trezentos e sessenta-e-cinco dias. E que é afinal um dia? É dia quando vejo; é noite quando não vejo. Se eu fecho os olhos é noite; se os torno a abrir, é o dia seguinte.»

Depressa fechou os olhos, depois tornou-os a abrir: assim foi noite, assim foi dia, primeiro dia. Desta maneira êle contou setecentos e trinta dias.

— Já fiz adiantadamente a minha penitência, exclamou êle.

E, lançando-se sôbre a ovelha, estrangulou-a e depois comeu-a.

Um bandido, pois que é um bandido, sabe sempre sofismar um juramento.

BERACHIA BEN-NATRONAI.

(FÁBULAS DO RAPÔSO).

Berachia Ben-Natronai, sábio judeu, anotador de textos bíblicos, viveu na Provença (França) no século XII, autor duma coleção de *Fábulas do Rapôso*, onde se encontram sob uma forma hebraica, os temas generosos da fábula na Idade-Média.

A misteriosa personalidade de Bernardim Ribeiro

(O TROVADOR DO AMOR E DA SAUDADE)

POR A. C. DE BARROS BASTO

CAPÍTULO I

Os primeiros passos duma investigação

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 116)

Teófilo Braga, no seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* (Edição de 1872) considera só parte autêntica da *Menina e Moça* (31 capítulos) e diz que a parte apócrifa da novela em nada interessa para a reconstrução da vida de Bernardim.

D. José Pessanha, na sua edição da *Menina e Moça*, em 1891, escreve:

— «Depois de Faria e Sousa, todos os biógrafos de Bernardim Ribeiro o têm dado como jurista. Efectivamente, segundo uns apontamentos que devo aos Srs. Gabriel Pereira e Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, cursava a Universidade de Lisboa, pelos anos de 1507 a 1511 ou 1512, um estudante de nome *Bernardim Ribeiro*. Talvez que êsse estudante seja o individuo de igual nome, que em 1524 foi nomeado escrivão da Câmara de D. João III.—O nome de *Bernardim Ribeiro* aparece no *Livro primeiro da Universidade de Lisboa*, a fls. 28, 53, 79, 92, 107 v., 108 v. e 111 v.».

—Se é Bernardim, o poeta, tinha em 1507, segundo a minha hipótese, 16 anos de idade, sendo admissível que se trate do nosso Bernardim. Nesta edição de 1891 a *Menina e Moça* compreende apenas 31 capítulos, e diz o editor: Nesta edição entram só *capítulos autênticos*.

O Visconde Sanches de Baena, em 1895 publicou um opúsculo sobre Bernardim Ribeiro, onde traz um documento jurídico datado de 1642, e uma genealogia da família Zagalo por D. Flaminio de Jesus Maria. Não consegui ler êste opúsculo, mas Teófilo Braga no seu livro *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo* (Edição de 1897), diz-nos: «Seguiremos em tôda a exposição da vida de Bernardim Ribeiro as indicações genealógicas coordenadas e documentadas pelo Sr. Visconde Sanches de Baena, no seu precioso opúsculo publicado em 1895», e por

isso estudarei os elementos que Teófilo Braga me dá.

Diz Teófilo Braga:— «um dos criados do Duque de Viseu, recebedor das rendas da casa primeiramente e depois empregado seu particular, era Damião Ribeiro, natural da vila de Torrão; aí vivia casado com D. Joana Dias Zagalo, tendo já dois filhos, Bernardim Ribeiro, nascido em 1482, e uma menina, que por ventura morreu de pouca idade. Diante da terrível catastrophe de 22 de Agosto de 1484, Damião Dias conseguiu esconder-se, para passar a fronteira e refugiar-se em Castela, aonde os reis católicos em hostilidade contra D. João II davam asilo aos foragidos de Portugal. Qual a importância que Damião Ribeiro tivesse na conjuração do Duque de Viseu, seu amo, depreende-se do rancor de D. João II, mandando um sicário seu assassiná-lo em Castela. Entregue à incerteza da sorte, com seus dois filhinhos e diante duma sangrenta perseguição, D. Joana Dias Zagalo, duma família rica de Extremoz, procurou um refúgio junto de seus sobrinhos o desembargador António Álvares Zagalo e irmã D. Inês Álvares Zagalo, que viviam na Quinta dos Lóbos, cabeça do morgado de Sintra...» Dos documentos do processo remetido à Junta da Casa de Bragança, informou o desembargador Rodrigo Rodrigues de Lemos: «que Bernardim Ribeiro nasceu em 1482, e era filho de Damião Ribeiro, criado dos duques de Viseu, que caído em desgraça por causa das desavenças de seu amo com El-Rei D. João II, teve de se refugiar em Castela e lá morreu pouco depois com suspeitas de morte violenta.

« Bernardim Ribeiro com sua mãe e irmã se socorreram do amparo de seu parente o desembargador da Casa da Suplicação An-

tónio Zagalo e de sua irmã D. Inês, a qual os levou para a vila de Sintra e os trouxe recolhidos em segrêdo por algum tempo na quinta denominada dos Lóbos...”

Este documento de 1642 refere-se ao Dr. Bernardim Ribeiro, que mais tarde foi em 1524 nomeado escrivão da Câmara de D. João III, e nêle nenhuma referência se faz ao nosso poeta cristão-novo. Este Dr. Ribeiro morreu em 1552, nada tem que ver com o autor da *Menina e Moça*.

O referido documento diz mais que D. Inês Zagalo foi escolhida por D. Manuel para ama de D. Beatriz, devendo pois ser a *Enis* da novela.

Teófilo Braga informa que “com os RIBEIROS, do Torrão se achavam ligados por casamentos os *Mascarenhas*...” e “Os Zagalos, a cuja estirpe pertencia a D. Joana Dias Zagalo, também nos apparecem aparentados em épocas remotas com os *Mascarenhas*”. Diz mais que D. Inês Álvares Zagalo, que vivera com o irmão na Quinta dos Lóbos, casou em Extremoz com um rico proprietário Sancho Tavares, e para lá mudou a sua residência.

Diz ainda que Sancho Tavares é o pastor Sancho referido na Ecloga Aleixo, de Sá de Miranda, e supõe que Sancho Tavares em 1504 viera para a côrte, quando sua mulher D. Inês Zagalo foi chamada para ser ama da Infanta D. Beatriz. Diz mais que D. Inês Álvares Zagalo do casamento com o rico proprietário de Extremoz tinha cinco filhos, entre os quais D. Joana Tavares (A Aonia encantadora da Novela; a Joana que é idealizada nas Eclogas) e D. Francisca Tavares, colaça da Infanta D. Beatriz.

Segundo a genealogia da família Zagalo por D. Flaminio de Jesus Maria, D. Joana Tavares “segundo consta de várias memórias, era assás formosa, o que não deixou de concorrer para sua desventura, porque há notícias dela se ter apaixonado por um seu parente, e ter sido, por interêsse da família obrigada a casar com Pero Gato, filho de Nuno Gato e de sua mulher D. Inês Correia da Silva. Pero Gato dizem que falecera pouco tempo depois do seu casamento, e que essa morte fora violenta. D. Joana, depois de viúva, foi passar por algum tempo em casa de seu tio Álvaro Pires Zagalo, que residia em Alcácer-do-Sal, até que foi recolhida a um Convento e lá se finou professa”.

Teófilo Braga supõe que o parente por quem D. Joana se apaixonara era o nosso poeta.

Diz Teófilo Braga: “É certo que em 1520 foi D. Joana Tavares Zagalo se achava na clausura do Convento de Santa Clara de Extremoz, por isso que em carta de 15 de Agôsto de 1522 sua mãe fala dela como freira. Vamos analisar estes elementos, notando se são úteis ou não à minha hipótese.

No documento jurídico de 1642 diz-nos que Damião Ribeiro, natural do Torrão e casado com D. Joana Zagalo, de Extremoz, criado e homem de confiança do Duque de Viseu, depois da morte de seu amo teve de se refugiar em Castela, onde encontra protecção por parte dos reis católicos, e lá morreu pouco depois com suspeitas de morte violenta. Sua mulher e um filho e uma filha se socorreram do amparo do seu parente o desembargador António Zagalo e de sua irmã D. Inês.

Não nos diz o documento se sua mulher esteve com êle em Castela, e se foi depois da morte de Damião que regressou ao reino e foi pedir socorro aos parentes ou se fêz isto quando êle se ausentou.

Se foi, como tantas outras famílias de refugiados, reünir-se a seu marido era natural que ali se encontrasse com outros refugiados e entre êles os Abrabaneis.

Se assim fôr posso crer que D. Joana Zagalo, após a morte de seu marido quisesse regressar à sua terra, e fôsse a tal ama, a quem Judah Abrabanel confiou o seu filho de um ano de idade. D. Joana era uma alentejana e os Abrabaneis viveram (talvez mesmo ali tivessem propriedades) pelo menos certo tempo. No Alentejo pois vemos na sentença de morte de D. Isaque Abrabanel são citadas Moura, Vidigueira e Arraiolos, e é desta data última que D. Isaque foge ao mensageiro de D. João II, que o tinha ido buscar a Vidigueira, com ordem de o trazer em segurança até à presença de El-Rei.

Diz Teófilo Braga que o pastor Sancho da Ecloga Aleixo, de Sá de Miranda é Sancho Tavares, grande proprietário de Extremoz, Sancho conta na Ecloga como tomou como filho adoptivo o poeta Bernardim.

Vamos ver como êle nos conta êsse caso:

— Numa segunda-feira, em que chuvia apesar de já não ser Inverno, Sancho perseguia uma cabra que fugia e viu um

menino que estava envolto em tais panos (e certamente o menino era tal) que muito ali diziam mal.

A cabra aqui representa a ama da criança, cujas roupagens deviam ter letras ou emblemas judeus e certamente, como êle diz, o menino era tal dos que ali muito diziam mal. Isto vem favorecer a minha hipótese. Sancho devia ser uma das pessoas que por ordem de El-Rei D. João II se apoderou do filho de Judah Abrabanel e tomou conta dêle em sua casa.

Na Ecloga diz Sancho que o levou à sua Teresa, certamente sua espôsa, o que nos indica que se êste é Sancho Tavares só casou com Inês Zagalo após a morte da sua Teresa. Descreve Sancho todo o período da meninice de Bernardim até à idade de poder ajudar à missa ao clérigo. Mas sendo Sancho Tavares, proprietário em Extremoz viveria bastante tempo no Torrão para que o filho adoptivo (hijo en el amor) podesse ser considerado como natural dessa terra? Ou passaria a viver com outra família do Torrão? Não sabemos.

Não me repugna acreditar que D. Joana, filha de Sancho Tavares fôsse a primeira namorada de Bernardim, visto que êle próprio confessa dever-lhe muitos favores, e também facilmente se compreende que a família de Joana a quisesse casar com outra pessoa diferente de Bernardim, cuja origem conhecia.

Delfim Guimarães, nos seus livros "Bernardim Ribeiro — o poeta Crisfal" e "Teófilo Braga e a lenda Crisfal", diz:

— "Bernardim Ribeiro é um dos astros fulgurantes da rútila constelação que brilha, intensa e perduravelmente, no céu de Portugal, e ainda hoje nos deslumbra o seu fulgor..."

"O *Cancioneiro Geral*, publicado em 1516, começou a imprimir-se em Almeirim e foi concluído em Lisboa, trabalho que levou dois anos a ser executado. É natural supor que Garcia Resende, na organização dos materiais para o seu volumoso in-folio, não consumiu menos que dois a três anos, e assim pode deduzir-se que à data de 1511-12 já Bernardim Ribeiro era poeta conhecido e apreciado."

"Os amores infelizes do poeta por Joana ou Aonia são o tema exclusivo das suas éclogas e da sua novela, e de grande número das cantigas com que Bernardim Ri-

beiro enriqueceu o lirismo português. A paixão do poeta serviu também de assunto a algumas das melhores composições que nos legou o seu amigo, confidente e colega Francisco de Sá de Miranda."

Da Universidade devem ter datado as relações da funda amizade que uniram por longos anos os poetas Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro.

"Entre os 31 capítulos que constituem a primeira parte, ou o chamado *Primeiro livro* das Saúdades de Bernardim Ribeiro, e os 58 capítulos da parte segunda, a diferença do estilo é tão manifesta, salta aos olhos por forma tal, que o mais rudimentar critério de estudantinho do liceu, sem grande estudo, conclui pela diversidade do autor.

Na segunda parte, dois escribas anónimos procuraram imitar a prosa correnteia e adorável de Bernardim Ribeiro; mas falhos de talento e falhos de cultura, não conseguiram outra coisa mais do que encher algumas dezenas de páginas com um amontoado de baboseiras sem nexos, despidas de todo o interesse, e em que os episódios cheios de ingenuidade e frescura da primeira parte são pastichados por uma forma ignóbil."

Delfim Guimarães, depois de ter demonstrado que a Ecloga Crisfal é da autoria de Bernardim, diz:

"Alcançada a convicção de que *Crisfal* era um anagrama de Bernardim Ribeiro, e norteados pelo conhecimento de que nas suas produções o poeta mudava constantemente os seus nomes pastoris, com um pequeno trabalho de raciocínio não nos foi difícil deduzir a constituição do criptograma que era formado pelas primeiras sílabas das palavras *Crisma* e *Falso*."

Aqui discordo, em parte, de Delfim Guimarães pois para mim o nome Crisfal é formado pelas primeiras sílabas das palavras *Cristão Falso*.

José Pereira de Sampaio (Bruno) afirmava que Delfim Guimarães estava com a verdade que o trovador Cristóvão Falcão era simples produto duma lenda, que o criptónimo *Crisfal* pertencia a Bernardim Ribeiro.

Em nenhum destes autores referidos encontrei qualquer elemento seguro que de qualquer forma viesse contrariar, em todo ou em parte, a minha hipótese, antes porém de fazer a exegese da *Menina e Moça* e das e das éclogas de Bernardim e do seu amigo

Sá de Miranda onde nada há que a contrarie, vou-a expor em breves palavras:

— Bernardim Ribeiro, o trovador do amor e da saúde, era filho de Judah Abrabanel, o autor dos «Diálogos de Amor» e neto de Isaque Abrabanel, escritor, teólogo e financeiro ilustre, homem de confiança de D. Afonso V e dos Reis Católicos de Espanha, para onde se refugiara após a morte do Duque de Viseu.

Judah Abrabanel mandou seu filho para Portugal em fins de Julho ou princípios de Agosto de 1492 com um ano de idade acompanhado duma ama (viúva de Damião Ribeiro). D. João II tendo tido conhecimento do caso mandou que se apoderassem da criança. Feito foi isso, tomando conta do menino Sanches Tavares. D. Manuel mandou baptisar este rapasito sendo-lhe mudado o seu nome de Isaque Abrabanel em Bernardim Ribeiro. Bernardim teve amores no Alentejo com uma menina Joana, os quais terminou quando se apaixonou por D. Beatriz, filha de El-Rei D. Manuel.

Quando esta infanta se casou com o Duque de Sabóia em 1521, Bernardim partiu também para a Itália onde ainda conseguiu falar com D. Beatriz que lhe disse terem terminado os entretimentos do Paço. Bernardim vai para Nápoles viver com seu pai onde retoma o primitivo nome de Isaque Abrabanel. Ali escreve a *Menina e Moça e Eclogas*. Sá de Miranda vai à Itália e procura convencer Bernardim a voltar para Portugal o que não consegue.

Bernardim casa-se tem, pelo menos, um filho a quem deu o nome de seu pai Judah. Ainda hoje existem descendentes, por linha varonil, de Isaque filho de Judah Abrabanel, o autor dos Diálogos de Amor, que em Portugal como Cristão-novo usava o nome de Bernardim Ribeiro.

D. Rosa (Ribakah) Lima

Natural da Ucrânia, faleceu a 13 de Janeiro de 1943, no Porto, com 88 anos de idade. Sentindo aproximar-se o fim da sua existência comprou à sua custa uma sepultura perpétua no Cemitério Municipal de Agramonte da cidade do Porto, num quarteirão donde se vê a Sinagoga. Na lápide sepulcral quis que fôsse gravadas apenas as seguintes palavras: «Aqui jaz uma filha de Abraham, serva do Senhor». Fiel guardadora do dia de Shabath que passava a ler a Bíblia, as suas últimas palavras foram o Shemah (proclamação de unidade divina).

No seu funeral além de outras pessoas tomaram parte o digno 1.º Secretário da Comunidade do Porto, Sr. Menasseh Bendob e o Moreh Marano Sr. Joseph Gabriel.

Abné Zikarón

(Pedras de recordação)

Quando os Reis Católicos (Fernando e Isabel) decretaram a expulsão dos hebreus espanhóis, um judeu Toledano, antes de abandonar esta cidade onde os hebreus deixavam tantas recordações, quis despedir-se da necropole judaica que estava situada no «Cerro de la Horca».

Ali debaixo daquelas pedras tumulares ficavam as cinzas das Olórias da Raça. Famílias e amigos daqueles judeus Toledanos que a cristianíssima bondade de Fernando e Isabel forçava a emigrar. Se bem que a maioria dos hebreus não procurasse senão salvar aquilo que podiam dos seus bens, este, a que me refiro acima, teve um gesto sentimental ao dar o último adeus aos restos dos seus irmãos de raça.

Mas fez mais. Desejando levar uma recordação sensível daquele cemitério que não tardaria a desaparecer, e do qual desapareceu efectivamente até o lúgubre nome do monte em que estava situado, lembrou-se de anotar as inscrições gravadas nos sepulcros dos semitas de maior importância.

Num caderno transcreveu literalmente setenta-e-seis epitáfios, quasi todos referentes a pessoas e famílias do século XIV, época mais florescente da Comunidade Israelita toledana.

Denominou este seu sentimental trabalho «Abné Zikarón» isto é «Pedras Memoriais».

O manuscrito em questão começou a suscitar o interesse dos hebraístas do século XIX.

Encontra-se então na Real Biblioteca de Turim, na Itália. Aí foi lido e estudado por Luzzato que o mandou imprimir em Praga no ano de 1841. A edição, depois de circular bastantes anos no estrangeiro, chegou por fim a Espanha, mas o precioso original ficou reduzido a cinzas quando do incêndio que destruiu a Biblioteca.

Havia dúvidas sobre a veracidade do manuscrito, pois bastantes imitações, mais ou menos perfeitas, apareceram, contudo os últimos achados arqueológicos de Toledo comprovaram plenamente não só a exactidão como a autenticidade do seu testemunho.

... Um dia por ocasião dumas obras, foi

descoberta na rua «de la Roperia» uma pedra granítica quadrangular, que era o tópo duma antiga porta.

Esta pedra tinha gravadas umas inscrições hebraicas, e tinha sido a lápide supulcral da judia Donna, que segundo o epitáfio «sôbre a terra teve as mãos brancas» pelo que «o céu foi piedoso para com ela».

Consultando o caderno do Judeu Toledano que recolheu as inscrições do cemitério da Horca, lá estava exactamente reproduzido o texto desta legenda sepulcral (bem rimada, como tódas elas) da bondosa Donna...

...Outro dia (1936), na casa do Dr. Lopez Fando descobriu-se que a pia do lavadouro era a lousa funerária de Jacob Aben El Sarcasán, médico célebre que «se empenhou tóda a vida a amar a Deus e a aproximar-se d'Ele». Também esta inscrição foi identificada no interessantíssimo documento do nosso correligionário Toledano.

Em 1932-35, o director do Museu Arqueológico Provincial, Senhor D. Francisco de San Roman, reconheceu outra pia do lavadouro do Convento de freiras de S. Domingos de Real, como sendo a lousa sepulcral da hebreia Sadbona, espôsa do Rabi Meir Halévy, parente próximo do almoxarife Samuel Halévy, falecido em 1349, no reinado de Pedro, o Cru, em consequência da peste que assolou a Europa no século XIV e que causou inúmeras vítimas em Toledo, entre as quais Donna (das mãos brancas) e o médico El Sarcasán. Ao consultar o caderno judaico, o Sr. Sam Román comprovou que a inscrição de Sadbona «a respeitável, e eminente mulher superior» era justamente a primeira que transcreveu na Necropole da Horca, o inteligente judeu anónimo a quem se deve um documento de valor histórico e filológico tão excepcional dentro da bibliografia hebraica espanhola.

Já em princípios do século actual, na quinta «Venta del Hoyo» primitiva colónia judia, uns camponeses descobriram quando trabalhavam a terra, o sepúlcro do Rabi Moisés Ibn Abi Zardil, que apareceu intacto, com a cova revestida de tejos e coberta com uma tampa granítica.

Destruíram a sepultura e espalharam os restos humanos que continha, mas guardaram a lápide para bebedouro, mister a que esteve aplicada durante um decénio. A forma de pirâmide truncada que tinham

estas lápides incitava a aplicá-las invertidas, para tais usos, e tódas elas mostravam num dos seus ângulos, o orifício feito para o seu esvasiamento.

A do Rabi Moisés tem gravado, como as outras, um longo epitáfio que ocupa tódas as faces e nas quais se diz: «Que o Senhor lhe dê de beber no rio dos seus prazeres...»

As lápides mencionadas, com a do judeu convertido Havaab, do século XII, procedente da igreja de S. Miguel, são a base da colecção epigráfica judia do Museu Arqueológico Provincial (Toledo).

Outros exemplares interessantes da mesma secção são uma viga em talha, suposta coluna da primitiva porta de Santa Maria a Branca, embora também seja provável que provenha doutra sinagoga toledana desaparecida.

O Museu Arqueológico Provincial de Toledo possui ainda outros achados de valor, recolhidos por tóda a parte, todo aproveitado como materiais de construção para os mais diversos fins...

Obra de vandalos, sem dúvida, mal da Península...

ISAAC JACOB LOPES MARTINS.

Joshna Edelman

No desastre do avião Clipper ocorrido em Lisboa, no dia 22 de Fevereiro de 1943, foi uma das vítimas o Sr. Joshna Edelman, filho de Henry e de Pauline Edelman, de 35 anos de idade, casado, natural de Filadélfia, funcionário do Governo Norte Americano.

Foi enterrado no Cemitério Judaico de Lisboa (Alto de S. João). As cerimónias fúnebres foram feitas pelos reverendos Castel e Dizendruk, dignos ministros officiantes da Sinagoga Shaaré Tikvah de Lisboa.

No cortejo fúnebre viam-se os Srs. Tenente Thompson, da Aviação Americana; Dr. Berenstein, do Hicem; Spainen, do Joint; Katzki e muitos membros das comunidades judaicas sepharditas e polacas.

À noite na Sinagoga Shaaré Tikvah foi rezada uma Askabah (offício fúnebre) pelo Rev. Dizendruk. A Sinagoga estava repleta de fiéis. Sua Excelência o Sr. Embaixador Americano assistiu ao officio.

Os judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 116)

TÍTULO XLIX (LIVRO IV)

Quando a cousa obrigada he vendida, ou enalheada, passa sempre com o seu carregó

El Rey Dom Affonso o Terceiro de grande memoria em seu tempo fez Lei em esta forma, que se segue:

1.º Dom Affonso, &c. A vós Alquaides, e Alguazis da Villa de Santarem, saude. Sabede, que a Cumunidade dos Judeus me mandan dizer, que elles emprestam a vossos vizinhos dinheiros per prazos, e per Cartas, e per Estormentos, e obrigam a elles por essas dividas seus herdamentos, e suas possiçõs; que as nom possam elles vender, nem enalhear, nem emprazar, se non pera pagar a elles suas dividas, assi como em esses Estormentos he contheudo: e segundo a Mim he dito esses vossos vizinhos vendem, e enalheam as ditas possiçõs, e herdamentos, que a esses Judeus som obrigádos per suas dividas. E Eu avendo Conselho sobre esto, achei per direito, que aquellas possiçõs e herdamentos que a esses Judeus som obrigádos por suas dividas, nom se podem vender, nem enalhear, ataa que paguem a elles essas dividas, pelas quaes lhe som obrigádos: e semelhantemente aquelles vossos vizinhos, que taes herdamentos, ou possiçõs compram, ou filham a penhor, ou os querem aver per outra maneira se nom podem escusar que nom sejam theudos por essas dividas, ou leixem esses herdamentos, ou possiçõs a aquelles, a que som obrigádos, assy como suso dito he: e al nom façades Dante em Lixboa quartorze dias de Março Era de mil trezentos e treze annos.

2.º E vista per Nós a dita lei, adendo e declarando em ella dizemos, que vendendo, ou enalheando o devedor a cousa sua, que havia a outrem obrigáda, porque

essa cousa assi obrigada sempre passa com seu encarrego de obrigaçom, poderá o credor demandar o possuidor della que ou lhe pague a divida, por que lhe foi obrigada, ou lhe dê e entregue a dita cousa, pera aver per ella pagamento de sua divida.

3.º E esta demanda lhe poderá fazer ataa dez annos compridos, e contados dês o primeiro dia, em que a dita cousa foi a poder do possuidor com titulo, e boa fé, e se ambos eram moradores em huã Comarca, a saber, e o credor, e o possuidor; e morando elles ambos em desvairádas, Comarcas, entom lhe poderá ser feita a dita demanda ataa a vinte annos compridos, e contados como suso dito he; e hindo essa cousa ao possuidor sem titulo algum, avendo ácerca dela maa fé, porque sabia bem que não éra sua de direito, nem lhe pertencia, em tal caso lhe poderá seer feita a dita demanda pola dito credor ataa trinta annos compridos, e contados como suso dito he.

4.º E no caso honde a dita cousa assy obrigada sempre foi em poder do dito devedor, ou de seu herdeiro, ou d'outro algum credor, que tanto direito hi nom tevesse, per seer mais postumeiro, entom lhe poderá ser feita a dita demanda ataa quarenta annos, contados do dia que a dita obrigaçom foi feita em diante.

5.º E com estas declarações Mandamos que se guarde a dita Ley, segundo em ella he contheudo, e per Nós declarádo, como dito he.

Visado pela Comissão de Censura

Calendário Israelita

Ano de 5704

(Tem 12 meses lunares)

1.ª lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 30 de Setembro de 1943.

2.ª lua (Heshvan) — 29 dias
dia 1 — 30 de Outubro de 1943.

3.ª lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 28 de Novembro de 1943.

4.ª lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 28 de Dezembro de 1943.

5.ª lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 26 de Janeiro de 1944.

6.ª lua (Adar) — 29 dias
dia 1 — 25 de Fevereiro de 1944.

7.ª lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 25 de Março de 1944.

8.ª lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 24 de Abril de 1944.

9.ª lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 23 de Maio de 1944.

10.ª lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 22 de Junho de 1944.

11.ª lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 21 de Julho de 1944.

12.ª lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 20 de Agosto de 1944.

(Este ano tem 354 dias)

Dias festivos no ano de 5704

Rosh Ashana — 1.º dia — 30 de Setembro de 1943.

Rosh Ashana — 2.º dia — 1 de Outubro de 1943.

Kipur — 9 de Outubro de 1943.

Sucot — 1.º dia — 14 de Outubro de 1943.

Sucot — 2.º dia — 15 de Outubro de 1943.

Hoshana Raba — 20 de Outubro de 1943.

Shemini Aseret — 21 de Outubro de 1943.

Simhá Torá — 22 de Outubro de 1943.

Hanuca — 1.º dia — 22 de Dezembro de 1943.

Hanuca — 8.º dia — 29 de Dezembro de 1943.

Purim — 9 de Março de 1944.

Pesah — 1.º dia — 8 de Abril de 1944.

Pesah — 2.º dia — 9 de Abril de 1944.

Pesah — 7.º dia — 14 de Abril de 1944.

Pesah — 8.º dia — 15 de Abril de 1944.

Shabuot — 1.º dia — 28 de Maio de 1944.

Shabuot — 2.º dia — 29 de Maio de 1944.

Jejuns em 5704

Assassinio de Guedaliá — 3 de Outubro de 1943.

Kipur dia de Expição — 9 de Outubro de 1943.

Cêrco ao Templo — 6 de Janeiro de 1944.

Jejum de Esther — 8 de Março de 1944.

Tomaça do Templo — 9 de Julho de 1944.

Destruição do Templo — 30 de Julho de 1944.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הלפיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECT. E EDITOR A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

EBEN-MUSSAD
(PEDRA FUNDAMENTAL)

DA

Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm



O SR. DR. MOSES BENSABAT AMZALAK DIGNO PRESIDENTE DA COMUNIDADE DE LISBOA,
COLOCANDO NA PEDRA FUNDAMENTAL O TUBO DE FERRO CONTENDO
A ACTA DA FUNDAÇÃO DA SINAGOGA DO PÓRTO.

1923-1943

MARANUSSIM

(MARANOS OU CRIPTO-JUDEUS)

Há vinte anos não havia vida judaica organizada na cidade do Pôrto. Viviam aqui alguns israelitas professos emigrados do Leste europeu, maranos ou cripto-judeus da Beira e de Trás-os-Montes, e só existia uma família judia portuguesa constituída, segundo as leis de Moisés e de Israel. Nos dias das solenes festividades da religião hebraica, os israelitas residentes no Pôrto, iam cumprir as suas devoções à Comunidade de Lisboa e os maranos faziam pequenas reuniões para dizerem as rezas que herdaram dos tenebrosos tempos das atrozes perseguições da Inquisição.

Foi então que o Capitão Barros Basto, combatente na Flandres durante a Grande Guerra de 1914-1918, resolveu organizar a Comunidade Israelita do Pôrto e para esse fim aproveitou a colaboração dos judeus emigrados mais conhecedores do judaísmo oficial do que os maranos. Assim nasceu a pequena congregação israelita portuense. Pequena e pobre, mas rica de fé e de coração ela foi a boa fada acolhedora para todos os que vieram acolher-se à capital nortenha deste País no extremo ocidente da Europa e se tornou um centro espiritual de ensino para os descendentes dos mártires da Inquisição, que a ocultas praticavam a religião dos seus antepassados.

O Brazão da Comunidade do Pôrto

Os senhores de Mahamad reunidos em sessão no dia 15 de Janeiro de 1924 (9 de Shebat de 5684) aprovaram o seguinte brazão para esta Comunidade:

— «Em campo de sangue dumas purpúreas chamas perfiladas de ouro emerge uma tórre de prata encimada por um candelabro de ouro de sete ramos.»

Também foi escolhida a seguinte divisa:

— Adonai li ve-ló irá (o Senhor comigo e nada receio).

Quando no século XV, governando em Castela Fernando e Isabel, os reis católicos, se fizeram violentíssimas perseguições e massacres de israelitas, alguns desses infelizes buscaram a salvação da sua vida e dos seus entes queridos, aceitando o baptismo cristão.

Cada individuo destes (que aparentemente se apresentavam como nazarenos, mas que no seu coração continuavam a guardar a fé de seus antepassados) era designado pelo nome de Maranus; palavra esta composta do advérbio hebraico Mar que significa amargamente, tristemente, e de participio passado do verbo anas (pronuncia-se anáce) que significa constrangido, forçado; querendo pois a designação Maranus indicar que esse individuo fôra violentamente forçado a mudar de religião.

Ouvindo o termo maranus, os não-judeus escreveram maranos, cujo som é igual ao da palavra hebraica, e tomaram-na como um plural.

A forma maranos encontra-se no livro de actas das vereações da Câmara do Pôrto, sessões do ano de 1485. Nessa época e nessas actas quando se queria o som de dois rr, escrevia-se sempre essas duas letras, mesmo no principio das palavras: ex. rrecebudos, etc.

Ainda hoje os israelitas do norte de África designam pelo nome de anussim (plural de anuss) os cripto-judeus, que na tecnologia inquisitorial são chamados cristãos novos.

É no período da dominação do Santo Officio em Portugal e Espanha, que aparece o termo marranos, contrafacção de maranus, com o fim depreciativo, para indicar as pessoas de sangue infecto das más septas, isto é, das que são oriundas de famílias cujos antepassados não seguiam o cristianismo.

Nota da Redacção — É reproduzido este artigo publicado no n.º 1 deste jornal afim de esclarecer alguns leitores sobre a significação do termo *marano*.

FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE

ACTA PRIMEIRA

Aos vinte-e-quatro dias do mês de Sivan do ano cinco mil seiscentos e oitenta-e-três da Era hebraica e sete de Junho de mil novecentos e vinte-e-três da era vulgar em Portugal, nesta cidade do Pôrto e no primeiro andar da casa número oitenta-e-quatro da Rua Elias Garcia, pelas vinte-e-uma horas se reuniram os seguintes israelitas: Abraham Israel Ben-Roslo, Leão Sorin, Ber Levithin, David Halpern, Hoshca Roskin, Haïm Sorin, Haïm Roseustein, Isaac Janowsky, Menasseh Knyszynsky.

Constituiu-se a mesa com os seguintes senhores: H. Sorin, presidente; B. Levithin e A. I. Ben-Rosh, secretários.

Aberta a sessão, o Sr. Presidente agradece aos presentes a sua comparencia e manifesta a sua satisfação pela honra, que lhe é conferida, de presidir a primeira assembléia hebraica realizada no Pôrto, cinco séculos após o desaparecimento da Comunidade Israelita do Pôrto, motivado pelo estabelecimento da inquisição em Portugal. Terminando estas considerações apresenta à assembléia o seguinte questionário:

1.º—Deve-se fundar no Pôrto uma Comunidade Israelita?

2.º—No caso afirmativo, quais os seus fins e a base da sua constituição.

Sobre este assunto falaram os Srs. David Halpern, Levithin e Ben-Rosh confirmando ser necessária e útil a fundação da Comunidade Israelita nesta cidade.

Posta à votação a primeira alínea do questionário, apresentado pelo Sr. H. Sorin, foi aprovado por unanimidade.

Sobre os fins desta Comunidade falaram os Srs. H. Sorin, Ben-Rosh, Levithin e Knyszynsky, ficando aceite nos seguintes termos:

A Comunidade Israelita do Pôrto, terá três fins: A religião, cultura e assistência. Quanto ao fim religioso fundar-se-á uma Sinagoga provisória, onde os officios religiosos deverão ter lugar, na ocasião das festas, por qualquer pedido especial dum correligionário, sendo dirigidos esses officios por um dos membros competentes. Quanto à cultura criar-se-á um local, onde por meio de leituras, lições conferências e bibliotecas se procure fortalecer a consciência do alto valor da cultura hebraica e da nobre finalidade da raça hebraica. Quanto à assistência criar-se-á um fundo especial, que servirá para prestar assistência material a qualquer correligionário que dela necessite.

Estes fins foram aprovados por unanimidade.

O Sr. H. Sorin oferece a sua residência no Pôrto, à rua Elias Garcia número oitenta-e-quatro, primeiro andar, para sede provisória desta Comunidade. A assembléia aceita e agradece. Foi em seguida aceite e aprovada a seguinte proposta do Sr. H. Sorin:—Todo o indivíduo, que se declare Israelita poderá fazer parte desta Comunidade desde que requeira, por escrito, ao Mahamad a sua inscrição nesta Comunidade e obtenha a aprovação do referido Mahamad. É aprovada por unanimidade a aquisição, por meio de compra, de um sepher Thorah. Em seguida foi posta em circulação na presente assembléia uma lista de subscrição, que produziu quatrocentos e setenta-e-cinco escudos. Procedeu-se então à eleição do Mahamad, que será provisoriamente, composto de três membros efectivos e dois substitutos.

Por escrutínio secreto foram eleitos os senhores:

*Nassy — A. I. Ben-Rosh
Maskir e Segan — H. Rosenstein
Gabay — M. Knyszynsky.*

Substitutos:

*Segan — B. Levithin
Gabay — I. Janowsky.*

Foi em seguida posta em circulação a lista de quotas mensais, onde cada membro se inscreveu com a quota, que voluntariamente deseja contribuir para as despesas da Comunidade. Foi ainda resolvido que na próxima sessão sejam discutidos e aprovados os estatutos desta Comunidade. Não havendo por hoje mais nada a tratar se encerrou a sessão pela meia-noite e meia hora e se lavrou a presente acta, que vai ser assinada pelos membros da mesa desta assembléia.

*Haïm Sorin
Artur Carlos de Barros Basto (A. I. Ben-Rosh)
Menasseh K. Bendob.*

Aprovação dos Estatutos

Na segunda assembléia geral da jovem Comunidade Israelita Portuense, realizada no dia 14 de Tamnz de 5683 (27 de Junho de 1923), foram discutidos e aprovados os Estatutos da Comunidade.

Legalização da Comunidade

A Comunidade Israelita do Pôrto, foi legalizada no Governo Civil do Pôrto, em 1 de Agosto de 1923 (19 de Ab de 5683).



INTERIOR - ARCA SANTA

A Catedral Ju- de Po

primeira pedra do edificio da Sinagoga Mehor H'aïm (Fonte da Vida).

A' hora marcada encontrava-se no local já uma numerosa assistência, onde havia velhos israelitas, israelitas resgatados e cripto-judeus. Como representantes da Comunidade Israelita de Lisboa compareceram os Srs. Dr. Moses Bensabat Amzalak, Presidente do Comité; Jaime Pinto, Vice-Presidente da Assembléia Geral; Joshuah Benoliel, antigo Presidente da H'ebra Kadishah.

Também como representantes estavam o Sr. Marcel Goldshmidt, israelita francês de Lyon, e o Sr. Armando Halpern, da Associação da Juventude Israelita Heh'aber, de Lisboa.

Foram recebidos telegramas dos Srs. António Montero Azaneot, Eng.º Muginstein, Eng.º Liberman, David Hal-

A compra do terreno para a Sinagoga

Oj Mahamad (Junta Directora da Comunidade), na sua sessão de 19 de Sivan de 5688 (7 de Junho de 1928) resolveu procurar um terreno próprio para ali ser edificada a Sinagoga.

No dia 6 de Setembro dêsse ano foi comprado o terreno na Rua Guerra Junqueiro.

A primeira pedra da nossa Sinagoga

No dia 30 de Junho de 1929 (22 de Sivan de 5689) pelas 16 horas realizou-se no terreno, adquirido, há tempos, pela Comunidade Israelita do Pôrto, a cerimónia da colocação da



VISTA GERAL DO EXTERIOR DA CATHAL JU-
INAUGURADA SOLENEMENTE A 16 DE JUNHO 1

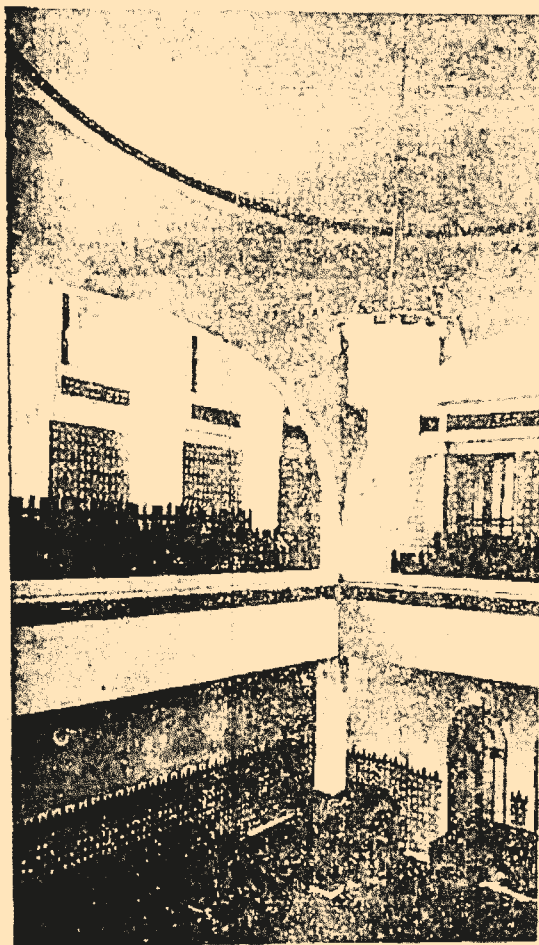
aica do Norte tugal

pern, Salomão Terlô e W. Terlô, de Lisboa.

Da nova Comunidade da Covilhã também foi recebido o telegrama seguinte:

«Presidente da Comunidade Israelita —Pôrto— De alma e coração convosco os nossos correligionários desta região e eu enviamos parabens pela grandiosa obra do eminente judeu, Capitão Barros Basto, desejando à Comunidade Israelita do Pôrto e seu nobre fundador paz e prosperidade. Shalom Leisrael. Samuel Swartz.»

Começou a cerimónia pela oração de Minh'ah (oferenda) sendo oficiante o Sr. Isaac Yanowsy, no final do qual foi cantado pela assistência o hino-profissão de fé, Igdal. Em seguida o Sr. Dr. Moses



INTERIOR.— GALERIA



RIOE DA CAAJ JUDIA DO NORTE DE PORTUGAL,
NTE A 16 DE ARO DE 1888 (16 DE SHEBATIDE 5698).

Amzalak em memória dos cripto-judeus mártires da Inquisição portuguesa recitou uma Ash kabah.

O mesmo senhor tendo terminado o officio fúnebre, fêz preces pela Comunidade do Pôrto e pelos Governantes de Portugal.

Em seguida usaram de palavra sôbre o acto o Sr. Dr. Amzalak e Capitão Barros Basto.

Findos os discursos foi lido pelo Presidente Israelita do Pôrto o pergaminho, que devia ser encerrado na pedra fundamental, cujo texto era o seguinte:

«Em nome da Santíssima Unidade, Adonai, Deus de Israel.

Aos vinte-e-dois dias do mês de Sivan do ano 5689, este Kahal Kadosh dos Bené-Israel, no Pôrto, colocou esta primeira pedra do edificio da Beth-Akeneseth Mekor H'aim.

Esta Casa de Deus será a *fonte da vida* para aquêles que a buscarem; nela encontrarão

sempre bom acolhimento e um bom lar espiritual os descendentes daqueles que, há quatro séculos, foram violentamente obrigados a ocultarem a sua fé no Deus Bendito dos nossos pais Abraam, Isaac e Jacob.

Que Adonai Sebaoth abençoe esta Obra, a fortifique e faça com que desta *Fonte* manem torrentes de luz de Verdade—Amen.»

Este pergaminho foi assinado pelos seguintes israelitas:

A. C. de Barros Basto, Hoshea Roskin, Isaac Yanowski, Menasseh Kniszynsky, Jaime Pinto, Joshua Benoliel, Marcel Goldschmidt, Armando Halpern, E. dos Reis Tavares, Leo Augusto de Almeida, M. A. Vaz, E. de Almeida, Abicin Schumann, Nathan Beigel, D. Furriel, A. J. Martins, Abraham Morais de Almeida, José Israel Cardoso, E. Augusto Rodrigues, João A. Ferreira, Leah Azancot de Barros Basto, Miryan Yanowski, Rosa de Lima, Felicia Gabriela Azancot, Antónia Cândida da Costa Martins, Teresa da Costa Martins, Braha'h Kniszynsky, Ribkah Schumann, Ermelinda Beigel.

O Capitão Barros Basto pegou num tubo de ferro onde introduziu 18 moedas da República Portuguesa, do ano de 1929, porque 18 é o valor numérico da palavra hebraica H'ai (vida), metendo em seguida o pergaminho enrolado, depois do que fechou o tubo, roscando a tampa, e entregou-o ao Sr. Dr. Amzalak: Este senhor colocou o tubo na cavidade aberta na pedra de granito, fechando a cavidade com uma

placa de ardósia cimentada. Em seguida os pedreiros colocaram em cima nova pedra de granito.

Findou a cerimónia com o hino Ha-Tikvah cantado pela assistência.

Foi uma festa cheia de emoção a que o céu se associou com a amenidade do tempo durante a cerimónia.

O Guia dos Maranos



O CAPITÃO BARROS BASTO EM 1937, ANO EM QUE FORAM CONCLUÍDAS AS OBRAS DA SINAGOGA.

A Inauguração do Templo Kadoorie no Pôrto

Pôrto, 16/1/1938.

A inauguração do templo edificado para os Maranos que regressam à fé judaica, é um acontecimento sem precedente. Só aqueles que assistiram à cerimónia da dedicação podem apreciar o seu alto significado. É difícil imaginar-se *que um só* tenha tido a idéia de fundar uma casa de orações numa cidade e num tempo em que não havia ali judeus; é difícil de acreditar que este mesmo homem tenha, ele só, contribuído a levar a cabo um tal empreendimento.

E como ele realizou maravilhosamente a sua idéia!

A Sinagoga do Pôrto, a catedral judia do Norte de Portugal, construída para dar ao marano uma alta concepção da religião de seus pais, está à medida de realizar as esperanças que nela se fundaram. Quão magnífica aparece esta nova Sinagoga na sua beleza virginal! Cada detalhe reflete a santa inspiração, o amor do judaísmo.

É preciso ser do país para bem com-

prender, por exemplo, o sentido dos arabescos do Ekal (Arca Santa) e as passagens bíblicas, que ornaram as galerias e as paredes. É a obra dum vasto cérebro impregnado de espiritualidade, que fez para o culto de Israel tudo o que um homem lhe pode oferecer no nobre e belo domínio da arquitectura.

Viu-se edificar muitos outros templos com meios financeiros afluindo de todas as partes. Este é inteiramente a obra dum só homem cuja mão ficou constantemente aberta para levar a cabo a obra começada.

A cerimónia realizou-se a 15 de Shebat em presença de numerosos maranos. O officio, celebrado por Samuel Rodrigues, um dos futuros rabinos maranos, que fazem os seus estudos sob a direcção do Capitão Barros Basto, foi dos mais interessantes, sobretudo para aquêles que não tinham assistido antes.

Durante o officio, chegou de Trás-os-Montes, distrito situado além das Serras, um forte contingente de maranos. Eram cultivadores, pastores e pequenos negociantes vestidos com os seus fatos pitorescos. Eles ficaram cheios de respeito nos degraus da escadaria, fora, para não perturbar o officio.

Eu tive o privilégio de presidir ao officio matinal de sábado. Um certo número de fiéis maranos foram chamados perante a Thorah. Havia ali um homem muito velho um pastor de 80 anos, vindo com o seu filho e seu genro.

Eles escutavam com olhos maravilhados a secção da Thorah, que se lia, e a vista do Sepher comovia um deles ao mais alto grau.

A Cerimónia da Dedicção foi celebrada com um recolhimento digno das mais velhas comunidades.

A celebração da *minhah* por Samuel Rodrigues, foi magnífica na sua simplicidade. O Rev. Diesendruck, de Lisboa, e o Rev. Joseph Hertz foram impressionantes pela melodia das suas orações.

A Comunidade de Lisboa foi representada por mais de 40 pessoas. Havia ali o Sr. Professor Bensabat Amzalak, o *Naguid* dos judeus de Portugal, o Sr. Dr. Elias Baruel, Vice-Presidente da Comunidade; Dr. Augusto de Esaguy, o conhecido erudito; Dr. Sequerra, Presidente de Ehaber e o Sr. Terlô. Entre os não judeus nota-

mos o Cônsul britânico e o Ministro da igreja anglicana. A Comunidade Sephardita de Londres, que tomou uma parte activa na construção desta jovem Sinagoga sobre a antiga terra de Sepharad, estava representada pelo Sr. Artur de Casseres e o abaixo assinado.

O Capitão Barros Basto fez um vibrante apêlo. Leader dos que regressam ao judaísmo, ele falou da immortalidade de judaísmo. O officio foi encerrado pelo canto de Ha-Tikvah; nunca, na minha vida, ouvi este canto com tanto entusiasmo. Od lo avdá tikvatenu!

Durante a brilhante recepção dada pelas damas do Pôrto, alocações foram pronunciadas pela Sr. Casseres e pelo Dr. Alfredo Klee, Vice-Presidente da Comunidade berlinesense, que desde longos anos se interessa calorosamente pelo movimento marano. Mensagens vindas de toda a parte foram lidas, notavelmente do Rabbi-mor de França, da Alliance Israelite Universelle, do Rabbi-mor Dr. Ovadia, Presidente da União Universal das Comunidades Sepharditas.

Paul Goodman.

Traduzido de *Le Judaisme Sephardi* de Paris.

Sedes da Comunidade

1.^a sede provisória — No primeiro andar da Rua Elias Garcia n.º 84 (prédio demolido para a construção da actual Avenida dos Aliados).

2.^a sede — A 6 de Abril de 1924 transferência da sede para a Rua Fernandes Tomás; para o prédio da Confederação Patronal Portuguesa.

3.^a sede — A 19 de Fevereiro de 1925 para a Rua do Bonjardim n.º 434.

4.^a sede — Em 1 de Junho de 1927 para a Rua do Poço das Patas n.º 37.

5.^a sede — Rua 5 de Outubro n.º 99.

O Rito Oficial da Comunidade do Pôrto

Os senhores do Mahamad reúnidos em sessão no dia 14 de Agosto de 1924 (14 de Ab de 5684) aprovaram que para reatar as tradições israelitas da cidade do Pôrto, que nesta Comunidade em todos os actos de culto israelita fôsse usado o rito sephardi.

A obra de resgate 1926

Em Janeiro de 1926 o Sr. Lucien Wolf, enviado de Londres pela Anglo Jewish Association, pela Alliance Israelite Universelle e pela Spanish & Portuguese Jews Congregation de Londres veio a Portugal certificar-se da existência no nosso País de cripto-judeus. Visitou Lisboa, Guarda, Belmonte, Caria, Covilhã, Coimbra e Pôrto. Constatou directamente que tais maranos não eram um mito, pois não só travou relações com eles mas também assistiu às suas reuniões culturais. De tudo quanto observou fez um notável relatório, onde indica a maneira mais simples e prática de fazer ingressar essas ovelhas desgarradas de Israel no Judaísmo oficial. Nesse relatório o Sr. L. Wolf destaca brilhantemente em longas linhas a figura do Presidente da Comunidade do Pôrto, e nosso director o Sr. Capitão Barros Basto.

Em 16 de Julho desse ano o Sr. L. Wolf, distinto relator da Sociedade das Nações, escrevia ao nosso Presidente informando-o de que se havia constituído em Londres um comité para ajudar os maranos portugueses no seu regresso ao judaísmo oficial; que esse comité realizara a sua primeira sessão no dia 14 de Julho, na qual fôra aprovado o seu relatório. Informava ainda que a Sinagoga Portuguesa de Londres ia enviar à Comunidade do Pôrto 2 sepharim (dois livros da Lei de Moisés escritos em rolos de pergaminho). A 7 de Setembro de 1926 o Sr. Paul Goodman, ilustre escritor israelita britânico, secretário honorário de Portuguezes Maranos Committee escrevia ao Sr. Barros Basto, informando-o de que o citado comité era constituído pelos seguintes Srs. Rabbi D. Bueno de Mesquita, B. A. Sir Francis A. Mentefior, Baronet, Mr. Leon B. Castello, M. Eustase A. Lindo, Mr. Eduard Lumbroso Mocatta e Mr. Jonathan Pinto, como representantes da Congregação Israelita Portuguesa de Londres; Sua Eminência Sapientíssima o Sr. Israel Levi, Rabbi-Mor de França, como representante da Alliance Israelite: os Srs. Elkan N. Adler O. E. d'Avigdor-Goldsmid, Leonard G. Montefiore e Joseph Drag, como representantes da Anglo-Jewish

Association; e ainda os Srs. Dr. Lionel D. Barnett, Dr. M. L. Ettinghausen, Dr. Cecil Roth, Mr. Isaac Cansino, Mr. Wilfred S. Samuel, Mr. Lucien Wolf e Paul Goodman.

Informava mais o Sr. P. Goodman de que a Spanish & Portuguese Sinagoga estabelecida em Londres em 1664 por cripto-judeus emigrados de Portugal enviara à Comunidade do Pôrto 2 sepharim. Neste ano se estabeleceram relações entre esta Comunidade e os cripto-judeus de Bragança.

1927

A 4 de Fevereiro o Sr. P. Goodman escreve ao nosso Nassi comunicando-lhe que o Portuguese Maranos Committée votou uma quantia, não excedendo quatrocentas libras anuais para ajudar a nossa Comunidade na Obra de resgate e também um único subsidio de cinquenta libras para alfaias.

Deseja o comité que a quantia votada sirva para a manutenção dum Rabbi no Pôrto o qual deve ficar encarregado dos interesses espirituais desta Comunidade e guiar os que desejarem conhecer e seguir os ditames e práticas do judaísmo; e vem assim ajudar o aluguer dum edificio decente para a comunidade e sua conservação. Deixa o comité ao cuidado do nosso presidente a escolha de Rabbi, o qual deverá ser diplomado com o Hatarath Horaa. O envio dos subsidios será feito quando o nosso Nassi o requerer. Neste mês foi enviado de Londres, a oferta do Sr. Dr. Cecil Roth, um rôlo de pergaminho contendo o livro de Esther (Megilath Esther) para uso da nossa sinagoga.

Veio neste mês ao Pôrto conferenciar com o nosso Nassi o cripto-judeu de Bragança, o Sr. José Furtado Montanha, sobre a maneira de se executar naquela cidade a obra de resgate.

Em Março foram enviados à nossa Comunidade 25 livros de orações em hebraico, segundo o rito português, oferta da Comunidade Israelita Portuguesa de Amsterdam (Holanda) que os editou, não sendo destinada à venda essa edição.

No dia 9 de Abril saiu o primeiro número do jornal-órgão da Comunidade Israelita do Pôrto, denominado *Ha-lapid* (o facho) que se destina a facilitar o conhecimento do judaísmo oficial aos cripto-judeus portugueses.

*Tudo se ilumina
dara aquêlle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

תתלפיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH),
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

I

Entre as festas religiosas instituídas pelo judaísmo, a que inspira os sentimentos mais profundos de respeito e temor, é sem dúvida a solenidade muito excepcional de Kipur. Os mais interessados, os mais indiferentes, os mais desleixados lembram-se então que são judeus; e, sem que nada os force a isso, vêm encher a Casa de Deus, que se torna acanhada; eles vêm celebrar Kipur, o grande dia do Perdão. Não será pois sem utilidade mostrar aqui a necessidade desta instituição religiosa, de bem determinar as suas condições, de explicar o sentido das práticas sagradas ordenadas pelas leis de nossos pais ou pela tradição de nossos sábios e fazer ressaltar o seu ensinamento profundamente moralizador.

«Eis para vós, diz o Pentateuco, uma eterna lei que vós executareis em tôdas as vossas moradas (Levitico, cap. XXIII). No sétimo mês, no décimo dia, vós alligireis as vossas almas. Vós vos absteréis de todo o trabalho, vós e também o estrangeiro que habite entre vós. (Levitico, cap. XVI). E' a partir do nono dia à noite até à noite do dia seguinte, que vós observareis este repouso consagrado (Levitico, cap. XXIII), é o dia das expiações (Yom Ha-Kipurim), e será para vós uma santa convocação (Levitico, cap. XII).»

Assim a Bíblia nos declara que o dia das Expições deve ser mantido em todo o tempo e em todo o lugar. Israel deixou de ser uma nação, as suas festas agrícolas

só existem nas suas recordações, mas Kipur não pode jamais cessar de ser observado. E' que o fim desta solenidade é completamente independente de toda a circunstância passageira. O homem é de tal modo feito, que se absorve voluntariamente nas suas paixões, nos seus interesses e nos seus trabalhos. Ele traça à sua volta um circulo, vasto ou restrito, e aí encerra os seus pensamentos e a sua actividade, e despreza a maior parte das vezes tudo o que está fora disso. Ele da satisfação à sua necessidade de estudos, de prazeres, de riquezas; mas uma espécie de abrandamento se opera na moralização da sua alma, se nada o vem tirar as suas idéias de dia a dia, o transportar para as regiões serenas

da virtude e do bem, lembrar-lhe finalmente que ele é homem, que ele cai no erro e no pecado, que ele deve reerguer-se disso e aproximar-se de Deus. Kipur responde a esta necessidade da nossa consciência; ele tem por fim inspirar-nos o pensamento de fazer um solene regresso a nós próprios. Ele nos oferece uma ocasião muito particular de nos arrependermos e regressar ao bem.

Há no principio desta instituição uma profunda sabedoria. Não somente ela responde a uma necessidade íntima do próprio coração, mas ainda ela um poderoso socorro à sua fraqueza; ela tem a imensa vantagem de trazer à nossa alma esta convicção: que não há nenhuma falta, por grave que seja, da qual não se possa obter o perdão; e é precisamente esta

KIPUR

certeza que torna possível o melhorarmos-nos, que se julga, com efeito uma doutrina que cerca de dificuldades a reparação dos vulgares delitos. Contas severas são tomadas das faltas de cáda um, nenhuma indulgência espera os infelizes culpados. Por vezes a expiação é tornada tão custosa que ela se torna quasi uma impossibilidade para a fraqueza humana. E' caso de escrever como o Salmista:—Se tu guardas as iniquidades dos homens grande Deus, quem pois poderá subsistir? (Salmo. 130) Qual será a influencia sobre a nossa alma duma tal doutrina?

Uma decadente tristeza penetrará os nossos corações, o desencorajamento se se apoderará de nós; não tentaremos corrigir-nos; nós perseveramos nas nossas iniquidades, no próprio crime. *Sem esperança do perdão*, diz uma nossa poesia tradicional, *os culpados continuam a entregar-se aos actos mais abomináveis*. (Mussaf). Assim não acontece quando a indulgência é anunciada aos pecadores. O nosso salutar Kipur vem cada ano nos trazer as mais doces promessas. A lei nos diz: —Que neste dia terá lugar a expiação que deve nos purificar de todos os nossos pecados e nos tornar puros perante Deus. (Levitico, XVI). Uma tal esperança nos dá toda a nossa energia. O pecado e o mal já não são para nós adversários invencíveis; nós poderemos achar a força de os dominar. Está escrito: —O pecado é pôsto à porta, elle aspira a esperar-te; mas tu, podes dominá-lo (Genesis VI, 7). Desde então nós nos esforçamos de nos tornar-nos melhores, nós nos sentimos como ajudados no nosso regresso ao bem; parece que a própria mão divina nós ajuda a purificar-nos das nossas faltas. A vitória será talvez difficil para nós, mas ella será gloriosa. Pecadores arrependidos, nós poderemos elevar-nos à categoria dos justos; talvez possamos mesmo subir mais alto.

Mas se a solenidade de Kipur tem por objectivo apagar os nossos pecados é importante que nós compreendamos bem sob qual condição esta expiação pode-se effectuar para nós. Seria errado crer que Kipur possui em si próprio uma virtude especial para o resgate das nossas faltas, e que elle apaga todos os nossos delitos como por encanto. Isto seria verdadeiramente uma instituição duma grande comodidade

para os culpados. Depois de terem cometido faltas de toda a espécie, elles chegavam ao dia de Kipur, sem demasiado desgosto e o coração bastante aliviado, dizendo para consigo:

—«Eu fiz mal durante todo o ano, mas a penitência de Kipur me servirá de expiação, e eu serei perduado». A doutrina israelita não admite semelhantes accommodações; ella odeia as restrições de consciência e a moral fácil. Em tais condições Kipur não seria mais do que um jôgo sacrilego, e o mais enganado seria o homem bastante insensato para se entregar a isso. É preciso antes de tudo que Kipur não seja um cálculo do vicio que procura um pretexto para continuar as suas desordens; é preciso antes de tudo que Kipur seja uma expiação séria, profundamente sentida, bem resolutamente executada; é a única que possa ser admitida perante Deus. A nossa alma, entristecida pelo pensamento do mal praticado, deve elevar-se com convicção para com o Dispensador supremo de todo o perdão e lhe oferecer em sacrificio um coração arrependido e contrito. «Kipur, dizem os nossos sábios, produz a expiação, mas com o arrependimento».

Mas qualquer que seja a sua efficacia, o arrependimento não basta sempre. Que nós tenhamos cometido contra Deus faltas graves, que nós tenhamos desconhecido a sabedoria da sua providência e esquecido os nossos deveres para com elle, nós nos tornaremos grandes pecadores; mas nós poderemos ainda esperar uma misericórdia infinitamente maior que as nossas faltas. «A transgressão dos deveres para com Deus, diz o Talmud, é expiada pela observação de Kipur». Mas é tolice que a penitência de Kipur não pode em nenhum caso opor: são os delitos cometidos contra o próximo. Antes da expiação cerimonial é preciso reparar, tanto quanto podermos, o mal que tenhamos feito a outrem. Se nós ofendemos o nosso irmão na sua honra, nos seus interesses, nós devemos primeiramente fazer-lhe aceitar a expressão do nosso desgosto e de obter o seu perdão. Nos restará então pôr-nos em regra conosco e com Deus: é a penitência que acabará a obra.

II

Desde que nós tenhamos compreendido a razão de ser de Kipur e as condições nas quais êle deve ser observado, nós tomaremos sentido fãcilmente nas cerimónias ordenadas outrora aos israelitas em Jerusalém. Nós vimos que Kipur tem por fim fazer penetrar em nós uma verdadeira contrição, um arrependimento sincero. Tudo para isso concorria nos ritos religiosos dos antigos hebreus. Kipur, chamado pela lei *um sãbado solene*, era cercado por uma pompa austera e grave.

Não eram santos regozijos, como nas três festas de Pãscua, de pentecostes e das Cabanas, mas cerimónias ao mesmo tempo severas e majestosas.

Um repouso absoluto era ordenado; mão era permitido sequer rompê-lo para preparar a nossa alimentação. Nós devíamos entregarmo-nos ao jejum, como se quiséssemos de certa maneira quebrar com a terra e com as nossas necessidades, para melhor se elevar pensamentos em ordem superior. Com o fim de tornar mais imponente o officio religioso celebrado no templo, era ordenado ao Grande Sacerdote de funcionar pessoalmente. Todo o serviço do santuário era até, segundo a tradição, preenchido por êle durante todo o dia de Kipur. Após uma primeira ablução, o Grande Sacerdote vestido com uma simples túnica de linho branco, oferecia em sacrificio um bezerro para expiar as suas faltas pessoais e as da sua familia. Purificado êle próprio por esta cerimónia simbólica, êle podia fazer-se órgão do povo e pedir ao Senhor um perdão solene para tôdas as assembléias. Ele penetrava então uma primeira vez no Santo dos santos, ali fazia queimar incenso perante a arca de aliança, e dali saía pouco depois para cumprir os ritos expiatórios em favor de Israel. Dois bodes lhe eram apresentados em nome do povo; tirando as sortes êle designava o que devia ser sacrificado ao Senhor, êle o imolavã, e apresentava-se uma segunda vez perante a arca de aliança.

Quando o Grande Sacerdote tinha deixado o Santo dos santos traziam-lhe o bode que ficara vivo; a sorte tinha-o designado para Hazazel; o pontífice punha as suas duas mãos sôbre a cabeça d'êste animal e pronunciava muito alto a confissão

geral dos pecados do povo; o bode achava-se carregado d'êles de certa maneira, e devia levã-lo consigo para o deserto, onde êle ia ser conduzido. Durante esta confissão o Grande Sacerdote pedia ao Senhor o perdão dos culpados; e a tôda a assembléia, da qual êle era o augusto intérprete, se prostrava com a face contra a terra, ouvindo o nome inefãvel da Divindade. Era depois desta oração que o bode destinado a Hazazel era conduzido ao deserto.

Que significa esta misteriosa cerimónia? O que é êste rito ordenado pela lei de nossos pais? O culto antigo dos Hebreus se servia, para fazer impressã sôbre os espíritos dos homens, de cerimónias expressivas que bastava vê-las para lhes compreender o sentido e o alcance. Tudo era simbólico e representaçã. O Grande Sacerdote, intermediário entre o Senhor e o povo, trazia sôbre a sua tiara o nome de Deus e sôbre o seu peito o das doze tribos. O pão ázimo, amassado e cozido à pressa, lembrava as misérias do Egito e a precipitaçã da partida. A festa das Cabanas era a recordaçã da longa permanência no deserto debaixo das cabanas de folhagens. Se se encontrava no campo uma pessoa assassinada e que o matador era desconhecido, o chefe do povo oferecia públicamente um sacrificio e lavava as suas mãos sôbre a vítima para declinar tôda a parte à impunidade do crime. Um leproso se apresentava no santuário após a sua cura, êle trazia duas pombas uma era colocada sôbre o altar, outra posta em liberdade, voava, representando a impureza do leproso que desaparecia.

A cerimónia do bode emissário enviado a Hazazel era também um simbolo. Ela tinha para todo o povo o mesmo sentido que a oferenda das duas pombas para o leproso. Quando o bode destinado ao Senhor tinha sido imolado, o outro era votado à destruiçã (Hazazel). A impureza, simbolizada pelã pomba, voou e não existe mais. O pecado, representado pelo bode emissário, deve ser expressamente destruído. Também o bode não era deixado em liberdade, mas conduzido ao deserto e lá precipitado, segundo a tradição, num abismo, onde êle perecia imediatamente.

Depois do cumprimento d'êste rito todo

O Gato devoto

CONTO JUDAICO

POR I. L. PERETZ

Havia numa casa três passaros cantores que todos três foram, um apos outro, maltratados pelo gato.

Não era um gato vulgar, mas um gato verdadeiramente devoto, tambem não era sem motivo que êle usava a alva, a cândida vestimenta immaculada e tinha olhos onde se reflectia todo o céu.

Era um gato piedoso, um gato que fazia as suas abluções. Dez vezes por dia êle se lavava, e comia muito vagorosamente, acaçapado a um canto. Durante todo o dia, um pedacinho de qualquer lacticinio encontrado aqui e acolá lhe bastava e só quando era chegada a noite era que comia carne, da boa carne licita de rato...

Ê pois êle não se apressava na comedoria como os de baixa especie. Êle não se apressava, nem se empanturrava como fazem os glutões, mas comia lentamente, gozando com isso. Que viva ainda um momento o rato, ainda um minuto; que dance ainda um pouco, que tremia e que faça a sua suprema confissão; um gato piedoso não se apressa.

Quando trouxeram o primeiro pássaro para a casa, o gato sentiu imediatamente por êle uma grande piedade; êle tinha o coração constricto.

— Ê tão bonito, gemia êle, tão pequeno; e dizer um pássaro tão gracioso não gozará das alegrias celestes. Isto não pode merecer o céu! Isto diz o gato com convic-

ção. Primeiramente porque isto se lava duma maneira bem laica, isto mergulha todo o seu corpo numa terrina com água.

Depois, só o facto de ser pôsto numa gaiola demonstra que é um bicho mau. Apesar de ainda ser novo, meigo e bom, êste pássaro cantor mostra já mais inclinação para a violência do que para a submissão!

Agora que dizer dêste canto, êste canto atrevido, êste assobiar e esta maneira desrespeitosa de olhar direito para o céu! E êstes esforços para partir a gaiola, para voar para o mundo impio, para o ar livre; e êste olhar voltado para a janela aberta!...

Já alguém viu um gato encerrado numa gaiola? Um gato piedoso ouviu alguma vez assobiar tão descaramento?

— Contudo é pena, suspira o terno coração do gato devoto; não é um ser vivo, uma alma preciosa, uma centelha lá de cima!

Lágrimas molharam os olhos do piedoso gato:

— Ê tôda a desgraça vem de que êste corpo impio é tão bonito, tão atraído para os gozos terrestres e que o Espirito de Tentação tem tanto poder sobre êle.

Como um passarinho tão meigo poderia resistir a êste temível Espirito de Tentação! Ê quanto mais isto vive, tanto mais isto comete pecados e tanto maior será o castigo...

Ah! exclamou êle.

representativo, o Grande Sacerdote purificava-se por uma nova ablução, tirava os seus vestidos de linho, cobria-se com as suas vestes pontificais e voltava ao altar para continuar o seu serviço. Esta purificação, estas vestes mudadas significava que depois da destruição do pecado, o perdão do Senhor faz do culpado um novo homem. O povo, liberto das suas iniqui-

dades, obtinha a graça de Deus e tornava-se puro. Profundamente penetrado pela majestade do espectáculo que se lhe oferecia durante êste dia solene, êle experimentava infalivelmente o sentimento de arrependimento que o culto público de Kipur tinha por fim de excitar nêle e assim reconciliar-se com o Eterno.

(Continua).

E um fogo sagrado inflama o gato. Ele saltou sobre a mesa onde estava a gaiola com o pássaro, e Penas voaram pela sala.

*

Encheram-no de pancadas. Mas o gato aceitou-as com humildade. E depois de ter gemido piedosamente, ele se pôs a miar uma lamentosa *mea culpa*

O gato não cometerá mais esta falta.

O gato razoável compreendeu porque foi batido. Doravante ele não merecera mais pancadas.

— Bateram-me, raciocinou ele, porque espalhei penas pela sala; porque ficaram nódoas de sangue na toalha branca e finalmente bordada... Quando se executa uma semelhante sentença, é preciso fazê-lo com bondade, com doçura e piedade; é preciso não deixar voar penas, não deixar cair gotas de sangue...

Também quando trouxeram um segundo pássaro cantor para casa, ele matou-o desta vez docemente, delicadamente e engoliu corpo e penas.

*

Chicotearam o gato.

Esta vez ele compreendeu finalmente que se não tratava de penas, nem de nódoas de sangue deixadas sobre a toalha.

O segredo procurado era: não era permitido matar! É preciso pelo contrário amar, perdoar. Não é o castigo pelos suplicios que se tornará melhor o mundo corrompido pelo pecado!

E preciso reconduzir ao bem, prègar a moral, falar ao coração!

Um canário penitente pode alcançar um tão-alto lugar no céu que o gato piedoso ficará muito abaixo d'ele!

E o gato sentiu o seu coração encher-se de alegria. Fim do velho tempo duro e mau. Terminadas as efusões de sangue!

Piedade, piedade e sempre piedade!

*

E foi cheio de piedade que ele se aproximou do terceiro canário.

— Não te assustes, disse com a mais doce voz que jamais saiu de garganta de gato. Tu estás carregado de pecados, mas eu não te farei mal, porque tenho piedade de ti!

Eu não abrirei a gaiola, nem sequer te tocaréi!

Tu calas-te? Muito bem! Antes que cantar atrevidamente, vale mais calar-se. Tu tremes? Tanto melhor! Treme, meu filho, mas não por minha causa.

Queira Deus que tu fiques assim, sempre meigo, puro e tímido!...

Eu te ajudarei a tremer. Da minha alma piedosa eu soprarei sobre ti calma, meiguice e piedade... Que com o meu halito penetre no teu corpo a fé, o temor divino nos teus ossinhos, o remorso e o arrependimento no teu coraçãozinho!

Não foi senão agora que o gato vê como é doce perdoar, que alegria é fazer penetrar em outrem o sôpro de piedade e virtude...

E o coração piedoso do mais piedoso dos gatos brancos incha de contentamento.

Mas o canário não pode respirar nesta atmosfera do gato.

.....
Isto o abafou!

Os vícios e o castigo

(FÁBULA)

Os vícios resolveram um dia percorrer a terra.

A ruína e a desolação caminhavam sobre as suas pègadas.

Por todos os lugares por onde eles atravessavam, a erva secava; as árvores das florestas despojavam-se da sua verde folhagem; os campos tornavam-se incultos; as estradas enchiam-se de serpentes e nós ares volitavam os sombrios morcegos.

Eles correram muito tempo sem olharem para trás. Contudo, um dia eles voltaram-se e viram que alguém os seguia a passo lento e tranqüilo.

— Quem és tu? — lhe perguntaram eles.

— Eu sou o Castigo — lhes respondeu aquêle que caminhava atrás deles.

— Deixa de vir atrás de nós. Tu não nos poderás alcançar.

Mas o Castigo respondeu-lhes:

— Eu chegarei talvez um pouco tarde, mas sempre chegarei.

ISAAC LEVI, Grand Rabbi.

Para se fazer uma algemia luso-hebraica

O Conselho Escolar do Instituto Teológico Israelita do Pôrto resolveu fixar as regras para se escrever o português com caracteres hebraicos, atendendo à maneira como os antigos judeus portugueses escreviam, conservando a tradição, mas introduzindo algumas pequenas alterações de modo a facilitar a leitura dessa escrita. Resolveu pois que:

- A — seja representada por Aleph; no final das palavras por Hé.
 B — seja representada por Beth.
 C — com o valor de q por um Qoph e com o valor de ç por um Samekh.
 D — por Daleth.
 E — por um Yod com um ponto ou acento agudo por cima da letra.
 F — por um Pé com um ponto ou acento por cima da letra.
 G — com o valor de j emprega-se o Ghimel com um ponto ou acento por cima da letra; com o valor de gue escreve-se o Ghimel sem alteração alguma.
 H — por Hé
 I — por um Yod.
 J — por um Ghimel com um ponto ou acento por cima da letra.
 K — por um Qoph.
 L — por um Lamed.
 M — por um Mem.
 N — por um Nun.
 O — por um Vav com um ponto ou um acento por cima da letra.
 P — por um Pé.
 Q — por um Qoph.
 R — por um Resh.
 S — por um Samekh; quando tiver o valor de Z por um Zain.
 T — por um Teth ou por um Tav.
 U — por um Vav.
 V — por um Beth com um ponto ou acento por cima da letra.
 X — por um Shim.
 Y — por um Yod.
 Z — por um Zain.

O som lh português será representado por Lamed yod e o nh por Nun Yod.

O til português será representado por

NA LIVRE AMÉRICA

Mensagens do Ano-Novo

Mais vale tarde do que nunca, diz um provérbio popular português. Há poucas semanas, devido atraso de correspondência motivado pela guerra, nos chegou às mãos um exemplar do jornal judeu de Nova-Iorque *Forward*, de domingo, 6 de Setembro de 1942, onde acompanhadas dos respectivos retratos vêm as mensagens que o Ex.^{mo} Presidente dos Estados Unidos e dos Ex.^{mos} Ministros da Marinha e do Interior dirigiram ao povo judeu por ocasião do começo do ano hebraico de 5703. Transcrevemos as respectivas mensagens:

Do Presidente dos Estados Unidos
 Sr. Franklin Delano Roosevelt;

« Por ocasião do Novo-Ano judaico, eu dirijo ao povo judaico da América as minhas cordiais saudações. O trágico momento que tem temporariamente deixado muitos povos do mundo sofrendo debaixo da áspera dominação de ditadores estrangeiros, tem incitado a América para a luta e tem fortalecido a nossa resolução que não será transigida no combate contra o ódio, a intolerância e o fanatismo. »

Do Ministro da Marinha dos Estados Unidos
 Sr. Frank Knox:

« Eu dirijo aos judeus da América por ocasião de Rosh-Hashanah, o Novo-Ano

um traço horizontal por cima da vogal que afecta.

Segundo o uso tradicional de *ladino* a conjunção copulativa e será representada por Aleph Yod, e ainda segundo o mesmo uso todas as palavras que na algemia luso-hebraica comecem por um Yod, esta letra será precedida de um Aleph.

Nota — Julga-se que este uso será devido ao respeito pelo Yod que é a primeira letra do tetragrama sagrado (Nome de Adonai).

judaico, os meus melhores desejos. Nesta grande guerra para as liberdades e independência de muitas raças, incluindo os judeus da Europa ocupada, os judeus da América tem correspondido nobremente para o excessivo esforço para derrotar decisivamente os brutais opressores da humanidade. Será por trabalho, sangue e riquezas que todos os grupos raciais e religiosos do nosso querido país conseguirão a vitória final.»

Do Ministro do Interior dos Estados Unidos
Sr. Harold L. Ickes:

«Este é um ano particularmente auspicioso no qual para mandar uma mensagem de cumprimentos aos judeus na ocasião do Ano-Novo judaico.

Os judeus foram as primeiras vítimas de Hitler, e por isso os mais antecipados combatentes contra o nazismo. Eles têm também sido os mais brutalmente tratados de todas as vítimas de Hitler, e por isso os seus máis severo adversários.

Pode a nossa comum vitória trazer a realização dos sonhos de justiça e liberdade dos velhos profetas não somente para os judeus mas para toda a humanidade.

VIDA COMUNAL

Festividades de Tishri—Na Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm, à Rua Guerra Junqueiro n.º 340, se realizaram as festividades de Rosh Ha-Shanah (Ano-Novo), Yom Kipur (Dia da Expição) e Sukoth (Cabanas). Tomaram parte nas solenidades os Srs. Menasseh Bendob, S. Womser, S. Finkelstein e Samuel Rodrigues.

Na assistência viam-se israelitas polacos, alemães e portugueses. Da província vieram vários israelitas professos e maranos assistir às cerimónias.

Membro benemérito—O Mahamad na sua sessão de 1 de Tamuz de 5703 (4 de Julho de 1943) resolveu que fosse aclamado membro benemérito desta Comunidade o Sr. Menasseh Bendob, um dos seus fundadores, por ter durante os vinte anos da existência dela, dedicado o seu esforço, boa vontade e fé inabalável ao desenvolvimento da liturgia, instrução e assistência israelita na cidade do Porto, animado sempre dum espírito construtivo tanto nas obras espirituais como nas morais.

CONSULTÓRIO

III

Do Sr. Doutor A. Saavedra, distinto clinico, recebemos as seguintes perguntas:

1.ª—Qual a tradução mais literal possível do versículo 16 do capítulo I do Êxodo?

R.—E disse (o Faraó, dirigindo-se às parteiras do reino): quando assistirdes às mulheres hebreias e as virdes sobre as pedras (dual), se (fôr) filho, o matarás, se filha, ela viverá.

2.ª—Nesse versículo há alguma palavra que possa indicar qualquer espécie de cadeira de parto?

R.—Há. A palavra *obernaïm* (significa um par de pedras) foi sempre interpretada, por conscienciosos hebraístas, como cadeira de parto.

Para comprovar o que afirmamos citamos os seguintes dicionários; *Dictionnaire Hébreu-Français*, por M. N. Ph. Sander, professeur et M. I. Trenel, Directeur de l'Ecole Central Rabbinique. — Paris. Esta obra foi-nos em tempos idos recomendada pelo Dr. Nahum Schlouceh, professor de Hebreu na Sorbone e ali sucessor de Ernest Renan.

Lexicon Hebraicum et Chaldaicum in libros veteris Testamenti ordine etymologico, por E. F. Leopold-Lipsiae, Sumptibus succ. Ottonis Holze — 1896.

O primeir dicionário dedicado traduz *obernaïm* por *Siege sur lequel les femmes etaient assises au moment de l'enfantement*; o segundo traduz por *sella parturientium*.

3.ª—Houve uma pessoa estrangeira que reside em Lisboa, que traduziu *obernaïm* por atributos de sexualidade masculina, pode aceitar-se como boa tal tradução?

R.—Não. Há certos judeus que usam fazer do texto biblico interpretações fantásticas, numa forma semelhante a que usavam os escolásticos cristãos da Idade-Média nas suas discussões casuísticas. O Pentateuco usa uma linguagem muito clara e precisa sem empregar eufemismos, exemplo no Levítico; cap. 21, vers. 20, falá de descendentes de Aarão que não poderãb fazer ofertas ao Senhor... *aquêl que tiver testiculo esmagado*, e o texto emprega a palavra *Eshekh* (Aleph, Shïm, Khaph) que significa testiculo.

1923-1943

Nome Litúrgico da Comunidade

Em 1935 foi escolhido pelos Senhores do Mahamad o seguinte nome litúrgico para a nossa Comunidade:

Kahal Kadosh Mekor H'aïm (Sagrada Congregação Fonte Vital).

Primeira sessão do Mahamad

Realizou-se no dia 4 de Agosto de 1923.

Secções da Comunidade

A 15 de Janeiro de 1924 (9 de Shebat de 5684) foi aprovada em sessão do Mahamad a criação de 5 secções:

- 1.^a — Emunah Israely (Culto Israelita).
- 2.^a — Limud Israely (Instrução Israelita).
- 3.^a — H'assuth Ha-Poalim (Patronato dos Trabalhadores).
- 4.^a — Maghen Adom (Signo Vermelho).
- 5.^a — H'ebrach Kadishah (Repouso Eterno).

Grupo Sionista Judah Ha-Levy

Na Assembleia Geral de 5 Elul de 5693 (27 de Agosto) foi criado este grupo.

O primeiro casamento

O primeiro casamento realizada nesta Comunidade foi em Agosto de 1925 (Ab de 5685) celebrando-se a cerimónia na Escola Eben-Mussad sendo o noivo o Sr. Menasseh Bendob.

O primeiro Herem

Na Assembléia Geral da Comunidade de 22 de Tebet de 5698 (26 de Dezembro de 1937) foi lançado o primeiro Herem (Ex-comunhão). Os seus corpos passeiam ainda entre os homens mas as suas almas morreram.

Periódico Israelita

O Mahamad na sua sessão de 24 de Março de 1927 (20 de Veadar de 5687) resolveu a criação dum periodico israelita. Pouco tempo depois apareceu o *Ha-Lapid*.

Biblioteca

Foi criada pelo Mahamad a 27 de Abril de 1926 (13 de Yiaz de 5686) e mais tarde incorporada na *Biblioteca Rabi Dr. David Sola Pool*, criada pelo Instituto Teológico Israelita, sob cuja direcção ficou.

Escolas

Beth Ha-Sepher Eben-Mussad (Escola Elementar Israelita Pedra Fundamental) foi criada pelo Mahamad na sua sessão de 19 de Fevereiro de 1925, (26 de Shebat de 5685) e foi inaugurada pouco tempo depois por uma conferência popular feita pelo Capitão Barros Basto na Rua do Bonjardim n.º 434.

Yeshibah Rosh-Pinah (Instituto Teológico Israelita Pedra Angular) foi criada pelo Mahamad na sua sessão de 6 de Junho de 1929 (18 de Sivan de 5689) e principiou a funcionar a 4 de Dezembro de 1929, na Rua 5 de Outubro n.º 99 com cinco alunos internos (três trasmontanos e dois beirões).

Em fins de Setembro de 1930 ficou instalado na Rua Guerra Junqueiro n.º 340 (Edifício da Sinagoga).

A Assembleia Geral da Comunidade na sua sessão de 25 de Agosto de 1931 concedeu autonomia a este Instituto desde Outubro de 1930.

O Mahamad na sua sessão de 4 de Agosto de 1940 criou as seguintes escolas profissionais:

Beth Ha-Sepher Esheth H'aïl (Escola de Educação e Trabalho Doméstico Mulher Virtuosa) e **Beth Ha-Sepher Derekh H'aïm** (Escola Profissional Israelita Caminho de Vida).

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — Pôrto

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

Isac Aboab — Comentador bíblico espanhol nasceu em Toledo em 1433 morreu no Pôrto em Janeiro de 1493. Era o discípulo e sucessor de Isac Campanton, e era cognominado «o último Gaon de Castela». Depois que Fernando e Isabel decretaram a expulsão dos judeus em 1492, êle com 30 outros dos mais respeitáveis judeus da terra chegaram a Lisboa com ordens de negociar com o Rei D. João II de Portugal

RABI ISAC ABOAB

para a recepção dos seus correligionários banidos. Êle e os seus companheiros foram habitar em condições favoráveis no Pôrto. Morreu poucos meses depois da expulsão. O seu discípulo, o cronista e matemático Rabi Abraam Zacuto dirigiu o seu funeral. Muitos dos discípulos de Aboab atingiram grandes distinções. Das suas obras têm aparecido impressas: «Nehar Pishon», uma colecção de sermões, «Constantinopla», 1538; etc.

Os judeus sob o domínio dos Ptolomeus

(301-203 ANTES DA ERA VULGAR)

1—A Judeia passa para o domínio dos Ptolomeus.—Depois da morte de Alexandre Magno (323 antes da Era vulgar), os seus generais dividiram entre si as províncias do seu vasto império, a Judeia coube em sorte a Laomedon, governador da Síria (320 antes da Era vulgar); mas Ptolomeu, filho de Lagos, que tinha tido o Egipto em partilhas, apoderou-se poucos anos depois (301) da Palestina. Este novo senhor, assim como os seus sucessores, testemunharam benevolência aos judeus. A Judeia foi governada como no passado por um grande sacerdote, e o livre exercício da sua religião foi garantido aos seus habitantes.

2—Sanhedrin.—Foi nesta época que «A grande Sinagoga» foi transformada num tribunal supremo denominado Synedrion ou Sanhedrin, sendo composto de 71 membros. Esta assembléa occupava-se sobretudo da jurisdição, do estudo da Lei e da sua applicação prática; ella tinha a sua sede numa sala do Templo, denominada «Sala das Lages». O Sanhedrin era presidido pelos Doutores da Lei mais eminentes e mais piedosos. O seu chefe usava o título de Nassy (Patriarca); o seu immediato era o Ab-Beth-Din ou chefe do tribunal. Estes homens piedosos dirigiram durante vários séculos os destinos do povo.

3—Muitos judeus fixam-se em Alexandria.—A brandura com a qual os Ptolomeus trataram os judeus entusiasmaram muitos dentre elles a se estabelecerem no próprio Egipto. Foi sobretudo em Alexandria que vieram fixar-se. Esta cidade, fundada em honra de Alexandre Magno, era nesta época um centro intelectual e commercial. Os judeus ali chegaram a altas situações. Elles occuparam postos elevados na administração, no exército e no commercio. Elles se distinguiram também nas artes e officios e assim contribuíram para a prosperidade da cidade. Apesar de afastados da sua pátria e do seu centro

religioso, elles ficaram fielmente ligados à doutrina judaica. A Sinagoga de Alexandria era célebre pelas suas dimensões e pela sua beleza. Ella era tão vasta que um homem se mantinha ao lado do Hazan, com uma bandeira na mão, para dar sinal de cada vez que tinha chegado o momento para os fiéis dizerem «Amen». Nesta Sinagoga cada grupo de officios tinha o seu lugar marcado, de modo que os estranhos que vinham ali orar encontravam facilmente os seus colegas.

4—A Bíblia é traduzida em língua grega.—Ptolomeu II Filadelfo, filho e sucessor de Ptolomeu I, não foi menos favorável aos judeus que seu pai. Este monarca, diz-se, mandou pedir ao Grande Sacerdote Eleazar, a Jerusalém, uma cópia dos livros sagrados, para a collocar na grande biblioteca, fundada por seu pai em Alexandria; elle lhe pediu ao mesmo tempo de lhe enviar homens sábios, capazes de fazer a sua tradução. Eleazar escolheu setenta-e-dois homens notáveis pela sua ciência religiosa e os enviou a Alexandria, onde elles fizeram a famosa tradução grega, a *Versão dos Setenta*. Foi esta a primeira tradução da Bíblia em linguagem vulgar.

5—Influência da Bíblia sobre os pagãos.—A Bíblia assim traduzida exerceu uma poderosa influencia sobre os pagãos, entre as quais a idéa dum Deus único começou a tomar raizes. O homem, que, entre os seus escritos, mais contribuiu a fazer conhecer as idéas do judaísmo entre os pagãos, foi um judeu alexandrino, chamado Philon. (20 antes da Era vulgar—54 da Era vulgar), que foi um grande admirador e um defensor zeloso da sua religião.

6—Perigo da cultura grega para os judeus. Josué Ben-Sirah.—Mas os judeus tomando contacto com a língua e a cultura grega, soffrendo pouco a pouco, por sua vez, a influencia do meio pagão, perigo

real para muitos dentre êles. A civilização requintada dos gregos, seduzia facilmente os espíritos leves e relaxavam a sua moral e a sua crença. Do Egipto êste novo espírito irradiou até à Judeia e ali exerceu os seus estragos. Contra esta influência perniciososa se levantou sobretudo Josué Ben-sirah (o seu livro escrito em hebreu, não nos chegou completo senão numa tradução grega. Fragmentos hebraicos foram encontrados àcerca de cinqüenta anos. Êle é contado entre os livros chamados: apócrifos, isto é, excluídos da Bíblia) que em máximas, exortou os seus contemporâneos à fidelidade para com Deus e sua lei. Citemos algumas delas:

1) — Desgraça para os ímpios.

(Capítulo XLI, 8-9).

« Desgraça para vós, ímpios, que tenham abandonado a Lei do Altíssimo!

Se vós multiplicais, é para a ruína.

Se vós caís, é para a alegria do povo.

Se vós morreis, é para ter como partilha a maldição. »

2) — Instrução sobre a vergonha.

(Tirada dos capítulos XLI e XLII).

« Filhos escutai a instrução sobre a vergonha:

Tende vergonha diante dum pai ou duma mãe, do deboche, diante dum companheiro, ou dum amigo, da perfidia;

tende vergonha de violar um pacto ou um juramento,

de recusar o donativo que vos pedem, mas não tendes vergonha de praticar a Lei e a Aliança do Altíssimo.

Assim vós sereis homens verdadeiramente ajuizados e estimados por tôda a gente. »

3) — Deus protege os que o respeitam.

« Os que respeitam o Senhor viverão, porque êles puzeram as suas esperanças naquêle que os salva.

Aquêle que teme o Senhor não tem outro temor,

êle não conhece o mêdo, porque Deus é a sua esperança!

Feliz o que teme o Senhor!

Os judeus sob a dominação siríaca

(203-140 ANTES DA ERA VULGAR)

1 — Os judeus nos reinados de Antfoco — o grande e Seleuco. — Durante mais de um século os judeus tinham vivido felizmente sob o domínio dos Ptolomeus. Mas a rivalidade entre os reis da Síria e do Egipto não tinham cessado. Antfoco III, o grande arrebatou a Palestina aos Ptolomeus de maneira que os judeus passaram para o domínio dos siríacos. Antfoco, o grande assim como o seu sucessor Seleuco, trataram os judeus com bastante benevolência, deram até ricos presentes ao Templo de Jerusalém e não se meteram nos assuntos internos da Judeia.

2 — Helenistas e Hassidim. — Em breve por causa de alguns judeus infieis grandes desventuras vieram atingir o povo. Depois que as ricas famílias judias tomaram contacto com os gregos e tinham aprendido a

conhecer o seu culto imoral, muitos dêles desprezavam os costumes judeus. Os chefes dêste partido helenista, que simpatizavam com os gregos e os seus costumes, eram Josué, que tinha mudado o seu nome para Jason; Simeão, vigilante do Templo e Menelau, irmão de Simeão. Êstes amigos da civilização grega procuram atrair o povo para as suas idéias. Mas a grande maioria dos judeus, tendo à sua frente o piedoso e virtuoso Grande Sacerdote Onias, irmão do ímpio Josué, opuzeram-se a êstas inovações, e os Hassidim (os piedosos) esforçaram-se por manter intacta a herança dos seus antepassados.

3 — Os judeus no reinado de Antfoco Epifânio — Jason apodera-se do pontificado. — A situação mudou completamente em favor do partido helenista logo que

Antfoco IV Epifânio (o brilhante) sucedeu a seu irmão Seleuco. Era um homem tirânico e cruel; assim nada de espantoso que os seus contemporâneos lhe chamassem *Epimânio* (raivoso). Jason foi procurá-lo e prometeu-lhe uma grande quantia se êle consentia nomeá-lo Grande Sacerdote. Antfoco Epifânio acedeu ao seu desejo. O piedoso Onias foi exonerado das suas funções e o helenista Jason apoderou-se do pontificado. Jason abusou do seu poder para favorecer o seu projecto favorito e introduziu em Jerusalém muitos usos pagãos. Em frente do Templo, edificado em honra de Deus Único, êle fez construir um ginásio, onde a juventude judia se exercitava nos jogos olímpicos, segundo o uso grego. Êle exortava até os padres a praticarem aquêles exercícios, tão pouco compatíveis com a religião judia. A juventude não foi mais instruída na THORAH, mas na ciência dos gregos.

4 — Jason é-suplantado por Menelau, que chama em seu auxílio Antfoco Epifânio. — Mas Jason não gozou por muito tempo do seu poder. Êle foi suplantado por sua vez por Menelau, que tinha ainda menos escrúpulos do que êle. Menelau mandou vender um grande número de vasos de ouro do Templo e, com o dinheiro que dêles obteve, conseguiu fazer-se nomear Grande Sacerdote, êle nem mesmo era da família de Arão. O virtuoso Onias censurou-lhe êstes sacrilégios, e êle o mandou traiçoeiramente assassinar. Mas em Jerusalém, não queriam nem Menelau como Grande Sacerdote, nem costumes pagãos introduzidos por Jason; e quando um dia se espalhou a falsa notícia que Antfoco protector de Menelau, morrera no Egipto, uma revolta rebentou na cidade e Menelau foi expulso. Êste chamou em seu auxílio o rei da Síria.

5 — Antfoco Epifânio entra em Jerusalém e decreta uma perseguição religiosa. — Antfoco querendo-se aproveitar das lutas intestinas da Judeia para submeter inteiramente o povo judeu e para lhe impôr a religião pagã, vem à Judeia com um forte exército, queimou uma parte da cidade de Jerusalém e massacrou 40.000 habitantes; depois êle penetrou no Templo que saqueou, levando todos os utensílios

sagrados, o candeiro de ouro, a mesa dos pães da proposição e o altar dos perfumes. Êle ainda fez mais: para destruir completamente o culto, êle proibiu sob pena de morte aos judeus o exercício de tôda a prática religiosa. Os livros da Lei foram entregues às chamas. O Templo de Deus foi consagrado a Júpiter Olímpico, e um padre grego veio oferecer sôbre o altar dos holocaustos uma porca (17 de Tamuz, 167 antes da Era vulgar).

Em todo o país os judeus foram obrigados a assistir aos sacrificios idólatras, comer carne de animais imundos e tomar parte nas procissões pagãs. Todos os que recusavam participar nestas cerimónias eram punidos com a morte. Os mais fracos abandonaram Deus e tornaram-se pagãos. Outros fugiram para as montanhas e para o deserto, habitaram cavernas e alimentaram-se de raízes.

Mas um grande número glorificaram o nome de Deus públicamente e sofreram o martírio antes que tornarem-se infiéis à Thorah.



Os mártires

1 — Martírio do velho Eleazar. — Uma das mais célebres vítimas de Antfoco foi Eleazar, velho de 90 anos, que recusou corajosamente de comer carne de porco. Os funcionários do rei, que tinham piedade dêle, lhe suplicaram de deixar-lhe trazer secretamente carne permitida, e de deixar fazer acreditar que êle comia carne de porco, e de salvar a sua vida com êste fingimento. Mas o velho lhes respondeu: Um tal fingimento não convém à minha idade. A Deus não agrada que eu dê aos homens mais novos que eu um exemplo tão funesto! Por alguns dias, que me restam a viver, eu não cobrirei de vergonha a minha velhice e, para escapar ao suplício dos homens, eu não me exporei a cair sob a mão do Todo-poderoso.*

Levaram-no imediatamente ao suplício e êle morreu, cheio de coragem, mártir da sua fé.

2—**Martírio de Hannah e dos seus sete filhos.**—O exemplo de Eleazar foi imitado por uma mãe, que se chamava Hannah, e pelos seus filhos. Levaram-na perante Antíoco, que quis constrangê-la a prostrar-se perante os ídolos, mas o mais velho dos irmãos lhe diz:—*Nós estamos prontos a morrer, antes que transgredir a lei de Deus.* O rei furioso mandou-lhe cortar a língua e lançá-lo numa caldeira de azeite a ferver.

Então o carrasco apoderou-se do segundo filho. Este disse ao rei:—*Tu nos arrancas a vida presente, mas Deus nos dará a vida eterna.*

Assim morreram todos os irmãos, um após outro, com a mesma valentia, sustentados pelas exortações de sua mãe.

Quando chegou a vez do mais novo, Antíoco prometeu-lhe cobri-lo de riquezas se êle quisesse abandonar a sua religião. Como o rapazito não se deixava abalar, o rei dirigiu-se a sua mãe, para que ella convencesse a salvar a sua vida. Mas esta mãe heróica disse ao seu filho:—*Meu filho, não receies êste carrasco! sofre a morte e eu que tornarei a encontrar com os teus irmãos na vida eterna!* O mais novo foi pois morto ainda com mais crueldade que seus irmãos. Finalmente o tirano mandou matar a mãe, que com uma coragem sobre-humana tinha assistido à morte dos seus filhos, antes do que terem renegado a lei divina.

à cidade, encarregado de constringer os judeus à apostasia. Matatias, tendo recebido ordem de sacrificar aos ídolos, respondeu:—*Quando todo o universo se conformar à ordem do rei, meus filhos e eu ficaremos fiéis a Deus até ao nosso último suspiro.*

Enquanto êle falava, um judeu avançou para o altar para sacrificar aos ídolos. À vista disto, Matatias indignado lançou-se sobre o infiel e matou imediatamente. Êle apunhalou também o enviado de Antíoco e destruiu o altar. Depois percorreu a cidade gritando:—*Que todos que zelosos pela Lei me sigam!* Êle retirou-se com os seus filhos para as montanhas, para onde o seguiram daí a pouco grande número de judeus fiéis, prontos a sacrificarem a sua vida pela sua religião.

Matatias formou com êles um pequeno exército e percorreu com êle a Judeia, derubando os ídolos e restabelecendo as sinagogas.

2—**Matatias faz as suas últimas recomendações e morre.**—Matatias era já velho. Sentindo que ia morrer, reuniu os seus filhos e disse-lhes:—*Meus filhos, tende zelo pela Lei e dai o vosso sangue pela Aliança de vossos pais. Os que põem a sua esperança em Deus não perecerão. Simeão vosso irmão é prudente: que êle seja doravante vosso conselheiro. Judah, vosso irmão, é valente; êle será vosso chefe. Combatei pelo vosso povo.*

Em seguida o piedoso velho abençoou os seus filhos e morreu.

A Revolta dos Hasmoneus

(167 ANTES DA ERA VULGAR)

1—**Zêlo do sacerdote Matatias pela sua religião.**—Contudo o Senhor não abandonou o seu povo. Havia em Modim, pequena cidade próximo de Jerusalém, um sacerdote da família dos Hasmoneus, chamado Matatias, com os seus cinco filhos João, Simeão, Judah, Eleazar e Jonathan. Um dia um enviado do rei Antíoco chegou

KIPUR

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 119)

111

Quando o santuário de Jerusalém foi destruído, e que a sua ruína suspendeu o exercício do culto público ordenado pela

lei, os doutores que tinham sucedido aos profetas tiveram que pensar em estabelecer cerimônias novas, que recordassem as antigas e que podessem inspirar aos israelitas os mesmos pensamentos de arrependimento, de contrição e de temor de Deus. O jejum foi necessariamente conservado em todo o seu rigor; além da dor que êle infringe ao homem, êle torna-se uma oferenda pessoal que cada um trás a Deus. Muitas vezes nós temos dado ao nosso corpo satisfações supérfluas; nós podemos bem durante um dia lhe recusar o necessário. Mas o sacrificio não pode ser mantido, e como êles servem a marcar outrora as diversas fases do dia solene, foi preciso substituí-los por várias orações dum carácter muito especial.

O outrora o culto feria os olhos e o espírito; hoje a pompa religiosa desapareceu, mas o espírito e o coração são profundamente tocados por sublimes meditações.

Os poetas judeus da Idade-Média, dignos e inteligentes discípulos dos doutores dos primeiros tempos, elevam para Deus a alma dos fiéis por cantos religiosos, que lembram os esplendores do culto antigo, mas que sobretudo fazem pensar ao nada do homem e nas suas faltas à misericórdia e à grandeza de Deus.

A véspera de Kipur, o israelita prepara-se seriamente para a grande expiação do dia seguinte. Não só êle purifica o corpo com uma ablução, que é o símbolo da purificação da sua alma, mas êle deve santificar-se por benefícios espalhados à volta dêle. A penitência, segundo o judaísmo, é inseparável da caridade. Pelo meio do dia os fiéis se juntam, e cada um se entrega a um primeiro exame de consciência. Todos são avisados que êles se devem apresentar à noite perante Deus, libertos de todos os compromissos para com os seus irmãos. O perdão do Senhor não pode vir senão depois do próximo ofendido. Quando o sol desapareceu no horizonte, a hora santa da expiação soou. Uma oração emocionante sai de tôdas as bocas; nós pedimos a Deus "que tantas vezes atendia os patriarcas, os profetas e os justos de todos os séculos, de se dignar ouvir as novas vozes que o imploram."

O livro sagrado da lei de nossos pais é então solenemente trazido à presença da assembléia; e a voz do pontífice, ao meio

do recolhimento e da emoção, nos anuncia que Deus nos considera quites de todos os compromissos contratados com êle, se, a mão sôbre a nossa consciência, nos não podemos executá-los. Mas se os nossos votos para com Deus são declarados nulos, todos os nossos juramentos para com os nossos irmãos em particular e para com a sociedade em geral devem ser rigorosamente mantidos, quando não formos relevados por aquêles mesmos a quem nós os prestamos. "Senhor, dizia David, quem poderá subir a tua santa montanha? São os que caminham na integridade e na justiça... aquêle que mantém, mesmo contra o seu interêsse, as promessas que fez." (Salmo XV).

Neste augusto instante melhor que em qualquer outra ocasião, uma restrição mental seria desonesta culpada e ímpia. A verdadeira piedade não poderia nunca dar a mão à má fé. Logo começa a oração da noite; ninguém é esquecido, nem os chefes religiosos que são mortos, nem os ausentes, nem os viajantes, nem as vítimas da perseguição. Em Israel, não se dirigem ao Céu súplicas egoístas, êste povo de irmãos, em virtude da sublime solidariedade que faz dêle uma fôrça moral indomável, pede sempre por todos, quer êles peçam assistência, quer êles implorem perdão.

Quando a oração é terminada, a noite já cobriu a terra com os seus véus. O repouso nos é permitido. Mas antes que o sono feche as nossas pálpebras, os cantos sagrados do rei profeta nos convida uma vez mais a meditações santas; e uma sublime poesia, obra admirável dum profundo pensador judeu, eleva a nossa alma até aos pés do troho celeste. (Ben-Gabirol, que vivia em 1040, autor de Kether Malkhuth; celebra Deus que criou o mundo, nos ensina os atributos divinos e nos faz assistir ao esplêndido espectáculo do seu poder "achando o nada por dêle fazer sair o universo". A religião e a ciência são as duas asas de que o poeta se serve para voar na imensidade do infinito. Êle nos arrebatou, no seu impetuoso esforço, dum planeta a outro, explicando as leis, medindo a forma e a órbita, segundo os dados científicos do seu tempo. O audacioso poeta, levado pela sua imaginação fogosa, ultrapassa as mais altas esferas, e não para senão no limiar secreto da divina Magestade.

Retido pelo seu respeito por Deus «que a inteligência mais vasta não pode conhecer senão imperfeitamente», o poeta hebreu regressa às criaturas. Ele descreve os seres misteriosos encarregados de cumprir as vontades celestes, o local onde as almas encontram o seu castigo e encontram os gozos eternos em remuneração da sua conduta sobre a terra. Finalmente este canto magnífico termina por uma confissão comovida das misérias e dos vícios da humanidade, admiração profunda da grandeza de Deus, consciência da fraqueza humana, vivo reconhecimento pelos benefícios do Criador, necessidade imperiosa de arrependimento e de perdão, tais são os sentimentos que inspiram a Kether Malkhuth e lhe deram um lugar nas nossas orações de Kipur.

IV

O officio da manhã nos reconduz a semelhantes pensamentos, mas a idéia da vaidade das coisas terrenas é expressa com mais força e renova-se freqüentemente. *Possuir a graça divina num só momento e morrer depois!*

Tal é o grito de paixão religiosa posta por um dos nossos grandes poetas hebreus, Judah Ha-Levi! (Ele vivia em 1120). O homem, estrangeiro sobre a terra, nada tem que esperar senão de Deus. Ele não é mais que nada, poeira e corrupção; os seus pecados são demasiados numerosos para serem contados. Se Deus o passa no cadinho da sua justiça, nada restará d'ele. Mas Deus tem piedade d'ele, que volta para Ele. O tribunal celeste, bem diferente da justiça dos homens, em lugar de infligir uma condenação, só tem misericórdias a conceder àquêle que confessa as suas faltas. É preciso pois arrepender-se; é preciso consagrar-se ao jejum, à dor; mas é preciso sobretudo bem fazer. «O verdadeiro jejum que agrada a Deus, não é, diz o próprio profeta Isaias, não é de curvar devotadamente a cabeça, de se cobrir de cinzas: é de romper tôda a união com a iniquidade, de pôr em liberdade os que são oprimidos, de partilhar o seu pão com os que estão esfomeados, e os seus vestidos com os que estão nus.»

É à luz destes altos pensamentos morais do profeta que nos devemos alumiar para

compreender as nossas orações adicionais de Mussaf. Aqui tudo é cheio do passado; todo o cerimonial antigo regressa à vida nas recordações de israelita. Os nossos doutores quizeram apresentar aos nossos olhos o grande pontífice de Jerusalém procedendo à celebração dos ritos expiatórios.

Nós o seguimos no santuário; nós o vemos purificar-se, oferecer o incenso e os sacrificios. Parece-nos ouvir a sua voz pronunciando as fórmulas santas, e nós mesmos as proclamamos a face contra a terra, como outrora os nossos pais no recinto do templo: «Bendito seja para sempre o nome glorioso do Senhor.»

Estas magestosas cerimónias, que foram objecto de tantos desgostos, e das quais os nossos poetas amargamente choraram a interrupção, tinham, nós o vimos, um sentido profundo. Elas reconciliavam o povo com o seu Deus e consigo próprio pelo arrependimento que elas excitavam. O officio de Mussaf parece ter por fim especial de mostrar que a oração, com a penitência, substitui perante Deus os sacrificios antigos, e que, feito em comum por uma família de irmãos, se encoraja pelo exemplo, ela tem mais poder para reconduzir ao fim, mais eficácia para obter o perdão.

Também a oração do meio do dia (Minhah) é ela a expressão das mais largas idéias de clemência e de misericórdia. Depois de ter pedido por todos os seres amados que perdemos, e sermos penetrados d'este pensamento, que a morte nos espera um dia a todos sem excepção, retomamos confiança em nós, convencendo-nos que a bondade divina nos espera todos também com a mesma certeza que a morte. Nenhuma destas criaturas não é privada dela. Tôdas, desde a mais ínfima até a mais inteligente, são, da parte de Deus objecto dum imenso amor.

Todos os homens, quaisquer que sejam crenças e o seu culto, são os filhos do Senhor. Um profeta de Israel esqueceu-se ao ponto de desconhecer esta grande lei de perdão e de misericórdia.

Jonás não quis tornar-se o glorioso instrumento da clemência divina junto duma nação pagã. Também Deus, por uma lição plena de indulgência e de grandeza, vem lhe lembrar que não é para os homens um amo sempre irritado a perto

da vingança, mas um Deus de amor e de caridade. Nós podemos contar com o nosso Pai celeste. Tudo nos pode faltar num momento; o nosso próprio corpo, enfraquecido pela doença ou curvado pela idade, pode um dia nos recusar os seus serviços. Uma hora virá em que os nossos lábios não se abrirão mais para pedir perdão; mas Deus não nos faltará nunca. Que do fundo da nossa alma nós nos elevemos para Êle, Êle virá em nosso socorro e nos fará misericórdia. *Um pai nunca é surdo para os seus filhos.*

Sim, nós seremos certamente perdoados, se o nosso arrependimento foi verdadeiro e se nós temos corajosamente reparado as nossas faltas. As portas da Casa de Deus não serão fechadas, sem que nós tenhamos feito ouvir um canto solene de triunfo (Nehilah). As nossas dores estão terminadas; nenhuma aflição não nos deve afligir mais. Pecadores, nós recebemos a garantia do perdão; culpados, nós obtivemos a graça divina. O Senhor disse:— Eu não quero a morte do mau; que Êle regresse dos seus maus caminhos e que Êle viva (Ezequiel, XVIII). Mas se a Nehilah é o encerramento de Kipur, deve também sê-lo de nossos pecados. O mal foi vencido e dominado, como outrora Baal sobre o Carmel. Quanto a nós, como outrora o Povo israelita, convertido pelo profeta Elias, nós não reconhecemos outra realza que a do Senhor, e nós exclamamos solenemente: Só o Senhor é Deus, só o Senhor é Deus (Adonai hu Elohim). Que estas palavras santas se tornem dora-avante o nosso grito de reunião na nossa luta contra as paixões que nos cercam. Quaisquer que sejam os encantos que a sedução nos apresenta, desvia os olhos com firmeza. Pensemos que um dia virá em que uma voz terrível ressoará aos nossos ouvidos. O instrumento sagrado do qual os sons majestosos se fazem ouvir no derradeiro momento de Kipur, não é mais que o símbolo do temível apêlo que nos citará cedo ou tarde ao tribunal de Deus. Não é sem motivo que o dia das expiações chega para nós depois do doce prazer da primavera e das ricas colheitas do estio. Como a religião, a natureza nos convida a pensamentos sérios. As flores começam a desaparecer, os frutos foram colhidos; as próprias fôlhas vão cair das árvores ao pri-

meiro sopro do vento. O inverno avança a largos passos; ainda algumas semanas e o seu hálito gelado vem trazer o frio às nossas moradas. O inverno da nossa vida se aproxima também. Cada dia que passa é uma fôlha da nossa existência que cai murcha na poeira do passado. Nós sentimos então que à volta de nós os homens e as coisas não podem dar-nos o repouso e a consolação que nós procurámos. E é-nos preciso um imenso amor; nós o encontraremos no seio de Deus num futuro eterno de celestes gozos.

Tal é Kipur como foi instituído pelo Legislador divino de nossos pais, e assim como mais tarde o fizeram os homens da Grande Sinagoga, e depois dêles os poetas judeus da Idade-Média. Esta solenidade é fecunda, nós o vimos, em lições duma alta importância, em ensinamentos profundos. Ela é necessária para nos arrancar de tempos a tempos ao mundo e nos reconduzir a Deus.

O arrependimento não nos é tornado fácil, mas os rigores nos são abrandados e a bondade divina o põe ao nosso alcance; basta-nos um esforço para regressar ao bem.

Este esforço, é o sacrificio, sacrificio material outrora sacrificio moral hoje. Este esforço é o afastamento do mal e o cumprimento do bem; é a transformação do homem pela purificação espiritual, isto é, pela religião; é a sua regeneração pela dedicação ao seu próximo, isto é, pela caridade. Um grande problema foi pôsto pelos dogmas de todos os povos: —o homem caído no pecado pode sair dêle pelas suas próprias fôrças? Kipur é a resposta do judaísmo; Êle é a glorificação da liberdade humana. O homem que foi livre de pecados é livre de bem-fazer. O seu arrependimento lhe pertence, e Deus está sempre preparado para receber o seu regresso à virtude. O homem é senhor do seu destino moral; é só querer, e seu Pai celeste, segundo a bela expressão de Ezequiel, espalhará sobre Êle as águas puras da salvação. (Ezequiel, cap. XXXVI, vers. 25).

Paris, 1864.

ELIAS ARISTIDES ASTRUC,
Babino-adjunto do Babi-mór
de Paris.

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלְפֵי דָ

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor HaIm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Um médico judeu bragançano que se notabilizou em Londres

Jacob de Castro Sarmiento

Nasceu em Bragança em 1691, filho de Francisco de Castro Almeida, cristão novo, e de Violante Mesquita, sua esposa. Com a idade de dezassete anos estudou filosofia em Évora e após três anos a medicina em Coimbra.

O medo da Inquisição fê-lo sair do seu país natal; refugiou-se em casa de seus parentes em Hamburgo. Em 1720 partiu para Londres; onde retomou os seus estudos e em 1725 foi nomeado «Sócio da Sociedade Real».

Com muitos sábios, como Mendes Sachetta Barbosa e João Chevallier, em Lisboa; com B. Soares, no Brasil; o Dr. Himself, em Riga e com outros se correspondia.

Morreu em Londres em 1761 ou 1762. O seu retrato *Sinepinx Honstonfecit*.

Escreveu as seguintes obras:

Exemplar de penitência, dividido em três Discursos para o Dia Santo de Kipur. Dedicado ao grande e omnipotente Deus de Israel. London, 5484 (1724).

Extraordinária providência, que el gran Dios de Ysrael uso con su escogido publico en tiempo de su mayor aflicion por medio de Mordehay y Ester contra los protervos intentos del tyrano Aman. Compendiosa-

mente deduxida de la sagrada Escritura en el seguinte Romance. London, 5484 (1724).

Sermão Fúnebre, as deploráveis memórias do meu reverendo e doutlssimo Haham Morenu a R. e Dr. David Neto insigne Teólogo, eminente prégador e cabeça da congrega de Sahar Hassamaym.

Tratado da verdadeira teoria dos mares. Londres, 1737, 8.

Tratado das operações da cirurgia, com as figuras e descrição dos instrumentos de que nelas se faz uso, e uma introdução sôbre a natureza e método de tratar as feridas, abcessos e chagas. Traduzido de inglês de M. Samuel Skarp, a Cirurgião do Hospital de Guy em Londres e acrescentado pelo tradutor com uma matéria cirúrgica com tôdas as composições e remédios da presente prática de cirurgiões da Inglaterra.

Apêndice ao que se acha escrito na matéria médica sôbre a natureza, e feitos e uso prático em forma de bebida e banhos das águas das Caldas-da-Rainha, participada ao público em uma carta, escrita do Dr. João Mendes Saquez Barbosa, Sócio da Sociedade Real de Londres, a que junta o novo método de fazer uso da água do mar na cura de muitas enfermidades crônicas em especial nos achaques das glândulas. London, 1753.

Do uso e abuso das minhas águas da Inglaterra. Londres, 1756, 8.

HISTÓRIA DE ESTER

1—A rainha da Pérsia Vasthi é repudiada e Ester é proclamada rainha.— No tempo de Assuero, rei da Pérsia, que reinava sobre 127 províncias, havia em Susan, sua capital, um judeu, Mardoqueu, que tinha sido levado de Jerusalém, com os cativos deportados para a Caldeia por Nabucodenezor, rei de Babilónia. Este Mardoqueu tinha adoptado como filha sua prima Ester (Hadassah) (Ester palavra persa significa estrêla, Hadassah palavra hebraica que significa Murta), que já não tinha pai, nem mãe.

Um dia Assuero deu um esplêndido festim aos grandes do seu reino, assim como à população de Susan.

Mesas sumptuosas foram preparadas nos seus aposentos e também nos da rainha, que recebia as damas da corte. Nesta ocasião o rei exhibia as suas imensas riquezas. Por toda a parte só se viam pinturas preciosas, tapetes magníficos, sofás de ouro e prata; e as bebidas eram oferecidas só em vasos de ouro.

Este festim prolongou-se durante 180 dias. No último dia Assuero, cujo coração estava excitado pelo vinho, pediu que a rainha Vasthi viesse, revestida da coroa real, apresentar-se perante os grandes do reino, com o fim de fazer admirar a sua beleza. Mas a rainha recusou apresentar-se, e o rei ficou tão irritado com esta recusa, que a repudiou.

Algum tempo depois Assuero fez reunir no seu palácio as raparigas mais belas e distintas do seu reino, afim de escolher a que devia substituir Vasthi. Entre essas meninas encontrava-se Ester. Apresentada ao rei Assuero, ela lhe agradou pela sua simplicidade e pela sua graça, de tal modo que elle a escolheu para ser rainha e colocou a coroa sobre a sua cabeça. Contudo, Ester não lhe revelou nem o seu povo, nem a sua origem, como lhe tinha recomendado Mardoqueu.

2—Mardoqueu denuncia uma conspiração contra o rei.— Todos os dias, Mardoqueu vinha à porta do palácio para saber notícias de Ester. Tendo ouvido dois officiais da corte que conspiravam contra a

vida do rei. Elle deu conhecimento immediato disto à Ester, e esta informou o rei em nome de Mardoqueu. Uma investigação foi começada, a qual confirmou o facto; os dois culpados foram enforcados; e o acontecimento foi escrito nas crónicas do reino.

3—Aman quer mandar massacrar todos os judeus do Império.— Nessa época, Assuero elevou Aman à mais alta dignidade do Império. Aman era um homem arrogante e cruel. Todos os servidores do rei se prostavam perante elle, segundo ordem do rei. Só Mardoqueu recusava fazê-lo; elle não queria prestar a um homem a honra que deve ser reservada só a Deus. O orgulho de Aman foi muito ferido por isso, e resolveu vingar-se; mas, não querendo atingir só Mardoqueu, elle resolveu exterminar com elle toda a nação judaica.

Tirou à sorte o dia e o mês mais favoráveis ao seu designio; a sorte indicou 13 do mês de Adar. Então Aman dirigiu-se ao rei e disse-lhe: — Existe uma nação disseminada por todas as províncias do teu reino; esta gente tem leis que diferem de todas as outras nações; quanto às leis do rei, elles não as observam; não é pois interêsse do rei conservá-los. Se pois o rei consente nisso, que um édito seja publicado para os fazer morrer, e eu, entregarei 10.000 kikkars de prata no Tesouro real." O rei tirou immediatamente o seu anel do dedo, entregou-o a Aman e disse-lhe:

— "Fica com o dinheiro e quanto a esse povo, trata-o como te aprouver!"

Imediatamente Aman fez expedir para todas as partes do Império cartas contendo a ordem de exterminar no mesmo dia, a 13 do mês de Adar, todos os judeus, homens, mulheres e crianças.

4—Ester decide-se a ir ter com o rei arriscando a sua vida.— O édito de Aman, que foi igualmente publicado em Susan, a capital do reino, lançou todos os judeus numa profunda consternação. Mardoqueu rasgou os seus vestidos, cobriu-se de cilícios, e percorreu a cidade chorando

amargamente. Êle mandou imediatamente dizer a Ester para que se apresentasse perante o rei e interceder pela sua nação. Mas a rainha respondeu-lhe: «Tôda a pessoa que aparece perante o rei, sem ter sido chamada, incorre na pena de morte, a menos que o rei não lhe estenda o seu ceptro para lhe perdoar. Ora como serei eu acolhida pelo rei? Há trinta dias que não fui chamada à sua presença.» Mardoqueu mandou-lhe então esta resposta enérgica: — «Não tenhas a ilusão que, dentre os judeus, só tu poderás escapar ao perigo, protegida no palácio do rei; porque se tu te calas na hora em que estamos, a libertação e a salvação surgirão para nós doutra parte, enquanto que tu e a tua serão destruídas. E quem sabe se foi para uma tal conjectura que tu chegaste a rainha?»

Ester mandou dizer a Mardoqueu: — «Vai, reúne todos os judeus de Susan; não comeis nem bebeis, durante três dias e três noites; as minhas serventes e eu faremos o mesmo. Em seguida me apresentarei ao rei, e se devo morrer, morrerêi!»

Mardoqueu fêz o que Ester tinha ordenado.

5 — Ester é bem acolhida pelo rei. — No terceiro dia Ester vestiu os trajes reais e apresentou-se no limiar do aposento real. Assuero estava assentado no seu trono. Logo que êle viu Ester, ela encontrou graça a seus olhos, e êle lhe estendeu o ceptro de-ouro, do qual ela tocou na extremidade.

— «Que tens tu, rainha Ester, lhe diz êle, e que pedes tu? Ainda que seja a metade do meu reino, ela te será concedida.»

Ester respondeu:

— «Se agrada ao rei, que venha êle e Aman jantar comigo.»

O rei aceitou; e mandou imediatamente a Aman dizer, que fôsse com êle, a um festim preparado por Ester.

Durante a refeição o rei repetiu a Ester: — «Diz o que desejas: ainda que seja a metade do meu reino eu to concederei!»

— «Se eu encontrei graça aos teus olhos, queiras voltar amanhã com Aman ao festim que vou preparar-vos, e então te direi o que desejo.»

Aman retirou-se muito alegre, cheio de orgulho de ter sido o único que a rainha

convidou com o rei. Mas ao sair do palácio e viu à porta Mardoqueu, que recusava sempre de dobrar o joelho perante êle, o seu furor despertou. Ao entrar em casa, diz a sua mulher: — «Para que me servem as honras que me concedem o rei e a rainha, enquanto que êsse judeu Mardoqueu está assentado à porta do rei.»

Então Zerek, sua mulher, lhe diz: — «Que se levante uma fôrca, com a altura de cinqüenta covados; e amanhã pela manhã pede ao rei para ali pendurarem Mardoqueu.» O conselho agradou a Aman e fêz levantar a fôrca.

6 — Honras concedidas a Mardoqueu.

— Aconteceu que naquela noite o rei não pôde dormir. Para se distrair, mandou que lhe lessem as crônicas do reino, e o leitor acertou com a passagem onde se achava referido que Mardoqueu tinha outrora salvo a vida ao rei.

— «Qual foi a recompensa, perguntou o rei, que foi concedida a Mardoqueu como prémio da sua fidelidade?»

— Nenhuma, responderam os seus officiais.

Nesse mesmo momento anunciaram que Aman estava no átrio do aposento real. Êle vinha para apresentar ao rei o seu pedido para enforçar Mardoqueu. O rei tendo ordenado que o mandassem entrar, lhe disse:

— «Que convém fazer a um homem que o rei deseja dignificar?»

Aman, supondo que não se podia tratar doutro senão dêle, respondeu:

— «Que o rei mande vestir êste com vestes reais, que o faça montar sôbre um dos cavalos que o rei costuma montar, e sôbre a cabeça dêle seja posta a coroa real, que o rei mande levar êste homem a casa dum dos grandes do reino, e que êsse senhor o conduza, segurando pelas rédeas, pelas ruas principais da cidade, proclamando: — «Ê assim que o rei trata quem quer dignificar!»

— Vai depressa, diz o rei a Aman, e tudo o que acabas de dizer fá-lo ao judeu Mardoqueu sem nada tirar!

Aman estupefacto, não pôde recusar a cumprir as ordens do rei. Êle prestou as honras a êste Mardoqueu, que êle julgava, ainda nesse momento, poder enviá-lo à fôrca. Depois voltou precipitadamente para

sua casa, acabrunhado pela tristeza e pela vergonha.

7 — Queda de Aman. — Amãñ entretinha-se ainda com sua mulher e seus amigos da sua triste desventura, quando os mensageiros do rei vieram buscá-lo para o conduzirem ao festim da rainha. Á mesa, o rei renovou a sua pergunta:

— Diz o que desejas, Ester: ainda, que seja a metade do meu reino, eu te concederei!

Ester respondeu:

— Se eu encontrei graça perante ti, ó Rei, concede-nos a vida a mim e ao meu povo. Porque nós fomos votados ao massacre e à ruína. Se tivéssemos sido vendidos como escravos, eu ter-me-ia calado; mas o nosso inimigo não teve mesmo sequer dúvidas sobre o prejuízo causado ao rei!

— Quem pois teve a audácia de agir dessa maneira? Diz o rei.

— Foi este homem, respondeu Ester, este homem cruel e encarniçado, este malvado Aman que aqui está!

Aman ficou aterrado. O Rei, na sua ira, levantou-se do festim para se dirigir para o parque do palácio, enquanto Aman se levantou para pedir a graça da vida à rainha Ester, porque êle viu que a sua perda estava resolvida pelo rei. Como o rei voltava do parque para a sala do festim, Harbone, um dos seus servidores, lhe disse:

— Muito perto da casa de Aman se ergue uma fôrca da altura de cinqüenta covados que êle mandou levantar para ali enforcar Mardoqueu.

— Que lá o enforcuem! gritou o rei.

Enforcaram Aman na fôrca que êle tinha preparado para Mardoqueu, e a ira do rei se acalmou.

8 — Elevação de Mardoqueu; festa de Purim. — Ester, tendo revelado em seguida o seu parentesco com Mardoqueu, o rei nomeou este seu primeiro ministro em lugar de Aman. Mardoqueu expediu para tôdas as províncias novos éditos, marcados com o sêlo real, para anular o feito por Aman. Assim o 13 de Adar, destinado por Aman a ser dia da exterminação dos judeus tornou-se para estes um dia de satisfação e alegria. Em Susan, assim como em tôdas as cidades e aldeias do reino os judeus

VIDA COMUNAL

PÔRTO

Festa de Hanukah — Celebrou-se esta festividade em honra da gloriosa acção dos Macabeus. Tomaram parte nos officios os Srs. Barros Basto, Menasseh Bendob e Samuel Rodrigues.

Ano Novo das Árvores — Também foi solenemente comemorada esta data e quinto aniversário da Dedicção da Sinagoga Ka-doorie Mekor Haim.

Festa de Purim — Conforme a tradição a festa de Purim ou a rainha Esther foi celebrada na nossa sinagoga, cathedral judaica do Norte de Portugal. Nos officios tomaram parte activa os Srs. S. Finkelstein, Samuel Rodrigues e S. Wormser, sendo este último que fêz a leitura solene da Meguilah.

fizeram festins, enviaram mutuamente presentes e espalharam esmolos pelos pobres.

Mardoqueu registou todos estes acontecimentos num livro e enviou cópias aos judeus até às províncias mais longínquas.

Êle determinou que os judeus celebrariam para sempre a recordação deste livramento miraculoso e em sinal de reconhecimento o 14 deste mês como festa chamada Purim, por causa do sorteio Pur (palavra persa designando uma espécie de dados que lançavam para interrogar a sorte) que Aman tinha consultado.

Os judeus aceitaram, por êles e por seus descendentes, comemorar anualmente este dia; assim a recordação não se apagará nunca do meio dos judeus.

Quanto a Mardoqueu, foi muito considerado na sua alta dignidade. Êle caminhava no segundo lugar, depois do rei. Êle era também muito amado por todos os judeus, seus irmãos, dos quais êle queria sinceramente a felicidade.

A oitava secção do inferno

CONTO JUDAICO

POR I. L. PERETZ

Fatigado, quebrado, estendi-me sobre o meu divã; procuro lembrar-me do que se passou... Assisti a uma reunião... Falei ali. As minhas palavras eram fogo e chamas... Rápidas, as flechas voavam da minha boca e, com uma espada nua e afiada, eu parecia ameaçar a multidão.

Eu falo e escuto o que digo; escuto e estou encantado.

Pois não sou eu um herói? Não sou eu que parto para a guerra por tudo o que é belo e bom? Eu só o defensor da liberdade e tôdas as boas, doces e divinas coisas que certamente estão longe de nós ainda, mas das quais nos aproximamos cada vez mais... Arranco a máscara à mentira e prego-a no pelourinho; eu rasgo o belo véu com que ela enfeita e eis-la nua, cheia de chagas e de vergonha...

De repente calo-me. A formidável potência enfraqueceu em mim, o fogo extinguiu-se e a minha língua tornou-se como de chumbo.

Que tenho eu? Falando eu, levantei os olhos e vi-me num espelho. Os meus olhos tinham um mau clarão; um fogo brilhava debaixo das minhas pestanas, um fogo impuro. Não eram já os meus olhos!

Uma vez eu vi uns semelhantes... Mas onde?...

Ah! Sim, recordo-me... Era no quartel: chibatavam um soldado. Os seus camaradas, que o castigavam, tinham olhos assim. E êstes pareciam dizer: — "hoje somos nós que te chibatamos, amanhã serás tu que terás a chibata. Pois bem, apanha uma para amanhã!"

Sim, eu o vi bem no espelho, eu não me assemelharei a um herói do futuro, mas antes a um simples criminoso que se encarna sobre a sua vítima.

Então eu calo-me. — E os meus auditores?

Êles respiram livremente. Era como se uma pesada pedra acabasse de cair dos seus

peitos oprimidos! Êles sentiram-se satisfeitos, como os animais nos campos depois da tempestade; como também as crianças na obscuridade, quando lhes trazem luz; como o coxo encostado a um muro sem poder mexer-se, ao qual de repente lhe dão um bengala e uma muleta!

Pois, são os mal estares sentimentais e os olhares ternos que recomeçam. Um rapaz aproxima-se galantemente duma rapariga, e tomando-lhe o braço: — "Você dá licença agora?" diz êle.

Êle faz um sinal com a linda cabeça e com um doce sorriso, ela diz: — "Sim, agora..."

Eu fugi da sala!

Fatigado, quebrado, estendi-me sobre o divã. A lua corre no céu; de tempos a tempos ela olha para mim furtivamente através da janela.

Alguns dizem que o luar é um remédio contra os pensamentos que nos roem o espírito, contra as angústias que nos quebrantam o coração.

Mas eu, ri-me dela, da sua claridade, de tôdas as angústias do coração, e até de tôdas as reuniões do mundo inteiro.

Mas como eu não estava agora numa reunião e que eu não podia esconder à face da lua, eu tomei o partido de olhos para o teto. Mas, que é isto? Dois olhos saiem da parede e olham-me fixamente.

A lua feiticeira! É êle que graceja assim comigo.

Contudo a quem pertencem êstes olhos? São os olhos dos soldados que chibatavam os seus camaradas e os dessas raparigas, que, quando eu passava na sala se juntavam à minha volta.

— "Repousa tu um pouco, tu o herói! não queres tu uma gota de mel, algum doce? Vem, repousa um momento!"

Os seus olhos não me olham com ira. Contudo êles nada têm de benevolentes, nada. Êles estão enquadrados num rosto

muito pálido. Eis a barba e os cabelos, brancos como a neve, um barrêto judaico do século passado, enfim eis uma cabeça de homem completa, a cabeça dum judeu, dum verdadeiro, dum venerável judeu.

— Quem sois vós, Senhor Judeu? Mas êle não ouve.

— Quem sois vós, venerável velho?

A sombra anima-se e responde:

— Eu sou Shebet Mussar!

Esta palavra me agrada muito. Eu sei muito bem que é a lua que brinca, mas eu finjo acreditar nela e cumprimento:

— Shalom Alekhem (A Paz seja convosco), Shebet Mussar!

— Alekhem Shalom (convosco seja a Paz), me responde, segundo o uso, o velho; e êle aproxima-se de mim...

Shebet Mussar é baixinho, mas nada corcunda. O seu aspecto, as suas maneiras são das mais simples; os seus olhos não brilham, contudo êle olha direito e firme como se êle não tivesse dúvidas sobre a realidade daquilo que vê. A sua voz é também apagada e sem o menor tremor. Lentamente as palavras saíndo da sua bôca, mas com tal segurança, uma tão precisão!

Eu sei bem que Shebet Mussar deixou este mundo há muito tempo. Contudo podia supor-se que o falecido Shebet Mussar voltou para se revelar a mim; e um arrepio percorre todo o meu corpo. Mas tomo coragem e pergunto:

— Sois vós que tendes descrito o inferno?

— Sim, respondeu êle com simplicidade, como se êle dissesse: eu comi ou eu dormi.

— E vós descreveste-o bem? Vós nada acrescentastes, nada tirastes? Agora que tendes visto o inferno com os vossos próprios olhos, vós deveis sabê-lo.

— Eu vi-o também todo quando vivia.

— Enquanto vivia?

— Sim, eu vi-o várias vezes em sonho...

— E o inferno? E é êle bem como o tendes descrito, ponto por ponto?

— Não, amigo, diz êle com um sorriso; êle é agora aumentado duma oitava secção!

— Porquê? Por quem?

— É o que te vou dizer.

A oitava secção, diz Shebet Mussar, é feita para ti e para os teus semelhantes; para todos os *novos*, para todos os pecadores modernos.

— Em que somos assim novos?

— Escuta: Outrora havia uma guerra incessante entre a alma e o corpo. A alma, parcela vinda das alturas celestes, particula da própria divindade, puxava sempre para o alto e mais alto, — para o céu, enquanto o corpo, êste corpo manchado, esta poeira mal cheirosa, puxava sempre para baixo, queria sempre enterrar-se mais baixo na imundície e lama... Acontecia que a alma era vitoriosa, era tanto melhor: se era ao contrário, o corpo que triunfava? Castigavam-no, porque êle tinha pecado!

E que castigo infligiam ao corpo? O pês fervente, ardente, o fogo, a água, as serpentes, as hidras e tôda a espécie de trabalhos forçados no deserto, na floresta, nas ruínas, nas cavernas e outros lugares semelhantes... foi por isto que foram criadas as sete secções do inferno; e cada pecador era lançado na secção que lhe era destinada.

Hoje os tempos mudaram. As almas fomentam uma insurreição... as almas revoltam-se! Elas declaram guerra aos anjos do céu, às virtudes salutaras, a tudo o que foi estabelecido; elas querem tudo mudar, tudo virado de cabeça para baixo!

Já não são os corpos que transgridem a lei de Deus, mas as almas! É o fim que vós quereis trazer, vós quereis ver o momento supremo. — Vós não quereis esperar; os olhos vos saltam das órbitas, tão grande é a vossa impaciência, como se o mundo inteiro fôsse vosso; como se todos os homens fôsem vossos escravos, forçados a vos obedecer.

Para almas assim criminosas, as sete secções do inferno não têm aplicação!

— Então, nenhum pês fervente na oitava secção?

— Não.

— Nem fogo, nem água?

— Talvez não açoutem também?

— Nenhum vestígio de chicote.

— E podem ali comer, beber e dormir?

— Até ler e escrever livros.

— Como se punem então?

— Paciência, tu vais compreender. Vês tu lá baixo, no Ocidente aparecer uma nuvem espessa? Ela avança para a lua, e quando a tiver velado, eu devo voltar para a minha morada... Mas esta nuvem desliza muito lentamente, e não perdendo tempo, eu chegarei talvez a te ensinar uma ínfima parte do que sei.

Escuta-me pois :

Pega-se num homem apressado, por exemplo, como tu e põem-no completamente nu junto duma montanha de neve. Êle fica assim um momento, mas daí a pouco um pensamento lhe surge:— Se eu fizesse derreter a neve, para fazer água? E uma vez que êle tem esta idéia na cabeça, ela se torna imediatamente desejo, paixão. O homem quer já transformar a neve em água, e quando êle o quer, não há regras que o impeçam? E se êle o deve fazer, o fará. Vá, não é êle um herói glorioso?

Então êle põe-se a aquecer a neve com o seu corpo. Êle abraça-a, êle se encosta a ela e dá-lhe tôda a sua respiração; êle mergulha nela corpo e alma dizendo consigo: —Talvez eu a farei derreter apesar de tudo, talvez mesmo uma centena de anos... Todo o calor do seu corpo, tôda a sua alma, tôda a sua vida êle a dá à neve, à montanha de neve.

—Há, sem dúvida, diabos e diabos que de varas na mão, o forçam a fazer isso?

—De modo nenhum! Eu te disse já: nada de chibatas na oitava secção! A vontade do homem, o seu instinto, eis o melhor chicote!

E ei-lo que se põe a amar a neve como a sua própria vida... A neve é a sua alegria, é todo o fim, a sua esperança. Êle bem sabe que a neve, tal como é, é desgraçada, como ela seria feliz no dia em que fôsse derretida, que ela se tornasse água... porque a água é a felicidade, a água é a alegria; tudo o que corre, o que funde... Sim, sim!

—E depois?

—Tu vais ver.

—Pegam noutro homem e põem-no num campo barrento e lamacento. Lá em cima e sôbre a sua cabeça está um céu maravilhoso. A vista não enxerga a menor nuvem. Também é êle muito unido, vazio. Nada de sol, nada de lua, nem uma estrêla, nem a via láctea sequer. Mas, para dizer a verdade, não é um céu, isto é uma espécie de pano estendido através o céu.

Os seus pés enterraram-se no barro e na lama. E neste sinistro deserto êle é o único homem, o único ser vivo, o único que sente, reflete e pensa!

De repente a solidão começa a pesar-lhe; êle aflige-se de estar só, e vem-lhe o desejo

de criar vida, de dar um sopro, uma alma ao que se encontra à sua volta.

Lá em baixo, enquanto vivia, êle sofria por milhares de homens, sua acção gigante abraçava multidões, a sua alma era alma de milhões! Êle sente, como o Senhor, êle quer conduzir para o bem a Criação. E o que o Criador fêz, êle o faz também.

Êle apanha pó, do barro e da lama, êle as amassa por minuto tempo e faz dêles... o que quer êle fazer? São aves que êle forma, aves com asas! O homem sem asas é, a seus olhos, nulo... Pois êle faz uma águia! É assim que êle criava aves, primeiro pequenas, mas com asas. Antes de tudo, é o corpo que êle molda, depois êle lhes insufla a sua própria alma. E êle se anima, as aves! Cheio de alegria, êle lhes grita: «voai, voai, minhas aves, voai no espaço!»

Ai! as aves não voam. Elas rastejam na terra, na lama, buscando vermes para se alimentarem... Mas êles não encontram e morrem de fome.

E se encontram algumas aves que se elevam nos ares, e voam um pouco são um macho e uma fêmea; êles brincam, e riem... Êle, lhes grita: «Para o céu! Para o céu!»

Êles continuam a rir...

Raivando de cólera, êle apanha barro que lhe atira e os abate; depois faz outras aves.

O campo cobre-se de cadáveres. As aves mortas amontoam-se... A' volta dêle e a perder de vista cadáveres, nada mais que cadáveres...

—O desgraçado!

—Prende um homem culpado de peccados e lançam-no numa fossa com cães.

—E êles comem-no vivo?

—A Deus não agrada! Êles estão esfomeados, os cães, mas êles não o comem. Então êle pôs-se a falar a êstes animais esfomeados. Porque é um profeta de cães!

Primeiramente êle lhes fala na língua dêles; depois quando êles começam a compreendê-lo, êle então mete no seu discurso algumas palavras humanas.

E êle fica assim horas a prègar-lhes, sem os perder de vista.

A mudança opera-se duma maneira incessante; as espécies se transformam. Eis que de cães êle faz homens! Um dos cães já se ergue sôbre duas patas; dois outros acariciam-se com os peitos. Um outro ladra

ainda, mas nestes batidos ouve-se já certas articulações; articulações bem nítidas!

Ele continua sempre a falar; e as suas palavras, os seus olhos espalham sôbre os cães uma maravilhosa magia... Eis alguns que já se mantêm de pé como homens. Um dêles levanta a pata, dir-se-ia uma mão, e aponta para o céu!

Depois nos olhos dêste cão passa qualquer coisa como um relâmpago, é um esbôço de vontade, de consciência. Ainda um momento e a luz surgirá nos olhos de todos os outros cães. Eles terão todos uma vontade! E eles terão esquecido a sua fome, a recordação que eles eram cães esfomeados. Ainda um momento e o pensamento virá despertar-se nêles, o grande, o magnífico pensamento...

—E que acontecerá quando ele tiver despertado?

—Ele nunca despertará! Neste momento preciso surge um anjo infernal que deixa cair um osso no fôlso; os cães tornam-se no que eram: cães famintos...

E quando o osso é completamente roído, o profeta recomeça... E será assim sempre, sempre!

—É horrível!

—Sim, é horrível.

Eu vi ainda um dêstes pecadores, junto duma alta montanha.

No cume brilhava uma luz maravilhosa. O pecador estava em baixo, enquanto que a luz o atraía para cima para êste reino mágico.

Se ele atingisse o cume da montanha ele se banharia num mar luminoso, se acharia entre as estrêlas, tornar-se-ia um filho celeste...

E ele cubiça tão ardentemente a luz, que a sua alma quási desmaia de lascidão; ele é atraído para o cume, onde se espalham tão numerosos os raios mágicos...

—E ele não pode evidentemente lá subir?

—Uma mulher está acorçada junto dêle.

E cada vez que ele se levanta para pôr o pé sôbre a montanha, a mulher abre os olhos! Nestes olhos também há uma luz encantadora, nestes olhos também há um céu, sóis, estrêlas e diversos raios doces...

Mas quando ele desce, ela fecha de novo os olhos.

—Maravilhoso!

—E ele fica assim perdido, aniquilado entre o céu no alto e o céu debaixo, entre a luz escondida no alto e a luz escondida em baixo...

—Vós gracejais, Shebat Mussar!

Porque não pega ele na mulher e sobe com ela?

—A mulher é muito pesada! E depois, ela não quer...

—E depois as águias dentro de peles de porcos?

—O que é isso?

—Um nada!

Vós vendo, os vossos profetas se transformam em águias, grandes águias de largas asas: mas as suas peles ficam as de porcos.

Eles elevam-se nos ares, eles pairam alto, muito alto. É o céu que eles cubiçam: eles queriam apoderar-se do trono supremo e ocupar o lugar do Senhor! Mas à medida que eles sobem no espaço as suas peles de porco se põem a rebentar, feridas aparecem numerosas, que os fazem sofrer; então as águias baixam e caem por terra, em águas lamacentas onde banham as peles de porco...

E sempre se elevam e se abaixam...

De repente a lua desapareceu e com ela Shebet Mussar.

E quando eu me levantei para acender uma vela, encontrei sôbre a minha mesa um convite:

—Convídamos V. Ex.^a para a reunião de amanhã...

Eu queimeio-o.

Publicações recebidas

Post-War Migrations é o quinto panfleto da série *Jews and the Post-War World* editado pelo Research Institute on Peace and Post-War Problems do The American Jewish Committee.

Tomar e a sua judaria, por J. M. Santos Simões.—Edição do Museu Luso-Judaico—Tomar, 1943.

Esta monografia constitui um interessante e consciencioso trabalho do Director Conservador do Museu Luso-Hebraico de Tomar (Museu Abraão Zacuto).

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלְפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

TWO NOBLE JEWS

SIR ELLY KADOORIE and DR. ALFRED KLEE

by Paul Goodman

The people of Israel has suffered the loss of two great figures, Sir Elly Kadoorie and Dr. Alfred Klee, whose names are honoured among the Jews of Portugal and who have contributed to the revival of Judaism among the Marranos in that country.

Sir Elly Kadoorie died on the 8th February 1944 at Shanghai, which is now under Japanese occupation, and it is a comfort to know through the Red Cross that his sons, Lawrence and Horace Kadoorie, were then at his bedside in the case of Dr. Alfred Klee, whose genial personality will be gratefully recalled in Oporto, he died at a German concentration camp in Holland, in which country he had been living for some time past. He was offered many favourable opportunities to leave the Continent for England, but he preferred to remain in danger with his people to the last.

These were two noble Jews, whose lives were dedicated to the advancement of the religious, cultural and philanthropic interests of their people.

The fate that has overtaken Sir Elly

Kadoorie and Dr. Alfred Klee is a very sad indication of the overwhelming Jewish tragedy of these days. For the princely Kadoorie family, in Shanghai, under the Japanese, and the death of Dr. Klee in a German concentration camp in Holland, have suffered in the unparalleled upheaval of the present world-conflict. But it also betokens the universality of Judaism, world-wide in its sympathies as well as well as in its sorrows. For Sir Elly Kadoorie, illustrious Sephardi philanthropist, in the Far East, with his sons, and Dr. Klee, a great leader of the Jews in Germany, have been devoted and generous friends of the Marranos in Portugal. The Kadoorie Synagogue in Oporto stands as a monument of the Faith of Israel: the Kadoorie family was deeply interested in its welfare and progress, and the presence of Dr. Alfred Klee (together with his son, Dr. Hans Klee, now in Switzerland) at its solemn Consecration in January 1938, will remain part of the historic revival of their co-religionists in Northern Portugal.

A NEOMÉNIA (Lua Nova) DE NISSAN

«Este mês será para vós o primeiro dos meses»
(Exôdo, XII, 2).

Assim começa o capítulo especial que a Sinagoga prescreve para ler depois da secção do dia, no sábado que precede o primeiro de Nissan. A instrução dada por Moisés aos hebreus em vista à primeira Páscoa, Pesah Miçraim, serve, cada ano de introdução a este mês privilegiado entre todos que nos trazem os eflúvios bemvindos da primavera.

Desde muito tempo a religião de Israel solenizou os começos de mês. Era festa para os nossos antepassados quando, os olhos levantados para as extensões celestes, êles enxergavam, no momento esperado, a claridade nascente do primeiro crescente de lua brilhante de novo no firmamento. Êste indício de ordem e de harmonia, êste sinal aparecendo periòdicamente entre o exército das constelações, espectáculo que comove sempre a sensibilidade dos seres inclinados à contemplação, guiavam as almas para o respeito da Omnipotência criadora, à piedade e à humildade: «Quando eu contemplo os céus, obra da tua mão, a lua e as estrêlas, que tu formaste... que é pois o homem, que tu pensas nêle, o filho de Adão, que tu proteges?» (Psalmo VIII).

Mas um sentimento de gratidão predominava, pela convicção de que o facho nocturno, cujo clarão fiel não se extingue senão para se reacender, desempenha o seu papel regulador e benéfico na vida religiosa.

E é porque nós vemos mencionada na Escritura, ao lado do sábado e das festas, os regosijos da Neoménia, e é porque o profeta anuncia, numa visão de alegria, a época em que, de Neoménia em Neoménia, de sábado em sábado, tôda a criatura virá prostrar-se perante o Senhor.

Nos nossos días ainda, fiéis a uma tradição constante, nós saudamos a aproximação do mês que vai nascer, com palavras de bom agoiro, onde se exprimem a despeito de experiências muitas vezes dolorosas, de provas ou de decepções, os nossos votos e as nossas esperanças sempre renascidas, e no dia da Neoménia os hinos sinagogaes dando graças a Aquêle que faz reinar a ordem e a beleza nos espaços siderais.

Mas de tôdas as neoménias, a mais alegremente acolhida, é a de Nissan, o mês em que os raios mais ardentes do sol vêm reanimar a natureza entorpecida, atestar a vitalidade triunfante da criação, a regularidade do seu curso, a permanência das suas leis. É neste mês que se deixa melhor aperceber o hino de gratidão que entoam o psalmista, intérprete não só do seu povo, mas de todo o género humano e de tôda a criação.

Nesta estação de desenvolvimento rápido, de eclosão irresistível, uma espécie de exaltação universal parece espalhar-se em todos os seres, e vêm tornar leve o próprio fardo daqueles que o sofrimento oprime, sugere mais confiança na vida e naquele que dispõe soberanamente, em regra, e detém o seu curso segundo um plano que fica para nós misterioso.

Mas cada mês, cada étape mais para o fim designado a cada um, pode para almas sérias e para as consciências desejosas de progresso, tornar-se uma ocasião de renascimento e de aperfeiçoamento. As fórmulas litúrgicas da bênção do mês no officio de sábado que precede Rosh H'odesh (cabeço do mês) pede que os dias próximos sejam sòmente favorecidos do benefício duma existência pacífica e próspera, isenta de humilhação, plena de fôrça e dignidade, mas marcada também por um avanço no caminho do respeito pela Lei e pelo temor de Deus.

Nissan é particularmente apto a sugerir tais sentimentos. Mês da germinação das espigas nutritivas da floração nova sôbre o solo reverdejante, convida a tornar os lugares limpos não só na consciência como na morada, para um esforço corajoso das fôrças e da faculdade da alma, para uma nova fase de actividade, produtora de bem-estar e salutar para as outras como para si próprio, se a Lei é obedecida, a disciplina salvaguardada, se os olhares ficam valentemente voltados para os cumes da vida espiritual e moral.

J. WEIL.

(de l'Univers Israélite).

A ignorância é um pecado em Israel

Israel viveu sempre, dominado pela preocupação da instrução religiosa: êle põe todo o orgulho, tôda a sua honra, no estudo da Lei e é nisso que reside o segredo da sua vitalidade.

Na origem e até à destruição do primeiro Templo, o ensino fica puramente doméstico. São os pais que têm o encargo de instruir os seus filhos, de os iniciar na observância das prescrições morais e religiosas. Escolas propriamente ditas não existiam; mas já sob Samuel, tinha-se fundado associações de profetas, onde, sob a direcção dum mestre, os jovens iniciam-se na Lei, na música, na poesia, na história nacional, que possuímos da época.

Os *provérbios* de Salamão, que pelas suas concisões, os seus bons sentidos, as suas linguagens claras e simples, não faltam de produzir sobre a criança uma salutar influência.

Centros de instrução começaram então a formar-se e o Talmud afirma que no reinado de Ezéquias não havia um único iletrado em todo o reino de Judá.

Mas é somente no regresso do cativo de Babilónia e sobretudo no período talmúdico que a instrução primária se espalhou com uma organização e métodos que merecem ainda hoje a atenção do mundo escolar.

Foi Eshrah que, durante o cativo, fez grandes esforços para manter entre os imigrados a prática da língua hebraica: êle enviou soferim em diversos centros para ensinar a Thorah. O ensino doméstico tinha, então, desaparecido, porque a maior parte dos judeus não sabiam sequer ler nem escrever e, desde o regresso de Babilónia, Eshrah instituiu leituras públicas das principais passagens dos livros de Moisés. Estas leituras eram feitas na segunda-feira, na quinta, dias de mercado onde a gente do campo vinha a Jerusalém e êste uso se manteve até aos nossos dias.

Os sucessores de Eshrah criaram nos centros importantes escolas onde os mestres rivalizaram em zelo para atrair o maior número de alunos possível e uma obra pedagógica da época, *Ben-Sirah*, contém interessantes máximas sobre a educação.

Sentindo que a força duma nação repousa sobre a educação popular, Simas Ben-Shetah, tornou o ensino religioso obrigatório. Uma lei ordenou a criação de escolas primárias em cada distrito e, como a ameaça romana tornava-se mais opressora, os judeus tentaram salvar o que havia de mais precioso confiando a Lei sagrada na memória de seus filhos.

Josué Ben-Oamlah tornou obrigatória a fundação de escolas para as crianças de cinco anos de idade, e, apesar de tôdas as desgraças políticas que se abateram sobre os judeus, o ensino desenvolveu-se rapidamente.

O ensino dava-se primeiramente num campo a céu aberto; encerram em seguida as crianças em recintos fechados, por vezes mesmo na Sinagoga, uso que se mantém em nossos dias em certas comunidades pobres.

A escolha de mestres tinha uma grande importância, era preciso homens integrados sob todos os pontos de vista, de certa idade, nem irascíveis, nem orgulhosos, sóbrios e desinteressados.

"E' em modestos vasos de madeira e de barro, diz o Talmud, que o vinho, o leite e a água melhor se conservam". O mestre devia ser também paciente, doce, afável, capaz de expor com um modo claro tôdas as partes do seu ensinamento e, se a remuneração material não correspondia a tôdas as exigências, o mestre gozava pelo menos da estima pública e da veneração dos seus alunos. A instrução religiosa era gratuita, não só para os pobres como para os ricos: era a comunidade que suportava as suas despesas, tirando isso das taxas impostas a tôda a população judaica.

Os alunos eram divididos em várias classes segundo a sua idade e o grau da sua instrução. Nas classes infantis (alunos de 6 a 10 anos) ensinam-se a leitura e a escrita do hebreu e do aramaico. Os alunos mais adiantados copiavam sobre rolos de pergaminho as passagens mais importantes do Pentateuco. Nas classes médias (alunos de 10 a 15 anos) ensinava-se a Lei oral; finalmente nas classes superiores (alunos de 15 a 18 anos) esta Lei oral era submetida à

Os quatro filhos de Hagadah e o profeta Elias

A haftarah do sábado que precede a Páscoa — o grande sábado — mostra perante nós a figura do profeta Elias, que no fim dos tempos o Senhor enviará para reconduzir o coração dos pais para os seus filhos e o coração dos filhos para os seus pais. Porque o Vidente Tisbita é o precursor do grande Dia? Porque é ele reservado para reconciliar os pais e os filhos? Porque esta profecia preludia a Páscoa?

A tradição atribui a Elias o dom de resolver um dia tôdas as dificuldades. Nos permite êle responder a estas perguntas?

Na noite de Páscoa, cada israelita tem de beber quatro copos de vinho. E um quinto é reservado ao profeta Elias. Ao lado dos quatro copos do Seder, há quatro filhos da Hagadah. Qual dêstes filhos compreende o papel de Elias?

Cada época tem os seus filhos, com as suas mentalidades. Não reconheceis hoje os quatro filhos da Hagadah?

Em que pensa a juventude dos nossos dias? Jovens, onde ides?

Eis o *sábio*, — êle existe apesar de tudo.

Êle reencontrou a fé dos antepassados e êle quer imitar a piedade, praticar a religião antiga. Êle interroga os seus pais, — que muitas vezes já o não compreendem.

Eis o *mau* — não digamos demasiado mal dêle. Êle foi desmamado de tôda a educação religiosa. Êle só vê os maus exemplos dos seus mais idosos; êle quer também viver e gozar, seguir o seu caminho, afastando dêle os outros. Êle pergunta a seus pais, — que estão inquietos pela sua obra.

discussão. As classes não deviam conter mais de 25 alunos. Sobre êste ponto nós estamos em regressão, porque em certas escolas há hoje classes de 50 e até de 60 alunos.

Como sanção os rabinos admitiam as punições corporais, sob a condição de usar delas com moderação. Uma recomendação essencial do Talmud é o ensino dum mister manual a tôdas as crianças. Os mais ilustres doutores davam o exemplo pelo exercício duma profissão manual.

Fis o *simples*, — não tão simplório. Êle é bom, sensível, mas êle não foi iniciado no que faz a beleza e a bondade da vida israelita.

Êle não pede mais do que vibrar, mas êle não sabe a que ideal votar a sua consciência mal esclarecida. Ao Sionismo? «No ano que vem em Jerusalém?» Ao socialismo? «A Páscoa da Humanidade?» Na sua candura êle se volta para os seus pais, mas para êles também não, êles não sabem.

Finalmente, «eis aquêle que não sabe perguntar», — é uma legião êste.

Tendo sempre ignorado tudo o que é o judaísmo, não tendo nada visto, nem ouvido disso, êle é indiferente e passivo, êle nem sequer sabe perguntar; os seus pais não saberão prevenir as suas perguntas; saberiam sòmente responder a isso?

A todos êstes filhos, Elias, vem dizer: — «Voltai filhos transviados...» Voltai à tradição e à história. Voltai ao tempo de outrora, aos anos de antanho. Ao Egipto onde os nossos pais conheceram Deus, ao Mar Vermelho onde proclamaram a sua realeza, ao Sinai onde êles receberam a sua Lei, ao Camel onde êles confessaram a sua Fé.

Voltai para vossos pais e êles voltarão para vós. Elias reconduzirá o coração dos pais para os seus filhos e o coração dos filhos para os seus pais. Pela união dos pais e dos filhos na fé, êle preparará a era messiânica, a Páscoa do futuro. Porque o espírito de Elias vive sempre. Elias é a fé ardente e triunfante. É Pinhas ressuscitado, é Macabeu revivendo. Como êle reconduziu para a vida a criança inanimada, como êle reconstituiu com doze pedras o altar de Israel, êle reconciliará as gerações na profissão da fé ancestral e refará a unidade de Israel pela renascença da religião, que é a sua alma.

«E então vós oferecereis uma oferenda nova ao Senhor...» «E ela será agradável ao Senhor, a oferenda de Judah e de Jerusalém, como no tempo de outrora, como nos anos de antanho».

M. LIBER.

A saída do Egipto

De Portugal para a Palestina

1—O anho pascal — E Deus disse ainda a Moisés e a Aron: "Falai a tôda a assembléia dos filhos de Israel e dizei-lhes: "Este mês (o mês de Nusan) será para vós de hoje em diante o primeiro mês do ano". Dizel a tôda a comunidade de Israel: "Que cada um de Vós arranje um anho para a sua família, imole-o para a noite do 14 dia dêste mês, e borrija-o com o seu sangue as duas vigas e padieira da porta da sua casa. Comereis, esta mesma noite a carne assada no fogo, com pão sem levedar e com ervas amargas. E eis como vós o comereis: o cinto nos dorsos, as sandálias nos pés, o bordão na mão; e vós o comereis à pressa, porque é a Páscoa, isto é à passagem do Senhor no país do Egipto.

E nesta noite eu ferirei todos os primogénitos dos egípcios: mas logo que eu verei o sangue que vocês tingiram as vossas portas, eu passarei poupando-vos". Os israelitas fizeram o que Deus lhes havia ordenado.

2—Os recém-nascidos dos egípcios morrem—Pêla meia noite o Senhor feriu todos os primogénitos, desde o primogénito do Faraó até ao primogénito do cativo no seu cárcere. E um grito espantoso elevou-se em todo Egipto, porque não havia casa onde não houvesse um morto. E o Faraó chamou Moisés e Aron durante a noite e lhe disse: "Parte com todo o povo e sacrificai ao vosso Deus. Levai convosco as vossas ovelhas e os vossos rebanhos; mas antes de partir, abençoai-me". E os egípcios insistiam ainda mais com o povo para que saíssem urgentemente do seu país, dizendo: "Nós morremos todos!"

3—Os israelitas saiem do Egipto.— Os filhos de Israel então saíram do Egipto depois de terem morado 430 anos. Abandonaram o Egipto o número cêrca de 600.000 homens não contando as mulheres e as crianças. Fiéis à sua promessa êles levaram consigo as ossadas de José. Êles levaram também prata e ouro, vestimentas fornecidas pelos habitantes e uma quantidade considerável de gado; mas na precipitação da partida êles não puderam cozer o seu pão e

Em Janeiro dêste ano foi organizada uma leva de emigrantes judeus para a Palestina (Terra de Israel).

Várias famílias viviam em Portugal, havia já alguns anos, mas preferiram ir terminar os seus dias e procurar nova existência na terra sagrada de seus antepassados. Entre estas famílias foi a do Sr. Menasseh Bendob, um dos fundadores da Comunidade do Pôrto, e seu 1.º secretário.

A Associação da Juventude Israelita Hehaber, com sede na Avenida Elias Garcia, n.º 110, Lisboa, organizou festas comemorativas da partida de Portugal dêste 1.º grupo de israelitas para a Palestina.

Estas festas constaram do seguinte:

No dia 20 de Janeiro, à noite, festa na sede do Hehaber;

Noite Palestinense, festa de confraternização com o grupo que parte para Eretz Israel, constando de palavras de saúdade, canções hebraicas, Askarah Mishberah, entrega duma mensagem em pergaminho, entrega duma bandeira pelo grupo Jovens do Hehaber Makabi Asair; findando esta noite com um baile;

No sábado, 22 de Janeiro, na Sinagoga, Shaaré Tikvah (Portas da Esperança) à rua Alexandre Herculano, Lisboa, realizaram-se orações especiais no officio matinal;

No domingo, 23 de Janeiro, no Cais da Fundição, realizou-se o embarque do grupo emigrante no vapor português *Niassa*, que teve numerosa assistência a desejar-lhe boa viagem e boa sorte. Mazal Tob—Bé siman Tob.

O vapor *Niassa* tocou em Cadiz onde recebeu outros emigrantes e seguiu depois directamente para Haifa (Palestina) onde desembarcaram os que demandavam a Terra de Israel.

levaram a massa antes de estar fermentada. Por falta de outras provisões, êles em breve foram obrigados a comê-la cozida ao sol. É em memória desta saída milagrosa do Egipto que os israelitas celebram a festa da Páscoa, a quinze do mês de Nisan, e comem os pães ázimos ou matsah.

OS CABALISTAS

CONTO JUDAICO

POR I. L. PERETZ

Quando os tempos são duros, tudo vai mal, mesmo a Thorah, que é a melhor Séhorah. (Provérbio judeu: A ciência dos livros sagrados, que é a melhor mercadoria). De todo o seminário judeu de Lashtchive não restava mais que o Reitor, Rabi Yekel, com um só e único discípulo.

O Reitor era um velho judeu, magro com uma longa barba inculta, de olhos fatigados e apagados. Lémekh, seu discípulo amado, era um jovem, magro também, alto, pálido, com guedelhas negras encarcadas nas suas fontes, olhos negros, ardentes, com olheiras azuladas, lábios ardentes, um pescoço descarnado; os dois homens, não tendo camisa, iam com o peito à mostra; ambos estavam esfarrapados.

O Reitor arrastava ainda, com grande custo, velhas botas de camponês; o discípulo tinha os pés descalços em tamancos, que perdia constantemente.

E era tudo o que restava do famoso seminário judeu!

A pequena cidade, empobrecia-se, enviava cada vez menos gêneros alimentícios, ela tinha oferecido aos estudantes eclesiásticos alguns dias de hospitalidade cada vez mais raras; (os fiéis combinavam entre si para que cada Talmid (estudante) fôsse convidado cada dia numa casa judaica) então os pobres Talmidim se tinham dispersado. Mas Rabi Yekel queria ser enterrado em Lashtchive e o voto mais querido do discípulo era de fechar os olhos do seu mestre.

A êles também, chegou-lhes agora o conhecer os sofrimentos da fome. Uma alimentação insuficiente dá um sono insuficiente, e a vigília que se prolonga durante noites inteiras, e a falta de alimento, dando o desejo de praticar a Cabalah. E de facto, se é preciso velar durante noites, ficar de estômago vazio durante dias, é bem pelo menos tirar proveito disso. Transformemos as nossas misérias em jejuns e mortificações, e quando em troca se abrem de par em par as portas dêste mundo que contém os mistérios, os espíritos e os anjos!

Também há muito tempo já que o Rabi e seu discípulo estudam a Cabalah.

Hoje êles estão assentados, sôzinhos, diante duma grande mesa. Se para cada um é o depois de jantar, para êles é o *antes do pequeno almoço*. De resto já estão habituados a isso.

O Reitor abre desmedidamente os seus olhos brancos de êxtase e fala. E o discípulo escuta com a cabeça entre as mãos.

— Há, diz o Reitor, vários graus: um conhece uma parte, um outro uma metade, outro ainda uma melodia. O nosso falecido Rabi conhecia uma melodia completa, e mesmo com acompanhamento. Mas eu, acrescentou êle com tristeza, mas eu mereço apenas a graça dum pequenino trecho, não maior que isto...

Êle mostrou a extremidade dum dos seus dedos descarnados, e continuou:

— Há melodias que exigem palavras... É um grau bastante baixo... Existe um grau superior: Uma melodia que canta sôzinha, sem palavras, uma melodia pura! Mas a melodia pede ainda uma voz... e lábios, através dos quais passe a voz. E os lábios, compreendem tudo, é matéria! E a própria voz, bem que matéria muito delicada, é ainda matéria!

Finalmente concordemos que a voz se encontra sobre o limite entre o material e o espiritual!

« Pois, seja como fôr, a melodia que, se faz ouvir por intermédio da voz, que por sua vez depende dos lábios, não é ainda pura, ainda não completamente pura..., ainda não alguma coisa de verdadeiramente espiritual.

« Mas a verdadeira melodia se canta sem voz alguma... ela canta interiormente no coração, no fundo das entranhas!

« Eis o sentido destas palavras do rei David: — Todos os meus ossos o testemunharão. » É na medula dos ossos que isso deve cantar; é ali que deve estar a melodia, o supremo louvor ao Senhor. Não é já a canção dum ser frágil, a música imaginada por um cérebro humano: é uma parte do canto pelo qual Deus criou o mundo, uma parte da alma que êle lançou neste mundo.

« Assim cantam os anjos do céu! E era

assim que cantava o nosso mestre, de bem-aventurada memória.”

A lição foi interrompida pela chegada dum rapazola alto de cabelo esguedelhado e que tinha por cinto uma corda: um moço de recados. Ele entrou na sala do seminário, pousou na mesa ao lado do Reitor um prato de sopa e um bocado de pão, dizendo com voz grossa:

— “O Sr. Tevil manda de comer para o Reitor.” Depois voltou-se, acrescentando já à porta:— “Depois voltarei buscar o prato.”

Pôsto bem longe da harmonia divina pela voz grossa do homem, o Reitor levantou-se lentamente e arrastando as suas grandes botas, foi lavar as mãos à fonte.

Contudo êle continuava a falar mas com menos entusiasmo. Do seu lugar o discípulo o seguia, de ouvido atento, os olhos ardentes e mergulhados no sonho.

— Infelizmente, diz ainda Rabi Yekel com uma voz triste, ainda não me foi concedido conceber a que grau isto pertence, nem a que portas celestes isso conduz. Vê tu, acrescentou êle com um sorriso, as macerações e as mortificações necessárias para chegar a isso, eu as conheço. E eu tas revelarei talvez também hoje mesmo.

Os olhos do discípulo quasi que saem das órbitas; a sua bôca grande aberta, espera as menores palavras do Mestre. Mas o Reitor cala-se: êle lava as mãos, enxuga-as, diz a sua pequena oração, e voltando à mesa, recita com os seus lábios trémulos a benção do pão. As suas mãos magras levantam o prato. O vapor envolve num sôpro tépido o seu rosto descarnado; pousa de novo o prato. Pega na colher com a mão direita e aquece a sua mão esquerda na beira do prato enquanto acabava um primeiro bocado de pão.

Tendo assim aquecido o rosto e as mãos, êle esfrega fortemente a fronte, estende os lábios delgados e azulados e se põe a soprar.

Durante todo êste tempo o discípulo não o perdeu de vista. E enquanto que os lábios trémulos do Mestre iam adiante da primeira colherada êle sentiu apertar-se-lhe o coração. Escondeu a cara entre as mãos, e todo o seu corpo se encarquilhou.

Alguns minutos depois, entrou um outro homem com um outro prato e pão:

— Rabi Yosef manda o jantar do meio-dia para o discípulo.

Mas o discípulo não tirou o seu rosto das suas mãos.

O Reitor pousou a sua colher e aproximou-se do discípulo. Considerou-o um momento com orgulho cheio de amor, depois, envolveu a mão no pano da sua batina, e tocou-lhe no ombro.

— Trouxeram-te de comer, disse êle despertando-o com voz afectuosa.

Então o discípulo afasta lenta e tristemente as mãos. O seu rosto é agora mais pálido ainda, os seus olhos brilham ainda mais ardentemente.

— Eu sei, Mestre, responde êle, mas não quero comer hoje.

— O quarto jejum? pergunta o Reitor espantado; e acrescenta num tom de censura: Sem mim?

É um outro jejum, responde o discípulo; é um jejum de penitência.

— Que dizes? Tu um jejum de penitência?

— Sim, Mestre!... um jejum de penitência... Há pouco, enquanto vós vos punhas à mesa, eu pequei contra o mandamento “Não cubiçarás”.

*

* * *

Nessa noite, muito tarde, o discípulo despertou o Reitor.

Êles dormiam ambos sôbre bancos do seminário, um de frente do outro.

— Mestre, Mestre! chamava êle com uma voz fraca.

— Que há? perguntou o Reitor com um sobressalto de medo.

— Eu acabo de passar no *grau superior*.

— Que dizes tu? perguntou o Reitor ainda cheio de sono.

— Havia um canto em mim! O Reitor ergueu-se do banco.

— Como foi isso? Como?

— Mestre, nem mesmo eu o sei, respondeu o discípulo com uma voz ainda mais fraca. Eu não podia dormir. Então eu puz-me a aprofundar a vossa explicação... Eu queria a todo o preço conhecer a melodia. Eu tenho um desgosto imenso de não poder conhecê-la. Eu comecei a chorar... Tudo em mim chorava, todos os meus membros choravam perante o Senhor! Ao mesmo tempo eu me entregava aos exercícios espirituais que vós me tendes

VIDA COMUNAL

LISBOA

explicado... Coisa admirável: Nada de lábios, mas de qualquer maneira interiormente... depois, de repente eu fui deslumbrado!... Eu tinha os olhos fechados, e contudo eu via uma luz, uma grande, uma imensa luz!...

— É isso! diz o Reitor, inclinando a cabeça.

— E depois senti-me tão bem nesta luz, tão leve... Parecia-me que eu não pesava nada, como o meu corpo... que eu podia voar...

— É isso! É isso!

— E depois eu tornei-me alegre, prazenteiro, feliz... o meu rosto não mexia, os meus lábios não mexiam, e contudo eu ria... e tão francamente... tão cordialmente... tão alegremente...

— Aqui está! É isso! É pela alegria!

— E depois qualquer coisa murmurava em mim como o começo duma melodia...

O Reitor saltou do seu banco, e dum salto foi para o seu discípulo.

— Bem? Bem?

— ...E depois eu ouvi que havia um canto que começava em mim!

— Que sentiste tu? O quê? Diz!

— E sentia que todos os meus sentidos estavam fechados, bem fechados, e que havia um canto interior, e como é preciso, absolutamente, sem nenhuma palavra, como isto...

— Como? Como?

— Não, eu não posso. No princípio, eu sabia... E depois o canto tornava-se... o canto...

— O quê? Em que se tornava?

— Uma espécie de música, como se eu tivesse em mim próprio um violino. Ou bem ainda como se Yonah, o músico, estivesse em mim e tocasse cânticos como à mesa do Rabi! E sempre nada de voz, nenhuma voz, nada fora do espiritual!

— Bem-aventurado! Bem-aventurado! Bem-aventurado!

— E agora tudo desapareceu, disse o discípulo com tristeza. Os meus sentidos abriram-se de novo, e eu estou tão fatigado, de tal modo, tão... tão... de tal... modo... fatigado... que eu... Mestre! exclamou de repente levando a mão ao coração, Mestre! Rezai as últimas orações por mim! Vieram-me buscar! No côro celeste têm necessidade dum pequeno cantor... Um

Ano Novo das árvores — A juventude israelita Makabi Stsair no dia 9 de Fevereiro festejou esta data de 15 de Shebat com grande satisfação e alegria das crianças.

Homenagem de Saúde — Na Associação da Juventude Israelita Hehaber na noite de 10 de Fevereiro realizou-se uma sessão de homenagem à saudável memória do Rabi Dr. Nissim Ovadia, do Rabi Segalovitz Rab e do Dr. Alfredo Klee, antigo presidente da Comunidade Israelita de Berlim. Usaram da palavra vários oradores e foi pronunciada a oração fúnebre askabah.

Depois desta sessão foi feita uma conferência pelo Reverendo Mendel Diendruck sob o tema *Influência da Bíblia na História Mundial*.

Purim — Esta festa da Rainha Esther foi celebrada pela Associação da Juventude Israelita Heaber da seguinte forma:

No dia 11 de Março o tradicional baile de Purim.

No dia 19 de Março uma matiné infantil pelo Grupo Juvenil do Hehaber *Makabi Hatsair*.

Bar-Mitsvah — Em Março realizou-se a Bar-Mitsvah (maioridade religiosa) do jovem Samuel Janowski, filho do Sr. Isaac Janowski, um dos fundadores da Comunidade Israelita do Pôrto, actualmente residente em Lisboa.

Ao Sr. Isaac Janowski e sua gentilíssima Espôsa deseja *Ha-Lapid* a tradicional

Besiman Tob — Mazal Tob

anjo de asas brancas! Mestre! Mestre!
Escuta Israel! Escu... cuta... Is ..

*

* *

Tôda a gente, na pequena cidade, desejava morrer duma tal morte. Mas o Reitor achava que era pouco.

— Alguns jejuns mais, gemia êle, e êle seria morto com o *beijo divino*.

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

ה ל פ י ד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

Os procuradores romanos (4 antes da e. v.—70 da e. v.)

1 — A Judeia reduzida a província romana (7 e. v.) — Por seu testamento, Herodes tinha repartido o país pelos seus quatro filhos. Tinha designado *Archelaû* para o trono da Judeia; mas ao fim de alguns anos — êle tinha governado a Judeia desde o ano 4 antes da era vulgar até o ano 70 da era vulgar, o imperador Augusto o depôs e o exilou para Viena nas Gálias. A Judeia foi reduzida ao estado de província romana e administrada por funcionários romanos, chamados *procuradores*.

2 — O povo explorado pelos procuradores — Mas êstes procuradores, que tinham reputado velar pela tranqüilidade e boa ordem, abusaram das suas funções para imprimir o povo e feri-lo nos seus sentimentos nacionais e religiosos. Arrogaram-se o direito de nomear o grande sacerdote e de o depôr segundo a sua vontade. Não era ao mais digno que conferiam o sacerdócio, mas aquêle que lhe oferecia mais quantidade de dinheiro e se declarava pronto a servir os seus interêsses. O direito de pronunciar a pena de morte foi tirado ao Sanhédrin para ser daí em diante atribuído exclusivamente ao procurador. Havia também o pêso esmagador dos impostos para desesperar o povo. *Coponio*, o primeiro procurador enviado para a Judeia, aí tinha introduzido o *senso* romano, isto é, que êle tinha recenseado a população para a submeter à capitação (imposto por cabeça de habitante). Como todos os funcionários, do

recebedor ao procuradar, não procuravam senão enriquecer, êles aumentavam cada vez mais a taxa dos impostos e direitos alfandegários.

3 — O procurador Pôncio Pilatos — O procurador que humilhou mais a nação judaica foi sem dúvida Pôncio Pilatos, que governava a Judeia na época do nascimento do cristianismo. Feriu os judeus nos seus sentimentos mais sagrados. Êle pretendeu-os habitar a prestar culto às imagens do imperador e fêz entrar em Jerusalém, durante a noite, as insignas romanas, que eram ornados com tais emblemas. Uma deputação do povo se dirigiu à Cezareia junto do procurador, para lhe suplicar que fizesse sair da cidade estas imagens idólatras. Durante cinco dias, os judeus se mantiveram em vão diante do seu palácio, sem obterem entrada. Ao sexto dia Pôncio Pilatos fê-los cercar pelos seus soldados e ameaçou-os de os mandar massacrar, se não cessavam com os seus pedidos. Os judeus lançaram-se por terra e estenderam o pescoço, declarando que preferiam mais morrer de que suportar a profanação da cidade santa. Diante duma tal firmeza, Pôncio Pilatos abrandou e mandou tirar as insígnias. — Mas em breve provocou uma nova irritação. Sobre o pretexto de construir um aqueduto que devia conduzir a Jerusalém as águas duma nascente afastada, êle lançou mão ao tesouro do templo. Como êle tinha vindo pessoalmente a Jerusalém, a multidão o

O reinado de Agripa

(41 a 44 da e. v.)

1 — Agripa intercede junto de Calígula — No reinado de Agripa, neto de Herodes e da infeliz Mariana, a Judeia gozou pela última vez dum período de calma e de bondade. Agripa devia o seu trono ao imperador Calígula, do qual tinha sabido conquistar-lhe as graças. Como este tirano tinha ordenado de colocar as suas estátuas nas sinagogas e no santuário mesmo de Jerusalém, com a ordem de adorar o imperador como uma divindade, Agripa usou da grande influência que tinha sobre ele para mandar acabar estes vexames. (Os judeus de Alexandria tinham também enviado a Roma uma deputação para pedir a Calígula de pôr termo às perseguições. Esta deputação tinha à sua frente o célebre filósofo *Philon*. Calígula recebeu os embaixadores com rudeza. «Sois, pois, vós estes contempladores dos deuses, que não me querem reconhecer como tal, preferindo divinizar um ser sem nome, enquanto que todos me adoram». Éle acrescentou: «Esta gente parece-me ainda mais tôla do que má, negando a minha divindade!»). Ainda não tinha conseguido a resolução do assunto quando Calígula foi assassinado. Os judeus, que tinham escapado a um grande perigo, instituíram, para comemorar a data da sua morte, uma festa solene.

2 — Agripa, rei piedoso e modesto — Cláudio, sucessor de Calígula, anulou a ordem do seu precursor e confirmou Agripa como rei da Palestina. Contrariamente ao seu avô Herodes, Agripa mostrou-se bondoso e modesto e observava as leis religiosas. Dizia-se que éle tinha tomado o

encargo de reparar as faltas do seu antepassado. Doou ao templo uma corrente de ouro que Calígula lhe tinha oferecido em sinal de amizade. Tornou a dar ao Sanhedrin os seus direitos e não confiou o sacerdócio senão a homens piedosos. Na festa das Primícias, éle misturava-se sem nenhuma grandeza, na multidão que se dirigia para o Templo, levando éle próprio, como um simples particular, a sua cesta de frutos ao santuário.

— Se éle encontrava no seu caminho um cortejo nupcial, éle encostava o seu carro para o deixar passar livremente. Também foi muito amado pelo seu povo. Um dia que éle lia, numa assembléa pública, a passagem do Deuteronomio (XVI, 15), que diz: «É do meio dos teus irmãos que tu deves escolher um rei»; a idéia da sua origem semi-idónea fêz-lhe derramar lágrimas. Mas de todos os lados lhe gritaram: «Tu és nosso irmão, tu és nosso irmão!»

3 — Política de Agripa. Sua morte — Agripa, lisongeando Roma, sonhava, em tornar a Judeia cada vez mais independente. Foi para esse fim que éle cercou o arrabalde de *Bézetha*, ao norte da cidade, de muralhas altas. Éle quis também levantar fortificação à volta da cidade; mas os romanos, tomando conhecimento dos seus desgnios, proibiram-lhe estas construções. — A tenacidade de Agripa teria sem dúvida assegurado à Judeia a segurança para futuro, se a morte não viesse surpreendê-lo na idade de 54 anos apenas.

A revolta contra Roma

1 — Período de anarquia. — O reinado de Agripa tinha sido como um radioso pôr do Sol precedendo uma noite sombria. Após a morte deste rei, a Palestina foi de novo governada por procuradores, dos quais a maior parte, exercendo as suas funções com crueldade e arbitrariedade, tinham avidez de sangue e de ouro. A mais terrível anarquia reinou então na Judeia. A violência e a imoralidade sobretudo nas classes ricas, aumentava de dia a dia. As famílias pontificais eram corruptas. Os assassinatos eram muito freqüentes. Bandos armados

cercava com imprecações. Pilatos não se atreveu a mandar marchar as suas legiões contra o povo, mas enviou soldados disfarçados em judeus, que se misturaram na multidão e mataram um grande número de homens. Os judeus apresentaram finalmente, queixas contra as crueldades de Pilatos; e aquêle, obrigado a ir a Roma para se justificar, foi revogado.

de «*Sicários*», (assim designados por um pequeno punhal que usavam estes homens escondido nos seus vestidos) percorriam o país; estes Sicários tinham votado um ódio mortal aos romanos e aos seus partidários; mas esquecendo dentro em pouco que eles não se tinham armado senão pela causa da liberdade, eles emprestavam os seus braços a qualquer que os pagava e espalharam o terror na população passiva. Falsos profetas e falsos messias agitavam o povo e prometiam a libertação do jugo romano, enquanto que os «*Zeladores*» — partido dos patriotas — levaram à revolta e constituíam guerrilhas, que trabalharam mais tarde com tôdas as suas forças para libertar a Judeia.

2 — Senius Florus leva o povo ao desespero. — O último procurador, Senius Florus (64 a 66 da e. v.) mostrou-se tão cúvido e tão sanguinário que os judeus tornaram-se dia para dia mais desejosos de quebrar o jugo de Roma. Florus, por seu lado, fez tudo por levar o povo para a insurreição. Ganho à força de dinheiro, permitiu aos gregos de Cesarcia de se lançar sobre os judeus desta cidade e de massacrar um grande número dêles (66 da e. v.). Não contente com esta acção de barbaridade, que emocionou tôda a população de Jerusalém, elle tentou ainda de pilhar o tesouro do Templo e provocou assim em Jerusalém um tumulto, no decorrer do qual elle fez massacrar mais de 3.000 pessoas. Mas no dia seguinte o povo tinha-se organizado, e uma imponente tropa se reuniu na cidade alta para proteger o santuário, prestes aos últimos sacrificios. Vendo a attitude resoluta do povo, Florus perdeu a coragem e retirou as suas côrtes de Jerusalém.

3 — Os partidos. — Logo que Florus partiu, os judeus fizeram reuniões. A população dividiu-se em dois partidos, o partido da revolução e o da paz. O primeiro — os Zeladores — compunha-se sobretudo de jovens que queriam, com perigo de vida, acabar com a tirania romana e reconquistar a liberdade perdida. Comprometeram-se por um juramento solene, antes morrerem do que renderem-se. O seu chefe era *Eléazar ben Hanania*. Ao partido da paz pertenciam os Sábios, depois os notáveis com poderes de Roma e os ricos que receavam pelos seus bens.

4 — Insurreição dos Zeladores. — O chefe dos Zeladores procurou provocar a rutura com Roma. Mandou cessar de fazer sacrificios por o imperador, acto decisivo da insurreição. O partido moderado, que não se sentia com forças de sustentar luta contra Roma, tentou de conter a revolta. Os dois partidos lançaram-se em combate no recinto da cidade; os Zeladores triunfaram. Em todo o país trava-se então uma luta sem piedade entre judeus e romanos, entre judeus e pagãos. Ela estendeu-se mesmo até Alexandria, onde, se diz que 50.000 judeus morreram num massacre. — Cestius Gallus, governador da Síria, recebeu ordem de marchar contra a Judeia e de esmagar os rebeldes. Elle avançou contra Jerusalém com 30.000 homens, mas os Zeladores atacaram o seu exército com uma tal impetuosidade que lhe infligiram perdas consideráveis. Certius, obrigado a retirar-se, abandonou nas mãos dos Zeladores as suas águias, o seu tesouro militar, armas e engenhos de cerco. Os vencedores reentraram em Jerusalém cantando hinos de triunfo. A paz entre os judeus e os romanos tornava-se desde então impossível. Os próprios moderados tiveram que se juntar aos patriotas e preparar-se para uma luta encarniçada, para salvar a pátria ou para achar combatendo, uma morte gloriosa.

A guerra com Roma

(67 a 70 da e. v.)

1 — Preparativos dos judeus — Uma assembléa nacional, convocada no átrio do Templo, nomeou *José, Ben-Sorion*, governador de Jerusalém, com missão de dirigir os trabalhos de fortificação. O posto mais considerável, o de governador da Galileia, foi confiado a *José Ben-Matthia*, (mais conhecido pelo seu nome romano de *Flavius Josephe*. — A Galileia teve um outro defensor, *João de Siscale*, homem inteligente e sincero, chefe dos patriotas ardentes, que depressa desmacarou a suplicidade de Josephe. Aquêlé contrariava a actividade dos patriotas em vez de os encorajar; João o odiava e o denunciou ao Sanhedrin como

suspeito. Mas a influência de Josephe era tal que, apesar das graves acusações que pesavam sobre êle, deixaram-no nas suas funções), que, no seu fôro íntimo, sympathizava com os romanos. O grande Sanhedrin tinha então à sua frente um homem enérgico, *Semeão Ben-Gamliel*, que, sem ser zelador fanático, favorecia com tôdas as suas forças os preparativos da guerra eminente. — Na capital reinou então uma febre patriótica. Por tôda a parte forjavam-se armas, fabricavam-se máquinas de guerra. As muralhas eram fortificadas e postas em estado de defesa; a juventude exercitava-se no manejo das armas. Em tôda a Judeia os patriotas preparavam-se para uma luta que devia ser formidável.

2 — Conquista da Galileia pelos romanos — Mas os romanos não ficavam inactivos. O imperador Nero enviou à Judeia o melhor dos seus generais, Flávio Vespasiano, com um exército escolhido, composto de 60.000 homens. Vespasiano avançou primeiramente para as fortalezas do Norte da Galileia, especialmente para Jotapata. Êle fêz levantar em frente desta cidade sessenta máquinas de cêrco, que lançavam sem interrupção dardos, pedras e matérias inflamáveis. Os sitiados defenderam-se com o mais profundo desprêso pela morte, repelindo vários assaltos, destruindo em muitas sortidas os trabalhos dos sitiantes, fazendo sortidas hábeis e muitas vezes

felizes. Após mais de quarenta dias de cêrco a cidade foi tomada em consequência da traição dum desertor, que indicou aos inimigos um pôsto fracamente defendido. Durante a noite os romanos penetraram na cidade, surpreenderam os guerreiros extenuados e os massacraram até ao último; 40.000 homens morreram. José se escondeu cobardemente numa cisterna; depois o perigo passado, rendeu-se aos romanos. Vespasiano tratou-o com muita atenção e encheu-o de presentes; porque José na realidade não tinha sido um inimigo dos romanos. — Durante o resto da guerra, êle seguiu o exército romano como espectador, notando todos os acontecimentos. Depois da guerra, viveu vinte-e-cinco anos em Roma; foi aí que escreveu em língua grega a sua célebre "*História da guerra dos judeus*" assim como outras obras, que continuam actualmente a ser as fontes históricas principais desta época.

3 — Submissão da Samaria e da Pereia — Depois duma luta encarniçada de três anos, a Samaria e a Pereia caíram também nas mãos do vencedor. Êstes países não eram mais que um deserto. Vespasiano dirigia-se para Jerusalém, quando soube que Nero tinha sido assassinado e que o exército do Oriente o tinha proclamado imperador. Êle regressou então a Roma, deixando a seu filho Tito o cuidado de conquistar Jerusalém.

Destruição do Templo de Jerusalém e da cidade santa

1 — Situação da capital — Jerusalém tinha sido o ponto de reunião de todos os fugitivos da Galileia. João de Giscala, que tinha conseguido escapar-se, tinha levado consigo vários milhares de partidários. A cidade estava poderosamente fortificada, e os seus defensores, cujo número engrossava dia a dia, consideravam-se invencíveis. Podia-se avaliar a população de Jerusalém nesse tempo em 600.000 almas, sem contar êstes que tinham vindo de fora. A cidade, largamente aprovisionada, podia sustentar um cêrco de vários anos; ela poderia obter dos romanos uma paz honrosa, se as lutas intestinas não tivessem quebrado a sua força de resistência.

2 — A luta de partidos e suas consequências — Os cercados estavam com efeito, divididos em dois campos opostos: o partido da paz, que, para salvar o Templo, estava disposto à submissão, e o partido da guerra, que exigia a luta, custasse o que custasse. Mas para cúmulo de desgraça, êste partido guerreiro estava êle próprio dividido em três partidos hóstis que travavam entre si lutas sangrentas. Foi somente quando Tito concentrou um exército de 80.000 homens à volta da cidade que êstes partidos chegaram a um certo acôrdo. Mas já o mal era irreparável; porque durante estas lutas fratricidas e vergonhosas, os celeiros de trigo tinham-se incen-

diado. Os romanos tiveram como grande aliada, a fome.

3 — A última luta — A luta suprema se trava então. Os cercados fizeram sortidas audaciosas para impedir os trabalhos de cerco e para destruir as máquinas de guerra dirigidas contra a cidade. Êles lançaram o terror e a desorganização entre as legiões romanas. Não eram somente os zeladores, mas todos os que podiam pegar numa arma, que tomavam parte nos combates; as mulheres mesmo demonstraram, tanto como os homens, um espantoso desprêso pela morte; elas lançavam sobre a cabeça dos assaltantes azeite a ferver. Mas tôda esta coragem heroica foi em breve tornada inútil com a aparição da fome. As provisões esgotaram-se e a miséria torna-se tão grande que se disputavam à a alimentação mais repugnante. Assim viu-se a rica Marta, viúva do grande sacerdote Jesué ben-Gamala, que diz-se, fazia outrora estender tapetes para ir da sua morada ao Templo, apanhava nas ruas uma ignóbil alimentação para satisfazer a sua fome devoradora. Uma mãe, impelida por a fome até à loucura, devorou o seu próprio filho. — E além disso, os cadáveres amontoados na cidade geraram a peste que dizimou a população. Não foi preciso mais para quebrar a força destes cercados o heroísmo incomparável.

4 — Tomada da cidade e do Templo — No dia 7 de Jyar do ano 70, os defensores foram obrigados a abandonar os muros exteriores. No dia 17 Tamuz, sob as pancadas repetidas das espietas, os muros do segundo recinto se derrocaram. Foi nesta mesma data que o sacrifício cotidiano cessou, por falta de vítimas. No começo do mês de Ab, os romanos afastaram-se da parte baixa da cidade. Êles tentaram então atacar a colina do Templo, poderosamente fortificada; mas todos os seus assaltos foram repellidos. Nos dias 9 e 10 de Ab, os sitiados fizeram sortidas desesperadas, mas êtes foram repellidos e perseguidos até ao local do Templo. Tito tinha, diz-se, dado ordem de conservar o santuário. Mas durante a perseguição, um soldado romano pegou num tição inflamado e atirou-o por uma janela, para o interior do edificio. A madeira das galerias incendiou-se; o incêndio propagou-se rapidamente e projectou em pouco as suas chamas para o céu. A vista disto, os resolutos recuaram, desen-

corajados. Tôda a resistência tinha cessado. Tito correu e ordenou que apagassem o fogo, mas a sua voz não foi ouvida. Os soldados romanos precipitaram-se com fúria para o interior do Templo, pilhando os tesouros e massacrando os defensores. Um grande número destes se precipitaram nas chamas, não querendo sobreviver à ruína do santuário. Vários milhares de homens, de mulheres e de crianças que tinham ficado debaixo dos pórticos do sul, foram degolados. O Templo ardeu completamente; apenas alguns destroços do muro ocidental subsistem ainda nos nossos dias. Numerosos sacerdotes tinham sido feitos prisioneiros; Tito os fez cruelmente massacrar, dizendo: «Os sacerdotes devem perecer com o seu Templo». As legiões vitoriosas ofereceram, sobre o próprio local do santuário, sacrificios às suas divindades, e ali desfaldaram os seus estandartes. — O segundo Templo foi assim destruído, como o tinha sido o primeiro, no dia 9 de Ab. — Após o incêndio da Casa santa, Tito mandou pegar o fogo a tôda a parte da cidade que estava em seu poder. Depois apoderou-se da cidade alta, onde se tinham intrincheirado os últimos zeladores. Os romanos massacraram todos êstes heróis, excepto os seus chefes João de Giscala e Simeão bar-Giora, que foram feitos prisioneiros. A cidade alta, por sua vez, foi incendiada; os muros foram arrazados, à excepção de três muros, que Tito deixou de pé como monumentos da sua memorável vitória. O cerco de Jerusalém tinha custado a vida a mais dum milhão de vítimas judaicas.

5 — Sofrimentos dos cativos — O número de prisioneiros feitos durante esta guerra por os romanos ultrapassava 900.000. Todos os que foram acusados de terem tomado parte na insurreição foram crucificados. Entre os outros, Tito escolheu os mais belos para figurarem no triunfo que o esperava. O resto foi enviado para o Egipto, para al trabalhar nas minas de chumbo, ou repartidos pelas províncias para os jogos do circo, onde eram obrigados a lutar contra animais ferozes, ou a lutar entre si, até à morte. Foi assim que pereceram 2.500 jovens judeus na ocasião da festa do aniversário de Domiciano, irmão de Tito. — Felizes, os que eram vendidos como escravos; pelo menos lhes restava a espe-

rança de ser um dia resgatados por seus irmãos.

6 — Triunfo de Tito — Tito obteve em Roma um triunfo pomposo. Os chefes dos judeus, Simeão bar-Giora e João de Giscala, figuraram no cortejo, levavam diante deles os versos do Templo, o candeeiro de ouro, a mesa de ouro e um rôlo de Lei. Bar-Giora foi puxado pela extremidade duma corda através das ruas e precipitado em seguida do alto da rocha Tarpeia. João de Giscala morreu no seu calabouço. Roma ficou na alegria. — Para perpetuar a recordação desta vitória conseguida sobre um inimigo indomável, cunharam-se moedas trazendo a legenda: «*Judaca capta*» (A Judeia cativa). Depois construíram em Roma, em honra de Tito, um arco de triunfo, que subsiste ainda, e onde figuram, sobre um baixo relêvo, os vasos, o candeeiro e a mesa do Templo de Jerusalém.

7 — Sorte da Palestina. Dispersão dos judeus — Vespasiano, declarou a Judeia sua propriedade privada, partilhando uma parte com os seus soldados e mandou vender o resto a quem mais oferecesse. Assim os judeus tornaram-se estrangeiros na sua própria pátria. Só lhes restava um só bem, que não tinham podido lhes roubar: *A fé em Deus único e na sua santa Lei*. Ricos deste tesouro sem preço, os judeus se dispersaram pelos quatro cantos da terra, suportando com uma sublime resignação a sua ruína nacional e tendo uma inabalável confiança nestas divinas palavras:

«*E contudo, mesmo então, quando eles se encontrarem relegados, nos países dos seus inimigos, eu não os esterel desde-nhado, nem repellido a ponto de os aniquillar, de romper a minha aliança com eles; porque eu sou o Eterno, o seu Deus.*»

(Livítico, XXVI, 44).

Eis o que diz o Senhor: «Apesar de ter suscitado a este povo toda esta grande desgraça, eu lhe suscitarei toda a felicidade que lhe anunciarei.»

(Jeremias, XXXII, 42).

«*Israel fica o povo santo.*»

(Êxodo, XIX, 6).

«*Israel fica o servo de Deus.*»

(Isaías, XLI, 9).

O governo Norte-Americano nunca deu a sua aprovação ao Livro Branco sobre a Palestina

Washington, 10 — Os Rabis Estêvão Wise e Abraão Silver, representando o movimento sionista da Palestina, declararam ontem que o Presidente Roosevelt os autorizara a prestar a seguinte informação: «O governo americano nunca deu a sua aprovação ao Livro Branco de 1939. O Presidente alegre-se por as portas da Palestina se encontrarem hoje abertas aos refugiados judeus. Quando se tomarem as futuras decisões far-se-á justiça completa. O povo americano teve sempre a mais profunda simpatia — e hoje mais do que nunca — em vista da situação em que se encontram centenas de milhares de judeus refugiados e sem lar». — *Reuter*.

De O Primeiro de Janeiro, de 11 de Março de 1944.

NECROLOGIA

Por notícias de Londres chegou ao nosso conhecimento a triste notícia de que Deus Bendito havia chamado à sua divina presença as boas almas dos que na vida terrena foram:

Sir Elly Kadoorie

K. B. E., Comendador da Legião de Honra, Presidente do Portuguese Maranos Committee, Presidente Honorário da Comunidade Israelita do Porto, grande filantropo e grande benfeitor da Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm, do Porto.

Dr. Alfred Klee

Antigo Vice-Presidente da Comunidade Israelita de Berlim, membro do Portuguese Maranos Committee de Londres. Veio expressamente ao Porto para assistir à inauguração solene da Sinagoga Kadoorie em Janeiro de 1938.

Que as suas almas sejam unidas ao feixe da vida eterna e os seus corpos repousem em paz e glória.

E digamos como Job: «Deus os deu, Deus os levou, louvado seja Deus.»

Na Catedral Judaica do Norte de Portugal (Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm), foram rezadas solenemente as Kboth por estes ilustres extintos, sendo oficiante o Moreh Marano Sr. Samuel Rodrigues.

Publicações recebidas

The Jewish National Home, edited by Paul Goodman — London — J. M. Dent & Sons, Ltd. — É mais um trabalho do infatigável judeu britânico e ilustre publicista o nosso excelente amigo Paul Goodman. Este livro começa por um prefácio do Visconde Cecil of Chelwood, uma introdução pelo Dr. Chaim Weizman, duas cartas do Rabi-mor Reverendíssimo Dr. J. H. Herz e uma nota do Editor.

O texto do livro é constituído pelos seguintes artigos:

I. The Balfour Declaration

Its Origins, por Blanchè E. C. Dugdale; *The Angle-Jewish Background*, por Paul Goodman; *Its Significance in the U. S. A.*, por Dr. Stephen S. Wise; 1917-31, por Felix Frankfurter; *The Last Decad*, por Historicus.

II. The Response

World Jewry's Reaction, por J. Hodess; *British Jewry's Reaction*, por Janus Cohen; *Zionism in Parliament*, por Barnett Janner; *Zionism in British, Politics*, por Dr. S. Levenberg; *Zionism and British Public Opinion*, por A. L. Easterman.

III. The Jewish National Home

Palestine: Its Central Place in Jewish Life and Thought, por Rev. Dr. D. de Sola Pool; *The Historical Antecedentes*, por Dr. Franz Klover; *The Rebirth of Hebrew*, por Leon Siuon, C. B.; *The Hebrew University of Jerusalem*, por Prof. Norman Bentwich; *Jewish Women in Palestine*, por Romana Goodman; *Jewish Progress in Palestine*, por Israel Gohen; *Halutziuth*, por Anita Engle; *The routh Aliyah* por Eva Michaelis-Stern; *Arabs and Jews in Palestine*, por Ephraim Breide; *The Jewish National Fund*, -por Prof. Samson Wright; *Palestine Land Transfer Regulations*.

IV. Zionist Policy

The Balfour Declation: Its Political Significanco, por Prof. S. Bredetsky; *The Jews*

Notícias da América

O venerando Rab Fajbusz Szubem Dembinski, guia espiritual da congregação de judeus Hássidim, que durante a sua estadia no Pôrto deixou a melhor impressão, não só pela sua bondade, como pelo seu alto sentimento religioso, escreveu ao digno 1.º secretário da nossa Comunidade, não só referindo-se às atenções aqui recebidas, mas também comunicando que se encontra em Havana (Cuba), onde não só pelos judeus, mas também pela população local tem sido respeitosa e corinhosamente acolhido.

— Fomos informados que o Sr. Hans Warmbrunn por estudos feitos em escolas dos Estados-Unidos obteve a classificação de engenheiro de metalurgia e está empregado na melhor fundição de estanho do mundo.

— Também fomos informado de que é pai duma terceira filha de nome Arlene Joan, uma pequena menina americana que sua espôsa deu à luz no dia 5 de Julho do corrente ano.

MAZAL TOB.

of Palestine and the Secend World War; The Zionist Political Programme.

Appendix

The Mandate of the League of Nations for Palestine and Trans-Jordan.

Maps

Map of Palestine, Shwing the Zenes of Settlement referred to in te Regulations; Map showing Palestine and the adjacent Arab lands.

O livro contém também os retratos dos Lord Balfour, Dr. Chaim Weisman, Dr. Nahum Suokolof, etc..

Calendário Israelita

Ano de 5705

(Tem 12 meses lunares)

1.ª lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 18 de Setembro de 1944.

2.ª lua (Heshvan) — 30 dias
dia 1 — 18 de Outubro de 1944.

3.ª lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 17 de Novembro de 1944.

4.ª lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 17 de Dezembro de 1944.

5.ª lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 15 de Janeiro de 1945.

6.ª lua (Adar) — 29 dias
dia 1 — 14 de Fevereiro de 1945.

7.ª lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 15 de Março de 1945.

8.ª lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 14 de Abril de 1945.

9.ª lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 13 de Maio de 1945.

10.ª lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 12 de Junho de 1945.

11.ª lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 11 de Julho de 1945.

12.ª lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 10 de Agosto de 1945.

(Este ano tem 355 dias)

Dias festivos no ano de 5705

Rosh Ashana — 1.º dia — 18 de Setembro de 1944.

Rosh Ashana — 2.º dia — 19 de Setembro de 1944.

Kipur — 27 de Setembro de 1944.

Sucot — 1.º dia — 2 de Outubro de 1944.

Sucot — 2.º dia — 3 de Outubro de 1944.

Hoshana Raba — 8 de Outubro de 1944.

Shemini Aseret — 9 de Outubro de 1944.

Simhá Torá — 10 de Outubro de 1944.

Hanuca — 1.º dia — 11 de Dezembro de 1944.

Hanuca — 8.º dia — 18 de Dezembro de 1944.

Purim — 27 de Fevereiro de 1945.

Pesah — 1.º dia — 29 de Março de 1945.

Pesah — 2.º dia — 30 de Março de 1945.

Pesah — 7.º dia — 4 de Abril de 1945.

Pesah — 8.º dia — 5 de Abril de 1945.

Shabuot — 1.º dia — 18 de Maio de 1945.

Shabuot — 2.º dia — 19 de Maio de 1945.

Jejuns em 5705

Assassinio de Guedaliá — 20 de Setembro de 1944.

Kipur dia de Expição — 27 de Setembro de 1944.

Cêrco ao Templo — 26 de Dezembro de 1944.

Jejum de Esther — 26 de Fevereiro de 1945.

Tomada do Templo — 28 de Junho de 1945.

Destruição do Templo — 19 de Julho de 1945.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלַּפִּיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

SHABBATH

I

Arbit

Caía a tarde. De frente, a Sinagoga sombreada pela sua gigantesca palmeira reflectia nas janelas o clarão do sol poente que a parecia incendiar.

Contemplando êste quadro o pensamento transportava-me para um país longínquo, onde também a palmeira dá sombra e onde há igualmente um céu azul e tão santo como o peninsular.

A voz de Yakob despertou-me do meu sonho:

— Abraham, são horas de Arbit.

Levantei-me.

As mulheres haviam já acendido as lâmpadas em honra do Shabbath.

Saímos, atravessamos a praça e entramos na Sinagoga.

A profusão de luzes fazia contrastar singularmente as negras sobrecasacas com os trajos orientais de alguns e com as túnicas azuis dos rabinos e do côro.

Sentei-me. O Hazan com voz gutural entoava o Lekah Dody a que o Kahal se associava.

— Santuário Rial, cidade santa. Ó Jerusalém! Sai dos teus escombros. Demasiado habitastes no vale de lágrimas...

Basta de tormentos! Basta de angústia! Basta de vergonha, os pobres encontrarão

enfim um refúgio e a cidade levantar-se-á das suas ruínas!

Em seguida o Kahal psalmodia o canto do Shabbath (sábado). Quando o final dêste se perdeu de todo elevou-se a voz do rabino:

— Escuta, povo de Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor.

E num leve cicio termina o Shemah. O côro infantil faz ouvir então o seu doce gorjeio:

— Faz, ó Nosso Pai, que nos deitemos em paz e nos levantemos cheios de vida.

— Estende sôbre nós o pavilhão da paz e favorece-nos com as tuas felizes inspirações.

— Socorre-nos por amor do teu nome e protege-nos.

Perdida a última nota dêste canto, os filhos de Israel levantam-se, voltam-se para o lado da Cidade Santa e inclinam-se elevam, em espírito e verdade, louvores ao Deus de Abraham, de Isac e Yakob.

Agora magestoso e inebriante, envolvendo-nos numa atmosfera de sonho, sobe gradualmente o Ygdal, profissão de fé do povo perseguido e amaldiçoado através os povos e através as idades.

Terminara a oração de Arbit.

A Sinagoga esvazia-se lentamente. No átrio trocam-se apêtos de mão segundo o uso oriental e mutuamente desejam o Shabbath Shalom (um sábado em paz). A noite vai lentamente envolvendo Lisboa no seu manto de trevas.

II

Ceia de Shabbath

A noite caíra rapidamente.

Na casa vizinha ouviam-se já os cantos do Shabbath. Tomamos o nosso lugar à mesa reservando o extremo ao velho Yehudah e entoamos na velha língua santa o belo hino do lar, que a mulher diviniza.

“O preço da mulher excede tudo o que vem dos últimos confins da Terra.”

“O coração do seu marido põe nela a confiança e ela torna-lhe belos todos os dias da vida.”

“Ela abre a sua mão ao necessitado, estende os seus braços para o pobre.”

“Abre a sua boca à sabedoria e a lei da clemência está na sua língua.”

Levantaram-se seus filhos e aclamaram-na ditosa; levantou-se seu marido e louvou-a.

Agora, o velho Yehudah, segurando um copo cheio de vinho, profere a Berakah (bênção), após a qual leva-o aos lábios, bebe um pequeno gole e por todos distribui o restante.

Toma então o pão, e depois do Hamossy a cada um entrega um pequeno bocado. Sentamo-nos todos.

Começa a ceia e com ela a conversação que depressa se anima.

Cruzam-se os ditos, contos e ingénuas narrações, em que o português e o castelhano se matizam com o árabe e o hebreu. Nenhum eco das paixões que tumultuam lá fora na grande cidade consegue perturbar a alegria e felicidade que reinam nesta deliciosa Babel.

Que noite a de Shabbath! Nela há encanto, beleza e harmonia...

Contou-me um velho Hazan que um dia um judeu quisera ser cristão, mas chegado o Shabbath faltando-lhe a “adafina” voltara para os seus e jamais os quisera abandonar.

Quanta verdade não encerra este conto que na aparência tanta falta de senso revela!

Não foi o prato característico do sétimo dia, não foi a “adafina” por si a causa do regresso do convertido, mas a encantadora noite de Shabbath que ela simboliza.

Em nenhum povo o amor da família tanto se elevou como no judeu, nesse amor

residia o seu segredo, o talismã precioso que à raça hebreia deu aquela tenacidade inquebrantável que a caracteriza.

Nações, impérios, raças e tribos brutalmente torturaram e humilharam os filhos de Israel para os esmagar e da terra apagar o seu nome; esses povos passaram, desapareceram e o judeu pequeno e fraco vive ainda.

E vive, porque, quando, após porfiada e tenaz luta, regressava ao lar já exausto e prestes a succumbir, no seio dos seus encontrava bálsamo para as suas feridas, consolação para as suas amarguras e lágrimas para as suas desgraças.

III

Shaherith

A manhã de Shabbath estava encantadora. Entrando pelas janelas ogivais, vinha do jardim uma leve aragem perfumada que, acariciando-nos brandamente, nos enlanguescia.

Na Thebah (tribuna) o jovem Haim com a sua voz fresca e sã fazia ecoar por toda a Sinagoga os Tehelim (psalms) do rei profeta.

Velhos judeus de fisionomia austera entram no recinto, dirigem-se para os seus lugares a passos lentos, envolvem-se no manto nacional (Taleth) e sentam-se.

Nas galerias vêem-se as formosas filhas de Sion que trajam luxuosas e elegantes vestes.

Entram os Rabinos, sobem para a Thebah e envolvem-se nos seus mantos de seda azuis e brancos.

O Hazan (oficiante) profere uma pequena prece, e todo o Kahal entoia o canto de alegria com que os filhos de Israel após a passagem do Mar Vermelho louvaram o seu Deus, por se verem libertos para sempre da escravidão egípcia.

Assim que se extingue o último eco deste canto (Az Yashir Moshé) o rabino implora do Deus de Yakob.

“—Deus do Universo, estende sobre nós a tua misericórdia.”

“Tu, que nos escolheste entre os povos, despedaça o jugo que sobre nós pesa, reúne-nos aos nossos irmãos dispersos pelos

quatro cantos da terra e restabelece-nos no nosso país.

«Então entoaremos os cânticos de louvor a ti, Deus Grande e Soberano, que abaixas os orgulhosos, que elevas os humildes, que quebras os grilhões dos escravos, libertas os oprimidos e exalças o teu povo.»

É proferida então por todo o Kahal de pé e em silêncio a oração de Amidah.

Vai proceder-se à leitura da Lei. O rabino, descendo da Thebah acompanhado pelos Shamashim (serventes) alguns fiéis, caminha lenta e magestosamente sobre a passarela que conduz ao Ehal (arca). O Hazan sobe os degraus de mármore e dali diz a tôda a assistência:

— Moshé deu-nos a Lei, que constitui uma bela herança para a comunidade de Yakob.

«É a árvore da vida para os que a ela se amparam.»

«Feliz aquêlê que repousa à sua sombra, porque ela os guia por agradáveis caminhos e aprazíveis veredas.»

«A paz está com os que amam a Lei e esses jamais cairão.»

Pronunciadas estas palavras os shamashim fazem deslizar para os lados as tábuas de mármore onde estão esculpidos os dez mandamentos e afastam as cortinas deixando patente o interior do Ehal onde se vêem enfileirados os rolos manuscritos do Pentateuco.

Um dos assistentes, prèviamente designado, tira um Sepher Thorah (livro da lei) e dirige-se para a Thebah onde o manuscrito é despojado das sêdas que o cobrem,

Ali outro hebreu desenrola-o um pouco e eleva-o acima da cabeça para o mostrar a tôda a assistência. O rabino designando o Sefer com um ponteiro de prata exclama com voz forte:

— Eis a Lei que Moshé deu ao seu povo de Israel.

Todo o Kahal se curva perante o livro, estendendo horizontalmente os braços seguindo o uso oriental.

Faz-se a leitura da Lei, que é escutada em silêncio profundo.

Nada mais agradável, nada mais confortável para o judeu precito que a leitura da Thorah, em que êle vê o hebreu nômade sobre o dorso do seu útil e dócil camelo, atravessando extensos e ardentes desertos

onde a plenos haustos respira a liberdade.

A Thorah é a árvore da vida, dissera o Hazan, e assim é. Sem ela a raça hebraica de há muito que teria desaparecido da face da terra, como tantas outras, igualmente investidas pelo ódio romano.

O arlete latino pôde arrazar o templo e os muros da Cidade Santa mas não pôde fazer desaparecer o Thorah e portanto a vitalidade hebraica. O orgulho romano julgava que passando a fio de espada milhares de hebreus e espalhando os restantes pelas províncias do seu império, as condições de vida dessas regiões fariam desaparecer todos os caracteres dêsse povo. Vaidade das vaidades. Destruído o Templo, no coração de cada hebreu um novo se formava, em cujo sacrossanto Ehal a Lei de Moshé se encerrou. De tal forma ela moldou a alma hebraica, que embora dispersa por povos e raças mui diversas, não pôde ser influenciada pela sua etnologia, e, quer os judeus habitem Nova-Iorque ou Moscovo, quer Tânger ou Stambul, a todos une a mesma saúde, a todos une a mesma aspiração: — A saúde da Pátria perdida, a aspiração de a poder recoperar um dia.

IV

Habdalah

Quando na noite de Alhad entrei na Sinagoga, já se haviam proferido as orações de Shemah e de Amidah, e Semtob, o jovem Shamash, andava de lugar em lugar entregando a cada um dos assistentes um pequeno ramo de murta.

Feita a distribuição sobre uma coluna de madeira envernizada existente ao lado esquerdo da Thebah numa bandeja de prata, Semtob deposita os ramos que lhe restam. Nesta bandeja além dos ramos, existe um cálice de prata lavrada e um castiçal segurando uma vela de cera.

Entretanto a voz do Hazan, repassada de mágua e dor, evocava o feliz tempo do Mashiah (Messias), «...cujo poder fará florescer a Lei e cuja bôca nos anunciará boas novas; nos há-de livrar das trevas e a luz nos dará».

Êste canto só é interrompido pelo Kahal

que na velha língua santa, pede ao seu Deus a breve realização das profecias.

Concluindo o canto messiânico (Hab-dalah) o rabino e toda a assembléia elevam as suas vozes:

— Senhor, nosso Deus e Deus de nossos pais, torna todos os dias da nossa vida aprazíveis e felizes.

— Favorece-nos com o dom da sabedoria e da inteligência. Lança a tua bênção sobre a cabeça dos que favorecem o teu povo de Israel.

— Abre-nos as portas da Luz, da Ciência, da Sabedoria, da consolação e da paz.

O Shamash sobe à Thebah, acende a vela de cera, e Rabbi Abraham, sobre o vinho, sobre a murta e sobre a chama pronuncia as Berakot (bênçãos).

Levanta-se agora um jovem todo vestido de negro e com a voz impregnada de tristeza infinda murmura o Kadish (oração fúnebre) honrando a memória do pai recentemente falecido, sobre o qual pede a protecção do Deus da sua raça. A oração do jovem, escutada em silêncio profundo, é interrompida de quando em quando pelo Amem (assim seja) proferido pelo Kahal.

Abrem-se de par em par as portas do

guarda-vento, e os hebreus que vão saindo trocam entre si juntamente com o apêto de mão, o Shabuahtob (uma boa semana).

É o sétimo dia do mês, não podemos retirar-nos ainda porque se vai proceder à Berekat Halebanah.

A lua, no seu crescente caminha vagarosa pelo firmamento, acompanhada por um séquito numeroso de refulgentes estrêlas. Ali no jardim da Beth-Akenesset (sinagoga), recinto vedado aos indiscretos olhares por altos muros, os filhos de Israel, contemplando o astro da noite, que os envolvia no seu manto de poética melancólica luz, elevavam ao Omnipotente Deus de Abraham, de Isaac e de Yakob, cantos de reconhecimento e de amor.

Enquanto o meu pensamento restituía cenas idénticas no nosso saudável e sacrosanto país de Kanaan, da cidade subia para o céu um ruído surdo e imenso, característico produto da vida agitada e febril das modernas sociedades.

Publicado no *Intransigente* — Lisboa, 1911.

BARROS BASTO,
(Ben-Rosh).

NA PALESTINA

O REGRESSO AO MAR

A pesca e a navegação comercial foram uma importante profissão judaica na antiga Judéia e começam a torná-lo a ser na Palestina moderna. Eis o que escreve a este respeito M.^{me} Eliza Klausner, no boletim do Departamento para a Juventude da Agência Judaica em Jerusalém:

Os princípios

Toda a fronteira ocidental da Palestina é constituída pela costa mediterrânica que se estende desde o sul do Egito até ao Norte da Síria. As três cidades portuárias Tel-Aviv, Jaffa e Haifa, situadas sobre esta

costa, são centros vitais para a Palestina e todo o Médio-Oriente. Sendo dada esta situação e cuidadosos como eles o são de desenvolver todos os recursos naturais do país, nada há de surpreendente que os Judeus consagassem uma atenção sempre crescente ao desenvolvimento das artes marítimas.

Há uns dezóito anos, considerando a importância nacional que elas atribuíam ao desenvolvimento marítimo, algumas pessoas fundaram a primeira instituição marítima judaica na Palestina, conhecida pelo nome de "Zébulon" (porque é à tribo Zébulon, quando a antiga Palestina foi repartida pelas

doze tribos, que coube o privilégio «de habitar sôbre as costas do mar»). A nova associação «Zébulon» agrupa 400 membros.

Com o tempo, duas outras organizações marítimas se criaram: a secção marítima de «Hapoil», a organização desportiva geral do operariado palestinese, cujos membros «navegantes» são hoje em número de 400 e os «Sea Scouts» que fazem parte da Federação dos escoteiros judeus da Palestina. Este último grupo é actualmente o menos numeroso dos três com os seus 100 membros, mas compensa a sua pequenez pela alma que põe à obra.

Estas três organizações de juventude têm sucursais em tôdas as cidades e aldeias da região costeira da Palestina. Pode-se encontrar os seus sócios em Haifa, Hederoh, Césarée, Nathanya, Herzlia, Tel-Aviv, etc.. Os locais dos seus clubes e os seus hangares para barcos estão bem equipados e, como é o mesmo para todos os marinheiros, êles põem o seu orgulho em os manter bem polidos e apetrechados.

A Liga Marítima

Após a guerra, estas associações cessaram de trabalhar separadamente, cada uma segundo a sua boa vontade. Há quatro anos, a Agência Judaica os toma sob o seu controle, dotando-os de material de equipamento, de certas facilidades e duma direcção centralizada.

Uma associação especial, a «Hevel Yami d'Israel» (Liga Marítima Palestinense), estabeleceu para tarefa principal o apoio financeiro a estas organizações marítimas de juventude e, esforça-se, em geral, de suscitar o interesse pelas coisas do mar e de encorajar o critério dos futuros marinheiros.

A Liga trabalha em estreita cooperação com a Agência Judaica e desempenhou um papel activo encaminhando a atenção de numerosos meios sôbre a importância do desenvolvimento marítimo, em particular no centro do judaísmo palestinese, mas do mesmo modo exteriormente.

A instrução

Desde que a Agência Judaica constituiu uma «comissão para a instrução marítima» composta de judeus tendo conhecimentos técnicos e experiência de navegação, cuja

tarefa consiste em desenvolver as aptidões e talentos semelhantes entre os jovens membros das organizações marítimas. Há entre êles figuras pittorescas e bem conhecidas, como por exemplo o Capitão Ze'ev Hayam (lôbo do mar), o ídolo dos jovens futuros marinheiros que êle instrui, e Mr. Benjamin Silberman, o chefe dos escoteiros do mar, actualmente Capitão do pôrto de Tel-Aviv.

A fim de bem imaginar as funções desta comissão, é preciso resumir brevemente o género de treino que dispensou aos jovens nas organizações em questão. Logo à primeira é preciso revelar que notáveis progressos foram feitos logo que estas organizações adoptaram um programa uno sob os auspícios da Agência Judaica. Assim as indicações seguintes se aplicam às três organizações.

Os exames

A idade mínima dos membros era outrora de 15 ou 16 anos, mas baixou para 12-13 anos no princípio da guerra, tendo-se a maior parte dos adolescentes de 17 a 18 anos alistado na Marinha Real ou nos outros serviços da armada britânica.

O treino marítimo numa organização de juventude compõe-se de três graus, exigindo cada um, ano e meio de preparação. No fim de cada grau, um certificado *ad hoc* é concedido depois dum exame especial. O certificado do último grau, A, permite ao seu titular de se tornar instrutor. O júri é composto de membros da «Comissão de Instrução Marítima». Êstes exames são reputados çê ser muito severos e difíceis e os candidatos são julgados depois das provas mais rigorosas que têm por resultado a selecção dos mais dotados entre êles. O número de candidatos ao exame do grau A é pouco elevado, a maior parte dos sócios se contentam de alcançar o grau B.

① treino

Cursos para aprender a fazer nós, classes de construção e de reparação náuticas, de meteorologia, de navegação à vela, de princípios gerais de navegação, etc., fazem parte do treino. O rifão que os marinheiros não sabem nadar, não se aplica à Palestina, porque o candidato, tendo-se de apresentar ao exame do primeiro grau (C),

deve sujeitar-se a uma prova de natação.

Os exames desenrolam-se à saída dum curso prático de três semanas num acampamento à borda do mar, entre Haifa e Tel-Aviv, situado sobre a praia da antiga Césarée. É aqui que os futuros navegadores passam as suas férias grandes trabalhando duramente sob a direcção dos seus instrutores. A metade da jornada é consagrada a estudos teóricos e a outra metade para a prática de diversas artes e ciências náuticas, desde o manejo da agulha de marear e da bússola, até ao aparelhamento dum navio. Os aprendizes marítimos devem aprender a manejar um barco à vela, devem saber fazer-se ao mar e aportar, conhecer os sinais internacionais, ter conhecimentos de meteorologia, etc..

Os exames seguem este período de treino intenso. A distribuição dos diplomas faz-se por ocasião duma cerimónia solene, segundo todos os ritos marítimos.

O serviço

Qual será a futura profissão destes jovens? Em tempo de paz, poderiam exercer a sua actividade nas diversas indústrias marítimas judaicas, trabalhar como pescadores sobre barcos de pesca judeus, como mecânicos ou engenheiros de navios. Presentemente, em tempo de guerra, a maior parte deles alistam-se imediatamente. O serviço na Marinha Real é acessível aos Palestinos e, desde o começo da guerra, 1.000 deles estão alistados, dos quais a maior parte são membros das organizações marítimas judaicas. Desde então há 300 Judeus palestinos na marinha mercante, outros 650 fazem parte de unidades de desembarque e dos quais 300 foram feitos prisioneiros durante a batalha da Grécia,

Há também aproximadamente 1.100 pessoas civis ocupadas em diversas actividades marítimas. Hoje, o judaísmo palestino pode-se orgulhar de cerca de 20 oficiais navais de diversas patentes e de 6 ou 8 capitães de barcos mercantes. A idade média dos voluntários é de 21 anos aproximadamente. Estes jovens tiveram por certo no principio da sua nova vida sobre o mar muitas dificuldades a vencer, mas adaptaram-se rapidamente e completamente às suas novas condições.

Os judeus tornam-se marinheiros...

A coisa importante no caso, não é o seu número, mas o facto que pela primeira vez na história judaica, desde dois mil anos que os Judeus deixaram a Palestina e começaram a sua vida errante através do mundo, tornaram a ser para o mar tanto como filhos dum povo livre.

Os sports náuticos igualmente tomaram um lugar cada vez mais importante na vida da comunidade judaica. Na ribeira Yarkon, no arrabalde de Tel-Aviv, onde todas as três organizações marítimas têm o seu clube e os seus hangares, os clubes de remadores reencontram-se em regulares competições. Este mesmo desporto está muito desenvolvido também em Haifa. A vela é igualmente muito praticada.

Lentamente, como toda a actividade rara e nova, a ideia do trabalho marítimo ganha raízes nos corações dos Judeus da Palestina. A escola marítima de Haifa fornece uma grande contribuição para este movimento de "regresso ao mar" insinuando aos rapazes os conhecimentos necessários para os tornar aptos às diversas actividades marítimas.

... e pescadores

A juventude judaica na Palestina reconheceu que só a navegação é insuficiente para as necessidades económicas do país. Compreenderam que o mar deve tornar-se uma fonte constante de rendimentos para numerosas pessoas e foi assim que colónias de pescadores se estabeleceram ao longo de toda a costa palestina. Em 1936, a primeira destas colónias, a aldeia de "Sdot Yam" foi fundada à beira-mar por o "Noar Haoved" a organização trabalhadora de juventude da Palestina. O seu exemplo foi depois rapidamente seguido por outras oito colónias de pescadores que todas constituíam uma base firme para uma renascença marítima efectiva.

* * *

Por ocasião duma recente reunião de pescadores judeus efectuada na aldeia de Maopilin Gordonia, perto de Athlith, Mr. J. Gruenbaum, membro da Comissão Executiva da Agência Judaica, passando revista

GUERRA AOS MAUS

«Há milhares d'annos que se combate a mentira. A mentira e todos os attributos da maldade,

A *Calumnia* foi um dos quadros mais celebres do grande pintor grego Apelle. Diz-nos Alberti «o genio mais universal da primeira Renascença», no seu *Tratado de Pintura*, segundo Luciano, (Rhetorico e philosopho grego):

«Eis, escreveu elle, a descripção da *Calumnia* como, segundo o relato de Luciano, Apelle a pintou: «Via se n'essa pintura um homem com grandes orelhas, ao lado do qual estavam duas mulheres, uma que se chamava a *Ignorancia* e outra a *Superstição*. Avançava para elle a *Calumnia*: uma mulher de muito boa apparencia, mas com um rosto *velhaco*, tendo n'uma das mãos um archote aceso, e arrastando com a outra, pelos cabelos, um mancebo que erguia os braços para o céu. Havia tambem um homem pallido, feio, de rosto feroz; servia de guia á calumnia e chamava-se a *Inveja*. Outras duas mulheres, ainda, acompanhavam a *Calumnia*, tratando-lhe dos vestidos e dos enfeites; uma era a *Perfidia*, outra era a *Fraude*. Atrás vinha o *Remorso*, uma mulher vestida de luto, rasgando-se toda, seguida por uma rapariga, modesta e pudica, que se chamava a *Verdade*».

Este assumpto impressionante foi reproduzido muitissimos annos depois por Botti-

celli, um dos precusores da arte moderna da Renascença. Mas não tentou somente, diz-nos o critico d'arte Armand Dayol, o pincel de Botticelli; outros grandes artistas, Mantegna, Raphael, tentaram reproduzir a famosa scena do quadro de Apelle.

Houve quem visse no quadro da *Calumnia* uma allusão ás perseguições e aos supplicios de que foi victima Savonarola de quem Botticelli foi admirador e partidário. Savonarola, frade italiano, ergueu o pendão da revolta contra a enorme corrupção que reinava em Italia no tempo do papa Innocencio VIII e de Lourenço de Medicis. Vencido, depois de sujeito aos tormentos mais atrozes, foi queimado vivo.

O quadro *A Calumnia d'Apelle*, de Botticelli, está no Palacio dos *Offices*, de Florença, Galeria de pintura, salla XXX chamada a salla de Botticelli. É considerada uma obra prima.

É notavel a assimilação de defeitos e de vicios do quadro. Apelle juntou á *Calumnia* a *Ignorancia*, a *Superstição*, a *Inveja*, a *Perfidia* e a *Fraude*. Era certo. Já n'essa remota antiguidade se entendia que um defeito ou um vicio nunca vem só. Já n'essa remota antiguidade se entendia que se devia combater o mal por todas as formas, até a da pintura, pois é a profundeza do mal, a corrupção dos homens que leva á morte as sociedades.

A transigencia com os corruptos, com os devassos, com os tratantes, com os videirinhos, que antepõem a tudo o seu interesse individual, é um crime de lesa patria. A primeira condição de patriotismo é o amor da virtude.

Eduquemos pelo exemplo, nós os dirigentes da sociedade, pejo exemplo do desinteresse, da devoção civica, da justiça, da verdade, se quisermos ter auctoridade para mandar a gente para nos obedecer».

Do Povo de Aveiro.

HOMEM CHRISTO.

às actividades marítimas judaicas, sublinhou que os Judeus contribuem actualmente para 27 % ao produto da pesca palestinense, contra 2 % somente em 1939.

Falando na mesma reunião, Mr. Bar-kochba Meirowitz, director do Departamento Marítimo da Agência Judaica, revelou que a Agência Judaica prepara para o após-guerra a criação duma companhia judaica de navegação e a dilatação sobre toda a costa mediterrânica da Palestina, de aldeias judaicas de pescadores que serão centros de enlêvo para a juventude judaica.

Visado pela Comissão de Censura

Comunidade Israelita do Pôrto

(KAHAL KADOSH MEKOR HAIM)

MAPA DAS RECEITAS E DESPESAS DO ANO DE 1943

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|--|------------|--|------------|
| Saldo do ano antecedente: | | 1.ª Secção — CULTO: | |
| 5.ª Secção — (Hebrah Kedishah) — Repouso Eterno — Fundo do Cemi- tério | 3 034\$57 | Moreh | 3 750\$00 |
| Fundo geral | 863\$25 | Diversas despesas | 740\$40 |
| Quotizações e donativos | 1.835\$00 | 2.ª Secção — INSTRUÇÃO: | |
| Subsídio do Portuguese Maranos Committee de Londres | 9.950\$00 | Impressão do livro de Ensino | 1.030\$00 |
| 5.ª Secção — REPOUSO ETERNO: | | Artigos escolares | 26\$00 |
| Juros líquidos do Fundo do Cemitério | 20\$54 | Assistência escolar | 950\$00 |
| | | Impressos | 77\$00 |
| | | 3.ª Secção — PATRONATO DOS TRA- BALHADORES: | |
| | | Assistência a diversos | 622\$10 |
| | | 4.ª Secção — SIGNO VERMELHO: | |
| | | Medicamentos | 8\$7 |
| | | Assistência clínica | 717\$00 |
| | | 6.ª Secção — AMPARO AOS DESTER- RADOS: | |
| | | Assistência | 220\$00 |
| | | Despesas gerais: | |
| | | Água, luz e saneamento | 717\$70 |
| | | Servente e guarda nocturno. | 807\$50 |
| | | Diversas despesas | 346\$90 |
| | | Telefone | 499\$10 |
| | | Despesas especiais: | |
| | | À Comunidade de Bragança | 2.011\$90 |
| | | Diversas despesas | 99\$00 |
| | | | 12.623\$30 |
| | | Saldo para 1944 | 3 080\$06 |
| | 15.703\$36 | | 15.703\$36 |

EXPLICAÇÃO DO SALDO:

| | |
|------------------------------|-----------|
| Fundo do Cemitério | 3 055\$11 |
| Fundo Geral | 24\$95 |
| | <hr/> |
| | 3.080\$06 |

Pôrto, 31 de Dezembro de 1943.

O MAHAMAD.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho*

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

O povo judaico, que em todos os tempos se consagrou com muito ardor à lição, e meditação dos Livros Santos, e dedicou sempre ao estudo das letras uma grande parte dos seus indivíduos, não se pode haver por ignorante e bárbaro, como muitos têmulgado. Quando não houvesse esta razão, e muitas outras abonadas provas da grande aplicação, e saber dos hebreus, bastariam as muitas obras, que êles têm escrito em diversos tempos, e em diversas matérias, maiormente de Literatura Sagrada, para entendermos que, êles sempre conservarão entre si um rico depósito de muita erudição, e doutrina.

Entre todos porém, os que mais se extremaram foram por certo de judeus espanhóis e portugueses, mui dados em tempos antigos a todo o genero de letras humanas e divinas. E por falar dos judeus portugueses, que são os únicos, de que pretendemos tratar nestas Memórias, em mui grande obrigação lhe estamos pelo muito, que concorreram para o estabelecimento dos estudos em Portugal; porque em verdade lhes devemos em muita parte os primeiros conheci-

mentos de Filosofia, da Botânica, da Medicina, da Astronomia, e da Cosmografia; os primeiros rudimentos da Gramática da Língua Santa, e quasi todos os estudos da Literatura Sagrada, que entre nós houve antes do Século XVI, e o que muito contribuiu para se espalharem, e adiantarem os nossos conhecimentos, a introdução, ou polimento da tipografia portugueza, maiormente hebraica, com que naqueles tempos começamos de competir com as mais adiantadas nações da Itália, e da Alemanha. E pelo que toca aos Estudos Sagrados, que é a matéria de nossas memórias, vejamos o que elas fizeram nessa parte.

CAPÍTULO I

Das três escolas em que aprendiam os judeus de Espanha e Portugal

Desde tempos muito subidos foram os nossos judeus espanhóis pelo comum mui doutos, e sabedores da sua lei, e mui versa-

dos em tôda Literatura Bíblica, Talmúdica, e Rabínica.

Três, foram as escolas em que aprenderam:

I — Escolas dos Talmudistas

A primeira foi a dos mesmos *Talmudistas* chamados *Amoréos*, ou *Gemaricos* autores dos comentários do *Misená* (Os Autores dos Comentários ao *Misená* foram chamados *Moraim Amorain Emoraim* ou *Amoréos de Amar-dizer*: porque a sua doutrina é *dizer o que se fêz*, a fim que cada Capitulo começa *Itmar he dito*: e a êste seu dito, ou doutrinas e chama *Memerdá*, isto é, *Sermão* ou *palavra*. Dêste número foi R. Jochanam autor do *Talmud Jerasalymitano* e R. Ase autor da *Gemará* ou *Tolmud Babilónico*, e o último dos *Amoraim* ou *Gemaricos*), que ensinaram nas Academias Orientais de Nahardéa, e de Sorá sôbre o Eufrates, e em outras mais erigidas no Século III. A elas recorriam muitos dos judeus espanhóis, indo por longas peregrinações e trabalhos aprender nelas a intelligência da *Lei Escrita*, e as doutrinas do *Talmud*, ou *Lei Oral*.

II — Escola dos Rabanan

A segunda foi a dos *Rabanan*, ou *Juízes Supremos dos Judeus* sucessores dos *Emoraim* no Reino da Pérsia, a que chamaram *Saboréos*. (*Saboréos* quer dizer *opinadores*, por constar sua doutrina de diversas *opinões*, ou *disputas*, por uma é outra parte; os quais vieram depois da compilação do *Talmud*). Muitos dos nossos foram ouvir suas lições em Babilónia nas famosas Academias de Pumbedita, e Moehafiah, onde ensinaram por quási dois séculos sucessivos.

III — Escola dos Gueonim

A terceira foi a dos *Gueonim*, ou *Guéonim*, ou *Mestres universais dos judeus* insignes propagadores da Literatura Rabínica, que haviam sucedido aos *Raban Saboréos* nos fins do Século XI, e ensinaram até ao princípio do Século XI na cidade e reino da Pérsia. (Chamaram-se *Séonim*, isto é, *excelentes*: por se haverem pelos mais eminentes de todos os homens: os quais subsistiram até a destruição da escola de Babilónia em 4797 da criação do mundo sendo o

último dêles Rab. Haye). Desta escola saíram grandes homens que muito floresceram depois em nossa Espanha; tal foi entre outros R. Judas mui assinalado por seu grande saber, o qual escreveu um tratado das causas, que contém o mar para que não chegue a inundar a terra; e um Dicionário da Língua Árábica, e passou muitos outros livros desta língua para o hebreu: o que bem mostra, quanto êle era versado no estudo de Filosofia, e das linguas; e quanto as ciências floresciam então nas sinagogas de nossa Espanha.

Concurso dos espanhóis a estas escolas — E estas foram as três escolas, a que concorriam os judeus espanhóis em tempos antigos; os pais costumavam mandar seus filhos para se instruírem nelas, como no centro de tôda a literatura, e sabedoria sagrada; porque era um princípio assentado da educação liberal entre êles, ir tomar na fonte as instruções daqueles sábios mestres da Nação. Se havia alguma dúvida nos pontos mais árduos da lei, as sinagogas de Espanha a elas enviavam seus deputados para consultar os rabis; dêles recebiam a declaração e decisão de suas dúvidas e se regiam por suas respostas e decretos; praticando os mesmos ritos, cerimónias e costumes legais, que êles tinham. Assim vemos, por exemplo, que as preces, que as sinagogas de Espanha costumavam recitar nos dias de Aflicção e particularmente nos dias das Expições, eram compostas pelo Rabi Minim, cabeça de uma das academias de Babilónia, donde os nossos as haviam recebido.

CAPÍTULO II

Da quarta escola, que é a dos Rabanim de Espanha

Quando e porque ocasião começou a escola dos Rabanim de Espanha — Depois que os judeus no reino da Pérsia começaram de ser perseguidos e desbaratados pelos sucessores de Aly e foram lançados fora de Babilónia, e de suas vizinhanças e lhes faltou R. Haye, supremo *Gaon*, ou *Juiz universal* de todos êles naquelas partes, acabaram as academias orientais chamadas *Marbidá*, *Thoràt* e se extinguiu o magisté-

rio e govêrno dos *Gueonim*; o que succedeu pelos princípios do Século XI. Então é que começou em nossa Espanha a quarta, escola dos chamados *Rabanim*, ou *Expositores e mestres universais*. Por quanto então é, que muitos judeus de Babilónia correndo diversas partidas, vieram fazer assento nas terras de Espanha; aonde acharam muito abrigo e agasalho entre os seus; com êles cresceu muito o número das famílias judaicas, que entre nós viviam e começou de haver abundância de mestres e doutores entre os judeus, erigindo-se diversas academias, em que se ensinava a doutrina da lei, e do Talmud.

Córdoba é a primeira Academia dos judeus de Espanha; sábios que a fizeram florescer — A de Córdoba foi a primeira e a mais celebrada de tôda a Espanha e como centro de tôdas as outras. Já ela antes se havia afamado muito desde o ano de 948 pela vinda e magistério de Rabi Mosela um dos maiores mestres de Pumbedita, e de seu filho Hanoc, ou Enoch Rabi de mui grande sabedoria, que ali chegaram. Haviam sido êstes dois judeus apresados pelos corsários e trazidos às costas de Espanha; os cordoveses os resgataram por caridade sem ainda então os conhecerem, descobriu-se quem êles eram com pasmo de todos, e havendo isto por grande dita, criaram o Rabi Mosela, *Juiz da Nação* e o levantaram por seu mestre, debaixo de cujo magistério conseguiram as grandes luzes, com que brilharam sôbre todos nos Estudos Sagrados. Êste foi o que mais propagou entre os judeus cordoveses os conhecimentos do Talmud, que até ao seu tempo era menos tratado em nossa Espanha; dêle o tomaram todos os outros, que depois se deram entre nós a tais estudos.

Protecção de Hakim Califa de Espanha — Um Príncipe árabe concorrera então muito para o progresso da literatura talmúdica, e luzimento da Academia de Córdoba, qual foi Hakim Califa de Espanha. Êste Príncipe via de mau grado, que os judeus seus vassallos para se instruírem na lei se passavam muitas vezes às portas do Oriente, aonde reinavam os Abanidas, inimigos de sua casa, que muito lhe haviam destruído; pelo que estimou grandemente, que viesse Moreh e que ensinasse o Talmud e poupasse

com isso as freqüentes viagens dos judeus a Bagdad e a Jerusalém e as deputações e mensagens, que as sinagogas de Espanha costumavam até então fazer às sinagogas e escolas do Oriente, que não deixavam de lhe ser suspeitas e de lhe dar muito ciúme e cuidado. Por isso querendo Moseh tornar para sua Pátria, êle o obrigou a ficar em Córdoba.

Começa a escola e a primeira idade dos Rabanim de Espanha — Falecendo rabi Moseh no ano do Mundo 4775, de Cristo 1015 succedeu-lhe seu discipulo Samuel Hallevi, que os judeus alçaram em 4785, de Cristo 1027 com os títulos de *Rab* ou *Mestre* e de *Nagid* ou *Príncipe* em roda a Espanha. Foi êste o primeiro *Rabi* e *Gaon*, em quem começou no Século XI a primeira idade dos Rabanim de Espanha, cuja Escola durou por nove idades.

Aumento dos estudos da Academia dos judeus de Espanha — Então se adiantaram ainda mais os estudos de literatura sagrada entre os judeus espanhóis, pelos cuidados de seu primeiro Gaon; e então cresceu mais o esplendor da Academia de Córdoba, das Escolas de Barcelona, de Granada, de Toledo e outras mais, para o que muito contribuíram os judeus desterrados de Babilónia, que vieram à nossa Espanha no principio daquele século, os quais espalharam novas luzes, maiormente o sábio R. José ben Isaac ben Schatues.

Protecção de Haschem Rei de Córdoba — Não concorreu menos para isto Hasohen filho de Hakim segundo Rei de Córdoba, a quem o judeus costumavam chamar *Aschafefz*, e em quem acharam grande favor e patrocínio. Êste Príncipe árabe promoveu muito os progressos da Literatura Talmúdica no seu reino, mandando pelo R. José ben Schatues traduzir. Traduzir em Arabigo o Talmud, e explicar tôdas as seis ordens do Misená, ou fôsse curiosidade de saber o que continha um livro tão gabado e venerado dos judeus, ou fôsse querer fazê-lo mais vulgar e comum à nação para arreigar mais os judeus em seus domínios e os desviar das freqüentes peregrinações, que continuavam a fazer ainda a Jerusalém e a Bagdad (David Ganz na obra *Thse-mach David* ou Descendência de David

p. 130 Abraão ben Dior na *Caballa* p. 22, 22 a 11).

Sábios que se distinguiram na primeira idade dos Rabanim — Assim começou em Espanha a florescente Escola dos *Rabanim*, em que nossos espanhóis de discípulos que dantes eram, se fizeram mestres universais dos judeus, pôsto que não tomassem outro nome, que o de *Sábios* e *Rabinos*. (Os doutores hebreus, depois que acabou a Escola dos *Gueonim*, nunca mais tomaram outro nome, que o de *Sábios Rabinos*. A esta escola de Espanha vinham inumeráveis judeus de tôdas as partes do mundo, para se instruírem na ciência da Lei, e do Talmud; e de maneira a respeitava tôda a nação hebreia, que havendo acabado as idades dos *Gueonim* na Pérsia, começou de as contar pelas de seus mestres espanhóis, ou *Rabanim*.)

Nesta primeira idade distinguiram-se muito entre outros sábios R. Samuel ben Chophni Hacoheh Cordovês, sacerdote Filósofo e Jurista, que publicou um Comentário ao Pentateuco, cujo Ms. existe na Biblioteca do Vaticano. R. Samuel, que ensinou em Barcelona, e foi o que modificou os decretos dos Padres, quando proibiram estudar as linguas maiormente o grego; e judas ben R. Levi Barsili Doutor de Barcelona, e discípulo de R. Gerson, que compôs um tratado sobre os direitos das mulheres; outro de Crôнологia Judaica; e outro de sermões.

Segunda idade dos Rabanim — Seguiu-se depois a segunda idade dos *Rabanim* de Espanha, que teve princípio em Rab. Joseph Halevi, que sucedeu a seu pai no Rabinado e principado; o qual depois foi morto em Granada no ano do mundo 4824, de Cristo 1064 com muitos outros judeus, pela perseguição que se levantou contra êles. (Assim conta Manoel Aboal na sua *Nomologia* p. 227, o qual corrige a era, que havia fixado Samuel Usque na obra *Consolação de Israel*.)

Terceira idade dos Rabanim — A terceira idade começou em Rab. Isaac ben Jacob Alphesi, ou Alphasi, natural da cidade de Fêz, um dos mais sábios homens do seu século. Sendo de idade de 75 anos por se poupar às vexações, que os seus lhe faziam, se passou de África para Espanha em 4848,

de Cristo 1088. A Academia de Córdoba cobrou novo vigor e luzimento com sua vinda. Nela ensinou Alphesi a doutrina do Talmud e a felicitou muito aos judeus espanhóis, reduzindo a compêndio todo o corpo daquela volumosa obra; a qual foi logo comentada pelo famoso Raschi e por outros mais. (Ainda no século passado, como atesta Manoel Aboal na sua *Nomologia*, costumavam os judeus estudar pela obra de Alphesi em suas *Jesibá*, pela haverem por livro de muita doutrina e em tudo conforme ao Talmud, e se usar nêle dos mesmos têrmos e conceitos do Meisená e se resolverem magistralmente tôdas as matérias; achando-se em resumo tudo o que haviam declarado os *Gueonim*, e *Sábios* seus predecessores; de maneira que êste Livro é chamado *Talmud pequeno*, e é o que os judeus mais estudam e mais consultam). Foi constituído *Nagid* ou *Príncipe do destêrro* em Espanha. Faleceu na Vila de Luuna de idade de 90 anos em 4863, de Cristo 1103.

Sábios que floresceram nesta idade —

Em seu tempo floresceram quatro judeus cordoveses de seu mesmo nome. Um dêles foi R. Isaac bar Baruch, que fazia remontar a sua genealogia até o antigo Baruch Ammanucuse ou Secretário de Jeremias, cuja família se dizia haver vindo para Espanha nos tempos de Tito: foi chamado o Matemático, pelo muito que sabia de matemática e lições que havia dado desta ciência ao Rei de Granada. Os sarracenos fizeram dêle grande estima. Êste e Alphesi foram inimigos, e cabeças de diversas escolas e só por morte se reconciliaram; os outros foram R. Isaac bar Moseh, R. Isaac ben Giath grande Poeta e Presidente, que depois foi da Academia de Córdoba, tutor e mestre de R. Azarias Ha-Levi filho do Nagid José Ha-Levi; e R. Isaac ben Reaben de Barcelona insigne poeta e Talmudista.

Quarta idade dos Rabanim — A quarta idade teve princípio no Século XII em Rab. José bar Meir Ha-Levi conhecido por Aben Megas, natural de Sevilha, que succedeu a seu mestre R. Isaac Alphasi na presidência da Academia de Córdoba que lhe cedeu antes de seu falecimento e a teve por espaço de 38 anos. Faleceu de idade de 64 anos em 4901, de Cristo 1141, deixou

entre outros discípulos três muito eminentes, que foram seu filho R. Meir, seu sobrinho do mesmo nome e R. Moseh bar Maïemon ou Maïemonides.

Quinta idade dos Rabanim — A quinta idade principiou em Rab. Moseh bar Maïemon natural de Córdoba; que foi o discípulo de Aben Megas, que mais mereceu as atenções de todos; faleceu no Egipto em 4964, de Cristo 1204. Êle, e R. Abraão Aben Ezra e David ben Joseph Kinchi, que concorreram neste tempo, foram três dos maiores homens, que tem tido a Sinagoga. Também se distinguiram muito R. Isaac Aben Giad, R. Salomão ben Gabirol, R. Abraão Ha-Levi ben David, R. José Hacoheu, R. Jehudah Aben Thibon; os dois rabis, que tinham ambos nome de Abraão e ambos adversários de Maïemonides, que ensinaram na Pesqueira lugar de Castela-a-Velha; Judas Médico Cabeça da Sinagoga de Toledo, que escreveu contra Kinchi em defesa de Maïemonides; R. José ben Thsadik, juiz dos judeus e grande poeta, que morreu em 1150 e parece ser o mesmo, que indo de Espanha para Babilónia lá foi feito *Gaon* das relíquias dos judeus, ou semelhante a *Gaon*, pois que o *Gaonado* dos judeus havia acabado em R. Haai (Nicoláo Serrari liv. I. c. x. p. 255). A guerra literária, que se ateou neste século entre as sinagogas de Espanha e as de Narbona despertou nesta idade os estudos Talmúdicos e Rabínicos (*Basnoge Hist. des Juifs.* tom. . . págs. 265, 266, 280 e 287).

Sexta idade dos Rabanim — A sexta idade assentou nos fins do Século XII em R. Moseh de Cozi e R. Moseh Nachman filho de R. Isaac bar Reuber o último dos cinco famosos Isaac da terceira idade (Maïeomel Aboal Nomologia).

Sétima idade dos Rabanim — A sétima idade começou no Século XIII em R. Selomoh ben Adereth, e R. Perez ben R. tiveram nesta idade grande nome entre outros Gerson ben Selomoh e Jedahiah Hapenini.

Oitava idade dos Rabanim — A oitava idade entrou nos princípios do Século XIV com Rab. Aser de Nação Tudescã, que de Alemanha se havia passado à posse Espanha em 1300; foi feito Rab. e principal mestre

de toda ella na cidade de Toledo, onde faleceu em 1328. Êle foi o que mais espertou os estudos Talmúdicos e Rabínicos e os fêz florescer muito nestes tempos. Sucedeu-lhe na dignidade e magistério seu filho Rab. Jehudah, que residiu sempre em Toledo para onde já antes se havia transferido a Academia que os judeus tinham tido em Córdoba até 5009, de Cristo 1249.

Nona idade dos Rabanim — A nona idade abrangeu parte do Século XIV e do Século XV e foi cabeça dela R. Isaac Campanton conhecido vulgarmente pelo *Gaon de Castela*; viveu 103 anos e faleceu em 1463. Sucedeu-lhe seu filho R. Isaac Aboab chamado por autonomásia o *Rabi* que foi o último *Gaon*, o qual saiu de Castela para Portugal em 1492 pelo destêrro geral da Nação.

Sábios que floresceram nesta idade — Nesta idade floresceram R. Isaac de Leão e R. Abraão Zacuto discípulos de Campanton e também R. José Uziel, R. Scem Tob, R. José Penso, R. Jacob de Rab, R. Samuel Serralvo e R. Jehudah Aboab.

(Continua).

Vida comunal

Pôrto

Ano-Novo

As festas do mês de Tishri (lua de Setembro), Ano-Novo de 5705 (Rosb-Ha-Shannah), Kipur (Dia do Grande Perdão) e Sukoth (Festa das Cabanas) foram realizadas solenemente na Sinagoga Kadoorie Mekor H'aïm, à Rua Guerra Junqueiro. Tomaram parte activa no culto os Srs. S. Wormser e Samuel Rodrigues.

Festa dos Macabeus

Esta festa chamada Hanucah, comemorativa da restauração do serviço religioso no Templo de Jerusalém pelos Macabeus, foi celebrada também nesta cidade do Pôrto.

Visado pela Comissão de Censura

JUDAH MACABEU (MAKABI)

1 — Judah alcança grandes vitórias sobre os siríacos — Após a morte de seu pai, Judah colocou-se à testa dos judeus. Ele não confiava somente na sua espada, mas também e sobretudo na assistência divina, que ele implorava antes de cada combate. Com os seus 6.000 soldados valentes e dedicados, Judah conseguiu grandes vitórias sobre os poderosos exércitos siríacos. Ele próprio se batia como um leão.

Chamaram-lhe então "Macabeu" que significa, diz-se, "O Malho" (da palavra hebraica Magabh, malho), porque ele esmagava os inimigos como o malho bate o ferro (outra etimologia faz derivar Macabi, das iniciais das palavras: "Mi Camokh, Boelim lah" Êxodo XV, 113. (Em poder é comparável à tua, Senhor!), divisa que era inscrita, diz-se, sobre o estandarte macabeu.

— Antíoco enviou contra ele Lysias, o melhor dos seus generais, com um exército de 20.000 homens. Este contava de tal modo se apoderar, deste punhado de revoltosos que tinha convidado mercadores de escravos para virem comprar prisioneiros. À vista deste grande número de inimigos, o desencorajamento invadiu num momento o coração dos companheiros de Judah. Mas este os encorajou: — "Não tendes medo; Deus pode dar a vitória ao pequeno número como à multidão. Os nossos inimigos batem-se por coisas vãs; mas nós, nós nos batemos pela nossa vida e pela nossa religião". Depois ele marchou ao encontro duma fracção inimiga, surpreendeu-a durante a noite e conseguiu uma tal vitória que o resto do exército siríaco foi obrigado a retirar-se da Palestina.

2 — Judah entra em Jerusalém e restabelece o serviço do Templo — Agora o caminho era livre e Judah pôde avançar até Jerusalém, mas chegado ao monte Sion, que triste espectáculo se apresentou aos seus olhos! O altar fôra profanado, o santuário fôra devastado, e a erva crescia no átrio. Muito comovido Judah e os seus valentes rasgaram os seus vestidos e se lamentaram. Mas pouco depois Judah lançou-se à obra. Ele purificou o lugar Santo profanado e mandou fazer de novo utensílios sagrados. Demoliu o altar, que tinha sido manchado

pelos ímpios, e fez construir um novo, que foi inaugurado no dia 25 de Kislev do ano 155 no mesmo dia em que, três anos antes, a estátua de Júpiter Olímpico tinha sido colocada no templo. A festa de inauguração do altar (Hanukah Hamizbeáh) foi celebrada no meio dum grande entusiasmo, e ofereceram sacrifícios de reconhecimento cantando hinos em louvor do Deus Único.

— Durante a purificação do Templo, encontraram um frasco de óleo sagrado, trazendo ainda o selo do antigo grande sacerdote. Serviram-se deste óleo para acender pela primeira vez o candelabro de sete ramos. A quantidade de óleo encontrado bastava para alimentar as lâmpadas durante um dia; mas, por um milagre, elas arderam durante oito dias até que podessem preparar outro óleo sagrado. É porque os doutores desta época prescreveram que todo o Israel comemore a recordação deste glorioso acontecimento por uma festa anual de oito dias de duração, que se chama Hanukah (Inauguração).

3 — Morte de Antíoco — Antíoco à notícia da derrota dos seus exércitos, prometeu a si vingar-se e, no seu orgulho exclamou: — "Eu farei de Jerusalém o túmulo dos judeus!"

Mas Deus não permitiu que ele executasse os seus projectos. Ao voltar ao seu país, ele caiu do seu carro e feriu-se gravemente. Uma horrível doença se declarou em seguida a estes ferimentos. Em face da morte, ele arrependeu-se e disse: — "É justo de se submeter a Deus." Mas o Senhor deixou este blasfemador morrer no meio de atroz sofrimento.

4 — Batalha dos elefantes. Proeza de Eleazar — Antíoco Eupator, sucessor de Epifânio, invadiu por sua vez a Judeia com um imenso exército de mercenários e com elefantes treinados para a guerra. Antes da batalha, deram a estes animais sumo de uvas para os excitar ao combate. Cada elefante trazia uma torre de madeira, que continha 32 guerreiros. Judah aproxima-se para travar combate, mas o medo invadiu o coração dos seus guerreiros à vista destes animais monstruosos. Então

Eleazar, irmão de Judah, vendo um elefante revestido duma maneira real e ultrapassando todos os outros, julgou que êle conduzia o rei. Resolvido a libertar o seu povo, precipitou-se audaciosamente no meio da falange inimiga, dando golpes mortais à esquerda e à direita para romper as fileiras inimigas; depois, metendo-se debaixo do elefante, feriu-o no ventre. O animal, caindo sôbre êle o esmagou; mas Eleazar tinha sacrificado em vão a sua vida. Perante o número dos inimigos, Judah viu-se obrigado de bater em retirada e refugiar-se no recinto fortificado do Templo, onde êle estava ao abrigo de todo o taque.

5—Nova proeza de Judah Macabeu — Demétrio, novo rei da Síria, recomeçou a luta contra a Judeia (161 antes da Era vulgar), êle enviou o general Nicanor com numerosas tropas contra Jerusalém. Judah foi obrigado a pôr-se de novo à testa dos seus fiéis, três mil homens sômente. Os dois exércitos travaram combate a 13 de Adar, e Nicanor foi derrotado. Êle próprio morreu na refrega. Para agradecer a Deus a sua ajuda o povo judeu comemorou por longos anos a vitória do 13 de Adar, por uma festa, chamada Festa de Nicanor.

6—Morte de Judah Macabeu—Para ter um aliado contra os siriacos, Judah entabulou negociações com os romanos, então seus inimigos; êle concluiu até com êles um tratado cujo texto, gravado sôbre tábuas de bronze foram por muito tempo conservadas no Capitólio. Mas êste tratado, realçando o prestígio dos judeus, não lhe deu ajuda sincera. Quando, no ano seguinte, os siriacos invadiram de novo a Palestina, os romanos não enviaram nenhum socorro. Judah, abandonado só tinha oitocentos homens para opor ao exército inimigo. Com êste punhado de bravos, êle ousou contudo atacar as forças do inimigo, muito superiores e conseguiu um sucesso momentâneo em Eleasa, mas, no seguimento da batalha, êle foi morto, e a vitória coube aos siriacos (160 antes da era vulgar). Os seus irmãos recolheram o seu corpo e enterraram-no no túmulo de seus pais, em Modim.

Todo o Israel fêz ouvir choros e lamentações, dizendo: — “Como morreu êste valente, que libertava Israel?”

NECROLOGIA

De Londres recebemos a triste noticia de que Deus Bendito chamou à sua divina presença a alma de

Arthur de Casseres

Membro do Conselho dos Anciãos da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, membro do Portuguese Maranos Committee. Êste Sr. veio ao Pôrto tomar parte na inauguração solene da Sinagoga Kadoorie, onde agora lhe foi rezada solenemente pelo Moreh Marano, Sr. Samuel Rodrigues uma ascabah.

Rev. Abraham Castel

Ministro oficiante da Comunidade Israelita de Lisboa a qual serviu dedicadamente durante trinta anos.

O seu officio fúnebre foi rezado na Sinagoga Israelita Shaaré Tikvah de Lisboa.

Dr. Erich Rubinfeld

No dia 25 de Janeiro de 1944 faleceu súbitamente com 54 anos de idade em Lisboa o nosso correligionário e médico distinto Dr. Erich Rubinfeld natural de Áustria donde emigrou para o Pôrto, de cuja Comunidade fazia parte e era o elemento activo da 4.ª secção (Signo Vermelho) que trata de assistência clínica. Homem... homem estudioso e bondoso.

Que as suas almas sejam unidas ao feixe da vida eterna e os seus corpos repousem em paz e glória.

E digamos como Job: “Deus os deu, Deus os levou, louvado seja Deus”.

— Na Catedral Judaica do Norte de Portugal (Sinagoga Kadoorie Mekor H'a'im), foram rezadas solenemente as Kaboth por êstes ilustres extintos, sendo oficiante o Moreh Marano Sr. Samuel Rodrigues.

JUDAH HALEVI

por ISAAC JACOB LOPES MARTINS

De entre a vasta pléiade de judeus hispânicos cuja contribuição literária mais notável repercussão teve em sua época e sendo ainda hoje admirável na sua grandeza, Judah Halevi (Abu al-Hasan al-Lawi) nascido em Toledo nos fins do século 10.º, no ano de 1085/6 é sem dúvida uma das suas mais brilhantes figuras.

Durante a conquista de Toledo pelo rei Afonso VI, foi Judah Halevi para Lucena a fim de ser educado pelo Rabi Isaac Alfazi.

Tempos após, o seu mestre morria e Halevi com o coração entristecido por tal perda, compôs a Elegia "*Diwan es Abul Hasan Jehuda a-Levy*", que podemos considerar as suas primícias literárias.

Depois da morte do Rabi Alfazi, Judah Halevi foi aluno do Rabi Joseph Ibu Migas-Baruch Albalia e tornou-se o seu discípulo mais dilecto.

Entretanto prosseguindo os seus estudos em Toledo, forma-se em medicina, indo mais tarde exercer clínica em Córdova.

Considerado um dos mais inspirados poetas hebreus, Halevi dá-nos em páginas de suprema beleza, os seus *Cantos de Sion*, nos quais atinge o ponto culminante do êxtase divino, e faz renascer o lirismo judaico, descrevendo-nos com acrisolado amor, a glória e o esplendor passados, a tristeza dum presente duro e cruel e a fé inabalável no ressurgimento e nas alegrias futuras de Israel. A sua obra poética ainda continua e Halevi dá-nos *Zion Ha-lo Tis'ali* e *Tal Orot*, etc..

Judah Halevi não foi só um poeta admirável, mas também um filósofo de grande valia, deixando-nos entre outras obras o *Cuzari* ou *Hauzari*, contra o qual mais tarde se despenhou todo o ódio e fôrça do Santo Offício...

...No *Cuzari* Judah Halevi, faz a apologia filosófica do judaísmo contra as pretensões e deturpações das crenças adversas...

Historia-nos a conversão ao judaísmo de Bugan, *Chagan* dos *chazares*, reino formado

por tártaros cuja capital Atel era próxima da actual Astrakâm, nas margens do Volga; compondo-se o seu território de quasi tôda a Rússia do Sul.

Pelo período de 250 anos foi este reino judaico dos "Chazares" temido e acatado, mas no ano de 969 (e. v.) o duque de Kiev "Sviakoslaw" tomou a capital e obrigou-os a dispersarem-se formando diversas comunidades no Sudoeste europeu.

Halevi dá-nos neste trabalho em páginas de rara beleza a insofismável afirmação da superioridade do judaísmo, exaltando as nossas concepções monoteístas e as suas benéficas influências para a humanidade.

Halevi que como bom judeu mantinha dentro de si bem viva a imagem da Terra Prometida, dirigiu-se após a morte de sua mulher, ainda com o coração estiolado pela dor, para a Cidade Santa, cantada pelo nosso rei David e exaltado por tantos outros, pela sua beleza e grandiosidade onde morreu pouco depois de 1140.

.....

Nós, jovens sionistas, devemos, como Judah Halevi fixar os nossos olhos em Sion, e dar aos nossos actos e pensamentos uma única finalidade: o ressurgimento da Nação Judaica.

Longos e penosos séculos de tribulações e rudes provas se apresentaram diante de nós, não apenas os grandes trabalhos passados mas muitas mais desgraças, deficiências, enganos e decepções nos hão-de por certo ainda assoberbar.

De escudo servir-nos-á a nossa fé e vontade, de companheiras a constância e previdência que nos caracterizam.

No nosso caminho mil obstáculos se levantam, porém, que importa?

Mantendo-nos unidos e inflexíveis, Deus nos ajudará a vencê-los.

Então a Jerusalém poderosa de outrora despertará do seu torpor se séculos concedendo-nos dentro das suas muralhas o repouso e abrigo por tanto tempo ambientados.

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלַּפִּיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PORTO

A BRIGADA JUDAICA

A «jewish Agency for Palestine» (Agência Judaica para a Palestina) autoridade reconhecida pelo Mandato afim de aconselhar o Governo e colaborar com êle em todos os assuntos respeitantes ao Lar Nacional Judaico, tentou, desde o princípio da guerra, conseguir a criação duma Fôrça combatente Judaica. Apesar de terem sido frequentemente frustrados os seus esforços e o zêlo dos judeus da Palestina em prestar tôda a espécie de serviços de guerra ter sido abafado, mais de 30 000 jovens palestinianos se ofereceram como voluntários para os diferentes serviços de guerra em resposta a um apêlo da Agência Judaica que nunca abandonou os seus esforços para conseguir uma Fôrça Judaica separada.

Como a referência do Governo à Agência Judaica para a Palestina, feita em 19 de Setembro de 1944, foi deliberadamente reprimida em alguns sectores, é conveniente recordá-la:

«O Governo de S. M. decidiu ceder ao pedido da Agência Judaica para a Palestina para que um grupo de Brigada Judaica seja formado para tomar parte nas operações activas. A Brigada de Infantaria será baseada nos Batalhões Judaicos do Regimento da Palestina, e a necessária concentração para o treino está sendo feita agora, antes do envio para um dos teatros de guerra.

Unidades auxiliares e subordinadas, para completar o Grupo, baseadas nas Unidades Palestinenses existentes estão sendo preparadas e juntar-se-ão à Bri-

gada de Infantaria tão depressa o quanto possível. Os pormenores do esquema estão sendo discutidos com a Agência Judaica que foi convidada a colaborar na sua realização.»

O Primeiro Ministro ampliou o comunicado do Governo no seu relatório de guerra na Câmara dos Comuns, em 28 de Setembro. Falando da luta na Itália, o Sr. Churchill disse:

«O Exército Britânico na Itália inclui também unidades palestinianas. E aqui quer mencionar o comunicado que os Membros desta Câmara já devem ter lido, e que espero será apreciado e aprovado, de que o Governo decidiu aceder ao pedido da Agência Judaica para a Palestina para que seja formado um grupo de Brigada Judaica para tomar parte nas operações activas. Sei que há um grande número de judeus que servem com as nossas Fôrças e as Fôrças Americanas em todos os exércitos, mas parece-me, de facto, indicado que uma Unidade Judaica Especial, uma Unidade separada daquela raça que sofreu tormentos indizíveis dos Nazis; seja representada por uma formação distinta entre as fôrças reunidas para a sua destruição final e não tenha dúvidas de que, não só tomarão parte na luta, mas também na ocupação que se seguirá a esta.»

(Trad. de Ruth Arons. In The New Judaea, Londres, Setembro de 1944).

Cadetes do Grupo de Brigada Judaica em Londres

Uma quantidade de cadetes palestinianos, membros duma unidade de Artilharia do Grupo de Brigada Judaica, chegaram a Inglaterra. Vêm frequentar um curso de O. C. T. U. afim de poderem servir como oficiais no Grupo de Brigada Judaica. Todos êles prestaram já quatro anos de serviços no Médio Oriente.

A' sua chegada a Londres os cadetes foram recebidos nos escritórios da Agência Judaica por Mr. Berl Locker que lhes deu as boas-vindas em nome da Administração.

Morreu Miss Henrietta Szold

O Yishuv e o mundo Judaico perderam uma chefe ilustre

Miss Henrietta Szold, fundadora da Hadassah, Organização das Mulheres Sionistas da América e chefe do Movimento da Aliyah da Juventude, morreu em Jerusalém no dia 13 de Fevereiro p. p. pelas 7,40 da tarde de ataque cardíaco, no seu quarto da Escola de Nurses da Hadassah em Monte Scopus. Tinha 84 anos de idade. O Yishuv inteiro ficou mergulhado em profunda dor.

Imediatamente depois da morte de Miss Szold reuniram-se em volta do seu leito membros do Poder Executivo da Agência Judaica, do Vaad Leumi, e do pessoal académico da Universidade Hebraica, enquanto nurses da Hadassah empunhando bandeiras aceras formavam a guarda de honra.

Acompanham o funeral delegações de todas as colónias

Todos os jornais hebraicos se publicaram nesse dia com tarjas negras e inseriam longos editoriais em honra de Miss Szold. Nos edificios de todas as instituições judaicas foi desfraldada a bandeira Sionista, a meia haste. Não foi concedida a mínima

suspensão de trabalho porque Miss Szold sempre condenou essa prática. Delegações da Aliyah da Juventude de todo o país começaram a chegar a Jerusalém logo de manhã cedo, para acompanhar o funeral que, de acôrdo com o desejo da finada, será feito muito simplesmente, sem oração fúnebre nem cerimónias especiais. Os directores da Agência Judaica e da Vaad Leumi publicaram uma declaração conjunta prestando elevado tributo à memória de Miss Szold considerada «uma mãe de Israel».

Em memória de Henrietta Szold

Uma vida ao serviço do Povo Judeu

Miss Szold nasceu em Baltimore, Maryland, em 21 de Dezembro de 1860. Em criança, estudou alemão, hebreu e francês com seu pai, o Rabbi Benjamin Szold. Em 1909, visitou a Palestina pela primeira vez. No ano seguinte regressou à América e, em 1912, organizou um grupo de mulheres cuja pacífica missão era a de trazerem os novos métodos da ciência médica para a Palestina. Foi êste o princípio de Hadassah, a Organização das Mulheres Sionistas da América, a qual é, hoje em dia, com os seus membros que se elevam a mais de 100.000, o organismo Sionista maior e mais influente do mundo.

Em 1927, Miss Szold foi eleita membro do Poder Executivo Sionista da Palestina e tornada responsável pela higiene e a educação. Em 1930, o Vaad Leumi elegeu-a para a sua sociedade, como ministro de higiene, de educação e dos trabalhos da saúde pública. Tinha setenta anos de idade quando principiou êste intrincado e árduo trabalho.

Em 1935, as crianças judias tiveram de ser resgatadas de uma verdadeira perseguição sem esperança que para elas tinha decretado o regime nazi. Miss Szold, que contava então setenta e cinco anos, foi a directora do movimento destinado a trazer essas crianças dos países ocupados para a Palestina. Era ela quem superintendia pessoal-

mente em todos os aspectos do movimento do Aliyah da Juventude, esperando os navios em Haifa, alojando as crianças em Kvutzot e ficando junto delas durante os primeiros dias difíceis.

Homenagem do Poder Executivo Sionista

A seguinte homenagem foi publicada pelo Poder Executivo da Organização Sionista Mundial, pela Agência Judaica e pelo Vaad Leumi:

"Henrietta Szold partiu a juntar-se aos seus pais, de Monte Scopus, e de entre as paredes da instituição que tem o seu nome. O seu espírito regressou a Deus, que lhe tinha dado. Longa foi a sua vida, cheia de realizações criadoras dedicadas ao seu povo. Os caminhos da sua vida regressaram ao porto de abrigo que ela deu, na América, aos judeus fugitivos da tirania Czarista e atingiram a sua culminância no santuário de que ela dotou a juventude de Israel que fugia do terror nazi e se dirigia à sua pátria.

"Pioneira do Sionismo, antes mesmo que existisse uma Organização Sionista, Miss Szold trouxe ao mundo a maior organização feminina — Hadassah — com a cura do meu povo, neste país, segundo as suas próprias palavras. Uma fiel defensora de ensino no Movimento Sionista, ela também deixou as fundações dos serviços sociais da Comunidade Judaica.

"Gerações sobre gerações falarão de Miss Szold, que foi uma Mãe para Israel e cuja igual não foi encontrada em muitos séculos. A sua recordação será enraizada para sempre no coração do seu povo."

O funeral de Miss Szold — O Dr. Weizmann às borlas do caixão

Muitos foram os milhares de judeus e não judeus que prestaram a Miss Szold, a derradeira homenagem, passando silenciosamente diante do seu caixão numa torrente sem fim. O esquife foi então transportado para fora do Hospital de Hadassah, levando às borlas o Dr. Weizmann, e Dr. Magnes, e Juiz Frumklin do Supremo Tribunal da Palestina, o Sr. Daniel Auster, o Presidente substituto do Município de Jerusalém, o Sr. Isaac Ben Zvi e o Sr. David Remez.

Não foram pronunciados discursos e não havia flores, a não ser as das coroas oferecidas pelo Alto Comissário e pelas crianças trazidas para a Palestina vindas da Transnistria e que tinha a seguinte inscrição: "Para a nossa Mãe, que nos salvou do vale da Morte". Uma criança da Aliyah da Juventude disse o Kaddish junto da sepultura aberta.

A Universidade Hebraica vai fundar um Museu para os Tesouros Culturais vindos da Europa

Segundo foi anunciado numa conferência da Imprensa em Jerusalém, no dia 11 de Fevereiro, os tesouros culturais judaicos salvos da Europa terão um lugar no novo Museu e arquivos que vão ser fundados pela Universidade Hebraica em Monte Scopus.

As festividades de Purim

Este ano os soldados judeus dos Exércitos celebraram as festividades de Purim em pleno território alemão. Para este efeito, onze capelães americanos, adidos a unidades de combate celebraram serviços religiosos nas primeiras linhas na tarde do dia 26 de Fevereiro e durante todo o dia seguinte.

Os Judeus no Exército Sul-Africano

De acôrdo com os dados compilados pelo Departamento Judaico dos Serviços de Guerra do Conselho de Deputados Sul-Africanos, sobe a 9.830 o número de judeus que actualmente servem nas forças armadas Sul-Africanas. Dêstes, 152 judeus Sul-Africanos ganharam condecorações e louvores por serviços distintos no campo de batalha. Três judeus foram citados na última publicação de louvores e condecorações. Todos três condecorados com a Distinguished Flying Cross em reconhecimento pelo heroísmo e dedicação ao dever demonstrados em operações aéreas.

Visado pela Comissão de Censura

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 125)

CAPÍTULO III

Das Seitas que havia entre os Judeus espanhóis

Três Seitas — Havia entre os Judeus espanhóis as mesmas três Seitas de Escola que havia geralmente entre os Judeus:

I — Seita dos Rabbanitas

A primeira era a dos *Rabbanitas* dados inteiramente ao estudo da *Lei Oral* ou *Tradicional*, os quais pretendiam, que a *Lei Escrita* era insufficiente sem a *Lei Oral* ou *Tradicional*; que se devia explicar necessariamente uma pela outra e que tinham ambas igual autoridade.

II — Seita dos Cabbalistas

A segunda era a dos *Cabbalistas* ou *conservadores da Tradição*, que sôbre certas regras dos preliminares sábios se obrigavam a entender e explicar o Texto dos Livros Sagrados por meio de desvaíradas combinações de nomes e letras.

III — Seita dos Karaitas; exposição particular desta Seita e seus progressos em Espanha

A terceira Seita, que também houve alguns tempos entre os Judeus espanhóis, foi a dos *Karéos* ou *Karaitas*, que em oposi-

ção aos *Rabbanitas* punham todo o seu estudo na interpretação literal do Sagrado Texto, havendo-o pela única regra de Fé, que se devia seguir e praticar; em consequência disto desprezavam a Tradição Talmúdica e Rabbinica e rejeitavam todos os dogmas e ritos que só tinham fundamento nela; que por isso eram chamados *Escriturários Textuais* ou *Literais*. (Chamavam-se *Karaim* em Hebraico, *Karraum* ou *Karrown* em Arábico e vulgarmente *Karéos* e *Karaitas*; começou esta Seita segundo a melhor opinião em Babilónia no Século VIII sendo cabeça dela Hamano ben David. De Babilónia passou a Jesuralém e se difundiu depois por toda a Europa, pôsto que nem com tamanho número de sectários, como a dos *Rabbanitas*, nem com iguais riquezas e poder.

Da origem e doutrina dos *Caraitas* em geral, e de suas emigrações tratarão Jacob Trigland *Diatribes de Secta Karæorum*. Levino Warner *Dinertatio de Karæis*. João Francisco Buddeo *Histor. Euleriastica Veter. Test.*, t. II, pág. 1.209 e *Isag. Histrr. Theol.*, pág. 1.652, Jose Scaligero *Elench. Trihæresii*: Nicoláo Serrari, c. II, pág. 367 na coleção *Trium Scriptarum Illustr. de Tribus Judæorum Sectis Syntagma*. Parte I. Federico Reymanno *Histor. de Theologia. Laeipsic*, 1717 e Wolrio *Biblioth. Hebraica* e na outra obra *Notitia Karæorum* impressa em Hamburgo em 1714, 4.º). Porque pode parecer, que esta Seita nunca entrou em nossa Espanha, falaremos dela com mais alguma largueza do que das outras. (Vários

Autores supõem os Karaitas na Espanha, como são entre outros Abraão ben Dior no livro da *Cabballa*. R. Moseh ben Scem Tob, e Fr. Afonso de Espina, que o cita; Abraão Zacuto no *Juchasim* ou *Livro das Linhagens*, Wolrio na *Biblioth. Hebraica*, tómo I, pág. 5. 42, e em outros lugares; e D. José Rovi de Castro na *Biblioteca Espanhola*. Tómo II no prólogo).

Quem primeiro a trouxe a Espanha— O primeiro que trouxe a Espanha esta Seita foi ben Al. Tarás (isto é, filho de Tarás) discípulo de Abualfago, ou Abu Alpharag, novo defensor dos Karaitas da Terra Santa. Daquelas partes a levou êle a Castela no Século XII, e converteu muitos Judeus espanhóis. (Isto nota Wolrio *Biblioth. Hebr.*, tómo I, pág. 32. *Abulphargi, quem inviserat, doctrinas amplexus ex Terra Sancta in Hispanias attalit, multorum que animos sibi conciliavit*).

Oposições e escritos dos Rabbanitas contra êles— Oposeram-se-lhe os Judeus Rabbanitas, e tentaram por seus escritos e por sua grande autoridade atalhar em seus comêços esta Seita nascente. Entre todos se pôs em campo com maior esforço o erudito Toledano Abraão ben Dior acérrimo defensor da Tradição e escritor do mesmo Século. E para combater rijamente os Karaitas, compôs o famoso Livro da *Cabballa* obra clássica entre os Judeus, em que se propôs referir contra os Karaitas, a série nunca interrompida da doutrina tradicional de seus Doutores desde o principio até à sua idade, e responder às objecções dos contrários. (Consta da mesma inscrição dêste Livro e do Testemunho de seu Autor a pág. 46, al. 27 o que reconhece Wolpio no tómo I da *Bibl. Hebr.* pág. 42; o qual diz assim R. *Abraão ben Dior num Cabballæ librum occasione Sectæ Karaiticæ in Hispania tunc enlorescentis Scripsit*, e o mesmo nota na Prefacção ao Tratado de Mardocheo Karaita sobre esta Seita pág. 97 e no tómo II, pág. 928. No Livro da *Cabballa* é tratado Aben Al. Táras por *velho malvado e Impio* e R. Abraão Zacuto no fim do Livro *Juchasin*, em que também fez menção dêle, diz que *os seus ossos são pisados no inferno*. V. Trigland *Diatribæ de Seita Karæorum* pág. 115).

Continua a Seita dos Karaitas— Com tudo apesar de tôdas estas oposições de R. Abraão ben Dior e dos mais Rabbanitas os Karéos continuaram em ir por diante propagando a sua Seita geralmente por tôda a Espanha maiormente nos Reinos de Castela, onde vieram a formar um grande Corpo. (Consta do lugar, que adiante transcrevemos da obra *Fortalitiium Fidei*: donde também consta, que muitos havia na Cidade de Burgos, e na Vila de Carrion). Deu isto occasião a que se levantassem renhidas disputas e se acendesse tão viva guerra entre os Karéos, e os Rabbanistas, que foi necessário que Afonso Rei de Castela acudisse com sua autoridade e lhes impusesse silêncio (Trigland *Diatribæ de Secta Karæorum* pág. 115).

Êstes Karaitas foram os que deram motivo a que o espanhol R. Jehudáh Livi ben Saul escrevesse naquele Século o *Sepher ha cuzar* ou *cofri*: obra formosa entre os Judeus, em que tomou por objecto rebater o Sistema dos Karaitas e dos Filósofos Gentios, que rejeitando as tradições, vinham a negar a verdade da Lei Escrita. É certo, que no Século seguinte escreveu contra êles R. Moyses ben Seem Joi natural do Reino de Leão. (Cita esta obra Fr. Afonso de Espina na *Fortaleza da Fé*, liv. III. *Consider.* pág. 80 da edição de Norimberg de 1494.

Nome que tinham na Espanha os Karaitas— Os Karaitas eram conhecidos na Espanha no Século XII e XIII pelo nome particular e execrando, que os Rabbanitas lhe davam, de *Hereges Sadduceos*. (Os Karaitas eram havidos por *Hereges Sadduceos*; sobre o que se pode ver Simão Luzzati *Dinorso circa il stato degli Hebrei*: Trigland *Diatribæ de Secta Karæorum*: no *Thesouro das Antiquidades Sagradas* de Ugolino tómo XXII, pág. 65. João Sauberto no Comentário de *Sacerdotio Hebræorum* no tómo XII do mesmo *Thesouro* cap. XXIII, pág. 43 que põem os Karéos por uma espécie de Sadduceos. O mesmo Levino Warner na *Dissertação de Karæis* cap. II onde diz que os Rabbinos os representavam como *Sadduceos*, e que maiormente os haviam por tais os Judeus Rabbanitas de Jerusalém. Assim os chamava Rabam no Comentário à *Massecheth*. Trigland acrescenta pág. 308 que lhes chamavam *Hereges Excomungados Sadduceos e Baithoséos*. Moshemio fa-

Agência Judaica para a Palestina

O artigo 4.º do Mandato da Palestina determina o que representa a Agência Judaica para a Palestina e quais as suas funções.

«Uma Agência Judaica propriamente dita será reconhecida como organismo público com o fim de aconselhar e cooperar com a Administração da Palestina em todos os assuntos de ordem económica, social, e outros, que afectem o estabelecimento do Lar Nacional Judeu e o interesse da população Judaica na Palestina e, sempre sob a fiscalização da Administração, auxiliar e tomar parte no desenvolvimento do país.

A Organização Sionista, enquanto a sua organização e constituição fôr de parecer do próprio Mandatário, será reconhecida pela Agência referida. Devem ser tomadas medidas, de acôrdo com o Governo de Sua Magestade Britânica, para assegurar a cooperação de todos os Judeus que queiram auxiliar o estabelecimento do Lar Nacional Judeu.»

A Agência Judaica foi, portanto, oficialmente estabelecida como Organismo público com um estatuto ao abrigo das leis internacionais. As vinte e duas nações que assinaram o Mandato da Palestina contribuíram, assim, para dar aos Judeus um Organismo corporativo que actua em nome do Povo Judeu nos assuntos relativos ao Lar Nacional.

Até 1929 a Organização Sionista foi a Agência Judaica. Nesse ano, uma confe-

rência realizada em Zurich, a Agência Judaica ampliou-se com a inclusão de representantes não sionistas e das principais comunidades judaicas do mundo. A nova constituição da Agência Judaica estipulava que o cargo de Presidente devia ser desempenhado pelo Presidente da Organização Sionista, e que a Agência devia compor-se de um Poder Executivo, de uma Comissão Administrativa e de um grande Conselho. As actividades da Agência Judaica foram conduzidas nas directrizes tradicionais de promover o regresso e a colonização judaica na Palestina e de assegurar as condições políticas indispensáveis ao êxito desse trabalho. O Fundo Nacional Judeu (Keren Kayemeth Leisraek) que abastece as colónias de terreno, e o Fundo de Fixação na Palestina (Keren Hayesod) que as abastece de equipamento e de capital de trabalho, são os seus dois principais instrumentos financeiros, para o fim em vista.

O Presidente da Agência Judaica para a Palestina é o Dr. Chaim Weizmann. Os membros do Poder Executivo em Jerusalém são: o Sr. David Ben Cuien (Presidente), Rabbi Fishmann, o Sr. Isaac Grunbaum (que resignou recentemente), o Sr. Eliezer Kaplan, o Dr. W. Senator, o Sr. Moshe Shertok e o Sr. L. Shmorak; e, em Londres, o Professor S. Brodetsky, e o Professor L. B. Namier, assistidos pelo Sr. Berl Locker, do Movimento Trabalhista da Palestina, como Conselheiro Político.

A Sede do Poder Executivo em Jerusalém compreende as seguintes repartições: Política, Financeira, das Colónias Agrícolas, da Emigração, da Aliyah das Crianças e da Juventude, do Trabalho, de Comércio e Indústria, das Artes e Pequeno Comércio, de Investigação, Económica, Técnica, de Estatística, da Imprensa e de Organização.

Os escritórios de Londres estão principalmente encarregados da condução dos assuntos entre o Poder Mandatário e a Agência Judaica. Este trabalho está sendo feito pela Repartição Política à qual foi anexa uma Repartição de Informações.

O Poder Executivo mantém ainda escritórios políticos em Genebra, Nova-Iorque e Washington, e, para enquanto durar a guerra, abriu também escritórios em Estambul e Lisboa, com o fim especial de se ocuparem da emigração e dos trabalhos de resgate.

lando dos *Sadduceos* diz, que vivem muitos misturados com os *Karéos* na Polónia; e R. David Neto originário de Portugal um dos maiores adversários dos *Karaitas* na sua obra *Matteh Dan ou segunda parte del Cusari*, confessa que Hanano forjara a Seita dos *Karaitas* à imitação da dos *Sadduceos*, que convinha com ela em negar a tradição e dissentia em admitir a imortalidade da alma). Com este nome os tratava em sua obra o R. Moyses ben Seem Job (Wolfio falando disto, pelos *Sadduceos*, contra quem escreveu R. Mosche, entende os *Karéos*; *Bibl. Hebr.* tómo IV, pág. 1.128 ou 1.088).

(*Continua*).

S H E K E L

Quando existia em Jerusalém o Templo, os israelitas contribuíam pessoalmente para a sua conservação e para a manutenção dos serviços regulares do culto, com uma moeda de prata que era designada com o nome de Shekel.

Actualmente não existe o Templo Sagrado de Jerusalém nem a Congregação dos Kohanim (Sacerdotes) e Livitas para celebrar os serviços religiosos, mas, uma organização existe, o *Sionismo*, que tem como objectivo criar para o povo judaico um domicílio em Palestina garantido pela Lei Pública (1.º Congresso Sionista, 1897).

Todos os nossos leitores israelitas que queiram comprar o Shekel, quota anual para o movimento Sionista o seu preço é de 10\$00 para assim proclamarem a sua adesão ao Programa Sionista tal como foi formulado pelo 1.º Congresso.

O Shekel dá a todo o judeu ou judia que tenha mais de 18 anos o direito ao voto nas eleições para o Congresso Sionista; o número de detentores de Shekels em cada país determina o número de delegados que o representará no Congresso.

Os Congressos Sionistas têm lugar normalmente ano sim ano não, embora não

tenha havido nenhum desde o começo da guerra. Eles orientam a política do Movimento Sionista e nomeiam os vogais Sionistas e o Presidente da Agência Judaica. O próximo Congresso, que pode vir a ser convocado mais brevemente que nos seja permitido esperar nesta ocasião, será de importância decisiva para o destino do povo judaico no próximo futuro.

O Shekel pode comprar-se nos escritórios da Agência Judaica para a Palestina, rua Castilho, 30 — Lisboa.

*

Há neste escritório uma pequena biblioteca em língua inglesa sobre sionismo, assim como alguns em língua hebraica que foram publicados recentemente em Eretz Israel, abrangendo vários assuntos (poesia, economia, nacionalismo, instrução, história, geografia, literatura).

Os livros podem ser pedidos emprestados por um período de duas semanas em troca de uma pequena quota. Uma lista dos livros disponíveis será enviada pelo correio aos interessados, sujeito a pagamento de 2\$00 para a lista inglesa ou hebraica respectivamente.

Vida Comunal

Lisboa

Purim — Conforme o costume, realizou-se na Sinagoga Shaaré Tikvah a festividade litúrgica de Purim e bem assim noutras sinagogas e oratórios.

Na Associação da Juventude Israelita «Hehaber», Avenida Elias Garcia, 110-1.º, realizou-se o tradicional baile de Purim, «baile Masqué», com motivos bíblicos ou palestinos, onde um câro de senhoras sob a direcção do Reverendo Mendel Discendruck entoou canções hebraicas e palestinas e bailados por Mademoiselle Miriam Moskovic; abrihantou esta festa a conhecida orquestra Sousa Pinto. No dia

seguinte houve na mesma colectividade uma matinée infantil destinada às crianças de todas as idades da Comunidade — onde todas as crianças mascaradas com motivos bíblicos ou palestinos tiveram um brinde e as 3 melhores tiveram prémios.

Pôrto

Purim — Na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, à Rua Guerra Junqueiro, 340, se solenizou litúrgicamente a tradicional festa de Purim, tendo sido o leitor da Meguilat Esther o Sr. S. Wormser, ouvido com agrado por todos os assistentes.

Finda a cerimónia, na cave do edifício se realizou uma modesta festa de confraternização com alguns doces e um Pôrto-de-Honra.

Comunidade Israelita do Pôrto

(KAHAL KADOSH MEKOR HAIM)

MAPA DAS RECEITAS E DESPESAS DO ANO DE 1944

| RECEITAS | | DESPESAS | |
|--|------------|--|------------|
| Saldo do ano antecedente: | | 1.ª Secção — CULTO: | |
| 5.ª Secção — (Hebrah Kedishah) — Repouso Eterno — Fundo do Cemi- tério | 3.055\$11 | Diversas despesas | 66\$00 |
| Fundo Geral | 24\$95 | 2.ª Secção — INSTRUÇÃO: | |
| Quotizações e donativos | 2.020\$00 | Moreh | 3.600\$00 |
| Subsídio do Portuguese Maranos Committee de Londres | 9.950\$00 | Escriturário | 1.920\$00 |
| Venda de chapas caneladas da sukah | 280\$00 | 3.ª Secção — PATRONATO DOS TRA- BALHADORES: | |
| 5.ª Secção — REPOUSO ETERNO: | | Assistência | 40\$00 |
| Juros líquidos do Fundo do Cemitério | 7\$25 | 4.ª Secção — SIGNO VERMELHO: | |
| | | Medicamentos | 713\$70 |
| | | Despesas gerais: | |
| | | Água, luz e saneamento | 691\$43 |
| | | Servente e guarda-nocturno | 910\$00 |
| | | Telefone | 398\$75 |
| | | Diversas despesas | 304\$90 |
| | | Despesas-especiais: | |
| | | À Comunidade de Bragança | 2.008\$40 |
| | | Reparação na Sinagoga | 1.449\$20 |
| | | | 12.102\$38 |
| | | Saldo para 1945 | 3 234\$93 |
| | 15.337\$31 | | 15 337\$31 |

EXPLICAÇÃO DO SALDO:

| | |
|------------------------------|-----------|
| Fundo do Cemitério | 3.062\$36 |
| Fundo Geral | 172\$57 |
| | <hr/> |
| | 3.234\$93 |

Pôrto, 31 de Dezembro de 1944.

O MAHAMAD.

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלֵּפִיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Endoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Os filhos de Israel tinham-se aumentado, multiplicado e tornado prodigiosamente numerosos, a terra estava cheia dêles. Um novo rei se elevou sôbre o Egito... Ele disse ao seu povo: «vêde, a população dos filhos de Israel ultrapassa e domina a nossa. Pois bem! Usemos de expedientes contra ela; doutro modo ela crescerá mais, e, sobrevindo uma guerra, êles poderiam juntar-se aos nossos inimigos, combater-nos e sair do país»... Os Egípcios acabrunharam os filhos de Israel com rudes tarefas. Tornaram-lhe a vida amarga com trabalhos penosos...

Então
ordenou
Faraó a
todo o seu
povo:

«A todos os filhos (hebraicos) que nascerem lançareis ao rio mas a tôdas as filhas guardareis com vida».

(Êxodo — Cap. 1).

E Haman disse ao rei Assuero: Existe espalhado e dividido entre os povos em tôdas as províncias do teu reino um povo, cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as leis do rei; pelo que não convém ao rei deixá-lo ficar. Se bem

parecer ao rei, escreva-se que os matem; e eu porei nas mãos dos que fizerem a obra dez mil talentos de prata, para que entrem nos tesouros do rei.

(Ester — Cap. III).

...Enforcaram pois Haman na fôrça que ele tinha preparado para Meardokai.

(Ester—Cap. VII).

...Porque não foi um só inimigo que se levantou contra nós para nos exterminar, em todos os séculos se levantaram contra nós novos perseguidores. Mas o Santo, bendito seja Ele, salva-nos constantemente das suas mãos.

(Hagadah
Shel Pessali).

...E o Senhor teu Deus porá tôdas estas maldições sôbre os teus inimigos, e sôbre os teus aborrecedores, que te perseguiram.

(Denteranomio — Cap. XXX, v. 7).

Louvemos o Senhor, Deus de glória singular.
Que o cavalo e o cavaleiro lançou no profundo mar.

Versão marana de Três-os-Montes
do Cântico de Miriam. Êxodo
—Cap. XV, v. 21).

A CONFERÊNCIA SIONISTA

(CONTO JUDAICO)

No Suk (mercado) de Tunes, a notícia espalhou-se como um rastilho de pólvora: um missionário da Rússia longínqua, esta noite falará da reconstituição da Palestina judaica.

A conferência será feita em hebreu? Informações tomadas, o missionário, conhecendo admiravelmente várias línguas, exprimir-se-á em francês, para ser compreendido da maioria do auditório.

— E' uma impiedade! protestou o velho Eliézer. E que miséria de ter chegado a isso! A única mensagem que possam decentemente receber os judeus concernente à ressurreição da sua pátria deve ser em hebreu, senão não faria nenhum sentido. Nós profanamos os nossos pensamentos traduzindo-os num idioma estrangeiro. Oh Elohím! para que possa merecer a alegria que tu lhe anuncias, é preciso que o teu povo retome a sua língua sagrada.

E os seus colegas do Suk, de pé diante das suas estreitas lojecas, abanaram com a cabeça em sinal de acôrdo.

— Os tempos estão muito mudados, Eliézer, respondeu um dêles. Nós não tínhamos, adolescentes, outra distracção que os comentários do nosso Livro Sagrado, outros cantos senão os *Téhellim* (Salmos). Presentemente, os nossos filhos deleitam-se na leitura de livros profanos. E os seus lábios desaprenderam as nossas orações.

— Como pode a Palestina renascer? exclamou Eliézer, que uma sagrada cólera animava. O que nos permitiu triunfar do ódio dos *Goim* (os não judeus), não foi a fé que vós nos infundistes, que vós mantinheis em nós, oh profetas de palavra ardente!

— Eu não irei à reunião, decidi um outro. Que poderia eu lá compreender? Mas que prazer teria sido se o orador devesse falar em hebreu!

Eliézer, silencioso, penteando com seus dedos pálidos a sua longa barba, pensava, êle iria à conferência com o seu neto Sousou, o qual, com onze anos de idade, aca-

bava de obter o seu diploma de instrução primária. O seu neto, do qual era tão vaidoso porque êle sabia de cor tôdas as orações dos dias de semana e de festa e tomava parte nas controvérsias piedosas do sábadado na velha sinagoga do bairro.

E à noite, para lá se dirigiram de mãos dadas.

Como era preciso pagar dois francos pelo bilhete, Eliézer, não pediu senão um. A' porta da vasta sala do cinema, emprestada benêvolmente pelo proprietário israelita, a porteira deteve-o.

— Vós sois dois e só me entregais um bilhete?

Eliézer sorriu sob a sua barba amarelada.

— Eu só tomei um bilhete porque só conto ocupar um lugar.

— Mas o pequeno?

— Eu o farei assentar sôbre os meus joelhos.

— É preciso pagar por êle, apesar disso.

— E porque é isso?

E os olhos do velho brilharam com uma alegria maliciosa: o seu espírito pronto acabava de encontrar o argumento sem réplica.

— Quando se compra um terreno, não se é livre dali construir uma morada dum ou dois, ou mesmo três andares?

E deixando a porteira espantada, sob os risos divertidos da multidão, êle entrou seguido de Sousou um pouco inquieto.

Uma pesada nuvem de tabaco o acolheu ao mesmo tempo que um sussurro. Êle teria estimado que se entrasse neste lugar também como num templo. A sala estava já cheia. Indicaram-lhe o seu lugar: uma poltrona. Nela se sentou à vontade, o seu neto de pé entre os seus joelhos.

— Quando estiveres fatigado me o dirás Sousou, eu te farei assentar.

Em frente dêle, ao fundo da sala oblonga que a perspectiva estreitava, um largo estrado sustentava uma mesa bordada com uma fileira de cadeiras.

No meio dos aplausos o conferente subiu os degraus, escoltado pelos notáveis da cidade.

Eliézer reconheceu-o sem hesitação. Ele parecia bastante jovem. De alta estatura, cabeleira castanha, tez mate, êle fixava a sala com seus grandes olhos, que uma estranha flama iluminava. O seu rosto era imberbe. Eliézer notou para si próprio: porque é que êle tinha tirado a barba e os bigodes? Contudo, está escrito: "Tu não mutilarás o rosto que o Eterno te fêz". Êstes bigodes rapados eram uma sombra no quadro. Um pouco do prestígio do missionário estava perdido aos olhos de Eliézer.

O orador falou...

— Escuta com atenção, recomendo o velho ao seu neto, afim de que em casa tu possas repetir-me tudo que êle vai dizer.

E o jovem Soussou estendeu as suas orelhas, abriu muito os seus olhos para nada perder da palavra do colosso louro.

Êle falou com arrebatamento, com delírio. As suas frases marteladas alargadas por gestos amplos, comoveram tôda a sala. E o velho Eliézer aspirava com as suas grossas narinas peludas estas frases misteriosas cuja violência o embriagava.

O conferente combateu, reduziu a nada as objecções dos inimigos da causa judaica. Alternativamente, êle empregou a ironia mordaz, o rigor matemático. Para convencer os cépticos e agitar os indolentes,

êle fêz apêlo ao passado grandioso do povo de Israel, tirando dali um ensinamento, tirando dali uma fé.

Sôbre as cabeças moles dos ouvintes êle fêz soprar um vento de entusiasmo que os agitou.

Os aplausos saüdaram a sua magnífica palestra. E o velho Eliézer misturou a sua alegria comovida à dos outros; porque bem que não tivesse nada, oh! mas nada apanhado das palavras do conferente, pelo menos tinha-se deleitado — êle, o subtil talmudista — no choque das idéias, na controvérsia pressentida, nas vibrações das frases sonoras. Êle tinha esquecido êste detalhe dos bigodes rapados e não via já o orador senão através duma aura que o fumo do tabaco contribuía a formar. Era um profeta ressuscitado dos séculos antigos, um Isafas...

No caminho, o Soussousinho repetia o melhor possível as palavras do missionário. E Eliézer pensava que seria doce para êle ir morrer na Terra Santa afim de que os seus velhos ossos aí durmam o seu último sono, de se ir embora não só, como tinha julgado até agora, mas em companhia do seu neto que iria criar o seu futuro na sua pátria, reencontrada. E êle já se alegrava pensando que tôdas as sextas-feiras ao escurecer, sôbre o seu túmulo o seu neto viria piedosamente dizer uma *hashkabah* (oração pelos mortos)...

RYVEL.

Judeus em Hadhramaut

(O tipo meridional da Península Árabe)

Um grupo de 233 emigrantes Yemenitas chegaram à Palestina no dia 20 de Março, entre os quais vinha uma família de sete Judeus de Hadhramaut, onde vivem 400 famílias judaicas.

E' tirada do DAVAR do dia 26 de Março a seguinte descrição dos visitantes de Hadhramaut: São homens altos, usam mantos e turbantes brancos, os cabelos compridos. Têm o aspecto dos Judeus da antiguidade. Contaram, em puro Hebreu Bíblico, a história dos seus sofrimentos em Hadhramaut e as dificuldades que encon-

traram no caminho para a Palestina. O seu amor à Pátria ancestral e a perseguição incessante a que está sujeita a tribo de Habani. "Durante seis anos, disse o chefe, — Yahya Awad Habani — a nossa terra foi devastada por uma horrorosa fome, provocada por uma constante seca. Os Judeus sofreram o máximo".

"As autoridades locais, disse Yahya Awah, oprimem os Judeus. Cada dia que passa põe em perigo tôdas as vidas dos Judeus, e já foram ameaçados de expulsão."

Os Judeus de Haban têm a crença tradicional de que estarão entre os primeiros que serão exilados depois da queda do Segundo Templo. Segundo uma estimativa moderada, existem entre 700 a 800 Judeus em Haban. A maioria estão em-

pregados como ourives de ouro e prata, enquanto alguns continuam a fazer a sua vida pela lavoura e outras ocupações. Observam escrupulosamente a tradição judaica e a sua vida religiosa é ordenada pela codificação da lei judaica feita por Maimonides. Não houve contacto entre eles e a Palestina durante gerações e o grupo recém-chegado é praticamente o primeiro de judeus do Haban que chegam ao país.

Os judeus de Haban explicam o facto de falarem Hebreu dizendo que essa linguagem lhes foi dada no Monte Sinai. Quando lhes perguntaram como achavam a comida da Palestina, um deles respondeu: "Nós gostamos da sede da Terra-Santa, como não haveríamos nós de comer o seu pão?"

A bandeira azul e branca hasteada sobre o quartel general da Brigada Judaica

A bandeira nacional palestinese azul e branca, foi solenemente içada sobre o quartel general da Brigada Judaica em Itália. A cerimónia foi simples e calma, mas tão comovente para os soldados que dela participaram, que as lágrimas correram por muitas daquelas faces endurecidas pela humilhação. É que lhes era dado ver a estrêla de David, que os Nazis os tinham obrigado a usar como um sinal de vergonha, desfraldada como um símbolo de honroso combate.

Foram encontrados na Alemanha livros e tesouros artisticos pilhados aos judeus

Foram encontradas num castelo, próximo da aldeia de Hungen, 30 milhas ao norte de Frankforte, milhares de livros e manuscritos judaicos, segundo uma notícia dada pelo correspondente especial do *Daily Telegraph*, junto do 3.º exército americano.

A colecção que é dum valor inestimável, inclui também biblioteca completa, quadros e objectos de culto do museu T. Rothschild de Frankfort, pilhados à congregação judaica portuguesa de Amsterdam, e às de Kharkov, Lodz, Kiew, Salónica e França.

Na frente italiana 4.000 soldados judeus celebraram a Páscoa

Pelo menos 4.000 judeus das Forças Aliadas actualmente na Itália, incluindo neste número os membros do Grupo de Brigada Britânica, celebraram a Páscoa, tanto nas linhas de fogo, como em Roma. Sempre que possível, foram concedidos aos soldados judeus tempo e transporte que lhes permitissem assistir às cerimónias religiosas e a alguns foi mesmo dada a licença para virem a Roma participar dos Serderim que, para eles tinham sido preparados.

Os princípios da indústria de papel na Palestina

Está actualmente a funcionar na Palestina uma fábrica de papel. Os seus proprietários consideram-na apenas o modesto princípio duma futura indústria de papel na Palestina. Dizem eles que não há razão para que a Palestina não produza todo o papel de que necessita. Segundo as estatísticas de antes da guerra, o consumo anual de papel e de cartão na Palestina era de 20.000 toneladas, o que é fundamento de sobra para a criação duma indústria convenientemente estabelecida. Há abundância de matérias-primas no país; canas de Huleh e "hilfeh", que é aparentado com o "alfa" ou erva-de-esparto, com que se manufactura o papel em muitos países. Milhares de operários podiam ser empregados na indústria de papel, se esta fôsse convenientemente desenvolvida.

O plano da fábrica e dos maquinismos são obra do Sr. L. Freund, engenheiro da Jugoslávia. Foi êle que desenhou tôdas as máquinas (tambores, cilindros, etc.) e encomendou as várias peças a 37 diferentes oficinas da Palestina, provando assim aos cépticos que se podia construir uma fábrica de papel na Palestina. Cêrca de LP. 50.000 foram gastas neste empreendimento.

Há cêrca de um ano, que a fábrica apresenta os seus produtos no mercado. A continuação da sua existência dependerá da aptidão competidora da indústria da Palestina e da protecção dada pelos judeus da Palestina às manufacturas locais.

O Presidente Truman apoia firmemente as pretensões territoriais judaicas

Após uma visita a Casa Branca, o congressista Emanuel Celler disse, numa assembléia da imprensa em Washington, que o Presidente Truman secunda firmemente a atitude de Mr. Roosevelt, sôbre a Palestina.

O Sr. Celler acrescentou que «êle não se desviará nem um ponto do programa do partido democrático que pretende um estado democrático judaico na Palestina.

Clubes agrícolas

Extracto de um artigo publicado no *Palestine Post* de 30 de Março:

«Do diário de Meira, de 12 anos de idade: Na quinta-feira levantei-me muito excitada à espera dos pintos e todos e tudo estava pronto quando êles chegaram. Dois dêles morreram no dia seguinte e eu enterrei-os debaixo do limoeiro e depois mais três. Hoje não morreu nenhum. Estão todos a comer muito bem.»

Meira é uma rapariga estudante de Kfar Saba que, com 60 outras (a décima parte da população da escola), pertencem a um

clube agrícola, uma experiência importada dos Estados-Unidos e iniciada há 14 meses no Departamento de Educação de Vaad Leumi.

Os membros do clube, cujas idades variam entre os 11 e os 15 anos, escolhem um dos vários trabalhos agrícolas e Meira decidiu-se por um dos mais populares: guarda de capoeira. Foram-lhe entregues 100 pintos nascidos na véspera trazidos da Estação Agrícola Governamental de Acre. O «tudo» que estava pronto era a capoeira e o quarto que os pais de Meira despejaram de tôda a mobília, até que os pintos fôssem capazes de sair para o tempo incerto. Meira assumiu total responsabilidade pelo seu bem estar, transporte e preço e compreendeu que esperavam que ela realizasse aquêl trabalho de uma forma profissional — tudo fora da hora das aulas, evidentemente.

Muitas crianças preferem plantar pomares, com um «dunan» cada, onde os outros do clube podem entrar para se orientar e onde crescem certas variedades de frutos. Algumas guardam cabras ou patos, cultivam vegetais para alimentação caseira ou forragens para as vacas. No ano passado, o clube tinha, assim, cêrca de 15 «dunans» cultivados.

Na América êstes clubes não são já uma experiência há muito tempo.

O resultado em Kfar Saba, logo depois de um curto ensaio, parece uma história e quási se diria bom demais para ser verdadeiro. Mas as conclusões lá estão e podem ser vistas.»

O Primeiro Ministro fala sôbre a Brigada Judaica

Ao anunciar na Câmara dos Comuns a rendição dos alemães na Itália, o Sr. Churchill, enumerando as várias tropas que combateram na frente italiana, acrescentou:

«A Brigada Judaica, que nós formamos há apenas um ano, combateu nas primeiras linhas com bravura...»

Visado pela Comissão de Censura

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 126)

Com o mesmo nome os tratou depois Fr. Afonso de Espina da Ordem dos Menores Observantes; judeu converso, e um dos mais sábios homens, que teve a Sinagoga no Século XV, porque no Livro que escreveu intitulado *Fortaleza da Fé*, contando a conversão de muitos d'êles no Século XIII na ocasião, em que se dizia haver aparecido sinais de cruz nos vestidos dos Judeus, os denomina Sadduceos, e Hereges (Falando no Século XIII, diz assim: *Circa id tempus, in quo apparuerunt in vestimentis Judæorum signacula Crucis in regno Castellæ, sicut infrá dicitur, secundum quod scripsit Rabi Abraham ben Esra in libro suo, quo Legem glossavit, ones Judæi prædicti Regni (Castellæ) er pro mejori parte in tota Hispania signanter in civitate Burgensi erant Sadducei, e hæretici. Sicut etiam Scripsit R. Nose Legionensis in libro, quem fecit pro reprehensione Sadducærum; quia in Villa Carionensi prædicti regni erant Pharisæi, et Sadducei; sed Sadducei habebant majorem potestatem.*

Nestes tempos é que conta a aparição dos sinais de cruz nos vestidos dos Judeus no Reino de Castela e a sua conversão. Wolfio na *Bibl. Hebr.* tom. III, pág. 769 falando da conversão dos judeus, por ocasião d'êste facto, entende justamente por Sadduceos os Karaitas *Apparitie enim crucis in vertimentis Judæorum, et quæ cum illa conjuncta fuisse fertur Karærum conversio incidit in ann. C. 1295.* E cita o mesmo autor da *Fortaleza da Fé* liv. III.

Consid. X art. 9). Assim continuaram na Espanha os Karaitas no Século XIII e talvez ainda nos dois seguintes.

A caso concorreu muito para se propagar esta Seita o freqüente uso, em que estavam geralmente de escrever em Arábigo (*Wolfio Biblioth. Hebr.* t.º I, pág. 44). Esta língua sendo então mais vulgar na Espanha do que a Hebraica, de que muito usavam os Rabbanitas, facilitava ainda mais os progressos desta Seita entre os Judeus espanhóis. Porventura que também se engrossaria o seu partido com muitos, que successivamente fôsem vindo às nossas terras de outras diversas partes da Europa, onde os havia naqueles tempos em grande quantidade (Os Karaitas habitaram em t'oda a parte, como nota Trigland pág. 110. *Urt nulla fars sit mundi veterius cogniti, quo non hæe Secta æque ac Judæi Rabbanitæ penetraverit.* Ainda que o assento principal dos Karaitas foi antigamente em Babilónia, no Cairo, em Damasco, em Bagdad, na Terra Santa, em Alexandria e em Constantinopla, ainda antes que a tomassem os Turcos, todavia eram muitos na Moscóvia, no Grão Ducado de Lituânia, na Polónia, na Itália e noutras partes da Europa, para onde haviam vindo de Constantinopla e de t'oda a Turquia (Trigland *Diatribæ de Secta Karæorum* pág. 114) e donde facilmente se podiam passar às Províncias de Espanha.

No Século passado conta R. David Neto na *segunda parte do Caseri*, que escreveu contra êles, que ainda os havia

na Polónia, Rússia, Valáquia e Constantinopla; que havia muitos em Jerusalém, em Damasco e no Cairo; e que na Tartária tinham muitas Sinagogas; e que também se achavam na Etiópia.

Hoje vivem muitos na Palestina, mas muitos mais na Tartária, para onde se retiraram do Egipto, de Gaga e de Constantinopla por causa das perseguições dos Rabbanitas e das opressões e tiranias dos Turcos. Na Europa ainda hoje vivem na Lituânia em vários lugares, como em Byrsa, Pozinha, Neostádio, Korona, Troca, e noutras partes. Há muitos no Palatinado Lauscense da Polónia Superior e são os mais opulentos e poderosos.

Donde nunca vieram a ser tão raros, que pudesse dizer Ligtfoot no tómo II de suas obras pág. 148 que apenas se achava um Karaita entre os Judeus; e o que fêz as notas marginaes à *História Crítica do Testamento Velho* de Ricardo Simão cap. 29, pág. 160 que apenas em todo o levante se via um Judeu Karaita.

Extinção dos Karaitas.—Depois vieram a fazer menos culto, até que nos últimos tempos se extinguiram de todo. (Ainda que houve tempos, em que foram em grande número em nossa Espanha, como acima dissemos, todavia depois vieram a diminuir grandemente e a ser muito poucos, como succedeu em outras partes do mundo, ainda nos lugares, em que mais se haviam propagado.

Concorreu muito para isto entre outras causas: I— a muita larga extinção que deram por uma interpretação escrupulosa aos graus proibidos no matrimónio; Trigland págs. 111, 112 e 113 o que diminuía os progressos da sua propagação; II— a inteireza de sua vida austera, e a severidade da sua doutrina, porque seguiam sempre na exposição dos mandamentos da Lei a parte mais apertada e rígida da antiga Escola Judaica de R. Schammai, que não a mais larga, e relaxada de R. Hillel, a qual se não acomodava tão bem ao comum dos Judeus, como mais repugnante à carne e ao sangue. Isto é o que inculca o *Chillouk* Mss. que cita Trigland, págs. 110 e 111; III— o celibato, em que ficavam muitas de suas filhas, porque os Rabbanitas as rejeitavam, e assim se dificultavam os matrimónios, Guilherme Portello *Alphabet XII*

Linguor; IV— a perseguição que lhes fizeram os Rabbanitas movendo os Príncipes, a que os exterminassem de suas terras, Chillout citado por Trigland, pág. 112). Apenas deixaram vestígios de haverem estado em nossa terra, nem nos ficou obra alguma, donde pudéssemos haver maior notícia dêles. (Um dos principais motivos, porque se sabe pouco dêles, é a falta que há de seus livros. Os Karaitas em geral poucas obras imprimiram. A' excepção de alguns livros morais, que publicaram em Constantinopla e do *Euchologio* impresso em Veneza em 4.º poucos mais livros imprimiram; os mais tem êles Mss. e nem os vendem facilmente. Dos escritores que tratam da Literatura Hebraica, se queixam da raridade dos livros antigos e modernos dos Karaitas e não só dos Mss. mas ainda dos impressos; ou fôsse que escrevessem poucos, ou que os escondessem dos Rabbanitas e das mesmas pessoas de diversa Religião, como faziam em Constantinopla, onde os recatavam em lugares escuros, segundo referiu Solio a Hoftingero: *The-saur Philol. Hotting.* cap. I Sect. vol. n.º 9, pág. 41, acaso faziam isto escarmentadõs da grande perda, que tiveram dos seus Mss. na ocasião em que os Turcos tomaram Constantinopla.

Desta raridade se queixam Trigland pág. 114, Levino Warner *Dinert. de Karæis* tómo XXII do *Thef. das Antig. Sagrad.* de Ugolino cap. I, pág. 487, Carpozorio *Introdução* à obra *Puuio Fidei* de Raimundo ap. V; Morino *Exercit. Bibl.* IV que apenas viu um, como êle diz na epístola, que vem nas *Antiguidades da Igreja Oriental* pág. 364, Gustavo Peringer na *Epístola sobre os Karaitas da Lituânia*, que vem nos *Diálogos em Alemão* de Tenzelio publicados em 1691 pág. 537 e segs. Seldomo, que só teve dois Livros dos Karaitas; Buxtorfio, que não viu nenhum e apenas numera um por informação alheia na *Biblioteca Rabbinica* pág. 309 e três no *Apêndice* à mesma *Biblioteca*, de que lhe deu notícia António Lyer; e Wolfio *Bibliot. Hebr.* tómo IV, pág. 166, o qual refere poucos). E tais foram as três Seitas, que houve antigamente entre os judeus espanhóis.

Partido dos Judeus mais sensatos entre as duas Escolas dos Rabbanitas e Karaitas.—Contudo no que toca às duas

Seitas dos Rabbanitas e Karaitas, que rijamente se impunham, os judeus mais sensatos tinham uma mediana entre elas, porque nem acolhiam indistintamente toda a casta de tradições, nem os rejeitavam absolutamente. Eles antepunham pelo comum a interpretação Literal da Lei Escrita às inteligências tradicionais dos Doutores; mas quando o texto admitia duas interpretações diversas, queriam, que se preferisse aquela, que se achava apoiado na Tradição Unânime de uns maiores, e nesta parte repreendiam os *Karaitas* por repudiarem semelhante *Tradição*, com o pretexto de ser contrária ao sentido Gramatical das Escrituras (veja-se Schichard no *Bechinat há Peruschim*, pág. 143, *Leusden Philol. Hebraeomix. Dinert.* XVI pág. 111 e Ricardo Simão na *Histor. critic. do V Test.* liv. III, cap. V, pág. 373).

Esta era a doutrina de Toledano Aben Esra um dos judeus de maior sabedoria, que teve a Sinagoga de Espanha no Século XII. Não obstante ter sido discípulo de Japhert Levita Karco, reconhecia no Comentário ao Pentateuco, que se havia seguir a Tradição Unânime dos Doutores em matéria controversa, ou nos lugares da Escritura, que admitissem duas interpretações diversas; ao mesmo tempo, que fora deste caso, queria que sempre se antefizesse a interpretação Literal da *Lei Escrita* às tradições e doutrinas dos maiores e se preferisse o estudo dos Livros Sagrados aos *Livros Gemáricos*. (Veja-se a sua obra intitulada *Jesod Mora* ou *Fundamento do Temor*).

CAPÍTULO IV

Da Escola Nacional dos Judeus Portugueses

Da Escola dos *Rabbanim* foram discípulos em particular os nossos Judeus Portugueses nos primeiros tempos da Monarquia; nela iam aprender a Ciência Bíblica, Talmúdica e Rabbinica, em que fizeram maravilhosos progressos, propagando muito estes estudos pelas suas Judarias, e Sinagogas, que já desde tempos antigos haviam levantado por diversas partes deste Reino.

Academia de Lisboa. — Foi muito nomeada a Academia, que eles tinham em Lisboa, que parece haver estado a princípio no Bairro da Pedreira entre a Igreja do Carmo e a da Trindade e mudar-se depois para o Bairro da Conceição. A ela concorria um grande número de Judeus Nacionais e Estrangeiros; e dela saíram os maiores Mestres dos Judeus, que tivemos em tempos passados, e as mais eruditas e elegantes obras, que então se escreveram de Literatura Sagrada.

Tolerância dos nossos Príncipes. — A tolerância, que os Judeus acharam em nossos Príncipes e o particular favor e acolhimento, que lhes fizeram os Senhores Reis D. Afonso II, D. Sancho II, D. Diniz, D. Pedro I, D. João I, D. Afonso V, e ainda o Senhor Rei D. João II nos primeiros anos de seu governo, folgado tempo lhes deu para poderem trabalhar com repouso de espírito no estabelecimento de suas Escolas, e na cultura dos estudos de sua Lei.

Aumento da Academia de Lisboa com a vinda dos Judeus de Castela. — A Academia de Lisboa recebeu grande aumento com a vinda de inumeráveis Judeus de Espanha a estes Reinos em diversos tempos, maiormente nos dois Reinados dos Senhores Reis D. João I e D. João II, por ocasião das perseguições, que tiveram em Aragão e Castela, e pela expulsão e desterro de 1492, que depois fulminaram contra eles os Reis Fernando e Isabel. Pode-se dizer, que desde esta última época até o ano de 1497, se achava refugiada e domiciliária entre nós a Literatura Talmúdica e Rabbinica de quasi toda a Espanha, isto é, a maior parte, não só dos Mestres mais sábios da Nação, mas também dos Códigos públicos assim Mss., como impressos da Sinagoga e de muitos outros particulares do uso doméstico dos Judeus de toda a Espanha.

(*Continua*).

VIDA COMUNAL

Celebraram-se na Comunidade do Pôrto as festividades de Páscoa e Pentecostes (*Shebuoth*) na Sinagoga *Kadoorie Mekor Haïm*, à Rua Guerra Junqueiro. O pão ázimo (*Matsot*) distribuído, era de fabricação americana.

Tudo se ilumina
para aquêlê que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

APAVORADO COM A SUA OBRA

Aquêlê que usa da sua fôrça, para oprimir, seja maldito eternamente. Para êsse, não haverá sorriso, nem amor e patente aos seus olhos, constantemente se mostrará um hórrido espectro, o terror.

[SHAHAR — por A. BEN-RO H.



Hitlezito, forma popular do hebraico Hetlezut, palavras que significam *Terror* e *Perversidade*, designa um monstro de aspecto humano, que quis ser Faraó e quis ser Haman, mas nada mais foi que um filho da pura noite, alimentado por uma curta inteligência.



Por onde passou o incêndio, a devastação e a morte o aclamavam. A sua pequenez apavora-se perante a imagem cheia de grandeza da sua vítima-Israel. Na Alemanha já se não ouve o *Heil Hitler* e ainda soa o *Shemah Israel*.

UM DOCUMENTO HISTÓRICO

A carta do Presidente Truman ao General Eisenhower

A carta que se segue, datada de 31 de Agosto, foi enviada pelo Presidente Truman ao General Eisenhower, juntamente com uma cópia do relatório de Harrison:

"Recebi e estudei o relatório do Sr. Earl G. Harrison; nosso representante na Comissão Intergovernamental em prol dos refugiados, sobre a sua missão de investigar as condições e necessidades das pessoas deslocadas da Alemanha, que não têm nacionalidade ou não sejam repatriáveis, muito particularmente dos judeus. Junto vos remeto uma cópia desse relatório. Além disso, tive também uma longa conferência com êle sobre o mesmo assunto.

Se bem que o Sr. Harrison dê o devido desconto ao facto de, durante os primeiros dias da libertação, a enorme tarefa da repatriação em massa requerer um excesso de atenção, relata condições existentes actualmente que requerem remédio pronto. Eu sei que estas condições não estão em conformidade com as disposições promulgadas pelo Quartel General das Forças Expedicionárias Aliadas, actualmente o Executivo Combinado das Pessoas Deslocadas. Mas são o que de facto existe. Por outras palavras, essas disposições não são cumpridas por alguns dos vossos oficiais subalternos.

Por exemplo, os oficiais do governo militar foram autorizados e até receberam ordens para exigirem facilidades de aboletamento à população alemã em benefício das pessoas deslocadas. Porém, de acôrdo com o relatório, isto não se tem feito em larga escala. Aparentemente, há a convicção de que tôdas as pessoas deslocadas, sem atender à perseguição de que foram alvo devem permanecer nos campos, todos êles repletos e fortemente guardados.

Alguns destes campos são precisamente os mesmos em que essa gente foi posta em monte, passou fome, foi torturada e forçada a presenciar a morte dos seus companheiros, amigos e parentes.

As medidas anunciadas eram para que se desse preferência a essa gente sobre a população civil alemã, em matéria de alojamento. Mas a prática parece ser uma coisa inteiramente diferente.

Temos de intensificar os nossos esforços para tirar essa gente dos campos e metê-los em habitações decentes até poderem ser repatriados e evacuados. Essas habitações deveriam ser requisitadas à população alemã. É esta uma das maneiras de cumprir as disposições de Potsdam, de que o povo alemão "não pode escapar-se à responsabilidade dos males que trouxe sobre si".

Cito êste parágrafo que se refere particularmente aos judeus entre as pessoas deslocadas:

"Da maneira como as coisas estão agora, parece que estamos a tratar os judeus como os nazis os trataram, exceptuando o facto de não os exterminarmos. Encontram-se em grande número, em campos de concentração, sob a nossa guarda militar em vez de sob a guarda das tropas SS. Somos levados a perguntar se, ao ver isto o povo alemão não suporá que seguimos ou pelo menos perdoadamos a conduta nazi."

No relatório encontrareis outros exemplos que quero dizer:

"Espero que adopteis a sugestão de que seja instituído um plano mais vasto de inspecção feita por grupos apropriados do quartel general, para que não seja permitida a infracção das medidas humanitárias anunciadas. A maioria das más condições actualmente existentes, nos campos de pessoas deslocadas seriam rapidamente remediadas se chegassem ao vosso conhecimento ou ao conhecimento dos vossos oficiais de fiscalização por meio de visitas de inspecção.

Sei que estais de acôrdo comigo quando digo que temos uma responsabilidade particular para com estas vítimas da perseguição e da tirania, que se encontram na

nossa zona. Temos de mostrar bem claramente ao povo alemão que nos repugnam absolutamente as medidas nazis de fome e perseguição.

Não teremos melhor oportunidade para o demonstrar do que pela maneira como tratarmos os sobreviventes que ainda restam na Alemanha.

Espero que me comuniquéis o mais breve possível os passos que pudestes dar afim de fazer desaparecer as condições mencionadas no relatório.

Entro agora em comunicação directa com o governo inglês, num esforço porque se abram as portas da Palestina às pessoas deslocadas que para lá desejem ir.»

A seguir, algumas passagens extraídas do relatório de Harrison (Harrison Report).

Alemanha e Áustria

Duma maneira geral, três meses depois do dia V e até muito mais tempo depois da libertação de grupos individuais, muitos judeus deslocados e outros possivelmente não repatriáveis, vivem ainda guardados e cercados de arame-farpado em campos de toda a espécie (construídos pelos alemães para trabalhadores de escravos e judeus), incluindo alguns dos mais célebres campos de concentração repletos, e em condições freqüentemente anti-higiênicas e geralmente deprimentes, em inteira ociosidade, sem qualquer oportunidade de comunicar com o mundo exterior a não ser clandestinamente e sempre à espera da esperança duma palavra de encorajamento e acção em seu favor. A mortalidade tem sido grande depois da libertação, como era de esperar. Um capelão do exército, um Rabbino, atendeu pessoalmente, depois da libertação, a 23.000 entêrros (90 % de judeus), só em Bergen-Belsen, um dos maiores e mais perversos campos de concentração, onde, incidentalmente, apesar dos persistentes comunicados em contrário, ainda vivem 14.000 pessoas deslocadas, incluindo mais de 7.000 judeus.

A preocupação mais absorvente destas vítimas dos nazis e da guerra é nada saber dos seus parentes: Mulheres, maridos, pais e filhos. A maior parte deles têm estado separados há 3, 4 ou 5 anos e não podem compreender porque é que os libertadores não fizeram imediatamente um

esforço organizado para reunir grupos de famílias. Quási tudo, do muito pouco que se tem feito neste sentido, tem-se limitado a uma acção informativa empreendida pelas próprias pessoas deslocadas, auxiliadas por dedicados capelães do exército, freqüentemente Rabbinos, e pelo Joint Distribution Committee Americano.

A nacionalidade dos Judeus

Embora seja impossível determinar com precisão o número de judeus que actualmente se encontram na parte da Alemanha que não está ocupada pela Rússia, tudo indica que o número é pequeno, atingindo provávelmente o máximo de 100.000. Algumas pessoas bem informadas afirmam que o número é muitíssimo menor. Os principais grupos nacionais são polacos, húngaros, romenos, alemães e austríacos. A primeira e mais evidente necessidade desta gente é o reconhecimento do seu actual estado legal, e, por isto, eu entendo o seu estado de judeus. Quási todos eles passaram anos nos piores campos de concentração.

Em muitos casos, embora isto ainda não se saiba em toda a sua extensão são os únicos sobreviventes das suas famílias, e muitos sofreram agonia de presenciar a destruição dos seus entes queridos. Conseqüentemente, o seu actual estado físico e moral é muito pior do que nos outros grupos.

Sendo eles agora considerados apenas como membros de grupos nacionais, o resultado é que não se pode prestar atenção especial às suas necessidades naturalmente maiores, porque, segundo se declara, isso implicaria a uma preferência que levaria a complicações com a parte não judaica de cada um desses grupos nacionais. Assim tentar-se-ia uma falsa solução do problema. Recusar reconhecer os judeus como tais terá como resultado, neste caso, fechar os olhos à sua perseguição anterior que foi muito mais bárbara e que já fez deles um grupo à parte com maiores necessidades. A sua segunda grande necessidade só poderá ser apresentada discutindo o que eu acho ser o seu futuro destino.

Por motivos bem claros que não é preciso mencionar, a maior parte dos judeus

deseja sair da Alemanha e da Austria o mais breve possível. É esse o seu primeiro e mais ardente desejo, e embora este relatório trate necessariamente de outras necessidades presentes da sua situação, muita desta gente chega a rezeir outras sugestões ou planos em seu benefício, devido à possibilidade de assim se afastar a atenção do importantíssimo problema de evacuação da Alemanha. O seu desejo de abandonarem a Alemanha é urgente. A vida que têm levado nos últimos dez anos, vida de receios, vida errante e de tortura física têm-os tornados impacientes com este atraso. Querem ser já evacuados para a Palestina assim como outros grupos nacionais estão a ser repatriados para os seus países.

Não olham com prazer a idéia de estarem à espera na ociosidade e desconforto num campo de concentração alemão, meses sem conta, até que se encontre com todo o vagar uma solução para o seu problema.

Quanto aos possíveis locais da refixação para os que não tenham nacionalidade ou que não queiram voltar à sua terra, a Palestina é definida e predominante a primeira escolha, muitos têm lá parentes, ao passo que outros experimentaram a intolerância e a perseguição nas suas terras durante muitos anos e sentem assim que na Palestina serão bem acolhidos, acharão paz e sossego e terão a oportunidade de viver e trabalhar. No caso dos judeus polacos e bálticos, o desejo de vir para a Palestina, numa grande maioria de casos, no amor pelo país e dedicação pelo ideal sionista. Também é certo que há muitos que desejam ir para a Palestina porque sabem que as suas possibilidades de serem admitidos nos E. U. ou noutros países do hemisfério ocidental são limitadas, senão nulas. Porém seja qual for o motivo que os leva a voltarem-se para a Palestina, é, indubitavelmente, o facto que a grande maioria dos judeus actualmente na Alemanha não desejam regressar aos países de onde vieram.

A Palestina não só é declaradamente a escolha da maioria mas também o único local escolhido onde é possível a emigração. Alguns, em pequeno número, desejam emigrar para os E. U. onde têm parentes, outros para a Inglaterra, domínios ingleses ou América-do-Sul.

Conclusão e recomendações

A questão da Palestina tem que ser encarada de frente. Agora que já não estão implicados tão grandes números e se há verdadeira comiserção pelo que estes sobreviventes já sofreram, deve ser possível fazer-se qualquer modificação ou excepção ao Livro Branco inglês de 1939, sem que isso tenha graves repercussões. Para alguns dos judeus europeus não há qualquer solução aceitável ou sequer decente relativamente ao seu futuro, senão a Palestina. Isto afirma-se por razões puramente humanitárias, sem qualquer referência a considerações políticas ou ideológicas, no que respeita a Palestina.

Baseado em informações idênticas, suponho que os certificados da emigração para a Palestina ter-se-ão esgotado no fim do corrente mês (Agosto de 1945). O que vai ser no futuro? Todo aquele que visitou os campos de concentração que falou com os desesperados sobreviventes considera uma calamidade ao ver que as portas da Palestina em breve estarão fechadas. A Jewish Agency da Palestina submeteu ao governo inglês uma petição para que fossem concedidos mais 100.000 certificados de emigração. O Memorandum que acompanha a petição faz uma exposição persuasiva quanto à capacidade imediata de absorção da Palestina e a geral falta de homens aptos nesse país. Ainda que haja motivos para diferenças de opinião quanto ao número preciso desses certificados, os quais possam ser considerados razoáveis nesses casos, não se pode fazer questão de que se este pedido fosse satisfeito, contribuiria muito para a completa solução do futuro dos judeus que ainda se encontram na Alemanha e na Austria, e mesmo de outros judeus deslocados que não desejam lá ficar, nem regressar aos seus países de origem. Não há, pois, assunto mais importante no que respeita aos judeus da Alemanha e da Austria e aos das outras terras que conheceram os horrores dos campos de concentração, como a solução do problema da Palestina. Diz-se que o Dr. Hugh Dalton, insigne membro do actual governo inglês, declarou na conferência do partido trabalhista, em Maio de 1916: «Este partido já hoje expôs e repetiu na recente data de Abril passado e

desta vez, atendendo aos indizíveis horrores perpetrados contra os judeus da Alemanha e de outros países ocupados da Europa, é moralmente injusto e politicamente indefensável, impôr obstáculos à entrada agora na Palestina de todos os judeus que para lá desejem ir... Também declaramos que isto não deve ser olhado como um assunto de que só o govêrno inglês tome a responsabilidade porque, visto que êle entra, como muitos outros, num campo internacional, é indispensável que haja inteiro entendimento e cooperação entre os governos inglês, americano e soviético, especialmente se tencionarmos estabelecer uma colônia fixa na Palestina e nos países que a rodeiam. Se se pode dizer que isto representa o ponto de vista do novo govêrno da Inglaterra não seria de-certo despropositado que o Ex.^{mo} Govêrno dos Estados- Unidos exprimisse o seu interêsse e apoio por qualquer solução equitativa desta questão, que daria a possibilidade a um número razoável de judeus perseguidos da Europa e agora sem pátria de se fixarem na Palestina. Esse é o seu desejo, que está perfeitamente dentro da política geralmente aceite de permitir que grupos de família se unam e reúnam.

Afim de terminar êste relatório rapidamente para que possivelmente se tomem medidas o mais cedo possível, não perdi tempo a analisar tôdas as notas tomadas no decurso das minhas visitas ou a fazer comentários sôbre a situação na França, Bélgica, Holanda ou Suíça, também visitadas. Por consequência, peço respeitosa-mente que êste relatório seja considerado de índole parcial.

Os problemas actuais da Alemanha e da Austria são muito mais sérios e difíceis do que em qualquer dos outros países mencionados, e êste facto também me pareceu ser de pêso para a compleição de um relatório parcial imediatamente depois de terminada a minha missão.

Em conclusão, desejo repetir que a grande solução, em muitos casos, a única verdadeira solução, do problema, é a rápida evacuação de todos os judeus não repatriáveis da Alemanha e da Austria que assim o desejem, para a Palestina.

Para ser eficaz, êste plano não deve ser retardado por muito tempo. E' preciso que se reconheça a urgência da situação.

E' desumano crer que alguém continue a viver por qualquer espaço de tempo, nas condições em que êles vivem.

A evacuação dos judeus da Alemanha e da Austria para a Palestina solucionará o problema de cada uma das pessoas envolvidas e também afastará das autoridades militares um problema que elas têm tido que enfrentar. A possibilidade que os exércitos têm de transportar milhões de pessoas com rapidez e eficiência, tem sido largamente demonstrada. A evacuação de um número relativamente pequeno de judeus, da Alemanha e da Austria, não apresentará grandes dificuldades para os militares. Terminada a guerra com o Japão, a situação dos transportes marítimos também deve ter melhorado bastante para tornar praticável uma tal deslocação. O mundo civilizado, tem, para com êste punhado de sobreviventes, o dever de lhes dar uma pátria onde possam de novo fixar-se e começar a viver como seres humanos.

Obra do Resgate

No dia três de Setembro (25 de Elul de 5705) na Sinagoga Kadoorie Mekor H'aim, à Rua Guerra Junqueiro, foi recebido na Aliança de Abraham o descendente de judeus maranos. Eduardo José de Campos Pereira Manaças, de 26 anos, natural de Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel — Açores) com o curso de construções, obras públicas e minas. Recebeu como nome de congregação Moshé Ben-Menasseh.

Comendador Pardo Roques

Por uma informação vinda de Londres soubemos que o nosso amigo da Obra do Resgate dos maranos portugueses, Comendador Giusepe Pardo Roques, da Universitá Israelítica de Pisa fôra assassinado pelos nazis na cidade de Pisa (Itália). Este bom era de origem portuguesa.

Que a sua alma seja reunida ao feixe da vida eterna, e que o seu corpo repouse em paz e glória.

No Ghetto de Varsóvia...

Morrer... mas devagar!...

No bairro mais miserável e insalubre de Varsóvia, que tinha sido duramente castigado pelos bombardeamentos de Setembro de 1939 (nos velhos tempos do grito de "Sieg im Osten"), ergueram os invasores da Polónia, um Ghetto, e aí cercados por forte muralha, sem qualquer conforto e absolutamente isolados do Mundo, 600 a 700 mil judeus de diversas nacionalidades, vítimas da Kultur-ariana, esperavam que o magarefe teutónico os viesse abater.

... Em meados de 1942 os «defensores da Europa» ordenaram a «liquidação» do Ghetto e com aquêlê método característico começavam as deportações e os massacres, nos quais os melhores frutos da ciência e indústria nazis foram postas em prática... Câmaras de gases, fuzilamentos em massa (talvez com tiros na nuca), enforcamentos e... outras torturas que excedem de longe aquelas do Santo Offício, de triste memória...

... Um ano após esta «liquidação» humanamente feita (sic) pelos «Herrenvolk» restavam ainda 35 mil judeus trabalhando como escravos e sempre com o «pesadelo» duma «liquidação final» diante dos olhos...

E no dia 20 de Abril de 1943 quiseram os nazis fazer essa «limpeza» mas... nem sempre o povo de Israel há-de ser a «ovelha perseguida» das velhas lendas... e dispostos a vender cara a vida, êstes sobreviventes, mal alimentados, para não dizer famintos, quási sem armas, acolheram a Gestapo e as tropas nazis, com um nutrido fogo, que molestou bastante os «visitantes»...

Os vencedores de quási tóda a Europa, os super-homens e defensores da Kultur e... da fé (?) foram forçados a empregar canhões, tanques, lança chamas e aviões para vencer êsses restos de homens livres que quiseram defender a honra judaica.

Após seis dias de sangrenta e feroz

luta, depois do último cartucho ter sido queimado, aquêles que tinham escapado às balas, morriam no meio das chamas e das ruínas do Ghetto...

Numa derradeira mensagem irradiada por um pôsto emissor clandestino, êles dirigindo-se aos seus irmãos da Palestina disseram: «Lutamos para salvar a honra de Israel e somos felizes por morrer de armas na mão»...

Este massacre levantou em todo o mundo livre, uma onda de simpatia e compaixão pelo martirizado mas invencível povo judaico, diversas foram as entidades aliadas e neutras que elevaram a voz num último apêlo ao que ainda pudesse existir de humano num coração nazi, afim de que tal barbarismo acabasse.

Entre tantos nomes ilustres devo salientar o Arcebispo de York que em palavras de repassada comção, evocou o longo martírio do Povo da Lei e reafirmou a imortalidade do mesmo.

Vítimas de uma nação que através dos tempos tem semeado a morte, a fome e a ruína, por onde a tem levado a monomania de dominar o Mundo, nós os judeus preferimos tôdas as torturas, a renegar a nossa velha Fé.

Recordemos o que nos diz o capítulo 20 do Deuteronomio e encontraremos nêle a força que nos ampara e guia através de todos os azares da vida terrena...

«Ouve, ó Israel, vós estais hoje próximos da batalha; não se amoleça o vosso coração; não temais, nem tremais, nem tendes medo, pois o Eterno vosso Deus é aquêlê que vai convosco.»

ISAAC JACOB LOPES MARTINS.

Visado pela Comissão de Censura

PAUL GOODMAN

No dia 10 de Abril próximo passado completou 70 anos de idade o Sr. Paul



PAUL GOODMAN

Goodman, digníssimo Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Pôrto.

O nosso homenageado é o Secretário honorário da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, Comunidade fundada por judeus e cripto-judeus emigrados de Portugal e Espanha no tempo em que nestes países campeava a feroz Inquisição. Paul Goodman não é somente um pujante escritor como o demonstram os seus trabalhos literários, dentre os quais destaco *The History of the Jews e The Sinagogue and the church*, onde à levesa e graciosi-

dade da linguagem alia o rígido critério do historiador e o espírito piedoso de apologética.

É ele também o Secretário activíssimo do Portuguese Maranos Comitée de Londres que tem dirigido os trabalhos da Obra do Resgate em Portugal e tem procurado em todo o mundo jadaico elementos para que seja conduzida a bom termo a sagrada missão de redimir os descendentes dos mártires da Inquisição.

Ha-Lapid e todos os que têm tido a honra de conhecer pessoalmente este nosso ilustre correligionário, desejam-lhe uma longa e próspera vida, cheia de satisfação



Caricatura de PAUL GOODMAN

e alegria, para seu benefício e da causa judaica, que tanto necessita de tais homens. *Be-siman Tob.*

Calendário Israelita

Ano de 5706

(Tem 13 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 8 de Setembro de 1945.
- 2.^a lua (Heshvan) — 29 dias
dia 1 — 8 de Outubro de 1945.
- 3.^a lua (Kislev) — 29 dias
dia 1 — 6 de Novembro de 1945.
- 4.^a lua (Tebet) — 20 dias
dia 1 — 5 de Dezembro de 1945.
- 5.^a lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 3 de Janeiro de 1946.
- 6.^a lua (Adar) — 30 dias
dia 1 — 2 de Fevereiro de 1946.
- 7.^a lua (Veadar) — 29 dias
dia 1 — 4 de Março de 1946.
- 8.^a lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 2 de Abril de 1946.
- 9.^a lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 2 de Maio de 1946.
- 10.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 31 de Maio de 1946.
- 11.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 30 de Junho de 1946.
- 12.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 29 de Julho de 1946.
- 13.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 28 de Agosto de 1946.

(Este ano tem 383 dias)

Dias festivos no ano de 5706

- Rosh Ashaná* — 1.^o dia — 8 de Setembro de 1945.
Rosh Ashaná — 2.^o dia — 9 de Setembro de 1945.
Kipur — 17 de Setembro de 1945.
Sucot — 1.^o dia — 22 de Setembro de 1945.
Sucot — 2.^o dia — 23 de Setembro de 1945.
Hoshaná Rabá — 28 de Setembro de 1945.
Shemini Aseret — 29 de Setembro de 1945.
Simhá Torá — 30 de Setembro de 1945.
Hanucá — 1.^o dia — 30 de Novembro de 1945.
Hanucá — 8.^o dia — 7 de Dezembro de 1945.
Purim — 17 de Março de 1946.
Pesah — 1.^o dia — 16 de Abril de 1946.
Pesah — 2.^o dia — 17 de Abril de 1946.
Pesah — 7.^o dia — 22 de Abril de 1946.
Pesah — 8.^o dia — 23 de Abril de 1946.
Shabuot — 1.^o dia — 5 de Junho de 1946.
Shabuot — 2.^o dia — 6 de Junho de 1946.

Jejuns em 5706

- Assassínio de Guedaliá* — 10 de Setembro de 1945.
Kipur (dia de Expição) — 17 de Setembro de 1945.
Cêrco ao Templo — 14 de Dezembro de 1945.
Jejum de Esther — 14 de Março de 1946.
Tomada do Templo — 16 de Julho de 1946.
Destruição do Templo — 6 de Agosto de 1946.

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH.



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)

Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A

Rua da Fábrica, 80

PÓRTO

D. ABRAHAM ZACUTO

Rabi—Astrónomo—Historiógrafo

POR A. C. DE BARROS BASTO

I

D. Abraham Ben-Samuel Zacuto, nasceu em Évora cêrca de 1450. Saiu da sua terra natal para Toledo, centro intelectual judaico daquela época, onde estudou teologia israelita, sendo seu mestre o Rabi Don Isac Aboab. Depois cursou em Salamanca medicina e matemática, e tais qualidades demonstrou que foi escolhido para dirigir a Cátedra de matemática e astronomia na Universidade salmanticense, e depois, mais tarde, na de Saragoça e em Cartagena. As suas aulas foram freqüentadas por alunos cristãos, judeus e muçulmanos; entre os seus discípulos cito o judeu português Joseph Vizinho, médico e matemático, que fez parte da Corte de D. Afonso V e da de D. João II, que o nomeou seu médico ordinário e membro da *Junta dos Matemáticos*, a qual em 1483 examinou o projecto de Colombo.

Em 1473 a pedido do Bispo de Salamanca começa o Rabi Abraham Zacuto a escrever em hebreu a sua notável obra astronómica *Bi'UR LUHOT*, a qual terminou em 1478. O seu discípulo Joseph Vizinho, da *Junta dos Matemáticos*, traduziu-a depois do hebreu para latim dando-lhe o nome de *Almanach Perpetuum* e também para espanhol com o título *LOS*

CANONES DELLAS TABLAS DE ZACUT en romance.

A obra latina foi impressa pela primeira vez em Leiria em 1496. Joseph Vizinho melhorou o astrolábio náutico, instrumento destinado a medir a altura das estrêlas.

Em 1485 vai Joseph Vizinho numa expedição científica à Guiné para ali fazer observações astronómicas utilizando muitos ensinamentos de Zacuto.

Colombo reproduz várias instruções de Zacuto e conta ter salvado a sua vida e a dos seus companheiros em Jamaica, predizendo (por ensinamentos de Zacuto) o eclipse da lua de 29 de Fevereiro de 1504. A população indígena, apavorada por esta predição, submeteu-se com a condição de que Colombo lhes pouparia as calamidades celestes que êle lhes'tinha anunciado.

Em 1492 os reis Fernando e Isabel decretam a expulsão dos judeus de Espanha e Rabi Abraham Zacuto veio para Portugal, onde a sua fama de astrónomo era-bem notória. El-Rei D. João II recebeu-o muito agradavelmente e nomeia-o seu *astrónomo real*.

Pouco tempo depois, nesse mesmo ano, vem a Portugal o Rabi D. Isac Aboab com trinta notáveis judeus de Castêla afim de concertar com o soberano português a

entrada dos seus correligionários banidos. Rabi Abraham Zacuto apresenta a El-Rei D. João II o seu antigo mestre, que é por êle bem acolhido bem como os seus companheiros.

Rabi Imanuel Aboab, no seu livro *Nomologia*, diz: «Foram bem recebidos por El-Rei, e acordaram, que pudessem entrar no reino, seiscentas casas de judeus, com pagar lhe oito escudos de ouro cada um (como escreve Osório, apesar do Usque sòmente dois escudos) e que ao cabo de seis anos, lhes mandaria dar navios acomodados, e por moderados preços, para poderem saír de seus reinos para as partes de Africa ou Levante, como mais quisessem. A estas trinta famílias mandou o rei acomodar na cidade do Pôrto; e fêz que a cidade desse a cada uma delas uma casa; como deram mui cómodas, na rua que chamam de S. Miguel (*na parte que hoje se chama rua de S. Bento da Vitória*) e no meio de tôdas elas estava a Sinagoga, que me recordeo haver visto ainda na minha meninez sem estar derrocada. Tinham estas casas um P. por armas, que mostrava o nome da cidade. Pagavam de pensão, cinqüenta réis ou maravedis cada uma à cidade e ela lhes fazia empedrar a rua; uma destas trinta casas era a de meu avô o senhor Abraham Aboab a quem o Senhor perdoe. Sucedeu então aquela crueldade enormíssima, de mandar El-Rei Don João levar muitos meninos dos hebreus às Ilhas que chamam dos Lagartos; por causa de haverem passado a Portugal mais número de gente, do que as seiscentas casas capituladas. A todos que foram demais, condenou El-Rei, e os tomou por seus escravos, e, aos filhos inocentes mandou levar às ditas Ilhas dos Lagartos».

«Antes de ver êste lastimoso espectáculo, e os outros que lhe sucederam nos anos seguintes, passou a gozar a vida eterna o bendito Rab; e entendo que está sepultado na cidade do Pôrto. De todos os seus discípulos, que foram muitos, e mui excelentes, não acho que haja passado algum a Portugal, além de Rabi Abraham Zacuto, astrónomo de El-Rei D. Manuel: o qual conta a morte do seu honrado mestre, e como êle *darrou*, ou fêz sermão em seus funerais.»

Segundo Graetz os judeus portugueses não viam com bons olhos tal imigração,

por temerem disso funestas conseqüências. Houve uma reunião de notáveis judeus portugueses e nessa reunião o Rabi-mor D. Joseph Ben-Yahiah Negro defendeu com calor o estabelecimento em Portugal dos judeus espanhóis. A maioria porém foi de opinião que a fixação neste país dos judeus espanhóis punha em perigo a situação dos judeus portugueses, que já constituíam uma parte muito importante da população de Portugal.

Foi mais convencionado entre os delegados dos judeus espanhóis e o rei que os que fôssem operários metalúrgicos ou armeiros pagavam metade da capitação e podiam fixar-se no país e que os emigrados entrariam em Portugal pelos seguintes pontos: Olivença, Castelo Rodrigo, Bragança e Melgaço. A capitação seria paga, à entrada na fronteira, a empregados régios que lhes dariam certificados desse pagamento, e que lhes serviriam de salvo-condutos.

Tendo sido aceites as condições estabelecidas no contrato entre o Rabi Isac Aboab e D. João II entraram em Portugal cerca de cem mil judeus espanhóis que se dirigiram para as cidades que lhes foram indicadas para residência.

Em Janeiro de 1493 findou os seus dias na cidade do Pôrto Rabi Isac Aboab, tendo vindo dirigir o funeral, no qual fêz um sermão, o Rabi Abraham Zacuto.

Nesse ano de 1493 resolveu El-Rei exigir que êles saíssem no fim de seis meses e cumpriu o que tinha estabelecido.

Forneceu navios a preços moderados recomendando aos capitães que os conduzissem aos portos que designassem e que os tratassem bem, mas tal não fizeram êsses capitães que logo que se acharam no alto mar os sujeitaram a tôda a espécie de más violências para lhes extorquir grandes quantias.

Sabendo dêstes maus tratos muitos não quiseram embarcar por mêdo, e outros porque não tinham meios para pagar o transporte ficaram no reino. O rei foi implacável para com êles; os retardatários foram uns dados, outros vendidos como escravos aos nobres.

O rei fêz arrancar aos pais reduzidos à escravidão os filhos dos 3 aos 10 anos para os enviar para a ilha de S. Tomé (Ilha dos Lagartos) e educá-los no cristianismo. Em

vão as mães choravam e suplicavam ao rei que não lhes tirassem os filhos. O rei ficou insensível. Uma mãe a quem tinham tirado sete filhos lançou-se aos pés do rei, quando êle safa da igreja pedindo para lhe dar pelo menos o mais novo; segundo a expressão dum cronista, o rei disse para os que o acompanhavam que ela gemia e se lamentava como uma cadela a quem tiraram os filhos.

Algumas mães para se não separarem dos filhos lançaram-se em poços e ao rio.

A maior parte destas crianças morreram em S. Tomé vítimas do clima e de animais malfazejos.

No ano de 5254 da Era hebraica (que principia na lua nova de Setembro de 1493 e finda com a lua nascida em Agôsto de 1444 da Era vulgar) El-Rei D. João II pretendeu que o seu conselheiro e Rabi-mor de Portugal D. Joseph Ben-Yahiah Negro, com 68 anos de idade, se convertesse ao catolicismo, dizendo-lhe:—Desejo que tu, bem como tôja a tua família se se convertam à minha fé, por que tu és um chefe respeitável entre os israelitas e assim serias um exemplo para todo o teu povo...

D. Joseph respondeu negativamente e safu da presença do rei.

Depois El-Rei mandou-lhe dizer que cumprisse o seu desejo e se assim fizesse lhe daria o senhorio de Bragança e seus rendimentos e em caso contrário o mandaria matar. E quando o ancião ouviu estas palavras ficou muito triste, orou a Deus e levando consigo os seus três filhos Rabi David, Meir e Salomão fugiu de Portugal.

El-Rei mandou-o perseguir por terra e por mar e não o puderam alcançar. Um temporal fêz com que o navio onde ia, arribasse ao reino de Castela, ali D. Joseph e seus filhos foram prêsos e destinados a serem queimados vivos, porque havia quasi três anos que os judeus haviam sido expulsos de Castela e o decreto dizia que todo o judeu que fôsse encontrado depois do prazo referido devia ser condenado à morte. Veio em seu socorro D. Alvaro, descendente do Duque de Bragança e que também tinha fugido de D. João II. Graças à intervenção dêste nobre português, que disse boas e elogiosas palavras sobre êles, deixaram-nos fugir duma cidade não murahada. Estiveram cinco meses no mar até

que conseguiram desembarcar em Pisa (cidade da Toscana — Itália).

Furioso D. João II vingou-se maltratando alguns parentes dos fugitivos.

Depois dêstes acontecimentos D. João II escolheu para Rabi-mor de Portugal o astrónomo real Rabi Abraham Zacuto.

No dia 25 de Outubro de 1495 faleceu em Alvor (Algarve) El-Rei D. João II, sendo voz pública que êle tinha sido envenenado. Assistiu aos seus últimos momentos o médico real Mestre Joseph Vizinho, discípulo de D. Abraham Zacuto.

II

Morto D. João II subiu ao trono seu cunhado D. Manuel, Duque de Beja, o qual contava então vinte e seis anos de idade. O seu primeiro acto a respeito dos judeus foi conceder carta de alforria aos que eram escravos, por determinação de D. João II, dando-lhes permissão de saírem para onde e quando quisessem, sem dêles, nem das Comunidades judaicas querer aceitar um *grande serviço* de dinheiro que lhe era oferecido em paga da generosa resolução do novo rei. Julga-se que êste primeiro acto do monarca fôsse inspirado pelo Rabi-mor D. Abraham Zacuto, astrónomo real, a quem D. Manuel dedicava afeição muito especial.

D. Manuel antes de determinar a execução da viagem à Índia dos nossos navegadores consulta Zacuto sôbre as probabilidades dela.

Uma testemunha contemporânea de Zacuto, embora mais novo, Gaspar Correia, no seu trabalho, diz-nos:

Como por falecimento de El-Rei D. João, El-Rei D. Manuel que sucedeu no reino tomou entendimento no descobrimento da Índia.

Ê metido o sentido nesse cuidado, e como prudentíssimo homem de grande conselho, quis primeiro tomar boa informação do que era e podia fazer primeiro que começasse um tão grande feito, não querendo arriscar em vão suas despesas e vidas de seus vassallos, determinando primeiro haver verdadeira informação não querendo começar coisa que não acabasse e mormente esta tão grande em começo

de seu Reinado; no que assim considerando e porque algum tanto era inclinado às coisas de astronomia, mandou chamar a Beja um Judeu seu muito conhecido, que era grande astrólogo, chamado Çacuto, com o qual falou em seu segrêdo muito lhe encarregando que trabalhasse de saber, se lhe aconselhava que entendesse no descobrimento da Índia, e se era coisa que podia ser, porque o trabalho, que nisso houvesse se não perdesse em vão, porque se possível fôsse, êle para isso tinha muita vontade nisso gastar todo o possível, mas que êle nada havia de fazer sem seu conselho, e por isso o chamara, que portanto lhe muito encomendava que visse e olhasse muito bem o que disto alcançava por seu bom saber e para isso tomasse o espaço que quisesse para lhe dar resposta. Do que o judeu se muito encarregou, e se tornou a Beja e fazendo suas diligências aprouve a nosso Senhor lhe mostrar sua vontade, e tendo tudo bem alcançado, se tornou a El-Rei com muito prazer e lhe disse:

«Senhor, com muito cuidado que tomei no que me Vossa Alteza tanto encarregou, com o querer de Nosso Senhor, o que achei e tenho sabido é, que a província da Índia é mui longe desta nossa região, alongada por longos mares e terras, tôdas de gentes pretos os naturais; em que há grandes riquezas, e mercadorias que correm por muitas partes do mundo, e tudo de muito perigo, primeiro que possam vir a esta nossa região, e que tenho bem olhado, e por querer de Nosso Senhor alcançado que Vossa Alteza a descobrirá e grande parte da Índia subjugará em mui breve tempo, porque, Senhor, Vosso planeta é grande sob a divisa de Vossa Real pessoa, a esfera em que se contém os céus e terra, que tudo Deus quererá trazer a vosso poder, e tudo acabará o que nunca acabaria El-Rei que Deus tem, ainda que todo seu Reino nisso gostara, porque esta coisa Deus a tinha guardado para Vossa Alteza. E acho que a Índia descobrirão dois irmãos vossos naturais, mas quais êles sejam eu o não alcanço. Mas pois de Deus assim está ordenado êle o mostrará, pelo que tenho a Vossa Alteza dito tôda a verdade do que ponho minha cabeça a penhor sob o aprazimento de Nosso Senhor, em cujo poder tudo é.»

O que tudo ouvido por El-Rei, deu ao judeu grandes agradecimentos por tão boas novas que lhe dava, e muito defendeu que tivesse grande segrêdo, pelo muito que cumpria a seu estado.

D. Abraham Zacuto numa longa exposição ao rei trata da teoria das tempestades, da época mais favorável para a navegação, das tábuas de declinação que tinha composto, do Regulamento, do astrolábio náutico que tinha fabricado.

Ouçamos o que nos informa sôbre êstes assuntos Gaspar Correia e também sôbre o ensino dos pilotos feito pelo Rabi Zacuto, aos quais fornece cartas de marcar:

Como El-Rei pediu razão ao astrólogo Çacuto destas naus não acharem contraste de tempos contrários e tormentos, que as outras naus acharam e o Çacuto lho declarou.

«El-Rei era muito inclinado à astronomia, pelo que muitas vezes praticava com o judeu Çacuto, porque em tudo achava mui certo, e sendo assim chegadas estas que lhe diziam não acharem nenhum temporal contrário a seu caminho, achando as outras tantas fortunas, sôbre o que El-Rei praticava com os pilotos, que nenhuma razão lhe sabiam dar a isso, sendo um dia o judeu Çacuto presente e ouvindo tudo, disse a El-Rei:

«Senhor, o mar que as vossas naus correm é muito grande, em que em umas partes há verão, e em outras inverno, e todo em um caminho; e poderão ir duas naus, uma após outra ambas por um caminho, uma chegará a uma paragem quando ali fôr inverno, e achará tormenta, e a outra quando ali chegar será verão e não achará tormenta que a outra ali achou: e esta é a razão porque uns acharam tormenta, e outros não. E porque os invernos e verões não são certos em um próprio lugar é porque o mar é mui largo e mui deserto, apartado das terras, e cursam as tormentas e bonanças por muitas partes incertas. Mas quando os navegantes desta carreira tiverem mais experiência em seu caminhar, que êles saibam tomar o verão que tem neste golfão daqui ao Cabo da Boa Esperança, assim à ida como à vinda, andarão êles êste caminho em mui breve tempo e

sem trabalho irão e virão a salvamento, se forem prudentes em seu navegar. E porque, Senhor, com o muito desejo que tenho a seu serviço tenho muito trabalho por entender os segredos desta navegação, tenho entendido que o apartamento do sol causa as tormentas e desvairios dos tempos; porque apartando-se o sol da linha equinocial para a parte do Norte, fica a sombra e friura à parte do Sul. Este mingramento da quentura do sol, causa o mingramento dos dias que são mais pequenos, e acrescenta as tempestades pela friura das águas, que se mais alevantam com os ventos. E porque o Cabo da Boa Esperança entra muito no mar para a banda do Sul, pelo que sendo o sol apartado da linha para a parte do Norte, que fica à sombra e friura à parte do Sul, então causa assim as grandes tormentas e tempestades e dias pequenos e de pouca claridade, que as naus acham, porque o sol é dali muito afastado; e quando o sol anda para a parte Sul, então no mar do Cabo da Boa Esperança haverá bonanças e os dias quentes e maiores. E porque no tempo que as naus vão demandando o Cabo, ou são nêle, o sol é afastado para a parte do Norte, por essa causa ficam no Cabo as tormentas e escuridão dos dias pequenos; e por isso os Ptolomeus e outros que escreveram, lhe chamaram o Cabo Tormentório, porque é deserto do abrigo de terras que estão dêle mui longe, porque da banda de Leste e Oeste não há terra, sòmente por linha direita a mais perto da costa da Índia até ao cabo de Comorim e desta outra parte pela mesma linha o Cabo Verde, que é mui grande distância de caminho: e com a navegação, que agora fazem as naus, por dobrar por barlavento do Cabo, dando-lhe resguardo por causa dos ventos serem do mar, fazem rodeio com que então mais de sete mil léguas, no qual caminho muito encurtaram e emendaram quando os pilotos tiveram êste experimento do apartamento do sol para que parte anda, que é a causa dos bons tempos e maus, que causa o apartamento do sol. E porque, Senhor, nisto tenho muito trabalhado, por me certificar na verdade tirei um experimento da declinação do sol do apartamento que se aparta da linha para cada parte do Norte ou do Sul, e quanto tempo anda de um cabo, e quanto do outro, e até onde chega,

e se corre tanto ao ir, como ao tornar, e achei que tudo andava por um curso e compasso ordinário. O que tudo tenho bem sabido, e declarado por um modo de regimento, o que cada dia se aparta o sol, assim à ida, como à tornada, por tal modo que em qualquer parte que navegantes tiveram vista do sol ao meio dia, ou de noite a estrêla do Norte e fazendo sua conta da declinação do sol, saberão quanto caminho andam, e saberão navegar por todo o mar do mundo: e se a Nosso Senhor aprouver que acabe de saber algumas dúvidas que ainda tenho escuras, afirmo a Vossa Alteza que então, esta navegação para a Índia será tão fácil, que a poderão navegar mui pequenos barcos, e tão pequenos quanto sòmente possam agasalhar o comer, e água da gente que fôr, porque todo o bem dêste caminho e navegação há-de ser saber tomar os tempos em suas próprias monções para que não achem tormentas e ventos contrários, que lhe causam as detensas."

O que tudo bem ouvido por El-Rei houve muito contentamento e prometendo ao Judeu muitas mercês por seu trabalho, lhe muito encomendou que desse cabo a tão boa coisa como tinha começado. Ao que o Judeu se ofereceu, e como já tudo tinha experimentado, e sabido a certeza do decurso do sol, e os mudamentos que fazia, tomando o experimento pelas estrêlas com suas artes de astronomia, fêz um regimento desta declinação do sol, apartando os anos, cada um sôbre si, e os meses e dias de um ano bissexto até o outro, que são quatro anos apontadamente, de quanto anda o sol cada dia, contado de meio dia a meio dia, assim para a banda do Norte, como para a banda do Sul, tudo por grande concerto e boa ordem; para o que fêz uma pasta de cobre da grossura de meio dedo, redonda, com uma argola em que estava dependurada direita e nela linhas e pontos, e no meio outra chapa, assim de cobre corrediça ao redor, e nela postos uns pontos furados direitos um do outro, porque entrado o sol por ambos, no ponto do meio dia, se via em que parte estava o sol, tudo por grande arte e subtil modo, e lhe chamou astrolábio, que tomando assim o lugar certo em que estava o sol, e feita conta pelo regimento na tábua de cada ano,

se sabia as léguas que eram andadas. O que o Judeu ensinou a alguns pilotos, que lhe El-Rei mandou, como e de que modo haviam de tomar o sol em o ponto do meio dia com o astrolábio, ensinando-lhe a conta que haviam de pelas tabuadas do regimento, no que em todo os muito industriou os quais El-Rei logo mandou fora navegar para uma certa parte, a que o Judeu deu umas cartas grandes com riscos de cores diferentes, que mostravam os nomes dos ventos ao derredor da estrêla do Norte, a que se pôs nome agulha de marear, compasso dos graus do Sul para a conta das léguas no decurso do andar do sol, com outros muitos consertos experimentos que os pilotos entenderam, e experimentaram com as correntes das águas. Com que a dita ciência de pilotar foi de cada vez mais experimentada e sabida, e navegando pondo nas cartas as terras, e ilhas nos seus próprios limites de altura do sol por conta das léguas e derrotas dos ventos e sondas e mostras, o que de cada vez se mais foi apurando em tanta perfeição como ora está. Deus seja para sempre muito louvado, que lhe aprouve que o Judeu falou tão certo em tudo e nos pequenos barcos navegaram esta carreira, como depois se viu e se achará por esta lenda em diante em algumas partes.

El-Rei houve isto por tamanho serviço como se mostra, e tomou disso tamanho contentamento, que fêz ao Judeu muitas mercês com que êle se mais refinou, tomando maiores trabalhos em fazer outro mor conserto, que nesta obra ficava falta, que cumpria se apurar, porque sendo tempo chuvoso, que o sol fôsse coberto, que o sol não parecesse, para se tomar no astrolábio pelo que ficariam cegos em seu caminhar, consertou as tabuadas do decurso do sol com as circunferências da estrêla do Norte, para o que fêz outro artifício para tomar o ponto em que estava a estrêla do Norte, por tal arte, com que de todo os pilotos ficaram em mui perfeito saber de navegar em todos os tempos em muita perfeição; em que assim tratando a navegação para a India e para outras partes, se foram muito apurando em mais perfeição pelo experimento que tomavam das coisas, navegando assim com o sol, como com a escuridão da noite.

O que tudo foi em tanto crescimento

de bem, como hoje em dia parece ao serviço do Senhor Deus; porque homens ciêntes, e de subtis entendimentos foram mais entendendo e alcançando, com que agora está em tôda a perfeição. O que tudo foi principiado por o dito judeu, chamado Çacuto, grande astrólogo, que depois fugiu de Portugal..."

Por esta época, em 1496 é impresso em Leiria a versão latina do Regulamento e tábuas náuticas da autoria de D. Abraham Zacuto que êle tinha composto em Salamanca, em hebreu com o título *Bi'UR LUHOT*, de 1473 a 1478, e que foi traduzido para latim com o título *Almanach Perpetuum* e também para espanhol pelo seu discípulo.

Gaspar Correia informa que Vasco da Gama colheu de Zacuto avisos úteis que aproveitou na sua memorável expedição.

Acêrca da importância do ensino dado por D. Abraham Zacuto aos pilotos portugueses, diz-nos Gaspar Correia, falando da expedição de Afonso de Albuquerque:

•Eles navegavam conforme o Regulamento que Çacuto lhes tinha dado e que os pilotos tinham experimentado antes.ª

(*Continua*).

Documentário Maranos

Denúncia à Inquisição

Aos três dias do mês de Agôsto do ano de mil e seiscentos e trinta e nove em Lisboa nos Estaos e Casa do despacho da Santa Inquisição estando aí em audiência da manhã o senhor Inquisidor D. Álvaro de Attayde mandou vir perante si o Licenciado Feliciano Dourado natural da Paraíba estado do Brasil e ora residente nesta cidade, por ter que denunciar nesta mesa... e disse ser da idade de vinte e nove anos.

Disse mais que no mesmo tempo (1635) se achou êle declarante na dita cidade de Amsterdam, em um dia de que em particular se não lembra com dois judeus, dos quais um se chamava Manasse ben Israel o qual entre êles é Rabino e do nome do outro se não lembra onde entre práticas que tiveram lhe deram os ditos judeus

muitas queixas do apêrto que lhe faziam em Espanha para que não fôssem judeus e é a primeira coisa, em que falam aos espanhóis, quando os encontram, e continuando nas ditas razões, com grande sentimento e queixa e lhe disse o dito Manasse que por mais que fizessem Espanha, lhes não haviam de tirar serem judeus, porque quantos cristãos novos havia em Espanha eram cristãos violentados, e que desde Holanda iam todos os anos alguns judeus à Córte de Madrid e a outras muitas partes dêstes Reinos de Espanha a circuncidar os cristãos novos, ao que lhe foi à mão o outro judeu, advirtindo-lhe que faziam mal em descobrir aquilo diante dêle, declarante, porque havia de vir a Espanha e contá-lo e poderia prejudicar as pessoas da sua nação e com esta advertência o dito Manasse deitou a coisa a zombaria, dizendo que dizia aquilo por graça e êle declarante também se fêz desentendido, e não passaram mais antes nem depois sôbre esta matéria.

(Caderno 19 da Inquisição de Lisboa, pág. 7).

Vibrantes manifestações da vitória na Palestina

A Palestina viu em tempos passados, muitas e grandes manifestações em ocasiões festivas, e, mais freqüentemente, em ocasiões tristes, mas nada se pode comparar, nem no número dos manifestantes, nem na intensidade de sentimento, com as tumultuosas manifestações que se realizaram em Tel-Aviv, nas secções judaicas de Jerusalém de Haifa e de tôdas as colónias judaicas. Não havia tom de azedume ou de resignação no pedido para que se abram as portas da Palestina e para que se estabeleça um Estado Judaico, que foi a nota dominante de todos os ajuntamentos para celebrar a vitória. Êsses gritos eram soltados por pessoas inteiramente cõscias da contribuição dos judeus para a vitória e dos seus sofrimentos sem igual.

Entre as bandeiras dos aliados e judaicas nas ediffícios da Agência Judaica, no Vaad Leumi, da Comunidade Judaica de Jerusalém e de outras instituições, foi colocada uma bandeira branca orlada de negro, como sinal de sentimento pelos judeus que foram exterminados na Europa.

COMUNIDADE SEFARDIM FORMAM UMA FEDERAÇÃO MUNDIAL

A formação duma «Federação Mundial das Comunidades Sefárdicas» com o fim de intensificar a activa participação dos judeus sefardim nos problemas mundiais judaicos e de coordenar os seus esforços, culturais, educativos e económicos, foi anunciada em Nova-Iorca pelo Sr. Joseph M. Pape, Director Executivo da Comunidade Central Sefárdica Judaica da América.

A Federação representará grupos sefárdicos dos seguintes países: Algéria, Argentina, Bulgária, Chile, Colômbia, Cuba, Holanda, Itália, Marrocos, Palestina, Tunfisa, Estados Unidos, Uruguai, Venezuela e Jugoslávia.

A RELIGIÃO

De todos os conhecimentos que o homem procura obter, o da verdadeira religião é de todos o mais importante.

Com o ensino religioso, ligado à boa educação depende a felicidade da família, e sem êle a fé extinguir-se-á.

E' em vão que um homem pretenda adornar-se com título de pessoa de bem, quando não tem religião, êsses não passam geralmente de estúpidos vaidosos, sem cérebro.

Religião, é o culto que se rende ao verdadeiro Deus criador de tudo o que existe, o que dela tomar parte viverá eternamente, eis porque Moisés disse na Thorah: É a árvore da vida para aquêles que a observam.

Uma só religião nos indica o caminho da verdade única para todos os homens, pois que Deus só há um. «Quve, O' Israel: o Eterno nosso Deus é uno»:

A verdadeira religião é de tôdas a mais simples e a mais sublime nos seus conceitos. Começou há muitos séculos e desenvolveu-se sem se vergar ao jugo das paixões humanas, é ela a religião de Israel, a única em que ainda brilham auréolas com os caracteres da religião divina. Ela é a base de tôda a boa moral dando-lhes a esperança, que os consola em tôdas as suas aptidões, e fazendo com que êles contribuam para o mais alto progresso moral, espiritual e intelectual, pois os filhos de Israel já nos tempos obscuros da Europa, para êles existia uma bíblia e uma civilização admirável.

ISAÍAS NOGUEIRA.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 127)

CAPÍTULO V

Dos Estudos da Língua Santa

Cultura da Língua Santa — Pelo que toca em particular à Língua Santa, costumavam os nossos fazer dela um grande estudo, havendo-o por mui necessário para a intelligência dos Livros Sagrados.

Parece, que herdaram isto dos Rabbans seus Mestres, que se haviam dado muito a esta casta de estudos, e os haviam propagado com grande ardor nas Sinagogas de Espanha. (Disto fala Ricardo Simão na *História Crítica do Testamento Velho* no cap. XXI, pág. 120).

Por certo, que muito os havia fomentado Davide Kimchi, filho de José Kimchi, um dos maiores Gramáticos dos Judeus, a quem depois seguiram muitos dos Cristãos; o qual aproveitando-se das Reflexões Gramaticais dum Arabe chamado *Abud Valid Abarum*, compusera uma grande obra da *Gramática da Língua Santa*, com o nome de *Sepher Michlol*, e um *Dicionário* intitulado *Sepher Sçorascim*. (Faz menção destas obras Basnage na *Hist. dos Judeus*: Wolfio na *Bibliot. Hebr.* e outros muitos).

Este estudo havido por necessário e útil — Tão alta opinião se tinha feito em nossa Espanha da necessidade e utilidade destes estados, que se haviam por primeiros fundamentos de tãda a Literatura Sagrada. Assim que R. Aben Ezra no *Perusc*,

ou *Comentário ao C. V. do Eccles.* dizia, como falando duma regra geralmente estabelecida: *Nós os Judeus devemos saber perfeitamente a Arte Gramatical da Língua Santa, para não errarmos.* O mesmo inculcava Kimchi, o qual no fim do *Michlol* põe uns versos, que dizem assim em Linguagem: *O que aprende, e trabalha por possuir a Lei, e não aprende o fundamento da Gramática é como o lavrador, que val com os seus bois: mas não leva nas mãos vara ou aguilhão, que os nique.*

Uso que os nossos faziam de Hebreu — Com efeito os nossos Judeus não cederam aos espanhóis seus Mestres; cultivaram cuidadosamente a Língua Santa e tanto se costumaram ao Hebreu Rabbínico, que até nêle usavam de fazer Cartas, Escrituras e Instrumentos pelos Tabeliães de suas *Comunas*. (Não só faziam isto os Judeus, que eram das *Comunas* mas ainda os que não eram delas; e a respeito destes últimos, o proibiu o Senhor Rei D. João I, pelo dano, que disto se seguia ao povo, mandando, *que o Judeu, que não fôsse das Comunas dos Judeus não fizesse Carta ou instrumento senão por Linguagem Ladinha Portuguesa: vem a Lei no Código Afonsino Liv. III, Título 93. De como os Tabeliães dos Judeus hão-de fazer as Escrituras.*

(*Continua*).

Visado pela Comissão de Censura

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

A CRIAÇÃO DO HOMEM

Quando Deus se preparou para criar o homem os anjos reuniram-se à sua volta.

Uns exclamaram:— Ó Senhor, cria um sêr, que te louve sôbre a terra, como nós te louvamos no céu.

E outros disseram:— Escuta, Rei Todo-Poderoso, não o cries. A gloriosa harmonia que dos céus tu enviaste sôbre a terra será pelo homem perturbada e destruída.

E uma voz doce disse suplicando:— «Ó Pai, cria o homem, fá-lo à tua semelhança. Eu encherei o seu coração duma piedade celeste, e tu imprime no seu ser a simpatia por tudo o que vive, desta maneira para êle tôda a coisa terá uma razão para te louvar».

E o Anjo da Misericórdia calou-se.

E o Anjo da Paz exclamou chorando:

— «Ó Deus! não o cries. — A paz

será destruída, ondas de sangue marcarão a sua vinda ao mundo, a confusão, o horror, a guerra mancharão a terra, e tu não encontrarás mais um lugar que te possa agradar entre as tuas obras sôbre a terra.»

E então o Anjo da Justiça falou:

— «Tu o julgarás, Senhor, êle será submetido ao meu domínio.»

E o Anjo da Verdade aproximou-se e disse:

— «Pára, Senhor, ó Deus da Verdade, com o homem tu envias a falsidade sôbre a terra.»

Então todos se calaram, e das profundezas dos céus ressoaram as palavras divinas:

— «Tu, ó Verdade, tu irás sôbre a terra com êle, e apesar disso continuarás a ser um anjo dos céus; entre a terra e o céu tu flutuarás, servindo de ligação entre um e a outra.»

*Midrash Rabah sôbre o Genesis,
cap. VII.*

D. ABRAHAM ZACUTO

Rabi—Astrónomo—Historiógrafo

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO N.º 129)

III

Em 1496 D. Manuel pensou em se casar com a princesa D. Isabel, viúva do filho de D. João II e filha dos reis católicos de Espanha, Fernando e Isabel.

Esta princesa não se queria tornar a casar, mas modificou a sua resolução por conselho do seu confessor, que lhe fêz ver a utilidade que dêsse acto resultaria para a fé católica, pois ela poderia influir no espírito do seu marido, o rei de Portugal, para que expulsasse do seu reino os judeus e moçulmanos ali refugiados.

Resolvida a princesa a consorciar-se com D. Manuel, os reis católicos concederam ao rei português a mão de sua filha sob várias condições entre as quais era exigida a expulsão do território português de todos os judeus, sem excepção, quer fôssem indígenas, quer fôssem imigrados.

D. Manuel hesitou em aceitar esta condição, pois não se queria privar de subditos cheios de actividade útil ao País. Submetteu o caso ao seu conselho de estado, onde se dividiram as opiniões.

Entre o sacrificio dos interesses do Estado e a sua ambição, pois D. Manuel aspirava, a ser, por intermédio do seu casamento, um dia soberano de tóda a Ibéria, optou pela ambição.

Uma carta de sua noiva, em que ela declarava categoricamente que não entraria em Portugal enquanto aqui houvesse judeus, acabou de o convencer.

Aceites as condições, foi o contrato de casamento assinado a 30 de Novembro de 1496 e a 5 de Dezembro do mesmo ano D. Manuel promulgou uma lei ordenando aos judeus e moçulmanos, sob pena de morte, que se fizessem cristãos ou abandonassem Portugal até ao fim de Outubro de 1497 e designava-lhes três portos (Lis-

boa, Pôrto e Setúbal) onde podiam embarcar livremente.

Só uma pequena parte dos judeus se resolvera à conversão, esperando tempos melhores.

Como todos podiam sair com todos os seus bens móveis, incluindo ouro ou prata, o rei não viu com prazer a saída da riqueza do País e procurou um meio de os conservar no reino como cristãos.

No conselho de Estado El-Rei apresentou a idéia de os converter à fôrça. Alguns conselheiros pertencentes ao clero opuseram-se a essa medida. O bispo do Algarve, Fernando Coutinho invocou autoridades eclesiásticas e bulas papais para demonstrar que a Igreja proíbe obrigar pela violência os judeus a fazerem-se cristãos. D. Manuel, em face destas resistências, não desejando que os laboriosos judeus saíssem do País, declarou que se não preocupava com bulas ou opiniões de prelados e que seguiria a sua opinião.

D. Manuel começou por mandar fechar tódas as sinagogas e tódas as escolas e proibiu aos judeus que se reúnissem aos sábados para fazerem as suas orações em comum.

Como nenhum resultado desse tal medida, pois muitos judeus corajosos criaram oratórios em suas casas, o rei ordenou secretamente, no comêço de Abril de 1497, que, no domingo de Páscoa, tirassem a seus pais todos os filhos judeus de idade inferior a 14 anos e que os levassem à fôrça às pias baptismas.

Apesar das precauções tomadas, alguns judeus souberam do que tramava El-Rei e tomaram as suas medidas para escaparem a isso, fugindo.

Quando D. Manuel soube disso, ordenou que se procedesse imediatamente aos baptismos dos filhos dos judeus.

Produziram-se então cenas lancinantes em tôdas as povoações habitadas por judeus. Os pais abraçaram desesperadamente os seus filhos, que, por seu lado, se agarravam a êles com tôdas as suas forças; separavam-nos à pancada.

Muitos para não deixarem arrebatam os seus filhos, estrangulavam-nos nos últimos abraços ou precipitavam-nos nos poços ou rios, e matavam-se em seguida.

«Vi com os meus próprios olhos, conta o bispo Coutinho, crianças arrastadas pelos cabelos até às pias baptismas, e os pais acompanharem-nos, com a cabeça coberta de luto, soltando gritos lancinantes e protestando até ao pé dos altares contra êste baptismo forçado. Vi ainda muitas outras crueldades». Os contemporâneos conservaram sobretudo a recordação dolorosa do horrível género de morte escolhido, para êle e seus filhos por um judeu culto e muito considerado, Isac Ben-Cahin, para escaparem aos seus convertidores. Muitos cristãos compadeceram-se dêstes infelizes e sem pensar no perigo a que se expunham, ocultaram crianças judaicas nas suas casas para as salvarem.

D. Manuel e sua espôsa foram surdos a tôdas as súplicas e gemidos. Após o baptismo, os filhos dos judeus recebiam um nome cristão e eram em seguida espalhados por diversas terras, onde eram educados na fé cristã. Por ordem secreta ou por excesso de zêlo; os agentes reais apoderavam-se de jovens israelitas até aos vinte anos para os levarem ao baptismo.

Nestas circunstâncias alguns israelitas aceitaram a conversão para se não afastarem dos seus filhos. Mas o rei guiado, mais pelo interêsse do que pela fé; não se contentou com estas conversões, êle queria que, convicta ou não, tôda a população judaica de Portugal se fizesse cristã e ficasse no País. Para entrar a sua emigração, revogou a autorização que lhes tinha dado de embarcarem em 3 portos e só lhes permitiu o de Lisboa. Todos os emigrantes se deviam pois reunir em Lisboa.

Reuniram-se em Lisboa 20.000 para emigrar e sob vários pretextos não lhes permitiu o embarque e assim fêz expirar o prazo da saída. Tornando-se assim senhor da sua sorte fê-los alojar como rebanhos no paço dos Estaus.

Fêz-lhes saber que lhes deixava escolher

entre a conversão voluntária com a perspectiva de receberem honras e riquezas, ou serem baptizados à força. Como quasi todos queriam ficar judeus, privou-os de alimentação durante 3 dias. Como nada conseguisse com a fome e sede, mandou-os arrastar até às igrejas puxando-os com cordas e também pelas barbas ou cabelos. Muitos preferiram a morte ao baptismo; houve alguns que se mataram na própria igreja. Um pai cobriu os seus filhos com o Taleth, degolou-os e em seguida matou-se.

A conversão ao cristianismo assim imposta pela violência aos judeus não foi para êles mais que uma máscara que os obrigaram a usar.

Entre os milhares de judeus portugueses que se tinham resignado ao sacrificio da sua fé, a maior parte não esperava senão uma ocasião favorável para emigrar para um país onde pudessem livremente regressar ao judaísmo. Como disse Samuel Usque, as águas do baptismo não tinham modificado nem as suas crenças, nem os seus sentimentos.

Houve alguns judeus heróicos, como Rabi Simão Maimi, Dayan (juiz Ouvidor) de Lisboa, sua mulher, seus genros, e outros mais, que se obstinaram a ficar abertamente fiéis à sua religião, apesar das horríveis torturas a que foram submetidos. Metidos num calabouço, foram emparedados até ao pescôço e ficaram nesta posição durante três dias. Como persistissem nas suas crenças, fizeram cair a alvenaria que os envolvia; três dos supliciados, e entre êles o Rabi Maimi, tinham succumbido. Apesar de ser severamente proibido enterrar as vítimas destas torturas, que só os carrascos tinham direito a fazê-lo, dois maranos arriscaram a sua vida para sepultar o piedoso Rabi no cemitério judeu, onde um certo número de maranos vieram occultamente celebrar em sua honra uma cerimónia fúebre.

Os companheiros de prisão do Rabi Simão Maimi e os seus genros ficaram ainda muito tempo encarcerados. Tirados da prisão, foram enviados para Arzila (Marrocos) sendo ali obrigados a trabalhar nos dias de sábadno em obras de fortificação, e, finalmente sofreram o martírio.

D. Isabel, rainha de Portugal, que tinha sido a instigadora de tôdas as medidas iníquas tomadas contra os judeus, morreu

a 24 de Agosto de 1498 ao dar à luz o herdeiro do trono de Espanha e Portugal, que pouco lhe sobreviveu.

O mérito e os títulos do Rabi D. Abraham Zacuto, e os grandes serviços por êle prestados como propulsor científico para a criação do império colonial português, não o impediram de sofrer a sorte que afligia os seus irmãos em Portugal; vítima da real ingratidão, como êles foi atingido pela lei fanática de D. Manuel, e, se quis salvar os seus dias, foi obrigado a fingir que se convertia, esperando um momento favorável para ir para outra terra professar altamente a sua crença.

No seu baptismo forçado o Rabi D. Abraham Ben-Samuel Zacuto recebeu o nome de Diogo Rodrigues Zacuto e o seu discípulo Mestre Joseph Vizinho o de Diogo Mendes.

IV

Aquêles que haviam sido feitos cristãos à força, logo que encontravam uma ocasião favorável, sob o pretexto de especulações comerciais passavam para o Levante; muitos iam buscar um asilo nos outros estados principalmente na Holanda e na Itália.

Em 1502 o Rabi D. Abraham Zacuto, acompanhado por seu filho Samuel, conseguiu fugir de Portugal, levando a vida errante e miserável de banido e não pôde escapar, senão com custo, à morte. Correu a viagem cheia de trabalhos, sendo por duas vezes feito prisioneiro, e conseguiu chegar a Tunis, onde encontrou tranqüilidade.

Referindo-se a esta fuga, Gaspar Correia emprega as interessantes expressões, que transcrevo: — "... o dito judeu, chamado Zacuto, grande astrólogo, que depois fugiu de Portugal para Julfo como se passaram outros muitos, e lá morreu em sua errónia em o inimigo o cegou, tendo tanto saber das estrêlas ficar cego em tão claro dia como é nossa santa fé católica, e por esta causa passou neste ano de 1502 o pus aqui por sua memória, que isto escrevo neste ano de 1561. Deus seja para sempre louvado".

Tendo encontrado tranqüilidade em Tunis o Rabi D. Abraham Zacuto começou a escrever uma história cronológica dos judeus desde a criação do mundo até ao fim do

século XV, época na qual ela brilhou com o seu maior brilho, mas também onde ela foi objecto das mais terríveis catástrofes.

Este livro, intitulado *Sefer Ha-Yoh'asin* (Livro das Genealogias) é a cronologia mais exacta que tinha sido feita, fazendo constantes observações sobre a literatura judaica; ela se recomenda além disso pela precisão do estilo hebreu.

Nesta obra que Ribeiro dos Santos diz, muito erudita e sábia, Zacuto dá conta da lei oral como transmitida de Moisés pelos anciãos, profetas e sábios até ao ano de 1500, e recorda os actos e monumentos dos reis de Israel, assim como os de alguns dos soberanos das nações vizinhas. Consagra muito espaço ao cativo de Babilónia, aos acontecimentos que se deram durante o período do Segundo Templo, às características deste período, aos príncipes do cativo e aos reitores das academias de de Sura e Pumbadita. Apesar do autor não ser muito escrupuloso em discriminar fontes de informação e de ter caído em erros numerosos, afirma-se que é obra valiosa para o estudo da história literária dos judeus.

O historiador judeu Graetz diz: "Esta obra resente-se, com efeito, da idade avançada e da situação precária do seu autor, a quem faltaram, de resto, documentos necessários para escrever uma história séria.

O *Yoh'asin* tem contudo um grande mérito, despertou entre os judeus o gosto pelas investigações históricas".

O Rabi Imanuel Aboab, no seu livro *Nomologia*, diz: "... trata o ex-professor Rabi Abraham Zacuto, no seu livro das *Genealogias*; e é obra digna de inteiro crédito, por quanto êle se achou presente a tudo, e assistia na Corte de El-Rei D. Manuel, com o título de seu astrólogo, na qual profissão foi excellentissimo, e havia lido Cátedra em Aragão".

Rabi D. Abraham Zacuto terminou em Tunis o seu livro das *Genealogias*. Não tinham porém cessado os trabalhos da sua vida e poucos anos depois recommençaram as suas atribuições.

O Cardeal Cisneros, confessor da rainha de Espanha Isabel, a católica, arcebispo de Toledo e Inquisidor geral falou entusiasticamente a El-Rei D. Fernando para o convencer a levar as armas espanholas à África afim de empreender a conquista de

Oran e outras terras. D. Fernando objectou que não tinha recursos financeiros para isso. O Cardeal Cisneros respondeu-lhe que conseguiria os meios para êsse fim, e pessoalmente tratou de organizar essa expedição.

Em 1509 safu a expedição de Cartagena a 16 de Maio, ancorando a armada em Mazal Kibir. O próprio inquisidor geral acompanhou a expedição. Desembarcadas as forças êle mesmo lhes arengou montado numa mula, de espada à cinta, rodeado de sacerdotes e frades, entre os quais ia um frei Fernando, montado num cavalo branco e levando a cruz arcebispal.

Iniciado o combate, escalaram os espanhóis a serra, de onde atacaram os berberescos, aos quais perseguiram até às portas da cidade de Oran, que, ao mesmo tempo, era batida pela esquadra, da qual desembarcou gente, que unindo-se aos que tinham ido por terra, acometeu a praça, que foi tomada de assalto, dando a soldadesca exemplo dum desenfreamento que, segundo um historiador espanhol, lastima conhecê-lo.

As armas espanholas continuaram sendo brandidas em África; e conquistaram Bugia e Tripoli, terminando por conseguirem a submissão de Argel, Tlermecen e Tunis.

Ao terem conhecimento dos êxitos alcançados pelos espanhóis no norte de África, Zacuto e muitos outros judeus resolveram deixar Tunis, porque êles conheciam por experiência a crueldade dos fanáticos espanhóis e não queriam expôr-se a caírem nas suas mãos. Zacuto foi refugiar-se na Turquia, onde findou os seus dias em 1515 na cidade de Damasco.

As obras que Rabi Abraham Zacuto deixou não desmentem a sua reputação.

D. Manuel II, o último rei de Portugal, num artigo intitulado *Uma Vltima da Real Ingratidão* e com o subtítulo *Zacuto, que preparou o caminho para Portugal alcançar o Zenith da sua glória foi expulso pelos dois soberanos a quem serviu*, artigo êste escrito no seu exílio na Inglaterra, e publicado na revista judaica de Nova Iorque, *American Hebrew*, diz, sôbre as obras de Zacuto:

«Foi durante a sua estada em Tunis em 1504, que Zacuto escreveu uma história cronológica dos judeus, desde a Criação até 1500, intitulando-a *Sefer ha-Juhasin* e na qual fêz realçar a literatura judaica.»

«Em 1473 ainda em Salamanca, Zacuto escreveu o «*Biur Luhot*» que publicado em Leiria em 1496, numa tradução latina por Joseph Vizinho, foi intitulado «*Almanach Perpetuum*».

«Realmente o «grande astrólogo» com a ajuda do seu discípulo Vizinho contribuiu largamente para o progresso náutico de Portugal, pois que a sua influência, devida à sua sabedoria, não pode de maneira alguma ser negada. A ciência de Zacuto não foi sômente aproveitada pelos portugueses, mas espanhóis, começando com Colombo que possuía uma cópia do «*Almanach Perpetuum*».

D. Manuel diz possuir um exemplar desta obra absolutamente completo e num estado de conservação perfeito e que tem juntamente o texto em espanhol.

D. Manuel II termina assim o seu artigo: «Zacuto tem o seu lugar entre os cosmógrafos e matemáticos que fizeram nascer em Portugal a concepção de geografia e aos quais se deve o desenvolvimento das viagens de explorações. Foi para a realização desta missão que Zacuto e o seu discípulo Vizinho tanto trabalharam e foi para êste mesmo fim que o «*Almanach Perpetuum*» foi traduzido do hebreu e publicado em Leiria em 1496, ano anterior ao que Vasco da Gama partira para a sua viagem de descobrimentos.

«Êste livro, por tantas razões precioso, é para nós um monumento do passado que indicou a Portugal o caminho a seguir para alcançar o Zenith da sua glória.»

O Sefer Ha-Yuh'asin (livro das genealogias) foi editado por Samuel Shalom em Constantinopla em 1566 com várias omissões e adições do editor.

Rabi Abraham Zacuto escreveu um livro sôbre a alma, onde trata da sua imortalidade.

De Zacuto são também as obras:

— *Sefer Tekunat Zakhut*, livro de astronomia, que se perdeu em manuscrito.

— *Arba'im La-Binah*, tratado de Astrologia.

— *Hosafot le Sefer ha-Arukh*, dicionário rabinico-aramaico.

— *Do Clima e sítio de Portugal*.

Pôrto — Outono de 1945.

NOTAS

O nome *Zacuto* — Êste nome apparece-nos com diferentes grafias: *Zacuto*, *Çacuto* e *Çacoto*. O apelido *Zacuto* vem do hebraico. ZEKHUTH que significa mérito, merecimento. A palavra *Zacuto* pronuncia-se em espanhol *Çacuto*, o que justifica as diferentes grafias dêste nome. O Rabi *Zacuto* assinava em hebraico Z. Q. T. (Zaïn, Qoph, THAV), e, sendo do conhecimento dos etimologistas que no hebraico a letra Qoph se permuta com Kaph e vice-versa, a forma *Zacuto* é mais correcta por ser o aporluguesamento da palavra hebraica *Zekhuth*.

Naturalidade de Zacuto — Alguns autores apresentam o Rabi *Zacuto* como natural de Salamanca e outros dizem ter êle nascido em Évora, eu sou desta última opinião porque nenhuma dúvida há de ser natural desta cidade alentejana Diogo Rodrigues *Zacuto*, o famoso médico e insigne matemático, e êste nome ser o de Abraham *Zacuto* depois de, em 1497, ter sido obrigado a converter-se ao catolicismo. É interessante notar que na Beira e Alentejo existiram vários *Zacutos*, como provam vários documentos e nenhum encontrei, nem directa ou indirectamente, que indicasse a existência de judeus espanhóis com o apelido *Zacuto*.

Assinatura de Zacuto — Em Lisboa na Torre do Tombo, existe um documento do teor seguinte:

* Rui Gil mandamos que dês a Rabi Abraham astrólogo dez espadins de ouro que lhe mandamos dar e assentai-o em vosso caderno para vo-lo depois assinarmos. Feito em Tôres Vedras a 9 dias de Junho Pedro Lomelim o fêz de 1493 — Rei ❦

Para Rui Gil que dê a Rabi Abraham 10 espadins para o caderno.

(Torre do Tombo, corpo cronológico, Past. 1, Maço 2, n.º 18).

Apud Maximiano de Lemos.

Darsou, do verbo *darsar*, aporluguesamento do verbo hebraico *Darash*, que

significa investigar, consultar, desejar com ardor, requerer, prègar, interpretar, comentar, etc..

Taleth — Manto rectangular de orações, ornado de fimbrias nos dois lados menores e de franjas simbólicas (*Sissith*) nos quatro cantos.

BIBLIOGRAFIA

L'Astronomie Nautique au Portugal — a l'époque des Grandes Decouvertes — por Joaquim Bensaúde.

Lendas da Índia — por Gaspar Correia.

Les Juifs en France, en Italie et en Espagne — por I. Bedarride.

Biblioteca Espanhola — Portuguesa Judaica — por M. Kayserling.

Geschichte der Juden in Portugal — por M. Kayserling.

Nomologia — por Imanuel Aboab.

Histoire des Juifs — por Graetz.

Jewish Encyclopedia — (*Zacuto*).

Memórias de Literatura (II-VIII) — por A. Ribeiro dos Santos.

Ocorrências da vida judaica — (no Archivo Historico II) — por Sousa Viterbo.

Zacuto Lusitano — por Maximiano de Lemos.

Os judeus em Portugal — por J. Mendes dos Remédios.

Uma vltima da real ingratidão — (*Zacuto*, que preparou o caminho para Portugal alcançar o Zenith da sua glória foi expulso pelos dois Soberanos a quem serviu) — por D. Manuel II, ex-rei de Portugal — (artigo publicado na revista *American Hebrew*, de Nova Iorque).

Os judeus no Velho Pôrto — por Artur Carlos de Barros Basto.

História de España — por Manuel Rodriguez Codolá.

A Estrêla Venus nos «Lusitadas» — Luciano Pereira da Silva.

As tâbuas náuticas portuguesas e o Almanach Perpetuum de Zacuto — por Luciano Pereira da Silva.

Documentário Marano

Denúncia à Inquisição

Aos três dias do mês de Agosto do ano de mil e seiscentos e trinta e nove em Lisboa nos Estaos... D. Álvaro de Attayde mandou vir perante si a António Dourado, estudante da Paraíba... cristão velho de idade de dezanove anos.

Disse mais que no dito tempo (1635) se achou êle declarante na dita cidade de

Amsterdã na casa em que êle declarante morava e estando aí com o dito seu irmão os vieram visitar dois judeus dos quais um dêles era Rabino e se chamava Manasses e do nome do outro se não lembra e entre práticas que tiveram lhes disse o dito Manasses e deu muitas queixas do mau tratamento que em Espanha se dava à gente da nação hebraica e que tôda ela era cristã forçada e que todos os anos mandavam os judeus de Holanda um judeu à Côrte de Madrid, o qual ia circuncidar os cristãos novos espanhóis moradores na dita Côrte e que decorria por várias partes da Espanha circuncidando os homens da nação que nelas moravam ao que acudiu o dito judeu repreendendo-o do que dizia diante do dito Feliciano Dourado irmão dêle declarante porque vindo a Espanha o havia de dizer e podia causar prejuízo às pessoas de sua nação e o dito Manasses fêz então que estava zombando e não falaram mais nesta matéria por esta nem por outras vezes.

(Caderno 19 da Inquisição de Lisboa, fl. 12).

Notícias diversas sôbre a Palestina

(TERRA DE ISRAEL)

O antigo Presidente dos Estados Unidos Sr. Herbert Hoover, respondendo a uma pergunta feita pelo «World Telegraph» sôbre a proposta para a solução do problema da Palestina, lembrou o plano do Partido Trabalhista Inglês para a transferência dos árabes da Palestina, sugerindo que os árabes devem ser transferidos para o Iraque.

O Sr. Hoover declara compreender que o seu plano «desafia a estatística das grandes potências e a boa vontade de tôdas as partes interessadas» mas acentua que «hoje milhões de pessoas estão a ser removidas duma terra para outra». Esta transferência especial pode ser «a migração modelar da história» oferecendo «fixação não só com honra mas também com saber».

A Associação dos Professores Hebraicos não decidiu ainda qual a atitude a tomar para com o Inquérito.

Um total de 80.273 rapazes e raparigas judeus receberam a sua instrução o ano passado no Departamento de Educação de Vaad Leumi, contra 73.893³ alunos do ano anterior. O ano passado foram mantidas pelo Vaad Leumi mais ou menos 651 instituições de ensino, que variam desde jardins-escolas até escolas do ensino secundário e de ensino técnico, profissional e comércio. No ano anterior, Vaad Leumi manteve 579 escolas; vai progredindo, pois.

Êstes números foram fornecidos pelo Sr. Z. Shragai, chefe do Departamento de Imprensa de Vaad Leumi, num recente encontro com os repórteres de Jerusalém.

No ano que terminou em 30 de Setembro de 1945, publicaram-se 400 livros hebraicos. No ano anterior, 250, e durante o período que procedeu 1925, publicaram-se anualmente 20 a 30 livros. Nos últimos cinco anos foram publicados 1.500 livros por 30 firmas locais. Os livros compreendem trabalhos de interesse geral, quer originais, quer traduções, em matéria clássica, científica, literária, etc.. Agora, como o problema do papel para os editores está a ser solucionado, pode esperar-se que o mercado livreiro hebraico se expanda grandemente.

Durante a guerra, o mercado livreiro hebraico local expandiu-se consideravelmente. Isto deu-se devido ao número crescente de leitores hebreus e às maiores possibilidades de compra dos trabalhadores. Deve notar-se que, durante a guerra, abriram duas casas editoras de labor controlado e ambas se desenvolveram rapidamente.

Vida Comunal

Na nossa comunidade, na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, celebraram-se as festividades de Rosh Ha-Shanah (Ano Novo), Yom Kipur (Dia do grande Perdão) e Sukot (Festa das Cabanas) com boa assistência de judeus alemães, [polacos e portugueses]

A festa de Hanukah (Festa dos Macabeus) foi também solenizada com boa assistência.

Em Bragança também nunca deixou de arder o azeite na Ner Tamid (Lâmpada perene) graciosamente alimentada por uma piedosa senhora bragançana da família Pereira.

Nesta modesta sinagoga nunca deixaram lábios piedosos de maranos de ciciar orações nestes calamitosos tempos de guerra.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 129)

Gramáticos ilustres R. Davide Jachia — Muito se assinalou nestes estudos o famoso R. Davide Jachia filho de Salomon Jachia Lisbonense, o qual escreveu nos fins do Século XIV (*Tratado da Língua dos Eruditos segundo Isafas*, cap. 5 v. 4).

Este Tratado consta de duas partes; na primeira trata da *Gramática Hebraica*, na segunda do *Siclo do Santuário*, em que vem os preceitos da Lei postos em verso. Foi impresso em Constantinopla em o ano do Mundo 5266, de Cristo 1506 em 4.º, e em Pesaro em 1542, também em 4.º. Esta obra *Gramatical* vem no *Catálogo dos Gramáticos Judeus* de maior crédito, que atesta ter visto Morino junto com a obra da *Gramática da Língua Santa* de R. Jehudah Ching, como êle diz no Livro: *Opúscula Hebræo-Samaritica*. Há um Código Ms. na Biblioteca do Vaticano, em que se acha este Catálogo. A maior parte dela transcreveu Buxtorffio no *Tesouro Gramático na Dissertação de re Hebræorum metrica*; os dois últimos Livros, que são o XVII e XVIII deu Genebordo em Latim e Hebraico em Paris em 1562 e 1563 em 8.º, os quais depois se reimprimiram na mesma cidade em 1587 e safram também na *Isagoge ad Rabinorum Lutionem* publicada em 1578-8.º.

R. Moseh ben Chabib — Continuou e adiantou muito os mesmos estudos no Século XV o R. Moseh Ben Chabib Ben Schem Tob também Lisbonense e Individuo

da Academia de Lisboa, (êle mesmo no princípio do seu comentário ao *Bachinath olam* se intitula *da Santa Sinagoga de Lisboa em Portugal então residente em Hydrunti no Reino de Nápoles*) insigne Gramático e grande sabedor da Língua Santa, o qual para instrução dos seus, compôs três obras gramaticais de grande nome, que são as seguintes

Darce Nohum, isto é *Caminhos deleitosos*.

Foi impressa esta obra em Constantinopla e Veneza, no ano menor dos Judeus 300 (de C. 1546) em um vol. de 8.º.

Marphe Leson, isto é *Medicina da Língua*.

Foi esta obra também impressa em Constantinopla e em Veneza e no mesmo ano que a primeira e muito se aproveitou dela João Buxtorffio para a obra, que escreveu acerca da *Poesia dos Hebreus*, como se vê do seu *Tesouro Gramático*, págs. 618, 631 e 637.

Parach Susan, isto é *Flor de Lúrio*.

Nesta obra desampara algumas vezes a doutrina dos antigos Gramáticos. (Disto o taxou R. Balmes na sua *Gramática*).

(*Continua*).

Visado pela Comissão de Censura

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

OS JUDEUS EM PORTUGAL

(CONFERÊNCIA)

POR DR. MAX AZANCOT

É vasta e profunda a tese. Não a vejo tratada no seu conjunto, com a directriz que lhe dei, embora vários aspectos ou épocas dispersas, tenham merecido o exame cuidadoso de investigadores eruditos.

Foi a angústia de uma dúvida torturante que me fez apaixonar pela leitura desses estudos dispersos e tornou grata ao meu espírito, a conclusão fundamentada a que cheguei.

É essa conclusão que vos apresento, expondo o resumo das minhas indagações.

Recordo o misto de entusiasmo e dor com que li e estudei a História de Portugal, na minha dupla qualidade de português e de judeu.

Admirei entusiasticamente a época injicial da conquista do reino, a garbosa e temerária bravura dos nossos primeiros reis. Estudei com profundo respeito a preparação dos descobrimentos. Encheu-me de orgulho a nossa epopeia marítima.

Mas esses grandes feitos do engenho e da energia dos nossos políticos, do nosso exército e da nossa armada, são apontados em quase todos os compêndios de história como meros actos de propagação da fé católica, e faziam sangrar uma ferida profunda, uma dúvida torturante: onde estavam e em que ambiente viviam os judeus de Portugal?

Vagamente ouvia falar na origem judaica de Pedro Nunes, em António José da Silva, o dramaturgo satírico, e lia com simpatia a condenação dos autos de fé e as referências, em geral pouco precisas, aos efeitos da expulsão dos judeus.

Para satisfazer o meu espírito sobresaltado, para uma reabilitação digna, é pouco. Eu queria encontrar, estudar, sentir, viver a alma dos judeus em Portugal em cada uma das épocas do progresso e da depressão. E pensava:

Na vida de Israel antes da Diaspora, ombreavam e alternavam guerreiros valentes e ousados, com pensadores profundos; políticos hábeis e firmes, com investigadores progressivos; nomes que nas artes, nas ciências e na política atingiram fama, respeito e consideração universal. Nos nossos dias vemos constantemente referências a feitos de bravura judaica: desportistas, soldados, oficiais, generais que se evidenciam, como nas ciências nos orgulhamos de um Einstein, de um Ehrlich e de um Freud.

David alargou o seu reino até ao Eufrates e ao Mar Vermelho. Foi um judeu que foi buscar Mac Artur às Filipinas.

Em Portugal o elemento judaico não podia ser apenas uma amalgama amorfa de infelizes conformados, sofrendo uma vida desprezível de perseguidos e de vencidos.

Os estudos recentes de Joaquim Bensaúde, Moisés Amzalak, Barros Basto, abriram-me finalmente novo horizonte, apontaram-me os forais, as ordenações e outros historiadores como Graetz, Herculano, Fontoura da Costa, Joaquim de Carvalho e o padre António Vieira, entre tantos outros, incluindo Mendes dos Remédios e Lúcio de Azevedo, estes nem sempre amáveis e justos.

Lendo-os, a ferida que sangrava, sarou.

Hoje sei o que é ser judeu em Portugal. Hoje sei que sem falsa modéstia nem alarde pretencioso, me posso orgulhar dessa qualidade de judeu em Portugal. Hoje sei que houve judeus dignos em todos os transes da nossa história. O sangue judeu correu sempre que foi necessário sacrificar a vida ao interesse da pátria, a alma judaica sofreu, vibrou, venceu como a alma de qualquer outro português.

É essa epopeia, tantas vezes e tão injustamente esquecida, que me proponho recordar.

Falando numa reunião culta que se realiza numa associação israelita, poucas novidades vos posso trazer.

Grandes lacunas terá o meu estudo. Entendo, todavia, que é nosso dever, discutir e arrancar do esquecimento imerecido os grandes feitos dos judeus em Portugal, é repetindo as discussões sobre este tema que podemos fazer justiça a quem tanto tempo ficou olvidado.

Nunca será exagerada a repetição e é essa ideia que dá alento para abordar aqui um tema que, por fazer vibrar o meu entusiasmo, não deixará de ser grato à vossa apreciação.

*

Olhemos em traços largos para a história pátria. Observemos o aparecimento da nacionalidade, talhada e criada com sucessivos gestos de firme e corajosa iniciativa.

Estavam nessa época instalados há muito, judeus em toda a Península Ibérica. Sob o domínio muçulmano viveram com tanto sossêgo como os mosarabes, cristãos. Devemos procurá-los entre os vencidos? Eu encontro-os lutando ao lado dos guerreiros lusitanos.

Acabara o período áureo de estudo, progresso e paz nos reinos árabes. A ambição dos emires, as dissensões, a guerra

civil tinham fraccionado o grande e progressivo império muçulmano da península. Berberes ou Almoadas (unitários) sanguinários, fanáticos e intolerantes dominavam e impunham o seu poder, destruindo os requintes da civilização dos reinos almoarávidas. Abd-al-Mumem, segundo chefe desses berberes almoadas (unitários), ordena a perseguição aos judeus, obriga-os a abjurar a sua fé ou a emigrar. As sinagogas são assaltadas e saqueadas ou destruídas. Grandes academias judaicas como as de Lucena e Sevilha são encerradas. Há progromes em larga escala.

O judeu que não abjura a sua fé tem de emigrar; é o reino cristão de D. Afonso VI que o acolhe. É Afonso VI de Castela que os protege, e a luta de libertação que Afonso VI lança e que é continuada pelos seus sucessores, entre os quais conto D. Afonso Henriques e outros reis da nossa 1.^a dinastia, não é guerra de propagação da fé, é guerra de conquista e de engrandecimento do reino, é guerra em que podiam viver irmanados judeus e cristãos na defesa de interesses comuns.

Para provar que assim é, bastaria lembrar a aliança de cristãos com emires muçulmanos; as aventuras do célebre Cid combatendo ora cristãos à frente de sarracenos, ora estes à frente daqueles; a batalha de Zalaka em que 30.000 sarracenos combatiam da parte do reino de Lião e de Castela, ao passo que numerosos esquadrões de cavalaria cristã estavam integrados no exército de almorávide Jussuf; a pretensão de Afonso VI de que o Infante D. Sancho fosse seu sucessor, embora filho de Zaida, muçulmana de Sevilha; a aliança de D. Afonso Henriques com Ibn-Kassi; os conflitos dos nossos primeiros reis com o Papa, então no auge do seu poder temporal.

É Alexandre Herculano, o maior dos historiadores portugueses, que escreve:

« Ordinariamente ao lermos nos nossos historiadores e cronistas a narrativa da reacção cristã contra a conquista muçulmana no território chamado Portugal, . . . O complexo dos variados acontecimentos que constituem esse grande facto, representa-se-nos na imaginação com a luta de dois povos, cada um dos quais compacto e homogêneo em si, busca, não a posse que dá o triunfo, mas uma existência exclu-

siva sobre o solo disputado. Imaginamos que o homem do Evangelho e o homem do Koran, só podem encontrar-se com a espada em punho ou com a lança em riste:... que o ódio destas duas raças, imenso, inextinguível, cavou um abismo entre ambas. Trata-se de aniquilar os inimigos de Deus. Vencedor remiu seus pecados, vencido ganha a palma do mártir..."

"Tal é a ideia que resulta dos sucessos históricos à luz a que os antigos historiadores as viram; ideia falsa (afirma-o Alexandre Herculano) em parte por incompleta, em parte por errada apreciação dos factos, em parte finalmente pela omissão voluntária ou ignorância destes". (História de Portugal, tomo III, livro VI, part. I, pág. 159 e seguintes).

"Ideia falsa", ecoa no meu espírito, porque os judeus, perseguidos por fanáticos almoadas procuram refúgio nos reinos cristãos e ao lado dos conquistadores se batem, lutam e vencem.

Lembremos o mais célebre judeu dessa época: *Jahia ben Jahia*, tantas vezes injustamente esquecido ou intencionalmente apagado.

Ibn-Kassi, mosarabe convertido ao islamismo chefia uma revolta e é para ele que Jahia ben Jahia conquista Mértola, onde Ibn-Kassi instala a sua capital e onde governa, aliando-se com D. Afonso Henriques. Mais tarde Ibn-Kassi é vencido e preso. Jahia o herói de Mértola, refugia-se em Coimbra, capital de D. Afonso Henriques, que recebe com agrado e alegria esse bravo servidor do seu antigo aliado e fez dele o seu conselheiro militar. O conquistador de Mértola, o mais forte castelo do Algarve, discute com D. Afonso Henriques o plano de ataque a Santarém, o assalto mais arriscado e temerário que era necessário para o engrandecimento do reino, a perigosíssima escala desse ninho de águas. É Jahia que planeia a conquista de Santarém e acompanha o rei na sua ousada empresa. Tão bem se portou que D. Afonso Henriques o agraciou com o Senhorio de Unhos, Frielas e Aldeia dos Negros. *Jahia, o primeiro rabi-mor de Portugal*, acompanha sempre D. Afonso Henriques até que, em 1151, numa mal sucedida sortida contra Alcácer do Sal, cai, como soldado valente, mortalmente ferido em combate.

Não preciso citar outros exemplos, basta o do primeiro rabi-mor para afirmar que estavam incorporados judeus no exército conquistador, que o sangue judeu selou a igualdade entre os lusitanos, quando um punhado de portugueses saltando de Coimbra a Santarém, de Santarém a Lisboa, de Lisboa a Alcácer e de Alcácer a Silves, foi implantar no Algarve esse estandarte que brilhando em Sagres, havia de iluminar o oceano e iluminar o mundo.

*

Terminada a época da conquista do reino, ou intermeada com ela, encontramos a época de *consolidação*: D. Sancho, o povoador, D. Diniz, o lavrador, D. Fernando, o da lei das sesmarias e das reformas agrárias.

D. Sancho I nomeou Joseph ben Jahia, almoxarife-mor do reino; D. Sancho II admitiu israelitas em altos cargos da corte e altos cargos públicos designadamente na cidade de Lisboa; D. Afonso III reconhecia jurisdição do rabi-mor de Portugal como magistrado supremo sem recurso para os negócios judaicos e admitiu os judeus em altas situações dos negócios públicos e principalmente na corte e gerência do tesouro. No tempo do célebre D. Diniz, o lavrador, quando eram criadas as bases de reconstituição económica que permitiram mais tarde os vãos largos das descobertas, era o rabi-mor D. Judah que geria os negócios da fazenda pública. D. Pedro confiou o cargo de almoxarife-mor do reino a D. Moisés Navarro, cargo que este exerceu ainda no tempo de D. Fernando e em que lhe sucedeu, mais tarde outro judeu, D. Mosseh Chavirol.

Se na época da conquista o sangue judeu corria irmanado com o dos outros portugueses, na época da consolidação os judeus não deixaram de colaborar na construção do edifício público que impôs e cimentou a existência da nação portuguesa.

*

Chegamos ao período áureo da criação da escola de Sagres e da epopeia marítima. O patrono dessa escola náutica é o Infante de Sagres que lhe dedica a sua actividade, mas o técnico contratado, o professor de

arte de navegar que criou a escola dos marinheiros e tornou possível as descobertas é o judeu Jacome de Maiorca.

João de Barros o grande historiador português do século XVI, nas suas célebres *Décadas da Ásia* (Dec. 1.º Liv. 1, c-16) afirma que "foi Jacome de Maiorca que ensinou aos oficiais portugueses a arte de navegar, a cartografia e a fabricação de instrumentos náuticos".

Fontoura da Costa (*Marinharia dos Descobrimientos*, pág. 4) chama a Jacome de Maiorca o "homem sábio na arte de navegação, fazendo cartas e instrumentos para ensinar a sua ciência aos pilotos portugueses" e afirma que "Jacome deve ter sido o principal colaborador do Infante".

Foi com os discípulos de Jacome de Maiorca que Bartolomeu Dias, Pero de Alenquer, Fernão de Magalhães, João de Lisboa, Francisco Faleiro aprenderam a navegar, a desenhar cartas ou fabricar instrumentos náuticos e a servir-se deles.

São judeus grande parte dos professores, astrólogos, pilotos e cartógrafos. Citemos entre os mais conhecidos Jehuda ibn Verga, Zacuto, David-ben-Ilia, Jehuda Ben Jahia Negro, Guedelha, José Vizinho, mestre Moisés, João de Lisboa, mestre Rodrigo e tantos outros sem esquecer a origem e educação judaica de Pedro Nunes.

É a esta escola que Gago Coutinho se refere, certamente, quando nega com firmeza que os descobrimientos portugueses e designadamente a descoberta do Brasil seja obra do acaso.

João de Barros—(*Décadas da Ásia*, 1.º Liv. 4, c-2) afirma que D. João II tinha encarregado mestre Rodrigo, o Judeu, mestre José Vizinho (judeu também) e Behaim de estudar a aplicação da astronomia à navegação, preparando assim as viagens de Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral e Afonso de Albuquerque.

José Vizinho, judeu de Viseu, foi à Guiné para ali medir latitude pela altura do sol e foi o autor de variadíssimos estudos, entre eles a tábua solar que serviu na sua viagem de 1485, e em todas as que se lhe seguiram, incluindo as grandes expedições marítimas de Diogo Cão e Bartolomeu Dias.

Foi mestre João, físico e cirurgião do rei, que pela primeira vez regista o Cruzeiro do Sul, a constelação sem a qual os

navegadores não se poderiam orientar no hemisférico austral logo que, chegados ao equador, deixassem de ver a estrela polar.

Fontoura da Costa citando José Vizinho, mestre Rodrigo e o bispo de Ortiz, como os três técnicos de D. João II, afirma que era o primeiro que devia possuir mais sólida instrução astronómica (*Marinharia dos Descobrimientos*, pág. 87).

Foi Zacuto que expôs ao rei a teoria dos temporais, apresenta as tábuas de declinação que ele próprio organizara e indica a época mais favorável para a viagem de Vasco da Gama. Foi Zacuto o responsável pela viagem de Vasco da Gama, pois o rei chamara-o a Beja (conta Gaspar Correia a fim de saber se era coisa possível "porque nada havia de fazer sem o seu conselho").

Na armada de Pedro Alvares Cabral seguiu como elemento importante o judeu Gaspar da Gama, vulgarmente conhecido por Gaspar das Índias, que em 1502 acompanhou também Vasco da Gama na sua segunda viagem e, em 1505, segue para a Índia com o primeiro vice-rei D. Francisco de Almeida.

Pedro Nunes não esquecer a sua ascendência judaica, a contribuição valiosíssima dos estudiosos judeus, a colaboração leal e íntima de todos os portugueses, quando escreve no seu tratado:

"Não há dúvida que as navegações deste reino de cem anos a esta parte são as maiores, mais maravilhosas, de mais altas e discretas conjecturas que as de nenhuma outra gente do mundo. Os portugueses ousaram cometer o grande mar oceano. Entraram por ele sem receio. Descobriram novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos e o que é mais: novo céu e novas estrelas."

Sim, direi eu, novo céu e novas estrelas, aliando o braço ao pensamento, o engenho à bravura, a prudência à ousadia, criando a paz nas almas e permitindo a mais gloriosa colaboração entre todos os portugueses.

*

Não permitiu o destino que essa gloriosa colaboração perdurasse. Não termi-

para ainda a epopeia maravilhosa dos descobrimentos, quando uma política de medo falso e covarde, sem largueza de vistas, impõe uma cizão entre os portugueses.

É decretada a conversão geral, o confisco dos bens, a expulsão; é ordenado pelo Governo o rapto dos filhos dos judeus e finalmente introduzida em Portugal a inquisição.

Não devo deixar de mencionar a opposição de vários Papas a essas medidas, o acolhimento feito nos estados papais a judeus emigrados e a gratidão que nós judeus devemos a muitos cristãos dessa época entre os quais quero salientar frei Diogo da Silva, confessor de D. Manuel.

Quando as cartas pontificias de 17 de Dezembro de 1531 autorizaram finalmente a introdução da inquisição no país instituíram frei Diogo da Silva no posto de inquisidor-mor, tendo só ele a faculdade de delegar os seus poderes. Não exerceu o logar nem delegou os seus poderes, pelo que ficou sem execução essa bula pontificia.

Outra figura tantas vezes difamada ou esquecida, deve ser lembrada: a do cristão-novo Duarte da Paz, que no tempo de D. João III, defende em Roma os interesses dos judeus portugueses, opondo-se às pretensões bárbaras e doentias do rei de Portugal. Duarte da Paz, é esse português desassombrado e brioso, mutilado das guerras de Africa onde serviu o país e fora condecorado com a Cruz de Cristo, que D. João III manda apunhalar. O representante do rei junto do Papa descrevera-o nestes termos: "é audaz e solto; sabe bem dizer sua razão; pede justiça; parece que a tem".

Soa a breve trecho o ano de 1580. Filipe II de Espanha é coroado em Lisboa e para festejar a data realiza-se na Ribeira, um auto de fé. Os novos súbditos do soberano espanhol escolhem para a ocasião cinco condenados, dos quais quatro são mulheres.

Portugal morre, queimando judeus.

*

Portugal morre, mas ressurgue a breve trecho. Soa a hora da restauração. Cesam os poderes do Governo estrangeiro, mas a esquadra portuguesa está desbara-

tada, o exército sem armamento e temos de conquistar as colónias e enfrentar uma guerra que durou 28 anos.

Aos judeus põe-se o dilema: fidelidade à pátria que os maltratara e os expulsara ou fidelidade aos países que os acolheram. Dilema mais fácil de resolver pelos judeus emigrados em França do que os judeus acolhidos na Holanda ou mortificados no Brasil.

Postos perante este dilema a atitude dos judeus não é uniforme. Julgo que nenhum de nós pode vaiar nem os que acorreram a auxiliar a restauração nem os que, amarfanhados deixaram correr os acontecimentos, nem os que ficaram fieis à Holanda que os acolhera. O Governo português da restauração não teve um gesto de desassombro que os atraísse.

D. João IV logo que assumiu o governo da nação tem de pedir para ser conhecido pelos países da Europa, pedir-lhes mais: o fornecimento de armamento. O armamento tem de ser pago com açúcar e especiarias e é necessário arranjar naus que defendam as colónias e tragam essas especiarias.

O padre António Vieira, D. Luiz da Cunha, frei Diniz de Lencastre, o conde de Vidigueira, o Marquês de Nisa, Francisco de Sousa Coutinho, e alguns outros reconhecem o auxílio que os judeus portugueses lhes podem prestar.

O padre António Vieira, tentou ser o grande defensor dos perseguidos pela inquisição.

Chegado do Brasil em 1641, propõe a D. João IV, em 1643, o perdão geral e a igualdade de direitos para a gente da nação, a fim de os hebreus com os seus cabedais enriquecerem o país.

Como embaixador de Portugal promete aos judeus de que poderiam regressar à pátria isentos do procedimento do santo officio.

Os portugueses da Holanda oferecem um socorro de 500 cavalos sustentados à sua custa para a guerra contra Castela. É com capitais judaicos que são formadas: uma companhia para os negócios do Brasil outra para as Indias. É essa Cia. Geral do Brasil que salva a nossa maior colónia, mantem o comércio com ela, conservando no mar uma esquadra de 36 naus de guerra de 20 a 30 peças cada uma, esqua-

dra que ia buscar principalmente açúcar e outros produtos ao Brasil, que nos portos do norte da Europa eram trocados por pólvora, chumbo, couraças e mais artigos indispensáveis aos serviços de guerra.

Manuel Fernandes Vila Real, judeu de Lisboa, Consul de Portugal em Paris prestou relevantes serviços a todos os nossos embaixadores, nas espinhosas missões de que estavam incumbidos.

Duarte da Silva, em Lisboa, é outro judeu que entusiásticamente serve a restauração.

Patriotismo espinhoso e ingrato porque morrem ambos, mais tarde, supliciados pela inquisição.

Razão tinha António Vieira quando escrevia ao Marquês de Nisa (*Cartas*, pág. 85) referindo-se a portugueses: «a gente daquele país poucas vezes julga das causas com os olhos livres de paixão».

Paixão essa que originou um dos maiores e mais injustos gravames feitos aos judeus de Portugal, paixão essa que pagando a dedicação com a espoliação, o cárcere, a morte horrível pelo fogo, afastou do país aqueles que o padre António Vieira, missionário e embaixador de Portugal quis proteger e recompensar. Lembremos, por atestar a atitude digna dos judeus portugueses, o seguinte passo de uma carta daquele missionário e embaixador a Pedro Vieira da Silva (pág. 105) datada de 25 X 647: «Os proveitos que da execução deste negócio se esperam são infalíveis, e assim o prometem todos os «portugueses destas partes» que falam com menos receio nas acções do que os que lá vivem» e a carta que o mesmo padre dirigiu aos judeus de Ruão em 20 de Abril de 1646 (pág. 93):

«S. M. saberá muito cedo por cartas quão leais vassallos tem em Ruão e quão merecedores de estar perto de si... até agora o persuadia com argumentos de discursos e daqui em diante o poderei fazer com experiência de vista».

(*Continua*).

INSTITUTO TEOLÓGICO ISRAELITA

Em breve será publicado em opúsculo o trabalho sobre D. Abraham Zacuto

Documentário Marano

Denúncia à Inquisição

Aos quatorze dias do mês de Novembro de mil seiscentos e trinta e nove anos em Lisboa nos Estaos e casa do despacho da Santa Inquisição estando aí em audiência da manhã o senhor Inquisidor Diogo de Sousa mandou vir perante si a Duarte Guterres Estoque natural e morador nesta cidade por pedir mesa da sala desta Inquisição... e disse ser solteiro e filho de Guterres Romão Estoque e de Maria Francisca, moradores nesta cidade e que será da idade de trinta e quatro anos.

Disse mais que haverá oito ou nove anos, pouco mais ou menos, na dita cidade de Amsterdam, na sinagoga dos judeus viu ele denunciante a um cristão novo, o qual estava na dita sinagoga com uma toalha branca, sinal com que costumam estar os judeus na dita sinagoga, e falando com o dito judeu português lhe disse que se chamava Manuel Dias Soeiro e que era natural da Ilha da Madeira e depois soubera de outras pessoas que o dito cristão novo se chamava do dito nome e que era natural da dita ilha, o qual em hebraico se chamava na dita cidade Manassé Ben Israel e que era público Rabino e professor da lei de Moisés, o qual disse a ele declarante que tinha mandado dois caixões de livros que tinha composto a Espanha um caixão e ao Brasil outro e que o livro se intitula Reconciliações de la sagrada escritura, e que ele denunciante tem um dos ditos livros em seu poder que está ainda na alfândega e o trará a esta mesa.

(Caderno 19 da Inquisição de Lisboa, fl. 21).

Denúncia à Inquisição

Aos desasseis dias do mês de Junho de mil e seiscentos e quarenta anos em Lisboa nos Estaos... o senhor deputado D. Leão de Noronha... mandou vir perante si a Roque Ferreira, mercador... disse que conhecera... a Manuel Dias Soeiro que tinha officio de corrector em Holanda, o qual residiu muitos anos na Ilha da Madeira, mas não sabe donde seja natural.

(Caderno 19 da Inquisição de Lisboa, fl. 434).

Notícias sobre a Palestina

(TERRA DE ISRAEL)

A Jewish Agency tem a satisfação de saber que a pretensão por um estado judaico na Palestina está a ser agora activamente considerada. Os judeus de todas as regiões apreciam altamente a atitude do governo americano, reconhecendo a justiça do desejo dos judeus de levarem para a Palestina tantos judeus quanto possível e de restabelecerem aí o seu estado nacional.

A Jewish Agency tem que acentuar que a questão da Palestina é de molde a interessar em primeiro lugar o povo judeu, os árabes da Palestina e as Grandes Potências. Os estados árabes vizinhos da Palestina não têm mais direito a falar sobre ela de que todos os outros membros das Nações Unidas.

A questão da Palestina compreende muitos problemas internacionais, cuja solução deve ser concebida com justiça, e equidade e cumprida com determinação. A ideia de que seriam especialmente requeridas grandes forças militares para o caso da Palestina não tem, na opinião da Jewish Agency, qualquer relação com as realidades da situação.

Se, segundo parece, o futuro da Palestina está agora a ser considerado pelas Grandes Potências, a Jewish Agency, representando o povo judeu em todos os assuntos da Palestina, reclama o direito de tomar parte em todas as discussões e negociações em pé de igualdade com qualquer governo nacional.

O cumprimento da Declaração Balfour, que é a criação dum Estado Judaico, é a única solução para a Palestina que os americanos com toda a consciência poderiam aprovar, diz o influente diário americano *New York Herald Tribune* ao comentar a declaração do Presidente Truman a respeito das suas conversações com o Sr. Attlee e o Sr. Churchill sobre a Palestina.

«A posição tomada pelo Presidente» declara o *Herald Tribune* num artigo de primeira página, «pretende o cumprimento da Declaração Balfour que é o estabelecimento dum Estado Judaico, é a única que

os americanos com toda a consciência poderiam aprovar. A opinião geral na América é a de que o Livro Branco está errado, é um expediente de pacificação e deve ser corrigido. E agora é ocasião de o corrigir.»

Toda a imprensa hebraica deu bastante relevo à *declaração do Presidente Truman*, nas conversações que teve em Potsdam sobre a Palestina. Editoriais de todos os jornais hebraicos louvam a acção do Presidente em iniciar estas conversações, mas duvidam das bases em que o Presidente apoia a sua declaração de que talvez sejam precisos meio milhão de soldados para manter o Estado Judaico.

«Há poucas esperanças» diz o *Davar*, órgão do Partido Trabalhista da Palestina, «de que um árabe consinta em facilitar a emigração judaica para a Palestina, antes de ser tomada pelos aliados uma decisão para a solução do problema na íntegra. Mas há poucos motivos para temer uma resistência árabe depois de tal decisão ser anunciada. Uma decisão aliada terá como consequência o consentimento dos árabes antes de tal decisão ser tomada. A declaração do Presidente de que devem ser precisos cerca de meio milhão de soldados, para fazer aceitar tal decisão, é, por conseguinte, pura fantasia.»

O *Davar* prossegue, dizendo que os países árabes vizinhos não têm direito algum a intrometer-se nos assuntos da Palestina. E pergunta em seguida: «Quem terá a insensatez de supor que os países árabes se oporão pela força a uma decisão tomada pelas Grandes Potências? Não há uma só das Grandes Potências que depende dos países árabes, mas cada um dos países árabes depende das Grandes Potências e necessita de auxíllio do ocidente. Seja como fôr, as Grandes Potências têm a responsabilidade da manutenção da paz e da ordem no médio Oriente com sionismo ou sem ele». Conclui o jornal.

Visado pela Comissão de Censura

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 130)

Podemos acrescentar a estes Davide Jachia filho de José Jachia natural de Lisboa, que nos fins deste século escreveu:

Eptome Gramatical (Nasceu em Lisboa em 1465 e morreu em 1543); conservava a sua obra da *Gramática* o R. Gedaliah Jachia. Castro na *Bibliot. Espan.* não faz menção desta obra, antes diz que R. Gedaliah, que havia visto e lido as obras de Davide Jachia não especificara os seus títulos, no que houve equivocação, porque Gedaliah falou especialmente desta Gramática. Dela faz menção o nono Barbosa e Wolfio que julga que é esta mesma Gramática Hebraica e que se acha Mrs. na Real Bibliotheca de Paris (*Bibliot. Hebr. Tom. III* pág. 188).

CAPÍTULO VI

Da Tipografia Hebraica em Portugal

Os Judeus Portuguezes são os primeiros que introduzem em Portugal a Tipografia Hebraica — Pelo que toca à Tipografia Hebraica muito se adiantaram os nossos judeus a introduzi-la e propagá-la entre nós (Para sabermos quanto os nossos judeus se apressaram a introduzir e aperfeiçoar entre nós a Tipografia Hebraica, convem notar, que posto, que se não saiba ao certo, nem o ano da invenção da Tipografia, nem as primeiras obras, que se imprimiram nela, contado a sua época se pode assentar entre os anos de 1428 e 1460.

Porque uns como R. José Coen põem a primeira obra em 1428 no livro *Arbáh Turim* impresso em Veneza dando por falta a edição do livro *Schulchan Aruch* em 1420 como mostra Mallincrol no *Tratado da Arte Tipográfica*, pág. 5; outros em 1448 no Código *De Miseria humana conditionis*, impresso em Argontorato; outro em 1450 no livro *Catholicon* de João le Beque escritor Genovez, e na *Bíblia Maguntina*; outros em 1457 pela Tipografia de João Guttenberg de Mayença; e outros finalmente em 1460, na impressão do mesmo *Catholicon* de João le Beque), por quanto poucos anos depois que se inventou a imprensa na Europa e apareceram as primeiras obras desta Arte recente, começaram os Judeus de erigir tipografias hebraicas em diversas partes da Itália (Houve quem se lembrasse, que por ventura o Mestre José e seu filho Chaim Mordachai e Ezechias Montro teriam sido os primeiros impressores de livros; porque na Epígrafe, que vem na obra do Praltério Hebraico impresso em 1477, se denominam *Hujus Artis factores*; todavia esta expressão não significa propriamente *inventores*, ou *primeiros compositores* desta Arte; mas só *Mestres e Artífices* dela) e apenas haviam estabelecido as suas primeiras oficinas, desde os anos de 1477 em Pesaro (Davide Ganz deu a edição Hebraica Veneziana da Biblia em 1511 pelo primeiro parto da tipografia hebraica, no que por certo se enganou.

(Continua).

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH.



*... alumia-vos
e aponta-vos-o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H Ò

DIRECT. E EDITOR A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

D. GHEDALIAH BEN-YAH'IA NEGRO (MESTRE GUEDELHA)

RABI — FÍSICO — ASTRÓLOGO

POR A. C. DE BARROS BASTO
(BEN-ROSH)

I

D. Ghedaliah Ben-Yah'ia Negro, conhecido nas crónicas portuguesas por Mestre Guedelha, nasceu em Lisboa entre 1392 a 1400, era filho de D. Salomão Ben-Yah'ia Negro, sobrinho de D. Judah Ben-Yah'ia Negro e neto de D. David Ben-Yah'ia Negro, que foi tesoureiro de El-Rei D. Fernando I de Portugal e depois Rabi-mor de Castela, o qual faleceu em Toledo em 1386.

Em 1391 o arcediago de Eciija, Fernan Martinez, um padre fanático arrastado mais pela sua fé do que pela prudência, prégava contra os judeus e de tal maneira o fazia, que excitada pelas suas prédicas a população de Sevilha lançou-se sobre a judaria e pegou-lhe o fogo (6 de Junho); a metade da Comunidade pereceu; o resto aceitou o baptismo. Córdoba, Toledo, 70 cidades de Castela são o teatro de cenas semelhantes.

Em breve o furor dos massacres ganha o reino de Aragão; a maior parte das Comunidades de Valência e da Catalunha são aniquiladas; os seus membros que o ferro poupou procuram a salvação na fuga ou na abjuração. Em Palma, capital de Majorca 300 judeus foram mortos; os sobre-

viventes conseguiram alcançar as costas berberescas.

Por causa destes graves tumultos D. Salomão Ben-Yah'ia Negro e seu irmão D. Judah Ben-Yah'ia Negro fugiram de Castela com as suas famílias e vieram para Lisboa.

D. Salomão, o pai de Mestre Guedelha, foi um dos notáveis da Comunidade de Lisboa, muito estimado pela sua bondade, rectidão, respeitabilidade e inteligência, morreu de velhice e foi enterrado na capital portuguesa.

D. Judah Negro, irmão mais novo de D. Salomão e tio de Mestre Guedelha, nasceu em Toledo em meados do século XIV, foi empregado por muito tempo ao serviço da rainha D. Filipã de Lencastre, esposa de D. João I de Portugal e tinha também considerável influência junto do rei. Quando o fanático dominicano Frei Vicente Ferrer, que promovia tumultos em Espanha contra os judeus, pediu a D. João I autorização para vir a Portugal numa missão de propaganda anti-judaica, El-Rei, a instigações de D. Judah, mandou-lhe dizer que o seu requerimento seria deferido com a condição dele frade pôr na cabeça uma coroa

de ferro em braza. D. Judah, era um dos mais importantes poetas do seu tempo; escreveu em hebraico várias elegias deplorando a infeliz sorte dos seus irmãos de fé em Espanha. Das suas poesias são conhecidas as seguintes:

- 1 — Elegia começada pelas palavras *Yehudah Ve-Israel* em versos monorrimos.
- 2 — Elegia que começa pelas palavras El Asher Bará.
- 3 — Elegia sobre as perseguições de 1391 em Sevilha, Andaluzia, Castela, Provença e Aragão.
- 4 — Poemeto cujo primeiro verso é *Yehudah Lo Tinçá, Uberith lo Theh'sheh*.
- 5 — Poemeto que começa por *Shubi Yehidathi Leel H'ai Goali*.
- 6 — Poemeto que principia por *Omer Belibi Mar Lenaphshi*.
- 7 — Elegia para o dia 9 de Ab (aniversário da destruição do Templo de Jerusalém) que várias Comunidades de Sephardim ainda usam na liturgia desse dia.

Este Rabi D. Judah foi autor de um livro de orações penitenciais ao qual deu o nome de NYBY, de Neum Yehudah Ben Yah'ia (Palavras de Judah Ben Yah'ia) e de vários Piutim (canções litúrgicas).

D. Judah também poetisava em português, mas não são conhecidas nenhuma das suas produções; sobre este assunto Gomes Eanes de Azurara na sua Crónica d'El-Rei D. João I, referindo-se à organização da expedição contra Ceuta, diz ter ouvido muitos boatos, e narra o seguinte:

«Outros falavam outras muitas coisas tão desvairadas, que seriam longas de escrever, porque é determinada na Santa Escritura que onde verdade se esconde, ali se multiplicam muitas más palavras, e como quer que assim estes desvairados e outros muitos havia entre eles, não era porém algum que pudesse certamente nem assim apalpando falar na cidade de Ceuta, somente quanto achamos que um judeu servidor da rainha D. Filipa, que chamavam Judá Negro, que era grande trovador segundo as trovas daquele tempo, em uma trova que enviou a um escudeiro do Infante D. Pedro, que chamavam Martim Afonso d'Atougia, contando-lhes as novas da côrte, disse todas estas coisas que dissemos e outras muitas, entre as quais no

derradeiro pé da quarta trova disse que os mais sizudos entendiam que el-rei ia sobre a cidade de Ceuta, mas isto entendiam que ele não o soubera tanto por nenhum sinal certo que visse, quanto por juízo de *astrologia* de que ele era mui sábio e muito usava.»

11

D. Ghedaliah era inteligente e de bom coração, estudou medicina e astronomia nas quais se notabilizou. Antes dos seus trinta anos El-Rei D. João I nomeou-o físico da côrte.

Como astrólogo, um dos seus primeiros notáveis trabalhos foi o horoscopo do Infante D. Henrique, onde este Rabi lhe prognosticou um grande e notável futuro. Na sua Crónica da Guiné, Gomes Eanes d'Azurara, refere este horoscopo da forma seguinte:

«Porém vos quero aqui escrever como ainda por purgimento de natural influência, este honrado príncipe se inclinava a estas coisas. E isto é, porque o seu ascendente foi Aries, que é casa de Marte, e é exaltação do Sol, e seu senhor está em a XI casa, acompanhado do Sol. E portanto o dito Marte foi em Aquário, que é casa de Saturno, e em casa de Esperança, significou que este senhor se trabalhasse de conquistas altas e fortes, especialmente de buscar as coisas que eram cobertas aos outros homens, e secretos, segundo a qualidade de Saturno, em cuja casa ele é. E por ser acompanhado do Sol como disse, e o Sol ser em casa de Júpiter, significou todos seus tratos e conquistas serem lealmente feitas, e a prazer do seu rei e senhor.»

D. Ghedaliah, por nomeação régia de D. João I, foi o sucessor do Rabi D. Judah Kohen no alto cargo de Rabi-mor de Portugal.

111

A 14 de Agosto de 1433 faleceu D. João I subindo ao trono seu filho D. Duarte sendo o acto de aclamação determinado para o dia seguinte, tẽrça-feira, 19 de Ab de 5193 da Era Hebraica. Quando D. Duarte estava já preparado para a cerimónia D. Ghedaliah chegou-se a ele e pedindo-lhe que

se não fizesse aclamar antes do meio dia porque os astros apresentavam mau agouro.

Sobre este caso escutemos o que nos diz Rui de Pina, na sua Crónica de El-Rei D. Duarte:

«Ao outro dia depois do falecimento de El-Rei, que eram 15 dias de Agosto o Infante D. Duarte depois de haver com os Infantes seus irmãos conselho e deliberação sobre a maneira que ao diante havia de ter como príncipe mui católico e prudente falou ante manhã com seu confessor aquellas culpas de que sentiu sua consciência gravada, e tomou o Santo Sacramento, para com a limpeza da alma que devia, tomar o ceptro real que o já esperava; e estando-se para isso vestindo de ricos panos e reais, como para tal dignidade e ao auto seguinte convinha, chegou a ele Mestre Guedelha, judeu, seu físico e grande astrólogo, e lhe disse:

— «Parece-me senhor, que vos aparelhais para logo entrardes na real sucessão que vos por direito pertence, peço-vos por mercê, que este auto dilateis até passar o meio dia, e nisso prazendo a Deus fareis vosso proveito, e será bom de vosso reino, porque estas horas em que fazeis fundamento ser novamente obedecido mostram ser mui perigosas, e de mui triste constelação, cá Júpiter está retrógrado, e o Sol em decaimento com outros sinais que no Ceu parecem assaz infelizes.»

O Infante lhe respondeu:

«Bem sei, Mestre Guedelha, que do grande amor que me tendes vos nasceu esses cuidados de meu Estado e serviço, e eu não duvido que a astronomia seja boa, e uma das ciências, entre as outras permitidas e aprovadas, e que os corpos inferiores são sujeitos aos sobreceletes; porém o que principalmente creio, é ser Deus sobre todo, e com sua mão e ordenança são todas as coisas; e portanto este cargo que eu com sua graça espero tomar, seu é, e em seu nome, e com esperança de sua ajuda o tomo, a Ele só me encomendo, e à Bem-aventurada Virgem Maria Sua Madre Nossa Senhora, cujo dia hoje é, e com muita devoção e devida humildade peço a Deus que me ensine, favoreça e ajude a governar este seu povo, que me quer ora

encomendar, como sentir que seja mais seu serviço.»

E Mestre Guedelha tornou dizendo:

— «Senhor, a Ele praza que assim seja; como quer que não era grande inconveniente sobreserdes nisso um pouco para se tudo fazer prósperamente, e como devia.»

E o Infante lhe respondeu:

«Não farei pois, não devo, ao menos por não parecer que mingua em mim a esperança de firmeza, que em Deus, e sua fé devo ter.»

E logo Mestre Guedelha afirmou que reinaria poucos anos, e esses seriam de grandes fadigas e trabalhos, como foram, segundo ao diante se dirá.»

Na *Crónica dos Bené-Yah'ia*, referente ao mesmo caso, está inscrito:

«E como disse assim foi porque poucos e maus foram os dias do seu reinado. Reinou somente cinco anos e vinte e sete dias; todo o seu tempo houve peste, epidemias e guerras com os árabes em África, onde capturaram seu irmão D. Fernando, o qual amarraram com correntes de ferro e morreu no cativoiro.»

IV

El-Rei D. Duarte faleceu em Tomar a 9 de Setembro de 1438, e foi aclamado herdeiro da coroa portuguesa seu filho D. Afonso V ainda de menor idade. No acto de aclamação dirigido pelo seu tio o Infante D. Pedro aparece D. Ghedaliah que desta vez também foi ouvido sobre o que prediziam os sinais astrológicos, e cuja presença foi considerada indispensável depois do Horoscopo sobre D. Duarte, que tivera tão triste realização.

Ouçamos Rui de Pina, na sua crónica d'El-Rei D. Afonso V, narrar o *alevamento d'El-Rei*.

— «Era 5.^a-feira logo seguinte, 10 dias do dito mês, o Infante D. Pedro, como príncipe a que das cerimónias reais e das outras coisas em que caber descrição e virtude nada se escondeu, fez fazer entre o Convento e os Paços do Castelo da dita vila um assentamento assim real e ricamente guarnecido, como para o auto cumprida — e à véspera do dia, o Infante com todos os fidalgos e nobre gente da côrte

foram aos paços de El-Rei, que eram dentro no Convento, vestidos por então os corpos dos panos mais ricos, mas as almas e caras de clara tristeza, que em todos não era fingida, mas verdadeira e justa, assi pela privação de El-Rei, que era muito virtuoso e para todos de grande humanidade e boa condição, como por lhes os corações revelarem as grandes divisões e muitos trabalhos, em que pela sucessão de tão novo Rei se haviam de ver como viram.

O príncipe D. Afonso posto em vestiduras reaes, e bem acompanhado de todos, safu fora ao assentamento, onde pelo Infante D. Pedro com grande reverência, e acatamento foi posto na cadeira real.

E enquanto um Mestre Guedelha, singular físico e astrólogo, por mandado do Infante regulava, segundo as influências e cursos dos planetas, a melhor hora e ponto em que se poderá dar aquela obediência: o Infante volveu a contenença ao povo e com grã segurança e palavras mansas disse:

(fez o elogio do defunto e faz a apresentação do príncipe)

... que é o mui excelente príncipe D. Afonso seu filho nosso Senhor, que temos presente, havermo-lo reconhecer, servir e amar por nosso só natural e verdadeiro Rei e Senhor, como requiere nossa mui antiga e costumada lealdade, e o direito nos obriga. E, porém, vo-lo apresento aqui para o assi em todo o reconhecerdes, e vos encomendo da sua parte, que para assi fazerdes não hajais respeito à sua nova idade, mas às velhas obrigações em que para isso lhe

sois e sua Real Senhoria nos dá já uma mui certa esperança de acharmos nele honra, mercê, favor e justiça, como cada o merecer e lh'o requerer."

E em dizendo Mestre Guedelha, que era boa hora para fazer sua boa obediência, o Infante com os joelhos em terra tomou as mãos do príncipe e..."

Seguiram-se as cerimónias das aclamações.

Ignora-se a data do falecimento de D. Ghedaliah Ben-Yah'ia Negro sabendo-se que já não existia em 1453, conforme nos diz El-Rei D. Afonso V, num documento datado de Évora a 28 de Abril de 1453 com as seguintes palavras: "Mestre Guedelha, que foi nosso físico e arrabi-mor dos judeus de nossos reinos".

Porto — Primavera de 1946.

BIBLIOGRAFIA

- Crónica dos Bené-Yah'ia* — Carmoly.
Jewish Encyclopédia — Ibn-Yah'ia.
Os judeus em Portugal — Mendes dos Remédios.
Geschichte der Juden in Portugal — Kayserling.
Histoire des Israelites — T. Reinach.
História de Espanha — M. Rodrigues Condolá.
Crónica da Guiné — Gomes Eanes de Azurara.
Crónica de El-Rei D. Duarte — Rui de Pina.
Crónica de El-Rei D. Afonso V — Rui de Pina.
Les Legendes Allemandes sur l'histoire des Découvertes Maritimes portugaises — por Joaquim Bensaude — Geneve, 1917-1920.
Arquivo Histórico Português — Braancamp Freire.

PAUL GOODMAN

OBRA DO RESGATE

No mês de Abril completou 71 anos de idade, o Sr. Paul Goodman, notável escritor e publicista britânico, digno 1.º Vice-Presidente Honorário da Comunidade Israelita do Porto, Secretário Honorário do Portuguese Maranos Committee de Londres.

Ha-Lapid envia-lhe muitos parabens, desejando-lhe longa vida com saúde e felicidade.

Um jovem cripto-judeu trasmontano de 18 anos de idade, natural do concelho de Freixo de Espada à Cinta, Amficar do Nascimento Calvo Paulo, foi recebido na Aliança de Abraham a fim de ser publicamente um servidor do Deus Altíssimo e Único. O novo israelita recebeu o nome de Levi Ben-Har.

Mazal tob a este jovem resgatado.

OS JUDEUS EM PORTUGAL

(CONFERÊNCIA)

POR DR. MAX AZANCOT

(Continuação do n.º 131)

O Padre António Vieira é preso, D. João IV é excomungado, e D. Luís da Cunha, o célebre diplomata do tempo de D. João V, arcebispo da Sé de Évora, que representou Portugal em Londres, Madrid e Paris, pôde escrever no seu *Testamento Político*, desmentindo a lenda do mercantilismo judaico:

Da mesma sorte dissera que V. A. acharia certas povoações quase desertas, como por exemplo na Beira Alta, os grandes lugares da Covilhã, Fundão e cidades da Guarda e de Lamego; em Trás-os-Montes, a cidade de Bragança; e destruídas as suas manufacturas. E se V. A. perguntar as causas desta dissolução, não sei se alguma pessoa se atreveria a dizer-lho com a liberdade que eu terei a honra de fazê-lo; e vem a ser que a inquisição prendendo a uns por crime de judaísmo e fazendo fugir os outros para fora do reino com os seus cabedais, por temerem que lhos confiscassem, se fossem presos, foi preciso que as tais manufacturas calassem, porque os chamados cristãos novos as sustentavam e os seus obreiros que nela trabalhavam eram em grande número, foi necessário que se espalhassem e fossem viver em outras partes.

Tal como D. Luís da Cunha, António Ribeiro Sanches, afirmava que fôra destruída a indústria de seda em Trás-os-Montes e a das lãs na Beira e no Alentejo.

Vencidos, expulsos e perseguidos pelos seus compatriotas desapareceram da vida pública do País os judeus que tinham ajudado a formar a nação, que salvaram o Brasil, que para ali levaram a cultura do açúcar, que ainda na época da restauração tanto contribuíram para o reconhecimento da independência de Portugal.

Desapareceram para só ressurgir mais de um século depois. No século XIX encontramos-os ao lado dos cristãos a cultivar o cacau em S. Tomé, a colónia de que se orgulhava o nosso País por ser nessa época o maior produtor de cacau no mundo. O cacau que durante anos de crise económica foi um dos principais recursos da nossa exportação. Encontramo-los na Companhia Nacional de Navegação, a única que assegurava carreiras regulares para as nossas colónias; encontramos-os nos Açores a introduzir a cultura do ananás e do tabaco; encontramos-os em meados do século passado na junta das obras que realizou o porto de Ponta Delgada e dele fez um importante porto de escala. Encontramo-los a colaborar irmãmente com os demais portugueses na criação de escolas superiores. Bensaúde foi o primeiro director do Instituto Superior Técnico e a pessoa que o impôs, Amzalak nas Ciências Económicas, e tantos outros, na geração actual.

Se nos referirmos às obras sociais hoje tão em moda, veremos as primeiras Caixas de Previdência para operários, no País, numa fábrica de judeus; a fábrica de tabaco dos Açores. Temos o enxoval do recém-nascido criado pela Sr.ª D. Hannah Sequeira, algumas dezenas de anos antes da Obra das Mães.

Servir e ser útil tem sido o lema dos judeus em Portugal. Criar e colaborar a sua divisa.

*

Vai longa já esta exposição e quanto me ficou por sumariar! Não referi sequer os médicos judeus que tão grande fama atingiram.

Não tomei o vosso tempo com referências à cultura dos judeus em Portugal.

Não tomo o vosso tempo lembrando a escola filosófica dos sephardim.

Não citei a introdução da imprensa no País, feita por judeus tão cedo que Portugal se pode orgulhar de ter livros impressos logo a seguir à Alemanha e à Itália, antes de qualquer outro país. Não referi a influência que tal iniciativa teve no progresso do País.

Quis apenas salientar a perfeita dedicação dos portugueses da religião hebraica, a comunhão devida com os demais habitantes do País, os serviços, que irmanados, prestaram.

Para esse efeito não precisei de socorrer-me da construção de António Vieira na *História do Futuro* que, citando Santo Agostinho, pretende que todos os portugueses são descendentes de judeus imigrantes antes da morte de Cristo. Não entrei na discussão de problemas como a do judaísmo de Diogo Cão ou de Bernardim Ribeiro. Bastou-me citar um exemplo de judeus confessos, exemplos que nem a inquisição queimando bibliotecas conseguiu ofuscar para sempre.

Se lembrando-os arranquei algum nome do esquecimento injusto, terei cumprido a minha missão. Se recordando episódios pouco discutidos, vos trouxe alguma novidade, sentir-me-ei lisonjeado. Mas a minha ambição é maior: eu queria interessar algum ou alguns de entre os mais novos dos meus ouvintes no estudo tão vasto a fazer da história dos judeus em Portugal. Eu queria que estas minhas palavras fossem apenas uma pequena introdução para um trabalho maior: o estudo minucioso de cada uma das épocas, de cada uma das actividades que referi e daquelas que eu próprio devo ter esquecido. A obra grandiosa de reconstituição das crónicas que durante dois séculos foram cuidadosamente queimadas.

Não afirmam que tenham sido perfeitos e não mereçam crítica os judeus do meu país. Conheço o drama dos judeus portugueses que em 1640 viviam na Holanda e que tiveram de escolher entre a dedicação à pátria que espoliava e assassinava suas famílias e o país que os acolhera. Conheço as reacções várias entre os judeus no Brasil no tempo da restauração. É porém muito mais humana a atitude desses judeus do que a de um Conde de Andeiro ou de um

Miguel de Vasconcelos e é muito mais de admirar a atitude daqueles que acima dos seus interesses imediatos, escolheram o bem da pátria que os maltratara.

Para a reabilitação dos judeus em Portugal basta o estudo objectivo da nossa história. Quem o havia de fazer se nós desse estudo nos desinteressássemos?

São inúmeros os judeus que com a maior dedicação ajudaram a formar e a consolidar o país em que nascemos e onde vivemos.

São exemplo de estudo, sacrificio, luta e elevação que devemos ter presentes e que nos dão alento e força para sem falso alarde nem pretenciosa vaidade, podemos ter o orgulho de ser judeus em Portugal.

São exemplos que devemos ter presentes nos momentos em que sentimos em nossa volta, a ingratidão ou a inveja.

São exemplos que devemos ter presentes, porque nos impõe uma vida digna cheia de responsabilidades. Somos actualmente os únicos detentores de um título que não podemos manchar.

Como irmãos de armas judeus e cristãos, percorreram o País, do Minho ao Algarve para conquistar. Irmanados pelo entusiasmo e estudo, irmanados no perigo dominaram o oceano vasto que banha Portugal. Irmanados no mesmo entusiasmo acorreram na época da restauração. Como irmãos dedicados, conscientes de direitos e obrigações, caminhemos juntos, hoje e no futuro, para uma comunhão maior.

*
* *

Nota da redacção. — Esta conferência foi feita em Lisboa, na Associação da Juventude Judaica Hehaber. O distinto economista Dr. Moses Bensabat Amzalak, presidente honorário do Hehaber e presidente da Comunidade Israelita fez a apresentação do orador com palavras cheias de amabilidade e no final fez um erudito comentário elogioso do trabalho do Dr. Max Azancot. O presidente do Hehaber, Dr. Semtob Dreiblat Sequerra também elogiando a conferência dirigiu amáveis e justas palavras ao orador, que é um distinto advogado da capital portuguesa.

Visado pela Comissão de Censura

P E S S A H

POR ISAAC LOPES MARTINS

No leve frêmito que o crente encontra no retorno de cada uma das marcas do harmonioso decorrer do ciclo litúrgico, está o sentimento mais forte da fuga no tempo, um alimento para a ânsia de variedade, luxo e fraqueza do espírito humano.

Sukkot provoca contraste — depois do solene recolhimento de Rosh Hachaná e da sublime exaltação da alma desejando libertar-se do pecado, em Yom Kippur, — pois exprime duplamente a alegria da Miçvah obtida, da vida que decorre, das boas colheitas e da Torah mil vezes relida...

Purim, com a sua exuberante alegria, é como que um arauto anunciando a emocionante Páscoa, sustentáculo de Israel, celebra com um sentimento de maravilhosa alacridade a terna Promessa, os místicos amores do Pastor e da Pastora do Cântico dos Cânticos, do Senhor e de Israel.

A nossa Juventude comemorando Pessah, relembra a saída do Egipto. É o princípio da nossa História tão comovente e cuja duração bem dolorosa é um verdadeiro milagre. Foi o primeiro e magnífico arranco de um Povo, trocando a escravidão pela liberdade, mas também o abrigo e o pão, pelas incertezas do dia de amanhã em pleno deserto...

O inverno prolonga-se, mas no entanto os belos dias não tardam, é a primavera, juventude do ano, a que Pessah dá as boas vindas...

É a promessa de boas espigas, cujas tenras hastes começam a emergir do solo...

Mas mais ainda do que pelas recordações evocadas, é pelo pensamento no Futuro, pela esperança ardente no amanhã, que Pessah rejuvenesce Israel.

Um laço místico une as duas extremidades da nossa História, e na Páscoa todos sem excepção começamos a architectar o belo sonho de um mundo de boa vontade e amor...

É muito embora nossos corações se encontrem tristes pela perda de entes que-

ridos ou pelos diversos desgostos diários, cantemos os milagres passados e os que hão-de vir um dia...

Deixemos entrar em nossas almas um pouco de esperança para amanhã...

A Páscoa é uma data do nosso ano litúrgico, rica em recordações comovedoras e esperanças reconfortantes. Nela se unem as vozes da natureza e da tradição para despertarem as forças físicas e as energias espirituais, cujo poder harmonioso por si só assegura a plenitude duma vida pura e digna.

Abramos o pequeno livro da Haggadah, que se lê na mesa do Seder, no começo da Páscoa.

Como começa a narrativa que desde longos séculos os maiores psalmodiavam e comentavam? Por estas fraternais palavras:

«Eis aqui o pão de miséria que os nossos antepassados comeram... Aquele que tiver fome que venha e coma!»

Antes de se festejar a libertação, o gesto benfazejo!

Primeiro Caridade; Nenhuma verdadeira festa judaica se realiza sem que seja providenciada a subsistência ao indigente e ao faminto.

Mas não existe somente o pão do corpo!

Existe a alimentação da alma, o sustentáculo moral, não menos necessário que o primeiro!

Todos necessitamos dele, mas sobretudo os seres desamparados, desiludidos, aqueles cuja alma se amarfanha, aqueles que vêem a sua situação vacilar e se entregam ao cepticismo, e à negação!

Quantos, no seu descalabro moral revoltando-se diante da iniquidade e da violência desde tanto tempo triunfantes, se interrogam fazendo esta perturbadora pergunta:

Onde está Deus?

A Bíblia conhece estes estados de espírito!

Nenhum livro os traduziu tão fielmente! O psalmista, intérprete de todas as dores e desgraças, também por vezes gritou:

«Até quando Senhor?»...

«Mostra-te Senhor, Ergue-te Juiz de toda a terra e castiga os causadores da iniquidade»...

Mas disse também: «Na desgraça, in-

voquei o Eterno, e Ele me amparou e salvou».

É a confiança que acaba sempre por prevalecer nas almas mais mortificadas, mas firmemente ligadas à Lei de Deus!

A nossa Fé, a nossa fidelidade à Torah, não podem senão aumentar mais ainda, as energias para cooperarmos, com os nossos correligionários, na realização do milenário sonho do regresso a Sion.

Eu sei que este sagrado dever reclama o serviço de todos, a paciência e o espírito de sacrifício de cada um.

A batalha decisiva para a sobrevivência da nossa nação aproxima-se a passos agigantados. O nosso futuro depende sobretudo da juventude.

Nós não podemos depender dos interesses particulares de certas nações, mas sim dos ideais do nacionalismo judaico!

O que nós judeus queremos é a justificação do nosso direito histórico. Nós temos que dizer a todas as nações que ainda não honraram as suas obrigações para com o Povo Judaico, que enquanto o não fizerem, qualquer organização que façam está longe do verdadeiro espírito democrático, pelo qual demos o nosso sangue.

Temos que insistir, como sionistas convictos, em que seja garantido um lar independente à nossa juventude. Creio que tempo virá em que decidiremos o nosso destino sem interferência alheia.

Todos teremos que contribuir com a nossa parte, e com Deus, tenho a certeza que alcançaremos o nosso objectivo! Nenhuma força humana nos poderá obrigar a abdicar dos nossos direitos históricos em Erez Israel.

Juntemos pois nossas preces e esforços e iniciemos a marcha que nos levará à Terra Prometida!...

Os quatro copos da noite de Páscoa

A um velhote marano trasmontano perguntaram:

Dizem que os judeus na noite de Páscoa costumam beber quatro copos de vinho. Qual é o ritual para isso?

O velhote, sorrindo, respondeu:

- O 1.º bebe-se inteiro,
- O 2.º até ao fundo,
- O 3.º como o primeiro,
- O 4.º como o segundo.

VIDA COMUNAL

PUBIM

Na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, à rua Guerra Junqueiro n.º 340 se realizou, esta festividade comemorativa da libertação dos israelitas da perseguição de Haman pela feliz intervenção da Rainha Esther.

A leitura da Meghilath Esther, rolo de pergaminho onde está escrita a crónica destes acontecimentos foi solenemente lida pelo Sr. Saly Wormser.

PESSAH (Páscoa)

Na Comunidade Israelita do Porto esta festividade comemorativa da libertação do povo de Israel da tirania dos Faraós do Egipto foi dignamente celebrada não só na Sinagoga como no tradicional culto doméstico.

CORPOS GERENTES

Em Janeiro foram eleitos os corpos gerentes da Comunidade do Porto para 1946 que ficaram assim constituídos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente — Dr. Alfredo Kiefe; Vice-Presidente — Isac Janowski; Secretários — Manuel Brandão e Luís de Carvalho.

Mahamad (Junta Directora)

Presidente e Tesoureiro — A. C. de Barros Basto; 1.º Secretário — Samuel Rodrigues; 2.º Secretário — Norberto A. Moreno; Vogais — Nathan Beigel e Martin Salomon; Vogais substitutos — I. Finkelstein e Dr. José Levy.

JUDEUS & PROSÉLITOS

Fiel ao seu programa de ensino popular o Instituto Teológico Israelita do Porto (Yeshibah Rosh-Pinah) publicou uma colectânea organizada pelo seu Reitor Prof. Capt. A. C. de Barros Basto com o nome Judeus & Prosélitos, onde se fala da Missão de Israel conforme as Escrituras Sagradas e os ensinamentos dos Sábios de Israel.

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PORTO

A Comissão Anglo-Americana de Inquérito advoga Imediata acção internacional para reestabelecimento de pessoas deslocadas: recomenda entrada imediata na Palestina de 100.000 judeus e abolição de restrições na compra de terras. Uma emigração controlada deve continuar depois da admissão dos primeiros 100.000

As recomendações são como segue:

1.º Temos que relatar que as informações, que recebemos acerca de países com excepção da Palestina, não permitem esperar um auxílio eficaz para encontrar lares para judeus que desejam ou são forçados a abandonar a Europa. Mas a Palestina só não pode satisfazer as necessidades de emigração das vítimas judaicas de perseguição nazi ou fascista. Todo o mundo é responsável por eles e, na verdade, pelo reestabelecimento de todas as pessoas deslocadas.

Nós recomendamos por consequência que os nossos governos juntos e em associação com outros países empreguem imediatamente todos os esforços para encontrar novos lares para todas estas pessoas deslocadas sem distinção do credo ou da nacionalidade, que romperam irreparavelmente todos os laços com as suas comunidades anteriores. Embora a emigração possa resolver os problemas de algumas vítimas da perseguição, a grande maioria, incluindo um número considerável de judeus, continuará a viver na Europa. Por isso recomendamos que os nossos governos tomem as medidas para assegurar que ponham imediatamente em prática todas as provi-

dências da Carta das Nações Unidas que reivindicam respeito universal e observação dos direitos humanos e das liberdades fundamentais de todos sem distinção da raça, do sexo, da língua ou da religião.

2.º Nós recomendamos:

a) Que sejam imediatamente autorizados 100.000 certificados para a admissão na Palestina de judeus que foram as vítimas da perseguição nazi e fascista;

b) Que estes certificados sejam concedidos enquanto possível ainda em 1946 e que a emigração actual se realize tão rapidamente que as condições permitem.

3.º Com referência às reivindicações dos judeus e dos árabes com respeito à Palestina consideramos essencial uma declaração clara sobre os seguintes princípios: 1.º, que os judeus não devem dominar os árabes e os árabes não devem dominar os judeus na Palestina; 2.º, que a Palestina nem será um Estado judaico, nem um Estado árabe; 3.º, que a forma de Governo que será ultimamente estabelecida, deve, sob garantias internacionais, proteger e conservar plenamente os direitos na Terra Santa da Cristandade e das crenças judaicas e muçulmanas. Desta maneira a Palestina tornar-se-á final-

mente um Estado que salvaguarda de modo igual os interesses e direitos de moçulmanos, judeus e cristãos e garante aos habitantes, como um todo, a mais ampla medida de Governo próprio em acordo com os três princípios básicos em cima estabelecidos.

4.º Chegamos à conclusão que a hostilidade entre judeus e árabes e, particularmente a determinação de cada um destes grupos, de alcançar o domínio, sendo necessário pela força, o tornam quasi certo que, agora e por algum tempo de futuro, que qualquer tentativa de estabelecer um Estado Independente ou Estados Independentes, resultaria na guerra civil que podia ameaçar a paz do mundo. Por isso recomendamos que, até que esta hostilidade desapareça, o Governo da Palestina continuasse como presentemente sob Mandato até que se estabeleça um acordo de curadoria entre as Nações Unidas.

5.º Tendo em vista a forma final de Governo próprio de acordo com os três princípios estabelecidos na Recomendação n.º 3, nós recomendamos que a potência mandatária como a curadoria proclamem o princípio que o progresso económico, cultural e político dos Árabes na Palestina é de importância igual ao dos Judeus. E que preparem imediatamente medidas destinadas a encher a lacuna que agora existe e elevar o nível da vida dos Árabes ao dos Judeus; e levar assim os dois povos a plena apreciação do seu interesse comum e do seu destino comum no país que a ambos pertence.

6.º Nós recomendamos que até acordo entre as Nações Unidas sobre a curadoria, a potência mandatária administrasse a Palestina de acordo com o mandato que declara com respeito à administração da Palestina que esta facilitasse a emigração judaica sem prejudicar os direitos e a posição de outros sectores da população, em condições apropriadas.

7.º Nós recomendamos que os regulamentos da transferência de terras de 1940 sejam revogados e substituídos por regulamentos que se baseiam numa política da liberdade na compra, no arrendamento ou no emprego de terras, sem distinção de

raça, comunidade ou crença, e que assegurem devida protecção dos interesses dos pequenos proprietários e dos agricultores que arrendaram as propriedades.

a) Recomendamos ainda que se tomem medidas para anular ou proibir providências em trespasses, arrendamentos e acordos relativos a terras que estipulam que somente membros duma raça, comunidade ou crença, podem ser empregados em, acerca, ou em conexão com estas terras.

b) Nós recomendamos que o Governo exerça tão estreita supervisão dos lugares e localidades sagrados para protegê-los de profanação e de empregos que possam ofender a consciência de pessoas religiosas. E que tais leis sejam promulgadas desde já.

8.º Foram-nos apresentados vários planos para um desenvolvimento agrícola e industrial em grande escala na Palestina. Se estes projectos fossem postos em prática podiam não somente aumentar consideravelmente a capacidade do país para sustentar uma população crescente, mas também elevar os níveis de vida, tanto dos Judeus como dos Árabes. Não estamos na condição de aceitar a razão de ser destes planos específicos, porém, não podemos salientar bastante fortemente que quão realizáveis tais planos possam ser, eles não-de falhar enquanto não houver paz na Palestina.

Ainda mais, o mais pleno sucesso exige a cooperação voluntária dos países árabes adjacentes, desde que não são puros projectos palestinianos. Nós recomendamos por isso que a examinação, a discussão e a execução destes planos sejam conduzidas desde o princípio e consequentemente e plena consultação e cooperação não somente com a Agência Judaica, mas também com os governos dos países árabes vizinhos que directamente são afectados.

9.º Nós recomendamos que no interesse da reconciliação dos dois povos e do melhoramento geral do nível da vida dos árabes sejam reformados os sistemas da educação dos Árabes e dos Judeus, incluindo a introdução do ensino obrigatório dentro dum tempo razoável.

10.º Nós recomendamos que, se este relatório for adoptado, fosse tornado claro,

jora de qualquer dúvida, a Judeus e a Árabes, que qualquer tentativa de qualquer lado, por ameaça de violência, por terrorismo ou pela organização ou emprego de exércitos ilegais, de impedir a sua execução será suprimida com resolução. Ainda mais, exprimimos o ponto de vista que a Agência Judaica devia começar imediatamente a cooperar activamente com a potência mandatária na supressão do terrorismo e da emigração ilegal e na manutenção daquela lei e daquela ordem que são essenciais para o bem de todos, incluindo os novos emigrantes.

Este relatório da Comissão Anglo-Americana de Inquérito foi publicado simultaneamente em Londres, Washington e em Jerusalém.

O relatório é um documento volumoso de 116 páginas escritas à máquina e é dividido em 10 capítulos com 7 apêndices. É assinado por todos os membros da Comissão e pelos secretários. O prefácio contém os termos de referência da Comissão e esboça resumidamente as suas actividades.

As recomendações são acompanhadas por comentários que explicam as razões das propostas.

Comentando a recomendação 2 o relatório salienta que o número dos sobreviventes judeus só na Alemanha, na Austria e na Itália, excede 100.000. A maior parte deles têm razões convincentes para desejar abandonar a Europa, e não há país que os possa receber no futuro imediato além da Palestina. Devia-se dar a estas pessoas o mais cedo possível a possibilidade de reconstruir as suas vidas numa atmosfera de paz. Devia-se dar preferência aos judeus deslocados na Alemanha e na Austria, sem excluir outras vítimas judaicas.

«Receber um número tão elevado será uma pesada carga para a Palestina», continua o relatório. «Estamos convencidos que as autoridades hão-de aceitá-la e que terão a plena cooperação da Agência Judaica».

«Os responsáveis para a organização e a execução do movimento hão-de enfrentar problemas difíceis». As muitas organizações públicas e particulares que trabalham na Europa, certamente hão-de prestar todo o auxílio que puderem. Mencionamos espe-

cialmente a UNRRA. É necessária a cooperação de todos.

«Estamos certos de que o Governo dos Estados Unidos que tão vivo interesse ostentou neste assunto, participará vigorosa e generosamente ao lado do Governo da Grã-Bretanha, na execução».

Comentando a recomendação 3 o relatório salienta que «a Palestina é uma Terra Santa, sagrada igualmente aos Cristãos, Judeus e Moçulmanos, e que por consequência não se pode tornar um país que qualquer raça ou religião pode reivindicar como os seus próprios. O Lar Nacional Judaico, embora representando uma minoria da população, é hoje uma realidade estabelecida sob garantia internacional. Tem o direito da existência contínua, de protecção e de desenvolvimento».

Comentando a recomendação 4 o relatório relembra a declaração da Comissão Peel de 1937 que o Mandato não seria praticável, e a do Governo Britânico dois anos mais tarde que a partição também não seria realizável e que por consequência tinha chegado a anunciar a intenção de estabelecer a Palestina como Estado independente. As propostas presentes envolveriam um longo período de curadoria que seria uma carga muito pesada para um só Governo. Seria aliviada se os tutores tivessem o auxílio de outros membros das Nações Unidas.

A desigualdade entre os níveis da vida dos Judeus e dos Árabes é uma das causas principais da tensão na Palestina. O relatório exprime apreciação dos serviços sociais dos Judeus e salienta que estes serviços não deviam baixar até ao nível daqueles dos Árabes. Os Judeus deviam aceitar a necessidade que impostos pagos por Judeus e por Árabes terão que ser empregados largamente para os Árabes a fim de fazer desaparecer a diferença entre os níveis da vida entre os dois povos.

Comentando a recomendação 6: «Rejeitamos o ponto de vista de que não deve haver emigração judaica sem consentimento dos Árabes, o que significaria o domínio dos Árabes sobre os Judeus».

Visado pela Comissão de Censura

ISAAC ORÓBIO DE CASTRO

PENSADOR JUDEU DO SÉCULO XVII

POR AMÍLCAR PAULO

Baltazar (Isaac) Oróbio de Castro é um dos vultos mais notáveis do judaísmo do século XVII.

Nasceu em Bragança, no ano de 1620, filho duma família judeo-marana. Não consta ao certo, quanto tempo estanciou em Portugal, mas parece ter sido ainda muito jovem, quando abandonou a sua terra natal, emigrando para Alcalá de Henares, onde veio a cursar filosofia. O seu profundo conhecimento nesta ciência, e as suas grandes qualidades de mestre, o levaram a ser escolhido para dirigir a cátedra de metafísica na Universidade de Alcalá, e mais tarde na de Salamanca. Sentia-se atraído por este estudo, pois achava que só esta ciência o conseguia levar a um conhecimento exacto. Mais tarde estabeleceu-se permanentemente em Sevilha, onde cursa medicina. Médico de profissão, Oróbio de Castro revela-se em proporções gigantescas, passando a ser o médico da família real e do Duque de Medina Celi.

Convivendo com os homens de letras do seu tempo, muitos deles por inveja, procuraram deprimi-lo, fazendo com que ele fosse cair às mãos do Tribunal do Santo Offício, onde permaneceu durante o espaço de três anos, sofrendo as maiores torturas, entre os vastos interrogatórios, acabando por confessar ser cristão e prestar juramento de fé à Santa Madre Igreja.

Depois do seu cativeiro nos cárceres da Inquisição, os soberanos de Espanha, decretam a sua expulsão, dirigindo-se Oróbio para a França. A viagem era incómoda, as estradas péssimas; tudo concorria para tornar este exílio verdadeiramente aterrador. Mas Oróbio lutou e venceu. O seu olhar ergueu-se para longe. O arguto não se conformou com o sucedido, dispunha-se a lutar contra aqueles que maldiziam e perseguiram o judaísmo. Entra em França; nesse país encontra bom acolhimento, sendo já conhecida a sua reputação como médico hábil. Começa imediatamente a insinuação ténue mas firme no meio francês. Trava

relações... consegue, com pasmo de todos, alcançar a cátedra da Universidade de Toulouse, sendo pouco depois nomeado conselheiro maior do rei de França.

Oróbio de Castro estava definitivamente lançado no meio francês. Mas os intelectuais desejavam afastá-lo, achando nele uma sombra. Torturado de desgostos e desilusões resolve partir para Amesterdão.

Em Amesterdão é recebido pela colónia judaica Luso-Hispânica de Holanda; nesta cidade foi Oróbio circuncidado mudando o nome de Baltazar em Isaac. A existência de grande número de cenáculos literários em Amesterdão, levou os judeus a fundarem a sua academia com o nome «de los Floridos de la Almendra» de que faziam parte grandes intelectualidades judaicas, sendo Oróbio, por esta sociedade, científica e literária nomeado seu presidente.

Teve relações com os maiores vultos da época, como Brendemburg, Mosseh Rafael de Aguilar, a quem Oróbio fez por meio de epístolas algumas perguntas, a que faz referência Mendes dos Remédios tais como (pergunta do Doutor Oróbio tocante o que escreve Pedro Burgeuse a fl. 107 «que poucos serão redimidos e então agregados aos gentios» os quais — diz — são essencialmente convocados à dita redução que sirva de mostrar a falsidade deste adversário; Espinoza, a quem atacou mais tarde, como se vê nos seguintes versos de Daniel Levi de Barrios, na *Relacion de los Poetas y Escritores Españoles de la Nacion Yudayca em Amesterdam*.

Ishac Oróbio, Medico Eminente
Con sus libros da invidia a la sapiente,
Y en lo que escribe contra el Atheista
Espinoza, mas clara haze la vista

e muitos outros.

Três anos depois de ter dado à luz o seu tratado intitulado *Certamen Philosophicum* findava os seus dias. Foi em 7 de Novembro de 1687 que a morte agitando

a rede de caça, aprisionava o seu cérebro de lutador, levando um dos mais brilhantes sábios de Israel, abandonando-o na saudade! Sua mulher, que se chamava Ester sobreviveu-lhe alguns anos mais, vindo a falecer em 5 de Julho de 1712. Oróbio deixou alguns filhos, tais são: o médico Mosseh Oróbio de Castro que exerceu as funções de tesoureiro da Academia de los Floridos; Abraham Oróbio de Castro, fundador duma sociedade de beneficência de Amsterdão e uma filha chamada Rebeca.

Segundo Ribeiro dos Santos, foi Oróbio muito propagado no século XVIII, sendo vários os escritores que dele fazem menção, citando-os na sua obra intitulada, *Memórias da Literatura sagrada dos judeus Portugueses no século XVII*.

Ao cabo desta escassa biografia restamos dar algumas indicações sobre a sua obra. É ela modesta, sendo a sua maior aspiração a defesa da sua crença religiosa o que levou Ribeiro dos Santos a opinar — «a religião christan não tem tido nestes ultimos seculos adversario mais cruel, e obstinado que Oróbio».

Nos seus escritos desenvolveu, Oróbio, o seu sistema filosófico religioso, vivendo sempre embebido num misticismo e sensibilidade mórbida, recolhendo-se a si próprio acompanhando todas as imaginações e meditações do seu cérebro. A sua fé intensa e calorosa ajudada pela filosofia foram os ideais que o levaram a escrever os seus tratados de defesa contra aqueles, que condenavam e maldiziam o judaísmo. O seu impulso foi intenso, auxiliado por uma natureza de lutador, não temendo os ataques de Católicos e Protestantes. «O afamado Oróbio de Castro — escreve Lúcio de Azevedo — na história dos Cristãos Novos Portugueses — natural de Bragança, contraditor de Espinoza e polemista exaltado contra o cristianismo.

Para a sua defesa apologética, teve o grande auxilio de poder exprimir com facilidade e eloquência nas linguas em que escreveu os seus eruditos tratados, manejando essas linguas como lingua maternal. Neles Oróbio estuda à luz da razão o problema religioso, dentro da sua feição filosófica, com características novas de tese apresentadas por um método racional, não nos dando o parecer de análise mas sim de exemplificação.

O seu primeiro tratado, parece ter sido, *Prevençiones Divinas Contra la Vana Ydolatria de las Gentes*, obra manuscrita e da qual existem vários exemplares segundo refere Kayserling.

Ribeiro dos Santos ao indicar este tratado, ajunta ao título os seguintes dizeres, *Libro primeiro Pruevasse que tudo quanto se havia de inventar contra a ley de Mosseh previno Dios à Ysrael en los cinco libros de la ley para que advertido no pudiesse caer en tales errores... Libro segundo. Contra los falsos misterios de las gentes advertidas à Ysrael en los escritos Proféticos.*

Contra este tratado escreveram Philippe Limborch e Witsio, o primeiro na sua obra intitulada *De Veritate Religianis Christianen, amica collatio de 1687* em Ganda; o segundo na obra *Maletenata Ley deusia*.

Segundo a esteira de *Provencianis Divinas* concebeu, então, um tratado em que faz uma disputa contra um teólogo, que tentou provar a necessidade da vinda do messias, para assim expiar o pecado original. Este tratado intitula-se *La Observancia de la Divina Ley de Mosseh*. Neste trabalho pretendeu o glorioso sábio demonstrar — como assinala Ribeiro dos Santos — a não existência do pecado original, porque o tem como fundamento de toda a doutrina dos cristãos, dando em razão, que a alma dos filhos de Adão não estava no pecado do pai, mas vinha imediatamente de Deus, escreve ele no seu tratado.

«És bien cierto que la alma racional, que es la principal parte constitutiva al hombre, no se puede contener en Adam, por que ella, vu espíritu criado de nada, por el Señor que lo infundo en el cuerpo en el instante — de la generacion, y de alli viene la impossibilidad de haverse contenido em Adam, que no tenia virtud de produzir la alma racional, de suerte que ella no pudo participar lo corrupcion de Adam, por la generacion, pues que ella no viene de Adam, nino de Diós, que la crio pura limpia, sin peccado, ni macula.»

Certamen Philosophicum — Imprimiu-se pela primeira vez em Amsterdão no ano de 1689. Foi escrito em latim. O seu amigo G. de La Torre, traduziu-a para espanhol dedicando-a «à Señor D. Carlos del Sotto, Agente de Espana em Hollande».

A obra espanhola foi impressa pela pri-

meira vez no ano de 1721. É com razão que Ribeiro dos Santos pondera o seguinte a respeito desta obra «Pelo que escreveu o seu *Certame* contra Spinoza e contra Brendemburg, e escreveu como um filósofo que tinha estudado profundamente *Metafysica*». É na verdade tão extraordinária, que se torna difícil classificá-la. O ataque que evoca nesta obra contra Brendemburg e Espinoza, aproveitou-o o autor com inegável superioridade e intuição.

Israel Vengé — Foi publicado em espanhol e mais tarde traduzido para o inglês e francês. Este tratado foi consagrado à defesa do dogma, contra os ataques dos adversários cristãos. Acerca deste tratado diz-nos Kaysersling: «Cerca de 80 anos depois de sua morte um judeu chamado Henriquez, traduziu-o para o francês, obra escrita por ele em espanhol... e depois traduzida do francês para o inglês por Grace Aguilar (Londres, 1839).

Neste tratado explica o seu autor os capítulos bíblicos, que servem de base a doutrina dos cristãos, provando que eles em nada favorecem a doutrina destes, mas pelo contrário, contradizem-na, dizendo-nos ele neste tratado: «O que é que Ele ordenou dando-a a nossos pais? Segui-la sempre com a mesma pureza que o seu servidor Moisés lhes prescrevia: Ele proibiu aos seus filhos que acreditassem em deuses que os seus pais não tinham conhecido».

Junto a esta obra, vem também uma «Dissertação sobre o Messias, onde se prova que ele ainda não chegou, e que segundo as promessas dos profetas que o anunciaram aos Israelitas, eles esperam-o com razão», nele diz «não há nada mais extraordinário que o querer exemplificar o texto sagrado e de se propor alguém a fazer comentários sobre as passagens mais obscuras o que se não pode compreender sem explicação quando se não faz sempre um estudo profundo da língua na qual o senhor o ditou. Tal é nada menos a situação em que se encontram a maior parte dos cristãos».

De Oróbio de Castro são também as seguintes obras:

Epístola invectiva contra Prado, tratado este que no dizer de Ribeiro dos Santos é — «o mais considerável de todos os que escreveu Oróbio. Nelle pretende, que a Ley de Moysés confirma perfeitamente com

a lei Natural, e que a predição dos futuros contingentes e dos sucessos occultos no porvir demonstrava a sua Divindade.

Tratado em que se explica la prophesia de las 70 Semanas de Daniel.

Explicação Paraphrastica sobre o Captulo 53 do Propheta Isahias.

Tratado ó Repuesta á un Cavallero Francez Reformado.

SALVADOS

DA

TEMPESTADE NAZI

Do nosso amigo e correligionário Sr. Marcel Goldschmidt recebemos de Lyon (França) uma emocionante carta em que ele narra os horrores da ocupação nazi, as mortes de seu irmão mais velho, seus queridos sobrinhos e até a de uma velhinha sua parente de 84 anos de idade, que não foi poupada por esses monstros de figura humana.

Este nosso amigo conseguiu salvar-se para a Suíça, em cujo exército serviu. Outros membros da sua família fugiram para o norte de África onde serviram nas forças libertadoras. Outros ainda tomaram parte no movimento de resistência.

Ninguém pode ler a sua longa carta sem comoção.

Actualmente de novo recomeçou as suas actividades comerciais.

•

De S. Francisco — Califórnia (Estados Unidos da América) recebemos uma carta de Madame S. Bloch, que vivia em Francfort e conseguiu a tempo escapar às garras destes monstros. Agora consagra-se a melhorar a sorte dos infelizes que ainda vivem.

Com a ajuda doutras senhoras tem enviado a refugiados necessitados vestidos e produtos farmacêuticos. Deles têm recebido muitas cartas cheias de agradecimentos.

Escreve-nos dizendo que está pronta a ajudar alguns desses desventurados que tenham vindo acolher-se a Portugal.

Bem haja tal senhora de bom coração.

BAR - MIÇVAH

No dia 25 de Maio, tendo completado 13 anos de idade, o jovem estudante Eliezer de Oliveira Beigel, filho querido do nosso correligionário Sr. Nathan Beigel fez a sua Bar-Miçvah (maioridade religiosa) na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, Rua Guerra Junqueiro, 340, da cidade do Porto.

Antes de começar-se a Oração Matinal (Shaarite) o jovem Eliezer compareceu no recinto sagrado perante um conselho de anciãos da Sinagoga composto pelos Srs. Prof. Capt. Barros Basto, A. Lemshen, S. Wormser, I. Finkelstein e E. Openheim. Interrogado pelo Sr. Barros Basto o jovem pronunciou o Shemah (proclamação da Unidade Divina), os 10 mandamentos da Lei de Deus e os treze princípios fundamentais da Fé Israelita.

Findo este acto começou a oração matinal, sendo oficiante o Sr. S. Wormser.

Na leitura da Thorah (Lei de Moisés) foi chamado à Thebah (Tribuna dos Oficiantes) o jovem Bar-Miçvah que leu um trecho do Levítico no livro sagrado e depois salmodiou com uma velha melodia sephardi a secção do livro do profeta Jeremias.

No final do officio divino antes de ser entoado o cântico final Adon Olam, o jovem Eliezer subiu a um púlpito e fez o seguinte discurso:

MINHAS SENHORAS
MEUS SENHORES:

«Gostaria que todos vós, compredeis a minha emoção neste momento, pois esta data nunca mais por mim será esquecida.

De hoje em diante perante vós, passo a ser considerado um homem, pois já contarei para «minian» e no dia de Kipur, terei de perante Deus Nosso Senhor, pedir perdão pelos pecados cometidos.

É hoje para mim um grande dia, é hoje para mim o maior dia da minha vida.

Sinto orgulho de ser judeu, por pertencer a um povo de sábios e de homens que através os séculos deixaram os seus nomes gravados em letras de ouro na história do mundo.

Ser Judeu, é pertencer a essa raça de gente sofredora, mas que prefere suportar todos os martírios a abjurar a Lei que Deus ditou a Moisés no monte Sinai.

Milhares de homens, mulheres e crianças sofreram os maiores horrores, no entanto caminhavam para a morte sem maldizer o nome de Deus. Sinto-me orgulhoso de pertencer a gente desta, pois é ter a certeza de pertencer a um povo de mártires e heróis, de sábios e de poetas, de músicos e prosadores.

Ser Judeu é a maior honra de que, nem todos os homens se podem gabar.

Confiado no nome que me deram meus pais, e sendo a sua tradição—Deus me ajudará—estou certo de que com a ajuda do Santo, Bendito seja Ele, eu cumprirei sempre com os meus deveres, praticando a justiça, ajudando os que sofrem e contribuir com todo o meu esforço, para o engrandecimento do povo de Israel.»

No final, depois de entoado o cântico de encerramento, foi o jovem Eliezer muito cumprimentado pela assistência.

Na cave do edificio foi pelo Sr. Nathan Beigel e sua Ex.^{ma} Esposa oferecido aos assistentes um delicado Porto de honra em que houve vários brindes em honra do Bar-Miçvah.

Uma carta da Palestina

Do Sr. Menasseh Bendob, membro fundador da Comunidade Israelita do Porto e actualmente na terra dos seus antepassados. Mora na vila de Ramat Gan, próximo de Tel-Aviv, onde tem o seu estabelecimento de pelaria.

Da vila onde mora nos diz:

— «A Câmara Municipal da vila Ramat Gan, à qual pertencemos, festejou o 20.º ano da sua fundação e homenageou o seu presidente e fundador da vila, que hoje já tem mais duma dúzia de milhares de habitantes e é digna de ser visitada. Possui: Fábricas, escolas primárias e superiores, liceus, jardins públicos, bibliotecas, teatros e jardim zoológico. Bonitos estabelecimentos, ruas largas. Sinagogas, Yeshivot (Institutos Teológicos), e Jugar para meio milhão de habitantes, é fronteira com Tel-Aviv.»

— «No meu estabelecimento tenho clientes árabes, que são amigos e que nos visitamos.»

A direcção deste nosso amigo é:

MENASSEH BENDOB
P. O. Box 219

TEL-AVIV (Palestina).

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 131)

Porque em Pesaro na Umbria se imprimiram no século XIV em 1477 os *Comentários Rabbalgianos a Job* de Rabbi Levi Gerson pelo Rabbi Abraham Chaiim, Bartolocio faz esta edição indevidamente em 1480 e em Loucino; e também se imprimiu o Psaltério Hebraico com os Comentários de Kimchi, de que ninguém falou antes de Kennicot.

Estes livros dá Rossi pelas primeiras e mais antigas obras da Tipografia hebraica, de *Hebr. Typogr. origine* cap. 1, pág. 5 e 6, porque a edição da *Gramática Hebr.* de Rabbi Mosés Kimchi em Sicília em 1461 que Buxtorfio houve pela primeira obra, é suposta e o é também a edição do livro *Seporno or ammim* ou *Luz dos Povos* de Obadias, que traz Benghem como feita em Bolonha em 1471, Rossi de *Typogr. hebr. orig.* cap. VIII, it. cap. I. pág. 4 em Plebifácio ou Pieve. (Aqui foi impresso o *Arbáh Turim* ou *Livro das 4 Ordens* de Jacob ben Ascer em 1478. Pelo que Wolfio e Foscarim, que o seguia quiseram dar a esta edição e a Plebifácio ou Pieve no Estado de Veneza a origem da tipografia hebraica contra a opinião comum de Mattaire e de outros mais bibliógrafos; muitos dos modernos seguiram depois a opinião de Wolfio) em Bolonha. (Aqui se imprimiu o Pentateuco em 1482 pelo que Massei e o Cardeal Quiriní julgaram, que aos Judeus Bolonheses se devia a honra da origem da Tipografia Hebraica, Cornel Benghem no Catálogo *Incunabula Typographice* fala de uma antiga edição Hebraica feita em Bolonha em 1471; e diz também, que o Livro

Seporno, Luz dos Povos, aí fora impresso no mesmo ano. André Cheviller, que cita Wolfio II pág. 944 duvida disto, e crê que foi o ano em que fora composto. (Part. III. *Da orig. da Typogr. Paris* cap. III pág. 264) em Soncino no Ducado de Milão, (Rabbi Ghedaliah na obra *Schalscheleth Hakkabbalá* ou *Cadea da Tradição* diz, que os Judeus Soncinates pelos anos de 1480 começaram primeiro que todos a imprimir Livros Hebraicos e os põem a eles primeiros Tipógrafos dos Hebreus, contando a edição do *Mivehár Appeninim* ou *Mibchár Happeninim* de 1484 pela primeira obra que imprimiram. Esta é a mesma opinião de Laescher de Bartolocio na *Biblioteca Rabbinica*, tom. I pág. 432 de Cheviller P. III. *De orig. Typogr. Parisiens.* Cap. III pág. 264, e de Mattaire nos *Anais Tipográficos*) e na cidade de Nápoles (Em Nápoles foram impressos o Psaltério Hebreu com os comentários de Kimchi em 4.º em 1487, e os mais Agiógrafos Provérbios, Job & C. no mesmo ano), quando logo os nossos Judeus cuidaram de chamar a Portugal tipógrafos da sua Nação, que levantaram as primeiras Oficinas da Tipografia Hebraica que entre nós houve; o que foi pelos anos de 1485, ou talvez antes (Advertiremos de passagem que já antes de 1485 havia em Portugal officina tipográfica. Porque em 1479 foram impressos as *Eptstolas e Evangelhos que se cantam no decurso do ano traduzidos em Português* por Gonçalo Garcia de Santa Maria, de que faz menção o erudito Barbosa na *Biblioteca Lusitana*.

(Continua).

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Ha'im
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PORTO

A ESPERANÇA

«O homem nunca deve perder a esperança. A esperança no triunfo da justiça, no triunfo da verdade. Não quer isto dizer que se seja optimista até à insensatez. O optimismo e o pessimismo insensato são inimigos do bom senso e o bom senso é a base da inteligência, sobretudo da inteligência, do génio político. Alexandre, o Grande, mediu bem o alcance da sua gloriosa expedição. Distribuiu pelos seus amigos, antes de partir, tudo o que possuía e quando estes lhe perguntavam o que reservava para si próprio, respondeu: *A Esperança*. «Estas palavras, diz um autor, ficaram a divisa daqueles que se lançaram nas empresas atrevidas, com os únicos recursos da sua inteligência». A única coisa que ficou no fundo da caixa de Pandora foi *A Esperança*.

Pandora, na mitologia grega, foi a primeira mulher que apareceu. Ornada por todos os dons divinos, foi ela que Zeus escolheu para punir Prometeu, o ladrão do fogo do céu, mandando-lhe de presente, por a linda Pandora, de extrema formosura, uma caixa misteriosa, contendo todos os males. Prometeu, desconfiado de tanta amabilidade, não aceitou o presente. Mas seu irmão Epimeteu, maravilhado com a for-

mosura de Pandora, acolheu-a galantemente, casou com ela e teve a imprudência de abrir a caixa espalhando sobre a terra todos os males de que ia cheia. Só uma coisa ficou no fundo da caixa: *A Esperança!*

Os artistas da idade média não se esqueceram de recordar e simbolizar a esperança na pedra e na tela. Num dos medalhões da parte central de Notre Dame de Paris está ela representada por uma mulher vestida, com um estandarte no seu escudo e aos seus pés, como símbolo do Desespero, um homem trespassado pela sua espada.

Nunca o homem, em todos os períodos da história e desde que o mundo é mundo, deixou de alimentar a esperança de que a Justiça venceria a injustiça, de que a Verdade venceria a mentira, de que a Bondade venceria a maldade, de que a Liberdade venceria a tirania. E havíamos nós agora, em meados do século vinte, de perder a esperança que animou os nossos antepassados e tantas vezes produziu entre eles heróis e santos? Seria o cúmulo da covardia e da estupidez.»

(Extrato dum artigo do Professor Homem Cristo, publicado no seu jornal *O Povo de Aveiro*).

O REGRESSO DE ISRAEL À TERRA DA PROMISSÃO

A LUTA DO POVO JUDAICO PELO SEU LAR

UM CHEFE DO TRABALHISMO HEBREU FALA - NOS DA NOVA PALESTINA

Um acaso... a influência de um amigo... fizeram com que encontrássemos, à sua passagem por Lisboa — vindo directamente da Palestina — um dos chefes do movimento Trabalhista hebraico: o escritor Jacob Zerubavel.

Não foi difícil, depois do encontro, obter as suas impressões sobre o que se passa actualmente na Palestina Nova.

O Drama de Israel

— E' necessário compreender — começou por nos dizer o nosso interlocutor — que não se trata apenas de um país, mas de milhões de judeus, que insistem em reivindicar o seu direito a terem uma vida normal e fecunda como todos os demais povos.

Os judeus participaram, activamente na guerra, e ajudaram a destruir o domínio da barbárie e da tirania sobre a cultura humana e os povos livres. Mas um ano depois de finda a guerra, e apesar dos seis milhões de vítimas do barbarismo hitlérico, centenas de milhares de judeus, que foram salvos, encontram-se ainda nos campos de pessoas deslocadas, dependem de subsídios e de assistência, quando o que desejam é regressar a uma vida sã e normal. Não podem regressar aos países onde, a cada passo tudo os faz lembrar a tragédia que sofreram e o sangue dos seus... A Europa é um grande cemitério para o povo judaico. O que eles agora procuram é um lar conveniente para viver entre os seus irmãos.

As promessas da Inglaterra

— O único país no mundo, que, durante a guerra, se preocupou com salvar os judeus das garras nazis — dos fornos crematórios e das câmaras de gás — foi a Palestina. Foi lá que os judeus lançaram os fundamentos sólidos para uma pária.

Depois da primeira guerra mundial, 52 nações reconheceram ao povo judaico o direito de construir o seu lar nacional a sua pátria milenária.

Para este fim, recebeu a Grã-Bretanha o

mandato sobre a Palestina, com o encargo de auxiliar a imigração e a colonização destinadas a estabelecer um lar nacional judaico.

Durante algumas dezenas de anos, os judeus conseguiram, graças à sua energia, aos seus capitais, ao seu trabalho e à sua capacidade, converter um país deserto e abandonado em cidades e aldeias florescentes, com grande vantagem para a população local árabe, que começou a beneficiar duma vida civilizada. Graças às suas fundações e métodos de desenvolvimento, os judeus aumentaram, de maneira considerável, a capacidade de absorção da Palestina. Hoje estão preparados para poder auxiliar os seus irmãos e irmãs infelizes, acolhendoo-os no seu seio — no seu novo lar.

Um lamentável «Livro Branco»

— E o mandato britânico?... — arriscamos.

— O mandato britânico!... A potência mandatária, obedecendo a uma política falsa, que consistia em jogar com os destinos dos povos, e em dar a primazia aos seus interesses, publicou antes da guerra um Livro Branco, pelo qual limitou, e até, em dada altura paralizou completamente, a imigração judaica para a Palestina, e proibiu aos judeus a aquisição de terras.

Deste modo, a Palestina é, actualmente, o único país do mundo onde há leis discriminatórias contra os judeus como povo! A guerra terminou com a vitória da Democracia, mas os judeus são tratados como párias, como gente de infima espécie, privada de todos os direitos, mesmo dos mais elementares...

O objectivo da luta do povo hebreu

— Qual é, então, o objectivo da luta que trava actualmente o povo hebreu?

— A luta actual do Povo Judaico — responde com vivacidade o nosso entrevistado — procura, sobretudo, salvar os refugiados. Mas a luta não se trava apenas por isso. Queremos, de uma vez para sempre, acabar com a nossa vida errante, de minorias dispersas por todos os cantos do globo. Queremos utilizar as energias salvas das câmaras de gás e dos fornos crematórios, em benefício do nosso povo e da humanidade! Desejamos continuar o que foi começado na Palestina. Toda a população judaica está pronta a dar o seu sangue, a sacrificar a vida por este ideal.

O «terrorismo» judaico

— Mas, ao que parece, o carácter terrorista da vossa actuação...

— É uma falsidade e uma injustiça apresentar a nossa luta com o carácter de ataques «terroristas» contra ingleses ou outros povos. Há evidentemente, como em toda a parte, pessoas que procedem impelidas pelo desespero em face da injustiça monstruosa cometida contra o nosso povo. A população judaica da Palestina e a representação oficial do povo judaico condenam tais actos! Mas a população judaica da Palestina declarou, ao mesmo tempo, abertamente, perante o mundo, que não deixará esbulhar-se dos seus direitos elementares de vir em auxílio dos seus próprios irmãos, e que não reconhecerá qualquer direito que pretenda proibir-lhe o acolher, na sua pátria, as vítimas salvas, e que não ficará inactiva, perante as tentativas de destruição do Lar Nacional da Palestina, que representa a única esperança e a única perspectiva de vida normal para o povo judaico!

O que é a «Haganah»...

— Há, porém, uma organização «secreta»... A Haganah... O que é, precisamente, essa sociedade de que tanto se tem falado?...

— A «Haganah» não é uma organização de conspiradores. «Haganah» significa todos os 600.000 judeus que vivem na Palestina, mais os milhões de judeus, em todo o

mundo, que estão prontos a lutar pela libertação do povo judaico e pela construção do lar nacional na Palestina. A Comissão anglo-americana de inquérito reconheceu unânimemente, a força moral da «Haganah». Nunca foi empregado o exército da «Haganah» na Palestina, para atacar, mas, sempre para defender a vida e a propriedade dos judeus.

Os chefes reaccionários árabes mantêm o seu povo na escravidão e procuram convencê-lo de que a imigração judaica o prejudica. É pura mentira e as massas árabes não estão, de maneira nenhuma, dispostas a deixarem-se enganar, como no passado e a atacar os judeus. Sabem que os judeus responderão, hoje, digna e enérgicamente, com armas na mão, se forem atacados. Os judeus levam uma vida pacífica que pode servir de exemplo a outros povos e países.

Não temos medo e nada nos deterá!

É com profunda melancolia que o nosso interlocutor nos diz ainda:

— Sentimo-nos profundamente desiludidos com o facto de a Grã-Bretanha, com um Governo Trabalhista (desse mesmo trabalhistas que, durante dezenas de anos, mostraram tanta compreensão pela nossa obra de libertação) mobilizar agora a sua força armada na terra, no mar e no ar, para nos proibir a entrada no nosso próprio país. Mas, que o mundo o saiba, isto não nos meterá medo e não nos deterá. Para nós não conta o critério de uma imigração «ilegal» de judeus na Palestina e de lá viver do seu próprio trabalho. Não permitiremos que nos condenem à fome ou que nos tornem indignos por uma vida miserável de párias, sujeitas a viver de esmolas!

Também sabemos dar a vida pela nossa liberdade

E, como um iluminado profeta de antigos dias, o Sr. Jacob Zerubavel concluiu:

— Temos direitos a uma vida nacional própria. Não temos a intenção de aterrorizar o mundo, mas não permitiremos que continuem a aterrorizar-nos pela força. Bevim declara que não pode aceder ao pedido do Presidente Truman, de deixar entrar, imediatamente 100.000 judeus na Palestina, porque devia mandar para lá uma

A AGÊNCIA JUDAICA RESPONDE AO GOVERNO BRITÂNICO

A Executiva da Agência Judaica anunciou a sua resposta à declaração do Governo Britânico em que foram tornadas públicas as medidas para impedir a imigração ilegal na Palestina. Salientando que uma política que impede a imigração judaica é contrária às obrigações assumidas pela Grã-Bretanha sob o Mandato, a Agência Judaica declara que os 600.000 judeus na Palestina e todos os judeus em todo o mundo auxiliarão, como no passado, quaisquer judeus que tentam regressar à sua pátria.

Eis o texto da declaração:

1) Na sua declaração sobre as medidas que devem ser adoptadas contra a chamada imigração ilegal na Palestina, o Governo Britânico procura defender um regime de injustiça e de violação de obrigações internacionais assumidas pela Inglaterra sob o Mandato, segundo o qual é o seu dever "facilitar a imigração judaica".

2) O Povo Judaico não esqueceu a atitude de amizade e de humanidade por parte do Povo Britânico mesmo antes da proclamação da Declaração Balfour; nem será esta Declaração, que deu ao Povo

outra divisão armada, afim de assegurar a tranquilidade do país. A isto temos que responder, abertamente, que terá de mandar algumas divisões mais, se não deixar entrar os nossos infelizes irmãos e irmãs, salvos da morte. Não descansaremos, enquanto estiverem condenados a uma vida de mendigos.

Os judeus na Palestina não são bandos de assassinos nem de terroristas; são, simplesmente, a guarda avançada do povo judaico que luta pela libertação, no seu Lar Nacional. Temos provado, através das gerações, que estamos prontos a dar as nossas vidas pela liberdade dos outros povos. Hoje vamos convencer o mundo que sabemos também dar as nossas vidas pela nossa própria liberdade.

Do *Sol* — Lisboa, 13 de Julho de 1946.

Judaico uma oportunidade para o seu grande esforço da reconstrução da Palestina, esquecida na história judaica.

3) Mesmo antes do Livro Branco de 1939, a política britânica no que diz respeito à imigração não era compatível com letra e espírito do Mandato. Se se tivesse seguido o princípio de permitir a imigração judaica até os limites da capacidade de absorção económica, outras dezenas de milhares de judeus podiam ter entrado na Palestina antes do começo da segunda guerra mundial. O Livro Branco de 1939 era, nas palavras de Herbert Morrison, o actual Lord Presidente do Conselho, e de muitos outros "uma violação cínica da fé". A execução desta política durante a guerra impediu a entrada de centenas de milhares de judeus na Palestina e a sua salvação da exterminação nazi. Este Livro Branco ilegal está a ser virtualmente continuado agora pelo Governo cujos chefes o condenaram directamente no tempo quando foi introduzido.

4) A própria declaração do Governo admite a existência de perseguição e da pogroms no Leste e Sudeste da Europa. Investigações após investigações mostrarem o destino deplorável de milhares que ainda estão internados em campos. A Comissão Anglo-Americana declarou que mesmo depois das condições na Europa melhorarem "500.000 não-de desejar ou serão forçados a emigrarem da Europa". Apesar de repetidos pedidos urgentes do Presidente Truman e das recomendações unânimes da Comissão de Inquérito, o Governo recusou-se até agora a abrir as portas da Palestina aos restos das vítimas de Hitler. Esta política só pode ser explicada como uma de apaziguamento do ex-Mufti de Jerusalém, que era um dos principais responsáveis pela exterminação de seis milhões de judeus, e que incitou os árabes para combaterem contra a Grã-Bretanha e os seus Aliados. Além destes factos a declaração do Governo tenta criar a impressão de que o movimento das últimas judaicas não é espontâneo e natural mas sim um movi-

DOCUMENTO SOBRE MARANUS

É devido à gentileza do Sr. Herbert Samuel, do Portuguese Maranos Committee, que nos mandou uma cópia duma interessante carta dirigida de Lisboa a Sua Emigração o Rabbi-mór da Palestina, Rabbi Jacob Meir, (já falecido) podem os leitores tomar conhecimento dum documento pouco conhecido.

COPIE

Comité da Comunidade Israelita de Lisboa.
117 Rua Alexandre Herculano.

Lisboa,
23 Sivan de 5684
25 Junho de 1924.

Monsieur le Grand Rabbin Jacob Meir,
Grand Rabbin de la Palestine et President du Conseil Rabbannique.

JERUSALÉM,

Monsieur le Grand Rabbin.

Je viens vous demander encore une fois, au nom de notre Comité, de vouloir bien

nous éclairer de vos sages conseils sur un sujet que nous trouvons tres interessant et que certainement ne manquera pas de vous interesser aussi.

Vous savez qu'au moment de l'expulsion du Portugal, au XVI^e siecle de l'ere vulgaire, de nos anciens freres en religion beaucoup d'eux se sont convertis au christianisme pour echapper aux poursuites terribles de l'Inquisition et des "auto-da-fé". Leur conversion cependant n'était qu'apparente car ils gardaient au fond du coeur leur amour et devouement pour notre religion et beaucoup de descendants de ces infortunés, vivant dans certaines regions du Portugal, conservent encore aujourd'hui un sentiment très vif pour la foi de leurs ancetres.

Quoiqu'ils soient baptisés, que leurs mariages soient celebrés selon les rites de la religion catholique et qu'ils soient enterrés comme adeptes de cette religion, ils se croient nonobstant de vrais Juifs. En général ces gens appartiennent a des classes paysannes ou a une petite bourgeoisie, ne comptant pas entre eux beaucoup de gros

mento artificial criado por "pessoas sem escrúpulos" e "uma minoria de extremistas sionistas".

5) O Povo Judaico não deixa de admirar a atitude heróica assumida pela Inglaterra na guerra contra o nazismo. Mas não se deve esquecer que mais dum milhão de judeus nas forças combatentes das Nações Aliadas e trinta mil voluntários Judaicos da Palestina nas forças britânicas combateram em todas as frentes.

6) O Governo Britânico começou agora uma nova forma de combater a imigração judaica na Palestina, enquanto a razão da presença da Grã-Bretanha no país é o encorajamento desta mesma imigração. Apela para estes mesmos Governos, que apesar da sua boa vontade não são capazes de impedir pogroms e a perseguição aos judeus nos seus países, para não deixarem sair os judeus. Mobiliza o poder militar, naval e aéreo da Grã-Bretanha para caçar os refugiados para impedir a sua entrada na Pales-

tina e mandá-los para novos campos de detenção. Fica mal ao Governo, que começa bloqueando o caminho de imigrantes judaicos para a sua pátria, justificar o seu acto pela chamada defesa dos direitos de imigrantes legais ou simulando angústia por causa das condições nas quais os refugiados chegam à Palestina. Era por causa da limitação sem mercê da imigração ao número arbitrário de 1.500 por mês, que a imigração "ilegal" com todas as privações, que a acompanham, se desenvolveu.

7) O Povo Judaico tem que considerar este passo do Governo Britânico contra os mais infelizes dos seus filhos e filhas como um acto de grande crueldade. A tentativa feita na declaração do Governo para dividir sobretudo o povo judaico em extremistas e moderados, não terá sucesso. Todos os 600.000 judeus da Palestina e judeus em todo o mundo darão, como no passado, todo o auxílio a qualquer judeu que procura regressar à sua pátria.

commerçants ou industriels, quoiqu'il y en ait quelques medecins, avocats etc. Au fond ils se croient tous Juifs et savent encore aujourd'hui, d'après certaines phases lunaires, quel est le jour du Grand-Pardon (Yom-Kipur) qu'ils gardent rigoureusement; disent certaines prieres, qui leur ont été transmises par leurs ancetres et ou on a de la peine a recomaitre des paroles hebraïques estropiées, dont ils ne connaissent pas le sens et que cependant ils repètent avec ferveur. Ils parlent souvent d'un retour a Jerusalem et comme ils sont devenus tres ignorants de notre religion ils s'etonnent beaucoup lorsque par hasard un de nos correligionnaires leur explique quelques ceremonies religieuses. A vrai dire ils se croient parfaitement Juifs et il leur semble qu'il est inutile d'ajouter rien a ce qu'ils font, tellement la tradition de leur race et de leur religion est vive chez eux.

Un de nos correligionnaires, cependant, depuis quelques années, attiré par des interets de son commerce, a beaucoup fréquenté ces gens, qui n'ont pas delivré leur secret qu'au bout de beaucoup de temps et d'efforts de la part de notre correligionnaire et il paraît que quelques-uns, aujourd'hui qu'on vit dans un regime de parfaite liberté, voudraient retourner vraiment au Judaïsme en faisant circoncire leurs enfants. Nous sommes ici dans l'habitude de ne permettre a notre Moel de faire circoncision sans notre permission et il est evident qu'aucun de ces nouveaux Chretiens ou Marranos, comme ils sont connus, ne pourrait faire circoncire un enfant sans notre permission. Quel devrait être notre attitude, M. le Grand-Rabbin, si ces gens s'adressaient a nous? Ils ont certainement toute notre sympathie et leurs cas nous semblent tres interessants, mais faut-il introduire de nouveau dans le Judaïsme des gens situés dans les conditions speciales, habitant des villages loin de toute culture juive; des gens destinés peut-etre plus tard a abandonner par indifference ou interet les preceptes de notre religion?

J'attire aussi votre attention sur les circonstances du Portugal, quoiqu'il tres liberal aujourd'hui, a été tres intolerant et pourrait encore le devenir, car le parti clerical est encore tres vivace et peut-etre a peine endormi pour le moment. Il faut dire aussi que l'anti-semitisme n'existe presque pas en Portugal, mais pourrait-il se

veiller si nous faisons du proselytisme ou un semblant de proselytisme? J'apporte toutes ces considerations a votre sagesse, a votre intelligence éclairée ainsi qu'a vos nobles sentiments juifs pour nous guider et nous indiquer le chemin a suivre.

Dans l'attente de lire votre parole éclairée je vous prie M. le Grand-Rabbin d'accepter l'expression de ma tres haute consideration.

Le President du Comite,
signé:

(ilegível)

Le Premier Secretaire,
signé: ADOLF BENARUS.

Publicações recebidas

Forverts (Forward) (Avante) — Diário judaico de New York escrito em Ydish (linguagem judeo-germânica) impressa em caracteres hebraicos.

Ydisher Kemfer — (O combatente judaico), revista norte-americana impressa em New York em caracteres hebraicos e escrito em Ydish.

Am ve-Sepher (Povo e Livro) — Revista de cultura hebraica, escrita em hebreu e publicada pela associação cultural Brith Ivriith Olamith (Aliança Hebraica Mundial) — P. O. B. 1121 — Tel-Aviv — Palestina.

Anuário do Porto — Santos Viseu (Comercial, Industrial e Burocrático) — Livro utilissimo para todos os escritórios e para quem queira ser bem informado de todas as actividades sociais e económicas do Porto e das povoações do seu distrito. Trabalho metódico e cuidadoso do Sr. Santos Viseu — Largo de S. João Novo, 17-1.º — Porto.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 138)

Ainda esta não foi a primeira obra que saiu dos nossos prelos; porque muito antes dela se imprimiram as *Coplas do Infante D. Pedro*, por quanto no fim delas se declarava, que haviam sido impressas *Seis anos depois, que em Basileia fora achada a famosa Arte da Imprimissão*, como atesta haver visto o Conde de Ericeira na selecta Livraria do Conde de Vimieiro, que se queimou no terremoto de 1755. Veja-se a *conta de seus estudos na Academia Real da História Portuguesa*, ano de 1724, n.º 23. Na Torre do Tombo no Livro I dos *Extracts*, fol. 197 se acha legalmente copiada a Carta, com que D. João Manuel, Bispo da Guarda deu à execução o Breve de Pio II passado à instância do Senhor Rei D. Afonso V sobre a reforma dos vestidos do Clero deste Reino, na qual explicando-se o Executorial a respeito da Tonsura, se manda, que os Clérigos *tragam coroa aberta tão grande e tão redonda, como a redondeza, emfim daquela Carta impressa*; e como o Papa Pio II morreu em 1464 provável é que a publicação se fizesse por aquele tempo. Assim que já em 1464 podemos pôr com alguma probabilidade o estabelecimento da Tipografia Portuguesa, o que vem a ser mais cedo, quanto parece, do que as Tipografias de todas as Nações, à excepção dos Alemães.

É certo, que em Lisboa havia já uma, e mui famosa em 1485; porque neste ano imprimiram nela a obra *Seper Orach Chaitim*, ou *Livro do Caminho da Vida* R. Jacob ben Ascer. (É impresso em folha

no ano 245 que corresponde ao de Cristo 1485, consta de 98 fls.)

Faz menção desta edição João' Bernardo de Rossi no *Comentário Histórico da Tipografia Hebraica Ferrariense* pág. 12 e na obra da *Orig. da Tipog. Hebr.* pág. 23, e a tem por impressa em Lisboa, pelo carácter do começo das Secções e Capítulos e pelo papel; e a dá pelo primeiro livro impresso em Portugal, ou geralmente em toda a Espanha. Quanto a esta última parte não podemos concordar com Rossi, salvo se ele só quer falar de Livros Hebraicos; pois que já notamos, como antes de 1485 se haviam imprimido entre nós: algumas obras; e pelo que pertence a Espanha em 1475 se imprimiram em Valença, as obras de Sallustio em 8.º em caracter Romano; (*Maittaire Annaes Typograficos* tom. IV pág. 349); e os *Comentários* de R. Mosés aben Chaviv Judeu da Sinagoga de Lisboa ao *Behinath*, ou *Livro do Mundo* do Espanhol R. Jedahiah Ben Abraham Hapenini Barcelonez; e em 1489 o *Pentateuco Hebraico*, que são as primeiras obras que apareceram entre vós da Tipografia Hebraica (Falaremos adiante com mais largueza desta edição do *Pentateuco*).

Tipografia Hebraica de Leiria — Por 1494 havia outra grande Tipografia Hebraica em Leiria na qual se imprimiram os *profectas Maiores* (Adiante daremos também mais larga noticia desta edição).

(Continua).

Visado pela Comissão de Censura

Calendário Israelita

Ano de 5707

(Tem 12 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 26 de Setembro de 1946.
- 2.^a lua (Heshvan) — 29 dias
dia 1 — 26 de Outubro de 1946.
- 3.^a lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 24 de Novembro de 1946.
- 4.^a lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 24 de Dezembro de 1946.
- 5.^a lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 22 de Janeiro de 1947.
- 6.^a lua (Adar) — 29 dias
dia 1 — 21 de Fevereiro de 1947.
- 7.^a lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 22 de Março de 1947.
- 8.^a lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 21 de Abril de 1947.
- 9.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 20 de Maio de 1947.
- 10.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 19 de Junho de 1947.
- 11.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 18 de Julho de 1947.
- 12.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 17 de Agosto de 1947.

(Este ano tem 354 dias)

Dias festivos no ano de 5707

- Rosh Ashaná* — 1.^o dia — 26 de Setembro de 1946.
Rosh Ashaná — 2.^o dia — 27 de Setembro de 1946.
- Kipur* — 5 de Outubro de 1946.
Sukot — 1.^o dia — 10 de Outubro de 1946.
Sukot — 2.^o dia — 11 de Outubro de 1946.
Hoshaná Rabá — 16 de Outubro de 1946.
Shemini Aseret — 17 de Outubro de 1946.
Simhá Torá — 18 de Outubro de 1946.
Hanucá — 1.^o dia — 18 de Dezembro de 1946.
Hanucá — 8.^o dia — 25 de Dezembro de 1946.
- Purim* — 1.^o dia — 6 de Março de 1947.
Pesah — 1.^o dia — 5 de Abril de 1947.
Pesah — 2.^o dia — 6 de Abril de 1947.
Pesah — 7.^o dia — 11 de Abril de 1947.
Pesah — 8.^o dia — 12 de Abril de 1947.
Shabuot — 1.^o dia — 25 de Maio de 1947.
Shabuot — 2.^o dia — 26 de Maio de 1947.

Jejuns em 5707

- Assassínio de Guedália* — 29 de Setembro de 1946.
Kipur — 5 de Outubro de 1946.
Cerco do Templo — 2 de Janeiro de 1947.
Jejum de Esther — 5 de Março de 1947.
Tomada do Templo — 6 de Julho de 1947.
Destruição do Templo — 27 de Julho de 1947.

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

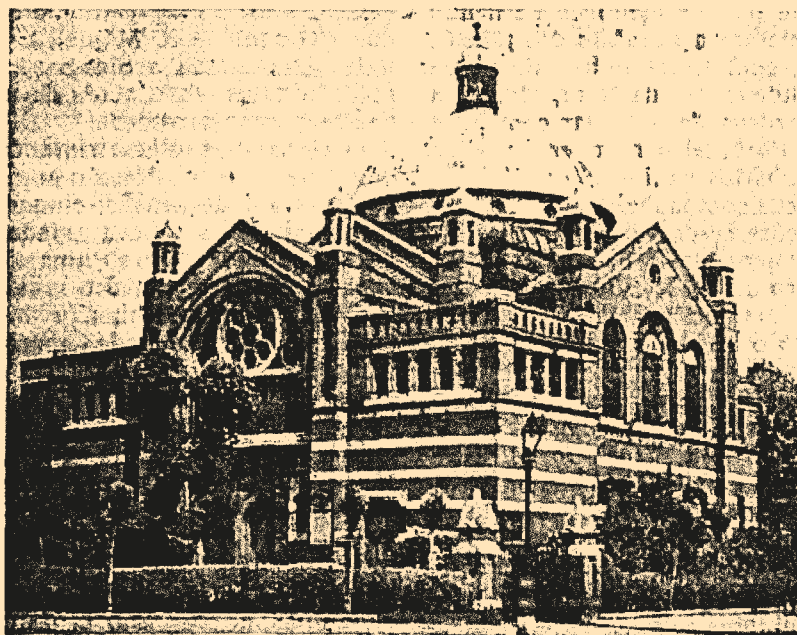
(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

THE LAUDERDALE ROAD SYNAGOGUE



A sinagoga de Lauderdale Road da Spanish & Portuguese Jews Congregation (Congregação dos judeus Espanhóis e Portugueses) de Londres foi inaugurada no domingo 4 de Outubro de 1896 e no domingo 2 de Heshvan de 5707 (27 de Outubro de 1946) celebrou o seu jubileu com um culto especial.

DON ISAC ABOAB

(ÚLTIMO RABI-MOR DE CASTELA)

VEM REFUGIAR-SE E FINDAR OS SEUS DIAS NO PORTO

POR

A. C. DE BARROS BASTO

(Ben-Rosh)

Don Isac Aboab nasceu em Toledo em 1433. Foi discípulo do Rabi D. Isac Campaton, Rabi-mor de Castela, e sucesor do seu mestre no alto cargo de chefe supremo dos judeus castelhanos. D. Isac Aboab foi um comentador bíblico espanhol muito notável, tendo deixado várias obras suas, escritas em hebreu, cujo assunto consta de sermões e comentários teológicos. Foi cognominado, por vários escritores israelitas, «o último gaon de Castela».

Depois que os reis católicos Fernando e Isabel decretaram a expulsão dos judeus, em 1492, ele, com trinta outros dos mais respeitáveis judeus da sua terra, chegou a Lisboa com ordens de negociar com o rei D. João II de Portugal para a recepção dos seus correligionários banidos.

Ele e os seus companheiros foram habitar em condições favoráveis no Porto.

Morreu, poucos meses depois da expulsão, em Janeiro de 1493. O seu discípulo, o cronista e matemático Rabi Abraham Zacuto, dirigiu o seu funeral.

Muitos dos discípulos de Aboab atingiram grandes distinções. Seu filho, Jacob Ben-Isac Aboab, editou em 1538, em Constantinopla, a sua obra *Nahar Pishon* (Rio Caudaloso) que é uma colecção de sermões.

Um seu parente, Imanuel Aboab, nascido no Porto, no seu livro *Nomologia*, narra estes acontecimentos da forma seguinte:

— «E deve saber o curioso leitor, que em Castela foi mui estimado este senhor dos Reis Fernando e Isabel; e logo que em Março, do ano mil quatrocentos e noventa e dois, fizeram em Granada a pragmática dita contra os judeus, se foi o venerável sábio, com outras trinta casas de nobres Israelitas, a Portugal, a concertar com El-Rei, que era então João, segundo daquele nome, a quem succedeu Emanuel. Foram bem recebidos de El-Rei, e acordaram, que

pudessem entrar no Reino, seiscentas casas de judeus, com pagar-lhe oito escudos de ouro cada um (como escreve Osório, apesar que o Usque diz somente dois escudos) e ao cabo de seis anos, lhes mandaria dar navios acomodados, e por moderados preços, para poderem, sair de seus reinos, para partes de África, ou Levante, como mais quisessem. A estas trinta famílias mandou El-Rei acomodar na cidade do Porto; e fez que a cidade desse a cada uma delas uma casa; como deram mui cómodas, na rua que chamam de S. Miguel, e em meio de todas elas estava a Sinagoga, que eu me recordeo haver visto ainda na minha meninez sem estar derrocada.

«Tinham as ditas trinta casas um P. por armas, que mostrava o nome da cidade.

Pagavam de pensão, cinquenta reis, ou maravedis cada uma à cidade, e ela lhes fazia empedrar a rua; uma destas trinta casas era a de meu avô o senhor Abraham Aboab, a quem o Senhor perdoe. Succedeu então aquella crueldade enormíssima, de mandar El-Rei dom João levar muitos meninos dos Hebreus às Ilhas que chamam dos Lagartos; por causa de haverem passado a Portugal mais número de gente, que as seiscentas casas capituladas. A todos os que foram de mais, condenou El-Rei, e tomou por seus escravos, e aos filhos innocentes mandou levar às ditas Ilhas dos Lagartos.

«Antes de ver este lastimoso espectáculo, e os outros que lhe succederam nos anos seguintes passou a gozar a vida eterna o bendito Rab; e entendo que está sepultado na cidade do Porto. De todos os seus discípulos, que foram muitos, e mui excellentes, não acho que haja passado algum a Portugal, além do Rabi Abraham Zacuto, Astrónomo de El-Rei dom Manuel: o qual conta a morte do seu honrado mestre, e

como ele *darrou*, ou fez sermão nos seus funerais.”

Deste relato de Imanuel Aboab vemos que as trinta famílias de judeus castelhanos, que vieram refugiar-se no Porto, se instalaram na rua de S. Miguel, na parte hoje chamada de S. Bento da Vitória, em casas que em grande parte foram demolidas para a construção do convento de S. Bento e da Cadeia da Relação; e *em meio de todas elas estava a Sinagoga*, diz Aboab, e eu informo o leitor que a Sinagoga, ou Esnoga, como diz o povo, era no local da actual Igreja de S. Bento da Vitória.

A Sinagoga da Judaria de Olival tinha o mesmo comprimento que a Igreja de S. Bento da Vitória, não incluindo a capela-mor. Ainda existe a cornija da antiga Esnoga, a qual se pode ver, entre o teto e o telhado da ala norte do convento beneditino; começando ela junto à fachada oriental da igreja, percorre toda a fachada lateral sul e dobrando em ângulo recto segue a fachada ocidental até ao edificio da capela-mor, onde é interrompida. Por isso se verifica que a Sinagoga tinha o mesmo comprimento que a igreja e é de presumir que a largura, atendendo-se às proporções estéticas, fosse sensivelmente a mesma. Comemorando a transformação da Esnoga em edificio cristão, ainda hoje existe gravada na padieira da porta lateral do átrio, na parede mestra, ao lado esquerdo de quem entra na igreja de S. Bento, a seguinte legenda :

*Quæ Fuerat Sedes Tenebrarum
Est Regia Solis
Expulsis Tenebris Sol Benedictus Ovat*

cuja tradução, seja isto dito para o leitor desconhecedor da língua latina é: Aqui, que foi a sede das trevas, é sede real do Sol; expulsas as trevas o sol beneditino está triunfante.

Immanuel Aboab, que nos informa ter o último Rabi-mor de Castela findado os seus dias na cidade do Porto e ter sido sepultado no cemitério israelita desta cidade, ter vindo dirigir o funeral e ter discursado nele o célebre astrónomo Rabi Abraham Zacuto, nasceu nesta cidade nortenha, não se sabendo quando saíu de cá. Sabemos que ele residiu muitos anos em Veneza, onde morreu em 1628.

Após a sua morte, os seus parentes e herdeiros fizeram imprimir em 1629 a sua obra, já terminada em 1625. Esta obra, chamada *Nomologia*, é uma história e apoloogia da tradição judaica, contendo também várias notícias sobre a história dos judeus em geral e sobretudo dos judeus espanhóis e portugueses.

Temos falado em cemitério judaico no Porto e ainda não dissemos onde estava situado e por isso agora o vamos fazer.

O cemitério israelita do Porto era na encosta do Monte das Virtudes, no terreno que ficava limitado pelas muralhas da cidade, Calçada das Virtudes para Miragaia, Rio Frio, actual capela do Espírito Santo e Pedra Escorregadia. Esta pedra ou rocha ficava próximo do postigo das Virtudes e duma parte da actual rua da Cordoaria Velha, voltada para S. Pedro de Miragaia.

No Arquivo Municipal do Porto vários documentos existem referindo-se ao cemitério judaico desta cidade. Transcrevo dois destes documentos, onde se indica claramente onde estava situado esse campo de repouso dos mortos israelitas :

«Em nome de Deus, amém. Saibam quantos este estormento de aforamento para sempre virem que no ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil quatrocentos e cinquenta e dois anos, aos vinte e dois dias do mês de Abril, na cidade do Porto, na Camara da *Rollaçon* dessa mesma cidade, sendo aí presentes os honrados Fernan Vieira, Afonso Anes Aranha, vereadores e Eitor Moreira, procurador, e outros homens bons da dita cidade aforavam e por aforamento para sempre davam a Gomes Pirez, sobrinho de Vicente Cerveira, que presente estava e a Leonor Eanes sua mulher, não presente, moradores em Miragaia, arrabalde da dita cidade, para eles e para todos os seus herdeiros e sucessores, que depois ele vierem, e para quem a eles prouver, umas barreiras, que estão junto com o rio de San Pedro de Miragaia, que partem dum cabo com lugar de Fernan Vieira e Luiz Eanes seu irmão, e por cima contra o Monte, parte com o jazigo dos judeus, e da outra parte com a estrada, que vai para Miragaia, as quais barreiras lhes aforavam com todas suas entradas, saídas novas e antigas, como pertence á dita

O DIA DO GRANDE PERDÃO

POR LUIZ GOLDING

Era o dia dos dias, o dia do Grande Perdão. Neste dia, o Deus de Israel prometeu perdoar a seus filhos, de os lavar para que eles sejam puros de todo o pecado perante o Senhor. Mas para isto, quanta contrição, quantas lágrimas, quantos peitos batidos! Quantos silêncios súbitos, intoleráveis, imprevisos, caídos sobre todos estes homens e sobre todas estas mulheres, e sobre todas estas crianças, como se cada um, durante este longo momento estivesse cheio da presença imediata de Deus! Depois, o furacão das lamentações, como uma torrente barrada que, forçando os obstáculos, é mais tumultuosa ainda.

O serviço da manhã começava na pequena sinagoga de Begley Hill. Desde a véspera, à noite, nenhuma água tinha desalterado estas bocas secas ou refrescado estas frentes febris; e assim seria até ao fim deste longo dia, até ao momento em que soasse a buzina de chifre de carneiro. Era a hora em que a fome e a sede se faziam sentir mais vivamente, se nos abandonarmos a pensar nisso. Porque, à medida que o dia progredia, os corpos tornavam-se pesados por uma atmosfera abafada, e as

almas deixavam afrouxar a expansão dos seus arrebatamentos. E à tarde, à excepção dos mais piedosos, todos se agrupavam próximo da porta da sinagoga, ou passeavam ao acaso, durante alguns minutos, com a cabeça cheia destas lamentações. Depois regressavam, tornavam a subir a pequena escada sombria, com o olhar desvaído, e iam assentar-se perto da Arca, ou debaixo da Tribuna, ou ao lado da porta, conforme a sua categoria. E a oração do dia não se interrompia nem um instante, e as lágrimas continuavam a correr, e durante todo o dia, batiam com as mãos no peito. Mas os mais austeros dentre eles não mexiam. Eles ficavam de pé todo o dia de dor da mesma forma, esta mulherzinha de olhos castanhos, que mantém afastada das outras encostada contra a grade que separa a parte das mulheres da verdadeira sinagoga. Esta mulher é Lea (é digna de lástima, e que por ela se derrame uma lágrima) a mulher do que se não pode nomear, do abominável. Ela tem um filho, Ruben. Ele está lá, na sinagoga, escondido atrás da tribuna, no banco dos pobres, e o seu lugar quase nada lhe cus-

cidade, e que ele Gomes Pirez e a sua mulher e herdeiros e sucessores façam em eles...»

O outro documento diz:

— «...Um cerrado tapado de parede, com suas arvores de fruta e laranjeiras, o qual está acima do dito arrabalde de Miragaia, onde chamam a pedra escorregadia, que parte de uma parte com enxido e cerrado de Afonso Pires, cordeiro, e da outra com o chão desta pedra, que se chama e foi jazigo dos judeus e por fraga e caminho que desce da Porta do Olival para Miragaia com as mais confrontações que de direito partir deve...»

Como este documento é datado de 19 de Agosto de 1536, e nele se afirma que o

terreno junto à Pedra Escorregadia se chama e foi jazigo dos judeus é porque nessa data ali não existia tal cemitério, não tendo eu conseguido saber para onde foram removidos os cadáveres ali existentes, nem qual o destino das lápides sepulcrais, cujas inscrições podiam fazer muita luz sobre a vida judaica portuense.

NOTAS

GAON — Palavra hebraica que significa — majestade, sublimidade.

DARSOU — Palavra portuguesa do hebraico Darash — discursar.

DARUSH — Significa — discurso, sermão.

RAB — Mestre em teologia, equivalente a doutor em teologia hebraica.

Visado pela Comissão de Censura

tou, porque os dignatários conhecem a sua vergonha e a vergonha de sua mãe, e têm piedade deles.

Neste dia, mesmo os que estão mais afastados do grémio da congregação estão juntos aqui, e o terror está nos seus corações. E aqueles que tomaram mulher entre os gentios e têm tido vergonha de fazer entrar os seus filhos na aliança de Abraham, mesmo estes estão aqui.

Um só, um só, entre todos aqueles que se perderam não voltou hoje.

Ainda uma vez e enquanto prossegue o culto, um homem deve subir para a arca santa e afastar o reposteiro e abrir as portas. É ali que estão os rolos da Lei. É ali, neste armário bafiento, que estão reunidos todos os raios e todos os trovões que estavam no Monte Sinai, e os seus fumos que se elevavam como o fumo duma fornalha.

O trovão está nos seus ouvidos, os relâmpagos deslumbravam os seus olhos, o odor do fumo está nas suas narinas.

Neste dia a sua raça é poderosa, e no seu poder, eles se humilham. Neste dia, lhes é preciso conseguir o seu perdão, nos dias antigos. E aquele, que se mantinha de pé na tribuna, abriu o rolo, e começou a ler, com a voz rouca de júbilo e abafada pelas lágrimas.

«E vós fareis, no décimo dia deste sétimo mês uma santa assembleia; e vós tereis o luto na alma; vós não trabalhareis neste dia.

«Mas vós fareis ao Senhor um sacrificio cujo odor o alegrará: um tourinho, um carneiro, e sete anhos dum ano; e eles serão sem mácula.

«E a oferenda de carne será acompanhada de farinha misturada com óleo: três décimas para um tourinho, e duas décimas para um carneiro.

«E várias décimas por cada anho, dos quais haverá sete.

«E um cabrito...»

Que seria este ruído de passos grosseiros vindo do fundo das escadas? Ele continuou:

«...para a oferenda do pecado; e além da oferenda para a remissão do pecado...»

Que era isto? Porque este rumor? Quem vinha interromper a leitura do Livro mais Santo, e neste dia, dia do Grande Perdão?

Ele tinha voltado, o único que faltava

no grémio da congregação, neste dia. Ele forçou um caminho entre os bancos cheios de homens. Eles encolhiam-se para o evitar, com mais horror do que do contacto dum pestífero. Era Elias, o apóstata. E ele colocou-se diante da arca santa, em frente aos seus irmãos reunidos para fazerem penitência neste dia de Perdão.

Os seus olhos estavam flamejantes. Os seus cabelos arripiados selvagememente na cabeça. Os seus vestidos cheios de lama e de toda a espécie de espinhos.

Ele gritava:

— Irmãos, irmãos, e a sua voz elevava-se, não acrediteis nada disso! Já passou o dia em que se deve oferecer o cabrito! E já não há sentido nenhum na oferenda assada, nem na oferenda de carne, nem na oferenda de bebida!

O nosso Perdão foi feito para nós, é meus irmãos em Sion, por nosso irmão o Cristo! Escutai, eu vo-lo ordeno, porque as minhas horas estão contadas! Escutai, porque eu falo com a autoridade deste corpo que ele feriu por nós e deste sangue que ele derramou por nós sob a forma de vinho. E eu vos falo sob o sinal desta Cruz!

E ele tirou do peito um crucifixo que levantou diante dos seus olhos, de pé diante da arca, o Santo dos Santos, neste dia do Grande Perdão.

Um grito de horror se levantou entre eles, mas que não parecia ter saído das suas gargantas ou das suas línguas. O grito saía do fundo dos arcanos violados dos seus seres; grito mais desolado e mais horrível que o vento nos canaviais dum rio pestilento, ou que uma voz entre as sombras num campo de batalha.

— Acreditais que eu não saiba o horrível sacrilégio que segundo vós eu cometo trazendo-vos o Cristo? Não estais vós neste dia suficientemente afastados dele, a única redenção? Em que dia seria preciso que eu vo-lo traga para que o escuteis?

— Matai-me! Matai-me! Que os meus ossos sejam dispersos no deserto! Mas eu sobreviverei no sangue do Cristo! Porque o Senhor está comigo que é terrível e poderoso: e é porque os meus perseguidores tremerão e não sobreviverão!

— Eu não venho neste dia vos pedir perdão. Eu venho armado de raios mais supremos que os raios do Sinai. Porque

o véu do Templo se rasgou do alto até baixo, e a terra treme e as montanhas se abrem. Mas é preciso que vós me escuteis.

Eles não ouviam nada. Os seus olhos vitrificadas fixavam-se no signo pelo qual os seus corpos tinham sido feridos, eternidade sem fim, e o seu sangue derramado como se fosse vinho. Os cães estavam repletos dele, que bebiam nos regos das ruas.

Eles não ouviam nada. Mas o seu sangue já acalmado batia-lhes agora no cérebro como o batente duma porta. Os seus dedos encolhiam-se como garras. O ar era vermelho como reflexo dum fogo ou de algum sangue fumegante derramado. As suas faces saíam dos seus peitos. Os seus corpos estendiam-se para a Arca, violada como nunca ainda nos anais da sua raça; estendiam-se para o apóstata, inspirado e hediondo, para a sua garganta, para os seus olhos.

Então ouviu-se uma voz que resouu como a voz do arcanjo de Deus.

— Parai! gritou ela, esta voz caindo em cascata sobre as nuvens, do alto do centro dos céus.

O homem parou, o nome de Cristo suspenso nos seus lábios. Os outros voltaram a cabeça. Era Lea, a mulher do apóstata. Ela brilhava e dominava, esta mulher frágil e mortal.

— Parai! gritava ela, vós esqueceste-vos? Esqueceste-vos que dia é este? Quêl Não é o dia mais sagrado, o dia do Grande Perdão?

• Tocarieis no que serve para fazer fogo

ou para cozer alimentos? Tocarieis num animal dos campos que seja impuro? E vós porieis a mão sobre esta coisa da maior impiedade? Como não seriam manchados os vossos dedos neste mais santo dos dias? Voltai para os vossos lugares, eu vo-lo digo. Deixai-o falar até que a sua língua obscena lhe caia da boca. Tapai os vossos ouvidos com as mãos, homens, mulheres e crianças desta sinagoga. Sou eu que vos peço por Deus. Deus nomeará o vingador, não tendes receio! Eles retomaram os seus lugares, homens, mulheres e crianças.

Ela retomou o seu lugar contra a grade. Ele retomou ainda uma vez o seu tema interrompido, o Cristo e o amor de Cristo, o Cristo e o seu terror.

Homens, mulheres e crianças permaneciam acorados, a cabeça sobre os joelhos, as mãos apertadas contra as orelhas. Eles não ouviam nada.

— Gesto secular de Israel! Exclamou ele. Teimosia feita carne!

Eles não mexeram. Os seus rostos estavam cinzentos como túmulos. As palavras param-lhe nos lábios, o seu pescoço cedeu. O seu corpo esterilizou-se. Ele saíu como uma besta vergonhosa, e batida.

Eles tinham-no vencido, eles tinham vencido o Cristo.

Nota da Redacção — O que acabam de ler foi extraído do romance, publicado em Londres, Day of Atonement. O seu autor é o romancista judeu Luiz Golding. O assunto do romance é o conflito de duas almas, Elias, que se converteu ao cristianismo e se fez missionário, e sua mulher Lea, que ficou fiel ao judaísmo, dilacerada entre a sua fé e o seu amor.

HANUKAH

(O SÍMBOLO DA LUZ)

Não há símbolo mais universal que o da luz. E não há nada de mais religioso. Se a religião não é o facho que dirige os nossos passos durante toda a nossa carreira terrestre, a doce flama que nos acalenta quando as provas e as desilusões da vida lançam sobre a pobre alma um frio mortal, a penetrante claridade que nas horas perturbadas da hesitação e da dúvida, nos mostra o dever a cumprir, o bem a fazer, a tarefa a desempenhar, então ela não é senão de secas abstracções, vãs fórmulas, gestos rotineiros.

Todas as religiões tomaram pois o fogo para rito simbólico; as mais simples, considerando as dificuldades que o homem experimentava a obtê-lo, o honraram como a grande manifestação da potência divina, as mais perfeitas guardaram-no como emblema espiritualizando-o. As que o rejeitaram transformaram os seus templos em salas de reuniões onde não se sente a sua presença e onde resuma o aborrecimento; elas substituíram a tradição pelo racionalismo e o seu culto tornou-se um perpétuo discurso, uma troca de opiniões indivi-

duais, em lugar de ser uma junção numa fé comum.

De todos os cultos da antiguidade, dois sòmente subsistiram. Marduk não tem já altar em Babilónia; Rá, a divindade solar dos egípcios, não conduz mais as almas da obscuridade para a luz; o grande Osiris não tem já fiéis e as divindades de Roma e de Atenas não existem mais para nenhuma consciência religiosa. Mas o parismo e o judaísmo, estas duas velhas religiões que outrora tiveram entre si estreitas relações, continuam a viver. Os nomes divinos, pelos quais se traduzem as suas crenças respectivas, têm ainda um sentido nas preces dos seus adoradores. Ahura-Mazda, o Senhor da luz é venerado nas comunidades dos parses, pouco numerosos, mas notáveis pela pureza dos seus costumes, e o Nome sagrado, incomunicável, o Tetragrama, que prostrava Israel num santo tremor quando, um só dia no ano, ele era pronunciado pelo grande sacerdote no Templo de Jerusalém, une ainda nos nossos dias os judeus do mundo inteiro.

Estas duas religiões conservaram sempre o símbolo da luz. Os padres parses mantêm nos seus templos o fogo sagrado cobrindo os seus rostos com um véu, com medo de o manchar com o seu hálito e, depois da destruição do santuário de Jerusalém, onde as lâmpadas do candeeiro de sete ramos ardiam constantemente diante do Santo dos santos, Israel manteve nas suas sinagogas a *ner tamid* (lâmpada perene) da sinagoga, acesa diante da Thorah que representa toda a sua herança sagrada.

Mas a lâmpada perpétua simboliza em Israel a continuidade da sua fé e das suas esperanças, a participação para todo o povo judeu do tesouro de crenças legado pelos pais. É um símbolo colectivo que vale por si próprio; ele exprime bem melhor a grandeza do passado e a riqueza das suas recordações que a vida religiosa da época presente, em que a tibieza e a ignorância o arrebatam sobre a sahedoria e a piedade. Não houvesse mais judeu crente e praticante numa comunidade, a *ner tamid* da sinagoga abandonada guardaria ainda todo o seu valor de emblema.

Não é o mesmo para o candeeiro de Hanukah. As suas luzes não são sòmente destinadas a iluminar a sinagoga, elas devem brilhar em todas as moradas judaicas.

O seu número vai aumentando cada dia uma unidade durante toda a oitava da festa. E' uma luz viva e progressiva. Ela indica que a religião de Israel exige de cada um dos seus verdadeiros fiéis um esforço constante e pessoal para manter e enriquecer o seu património sagrado, para preservar e desenvolver este legado precioso, para organizar e propagar a sua acção beneficente. E' preciso cada dia uma mão piedosa para acender a *menorah* (candeeiro). E' preciso cada dia um acto de vontade, de fé, e coragem, talvez um sacrificio para ser um judeu consciente, capaz de transmitir fielmente às gerações futuras, acrescido e não diminuído, o depósito recebido dos antepassados.

E' de bom augúrio constatar que no judaísmo moderno, onde a vida religiosa é tão anémica e cujas instituições tradicionais sofrem dum desequilíbrio que ferem todas as atenções, a festa de Hanukah tem um reganho de popularidade. O movimento empreendido em favor do renascimento judaico sobre a terra bíblica não é estranho a isso. A ideia que novas páginas iam juntar-se à história de Israel na pátria dos profetas valorizou as recordações do passado. O espírito dos Macabeus revelou-se nos pioneiros da restauração palestinese; como os filhos de Matatias, eles declararam-se prontos a consagrar a sua vida pela causa que queriam servir e muitos túmulos de jovens e raparigas povoam já os cemitérios da Judeia. Mas nós sabemos que nada de grande se faz cá na terra sem o sacrificio e não nos espantemos, que, triunfando das dificuldades e dos perigos da empresa pela fé do ideal reencontrado, os filhos tenham feito de novo brilhar as luzes de Hanukah que os pais, indiferentes, tinham já há muito tempo deixado apagadas.

A Escritura aplica o símbolo da luz ao próprio Deus: «O Senhor é a minha luz e a minha salvação!» exclama o Salmista (S. 29, 1); na revelação que ele faz à alma humana: «E' pela tua luz que nós vemos a luz (S. 36, 16)»; à lei divina: «A tua palavra é uma lâmpada que ilumina os meus passos, uma luz sobre o meu caminho (S. 119, 105); à consciência que o mal oblitera e abafa: «A luz do malvado extinguir-se-á e a chama que lhe fora dada cessará de brilhar» (Job 18, 5). Haveria um longo e interessante estudo para fazer sobre os numerosos textos bíblicos nos

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 134)

Antiguidade da nossa Tipografia sobre outras Nações — E por conseguinte viemos a ter tipografia e impressão de Livros Hebraicos primeiro que Veneza, Roma, Sabioneta, Mantua, Cremona, Verona, Briseia, Ferrara e outras cidades de Itália e primeiro, que Constantinopla e Thessalónica e muito antes de França, Inglaterra, Castela, Polónia, Holanda e a mesma Alemanha.

Imprimidores Judeus — Memória nos ficou de três Judeus distintos imprimidores, a quem se deveram naquele Século as edições Bíblicas e Rablínicas que hoje restam; foram eles Rab. Tzorba, Rabban Eliezer e Zacheo seu filho (Consta das edições, de que adiante faremos menção); que parece haverem sido os primeiros que levantaram as Tipografias Hebraicas de Lisboa e de Leiria e dos primeiros Imprimidores, que houve em Portugal (Pelo que toca às Tipografias Hebraicas não oferecem outras obras mais antigas que as suas. Quanto à Tipografia Portuguesa em geral parece, que eles foram dos primeiros Impressores, que cá tivemos, porque à excepção da Carta do Bispo da Guarda, da *Tradução das Epístolas, e Evangelhos* por Paulo de S. Maria, e das obras do Infante D. Pedro, de que

acima falamos, não sabemos, que houvesse outra obra impressa mais antiga, que as edições Hebraicas destes Judeus; a impressão da *Vida de Cristo* traduzida por Fr. Bernardo de Alcobaça, de Valentim de Morávia e Nicolau de Saxonia, que é uma das mais antigas, foi em 1495, e por conseguinte dez anos posterior às primeiras edições Hebraicas; e as impressões de Jacob Cromberger, de Germão Galhorde, e de oútros são ainda mais modernas, do que esta, e vão dar quase todas nos princípios do Século XVI como são, depois das *Tábuas Astronómicas* de Abraham Zacuto em 1496; as obras de D. Pedro de Meneses terceiro Marquez de Vila Real em 1500; o *Regimento para a conservação da Saúde traduzido de Latim em Português* por Fr. Luís de Rez, Provincial dos Franciscanos Claustrais, e impresso antes de 1501, a *Arte de Portrana* em 1501, a *Relação da Viagem de Marco Polo Veneziana à Índia traduzida* por Valentim Fernandes e impressa em 1502 e a *Regra e Definições da ordem de Cristo*, impressas em 1504 que são também das mais antigas obras, que apresenta a Tipografia Portuguesa.

(Continua).

quais o escritor sagrado recorreu a esta imagem. Esta é empregada também para designar a glória futura de Israel; quando as verdades religiosas das quais ele tem o depósito terão triunfado no mundo, quando todos os nomes divinos dos diversos cultos que partilham a humanidade se fundirem no Nome sagrado do Deus Uno: «A luz de Israel, diz Isafas (10, 17), será como um fogo e o seu Santo como uma flama ardente». Levanta-te, sê esclarecida, por-

que eis a tua luz e a glória divina se levanta sobre ti... nações caminham para a tua luz e reis para a claridade dos teus raios» (60, 1, 3).

Que em todas as moradas judaicas onde as luzes de Hanukah lançarem a sua claridade, a esperança dum renovo do judaísmo renasça com elas e, em cada coração, o desejo de lhe preparar a sua chegada.

AIMÉ PALLIÈRE (do *Univers Israélite*).

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS DASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

I S R A E L

É na aurora nascente, que este vocábulo de três sílabas aparece na cena do mundo.

Todos sabem que Jacob foi chamado por este nome por ter lutado, nas trevas, contra um agressor misterioso e por o ter vencido, ao romper de alva, um pouco antes de se reconciliar com Esaü seu irmão.

Uma luxação da anca foi o resgate da vitória. Quem se orgulhará de sair indemne dum combate; e dum combate travado durante a noite? Desde então, o patriarca e os seus descendentes não mais deixaram de usar este nome. O tempo e a história o consagram, e este nomezinho, composto de tantas vogais como de consoantes, soa como uma trombeta, expressivo e simbólica como uma bandeira, atravessou os séculos, trazendo por toda a parte consigo um pouco mais de luz e de justiça, quantas vezes na dor e nas lágrimas.

O sentido deste trissílabo, cuja notabilidade serviu por vezes de termo, um pouco bulhento e tendencioso a certos dramaturgos, não deixa de ser preciso. Mas em vez de remontar à origem donde deriva, de interpretar etimologicamente, a ignorância e a paixão apercebem sobretudo os desprezos e os erros que, durante séculos, o curso perturbado dos acontecimentos acumularam à volta deste nome. A origem deste vocábulo, única na sua espécie, escapa à maior parte daqueles que não reconhecem à posteridade de Jacob a missão que implica o famoso hexagrama, cujas seis letras exprimem a luta incessante que na vida dos povos, Israel deve sustentar para o triunfo

da verdade e do bem. « Escutai isto, manção de Jacob, vós que vos orgulhais com o nome de Israel » (Isaías, XLVIII), este nome traça o vosso dever, determinai a vossa tarefa cumprir.

Mas não basta a tarefa, uma missão, para proclamar a sua realidade. É preciso que os factos, as experiências da história tragam o testemunho disso e confirmem esta realidade. Só, o método experimental nos dá a quase certeza nesta ordem das verdades científicas.

Ora, o estudo imparcial da história (a qual é uma colectânea de experiências) constitui uma espécie de verificação permanente do valor positivo do programa do qual a palavra *Israel* continua a ser o emblema.

Ela nos ensina que esta palavra não é um rótulo de convenção, dissimulando, qualquer objecto falsificado, ou um pavilhão ocultando uma mercadoria alterada; ela nos demonstra que o seu conteúdo foi realizado um pouco por toda a parte, parcialmente ou totalmente.

A vida judaica, nos tempos antigos, na Idade Média, nos tempos modernos, não foi ela uma luta ininterrupta contra todas as potências do mal? Nós ficamos, apesar de tudo, *Israel*, isto é forte contra as ameaças, as tentações e as provas.

A tradição talmúdica, ultrapassando o ensino da História, tinha-o perfeitamente compreendido quando ela fez da palavra *Israel* como que a coroação, a recompensa da vida de privação e de aperfeiçoamento progressivo de Jacob. A acreditar-se nisso,

O SIONISMO

A SUA CRIAÇÃO E O SEU DESENVOLVIMENTO

POR ISAAC WEISSMAN

O povo judeu confia no seu futuro porque se sente unido na luta para atingir o seu objectivo nacional, e também por saber que o Direito e a Justiça estão do seu lado.

Os percursores do movimento Sionista

Sionismo é o nome dado ao movimento que tem por fim restaurar a vida nacional judaica na Palestina.

Houve, em todos os tempos, individualidades que preconizaram a restauração dum Estado Hebraico. Citaremos alguns.

Jean Jacques Rousseau, por exemplo, em 1762:

«Em virtude da sua dispersão, os judeus não têm possibilidade de proclamar a sua verdade aos homens em que tivessem um Estado livre, com escolas e universidades suas, onde possam livremente manifestar-se — nesse dia, então, saberemos o que terá a dizer-nos o povo judaico.»

Disraeli (Lord Beaconsfield) nas suas obras «David Aboy» e «Tancred», e Georges Eliot, um «Daniel Derinda», advogam o regresso de Israel à terra dos seus antepassados.

Mas o verdadeiro pioneiro da ideia sionista foi Moisés Hess, amigo de Karl Marx, e um dos fundadores da I Internacional. No seu livro «Roma e Jerusalém» aparecido em 1862, escreve:

«Os judeus devem de novo possuir um Estado, porque a organização de Estado é a forma normal de uma vida nacional e

que melhor serve os fins de uma nação. Não é no Diaspora (exílio) — é na Palestina que o judeu poderá operar a sua salvação.»

O Dr. Teodoro Herzl, criador do Sionismo político

Só, no entanto, em fins do século XIX, é que o Sionismo começou a desenvolver-se. O seu grande criador foi o jovem jornalista vienense, Dr. Teodoro Herzl, que produziu, com o seu livro, «O Estado Judaico», aparecido em 1896, profunda impressão no espírito dos judeus.

Herzl convocou o I Congresso Sionista, em Bale, a 28 de Agosto de 1897, onde o programa sionista da criação de um «lar nacional» hebreu na Palestina foi aprovado. Assim se criou o que se chama sionismo moderno ou sionismo político.

A Inglaterra oferece a Uganda aos judeus

Esta conferência judaica, a primeira realizada depois da dispersão do povo hebreu, produziu profundas repercussões por toda a parte. A Inglaterra ofereceu, então, a Uganda ao povo judeu, com direitos especiais para lá criarem o seu «lar». Este projecto da Uganda foi, todavia, rejeitado pelo Congresso Sionista de 1905, por-

a existência do patriarca não foi mais que uma longa e penosa ascensão para o bem. *Yaakob*, na raiz do qual se descobre *akob*, «embuste» transformou-se pouco a pouco em *yocher-el*, «rectidão e força» e em *sara-el*, «lutador poderoso». Usando do processo habitual da *guematria*, do valor numérico das consoantes formando as palavras, os nossos Sábios não hesitaram em descobrir na de *garti*, «eu morei» (junto de-Laban), as *Taryag miçvoth*, os 613

deveres da tradição que Jacob teria integralmente cumprido, num meio bastante hóstil a este cumprimento. A inocente, mas significativa exegese dos nossos doutores confirma assim as lições da história. *Israel* permanece o equivalente da luta, aperfeiçoamento, vitória na luz.

MARTHIEU WOLFF.

De Univers Israelite.

que o Lar Nacional Judaico só pode ser construído na «Eretz-Israel»—na Terra de Israel.

As audiências com o Sultão Abdul Hamid

A Palestina fazia então parte do Império Otomano, que a dominava havia mais de 4 séculos. Foi, pois, com o Sultão que Teodoro Herzl, na qualidade de chefe sionista, teve de tratar do problema da Palestina. Na última audiência que lhe concedeu, Abdul Hamid houve por bem consentir, contra o pagamento da soma de 1:600.000 libras, uma colonização na Síria, na Mesopotâmia e na Anatólia, mas nunca na Palestina.

—Um «lar» sem a Palestina! Recusei imediatamente — escreveu Herzl.

O Dr. Teodoro Herzl morreu em Julho de 1904, com 44 anos. No espaço de 8 anos, que foi quanto durou a sua actividade sionista, o Dr. Herzl conseguiu revolucionar a vida e o espírito do povo judeu.

O Dr. Chaim Weitzmann e a Declaração Balfour

O Sionismo ganhou grande desenvolvimento depois da declaração Balfour.

São múltiplas as razões que levaram a Inglaterra a tomar, em 1917, o compromisso contido na declaração Balfour para com o povo judeu. Entre essas razões encontra-se a da recompensa que o Governo inglês quis dar ao Dr. Chaim Weitzmann, actual presidente da organização Sionista Mundial, como prémio das suas importantes descobertas científicas no domínio da química,

O Dr. Weitzmann era então professor de química na Universidade de Manchester e director do Laboratório do Almirantado Britânico. A sua descoberta de fabrico da acetona auxiliou muito a vitória na primeira guerra mundial.

Lloyd George, então Primeiro Ministro, recomendou o Dr. Weitzmann a Sua Majestade o rei Jorge V, para o galardoar com as devidas honras.

—«Para mim, nada desejo!» — foi a resposta do sábio.

Mas Lloyd George insistia:

—«Não há nada, então, que possamos

fazer em vosso favor, como prova do nosso reconhecimento pelo valioso auxílio que prestou ao nosso país?

—Há! Gostaria que fizesseis alguma coisa em favor de meu povo!» — respondeu Weitzmann, que depois expôs a Lloyd George a questão da Palestina.

Foi desta maneira extraordinária que o Dr. Weitzmann contribuiu também, para a Declaração Balfour.

O Papa Bento XIV a favor do Sionismo

Paralelamente à declaração Balfour será oportuno lembrar que o Papa Bento XIV manifestou a sua simpatia pelo Sionismo, acrescentando que judeus e Católicos haviam de ser bons vizinhos da Palestina.

«Um esforço construtivo que suscita a admiração do mundo»

A obra dos Sionistas na reconstrução da Palestina, embora já iniciada muito antes, começou a intensificar-se depois da declaração Balfour. A despeito de todas as dificuldades e de todos os obstáculos que lhes punham no caminho, os Judeus continuaram com tal tenacidade e dedicação o seu trabalho para reconstruir a sua Pátria e com tais resultados — que o próprio governo inglês, no famoso Livro Branco de 1939, reconheceu tudo isso, declarando: «o desenvolvimento do lar nacional judeu e os respectivos resultados obtidos em vários domínios representam um notável esforço construtivo que suscita a admiração do mundo».

Extraordinário progresso do movimento Sionista

O movimento sionista cresceu de ano para ano. Antes da última guerra havia organizações sionistas em 55 países. Nas eleições para o Congresso de 1933 tomaram parte 700.000 eleitores; em 1935, quase 1:000.000; e em 1939, ainda para o Congresso, 1:400.000.

Nessa altura a população judaica ascendia a 18 milhões. Depois do extermínio de 6 milhões de almas, o povo hebreu ficou reduzido a 12 milhões, dos quais 2 milhões e 500 mil participaram nas eleições para o

Lista das Parashioth (secções da Lei) e das Haphtaroth (secções dos profetas) que se lêem cada sábado durante o ano.

| Parashioth | |
|---|--|
| 1 — Bereshíth, Génesis, cap. 1, vers. 1 até cap. 6. ^o , vers. 8. | 18 — Mishpatim, Exodo, cap. 21, vers. 1 até cap. 24, vers. 18. |
| 2 — Nóah, gén., cap. 6. ^o , vers. 9 até cap. 11, vers. 32. | 19 — Terumáh, Exodo, cap. 25, vers. 1 até cap. 27, vers. 19. |
| 3 — Lech Lecha, gén., cap. 12, vers. 1 até cap. 17, vers. 27. | 20 — Tetsavé, Exodo, cap. 27, vers. 29 até cap. 30, vers. 10. |
| 4 — Vayerá, gén., cap. 18, vers. 1 até cap. 22, vers. 24. | 21 — Tissá, Exodo, cap. 30, vers. 11 até cap. 34, vers. 35. |
| 5 — Khayyé Saráh, gén., cap. 23, vers. 1 até cap. 25, vers. 18. | 22 — Vayakhél, Exodo, cap. 35, vers. 1 até cap. 38, vers. 20. |
| 6 — Toledóth, gén., cap. 25, vers. 19 até cap. 28, vers. 9. | 23 — Pekudé, Exodo, cap. 38, vers. 21 até fim Exodo. |
| 7 — Vayétsé, gén., cap. 28, vers. 10 até cap. 32, vers. 2. | 24 — Vaykrá, Lev., cap. 1, vers. 1 até cap. 6, vers. 7. |
| 8 — Vayishlahh, gén., cap. 32, vers. 3 até cap. 36, vers. 43. | 25 — Tsav, Lev., cap. 6, vers. 8 até cap. 8, vers. 35. |
| 9 — Vayesheb, gén., cap. 37, vers. 1 até cap. 40, vers. 23. | 26 — Sherminel, Lev., cap. 9, vers. 1 até cap. 11, vers. 47. |
| 10 — Mikkéts, gén., cap. 41, vers. 1 até cap. 44, vers. 17. | 27 — Tasriang, Lev., cap. 12, vers. 1 até cap. 13, vers. 59. |
| 11 — Vayigásh, gén., cap. 45, vers. 18 até cap. 47, vers. 27. | 28 — Metzorang, Lev., cap. 14, vers. 1 até cap. 15, vers. 33. |
| 12 — Vayhhée, gén., cap. 47, vers. 28 até fim Génesis. | 29 — Ahharey-Móth, Lev., cap. 16, vers. 1 até cap. 18, vers. 30. |
| 13 — Shemóth, Exodo, cap. 1, vers. 1 até cap. 6, vers. 1. | 30 — Kedoshim, Lev., cap. 19, vers. 1 até cap. 20, vers. 27. |
| 14 — Va-erá, Exodo, cap. 6, vers. 2 até cap. 9, vers. 35. | 31 — Emór, Lev., cap. 21, vers. 1 até cap. 24, vers. 27. |
| 15 — Bó, Exodo, cap. 10, vers. 1 até cap. 13, vers. 16. | 32 — Behár, Lev., cap. 25, vers. 1 até cap. 26, vers. 2. |
| 16 — Beshalláhh, Exodo, cap. 13, vers. 17 até cap. 17, vers. 16. | 33 — Behhukkotái, Lev., cap. 26, vers. 3 até fim Levítico. |
| 17 — Yitró, Exodo, cap. 18, vers. 1 até cap. 20, vers. 26. | 34 — Bamidbar, Núm., cap. 1, vers. 1 até cap. 4, vers. 20. |
| | 35 — Nassó, Núm., cap. 4, vers. 21 até cap. 7, vers. 89. |

actual Congresso, o que representa, se deduzirmos os 700.000 judeus que vivem nos países árabes e os residentes na Rússia, uma percentagem de 30 % — a mais alta, proporcionalmente falando, verificada em qualquer país da Europa ou da América. Por conseguinte, os 375 delegados agora reunidos em Bâle, representam todo o povo hebraico legitimamente. Os judeus compreenderam, de uma vez para sempre, que sem um Estado próprio nunca mais dei-

xarão de sofrer. Lloyd George escreveu um dia:

"Se os judeus não são, às vezes, apreciados, não é porque sejam diferentes dos outros povos; é porque são fracos — e são fracos porque não têm uma pátria sua".

Hoje os judeus de todo o mundo, estão firmemente decididos a acabar com tal fraqueza.

Do Sol — Lisboa, 14 de Dezembro de 1946.

- 36 — Beagnalóitecha, Núm., cap. 8, vers. 1 até cap. 12, vers. 16.
 37 — Sheláhh-Lechá, Núm., cap. 13, vers. 1 até cap. 15, vers. 41.
 38 — Kórahh, Núm., cap. 16, vers. 1 até cap. 18 vers. 32.
 39 — Hhukkát, Núm., cap. 19, vers. 1 até cap. 22, vers. 1.
 40 — Balák, Núm., cap. 22, vers. 2 até cap. 25, vers. 9.
 41 — Pinehhás, Núm., cap. 25, vers. 10 até cap. 29, vers. 40.
 42 — Matóth, Núm., cap. 30, vers. 1 até cap. 32, vers. 42.
 43 — Masgné, Núm., cap. 33, vers. 1 até fim Números.
 44 — Debarim, Deut., cap. 1, vers. 1 até cap. 3, vers. 22.
 45 — Vaethhanáu, Deut., cap. 3, vers. 23 até cap. 7, vers. 11.
 46 — Gnékeb, Deut., cap. 7, vers. 12 até cap. 11, vers. 25.
 47 — Reēh, Deut., cap. 11, vers. 26 até cap. 16, vers. 17.
 48 — Shofetim, Deut., cap. 16, vers. 18 até cap. 21, vers. 9.
 49 — Tetsé, Deut., cap. 21, vers. 10 até cap. 25, vers. 19.
 50 — Tabó, Deut., cap. 26, vers. 1 até cap. 29, vers. 9.
 51 — Nitzabim, Deut., cap. 29, vers. 10 até cap. 30, vers. 20.
 52 — Vayélech, Deut., cap. 31, vers. 1 até vers. 30.
 53 — Aázéenu, Deut., cap. 32, vers. 1 até vers. 52.
 54 — Lê-se em «Simhhát Toráh», Deut., cap. 33, vers. 1 até fim Deut..
- (a) Shekalim, Exodo, cap. 30, vers. 11 até vers. 16.
 (b) Zachór, Deut., cap. 25, vers. 17 até vers. 19.
 (c) Paráh, Núm., cap. 19, vers. 1 até vers. 22.
 (d) Ahhódesch, Exodo, cap. 12, vers. 1 até vers. 20.

Haphtaroth

- 1 — Isa, cap. 42, vers. 5 até vers. 21.
 2 — Isa, cap. 54, vers. 1 até vers. 10.
 3 — Isa, cap. 40, vers. 27 até cap. 41, vers. 16.
 4 — 2.º Reis, cap. 4, vers. 1 até vers. 23.
 5 — 1.º Reis, cap. 1, vers. 1 até vers. 31.
 6 — Mal, cap. 1, vers. 1 até cap. 2, vers. 7.
 8 — Obad,
 9 — Amos, cap. 2, vers. 6 até cap. 3, vers. 8.
 10 — 1.º Reis, cap. 3, ver. 15 até cap. 4, vers. 1.
 11 — Ezek, cap. 37, vers. 15 até vers. 28.
 12 — 1.º Reis, cap. 2, vers. 1 até vers. 12.
 13 — Jer, cap. 1, vers. 1 até cap. 2, vers. 3.
 14 — Ezek, cap. 28, vers. 25 até cap. 29, vers. 21.
 15 — Jer, cap. 46, vers. 13 até vers. 28.
 16 — Juizes, cap. 5, vers. 1 até vers. 31.
 17 — Isa, cap. 6, vers. 1 até vers. 13.
 18 — Jer, cap. 34, vers. 8 até vers. 22 e cap. 33, vers. 25 e 26.
 19 — 1.º Reis, cap. 5, vers. 26 até cap. 6, vers. 13.
 20 — Ezek, cap. 43, vers. 10 até vers. 27.
 21 — 1.º Reis, cap. 18, vers. 20 até vers. 39.
 22 — 1.º Reis, cap. 7, vers. 13 até vers. 26.
 23 — 1.º Reis, cap. 7, vers. 40 até vers. 50.
 24 — Isa, cap. 43, vers. 21 até cap. 44, vers. 23.
 25 — Jer, cap. 7, vers. 21 até cap. 8, vers. 3 e cap. 9, vers. 22 e 23.
 26 — 2.º Sam, cap. 6, vers. 1 até vers. 19.
 27 — 2.º Reis, cap. 4, vers. 42 até cap. 5, vers. 19.
 28 — 2.º Reis, cap. 7, vers. 3 até vers. 20.
 29 — Ezek, cap. 22, vers. 1 até vers. 16.
 30 — Ezek, cap. 20 vers. 2 até vers. 20.
 31 — Ezek, cap. 45, vers. 15 até vers. 31.
 32 — Jer, cap. 32, vers. 6 até vers. 27.
 33 — Jer, cap. 16, vers. 19 até cap. 17, vers. 14.
 34 — Hos, cap. 2, vers. 1 até vers. 22.
 35 — Juizes, cap. 13, vers. 2 até vers. 25.
 36 — Zech, cap. 2, vers. 14 até cap. 4, vers. 7.
 37 — Josuha, cap. 2, vers. 1 até vers. 24.
 38 — 1.º Sam, cap. 11, vers. 14 até cap. 12, vers. 22.
 39 — Juizes, cap. 11, vers. 1 até vers. 33.
 40 — Mic, cap. 5, vers. 6 até cap. 6, vers. 8.
 41 — 1.º Reis, cap. 18, vers. 46 até cap. 19, vers. 21.
 42 — Jer, cap. 1, vers. 1 até cap. 2, vers. 3.
 43 — Jer, cap. 2, vers. 4 até vers. 28 e cap. 4, vers. 1 e 2.
 44 — Isa, cap. 1, vers. 1 até vers. 27.
 45 — Isa, cap. 40, vers. 1 até vers. 26.
 46 — Isa, cap. 49, vers. 14 até cap. 51, vers. 3.
 47 — Isa, cap. 54, vers. 2 até cap. 55, vers. 5.

PORTUGUESE MARANOS COMMITTEE

Esta comissão destinada a promover o renascimento dum judaísmo sadio entre os cripto-judeus portugueses, tem a sua sede na Spanish & Portuguese Synagogue — Heneage Lane, Bevis Marks — London, E. C. 3 (Inglaterra) e actualmente é constituída pelos seguintes Ex.^{mos} Senhores:

PRESIDENTE:

Horace Kadoorie, Comendador da Legião de Honra.

VICE-PRESIDENTE:

Joseph Meller, Esq., O. B. E..

TESOUREIRO HONORÁRIO:

Henry de Casseres.

SECRETÁRIO HONORÁRIO:

Paul Goodman, Esq..

O que dizem de nós

Ernesto Renan, na sua introdução ao *Eclesiastes*, diz:

O judeu não é resignado como o cristão. Para o cristão a pobreza, a humildade são virtudes; para o judeu, são desgraças de que precisa defender-se. Os abusos, as violências, que encontram o cristão calmo, revoltam o judeu; e é assim que o elemento isrealita se tornou, no nosso tempo, em todos os países que o possuem, um grande elemento de reforma e de progresso.

48 — Isa, cap. 51, vers. 12 até cap. 52, vers. 12.

49 — Isa, cap. 54, vers. 1 até vers. 10.

50 — Isa, cap. 60, vers. 1 até vers. 22.

51 — Isa, cap. 61, vers. 10 até cap. 63, vers. 9.

52 — Hos, cap. 14, vers. 2 até vers. 10 e os 3 últimos vers. de Micah.

53 — 2.º Sam., cap. 22, vers. 1 até vers. 51.

54 — Lido em «Simhát Toráh, Ioshua», cap. 1, vers. 1 até vers. 10.

(a) 2.º Reis, cap. 11, vers. 17 até cap. 12, vers. 17.

(b) 1.º Sam., cap. 15, vers. 1 até vers. 34.

(c) Ezek, cap. 36, vers. 16 até vers. 36.

(d) Ezek, cap. 45, vers. 18, cap. 46, vers. 15.

The Union of Sephardic Congregations

Esta união das congregações isrealitas hispano-portuguesas, organizada em 1929, tem por objectivo a promoção dos interesses religiosos dos judeus sephardim. A sua sede é em 99-Central Park West — New York 23 N. Y. (Estados Unidos da América).

Os seus corpos gerentes são constituídos da maneira seguinte:

OFFICERS

PRESIDENTE:

Rev. Dr. D. de Sota Pool — New York.

VICE-PRESIDENTE:

Capt. Willam Sebag — Montefiore = Montreal.

TESOUREIRO:

Mathew J. Levy — New York.

SECRETÁRIO:

Simon S. Nissim — New York.

BOARD OF DIRECTORS

Rev. D. A. Jessurum Cardozo — Philadelphia.

J. Bueno de Mesquita — New York.

Henry S. Hendricks — New York.

John Hezekiah Levy — New York.

Rev. Dr. Abraham A. Neuman — Philadelphia.

Capt. N. Taylor Phillips — New York.

Isaac Shalom — Brooklyn.

David Sutton — Brooklyn.

Victor Tarry — New York.

ADVISORY BOARD

Rabbi Isaac Alcalay — New York.

Henry A. Alexander — Atlanta.

Dr. Solomon Solis — Cohen — Philadelphia.

Rabbi Jacob S. Kassir — Brooklyn.

Hardwig Peres — Memphis.

Visado pela Comissão de Censura

BIBLIOGRAFIA

Chaim Weizmann — Um tributo no seu 70.º aniversário natalício, por Paul Goodman, com uma introdução pelo conde Lloyd George de Dwyford e um prefácio L. S. Amery. Um estudo sobre as múltiplas actividades do notável cientista Dr. Weizmann, digno Presidente da Organização Sionista Mundial.

Les Cahiers Séfardis — Coleção documental, histórica, retrospectiva, e da actualidade — dirigida por Sam Levy — 185, Boulevard Bineau-Neully-sur-Seine (França).

A Razão de um Estado Judaico — por Leon I. Feuer, tradução do Prof. Dr. A. Benarus — Lisboa.

Paul Goodman on his seventieth birthday — Colectânea organizada por vários amigos deste ilustre escritor e publicista no dia do seu 70.º aniversário natalício. Consta de vários artigos laudatórios das actividades deste nosso amigo, secretário honorário do Portuguese Maranos Comité de Londres, 1.º Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Porto.

The Gates of Zion — (As Portas de Sion) — Revista trimestral do Conselho da Sinagoga Central da Federação Sionista da Grã-Bretanha e Irlanda.

Order of Service — on the occasion of the Jubilee of the Synagogue Lauderdale Road — Ritual da cerimónia litúrgica do 50.º aniversário da Sinagoga de Lauderdale Road de Londres.

Hotel Ma'arabi — (Muro das lamentações) — Recordações das acções da Sinagoga de Lauderdale Road durante os seus cinquenta anos de existência nos serviços litúrgicos, educação e instituições de beneficência, por Paul Goodman, former secretary of Spanish & Portuguese Congregation de Londres.

Catalogo dei manoscritti Ebraici tripolitani por Gabriele V. Raccah — com prefácios do reverendo Ben-Zion Meir Hay Uziel, Rabi-mor do rito luso-hispânico da Palestina e do reverendo Dr. J. Hertz, Rabi-mor do Império Britânico.

Gabriele di Vitória Raccah, via Leonardí da Vinci n.º 27 — Tripoli (Libia — Norte de África).

Un País en construccion (Veinte y cinco años) — Revista ilustrada sobre a agricultura judaica na Palestina.

OBRA DO RESGATE

No passado outono saíu do Porto para Trás-os-Montes o Mensageiro do Resgate levando palavras de encorajamento para os cripto-judeus trasmontanos. Visitou várias povoações entre elas as cidades de Chaves, Vila-Real, Bragança e a vila de Macedo de Cavaleiros, regressando satisfeito pela demonstração de fé sincera nas velhas tradições luso-judaicas desses maranos.

Com o mesmo fim visitou aldeias nos concelhos de Mogadouro e de Freixo de Espada-à-Cinta o Talmid do Instituto Teológico Israelita do Porto, Amilcar Paulo (Levi Ben-Har), que regressou satisfeito com o fraternal acolhimento recebido.

VIDA COMUNAL

Na Comunidade Israelita do Porto, na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, à rua Guerra Junqueiro, se celebraram ritualmente as festividades de Rosh Hashanah (Ano Novo de 5707), Yom Kipur (Dia do Grande Perdão), Sukoth (Festa das Cabanas), Hanukah (Restauração ou Festa dos Macabeus) e Purim (Festa da Rainha Esther).

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 135)

CAPÍTULO VII

Dos Mrs. Bíblicos Copiados em Portugal

Grande cópia em Cart. e Port. de de Mrs. Bíblicos na Sinagoga — Os Judeus Espanhóis e Portugueses abundavam sempre em grande cópia de Mrs. Bíblicos, que eram por extremo curiosos. (Assim o reconhece Ricardo Simão na *Hist. crit. do T. V.*, cap. XXI, págs. 120 e 121). E em verdade que dos Catálogos de Kannicott, de Paulo Jacob Bruns e de João Bernardo de Rossi se conhece bem, que havia inumeráveis Códigos Mrs. em Espanhol, pelos muitos, que ainda hoje se conservam em Roma, em Inglaterra e em Constantinopla, e por outros que se têm encontrado na cidade de Fez na África e em Tessalonica para onde os haviam levado os Judeus foragidos de Espanha e Portugal. Rossi, segundo ele diz no opúsculo de *Origem da Tipografia Hebraica*, págs. 87 e 88 tinha um Código em Espanhol e Hebraico dos Profetas escrito em 1255 que reuniu em si todas as notas, e caracteres dos Códigos Espanhóis); os nossos em particular se distinguiram muito nesta parte.

Grande cópia de Mrs. Bíblicos Particulares — Não só havia muitos Códigos Mrs. públicos copiados solenemente para uso das Sinagogas, mas ainda muitos particulares escritos com sumo cuidado e fidelidade, que muitos Judeus mandavam copiar para seu uso doméstico como fizeram entre outros R. Jacob Coen filho de R. Jo-

nas Coen, R. Ghedália filho de José Wolid, R. Samuel Abarbanel, R. Abraão filho de R. Jacob neto de Zadoch e R. Moysés. (Consta das Epígrafes dos Códigos Mrs. de que falamos adiante).

Grande número de Amanuenses — Havia para isso muitos Escribas ou Amanuenses, que se dedicavam a este trabalho; memória nos ficou de Samuel filho de Sem Tob, de Samuel de Medina filho de Isac de Medina, de Jason filho de José, de Moysés filho de R. Jaacob, neto de Moysés Calof, e de Isac filho de Isafas, filho de Jason, que tiraram várias cópias dos Livros Sagrados. (Consta das mesmas Epígrafes dos Códigos Mrs. de que falamos adiante).

Código Mrs. Bíblicos de Portugal que existem fora do Reino — Ainda hoje existem, posto que fora de Portugal, alguns Códigos Mrs. de grande nome e estimação, que estes e outros mais Judeus copiaram, ou mandaram copiar naquele tempo. Tais são os seguintes:

I. Código Mrs. da Guarda de 1346 — O Código em pergaminho da Bíblia escrito na Guarda em 1346 que possui João Bernardo de Rossi. (Fala dele na sua obra de *Origine Typograph. Hebr.*, cap. X, pág. 9. Com a autoridade deste Código comprova Rossi estar defeituoso um lugar do Exodo no cap. VIII do modo que se lê nas edições modernas dos Comentários de Raschi, ou Rabbi Salomão Jarchi ao dito cap. VIII e na edição de Constantinopla de 1522; no Código Mrs. em pergaminho do Século XV que ele tinha e no Elias Misrachi que, defende a dita Lição).

(Continua).

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

JUDEUS ILUSTRES

DO BURGO PORTUENSE

POR AMÍLCAR PAULO

(LEVI BEN-HAR)

No alvorecer dos princípios da nossa monarquia, o Porto não passava dum humilde burgo, doado por D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques ao bispo D. Hugo. Os habitantes do burgo, não ficaram muito satisfeitos com o desempenho com que a rainha deles dispôs, o que motivou o começo das malquerenças que durante séculos, deviam fazer estremecer a Sé Portucalese.

As suas primitivas muralhas, principiavam ao Norte, na porta da Senhora de Vandoma, dirigindo-se em volta da Sé até à porta da Senhora das Verdades. Daí viravam pelas Escadas das Verdades em direcção às Escadas do Codeçal, descendo em seguida até às margens do Douro, circundando o Largo da Ribeira. Tomava esta aqui a direcção N. E. passando pela actual Rua dos Mercadores, até à porta de Sant'Ana. Mantendo a mesma direcção contornava a Rua da Banharia até às portas de S. Sebastião. Aqui tomava novo rumo indo fechar, à porta da Senhora de Vandoma.

Estas fortificações conservaram-se com pequenas alterações até ao ano de 1386. Neste mesmo ano D. Afonso IV, deu princípio às novas muralhas de circunvalação da cidade, concluídas no reinado de D. Fernando.

Estas novas muralhas, vieram guarnecer o *Burgo Novo*, que se tinha alastrado para o lado direito do rio da vila. A vasta e carrancosa fortificação, tomava como ponto de partida a Porta do Sol, seguia em direcção da actual Praça da Batalha, inclinándose em seguida para a Rua de Cimo de Vila, onde existia uma porta; contornava a actual Rua da Madeira, passando junto à Igreja dos Congregados, onde existia uma porta a que davam o nome de Porta dos Carros; continuavam para Poente até à Porta do Olival, situada no local onde existe hoje a Torre dos Clérigos. Daqui descia pela Rua do Calvário, onde ainda hoje se vêem a descoberto alguns restos da fortaleza. Encaminhava-se em seguida em direcção ao actual Clube Inglês, contornando a Rua da Esperança, onde ainda se podem observar duas torres de menagem. Desciam em seguida as Escadas do Caminho Novo, até alcançar o postigo da Praia. Foi este mandado demolir por D. Manuel, para em seu lugar ser construída uma porta mais ampla, a que deram o nome de Porta Nobre ou porta Nova, a qual servia de entrada solene ao bispo e governadores da cidade.

Sob o arco da porta, no século XVIII foram colocadas as armas de El-Rei D. Fer-

nando, que possuíam 12 castelos, e por baixo delas a seguinte inscrição:

GOVERNANDO AS ARMAS
D'ESTA CIDADE E SEU PARTIDO
O CORONEL, ANTÓNIO MONTEIRO
D'ALMEIDA
SE FEZ ESTA OBRA
NO ANO DE 1781

Esta cadeia de muralhas avançava em seguida sobre a margem direita do rio, por cima do muro da Ribeira, Escadas do Codeçal, indo fechar no Postigo do Sol.

Por fora de toda a muralha transbordavam arrabaldes, constituídos de outeiros, aproveitados com arvoredos e olivais.

Nesse afortalezado âmbito se desenvolveu a cidade do Porto, heróicamente ciosa, dos seus foros, privilégios e liberdades. No meio destes burgueses estruturalmente democráticos, se desenvolveu a colónia Hebraica que chegou a constituir um importante elemento demográfico da cidade.

O Porto ainda que profundamente religioso, foi o que de entre todas as restantes cidades do País, mais soube respeitar as opiniões e crenças alheias. Assim demonstrando em vários momentos da sua história, o seu amor à liberdade política e intelectual. Uma das inumeráveis questões, em que o espirito liberal e altruista dos habitantes, do Porto, mais se manifestou, foi na oposição ao estabelecimento do Tribunal do Santo Officio nesta cidade e que o zelo religioso do fanático Frei Baltasar Limpo fez levar a cabo.

Acerca da origem dos judeus no burgo portugalense, pouco ou nada poderemos asseverar, contudo alguns historiadores de reconhecida autoridade dizem prender-se a origem desses elementos da população portuense, na noite escura da primitividade da nossa nacionalidade.

A primeira judiaria do Porto, parece ter sido aquela de que Querubino Lagoa encontrou uma única referência, e que o ilustre investigador Sr. Prof. A. de Magalhães Basto diz ter encontrado alguns documentos a seu respeito.

Segundo as referências dos dois investigadores acima citados, encontrava-se essa judiaria situada na Cividade (Corpo da Guarda) estendendo-se para a rua de Sant'Ana, onde estava a sinagoga.

A Oeste do rio Frio, pequeno regato, que desce pela encosta das Virtudes indo desaguar ao Douro, em Miragaia, existiu uma judiaria que ocupava Monchique (*Monsiculus*) *arrabalde da cidade*, estendendo-se para as Virtudes. Próximo ao rio Frio alastrava-se o almocávar hebraico. Ainda hoje a terminologia local, perpetua no Monte e Escadas dos Judeus o centro do antigo povoado.

A sinagoga da judiaria, mandada construir por D. Judah Ben-Manir, estava ao Norte da actual Calçada de Monchique. Esta judiaria foi mais tarde abandonada e substituída pela dos Banhos. Nos princípios do século XVI, era a referida sinagoga propriedade de Gil Vaz da Cunha, Senhor de Basto e Monte Longo. O seu descendente Pero da Cunha Coutinho e sua mulher D. Beatriz de Vilhena, resolveram com os seus avultados rendimentos fundarem nesse local um Convento de Religiosas, ao qual deram o nome de Madre de Deus de Monchique.

O investigador portuense, Querubino Lagoa, segundo testemunho do arqueólogo Pedro Vitorino, viu na padieira duma porta, das casas mandadas construir por Gil Vaz da Cunha, um epitáfio em caracteres hebraicos, alusivos à fundação da sinagoga, abertos em uma pedra, que fôra da mesma.

Em 1872, depois de passado o convento à posse de particulares, o seu proprietário, Clemente Meneres, oferecia a dita pedra, ao Museu Arqueológico do Carmo na cidade de Lisboa.

Esta judiaria foi abandonada e os seus habitantes fizeram *Judaria e pobraçom*, nos Banhos como já dissemos.

Segundo certos documentos referentes a prazos, aforamentos e rendas, existentes no Arquivo Municipal, ficava esta judiaria situada entre o rio Douro e as muralhas de Oeste, postigo dos Banhos, largo de S. Domingos, Praça do Infante, rua da Munhota e Belomonte.

Esta judiaria, segundo um documento do Arquivo Municipal, parece não ter possuído sinagoga, mas sim um pequeno oratório. O documento citado é do seguinte teor:

« Escritura do contrato entre o concelho e a Câmara dos judeus, então no sítio da Munhota sobre os banhos em

uma loja de um marinheiro, pela qual na forma do consentimento de El-Rei D. João, filho de El-Rei D. Pedro, o Concelho emprassa para comuna e povoação dos judeus da cidade e termo o Campo do Olival.

No reinado de D. João I, como não fosse suficiente essa judiaria, para o alojamento de todos os Judeus, o mesmo monarca, em 1386, ordenou à Câmara que assinasse lugar aos ditos judeus no Campo do Olival, para aí fazerem moradia, como se vê no mesmo documento acima citado.

Era a judiaria limitada, pouco mais ou menos pela área que circuita quem hoje segue, pelas ruas de S. Bento da Vitória, Escadas da Esnoga, Belomonte, continuando esta por toda a rua das Taipas. Subia em seguida toda a Vitória até à Parada (Viela do Ferraz) onde o povo se exercitava a jogar a besta. Nela formaram os judeus uma comuna com rabi e mais vereadores, sendo também residência do ouvidor da Comarca de Entre-Douro e Minho. Pagavam estes à Câmara, pelo foro do terreno, a pensão perpétua de 200 maravedis velhos, com a qual terilharam em 1396.

Esta judiaria encravada na cidade tinha duas portas, uma no Olival, onde actualmente se encontra a fonte da cadeia, e a outra que fechava a saída, das Escadas da Esnoga. As portas eram de ferro maciço, lavradas e enriquecidas com alegorias hebraicas.

A área que compreendia a judiaria era limitada por casas que não possuíam saída para as ruas cristãs, que com ela vizinhavam.

A sinagoga estava situada na actual rua de S. Bento da Vitória, no local onde existe hoje a igreja de S. Bento. Ainda à pouco se podia observar uma inscrição, comemorando a transformação da sinagoga em templo cristão, gravada na padieira da porta lateral do átrio.

Ricardo Jorge no seu trabalho — *Origens e desenvolvimento da cidade do Porto* — diz-nos — "...ter-se-ia operado em toda a Península a cretinização absoluta, pela selecção do queimado e pela educação íradesca:” E acrescenta: “Enquanto os judeus portugueses davam riqueza à Holanda e Spinosa ao mundo, nós empobrecíamos e

bestificávamo-nos na mais suez beatitude que dar se pode”.

*
* * *

Não foi o Porto, certamente, um centro de cultura judaica como Lisboa, que com a sua academia representou o foco mais intenso da cultura hebraica portuguesa.

Não viveram aqui David Kimchi, nem Moseh ben Chabib, grandes mestres de gramática. No entanto os judeus portugueses, não ficaram indiferentes ao movimento cultural português. “Colaboraram valiosamente — escreveu Ricardo Jorge — no fomento comercial e na prosperidade do Porto, e contava em seu seio os homens mais ilustres e sabedores”.

Uns foram para a França, outros para a Holanda, e nesses países se tornaram professores das mais afamadas escolas do tempo.

Ainda que não nos seja possível falar de todos, recordemos alguns dos judeus portugueses mais ilustres.

Abraham Ferrar, nobilíssimo médico e poeta, sobrinho de Jacob Tirado, o fundador da Congregação Portuguesa Beth Yaa-Kob em Amesterdão. Depois de exercer clínica em Lisboa, emigrou para Amesterdão, onde veio a ser presidente da Comunidade Portuguesa.

Compôs em lingua portuguesa a Declaração das Seiscentas e Treze Encomendações da Nossa Santa Ley, interpretação poética do *Tariag Mizvoth*. Na qual — escreveu Ribeiro dos Santos — adopta a doutrina e método de Maimonides.

Daniel Levy Barrios na *Relacion de los poetas y escritores Españoles de la Nacion Judayca en Amsterdam*, refere-se a Ferrar nos seguintes versos:

Judio del desterro Lusitano
Abraham Ferrar en el language Hispano
Los preceptos pintó de lá Ley fuerte,
Que coge louros y enseñanzas vierte.

Evoquemos agora outra figura notável do velho Porto: O grande médico, Manuel Aboab, reputado autor da *Nomologia*, tão citado pelos *Judiógrafos*. Em Amesterdão — escreveu Ribeiro dos Santos — teve grande nome de jurista entre os seus, sendo muito perito no Talmud e na *Guemará*.

Do Porto foi também o Dr. Samuel da Silva, que em Hamburgo, no ano de 1623 publicou um *Tratado da Imortalidade da Alma* em que procurou impugnar as ideias de Uriel da Costa.

E por último recordemos o celebre Uriel da Costa, portuense dos mais doutos do século XVII, espírito inquieto e atormentado.

Formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, emigra para a Holanda, receando a Inquisição e mais tarde para Hamburgo. Nesta última cidade publica Uriel da Costa as suas *Teses contra a Tradição*.

Os rabinos, postos ao facto das suas tendências, mandavam-no comparecer diante deles, fazendo-lhe ver que o acusavam de desprezar a Lei; mas Uriel mantém as suas concepções. Excomungado pelos rabinos, regressa a Amesterdão cuja comunidade o expulsa do seu seio.

Então o ilustre portuense escreve um novo tratado, onde nega a imortalidade e "tenta descobrir a vaidade — escreveu Ribeiro dos Santos — das tradições e observâncias dos Fariseus, e de mostrar quanto eram contrárias directamente à lei de Moisés".

Intitulava-se este *Exame das Tradições Farisaicas conferidas com a Ley escrita*.

Escreveu Uriel ainda um outro tratado que deixou manuscrito, intitulado — *Exemplar Humanæ Vitæ*, no qual descreve a tragédia da sua consciência.

Sobre esta carta patética, impressionante escreve o erudito Ribeiro dos Santos: "Filippe Limborch achou este manuscrito entre os papéis de Simão Episcópio.

Nestre livro contava ele os vários passos da sua vida, e descrevia com grande energia, e calor os muitos males e desventuras por que passara... passou a atacar em muitos lugares desta obra a religião, que era fundada na revelação divina, como uma pura ficção, que nascera da fraude, e artificio dos homens, e lhe opôs a religião Natural, que ele muito louvara e exaltava, como a só religião verdadeira, e consequentemente a única que se devia seguir.

Limborch refutou as objecções deste deísta contra a religião revelada no seu tratado, que intitulou: *Brevis refutatio argumentarum* .

Em Abril de 1640, Uriel da Costa põe termo à vida.

* * *

Mais do que os episódios da sua vida, interessa à ciência o seu pensamento. Ele não fundou nenhuma escola, nem deixou muitos discípulos; porém Espinosa e outros gigantes intelectuais, foram, em mais de um passo, inspirados por ele.

O judaísmo portuense deve orgulhar-se de ter produzido um pensador complexo, pela grandeza da sua doutrina e elevação do seu carácter.

Segundo Duff — "viveu profundamente e com uma grande paixão as *duas maneiras* por que a humanidade tem interpelado o seu destino".

* * *

E assim aqui fica delineado a ténues traços, algumas cintilações que iluminaram, com novas claridades a cultura judaica portuense.

Se no campo artístico, não teve a judia-ria grandes cultores, poderemos entretanto citar de entre outros o nome do ourives Mossem Baru, artífice bem conhecido no Porto de à séculos.

1941.

AMÍLCAR PAULO.

Vida Comunal

Na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim (Fonte Vital), Catedral Israelita do Norte de Portugal, sita à Rua Guerra Junqueiro n.º 340, da cidade do Porto, se celebraram as seguintes festividades:

Pessah' (Páscoa) — Comemoração da saída do povo hebreu da escravidão egípcia para a liberdade sob a direcção de Moisés, nosso Mestre. A matsah (pão azimo) consumida foi de fabricação norte-americana.

Shebuoth (Pentecostes) — Festa comemorativa da outorga dos Dez Mandamentos da lei de Deus ao povo israelita no Monte Sinai.

COMO RESOLVER O PROBLEMA

DA PALESTINA

segundo a opinião de dois membros
do Parlamento Britânico

Já aqui demos a notícia do recente aparecimento, em português, de um oportuno opúsculo «A Palestina outro Munique?», da autoria de dois membros do parlamento inglês, os srs. R. H. Sbrossman e Michael Foot. O referido estudo, que trata pertinentemente, do problema da Palestina, inaugura a colecção «Cadernos de Política Internacional» da «Inquérito». Por que nos parece de flagrante actualidade o assunto, e ainda os autores do referido livro o tratam magistralmente, julgamos do maior interesse transcrever do momentoso ensaio as respectivas conclusões:

O que se deve fazer

1) Ao Governo, ao Partido Parlamentar e Partido Trabalhista em geral incumbe o dever de abandonar o Livro Branco de 1939 e permitir a imigração judaica até o máximo da capacidade de absorção da Palestina. Dum modo especial, manifestaram-se explicitamente a favor desta política os seguintes ministros do Gabinete: O Chanceler do Tesouro, dr. Dalton, o Lord Presidente, sr. Herbert Morrison, o Lord Chanceler, Lord Jowitt, o Lord do Selo Privado, sr. Arthur Greenwood. A acrescentar a estes, o sr. Noel-Baker, Ministro de Estado para os Negócios Estrangeiros, e o sr. Creech-Jones, Secretário-Parlamentar no Ministério das Colónias, ambos interessados na nossa política do Médio Oriente, condenaram persistentemente o Livro Branco como ilegal e desonroso.

Justificação da quebra de compromisso

2) A única desculpa para a quebra do nosso compromisso nesta questão é que somos levados pelas circunstâncias a agir assim. Os factores invocados são:

a) Que precisaríamos duma divisão suplementar na Palestina para deixar entrar os 100 000 Judeus;

b) Que não podemos correr o risco da oposição que a nossa política levantaria entre os Estados árabes;

c) Que, em vista da possibilidade duma terceira guerra mundial, não devemos lançar os Estados árabes nos braços da Rússia.

3) Suposta a importância de cada

um desses factores, devemos salientar o seguinte:

a) Se faltarmos à nossa solene obrigação para com os judeus, seremos obrigados a impor-lhes pela força a nossa decisão. Transigindo com os árabes, não evitamos, por isso, a efusão de sangue. Segundo a opinião de alguns generais britânicos, uma campanha contra os judeus da Palestina seria operação muito mais morosa e dispendiosa do que quaisquer medidas que se tomassem contra a resistência dos árabes à imigração judaica em larga escala;

b) Para obter o apoio da Liga Árabe, teremos de escandalizar a opinião pública, especialmente a dos E. U. A., por nos envolvermos numa guerra anglo-judaica, mais sangrenta do que os tumultos irlandeses de 1920. Nesta guerra, os judeus estariam lutando por direitos que o Partido Trabalhista reconheceu e defendeu até subir ao poder. Teriam a justiça por seu lado. Os nossos homens estariam lutando por impor o que os oradores trabalhistas chamaram o Munique do Médio Oriente;

c) O Livro Branco apareceu em 1939 como um suborno dos Árabes, a fim de evitar que caíssem nos braços da Alemanha. Durante a guerra, e apesar do Livro Branco, os Estados árabes mantiveram-se neutrais até à certeza da nossa vitória. O Mufti, que ainda hoje dirige os Árabes da Palestina, foi a Berlim e ali organizou uma SS muçulmana para Hitler. No Iraque, durante os meses críticos de 1941, quase triunfou um levantamento anti-britânico. Perguntamos, pois, se há qualquer razão que permita supor que o apaziguamento em 1946 dará melhores frutos do que o apaziguamento em 1939.

O preço da amizade árabe

4) Ainda que rejeitemos todos os argumentos morais e legais e consideremos apenas a pura conveniência, somos levados a concluir que o preço que a Liga Árabe pede pela sua amizade (a cessação da imigração judaica e a retirada das tropas britânicas da Palestina) é tal que a Grã-Bretanha não pode permitir-se pagá-lo. Impor aos Judeus uma política que os ministros trabalhistas definiram como «quebra de palavra», «ilegal» e «segundo Munique», a fim de obter a amizade do Mufti, de Ibn Saud e de outros príncipes e políticos árabes, seria, não só desonroso, como absolutamente insensato. Uma vez derrotados os Judeus em benefício dos Árabes estes pediriam a retirada imediata das nossas tropas da Palestina e revoltar-se-iam se isso não lhes fosse concedido. Então perder-se-ia a última base para a defesa do canal de Suez. Mais uma vez os «realistas» provariam ser, não só perversos, mas também insensatos.

A política de imigração

5) O Governo, no entanto, impressionou-se, este último Verão, com os argumentos dos seus conselheiros civis e militares que defendiam o Livro Branco e, na dúvida da resolução a tomar, decidiu nomear para esse efeito uma Comissão Anglo-Americana. Esta Comissão entregou, em 20 de Abril, um relatório unânime a favor da política de imigração, a que o Governo está colectiva e individualmente, obrigado.

Inconvenientes duma intervenção americana

6) É amplamente justificável que a América colabore na execução do relatório. O Governo está na razão ao insistir no seu pedido de auxílio, mesmo à custa de quaisquer delongas. Mas que espécie de auxílio requeremos nós? Há fortes razões que explicam porque é que o Governo não deve pedir tropas americanas e, muito menos uma curadoria anglo-americana na Palestina. Durante a guerra, já foi bastante difícil dirigir, conjuntamente, quartéis gerais e agências civis anglo-americanas. Tentar a experiência no ambiente político da Palestina, agora que a guerra acabou, seria fatal,

tanto para as possibilidades de paz na Palestina como para a cooperação anglo-americana. Além disso, os Árabes desconfiam profundamente dos americanos e julgam que a Administração está sob a influência judaica. Aceitar tropas americanas na Palestina seria de péssimo efeito nas nossas relações com os Árabes. A Rússia também encararia, não sem razão, o controle anglo-americano da Palestina como uma maneira de preparar bases conjuntas para uma futura guerra contra ela. Logo, uma proposta semelhante destruiria toda e qualquer possibilidade de cooperação entre os Três Grandes no Médio Oriente, bem como de amizade anglo-árabe.

Portanto, a afirmação de que não podemos executar o Relatório da Comissão Anglo-Americana sem a assistência militar americana é extremamente hipócrita. Nenhum Governo britânico daria aos americanos o controle da nossa política no Médio Oriente, como, certamente, o sr. Truman pediria, a troco do envio das suas tropas. O único motivo que justificaria, tal concessão, da nossa parte, seria o receio dos russos e a determinação de se formar uma aliança anglo-americana contra eles. Este motivo, porém, foi expressamente excluído da política externa do sr. Beuin.

O que o Governo devia requerer dos americanos era uma firme declaração de apoio à nossa política na Palestina, a auxílio financeiro em larga escala para projectos, tais como o do Conselho Governativo do Vale do Jordão, o fornecimento de pessoal técnico, víveres, equipamento, barcos para transporte e abrigo temporário para os 100.000 judeus.

A única solução eficaz

As recomendações da Comissão Anglo-Americana implicam um longo período de curadoria. Seria à Grã-Bretanha que caberia essa responsabilidade, visto que mais ninguém a reclamaria para si. O Relatório reconhece que a cooperação árabo-judaico só seria possível se a política do poder que administrar a curadoria for genuinamente da O. N. U. e largamente apoiada por todos os seus membros.

Dadas as deploráveis relações actuais entre os Três Grandes, pode defender-se, com certa razão, que uma política da

O. N. U. pouco provável. Por este motivo, as propostas da Comissão podem falhar, devido aos desentendimentos dos Três Grandes. Se isto se der, deve procurar-se imediatamente outra solução que permita à Grã-Bretanha libertar-se das responsabilidades do seu Mandato, sem pôr a minoria judaica à mercê da maioria árabe. Só há uma solução eficiente: a divisão da Palestina em duas partes, um Estado da Judeia, aberto a uma imigração sem restrições, e a transferência da zona montanhosa central, exclusivamente povoada por árabes, para o reino da Transjordânia (1). Uma Jerusalém engravada teria de ser mantida sob fiscalização internacional.

A partilha segundo estas linhas oferece vantagem de dar a independência imediata a 4:000.000 de árabes das montanhas centrais. Passariam a pertencer à Transjordânia, uma vez traçadas as novas fronteiras, e tornaram-se-iam, assim, cidadãos dum Estado árabe, conforme é seu desejo. Na parte restante da Palestina, os árabes ainda ultrapassariam os judeus em alguns milhares de homens. Mas a imigração da Europa estabeleceria, em relativamente pouco tempo, uma paridade, ou mesmo uma pequena maioria judaica.

O futuro político dos dois Estados

Uma vez estabelecido o Estado da Judeia, a Grã-Bretanha ver-se-ia livre da responsabilidade de manter a paz entre judeus e árabes. Finalmente, as duas comunidades, ambas perfeitamente capazes de se governarem a si próprias, assumiriam a responsabilidade, não só de gerir os seus assuntos, como de resolver os seus próprios conflitos. Os judeus do Estado da Judeia seriam levados, unicamente no seu interesse, a um acordo com a Transjordânia e a outros Estados árabes a fim de desenvolver a sua indústria e evitar o desemprego. O interesse próprio, também, levá-los-ia a partilhar o poder político e as vantagens económicas com os seus concidadãos árabes do Estado

da Judeia e a trabalhar juntos por uma federação do Médio Oriente. Ainda que os judeus aumentassem até um milhão, só poderiam prosperar tornando-se amigos dos árabes, dentro ou fora das suas fronteiras. Do mesmo modo, o Governo do Estado da Judeia desejaria negociar um tratado de aliança com a Grã-Bretanha. É quase certo que tal tratado deixaria aos ingleses o porto de Haifa, e os aeroportos e instalações necessários. Com tratados de amizade assinados pela Transjordânia e pela Judeia, a Grã-Bretanha gozaria duma posição muito mais forte do que a actual. Em vez de tentar governar duas comunidades na Palestina, ambas elas detestando o Mandato, teria tratados de amizade com dois Estados independentes: o Estado da Transjordânia e o Estado da Judeia.

As três políticas possíveis

De facto, três políticas, e só três, estão abertas ao Governo Britânico. Pode tentar satisfazer a Liga Árabe, prometendo independência próxima aos Árabes da Palestina e deixando os judeus em permanente minoria. Isto implica uma guerra anglo-judaica. Em segundo lugar, pode aceitar as recomendações, a longo e a curto prazo, da Comissão Anglo-Americana, contando com o auxílio americano para transportar os 100.000 judeus e financiar o desenvolvimento económico do país, mas aceitando a administração da Palestina, por um período indefinido, como uma responsabilidade da Grã-Bretanha. Em terceiro lugar, pode aceitar as recomendações, a curto prazo, da Comissão Anglo-Americana, manter a sua palavra para com os judeus, rejeitando o Livro Branco, e, simultaneamente, trabalhar na elaboração dum projecto de divisão que estabeleça um Estado da Judeia, aberto a uma imigração sem restrições até o máximo da capacidade de absorção do país.

A primeira política é incompatível com razões morais, legais e utilitárias e estas foram expostas com toda a clareza pelos membros do Gabinete. Tanto a segunda como a terceira são compatíveis com a política trabalhista.

Do *Sol* — Lisboa, 15 de Março de 1947.

Visado pela Comissão de Censura

(1) — Lembremos que a Transjordânia resultou já dum desmembramento da Palestina, feito em 1922, e que esse novo Estado, duas vezes maior do que o território que ficou para a colonização judaica, é quase desabitado, apesar de ter capacidade para milhões de pessoas. — *N. da T.*

REMINISCÊNCIAS

JUDAICO-TRANSMONTANAS

A grande vinda de judeus para as terras de Bragança, deu-se quando os reis Fernando e Isabel os expulsaram de Espanha. Atravessando a fronteira, esses foragidos ao fanatismo que imperava em Castela, foram reunir-se em Caçarellos, quatro quilómetros a Leste de Vimioso. Esse acampamento deu origem ao nome de Val das Cabanas porque ainda hoje é conhecido esse local. Aí armaram umas tendas e viveram durante três anos. De Caçarellos ramificaram-se em diversas direcções, vindo estabelecerem-se em diferentes pontos, como Bragança, Rebordele, Chaves, Carção, Vilarinho, Vimioso, Lagoaça, Campo de Víboras, etc., etc..

No distrito de Bragança abundam ainda muitas denominações de origem judaica, como Fatoura, Cházaro, etc.. Em Felgueiras, próximo da Vila de Moncorvo, existe ainda o uso de circuncidar as crianças, em casos especiais.

Nas regiões do Norte daquele distrito, os lavradores, costumam cortar as pontas de certas árvores, cumprindo assim a determinação do Levítico: "Quando entrares na terra, e plantares nela árvores frutíferas, cortar-lhes-eis os seus prepúcios: os primeiros pomos que produzirem, serão imundos para vós, e não comereis deles".

Em Lagoaça e em Vilarinho dos Galegos, vigora ainda o costume, entre os cripto-judeus, de não comerem, na Semana Santa, pão fermentado, mas sim bolos cozidos entre duas telhas. "Comereis pães asmos sete dias: desde o primeiro dia não se achará fermento em vossas casas — Exodo".

Quando morre algum cripto-judeu naquele distrito, a câmara mortuária é iluminada com muitas luzes durante nove dias. A família manda fazer a cama e espalhar farinha em volta da mesa, sobre a qual colocam os alimentos, como se ele estivesse vivo. Em seguida vestem um pobre com a roupa do defunto, que irá ocupar a mesa o seu lugar. Dão esmolas aos pobres e deitam debaixo da cama todo o pão cozido que houver na casa, dizendo:

— Pega leão; deixa a alma deste defunto enquanto passa o rio Jordão.

Alguns fazem uma novena de orações e no final dão um banquete aos parentes e amigos. As mulheres cobrem-se com um lenço branco, que simula o manto ritual, e usam um chaile, que lhes tapa quase completamente a cara.

Algumas orações ouvidas em Lagoaça e Vilarinho dos Galegos (Mogadouro).

«Bendito, ó Santo Sabá,
Sempre bendito e honrado!
Por todas as criaturas
Que são filhas de Sião;
Que vão cantando seus salmos
Em um eterno louvor;
P'ra louvar e engrandecer
O nome Santo do Senhor.»

«Boas noites te dê Deus.
Tu já foste como nós,
E nós seremos como vós.»

Entre os mais notáveis judeus de Bragança, destacam-se o médico Jacob de Castro Sarmento e Isaac Oróbio de Castro.

Segundo documentos antigos, nota-se que a maior parte dos judeus se dedicavam sobretudo à indústria de curtumes, à fabricação de sedas, etc., como ainda hoje sucede.

AMÍLCAR PAULO.

Palavras Proféticas

Buscai o bem, e não o mal, para que vivais; e assim o Senhor, o Deus dos Exércitos, estará convosco; como dizeis.

Amós.

Porque todos os povos andarão cada um no nome do seu deus; mas nós andaremos no nome do Senhor, nosso Deus, eternamente e para sempre.

Miqueas.

Ai deles, porque fugiram de mim; destruição sobre eles, porque se rebelaram contra mim: eu os remi, porém falaram mentiras contra mim.

Oseas.

Quem é sábio para que entenda estas coisas; quem é prudente para que as saiba? porque os caminhos do Senhor são rectos, e os justos andarão neles, mas os transgressores cairão neles.

Oseas.

Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÓRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PÓRTO

Os Judeus na cidade de Barcelos.

**ou o impedimento para que se não consulte o manuscrito
«Título dos Judeus que sebalizarão em pé na Villa de
Barcellos no ano de 1497»**

POR AMILCAR PAULO
(LEVI BEN-HAR)

Numa casa fidalga do Minho existe uma cópia deste desconhecido manuscrito, que é avaramente guardado.

Há alguns anos, diz o Sr. Dr. J. A. Pires de Lima, uma pessoa fez esforços para consultar o dito manuscrito, a que a terminologia local chama *Tiçãõ*. Depois de muitas hesitações, a nobre dama sua possuidora, negou-se a mostrá-lo, afirmando categòricamente que ninguém lhe poria a vista em cima. Isto disse-se e escreveu-se.

A razão que influi nesta persistente recusa, sempre que nova e desditosa tentativa surge, para consultar tão interessante fonte de estudo sobre os judeus de Barcelos, é de muitos sabida, pois corre no público, que a nobre família dos possuidores, receiam, que o manuscrito revele algum enxerto de cristã-novice, desprezando-os os descendentes, pelo grave defeito de serem pertença do Povo de Israel.

É isto bem estranho, nestes tempos em que a legislação portuguesa, reconhece e garante a plena liberdade de consciência a todos os cidadãos; em que existem Israelitas em Portugal, ocupando lugares de destaque, entre as mais elevadas camadas sociais e que bem públicamente manifestam as suas origens.

Mas se o célebre manuscrito for lançado ao fogo, nem por isso o sangue nobre de Israel, deixará de correr nas veias de alguns barcelenses, o que não é desdouro. E para tirar o pretexto, fazer desaparecer o medo de que se saiba, pelo *Tiçãõ*, que houve judeus em Barcelos que deixaram numerosa e hoje conhecida descendência, ornada até com títulos nobiliárquicos, reproduzo aqui algumas passagens do manuscrito 227 da Biblioteca Municipal do Porto, intitulado: *«Traslado de hum Caderno que achei na Casa de João de Sá, e Sotomajor o qual papel serrefere a outro escripto e copiado por letra de Gaspar Borges cujo titulo dizia Livro da Geração dos Judeos deentre Douro e Minho dos da Villa de Barcelos donde antigam.^{te} era sua sinagoga aqual: estava na Rua nova em Huñs cazaes que estão por baixo dos do Cantinho quando himos por Sima a mão esquerda, e toda aquela Rua era dos Judeos Como ainda hoje he; e por haver Sinagoga nesta Rua eser da Casa de Aborim tinha um privilegio que lhe concederão os Reis deste Reino...»*

Este privilégio data do reinado de D. Afonso IV, quando o senhor da casa de Aborim, obrou prodígios na batalha do Salado, ficando aquele fidalgo com o domínio

A questão da Palestina perante a ONU

QUE SERÁ DECIDIDO?

POR SYLVIA

«O que nos pedis é a entrega da chave da porta mais importante do próximo Oriente, o que muito hesito fazer»

BEVIN

A O. N. U convocou para uma reunião especial os 54 países que a constituem.

O assunto a tratar é de extraordinária importância. Trata-se de uma luta entre o direito e a Justiça, e, como diz o «New York Herald», «a rede dos interesses das grandes potências no Mediterrâneo».

Converteu-se uma questão justa e simples, como é a da Palestina, num problema cheio de complicações. A política, de mistura com a estratégia e o petróleo, fez da Palestina um campo de lutas, de tal maneira que a Inglaterra se viu obrigada a recorrer à O. N. U. para solucionar a questão.

Como a Palestina foi prometida aos Judeus para a criação do seu lar nacional

O actual problema da Palestina data desde Outubro de 1914, quando a Turquia,

ao colocar-se ao lado dos alemães, declarou guerra aos aliados. Foi nesse momento que surgiu a questão do destino da Palestina se os ingleses entrassem vitoriosos em Jerusalém. A Inglaterra tinha três alternativas:

1.º Conservar, segundo as leis da guerra, o território conquistado, incorporando-o no Império;

2.º Ceder a Palestina aos árabes que constituíam a maioria da população;

3.º Entregar a Palestina aos Sionistas permitindo-lhes assim a realização dos seus planos.

A primeira solução não foi possível, por

sobre as judiarias de Barcelos, Braga, etc.. A Rua Nova, onde estava situada a judiaria de Barcelos, veio mais tarde a chamar-se Rua dos Lanterneiros, hoje Rua do Infante D. Henrique. A judiaria era fechada por dois portões de ferro, ao toque do sino da oração, na Igreja Matriz de Santa Maria Maior. A sinagoga estava situada no local onde hoje se ergue a Estação Telégrafo-Postal. Num dos arrabaldes da povoação estava o cemitério judaico, cujo local se não pode já identificar.

O dito manuscrito cita, entre outros, os seguintes judeus naturais de Barcelos ou de aí descendentes.

Madame Thomas, cuja filha foi presa e queimada pela Inquisição, com 80 anos de idade, a qual se chamava Leonor Nunes. Uma irmã de nome Guiomar Nunes, casou com Jerónimo Saraiva de Mesão-Frio, tenreiro em Barcelos.

A esta família estava ligado o avô da mulher de Pedro Saraiva, médico em Braga.

Salvador Saraiva, advogado em Barcelos, casado com Catarina Gomes, natural de Vila do Conde e sogra do médico Simão Pereira.

Manuel de Barros, abade de Cambezes, junto a Monção, foi preso pelo Santo Officio por *Erros de Fé*. Inquirida uma testemunha, Alfredo da Silva, de 60 anos, depôs que Manuel de Barros, era filho de uma judia de Barcelos.

No auto-de-fé que se realizou em Lisboa, no ano de 1596, foi queimado o médico Tomás Nunes, que tinha família em Barcelos.

Tomé Nunes, médico, queimado em Lisboa, «disputou, diz o citado manuscrito, com os Inquisidores sobre a *Biblia* ereticamente, e confeçou matar muitos Abades, Frades e Freiras maliciosamente, por serem bons Christaons».

Descreve ainda o mesmo manuscrito o caso da tendeira Leonor Dias conhecida pela alcunha de a «judia de Fam», natural da Vila de Mogadouro, donde fugira, vindo amancebar-se com o abade de Cristelo.

Refere-se o curioso manuscrito, a muitos outros judeus, médicos e advogados, originários de Barcelos. É também numerosa a relação de judeus barcelenses perseguidos pela Inquisição.

os ingleses haverem aderido à política de não-anexação, proclamada por Wilson, então Presidente dos Estados Unidos. Esta política applicava-se também ao caso da Palestina.

A segunda possibilidade foi eliminada pelos próprios ingleses, como se pode ver pela correspondência trocada entre o Xerife Hussein, de Meca, e Mc Mahon, alto comissário do Egipto.

Os ingleses escolheram, por conseguinte, a terceira alternativa, publicando, solenemente, a 2 de Novembro de 1917, a Declaração Balfour, na qual manifestam as suas simpatias pelo Movimento Sionista, comprometendo-se a fazer todo o possível para facilitar ao povo judeu o estabelecimento de um «Lar Nacional» na Palestina. Desta maneira foi reconhecida, implicitamente, a unidade do povo judeu como nação, e não como entidade religiosa.

A Palestina destinava-se, portanto, a ser unicamente o «Lar Nacional» do povo judeu, e estadistas como Lloyd George, então Primeiro Ministro, Churchill e o General Smuts, explicaram que se tratava de estabelecer um Estado judaico. Mr. Bonar Law, Primeiro Ministro de Inglaterra em 1920, definia a Declaração Balfour como «a promessa, feita pelos aliados, de *réstituir* ao povo judeu a Palestina».

Este compromisso britânico foi endossado pelos 52 países que constituíam a Sociedade das Nações. A Palestina, como outros territórios conquistados, haviam sido postos em regime de mandato pela S. D. N., até esses territórios se tornarem capazes de se manterem por si mesmos.

No tocante à Palestina, a S. D. N., pelo art. 2.º, determinou que a potência mandatária teria de facilitar a imigração, para garantir o estabelecimento do «Lar Nacional» judeu.

Os judeus declaram-se de acordo com a decisão, com tanto mais entusiasmo, por quanto o mandato ia ser confiado à Inglaterra, o primeiro país que reconheceria as suas necessidades e a querer corrigir um mal secular infligido a este povo mártir.

O Livro Branco — origem do mal presente

A despeito de todas as dificuldades levantadas no seu caminho, os judeus fize-

ram progredir a Palestina de maneira extraordinária. Os próprios ingleses foram os primeiros a reconhecê-lo. Foram as imposições do Livro Branco, em 1939, que vibraram nos judeus o grande golpe, estimulando que devia ser refreada a imigração até parar completamente, e proibindo aos judeus a aquisição das terras para colonizar, numa área de 82% do território total da Palestina.

Os judeus protestaram contra o que consideraram uma violação dos seus direitos, e a S. D. N., para a qual apelaram, rejeitou, em 1939, o Livro Branco, como incompatível com o mandato, e que foi reprovado também por políticos como Churchill, e especialmente, pelo próprio Partido Trabalhista britânico.

Apesar disso, a política do Livro Branco foi mantida.

Ao declarar-se a segunda guerra mundial, os judeus suspenderam, imediatamente, a luta contra esta política, para se colocarem ao lado dos aliados. O número de soldados judeus, em todos os exércitos aliados atingiu mais de 1 milhão de homens; a própria Palestina, apesar de pequena, forneceu aos ingleses 30.000 voluntários que combateram em todas as frentes.

Terminada a guerra, era de supor que a política de pretensão apaziguamento dos árabes perante a ameaça de conflito desapareceria.

Os judeus esperavam, visto que já podiam manter-se e governar-se por si mesmos, que a S. D. N. reconhecesse a inutilidade do mandato, permitindo a criação do Estado Judeu independente.

Mas não sucedeu assim! Apesar de reprovado por todos os lados, o Livro Branco foi mantido, e, em manifesta oposição às grandes necessidades das massas de deslocados e refugiados, as portas da Palestina continuam fechadas.

Será de surpreender, portanto, que tenha deixado de haver tranquilidade na Terra Santa? Grupos dissidentes, tais como o «Irgun Zvai Leumi» e o «Stern», constituíram-se, entretanto, negando-se a colaborar numa política de conciliação, que — dizem eles — provou ser catastrófica para o seu povo.

Se as portas da Palestina estivessem abertas, durante a guerra, centenas de mi-

lhares de seres humanos, que foram chacinados pelos alemães, teriam escapado ao morticínio!

Em virtude da resistência armada desses grupos e do emprego do que se conhece pela denominação de «métodos terroristas», continua a haver desordens na Palestina.

Entretanto, a opinião pública de toda a parte, especialmente a dos Estados Unidos, tem-se manifestado a favor de uma Palestina judaica, o que levou agora a Inglaterra a dirigir-se à O. N. U.

As principais partes no processo perante a ONU: a Inglaterra e o Povo Judeu

Tempos houve em que se atribuiu o arraial de forças militares na Palestina à necessidade de manter a paz entre judeus e árabes; hoje, porém, fala-se claramente.

Churchill explica, na Câmara dos Comuns, que, para defender o Canal de Suez, a Ilha de Chipre é tão vantajosa como a Palestina, e pede, por conseguinte, que os 100.000 soldados ingleses fixados na Palestina sejam transferidos para a Ilha de Chipre. Mas, em vez da transferência dos soldados, são os refugiados judeus que tentam entrar na Palestina os transferidos para os campos daquela ilha.

Bevin é ainda mais explícito. Numa conversação que teve com um dos dirigentes da Agência Hebraica, Sr. Nahum Goldmann, o Ministro dos Estrangeiros britânico declarou:

«O que nos pedis é a entrega da chave da porta mais importante do Próximo Oriente, o que muito hesito em fazer.»

A Palestina é por conseguinte, como se vê, considerada um importante ponto estratégico para o império britânico.

Por outro lado, os judeus, para os quais a Palestina é hoje, mais do que nunca, uma questão vital, pedem que seja satisfeito o compromisso que os povos do mundo contraíram para com eles. Se o aspecto moral não bastasse, havia agora o fundamento legal, inequívoco, em que os judeus se apoiam.

A O. N. U. terá, portanto, que decidir entre uma questão de direito e de justiça e o desejo de posse emanado de um grande império, por motivos de ordem estratégica.

O problema árabe é um problema artificial

O problema árabe na Palestina foi criado, artificialmente, e contra os próprios interesses do mesmo povo.

No seu prefácio ao livro «A Palestina, outro Munique» (1), o Dr. António Sérgio distingue, lucidamente, «que uma coisa é o interesse do povo árabe, e outra o dos magnates dos Estados árabes, senhores feudais de que o povo é vítima».

São estes senhores, fascistas confessos e colaboradores activos dos nazis durante a guerra, que se arvoraram em «dirigentes» que não foram, directa nem indirectamente, eleitos pelo povo, «dirigentes» que ninguém escolheu, que se impuseram, como verdadeiros déspotas, nos países árabes.

No decurso de uma das audiências convocadas pela Comissão de Inquérito Anglo-Americano, um dos seus componentes, Mr. Crossman, perguntou a um desses «dirigentes» donde lhe provinha o direito de falar em nome dos árabes, e quem o escolheu ou elegera para tanto... O interpelado respondeu, com frieza e sem titubear, que não fora escolhido por ninguém, mas que insistia em falar em nome dos árabes. Para estes «dirigentes» o despotismo é coisa natural.

São estes mesmos senhores que formaram «Comissões Árabes» e criaram a «Liga Árabe». «A principal, se não a única força coersiva da «Liga Árabe é uma xenofobia entranhada e tradicional, dirigida, conforme as circunstâncias, contra franceses, ingleses ou judeus» (2).

Como é que a O. N. U., que se negou a receber no seu grémio como membros, países acusados de terem dirigentes fascistas teria aceite esses Efêndis e Pachás se eles não fossem protegidos por países interessados no petróleo de que tais senhores são detentores?

Em doloroso contraste com os senhores feudais árabes, vemos o povo árabe vegetar, submetido a uma vida desumana, explorado como em parte nenhuma do mundo, por esses «dirigentes».

(1) V.º «A Palestina, outro Munique?».

(2) V.º «A Palestina, outro Munique?», pág. 15.

Não advirá qualquer «melhoria da condição miserável dos árabes, pelo facto de um novo governo ir engrossar o número dos governos árabes já existentes em quantidade. Também não lhes trará qualquer benefício a proclamação de mais um rei, a acrescentar aos outros.

A melhoria de vida do povo árabe só pode conseguir-se com o aumento do seu bem estar e da sua consciência cívica e social.

Ora, graças à imaginação judaica, esse fenómeno já se produziu.

A mortalidade da criança árabe desceu a 30 %.

Em 1920, havia na Palestina 244 escolas árabes; hoje o seu número ascende a 770 e o de alunos quadruplicou.

A população árabe, aliás, aumentou sensivelmente, de cerca de 500.000 indivíduos, depois da primeira guerra mundial, para mais de 1 milhão, também devido à afluência de árabes dos povos vizinhos, atraídos pelo bem estar que disfrutam na Palestina.

Mac Donald então secretário de Estado das Colónias, declarou, em Novembro de 1938, na Câmara dos Comuns: «... se não imigrasse um único judeu para a Palestina, depois de 1918, a população não teria aumentado, como era de regra, sob o domínio turco». E acrescentara: «Deve-se ao facto de os judeus levarem para a Palestina, serviços de saúde e higiene, bem como outros benefícios, muitos homens e muitas crianças árabes estarem hoje vivas; assim as crianças árabes puderam nascer e crescer».

Um agricultor (felá) árabe — 65 % dos árabes emprega-se na agricultura — ganha, na Palestina, 4 vezes o que recebe um camponês árabe no Egipto; um operário árabe, na Palestina, ganha 800 % mais do que um trabalhador no Iraque.

A imigração judaica levou para a Palestina o progresso e a civilização de que disfrutam hoje as massas árabes, as quais, tornando-se conscientes da sua situação, procuram libertar-se do jugo escravizado que os oprime.

Ora, é isto que vai contra os interesses dos grandes senhores feudais árabes; é isto que se encontra na origem do ódio que tais personagens votam aos colonos que levaram para a Palestina a civilização e o progresso.

Que decidirá a ONU?

Para os povos que se não interessam pela Palestina sob o ponto de vista político e estratégico, etc., a questão não mudou. Reconheceram aqueles, em 1922, os direitos históricos do povo judeu à Palestina e a necessidade deste ter um Estado independente.

Mas, hoje, essa necessidade ainda é maior, em virtude de um importante factor: cerca de 700.000 judeus, presentemente fixados na Palestina, transformaram o aspecto do país, desenvolvendo a agricultura e a instrução, fomentando o comércio e a indústria.

Por sua vez a O. N. U., instituição que se baseia na moral e na justiça e quer manter a paz, só pode inspirar-se em princípios e orientar-se por considerações de equidade.

A decisão da O. N. U. só pode vir, portanto, confirmar a atitude assumida pelos povos civilizados, em 1920.

É, sobretudo, a imprensa americana que insiste numa solução pró-hebraica.

Nesta ordem de ideias todos os jornais de Hearst apoiam absolutamente, este ponto de vista. Num artigo de fundo publicado por todos os periódicos da referida associação de imprensa: «Impõe-se que o Presidente Truman dê instruções à nossa delegação na O. N. U., para se tomar a iniciativa, baseada na política tradicional dos Estados Unidos de apoiar as aspirações tradicionais hebraicas».

Por sua vez, o *New York Post* escreve: «Se a presente sessão da O. N. U. terminar sem que se adopte um programa mínimo de justiça para os judeus, em relação à Palestina a Organização das Nações Unidas terá entrado no mesmo caminho da bancarrota moral por que enveredou a S. D. N. a quando do caso da Etiópia».

Nesta sessão, porém, não será ainda tomada qualquer decisão. Primeiramente deve sair eleita uma Comissão de Inquérito, desta vez internacional, cuja missão será averiguar a verdade do caso e apresentar o respectivo relatório na próxima assembleia geral do organismo em referência.

É de supor que, tanto os ingleses, como os judeus e os árabes, não façam parte da Comissão de Inquérito, nem tenham voz activa no caso, durante as sessões das assembleias, visto serem interessados directos na questão da Palestina. — SYLVIA.

Do Sol — Lisboa, 3-5-1947.

PARA ONDE VAMOS...

Amanhã venceremos! O Céu assim o promete, desde tempos Bíblicos nós temos visto os nossos opressores desmembrarem-se e os seus restos serem cobertos pela poeira dos Tempos... Deixo embalar a minha alma angustiada na última ilusão que lhe resta, na ilusão que tu Irmão saberás no momento oportuno preencher a vaga do que caíu, de que tu Amigo saberás continuar a luta e proteger a vida do que resta do nosso Povo.

Nesta hora solene de grande aflição, vou revivendo os tristes, mas saudosos dias em que tu Sionista Amigo lutavas contra a barbarie nazi, defendendo o teu país de nascimento, e eras então na boca dos demais «UM PATRIOTA»...

Mas esse tempo passou... Ainda não é o som cavo das enxadas ou o grito estridente das máquinas que anuncia paz e trabalho... antes pelo contrário... A Paz porque morreram milhões de seres foi vendida, traída e espezinhada...

Escuta agora tu, óh Amigo! que tantos campos conheceste, de Belsen até Varsóvia... que representou para ti o dia V?... apenas uma mudança de uniformes... a mentalidade dos carrascos é a mesma... Não morres na câmara de gás... mas morres de inacção... não morres de tortura física, mas morres de desespero...

Ainda por certo de vez em quando te vêm à memória aqueles discursos de certos «leaders», que vertiam lágrimas de crocodilo pelo nosso Povo... Recordas ainda as promessas formais da nossa independência, dos nossos direitos... Recordas-te tão bem como eu disso tudo... mas agora sabes igualmente que apenas fomos o cartaz de propaganda que serviu para esconder a forma mais odienta de rapacidade e imperialismo existente.

Agora que nada podemos ignorar dos verdadeiros fins da potência mandatária, permite-me que te dê uns conselhos amigos, ditados pelo amor que dedico a Erez de Israel, que como tu, quero que seja a nossa Pátria...

Sabe perceber a tempo, e em tempo desviar as insídias que te esperam; sabe também impávido enfrentá-las com aquela

bravura, com aquela astúcia que nunca faltam aos nossos irmãos de Israel, e, se for preciso, com os pés firmes no chão e a respiração suspensa, possas tu aguentar firme como um rochedo, a vaga dos vândalos senis, que procuram afogar o nosso Ideal de Liberdade.

E... quando tudo: perícia, bravura, astúcia e firmeza de nada servirem e fores obrigado a recuar... Não esqueças de que agora és terrorista... só porque defendes o teu Povo, o teu lar, a tua crença... só porque não te deixas vender como um escravo... Então, que a tua alma se feche e não deixes penetrar em ti a dúvida que envenena as almas. Sê forte... Não deixes atraídoar os teus princípios, e lembra-te de que quando surge uma desesperança o judeu espera...

As tuas pupilas dilatadas, perscrutarão nas profundas trevas do caos, mas teima e acabarás por descobrir o apagado trilho da estrada que conduz à liberdade... No entanto sê cuidadoso, talvez algum perigo esteja à tua espera. Não deixes inexplorado nem um palmo de terreno... Vela por ti, pelos Teus... pela Pátria que há-de ser nossa... pela Humanidade inteira... isto é a tua missão Sionista Amigo...

Que teus ouvidos estejam sempre alerta, ao mais leve sussurro, qualquer que seja a sua natureza, tua inteligência e condição de explicá-lo quando for preciso.

Confiança Amigo! A hora final chegou! Chegou aquele instante vital em que cada um de nós tem de seguir o seu destino e, talvez, para nunca mais nos encontrarmos... Mas a Terra chama por nós, ansiosa por oferecer o Lar em tempos remotos perdido...

Tu iniciarás brevemente a interrompida marcha para Sion, trilhando estradas vindas de todos os pontos do globo... vindo ao longe o alvorecer duma nova vida de paz e prosperidade... para ti... ou talvez só para os teus...

Recomeçarás as tuas façanhas heróicas, de cabeça erguida e pernas firmes, para simbolizar a posse de domínio. Lutarás novamente pelo ideal sagrado da liberdade humana, levarás o facho sagrado que nos confiaram os nossos maiores, aceso pela terra inteira, indicando a estrada da Con-

Galeria Honorífica

A abrir esta nova secção do nosso jornal — *Galeria Honorífica* — na qual um a um ficarão presentes os mais representativos valores da Raça Judaica, ninguém mais indicado, já que o jornal é do Porto, do que o ilustre judeu portuense e nosso director Artur Carlos de Barros Basto (Abraham Israel Ben-Rosh), «Leader» dos Maranés.

Nascido em Amarante, desde novo Ben-Rosh demonstrou inclinação natural para as letras e para o jornalismo.

Começou colaborando no jornal amarantino *A Flor do Tâmega*, no *Intransigente*, n'*A Luz*, na qual zelosa e proficientemente desempenhou os cargos de director e fundador, no *Israel* cuja directriz também assumiu, etc.

Continuando nas lides jornalísticas, colaborou também no Órgão Comunal do Instituto de Cultura Hebraica de Lisboa.

Publicista ilustre. Notável investigador.

Ben-Rosh é autor de numerosos trabalhos de investigação dos quais apenas destacaremos *Yahia-Ben-Yahia* e *Abraham Zacuto*. Autor de *Labareda*, uma obra em que o poder de observação é grande, mas maior ainda o de crítica. Autor de *Os Judeus no Velho Porto*, o seu maior êxito literário, que tão facilmente fez esgotar a edição.

Fundador do sistema filosófico *Oryamita*, cujos princípios se acham condensados no livro de sua autoria intitulado *Shahar*. Autor de *Por Entre Montanhas*, novelas oryamitas.

Fundador dos Adueiros, adaptação portuguesa do *Scouting* do General Baden Powel. Vogal da comissão da História Militar. Antigo professor da extinta Faculdade de Letras do Porto.

.....
Mas Ben-Rosh não é só esse grande homem de espírito nas letras e no jornalismo. Foi também um forte corpo, embora que alquebrado hoje, coordenado a esse espírito são, corpo esse coberto das mais variadas e maiores condecorações, de que pode ser alvo em batalha pela defesa da Pátria, um nobre e honroso militar. Ben-Rosh, capitão Barros Basto é oficial português dos que mais tempo tem, de frente de batalha.



Visto por ABÍLIO SANTOS

E, eis resumidamente a biografia de Ben-Rosh, capitão Barros Basto, da primeira pessoa apresentada na *Galeria Honorífica* na qual, como dissemos, uns após outros continuarão passando os judeus ilustres.

Agosto de 1947.

ABÍLIO SANTOS.

córdia e de Deus, a todos os homens de boa vontade...

...E eu evocarei a lembrança destes tempos insertos, em que corremos riscos sem conta de cabeça erguida e cabelos esvoaçando ao vento da Adversidade e Egoísmo, acompanhando-te, passo a passo, dando-te a mão com que construiremos o Lar tantas vezes prometido, tantas vezes negado... por seres que... de humanos só têm o invólucro carnal...

Recordaremos com saudade os camaradas perdidos na estrada que juntos percorremos... e faremos tudo para que o seu sacrifício não tenha sido em vão...

Seja então a piedade a resposta aos agravos sofridos!... Vamos, dá-me a tua mão e sigamos confiantes em busca da Terra que nos espera...

ISAAC JACOB LOPES MARTINS.

Calendário Israelita

Ano de 5708

(Tem 13 meses lunares)

- 1.ª lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 15 de Setembro de 1947.
- 2.ª lua (Heshvan) — 30 dias
dia 1 — 15 de Outubro de 1947.
- 3.ª lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 14 de Novembro de 1947.
- 4.ª lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 14 de Dezembro de 1947.
- 5.ª (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 12 de Janeiro de 1948.
- 6.ª lua (Adar) — 30 dias
dia 1 — 11 de Fevereiro de 1948.
- 7.ª lua (Veadar) — 29 dias
dia 1 — 12 de Março de 1948.
- 8.ª lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 10 de Abril de 1948.
- 9.ª lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 10 de Maio de 1948.
- 10.ª lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 8 de Junho de 1948.
- 11.ª lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 8 de Julho de 1948.
- 12.ª lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 6 de Agosto de 1948.
- 13.ª lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 5 de Setembro de 1948.

(Este ano tem 385 dias).

Dias festivos no ano de 5708

- Rosh Ashaná* — 1.º dia — 15 de Setembro de 1947.
Rosh Ashaná — 2.º dia — 16 de Setembro de 1947.
Kipur — 24 de Setembro de 1947.
Sucot — 1.º dia — 29 de Setembro de 1947.
Sucot — 2.º dia — 30 de Setembro de 1947.
Koshana Rabá — 5 de Outubro de 1947.
Shemini Aseret — 6 de Outubro de 1947.
Simha Torá — 7 de Outubro de 1947.
Hanuca — 1.º dia — 8 de Dezembro de 1947.
Hanuca — 8.º dia — 15 de Dezembro de 1947.
Purim — 25 de Março de 1948.
Pesah — 1.º dia — 24 de Abril de 1948.
Pesah — 2.º dia — 25 de Abril de 1948.
Pesah — 7.º dia — 30 de Abril de 1948.
Pesah — 8.º dia — 1 de Maio de 1948.
Shabuot — 1.º dia — 13 de Junho de 1948.
Shabuot — 2.º dia — 14 de Junho de 1948.

Jejuns em 5708

- Assassinio de Guedália* — 17 de Setembro de 1947.
Kipur dia de expiação — 24 de Setembro de 1947.
Cerco ao Templo — 23 de Dezembro de 1947.
Jejum de Esther — 24 de Março de 1948.
Tomada do Templo — 25 de Julho de 1948.
Destruição do Templo — 15 de Agosto de 1948.

Visado pela Comissão de Censura

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redação na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODEBNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

THE MAJESTY OF JUDAISM

• The special Committee shall give most careful consideration to the religious interests in Palestine of Islam, Judaism and Christianity. •

FOR PAUL GOODMAN

The terms of reference given to the inquiry Committee on Palestine appointed by the General Assembly of the United Nations contain the above instruction that goes far beyond the other proposed investigations into the political problem of Palestine. The universal interest in the political future of Palestine has thereby been extended to the religious sphere co-extensive with three world Faiths that have a recognised status in the Holy Land.

It is of the utmost importance that the examination of the religious rights and privileges of Judaism in the Holy Land shall not suffer by the specific political and economic problems in which the Jewish position in Palestine is so closely involved. We cannot, of course, overlook the fact that, while in those fields of human endeavour that must necessarily affect the life of every individual Jewish resident in Palestine, those problems must be regulated and protected by the persons directly concerned, our common interest in the Faith that unites Jews all over the world demands that we shall speak on the sacred subject at issue with one voice. For the Majesty of Judaism in the eyes of the non-Jewish world is now in jeopardy.

We, therefore, purposely refrain from all polemical allusions which might raise controversies on political grounds. The intervention of organisations intent to stake

out a claim to be heard cannot be justified in the present case under consideration. At best, any Jewish religious conflict — if there be one that can now conceivably be suggested — is bound to have a deplorable effect on a non-Jewish, alien tribunal. We, therefore, believe that the highest interests of Judaism in the Holy Land — which all its adherents have to bear in mind — will be best served if the Jewish representation be left entirely in the competent hands of the two Chief Rabbis of Palestine.

The Jewish people is very fortunate in having its religious interests in Palestine safeguarded by two spiritual leaders of renown — R. Isaac Herzog and R. Benzion Uziel — whose eminent qualifications as the spokesmen of Judaism in the Holy Land are unchallengeable. In R. Benzion Uziel the Sephardi elements have an enlightened religious leader whose numerous publications on halachic problems in modern Jewish life in Palestine give him an exceptional claim as a jurist to be respected, while Dr. Herzog is, by virtue of his important English publication, a universally recognised authority on Jewish law and life.

These highest Jewish ecclesiastical dignitaries, who, by their official as well as by their personal qualifications, enjoy the unquestioned confidence of the Yishub, are, therefore, most fitted to represent the case of Judaism in the Holy Land before the Inquiry Committee of the United Nations.

ANO NOVO...

NOVO ALENTO!...

POR ISAAC JACOB LOPES MARTINS

...Mais uma volta que finda na roda imutável dos Tempos, mais um sem número de sonhos que se realizaram ou desfizeram... mais uma infinidade de esperanças que surgem ao alvorecer deste novo ano...

É com uma comoção mal refreada que eu vejo despontar este novo ano... Que nos reservará ele? Será agora, finalmente, a realização do nosso milenário sonho?... Teremos ainda que esperar muito tempo mais?

Teremos a dita de ver concretizado em nossos dias aquilo que constituiu o sonho imorredouro de inúmeras gerações do nosso Povo?

Talvez... No entanto, não devemos esquecer que nada é mais prejudicial que um grito de vitória antes do tempo... Calma pois, e trabalhemos com a perseverança habitual, preparando o caminho para os vindouros... Essa é a nossa missão...

Se ainda não nos é possível avistar o fim da Estrada que nos há-de conduzir a Sion, tampouco poderemos descurtirar o começo da mesma... O caminho tem sido tão longo, tão cheio de sofrimentos e deenganos... mas que importa, se cada um de nós sente bater ao mesmo ritmo o coração do camarada de viagem... Ombro contra ombro vamos confiantes no Mundo de Amanhã, pois estamos certos de que esta época de Trevas tem de acabar. Que nos importam as demoras e os percalços da caminhada... Vamos prosseguindo no caminho, pois o tempo para nós Judeus deixou já de ser um tirano... agora é talvez um Companheiro... Nem ele nem nós poderemos parar... Um até ao fim dos Tempos... outro... até que Sion seja a Pátria Ideal...

Por agora só vos poderei falar das dificuldades do Caminho, mas não é importante fazer algumas considerações acerca daquilo que julgo nosso dever realizar em

Erez Israel, logo que lá possamos chegar...

É preciso que cada um de nós saiba continuar e ampliar, sem contudo desvirtuar, a obra começada pelos nossos heróicos pioneiros, é preciso que cada um de nós se transforme por sua vez num pioneiro consciencioso e activo, pois ninguém deve ignorar que teremos de realizar num curto espaço de tempo aquilo que milhares de anos de sanha vandálica e incúria rotineira destruíram...

...Mas não devemos tampouco esquecer aqueles de outras raças e crenças, que por lá vivem... como moluscos incrustados na rocha... temos que estar munidos de um espírito de alta tolerância, sem contudo desviar a nossa rota para pontos de vista ideologicamente opostos... devemos pois continuar conscientes da nossa qualidade de Judeus, e sobretudo da nossa espécie de Homens... A raça, cor, religião ou correntes políticas não podem nem devem ser para nós motivos de más vontades...

O mundo caminha para a perfeição, muito embora essa caminhada seja feita na maior parte das vezes sobre sangue, lamentos e maldições, portanto nós Judeus, que temos tido sempre uma capacidade de compreensão altamente desenvolvida para os problemas que o progresso traz inevitavelmente, devemos, sem alarde, ou vaidade ostensiva, fazer com que a nossa querida Sion se transforme no exemplo vivo dum Mundo verdadeiramente digno de ser vivido e louvado... Deixemos pois, essas ideias totalitárias, esses nacionalismos ortodoxos, e tratemos de construir desde já as bases duma Pátria perfeita e bela... Eis a nossa missão de Judeus e de homens...

Visado pela Comissão de Censura

O RELATÓRIO DA COMISSÃO DA ONU

Segundo o Relatório da Maioria (redigido pelos representantes de Canadá, Checoslováquia, Guatemala, Holanda, Peru, Suécia e Uruguay), a Palestina devia ser constituída num Estado Árabe, num Estado Judaico e na Cidade de Jerusalém. Os estados árabe e judaico deviam tornar-se independentes depois dum período de transição de 2 anos, a partir de 1 de Setembro de 1947.

Os pontos essenciais do plano são :

1.º Fim do Mandato o mais cedo possível.

2.º A independência da Palestina o mais cedo possível.

3.º O período de transição tão curto como possível, para criar as condições essenciais para independência.

4.º Durante o período de transição, a autoridade incumbida da administração da Palestina e preparando a sua independência responderá às Nações Unidas.

5.º Independentemente de qualquer solução, o carácter sagrado de lugares santos deve ser conservado e o acesso aos lugares santos deve ser assegurado de acordo com os direitos existentes. Os direitos actuais das diferentes comunidades religiosas não serão negados ou diminuídos. Deve ser estabelecido um sistema adequado para a solução imparcial de divergências religiosas. Estipulações especiais relativas a estes assuntos devem ser incluídas na constituição de qualquer estado palestiniano que vier a ser constituído.

6.º A Assembleia Geral deve iniciar imediatamente negociações internacionais para tratar do problema dos judeus europeus perseguidos, dos quais 250.000 se encontram em campos de concentração, que é um assunto de extrema urgência, para aliviar a sua situação e o problema da Palestina.

7.º Deve ser condição anterior à concessão da independência que a estrutura política do novo Estado fosse essencialmente democrática, e, é representativa no carácter. A constituição deve salvaguardar os direitos e interesses de minorias.

8.º Outra condição de independência

deve ser a interpelação na constituição dos princípios básicos da Carta da Nações Unidas.

9.º Deve ser aceite como princípio cardinal que a conservação da unidade económica da Palestina é indispensável à vida e ao desenvolvimento do País e do seu povo.

10.º Um Estado cujos súbditos gozaram no passado na Palestina privilégios e imunidades de estrangeiros, incluindo jurisdição consular por capitulações, será convidado pelas Nações Unidas a renunciar qualquer direito que lhe pertence no restabelecimento de tais privilégios e direitos numa Palestina independente.

11.º A Assembleia Geral apelará para os povos da Palestina para empregarem todos os esforços para terminar os actos de violência que tanto tempo flagelaram o País.

A Comissão concordou — contra dois votos dissidentes — numa 12.ª recomendação: Apreciando o problema da Palestina deve ser considerado um facto incontrovertível que qualquer solução para a Palestina não pode ser considerada uma solução do problema judaico em geral.

No período de transição o Reino Unido devia continuar a administrar a Palestina sob os auspícios das Nações Unidas e sob supervisão decidida pelo Reino Unido e pelas Nações Unidas. Se for desejado, a administração deve ser executada com a assistência de um ou mais membros das Nações Unidas. O Reino Unido devia tomar, no período de transição, medidas necessárias para o esquema recomendado e executar as medidas seguintes :

Admitir ne proposto Estado Judaico 150.000 imigrantes, em cotas mensais uniformes, dos quais 30.000 deviam ser admitidas por razões humanitárias. Se o período de transição durar mais de 2 anos, a imigração judaica devia ser permitida, não ultrapassando os imigrantes o número de 60.000 por ano. A Agência Judaica devia ser responsável pela organização da imigração.

As restrições introduzidas sob a «Palestina»

tine Order in Council» de 25 de Maio de 1939 não serão aplicadas a transferências de terras dentro das fronteiras propostas para o Estado Judaico.

Duas Assembleias Constituintes devem ser eleitas pela população nas áreas dos Estados judaico e árabe respectivamente. Judeus e árabes residindo na Cidade de Jerusalém devem ter o direito de voto num Estado árabe ou judaico. Deve ser garantido o direito de livre trânsito para todos os residentes e cidadãos dos dois Estados palestinianos e da cidade de Jerusalém.

A Assembleia Constituinte de cada Estado formará um Governo provisório para fazer uma declaração e assinar um tratado de união económica. Se um Estado sòmente cumprir aquelas condições, a Assembleia Geral das Nações Unidas deve proceder conforme julgar conveniente. No período interino estará em vigor o regime da união económica.

Entre os dois Estados deve ser firmado um tratado contendo certas providências para estabelecer a união económica da Palestina e tratar de outros assuntos de interesse comum, como alfândega, caminhos de ferro, estradas, C. T. T. e os portos de Haiffa e Jaffa. Deve também promover o desenvolvimento económico comum, especialmente relativo à irrigação, reclamação de terras e conservação do solo. Deve ser estabelecida uma Comissão Económica conjunta, consistindo de três representantes de cada um dos dois Estados e três membros estrangeiros nomeados pelas Nações Unidas. A Comissão Económica conjunta deve organizar e administrar os objectos da união económica. O saldo positivo das receitas provenientes da alfândega e de outros serviços comuns deve ser dividido de maneira seguinte: Não menos de 5% e não mais de 10% serão destinados à cidade de Jerusalém e o resto será dividido em partes iguais para os Estados árabe e judaico.

A cidade de Jerusalém deve ser colocada, depois do período de transição, sob um sistema de curadoria internacional ficando a responsabilidade pela administração nas Nações Unidas. A cidade de Jerusalém incluiria a actual municipalidade de Jerusalém e as cidades e aldeias vizinhas, das quais a mais oriental será Abu

Dis, a mais meridional Bethlehem, a mais ocidental Eln Karim e a mais setentrional Shufat. A cidade de Jerusalém deve ser uma cidade desmilitarizada, o Governador deve ser nomeado pelo Conselho de Curadoria e não deve ser um árabe nem um judeu, nem um cidadão palestiniano, nem durante o tempo da nomeação, um residente de Jerusalém. O Governador deve ter poderes para fazer decisões a base dos direitos existentes (status quo), no caso de divergências que possam surgir entre as comunidades diferentes relativas a lugares sagrados, edifícios e lugares religiosos em qualquer parte da Palestina. A protecção dos lugares religiosos na cidade de Jerusalém deve ser confiada a uma força especial da polícia, cujos membros devem ser recrutados fora da Palestina e não devem ser nem judeus nem árabes. A cidade de Jerusalém deve ser incluída na *União Económica Palestiniana*.

O Sector Nordeste do proposto Estado Judaico (Galileia Oriental) teria uma fronteira com o Libano no Norte e no Oeste e com a Síria e a Transjordânia no Leste, e incluiria toda a Bacia de Hulén, o Lago Tiberias e todo o subdistrito de Beisan. De Beisan o Estado Judaico estender-se-ia para o noroeste. A planície costeira no sector judaico estende-se dum ponto no sul de Acre até ao norte de Ashdod no subdistrito de Gaza e inclui as cidades de Haiffa, Tel-Aviv e Jaffa. A área de Beersheba inclui todo o subdistrito de Beersheba incluindo o Negev e a parte oriental do subdistrito de Gaza ao sul do ponto de intersecção. A fronteira do norte desta área, do ponto de intersecção segue para sudeste até um ponto da fronteira do subdistrito de Hebron ao sul de Qubeiba e segue depois a fronteira do sul do subdistrito de Hebron até ao Mar Morto. O proposto Estado Árabe incluiria a Galileia Ocidental, a Samaria e a Judeia com excepção de Jerusalém, e a planície costeira ao sul de Isdud. O proposto Estado Judaico incluiria a Galileia Oriental, o Emek Yizrael, a maior parte da planície costeira e todo o subdistrito de Beersheba. As três secções do Estado Árabe e as três secções do Estado Judaico seriam ligados por dois pontos de intersecção, um no sudeste de Afulah no subdistrito de Nazareth e o outro no noroeste de El-Madjal no subdistrito de

AS ÚLTIMAS CENAS NA ASSEMBLEIA DA UNO

Antes de se proceder à votação, o Sr. Chamoun, delegado do Líbano, propôs um plano para um governo cantonal num estado unitário federal segundo o modelo dos Estados Unidos. Não mencionou a imigração judaica mas falou nas mais vagas generalidades. O seu discurso era claramente uma tentativa para adiar a solução. Em resposta o delegado da Islândia observou que teria sido mais útil se os árabes tivessem feito sugestões conciliatórias antes da partida do presidente da Comissão Ad Hoc, Dr. Evatt. Leu passagens do relatório do Dr. Evatt acerca das suas tentativas infrutíferas para reconciliar judeus e árabes. Nessa altura a sala estava completamente cheia de convidados, jornalistas, fotógrafos, polícia e homens à paisana.

«Os árabes são intransigentes no que se refere a um estado unitário», continuou o delegado da Islândia. «Muitos esforços foram feitos por nós para os reconciliar mas judeus e árabes censuraram-nos. Agora, na última hora, os árabes vêm com outra proposta. Parece que só depois de termos imposto a partilha hão-de procurar verdadeiramente a conciliação e não antes.»

O Sr. Johnson, pelos Estados Unidos, disse: «Declaro respeitosamente que o delegado do Líbano não propôs uma conciliação. A proposta não menciona a Alta Comissão Árabe e por isso não é uma conciliação. Peço a votação imediata».

O Dr. Aranha, Presidente da Assembleia Geral, anunciou que chamaria para a votação depois dos discursos dos delegados da Pérsia e da Síria. O delegado da Pérsia disse: «Estou contente com o espírito árabe de conciliação» e propôs um adiamento de várias semanas para estudar o plano libanês. Faris el Khouri, da Síria, depois de prestar homenagem ao delegado da Pérsia disse que não foram convidados para conciliações. «Só fomos convidados a discutirmos fronteiras e a partilha. Os judeus da América estão numa proporção de um para trinta e no entanto entenderam a sua influência mesmo até às Nações Unidas, intimidando os oradores. A América devia ter cuidado. Mas a sua influência aqui indica que não serão uma minoria num estado palestino unitário onde são um para três».

O delegado russo disse: Podemos resolver em 24 horas um problema de 25 anos? Os árabes não quiseram discutir um estado federal quando a Rússia o propôs na primavera passada. Agora querem voltar para trás. A partilha é o resultado de muitos estudos. Manobras complicam mas não solucionam o problema da Palestina. Pedimos que se vote a partilha que nós apoiamos».

Depois de algumas outras intervenções dos árabes, o Sr. Dr. Aranha declarou: «Votamos agora».

As luzes dos fotógrafos iluminaram a

Gaza. A Galileia ocidental árabe confinaria com o Mediterrâneo e o Líbano de Ras-en-Naqura até Qadas, seguindo dali a fronteira ocidental do subdistrito de Tibérias até ao leste de Mount Tabor e dali para o ponto de intersecção de Afulah. A fronteira do país colinoso de Samaria e de Judea começaria no Rio Jordão no sudeste de Beisan e seguir a fronteira do norte do distrito de Samaria para oeste até ao ponto de intersecção no sudeste de Afulah e dali para o oeste para Lajjun, dali para o sudoeste passando ao oeste de

Tulkarem, a leste de Qilqilia e ao oeste de Madjal Aba, dali para oeste para Rishon le Zion, ficando Lydda e Ramleh no Estado Árabe, e voltando para leste até um ponto no oeste de Latrun. A fronteira seguiria depois o lado norte da estrada Latrun-Madjal até o segundo ponto de intersecção e dali para sudeste até um ponto no subdistrito de Hebron. A fronteira no sul de Qubeiba seguiria dali a fronteira do subdistrito de Hebron até ao Mar Morto. A planície costeira árabe ia até à fronteira egípcia.

sala quando os «sim»s e os «não»s aliviaram a tensão e marcaram o destino judaico. O «sim» francês foi recebido com aplausos da galeria o que provocou a intervenção do Dr. Aranha. A votação procedeu e depois de 2.000 anos foi aprovado pela O. N. U. o estabelecimento dum Estado judaico.

Votaram em favor: Austrália, Bélgica, Bolívia, Brasil, Byelo-Rússia, Canadá, Costa Rica, Checoslováquia, Dinamarca, República Dominicana, Equador, França, Guatemala, Haiti, Islândia, Libéria, Luxemburgo, Holanda, Nova Zelândia, Nicaragua, Noruega, Panamá, Paraguai, Peru, Filipinas, Polónia, Suécia, Ucrânia, União Sul Africana, Uruguai, U. R. S. S., Estados Unidos e Venezuela.

Os países que votaram contra a partilha: Afeganistão, Cuba, Egipto, Grécia, Índia, Irão, Iraque, Líbano, Paquistão, Arábia Saudita, Síria, Turquia e Yemen.

Abstenções: Argentina, Chile, China, Columbia, El Salvador, Etiópia, Honduras, México, Reino Unido e Jugoslávia.

O Sião não estava presente.

A audiência avisada pelo Dr. Aranha não aplaudiu o resultado, e o Dr. Aranha agradeceu pelo comportamento exemplar.

O Dr. Granados, delegado de Guatemala, disse à Imprensa: «Estamos satisfeitos com a vitória legal. Esperamos agora a vitória prática. Estou feliz.»

Um dos delegados árabes disse ao Dr. Elishu Epstein: «Bem, sejam bons vizinhos». O delegado da Pérsia saudou o Dr. Epstein de maneira semelhante. Nos corredores os jornalistas judeus foram abraçados pela Imprensa geral e mesmo correspondentes não judeus cumprimentaram os chefes judaicos com «shalom», todos conscientes da solenidade do fim dum era de 2.000 anos. Os bairros judaicos de Nova York eram «pequeno Tel Aviv» nesse dia. A Imprensa judaica com grandes cabeçalhos: «Yiddische Meluche», o retrato de Herzl, a bandeira judaica, Sheer Hamaalot e Shehechayanu, foi lida mesmo por judeus que normalmente não lêem a imprensa «Yiddish», mas que agora no metro orgulhosamente ostentaram os jornais. Um jornalista árabe, apertou a mão do correspondente de «Palcor» e disse tristemente: «Boa sorte».

JUDEUS PORTUGUESES!...

... Israelitas de todo o mundo! Meditai um pouco no vosso destino. Fixai os olhos naqueles patriotas, que lá ao longe, consagrados ao culto da verdade e liberalidade, se batem, entre as maiores dificuldades e sacrifícios, contra a escravização insuportável, que lhe é ditada por certos povos Imperialistas.

Lembraivos que foi há 50 anos iniciada, por Theodor Herzl, uma nova era para o *Mundo Judaico!* É preciso que o povo Judeu seguindo o caminho delineado por aquele unificador de Israel, e mais tarde alargado e vivificado por Weizman, Nahum Sokolow, Brandeis, e muitos outros chefes iluminados pelo génio e inspirados pela Verdade e liberalidade, consiga num futuro próximo chegar à etape final.

.....
Judeus Portugueses! colaborai e contribuí para a realização do Ideal Sionista.

Inscrevei-vos desde já no «Grupo Sionista», o qual deseja o vosso apoio moral.

Ser *Sionista* é pois, uma necessidade imperiosa para a *Raça*. Hoje mais que nunca Israel precisa de Vós.

Judeus Portugueses! Lembraivos de que, elementos estranhos, para quem a liberdade, não é uma frase banal, mas sim um profundo sentimento, têm-se, mais que uma vez revoltado, contra a escravização de *Israel*.

Como tal não se pode compreender, que sendo vós pertença do *Povo de Israel*, vivais na indiferença.

Eis pois — colaborar é um dever que se Impõe.

E Vós judias portuguesas, ensinai aos vossos filhos a bela e nobre *História de Israel*, segredai-lhes com carinho os grandes feitos dos seus maiores, para melhor poderem também compreender e apoiar, o esforço e acção intensiva dos actuais heróis de *Israel*.

Fazei com que decorem nomes de chefes como Herzl, para que lhes sirvam de estímulo.

E assim esperamos a vossa adesão ao *Grupo Sionista* «Theodor Herzl», para que nesta mesma comunhão de afectos, continuemos o caminho para a *Vida, para o Futuro e para a Vitória*. — AMÍLCAR PAULO.

Como viviam os judeus em Portugal

AS ORIGENS

POR AMILCAR PAULO

(LEVI BEM-HAR)

Acerca da origem dos judeus na Península Ibérica, pouco ou nada poderemos asseverar. Entretanto, na opinião de alguns historiadores de reconhecida autoridade, teriam vindo já no Século XIII antes da era vulgar, referindo-se a própria *Biblia* a viagens de judeus das tribos de Dan e Asher, às quais pertenciam a maioria dos marinheiros do tempo. Estas duas tribos eram vizinhas dos fenícios, que foram exímios na arte de navegar, senhores dos mares e costas do Mediterrâneo. O Livro I dos Reis, Capítulo X relata-nos uma expedição de judeus a Tarsis que alguns historiadores, assim como Schulten e outros, provam ser na Península.

Nada mais natural, que de tempos antigos, os judeus atraídos pela amenidade do clima e fama das suas riquezas naturais, seguissem os passos dos fenícios, vindo-se fixar na Península.

Quando da divisão do Povo de Israel em dois reinos, novamente, judeus fugidos às violências de Reboão, homem de génio perdulário, foram trazidos pelas correntes incertas do mar até à Península.

Poucos anos depois, Nabucodonosar, rei da Babilónia, destruiu Jerusalém e o Templo, levando cativos os habitantes. Alguns deles, segundo opinião de alguns historiadores, foram comprados por Hispano rei de Espanha. Assim voltaram judeus às terras do *último ocidente*, enxugando lágrimas, simulando esquecimento dos restos da opulenta cidade, outrora alvejada de frondosos pomares, que eram como o seu estrado de princesa.

Quando da revolta de Jerusalém, Tito filho de Vespesiano, imperador de Roma, à força de rigorosos combates, toma Jerusalém destruindo-a. Os judeus que não pereceram na luta, foram constrangidos a aportar à Península como escravos. Nos princípios do Século II da era vulgar, a ela voltaram, vendidos pelo Imperador Adriano.

Ao fundar-se a Nacionalidade Portuguesa, encontravam-se já muitos daqueles judeus espalhados pela Península Ibérica e portanto pelos lugares que formavam o novo «Reino». Mas a grande vinda deste povo para as terras de Portugal, deu-se principalmente no ano de 1492, quando os reis católicos de Espanha o expulsaram, sendo acolhidos no nosso país por D. João II.

«Foram bem recebidos por El-Rei — escreve o rabi Imanuel Aboab — e acordaram, que pudessem entrar no reino, seiscentas casas de judeus, com pagar-lhe oito escudos de ouro cada um e que ao cabo de seis anos, lhe mandariam dar navios acomodados, e por moderados preços, para poderem sair de seus reinos para as partes de Africa ou Levante, como mais quisessem.»

Os Judeus em Portugal antes da sua expulsão ou conversão

Manuel Pinheiro Chagas, na sua História de Portugal, livro III, capítulo XLIX, páginas 364, diz: «Desde o tempo dos godos que a raça judaica vivia e prosperava em Espanha no meio de transes continuados, condenados e muitas vezes expulsos pelos reis, e pelos concílios, sujeita a mil vexames, esmagada com impostos e vítima frequentemente das convulsões populares. Mas os seus conhecimentos e os seus recursos financeiros tornavam-na sempre necessária, de forma que lá vinham ao mesmo tempo leis protectoras compensar o efeito das leis de perseguição e de intolerância».

Nesta mesma corrente de ideias claras das suas qualidades, o ilustre historiador Henrique Schaefer, diz: «As suas qualidades, as suas capacidades universalmente reconhecidas cedo os dotaram neste país, como em Espanha, duma certa influência».

Dai os soberanos os escolherem para ministros de finanças e senhores absolutos

Josef Meller

Por notícias de Londres soubemos que o Ex.^{mo} Sr. Josef Meller, esq. O. B. E., com 86 anos de idade, foi súbitamente chamado à presença de Deus Bendito.

O Sr. Meller era desde 1931 vice-presidente do Portuguese Maranos Committee de Londres e muito dedicado à Obra do Resgate.

Em 1935 e 1938 foi duma notável dedicação na ajuda da nossa Obra. E' sempre com tristeza que vemos afastar do nosso convívio as pessoas que nos são queridas, mas a Escritura Sagrada nos ensina:

Deus o deu, Deus o levou, louvado seja Deus.

Que a sua alma seja ligada ao feixe da vida eterna e o seu corpo repouse em paz e glória,

Assim seja.

Eva Paulo

Com 14 anos de idade afastou-se de nós, por chamamento de Deus Bendito, a menina Eva Paulo, irmã do nosso colaborador Amílcar Paulo.

Foi uma filha exemplar em todo o sentido: na dedicação à família, na aplicação ao estudo. Frequentava, com grande aproveitamento o 4.º ano do liceu.

Que a sua alma seja reunida ao feixe da vida eterna e que o corpo repouse em paz e glória.

Casamento na Palestina

Na terça-feira, 17 de Abril de Elul de 5702 (2 de Setembro de 1947), às 17 horas se consorciaram a menina Tsebiah Bendob, natural de Matosinhos (Porto) e o sr. Abraham Hochwald, natural de Trieste, ambos residentes na Palestina. A bênção nupcial realizou-se na residência do Rev.^{mo} Rabbi da vila de Ramat Gan B (Ramat Itzhak), Rabbi Abramovitz, assistindo 150 pessoas.

Depois da cerimónia houve um copo de água seguido de um jantar. Houve discursos dos Rev.^{os} Rabbis presentes.

A noiva é filha do sr. Menasseh Bendob, um dos fundadores e membro honorário da Comunidade Israelita do Porto.

MAZAL TOB — Bésiman tob.



Casamento no Porto

No dia 31 de Agosto de 1947, pelas 14 horas na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, Catedral Israelita do Norte de Portugal, à rua Guerra Junqueiro, 340—Porto se realizou o casamento da menina Eta Prezman com o sr. Ronald Wright, natural de Londres.

O pai da noiva é o sr. Prezman, industrial em S. João da Madeira. Foi celebrante o Rev.^o Rabbi Mendel Disendruck, digno chefe espiritual da Comunidade de Lisboa, que encantou a numerosa assistência com a sua excelente voz de barítono. Tocou órgão o conhecido professor de música Sr. Cipriano Gil. Os noivos e convidados trajaram cerimoniosamente.

Depois da cerimónia houve na residência do Sr. Finkelsztejn um magnífico lanche de casamento, no qual usaram da palavra o Rev.^o Rabbi Disendruck, o Prof. Capitão Barros Basto, e vários amigos dos noivos.

A Sinagoga estava lindamente ornamentada com muitas plantas e flores. Tapeçarias vinham até à rua, tudo disposto com arte.

MAZAL TOB — Bésiman tob.

do erário régio, vendo que lhes cresciam os rendimentos quando eram os judeus que lhes administravam.

D. Diniz também como D. Afonso Henriques, cujos exemplos de tolerância, tantas vezes seguiu, protegera-os, permitindo-lhes andarem sem sinais nem divisas. Desses privilégios dá-nos notícia Fr. Pedro Monteiro, consultor da Inquisição na sua História da Santa Inquisição do Reino de Portugal e suas conquistas, dizendo-nos:

(Continua).

Tudo se ilumina
poru aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

A MISTERIOSA PERSONALIDADE DE BERNARDIM RIBEIRO

(O Trovador do Amor e da Saudade)

POR A. C. DE BARROS BASTO

CAPÍTULO II

Exegese da Menina e Moça

Isaac Ben-Judah Abrabanel, o cristão-novo Bernardim Ribeiro, salu de Portugal em 1521, foi para a Itália, percorreu várias terras e foi encontrar-se com seu pai o médico e filósofo Judah Abrabanel, conhecido literariamente pelo nome de Leon Hebreu, que era o físico-mor da corte de Nápoles. Ali regressa à fé de seus pais e retoma publicamente o nome de Isaac Ben-Judah Abrabanel.

É em Nápoles que Bernardim cheio de nostalgia escreve o seu livro *Saudades*, vulgarmente conhecido por *Menina e Moça*.

Vamos agora estudá-lo procurando decifrar os casos nele contidos, que nos são apresentados sob vários disfarces. No seu capítulo 1.º, ele nos diz:

«Menina e moça, me levaram de casa de meu pai para longes terras. Qual fosse então a causa daquela minha levada, — era eu pequena, — nada soube.»

Refere-se Bernardim ao facto de ter sido enviado com um ano de idade de casa de seu pai, em Castela, para Portugal.

«Vivi ali tanto tempo, quanto foi necessário para não poder viver em outra parte.

Muito contente fui eu naquela terra.»

Viveu tanto tempo em Portugal e muito contente.

«Escolhi para meu contentamento (se em tristezas e saudades há algum) vir viver para este monte...

Estando eu aqui só, tão longe de toda a outra gente, e de mim ainda mais longe; donde não vejo senão serras dum lado, que se não mudam nunca, e do outro águas do mar, que nunca estão quedas...

E foi assim que, por caso estranho, fui levada a um lugar onde me foram ante os meus olhos apresentadas, em coisas alheias, todas as minhas angústias; e o meu sentido de ouvir não ficou sem sua parte da dor.»

O lugar onde se encontra é em Nápoles, onde vive seu pai, e ali ouve os judeus vindos da península ibérica contarem as suas desditas e saudades das terras onde nasceram e onde foram felizes. Também as narrativas das atribulações porque haviam passado os seus parentes não eram menos dignos de tristeza e de dor.

“... quando esta terra, onde me ela aconteceu, me aprouve mais que outra nenhuma...”

fala com saudade de Portugal, terra que lhe aprouve mais que outra nenhuma.

“Agora há já dois anos que estou aqui.”

Tendo saído de Portugal em 1521 é em 1523 que começa a escrever a novela.

“pois não havia de escrever para ninguém, senão para mim só.

Para uma só pessoa podia ele ser; mas desta não soube eu mais parte, depois que as suas desditas e as minhas, o levaram para longes terras estranhas,...

Meu amigo verdadeiro, quem me vos levou tão longe? Vós comigo, e eu convosco, sós, sabíamos suportar nossos grandes desgostos, e tão pequenos para os de depois. A vós, contava eu tudo. Como vós vos fostes, tudo se tornou tristeza;...”

É com saudade que Bernardim se refere ao seu grande amigo e confidente Sá de Miranda, o qual não tem probabilidades já de tornar a ver.

“O livro há-de ser do que vai escrito nele...”

Também, por outra parte, não se me dá nada que o não leia ninguém; que eu não no faço senão para um só, ou para nenhum; pois dele, como disse, não sei novas, tanto há.”

Continua referindo-se a Sá de Miranda do qual não tem notícias.

Diz no capítulo 2.º:

“Neste monte, mais alto de todos (que eu vim buscar pela soledade, diferente dos outros, que nele achei)...

Julgo que Bernardim se refere ao monte Capodimonte, em Nápoles, donde se disfruta um magnífico panorama.

“E como os meus cuidados... me comessem de entrar pela lembrança de algum tempo, que foi, e que nunca fora,

assenhorearam-se assim de mim que não me podia já sofrer a par de minha casa, e desejava ir-me para lugares sós, onde desabafasse em suspirar.”

Bernardim encontra-se ali em companhia da sua verdadeira família, mas a qual só conhece aos 30 anos de idade, embora bem acolhido ele recorda-se de Portugal onde passou a sua meninice, a sua adolescência e parte da sua juventude. Épocas da nossa vida que nos deixam indeléveis recordações quer dos momentos alegres como dos que a tristeza por vezes nos invade. Ali a vida é inteiramente diferente da que tivera em Portugal, nem sequer um único amigo da sua mocidade para com ele recordar tempos idos, tudo ali é diferente, nada lhe recorda o seu passado. Dado o seu temperamento sentimental é na soledade do campo que ele encontra conforto falando espiritualmente consigo mesmo.

“... determinei ir-me para o pé deste monte, que de arvoredos grandes, e verdes ervas, e deleitosas sombras, é cheio; por onde corre um pequeno ribeiro de água de todo o ano, que, nas noites caladas, o rugido dele faz no mais alto deste monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o sono.”

Refere-se Bernardim ao ribeiro Chiaia (hoje em parte canalizado) que passava junto à cidade, é natural que de sua casa ouvisse o ruído das suas águas.

Bernardim descreve duma maneira comovente a morte, ali, dum rouxinol, que lhe havia cantado docemente. É uma alegoria em que o nosso poeta se quer referir a outro poeta, que ali viveu e ali existe o seu túmulo. É Virgílio, autor de eglogas na sua obra *Bucólicas*. Virgílio nasceu perto de Mantua, na aldeia dos Andes, no dia 15 de Outubro do ano 70 antes da era actual. Passou primitivamente alguns anos nas escolas de Cremona. Aos 17 anos dirigiu-se a Milão, onde tomou a toga viril. Foi em Nápoles onde se aperfeiçoou nas letras gregas e na filosofia. Passou a sua vida umas vezes nos Andes, outras em Roma e outras em Nápoles, quase unicamente aplicado às coisas do espírito, não

aspirando nem à fortuna, nem às honrarias. Pouco tempo antes de morrer foi à Grécia e regressando à Itália faleceu no dia 22 de Setembro do ano 19, segundo uns em Brindisi, segundo outros em Tarento. Os seus restos mortais foram transferidos a seu pedido para Nápoles, que tinha sido a sua residência favorita, e enterrados perto da estrada de Nápoles a Puzzoles, onde se mostra um monumento, que se supõe ser o túmulo de Virgílio. Segundo me ensinou o meu professor de latim, o Padre Dr. João Manuel Correia, nesse túmulo foi gravada a seguinte inscrição:

MANTUA ME GEMIT,
CALABRI RAPUERE,
TENET NUNC PARTHEMPE;
CECINI PASCUA, RURA, DUCES.

(Mantua me gerou, os calabrezes roubaram (a vida), agora me possui Parthenope. Cantei as pastagens, os campos, os generais).

(*Continua*).

LISBOA

Em 25 de Janeiro de 1948, perante a assistência de quase todo o Yishuv de Lisboa, foi inaugurada a sede do novo centro Israelita de Portugal.

A sessão solene começou com uma cerimónia religiosa conduzida pelo Rev. do Rab. M. Disendruck. Após o El Mole Rachamim pelas vítimas, o Rev. do Disendruck proferiu uma alocução em que vinculou o paralelismo simbólico entre a festa da plantação e a inauguração da nova sede.

Terminada a alocução do Rev. Disendruck, falaram os Srs. Dr. Sentob Sequerra, Levy, N. Stahl, Ryten, Dr. M. Fradis, Prof. M. B. Amzalak e a Sr.^a Dr.^a Sara Benoliel.

Por fim o Sr. Dr. Sequerra leu um telegrama de saudação do veterano pioneiro sionista Dr. Adolfo Benarus e um outro de felicitação do Presidente da Comunidade do Porto e nosso Director Sr. Prof. Capt. Barros Basto.

Capt. A. C. de BARROS BASTO - Aged 60.

A Tribute on the Tenth Anniversary of the Opening of the Kadoorie Synagogue in Oporto.

Captain Arthur Carlos de Barros Basto, the leader of the Marranos (Anusim) in Portugal and one of the most remarkable figures in contemporary Judaism, has just celebrated his 60th birthday. Born at Amarante, Portugal, on the 18th December 1887, he was the first Marrano in that country within a century and a half to return openly to the Jewish religion, and his effort to bring about a revival of Judaism among the existing Marrano groups in Northern Portugal is one of the romances of Judaism in the twentieth century.

Thanks to his personal endeavours, there was erected, 10 years ago, in 1938, mainly for the neo-Jews in Portugal, the Kadoorie Synagogue in Oporto (bearing the name of the famous philanthropist Sir Elly Kadoorie, of Shanghai)—440 years after the last synagogue in that city (which had subsequently been converted into a church) closed its doors to Jewish worship.

This gallant Jewish soldier, who served in Flanders with distinction during the first World War, has maintained his self-imposed task of rallying his fellow-Marranos to the Jewish faith with unparalleled devotion; and the journal «Ha-lapid» published by him for this purpose, as well as a wide range of Jewish literature in a Portuguese translation, manifest his warm interest in all matters affecting the Jewish people, notably in the development of the Holy Land into the Jewish State in Palestine.

London, 16th January, 5708-1948.

Paul Goodman

Hon. Secretary,

Portuguese Marranos Committee.

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Como viviam os judeus em Portugal

(Continuação do n.º 139)

POR AMILCAR PAULO

(LEVI BEN-HAR)

«No tempo de El-Rei D. Dinis parece que ainda se continuava autorizar os judeus com os officios públicos; porque no artigo XIV dos XLII, que em Roma deram os eclesiásticos contra o dito Rei, que refere Bzovio nos «Anais» no ano de 1289, lhe arguíram, que provia os judeus nestes officios; e sobre este favor lhes permitia, andar sem sinais nem divisas, conforme o Concílio Geral tinha ordenado; e que últimamente não permitia, que os obrigassem a pagar dízimas».

D. Duarte proibiu aos infantes, titulares e prelados, que tomassem ao seu serviço judeu algum. Estas leis foram confirmadas por seu filho D. Afonso V.

«Outro si mandamos, e defendemos aos infantes, Arcebispos e Bispos, Condes e Mestres, Abades e Priores, Comendadores e Cavaleiros, Escudeiros, e quaisquer outros Senhores grandes, e honrados dos nossos reinos, que não tenham, nem tragam em suas casas, nem em suas terras, quintas e lugares por seus vedores, Mordomos, ou Recebedores, ou contadores ou Escrivães nenhum judeu, de qualquer condição que seja; e qualquer que o contrário fizer, se for Infante, ou Arcebispo, ou Conde, ou Mestre, ou Prior do Hospital, ou Prior da Santa Cruz, ou Abade bento, pague mil dobras d'ouro; e os outros de mais pequena condição paguem quinhentas, e todo seja para nós: e o judeu, que aceitar officio de cada uma das ditas pessoas, seja açoitado publicamente, e haja cento açoites compridos — Ordn. Affons., livro, 2 título 85».

D. João I pôs em vigor aos 20 de Fevereiro de 1391, as disposições antigas que os obrigavam a trazer umas divisas por onde fossem reconhecidos. «... o dito Senhor Estabeleceu, e pôs por lei, que todos os judeus de seu Senhorio tragam sinais vermelhos de seis pernas cada um no peito acima da boca do estomago; e que estes

sinais tragam nas roupas, que trouxerem vestidos em cima das outras; e sejam os sinais tão grandes, como o seu selo redondo; e que os tragam bem descobertos de guisa que pareçam: — Ordn. Affons., livro 2, título 86».

Desprezando as reclamações, feitas nas Cortes, voltavam os judeus a abandonarem as divisas. As cortes de Évora, em 1481, formularam novas queixas, aumentando o monarca a severidade dessas leis.

D. João II, depois de um acordo com Don Isaac Aboab, Rabi de Castela, recebe em Portugal, como já dissemos, os foragidos de Espanha. O povo porém, supersticioso e fanático, é que não recebe com bom grado os judeus, attribuindo-lhes a epidemia da peste, resultando daí, os mais abomináveis excessos. Acerca destes feitos elucida Garcia de Resende, com uma barbaridade que revolta o bom senso moral, na sua crónica de El-Rei D. João II.

«E porque a El-Rei foi dito que entre eles havia muitos hereges e maus cristãos, neste ano de quatrocentos e oitenta e sete, por autoridade e licença do Papa, começou a entender neles, e ordenou certos comissários, doutores em canones, e outros mestres em teologia, que pelas comarcas do reino entenderam em vidas, tirando sobre isso verdadeiras inquirições, em que acharam muitos culpados, e se fez neles muitas justiça, que deles, foram queimados, outros em cárceres perpétuos, e outras pendenças segundo suas culpas o mereciam.»

Assim os foragidos ao fanatismo que imperava em Espanha, nem por isso encontraram entre os portugueses, mais carinho, ou pelo menos, acolhimento mais humanitário.

Na maior parte das cidades e vilas do reino, eram obrigados a viverem reunidos em judiarias ou bairros especiais e fora dos quais lhes não consentiam viver.

Nos grandes centros era rigorosamente

proibido aos judeus, o entrarem em casa de mulher cristã, viúva ou solteira, ou até na de casada cujo marido estivesse ausente, sem irem acompanhados de homem cristão. Exceptuavam-se desta regra, aqueles ali chamados por sua profissão, tais como o físico, o alfaiate, etc.. O judeu que não cumprisse esta lei, pagava pela primeira e segunda vez 50.000 libras e pela terceira vez era públicamente açoitado.

Da mesma forma, as mulheres cristãs não podiam entrar nas casas, nem tendas ou lojas dos judeus, sem serem acompanhadas de um cristão.

Constituição dos judeus

O Rabi-mor

Embora houvesse em Portugal rigorosa demarcação estabelecida entre os judeus e cristãos, habitando os primeiros o reino com o carácter de uma pequena nação dominada e oprimida por uma maior onde se encontrava encravada, gozavam de direitos que as faziam iguais das ordens privilegiadas no nosso país. Vários magistrados protegiam e administravam os interesses das comunas judaicas.

As leis portuguesas davam à colónia dos judeus, um corpo social com um centro governativo. A' sua frente achava-se o Rabi-mor que usava um selo igual ao dos corregedores de El-Rei com as armas reais, lendo por legenda, as seguintes palavras: *Seello do Arraby moor de Portugal*. Era este, a suprema magistratura, exercendo o poder sobre o corpo social inteiro.

As suas funções eram das mais importantes. O monarca só as confiava àqueles que lhe tinham prestado grandes serviços.

O Rabi-mor tinha um ouvidor que devia de ser judeu e homem letrado, percorrendo com ele o reino, desembargando segundo direito os feitos da sua alçada. Sobre a sua jurisdição, diz-nos Henrique Schaefer:

"...Era mesmo mais extensa do que a da mor parte dos donatários; porque podia exercer a Correição, direito de que os reis de Portugal se não despojavam fàcilmente, porque era considerado como privilégio mais importante, sob certo ponto de vista, do poder régio."

Todas as cartas, julgamentos, desembargos, sentenças, assinadas pelo Rabi-mor ou seu ouvidor, eram selados com o seu

selo particular. As certidões testemunháveis e outros diplomas relativos aos processos, cujas confirmações pertenciam aos funcionários régios, eram expedidos em seu nome.

O ouvidor e outros funcionários do centro governativo

O ouvidor era o governador de cada uma das sete comarcas, em que se dividia o centro governativo, correspondendo a cada uma das sete províncias que compunham então o reino. Estas comarcas dividiam-se, por sua vez, em comunas que elegiam um senado ou câmara.

Aos ouvidores pertencia tomar conhecimento dos feitos da sua comarca e passar-lhes, todas as cartas autos e mais desembargos necessários. Conhecer todas as apelações que lhes eram submetidas pelos rabis das comunas das suas comarcas respectivas.

O rabi trazia consigo, um chanceler para selar todos os escritos, autos, sentenças e "cartas direitos", isto é, cartas em que ordenava às autoridades suas inferiores que cumprissem a lei; este podia ser judeu ou cristão. Tinha ainda um escrivão, que de igual maneira, podia ser judeu ou cristão e um porteiro, para fazer as penhoras e sentenças judiciárias.

Os rabis das comunas e seus subalternos

Independentemente das comarcas, havia em cada comuna um rabi, que era o senhor da jurisdição, elegido anualmente de entre os membros do senado; mas podendo só entrar em exercicio das suas funções, depois de ser confirmada a sua eleição pelo Rabi-mor e dele receber cartas de investidura, em nome do rei.

(Continua).

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

AMIKAM

(O MEU POVO SE LEVANTA)

Periódico independente de luta pela Liberdade de Israel e de Sion. É um quinzenário publicado em Buenos Aires escrito numa linguagem de ardor juvenil.

O seu endereço é: Amikam, Cassilla de Correo 2908.

SECÇÃO SIONISTA

DUAS PALAVRAS

Por Amficar Paulo

A fundação do Sionismo Moderno, há cinquenta anos, não foi, como muitos dizem, apenas um acto idealista dum iluminado. Não!

O movimento Sionista, fundado por Herzl, estava em marcha havia muitos anos, no ânimo dos corações verdadeiramente livres, que sonhavam uma vida nova numa Pátria própria.

Era um lindo sonho de generosos idealistas — a projecção daquele instinto de liberdade e de independência que foi fortificado por Herzl e que, pelos anos fora tem sido a ânsia do Povo de Israel.

Poucos restam já, dos chamados fundadores do Sionismo Moderno.

Muitos já lá vão.

Recordar, os que assim souberam viver e morrer é o grande dever de todos nós: companheiros mais novos ou discípulos.

A organização do Keren Kaymeth Leisrael

Este fundo está registado em Inglaterra com o nome «Keren Kaymeth Leisrael Ltd». A sua direcção é composta por nove pessoas dos diversos partidos sionistas.

A sede da oficina central é, desde o ano de 1922 em Jerusalém e desde 1936 que se acha estabelecida num edifício próprio.

A oficina central está em contacto com 60 países, na maior parte dos quais, existem oficinas territoriais que velam pelo labor de 5.000 comités locais.

Milhares de colaboradores (maiores e jovens), organizações importantes (incluso «Wizo», «Hadassa»), participam na obra do Keren Kaymeth Leisrael. Sobre o movimento financeiro publicam-se frequentemente boletins de informações. A Oficina Central apresenta informações e balanços, controlados por contabilistas, anualmente Comité de Acção Sionista e cada dois anos ao Congresso, instância superior da Organização Sionista.

O Keren Kaymeth Leisrael, fundo agrário da Organização Sionista, desempenha um papel preponderante na reconstrução de Eretz Israel.

NOSSO DEVER

Judeus e camaradas sionistas do Porto, temos que redobrar o vigor na luta em prol da liberdade da Pátria Hebraica!

A nossa obra não é uma «brincadeira de rapazes», mas sim um esforço sincero e desinteressado em prol da unidade do Povo Hebraico! Estamos dispostos a receber com fraternal alegria e todo aquele que se nos dirigir com propósitos leais e espírito de sacrifício, mas não toleraremos no nosso seio indivíduos que só sirvam para nosso fracasso... No movimento Sionista não temos lugar para «Pavões» ou aves de arribação...

Isto não quer dizer que todo o Judeu seja obrigatoriamente um Sionista, mas o que não estamos dispostos a tolerar é a indiferença chocarreira de alguns... que são tudo menos judeus.

Hoje, não devemos fazer distinção entre SOLDADOS DA LIBERTAÇÃO DE EREZ ISRAEL!...

E' prova de estupidez o fazer discriminações entre os combatentes hebreus, pois é sabido que dessa forma criaremos cisões no nosso seio e ameaçamos a unidade nacional. Aquele que discordar portanto das actividades da RESISTÊNCIA HEBRAICA e se mantiver indiferente à luta travada pelo Sionismo em prol da emancipação de Erez Israel, é traidor... porque está a fazer o jogo do inimigo...

Nós Sionistas do Porto, queremos ser um ramo viçoso da grande árvore representada pelo movimento Sionista Internacional... e não rebento prematuramente apodrecido ou erva daninha do mesmo. E' pois nosso dever lutar e levar os nossos correligionários a identificarem-se totalmente com o nosso movimento... Temos que dar todo o nosso esforço por uma Pátria livre.

Não podemos admitir plataformas idiológicas! UM JUDEU DIGNO DE TAL HONRA É NATURALMENTE UM SIONISTA...

Portanto quem não é por nós é contra nós!... E tudo o que seja dito aberta ou veladamente contra o Sionismo só nos poderá fazer redobrar a vontade imprecável de vencermos... todos os inimigos... internos e externos!

ISAAC LOPES MARTINS.

Hanucah—de 5708 no Porto

Comemoração da Restauração do Estado Judaico

Foi com efusivas manifestações de alegria, num misto de emoções delicadas que a palavra não pode descrever, que se comemorou, em 14 de Dezembro de 1947, por iniciativa do «Grupo Sionista Theodor Herzl» a Restauração do Estado Judaico, na sede da Comunidade Israelita desta cidade.

Às quatro horas da tarde encontravam-se reunidas um razoável número de pessoas, entre as quais algumas de fora que, amavelmente, acederam ao nosso convite. Algum tempo depois começou a execução do programa que abria por uma oração de Minh'ha, que foi oficiada pelo nosso correigionário Sr. Srul Finkelsztein.

Finda esta, todos os convidados se dirigiram para a sala das sessões, onde ia ter lugar uma sessão solene. Aberta esta pelo Sr. Finkelsztein, sobe à tribuna o Sr. Amílcar Paulo, que historiou o Sionismo e exaltou o esforço judaico em prol da Eretz Israel, sendo muito aplaudido.

Dada a palavra, ocupou a tribuna o Sr. Isaac Martins, que apresentou algumas fazes do caso Judaico-Arabe, sendo calorosamente aplaudido ao terminar a sua palestra.

Logo após, honra a tribuna o Sr. Prof. Capt. A. C. de Barros Basto, leader dos Maranos de Portugal, descrevendo a história da Comunidade local, fazendo salientar o amor, a protecção que Deus de Israel sempre tem dispensado à «Obra do Resgate».

Fez ver à assistência, os obstáculos, as dificuldades que Ele, sempre com o auxílio Divino, teve de superar.

Terminando Sua Ex.^a incitou todos os presentes, ao trabalho e ao cumprimento do dever para que assim possamos ser verdadeiros Israelitas. Prolongados aplausos envolveram as derradeiras palavras do orador.

Finalmente, agradecendo e presença de todos, o Sr. Joseph Gabriel, profere as Palavras de Encerramento.

Em seguida desceu-se para a sala de oração, onde se realizou a festa de Hanucah, sendo oficiante o Sr. Joseph Gabriel.

Assim, com agrado geral, comemorou-se a Restauração do Estado Judaico e Hanucah, deixando no espírito de todos indelével e saudosa recordação.

Dos 4 Cantos da Terra

Roma — Pacciardi, Vice-presidente do Conselho de Itália, declarou a H. Nahon, da Direcção da Organização Sionista de Jerusalém, de passagem por Roma:

«A Itália será o primeiro dos países a reconhecer o *Estado Judaico*». Assim, segundo Pacciardi, pretende a Itália restabelecer a sua tradicional amizade para com o povo judeu.

New-York — Durante o decorrer de uma grande reunião pública em New-York, um representante das Organizações Operárias Judaicas dos Estados Unidos, entregou ao delegado do Histadruth um cheque dum milhão de dólares para auxílio financeiro aos operários judeus da Palestina.

— William Green, Presidente da «American Federation of Labour», enviou uma mensagem dizendo: «Nós as operárias americanas, temos o dever de agir imediatamente para defender o povo judeu na Palestina contra as agressões preparadas por aqueles que tentam sabotar a decisão da O. N. U.». O Prof. Shertok, que assistiu à reunião, declarou no seu discurso «O dia virá em que nós vos pediremos, não somente dinheiro, mas também homens».

Guatemala — O Dr. G. Granados, delegado da Guatemala para a O. N. U., condena em termos severos a atitude da Inglaterra na Palestina, depois da decisão da O. N. U..

«A Grã-Bretanha, declarou ele, não aceitou a decisão da O. N. U. nem tão-pouco possui intenção de a respeitar.

O Dr. Granados, conclui afirmando a necessidade urgente da Comunidade Judaica obter armas que lhe permitam defender-se dos seus agressores.

Londres — Faleceu nesta cidade o nosso correigionário Gustav Mayer, antigo professor de história da Universidade de Berlim e autor de uma conhecida biografia de Friedrich Engels. O Professor Mayer, que faleceu em Londres a 24 de Fevereiro, fora demitido pelos nazis do cargo de professor em 1933 e residia na Inglaterra desde o princípio da última guerra.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 185)

II. Código Ms. de Lisboa, de 1410— O Código Ms. Hebraico dos Agiógrafos escrito em Lisboa em 1410 por Samuel filho de R. Jom Tob, que se acha na Biblioteca Pública de Berne (Na Epígrafe deste Código se lê assim, segundo translada Rossi: *Ego Samuel Seribans fil. K. Jom. Tob fil. Alsaig. scripsi hæc Agiographa ad num desideratissimi Juvenis R. Moris; etc. ab sobri illa die VI mensis Tisri an. 5170. Ulyssipone*, Rossi tom. I. *das var. Lic. do Testamento Velho no Catálogo dos Códigos Mss. de Kennicott* p. LXXVIII pág. 398, Bruns viu e conferiu este Código em Berna e era já um fragmento que começava em Daniel no cap. XII 7 e se lhe havia ajuntado tão sòmente *Esdras com Megilloth*, Kennicott na *Dissert. Geral* pág. 482).

III. Código Ms. de Lisboa, de 1469— O Código Ms. do Pentateuco com as Aphtharoth, e V. Meghill com o Livro de Antiocho e a Masora menor em pergaminho e em carácter Espanhol; escrito em Lisboa em 1469 em 4.º por Samuel Medina; (Consta da inscrição, que vem no fim do *Eccles. Ego Samuel de Medina Scripsi hos quinque Libros Leges, etc. Aphtaras etc. V. Megilloth auxiliis Dei, qui sedet in excelsis, in gratiam clarissimi potentis de desiderabilis R. Jacob. Cæa filii gloriosi electissimi senis, optimi cum Deo etc. hominibus R. Jonce Cæn, absolutarque, liber, mense sivan ano 5229 ab O. C. Ulyssipone*); o qual existe hoje em Parma na copiosíssima Bibliotheca de João Bernardo de Rossi (Ele mesmo o atesta no tom. II. *Das várias Lições do Testamento Velho*, que o

conta entre os Códigos Mss. Bíblicos, que se devem acrescentar à sua Bibliotheca pág. 7 n.º 850).

IV. Código Ms. de Lisboa de 1470— O Código Ms. dos Profetas Posteriores em pergaminho e carácter Espanhol escrito em Lisboa em 4.º por Jason filho de José (Consta da inscrição que se lê no fim: *Ego Jason fil. Jozeph fil. Job Scripsi hos Prophetas posteriores, absolvi que illos hæc Ulyssipone in mens. tebeth die XI mensis in grat. R. Isaaci fil. R. Jehudæ Thibeve an. 5230*). Pertence hoje à Bibliotheca de Rossi.

V. Código Ms. de Lisboa de 1473— O Código Ms. do Pentateuco com as Aphtharoth e a Masora em pergaminho e carácter Espanhol escrito em Lisboa em 1473 em 4.º por Samuel de Medina, o mesmo que havia escrito o outro Código do Pentateuco de 1469. (No fim se lê: *Ega Samuel fil. R. Issaci. de Medina Scripsi hos quinque Libro. Legis etc. Aphtaroth auxiliante Deo qui nubes equit, in grat. eximii potentis at que exoptatissimi R. Ghedaliæ fil. Codex mense Isar) an. 5233 à creat m. a filio XXV annorum Ulyssipone*. Deste Código fala Kennicott pág. 414 e Rossi tom. I *das Várias Lições do Testamento Velho* no Catálogo dos Códigos Mss. que se devem acrescentar à sua Bibliotheca). Existe na Real Bibliotheca de Parma. (Assim o atesta Kennicott na sua *Colecção dos Códigos Mss.* e no tom. II na *Descrição e Suplemento* da mesma *Colecção* pág. LXXXVIII n.º 548).

(Continua).

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, .DA
Rua da Fábrica, 80
PORTO

A REDENÇÃO DE ISRAEL

Eu reconduzirei os cativos do meu povo de Israel: eles restaurarão as suas cidades destruídas e ali se estabelecerão, plantarão vinhas e delas beberão o vinho, cultivarão jardins e deles comerão os frutos.

Eu os replantarei no seu solo, e eles não serão mais desraizados deste solo que eu lhes dei, diz Adonai, teu Deus.

Assim profetizou Amos (CAP. IX, v. 14 e 15).

A Proclamação do Estado de Israel

O Estado Judaico de Israel foi proclamado às 16 horas de sexta-feira, 14 de Maio de 1948 (5 de Iyar de 5708), numa sessão solene do Conselho Nacional em Tel Aviv. O sr. David Ben-Gurion, que actualmente é o primeiro Ministro e Ministro da Defesa, leu a declaração da Independência:

«A terra de Israel foi terra natal do povo judaico. Aqui foi formada a sua identidade espiritual, religiosa e nacional; aqui alcançou a independência e criou uma cultura de importância nacional e universal.

Aqui escreveu e deu a *Bíblia* ao mundo. Exilado da Palestina, o povo judaico permaneceu-lhe fiel em todos os países da sua dispersão, nunca deixando de rezar e esperar pelo seu regresso e a restauração da sua liberdade nacional proclamada por esta associação histórica. Os Judeus lutaram durante séculos para regressarem ao país dos seus antepassados e reconquistarem o seu estado.»

Depois de enumerar os acontecimentos que conduziram ao estabelecimento do

Estado, desde o primeiro Congresso Sionista até ao holocausto judaico durante a segunda guerra mundial, a proclamação continua:

«Em 29 de Novembro de 1947, a Assembleia Geral das Nações Unidas adoptou uma resolução para o estabelecimento dum Estado Judaico independente na Palestina e pediu aos habitantes do país que tomem as medidas necessárias para executar o plano. Este reconhecimento pelas Nações Unidas do direito do povo judaico de estabelecer o seu estado independente não pode ser revogado. É, ainda, o direito lógico do povo judaico ser uma nação como todas as outras nações no seu próprio estado soberano. De acordo, nós, os membros do Conselho Nacional, representando o povo judaico na Palestina e o movimento sionista do mundo, reunidos hoje numa assembleia solene, no dia da terminação do Mandato Britânico para a Palestina:

Em virtude do direito nacional e histórico do povo judaico e da resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas proclamamos o estabelecimento do Estado judaico na Palestina a ser chamado Israel. Declaramos

que a partir da terminação do mandato à meia noite desta noite do 14 a 15 de Maio de 1948, e até os organismos devidamente eleitos do Estado tomarem posse de acordo com uma constituição a ser redigida por uma assembleia constituinte até ao dia 1 de Outubro de 1948, o actual conselho nacional deve agir como o conselho de Estado provisório e o seu órgão executivo, a administração nacional deve constituir o governo provisório do Estado de Israel:

O Estado de Israel será aberto à emigração de judeus de todos os países da sua dispersão e promoverá o desenvolvimento do País em benefício de todos os seus habitantes; basear-se-á nos princípios da liberdade, da justiça e da paz ensinados pelos profetas hebraicos; salvaguardará a plena igualdade social e política dos seus cidadãos sem distinção de raça, de crença ou de sexo, e garantirá plena liberdade de consciência, serviços religiosos, educação e cultura. Salvaguardará a santidade e a inviolabilidade dos santuários e Lugares Santos de todas as religiões e dedicar-se-á aos princípios da Carta das Nações Unidas. O Estado de Israel estará pronto para cooperar com os organismos e representantes das Nações Unidas na execução da resolução de 29 de Novembro de 1947, e tomará as medidas para conseguir a união económica de toda a Palestina. Apelamos às Nações Unidas para auxiliar o povo judeu na construção do seu estado e para admitir Israel na família das nações.

Declaração Balfour

2 de Novembro de 1917.

«Caro Lord Rothschild:

«É-me grato fazer-lhe em nome do Governo de Sua Majestade, a seguinte afirmação de simpatia pelas aspirações Judaicas Sionistas, submetida ao Gabinete e por este aprovada.»

«O Governo de Sua Majestade encara, favoravelmente, o estabelecimento na Palestina de um lar nacional para o povo judeu

e empregará todos os seus esforços para facilitar a realização desse fim, ficando claramente entendido que nada será feito que possa causar prejuízo aos direitos civis e religiosos das comunidades não Judaicas existentes na Palestina nem ainda aos direitos e estatuto político de que gozam os Judeus em qualquer outro país.»

«Ficar-lhe-ia agradecido se quisesse levar esta declaração ao conhecimento da Federação Sionista.

Sinceramente seu

a) *Arthur James Balfour*».

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Lisboa — Passou pelo porto de Lisboa o barco de carga brasileiro «**CUYABÁ**», que entre outros emigrantes trouxe em trânsito para Brasil e América do Sul 110 Israelitas, vindos dos campos de Deslocados da Europa. As condições sanitárias, promiscuidade e estado físico eram lamentáveis, mais parecendo um transporte de gado, do que um vapor conduzindo seres humanos, mas graças aos esforços da Delegação Lisboaeta da WIZO, e dos Israelitas de Lisboa, foi possível minorar um pouco a situação dos nossos irmãos de crença, que partiram mais reconfortados e cientes de que a «eternidade de Israel é e continuará inegável».

Porto — Realizou uma interessante palestra na sede provisória do Grupo Sionista «Teodoro Herzl», o Reverendo Rabbi Mendel Diezendruck, de Lisboa, durante uma sessão solene em que falaram igualmente os Haverim Isaac Jacob Lopes Martins e Amílcar Paulo.

O Reverendo Diezendruck inspeccionou detalhadamente a actividade do Grupo, e exortou os seus componentes a lutarem pela causa sagrada de Sion.

New-York — O Dr. Walter Judá e o sr. Morris Caron declararam que, em face dos resultados obtidos nas experiências feitas recentemente no Instituto Weizman, em curto espaço de tempo será possível fornecer água potável para todo o Neguev e promover assim a fertilização deste imenso território.

TRIBUTO DE HOMENAGEM

A

PAUL GOODMAN

No dia 10 de Abril próximo passado completou 73 anos de idade o sr. Paul Goodman, digníssimo Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Porto.

O nosso homenageado é o Secretário honorário da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, Comunidade fundada por judeus e cripto-judeus emigrados de Portugal e Espanha no tempo em que nestes países campeava a feroz Inquisição. Paul Goodman não é somente um pujante escritor como o demonstram os seus trabalhos literários, dentre os quais destaque *The History of the Jews and the Synagogue and the church*, onde à leveza e graciosidade da linguagem alia o rígido critério do historiador e o espírito piedoso de apologetica.

É ele também o Secretário activíssimo do Portuguese Maranos Comité de Londres que tem dirigido os trabalhos da Obra do Resgate em Portugal e tem procurado em todo o mundo judaico elementos para que seja conduzida a bom termo a sagrada missão de redimir os descendentes dos mártires da Inquisição.

Todos os que têm tido a honra de conhecer pessoalmente este nosso ilustre correlecionista, desejam-lhe uma longa e próspera vida, cheia de satisfação e alegria, para seu benefício e da causa judaica, que tanto necessita de tais homens. *Be-siman Tob.*



PAUL GOODMAN

*
* * *

Como tributo de homenagem na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim (Catedral Israelita do Norte de Portugal) no dia 10 de Abril se realizou uma sessão solene, que principiou pela oração de Arboth, sendo oficiante o Moreh Marano Joseph Gabriel. Depois no espaçoso Hall do primeiro andar da Sinagoga, o Presidente da Comunidade e leader dos maranos, sr. Professor Capitão Barros Basto, ladeado pelos maranos srs. Eng.º Samuel Rodrigues e Joseph Gabriel, abriu a ses-

são e usando da palavra enalteceu as brilhantes qualidades de Paul Goodman como estudioso, historiador, publicista e administrador. Nos seus trabalhos literários ele usa estilo agradável e facilidade de dicção.

Em 6 de Março de 1907 na Spanish &

Portuguese Synagogue, Landerdale Road, se realizou o enlace matrimonial de Goodman com a sr.^a D. Romana Manczik, sendo celebrantes o Haham dr. Moses Gaster e os rev.^{os} J. Piperno e S. J. Roco. Enlace feliz que deu a Goodman uma boa esposa, boa mãe e uma excelente companheira de trabalhos. D. Romana Goodman foi uma das fundadoras da simpática organização feminina de assistência Wizo.

A *História dos Judeus* de Goodman foi publicada pela primeira vez em 1911 e teve depois muitas edições.

O seu livro *A Sinagoga e a Igreja* é um trabalho consciencioso de estudo teológico.

Na sua actividade prestou bons serviços na organização Bené-Berit (primeira loja da Inglaterra).

Foi um dos fundadores e activo colaborador da Zionith Federation of Great Britain and Ireland.

Dedicou-se ao estudo das Comunidades Spharditas (Iuso-hispânicas).

Com sua esposa visitou a Terra Santa onde foi recebido e acompanhado por Sua Eminência o Rabbi-mor do rito Sephardy na Palestina, rev.^o Jacob Meir.

Visitou os históricos centros da Diáspora Sephardy (Salónica, Sarajevo, Belgrado, Florença, Leorne, Porto, Lisboa, Gibraltar e Tetuan).

Em Espanha em 1931 foi recebido pelo sr. Presidente da República Alcalá Zamora.

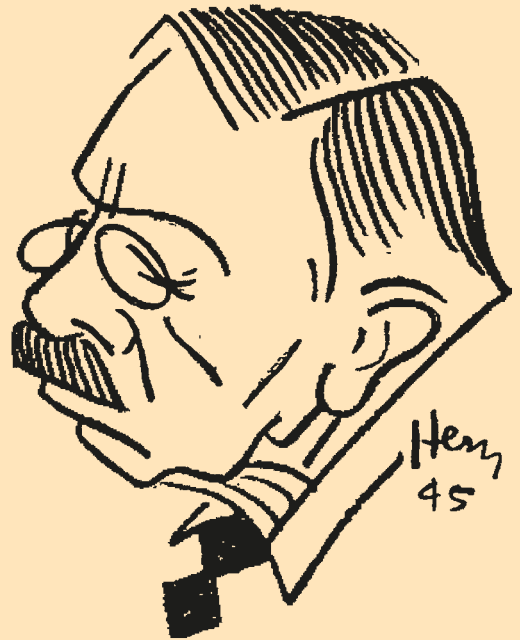
Numerosas são as suas obras literárias: *Think and Thank*, *Bevis Mark in history*, *Chaim Weisman*, etc. .

O orador com emoção recorda os trabalhos de Goodman durante vinte anos na obra do Resgate dos maranos portugueses, a sua viagem a Trás-os-Montes, a sua actividade para obter ajudas para a construção desta Sinagoga.

Quando fez os seus 70 anos a Federa-

ção Sionista da Grã-Bretanha e Irlanda instituiu uma publicação na Universidade Hebraica de Jerusalém intitulada «Paul and Ramana Goodman Publication» sobre a vida comunal e religiosa dos Maranos em Portugal durante os séculos XVI e XVII.

Seu filho mais novo Cyril foi o intelligence Officer da Brigada Judaica nesta segunda Grande Guerra.



Caricatura de PAUL GOODMAN

O orador em homenagem a Paul Goodman pelos serviços prestados na Obra do Resgate proclamou que este hall onde se fazem as sessões solenes se chamará doravante, «The Paul Goodman Hall».

Em seguida foi descerrado o retrato de Paul Goodman pelos maranos srs. eng.^o Samuel Rodrigues e Joseph Gabriel e saudado com uma salva de palmas.

Findou a cerimónia com a entoação do canto Ha-Tikvah.

A MISTERIOSA PERSONALIDADE DE BERNARDIM RIBEIRO

(O Trovador do Amor e da Saudade)

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO N.º 140 — CAP. II)

O encontro com o pai

É próximo do túmulo de Virgílio que se dá o encontro de Bernardim com seu pai Leon Hebreu. Talvez tivesse sido marcado aquele local para que esse encontro não fosse tornado suspeito para certas entidades e porque ali se permitia troca de impressões, que deveriam ser comoventes. É a primeira vez que Bernardim vê o seu pai, notando que ele é alto de aspecto simpático e com um ar de nobreza antiga, e trajava uma comprida vestimenta negra como usavam os físicos da corte.

Mas ouçamos como Bernardim narra esse comovente encontro:

«...ouvi bulir o arvoredo... tomou-me medo; mas olhando para ali, vi que vinha uma mulher; e pondo nela bem os olhos, vi que era de corpo alto, disposição boa, e o rosto de dona, senhora de tempo antigo. Vestida toda de preto, no seu manso andar, e maneios seguros do corpo, do rosto e do olhar, pensativa que não apartava os ramos de si, senão quando lhe impediam o caminho, ou lhe feriam o rosto.»

«Os seus pés trazia por entre as frescas ervas, e parte do vestido estendido por elas. E entre uns vagarosos passos que ela dava, de quando em quando colhia um causado fôlego, como que lhe queria falecer a alma.

«Sendo cerca de mim e me viu, ajustando as mãos, à maneira de medo de mulher, um pouco, como que vira coisa desacostumada, ficou; e eu também assim logo m'ò não consentiu, mas da novidade d'aquilo que ainda ali não vira...

«Mas não estive ela muito tempo assim, porque, parece, conhecendo também que estava com uma boa sombra, começou a dizer, vindo ao meu encontro:

— Maravilha é ver donzela em ermo, depois que a minha grande desventura levou a todo o mundo o meu...

«E daí a grande pedaço, misturado já com lágrimas disse:

... filho!»

«Depois, tirando um lenço, começou a limpar o rosto, e a chegar-se para onde eu estava.

«É ela;... (me disse)... me faz, senhora, desejar saber quem sois, e que fazeis aqui ou que viestes a fazer, formosa e só...

— «A mim podereis dizer tudo.

Bernardim diz-lhe que teve tristezas, e quer fazer perguntas também ao pai.

«... Maiormente da causa que foi das suas quando não pôde, senão muito tarde, dizer: — filho.

Leon Hebreu diz-lhe:

«...Há uma história muito falada nesta terra... que há muito há que aconteceu. Lembra-me que era eu menina e ouvia-a já então contar a meu pai, por história. Agora, ainda folgo de cuidar nela pelos grandes acontecimentos e desventuras que nela houve.»

Refere-se Leon Hebreu à sua saída de Portugal para Castela, ainda jovem, após a morte do duque de Viseu em 1483, para ir para a companhia de seu pai Don Isac Abrabanel, amigo do duque de Bragança e do duque de Viseu, que para salvar a sua vida teve de emigrar.

Dirigindo-se a Bernardim diz-lhe que *os dias são agora grandes* (o que nos dá a entender que este encontro se passou no verão de 1522) e terão tempo de contarem um ao outro as suas mútuas tristezas.

Leon Hebreu diz a Bernardim:

— «Assim há já muitos anos que eu não vivo para mim, e vim para estes ermos, fugindo das gentes para quem só anoiteceu e amanheceu...

«Muito me aprouve achar-vos também conforme à minha tristeza; porque nos consolaremos, ambas desconsaladas...

«Quando vos eu à primeira vista vi, em o apartamento de toda a gente (que

nesta terra há muito) e o muito que também há que eu não via nela coisa com que falasse, e me moveu à alteração, e não pus em vós os olhos, tanto, como depois que vos falei; e, quanto mais vos olho, mais acho que vos olhar. As passadas palavras vossas me dizem que deveis ter o coração altamente agravado.

«Vejo-vos moça; ainda ireis para viver no mundo. Mal haja a desventura que tão cedo começou em vós, e tão tarde acaba em mim.

«Muito folgaria de me contardes vossas tristezas, uma a uma...

«... Tenho aprendido que não há tristeza nos homens. Só as mulheres são tristes;...

«Mas se elas, por isso, têm razão de serem mais tristes, sabê-lo-á quem souber que mágoa é manter verdade desconhecida!»

Pelo motivo apresentado neste livro de *Saudades Bernardim* se apresenta como uma jovem e Leon Hebreu como uma dona de tempos idos ao trocarem palavras de tristeza.

Continua Leon Hebreu:

— «Quando eu era da vossa idade e estava em casa de meu pai, nos longos serões das espaçosas noites do inverno, entre as outras mulheres de casa, umas fiando, e outras dobando, muitas vezes, para engarmos o trabalho, ordenávamos que alguma de nós contasse histórias, que não deixassem parecer o serão longo; e uma mulher de casa, já velha, que vira muito e ouvira muitas coisas, por mais anciã, dizia sempre que a ela pertencia aquele ofício, e, então, contava histórias de cavaleiros andantes.»

Refere-se a seu pai Don Isac Abrabanel, Rabbi, Economista e Comentarista bíblico, que muito privou com a melhor nobreza de Portugal.

Continua Leon Hebreu:

«Neste conto não entram só os dois amigos de que é a história que há pouco vos prometi. Neles, sós, cuido se encerrou a fé que em todos os outros se perdeu; e creio que por isso ordenaram outros homens de os matarem à traição, maldosamente, porque se não pareciam com eles.

«Lembra-me que, quando meu pai contava a vileza da maneira que tiveram os falsos cavaleiros, para matarem os dois

amigos, dizia que muito folgara de a não ouvir para a não saber, pois não viera em tempo para deixar de ir à terra magoado porque já a geração deles não trazia aí.

«Os dois amigos, no que fizeram, cumpriram para com elas, e para consigo mesmos, aquilo a que eram obrigados pelas leis da cavalaria que mantinham;...

«Isto digo eu, para vós, e para mim, porque meu filho também era homem como eles.»

Refere-se à morte dos duques de Bragança e de Viseu.

Diz ainda Leon Hebreu, transportando-se em pensamento à Península Ibérica: — «Em tempo, foram estes vales muito povoados, e agora muito desertos, costumavam gentes andar neles, agora andam animais ferozes. Uns deixam o que outros tomam! Para que eram tantas mudanças em uma só terra?

«Ainda em alguns sítios deste vale estão algumas antigas árvores, que, pelo muito decurso de tempo, e descostume de como foram criadas, parecem já doutra plumagem diferente daquela de que deviam ser quando, ajudadas de pomareiras mãos, elas produziam seu perfeito fruto.»

Referência ao período brilhante do judaísmo hispânico, às perseguições da época e à existência de cristãos-novos, mas na verdade cripto-judeus.

Comovedor devia ter sido este encontro em que pela primeira vez falava Bernardim com seu pai, tendo um 31 anos de idade e outro 57; pois Bernardim nasceu em Toledo em 1491 e seu pai em Lisboa em 1465.

Lamentor e o cavaleiro da ponte

Garcia de Rezende, na sua *Crónica d'El-Rei D. João II*, informa-nos que o príncipe D. Afonso filho deste rei casou com a princesa Isabel, filha dos reis católicos Fernando e Isabel, em Sevilha:

«... e logo o dito Fernão da Silveira que para isso levava suficiente e bastante procuração, em nome do príncipe por palavras de presente como manda a Santa Madre Igreja de Roma; recebeu a dita princesa D. Isabel por sua mulher, por mão do Cardial D. Pero Gonçalves de Mendonça, perante El-Rei e a Rainha e Infantas e suas irmãs; e muitos grandes senhores com muito grande solenidade...»

Informa mais o cronista:

«Depois d'El-Rei (D. João II) saber o dia que a princesa havia de ser entregue em Portugal, ordenou que em seu recebimento e entrega que no extremo dos reinos se havia de fazer, fosse em nome do príncipe o duque D. Manuel, primo co-irmão d'El-Rei, e irmão da Rainha, filho do Infante D. Fernando, e primo co-irmão da Rainha D. Isabel de Castela, que levava poder especial do príncipe.»

D. Manuel, duque de Beja, acompanhado de outros senhores foi à fronteira entre Elvas e Badajoz receber a princesa.

D. João II e o príncipe D. Afonso foram a Estremoz, onde foi ratificado o casamento. De Estremoz foram para Évora, onde houve grandes festas. De Évora, vieram para Santarém, onde houve também festas.

Diz-nos o cronista:

«E dia de S. João houve singulares e ricas canas reais, em que jogou El-Rei e o príncipe e todos os senhores que na corte estavam, e muitos fidalgos, que passavam de duzentos cavalos com riquíssimos arreios e atavios...»

«Consertou logo El-Rei e repartiu a gente e suas bandeiras, e alferes, El-Rei e o príncipe duma parte, e da outra o duque (D. Manuel) e muitos senhores e principais fidalgos repartidos, e começaram logo de jogar, as quais canas foram em extremo ricas e bem jogadas, e caindo nelas muitos homens grandes quedas, e entre tantos não houve nenhum desastre nem perigo algum.»

Em Julho quando o príncipe andava a correr a cavalo ao páreo com D. João de Menezes, caiu do cavalo ficando como morto, sem fala e sem sentidos. A mãe e esposa logo que souberam a triste nova saíram como desatinadas para o local onde jazia o príncipe.

Diz ainda o cronista:

«Morreu em idade de 16 anos e vinte dias parecendo no corpo, na barba, no saber, siso, e sossego homem de 25 anos. Foi casado sete meses e vinte e dois dias.»

No capítulo 5.º e 6.º da menina e moça Bernardim apresenta Lamentor (anagrama de Manuel Tr (êdo)), que traz para Portugal D. Isabel, tem uma justa com o cavaleiro da ponte (personificação do príncipe D. Afonso), o qual dias depois morre em

consequência duma queda do cavalo, e D. Manuel logo que soube do desastre veio vê-lo ainda moribundo. O cavaleiro da ponte morre oito dias antes de se poder casar e o príncipe D. Afonso morre 7 meses e 22 dias depois do seu casamento, isto é, cerca de oito meses.

Mortes por parto

D. Manuel casou em primeiras núpcias com D. Isabel, a viúva do príncipe D. Afonso, em Outubro de 1497. D. Isabel morreu de parto de seu filho D. Miguel da Paz em Agosto de 1498. Este príncipe D. Miguel morreu em Castela a 19 de Julho de 1500.

As irmãs de D. Isabel foram:

D. Joana, que casou com Filipe d'Austria.
D. Maria, que foi a segunda mulher de D. Manuel.

D. Catarina, que casou com Henrique VIII de Inglaterra.

Damião de Góis, na sua crónica de D. Manuel, diz:

— «A Rainha D. Isabel, filha dos reis católicos Fernando e Isabel, casou com Manuel em Outubro de 1497. Vieram para Évora, onde se demoraram em lua de mel, todo o mês de Novembro e parte de Dezembro. Como a nova rainha já manifestava sinais de gravidez, partiram os noivos para Lisboa, visitando de caminho a rainha viúva D. Leonor, irmã de El-Rei, que se achava no Lavradio do Ribatejo. Daí embarcaram nas galeotas, e deslizando de frente de toda a cidade, foram surgir no cais do paço de Santos-o-Velho.»

... foram aposentar-se difinitivamente no paço da Alcaçova.»

D. Manuel casou em segundas núpcias com sua cunhada D. Maria a 30 de Outubro de 1500 em Alcácer do Sal. Deste segundo matrimónio nasceram dez filhos entre os quais D. Beatriz, a futura duquesa de Saboia, no paço de Alcaçova de Lisboa a 31 de Dezembro de 1504.

Damião Góis, na crónica de D. Manuel, diz-nos:

«Neste ano de 1516 aos 9 dias do mês de Setembro pariu a rainha D. Maria em Lisboa nos paços da Ribeira um filho a que puzeram o nome de D. António, que logo faleceu, do qual parto lhe ficou uma má disposição de que faleceu como se adiante se dirá.»

A rainha D. Maria ficou tão mal tratada do parto do infante D. António, que nunca mais esteve bem « com que lhe acrescentavam de dia a dia gravíssimas dores faleceu em Lisboa nos paços da Ribeira aos 7 de Março do ano do Senhor, 1517. »

D. Maria foi sepultada no Mosteiro Degobregas da Madre de Deus, donde seu filho D. João III mandou depois trasladar seus ossos para o Mosteiro de Belém, que El-Rei D. Manuel fez de novo para seu jazigo e de todos os seus filhos.

Narbindel e Aonia

Nos capítulos 8.º, 9.º, 10.º e 11.º da *Menina e Moça*, Bernardim conta a morte e enterro da rainha D. Maria, a quem chama Belisa (anagrama de Isabel) sua irmã, primeira mulher de D. Manuel, que morreu de parto.

No capítulo 9.º diz que Narbindel (anagrama de I. d'Abrabanel) vai aos Paços da Ribeira dar os pesames e encontra pela primeira vez D. Beatriz, designada na novela por Aonia (anagrama de Joana), que é o nome da sua namorada alentejana (Joana Tavares).

Bernardim entra na câmara ardente. « E entrando, e vendo a senhora Aonia, que em grande extremo era formosa, soltos os seus longos cabelos que toda a cobriam, e parte deles molhados em lágrimas, que o seu rosto por alguma parte descobriam, foi logo trespassado do amor dela, sem haver quem, por parte doutrem, fizesse defesa; e como o amor viesse juntamente com a piedade, parecia que vinha ela só; mas, quando se descobriu, eram já conhecidas tantas razões por parte da senhora Aonia, que não tão somente lhe esqueceu a outra (Joana Tavares), mas não lhe lembrou mais senão para lhe pesar do tempo que gastara em seu serviço. »

« Desta maneira, foi ele preso do amor da senhora Aonia; e, depois, veio a morrer por ela. »

« Este foi um dos dois amigos de que é a nossa história. »

(Os dois amigos são Bernardim e Sá de Miranda).

(Continua).

CASAMENTOS NO PORTO

No dia 14 de Março de 1948, pelas 13 horas na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, à rua Guerra Junqueiro, 340 — Porto se realizou o casamento da menina Maria Teresa Ferreira Coelho, natural do Porto, de origem marana, com o sr. Félix Henriques Garca, natural de Bordeus (França).

Foram padrinhos os pais do noivo. Foi celebrante o Moreh marano sr. Joseph Pereira Gabriel.

*

No dia 17 de Março na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim, pelas 14 horas se realizou o enlace nupcial da menina Renia Finkelsztejn, de 22 anos, natural de Varsóvia, gentil filhinha do conhecido negociante e industrial do Porto, sr. Srul Finkelsztejn com o sr. Paltiel Cyerman, de 25 anos, natural da Polónia, industrial de Lisboa.

Foi celebrante o Rev.º Rabbi Mendel Diezendruck, digno chefe espiritual da Comunidade de Lisboa, que encantou a numerosa assistência com a sua excelente voz de barítono. Tocou órgão o conhecido professor de música sr. Cipriano Gil. Os noivos e convidados trajavam cerimoniosamente.

A Sinagoga estava repleta. Vieram de Lisboa expressamente para assistirem a este acto várias notabilidades judaicas, entre as quais os srs. dr. Elias Baruel, vice-presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e presidente da secção de Assistência aos Refugiados, Abraham Abner Levy, Parnas (Provedor) da Sinagoga Shaaré Tikvah (Portas da Esperança) e dr. Semtob Sequerra, presidente da Associação da Juventude Israelita He-H'aber (o companheiro).

Foram padrinhos: por parte da noiva seus pais e por parte do noivo o sr. Chaskiel Sznayder e sua esposa D. Genia.

O Rev.º Diezendruck fez um darush (sermão) alusivo ao acto.

A Sinagoga estava lindamente ornamentada com muitas plantas e flores. Tapeçarias vinham até à rua, tudo disposto com arte.

Depois da cerimónia houve na residência do sr. Finkelsztejn um magnífico lanche de casamento, no qual usaram da palavra o Rev.º Rabbi Diezendruck, o Professor Capitão Barros Basto e vários amigos dos noivos. Houve depois um esmerado jantar com comida estritamente Kasher (ortodoxa).

*

Aos noivos deseja Ha-Lapid:

Mazal Tob — Besiman Tob
(Boa Estrela — Bom Signo)

Visado pela Comissão de Censura

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, DA
Rua da Fábrica, 80
PORTO

A INDEPENDÊNCIA DE ISRAEL

(O PODER DA FÉ)

por DAVID J. ISRAEL (DISRAEL)

DEUS.

Sejam as minhas palavras à vós, hoje mais do que nunca, justamente neste dia em que marca o maior acontecimento na História do Povo de Israel.

Hora santa e singular, de graças e de ventura, pela própria grandeza que ela inspira e que é o ressurgimento de uma velha-nova pátria, que renasce das próprias cinzas como a Phoenix, e cuja epopeia viveu milenariamente no pensamento de seus filhos, dispersos pelos quadrantes do universo, crenças porém, de que jamais estrangularia a ideia da liberdade, confiantes de que no desespero ou na morte, um dia ver surgir aos olhos do mundo a sua máxima aspiração, porque, ISRAEL, confiou sempre em vós SENHOR e que também vós fostes a sua grande esperança única e eterna.

E, este dia raiou hoje, com todo o esplendor de uma aurora de luz, rutilante como as chamas gloriosas dos que tombaram na sua santa causa, causa de sacrifícios e sangue de mártires que resignadamente sofreram os mais ignominiosos tormentos, infligidos pelos demagogos e inimigos de DEUS, e dos que lutaram e ainda lutam destemida e valorosamente com denodo e coragem, nas trincheiras, como os espartanos da antiga Grécia, rasgando com sentimento e dor as entranhas do solo de uma terra sagrada, onde surgem as legiões, guerreiras dos filhos das tribos de Jacob,

levando o valor combativo no espírito e na própria alma, e no coração e flama da FÉ, inabalável, de vencer ou morrer.

Nem um só momento, o guerreiro israelita que combate em defesa da Terra Santa, duvidou da sua vitória.

E, esta vitória alcançada sob a bandeira da Justiça, demoveu as montanhas de obstáculos interpostos por aqueles que não só desrespeitaram o direito das gentes, como profanaram as próprias leis da humanidade.

Passados são vinte séculos.

Homens de boa vontade e de espírito, fortalecidos pela Justiça dos povos, e que representaram as principais democracias do mundo: num exemplo de amor aos seus semelhantes escudados nas virtudes da religião, decidiram e proclamaram a 29 de Novembro de 1947, a criação do Estado Judeu na Palestina, como solução racional para a perfeita harmonia e paz entre nações do Oriente.

O inimigo da fraternidade humana não se conformou e declarou a GUERRA SANTA, enegrecendo e tingindo de sangue o primeiro capítulo dos estatutos das Nações Unidas.

DEUS, porém, jamais abandonou aos que se fortalecem na sua santa FÉ.

Agora estamos assistindo através das ondas do ar, ao desenrolar dos aconteci-

mentos, o povo de ISRAEL, está fazendo valer a decisão da ONU, com o preço de seu sangue generoso e quente nas areias do torrão sagrado.

Justamente hoje, à hora ZERO, a potência mandatária deixou a Palestina, um minuto após o governo constituído em TEL AVIV, proclamou o novo Estado de Israel, em ERETZ ISRAEL.

Assim pois, o dia de hoje 15 de Maio de 1948, marcou a proclamação e o brado da Independência, repercutia na terra dos profetas, quebrando as correntes dos pulsos e alçando os braços livres, como homens de qualquer nacionalidade.

O movimento de regozijo que se espalha por todos os quatro pontos da terra, onde se encontre uma comunidade ou mesmo um só hebreu, é motivo de delirante alegria, enchendo os corações de entusiasmo, vendo a pátria dos seus maiores, livre e independente, embriagados pela satisfação do notável acontecimento.

Jamais houve um brado como este, na história do povo de ISRAEL, grito de redenção de sua raça, grito da restauração de sua Pátria, de espírito e coração.

Parece mesmo, estar ouvindo dos céus a voz dos profetas e dos patriarcas dizendo-lhes: OUVI ISRAEL. TUA NAÇÃO RESSURGE, para honra e glória como os demais povos do Universo.

Ergue o teu espírito na luminosidade santa dos teus sábios; escuta as profecias dos teus profetas; glorifica teus santos e teus mártires; contempla a grandeza e o esplendor do dia da tua emancipação política e social; fita os olhos no azul puríssimo do céu, exalta a grandiosa obra da majestade divina, canta teus psalms ao supremo Criador da natureza, a DEUS, aquele que criou os mares, as nuvens, a Lua, as estrelas e o Sol, agradece ao Omnipotente, ao Rei dos Reis, a ventura, a tua máxima ventura, a realização do teu ideal supremo, a concretização do imortal THEODOR HERZL, fundador e criador do Sionismo, alma e nervo da organização Sionista mundial, que deu vida aos exércitos da libertação do solo pátrio, e destemido HAGANAH que vem mostrando ao mundo o seu patriotismo já assinalado pelo valor e disciplina.

Não temas o trapo verde da guerra santa dos inimigos; esta jamais dominará a Terra Santa.

Conduz o glorioso pavilhão com a Estrela de David, ostenta à frente de tuas divisões a bandeira ALVI-AZUL que hoje flutuará na pátria livre, e leva no peito o ardor da Fé ao campo de batalha, ostentando o mesmo estandarte que tremulou nas legiões judaicas combatendo ao lado das bandeiras das nações unidas, contra os inimigos de Deus, nas areias de África levando juntamente de vencida com os exércitos do Bem, a derrota às hostes sanguinárias das forças do MAL, até a derrota final.

Assim, a humanidade no dia de hoje, saldou a dívida sagrada, reconheceu que também te assiste o direito livre de viver como qualquer nação livre e democrática, conjugando tuas forças pelo progresso e pelo bem da humanidade, no poder da do sonho imaginado, no cérebro Fé e no poder de DEUS.

De O Jornal — Manaus — Amazonas — Brasil, 15 de Maio de 1948. (Matutino de maior circulação em todo o Estado do Amazonas).

Novas publicações

Camino a Eretz Israel — Tradução Argentina do opúsculo intitulado no original inglês *Ancient Aliyoth* e editado pela *Confederacion Juvenil Argentina*. O nosso erudito amigo Doutor Cecil Roth reuniu num belo opúsculo vários estudos históricos das antigas aliyoth (peregrinações e imigrações à Terra Santa).

Este belo estudo fala-nos do esforço heróico dos primeiros pioneiros de Eretz Israel, onde o seu autor demonstra também a colaboração dos judeus peninsulares na formação das grandes epopeias de peregrinação e imigração para a Terra Santa.

Entre outros destacamos o capítulo intitulado *O Príncipe de Naxos* em que o autor recorda a clamorosa tragédia José Nasci, esse príncipe da tribo de Judá, cuja vida novelesca bem parece uma página da exótica narração « As Mil e Uma Noites ».

Visado pela Comissão de Censura

THEODOR HERZL

Recordação do aniversário do falecimento do Dr. Theodor Herzl, fundador do Sionismo político o qual declarou a insuficiência do antigo ideal judaico — conseguir a igualdade política e social pela assimilação com os seus concidadãos.

Theodor Herzl, a figura máxima da nacionalidade judaica, a personificação absoluta da vontade de vencer a inacção criada pelo desânimo, pela cobardia e pela indiferença do Povo de Israel, faleceu em Julho de 1904.

Herzl criando o Sionismo, lutando por ele tenazmente, declarou a insuficiência do antigo ideal para a conservação da individualidade judaica e apontou a necessidade do renascimento do povo judeu como um corpo absolutamente autónomo no seu berço histórico, como objecto e ideal digno dum esforço e duma execução.

Quando o processo do capitão judeu Alfredo Dreyfus, que foi acusado de haver enviado cópias de documentos secretos do Ministério da Guerra, a uma potência estrangeira, Herzl como muitos outros, ficou convencido da culpabilidade de Dreyfus, mas contudo não podia compreender a brutalidade dos procedimentos para com tal «criminoso». Quando se soube que Dreyfus ia ser deportado para a Ilha do Diabo, parecia em toda a França um dia de festa nacional. «¿Por que está essa gente tão contente? ¿Como pode haver tão intensa alegria pelo sofrimento dum ser humano? Decerto que é um traidor, mas um traidor é, não obstante, um ser humano». Um colega da «Neue Freie Presse» que se encontrava nessa ocasião com Herzl e a quem este havia dirigido estas perguntas, respondeu: «Nós os franceses não o consideramos como tal, em virtude da sua qualidade de judeu».

Foi nesse momento crucial que nasceu o Sionismo de Herzl. Antes deste acontecimento o seu grande e contínuo interesse por coisas mundanas o haviam apartado dos assuntos judaicos. O processo de Dreyfus e a campanha antisemita, causaram profunda impressão na sua natureza

sensível e despertaram espontaneamente a sua adormecida consciência judaica.

O seu livro, «O Estado Judaico» foi como uma trombeta mágica que teve o condão de penetrar no mais íntimo dos corações hebraicos. Um ano depois de dar à estampa o seu livro «O Estado Judaico», convoca o primeiro Congresso Mundial Sionista, para o qual foi formulado o programa seguinte:

- 1) A posição dos judeus em todos os países;
- 2) Informes sobre a colonização;
- 3) Distribuição de fundos;
- 4) Emigração;
- 5) Agitação e fundos.

Nesse primeiro Congresso que se realizou em Bale, a 28 de Agosto de 1897, foi aprovado a criação dum Lar Nacional Judaico na Palestina. Esta conferência judaica, a primeira realizada depois da dispersão do povo judeu, produziu profundas repercussões por todo o mundo. A Inglaterra ofereceu então, a Uganda ao povo judeu com direitos especiais para lá criarem o seu «lar». Este projecto da Uganda foi, todavia rejeitado pelo Congresso Sionista de 1905.

E assim, Theodor Herzl, o unificador dos judeus traçou há mais de cinquenta anos a nossa linha de conduta, criando o Sionismo.

Se todos nos unirmos em volta da ideia mestra, do Sionismo, teremos finalmente a Vitória em nossas mãos.

Une os teus esforços, e se quizeres, isso não será uma lenda...

AMÍLCAR PAULO.

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Lake Successe — Prevê-se que o Estado de Israel apresentará a sua candidatura para a admissão na Organização das Nações Unidas.

Cairo — A Liga Árabe, rejeitou o convite do Estado de Israel de Negociações de paz na Palestina.

Nuno Carlos Azancot de Barros Basto

No dia 26 de Agosto, com 26 anos de idade, afastou-se de nós, por chamamento de Deus Bendito, este filho querido do Sr. Prof. Capitão Arthur Carlos de Barros Basto e da Ex.^{ma} Sr.^a D. Lea Azancot de Barros Basto.

Havia nascido a 9 de Fevereiro de 1922 na residência de seu avô materno o Sr. Jacob Levy Azancot, em Lisboa. Foi circuncidado a 16 de Fevereiro, recebendo o nome de Nun. Foi mohel (circuncisador) o Rev.^o Samuel Mucznik e hazan (oficiante) o Rev.^o Abraham Castel.

A sua Bar-Mitsvah teve lugar na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, do Porto, no dia 19 de Janeiro de 1935, sendo oficiante o Sr. Samuel Rodrigues, seu professor religioso.

Era inteligente e dotado de grande sensibilidade literária e musical, como demonstram os seus trabalhos literários em prosa e verso. Foi o tocador de órgão na inauguração da Sinagoga Kadoorie em Janeiro de 1938. Tinha uma boa cultura geral e, em especial, em assuntos bíblicos. Era um bom filho, um bom amigo e um bom israelita.

Foi sepultado no Cemitério Municipal de Amarante no jazigo de seu avô paterno José Carlos de Barros Basto.

Deus o deu, Deus o levou, louvado seja Deus.

Que a sua alma seja ligada ao feixe

da vida eterna e o seu corpo repouse em paz e glória.

Assim Seja.



Nuno Carlos Azancot de Barros Basto

GALERIA HONORÍFICA

Ao ser criada esta «Galeria Honorífica», dissemos que por aqui passariam os vultos hebreus, que por qualquer actividade se tornassem credores da admiração e respeito da Raça Judaica, e, assim apresentamos hoje aos nossos correligionários a figura dinâmica do Rev.º Rabbi Mendel Diesendruck, ministro oficiante da Comunidade Israelita de Lisboa.

O Rev.º Rabbi Diesendruck, oriundo de Viena de Austria, onde frequentou seus estudos Universitários, serve com a maior dedicação e espírito de sacrifício a causa de Israel, quer como Guia espiritual da Comunidade de Lisboa, quer como Presidente da Comissão Sionista do Centro Israelita de Portugal.

Seus profundos conhecimentos, seu trato afável, tornaram-no querido de todos os sectores da opinião hebraica, e criaram-lhe fundos laços de afecto entre os nossos correlegionários e não Judeus.

Desenvolvendo uma actividade cultural intensa, podemos dizer que o Reverendo Diesendruck se multiplica, tais são díspares os aspectos da azáfama do dia a dia do nosso correligionário.

Modesto, afável, tendo sempre uma palavra amiga, um conselho leal, nós temos profundo orgulho no Homem que a Providência colocou no nosso Seio.

Aqueles que algum dia acompanharam o Reverendo Diesendruck no peregrinar

constante entre os diversos serviços a seu cargo se perguntam como será possível desenvolver durante meses a fio um tal desgaste de energias.

Ora dirigindo os officios na Sinagoga Shaaré Tikvah, ora dando aulas de hebreu aos Jovens israelitas, ora presidindo às actividades sionistas, ou na Comissão de Auxílio aos Refugiados ou ainda na Jewish Agency, incansável, firme sem ser duro, persistente sem ser incorrecto, eis aqui tal-

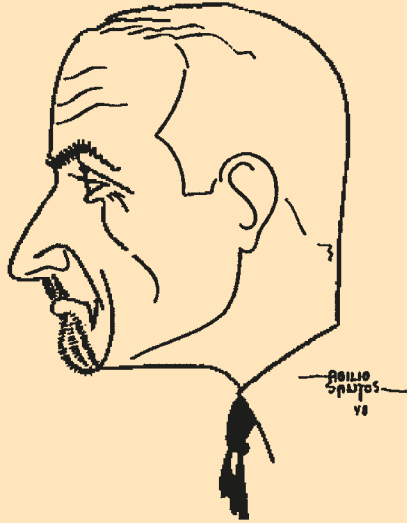
vez a razão do triunfo conseguido pelo Reverendo Diesendruck — A União de todos os Israelitas e o respeito, quiçá veneração, de todos os Sionistas.

Amigo sincero da Comunidade Israelita do Porto onde se tem deslocado diversas vezes, o Reverendo Diesendruck acompanha com o maior carinho o desenvolvimento do Grupo Sionista «T. Herzl» de que ele é um dos mais profundos animadores e defensores...

E, eis aqui, embora resumidamente feita, a biografia do Reverendo Rabbi Mendel Diesendruck, figura de primeiro plano nos meios Judaicos de Portugal, e obreiro incansável duma Israel livre e progressiva...

Setembro de 1948.

Isaac Jacob Lopes Martins.



Visto por Abílio Santos

EMIL LUDWIG

POR LYGIA TOLEDANO EZAGUY

Para mim, Emil Ludwig não morreu. Quem deixa o mundo, conseguindo antes da sua partida, oferecer à terra, aquele fruto de semente espiritual que germinou, espalhando pelo coração e cérebro do homem, a luz que ilumina e jamais se apaga, — é imortal!

Emil Ludwig será no Céu, agora, uma das estrelas mais cintilantes, bela, perdurável, a embelezar o Infinito.

Emil Ludwig, — Israelita pela raça, a quem foi concedida autorização para trocar o apelido hebraico de Cohn pelo de Ludwig, desaparecera, sim, mas não dos olhos da nossa alma. Os seus leitores devem-lhe muito, porque ele não foi apenas, o novelista ou o poeta. Não!

Ele foi o grande observador, o profundo analista, o extraordinário psicólogo; o célebre homem de letras, excepcional nas suas expressões e nos seus coloridos.

O seu verdadeiro triunfo, obteve-o, ele, como biógrafo. Revelador das realidades humanas, não esqueceu — Bismark, Guilherme II, Estaline, Venizelos, Masarik, Ratheneau, Briand, Lloyd George, etc..

Mas, Emil Ludwig, como tantos outros génios da Literatura Israelita, não foi poupado pelos nazis.

Ao receber as perigosas e provocadoras manifestações de ódio desses anti-semitas, hoje detestados por quase todo o mundo... , refugiara-se, naturalizando-se suíço.

As suas obras literárias, publicadas na Alemanha-pátria onde nascera, foram retiradas das numerosas livrarias para a boca das fogueiras, e essas famintas destruidoras, ávidas e sedentas de tornar em cinza negra e nua, os pensamentos vivos pela Arte, e perfeitos, pela consciência, obedeceram, assim, aos seus carrascos.

Mas não. Contra o imorredouro ninguém pode. E nem com o deslizar dos séculos se apaga o que atinge o auge do que é belo e eterno pela essência!

Hoje em Portugal, país católico, mas nosso amigo, recebemos a confirmação das minhas palavras: Aqui como todas as

partes do mundo, a morte de Emil Ludwig é como a continuidade da sua vida. Não há Diário algum que deixe de homenageá-lo.

A matéria desfaz-se? Que importa, se o seu espírito vai permanecer intacto?

Ao folhearmos os seus livros não concordamos que o seu complexo seja a síntese de um espírito que jamais optara pela ficção...

Quando Emil Ludwig deixou a sua pátria, não esqueceu novas biografias: «HITLER e MUSSOLINI», publicadas em francês, «Aliança» e, «ROOSEVELT».

Todos esses trabalhos mantêm-se, porque o mundo busca sempre o seu contacto, através de todas as gerações.

Um homem que soube perscrutar a verdade do Mundo, conhecendo o que ele tem de mau, odiento e impuro, deve acabar, com o rodar dos anos, por se tornar um pessimista, um hipersensível.

Emil Ludwig, isolado e triste, colocara, mais tarde, entre ele e a vida exterior, uma barreira, e o seu coração cansara, porque trabalhara muito para o mundo, excedendo as suas energias.

Lutara, trabalhara, sem cessar, reparando por todos, o bem que ilumina o cérebro e aperfeiçoa a alma.

Para a consagrada memória de Emil Ludwig, — o nosso preito de homenagem pelo seu altíssimo valor literário que o coloca como o escritor actual de maior reputação universal.

Nota da Redacção — O nome Cohn (como usam dizer certos israelitas, dos meios germânicos) é o nome bíblico Kohan (leitura exacta Kó-é-ne) que significa *Sacerdote*. Só podem legalmente, segundo as leis judaicas, usar este nome os descendentes de Aarão, irmão de Moisés, nosso Mestre. Em todas as sinagogas do mundo eles têm honras especiais nas orações.

VIDA COMUNAL

LISBOA

— Na quarta-feira 16 de Junho realizou-se no Centro Israelita de Portugal «Hehaber» um banquete em honra do Dr. M. Fradis e esposa por ocasião da sua partida para os E. U. da América do Norte. Presidiu ao jantar, no qual tomaram parte cerca de noventa pessoas, o Sr. Professor Dr. Moisés Amzalak, presidente da comunidade Israelita de Lisboa. A direcção do Centro ofereceu-lhe um diploma de honra em pergaminho, escrito em hebraico e lindamente ornamentado pelo Sr. Joshua Levy, atestando a sua nomeação para «Sócio Honorário do Centro».

Com os hinos «Hatikvá» e «Tehesakná» terminou esta festa de confraternização.

— A 20 de Junho faleceu inesperadamente o Sr. Wolf Terlo. Com ele desapareceu uma das mais proeminentes figuras do Yishuv de Portugal.

Sionista da velha guarda, com 13 anos de idade, seus pais o mandaram para Eretz Israel onde foi um dos primeiros alunos da Escola Agrícola de Mikvé Israel. Teve o privilégio de conhecer pessoalmente as mais proeminentes figuras do Sionismo. Sion e o Estado Judaico foram as maiores paixões da sua vida.

Ha-Lapid, apresenta à família enlutada os seus mais profundos sentimentos de pesar.

— Em 13 de Julho realizou, nesta cidade, uma conferência o Sr. Joel Kacan, shaliah (delegado) de Eretz Israel, que duma maneira simples mas comovente relatou a sua missão durante dois anos em vários países da Europa e nos campos de concentração, missão essa que foi dedicada especialmente ao salvamento das crianças israelitas.

— Voltaram da Suíça para onde foram tomar parte nas reuniões anuais do Congresso Mundial Judaico, que se realizou em Montreux, os delegados de Portugal, Srs. Dr. Semtob Sequerra e Moisés Ryten.

— O Yishuv de Lisboa teve, na semana passada, o privilégio e o grande prazer de ouvir o Grão-Rabino do Rio de Janeiro, Dr. Lemmle que se encontrou de passagem

Corpos Gerentes da Comunidade Israelita do Porto para 1948

Assembleia Geral

Presidente — Isaac Janowski
Vice-Presidente — Luís de Carvalho
Secretários — José Pereira Gabriel e Dr. Joseph Avoth

Mahamad (Junta Directora)

Presidente e tesoureiro — A. C. de Barros Basto
Vice-Presidente — Nathan Beigel
1.º Secretário — Eng.º Samuel Rodrigues
2.º » — Eng.º Norberto Moreno
Vogais — I. Finkelstein e Martin Salomon

Parnassim (Provedores)

1.ª secção — (Culto Israelita) e *5.ª secção* — Hebrah Kadishah (Repouso Eterno) — Eng.º Samuel Rodrigues, N. Beigel e I. Finkelstein
6.ª secção — Somekh Ha-Golim (Amparo dos desterrados) — Dr. Alfredo Kiefe.

Yeshibah Rosh-Pinah

(Instituto Teológico Israelita)

Conselho Escolar

Reitor — Prof. Cap. A. C. de Barros Basto
Adjuntos — Eng.º Samuel Rodrigues e Eng.º David Moreno
Secretário e Bibliotecário — José A. Pereira Gabriel

nesta cidade a caminho do Rio de Janeiro e de regresso de Montreux, onde representou o Yishuv do Brasil nos trabalhos do Congresso Mundial Judaico.

Calendário Israelita

Ano de 5709

(Tem 12 meses lunares)

- 1.^a lua (Tishri) — 30 dias
dia 1 — 4 de Outubro de 1948.
- 2.^a lua (Heshvan) — 30 dias
dia 1 — 3 de Novembro de 1948.
- 3.^a lua (Kislev) — 30 dias
dia 1 — 3 de Dezembro de 1948.
- 4.^a lua (Tebet) — 29 dias
dia 1 — 2 de Janeiro de 1949.
- 5.^a lua (Shebat) — 30 dias
dia 1 — 31 de Janeiro de 1949.
- 6.^a lua (Adar) — 29 dias
dia 1 — 2 de Março de 1949.
- 7.^a lua (Nisan) — 30 dias
dia 1 — 31 de Março de 1949.
- 8.^a lua (Iyar) — 29 dias
dia 1 — 30 de Abril de 1949.
- 9.^a lua (Sivan) — 30 dias
dia 1 — 29 de Maio de 1949.
- 10.^a lua (Tamuz) — 29 dias
dia 1 — 28 de Junho de 1949.
- 11.^a lua (Ab) — 30 dias
dia 1 — 27 de Julho de 1949.
- 12.^a lua (Elul) — 29 dias
dia 1 — 26 de Agosto de 1949.

(Este ano tem 355 dias)

Dias festivos no ano de 5709

- Rosh Ashaná* — 1.^o dia — 4 de Outubro de 1948.
Rosh Ashaná — 2.^o dia — 5 de Outubro de 1948.
Kipur — 13 de Outubro de 1948.
Sukot — 1.^o dia — 18 de Outubro de 1948.
Sukat — 2.^o dia — 19 de Outubro de 1948.
Hoshana Rabá — 24 de Outubro de 1948.
Shemini Aseret — 25 de Outubro de 1948.
Simhá Torú — 26 de Outubro de 1948.
Hanucá — 1.^o dia — 27 de Dezembro de 1948.
Hanucá — 8.^o dia — 3 de Janeiro de 1949.
Purim — 15 de Março de 1949.
Pesah — 1.^o dia — 14 de Abril de 1949.
Pesah — 2.^o dia — 15 de Abril de 1949.
Pesah — 7.^o dia — 20 de Abril de 1949.
Pesah — 8.^o dia — 21 de Abril de 1949.
Shabuot — 1.^o dia — 3 de Junho de 1949.
Shabuot — 2.^o dia — 4 de Junho de 1949.

Jejuns em 5709

- Assassínio de Guedália* — 6 de Outubro de 1948.
Kipur dia de Expição — 13 de Outubro de 1948.
Cerco do Templo — 11 de Janeiro de 1949.
Jejum de Esther — 14 de Março de 1949.
Tomada do Templo — 14 de Julho de 1949.
Destruição do Templo — 4 de Agosto de 1949.

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... ilumina-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. O. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PORTO

POR NÃO DECLARAR A SUA ORIGEM HEBRAICA

E quando Moisés se tornou grande safu para junto dos seus irmãos e viu os seus trabalhos, e viu um egípcio que batia num hebreu dentre os seus irmãos... e matou o egípcio e o ocultou na areia... Faraó tendo sabido deste facto, pretendeu mandar matar Moisés, mas Moisés fugiu para o país de Madian.

E Moisés assentou-se junto dum poço no país de Madian. Ora o sacrificador de Madian tinha sete filhas que vieram tirar água, e elas encheram as pias para dar de beber ao rebanho de seu pai. Então vieram uns pastores, e expulsaram-nas dali; Moisés porém levantou-se, e defendeu-as, e abeberou-lhes o rebanho.

Êxodo, cap. II, 11-17.

Depois que livrou as filhas de Jethro das mãos dos pastores e que deu de beber aos seus rebanhos, Moisés acompanhou-as de longe até

à casa do pai delas a fim de as guardar contra novos ataques. Quando as filhas de Jethro entraram em casa delas, o seu pai, surpreendido de as ver voltar tão depressa, perguntou-lhes qual a causa disso. «Foi, disseram elas, graças a um egípcio que nos livrou das mãos de maus pastores; ele tirou água para nós e deu de beber às nossas ovelhas». Moisés ouviu e nada disse.

E Deus disse: — Porque Moisés ouviu chamarem-lhe egípcio e não interveio para declarar a sua origem hebraica, ele não entrará no país dos hebreus e os seus ossos não repousarão lá.

MIDRASH VAISHAH.

Moisés consentiu em morar em casa de Jethro, que lhe deu por mulher Sephorah, sua filha.

Êxodo, II, 21.

A MISTERIOSA PERSONALIDADE DE BERNARDIM RIBEIRO

(O Trovador do Amor e da Saudade)

POR A. C. DE BARROS BASTO

(CONTINUAÇÃO DO N.º 141 — CAP. II)

Aquellsia, a namorada alentejana

Na 1.ª edição da *Menina e Moça*, impressa em casa dos judeus Usques de Ferrara a namorada alentejana de Bernardim é designada pelo nome *Aquellsia*. Na edição de Colónia e nas seguintes foi substituído este nome pelo de Cruécia (anagrama de Lucrecia) porque julgavam que Aquellsia seria um erro tipográfico pois tal nome nada lhes dizia; a própria D. Carolina de Michaelis também não compreende a razão de tal nome. Para mim o nome Lucrecia é que nada me diz e o de Aquellsia me diz tudo. Bernardim designa a sua namorada alentejana pelo nome de Aquellsia, que é o anagrama de Selúquia, a gentil mourinha bem conhecida na tradição alentejana. Nós hoje pronunciamos Salúquia, dando-se o mesmo caso com Catarina que no tempo de Bernardim se lia Caterina e cujo anagrama era Natércia.

Dado o caso de algum dos meus leitores não conhecer a tragédia amorosa da bela Selúquia ou Salúquia, que ainda vive hoje na tradição folclórica do Alentejo, transcrevo de pessoa competente o necessário para o elucidar.

Pinho Leal, no seu *Portugal Antigo e Moderno* falando na vila de Moura (Alentejo), diz: — Em 1166 era esta vila uma forte praça de guerra, com um robusto castelo, bem guarnecido de tropas, e senhor dele, um mouro nobre e riquíssimo, senhor de muitas terras do Alentejo, chamado *Abu-Assan*, pai da formosa *Salúquia*, a quem ternamente amava, e lhe deu em dote o castelo de *Aruci*, que ele havia reedificado, guarnecendo-o de tropas e munições de guerra, e de todas as mais virtualhas, e em condições de resistir a um longo assédio; nomeando-lhe para alcaide um jovem mouro, chamado *Brafma* (segundo a Évora Gloriosa, Frabone) futuro noivo de Salúquia, e senhor do castelo de Arronches.

Quando Brafma vinha em marcha para a povoação, seguido duma numerosa e brilhante cavalgada, para tomar posse do castelo e da noiva, chegando a um profundo e sombrio vale a 5 quilómetros da vila, foi inopinadamente acometido por um troço de cavaleiros cristãos, não escapando um só dos mouros.

Os chefes e planeadores desta surpresa foram dois cavaleiros portugueses, irmãos, chamados Pedro Rodrigues e Álvaro Rodrigues. Mortos todos os mouros, trataram os portugueses de os despir, vestindo-se com os seus vestidos e armando-se com as suas armas; e assim disfarçados, se dirigiram ao castelo de Moura, entoando cânticos e dando gritos, ao uso mourisco.

Vendo Salúquia aproximar-se a cavalgata, que entendeu ser a tão ardentemente desejada, com o riso nos lábios e a alegria no coração, mandou levantar a ponte levadiça, e abrir de par em par as portas do castelo, para receber o jovem alcaide.

Poucos momentos lhe durou a ilusão e o prazer, pois em breve os brados de alegria se converteram em gritos de carnagem, e logo em aclamações de vitória, obtida pelos portugueses, ao arriarem da cidadela o pavilhão do crescente, e içarem o das quinas. Salúquia, preferindo a morte a ser escrava de cristãos se precipitou do alto da torre, morrendo despedaçada.

Em memória deste sucesso se deu à povoação o nome de Vila da Moura, e por armas uma torre, e à entrada dela uma mulher morta.»

No capítulo XII Bernardim diz que depois de ter saído do Paço da Ribeira, impressionado pela figura de Aonia... «para pensar mais à vontade, mandou o seu escudeiro, arredado dali, que desse de comer ao seu cavalo na ribeira daquele rio, porque logo se temeu de ele o ver assim, e cair em alguma suspeita que fosse contar a Aquellsia, porque todos os seus lhe eram

muito afeiçoados; e como ela quisesse a ele muito grande bem, eles não se podiam ter que lho não mostrassem todo em as obras; donde nascia irem-lhe eles a dizer e contar tudo o que ele passava.

«Assim o que ele fazia por bem lhe safa às vezes mal; que para tamanho bem lhe ela queria que não podia deixar de ouvir, pelo tempo, coisas que a não magoassem; nem também ele, não as podia deixar de fazer, pelo pouco que lhe queria. Como, de feito, assim, por derradeiro, lhe foi isto causa, a ela de triste fim.

«E quando se lembrava do que a Aquelisia devia, parecia-lhe sem-razão deixá-la; por outra parte, lembrando-se de quão bem lhe parecia Aonia, parecia-lhe desamor não lhe querer bem.

«Tinham-no assim, entre ambas formosura e obrigação, a ver quem o levaria; mas por derradeiro, pode mais a de mais perto.

No capítulo XIII continua:

«Era Aquelisia uma de duas filhas a quem sua mãe mais que a si queria, e de boa formosura; mas obrigou tanto este cavalleiro, com coisas que fez por ele, que o endividou todo nas obras. Não lhe deixou nada, tão só para que lhe devesse a formosura. Parece que lhe quis tamanho bem, que não sofreu a tardança de o ir obrigando pouco a pouco: deu-se-lhe logo toda. Obrigou-o assim, mas não o namorou.

«E não foram vãos os rogos que Aquelisia fez, com as mãos erguidas ao Céu, pedindo dele vingança.

«Contudo, assentou ele, por derradeiro, de a deixar; porque, além de lhe parecer a senhora Aonia a mais formosa coisa que vira, pareceu-lhe também que mais depressa haveria seu amor.

«...Que já não cuidava senão de ver como se apartaria do seu escudeiro, de maneira que, depois de apartado, lhe não causasse suspeita alguma daquele lugar, para ele mais à vontade gozar dele.

«Desejava tanto este apartamento, porque bem sabia ele que havia de sofrer mal o ver-lhe deixar Aquelisia; porque era da trição dela, que lho dera para o acompanhar, e nunca outra coisa ele lhe dizia senão que a havia de tomar em matrimónio, — porque era de alto sangue, e herdava terras onde ele podia repousar os derradeiros dias da vida...

«Mas, enfim, cuidando o que determinou, o chamou, e fazendo-lhe um discurso largo, entre outras coisas, lhe disse que lhe não parecia bem ser ele mesmo que levasse à senhora Aquelisia a nova da aventura que não achara, vindo por amor dela;... Que, para ela, não podia ele ir em companhia de novas tristes; e que o esperaria no castelo, que perto dali estava, até tornar a trazer-lhe recado...»

No capítulo seguinte diz Bernardim:

«Partindo o escudeiro com o recado (enganado ele, e para quem o levava) ficou o cavalleiro só, e começou a entrar em pensamentos de que maneira mudaria o nome... pensou em trocar as letras do seu nome.

— Bim n'arder.

«... quis-se chamar assim dali avante.»

No capítulo XV Bimnarder (anagrama de Bernardim) soube que Lamentor (D. Manuel) tinha ordenado fazer ali grandes obras para ampliar os Paços da Ribeira. Nessa noite tem uma visão (que julgo ser de seu pai).

A morte do cavalo — o maioral do gado

No capítulo XVI diz Bernardim que começou de ouvir um estrondo grande que vinha pelo mato para onde ele estava. E, inda bem o não ouvia, quando, correndo por ante si, viu passar o seu cavalo, e uns lobos após ele, ... E ao saltar deste ribeiro caiu nele o cavalo. E, chegando os lobos, começaram a mordê-lo por todas as partes, de maneira que, conquanto prestamente Bimnarder acudiu, já ele era morto.

«E não tardou nada que uns pastores, que perto dali tinham a malhada do seu gado, ... e, achando Bimnarder assim agastado, começaram-no a querer consolar com palavras e modos rústicos, oferecendo-lhe pousada por aquela noite.

«Aceitou ele...»

Esta morte do cavalo de Bernardim supponho eu referir-se à morte do seu escudeiro de quem não mais fala no seu livro.

Castelo Branco, nas suas *Noites de insónias*, diz: «Se o mataram (Bernardim Ribeiro) na rua Nova os moços de monte d'El-Rei (D. Manuel), como dizem as Memórias inéditas de Diogo de Paiva de Andrade...»

Esta rua Nova dos Mercadores era próxima dos Paços da Ribeira, onde em 1504, gente do povo e rapazio apupam e apedrejam alguns judeus conversos. Os arrua-ceiros foram condenados a açoites e degredo para S. Tomé.

Diogo de Paiva de Andrade viveu nos fins do século XVI e princípios do século XVII, e quis ser cronista oficial, o que não conseguiu. Imprimiu o 1.º volume da sua obra *Exame de Antiguidades* em Lisboa no ano de 1616. Talvez a notícia da morte do escudeiro de Bernardim chegasse até ele deturpada pela tradição.

Continuemos a ler o que diz Bernardim:

«Foram assim ao fato de uma grande manada de vacas (que todas estavam levantadas, com o alvoroço dos cães e medo dos lobos) metendo-se os pastores e Bimnarder por entre elas, que lhe iam fazendo lugar,...

«E, assim, saindo dentre elas estava uma fogueira grande...

«E junto desta, ao fogo, jazia deitado, ... um pastor já de todo branco, que maioral era do fato;...

«E, em pastores chegando, ergueu ele a cabeça um pouco, e, como homem que era avisado em semelhantes casos, descansadamente começou a perguntar pelo que se passava. Contando-lhe eles que não era nenhuma rês morta, também lhe contaram do cavaleiro que traziam.

«Ergueu-se ele então assentado, e fazendo-lhe lugar na rama da sua cama, lhe rogou que se fosse assentar. E assentado Bimnarder, e assentados todos derredor daquela fogueira, pediu o velho maioral a Bimnarder que lhe contasse como aquele desastre acontecera.

«Contou-lho ele, brevemente, por lhe satisfazer: como andando o seu cavalo pastando vieram aqueles lobos, e mataram-lho, primeiro que lhe pudesse valer.

«Ao que, começou com uma fala reumbada a falar o pastor... dizendo:

«Os desastres que acontecem com os animais ferozes neste vale, é coisa espantosa...

«Numa noite de inverno escura, sendo eu mais novo que agora, diante dos meus olhos me tomaram a minha vaca bragada (mãe destoutras bragadas, que tenho inda agora) e mataram-na.

«E já aqui, onde agora estou, me vie-

ram no claro dia matar quantos bezerrinhos tinha, que inda não eram para andarem com as mães.»

Aqui o maioral do gado, isto é, o maioral dos cristãos-novos, o físico Mestre Fernando, refere-se à matança dos cristãos-novos em Lisboa em 19 de Abril de 1506 e dias seguintes, onde perdeu alguns membros da família.

— «E porque estás então aqui, pastor honrado? — lhe disse Bimnarder.

«...A terra é abastada de pastos; e, assim como cria o bom, cria o mau. Já ouvi dizer a um grande homem, que era dado às coisas do outro mundo, falando na povoação desta terra (que, ainda que a vedes assim, por partes, metida a mato, é de pastores, em muita maneira, povoada)... (isto é, parece sem judeus, mas é povoada por muitos cripto-judeus).

«...podemos melhor sofrer o mal que nos faz outrem que o que nós fazemos a nós outros mesmos. Os danos da terra fraca, porque está em nosso poder sairmos dela, não os podemos sofrer; os da outra, que não está em nós vedarmo-los, sofremo-los como podemos.»

Foi Bernardim deitar-se «mas, depois de um pouco de sono, acordou ele, todo banhado em lágrimas, porque sonhara, chorando, que o levava dali, por força, a sombra que vira dantes».

Esta sombra a que se refere é a imagem do seu pai que desejava tê-lo na Itália.

E dali em diante resolveu Bernardim assentar vivenda com o Maioral do gado, que é o físico Mestre Fernando, de quem o Dr. Maximiano de Lemos, no seu comentário médico de o *Auto dos Físicos* de Gil Vicente (Porto, 1921) diz:

Mestre Fernando era cristão-novo e físico do Marquês de Vila Real, primo de D. Manuel e possivelmente filho de Mestre Isaque Romeiro e marido de Ana Dinis.

Aprendera muito tempo a física e morava em Lisboa. Em 1494 fora examinado pelo Dr. Mestre Rodrigo que lhe passou carta de licença, mas em 20 de Março de 1498 foi-lhe confirmada pelo Dr. Mestre António de Lucena, depois de o ter submetido a novo exame em que se mostrou «idóneo e pertencente para a dita ciência e arte de física». Poucos dias passados, a 11 de Maio, obteve análoga carta para exer-

cer a cirurgia, passado por Mestre Gil, físico e cirurgião-mor. D. Manuel deu-lhe as honras de cidadão de Lisboa e dispensou-o das fintas lançadas aos cristãos-novos e da obrigação de aposentadoria.

Era homem abastado e possuía no bairro de Lisboa, onde estivera a judiaria duas moradas de casas foreiras que pretendia vender para adquirir outras forras e isentas. Também obteve licença para o fazer por alvará de 6 de Abril do mesmo ano.

Por último, a 17 de Dezembro de 1507, alcançou carta em que é designado por doutor e mestre, em que se lhe concediam os privilégios, liberdades e mercês de que gozavam os físicos reais. Possível é que fosse o mesmo que em 1539 foi nomeado cirurgião do Hospital de Todos os Santos. A ser assim, faleceu em 1547.

Mestre Fernando foi principalmente ridicularizado por Gil Vicente no *Auto dos Físicos* por não saber latim; isto nada podia surpreender, porque aos cristãos novos que não sabiam latim era-lhes concedido que possuíssem livros hebraicos.

No *Auto dos Físicos*, Gil Vicente põe na boca de Mestre Fernando, que aconselha um doente:

•Nem lebre, nem coelho,
Nem porco, nem cação,
Congro, lampreia, tubarão,
Não coma de men conselho,
Inda que estivesse bem são.»

Conselho este que é o cumprimento do determinado na Lei de Moisés, Levítico, capítulo 11.

(Continua).

N. da R. — Este trabalho sobre Bernardim Ribeiro (Isaac Ben Judah Abarbanel) não continuará a ser publicado no HA-LAPID porque se fará um livro sobre este assunto, ao qual falta ainda o seguinte:

— O resto da Exegese da Menina e Moça; exegese das eglogas de Bernardim e da egloga Aleixo de Sá de Miranda; notas biográficas do avô; notas biográficas do pai; e reconstrução da sua vida em Portugal e em Itália.

CASAMENTO NA INGLATERRA

Na bela Sinagoga Luso-Hispânica de Landerdale Road w, no dia 16 de Dezembro realizou-se o casamento do Sr. Cyril Goodman, filho mais novo do Sr. Paul Goodman, com a Sr.^a Dr.^a Ruth Sabel, filha única do falecido Sr. Percy P. Sabel. Foram officiantes o Rabi-mor, Rabi Dr. S. Gaon e o Rev.^o E. Abinun.

A noiva foi conduzida ao docel nupcial pelo braço de seu tio o Sr. James Adler e serviram de damas de honor as meninas Judith e Marilyn Webber e Sheila Adler. Foi padrinho o Sr. Louis A. Whith. Houve uma recepção em May Fair Hotel.

Extratamos esta notícia do *Times* (17 de Dezembro de 1948). O *Evening News*, do mesmo dia, publica um retrato da gentil noiva com o seu cerimonioso vestido e as suas flores.

The Jewish Chronicle, de 31-12-948, publica sobre este acontecimento a seguinte interessante notícia:

SEFARDI PRECEDENT

The marriage of Mr. Cyril J. Goodman, the younger son of Mr. and Mrs. Paul Goodman, to Dr. Ruth Sabel, at the Spanish and Portuguese Synagogue, Lauderdale Road, W.9, had an unusual feature in the participation, which I believe to be unprecedented, of the Chief Rabbi (an Ashkenazi) in a Sefardi marriage service. It appears that when the authorities of that congregation learned that the Chief Rabbi would attend with Mrs. Brodie, they invited him to preach. In accepting, the Chief Rabbi paid the Sefardi Community the compliment of selecting a verse from Obadiah, out of the Sefardi Haftarah for that week, instead of the Ashkenazi Haftarah from Hosea. Presumably in view of the Zionist background of the bridegroom and his parents, the Chief Rabbi stressed the verse, "but in the Mount of Zion there shall be those that escape, and it shall be holly; and the house of Jacob shall possess their possessions".

Ao nosso bom amigo e digno Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Porto, Sr. Paul Goodman e aos noivos desejamos muitos parabéns, Mazal Tob, Bésiman Tob.

Visado pela Comissão de Censura

UM PORTUGUÊS QUE TENTOU A COLONIZAÇÃO JUDAICA DA PALESTINA E A CRIAÇÃO DE UM ESTADO JUDAICO

José Nassi — príncipe e grande em Israel, o Duque e Senhor D. José Nassi — conhecido originariamente como João Miguez, ocupa na pré-história do sionismo uma posição única. Foi ele, talvez o primeiro homem, daqueles tempos, que tentou a restauração duma Palestina Judaica, debaixo do ponto de vista prático e não utópico.

José Nassi, nasceu em Lisboa e, era sobrinho de Francisco Mendes Nassi — «membro duma das mais ricas e importantes famílias de maranos portugueses». Após a morte de Francisco Mendes Nassi, sua mulher D. Gracia, também conhecida por Beatriz de Luna, não se sentindo segura em Portugal, onde a introdução da inquisição punha em perigo a sua vida e propriedades, transferiu sua residência para Antuérpia, onde vivia seu cunhado Diogo Mendes, opulentíssimo director da Casa Bancária, sucursal da de Lisboa, que tinha sido de Francisco Mendes, agora transferida totalmente para Antuérpia; de Antuérpia mudou para Veneza, por volta de 1549. Aí sofreu perseguições por motivos religiosos, das quais se viu livre em 1550, indo viver para a Turquia onde faleceu.

José Nassi, que por motivos idênticos aos de sua tia, abandonara também o solo pátrio, depois de diversas peregrinações aventureiras, estabeleceu-se em Constantinopla. Uma vez ali, desfez-se do seu aparente catolicismo e desposou sua prima Reina, a única filha do opulento banqueiro Francisco Mendes e de sua mulher Gracia Nassi.

Pela sua riqueza e habilidades, José Nassi, conseguiu as boas graças da corte do sultão Solimão, de modo que por muito tempo foi o chefe virtual do Império Otomano. Esta Influência cresceu mesmo no reinado do seu sucessor Salim II, que o investiu na dignidade de Duque de Naxos e na posse daquela ilha bem como das de Adros, Milo, Paros, Santorinas e as outras

Ciclades que tinham até então pertencido ao regente de Naxos. José Nassi governou estas ilhas por intermédio dum cristão espanhol, provavelmente para evitar, alguma antipatia dos habitantes gregos.

Agia, também, como conselheiro estrangeiro reconhecido pelo poderoso sultão e, tratava com os embaixadores das potências representadas em Constantinopla. Daí, os países europeus acharem, frequentemente, necessário interessar José Nassi nas suas pretensões. Quando Maximiliano II, imperador da Alemanha, desejou concluir a paz com a Turquia em 1567, recomendou ao seu embaixador, Varantius, que oferecesse presentes a José Nassi, assim como aos outros altos dignatários da corte.

Em Setembro de 1596, um grande incêndio irrompeu no arsenal de Veneza. Nassi sabedor do facto, logo instou com o Sultão a empreender uma guerra com Veneza, para assim levar por diante o seu plano, por muito tempo acariciado, da conquista de Chipre, e foi sòmente a oposição dos seus rivais na corte turca que impediu fosse ele elevado à dignidade de rei daquela ilha.

Talvez não houvesse entre os séculos XI e XIX, judeu algum que alcançasse o poderio do Duque de Naxos, mas contudo, no meio dessa prosperidade não abandonou nunca o seu povo. Três séculos antes do nascimento do sionismo, além da preocupação política, o Duque de Naxos teve a ideia de melhorar a vida dos judeus perseguidos permitindo-lhe retomar contacto com o solo de Eretz Israel (Terra de Israel). Ali se propunha estabelecer as bases dum Estado Judaico semi-autónomo, debaixo da sua própria direcção. Joseph Ben Adreth, um dos seus confidentes, foi enviado a Tiberíades, para proceder à restauração das muralhas. Apesar da oposição dos árabes da vizinhança, as muralhas estavam terminadas em 1565.

Pelo mesmo tempo publicou uma pro-

YOM KIPPUR

O dia de *Yom Kippur* que significa *Dia da Expição*, é a maior solenidade do mundo judaico.

É o décimo dia do mês de Thischry.

Desde uma hora antes do pôr do Sol, isto é, da véspera, até 35 minutos depois de pôr o Sol do grande dia, todo o israelita tem o dever de se consagrar integralmente a *Deus*, reflectindo e meditando escrupulosamente a sua consciência e, examinando a conduta passada, confessando-se ao Todo Poderoso, rogando perdão para suas culpas.

«O décimo dia, é o dia da Expição, será para ti uma solenidade santa, jejuarás, não executarás trabalho algum nesse dia estabelecido para expiars os teus pecados perante o Eterno vosso Deus. Portanto, não farás trabalho algum: é uma Lei Perpétua para as tuas gerações, e, em todas as tuas moradas. Será para ti de repouso absoluto, jejuarás, e santificarás esse dia, desde 9 à noite até a hora crepuscular do dia 10. Levítico, 23, 27, 32.»

Durante a existência do Templo em Jerusalém, esta solenidade era celebrada com pompa excepcional.

O *Sumo Pontífice* oficiava ele próprio (Levítico, 16). Neste dia unicamente, é que penetrava no Templo onde se achava a Arca da Aliança e ali confessava os pecados do povo.

«Eis o jejum que eu amo, quebrai os laços da iniquidade, rompei a faixa da injustiça, dai liberdade aos oprimidos; arrancai de todo, o jugo opressor; ofereci do vosso pão, àqueles que necessitam; abride asilos aos pobres e infelizes abandonados; dai do vosso amparo o amparo para órfãos e viúvas; se virdes um desnudo ou esfarrapado, vesti-o. Jamais fecheis os vossos olhos aos sofrimentos do vosso próximo.» Assim, quando toda a humanidade compreender a fraterna comunhão dos povos da terra; então, a *Paz* surgirá, como a luz brilhante, que separou a claridade, das trevas; e nova aurora despontará no destino do mundo e a cura se operará rapidamente, milagrosamente, porque a justiça caminhará à vossa frente e todos os homens cantarão hinos de Glória ao Eterno, Senhor, Todo Poderoso, Criador dos Céus, e da terra, e assim será para todo o sempre. (Isaías, 58, 6, 8).

Yom Kippur, em qualquer parte do

clamação aos judeus, dizendo-lhes que todos os que se vissem perseguidos encontrariam asilo e trabalho como agricultores ou artistas na nova comunidade judia. O seu convite foi sobretudo dirigido aos judeus dos estados do Papa, que estavam sendo perseguidos por Paulo IV e que eram transportados nos navios do Duque de Naxos.

Existiu na Itália, dentro dos limites dos Estados Papais de então, um povo chamado Cori. Naquela época vivia ali uma comunidade judia de duzentas almas. Quando persentiram que se acercavam tempos piores e vendo em Tiberíades um ponto para chegar a Sion, decidiram emigrar em massa e enviaram emissários para pedir aos seus correligionários dinheiro para as despesas de viagem. O êxodo para esta nova Tiberíades aumentou quando Pio V lançou a célebre bula de 26 de Fevereiro de 1569

expulsando os judeus dos Estados da Igreja. Por este motivo a comunidade de Pesaro mandou igualmente um navio a Veneza com cento e dois emigrantes judeus, mas caíram nas mãos dos piratas maltezes, que os fizeram escravos. Nesta angústia os pesarianos mandaram pedir auxílio a Nassi, mas ignora-se qual fosse o resultado do pedido.

Deste experimento Eretz-Israelita de Nassi, se verifica que as suas concepções eram muito avançadas para a sua época, pois existiam enormes dificuldades a vencer. Contudo Nassi não abandonou a esperança e prosseguiu, pondo todo o seu empenho nesta empresa até à morte, todavia a estupidéz e a crueldade humana da época não permitiram que levasse a cabo o seu intento.

AMÍLCAR PAULO.

globo onde se encontre um filho de Israel, é sempre celebrado.

Não importa que esteja, na abastança ou na miséria, nos campos de concentração ou nas fileiras dos exércitos, onde ao lado das Nações Unidas, fez derramar o seu generoso sangue sob escudo de David; para defender a humanidade das hostes sanguinárias do maior desequilibrado de todos os tempos — Adolph Hitler — que fragorosamente caiu, levando o povo da Alemanha, ao estado de miséria em que se encontra.

Israel, sub-existirá a todo o tormento, com os olhos fitos nos Céus e o pensamento em Deus, suplicará neste dia, tranquilidade para os milhares de seus irmãos de Fé que ainda sofrem na Europa, nos campos de concentração, jogados outros a tormenta e a fúria das vagas encapeladas dos oceanos, em navios do léu, nos mares do Oriente, àqueles que lutam no próprio solo de seus antepassados, pelo direito de viver, pelo direito humano, na conquista ou na constituição de um lar pátrio, onde possam sob a luz do Sol ter direito à vida e à alegria de viver, conjugando e cooperando com os demais povos, livres da terra, pelo bem comum e pelo bem-estar de toda a humanidade.

Ajoelhado e penitente, genuflexo e humilde, sem tomar alimento algum, rogará ainda, pelo progresso e felicidade da Nação, em cuja sombra se encontram, abençoando ainda aos seus chefes e respectivos governos, aos seus auxiliares imediatos e seus povos soberanos, a todos os países enfim que colaboram e têm colaborado pela liberdade de consciência, e pela verdadeira Democracia.

E, Deus, ouvindo a tríplice confissão, e o desejo da purificação da vida por uma confissão de fé, proclamada solene perante o altar da consciência, jamais esquecerá de atender as súplicas de um povo oprimido que somente reclama dos homens justiça.

DAVID J. ISRAEL.

Publicações recebidas

The Gates of Zion (As portas de Sion) — Revista trimestral do Conselho da Sinagoga Central da Federação Sionista da

Grã-Bretanha e Irlanda. Números de Setembro 1946 e de Julho 1947; contém artigos de Paul Goodman.

O n.º 4 (Julho de 1948) traz um retrato paginal de Paul Goodman, igual ao que existe na *Sala Paul Goodman*, na Sinagoga Kadorie Mekor Haim, do Porto.

Etudes Israéliennes — Edição do Keren Hayessod, Jerusalém — Janeiro e Fevereiro de 1949.

Les Cahiers Séfardis (Recueil documentaire-historique, retrospectif-d'actualité) — Directeur: Sam Levy — 185, Boulevard Bineau—Neuilly-sur-seine. (1.º e 2.º fascículos — 5 de Novembro de 1946; 3.º e 4.º fascículos — 7 de Janeiro de 1947).

BERITH MILAH

(CIRCUNCISÃO)

Na Rua Ferreira Cardoso n.º 139 da cidade do Porto no dia 7 de Março (6 de Adar 5709), residência de seus avós maternos Sr. Srul e D. Matia Finkelstein, foi circuncidado o menino Isaias Cymerman, nascido a 28 de Fevereiro (29 de Shebat 5709, filho do Sr. Paltiel Cymerman e D. Renia Finkelstein Cymerman, neto paterno do Sr. Mejer Szmul Cymerman e de D. Raquel Cymerman. Fofam padrinhos o Sr. Jeshuah Cymerman e D. Raquel Cymerman. Foi mohel (circuncisador) o Sr. Dr. Elias Baruel, médico, digno Vice-Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e oficiante o Rev.º Mendel Dizendruck, da Sinagoga principal de Lisboa, que vieram ao Porto expressamente para este acto religioso.

Após este acto litúrgico houve uma reunião, onde vários amigos das famílias do gentil menino falaram desejando boa sorte e felicidades tanto ao pequenino israelita como a seus pais e avós.

Ha-Lapid também deseja:

Mazal-Tob — Besiman-Tob.

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, .DA
Rua da Fábrica, 80
PORTO

O ESPÍRITO DA DEMOCRACIA EM ISRAEL

É um erro definir o Estado Judaico uma *teocracia*. Na teocracia o Governo está inteiramente nas mãos dos padres. Enquanto no Egipto e na Índia a carta sacerdotal era a classe proprietária, em Israel a tribo de Levi não possuía nada como sua propriedade. E bem que esta tribo fosse especialmente designada para o serviço do culto, é toda a comunidade israelita que formava o *povo santo*. O Estado Mosaico deve definir-se uma *nomocracia*, isto é, uma economia social regida pela Lei, onde a religião, a moral e a política estão estreitamente associadas.

Joseph Salvador, na sua *História das Instituições de Moisés*, II, 542, escreve: "A constituição israelita era uma nomocracia, isto é, o governo da lei, a qual lei consagrava em cada palavra o direito do povo, a sua legitimidade, a sua santidade, a qual confiava o seu desenvolvimento aos homens saídos do seio nacional, que melhor correspondiam a estas três condições: os mais inteligentes, os mais prudentes, os mais ricos em boa fama".

A autoridade suprema pertence a Deus, o *contrato social* de Israel é concluído com Deus, a nação e o país são a propriedade de Deus. Toda a existência do povo judeu é penetrada de espiritualidade e deve tender a realizá-la sob todas as formas de activi-

dade, no sentido da dignidade, da justiça e do amor.

Nada de castas, nem de classes, mas a igualdade de todos na fraternidade: o rico é o irmão do pobre, o servo é o irmão do patrão, a tribo de Levi é a irmã das outras tribos.

Numerosos textos tirados do Levítico, 19 e 25, do *Deuterónimo*, 15 e 24, mostram o espírito democrático que anima o regímen mosaico, a humanidade em face dos humildes, o cuidado de restabelecer o equilíbrio social pelas instituições do ano sabático e do jubileu, de conduzir à libertação dos estados de servilismo. Pela primeira vez na história antiga, Israel marcou a nobreza do trabalho e instaurou medidas para proteger o trabalhador.

Sabe-se a palavra ardente dos profetas em favor do direito, da equidade, da piedade, da ternura. Os doutores do Talmud inspiraram-se nos mesmos princípios e nos mesmos sentimentos para dizer a santidade do trabalho, para assegurar a dignidade e alterar a sorte das classes laboriosas.

Na verdade, as nossas civilizações e os nossos códigos modernos poderiam modelar-se sobre a velha legislação bíblico-rabínica, toda temperada de humanismo moral e social.

RABI LOUIS — GERMAIN LEVY.

ERA O INQUISIDOR D. FRANCISCO BORGES DE SOUSA, CRISTÃO NOVO?

(Subsídio para a história dos judeus da Ilha de S. Miguel)

Francisco Borges de Sousa, nasceu em 1585, era filho de Duarte Borges e de D. Catarina da Fonseca, neto de António Borges e bisneto de Duarte Borges, provedor que foi da Misericórdia de Lisboa, e trineto de Pedro Borges de Sousa, fidalgo da casa dos reis D. João II e de D. Manuel I.

Em 1611 recebeu as ordens de sacerdote, e pouco depois o fizeram fidalgo-capelão, sendo mais tarde nomeado Inquisidor.

Nas *habilitações* do Santo Ofício, para servir empregos deste tribunal, deparamos com a do padre Francisco Borges de Sousa, onde reza, que inquirida uma testemunha em 1611, de nome Manuel Pavão, residente na Ilha de S. Miguel, testemunhou que «por parte de António Borges corria na dita ilha que ele era da nação dos cristãos-novos e que a razão porque se dizia que ele tinha esta raça era porque o dito António Borges fora ali ter, não sendo dali natural, com mercadorias, e se casara a furto com Isabel Barbosa da Silva, contra a vontade de Rui Lopes, seu sogro, e que isto sabe pelo ouvir a seus pais e parentes...»

A habilitação de Agostinho Borges de Sousa, feita em 1676, é imensamente mais interessante sobre este enxerto de cristão-novice. Ali está junto um impresso com o alvará de D. Pedro, então Príncipe Regente, no qual se lê que, por parte dos d. Vicente Borges de Sousa, António de Bethencourt e Sá, Agostinho Borges de Sousa, Francisco Borges de Sousa, cônego na Sé de Angra, da Ilha Terceira, D. Margarida de Bethencourt, mulher do capitão Jordão Jácome Raposo, todos irmãos, filhos legítimos de Agostinho Borges de Sousa e de D. Maria de Medeiros de Araújo, e bisnetos, por parte da dita sua avó, de Gaspar Dias e de Ana de Medeiros de Araújo, etc., se queixavam «que eles e seus parentes têm padecido, em sua honra e limpeza de sangue, grandes moléstias causadas na inveja e má vontade que ao pai e sogro dos suplicantes tinham

seus inimigos, tratando-os por si e terceiras pessoas de cristãos novos, obrigando-os muitas vezes a apurar sua honra judicialmente e justificar ser sempre tudo calúnia, alcançado muitas sentenças da Relação, por algumas das quais e outras informações particulares constou serem cristãos velhos, sem raça alguma, e por isso mandou que seus nomes se riscassem em todas as partes que fosse necessário para a todo o tempo se saber o que sobre esta notícia se tinha mandado, para por este meio terem fim as moléstias que os suplicantes padeciam, do defeito ou fama que seus inimigos indevidamente lhes puseram e de que o devido defeito ou forma lhes não possa a eles nem a seus descendentes, pela mesma parte, prejudicar em ocasião alguma, e portanto o Príncipe Regente mandou que nestas matérias e suas dependências, assim presentes como futuras, movidas e por mover, se ponha perpétuo silêncio de maneira que nenhum julgador em tempo algum, assim em juízo, como fora dele, para qualquer caso que seja, não admita contra os suplicantes e mais descendentes do dito seu pai e sogro, requerimento algum sobre elas, sob pena de mandar proceder contra eles, e que em qualquer lugar e juízo onde estiverem escritos seus nomes ou palavras que ofendam a limpeza de seu sangue, as façam logo riscar, de maneira que se não possam ler em tempo algum, e toda a pessoa ou pessoas que impugnarem ou por qualquer via encontrarem a determinação deste alvará, incorrerão penas que de direito merecem...»

Todavia, não obstante o alvará e o que ele proibia, depara-se, na habitação de Agostinho Borges de Sousa, com uma certidão passada em 7 de Janeiro de 1613 por Francisco Cabral, presbítero e notário apostólico, dizendo que lhe «apresentaram uns autos mandados processar pelo desembargador Francisco Botelho, corregedor nos Açores, sobre a arrecadação e finta lançada

sobre as pessoas de nação destas Ilhas, escritos por Fernão da Costa, escrivão dos mesmos autos em seu princípio, continuados a 19 de Junho de 1606, e entre os quais a folhas 74 está uma certidão escrita por Francisco Serrão, tabelião público do judicial, da qual consta que em seu poder estavam uns precatórios para serem executados os cristãos novos da Ilha de S. Miguel, conforme a repartição feita no milhão e setecentos mil cruzados que as pessoas de nação, descendentes, por via recta masculina, de cristãos novos de nação hebraica, fizeram serviço ao dito Senhor (o Rei) ».

Os que pagaram foram :

| | |
|---|---------------|
| Gaspar Dias | 700\$000 réis |
| Manuel de Medeiro e seu filho. | 15\$000 » |
| Gaspar, seu neto | 60\$000 » |
| Simão Lopes | 40\$000 » |
| Garcia de Andrade | 40\$000 » |
| Duarte Dias, mercador | 25\$000 » |
| Francisco Mendes Pereira | 90\$000 » |
| António Mendes, seu sobrinho | 10\$000 » |
| Luís Mendes, morador na Ribeira Grande | 15\$000 » |
| Manuel Jorge da Cunha, tesoureiro | 100\$000 » |
| Francisco Morais, filho de Duarte Dias | 2\$000 » |
| Pedro de Carvalhais | 1\$250 » |
| Manuel Álvares, boticário | 10\$000 » |
| Francisco Mendes, o moço | 4\$000 » |
| Manuel de Medeiros, pagou por seu filho | 30\$000 » |
| Jorge Mendes e Manuel Mendes | 2\$000 » |
| O Licenciado Henrique Soares | 10\$000 » |

Daqui se vê que sendo, como era, Francisco Borges de Sousa bisneto de Gaspar Dias e de Ana de Medeiros, era manifesta a cristã novice de Francisco Borges de Sousa.

Tinha razão o povo, e o livro da tradição popular é muitas das vezes mais verdadeiro, que os livros dos cronistas.

Um judeu naquele Conselho, constituído apenas por pessoas de limpo sangue!...

Que horror!...

Ah! como tudo foi baixo, triste, e repulso! E como a doutrina de Jesus sonhador servira de pretexto a contínuas bacanais de sangue...; ao tripúdio maldito do insaciável egoísmo...; e à devassidão dos dirigentes dum povo cheio de mentecaptos!...

AMÍLCAR PAULO.

Berith Milah

(Circuncisão)

Na pitoresca vila de S. João da Madeira, arredores do Porto, no dia 1 de Maio na residência de seus pais, a Sr.^a D. Eta e Sr. Ronald Wright foi circuncidado o menino Isaac Ben-Elcanah. Foram padrinhos os seus avós Sr. Presman, industrial e Presidente da Assembleia Geral da Comunidade Israelita do Porto e sua ex.^{ma} esposa, e sentado na Kissé Eliau Ha-Nabi (de Elias o profeta) seguiu a criança durante a operação o Sr. Icko Bekerman. Foi mohel (circuncisador) o Sr. Dr. Elias Baruel, digno Vice-Presidente da Comunidade Israelita de Lisboa e oficiante o Rev.^o Dizen-druck, da Sinagoga Shaaré Tikvah (Portas da Esperança) de Lisboa. Depois da milah houve um kidush na residência dos pais do neófito e um *lunch* na residência dos seus avós. Usaram da palavra o Rev.^o Dizen-druck e a ex.^{ma} Sr.^a D. Lygia Esaguy Martins.

Corpos Gerentes da Comunidade Israelita do Porto para 1949

Assembleia Geral

| | |
|-----------------|---|
| Presidente | — <i>P. Presman</i> |
| Vice-Presidente | — <i>Dr. Alfredo Kiefe</i> |
| Secretários | — <i>José Pereira Gabriel</i> e <i>Levi Ben-Har.</i> |

Junta Directora (Mahamad)

| | |
|----------------------------|--|
| Presidente | — <i>Nathan Beigel</i> |
| Vice-Presidente | — <i>S. Finkelstein</i> |
| 1. ^o Secretário | — <i>Moisés Ettner</i> |
| 2. ^o " " | — <i>Isac Lopes Martins</i> |
| Tesoureiro | — <i>P. Bronstein</i> |
| Vogais | — <i>Eng.^o Samuel Rodrigues</i> e <i>Luis de Carvalho.</i> |

O "SHEMI"

(O CARUNCHO)

Um dia o rei Salomão, pensando na firmeza do seu trono e na grandeza do seu reino, disse cheio de vaidade: "Sou rei dum grande e firme império. Todos os povos me honram e admiram, toda a Terra de Israel me é fiel e, por isso, sou feliz.

Quando estava, porém, embebido e inebriado com sonhos tão dourados assaltou-o este terrível pensamento:

¿E se algum dia o meu trono, o meu reino, vai a terra?...

Obscado continuamente com este pensamento, procura afincadamente uma solução que lhe permita a eterna duração do seu trono, que ele, mais que a tudo, desejava. Como lembrança salvadora veio-lhe, então, esta, de esconjurar todos os animais e disse: Já sei. Vou esconjurar todos os animais e já ninguém será capaz de o fazer derrocar.

Assim, começou, juntamente com todos os nobres de sua corte, a pôr em prática a sua ideia. Depois, de ter dado a obra como pronta, vieram dizer-lhe que um pequenino insecto, chamado "shemi", não tinha sido esconjurado e que, por isso, seria necessário fazê-lo quanto antes.

O rei, porém, quando tal lhe disseram, disse: "Oh! não vale a pena... Se é tão pequeno, como dizeis, não será ele com a sua insignificante força que me fará mal, ao meu reino". E não o esconjurou. O trono, porém, foi a terra.

Tudo se admira. ¿Quem foi? Qual seria a criatura de tanta força e poder que fez assim derrocar um tão forte reino? Ninguém sabe responder a estas perguntas? Pois foi nem mais, nem menos do que o pequenino "shemi".

Riem-se? Pois bem. Esse animalzinho, com uma actividade constante, foi trabalhando, foi trabalhando continuamente. Hoje roeu um pouquinho. Amanhã mais um pouco. Depois, lá ficou uma perna roída. A seguir, passou à segunda perna, que deixa no mesmo estado. A seguir ainda, outra e outra. Quem olhar para o que foi um grande trono só verá já uma casca vacilante. Treme continuamente... Ao longe, ouve-se o rodar dum carroção.

Aproxima-se. Que será do trono? Resistirá? Cairá?

O carroção aproxima-se cada vez mais. Ah! Lá começa o trono a tremer!...

O carroção está já próximo... Passou... e, ao barulho produzido pelas rodas girando a custo no eixo ferrugento e pelas já desconjuntadas tábuas que o formam, junta-se o enorme estrondo do vacilante trono, caindo...

Olha-se para ele e, do seu antigo esplendor, só podemos ver um montão de tábuas furadas e de ferro ferrugento.

Tudo silêncio... Tudo tristeza...

É uma lenda. Apesar disso, além de ser muito interessante, não deixa de conter alguns úteis ensinamentos e ela nos faz lembrar que, muitas vezes, coisas que, aparentemente, não têm importância alguma, são elas que nos deitam a perder. Por isso, nunca, a exemplo desta lenda, deixemos de tomar em conta as pequeninas coisas, porque é por elas que, muitas vezes, se goram alguns dos nossos sonhos e projectos.

J. DUARTE.

SIGMUND SILBERSTEIN

No dia 6 de Junho o Sr. Sigmund Silberstein, natural da Alemanha, que dali conseguiu fugir no tempo do feroz nazismo e veio refugiar-se no Porto, onde exercia a profissão de professor de ensino livre de línguas, foi chamado à presença de Deus Bendito. No dia 8 realizou-se o seu funeral no Cemitério Municipal de Agramonte. Até à sua última morada foi acompanhado por vários amigos seus e pelos seguintes israelitas: Nathan Beigel, Presidente da Comunidade do Porto, Finkelstein, Vice-presidente, Bronstein, Tesoureiro, Presman, Presidente da Assembleia Geral da Comunidade, Dr. Alfredo Kiefe, Vice-presidente e Provedor dos refugiados, e Prof. Capt. Barros Basto, Reitor do Instituto Teológico Israelita, que pronunciou as últimas orações fúnebres segundo o rito português.

INSTITUTO TEOLÓGICO ISRAELITA

(Yeshibah Rosh-Ploah)

PENSAMENTOS

DE A. C. DE BARROS BASTO

Este Instituto na sua acção cultural, produziu já as seguintes publicações educativas:

Ensino Elementar—Ensino Elementar e Doméstico, Abecedário Hebraico e Catecismo Israelita.

Habodah (Liturgia)—Véspera de Shabbath, Oração Matinal de Shabbath, A Oferenda de Shabbath, Saída de Shabbath, A Noite de Rosh Ha-Shanah (Ano-Novo), A Noite de Kipur, Hagadah Shel Pessah, Nehilah ou Encerramento de Kipur, As Noites de Hanukah ou da Festa dos Macabeus, Hallel, Birkath Ha-Mazon (Graças após a refeição), Oração antes de deitar, Dor e Fé (Oração por doentes moribundos e mortos), Hazkarath Ha-Methim (Oração de saudade dos mortos).

Teologia Dogmática e Moral—Kether Malkhuth (Coroa Real), A Moral do Sinai.

Dinim (Canones)—Memorial de Preceitos Israelitas.

História e Folclore—Don Yahia Ben-Yahia, Had Gadiah, Don Abraham Zacuto.

Apologética—Judeus & Prosélitos, Dissertação sobre o Messias, Israel Vingado.

Legislação—A liberdade de Cultos.

Música—Ha Tikvah (A Esperança).

NOTA—Estas publicações podem ser pedidas ao Conselho Escolar deste Instituto, de que fazem parte os seguintes srs.: Prof. Cap. Barros Basto, Reitor; Eng.º Samuel Rodrigues e Eng.º David Moreno, adjuntos e José Pereira Gabriel, secretário e bibliotecário.

A sede é na Rua Guerra Junqueiro, 340 - Porto (Edifício da Sinagoga Kadorie Mekor Haim).

Visado pela Comissão de Censura

Quando um povo não possui uma sólida educação cívica, necessita dum governo forte que seja um fiel garante da Liberdade, que esse povo deve usufruir. Quando digo governo forte não quero dizer governo violento, porque esse é apenas forte na aparência, assemelhando-se àquelas pessoas, que, ao atravessarem de noite um pinhal vão cantando.

*

Se queres realizar alguma coisa útil para a humanidade tem a heróica coragem de fazer ingratos.

*

Em tudo em que é necessário a acção o desânimo é o pior dos males.

*

Qualquer animal, seja ele qual for, é teu amigo se lhe dás de comer.

*

Há homens que não são mais que tubos digestivos, dotados de membros preensores e locomotores.

*

Diz um rifão português que o amor entra pelos olhos, mas a muitíssimas criaturas entra pelo estômago.

*

Poupar a vida a um lobo é ser cúmplice na morte de mais de cem ovelhas.

*

O javali é desagradável ao tacto, mas, passa junto de quem quer que seja, seguindo sempre o seu direito caminho, não atacando ninguém mas atacando somente aqueles que o atacam.

*

Numa colectividade humana, onde todos devem trabalhar para um fim comum espiritual, intelectual e moral, se algum dos seus membros não emprega o seu esforço para o almejado fim, esse indivíduo não passa dum explorador do esforço alheio.

A CONSCIÊNCIA

A tradição judaica chama a Joseph «Ha-Çadik» (o justo), nome honorífico que ela não atribui nem a Abraham, nem a Moisés. Joseph é o Çadik, porque a Escritura Sagrada não lhe conhece pecado, mas unicamente virtudes. Arrancado bruscamente à afeição de seu pai, vendido sem piedade num país estrangeiro, lançado inocentemente num sombrio calabouço, Joseph suporta a sua infeliz sorte com uma constância inabalável. Nunca ele deixa o desespero invadir o seu coração, nunca uma palavra de murmúrio ou de rancor chega aos seus lábios. Apesar das injustiças que sofre, a sua figura respira sempre serenidade e bondade. Notai com que doçura ele fala ao copeiro-mór dos seus dissabores:— Fui levado do país dos hebreus e aqui não tinha nada feito quando me atiraram para um calabouço.

Nem uma palavra amarga dirigida àqueles que mal lhe fizeram. As suas palavras são impregnadas de mansidão.

Qual é a força mágica que sustenta este jovem mártir, que o torna mais forte que as cadeias que o carregam, mais resistente que o calabouço que o encerra?

É que a sua consciência proclama altamente a sua inocência diante de Deus e dos homens, é que ele tem a convicção que o nosso destino vem dum Deus bom e justo que mudará a desgraça em felicidade quando, na sua sabedoria infinita, ele tiver julgado que o momento é chegado.

Compreendeis agora porque este escravo, apenas saído da prisão, leva a cabeça alta, e que de nenhum modo tem o ar de intimidade que súbitamente se encontra diante de Faraó todo-poderoso, diante deste semi-deus que é o terror do seu povo e que, num momento de humor tirânico, entrega o seu criado ao cadafalso? Este Joseph não tem o ar de falar do seu igual? Não parece, mesmo na sua simplicidade, maior que este Faraó que espera ansiosamente da boca deste jovem hebreu a explicação dum sonho que perturbou o seu coração?

Como diferentes aparecem ao lado dele os seus irmãos vindo ao Egipto! Joseph não tem senão que lhes falar um pouco

duramente, e logo eles ficam abatidos e aflitos por todo o peso do pecado de que a sua consciência os acusa. «Eles dizem um para outro:— Na verdade, nós somos punidos por causa de nosso irmão; nós vimos o seu desespero quando ele gritava piedade e nós ficamos surdos. Eis porque esta desgraça nos acontece». E eles revivem a cena dolorosa em que o seu velho pai infeliz, dominado pelo desespero, rasga os seus vestidos, chorando o seu filho amargamente. Eles o vêem assentado no chão, consumir-se dia a dia pela dor sem poderem-lhe dizer ainda a verdade. Vinte anos são já passados desde que eles praticaram o seu crime e a sua lembrança é ainda viva como se este acontecimento datasse de ontem. Recordar-se ainda exactamente as palavras que então pronunciou:— «Não vos torneis culpados para com este menino! mas vós não me quisestes escutar. Pois bem, eis que o seu sangue nos é reclamado».

Quantas vezes, durante estes vinte anos, os irmãos de Joseph, ajuizados pelos anos e atormentados pelo remorso, teriam discutido a responsabilidade de cada um deles nesta perversidade que carregava a sua juventude?

É que o pecado não abandona o criminoso; ele sacode-o no momento da prova. Ah! como são pequenos agora os filhos de Jacob! Eles baixam a cabeça como se quisessem desaparecer do mundo. «Que diremos ao nosso senhor, como falar e como nos justificar? O Todo-Poderoso soube atingir a iniquidade dos seus servidores».

Não há pior sofrimento que este sofrimento moral de ter a consciência carregada e de dar conta disso. Mais franqueza, mais serenidade. O sentimento da culpabilidade envenena a existência do culpado, assombra a sua face, faz fugir o sono das suas pálpebras fá-lo sobressaltar no seu leito, atormentado por sonhos sinistros. É sobre este assunto que os nossos Sábios dizem:— Se o culpado não pode ser julgado pelo juiz terrestre, porque o crime lhe é desconhecido, Deus nomeia o próprio culpado executor do julgamento divino.

Os filhos de Jacob expiaram as suas

A Educação

Na sua acepção mais racional a palavra educação significa formação moral do homem.

A educação tem por fim evitar os vícios, reformar os hábitos, quer dizer, polir o homem, no ambiente com a sociedade. Ela puxa o homem para as boas inclinações, aproximando-se da perfeição.

É na moral judaica que ela tem de se basear, seguindo os seus usos, costumes, leis, pois todos estes preceitos têm a sua influência na boa educação moral.

É com a crença que aparecem os primeiros sintomas da boa educação.

Geralmente, muita gente, julga que um homem por possuir uma boa instrução possui também uma esplêndida educação, mas não é tanto assim. A Educação é a cultura do coração, a instrução do espírito. Quantos homens recebem uma brilhante instrução, possuindo uma educação mal orientada.

O homem que possui uma boa educação e também uma límpida instrução pode-se chamar a esse, o homem por excelência.

Da educação depende o futuro do homem, e (o culpado) da má educação de um homem é geralmente a má administração moral de seus pais, devendo estes fazerem todos os esforços possíveis para administrar uma boa educação tendo por raiz, o dever, a honra, a lei, a moral, a justiça, a religião, o amor do trabalho, etc..

TRANSCRIÇÃO

O semanário *Sol* no seu número de 21-5-49, transcreve, o nosso artigo "Um Português que tentou a colonização da Palestina e a criação dum Estado Judaico" do nosso colaborador Amílcar Paulo.

Os nossos agradecimentos.

faltas pelas angústias terríveis que tiveram de sofrer. Quanto a Joseph, seu irmão, o aviltamento imerecido, suportado com resignação e confiança em Deus, tornou-se para ele uma fonte de elevação e de bênção.

ARTHUR WEIL.

Casamento em Lisboa

No dia 21 de Fevereiro, na residência do Sr. Dr. Augusto Toledano Esaguy, realizou-se o consórcio da sua gentil irmã D. Lygia Messody Toledano Esaguy com o Sr. Isac Carlos Lopes Martins, ambos nossos colaboradores. Depois de terminada a cerimónia do Registo Civil, começou o officio religioso, sendo celebrante o Rev. Abraham Assor.

Houve em seguida um copo de água muito distinto onde usaram da palavra vários amigos dos nubentes e foram recebidos muitos telegramas de parabéns.

Os noivos vieram fixar residência no Porto.

LITURGIA

(Em Hebreu e Abodáh)

No Judaísmo o indivíduo não constitui o centro e o eixo da nossa economia moral.

O Judaísmo, pelo contrário, só o considera como uma parcela ínfima de Comunidade à qual devem ser subordinadas as aspirações, os interesses particulares.

O indivíduo, fosse ele Moisés, pesa sempre menos aos olhos de Adonai que a colectividade.

A prece individual existe em Israel e o ritual contém mais duma fórmula delas. Mas é excepção. De facto é sempre a Comunidade que ora.

JUDEUS BERBERESCOS

Em 1912 o Dr. Nahum Slousch, encarregado duma missão científica em Marrocos, descobriu na região mal conhecida do Grande Atlas ao sul de Marrakech, numerosas aglomerações judaicas, cujo número total pode ir até 15.000 almas, e não percorreu senão uma ínfima pequena parte de Marrocos Meridional. Os judeus do campo são agricultores, mercadores, e operários. Vivem uma vida miserável, à mercê dos seus senhores bérberes.

São judeus guerreiros e aproveitam o descanso que lhes deixam as tribos para se bater entre si, aldeia contra aldeia.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 140)

VI. Código Ms. de Lisboa, de 1460 — O Código Ms. do Pentateuco com as Aph. e Megh. em pergaminho e carácter espanhol copiado em Lisboa em 1480 em 4.º por Moysés Seriba filho de R. Jacob (Consta na Epígrafe, que o possuidor deste Código comunicou a Rossi: *Ego Mores Seriba fil. R. Jacob fil. glor. Senis R. Moris ben Calef f. m. Scripsi ad nutrum excelsi R. N. hunc Pent. Aph. etc. Megh., absolvique illum feria III die XX mensis ellul au. 5240 ab O. C. hic Ulyssipone*). Tem a Masora e o Livro de Antiocho em caldaico. Este Código foi de Samuel Abarbanel, ao que parece filho de Isaac Abarbanel sábio Judeu Português, de que faremos memória em seu lugar. (Assim se lê numa epígrafe: *Hic Pentatencus est excelsi etc. eximii cap. perpeti Doctoris nostri de Mogistri nostri Don Samuel Abarbanel*). Existia em Gorícia e o tinha um Judeu chamado Ceruo Levi (Rossi no tom. I *Das várias Lições do Testamento Velho no Catálogo dos Códigos Mss. da Colecção de Kennicott* pág. LXXXIX, número 378).

VII. Código Ms. de Évora de 1495 — O Código Ms. Hebraico do Pentateuco e Agiógrafos escrito em Evora em 1495, que existe em Florença na Biblioteca dos Carmelitas de S. Paulo n.º 1085 em folha, escrito em pergaminho por Isaac Seriba filho de Isaias (No fim se lê assim, segunda translada Rossi: *Ego Isaac Seriba fil. Isaia fil. Jason Scripsi, masora instruxi, etc. cor-rexi hunc Pentat. etc. Agiographa, ex mandato Cl. R. Abrah. fil. R. Jacob fil. Zà eloch, absolvique illos feria II die II mensis Casleu duebus annis post exitium Hispaniam ann. 5255 a creat. M. in urbe Eboræ,*

que est in Regno Lusit. Bruns consultou este Código; e dele fala Kennicott na Dissertação geral pág. 500; e Rossi no tom. I *das Várias Lições do Testamento Velho no Catálogo dos Códigos abos. da Colecção do mesmo Kennicott* pág. LXXXVIX).

VIII. Código Ms. de Lisboa de 1495 — O Código Ms. do Psaltério em Hebraico escrito em Lisboa no mesmo ano de 1495 que se acha em Roma (Bruns viu também este Código: dele faz menção Kennicott na mesma Dissertação pág. 500).

IX. Código Ms. de Lisboa de Abarbanel — A Bíblia Ms. que tinha em Veneza no século passado D. José de Abarbanel escrita também em Lisboa e segundo parecia no século XV (Dela fala o Rabbino Manoel Aboab na segunda parte da sua *Nomologia* no cap. XIX pág. 218. se seg. e atesta a ter visto e diz que mostrava já em seu tempo ter sido escrita à 180 anos).

X. Código Ms. de Lindano — O Código Ms. de Psaltério de Lindano (Deste Código fala Bruges; e Kennicott o numera entre os Mss. da sua *Colecção*; mas parece confundir este *Psaltério Português* com o *Anglico* e o *Lovantense* pondo-o abaixo dum sublime número e do título geral dos Códigos Brugesenses. Com tudo Rossi os distingue; e diz, que o primeiro era de D. Clemente Inglês; o segundo do Colégio de Lovaina; e o terceiro da Sinagoga dos Judeus de Portugal, e que este fora conferido por Lindano, em cuja fé o trazia Bruges, tom. I *Das várias Lições do Testamento Velho no Catálogo dos Mss. da Colecção de Kennicott* p. XCIV, n.º 694.

(Continua).

Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, .DA
Rua da Fábrica, 80
PORTO

O SIONISMO E A COMUNIDADE ANGLO-JUDAICA

POR PAUL GOODMAN

(Discurso pronunciado na Comemoração do Jubileu da
Federação Sionista da Grã-Bretanha e Irlanda — Março de
5709 — 1949).

Nós estamos agora comemorando o 50.º aniversário da fundação da Federação Sionista Inglesa, e nós recordamos a memória de alguns daqueles que, durante a passada meia centúria, serviram a causa Sionista mas não estavam destinados a viver para verem os frutos das suas aspirações. Mas é necessário lembrar-se que as origens desta organização recuam não sòmente para 50 anos, mas para os princípios da Comunidade Anglo-Judaica.

Para a ideia Sionista não é uma intrusão estrangeira na vida e no pensamento da Anglo-Judiaria, mas era o elemento essencial no Repovoamento Judaico nesta região no século XVII.

Isto não é uma opinião sòmente extraída dos estudos documentados da História do Sionismo de Nahum Sokolow mas tem a inatacável opinião de historiadores Anglo-Judaicos tais como Lucien Wolf, Albert Hyamson e Cecil Roth. Se havia uma ideia dominante que inspirasse esperança nos Maranos Sephardim os quais foram os primeiros a instalar-se nesta região sob Oliver Cromwell era o ideal Messianico da restauração dos Judeus na Terra Santa que tinha comovido Dom Isaac Abrabanel e, mais tarde, Rabbi Menasseh Ben-Israel, e tinha infundido uma simpática resposta na atmo-

fera religiosa da Inglaterra Puritana. Foi, de facto, este particularmente notável feito que dali em diante marcou a atitude Britânica para com a população Judaica neste reino.

A luta para a emancipação civil e política dos Judeus nesta região, tomou, entretanto, uma direcção diferente do que aquela que antes tinha sido estabelecida.

Aqui não havia o Grande Sanhedrin, como foi combinado por Napoleão, para definir a posição dos Judeus perante o Estado e para evocar a Judaica declaração de lealdade por ele.

Não havia aqui quebra dos direitos dos Judeus na base de assimilação, como na Alemanha e Austria, nem na próxima revolução da Rússia Czarista. A Inglaterra cristã tomou como garantia os Judeus como o antigo povo de Deus, o povo da Bíblia e a sua associação sempre eterna com a Terra Santa.

O problema Judaico *dual lealdade*, do qual nós ouvimos recentemente em certos círculos Judaicos, não incomodou a cristandade inglesa, e seria um mau serviço para a *Anglo-Judiaria* se estes patetas, que livremente entraram nos Círculos Judaicos, fossem por nós consentidos em controvérsia. Não foi só o impulso Sionista que foi notável na admissão dos Judeus neste país, por-

que no século 19 a figura luminosa do máximo do Chovevi Zion, Sir Moses Montefiore, cativou a imaginação, e ganhou o poder, dos mais altos nesta terra, desde a Rainha Vitória.

Nunca houve a menor dúvida sobre a lealdade devida de Sir Moses para com a grande Rainha e quanto à sua parte no esforço para a emancipação Judaica, nada a atrasou ou prejudicou, tudo devido à sua lealdade Judaica, e pelos seus infatigáveis e tenazes esforços pelo bem dos Judeus na Terra Santa.

Nas suas missões em benefício dos Judeus oprimidos exteriormente, Sir Moses teve a ajuda inqualificável da Inglaterra Victoriana.

Lord Palmerston e outros secretários dos negócios externos, aparentemente nada viram de estranho que o Sr. Moses, poderia impor a sua diplomática assistência como Presidente da Assembleia da Comunidade Judaica Britânica, quando advogou — *mutatis mutandis*, como Presidente da Comunidade nesta ocasião — o repovoamento dos Judeus na sua ancestral Terra-Mãe.

Foi, pois, sob a sua sã intuição que Theodor Herz veio especialmente à Inglaterra com a sua ideia dum *Estado Judaico*.

Ele encontrou compreensão no construtor do Império Joseph Chamberlain bem como, mais tarde, Dr. Weismann que teve a habilidade de influir Lord Balfour a favor do Sionismo. Mas os homens de Estado Britânicos não estavam sob a ilusão de que os Judeus entrassem na *Comunidade*, e não receavam que as aspirações nacionais Judaicas reflectissem adversamente na patriótica lealdade dos Judeus Britânicos perante o Estado.

Nós Sionistas estamos, entretanto, bem dentro da linha das tradições britânicas quanto aos Judeus durante os últimos trezentos anos.

Se os Sionistas tivessem organizado uma oposição ao que anteriormente estava estabelecido, era inevitável nestas circunstâncias que posteriormente as autoridades aceitariam um anti-sionismo, baseado no receio que suportar o Sionismo nas suas aspirações, seria perigoso para a igualdade em que os Judeus eram considerados neste país.

Esta é uma experiência com a qual os

Sionistas têm que contar neste país; mas os Judeus Britânicos farão bem em pensar que o mal que eles pensam, não será removido por vãos protestos de lealdade patriótica com as quais exteriormente foram familiares nos tempos idos. Isto seria somente estranho para as tradições dos Anglo-Judeus, os quais ganharam o seu primacial lugar na Comunidade Britânica por uma prova inequívoca da sua histórica individualidade e solidariedade com o todo da casa de Israel. Agora que o objectivo da política Sionista foi adoptado, nós retornamos para os propagandistas da Anglo-Judaica Comunidade que possam ainda duvidar em futuras atitudes que o Estado de Israel, não é meramente de «Jure» mas de «facto».

Não recriminem Bevin. Bevin deu o seu reconhecimento de alma e coração e a sua ajuda a Israel!

Nós Sionistas Britânicos somos uma parte da Anglo-Judaica Comunidade e tomamos um interesse activo na sua vida agora que o Estado de Israel foi estabelecido, a sua orientação política está fora das nossas mãos, excepto até onde possamos ser ajudados no restabelecimento daquelas cordiais relações que o Povo Judeu deve a este grande país e às nobres tradições da declaração Balfour e que originou o estabelecimento do Estado de Israel. Nós, também queremos outro Abad-Ha'am para nos guiar na situação que nos colocamos; nós precisamos, deixem-nos falar, um «Moreh Nebuche ha-Zeman», uma síntese dos desenvolvimentos em Erez Israel e as aspirações Judaicas no Golah. É certo que nós estamos agora na abertura de uma nova era dentro da história milenária do povo Judaico.

Mas para aqueles Judeus que pensam na sua responsabilidade colectiva para os Judeus no futuro de novas eventualidades, nós chamaremos a atenção para as proféticas palavras de Max Nordau aos Judeus da Alemanha 50 anos atrás, quando ele concluiu num memorável discurso em Berlim, em Abril de 1898, com as palavras:

«Os Judeus ou serão Sionistas ou não serão Judeus.»

(Traduzido da revista *The Gates of Zion of The Central Synagogue Council of the Zionist Federation of Great Britain & Ireland*), n.º 4, vol. 3, Julho de 1949.

PAUL GOODMAN

UM GRANDE DE ISRAEL MORREU

No dia 13 de Agosto chamou Deus Benedito à sua presença o Sr. Paul Goodman, com 74 anos de idade, digníssimo Vice-Presidente honorário da Comunidade Israelita do Porto.

Era o Secretário honorário da Spanish & Portuguese Congregation de Londres, Comunidade fundada por judeus e cripto-judeus emigrados de Portugal e Espanha no tempo em que nestes países campeava a feroz Inquisição. Paul Goodman não era somente um pujante escritor como o demonstram os seus trabalhos literários, dentre os quais destaca *The History of the Jews e The Synagogue and the Church*, onde à levesa e graciosidade da linguagem alia o rígido critério do historiador e o espírito piedoso de apologética.

Era ele também o Secretário activíssimo do Portuguese Maranos Comité de Londres que tem dirigido os trabalhos da Obra do Resgate em Portugal e tem procurado em todo o mundo judaico elementos para que seja conduzida a bom termo a sagrada missão de redimir os descendentes dos mártires da Inquisição.

Em 6 de Março de 1907 na Spanish & Portuguese Synagogue, Landerdale Road, se realizou o enlace matrimonial de Goodman com a Sr.^a D. Romana Manczik, sendo celebrantes o Haham Dr. Moses Gaster e os

Rev.^{cs} J. Piperno e S. J. Roco. Enlace feliz que deu a Goodman uma boa esposa, boa mãe e uma excelente companheira de trabalhos. D. Romana Goodman foi uma das fundadoras da simpática organização feminina de assistência Wizo.

A *História dos Judeus* de Goodman foi publicada pela primeira vez em 1911 e teve depois muitas edições.

O seu livro *A Sinagoga e a Igreja* é um trabalho consciencioso de estudo teológico.

Na sua actividade prestou bons serviços na organização Bené-Berit (primeira loja da Inglaterra).

Foi um dos fundadores e activo colaborador da Zionith Federation of Great Britain and Ireland.

Dedicou-se ao estudo das Comunidades Spharditas (luso-hisp.).

Com sua esposa visitou a Terra Santa onde foi recebido e acompanhado por Sua Eminência o Rabbi-mor do Rito Sephardy na Palestina, Rev.^o Jacob Meier.

Visitou os históricos centros de Diásporá Sephardy (Salónica, Sarajevo, Belgrado, Florença, Leorne, Porto, Lisboa, Gibraltar e Tetuan).

Em Espanha em 1931 foi recebido pelo Sr. Presidente da República Alcalá Zamora.

Numerosas são as suas obras literárias:



PAUL GOODMAN

Think and Thank, Bevis Mark in history, Chaim Weisman, etc..

Com emoção recordamos os trabalhos de Goodman durante vinte anos na obra do Resgate dos maranos portugueses, a sua viagem a Trás-os-Montes, a sua actividade para obter ajudas para a construção desta Sinagoga.

Quando fez os seus 70 anos a Federação Sionista da Grã-Bretanha e Irlanda instituiu uma publicação na Universidade Hebraica de Jerusalém intitulada «Paul and Romana Goodman Publication» sobre a vida comunal e religiosa dos Maranos em Portugal durante os séculos XVI e XVII.

Seu filho mais novo Cyril foi o intelligence Officer da Brigada Judaica nesta segunda Grande Guerra.

O Porto israelita está de luto e de luto está Israel.

A pequena comunidade portuense perdeu um dos seus membros beneméritos, a grande congregação de Israel perdeu um dos seus valiosos pilares.

Não houve actividade israelita construtiva em prol do Bem, da Verdade, da justiça e do amor da Humanidade a quem Ele não desse um pouco do seu grande esforço.

Judeus Maranos de Portugal encomendai nas vossas orações a alma piedosa daquele que no mundo se chamou Paul Goodman, elevando o vosso coração em homenagem à Santíssima Unidade, que nos enviou tão belo guia, ao qual Ele depois de ter desempenhado a sua nobre missão, acaba de o chamar à sua divina presença para o galardão bem merecido e para o repouso eterno no reino de Deus.

Do Times — Londres, segunda-feira 15 de Agosto de 1949.

ZIONISM IN ENGLAND

Mr. Paul Goodman, for many years a notable figure in the Zionist movement in England, died on Saturday in hospital in London at the age of 74.

He was borne at Dorpat, Lithuania, on April 10, 1875, and for some time after his arrival in this country in 1891 he lived in Glasgow. In 1895 he was appointed assistant secretary of the Spanish and Portuguese Congregation (the Sephardi community) in London, the original community of Jewish settlers in this country, succeeding to the

secretaryship on the death of Samuel Cohen, who, like him, was born not into the Sephardi but into the Ashkenazi or North European community of Jews. He retired in 1946. As a young man he took an interest in Zionism and in 1910 was appointed secretary of the English Zionist Federation. This interest continued to develop until he became, many years before his death, one of the acknowledged Zionist leaders in Anglo-Jewry. He was in succession honorary secretary, honorary treasurer, and chairman of the political committee of the English Zionist Federation and of the Zionist Federation of Great Britain and Ireland; to which it later changed its name, and he was a vice-president of the federation for eight years. His other Zionist activities included membership of the council of the Jewish Agency for Palestine, the acting chairmanship of the English central committee of the Palestine Foundation Fund in 1926, and he was honorary treasurer of the International Confederation of General Zionists and chairman of the Sir Moses Montefiore Commemoration Committee for the establishment of a chair in English at the Hebrew University of Jerusalem.

Another interest of Goodman's was in the Marranos or secret Jews of northern Portugal, descendants of forced converts to Christianity of the early sixteenth century. He made several visits to these Marranos in Portugal, and was honorary secretary of the International Portuguese Marrano Committee, formed in 1926 for their recovery for Judaism. For his services in this connexion he was made an honorary vice-president of the Jewish community of Oporto. Goodman was one of the earliest members in England of the Order *B'nai B'rith*, originally a German-Jewish friendly organization which developed into an international organization for the succour of Jews in need in Europe and Asia, with headquarters in the United States. At one time or another he held practically every honorary office in England.

Goodman's first book, published in 1908, was «The Synagogue and the Church», a polemical work that attracted some attention both in England and America. His small «History of the Jews» appeared as a Temple primer in 1911 and subsequently passed into seven editions, having in its time probably the largest sale of any Jewish book published

in England, apart from the Prayer Book. Other books of his included "Moses Montefiore" (1925) and "The Jewish National Home" (1943). He also wrote a number of historical and other pamphlets, was editor of the Department of Anglo-Judaica of the twelve-volume "Universal Jewish Encyclopedia", edited the *Zioniste Review* for several years, and was a contributor to the "Encyclopedia Judaica", the "Encyclopedia of Religion and Ethics", and the "Encyclopedia of the Social Services".

A Fellow of the Royal Historical Society, he married Miss Romana Manczyk in 1907, who has long been very active in Zionist affairs. She was president of the Women's International Zionist Conference at Carlsbad in 1923 and at Vienna in 1925. He is survived by her, together with two sons and a daughter.

Do Boletim mensal da Spanish & Portuguese Jews' Congregation, de Londres (Setembro 1949).

MR. PAUL GOODMAN

The news of the death of Mr. Paul Goodman, for over fifty years Assistant Secretary and Secretary of our Congregation, removes from our midst a man who was not only a servant of the Kahal remarkable for his ability but also a man who by his energetic and fruitful activities outside the synagogue came to be well known over a large part of the Jewish world. He was born at Dorpat, the university town of Esthonia, then part of the Russian Empire, but emigrated to England while still a boy. He was appointed Assistant Secretary to Mr. Sam Cohen in 1891 and succeeded him as Secretary four years later, and until his retirement in 1946 he was the guiding force in the Congregation's affairs. He had not more fully mastered the English language with ease, and established himself as a responsible writer and journalist; he identified himself completely with Bevis Marks and its illustrious history, sparing no pains to raise its position in the world of Sefarad. He was one of the keenest supporters of the Marranos Committee, which sought to recover for Judaism the numerous descendants of those forced converts to Christia-

nity who still inhabit parts of Portugal, and visited Portugal as the Congregation's Ambassador. He was active in support of the ideas of World Sefardi Union unfortunately largely disrupted by the War.

Perhaps posterity will thank him most for another, different task which he achieved. At a most vital moment in our history when our ministry was in greatest need he set out to travel over Europe and seek for pupils to be trained. It is owed to him to-day that the Very Rev. the Haham and Rev. Abinim are with us.

Of his work for Zionism there is no need to speak. He was one of its leading statesmen and one of its most talented exponents in this country, and it was to Zionism that his real heart was given, and in this work he was assisted by his hardly less talented wife. To her and to her children the Congregation offers its sincerest sympathies in their bereavement.

Spanish & Portuguese Jew's Congregation Shahar Ha-Shamaim

(Congregação Judaica Portuguesa e Espanhola Porta dos Céus), foi fundada em Londres na Creechurch Lane, E. C. 3 em 1657.

Tem as seguintes sinagogas na capital inglesa:

- Bevis Marks Synagogue, E. C. 3 (aberta em 1701).
- Ramsgate Synagogue (aberta em 1833);
- Lauderdale Road Synagogue, w 9 (aberta em 1896);
- Holland Park Synagogue w 11 (aberta em 1938);

A sede desta Congregação, mãe da Congregação Portuense, é na Heneage Lane, Bevis Marks, E. C. 3 London.

TRISTE ANIVERSÁRIO

No dia 26 de Agosto foi o primeiro aniversário da morte de Nuno Carlos Azancot de Barros Basto, cujo corpo repousa no Cemitério Municipal de Amarante, no jazigo de família.



NUNO CARLOS DE BARROS BASTO

Em sua saudosa memória publicamos as suas seguintes Trovas:

QUADRA

*O mais belo dos poemas,
E o que mais amor contém,
Está escrito em letras d'ouro
No coração de uma Mãe.*

por NUNO CARLOS DE BARROS BASTO.

(Quadra radiofundida do Sanatório Sousa Martins — Guarda — na noite de 16 de Dezembro de 1947).

PARTIR

*Partir, deixar tudo e todos
Para seguir o caminho
Que o destino indicou,
Sem olhar à amizade, ao carinho
Com que deixamos o que ficou.
Partir, partir p'ra um mundo diferente
Donde ninguém volta, nem nada se sabe
Com um sorriso nos lábios, e a saudade no
[coração.
Adormecer embalado pelo doce fim, e antes
Viver num momento, numa químera, numa
[ilusão
Aquilo que foi nossa vida,
E do que guardamos melhor como recordação.
Tudo acaba, tudo finda, e depois?...
Para os que ficam... a recordação ficou,
Para o que vai... tudo acabou.*

Guarda, 14 de Março de 1948.

NUNO BASTO.

ANO DE 5710

O ano de 5710 da Era Hebraica começou ao pôr do sol do dia 23 de Setembro de 1949 da Era Vulgar.

Yom Kippur, 3 de Outubro de 1949;
Succoth, 8 de Outubro de 1949;
Hanucah, 16 de Dezembro de 1949;
Purim, 3 de Março de 1950;
Páscoa, 2 de Abril de 1950;
Shebuoth, 22 de Maio de 1950;
9 de Ab, 23 de Julho de 1950.

SELIH'OTH

(Preces de Indulgências)

TRADUÇÃO DE DAVIDE MORENO

Desde o primeiro dia do mês de Elul até à véspera de Iom Kippur (excepto sábado e Rosh Hashanah), diz-se estas orações depois da Amidah da noite (Arbith).

(Lehu venachubah)

Vinde, voltemos para o Eterno. Ele nos destruiu, ele nos elevará. Ele nos feriu, ele curará as nossas feridas.

Em dois dias ele nos chamará à vida e no terceiro estaremos completamente restabelecidos e viveremos.

Meu Deus! não é sobre o nosso mérito que nos apoiamos ao apresentar-vos as nossas humildes orações, mas é sobre a confiança que temos na vossa infinita misericórdia.

Escuta-nos, Senhor, abrandá; escuta-nos, Senhor, não tardes.

Opera pelo amor de ti próprio, ó meu Deus! porque a tua cidade e o teu povo têm-se lembrado do teu nome.

Ó Senhor, digna-te acolher-nos, nós voltamos a ti.

Renova para nós os dias felizes de outrora.

(El melegue)

Deus todo-poderoso, ó nosso Rei! tu que estás sentado sobre o trono de misericórdia que ages com bondade, que perdoas as iniquidades do teu povo, que concedes o perdão às faltas e a graça aos pecados, que és compassivo para todas as criaturas e não as trata conforme a sua maldade Deus todo-poderoso, tu nos fizeste conhecer os teus atributos.

Lembra-te hoje em nosso favor da aliança dos treze, como fizeste conhecer a Moisés teu bem-amado, assim como está escrito: «E o Eterno desceu na nuvem e se colocou ao lado dele; e invocou o nome do Eterno, e lá está dito:

Ó *oficiante*—O Eterno passando diante dele, ele exclamou.

Os fiéis—Eterno, ó Eterno, Deus todo-poderoso, cheio de clemência, de graças e de longaminidade, duma benevolência infinita e verdadeira, estendendo a sua misericórdia até à milésima geração, paciente para as faltas, o pecado, as transgressões, e absolvendo (o pecador arrependido).

E tu perdoar-nos-ás as nossas faltas e os nossos pecados, e possuir-nos-ás.

(Rahaman)

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor da aliança de Abrahan o bem-amado.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor da aliança de Isaac, que foi ligado ao altar.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor da aliança de Jacob perfeito.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor de Joseph, o justo.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor da aliança de Moisés, o profeta.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor da aliança de Arão, o sumo sacerdote.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor de Phiné, o zeloso.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor da aliança de David, o ungido.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! lembra-te em nosso favor da oração do rei Salomão.

Bedil Veiahaambor.

De Rosch-Haschanah a Kipur ajunta-se os seguintes versículos:

(Rahamana)

Ó misericordioso! inscreve-nos no livro da vida.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! inscreve-nos no livro dos justos.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! inscreve-nos no livro dos homens rectos e perfeitos.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! inscreve-nos no livro da prosperidade.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! abre as portas do céu às nossas orações.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! escuta as nossas orações com favor.

Bedil Velahaambor.

Ó misericordioso! concede-nos um bom ano.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! volta da tua cólera.

Bedil Veiahaambor.

Ó misericordioso! reenvia-nos cobertos das tuas graças.

Bedil Veiahaambor.

«E, ao passar o Eterno, diante dele, gritou: Eterno, Eterno! Deus todo-poderoso, cheio de clemência, de graças e de longaminidade, duma benevolência infinita e verdadeira, estendendo a sua misericórdia até à milésima geração, paciente para a falta, o pecado, as transgressões, e absolvendo (o pecador arrependido).

(Elohenu)

Ó nosso Deus e Deus dos nossos antepassados, que a nossa oração chegue até a ti. Não te desvies (Senhor) das nossas súplicas. Tu vês, nós não somos nem audaciosos, nem endurecidos, e não te diremos, ó nosso Deus e Deus dos nossos antepassados:

«Nós somos inocentes, nós não pecamos». Mas confessámo-lo, nós e os nossos antepassados pecamos.

(Achameno)

a) Nós somos muito culpados; b) Nós fomos rebeldes à tua vontade; c) Nós comemos abusos de confiança; d) Nós blasfemamos; e) Nós temos suscitado ao mal; f) Nós temos condenado (o inocente); g) Nós temos sido orgulhosos; h) Nós temos agido com violência; i) Nós temos afirmado o que é falso; j) Nós temos dado maus conselhos; l) Nós temos enganado; m) Nós temos metido a ridículo coisas respeitáveis; n) Nós temos sido desobedientes; o) Nós temos desprezado (as tuas leis); p) Nós temos-nos revoltado; q) Nós temos sido perversos; r) Nós temos cometido iniquidades; s) Nós temos oprimido (o nosso próximo); t) Nós temos endurecido o nosso coração; u) Nós temos agido com maldade; v) Nós temos-nos entregado à corrupção; x) Nós temos cometido acções odiosas; y) Nós temos seguido maus caminhos; z) Nós temos desencaminhado (o nosso próximo).

(Viçareno)

Ai! nós temos abandonado mandamentos tão perfeitos, e por isso para nossa desgraça. E tu, tão justo em tudo o que nos acontece, tu tens sempre agido com amor e fidelidade quanto a nós, mas nós temos-te desconhecido e temos pecado.

Nos dez dias de penitência (de Rosch Haschanah a Kipur), acrescenta-se depois da confissão:

(Hatanu)

Nós temos pecado, ó nosso Deus! Perdoa-nos, ó nosso Criador!

Escuta Israel, o Eterno é nosso Deus, o Eterno é *Uno*.

O Eterno reina, o Eterno reinou, Eterno reinará eternamente.

A sua essência é *Eheie ascher Eheie* Ele foi, ele é e ele será.

Ele faz morrer, ele faz reviver. Em toda a eternidade não houve outro Deus senão ele, e em toda a eternidade não haverá outro.

Deus de Abrahan, atende-nos. Ó tu que atendes com benevolência, atende-nos.

Ser venerado de Isaac, atende-nos. Ó tu que atendes na época da calamidade, atende-nos.

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor HaIm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, .DA
Rua da Fábrica, 80
PORTO

O BOM PASTOR

HISTÓRIA DE ESTER

Um dia que Moisés guardava as ovelhas de seu sogro Jetro, viu um cabrito que se afastava do rebanho e se pôs em fuga. Imediatamente ele se pôs a correr atrás dele a fim de o agarrar e o reconduzir ao rebanho: «Eu não quero deixá-lo desgarrar, dizia consigo, sozinho no deserto, ele morreria de fome e de sede».

Algum tempo depois, ele o viu parar para beber junto duma nascente de água viva.

«Pobre cabrito, disse ele, aproximando-se dele, eu sei agora porque tu fugiste. Eu não duvidava que tu tinhas sede, doutra forma eu não te teria seguido.» Ele esperou que o cabrito acabasse de beber, pô-lo sobre os ombros com muita compaixão e levou-o durante todo o caminho até que ele se juntou ao resto do rebanho.

«O meu cabrito é delicado e fraco, pensou ele, e ele deve estar fatigado da sua corrida.»

A acção de Moisés agradou aos olhos do Eterno que lhe disse: «Quão grande é a tua compaixão, Moisés! Tu tiveste piedade do cabrito, é porisso, que conduzirás o meu povo e tu serás o seu fiel pastor».

Midrash Shemoth Rabbá, 2.

Eu juntarei os restos das minhas ovelhas de todos os países onde os tresmalhei: Eu os reconduzirei à sua pastagem; elas serão fecundas e se multiplicarão.

Eu estabelecerei sobre elas pastores que apacentarão. Elas não terão mais receio, nem terror. E nada lhes faltará, diz o Eterno.

JEREMIAS, XXXIII, 3-4.

1 — *A rainha da Pérsia Vasti é repudiada, e Ester é proclamada rainha.* No tempo de Assuerus, rei da Pérsia, que reinava sobre 127 províncias, havia em Susa, sua capital, um judeu, chamado Mardoqueu, que tinha sido levado de Jerusalém, com os cativos deportados para a Caldeia por Nabucodonosor, rei da Babilónia. Este Mardoqueu tinha adoptado como filha sua prima Ester (Hadassah) (Ester em persa quer dizer estrela e Hadassah em hebraico significa Murta), que já não tinha pai, nem mãe.

Um dia Assuerus deu um esplêndido festim aos grandes do seu reino, bem como a toda a população de Susa. Mesas suntuosas foram preparadas nos seus aposentos como nos da rainha, que recebia as damas da corte. Nesta ocasião o rei patenteou as suas imensas riquezas. Viam-se por toda a parte só tecidos preciosos, tapetes magníficos, divãs de ouro e de prata; e as bebidas só eram oferecidas em copos e canecas de ouro. Este festim prolongou-se durante 180 dias.

No último dia, Assuerus, já excitado pelo vinho, pediu à rainha Vasti que viesse, com a coroa real, apresentar-se no meio dos grandes do reino, para que eles admirassem a sua beleza. Mas a rainha recusou-se a vir apresentar-se, e o rei ficou tão irritado com esta recusa que a repudiou. — Algum tempo depois, Assuerus fez reunir no seu palácio as raparigas mais belas e mais distintas do seu reino, a fim de escolher a que devia substituir Vasthi. Entre estas raparigas encontrou-se Ester. Apresentada ao rei Assuerus, ela lhe agra-

dou pela sua simplicidade e pela sua graça, tão bem que ele a escolheu para ser rainha e pousou a coroa sobre a sua cabeça. Contudo, Ester não lhe revelou nem o seu povo nem a sua origem, como lhe tinha recomendado Mardoqueu.

2 — *Mardoqueu desvenda uma conjuração tramada contra o rei.* Todos os dias, Mardoqueu vinha à porta do palácio para saber notícias da Ester. Tendo assim ouvido dois oficiais da corte conspirar contra a vida do rei, deu imediatamente conhecimento disso a Ester e esta informou o rei em nome de Mardoqueu. Foi feito um inquérito, que confirmou o caso; os dois culpados foram enforcados; e o facto foi consignado nos Anais do reino.

3 — *Aman quer fazer massacrar todos os judeus do Império.* Pela mesma época, Assuerus elevou Aman à mais alta dignidade do Império. Aman era um homem arrogante e cruel. Todos os servidores do rei se prostavam diante dele segundo a ordem do rei. Só Mardoqueu se recusava a fazê-lo; ele não queria render a um homem a homenagem que devia ser reservada só a Deus. O orgulho de Aman foi vivamente ferido com isso, e resolveu vingar-se; mas desdenhando pôr a mão só sobre Mardoqueu, resolveu exterminar com ele a nação judaica inteira. Tirou à sorte o dia e mês mais favoráveis ao seu intento, a sorte indicou o dia 13 do mês de Adar.

Então Aman dirigiu-se ao rei e disse-lhe: — « Há uma nação disseminada entre todas as províncias do teu reino; esta gente tem leis que diferem das de toda outra nação; quanto às leis do rei, eles não as observam, porisso não está no interesse do rei conservá-los. Se pois o rei consente nisso, que um édito seja publicado para os fazer perecer e eu entregarei 10.000 Koksars de prata no tesouro real ».

O rei tirou logo o seu anel do dedo, entregou-o a Aman e disse-lhe: — Não quero o teu dinheiro, e quanto a este povo, trata-o como te aprouver!

Imediatamente Aman fez expedir para todas as partes do Império cartas, contendo a ordem de exterminar num mesmo dia, 13 do mês de Adar, todos os judeus, homens, mulheres e crianças.

4 — *Ester decide-se a ir à presença do rei em risco de vida.* — O édito de Aman, que foi igualmente publicado em Susa, a

capital do reino, mergulhou todos os judeus numa profunda consternação. Mardoqueu rasgou os seus vestidos, cobriu-se com um cilício e percorreu a cidade chorando amargamente. Mandou imediatamente dizer a Ester que se apresentasse ao rei e intercedesse pela sua nação. Mas a rainha respondeu-lhe: « Toda a pessoa que aparecer perante o rei sem ter sido convocada incorre na pena de morte, a menos que o rei não lhe estenda o seu cetro para lhe fazer graça. Ora, eu, como serei acolhida pelo rei? Há trinta dias que não fui chamada à sua presença. Mardoqueu mandou-lhe esta resposta enérgica: — « Não te embales na ilusão de que, unicamente entre os judeus, possas escapar à morte, protegida no palácio do rei; porque se tu guardas silêncio na hora em que estamos, o livramento e a salvação surgirão para nós doutra parte, enquanto que tu e a tua casa, vós perecereis. — E quem sabe se não foi para uma tal conjectura que tu chegaste à realeza? »

Ester mandou dizer a Mardoqueu: — Vai, reúne todos os judeus de Susa; não comei nem bebei durante três dias e três noites; as minhas servas e eu fazemos o mesmo. Em seguida apresentar-me-ei ao rei, e se eu devo perecer, perecerei! » Mardoqueu fez o que Ester ordenou.

5 — *Ester é bem acolhida pelo rei.* — No terceiro dia, vestiu os trajes reais e apresentou-se no limiar do aposento do rei. Assuerus estava assentado no seu trono. Logo que viu Ester, ela encontrou graça nos seus olhos, e ele estendeu-lhe o cetro dourado de que ela tocou na extremidade. « Que tens tu, rainha Ester, lhe disse ele, e que pretendes tu? Mesmo que fosse a metade do meu reino, ela te seria concedida. — Ester respondeu: « Se é o bom prazer do rei que ele venha hoje à minha mesa, com Aman ». O rei aceitou; ele mandou logo a Aman que se dirigisse com ele ao festim preparado por Ester. Durante a refeição, o rei repetiu a Ester: « Diz o que tu desejas: mesmo que fosse a metade do meu reino eu te concederei! — « Se encontrei graça a teus olhos, queira bem voltar amanhã com Aman ao festim que eu vos quero preparar e então eu te direi o que desejo ».

Aman retirou-se muito alegre, muito orgulhoso de ter sido o único que a rainha

convidou com o rei. Mas quando saindo do palácio viu à porta Mardoqueu, que recusava sempre dobrar os joelhos perante ele, o seu furor despertou. Entrando em casa ele disse a sua mulher: «Para que me serve toda a honra que o rei e a rainha me concedem enquanto que este judeu Mardoqueu está assentado à porta do rei?»

Então Zerech, sua mulher, diz-lhe:

— «Que se levante uma força de cinquenta côvados de altura; e amanhã de manhã pede ao rei que ali pendurem Mardoqueu.»

O conselho agradou a Aman e mandou levantar a força.

6 — *Honras conferidas a Mardoqueu.* — Naquela noite o rei não pôde dormir. Para se distrair, mandou ler os Anais do reino, e o leitor começou pela passagem onde estava consignado que Mardoqueu tinha outrora salvo a vida ao rei. «Qual foi a recompensa, perguntou o rei, que foi concedida a Mardoqueu por prémio da sua felicidade?» — «Nenhuma», responderam os seus oficiais. No mesmo momento anunciaram que Aman se encontrava no átrio diante do aposento real. Ele vinha, está visto, para apresentar o seu requerimento ao rei e fazer enforcar Mardoqueu. O rei tendo ordenado que o mandassem entrar, disse-lhe: «Que convém fazer a um homem que o rei deseja honrar?» Aman, supondo que não se podia tratar senão dele mesmo, respondeu: «Que o rei faça revestir este homem com vestimenta real, que o faça montar sobre um dos cavalos montados pelo rei e sobre a cabeça do qual figure uma coroa real; que enviem este homem a um dos maiores senhores da corte, e que este senhor o conduza assim pelas principais ruas da cidade, proclamando: — «E' assim que o rei trata aquele que quer honrar!»

— «Vai depressa, diz o rei a Aman, e tudo o que acabas de dizer, fá-lo ao judeu Mardoqueu, sem nada omitires!» Aman, cheio de espanto, não pôde recusar-se a executar a ordem do rei. Prestou as homenagens a este Mardoqueu, que julgava, momentos antes, poder mandar para a força. Depois foi precipitadamente para sua casa, acabrunhado de tristeza e de vergonha.

7 — *Queda de Aman.* — Aman entretinha-se ainda com a sua mulher e seus amigos sobre a sua triste aventura, quando

os mensageiros do rei vieram buscá-lo para o conduzirem ao festim da rainha.

A' mesa, o rei renovou o seu pedido: «Diz-me o que tu desejas, Ester; nem que seja a metade do meu reino, eu to concedo!» Ester respondeu: «Se eu encontrarei graça perante ti, ó Rei, concede-nos a vida, a mim e ao meu povo. Porque nós temos sido votados ao massacre e à ruína. Se nós não tivéssemos sido senão vendidos como escravos, eu teria guardado silêncio; mas o nosso inimigo nem mesmo se inquietou com o prejuízo causado ao rei!» — «Quem pois teve a audácia de agir dessa maneira?» disse o rei.

— Foi este homem, replicou Ester, este homem cruel e encarniçado, este malvado Aman que aqui está!» Aman ficou aterrado. O rei, na sua cólera, tinha-se levantado do festim para ir para o parque do palácio, enquanto que Aman se levantou para pedir graça da sua vida à rainha Ester, porque ele via que a sua perda estava resolvida pelo rei. Como o rei voltava do parque para a sala do festim, Harboná, um dos seus servidores, disse-lhe: «Muito perto da casa de Aman está levantada uma força, com 50 côvados de altura, que ele mandou levantar para ali pendurar Mardoqueu.»

— «Que aí o pendurem a ele mesmo!» gritou o rei.

Penduraram pois Aman na força que ele tinha preparado para Mardoqueu, e a cólera do rei acalmou-se.

8 — *Elevação de Mardoqueu; festa de Purim.* — Tendo em seguida Ester revelado o seu parentesco com Mardoqueu, o rei nomeou este seu primeiro ministro, no lugar de Aman. Mardoqueu expediu imediatamente para todas as províncias novos éditos, munidos do selo real, para anular o efeito do de Aman. Assim o 13 de Adar, destinado por Aman a ser o dia do extermínio dos judeus tornou-se para estes um dia de alegria e contentamento. Em Susa assim como em todas as cidades e aldeias do reino, os judeus fizeram festins, enviaram mutuamente presentes e espalharam muitas esmolas pelos pobres. Mardoqueu consignou todos estes acontecimentos num livro e enviou cópias dele aos judeus até às províncias mais longínquas. Ele estipulou que os judeus celebrariam para sempre, em recordação desta milagrosa liber-

NOITES DE SÉDER

Numa cidade inglesa, numa modesta casa, em que antes da guerra, tudo era felicidade e alegria, vivia uma família composta por pai, mãe, dois filhos e uma pequenita que era o enlevo dos 4.

A vida daqueles 5 entes tão amigos e tão unidos foi de repente transformada com o terrível flagelo da guerra.

O pai e o irmão mais velho foram chamados para cumprir os seus deveres defendendo a sua pátria e a sua religião.

Naquela casa em que outrora tudo era alegria e satisfação, transformou-se numa outra casa em que a alegria e a satisfação eram substituídos pela tristeza e ansiedade.

Os anos de guerra foram-se arrastando e o pai e o John que de longe vinham beijar os seus queridos continuavam lá longe. O Philip fez o ano passado a sua *bar-mitsváh* e não foi tão alegre como a do John porque a essa pequena festa familiar só duas pessoas assistiram: a mãe e eu. Mas, como sabíamos os outros bem essa tristeza foi um pouco atenuada.

Este ano as festas da Páscoa foram mais tristes do que no ano passado, porque no ano passado ainda o pai e o John as passaram em casa aproveitando as suas licenças, mas este ano como foi diferente, quando nos sentamos à mesa e ouvimos o Philip ler as orações desta noite a mãe com os olhos embaciados pelas lágrimas e eu que sentia um mal-estar, um não sei quê que se me atravessava na garganta, ouvimos aquela voz que de quando em quando mudava de tom e que um tanto modificada pela comoção continuava sempre a ler.

tação e em sinal de reconhecimento, o 14 deste mês, como festa, chamada *Purim* (por causa da sorte ou por que Aman tinha consultado). Os judeus aceitaram, por eles e para os seus descendentes, comemorar anualmente esta data; assim a recordação de Purim não se apagará nunca do meio dos judeus.

Quanto a Mardoqueu, ele foi muito considerado na sua alta dignidade; caminhava, em segundo lugar, após o rei; ele era também muito amado por todos os judeus, seus irmãos, a quem ele sinceramente desejava felicidade.

O jantar, que era um pouco melhor do que os outros dias foi mais triste e, terminado este, quando o Philip continuou a ler a mãe que já não se podia conter começou a soluçar e quase em seguida na nossa casa não se ouvia mais nada senão o soluçar de 3 pessoas que com tanta saudade recordavam o passado.

Mal terminaram as orações fomos para a cama. E em cada quarto cada um de nós fazia os possíveis por abafar os soluços.

Na manhã seguinte fomos à sinagoga e numa altura em que todos estavam de pé e rezavam baixinho, a mãe disse-me que se eu quisesse pedir a Deus qualquer coisa o fizesse nessa ocasião e enlão eu pedi:

— Meu Deus que estás no céu, ouve bem o que te peço e vê se me podes ajudar neste momento de aflição. Faz com que a guerra acabe e que o pai e John voltem para casa para voltarmos a ser felizes como dantes. Faz com que logo quando fizermos o Séder, que a mãe não chore, porque, quando a vejo chorar a vontade de a imitar é tanta que acabo também por deixar cair as minhas lágrimas.

Meu Deus! Eu sei que és bom e desde que o pai está para a guerra tenho-me esforçado por ser boa menina, portanto concede-me o que te peço, faz com que o pai e o John voltem depressa.

A' noite quando principiávamos a sentarmo-nos à mesa bateram à porta e, qual não foi a nossa alegria ao vermos o pai e John entrarem. Nessa segunda noite de Páscoa as lágrimas da primeira, foram substituídas pela animação e alegria. Nessa mesma noite quem fez as orações já foi o pai e quase nós chegamos a esquecer de que havia guerra. Estávamos os 5 como dantes tão contentes que quase me cheguei a esquecer da triste noite anterior.

Antes de me deitar agradei a Deus o milagre que havia feito e pedi novamente que a alegria daquela noite se repetisse para sempre e que em todos os lares onde, como no nosso havia tristeza fosse substituída pela alegria, alegria essa que seria pouco duradoira porque o pai e o John teriam novamente de partir. Pedi também a Deus que fizesse terminar a guerra, essa maldita que tanto nos tem feito sofrer.

NUNO DE BARROS BASTO.

P Á S C O A

Símbolo de Liberdade

A festa de Páscoa é a maior festa nacional judaica. Se Pentecostes (Shabuoth) evoca um facto altamente espiritual e civilizador — a proclamação do Decálogo, — se Sucoth recorda o milagre das cabanas no deserto e se Rosh Hashanah e Kipur são dias dedicados à meditação e ao exame de consciência, a Páscoa comemora a libertação d'Israel no sentido mais lato da palavra.

O termo *libertação* não é mesmo adequado. É mais do que isso. Os hebreus constituíam-se pela primeira vez em nação. O livramento do jugo egípcio acompanhava-se duma proclamação de soberanidade que dava a este livramento todo o seu sentido, todo o seu valor.

Livramento e soberanidade eram os dois componentes dum mesmo problema.

Os hebreus do Egipto eram perseguidos como minoria. Ora, para fazer cessar esta perseguição, para atenuá-la pelo menos, eles tinham um caminho mais fácil que o êxodo e a marcha no deserto. Era o de se integrar na nação egípcia, de se declararem os subditos leais do rei e limitar a sua luta à conquista das suas liberdades civis e religiosas no limite em que estas liberdades existiam na época.

E' possível e mesmo provável que um esforço deste género tenha sido tentado, pois que certas passagens da Escritura testemunham da ligação dos hebreus, se não intelectual pelo menos material, à terra do Egipto. Mas a elite recusou no seu espírito toda a ideia de *emancipação* e de *carta dos direitos do homem e do cidadão*.

As primeiras palavras de Moisés ao apresentar diante de Faraó são para lhe pedir não a abolição das leis tirânicas que faziam de seus irmãos cidadãos de segunda zona, e para dizer tudo escravos, mas a sua saída do país.

Moisés não era homem de meias medidas. Ele estava convencido que uma minoria é sob todos os climas e sempre uma minoria, isto é uma presa fácil. A atitude da humanidade em face das minorias não é uma atitude de heroísmo, mas de cobardia.

Uma minoria sem defesa, é o que há de mais cómodo para a sacrificar em holocausto aos deuses temíveis do ódio e da bestialidade. Os homens e os povos são constantemente trabalhados pelo instinto de vingança, mas como o inimigo é muitas vezes mais forte — doutro modo não seria um inimigo — eles lhe procuram um substituto, um fraco. E' ele o culpado.

Uma minoria é o exatório de todas as cóleras. A sua existência não se justifica senão para que ela sirva para expiar os pecados dos outros — como o bode inocente e protestário que se sacrificava outrora a Azazel.

Moisés não tinha esquecido a lição duma história recente, José, como tantos grandes judeus na Alemanha, tinha prestado assinalados serviços ao Egipto. Pela sua inteligência, sua previdência, sem dom de organização, ele tinha salvo o país da fome. Mas morto José, estes serviços são depressa esquecidos.

«E se levantou, diz a Escritura, um novo rei em Mitsraim que não conheceu José». E o exegeta talmúdico corrige: «que fingia não conhecer José».

Este comentário é válido para todos os tempos.

Israel dará por sequência mais dum José a outros Faraós. Dará ao mundo o Livro dos Livros, dará aos povos o sentido da justiça, lhes ensinará o universalismo, lhes oferecerá este Decálogo de que Renan dizia «que ele é para todas as nações e será durante todos os séculos os Dez Mandamentos de Deus». Ele lhes trará, durante dois mil anos de dispersão uma larga contribuição no esforço intelectual e científico das suas élites, mas estes povos — mais exactamente os seus faraós — farão de conta de não conhecer José.

Moisés tinha previsto tudo isto. Ele tinha um dom de adivinhação agudo. O Homem de Deus, o Pai dos Profetas via o futuro não através dum *espelho opaco*, através dum véu, uma visão, como era a sorte dos outros profetas, mas nitidamente, directamente. Quando a Escritura nos diz que Moisés conversava com Deus face a face, isto quer dizer que as trevas que eu-

volvem estes pobres homens encarregados de governar o mundo se dissipavam diante dele. Deus, disse Maimonides, lhe falava do fundo da sua inteligência, da sua lucidez flamejante.

Moisés permanece inflexível no seu programa: Livramento e soberanidade. As dificuldades que se anunciam para a sua execução são imensas: dificuldades interiores e dificuldades exteriores. Ele terá de lutar contra os do seu povo a quem repugne correr a aventura, e contra o poderoso faraó. «Os filhos de Israel, diz a Escritura, não escutaram Moisés porque eles estavam desencorajados e gemiam numa dura servidão». Quanto a Faraó, fazia-se mais cruel depois da intervenção de Moisés e tornava mais duras as tarefas às quais os filhos de Israel estavam obrigados. «Que se acabrunhe estas gentes com trabalho, dizia ele aos seus ministros, a fim de que deixem de correr atrás de quimeras».

Através a narração bíblica tem-se a impressão que sem a intransigência de Moisés a situação de seus irmãos no Egípto não seria melhorada. Faraó faz já uma concessão concedendo a Moisés o favor para aqueles que ele defende de praticar livremente a sua religião. «Então Faraó chamou Moisés e Arão e lhes disse: Ide sacrificar ao vosso Deus neste país». Sacrificar a um Deus estrangeiro era nesta época a súplica da liberdade. O que irritava Faraó era a insistência de Moisés de fazer deixar o Egípto ao seu povo. Mas, ali está precisamente a grandeza de Moisés. Moisés desdenha a liberdade que lhe é lançada em esmola pelos outros. Ele quer a total, indiscutível, conquistada no combate.

Moisés não teria certamente conseguido êxito na sua tarefa se ele não tivesse fundamentado o seu programa de livramento e soberanidade sobre uma base altamente moral. A sua concepção dum Deus universal, origem da verdade e da justiça, foi nas suas mãos um factor dinâmico poderoso que electrizou um povo tornado amorfo por uma longa servidão. Também vê-se Moisés apressar-se a dar ao seu povo em pleno êxodo e em plena batalha uma constituição que será o esqueleto invulnerável da nação. E' esta constituição, conhecida sob o nome de Thorah, que impedirá Israel de sossobrar. Muitos povos independentes desapareceram no decorrer dos séculos.

O povo judeu teria sofrido a mesma sorte se o programa de Moisés não tivesse sido senão um programa de liberdade material unicamente.

Se a Páscoa devesse celebrar somente um facto histórico que se desenrolou há cerca de 3.500 anos, há muito tempo que ela teria caído no esquecimento. Se, desafiando o tempo, ela se perpetua, é que ela traz em si uma mensagem valiosa para todos os séculos. Esta mensagem é a da liberdade nacional e espiritual ao mesmo tempo.

Traduzido de «Le Judaisme Sephardy».

PARIS.

Publicações recebidas

Le Judaisme Sephardi — Órgão mensal adoptado pelo Congresso Sephardi de Londres (Maio de 1935) e pelo de Amsterdam (Maio de 1938). Director: O. Camhy. Direcção: 18, Rue Saint-Lazare, Paris-9.^o (em língua francesa).

Oloth Odesche — Jornal mensal consagrado às Ciências talmúdicas redigido em língua hebraica. Esta publicação contém artigos emanando dos sábios e das luzes espirituais do Judaísmo mundial e tratando dos assuntos talmúdicos, halachicos e agadicos de interesse geral.

Inspirados da mais pura tradição judaica, as investigações profundas assim como os trabalhos recentes e variados de autoridades rabínicas incontestáveis concedem a este órgão tradicionalista um alto valor religioso, intelectual e moral. Ele tem já a colaboração de eminentes espíritos do mundo inteiro.

Redaction: «*Oloth Hodeche*».

Rédacteur: *Rabbi M. Mund.*

37, Rue G.—Cavaignac—Paris—Paris-XI

Les Cahiers Sephardis

Directeur: *Sam Levy.*

Boulevard Bineau, 185

Neuilly — sur — Seine (France).

UMA GRANDE DAMA JUDIA DA RENASCENÇA

GRACIA MENDESIA — NASSI

POR ALICE FERNAND-ALPHEN

O Gabinete das Medalhas da Biblioteca Nacional (de Paris) possui um belo medalhão em bronze da Renascença italiana representando o retrato duma grande dama da época e trazendo na cercadura, gravado em caracteres hebraicos, um nome: Gracia Nassi.

O retrato duma grande dama da Renascença italiana, enquadrado de caracteres hebraicos, há ali com que aguçar a curiosidade dos investigadores! Uma controversia se levantou entre sábios a fim de saber se este medalhão era obra do gravador Pastorino, de Siena, ou de Giovanni — Paolo Poggini, de Ferrara.

Em 1858, Adriano de Longperier, conservador dos Antigos do Louvre, num artigo da «Revista Numismática» atribuiu-o a Poggini comparando-o com outras obras deste artista: «É a custo, diz ele, se se pode distinguir a effigie de Isabel d'Este da de Gracia Nassi ou de Lucrecia de Médicis: os mesmos ornamentos do penteado, o mesmo vestido, as mesmas caracteristicas: tudo concorre a produzir uma semelhança impressionante».

Uma trintena d'anos mais tarde, M. Alfred Armand, na sua bela obra intitulada: Os Medalhões italianos dos séculos XV e XVI, atribuiu-o a Pastorino e descreve-o como segue: «Busto à esquerda; sobre a cabeça véu ornado de pérolas e caindo sobre os ombros. Corsage cortado em quadrado sobre camiseta saliente».

Buscas nos impressos e documentos d'arquivos permitiram restituir, pelo menos nas suas grandes linhas, a vida verdadeiramente extraordinária de Dona Gracia, mãe de Reyna Nassi, Duquesa de Naxos. Para seguir esta carreira, ao mesmo tempo nobre e aventureosa, é preciso viajar em seu seguimento, através uma grande parte da Europa, ligar e religar conhecimento

com os judeus de Espanha e os Maranos portugueses; estudar o estado de espirito que reinava no século XVI em Anvers, em Veneza, em Ferrara, em Ancona, para acabar em fim na corte do sultão Soliman o Magnifico: Constantinopla.

*

Dona Gracia Mendesia, desce da família dos Benveniste, nasceu em Lisboa em 1510; seu nome cristão era Beatriz da Luna; em 1528, ela desposou um correli-gionário que pertencia à célebre família dos Nassi d'Espanha e cujo nome de baptismo era Francisco Mendes.

Na data em que estamos, trata-se, bem entendido, de Maranos; isto é de «Cristãos Novos»; designavam-se assim, em Espanha e Portugal, os judeus que, para escapar às medidas de expulsão, recebiam o baptismo e praticavam ostensivamente o catolicismo, ficando contudo secretamente ligados à fé de seus pais. Graças à sua intelligência, à sua actividade em todos os domínios, sem omitir o do pensamento, eles chegavam às situações mais elevadas do Estado, às mais altas dignidades na Igreja, e eles aliavam-se às primeiras famílias do Reino; mas o povo os suspeitava, não sem razão, de ser, no fundo do coração, neófitos pouco convencidos. A Igreja, e sobretudo a Inquisição, inquietas para manter a pureza e a integridade do catolicismo, vigiavam estreitamente os Maranos; então que os infieis escapavam á sua jurisdição, enquanto que eles não podiam ser acusados de actos ímpios, elas tinham todo o poder sobre estas ovelhas, entradas de bom grado ou de força no rebanho de que elles tinham a guarda.

Continua.

Visado pela Comissão de Censura

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 144)

Além destes Códigos Mss. Bíblicos havia muitos de outras obras, que pertencem a diversa classe da Literatura, de que ainda hoje existem alguns fora de Portugal. E' muito estimado entre outros, o que se acha na Biblioteca de Turim do Carvon de Avicena em Hebraico de Nathan Amatho, escrito em Lisboa em 1489 de que fala Rossi da Tipogr. Hebr. pág. 48).

Correcção e apuramento dos Códigos Mss.— Não só havia em nossa Espanha um grande número de Mss. Bíblicos; mas eram eles pelo comum os mais correctos e apurados. Assim o confessam os Rabbinos e os seus mais sábios críticos os recomendam como os melhores Códigos, que se podem consultar, como são R. Abraão ben Dior, Nachmanides, Meir, Kinchi e Todrós entre os antigos e dos modernos Norzio, Menochem de Louzano na Prefação ao Livro *Or Thorah* impresso em Veneza em 1618, R. Elias Levita Alemão na *Prefação Rítmica do Livro Masoreth Hammasoreth* e no *Schibré Luhoth*, os quais dão grande gabos aos Exemplos Espanhóis e os antepõem a todos os outros. Este foi o mesmo juízo de R. Manuel Aboab na sua *Nomologia*; o mesmo reconhecem entre os cristãos Ricardo Simão na sua *Indagação crítica das diversas edições da Bíblia* (C. XXI, p. 121 n.º 111) e Wolfio na *Biblioteca Hebraica* (Tom. II, p. 292, 327, 328 e c.) e modernamente João Bernardo de Rossi *Da origem da Tipogr. Hebr.* (C. VI p. 45 e c. X p. 88) e na *Prefação* no vol. I *Das Várias Lições do Testamento Velho* (P. XXXVIII).

Por esta razão o nosso portuguez R. Abraham Sabath filho de David natural de

Lisboa nas suas notas ao Livro *Hammeor* no fim do Cap. I *Berachoth*, pôs como nossa regra geral da crítica Sagrada entre os seus conservar e preferir sempre a Lição dos Exemplos Espanhóis a qualquer outra (Kennicott na *Prefação* p. VII).

Uso que deles fazem os Judeus.— E com efeito os Judeus pelo comum assim o praticavam, como fez entre outros R. Jacob ben Chaïm; e até costumavam notar à margem as lições Variantes dos melhores Códigos de Espanha, como adverte Bruns na nota à *Dissertação Geral* de Kennicott (p. 530). Quanto aos Portuguezes era notado este primor nos seus Códigos Mss. da Bíblia de 1346 copiada na Guarda, confessa João Baptista de Rossi ser um das mais exactas, e apuradas que tinha visto (*De orig. Typogr. Hebr.* c. x p. 9); e as correctíssimas edições Bíblicas de Lisboa e de que adiante falaremos, que muito exaltam os Críticos mais sábios dentre Judeus e Cristãos, assaz provam, qual era o apuramento dos Mss. Bíblicos de Portugal, sobre que haviam sido trabalhadas.

Donde corria esta grande correcção.— Esta correcção de seus Mss. Bíblicos lhes vinha a eles não só do muito cuidado com que nisso se esmeravam, mas 1.º de os trabalharem mui fielmente pelos antigos Códigos de Espanha, que já tinham sido apurados e correctos como notam Zacuto e Ganz, sobre a antiquíssima Bíblia Mss. *Hilelia* ou *Hileliana*, que era um exatíssimo Código Mosoréfico de muita estima, que havia no reino de Leão, de que se dizia ter sido autor o R. Espanhol Hillel (V. Wolfio *Bibl. Hebr.* Tom. II pág. 250, 291).

(Continua).

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 840 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, .DA
Rua da Fábrica, 80
PORTO

OS SEPHARDIM

Por R. N. CARVALHO.

Alguns dos muitos visitantes que acorreram à Sinagoga de Bevis Marks em 25 de Outubro de 1949, para a nomeação formal do Rabbi Solomon Gaon como Haham (Rabbi-mór) da Congregação Judaica Espano-Portuguesa e ouviram o sincero e chocante sermão que foi proferido pelo novo Haham podem ter ficado na dúvida quando à primeira vez em que existiu neste país uma comunidade separada de Judeus ibéricos com as suas casas e eclesiásticos e seu próprio e distinto tipo do rito, ortodoxo, a sua especial pronúncia do Hebraico e as suas próprias tradições.

A sua história é deveras interessante.

Os Judeus Ortodoxos no mundo moderno geralmente estão classificadas em duas principais divisões. Eles ou são Sephardim ou são Ashkenazim. Os Sephardim, cujo nome vem da palavra Hebraica para Espanha (Sepharad) segue o ritual e usa a pronúncia do hebreu corrente em Espanha e Portugal antes da expulsão dos judeus destes dois países. Em muitos casos eles descendem deles.

Os Ashkenazim (o seu nome deriva da mesma forma da palavra hebraica Ashkenaz ou Germânia), segue o rito e pronúncia dos povos Germanos, Polacos e Russos.

A grande maioria dos judeus em Inglaterra são de origem Ashkenaz, mas há comunidades de Sephardim em Londres e Manchester, seguindo a mesma liturgia ortodoxa Sephardi. Todavia a Reforma e para um grau mais pequeno, os movimentos judaicos liberais na Inglaterra que

foram largamente iniciados por judeus Sephardim ambos usaram a pronúncia Sephardi. A Reforma Litúrgica em particular é largamente remanescente do ortodoxo Sephardi.

O Rabbi de uma congregação Sephardi é sempre chamado Haham, uma palavra hebraica que significa «homem sábio». A cabeça Rabbinica de uma comunidade Sephardi é o Haham por excelência. O Haham da comunidade de Londres gosa de uma superioridade sobre todas as comunidades Sephardim da Grã-Bertanha.

A mais velha Sinagoga

Històricamente as Sephardim de Londres são as mais antigas da comunidade Anglo-Judaica. A sua existência como congregação organizada data de 1657.

A sua Sinagoga de Bevis Marks completada em 1701 é a mais velha do país. É o único Edifício Judeu do Repovoamento que é indicado como um velho monumento e é considerado um exemplo perfeito de arquitectura eclesiástica da época.

Os ornamentos são contemporâneos. Sabe-se que um dos *pórticos* da mais nova sinagoga da Creechurch Lane é em granito; um dos muitos candelabros que iluminam o edifício foi um presente da velha comunidade Sephardi de Amesterdão. A Arca é trabalho italiano da época e contém uma colecção dos Rolos da Lei com seus pertences e cobre todos os períodos de 1657 a 1950, o que não tem rival em

preciosidade. O serviço especial em Outubro mostrou quão perfeita esta histórica sinagoga possui para os dignos e especificados *fidis* entre os quais o rito Sephardi abunda. Talvez se diga que a liturgia na sua melhor classificação, exemplo dos simples coros e melodias da congregação bem como a sua tradicional HAZANUT a qual sempre fica suficientemente simples para conter a concepção judaica tradicional da «HAZAN» ou Shalich Tzibbur (o emissário da congregação) que devem rezar com eles mais do que para eles.

Desenvolvimento da Sephardi inglesa

Os Sephardim tem um hábito de assimilação e absorpção das sucessivas ondas de Sephardim emigrantes, que uma comunidade que foi fundada por marranos (Crypto-Judeus) procedentes de Espanha e Portugal e descendentes holandeses dos marranos, foi fundada e mantida destes elementos e mais tarde dos vindos de Itália, Gibraltar, Índias Ocidentais, do Norte de África, Balcãs, Levante, Egipto, Índias do Extremo Oriente, também com uma amalgama de Askenazim que casaram na congregação ou foram simplesmente atraídos para ela, um distinto tipo Sephardi inglês, imediatamente no país em conjunto com uma parte do inglês em geral e firmemente leais ao judaísmo).

A congregação mantém as suas próprias instituições. Ela tem os seus próprios MEDRASH ou colégios para o estudo da lei sagrada, fora da qual as suas escolas religiosas e classe tem singrado. Isto e a sociedade funerária ou HEBRÁ, data do século 17, mais tarde mas ainda cedo como Instituição Anglo-Judaica também o seu hospital, suas sociedades de moral e uma pequena congregação de caridade, muitas das quais são agora administradas pelos seus próprios mesários guardiões. Estas têm servido como prototipo para os esforços de maiores comunidades nas quais as pequenas comunidades tem muitas vezes uma parte proeminente.

Talvez o maior exemplo de cooperação em rigor entre as comunidades fora da caridade propriamente dita seja a Câmara dos Deputados. Aqui, desde 1760 os Se-

phardim concordaram em cooperar com os Askenazim em enviar telegramas de congratulação ao Rei Jorge III na sua ascensão.

Por este simples princípio se desenvolveu a actual câmara de deputados com os seus múltiplos afazeres e actividades. Presentemente Bevis Marks é propriamente obrigada a restringir o eleger de deputados como ainda lhes chamam, mas com intenção declarando modificar logo que as actuais matérias para isso sejam removidas. No entanto a congregação pode olhar com cuidado sobre o número e qualidade dos Presidentes dados à Câmara, que inclui o grande Sir Moses Montefiore e Sir N. J. Laski K. C., membro do conselho de Cristãos e Judeus.

Insistência do ortodoxismo

No lar religioso o Sephardi tem sempre estado e permanece hoje agarrado à religião ortodoxa judaica. Inabilidade para se firmar aqui criaram dificuldades em tempos e alguns atribuem o cisma de 1840 e a fundação da Sinagoga do West London a abstinência e à obstinácia e obscurantismo de Bevis Marks.

A melhor resposta da congregação a isto é firmar-se na posição religiosa atingida pelos descendentes dos Reformadores que pediram umas leves concessões 1840. Toda a comunidade Anglo-Judaica teria perdido espiritualmente se a Bevis Marks tomasse a Reforma da Sinagoga; ambos os últimos dois Hahamim Arton e Gaster perderam num ponto para o bem da Anglo-Judiaria; e os Sephardim, que cedo reassumiram amigáveis relações com aqueles que os deixaram para fundar a Reforma da Congregação em Berkeley Street e nunca mais voltaram desenvolvendo e atraindo a a si mais um século a sua distinta religião e atitude cultural.

Interpretação moderna

Provavelmente devido a felizes acidentes da história que os perservam na maneira mais unidos com os seus quatro vizinhos do que eram a maioria, dos Ashkenazim os Rabbis Sephardim e leaders religiosos não foram mais meros legalistas. Joseph Caro com o seu Shulhan Aruch tem a sua parte no caminho da vida do Se-

TICH' A BE-AB

(9 de Ab)

Por DR. ADOLFO BENARUS.

Tich'a be-Ab, ou seja 9 do mês de Ab, é um dia de jejum e de luto, que comemora a destruição de Jerusalém e do seu Templo e, com estes acontecimentos, a perda da nacionalidade.

Dia de tristeza nacional: as sinagogas cobrem-se de negro e o povo judeu chora a perda irreparável da sua antiga pátria.

Há quatro dias do ano em que os israelitas jejuam, para comemorarem acontecimentos, que se prendem com a queda de Jerusalém e são eles os aniversários do começo do cerco desta cidade, a 10 do mês de Tebet; da primeira brecha feita nas muralhas, a 17 do mês de Tamuz; da destruição do Templo, a 9 de Ab e do assassinato de Guedalia, a 3 do mês de Tishri.

Estes jejuns começam ao despontar do dia, mas o jejum de 9 de Ab começa de véspera e dura 24 horas, e, por toda a parte do mundo, nas sinagogas, prostrados pelo chão cobertos os ombros com as cinzas da tristeza, em voz baixa, como um lamento, os israelitas recitam as orações do dia e

lêm as tristes lamentações do profeta Jeremias.

*
* *

Flavius Josephus, que viveu no primeiro século da era vulgar, foi um judeu eminentemente, general das tropas judaicas e escritor erudito; presenciou ele toda a guerra travada entre a resistência temerária do patriotismo judeu e a força invencível das legiões romanas e deixou a respeito dessa guerra uma notícia que serve de fonte mais importante para o conhecimento do que se passou no cerco de Jerusalém, cerco que ficou célebre na História.

Esta página da história de Israel é profundamente emocionante:

Estes governadores romanos, haviam sucedido uns após outros, rapidamente, e todos eles eram igualmente cruéis contra um povo, que não queria reconhecer e sacrificar às divindades dos imperadores. Povo, que preferia perder riquezas, casas,

phardi mas Maimonides que reconciliou as reclamações de judeus e o secular conhecimento de Moisés e Aristóteles, nunca falhou; e a presença em Inglaterra da cadeia dos grandes Hahamim seguindo esta escola tem tido uma influência no total na comunidade Anglo-Judaica. A *comunidade Sephardi* está confidentemente esperançada que em Haham Gaon (um jovem que vai como Rabbi-mor mas que novamente é parte da tradição Anglo-Sephardi foi achado um guia que trará nova distinção para esta repartição dando-lhe à comunidade a interpretação do meio-século 20 do Judaismo Ortodoxo para o qual assim é óbvio olhar.

Numa comunidade bem conduzida no passado tende sempre a utilizar tanto quanto possível as suas tradicionais qualidades de trabalho como é consistente com as suas actuais necessidades. Assim pois não é de surpreender que os Sephardim já estejam

planeando celebrar o 250.º aniversário da abertura do Bevis Marks que passa no próximo ano, e que esperam dar a publicação de uma nova e completamente revista edição do seu livro de orações diárias, dum proeminente parte nas celebrações além de um serviço especial e uma exibição de congregações e tesouros íntimos. Nem é de surpreender que eles estejam ainda pensando no 300.º aniversário do reagrupamento dos judeus na Grã-Bretanha que calha em 1957, uma boa oportunidade para exibirem a sua amada Sinagoga e o seu cerimonial estadual numa ocasião quando o prazer e satisfação no valor do seu país natal da grande comunidade integrada no Anglo-Judaísmo que pode legitimamente ser festejada.

Transcrito do Boletim da «Spanish & Portuguese Jews' Congregation de Londres» — traduzido para português por A. F. R.

terras e até a própria vida, a prestar culto a ídolos, ainda que estes fossem os do próprio imperador da poderosa Roma. Para os funcionários romanos, esse povo tinha o aspecto de uma gente obstinada, quase demente, a quem era preciso dominar, pela palavra ou pela espada, e empregaram esta última.

Durante anos de terror, matou-se desapiadadamente.

Aos rebanhos, os judeus foram queimados e crucificados.

Num só dia Tito mandou crucificar 500 prisioneiros e, para espalhar o terror, reenviou outros para a cidade de Jerusalém com as mãos decepadas.

Durante quatro anos terríveis, o pequeno povo judeu, num canto obscuro do império romano, resistia ao poder das mais famosas legiões romanas e à habilidade dos conquistadores do mundo.

No ano de 66 a inquietação tinha chegado ao auge. Mas a grande insurreição, que havia de arrastar consigo a destruição completa do estado judaico, não era fomentada, apenas, pelos judeus da Judeia; na fomentação da revolta, tem lugar predominante a Galileia, onde ainda escoavam as vozes dos antigos profetas, e cuja população mantinha um patriotismo ardente que se opunha, com firmeza, contra as infiltrações do exterior.

Da Galileia partiu, pois, o grito de alarme, que foi atear o incêndio em todas as colônias dos judeus, estabelecidas fora da Palestina.

Os países longínquos, de um judaísmo primitivo, ofereceram-se para combater e do milhão e cem mil judeus, que caíram mortos, na defesa de Jerusalém, a maior parte não era nativa da Judeia, mas tinha vindo ali para celebrar a pascoa de Pessah.

Da Síria tinham descido as legiões romanas, para sufocar os rebeldes, mas, estes batiam-se como leões ferozes, indomáveis.

Batiam-se com desespero e heroísmo, na defesa da pátria e da religião, contra o tirano estrangeiro e insolente.

De ambos os lados a guerra era implacável. O imperador Nero compreendeu a extensão da revolta, e que dominá-la não seria fácil; enviou, pois, para o teatro da guerra, dois dos seus mais hábeis generais; Vespasiano e Tito, filho deste.

Mas pouco depois Vespasiano era cha-

mado a Roma, para ser coroado imperador e Tito reuniu o seu poderoso exército e acampou no Monte Scopus, a norte da cidade, onde, como uma promessa acariciadora de tempos mais felizes, se levanta hoje a Universidade Hebraica, e intimou imediatamente os habitantes a que se rendessem. Apenas exigia submissão, respeito pelas leis romanas e pagamento dos impostos.

Ancioso por regressar a Roma, onde o esperavam agora todos os prazeres e delícias a que a sua alta situação de filho de imperador lhe dava direito, estava disposto a usar de clemência para com os judeus; estes, porém, furtavam-se obstinamente a quaisquer negociações; tinham jurado defender a cidade santa, com a própria vida, e não queriam a rendição.

O cerco começou e logo todos os jardins deleitosos e bosques espessos, por onde se espalhavam as sombras tranquilas, de que nos fala a Bíblia, foram destruídos sem piedade, ao norte e a poente da cidade.

Quem pudesse segurar nas mãos uma arma correu a entregar-se imediatamente para a defesa; o heroísmo das mulheres, que atiravam contra os sitiados montões de pedregulhos e azeite a ferver e que convertiam os projecteis, arremessados pelos romanos, em instrumentos de morte, contra estes próprios, porque de novo lhes arremessavam, era um exemplo estimulante, que levava os homens a praticarem actos de uma tal temeridade, que dir-se-ia que atingiam a loucura.

Perto da muralha norte, tinham-se levantado montes de terra, sobre os quais assentavam os arietes. A uma distância de dez quilómetros, em redor da cidade haviam-se cortado todos os troncos de árvores, para a construção dos arietes. Dia e noite, incessantemente, ouvia-se o estrondo daqueles instrumentos de guerra batendo contra as muralhas.

Os judeus furavam minas; minavam debaixo dos montes de terra e os arietes iam-se abaixo.

Quinze dias, durou o trabalho dos arietes, que os romanos levantavam de novo e, por fim, abriu-se a primeira brecha, na muralha exterior: 17 de Tamuz.

Nove dias mais, e caía a segunda muralha e, finalmente, os romanos apodera-

ram-se da parte baixa da cidade, mas os judeus não se rendiam.

Amontoavam-se na parte alta, esfaimados e moribundos.

Por um pedaço de carne ou de pão, matavam-se reciprocamente.

Os que, de noite, se aventuravam, para fora dos muros eram apanhados, pelos romanos, que os crucificavam, mas quanto mais os judeus sentiam a opressão da guerra, tanto mais endureciam na teimosia da resistência.

O cerco de Jerusalém, ficou famoso na História, pela ferocidade desenvolvida no ataque e na defesa.

Se os arietes ruíam, caindo estrondosamente no chão, logo os sitiados faziam uma sortida e, como loucos temerários, atiravam-se ao inimigo, com loucura feroz.

As grandes legiões cançavam-se e hesitavam e Tito recuou.

Mas, para os sitiados maior foi a tormenta.

Tito construiu uma grande muralha de uns oito quilómetros de extensão, em torno da cidade — sentou-se e esperou.

O sofrimento dos judeus parecia ter ultrapassado todo o limite; o próprio Tito, afeito às durezas da guerra, se compadecia de gente tão sofredora na dor, e mandou pedir aos *zeladores*, que constituíam uma seita que considerava toda a obediência às leis romanas perjúrio às leis divinas, porque só a Deus competia mandar e ser obedecido, que se rendessem.

Isso nunca!... Passou-se mais um mês; mais dois e os romanos voltaram à carga.

De novo caiu a muralha primeira, mas os judeus, durante as tréguas, tinham construído uma segunda.

Esta também caiu, e os heróis continuavam indomáveis e abrigavam-se, agora na fortaleza interior. As ruas estreitas banhavam-se de sangue; ao sol ardente, decompunham-se os cadáveres insepultos e continuavam as lutas na cidade, por uma migalha de pão, com que matar a fome.

Martha, mulher do Sumo Sacerdote Joshua ben Gamalá, para quem se estendiam outrora, os luxuosos tapetes no seu caminho de casa ao Templo, para que não se manchasse a pureza das suas sandálias, vagueava, agora, esfomeada, pelas vielas, em busca de uma magra côdea. Não se faziam, já, os sacrifícios, nos altares, porque as rezas tinham desaparecido.

E, no entanto, para iludir o inimigo, e fazê-lo supor que dentro da cidade não se sofria de sede, as mulheres encharcavam as roupas brancas e punham-nas a enxugar, ao sol, sobre os terraços.

A rendição continuava impossível, Tito, de novo, quiz propôr as condições dessa rendição, mas os zeladores recusavam-se a parlamentar. Bem sabiam eles que as condições consistiam na entrega da cidade e a cidade não era deles — era de Deus — como entregá-la, pois?!... Alguns soldados romanos, em êxtase por tanta fé religiosa, desertavam das legiões, para se entregarem à sorte dos sitiados.

Fez-se a escalada das muralhas e os zeladores fugiram, para os pátios do Templo.

Ao fim de seis dias de violento trabalho dos arietes, deu-se o inevitável.

Tito deu ordem para que fosse poupado o santuário, mas a soldadesca, desesperada e furiosa, nada respeitou: pela *Janela de Ouro*, foram arremessados fochos ardentes, e, imediatamente, as traves do pavimento e do tecto, se incendiaram e pelos pátios, onde alguns milhares de homens se haviam refugiado, essa mesma soldadesca irrompeu, esfaqueou e matou, na sua sede de ódio e vingança.

Houve um momento de suspensão, mas, logo, os zeladores correram, para a cidade alta e, de novo, começou a louca resistência. O terreno era cedido às polegadas e ali, ainda, durante mais um mês, desafiaram o inimigo, até que definitivamente, sossobraram. Os que tinham escapado à morte, rendiam-se pela fome e pela fadiga, mas os romanos não lhes deram tréguas; invadiram o recinto e de novo assassinaram até que, também, a fadiga os impediu de matar mais.

Por toda a parte — corredores, pátios, aposentos — tudo estava repleto de mortos e moribundos e o sangue corria a jorros. Depois, lançou-se fogo, ao que ainda havia de pé — casas, edifícios, muralhas e os conquistadores afastaram-se, para contemplar as chamas.

E assim ruiu a velha Jerusalém.

Tinha soado a hora fatal em que havia de cumprir o seu destino... som fúnebre que se repercutiu por muitos séculos vindouros e que ainda hoje ecoa por entre os filhos de Israel.

Era o dia 9 de Ab do ano 70 da era

vulgar e, por uma estranha coincidência, essa também a data do aniversário da queda do primeiro Templo.

Diz-se, como já indicamos, que no cerco de Jerusalém, pereceram mais de um milhão de judeus e, também como já dissemos, estes eram, em grande parte, peregrinos, que tinham vindo celebrar a páscoa (Pessah), comemorativa do êxodo do Egipto. Dos sobreviventes, noventa e sete mil foram feitos escravos dos quais, uns foram deportados para as minas do Egipto e os restantes foram entregues aos animais ferozes, nas arenas romanas, segundo o costume romano.

Tito assenhoreou-se da parte mais nobre e distinta dos zeladores, para figurarem, no seu regresso, na marcha triunfal, através das largas ruas de Roma e, nesta cidade, foi mandado levantar um arco triunfal, ainda hoje conhecido pelo Arco de Tito, no Coliseu Romano; muito visitado pelos visitantes da Roma moderna, em que figuram, como escravos, mancebos judeus acarretando às costas utensílios do Templo.

O arco ainda existe, em parte arruinado; um troço das velhas muralhas de Jerusalém. — Kotel Má'arabi — outrora embebidas em sangue, também ainda existem e ainda hoje, os descendentes dos antigos judeus vêm ali chorar a pátria perdida e implorar o Todo Poderoso, pela sua restituição.

São os únicos testemunhos do antigo heroísmo que excedeu todos os heroísmos, que a História regista.

É esta a descrição que Flavius Josephus nos legou.

Supõe-se que todos os judeus que habitavam então a Palestina pereceram nesta guerra tremenda e mais uma vez Sião chorou sobre as suas ruínas. Chorou pelos seus filhos mortos no campo de batalha; pelas suas filhas vendidas como escravas ou entregues à sofreguidão da soldadesca; mas, agora, Sião estava ainda mais desolada do que nos dias do seu primeiro cativeiro porque se calara a voz do profeta que outrora lhe anunciara o cabo da sua viuvez e do seu luto... e chora Sião, ainda hoje, pelo regresso da antiga pátria.

Lisboa, 1924.

RECORDAR É REVIVER

Los judíos portugueses

El acto político más desastroso de la historia portuguesa fué la expulsión de los judíos. Más que injusto y violento para los judíos, ese hecho fué criminal para Portugal. El país perdió con esa expulsión una clase numerosa, trabajadora y de gran valor científico. El hecho se reviste de un aspecto antipático de ingratitud, pues los matemáticos y astrónomos judíos habían sido los mejores auxiliares de nuestras navegaciones. Spinoza podría ser hoy una gloria de Portugal, en vez de serlo de Holanda, pues era hijo de judíos portugueses. La prosperidad comercial de Holanda se debe en gran parte a los judíos expulsados de Portugal. Pero los españoles, que practicaron el mismo error, saben cuánto perdieron, y reconocen así perfectamente cuánto perjudicó a Portugal esa expulsión. No tenemos la intención de hacer aquí historia del pasado. Queremos referirnos sencillamente a un hecho de hoy que será mañana una cuestión importante. Por ahora ese hecho es tan sólo un hecho curioso; pero cuando la República se decida a estudiar el asunto se levantarán protestas de los católicos, suscitando una cierta agitación. En realidad, viven en el norte del país, en Traz-os-Montes y en la Beira Alta, algunas centenas y quizá millares de antiguos judíos. Convertidos por la fuerza al catolicismo, esos «cristianos nuevos» o «maranos» siguieron practicando secretamente, y por cierto de una manera desfigurada, el culto judaico. La ley de la separación de la Iglesia del Estado les dió la libertad religiosa. Pero algunos espíritus liberales, sin que sean judíos, piensan que esa libertad no basta, siendo justo que el Gobierno republicano proteja a los reconvertidos contra el predominio católico.

A pesar de la fuerza de que la Iglesia dispone y ha dispuesto siempre aun dentro de la República, se ha dado en estos últimos años un verdadero renacimiento judaico.

Un oficial del Ejército, el capitán Barros Basto, ignoraba, pero lo descubrió un día,

Visado pela Comissão de Censura

que era judío. Estudió la lengua hebrea, se convirtió al judaísmo y se hizo el apóstol del regreso de los «cristianos nuevos» a la religión de sus antepasados. Fundó una sinagoga en Oporto, ciudad donde vive y donde dirige una revista israelita. No contento con la propaganda literaria entre las personas cultas, llevó su acción a las tierras de provincia, predicando en Braganza, Belmonte y Covilhã a la gente del pueblo.

Este movimiento, que Lisboa y el resto del país ignoraban, era conocido ya en el Extranjero. Por eso una ilustre escritora francesa de sangre judía, madame Lily Jean-Javal, vino hace poco tiempo a visitar nuestro país. Esta escritora va a publicar un libro sobre los judíos portugueses, contando las impresiones que recogió en su visita. Lo que ella diga será una verdadera revelación para los portugueses. Se ignora efectivamente en Portugal la cantidad de sangre judía que a pesar de la expulsión y de las hogueras del Santo Oficio quedó corriendo en nuestras venas. Dice un ilustre catedrático, que es al mismo tiempo uno de los espíritus superiores de nuestra tierra, que el 40 por 100 de los portugueses tiene sangre judía.

A pesar de esto, no ha habido en Portugal ninguna reacción antisemita. El odio contra los judíos, que todavía do hace muchos años dilaceró a Francia en una verdadera guerra civil alrededor de Dreyfus, ese odio es un sentimiento inédito en Portugal. Inédito no es precisamente el término que debe usarse, porque los integralistas pretendieron crearlo, aunque sin resultado. A pesar de eso hubo quien intentó demostrar que los republicanos portugueses eran todos judíos, y que los monárquicos eran, en general, cristianos viejos de raza visigótica, y que, por tanto, la República representaba el triunfo de los judíos. El autor de esa idea absurda e irrisoria escribió un libro, «La invasión de los judíos», ilustrado con los retratos de los políticos republicanos, en cuyas fisonomías el quería ver trazos semitas.

Pero como el autor de esa idea y de ese libro es un filósofo futurista, los integralistas, que son conservadores en arte, no quisieron servirse de ese pretexto. El libro no tuvo por eso repercusión política, por no haberlo tomado en serio los propios nacionalistas. Y los judíos pudieron

Conversemos um pouco...

...sobre Israel

Em todas as raças e em todos os tempos sempre que há união há vitória, por mais tempo que esta leve a ser obtida. Ao estudarmos a raça judia deparamos com esta certeza essencial: a união. Graças a ela os judeus venceram os maiores obstáculos que qualquer povo teve de enfrentar na história humana. Hoje têm uma Pátria. Ela foi sempre eterna no seu sonho, na sua saudade. Agora será eterna, também, na sua realidade actual, porque está alicerçada em oceanos de sangue, de sofrimento e de heroicidade. Na sua união, na sua solidariedade, residiu sempre essa maravilhosa capacidade de sofrimento que lhes deu resignação para esperar.

Nenhum massacre foi capaz para abater a sua esperança e a sua fé. Israel é hoje uma Pátria livre, independente. Dia a dia, de todos os pontos cardeais do mundo, para lá se dirigem os homens que, outrora dispersos e perseguidos, para lá vão trabalhar transformando aquele solo, arenoso e inútil, em searas e vinhas que hão-de matar a fome e a sede a milhões de seres humanos. Bem hajam a sua união e a sua fé. Com elas Israel dentro de alguns anos será uma grande e justamente orgulhosa Pátria.

Da «Flor do Tâmega» — Amaranthe, 24-6-949.

5711

O novo ano de 5711 da Era hebraica começa ao pôr do sol do dia 11 de Setembro de 1950 da Era vulgar.

- Rosh Hashanah — 12 e 13 de Setembro.
- Kipur (Dia do Grande Perdão) — 21 de Setembro (o jejum principia ao pôr do sol do dia 20).
- Sukoth (Festa das Cabanas ou das colheitas) — 26 de Setembro.
- Hanukah (Festa dos Macabeus) — 4 de Dezembro.

seguir vivendo tranquilamente, sin receio de que se establezca de nuevo la Inquisition.

OSÓRIO DE OLIVEIRA

Do *El Sol* de Madrid, 30 de Maio de 1930.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 146)

Existia esta Bíblia em Espanha no Reino de Leão e não em Leão de França, como escreveu Wontio na *Tradução Latina da Chronologia* de Ganz. Deste Ms. fala Walton nos *Proleg.* 4, 8. Capellano no *More Rab infid.* pág. 263, 108. Morino de *Text.* pág. 466. Kennicott na *Dissert. Geral* 56 pág. 108 e c. Leufden *Pref. ad Bib. Heb.* e Basnage na *História dos Judeus* Liv. IX e XII.

Sobre o Autor e antiguidade deste Código variam os Críticos; LeiKarde quer que fosse Hillel Rabbino, florecera no tempo, em que os Judeus voltaram do cativoiro de Babilónia; Cuneo de *Repub. Hebr. Lib. 1* c. XVIII pág. 116 o atribue a outro Hillel, que de Babilónia havia vindo à Síria 60 anos antes de Cristo; Morino assentou que aquela Bíblia só tinha quinhentos anos de antiguidade.

Abraão Zacuto Rabbi da Sinagoga de Lisboa, e escritor do Século XV no Livro *Jucharim*, ou das *Linhagens*, obra clássica entre Judeus, deu a esta Bíblia em seu tempo 900 anos de antiguidade, e R. Manuel Aboab na sua *Nomologia Part. II* c. XIX pág. 2118 e seg. escrevendo em 1625 diz que pela conta de Zacuto havia mais de mil anos, que fora escrita aquela Bíblia.

O que é sem dúvida, é que em 1200 já Rambon fez menção deste Código *Helliano*; e Morino descreve um Ms. Hebraico de 1208 onde já vinha citado em nota marginal o dito Código. Pelo que pelo menos sobe acima do Século XIII.

Esta Bíblia já não existe em Espanha, porque havendo em 1496 uma grande perseguição contra os Judeus de Leão, muitos deles se refugiaram em Toledo, como dizem Zacuto no Livro *Juchasim*, Kennicott

e Manuel Aboab na sua *Nomologia*; da qual contudo se não sabe, onde existe hoje; outros se passaram à África e levaram consigo os demais Livros, como refere o mesmo Zacuto; Manuel Aboab atesta, que vira em África parte deste Código, que se havia vendido. Deste Código pois se haviam tirado infinitas cópias, como diz Ganz, que se espalharam por toda a Espanha e serviram de regra aos muitos exemplares, que se escreveram nos últimos tempos. 2.º—de seguirem pelo comum constantemente as Leis da Masora, cuja fonte principal fora o mesmo Código Helliano; no que por certo eram eminentes os nossos Judens Portugueses e Espanhóis, regulando tanto pelas Leis da Masora o texto de seus Códigos, que poucas vezes discrepavam dela. Assim que por serem pelo comum Masorethicos os tem os Judeus em grande conta, como os mais exactos e excelentes de quantos há, preferindo-os aos Códigos Itálicos e aos Germânicos (Rossi ao Vol. I *Var. lect, Vit. Test.* p. XIX n. XX p. XXXVII).

Grande beleza e elegância destes Códigos.—A esta grande correção se juntava uma extremada perfeição e beleza. (Assim o dizem constantemente os Escriitores Rabbínicos); os Códigos dos Judeus Portugueses, como os dos Espanhóis, eram escritos pelo comum com caracteres não rudes, tortuosos, inflexos e agudos, como eram os Alemães; mas sim quadrados simples e elegantes na sua forma, semelhantes aos que se vêem hoje nas Bíblias Régias publicadas em Antuérpia por Platino e Roberto Estevão, cujos caracteres foram sem dúvida tirados dos Códigos de Espanha.

(Continua).

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BÊN-ROSH



*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Fábrica, 80
PORTO

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN

Rabi da Comunidade de Bruxelas

PRIMEIRA PARTE

Fundamento da Doutrina Judaica

CAPÍTULO I

A santidade

* A santidade, dizia o falecido Rabi-mor Zadoc Kahn (Sermons et Alloc. tomo I, pág. 57) — eis o primeiro e o último termo da moral israelita. A ideia de santidade resume, com efeito, toda a vida judaica: é ela que explica a sua armação cultural e ritual como as suas concepções éticas e filosóficas. O judaísmo apresenta esta originalidade por relação aos cultos pagãos de ter percebido, para além dos artificios do sagrado oposto ao profano, a realidade de santidade oposta à vulgaridade, à lealdade, à baixeza da vida. Como existe uma estética da forma e dos sentidos, ele afirma que existe uma beleza da vida, uma ordem de valor para a conduta humana.

Toda a vida judaica está assim regida: o fiel deve manter-se num certo nível de santidade; a pureza; ele deve fugir desta decadência que é a impureza, e esforçar-se por conquistar este valor superior: a santidade.

CAPÍTULO II

Em que consiste a Santidade

Quais são os actos que conduzem à santidade, e quais são os que afastam dela? Não se trata de estabelecer um inventário de tudo o que pode ser cumprido na vida, e de repartir em duas colunas correspondentes a estas duas classes de factos: «Nós sabemos agora, duma maneira geral, quais são os deveres do homem para consigo mesmo e para com os seus semelhantes. Mas qual será contudo a regra constante e invariável que nos guiará no meio das complicações da vida e das contradições que muitas vezes ferem o nosso coração? Porque não é preciso dissimulá-lo, o dever não é sempre fácil de conhecer, e apesar das luzes da razão e a voz da consciência, ele apresenta por vezes circunstâncias delicadas, difíceis, onde a alma mais honesta e a mais firme hesita e se perturba, onde as trevas parecem tornar-se densas à volta de nós e o chão fugir debaixo dos nossos passos. Qual será pois, ainda uma vez, a medida

pela qual nós poderemos reconduzir as nossas acções. o facho que permitirá nos orientar?» (Zadoc Kahn, *Serm. et Alloc.* tomo I, pág. 70). Num espírito semelhante, Spinoza dizia (*Ética*, Livro IV, T. XIV): «Se o verdadeiro conhecimento do bem e do mal pode reprimir uma paixão, isso não será tanto como verdade, mas ela própria é considerada como uma paixão». Só, com efeito, o sentimento nos pode guiar na moral, como ele nos guia na arte: a santidade é na vida moral o que o gosto é na vida estética. Por falta de poder definir o bem com a precisão do método científico, a religião procura fazê-lo atingir pelo sentimento: como a arte, ela não dá regra absoluta; ela inspira, aconselha e guia.

Nisso é preciso contudo que ela entregue a nossa vida moral à descrição do nosso juízo.

Ela põe em relevo os casos importantes que conduzem à santidade ou que afastam dela.

Doutrina da vida e não de escola, ela define as coisas não dum ponto de vista abstracto mas baseando-se sobre a observação da vida corrente.

«Não façais como as populações no meio das quais ides viver,— disse Moisés aos Hebreus, na véspera da sua penetração na Terra Prometida — não sacrifiqueis os vossos filhos sobre o altar de Moloch; não vos prostitueis; não vos deiteis com animais; habituai-vos a distinguir entre o que é limpo e o que não o é: sede santos... respeitai pai e mãe, a honra e a vida do vosso próximo, os velhos, os fracos e os infelizes; tende piedade dos desgraçados; sede honrados, equitativos e generosos; tende horror ao roubo, à mentira, à velharia; fugi dos maus sentimentos (ódio, vingança, rancor); em duas palavras, buscai tudo o que favoreça a vida entre todos os homens e evitaí o que a pode contrariar». (*Lev. XIX*, e seguintes).

Na época do Talmud (cinco primeiros séculos da era cristã), os sábios de Israel recomendam mais especialmente o sustento dos pobres, a visita aos doentes, a consolação aos aflitos, a sepultura dos mortos. Segundo o tempo e as circunstâncias, é preciso assinalar certos actos e passar por cima de outros. Em tempo de guerra ou de perturbações sociais não se poderia

actuar com a mesma mansidão que em tempo de paz; nas sociedades onde o trabalho está bem organizado, a caridade não saberia procurar os mesmos benefícios como naquelas onde as forças de actividade ficam sem emprego contra a sua vontade.

Segundo as necessidades do momento, o próprio termo santidade deve evoluir: enquanto que a Bíblia se esforça de o tornar tangível aos rudes beduinos do deserto pelas ablações, imersões e sacrificios, os sábios do Talmud contentam-se em recomendar aos seus discípulos o acto meritório (*miçvah*), e de lhes inspirar o afastamento do acto degradante (*awerah*). Hoje os nossos termos também evoluíram: nós distinguimos actos nobres, correctos, vulgares e vis. Mas, a despeito da transformação dos termos e das matizes que lhes correspondem, o mesmo sentimento que guiou os antigos continua a guiar-nos hoje em saber que há actos que podem ou devem fazer-se, e que há outros que se não podem fazer. E se a apreciação que nós fazemos sobre cada um deles pode sofrer modificações de detalhe segundo o desenvolvimento da nossa vida, as grandes linhas ficam eternas. A má vontade pode criar distinções fictícias, mesmo em presença dum código perfeitamente explícito: há um sentido que não engana o homem de bem, assim como o gosto não engana o artista ou o sentido dos negócios não engana o comerciante, é o sentimento da santidade. E todo o esforço da doutrina judaica será de o fazer penetrar no coração dos seus adeptos.

CAPÍTULO III

Realidade do sentimento de santidade

Se é incómodo de explicar a razão científica deste sentimento, nós podemos contudo constatar a sua existência e o seu poder. Nós não sabemos demasiado o que é electricidade e contudo servimo-nos dela todos os dias. Os grandes espíritos do judaísmo, que se esforçaram para encontrar um fundamento racional para este sentimento, não puderam pôr-se de acordo para indicar um que seja reconhecido por todos. Mas a diversidade das suas explicações nada prova contra o próprio ideal: ela prova que o seu valor é independente das

nossas hipóteses, e que ele nos eleva apesar de tudo e à nossa razão para um fim superior a nós próprios. O que é que conduz o desenvolvimento da semente para a planta? Do embrião para o animal? Que é que impele o homem a elevar-se acima da animalidade, e a restringir a sua vida física em proveito da sua razão e da sua consciência? O filósofo pode tentar obter algumas razões pela análise: a razão profunda nos escapa. Mas, há em nós sentidos que não nos enganam; como o amor maternal, como o gosto do corcel para a onda pura, como a atracção da criança de mama para o seio, o sentido da santidade nos impede para um fim certo; como a célula humana se deve desenvolver no sentido da formação do homem, assim este se deve desenvolver no sentido do espírito divino. «O valor da vida, — diz W. James (a Vontade de Crer) — reside na persuasão que a ordem natural, longe de ser definitiva, não é senão um sinal, uma imagem, um aspecto dum universo mais complexo, onde as forças espirituais e eternas têm a última palavra».

CAPÍTULO IV

Como a ideia de santidade penetra a vida judaica

O sentimento de santidade é despertado e cultivado nos corações judeus por

um conjunto de actos que constituem as práticas da vida judaica. Graças a uma vasta rede de ritos simbólicos a santidade cerca o fiel durante toda a sua existência, de manhã à noite, dum fim da semana ao outro, do começo ao fim do ano nascimento à morte.

É aí o papel da oração diária, das leis alimentares, das três festas e das diferentes cerimónias que cercam a nossa existência, como a circuncisão, a promoção à dignidade de Bar Miçvah (pessoa responsável), o casamento, sem disto excluir a morte.

De tempos a outros, a reserva de santidade é renovada pela colaboração de dias especialmente destinados a este efeito: o Shabath, no período semanal; os Dez dias de Exame de Consciência, cujo ponto culminante é o Jejum de Kipur, no ciclo do ano.

Santidade em exercício, santidade geradora, é nestas duas categorias que se encontram repartidas as práticas da vida judaica. Nós as reencontramos repartidas formando um todo homogéneo, nos ciclos semanal e anual; quanto ao ciclo da vida, que podia ser regulado, o momento de regenerar a santidade é deixado à faculdade dos fiéis, que podem escolher o momento de o fazer: «Teshuvah» (o exame de consciência). Nós consagramos a segunda parte deste esboço a examinar o exercício da santidade em cada um destes três ciclos da vida humana.

(Continua).

SALMO CXXXVII

Chegados a um rio, em Babilónia,
Descansamos ali naquelas margens
A chorar sobre Sião com saudades!

Penduramos as harpas nos salgueiros,
Embora os que nos tinham feito escravos
Desejassem ouvir os nossos cantos.

Haveis de nos cantar, diziam eles,
Que nos tinham trazido à viva força,
Cânticos de Sião, cantai-nos hinos.

Mas, debalde pediam; que em verdade
Havíamos de nós cantar, chorando,
Cânticos do Senhor em terra estranha!

Tu não nos passas nunca da memória
Santa Jerusalém! Se te esquecermos,
Deus permita que os braços se nos tolham.

Que a língua se nos prenda de maneira
A nunca mais articular palavra!
Se um dia te riscarmos da lembrança.

Tu és o nosso único desejo!
Sempre, Jerusalém, em todo o tempo
Serás a nossa única alegria.

Senhor lembrai-vos dos que já passaram
Aí em Jerusalém ditosos dias...
São os filhos de Edom que te suplicam.

Gritem debalde os nossos inimigos,
Seja arrazada pelos alicerces
E não lhe fique pedra sobre pedra.

Abençoado aquele que te pague,
Perversa Babilónia, na moeda
Em que pagaste ao povo israelita.

Abençoado aquele que algemados
Te arranque do regaço os tenros filhos
E em cima de uma pedra os esmigalhe.

*Tradução livre, em verso pelo
poeta João de Deus, no seu
livro «Campo de Flores».*

UMA GRANDE DAMA JUDIA DA RENASCENÇA

GRACIA MENDESIA — NASSI

POR ALICE FERNAND-ALPHEN

(CONTINUAÇÃO DO N.º 146)

Porisso entre os Maranos e a Inquisição uma longa luta que durou três séculos e foi marcada, dum lado, por uma fidelidade obstinada às tradições familiares, do outro, por delações muitas vezes injustificadas e por cruéis medidas de repressão.

Por as razões mais fúteis, pela denúncia do primeiro vindo, eles eram submetidos às piores torturas. As fogueiras estavam sempre preparadas para consumir os infelizes que uma imprudência ou uma traição entregavam aos rigores do Santo Offício.

Não é preciso acreditar que na nossa época todos os Maranos tenham desaparecido. Há alguns anos apenas, em 1925, um engenheiro, enviado ao Norte de Portugal para explorar uma concessão mineira, descobriu, completamente por acaso, nas províncias de Trás-os-Montes e da Beira, milhares de famílias Maranas, na maior parte aldeões e operários iletrados; depois de mais de dois séculos, terem perdido todo o contacto com o judaísmo.

Apesar disto, eles observam a Páscoa e Kipur e as suas orações pelos mortos se aproximam muito das do culto judeu-ortodoxo; mas as outras solenidades religiosas, menos ainda que o hebreu, a circuncisão, as leis alimentares, são completamente esquecidas. Facto notável; é pelas mulheres velhas, pelas avós, que se perpetua a tradição; só elas conhecem as orações e as recitam perante a assembleia reunida para celebrar as festas religiosas; só elas transmitem às suas filhas o seu saber em matéria litúrgica; é pois graças a elas que nós assistimos a este curioso fenómeno de famílias portuguesas, ainda conscientes da sua origem judaica quatro séculos depois que os seus antepassados sofreram o baptismo. A situação mudou desde 1925; há hoje duas comunidades oficialmente reconhecidas pelo governo português em Bragança e no Porto. Esta última cidade é o centro

religioso e intelectual dos Maranos, que regressam ao judaísmo, secundados, neste assunto, pelas comunidades sepharditas (isto é de ascendência espanhola ou portuguesa) de Inglaterra. Poucos acontecimentos passaram mais despercebidos e contudo poucos são de natureza a interessar mais a história que este episódio último do duelo inigualável entre Israel e a Inquisição.

Isto nos oferece edificantes motivos de meditação.

Os judeus estavam estabelecidos em Espanha, desde a época romana, talvez mesmo anteriormente; pois antes dos Visigodos e dos Mouros.

Os Visigodos foram geralmente tolerantes, pelo menos até ao século VII, em que se produziram conversões forçadas e mesmo ameaças de exterminação, sob a influência dos bispos.

Sob o domínio mussulmano, isto é, durante 400 anos, os judeus espanhóis conheceram uma era de igualdade cívica, de liberdade religiosa e de irradiação intelectual; médicos, astrónomos, poetas, filósofos, eles chegaram a altas situações no exercício dos cargos oficiais. A longa guerra contra os mussulmanos, que entregou a Espanha à Cruz, não mudou nada a este estado de coisas. Judeus e Maranos, nas províncias reconquistadas, foram tratados com cuidado, e os príncipes cristãos encontraram neles um precioso apoio no decorrer da luta contra os Sarracenos.

Esta tolerância pareceu perigosa ao Papado; no XIII e XIV séculos, os massacres tornaram-se frequentes, e é então que as conversões se multiplicaram. «Convertos» ou Maranos, formaram uma nova classe da população.

Quando da exaltação de Fernando o Católico e de sua mulher, a rainha Isabel, em 1474, um «converso» lhes expôs que

SEPHARDIM

O nome « Sepharad » é encontrado no livro de Obadiah, v. 20, e com toda a probabilidade, significaria mesopotâmia. Em tempos, contudo ele foi usado para Espanha, porquanto todos os Judeus cujos ascendentes viveram na Península Ibérica, adoptaram o nome Sephardim.

Apesar de este nome derivar principalmente de um país, ou província esta denominação tem outras características tanto da liturgia como de tradições de grupos específicos de judeus.

Nós sabemos, por acaso, que todas as grandes comunidades Sephardi que existiram nos Balcãs consistiam não somente de descendentes dos exilados de Espanha, mas também dos Judeus que viveram lá desde os primeiros dias do segundo templo. Como os últimos, é claro, aceitaram a cultura, a liturgia e as tradições dos Judeus de Espanha, nesse tempo muitos se chamaram Sephardim.

O mesmo se pode aplicar aos Judeus do Norte de África, onde os exilados de Espanha foram em menor quantidade, mas eles tiveram a habilidade de impor a sua liturgia e tradições na maioria da Comunidade pela razão da sua superior cultura e conhecimentos.

Como a liturgia dos Judeus da Babilónia — agora IRAK — foi aceite nas principais cerimónias pelos Judeus de Espanha, e como havia um vivo intercâmbio entre os rabis da Babilónia e os de Espanha, as duas comunidades tornaram-se, tanto quanto a liturgia se pode avaliar, muito semelhante.

Apesar do facto dos Judeus Iraquianos sempre se considerarem Sephardim historicamente falando isso, não pode estar correcto, pois unicamente poucos exilados de Espanha chegaram a Babilónia.

Isto aplica-se também aos Judeus do Egipto, Síria e outros países do Médio Oriente.

Os Judeus YEMENITE, porém, vieram sob uma categoria diferente. Nem por tradição, nem por liturgia, eles são afins dos Sephardim, e definitivamente nem por históricos pontos de vista.

A sua pronúncia do Hebraico em virtude de terem vivido numa província Arabe, aproximada à pronúncia Sephardi, que também teve a influência Árábica. Apesar de, os Yemenites terem-se sempre considerado unidos aos Sephardim mais do que aos Ashkenazim, eles nunca reclamaram ser Sephardim.

Os Judeus de Itália apresentam-se numa particular categoria de si próprios. Eles estiveram sob ambas as influências dos Sephardim e Ashkenazim, e eles também, pela pronúncia que aceitaram e pelos seus usos, consideram-se estar mais perto do grupo de Judeus Sephardim do que do grupo Ashkenazi. No entretanto eles desejam ardentemente pertencer a um grupo especial. — ITALKI.

RABI SOLOMON GAON

Haham da Spanish & Portuguese
Congregation de Inglaterra

Franciscanos e Dominicanos tornariam para o futuro a existência impossível para os judeus. Roma teria querido introduzir em Espanha uma Inquisição que fosse bem para ela, a Inquisição pontifical; mas isto não fazia o negócio dos « Reis Católicos » que queriam ficar senhores das perseguições e confiscações. Uma bula de Sixto IV, em 1478, criou a Inquisição espanhola, sob as ordens do rei; quatorze anos mais tarde, em 1492, o rei Fernando lançou o Édito de expulsão de todos os judeus do reino que não aceitavam o baptismo. Estes

últimos, bastante numerosos, aumentaram o número dos Maranos e ficaram submetidos à terrível jurisdição inquisitorial; centenas de milhares se expatriaram, dirigindo-se para Itália, Provença e países mussulmanos; mas o maior número dos exilados de Castela, cerca de 120.000, alcançaram Portugal.

Quantos destes infortunados pereceram de miséria, de peste sobre as estradas do exílio ou foram vendidos como escravos? Jamais o saberemos.

(Continua).

O JUDEU

(CONTO)

POR FERNANDO ALBERTO PIMENTEL

Ele morava ali perto, mesmo à beira da grande fábrica, num recanto de arvoredos que enquadrava a sua humilde barraca feita de madeiras e de latas velhas. De dia andava esmolando, umas vezes perto, outras vezes bem longe, tão distante que ninguém sabia por onde andava. Mas o certo era que, ao cair da tarde, o velhote, o judeu, que tal era a sua raça, conhecido por Abraão, aparecia, e arrimado ao cajado, mirando o chão, as pedras da rua, porque já não podia andar erecto e se deslocava até à porta da fábrica; e, num gesto automático, porque desde há muito o fazia, estendia a mão aos operários, que, sorridentes, ao bater das cinco, saíam em torrente, falando sobre coisas variadas e pueris, tal como crianças azougadas após a última aula. E, embora fosse alvo dos mais variados chistes, de piadas e perguntas brejeiras, o judeu permanecia imóvel, e nos seus lábios delgados e descorados aparecia a baillar um sorriso de bondade, um sorriso suave, até o José António, que antes de lhe entregar a esmola tinha invariavelmente este dito:

— O que tu queres é aguardente, não é, judeu?

E ele algumas vezes murmurava, sem perder o seu sorriso:

— Sabe-se lá, sabe-se lá!

Depois de colher as esmolos, ia para a porta da choupana e apareciam então as crianças, a quem ele na sua fala doce e melodiosa confiando as suas «barbas cor de linho», contava histórias que eram o encanto e o passatempo da criança. E tal era o hábito daqueles garotos que, mal ouviam o apito da fábrica, às cinco horas, logo iam de corrida procurar o judeu. Era um encanto vê-los. O quadro tinha poesia; no meio o judeu e de volta, acorados, os miúdos atentos. Enquanto o velho ia falando, aqueles seus olhos cinzentos, espertos como dois ratinhos, adquiriam ainda mais brilho, tinham a luminosidade arrebatante das formosas tardes de Maio...

Quando viera para ali, ainda era rapaz, ainda o seu corpo se mostrava erecto e os

seus braços fortes para trabalhar. Não casara. Vivia então para o trabalho, vivia para a sua fábrica, que, quando ele envelheceu e se tornou fraco, o mandou embora. Os seus vizinhos clamaram que era uma injustiça, todos lhe queriam dar amparo e, quando as vezes se erguiam contra a injustiça praticada para com o judeu, ele, resignado, com os olhos mais luminosos do que antes, e voltados não se sabe em que direcção, replicava:

— É a lei da vida. Eu hoje, vocês amanhã!

Vira a grande fábrica erguer-se, vira, com os olhos rasos de água, a triste debandada daqueles que moravam — que tinham as suas cabanas — nos terrenos que a fábrica ia invadindo com as suas linhas rectas, as suas chaminés fumegantes, que manchavam a claridade quase transparente do céu.

Quando, nessa tarde, ele viu os últimos partirem com os trastes às costas, ele, sentiu-se só, avaliou quanto triste e solitária era a sua vida. Estava sem amigos, as suas forças haviam desaparecido e valia-se do cajado para caminhar. Então voltou-se para as crianças, criou-lhes amizade, sentiu-se respeitado e venerado e, no seu íntimo, quando à noite recordava os acontecimentos do dia, pensava:

— Ainda valho para algo!

A todos metia espécie o que ele fazia ao dinheiro que angariava; e, ao perguntarem-lhe como o empregava, o velhote, o Abraão, retorquia com espanto:

— Que faço eu ao dinheiro? Que pode fazer ao dinheiro uma pessoa que o não tem?

Mas, mesmo assim, ninguém acreditava nele.

E murmuravam:

— É esperto, não cai. Vê-se que é judeu.

A meio do Inverno, a fábrica fechou. O seu apito não tocou mais todas as manhãs e o Abraão deixou de ver os operários saírem, «alegres, como em Junho, um bando de pardais», para os encontrar todos os dias com as faces carregadas, os

olhos mortícios, uns passeando de mãos nos bolsos, outros na taberna, todos eles avassalados com a tragédia que surgira. Havia fome.

Uma tarde, o Abraão resolvera dar um passeio, aquecer-se ao sol morno daquele dia de Fevereiro. Também ele andava triste, não por os operários não lhe darem esmola, mas sim por os ver também tristes.

Seus passos levaram-no ao jardim que havia próximo e ali ficou, quando, de súbito, ouviu vozes perto de si. Aprontou-se para escutar.

— É como te digo Manuel. Não sei o que hei-de fazer, sinto vontade de acabar de uma vez para sempre com este fadário, com esta amargurada vida.

— Não desesperes, homem, replicou o outro. Pode ser que apareça alguém com coração que te dê o dinheiro para comprares os remédios para a criança.

— Quem é que o fará, inquiriu o José António?

— Eu!

E o judeu surgiu na frente dos dois homens.

— Tu? Ora deixa-me rir!

— Juro que falo verdade, tornou o judeu. E sacou de um dos bolsos do casaco esfarrapado um saquinho. Aqui o tens.

— Não quero, tu és pobre, voltou o José António, ainda não refeito da surpresa.

— Deves aceitá-lo, porque ele também é teu, voltou o judeu estendendo o saco.

Os dois homens ergueram-se e deram o braço ao judeu.

— Vês, olha se eu fizesse como tu dizias, tinha bebido aguardente e agora não te valia.

— Desculpa, Abraão, aquilo era a brincar...

— Também eu nunca pensei que fosse a sério.

E os três sumiram-se entre o arvoredado. Os olhos do judeu, naquela tarde, tinham mais fulgor, eram mais luminosos como as tardes de Maio, serenos como as águas dos lagos e o azul do céu...

De *A República* — Lisboa, 6-1-1946.

J U D E U S

por CARLOS NEVES

Na varanda do meu quarto de hotel, sobranceiro ao famoso Tâmega, nesta Amaranthe encantadora, terra de filósofos como Teixeira de Pascoais e de pintores como António Carneiro, acabo de ler as últimas páginas vivas e sugestivas do livro do meu querido amigo e camarada dr. Manuel Luís Rodrigues «Os Judeus na Palestina». Sinto-me oprimido pelo sofrimento desse povo nómada que ao fim de tantos anos ainda lhe é negado o direito de ter uma Pátria. Os meus olhos vagueiam pelas terras férteis desta terra pródiga. Os vinhedos galgam os montes em socalcos. Vejo na minha frente, dorso nu, ofegantes, os pioneiros judeus, na conquista da terra que os árabes não souberam ou não quiseram aproveitar. Vejo-os construindo os socalcos da «Aldeia das Uvas», uma das granjas colectivas, tão bem descritas por Manuel Rodrigues e lembro-me, quando era pequeno, de ver na terra dura do Alto Douro, os trabalhadores, que tudo dão à terra e tão-pouco dela recebem, não por culpa da terra mas dos seus senhores, erguer os muros desses socalcos para transformarem num mar de verdura produtiva o que pouco antes era apenas um monte de terra e pedra. Sinto a árdua luta desses judeus lavradores, devotados à terra, conquistando-a, não para recolher dela apenas os frutos saborosos, mas para edificarem uma pátria.

Quedo-me a pensar nesse povo desventurado que há longos anos vem expiando um crime que não foi o seu crime, mas dos senhores que então detinham o poder e receberam o Homem que surgiu a proclamar a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

Depois os meus olhos poisam nos jornais do dia e leio com espanto que na Inglaterra, essa nação que se bateu para acabar com um regime trágico — o nazismo; — essa nação que mostrou ao Mundo que esse mesmo regime assassinara seis milhões de judeus; essa nação que sempre defendeu o princípio da igualdade das raças, estava a assaltar casas de judeus, a agredir judeus em plena rua. Qual foi o seu crime afinal? Serem irmãos de raça

Visado pela Comissão de Censura

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 147)

(Os Códigos Alemães tinham caracteres, que imitavam os Góticos, e eram tortuosos, e grosseiros como se vê nas primeiras edições alemães de Livros Hebraicos, e nas Bfblas Hebraicas de Munster. Já notou estas coisas Ricardo Simão na sua Indagação crítica, p. 10).

As letras iniciais eram iguais às outras maiores não ajuntavam o Targum ao Texto, nem a cada verso, mas o punham ao lado, e em caracteres menores. Daqui vinha a muita elegância e polimento, de que eram gabados os Ms. Bíblicos de Espanha e Portugal sobre todos os italianos, alemães e levantinos. (Este é o juízo, que deles faz o Abade Banier na *Prefacção* à obra da *História geral das cerimónias de todos os povos*, p. 46, e com ele conforma o de muitos outros cristãos, e também judeus mui versados nestes estudos).

E pelo que toca a Portugal é certo, que muito nisto se esmeravam os Judeus Portugueses. Dos Ms. que ainda hoje restam, se pode coligir, quanto era a perfeição de seus códigos. Primorosos são por sua grande elegância, e polimento, segundo atesta João Bernardo de Rossi, os dois có-

digos Ms. Lisbonenses do Pentateuco de 1473, e de 1480; o Eborense do mesmo Pentateuco de 1495; e o outro Lisbonense dos Profetas menores de 1470 (Ao primeiro chama Rossi *Elegantissimus Codex*, ao segundo e terceiro *Nitissimus Codex* ao quarto *Pulcherrimus Codex*, tom. I das *várias lições do testamento velho nos Códigos Ms. da Colação* de Kennicott, p. LXXXIX n. 520, p. LXXXVIII n. 548, p. LXXXIX, e nos *Códigos Ms. que se devem acrescentar à Bfblia do Autor*, p. CIX n. 411). A Bfblia que possuía D. José Abarbanel em Veneza no século XV escrita em Lisboa de que já falamos era de uma estremada perfeição, que maravilhava a todos. (Manuel Aboab a viu, e dela fala com muito pasmo na parte segunda da sua *Nomologia* c. XIX, p. 218, e seg. Ali mesmo atesta haver em nossa Espanha muitos Ms. Bfblcos de raríssima perfeição, e que subia a tanto a estimação que se fazia deles, que por uma Bfblia correcta, e de boa letra se davam cem escudos de ouro, e às vezes mais).

(Continua).

de meia dúzia de desvairados que lá longe, na Palestina, mataram dois sargentos britânicos, como represália pelo enforcamento de três judeus.

Doloroso espectáculo a que o Mundo assiste. Quando a guerra acabou todos nós suposemos que a famosa Carta do Atlântico reforçada em S. Francisco pelo voto de vinte e uma nações, diria aos povos o direito de escolherem livremente os governos e os regimes que mais lhes con-

viesses e que garantia o estabelecimento de pátrias livres, verificamos que os mesquinhos interesses ainda dominam o Mundo.

Mas como os Judeus da Palestina que desbravam a terra e conquistam o deserto, todos nós devemos lutar para que a Humanidade seja mais alguma coisa do que uma sociedade comercial que só pensa no lucro dos seus negócios.

Da *Flor do Tâmega* — Amarante, 10-8-1947.

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

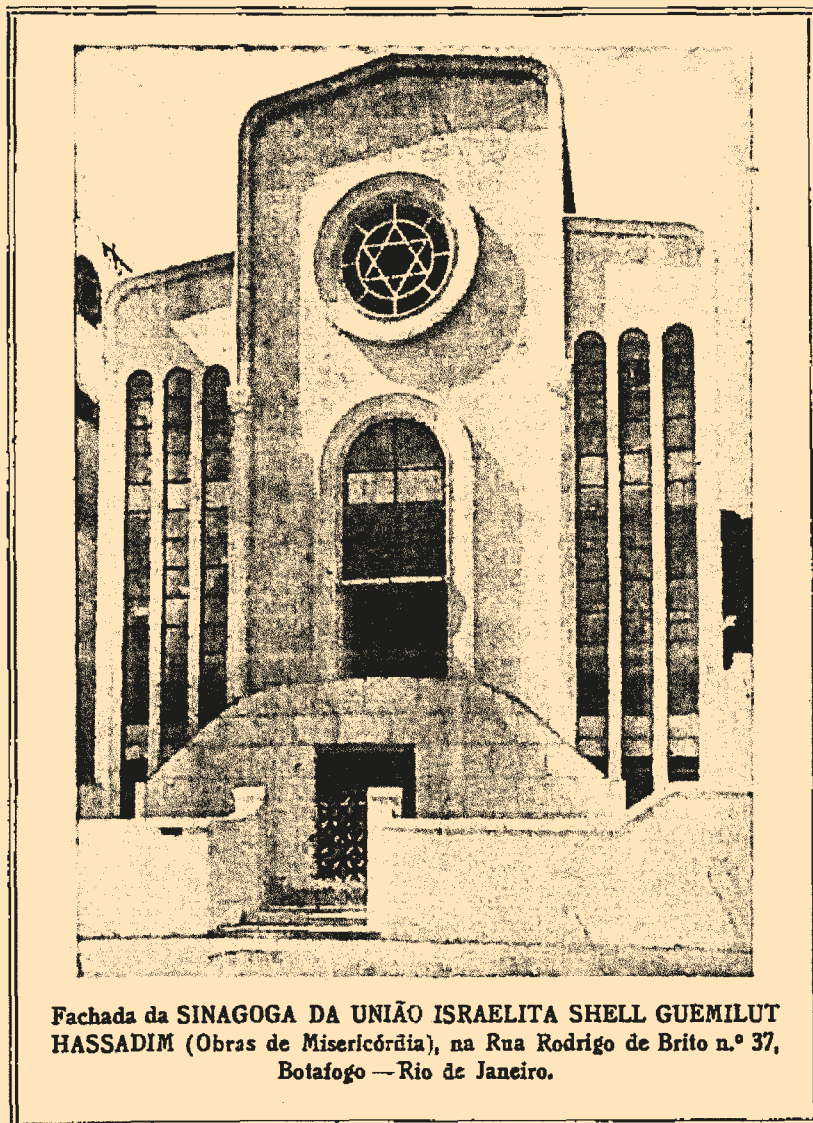
*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O FACHO

DIRECT. E EDITOR—A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadourie Mekor Ha'im
Rua Guerra Junqueiro, 340—PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.DA
Rua da Restauração, 817-2.º
PORTO



Fachada da SINAGOGA DA UNIÃO ISRAELITA SHELL GUEMILUT
HASSADIM (Obras de Misericórdia), na Rua Rodrigo de Brito n.º 37,
Botafogo — Rio de Janeiro.

A MATANÇA DOS CRISTÃOS-NOVOS

(19-20-21 DE ABRIL DE 1506)

• Também em Lisboa se amotinou por esse tempo o vulgacho; e tal foi o desatino e fúria ali erguida, que a pique estiveram os judeus todos, recentemente (como disse-mos) convertidos, de indignamente perecerem. O caso sucedeu assim: Tinham pouco antes chegado a Lisboa muitos navios mercantes da Bélgica francesa e da Alemanha, e a cidade se achava mui nua de burgueses, por se terem dela retirado em razão do contágio; muitos dos que, todavia, tinham ficado se juntaram, em 19 de Abril, na Igreja de S. Domingos para os officios divinos. Há na igreja, da parte esquerda, uma capela com a invocação do Senhor Jesus, mui devota e mui frequentada pelo entranhável acatamento dos fiéis. Assenta sobre o respaldo do altar um crucifixo, em cuja chaga do lado engasta um cristal, que a cobre; e ora como pusessem nela os olhos muitas pessoas, e com eles a imaginação, e vissem sair dela um luzeiro, entraram a bradar *grande milagre!*, pois a Divindade Celeste se representava ali com tais pasmosos sinais. Um daqueles hebreus, que pouco havia se alistaram nas bandeiras do baptismo, negava a altos gritos haver milagre; que nem num lenho seco cabia poder fazê-lo. E bem que muita gente duvidasse do milagre, nunca convinha em tal ocasião nem a tal sujeito empregar suas palavras e afínco em desmagnar um judeu, a gente que tão encarnado tinha nos sentidos semelhante ilusão.

A multidão, que naturalmente é dessisuda e assomada, eivada agora com vislumbres de religião, entrou a bramar de ouvir um cristão denegar crédito a um milagre. Tratam-no de aleivoso e malvado judeu, traidor à fé, cruel e desorado inimigo, digníssimo de todos os tormentos e da morte. Foram crescendo sobre ele os vitupérios de toda a parte; e tanto se escandee a cólera naquela mó de povo, que arremetem com o homem, travam-lhe dos cabelos, levam-no de rastos, e atormentando-o até o rossio, que espairose o convento, e ali cruelissimamente morto o despedaçam;

erguem de súbito uma fogueira, onde arremessam os troços do cadáver.

Acorreu a tal motim toda a gentalha, à qual um frade fez uma pregação acomodada a despertar vinganças de religião. Com a mui azeda exortatória a multidão, que de seu natural toma súbito furor, disparou em veemente feridade. Tinham já dois frades alçado um crucifixo, e empuxado a plebe com altos gritos a matanças; e alternando como em choro, bradavam: *Heresia! Heresia! Dai cabo dela que é maldita; extingui esta gente abominável.* Pojam em terra, vindos das naus, franceses e alemães, e se entremeiam com os lusitanos já cevados na despiedosa chacina. Consta que computavam a 500 homens os que empreenderam o facinorosíssimo destroço. Atravessados de ruindade e desatino, se arremessam a investir ferina e brutalmente com os míseros judeus: degolam, apunhalam, e ainda palpitantes e com vida os arrojam nas labaredas. Que naquele mesmo rossio, em que o primeiro ardera pelo agravo que sentira o povo dele, roncavam já para tais cruezas amiudados incêndios, porquanto com muito regozijo e pressa escravos e gente do mais vil jaez acarretavam lenhas, a que não desfalecem chamas para a perfeição de tamanho desmandamento. Quebrariam corações de bravias gentes os prantos lamentosos das mulheres, magoadíssimas supplicas d'os homens e os maviosíssimos clamores tão gerais. Mas tão despídos andavam de humão os perdoar nem a idade nem a sexo, com antolhos para tais resguardos, algozavam por maneira que 500 pessoas dos hebreus. E como o boato daquela carnificina se espalhasse no dia seguinte pelas aldeias do termo, vieram delas mais de mil facinorosos verdugos agregar-se ao bando dos malfeitores da cidade: com o que refrescou a morte e justiça. E em razão de toda a família judaica se ter, de temerosos, escondido em casa, lhes arrombavam as portas e entravam dentro a degolar, como carnicieiros, homens e mulheres e as donzelas

mesmas, esmigalhando contra as paredes as criancinhas, tirando, pelos pés uns mortos, outros expirando, para os lançarem nas fogueiras; e muitos mesmos cortados sòmente de feridas, consumiam nelas vivos. Tal embaçamento se apoderou então daquela misérrima gente e de seus sentidos, que nem lamentar seus mortos conseguiram, nem deplorar seus infortúnios. Os homiziados nem soltar ousavam uma só voz, despedir um só gemido, ao ver arrebatarse-lhes os filhos, os parentes para o suplicio. Tanto os desmaiara o susto, que dos mortos dessemelhavam os vivos! Saqueavam-lhes, no entanto, as casas os desalmados, e punham em montes ouro, prata e preciosos móveis. E se naquele dia não morreram mor quantidade, foi pela ânsia que se davam os franceses em roubar e acarretar a presa para os seus navios. Chegou a tal ponto a fúria daqueles sacrílegos, que devassavam os templos sem respeito alguns a Deus, e deles arrancavam os velhos, os meninos e donzelas que aos altares se acolheram, que com as imagens dos santos se abraçavam e que piedosamente imploravam o amparo de Jesus Cristo: logo ali brutaemente lhes davam morte, ou vivos ao fogo os arrojavam. Muitos, que só pela cara ou qualquer outra parecença jizavam pelo judaísmo, correram risco de morte, e outros a padeceram por esse único pressuposto; e ainda vários, antes de lhes averiguarem se tinham com os hebreus conexão alguma, foram com pancadas e com golpes desfigurados. Muitos encontrando com inimigos seus e apelidando-os de judeus, em seu sangue ensojavam as ferinas espadas, sem lhes dar azo a refutarem o falso aleive. Não tinham os magistrados afoiteza tal, que ousassem atalhar o furor da multidão. Houve, contudo, honestos cidadãos que abrigaram, que defenderam os judeus que a eles se amparavam, subtraindo-os a mortes cruelíssimas e pondo-os em seguro. Morreram todavia além de mil, em tal estrago; e já tornavam no dia seguinte os malfetores desatinados a renovar a carniçaria; mas não achavam a quem matassem; que quase quantos tocavam à gente hebreia se tinham posto em cobro, fugidos uns e encobertos outros em casa de pessoas piedosas. Fizeram contudo algumas justiça das costumadas. Em tudo morre-

ram nos três dias ao redor de dous mil judeus.

Sobre tarde entraram na cidade, acompanhados de soldadesca, dous fidalgos mui ilustres, Aires da Silva e Alvaro de Castro, regedores da Casa da Suplicação e Desembargo, e com a sua vinda acalmou o destreço. Porquanto, franceses e alemães com sobejo saque se recolheram logo a seus bordos; e dando à vela, fugiam para suas terras a todo o curso. Logo que D. Manuel ouviu a nova de tão insignes desacordos, ateou-se-lhe tão violenta cólera que despachou súbito a Diogo de Almeida e a Diogo Lobo com suprema alçada a Lisboa, e que dessem a execrandos feitos exemplar castigo. Grão número de culpados pagaram com as vidas a pena de seu desatino e crueldade; e os frades que arvoraram o crucifixo e encomendaram tais ferezas — degradados antes com muita solenidade de suas ordens, pois eram sacerdotes — os enforcaram e queimaram.

Os que foram lentos em comprimir a fúria popular foram uns multados em dinheiro, outros em honras; e a cidade desfalcada em muitas prerrogativas.

(Da vida e feitos de El-Rei D. Manuel, por D. Jerónimo Osório).

Ingratidão

«Se serves uma causa, receia mais a ingratitude de teus companheiros do que as investidas de teus inimigos.

Os primeiros nunca reconherão teres contribuído com o melhor do teu esforço em proveito comum; esperam sempre mais e à menor desconfiança, serão, talvez, capazes de dizer que nada fizeste de útil. Mesmo que teu trabalho esteja bem visível, dirão, até, que foste um empecilho e aniquilaste os seus sonhos. Os teus inimigos, entretanto, serão apenas o que são. Não poderão ser ingratos porque te odeiam. No seu ódio está a justificação do teu valor, de teus sonhos, de tuas realizações».

De A Gazeta do Sul — Montijo, 16 de Setembro de 1951.

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(Continuação do número 148)

SEGUNDA PARTE

Organização da Religião Judia Elevação da vida pela Santidade

I — Ciclo Hebdomadário

I — Santidade em exercício: Abluções matinais, Orações, Leis alimentares

II — Santidade geratriz: O Sabbat

I — Santidade em exercício

CAPÍTULO V

Actos de purificação

A vida sendo determinada por um certo número de hábitos, o judaísmo esforçou-se de os orientar para a santidade. Logo que se levanta, o fiel deve apresentar-se perante Deus, com as mãos puras, e ele procede para este efeito à ablução das mãos (*netilath yadaim*). Nós cometemos muitas vezes um equívoco quando não interpretamos certas medidas puramente religiosas e simbólicas como prescrições de higiene: a limpeza moral sendo muitas vezes simbolizada pela limpeza física, certas regras puderam ser comuns. Mas, se não houvesse na ablução das mãos, como na circuncisão, como nas leis alimentares, senão pensamentos reservados de higiene corporal, estas leis não teriam nunca sido defendidas pelos fiéis com uma aspereza inflexível: a razão que fez manter as abluções como as outras prescrições análogas, é que os fiéis nisso viram uma ideia moral; as mãos são o símbolo da acção; purificar as suas mãos significa: querer praticar actos puros.

CAPÍTULO VI

A oração

I — Sentido da oração

O primeiro gesto do fiel é purificar-se, o seu primeiro pensamento é para Deus; ele inaugura assim o dia pondo-se em contacto com a santidade divina. Na antiguidade, os israelitas chamavam sobre si certa santidade por meio de sacrificios sangrentos. Depois que a destruição do Templo de Jerusalém libertou o judaísmo deste dever, o culto exterior foi substituído por uma expressão mais directa do nosso culto interior (*avodá chebalev*): a oração. E, a fim de bem indicar que a oração é um apelo à santidade divina, e não um vão murmúrio dos lábios, os fiéis piedosos deixam o seu lugar no momento de dizer as orações mais importantes, como o *Chemoné esré* e o *Kadiche*, afirmando a sua vontade, por este gesto, de se manter num ambiente santo (*Chekhiná*).

É pela mesma razão que eles revestem o *talet*, ou *esharpe* sagrada cujo envolvimento é destinado a abstrair-los dos pen-

samentos ordinários, e cujas franjas rituais (Sissith) são destinados a lembrar que nós não nos devemos «deixar arrastar pelos impulsos do nosso coração nem pelas tentações da nossa vista». (Números, XV, 39).

O judaísmo repele também a concepção pagã da oração que faz dela um acto mágico, cuja virtude de cada palavra é suficiente para satisfazer os nossos votos. Não são nem as fórmulas, nem o número das palavras, nem a duração dos officios, nem mesmo a língua na qual se ora que contam, mas a convicção que nisso pomos (Kawaná). Na prática constituiu-se um ritual cujas fórmulas são determinadas hoje para as diferentes comunidades (ritos espano-português, italiano, germano-eslavo), e que é redigido em hebreu ou em arameu. Mas este ritual não se formou com o próprio judaísmo; foi uma obra espontânea dos diferentes rabinos, que, cada um para si, reteve as fórmulas mais felizes e as mais conformes ao seu espírito do momento. Elas são mantidas na ausência de todo o espírito criador. Mas, na origem, a oração era deixada à apreciação do chefe da sinagoga que indicava um tema a um improvisador, o qual bordava as fórmulas, segundo a sua inspiração e o espírito dos fiéis.

Este modo de proceder, bem que ele não seja já praticável hoje em que o público é mais difícil e sobre a forma e no fundo, era mais conforme com o espírito dos nossos sábios que não aprovam a oração que se pratica como um trabalho pesado ou como um dever mecânico (Aboth II, Ber. 28 b, 29 a, 30 a, 34 b, etc.). Certos sábios do Talmud, Rabba e Rab Joseph, consideram que uma oração feita segundo um formulário fixo não é uma delas.

Da mesma maneira que as palavras em si próprias não têm nenhuma importância, a quantidade das que se empregam não tem nenhuma influência sobre o valor; trata-se menos de orar muito do que de orar bem, isto é com convicção e sinceridade. «Perante Deus, diz R. Meir, sede sóbrios de palavras» (Ber. 61 a). O Talmud dá como modelo de oração a que Moisés dirigiu em favor de sua irmã, Miryam, atingida de lepra, e que só se compõe de quatro palavras: Perdoa, cura-a pois! (arra refa na la) (Ber. 34 a). Conforme com este espírito, «não se pode pôr

a orar, nem quando está preocupado com aborrecimentos, nem quando o humor conduz a preguiça, nem quando se tem no espírito futilidades»: não é preciso orar senão quando o coração nos leva a isso (E. c. 31 a).

Esta oração, devendo ser antes de tudo a expressão do nosso coração, pode ser feita em toda a língua na qual este coração é capaz de se exprimir. Os nossos sábios especificam que até as nossas duas orações mais importantes, o chemá e o chemoné esré, podem ser ditas em todas as línguas (Sota 32 b). Se a tradição se manteve de as dizer em hebreu, é unicamente com o fim de manter uma certa unidade através as comunidades dispersas. Contudo, ali onde o hebreu é ignorado da maior parte dos fiéis, é «sabotar» a oração e tirar-lhe o seu carácter edificante, querido pelos nossos sábios, que mantê-lo como língua única; é conduzir a um fim do qual as autoridades de Israel quiseram afastar os seus correligionários, em lhes fazendo um dever mecânico (Kevá).

II — Local e pessoal do culto, Templo e Sinagoga, Padre e Rabino

A oração, sendo antes de tudo uma expressão sincera dos sentimentos, pode ser dita por toda a parte: «Em todo o lugar onde o meu nome é invocado Eu venho para vós». No período da formação da religião judaica, onde não se podia contar com a consciência individual, foi bem preciso agrupar os fiéis num lugar único, o Templo de Jerusalém, que, por este facto, se tornava: o Lugar Santo, para todo Israel. Além disto, foi preciso lhe manter o seu carácter excepcional quando, na destruição da nação judia, ele se tornou o símbolo de unidade de Israel disperso. Mas, hoje, a religião não reconhece nenhum lugar que seja santo por si próprio: a sinagoga é o local onde a comunidade se reúne para ler a Lei, orar e meditar; esta qualidade pode ser reconhecida a toda a sala dum edificio digno e próprio para receber a santidade divina.

Como o lugar do culto, o pessoal mudou de carácter hoje: o padre (Cohen) não existe mais no judaísmo senão em estado de recordação. Os chefes da religião são os rabinos, simples fiéis especia-

lizados no conhecimento da doutrina e do culto, e que não têm outra autoridade senão a de esclarecer e guiar os fiéis. Estes são admitidos a fazer valer os seus modos de ver: A sua autoridade vem da sua pessoa mais do que da sua função.

III — Conteúdo das orações diárias

A oração vale pois, segundo o que acaba de ser exposto, não segundo a sua redacção mas segundo as ideias que ela encerra: Que contém a oração diária do israelita?

Tendo começado o dia rendendo graças ao Senhor da Ordem universal e ao génio de Israel que o descobriu e fez conhecer ao mundo, ele termina exprimindo a esperança de preencher o dia pela sabedoria, os bons sentimentos, o afastamento da calúnia e da mentira, e profere a esperança que um dia a maldade será desvanecida como um mau sonho, que toda a humanidade será ligada à ideia do bem, e adorará em perfeita comunhão de coração e de pensamento o mesmo Deus sob o mesmo nome.

O dia, assim colocado sob os auspícios do pensamento divino, se continua à noite por preces concebidas no mesmo sentido, salvo que em lugar de saudar as maravilhas da criação, o fiel saúda as sombras nocturnas, mensageiras da paz da noite e das doces meditações, e se prepara para se deitar em paz, seguro de ter merecido a aprovação divina.

(*Continua*)

Ano de 1951 da E. V.

Festas Israelitas

Purim — 22 de Março.

Pessah (Páscoa) — 21 de Abril.

Shebuoth — 10 de Junho.

9 de Ab — 12 de Agosto.

Rosh Ha-Shanah (ano de 5712) — 1 de Outubro.

Yom Kipur (dia de perdão) — 10 de Outubro.

Sukotk (Festas das Cabanas) — 15 de Outubro.

Hanukah (Festa dos Macabeus) — 14 de Dezembro.

FALECIMENTOS

— Por informações fidedignas soubermos que foram assassinados pelos nazis:

Na Itália: o comendador Guiseppe Pardo Roques, da Universidade Israelita de Pisa; Rabbi Rudolfo Levi.

Na Alsácia o rev.^o Haim Wolfinshou.

— Faleceu em Marrocos o rev.^o Jacob Shebabo, que foi ministro-oficiante no Porto e em Bragança.

— Faleceu na Itália o Rabbi David Prato, Rabbi-mor de Itália.

— Faleceu em S.^{to} Amaro de Oeiras, a 21 de Março, o distinto engenheiro Jorge Keri, natural de Budapeste (Húngria), que vivia há muitos anos em Portugal.

— Faleceu no Porto, a 17 de Agosto, o Dr. Alfredo Kiefe, Vice-presidente da Assembleia Geral da Comunidade Israelita do Porto.

A oração

A oração é o culto do coração.

Quando vós fazeis a oração, sabeis diante de quem estais.

Quando tu oras, não consideres a oração como um negócio de hábito, mas como uma humilde súplica ao Senhor.

Aquele que faz a oração como uma obrigação onerosa, não será ouvido pelo Eterno.

E' preciso purificar o seu coração, antes de começar a fazer a oração.

Não se deve fazer a oração quando se tem o espírito abatido ou o coração aflito, nem quando se está demasiado disposto para a alegria, ou que venha de tomar parte numa conversação frívola.

Que as orações que vós dirigis a Deus sejam sempre curtas.

As portas da oração são ora abertas, ora fechadas; mas as portas da penitência são sempre abertas.

Do Talmud.

Visado pela Comissão de Censura

UMA GRANDE DAMA JUDIA DA RENASCENÇA

GRACIA MENDESIA — NASSI

POR ALICE FERNAND-ALPHEN

(CONTINUAÇÃO DO N.º 148)

O excesso destes sofrimentos produziu em Israel, no princípio do século XVI, uma corrente messiânica ardente, primando todos os outros sentimentos: os proscritos estavam animados do mesmo ideal, aspiravam para um fim único: a vinda do Redentor, ou Messias Salvador, que estabeleceria enfim, para estes eternos perseguidos, a paz e a justiça sobre a terra. Esta esperança enfeitiçava todos os espíritos, insuflava no coração dos mártires a força de resistência necessária na aflicção e na energia sobre-humana, própria a ultrapassar as piores dificuldades.

Convém saudar aqui a grandeza moral desta pequena minoridade de homens, que mantiveram intangível o domínio de pensamento durante toda a Idade Média e que nunca capitulou, apesar do archote dos inquisidores.

Esta perseverança permitiu ver, no princípio no século XVI, a claridade dum espírito novo se levantar sobre o Mundo: a Renascença intelectual, a Reforma religiosa, onde passa o grande sopro dos Livros judeus, são as duas faces da revolução profunda que se opera nas inteligências.

Se Israel tinha capitulado perante a omnipotência da Igreja e das suas milcias religiosas, nos tempos em que, nem o Sismado Oriente nem a Reforma protestante não existiam, é permitido supor que a evolução do pensamento moderno teria sido grandemente retardado.

Coincidência curiosa: este mesmo ano de 1492, data do exílio hispânico, via cumprir-se um acontecimento capital: a descoberta da América, que ia tornar-se a terra de asilo para todos os oprimidos do mundo.

Foram os Maranos de Espanha, Luiz Santangel e Gabriel Sanchez que financiaram a expedição de Cristóvão Colombo, oferecendo vinte milhões de maravedis, cerca de cinco milhões de francos.

A bordo das três caravelas encontravam-se dezóito judeus, cujos nomes nos foram conservados.

O primeiro que viu a terra foi Rodrigo de Triana; o primeiro que pôs o pé sobre o solo da América foi Luiz de Torres, que Cristóvão Colombo tomou como intérprete junto do grande Khan da Índia.

Jehuda Cresques deu ao compasso os aperfeiçoamentos que permitiram aos navegadores de se dirigirem sobre o mar; Abraham Zacuto apresentou as cartas astronómicas graças às quais foi possível determinar o lugar da estrela polar. Assim são os filhos de Israel que foram aos lados de Colombo durante estes meses de provas que precederam a descoberta do Novo Mundo, este Novo Mundo que ia tornar-se, quatro séculos mais tarde, o refúgio e o lar de seus irmãos fugindo diante dos massacres da Rússia.

O profundo sentimento de amor pela pátria espanhola, sobre o solo da qual eles tinham vivido quinze séculos, foi mais forte no coração dos proscritos que o ressentimento causado pelo tratamento bárbaro que lhes era infligido. Assim, qual não é o espanto do viajante que percorre hoje as margens mediterrâneas, ouvindo os descendentes dos exilados de 1492 exprimir-se ainda no mais puro castelhano do século XV; semelhante fidelidade não se encontra senão entre os Canadianos franceses ou em certas aldeias da Prússia, entre os Huguenotes, colocados por Luis XIV em face do mesmo dilema de consciência com os leais súbditos de Fernando, o Católico.

(*Continua*).

31 de Março de 1821

É extinta a Inquisição em Portugal.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 148)

CAPÍTULO VIII

Das trasladações bíblicas em linguagem de que se usava em Portugal

Não só havia entre os Judeus muitos, e mui apurados Ms. Bíblicos dos textos originaes, mas também trasladações, que deles se haviam feito em linguagem vulgar de Espanha; porque depois que os seus sábios haviam dado licença para que os Livros Sagrados se escrevessem em Grego, por ser a Língua mais perfeita e usada, que então havia, a mesma licença se julgou depois applicável à Língua Espanhola muito cursada naqueles tempos; e era já costume, ou antes obrigação terem os Judeus um exemplar da Bíblia na Língua vulgar do país, em que habitavam (Assim o atesta Maimonides no seu *Misnah Thoroh* ou *Segunda Lei* e no *Moreh Nebocim* ou *Director dos que duvidam*).

Traduções que corriam entre os nossos — Assim entre os Judeus Portuguezes e Espanhóis corriam algumas traduções para uso das Sinagogas e instrução particular de cada um: entre as quais mui nomeadas eram em tempos antigos as trasladações Espanholas de R. Kimchi e de R. Abraam Aben Hefra (Estas trasladações, foram, quanto parece, as primeiras, que houve dos Livros Sagrados em Língua vulgar de Espanha; os Cristãos trabalharam depois algumas, como foram: a que mandou fazer em Castelhana D. Afonso o Sábio por 1260 que se acha emorforada

na sua *História Geral*, obra diversa da *História Universal* do mesmo Rei, que é peça inédita e existe Ms. na Real Biblioteca do Escorial; a outra tradução em Língua Valenciana feita em 1408 por Bonifácio Ferreira irmão de S. Vicente Ferreira e Geral dos Cartuchos, que foi impressa em 1478; a outra tradução em Espanhol, que se acha Ms. na Real Biblioteca de Sua Majestade, de letra, que parece ser do Século XV a qual foi do Senhor Rei D. Afonso V como nela se declara em uma nota de letra antiga, que se acha na folha, que cobre por dentro a pasta; e a outra finalmente, que tinha no Século XVI o nosso Poeta Francisco de Sá de Miranda, cuja leitura lhe facultara o doutíssimo Francisco Foreiro, como se lia na primeira folha dela, que não sabemos contudo se era tradução diversa da antecedente).

Acaso corriam elas também entre os Cristãos, que isto daria ocasião à Constituição Progmática, porque D. Jaime Rei de Aragão proibiu em 1233 as traduções da Bíblia em Espanhol, mandando-o assim publicar no Concilio de Saragoça que se juntou no mesmo ano (A Constituição Progmática vem em Martene na *Colecção dos Antigos Escriitores*, pág. 123 e segs.).

Destas antigas traduções talvez se tirou a trasladação do Pentateuco que se imprimiu em Veneza em 1497 e em Constantinopla em 1547 e 1552 a qual foi anterior à edição da Bíblia Espanhola de Ferrara; esta mesma Bíblia Ferraresca foi trabalhada sobre aquelas antigas versões, como se dá a entender na sua Prefação, de que falaremos em seu lugar.

(Continua).

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor HaIm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Restauração, 317-2.º
PORTO

RABI-MOR BEN-SION MEIR H'AI UZIEL

Nasceu em Jerusalém em 5640 (1880 E. V.), seu pai era um Rabi e o seu avô era o Rabi-mor da Terra Santa. Ele teve uma cuidada educação Talmúdica em várias Yeshivot (Institutos Teológicos). Em 1912 foi nomeado Rabi de Jafa e em 1919 foi Rabi-mor de Salónica. Em 1939 foi nomeado Rishon lesion — (Primeiro de Sion) (Título oficial do Rabi-mor Sephardi da Terra Santa), Rabi-mor Uziel é uma das figuras mais estimadas na vida judaica da Terra Santa; o seu grande conhecimento do Talmud, a sua sabedoria, gentileza e generosidade são bem conhecidas. É autor de vários livros três dos quais já foram publicados.



O Deus do Pentateuco é o Deus universal

Pelo COMANDANTE A. LIPMAN

Para o demonstrar, vamos examinar sucessivamente a conceição do Deus criador, a dos patriarcas e a do Deus de Moisés.

1.º *O Deus criador* — Não creio que ninguém conteste a antiguidade da narração da Criação, pela qual começa o livro do Génesis. Se se está bem apoiado sobre os ingénuos antropomorfismos que ele apresenta! Ora, que nos mostra esta narração? Mostra-nos um Deus que, pela sua vontade omnipotente, sem matéria prima, sem o socorro de ninguém, criou o universo. É impossível conceber um Deus mais universal. O dilúvio em seguida destrói toda a humanidade, salvo Noé e a sua família. Depois do falhanço da Torre de Babel, a descendência de Noé povoa a terra e as setenta nações, enumeradas como saídas desta descendência, são consideradas pela narração mosaica como constituindo a nova humanidade toda inteira (Génesis, cap. X e XI; XI, 9).

2.º *O Deus dos patriarcas* — A narração bíblica continua pela história dos patriarcas. Deus revela-se a Abraham; mas o pacto que Ele conclui com ele não interessará a ele só e ao povo hebreu: «Eu próprio trato contigo; tu serás o pai duma multidão de nações. Teu nome não se pronunciará mais Abram: teu nome será Abraham, porque eu te faço pai duma multidão de nações» (Génesis, XVI, 4-5).

Depois da terrível prova de Abraham, esta promessa é repetida mais claramente ainda: «E todas as nações da terra serão felizes pela tua prosperidade, em recompensa de tu teres obedecido à minha voz» (XXII, 18).

De facto, Cristãos e Muçulmanos, toda a humanidade civilizada, reclamam Abraham, e não somente os Israelitas.

Esta promessa de ordem universalista é em seguida renovada a Isaac, depois a Jacob (Génesis, XXVI, 4; XXVIII, 14).

Além disto, viu-se, desde o capítulo XIV, 18-23, Melchisedek, depois Abraham, prestar juramento «diante do Eterno, Deus supremo, autor do céu e da terra».

3.º *O Deus de Moisés* — Deus revela-se

a Moisés no monte Horeb, como o *Ser por excelência*: «Eu existo porque eu existo».

Moisés disse a Deus: «Eis que eu vou encontrar os filhos de Israel e dizer-lhes:

— O Deus de vossos pais me enviou para vós; se eles me dizem: Qual é o seu nome? Que lhes direi? Deus respondeu a Moisés: «Eu existo porque existo».

E acrescentou: Assim falarás aos filhos de Israel: O Eterno, Deus de vossos pais, Deus de Abraham, Deus de Isaac e Deus de Jacob me enviou para vós.

Tal é o meu nome para sempre, tal é o meu atributo de geração em geração (Exodo, III, 13-15).

Identidade completa, vê-se, entre o Ser por excelência e o nome quadrilátero, que nós exprimimos por este motivo por o Eterno».

A universalidade do Deus de Abraham, implicitamente afirmada nas narrações do Génesis, é pois explicitamente proclamada pelo Exodo. Nada de mais universal que o *Ser por excelência*, «Aquele pelo qual nós vivemos» segundo a curiosa expressão de Aristóteles.

Aqui se impõe uma nota de ordem geral, que esclarecerá com uma viva luz a questão, tão sãbiamente obscurecida, do «deus nacional de Israel».

É certo que na Torah, Israel mantém o lugar preponderante. O Génesis é pleno da história dos patriarcas, que é a história das origens de Israel. O Exodo é principalmente a narração da libertação de Israel, da sua organização religiosa. O Levítico é em grande parte consagrado às prescrições do culto público de Israel, os Números às provas de Israel no deserto. O Deuterónimo só é uma lembrança dos principais acontecimentos vividos por Israel, das leis que Israel recebeu e uma apurada exortação de ter de seguir estas leis. Assim um leitor superficial poderia, à primeira vista, acreditar que o Pentateuco só se ocupa dum pequeno povo e do deus deste pequeno povo.

Mas se se lê atentamente, que se vê? Vê-se que este pequeno povo é o povo

eleito do Deus universal, povo graças ao qual todas as nações da terra devem encontrar a felicidade.

Então, toda a Torah se ilumina com uma imortal claridade: a Torah foi ditada a Moisés para a humanidade inteira, porque o povo de Israel é o instrutor da humanidade, escolhido pela Providência. E é isto que exprime esta passagem célebre do *Exodo*, que eu entrego à meditação de todos os partidários do famoso *particularismo* ou do *feroz isolamento* de Israel:

«E Moisés subiu para Deus; e o Eterno, chamando-o do alto da montanha, lhe disse: Dirige este discurso à casa de Jacob, esta declaração aos filhos de Israel: Vós vistes o que eu fiz aos Egípcios; a vós, eu vos levei sobre as asas das águias, eu vos aproximei de mim. Doravante, se vós sois dóceis à minha voz, se vós guardais a minha aliança, vós sereis o meu tesouro entre os povos. Porque toda a terra me pertence; mas vós sereis para mim um reino de pontífices e uma nação consagrada. Tal é a linguagem que tu terás com os filhos de Israel (Exodo, XIX, 3-6).

Mas se as coisas são tais, se a Torah deve servir para todos os homens e não apenas para o povo de Israel, esta tendência deve-se manifestar por vezes directamente. É com efeito o que tem lugar, como vão mostrá-lo alguns exemplos.

Primeiramente a aliança de Deus com Noé, no Génesis, IX, 1-17; ela aplica-se a toda a humanidade:

Eis aqui (o arco-iris que parece ligar a terra ao céu) o sinal da aliança que eu estabeleci entre mim e *todas as criaturas da terra*.

Depois o Decálogo, a mais importante das revelações que relata a Torah, faz-se notar pelo seu carácter de universalidade. Também ele está na base das legislações de todos os povos civilizados, depois da difusão do cristianismo. E contudo este Decálogo não começa por uma declaração na aparência particularista: «Eu sou o Eterno teu Deus, que te fez sair do país do Egipto, duma casa de escravidão», mas que examinada de perto, relembra a Israel que ele não saíu da escravidão egípcia senão para receber o depósito sagrado duma Lei de alcance universal?

Quando, nos Números, XVI, 23, Moisés e Aarão intercedem em favor dos rebeldes

da facção de Coré, é ao «*Deus dos espíritos de toda a carne*» que vai a sua súplica, e não ao Deus dos pais ou ao Deus de Israel; é que eles falam em nome da justiça e que a justiça é de ordem universal: «ó Deus, Deus dos espíritos de toda a carne! Quê, um só homem terá pecado e tu te irritarias contra a comunidade inteira?

Mais longe, no capítulo XXVII, versículo 16 Moisés emprega a mesma qualificação para pedir a Deus para designar o seu sucessor: «Que o Eterno, *Deus dos espíritos de toda a carne*, institua um chefe sobre esta comunidade, que caminhe sem cessar à sua frente e que dirija todos os seus movimentos; a fim de que a *comunidade do Eterno* não seja como um rebanho sem pastor».

A aparição deste atributo universalista ao nome quadrilátero mostra superabundantemente que este último nunca se pode aplicar a um deus nacional.

(Do «*Univers Israelite*» 2-Julho-1926).

FALECIMENTOS

No dia 26 de Dezembro de 1951 faleceu na Lunda (Angola) Norberto (David) Augusto Moreno, agente técnico de Engenharia em serviço na Companhia dos Diamantes de Angola, em consequência de choque entre a moto com sidecar que conduzia e um camião pesado, tendo a morte sido instantânea.

—No dia 25 de Fevereiro realizou-se o funeral da Ex.^{ma} Sr.^a D. Berta Sarah Oppenheim no cemitério municipal de Agramonte, tendo sido feitas as devidas orações fúnebres pelo nosso director segundo o rito sephardi (lusohispânico).

VISITANTES

Em Maio visitou o nosso templo Sinagoga Kadoorie Mekor H'aim o Sr. Fred Ascher, de Chicago (U. S. A.) que se mostrou encantado com este monumento judaico na cidade do Porto.

Em Junho também tivemos o prazer de receber a visita do Sr. Dr. Maurice Ettinhausen, de Londres.

DAVID MORENO

Morreu, estúpidamente, em Angola, David Moreno.

Um desastre de automóvel — ao que parece. Um gesto agressivo e raivoso do Destino a desembaraçar-se de alguém que o entontecia, há muitos anos, com a sua acção abnegada e inteligente.

*

* *

Nada há, neste mundo das letras, de mais triste, do que o artigo «In-Memoriám». Duplamente triste. Porque à tristeza da lembrança, em si, do desaparecido, se une a tristeza da forma, forçosamente banal e monótona e até, algumas vezes, a de opinar, seu génio, de alguém que foi genial. Eis porque eu não quero acumular tristeza sobre saudade.

O que se segue é uma manta de retalhos pequenos e desalinhavados...; e o que para mim representou a morte de David Moreno, não é coisa que se traduza em palavras.

O Judaísmo português perdeu assim, um dos seus grandes obreiros. É que David Moreno com os seus defeitos e com as suas qualidades, representava o «Marnismo» — como poucos, até hoje, o souberam fazer.

Educado no Instituto Teológico Israelita do Porto e um dos mais devotados discípulos do Capitão Barros Basto, David Moreno, personificou em si, durante algumas décadas o movimento da redenção do judaísmo português.

Não é fácil comprimir dentro de uma crónica — essa curta existência de... anos. Basta que a notícia fatal nos toque ao de leve, para logo faiscar da nossa memória um «filme» de longa metragem pleno de aventuras, de episódios curiosos e até inverosímeis.

Formado em engenharia pelo I. I. do Porto, David Moreno podia, se quisesse, ter deixado, tanto no jornalismo como na

literatura, um nome. Era vivo, rápido; possuidor de uma inteligência oportuna e quase sempre brilhante. Tinha «jeito», o feitio — valorizador por um bom gosto invulgar.

Não quis. Em vez de escrever a vida — preferiu vivê-la. E como não era rico, nem nascera em Paris, nem sobre os seus pés se abriam alçapões da sorte — quis ele próprio projectar-se, num prodígio de habilidade, aos paraísos ambicionados.

*

* *

Embora eu fosse mais ou menos, conterrâneo de David Moreno, pois que este nascera em Freixo-de-Espada-à-Cinta, só o vim a conhecer no Porto.

No entanto conheci de cor o título de todas as suas crónicas, publicadas nesta folha, onde hoje evoco o seu desaparecimento.

O retrato de David Moreno, que saltara algumas vezes sob os meus olhos, ao folhear magazines — fixara-se para sempre na minha mente... E antes de o conhecer — já o conhecia: moreno, uns olhos claros permanentemente alvados, numa expressão mixta de sono e de sonho, um rictos de fadiga, de «blasé», arrepanhando-lhe um canto da boca; cabelo levemente encaracolado a surdir um chapéu de grandes abas.

E por isso, quando naquela manhã de inverno, o descobri à porta da Sinagoga — senti o vermelhão das grandes horas!

E fui até ele; e abordei-o... e apresentei-me. Seguidamente conversamos sobre tudo e todos...

Não lhe faça o necrológio, não! David Moreno não morreu — afastou-se de nós porque seu espírito luminoso, claro, genial, evoluiu e, em mundos melhores, certo, não esquece os entes caros que deixou na terra.

Amílcar Paulo

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(Continuação do número 149)

CAPÍTULO VII

I — Santificação da refeição

Se o dia é cercado de santidade pela oração, cada acto importante o é também; o acto mais marcante do dia, depois do levantar, sendo a refeição, esta é cercada de abluções e de orações. Esta concepção tem por fim altear a alimentação afastando o pensamento do homem do prazer exclusivo dos sentidos e dirigindo-o para a necessidade de trabalhar para o adquirir e de o assegurar àqueles que não puderam prover-se do necessário apeser dos seus esforços.

II — Leis alimentares

Querendo-nos ensinar a dominar os nossos apetites, a religião judia não se contenta em santificar as refeições, mas ela exige certas abstenções. Como o apetite do estômago é dos mais imperiosos, o modo como nós o dominamos prova o poder que nós possuímos sobre os outros apetites. Também ele habituou os seus adeptos a não consumir tudo o que os tenta, mas a distinguir entre o que pode comer e o que não pode. «Vós observareis a distinção entre os animais puros e os animais impuros, a fim de não tornar as vossas pessoas abomináveis quer pelos animais, quer pelas aves, quer pelos réptis que eu vos ensinei a distinguir como impuros: vós sereis santos para mim, por que eu sou santo, eu o Eterno. . . » (Lev. XX, 25, 26).

Da mesma maneira que a Lei de Moisés ensina a restringir a sua escolha nos animais destinados a serem comidos, ela proíbe a consumação dos animais mortos ou ret-

lhados (Lev. XVII, 15; XXII, 8). «Vós sereis para mim homens santos; vós não comereis animal despedaçado nos campos, vós o deixareis aos cães (Ex. XXII, 31)».

Em suma, se nós substituímos o termo *santo* pelo de *conveniente*, nós reencontramos regras sensivelmente análogas na nossa sociedade moderna. Sem procurar ser um santo, no sentido místico deste termo, o homem *bem educado* de nossos dias não se alimenta nem das mesmas coisas nem da mesma maneira que o rústico e, sem que nenhum código o prescreva, ninguém comeria, hoje, da carne dum animal morto naturalmente ou despedaçado por um outro. Mas, para se chegar a isto, foi preciso séculos de educação, e o mérito das leis alimentares judias é de ter inculcado, há cerca de três mil anos, sentimentos de limpeza e dignidade que, infelizmente, não são ainda suficientemente generalizadas hoje. Encontra-se ainda bastante comum, no povo, gentes que se não repugnam de comer gato, e até ratos. Estes gostos são de resto diversamente apreciados de um povo para outro. Para um inglês, é uma monstruosidade alimentar-se de crustáceos e ele troça do francês dando-lhe a alcunha de «comedor de rãs» (M. Froggy). Há atractivos e horrores que variam com as variedades de indivíduos e que correspondem a um certo requinte de personalidade. E se não está sempre estabelecido que as leis alimentares da religião judia correspondem a uma estricte higiene, elas provam que os judeus eram já requintados numa época em que o mundo greco-latino era ainda bárbaro sobre esta relação: todo o mundo sabe de que modo libidinoso as refeições se terminavam nuns, e de que modo grosseiro noutros. Os judeus foram pré-munidos contra estas corrupções de costumes graças ao modo como a alimentação é santificada no judaísmo.

III — Dignidade da mesa

A pureza dos manjares não seria suficiente se ela não fosse completada pela dignidade do porte e a correção dos ditos. «As pessoas bem educadas de Jerusalém, relata o Talmud (Sanhedrim 23 a, Pesahim 86 b, Derekh erets VI e VII), não aceitavam nunca jantar sem saber quem eles teriam a seus lados». Os nossos Rabinos da antiguidade conheciam todo um protocolo de saber viver que dariam bem pontos aos nossos melhores tratados actuais. Certos de entre eles vão mesmo até exigir que as palestras de mesa sejam sempre sérias e que tenham por assunto a Lei divina (Aboth III, 3). A tradição judia tem, de resto, realizado as suas vistas cercando as refeições com bênçãos, a de sexta-feira à noite, de Zemiroth, e a da Páscoa, da leitura de Hagadah, sem prejuízo das consagrações de abertura (Kidush) que inauguram as do sábado e das festas. O judaísmo não tolera a mesa vulgar ou licenciosa, quer seja à moda dos antigos gregos ou romanos, ou dos modernos amigos de comezainas. Em nenhum momento ele permite o relaxamento da dignidade e do respeito humano.

CAPÍTULO VIII

I — Santidade geradora

O Sábado

Se a santidade não deve nunca fazer falta, ela não pode, contudo, manter-se constantemente a uma altura igual: assim, o dia do Sábado é consagrado especialmente a renovar as forças de santidade (yom menuhá ukedushá). Ele não é um simples dia de repouso semanal: é um dia de recreação espiritual (oneg shabath); é um dia em que nós pedimos a Deus para «purificar nosso coração a fim de poder servi-lo mais fielmente. «Em nos convidando ao doce repouso do Sábado, Deus nos revestiu de santidade (Shemoné esré)». É a razão pela qual, na religião judia, ele tomou um lugar tal que muitos preferiram-se deixar massacrar antes que violá-lo, e que os nossos profetas o verdadeiro fiel pelo

seu amor pelo Sábado. «Se tu te abstens no dia de Sábado — diz o Profeta Isaías (LVIII, 13-14) — de seguirees os teus hábitos, se tu fazes dele um dia de delícias e que tu o honras como um dia consagrado a Deus, eu te farei conquistar as alturas do país e gozar da propriedade de Jacob, teu antepassado».

Este dia foi tão caro aos Israelitas que eles lhe votaram um amor comparado ao de dois jovens seres. Na véspera do Sábado, quando os últimos raios do dia se retiraram diante das sombras do crepúsculo, que fazem cortejo ao Sábado, a comunidade de Israel, enfeitada com os seus mais belos adornos, sai ao seu encontro para receber a sua bem amada, a solenidade do Sábado. «Vamos perante o Sábado! É a fonte da nossa felicidade... Desperta-te, Israel! Uma luz esplêndida brilha sobre ti! Desperta-te, entoa cânticos de alegria: a majestade divina avança para ti!... Sê bendita, a alegria do teu bem amado, ó Sábado bem amado, vem te alegrar no meio de nós! Vem, ó Sábado bem amado, vem te alegrar no meio de nós! (ritual de sexta-feira à noite)».

O judaísmo fez ao Sábado um lugar de honra distinguindo-o ostensivamente dos outros dias; ele é aberto pela consagração do *Kidush* e encerrado pelo rito da *Habdalah*. Assim, a semana atinge o seu ponto culminante em plena santidade.

(*Continua*).

FESTAS EM 1952

Purim — 11 de Março.

Páscoa — 10 de Abril.

Shabuoth — 30 de Maio.

9 de Ab — 31 de Julho.

Rosh Ha-shanah — 20 de Setembro.

Kipur — 29 de Setembro.

Sukoth — 4 de Outubro.

Hanukah — 13 de Dezembro.

Visado pela Comissão de Censura

JUDEUS E CRISTÃOS NOVOS

DE ROCHA MARTINS

Perguntam-me se prefiro os judeus aos cristãos novos e porquê? Naturalmente, tem-se notado, nos meus artigos, alguma coisa que revela o meu sentimento ao louvar na raça precita, os seus sentimentos de perseverança, isto é: os dos que ficam fiéis à sua fé, condenando os outros.

Os judeus que não trocam a sua religião pela dos católicos podem ter os defeitos que se atribuem à sua raça, mas os cristãos novos não os perdem só porque se baptizam. O sangue fala mais alto do que a voz do sacerdote que os tornou católicos.

A adesão, a aquiescência, a submissão a doutrinas antagonicas às das suas tradições, é, acaso, elixir ou panacea para modificar temperamentos?!

Não é. Por consequência, em vez de se encontrar um judeu puro, depara-se-nos um judeu falso, com o acréscimo da sua falta de sinceridade ao ensaiar as rezas novas para o seu espírito,

O cristão novo inicial é o judeu que teve medo da Inquisição ou modificou a fé por qualquer interesse.

O judeu puro é heróico em determinados momentos da História; o cristão novo é cobarde, porque se coloca ao lado do vencedor.

Aos primeiros, põe-se-lhe o problema: Renega e escapas? Ao segundo aceita-se a abdição, mas intimamente despreza-se.

Há expressões nos rostos dos cristãos novos que não esperam pelas suas palavras para definirem a sua ancestralidade. Baptizaram-nos: puseram-lhe nomes católicos, ensinaram-nos a rezar e então, esses catecúmenos são, aparência, pelo menos, mais fervorosos nos seus deveres religiosos do que os cristãos velhos. Estes não carecem mostrar que cumprem; aqueles precisam dar nas vistas. Têm dentro de si alguma coisa que os acusa. Dir-se-ia que receiam sempre o inquisidor.

O judeu que conserva as suas crenças,

está constantemente na barricada naquelas horas de perseguição e de ataque, da infâmia da força. Perece a combater ou a rezar; não renega o seu Deus nem a Fé de seus pais; não troca por uma suposta tranquilidade — não a terá intimamente — o que representa a sua própria essência. Um é o soldado que sente ser melhor morrer no combate do que acabar cativo. O outro, é desertor, o que aclama hoje o que ontem detestava, só porque tem medo ou o interesse o leva a repudiar a sua religião.

Porque assim é, podemos considerar o que persiste até à morte honrado e sério, para o efeito da crença e mísero de ânimo o que renuncia.

Durante as perseguições de que os judeus têm sido alvo, através dos tempos são mais numerosos os sacrifícios do que as abdições; os heroísmos do que as transigências; a compreensão da sua lei do que o repúdio do que lhe ensinaram os pais.

Para se ter conservado uma religião através dos séculos, sendo perseguida, por vezes, até ao martírio, até ao horror, é necessário que ela seja muito forte e dominante.

As massas Israelitas mantiveram-se mesmo quando se votou o seu extermínio. Elementos de coesão, de força, aceitando o infortúnio, mas não se ajoelhando perante os carrascos, souberam encher de valor e de dignidade as páginas da História de Israel.

Aos cristãos novos vejo-os de outra maneira inteiramente diferente. Como não se apaga, nem mesmo ao cabo de algumas gerações, a origem dos seres, os renegados que aparecem, às vezes em situações predominantes, traem, aos que servem, as suas qualidades ráticas com a apostila da hipocrisia.

O seu ardor no culto da fé nova a que se jungiram, num dia de medo, os seus progenitores, é um estigma. Acusa a co-

bardia, o reconhecimento da força que lhes empolga o corpo e a alma.

Não é melhor sacrificar o corpo e bradar bem alto a sua fé?!

Folheando, ao acaso, a história das perseguições aos israelitas, encontramos aquele decreto cruel do mais feliz e do menos valoroso rei de Portugal, da dinastia de Aviz, D. Manuel I, pelo qual ordenava o sequestro dos filhos dos judeus.

O amor da família hebraica é tradicional. Amam os filhos como a continuação de si próprios e da raça; labutam para que sejam ricos e venturosos e nos seus lares reina a dignidade. A educação da prole, dentro dos princípios da sua religião, é feita com todo o critério e sem desvio.

Quando o decreto, datado de Evora, em Abril de 1497, ordenava que tirassem os filhos aos judeus, houve os que foram obrigados a entregá-los às autoridades para serem educados por ordem do rei e a seu talento, dentro do catolicismo, mas também houve, entre os que expoliavam do seu amor, os que preferiram matar a prole e com ela morrer do que vê-la nas mãos dos inimigos da sua fé.

Que heróica e honrada resolução! Perante a memória daqueles pais, que acabavam junto dos seus, inclinam-se as frentes e enchem-se de admiração as almas dignas.

Recordando os outros, os que se submeteram à fé que não sentiam, tem-se a ideia de um rebanho hipócrita pronto a fingir e, por consequência, a exagerar as suas manifestações. Por isso digo que o cristão novo é refalsado e julga que a própria sombra é a do familiar do Santo Offício pronto a empolgá-lo.

Por motivos de religião ou de política, sacrificar-se quem não pensa como os dominadores, é próprio de bárbaros que arvoram bandeiras de civilizados, como sucedeu na Alemanha de Hitler, esse louco que contaminou uma nação predisposta para a alucinação colectiva.

Na Itália, o «duce», que esquecer a própria fome e a miséria, passadas durante a sua emigração na Suíça, pretendeu exterminar os judeus. Não os viu de rastos e súplices, mas prontos a afrontar a morte. Um deles, comandante de um regimento, mandou formar os seus subordinados, colocou-se diante deles, empunhando a ban-

deira, que jurara defender, e suicidou-se, salpicando com o seu sangue, a signa da Pátria.

Não era a bandeira de um Partido, como a Suástica, imposta à Alemanha, mas a da Itália que os Sabóias da decadência não souberam defender.

Aquele israelita suicida foi heróico. Não procedeu como possivelmente outros, que, para não perderem os empregos renegaram a Fé de seus pais. Aquele preferiu perder a vida.

Da República — Lisboa, 17 de Abril de 1952.

CASAMENTOS

No dia 9 de Junho (16 de Sivan) realizou-se em Tel-Aviv o casamento da menina Enhe Rivkah, natural de Matosinhos (Portugal), com o Sr. Shlomo Margalit, de Petah' Tikvah (Israel).

As bênçãos foram dadas pelo Rev.º Rabi de Ramat Gan B.

Teve uma numerosa e selecta assistência. Discursaram muitos Rabinos, entre eles o Rabi Hilel Widkind, amigo do tempo da escola do pai da noiva.

A noiva é filha do Sr. Menasseh Bendob e de D. Branca Roskin Bendob que exerceram indústria e comércio de peles de agasalho em Matosinhos e Porto durante 23 anos. O pai da noiva foi membro fundador da Comunidade Israelita do Porto, onde exerceu funções de 1.º secretário e dedicou o seu cuidado ao ensino e ao culto durante 20 anos pelo que foi reconhecido como membro benemérito. O noivo é formado pela Yeshibah de Petah' Tikvah em anatomia. O jovem casal fixou residência em Haifa. O pai da noiva veio residir para o Porto empregando na comunidade a sua boa acção cultural e cultural.

— No dia 4 de Junho casou-se a menina Sonia Halpern, sobrinha do Sr. Armando Halpern, um dos sócios fundadores da Comunidade Israelita do Porto, com o Sr. Natan Mucznick, na Sinagoga Shaaré Tikvah (Portas da Esperança) à Rua Alexandre Herculano — Lisboa.

Siman Tob — Mazal Tob
(Bom sinal — Boa estrela)

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלְפֵי דְ

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Restauração, 817-2.º
PORTO

HA-TIKVAH

(A ESPERANÇA)

*Enquanto bater o nosso coração,
O anseio de Israel nunca há-de acabar
E nunca o Oriente deixará de olhar
Sempre a sonhar com as terras de Sião.*

*A nossa esperança ainda não morreu,
A nossa esperança é sempre mais e mais!
Queremos voltar ao lar de nossos pais,
Pátria sagrada onde David viveu!*

*Na vossa alma, Irmãos, guardai bem a herança
Que todos os profetas nos têm legado:
— Quando o último de nós tiver tombado,
Só então tombará a nossa Esperança!*

*A nossa esperança ainda não morreu,
A nossa esperança é sempre mais e mais!
Queremos voltar ao lar de nossos pais,
Pátria Sagrada onde David viveu!*

15-5-1953

HANID ESTELA

(Adaptação da letra inglesa)

RAPSÓDIA EM SAUDADE

Acabamos de falar, espiritualmente, com ele, com Uriel da Costa, esse pensador complexo que, segundo Darff e Pierre Kaan, «viveu profundamente e com grande paixão *as duas maneiras* porque a Humanidade tem interpretado o seu destino... uma pela qual ela tenta colocar-se com toda a lucidez em frente de si mesma, a outra em que ela ousa julgar o *seu nada* pela presença infinita, esmagadora, de Deus».

Representado por publicações que falam de si, e por trabalhos que o seu génio concebeu, tivemos-lo, durante alguns momentos, em contacto connosco, depois de o arrancarmos da estante desarrumada. Através da arte de Gutenberg, revimos, em imaginação, a vida de Uriel da Costa; assistimos ao seu nascimento, ali em Cedofeita; acompanhamo-lo, quando estudante de Cânones em Coimbra, nos bancos da velha Universidade; estivemos com ele, quando já formado em direito canónico, na Colegiada de Cedofeita; compartilhamos das suas inquietações que o levaram a abandonar o País; vimo-lo na Holanda, onde com toda a família fez a sua profissão de fé judaica, e revoltamo-nos ao assistirmos à maneira vil como Uriel é tratado pelos seus correligionários de Holanda.

Acompanhamo-lo no seu novo êxodo para Hamburgo e arrepiamo-nos ao vê-lo escrever essa carta patética, impressionante, que intitulou — *Exemplar Humanae Vitae*, na qual descreve a tragédia da sua consciência.

Vemo-lo no seu gabinete, bem mobilado, sentado numa cadeira de espaldar, tendo diante de si um in-fólio. Pela sua atitude depreendemos que faz contas com a vida. Curvado, alquebrado, fixa alguma coisa de invisível. Nem sequer ouve o que diz o pequenito de cabelo louro, que colocado nos seus joelhos, se encosta ao ombro. É Espinosa, sobrinho de Uriel. Com a mão direita, a criança toca numas flores frescas que formara na mesa. Da esquerda escorregam outras já meias murchas. Nessas talvez incida o olhar vago e desesperado de Uriel. É o pequeno de

cabelo anelado, recitou os seus conceitos relativos às flores, conceitos espiritualmente gongóricos como os de Ledesma:

«¿Sabeis, tio, como distingo as flores frescas, direitinhas nas suas pequenas hastes, destas já ressequidas? As frescas são ideias, as outras conceitos. Naquelas é o criador que pensa. Nestas é o homem que percebe. E como a diferença está apenas no perfume e na fresca cor, isto é, na vida, eu chamo «Deus, Vida e Ser. E sem essa Vida, esse Ser, as flores que murcharam já não são flores. São meros conceitos, nada mais».

Momentos depois Uriel põe termo à vida. Assistimos ainda à sua agonia e, por fim, acompanhamo-lo à última morada — onde poucos o levaram e deixaram com sincera e profunda sinceridade.

*

* *

Apesar do nome de Uriel ter atravessado fronteiras e se ter firmado no estrangeiro, foi lançado pelos seus compatriotas na vala comum do esquecimento.

Ainda que se não possa considerar Uriel um grande filósofo ou um profundo teólogo, a sua obra tem contudo traços curiosíssimos que levaram os críticos a afirmar que este ilustre portuense foi sem dúvida, em mais de um passo, o inspirador de Baruch Espinosa.

Português, afidalgado pela fortuna e pela educação, nascido no Porto, segundo alguns autores, em 1584 era Uriel da Costa, filho de cristãos-novos. Formado em Direito Canónico, óptimo latinista, familiarizado com as obras-primas do paganismo mas também do renascimento, Uriel tinha alma profundamente religiosa, e coração bondoso, isento de egóismos. De temperamento apaixonado, impulsivo, mas de mentalidade racionalista, incapaz de conservar e deixar amadurecer de vagar, no foro íntimo do seu peito, as suas convicções e fantasias. Sério e sincero, vemo-lo sempre disposto a confessar, sem reservas, ficção ou mentira, tanto as hesitações da sua consciência como as dúvidas da sua

Por terras de Amaranho

HORRÍVEL CRIME DE HERESIA!!!

Camilo Castelo Branco, no seu romance histórico *O Judeu*, onde trata da trágica vida do comediógrafo António José da Silva, refere-se a um livro intitulado *Sentinelas contra Judeus*, do qual transcreve algumas passagens. Consegui obter para a minha biblioteca de trabalho um exemplar da 1.ª edição em língua portuguesa dessa obra. No frontispício lê-se o seguinte :

CENTINELA
CONTRA
JUDEUS

Posta em a Torre da Igreja
de Deus
oferecida

A Virgem S. N.

Com o trabalho do Padre

Fr. Francisco de Terregonsilho

Pregador jubilado da Santa Província de
S. Gabriel dos Descalços da Regular
Observância de Nosso Seráfico S. Francisco.

Traduzida em Português

Por Pedro Lobo Correia, escrivão da
Contadoria Geral de Guerra, & Reino.

LISBOA

Na officina de João Galrão

M. D. C. LXXXIV.

Com todas as licenças necessárias.

A' custa de Manuel Lopes Ferreira,
mercador de livros.

razão, e os argumentos que ambos lhe surgiram contra os transcendentalismos.

Impressionado pelo nobre desejo de pôr em harmonia os seus actos com as suas ideias, virou, já homem feito, as costas ao cristianismo porque o judaísmo do Deus uno — e não trino — se lhe afigurava mais simples, racional e perfeito.

AMILCAR PAULO.

No capítulo XI deste livro entitulado *Das diferenças que há de judeus assinalados por Divina Providência* a pág. 171 pode ler-se o seguinte :

«Digo pois que há muitos assinalados Pela mão de Deus, depois que crucificaram a Sua Divina Majestade, uns têm uns rabinhos que lhe saem de seu corpo do remate do espinhaço;...»

E a pág. 173 :

«Os que tem os rabinhos no remate do espinhaço, são por linha direita descendentes daqueles que entre eles eram Mestres, a quem chamavam Rabbis, e nós nomeamos Rabinhos; estes se assentavam a julgar, e hoje ensinam sua lei, como mestres, e juizes, e para pena sua, e que assentados nã possam estar sem moléstia, e trabalho, lhes saem aqueles rabinhos no próprio lugar que lhes pode causar penalidade».

Além destas muitas e desvaíadas coisas deste género nos diz este frei Francisco que se fartou de meter o nariz por muitas partes a fim de melhor informar os seus leitores.

No capítulo XII do seu livro e a pág. 199 da sua tradução portuguesa este interessante Frei Chico, ou melhor porque é espanhol, Frei Paco nos fala dum crime horrível de heresia praticado por uma amarantina, que por sinal era muito formosa.

E aí vai a narração do caso, que é de arrepiar os cabelos a quem Deus dê a ventura de possuí-los e tê-los. Dou a palavra a Frei Paco :

«Em Amarante, Vila de Portugal, tenho ouvido dizer a pessoas fidedignas que lançaram uma menina de pouco nascida à porta de um homem principal chamado Pedro de Mendonça; criou-a ele, e crescendo em sua casa, foi descobrindo em seu rosto grande formosura, sem nunca se poder saber cuja filha era. Dela se afeiçoou um pagem de sua casa, e uma noite secretamente e às escondidas, com maus intentos entrou em seu aposento com tenção de a gozar e quando a moça se foi recolher e deitar, viu o pagem e a

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(Continuação do número 150)

II — Ciclo Anual

I — Santidade em exercício: As Três Festas

II — Santidade geradora: As grandes Solenidades

I — Três Festas

CAPÍTULO IX

Exercício da Santidade no ciclo anual

Nós vimos, no período semanal, como cada dia era rodeado e atravessado pela santidade, e como, no fim da semana, um dia era inteiramente consagrado a renová-la. Nós reencontramos este mesmo método para o ano. Depois do período semanal, a vida humana e a da natureza torneiam no circo das estações; ela desperta na pri-

mavera, atinge toda a sua energia no estio, declina no outono, e dormita até ao próximo despertar. Cada uma das fases é solenizada por festas: a das espigas (Páscoa), a das primeiras searas (Pentecostes), e a das últimas colheitas (Sukoth, Cabanas).

Neste ciclo astronómico veio introduzir-se um outro que nós chamaremos: ciclo moral; este começa no momento em que o outro inaugura o seu sétimo mês. Um período de Dez Dias de Exame de Consciência se abre pela solenidade de

primeira coisa que fez, foi tirar de um cofre um Santo Cristo, e açoutá-lo cruelmente.

Confuso o moço, e admirado com o segredo, e cautela com que entrou tornou a sair, dando no dia seguinte conta a seu senhor, e amo, assim de seu mau propósito, como do que havia visto, conhecendo-se daqui que seu mal sangue, e pior natural as obriga àquilo».

E nada mais nos diz o Frei Paco, nem sequer se a moça recebeu algum castigo pelo seu acto, o que nos faz crer que não constava ter sido punida.

Agora, amigos e Senhores leitores, vamos julgar este horrível caso. Está provado que em Amarante havia nesse tempo uma moça bonita, mas de má raça e talvez de pêlo na venta, possivelmente aparentada com a célebre padeira de Aljubarrota, que à noite quando foi para o quarto abriu um cofre ou melhor dito um armário, donde tirou para fora, não Miguel de Vasconcelos, mas um santinho que lá estava escondido. Frei Paco diz um santo cristo e está bem, pois é vulgar nessa terra ouvir qualquer

mulher dizer a um homem que passa: «ó Santinho, ajuda-me a pôr este cesto à cabeça, etc.». Quanto à palavra cristo vem do latim *Christus*, de grego *Khistos* e por sua vez é da tradução da palavra hebraica *Mashiah*, que significa ungido, ora o tal santinho que estava dentro do armário tinha sido ungido quando fôra baptizado.

A bela moça tirou o santinho do armário e deu-lhe muitos açoites. O pagem não tugiou nem mugiu durante essa cena e só no dia seguinte foi contar o caso ao seu amo e senhor dum modo bem architectado.

Convencido estou de que o pagem ficou tão impressionado com a incrível acção da linda moça de má raça que durante alguns dias apresentou algumas esmurradelas.

Forasteiros que ides a Amarante tende cuidado porque ali há moças bem bonitas e podem mostrar que são de má raça se vós tiverdes qualquer mau atrevimento com elas.

A. C. DE BARROS BASTO.

De *Flor do Tâmega* — Amarante, 9 de Julho de 1950

Rosh Ha-Shanah e se termina pela de Kipur. E como a influência destas festas continua a exercer-se até ao seu retorno anual, é este período que os fiéis tomaram o hábito de contar pelo ano; de lá vem que o primeiro dia deste período se tornou o primeiro do ano (Rosh Ha-Shanah).

A' medida que o judaísmo tomava consciência de si próprio, e que os seus sentimentos eram atizados pelos obstáculos acumulados para o destruir, um sentido novo se enxertou sobre o antigo sem o suprimir: foi assim que a festa das espigas (Hag Ha-aviv) se tornou a da libertação do jugo do Egipto (Zeman Heruthenu), que o símbolo da passagem do inverno para a primavera (Pessah) se tornou o da protecção das casas judaicas sobre as quais Deus passava sem maltratar; é assim, igualmente, que Pentecostes deu à sua razão primitiva um sentido histórico: o aniversário da promulgação do Decálogo, e que Rosh Ha-Shanah é tornado o da criação. Nós vamos passar em revista rapidamente cada uma destas diferentes festas que santificam o ano.

CAPÍTULO X

Páscoa

A festa de Páscoa, onde ela é observada, desenvolve uma atmosfera especial: toda a vida normal, as preocupações habituais, parecem relegadas num mundo *hamets*, aquele onde se come o pão levedado, e que é na Páscoa o que a impureza é na pureza. Durante os oito dias que dura esta festa, Israel não quer ser perturbado pela vida de cada dia: ele quer viver com as suas recordações as mais profundas. Ele quer se recordar que, tal a natureza quebrando a sua prisão hibernal, assim Israel safu da escravidão egípcia; e, celebrando esta libertação, condição do seu renascimento para a vida, ele recorda todas as libertações que vieram salvá-lo nos tempos mais desesperados (Be-Khol vador-Hagadah).

Estas razões históricas não teriam bastado a dar-lhe o lugar privilegiado que ela ocupa. Se ela adquiriu uma tal importân-

cia, é menos por ter salvo o povo judeu, que o génio judeu, o mais ardente promotor da santidade no mundo. «Deus livrou Israel do jugo egípcio a fim de que ele tenha a possibilidade de se elevar em santidade» (Lev. XI, 45). A recordação dos sofrimentos sofridos no Egipto não é mantida com o fim de inspirar um fanatismo exaltado que certos dos nossos contemporâneos vão até considerar como sagrado; ele não tem outro fim senão de nos impeller a poupar aos outros um servilismo de que nós conhecemos todo o azedume. «Se o teu irmão, por um revés de fortuna, chega a vender-se como escravo por Ti, não o trates como um escravo; que ele fique em tua casa até ao Jubileu a Título de hóspede ou de mercenário» (Lev. XXV, 39). Vítimas do egoísmo dos senhores egípcios, tendo aprendido à nossa custa a conhecer o preço da generosidade, usemos dela largamente para os outros: «Colhendo as vossas azeitonas ou trazendo as vossas vindimas, não volteis atrás para apanhar o que podeis ter esquecido, deixai-o para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva, em recordação da saída do Egipto» (Deuteronomio XXIV, 22).

Estas prescrições não foram ditadas unicamente em benefício dos Israelitas; não só o estrangeiro não é excluído, mas o egípcio tem o mesmo direito às mesmas atenções (Deut. XXXIII, 8). A recordação da saída do egipto inspirou uma legislação toda baseada sobre o respeito da personalidade humana e da justiça social.

CAPÍTULO XI

Pentecostes

Depois da Páscoa, a santidade atravessa o ano judaico pela festa das Sete Semanas ou Pentecostes (Shabuoth).

Esta festa, que foi na origem a das primeiras colheitas dos cereais (Hag ha-bicurim), tornou-se, por uma evolução análoga à da Páscoa, a festa das primícias da vida espiritual, a da promulgação da Lei do Sinai (Zeman matan Torathenu). Aos descendentes de Israel afinados por séculos de cultura moral, a simples santi-

UMA CARTA-LEI DE POMBAL

POR MANUEL MENDES

Há já alguns anos, nas colunas deste mesmo jornal, lembrei que a data de hoje devia ser para nós, portugueses, um motivo de júbilo e, se possível, de orgulho. E' de 25 de Maio do ano de 1773 a carta-lei do Governo pombalino, que para sempre extingue as terríveis diferenças de condição entre cristãos velhos e novos. Após quase três séculos de persistente e impiedosa sanha contra os indivíduos de «sangue impuro», contra a «nação» de Israel, um vento de tolerância começa a soprar sobre a terra portuguesa. Dado este primeiro passo, em breve a sombra do Santo Officio se extinguirá para sempre, e com ele o seu infundo cortejo de mártires, de perseguidos, de difamados. A queda do nazismo, regime caracterizado pela maior e mais bárbara fúria que ainda sofreu o povo eleito, fez-me então lembrar esta data e o decreto de Pombal. Agora, é a fundação dramática da pátria do povo errante que de novo nos vem recordar. Não vos deve, portanto, parecer despropositada esta insistência, que afinal se resume a meia dúzia de palavras de lembrança, embora as inspire esse sentimento de júbilo verdadeiro.

Por toda a Europa culta, no século XVIII, a acção e os feitos da Inquisição eram ásperamente criticados. O espirito livre e o racionalismo dos homens de setecentos não podiam ver com bons olhos o Santo Officio. Alguns grandes escritores, e entre eles Voltaire, por exemplo, denunciavam ao mundo as suas violências, e a sua terrível e sanguinária intolerância. Nesses escritos, o Tribunal da Fé era dado como exemplo do mais completo fanatismo. De resto, tanto os inquisidores haviam pregado, tamanha e tão teimosa era a sua vi-

ficação do pleno estio pareceu insufficiente para justificar um *apelo de santidade* (Micrah Kodesh), e eles lhe ajuntaram a ideia da colheita de que Israel é mais orgulhoso, a colheita moral da THORAH, fruto divino, brotado na terra fecunda de Israel.

(Continua).

gilância, e, ao mesmo tempo, os foragidos que procuravam asilo nos países do norte da Europa mostravam tais e tão brilhantes qualidades de trabalho e de engenho, ganhando assim fama, que por toda a parte o nome de português era tido como sinónimo de judeu. Nestas circunstâncias criara-se ambiente para uma autêntica campanha internacional contra a obra de «purificação» racial e religiosa a que se entregavam os juizes da inquisição. Nessa época, o Santo Officio era considerado como uma mácula que atingia a nação inteira, uma vergonha nacional.

Estes clamores do mundo não podem ter sido estranhos à decisão de Pombal, por muito duro e violento que haja sido o seu carácter, a sua indiferença pelo que dele podiam pensar os outros. No entanto, já nas palavras dos políticos e intellectuais portugueses que haviam desbravado e preparado o caminho para a sua administração, a repulsa por esta espécie de perseguições é patentemente formulada. Também da parte de muitos e dos melhores dos portugueses se ouvia o mesmo clamor e os mesmos protestos. O grande D. Luís da Cunha e Alexandre de Gusmão, por exemplo, tomaram uma posição nitidamente tolerante em face do problema. Aqui, como em outros passos do seu governo, o ministro de D. José I ouviu e acatou os conselhos dos mestres.

E' sabido que durante muito tempo Pombal aceitou e serviu o Tribunal da Inquisição. Sabe-se até, de fonte segura, que foi seu «familiar». Mas o que também não pode haver dúvida nenhuma, é que, após mais de dois séculos de libérrima, arbitraria e cruel soberania sobre as consciências dos homens portugueses, foi Pombal que lhe deu o golpe de misericórdia, que de uma vez para sempre lhe tirou toda a virtude e todo o poder. E a varinha mágica que fez este milagre foi o decreto ou carta-lei de 25 de Maio de 1773.

Por essas disposições legais ficava proibido que em público ou em particular se usasse qualquer designação depreciativa

referente aos indivíduos de origem judaica, e aos contraventores era aplicada a pena de açoite e de degredo, sendo piões; para os nobres, a perda de empregos ou pensões; e o extermínio do reino, se fossem eclesiásticos. A lei argumentava que anteriormente a haver sido estabelecida a distinção entre os sangues cristão e hebreu, haviam sido raros os apóstatas. A perseguição, ao contrário do seu intento, fizera crescer de uma maneira assombrosa o número destes, facto que só por si bastaria para justificar a providência tomada. O mal era atribuído, portanto, à repressão, e o legislador defendia a doutrina de que com o facto de se pôr termo a tão violenta tirania, forçosamente tinha de se verificar uma incontestável melhoria.

Um ano mais tarde, era ampliada a lei, com a abolição pura e simples da infâmia que até aí fôra atribuída aos que prevaricavam em questões de fé religiosa. Pelas novas determinações, os apóstatas que ao confessarem o seu delito se reconciliavam com o Santo Officio, não poderiam continuar a sofrer de qualquer mácula, nem muito menos proibidos do exercício de officios ou dignidades, e sobretudo ficariam livres de «mancha» os seus descendentes. Ao filho nunca poderia caber pena pelos erros do pai. Não mais seria possível que uma penalidade ou um castigo se prolongasse por gerações e gerações, pondo à margem da vida nacional o descendente de um indivíduo que um dia, não importava quando, tivesse sido incriminado. A lei deixava de falar aos cidadãos como o lobo da fábula ao cordeiro: — Não foste tu mas foi teu pai. A infâmia cairia apenas sobre os condenados à morte, os impenitentes, a quem seriam confiscados os bens — preceitos estes estatuidos pelas leis civis.

Assim foi arrancado ao Tribunal da Inquisição o seu incontestado poderio, a sua feroz independência.

Desde que tais disposições foram tomadas, pode-se bem dizer que o Santo Officio acabara em Portugal, e uma nova era de tolerância e de respeito pela livre consciência nascia.

Deve-se ao governo de Pombal este alto benefício que nos dignificou aos olhos do mundo. Três anos passados sobre este decreto, em 8 de Maio de 1775, foi possí-

vel o soberano agraciara com o hábito de Cristo a um seu vassalo que tinha sido «infamado», antigo réu confesso de judaísmo, que vestira o «sambenito» e abjurara em forma no auto público de 16 de Outubro de 1746. A quantos não teria parecido sacrilégio esta mercê real? Mas os tempos eram já outros, mais livres, mais abertos.

Muitas das leis de Pombal vieram a ser abolidas ou negadas depois da sua morte. Esta, porém, vingou. Data desse dia longínquo de Maio de 1773 o termo da era de suspeição e martírio que em Portugal pesou sobre a «nação» hebreia. Não mais seria «infame» o nome de judeu, para alívio das consciências rectas e livres. Seria igual a condição de todos os portugueses, como seriam iguais as suas garantias, sem ter em conta nem a raça, nem o credo. Embora tarde, a tolerância vingava do fanatismo. E' um dia que conta na luta pela emancipação do nosso espírito. Mais de duzentos anos de iniquidades e violências de toda a ordem haviam cessado.

Neste momento, em que o povo de Israel combate e sofre por ganhar a pátria que deseja e merece, não será por certo descabida esta lembrança.

Da *República*, 26 de Maio de 1948.

Solenidades em 1953

Purim — 1 de Março

Pessah' — 31 de Março

Shabuoth — 20 de Maio

9 de Ab — 21 de Julho

Rosh Hashanah — 10 de Setembro

Kipur — 19 de Setembro

Sukoth — 24 de Setembro

Hanukah — 2 de Dezembro

Visado pela Comissão de Censura

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

CONTINUAÇÃO DO N.º 149)

CAPÍTULO IX

Dos Livros Sagrados e seus Comentadores impressos nas Tipografias Hebraicas de Portugal

No século XV imprimiram os nossos Judeus Portuguezes alguns Livros Sagrados; e seus Comentadores de maior reputação, com o que muito concorreram para o adiantamento da Literatura Sagrada, que começou a florescer entre nós por estes Tempos.

Duas edições do Pentateuco. I Edição — Primeiramente fizeram neste Século duas edições do Pentateuco Hebraico. A primeira foi com os Comentários do Espanhol R. Moseh Bar Nachman escritor do Século XII em duas colunas com caracteres Rabínicos da figura dos que se usavam em Espanha, a qual foi feita nas casas de Rabbi Tzorba, e de Rabban Eliezer em o ano 249 (de C. 1489) am fol., e consta de 199 folhas (Jablounsk tinha um exemplar, que viu Wolfio para formar a descrição, que dele fez, que com razão lhe chama *raríssimo*, *Bibl. Hebr.* tomo IV pág. 92. Falam desta edição João Bernardo de Rossi na *Indag. da História crítica da origem da Tipografia Hebraica*, pág. 35 e José Roiz de Castro na *Biblioteca Espanhola*, pág. 99. Ela é diversa da outra de 1490, feita em Nápoles na Oficina de R. Arba, que Wolfio e Marchand confundiram com esta, como já notaram Rossi e Castro. Pelo que se deve

corrigir o lugar da erudita obra das *Memórias Históricas do Ministério do Púlpito* na nota ao § XIV do Apêndix, pág. 118, em que se adoptou a equivocação de Wolfio e de Marchand); pelo que foi esta obra impressa doze anos depois das duas primeiras e mais antigas edições de Livro Hebraico, que até agora tem aparecido (isto é doze anos depois que se publicou o *Comentário Rablagiano* de Rabbi Levi Gerson a Job em Pisauro por Abraham filho de Rabbi Chaûm, tipógrafo em 1477, e o *Psaltério Hebraico* com os *Comentários* de Kimchi, poucos meses depois, que são as duas primeiras e mais antigas edições, que tem até aqui aparecido de Livro Hebraico. «Rossi, *De Hebr. Tipogr. origine*, cap. I, págs. 5 e 6).

Pode ser que também fosse impresso em Lisboa o outro *Pentateuco* com o *Targum* e *Comentários* de jarchi em folha, que não tem nota de ano, nem lugar de impressão; edição por certo mui gabada de esplêndida, que tem sido desconhecida dos Bibliógrafos, à excepção de João Bernardo de Rossi, que dela fala; o qual diz ter um exemplar em pergaminho, que lhe dera o doutíssimo brevenna, com o texto impresso em caracteres quadrados com pontos e acentos, que lhe parecia ser o mesmo que o de Lisboa de 1489, posto que o carácter era mais cansado, e o de Lisboa mais novo e nítido e tinha além disso suas diferenças em algumas coisas. *Specim Variar. Lect. Pontif. Cod.*, pág. 8, e o cap. IX das *Edições Desconhecidas* pág. 140*.

(Continua).

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

תְּלִפִּיד

*... alumia-vos
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID

O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Ha'im
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A
Rua da Restauração, 817-3.º
PORTO

BÍBLIA

*Venero-te, Moisés, como Profeta
Libertador sublime dos hebreus!
Quebraste algemas e rasgaste os véus
De escuridão da nossa vida inquieta.*

*Venero-te, Moisés, como Profeta
Que transmitiu ao Mundo a voz de Deus,
A doce voz que veio lá dos céus
E nos legastes em frases de poeta.*

*Estas páginas belas que hoje lemos
São cântico de amor, onde aprendemos
Toda a Lei, todo o Bem, toda a Verdade!*

*Venero-te, Moisés, porque escreveste
Estes livros sagrados em que deste
Teu próprio coração à Humanidade!*

HANID ESTELA

22-7-1950

Da « Democracia do Sul »

Évora-20-Nov.-1953

VIDA LITERÁRIA

JOSÉ DE ESAGUY

HISTORIADOR E POETA

Em todas as épocas tem havido, em Portugal, grandes e ilustres escritores que sempre souberam amar e honrar a sua pátria, oferecendo-lhe generosamente tudo quanto havia de melhor em si próprios: o seu talento, o seu génio.

Folheando, ao acaso, a nossa História da Literatura, nós sentimos orgulho e consolação por nela encontrarmos tantos portugueses que se tornaram célebres pelas suas obras e que, com elas, engrandeceram também o pequeno país a que pertenciam.

Embora nem todos atingissem a celebridade de Camões, Bocage, Bernardim, António Vieira, Antero, Junqueiro, João de Deus, e tantos outros; embora muitos desses escritores não tivessem sido tão geniais, a todos devemos estar gratos, porque todos eles deram a Portugal aquilo que souberam e puderam dar e todos o fizeram com o mesmo carinho, com o mesmo amor, com a mesma dedicação.

Por isso, os mais modestos, os mais apagados, não devem ser esquecidos nem devem deixar de merecer a nossa simpatia e o nosso reconhecimento.

Entre todos estes escritores, encontramos também alguns que eram judeus ou, talvez mais justamente, portugueses de religião hebraica, pois eram tão amigos da sua pátria como os outros e se alguma diferença havia entre eles, era motivada, simplesmente, pela religião e nada mais.

A verdade é que, católicos ou judeus, protestantes ou ateus, todos são filhos do mesmo Deus e da mesma Pátria, todos estão unidos pelo mesmo amor à terra em que nasceram e a todos vemos, através da História, desde Afonso Henriques, lutando lado a lado e morrendo, heróicamente, pela independência e glória da Nação.

Não há, pois, nenhuma justificação pos-

sível para a diferença que certas pessoas ainda pretendem fazer, entre portugueses e portugueses judeus. E' absolutamente absurda.

Estas palavras vêm a propósito de um livrinho de versos, de José de Esaguy, que acabei de ler agora.

José de Esaguy é um nome bastante conhecido, entre nós, como bom e ilustre português e como o maior historiador do que foi o esforço lusitano em Marrocos.

Os admiráveis livros: «A vida do Infante Santo», «Relato inédito sobre o desembarque de El-Rei D. Sebastião em Tânger», «O minuto vitorioso de Alcácer Quibir», «Alcácer Quibir, 1578», «O Livro Grande de Sampayo», com centenas de documentos inéditos e interessantíssimos sobre Ceuta, e «Marrocos», monumental, histórico e artístico, obra magnífica em 12 tomos, e ainda outros livros sobre a nossa História, em Marrocos, chegam bem para que o seu nome seja sempre lembrado por todos os portugueses.

Mas José de Esaguy — que foi também chanceler do nosso consulado em Tânger — não se limitou a escrever os seus preciosos livros. Levou o seu patriotismo mais longe ainda: por sua iniciativa, fizeram-se escavações nos campos tristes de Alcácer Quibir — onde ficou sepultada a nossa melhor mocidade dessa época e onde, tão trágicamente, se perdeu o jovem Rei-Sonhador, perdendo-se com ele a nossa própria independência — para encontrar as ossadas desses heróis portugueses e trazê-las, carinhosamente, para a terra querida que tanto amaram e tanto quiseram engrandecer.

Este piedoso gesto, talvez mais ainda do que toda a sua admirável obra, revela bem como era verdadeiramente português o coração de José de Esaguy!

E tão português que não podia deixar de ser, também, poeta...

Nos seus primeiros livros: «Oração à Pátria» e «Adeus», afirma-se já como poeta de apreciáveis qualidades.

As suas poesias, duma profunda tristeza — uma tristeza muito irmã da de António Nobre e, algumas vezes, de José Duro — têm beleza e ritmo. Aos dezanove anos, não seria possível fazer melhor.

Já nessa época e apesar da sua juventude, passa por todo o livro, dolorosamente, a sombra da morte, da morte que o poeta pressentia que em breve o viria buscar:

«Olha, mamã, quando eu morrer, no outono,
Irás à minha campa adormecida,
Para embalares o berço do meu sono:
Lançar-me as flores que eu adorei em vida.»

A sua poesia «Alma», é uma das mais belas:

«Diz-me para onde partes,
Aonde vais repousar?
Tu não tens manhas e artes
P'ra a este mundo voltar?...
Tu não tens, bem sei, minh'alma,
Nem forças p'ra regressar...
Tu és mais leve que a palma
E menos densa que o ar...
Como o corpo, tu não sentes?...
O' alma tu partirás
Para os corpos doutras gentes?...
Servir alguém, tu não vás!»

E' pena não podermos transcrever a poesia completa, mas falta-nos o espaço. Não resistimos, porém, ao desejo de transcrever um bocadinho desta, tão gentil:

«Flor cativante e amiga,
Deus te bendiga,
E o mesmo para mim o teu amor.
Tantas lágrimas, tantos prantos,
Para que servem, flor?»

Olha, criança linda,
Espera ainda
Que a minha vida torne a florescer...
Com prantos que tu lhe deste
E com o teu viver!...

Mas, olha que um cipreste,
Tristonho e agreste,
A sua negra sombra me quer dar!
E eu tenho dó de ti, criança,
Por não te ver e amar.»

E ainda este pedacinho de «Ao surgir da Primavera».

«Florescem rosas e boninas
Tão pequeninas,
Tão pequeninas e gentis.
Em tudo surge a Primavera...
Ai quem me dera
Sentir a esperança que sentis...»

Era assim, em 1919, a poesia de José de Esaguy. Triste e delicada.

Neste seu livro póstumo, «Versos», publicado lá este ano; há também poesias de melancólica beleza:

«Lá, nessa pedra fria de desgosto,
Onde meteram todos os teus sonhos,
Não tenhas pena deste Sol de Agosto —
Porque os sonhos da vida são medonhos.»

E este fragmento de uma das suas últimas poesias, escrita em Tânger em 1941, em que se confunde o historiador com o poeta:

«Nem António de Faria
Dos túmulos de prata:
Nem mesmo a fantasia
De Fernão Mendes Pinto;
Nem todo o labirinto
Da perda d'Azamor;
Nem o mistério dos Paços,
Podem suprir alguma vez
No meu espírito de português
Um dos abraços dos teus braços.»

Na tua ausência
Isto parece
O anti-Atlas
Do Saarã da Vida...
Só o volume das águas
Faz meditar os ausentes...
Tristezas de Portugal
Aumentam as minhas mágoas...
Ah! se eu pudesse
Seria Corte Real
E unia os continentes!»

Fecha o livro esta poesia, tão pequenina e tão amargamente humana e real:

«Às vezes souro e penso, sem querer...
E, nesta luta imensa de viver,
Nada há que desvie a minha sorte.

Não pôde o meu destino desfazer.
E tanto medo tenho de morrer...
E tantas vezes peço a Deus a morte.»

E a morte, que sentimos pairar sobre quase todas as poesias, levou para sempre José de Esaguy no dia 15 de Fevereiro

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

por DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(*Continuação do número (151)*)

CAPÍTULO XII

Sukoth

I — Símbolos Campestres

Destas três correntes de santidade que atravessam a vida judaica durante o período anual só a festa de Sukoth conservou o seu carácter agrícola. Durante sete dias procições se fazem na sinagoga com ramos de palmeira (lulab) e cidrões (ethrog). Além disto os fiéis fazem acto de permanência em caramanchões de verdura (Sukoth) que, tendo um carácter campestre, tem um sentido simbólico, e testemunham da vontade de se meter sobre a protecção divina (hapores sukoth shalom...). Esta festa é encerrada no oitavo dia (shemini atsereth) pela invocação das chuvas fecundas que prepararão a terra para uma nova primavera. Um novo dia vem coroar a própria festa e a série das festas do ano por uma festa da Lei (Simhath Torah).

II — Carácter espiritual

A Thorah sendo a origem das alegrias mais profundas (ver a segunda bênção da noite), é uma grande festa que o dia em que um capítulo ou um tratado pode ser acabado. O dia de Simhath Torah é aquele em que a Sinagoga acaba regularmente a leitura dos Cinco Livros de Moisés

e se retoma o princípio. Mas os fiéis piedosos não esperam o fim do ciclo regulamentar: cada vez que eles terminam um capítulo da Bíblia, da Mishnah ou do Talmud, eles celebram uma festa de fim de estudos, chamada *Silume*. O último dia de Sukoth e o grande *silume* do ano, onde o fiel que teve a honra de encerrar a leitura, tem também a de a retomar pelo começo, são *eleitos* (hathan Thorah e hathan bereshith).

É por estas consagrações periódicas que o sentimento de santidade e o seu auxiliar, o amor da Thorah, relevam a vida judaica, e a mantêm a um nível constante de elevação espiritual.

CAPÍTULO XIII

Os Dez Dias de Exame de Consciência

II — Grandes Solenidades

Nós vimos, para o período Semanal, que a santidade, como tudo o que é sentimento, não podia manter-se constantemente a uma altura igual, e que era preciso regenerar-se de tempos a tempos. O Sábado é encarregado deste officio para um curto período, e, para o ano, há igualmente um grande sábado que é o dia do Perdão (Yom Kipur). Este dia é preparado por um período de Dez Dias de Penitência ou de Exame de consciência, que se abre pela

de 1944. Era ainda bastante novo e estava em pleno triunfo da sua carreira diplomática e literária.

Foi pena, porque havia muito a esperar do seu talento. Portugal perdeu, nesse dia, um dos seus melhores filhos; um grande historiador e alguém que tinha nascido realmente poeta.

Sentimos, ao ler este pequeno livro, que a sua obra não ficou completa. José de Esaguy devia ter vivido mais alguns anos, para nos poder entregar toda a sua mensagem de beleza.

Sinceros cumprimentos.

HANID ESTELA.

solenidade de Rosh Hashanah (Ano Novo). É pois todo este período dos dez dias, dos quais Kipur é a conclusão, que corresponde ao ano o que o sábado é na semana e que é destinado a renovar o nosso fundo de santidade.

CAPÍTULO XIV

Rosh Hashanah

Bem que o mês de Tishri não seja o primeiro do ano, nós devemos considerá-lo como tal, moralmente, da mesma maneira que nós consideramos o mês de Outubro como o início do ano escolar bem que ele seja o décimo do calendário; porque, no ponto de vista israelita, é neste mês que se procedem ao renovamento moral dos fiéis, que ali são convocados pelo apelo do *shofar* (buzina de chifre de carneiro). Para melhor exprimir a ideia da grande purificação das nossas consciências, que é celebrada por este dia como pelo de Kipur, os fiéis tinham outrora o hábito de se apresentarem na sinagoga vestidos de branco. É nesta disposição de espírito que eles se preparavam a retemperar-se na vida religiosa, e daí tirar uma nova provisão de energia espiritual para o ano que vem, a afirmar-se no reconhecimento do Reino de Deus, e a aceitar a sua vontade, como outrora Abraham, prestes a lhe abandonar Isaac.

CAPÍTULO XV

Yom Kipur

Este retorno sobre nós mesmos termina solenemente pelo grande dia de Kipur. Este que se caracteriza por um jejum de vinte e quatro horas, nos dispõe a ficar constantemente senhores dos nossos apetites. O seu valor é feito do pensamento que nós lhe pomos. A um pagão que não apanhava o sentido profundo dos ritos da vaca ruiva, cujas cinzas deviam servir para confeccionar a água de purificação, Rabbi Yohanan Ben-Zakai respondia: certamente, não é a água por si própria nem as cinzas que purificam, mas é a influência que o rito exerce (Tanhumah Hakaton). Da mesma maneira para o que é de Kipur, não é tanto o jejum nem as numerosas orações que, lhe determinam o valor como a nossa

própria vontade de velar pelo valor dos nossos actos.

Esta ideia é lembrada aos fiéis na leitura complementár à Lei, que é tirada duma passagem do profeta Isaias, onde este exclama com o ardor que o caracteriza: «É que o jejum consiste em curvar a cabeça como um cana?... Não, não, eis o jejum que Deus deseja: desatai os cintos da maldade, rompei os feixes da iniquidade, dai a liberdade aos oprimidos, quebrai as tiranias, partilhai o vosso pão com os necessitados, dai hospitalidade aos infelizes e vestidos aos que vão nus, e não vos desinteresseis do vosso próximo. Então somente a vossa oração irá a Deus.» (Isaias LVIII, 5-8).

Esta sinceridade cultivada por este dia é ainda reforçada pela cerimónia que inaugura a solenidade, na véspera à noite, e que pede conta aos fiéis dos compromissos que eles teriam podido tornar levemente e que teriam esquecido de manter. Dali vem este nome de Kol Nidré, primeiras palavras invocação que abre o grande dia de Perdão e onde se pede em primeiro lugar o perdão de todo o compromisso não cumprido, mesmo involuntariamente.

Esta oração, como de resto todos estes dias de Penitência tem por fim tornar-nos vigilante do lado dos nossos pontos fracos, e de incitar a nossa vontade a levar aos dias que seguirão um vigor novo no cumprimento dos nossos deveres e na nossa conduta na vida.

(Continua).

Em organização:

Posto de Socorros clínicos do Magen Adom (Signo vermelho) Albergaria Escolar Israelita para alunos dos cursos religiosos da Comunidade.

Sede provisória: Rua Guerra
Junqueiro, 340 — PORTO

PEDEM-SE DONATIVOS

Visado pela Comissão de Censura

NOSSAS PERDAS

Rabi Dr. Marcus Ehrenpreis

Faleceu a 26 de Fevereiro de 1951.

Sábio e autor de diversos livros; um dos primeiros colaboradores de Herzl.

Rabi-mor da Bulgária e depois da Suécia.

Um dos seus livros, que aconselhamos aos nossos leitores, na sua tradução francesa de «Les Editions Rieder—7 Place Saint-Sulpice—Paris» tem o seguinte título:

**Le Pays entre Orient et occident
voyage d'un fuif en Espagne**

par

MARC ÉHRENPREIS

Rabbin de Stockholm

Avec une preface par Israel Levi grand-Rabbin du Consistoire Central des Israélites de France.

A tradução deste prefácio é a seguinte:

PREFÁCIO

Na história dos Judeus, a Espanha ocupa um lugar privilegiado. Do X.^o ao XV.^o século, sob a dominação dos Árabes e mesmo sob a dos Cristãos, os Judeus tomam parte na vida pública eles fornecem aos Estados da península homens de Estado, diplomatas, financeiros; de outra parte, eles tiveram uma brilhante cultura, produziram poetas, filósofos e sábios que contam entre os maiores da literatura judaica. Se o édito de expulsão de 1492 pôs o ponto final a esta actividade política e intelectual—porque a Espanha é o único país da Europa que, tendo expulsado os Judeus na Idade-Média, não os tornou a chamar, talvez porque ela não está ainda completamente emancipada da Idade-Média—a recordação dum passado glorioso, mantido pela tradição entre os Sefardim, despertada pela ciência histórica entre os outros judeus, nos comove ainda hoje.

M. Ehrenpreis, que estudou a história judaica como sábio, que, durante o seu rabinato-mor da Bulgária, recolheu a tra-

dição sefardita num dos seus lares, M. Ehrenpreis teve a curiosidade intelectual e a altura de vistas que lhe era preciso para compreender o patético destino da Espanha e do judaismo espanhol. Peregrino apaixonado tanto como erudito, ele não se limitou a visitar como turista os monumentos e os vestígios dum passado abolido; ele soube fazer reviver as paisagens e os homens, os homens nas paisagens, Gabirol em Malaga, Judah Halevi em Toledo, Maimonides em Córdova. Ele não se encerrou no horizonte das *judarias*; espírito aberto e compreensivo, ele procurou penetrar o génio da Espanha contemplando as telas de Velasques e do espanhol dos nossos dias; nada é mais comovente que a sua palestra com um padre na antiga sinagoga de Toledo.

O Sefardismo reflorirá no Marrocos espanhol, onde M. Ehrenpreis seguiu num dia de estio, os descendentes dos judeus de Andaluzia, ou bem em Portugal, onde ele observou com uma emoção comunicativa a revivência dos Maranos? Deus o sabe. Mas se o judaismo espanhol não estava destinado a sobreviver senão na literatura, as impressões de viagem, tão evocadoras, de M. Ehrenpreis favorecerão inteligentemente esta ressurreição.

ISRAEL LEVY.

Rabbi Ehrenpreis neste seu livro fala largamente com emoção de *Les Marranes du Portugal*.

Adolfo Lemschen

No dia 14 de Fevereiro foi sepultado no Cemitério de Agramonte do Porto, este bondoso israelita de origem alemã, com o ritual israelita sendo oficiante o director do *Ha-Lapid*.

Helene Windmuller

No dia 11 de Março foi sepultada no Cemitério de Nevogilde—Foz do Douro—Porto esta bondosa senhora de origem alemã, com o ritual israelita sendo oficiante o director do *Ha-Lapid*.

Marcel Goldschmidt

No dia 25 de Março faleceu em Lyon o nosso bom amigo Marcel Goldschmidt, digno membro honorário da Comunidade Israelita do Porto.

Siegfried Weinberg

No dia 23 de Abril faleceu na Foz do Douro este bondoso Kohen da Comunidade do Porto de origem alemã. Foi sepultado no Cemitério Israelita de Lisboa.

Rabi-mor de Israel

Benzion Uziel

Rishon le Zion

Faleceu em Israel no dia 5 de Setembro de 1953.

Rabi Shemtob Gaguin

Faleceu em Manchester no dia 30 de Julho de 1953.

A morte do Rabi S. Gaguin privou a Anglo-Jewry e a Spanish and Portuguese Congregation na Grã-Bretanha de um grande estudioso.

Nasceu em Jerusalém em 1885, foi Dayan no Beth-Din do Cairo desde 1912 a 1919. De 1919 a 1926 foi Rabi da Withington Sephardi Congregation, onde o seu filho Rev.^o Maurice Gaguin é agora Ministro Oficial.

Durante 25 anos, desde 1925 a 1951 este grande estudioso era Principal do Montefiore College em Ramsgat. Durante grande parte deste período foi Ab Beth-Din da Sepanish and Portuguese Congregation na Grã-Bretanha. Ele é o autor de muitas obras de grande valor, a mais important das quais é «Keter Shem Tob» a qual consta de numerosos volumes dois dos quais foram publicados e receberam franco reconhecimento entre os estudiosos talmudistas através do mundo.

Ele escreveu uma breve obra sobre os judeus da Índia e contribuiu com numerosos artigos em publicação escolásticas. Ele foi o editor do órgão do Montefiore College «Yehudith». Ele era um sionista

Casamento na Sinagoga Judaica

Com o ritual próprio, consorciaram-se ontem, ao princípio da tarde, na sinagoga da Rua Alexandre Herculano, a sr.^a D. Clara Baruel, filha do sr. dr. Elias Baruel e da sr.^a D. Alegria Levy Baruel, e o sr. Marcos Zagury, comerciante, filho do sr. David Zagury, já falecido, e da sr.^a D. Paloma Zagury.

A cerimónia foi celebrada pelos rev.^{as} Salomão Cohen e Abraham Assor, e, de acordo com os preceitos israelitas, sobre o tálamo colocado ao meio do templo.

Foram padrinhos, civilmente, por parte da noiva, o sr. Fortunato Levy, e esposa; e por parte do noivo, a sr.^a dr.^a Sara Benoiel e o sr. Buzaglo; e religiosamente, respectivamente, pela noiva e noivo, o sr. dr. Elias Baruel e a sr.^a D. Alegria Baruel, e o sr. Abraham Zagury.

Assistiram ao casamento cerca de 400 convidados, entre eles os srs. ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Mendes Moraes, eng.^o Paulo Barros, Carlos Ribeiro Ferreira, dr. Augusto Travassos, profs. Salazar de Sousa, Diogo Furtado, Henriqe Vilhena e Mosés Amzalak, dr. Sequerra, Lucas de Sousa e José Abecassis, etc.

(Notícias de Lisboa) — De *O Primeiro de Janeiro* — Porto, 18 de Março de 1954.

Solenidades em 1954

Purim — 19 de Março

Páscoa — 18 de Abril

Shabuoth — 7 de Junho

9 de Ab — 8 de Agosto

Rosh Hashanah — 28 de Setembro

KiPur — 7 de Outubro

Sukoth — 12 de Outubro

Hanukah — 20 de Dezembro

convicto filiado na Zionist Federation of Great Britain and Ireland.

Visitou com sua esposa a sinagoga do Porto onde a sua amabilidade atenciosa se tornou muito simpática a todos que tiveram a honra de o conhecer.

MEMORIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 151)

II Edição — A segunda foi a que se fez com a Parafraze Caldaica de Onkelós e os Comentários de Rabbi Salomão jarchi em Lisboa no ano de 1491 por Zorcheo filho de Rabbi Eliezer em 2 vol. em 4. O carácter do Texto e o da Parafraze é quadrado com pontos e acentos, aquele maior e este menor. É esta obra de muita raridade (É em 4.º e não em fol. como alguns escreveram).

Há poucos exemplares. J. B. de Rossi tinha um por donativo de Elias Levi Presidente da Sinagoga dos Judeus de Alexandria. Há outro na Biblioteca Real de Paris; outro na de Londres, o qual conferiu Kennicott, em 1767 havendo isto por grande beneficio, que lhe havia feito o Rei da Grã-Bretanha e este Código era havido por ms.; outro tinha Moisés Foa Livreiro Regiense, segundo atesta Rossi no c. VI pág. 45, 46 da *Orig. da Tipografia Hebraica*).

Merecimento particular desta Edição — Foi ela trabalhada mui exactamente sobre os mais antigos e mais correctos Códigos de Espanha e segundo todas as regras da crítica Judaica; e acabada antes do desterro da Nação pelos Judeus mais sábios de Espanha e Portugal. Eles tinham em grande estima por sua magnificiência e primor, e pela sua correção Masorética; e certo que é a edição mais correcta, mais elegante, e mais perfeita de quantas se fizeram do Pentateuco. (Quanto à sua elegância Le Long e Rossi a tem por muito bela e primorosa, e este é o juízo que dela fazem os mesmos Judeus. Quanto à sua

correção, além do que acima dissemos, lá disto testemunho entre outros o grande crítico Louzano, que na obra *Or Toráh* fol. 23 põem esta edição pela mais correcta e apurada de quantas se haviam feito, *Edisio Lusitana*, diz ele, *est omnibus editionibus accuratior*.

E tanto era assim, que em um Livro, em que se continham as regras, de que haviam usar os tipógrafos nas impressões do Pentateuco, se lhes mandava seguir sempre a este exemplar do Pentateuco Olissiponense; e hoje é uma regra de crítica sagrada para os Judeus recorrer entre as antigas edições a esta Lisbonense, dando-lhe a mesma preferença entre as antigas, que costumão dar entre as modernas às duas Lombrosiana e Norziana de Amesterdão (Rossi *ao vol. I Var. Lut. Vet. Test.* p. XXXVIII § XXXIV. Pelo que parece, que a não viu o Autor Anónimo das Notas na *Biblioteca crítica* de Ricardo Simão vol. 3 pág. 451 que sem razão alguma a fixou de *pouco exacta, e trabalhada sem algum cuidado, e elegâncias, como obra feita para uso do povo*. Desta edição fala Rossi no Livro *Orig. da Tipogr. Hebraica* c. VI pág. 45 e 46.

Talvez, que a edição do Pentateuco Hebraico sem pontos com a Parafraze Caldaica de Onkelós e Comentários do Jarchi, que se diz publicada em Sória em 1490 de que dão notícia Fabrício, Wolsio, Le Longe, e Mattaire, tosse também feita em Portugal, como suspeita o mesmo Rossi pág. 36, 37 e 38.

(*Continua*).

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN ROSH

הַלָּפִיד

*...alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadourie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA MENDONÇA
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.^a
PORTO

MOISÉS

*À frente do teu povo caminhaste
Guiando-o para a Luz, com terno amor...
E sob a mão bendita do Senhor
O Mar Vermelho abriu-se e tu passaste...*

*Uma nação de escravos libertaste!
Foste sublime e heróico salvador
E sofreste, com ela, toda a dor
Do deserto infernal que atravessaste!*

*Teus olhos de Profeta iam nos céus...
E ouviste, no Sinai, a voz de Deus
Ditando-te uma Lei, que era a Verdade.*

*E esses Dez Mandamentos, que ficaram
Gravados para sempre, iluminaram
O coração de toda a Humanidade!*

HANID ESTELA

7-4-1953

FUGITIVOS

O pequeno David estava sentado a um cantinho e olhava, admirado, para tudo que acontecia naquela noite misteriosa. Lia, a irmã mais velha, tinha ido acordá-lo e ajudara-o a arranjar-se rapidamente e obrigara o a vestir roupa sobre roupa. Ele perguntara para que era, mas Lia respondera, baixinho, que se calasse, que não fizesse perguntas, que fosse obediente, ao menos só naquela noite. Porquê?

— Porque é preciso. Vamos todos sair, vamos para longe... Está muito frio e a mãe disse que te vestisses toda a roupa que pudesses...

— Para quê, Lia? Assim, mal posso mexer-me... E para onde vamos nós, a esta hora? Eu estava a sonhar que o pai me tinha dado outro cavalo, aquele que vimos ontem na montra... Tenho sono... Para que vieste acordar-me? — e começou a rabujar e a esfregar os olhos com as mãos fechadas. A irmã aborreceu-se:

— Cala-te, David! Põe-te direito! Veste o casaco, vamos! Segura bem as mangas da camisola, assim, para não fugirem. Tenho tanta pressa! Meu Deus! Por que não compreendes tu a nossa pressa? Anda, vá! Que mau que tu és! Assim tenho que chamar a mãezinha... Deixa-me acabar de te vestir... Dou-te um chocolate amanhã, se estiveres agora com muito juízo...

Lia estava quase a chorar e as suas pequenas mãos procuravam, atrapalhadamente, abotoar todos os botões do fato do irmão. Depois, vestiu-lhe o sobretudo, mas já não pôde abotoá-lo por cima de toda aquela roupa. Deixou o assim mesmo e disse-lhe que atasse os sapatos e pusesse o boné na cabeça e desapareceu, a correr.

O pequenito sentou-se a fazer o que ela lhe dissera, mas dificilmente conseguia chegar aos sapatos, porque o sobretudo o apertava imenso.

Como já estava bem desperto, começou a olhar para tudo.

No pequeno vestibulo estavam duas malas de viagem, ainda abertas mas completamente cheias, e mais três malas de mão, também já prontas, e alguns embrulhos grandes e outras pequenas coisas espalhadas pelo chão. Havia uma enorme desordem por toda a casa. A mãe andava apressadamente dum lado para o outro: abria armários, revolvía gavetas, desarrumava coisas. Fazia tudo em silêncio e só, de vez em quando, dava uma ordem rápida à Lia, que corria a obedecer-lhe.

Estranhou que a irmã estivesse assim, tão obediente. A mãe costumava ralhar-lhe, também, por ela ser teimosa. Mas agora, não. Corria daqui para ali, sem ruído e parecia, até, querer adivinhar as ordens da mãe e a sua carinha estava afogueada e os cabelos já lhe caíam para os olhos.

O pai também andava atarefado, no escritório. Trazia cartas e papéis e queimava-os no fogão. Depois voltava para o escritório... O menino foi atrás dele e ficou encostado à porta, a olhar. Reparou que o pai, que era sempre tão alegre, estava muito pálido e com uma expressão de sofrimento que David nunca lhe vira. Que teria acontecido? Teve vontade de ir beijá-lo e perguntar-lhe, mas ficou onde estava e o pai, quando passou, à pressa, ia tropeçando nele e mandou-o ir-se embora e sentar-se sossegadinho ao pé das malas:

— Vai, anda, e se estiveres lá quieto, dou-te amanhã um chocolate. Mas agora deixa o pai acabar este trabalho, porque não há tempo a perder!

A sua voz era meiga, mas grave e o menino sabia que lhe devia obedecer.

Estava muito admirado e começou a sentir medo. Estranhou, até, que todos lhe promettessem chocolates só para que ele se conservasse quieto e calado e aquela agitação, em que os mais velhos andavam, e aquele silêncio que envolvia a casa, maior susto lhe causavam. Aquela

hora, todos costumavam estar a dormir. Por que seria tudo aquilo?

Viú passar a irmã, junto dele, e agarrou-lhe o vestido:

— Lia, diz-me, para onde vamos? — mas ela sacudiu-lhe a mão e foi-se embora sem lhe responder.

Olhou para o fundo da casa e viu a mãe, que continuava de roda das gavetas. A luz batia-lhe em cheio e David pôde ver que grandes lágrimas corriam silenciosamente, pelo seu rosto suave e lindo. Teve, então, a certeza de que alguma coisa muito grave caíra sobre as suas vidas e sentiu-se muito pequenino e muito só, sem ninguém que o consolasse.

Bateram levemente à porta, com as pontas dos dedos. Ninguém ouviu. Tornaram a bater, devagarinho, e o menino levantou-se e foi abrir.

Ficou mais contente, por que era o avô. Mas ele vinha, também, com uma cara muito triste. Olhou para David e para todas as coisas que estavam no vestíbulo, sentou-se, pesadamente, numa cadeira e suspirou fundo, como se estivesse muito cansado. O menino encostou-se-lhe às pernas:

— Avôzinho, para onde vamos? — ele pegou-lhe ao colo, abraçou-o, beijou-lhe a cabeça e ficou calado. — Por que não me dizes, avôzinho? Já perguntei à Lia, mas ela não me respondeu. Já fui ter com o pai, mas ele mandou-me embora... Andam todos a correr e ninguém me dá atenção... Ninguém quer saber de mim, ninguém me diz nada... Que aconteceu, avôzinho? Tenho tanto medo...

O avô olhou-o, muito sério. Parecia que estava muito mais velho e que tinha a barba ainda mais branca. Depois falou baixinho só para ele ouvir, assim como costumava falar quando lhe contava histórias:

— Tu já és um homenzinho, meu filho, e já podes saber estas coisas... Temos que sair da cidade esta noite; não podemos continuar mais tempo aqui...

— Nunca mais voltaremos à nossa casa?

— Talvez não, David... Mas não chores, senão o avô nunca mais te conta nada e faz como a Lia e como o pai...

O avô diz-te estas coisas para tu saberes, para tu compreenderes. É melhor conhecer a verdade do que estar cheio de medo sem saber de quê, não é assim? — ele disse que sim, com a cabeça, e sentiu o seu pequeno coração estranhamente oprimido. A sua casa era o seu mundo. Para onde iria agora? Seria por isso que a mãezinha chorava? O avô continuava a olhá-lo, muito sério:

— Então, David, é preciso aprender a ser um homenzinho corajoso e forte! Não vês que o pai não chora, nem o avô?

— Mas porque é que temos de ir embora?

— Porque há homens maus, na nossa cidade, que nos querem prender...

— Mas nós não fizemos mal nenhum, pois não, avô?

— Não, meu filho, não fizemos, mas temos que fugir antes que nos prendam... Tu não podes compreender por que és muito pequenino... A Alemanha está dividida. Deste lado, onde nós vivemos, estão esses homens maus, que nos perseguem sem motivo, e nós agora vamos fugir para o outro lado da Alemanha, onde ninguém nos perseguirá, compreendes? Se conseguirmos fugir, a tempo, não nos prendem. Por isso todos andam com pressa, porque cada minuto que passa pode pôr em perigo a nossa liberdade, pode fazer-se tarde... Mas não chores, David! Deves estar, até, muito contente por que, se não fugíssemos, seríamos metidos em campos de concentração e talvez morressemos todos... Muitos já lá estão, porque não tiveram tempo ou não puderam fugir... Embora a nossa desgraça seja muito grande, somos, ainda assim, bem mais felizes do que eles...

O menino ficou a pensar, um instante.

— Então, se já não voltamos para a nossa casa, eu vou buscar os meus brinquedos, para levar...

— Não é possível, filho. Não vês tantos embrulhos e tantas malas? Como havemos de levar, também, os teus brinquedos?

David saltou do colo do avô:

— Mas eu não quero ir-me embora sem eles e sem o Bop. Eu gosto

muito do Bop e vou já buscá-lo, avôzinho!

Entretanto, a Lia apareceu, já pronta para sair. Trazia os olhos vermelhos e inchados de chorar:

— Avó! Peça à mãezinha que me deixe levar, ao menos, as minhas bonecas...

— Ó filha, tu não vês que nós não podemos levar tanta coisa? Não vês que a mãe, coitadinha, também deixa aqui tudo quanto tem, a sua casa e todos os objectos que lhe pertencem e que tanto estima? Apenas leva as coisas absolutamente indispensáveis, como roupas e pouco mais! Não vês que o pai também deixa tudo o que era seu e que tanto amava? Até os seus livros!... Que desgosto não terá ele de os não poder levar?! Tudo aqui fica, Lia! Tudo!

«Ainda bem que a avó já não é viva... Está a dormir o seu sono eterno... É feliz... se lá não forem perturbá-la... Já és crescidinha, minha filha, tens que compreender a situação! Não apoquentes, mais ainda a tua mãe com essas coisas...

A menina calou-se e ficou, de olhos no chão, envergonhada da sua própria fraqueza, mas as lágrimas continuavam a correr, devagarinho...

A mãe veio, já de casaco vestido, e começou a fechar as malas.

David voltou, lá de dentro, ajoujado com um enorme cavalo de pasta e uma grande bola de borracha. Pôs tudo no chão e foi, a correr buscar o resto das suas coisas. E trouxe três caixas de brinquedos e um monte de livros. Tornou a sair e tornou a voltar, agora com o Bop pela coleira.

A mãe acabara de fechar as malas e, quando se ergueu, olhou para ele e para os seus brinquedos. O seu rosto estava mortificado:

— Santo Deus! Quando é que se acabará tudo isto, quando? Para que foste buscar todas essas coisas, David? Vai arrumar tudo outra vez! Depois, a mãe compra-te outros brinquedos iguais...

— Prometes, mãezinha? Então, eu só levo o Bop!

— O filho, mas também não podemos levar o Bop! Ele é muito grande e já não cabe no carro! Não podemos levá-lo...

O menino abraçou-se ao pescoço do cão:

— Mas eu não quero deixar o Bop! Bop, querido Bop! O dono leva-te, sim, leva-te!

O avô aproximou-se docemente e separou os dois amigos. David não protestou, mas começou a soluçar quando viu que ele levava o cão para o jardim. Gritou mais alto: — Bop, Bop!... Avô, Avôzinho!... Os homens maus vão matar o Bop! Não o deixes cá ficar! — e chorava desesperadamente, com a cabeça escondida no regaço da mãe.

O pai entrou para levar as malas. Ia e vinha, silencioso e apressado. Por fim disse: — Vamos! já está tudo arrumado!

O avô pegou nos dois embrulhos maiores, a mãe deu os outros mais pequenos à Lia e agarrou numa mala e noutros volumes miúdos. Olhou longamente para todas as coisas da casa em que sempre tinha vivido e que estava cheio de recordações. Sentiu que o seu coração ali ficava para sempre e as lágrimas tornaram a correr silenciosas, mudas como a sua própria dor... Depois perguntou, quase tão naturalmente como sempre que saía:

— As portas e as janelas estão bem fechadas?

— Estão, sim, mãezinha... — respondeu a menina.

— Para quê? — disse o avô — Já não voltamos mais...

Ficaram todos um momento, no meio da casa, presos na mesma angústia, esmagados pela mesma tragédia.

Foi o avô quem quebrou o silêncio. A sua voz era incerta e a pequena barba branca tremia ligeiramente: — Temos que nos ir embora... Dá cá a mão David, e não chores que ninguém fará mal ao Bop...

Foram todos para o automóvel, que os esperava à porta do jardim. O pai já lá estava e já tinha posto o motor a trabalhar. O avô sentou-se no banco de trás e Lia a seu lado. A mãe foi-lhes dando todos os embrulhos que estavam ainda cá fora, no chão. O resto do banco ficou cheio e o avô pegou nos maiores embrulhos e pô-los sobre os joelhos e sentaram David ao colo de

VÁRIAS NOTAS

O meu velho e querido amigo dr. Crispiniano da Fonseca, antigo Juiz de Investigação Criminal, ilustre parlamentar em várias legislaturas e actualmente um advogado muito distinto em Marco de Canavezes, escreve-me:

«Nem os anos, nem as duras provações da vida lograram ainda embotar em mim o ingénito espírito de revolta contra tudo o que representa uma flagrante injustiça ou manifesto contra-senso! Um grupo de portugueses, importante, não pelo número, mas pela elevada posição de alguns dos seus componentes, calcando aos pés a tradicional bondade e tolerância do nosso povo, julgando-se possivelmente em plena idade das trevas, alimenta desde há muito inexorável campanha contra os indivíduos da raça judaica, em geral, qualificando-os de raça maldita e insultando os com o epíteto de comunistas e com outros de igual jaés! Por certo, ainda ninguém chamou a sua atenção para o caso, senão Você, dessa prestigiosa e popularíssima tribuna que é hoje a secção das «Várias Notas», tê-lo-ia já focado. Nenhum interesse moral ou material me liga aos israelitas, sendo certo que nenhum conheço pessoalmente; reprovo, porém, inteiramente aquela atitude, porque, além de injusta e descabida, a reputo inconveniente para as relações de boa paz e amizade que hoje, neste ponto crucial

da história da Humanidade, mais devem unir-nos. Ignoram os autores daquela campanha que muitas das mais gradas famílias do distrito de Bragança e da província da Beira Baixa, conhecidas pelas suas ideias conservadoras, se orgulham de ser muito próximos descendentes de judeus?! Ignoram os mesmos senhores que se ufanam de tradicionalistas que o glorioso Príncipe de Boa Memória, com um enxerto em castiça cepa judaica, criou uma das mais nobres famílias portuguesas?!

«Não são esses os visados» — dir-se-ão os teimosos e imprudentes detractores da raça semita! Mas então quais são? Certamente, não se pretende atingir com tais injúrias meia dúzia de distintas famílias hebraicas residentes em Lisboa e Porto, aliás bem conhecidas também pelas suas excelsas virtudes e sentimentos conservadores. A campanha será então contra os chamados judeus internacionais? Mas vejámos: é possível coerentemente, por hipótese alcinhar com intuitos manifestamente pejorativos, de mulato o mestiço residente em África, sem ferir igualmente o que reside na Metrópole?!...

Seria também uma afronta feita aos sentimentos cristãos do povo português dá-lo como solidário com as selváticas crueldades praticadas em milhões de judeus pelos nacionais-socialistas. Ninguém também acreditará que este

Lia. Mas ele começou a chorar mais alto: — Não quero ir ao teu colo! Não quero! Quero ir com o avôzinho! — e estendia os braços para ele. Deram os volumes à menina e o avô pegou, ternamente, no pequeno David.

A mãe, sempre agarrada à sua mala, sentou-se no banco da frente, ao lado do pai e fechou a porta com força. Chorava agora como uma criança...

O carro pôs-se em movimento e o menino espreitou pela janela:

— Bop! Bop! Adeus! — um latido respondeu-lhe do jardim. Depois do latido tornou-se num uivo doloroso, como um grito.

David disse adeus, com a mãozinha fora da janela, olhando sempre para a casa que se afastava. Quando deixou de a ver, encostou a cabeça ao peito do avô e continuou a chorar baixinho, enquanto rodavam rapidamente pelas ruas silenciosas e tristes...

HANID STELA

mesmo povo lusitano tão cioso na conservação e alindamento das suas igrejas, se haja regozijado com a profanação e destruição das sinagogas o que tanto divertiu os mesmos nazistas... Há atitudes que se não compreendem e eu confesso que esta é para mim uma das mais inexplicáveis! S. Santidade apiedou-se daqueles desgraçados, oferecendo-lhes auxílio e protecção: por sua vez, os comunistas, atrás da cortina de ferro, estão agora a procurar exterminá-los por todos os meios!... Querem-se-á entretanto, fazer renascer em Portugal a ancestral inveja pelos notáveis talentos e riqueza dos judeus? não sei: não compreendo nada!

No último Verão, quando na rua, cavaqueava num grupo de amigos, fomos abordados por uma religiosa, tipo de senhora distinta e inteligente, que nos pediu esmola para qualquer obra de beneficência. Dei-lhe o meu óbolo, e, depois, por gracejo, apontando para um dos circunstantes, disse-lhe: «Aquele não peça porque é judeu...»

Ah! sim! — respondeu prontamente a religiosa — pois deve dar o dobro dos senhores, visto ele ser da raça de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos Santos Apóstolos!...»

Em conclusão: não atinjo as razões, nem a finalidade de tal campanha! Poderá Você elucidar-me?»

Como estou na cama com uma camada de icterícia que chega para uma casa de família, podemos conversar pacatamente, visto o meu médico me recomendar o máximo repouso...

*

* *

Também eu, meu caríssimo Crispiniano, nunca percebi a razão normal desta perseguição. Como V. sabe, hebreus, israelitas, judeus, é tudo uma e a mesma coisa. Mas veja e repare: ao princípio, eles eram apenas uma «gente de além do rio», mas logo se salientaram acima de todos os outros povos pela grandeza dos seus Patriarcas. Depois do dilúvio, surge Abraão, e eles orgulham-se de ser os «Bné-Israel»; os filhos

de Israel. Para firmarem melhor a sua hegemonia sobre os povos, criam uma aliança de Deus com Abraão, e logo um neto deste, Jacob, dá a esta raça privilegiada doze filhos que chefiarão mais tarde as 12 tribus de Israel. Veja o simbolismo dos números: mais tarde ainda, 12 haviam de ser também os Apóstolos de Jesus. No exílio nasce para o povo de Israel essa figura altíssima de Moisés, o grande condutor do povo Eleito; e aos 40 anos do deserto sináico até à visão a dois passos da Terra Prometida. Em tudo na vida há sempre um Josué que triunfa à sombra do trabalho alheio. Este Josué conquista-a vencendo os amorreus e os cananeus. Erguia-se o reino de Israel com as duas figuras curiosas e interessantes de Saúl e David. Como corucheu do poeta salmista deus nos a raça esse maravilhoso Salomão, espécie de D. João V correcto e aumentado. Depois, o declínio até ao longo cativo e à destruição de Jerusalém.

*

* *

A seguir à tragédia do Calvário, os judeus dispersaram-se pelo mundo, constituíram-se errantes e vagabundos, mas só no século IV a partir de Constantino, se fizeram contra eles leis de excepção. Depois, vieram os ghettos, as judiarias, as matanças, o ódio. Isto tem necessariamente duas explicações: a primeira, quanto a mim, a maldição de milhares de consciências contra o povo deicida. Porque não sei se V. sabe, meu caro Crispiniano, que Cristo não era rãicamente o que se podia chamar um judeu integral, pois descendia das primitivas tribus arianas que povoaram a zona marítima da Palestina. Foi esta a razão que levou Póncio Pilatos ao dístico sangrento mandado afixar na cruz do suplício de Jesus Nazareno (e não de Nazaré, que nesse tempo não existia) Rei dos judeus. A segunda, a inveja de todo o mundo à privilegiada inteligência dos judeus, à sua união, à sua defesa rãica e à sua fortuna. Esta também se explica: a Igreja proibia a usura. Os judeus tinham sobre eles inúmeras restrições, menos essa. Porque eram inte-

OS JUDEUS

e o descobrimento da América

Cinco Isabéis ornaram as páginas da História desde antigos tempos até os nossos dias. Duas pertencem ao «Flos Sanctorum» da igreja católica, em virtude das suas milagrosas acções: Isabel de Portugal e Isabel da Húngria. Duas pertencem à história da Inglaterra; Isabel I, — que reinou pelo terror e cujo nome permanece manchado pelo assassinato, à sua ordem, de Maria Stuart, rainha dos Escoceses, — e a actual Isabel II, elegante e formosa, de popularidade universal. Resta-nos contar a famosa Isabel de Aragão e Castela, dinâmica ruiva e magnética, sob cujo reinado a Espanha prosperou. Contra ela nem mesmo o rei de Portugal conseguiu satisfazer os seus desejos de conquista, pois derrotou os vinte mil arcabuzeiros e soldados de fortuna que o rei português contra ela tinha mandado.

Já o caminho marítimo para a Índia tinha sido aberto por Vasco da Gama e esta era nossa mercê das vitórias e conquistas alcançadas em Ormuz, Bombaim, Calicute, Madrasta e Bombaim (nomes históricos para nós, que são ao mesmo tempo a vergonhosa prova da nossa decadência, pois, além de nos ser roubada a posse desses lugares cantados por Camões, ainda tivemos de doar, como dote, a importante província de

Bombaim a Catarina de Bragança, quando esta casou com Carlos II, de Inglaterra). Parece que nesse tempo as mulheres pouco valor tinham para o matrimónio, pois mesmo as princesas de sangue real tinham de levar consigo dote para se casarem, e esta virtuosa e cristã princesa de Portugal, além dos seus valores morais, não só levou para a casa real de Inglaterra a rica porção da Índia, que era nossa, como também uma fortuna de cerca de 250 mil libras.

Em 1489, um marítimo de origem hebraica e portuguesa (a quem a história dá o nome fictício de Cristóvão Colombo, e ao mesmo tempo ilude os incautos dando-o como nascido em Génova, apresentou-se na corte de Espanha, pedindo audiência a Isabel, com o fim de a interessar na viagem que levaria à descoberta do caminho marítimo para a Índia, pelo Ocidente, depois de ter feito o mesmo pedido ao rei de Portugal. É claro que o último sorriu de tal projecto, uma vez que tal caminho já estava fixado e descoberto por Vasco da Gama. Aproveitando-se dos ciúmes que os reis de Espanha tinham do rei de Portugal e da inveja por este ser o promotor audacioso de tantas conquistas e tantas descobertas, Colombo conseguiu ser ouvido pela rainha e pelos cortesãos que ambicionavam nome ilustre e ao mesmo tempo meter as mãos nas riquezas que tal viagem havia de trazer das Índias.

Todavia, nesse tempo ser judeu era como ser comunista nos tempos de hoje, e Isabel não aprovou o projecto de Colombo sem obter a certeza de que este era bom e são católico baptizado, o que era fácil nesse tempo em que a Igreja ia às casas dos pobres judeus roubar-lhes as crianças para as fazer «católicas», sob pena de aniquilar as famílias e confiscar fortunas.

(Continua).

ligentes, deitaram-se à usura e fizeram-se banqueiros.

* * *

Quanto à sua inteligência, julgo que não haverá ninguém com 5 gramas de miolo que negue aos judeus esta qualidade. São, de facto, hoje no mundo as pessoas mais inteligentes e que compõem o verdadeiro escol mental.

P. F.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 152)

Edições dos Profetas Primeiros - Também foram impressos os Profetas Primeiros, isto é, *Josué, os Juizes e os Reis com a Parafrase Caldaica e os Comentários de David Kimchi*, e de *R. Levi Gerson* (Wolfio, e Le Long só fazem menção do Comentário de Kimchi, e não do de Gerson, nem de Parafrase Caldaica; e o zeloso e erudito autor das *Memórias do Ministério do Púlpito* impressos em 1776 nas notas ao § XIV pág. 118 do *Appendix da Oratória Sagrada*, só se refere o Comentário de Gerson, seguindo a Marchand; vê-se pelo Catálogo da Biblioteca Parisiense, em que se descreve a parte desta edição, que contém os Livros dos Reis, que nela vinha a *Parafrase Caldaica*, e ambos os Comentários de Kimchi e de Gerson. Na *Bibl. Real de Paris* só há esta parte do Exemplar, que traz os Livros dos Reis *Catálogo* pág. 19) em Leiria em fol. 1494 (Marchand faz memória desta edição *Histor. de l'Imprimerie* art. I pág. 88) *Mat-taire*. (*Ann. Tipogr.* Tom. IV pág. 530, 570) e Wolfio (*Bibliot. Hebr.* tom. I pág. 201 e tom. II pág. 956), Rossi conserva um exemplar e é quase o único, que tem o ano da sua impressão, e diz que é das antigas edições de maior estimação; dela faz menção no *Aparato Hebreo Bíblico*, pág. 54 na obra da *Origem da Tipografia Hebraica*, pág. 54 no *Aparato à Bibl. March.* pág. 30 e no *Specimen variar. Lection. Sacri Textus Pontif. Codic.* pág. 41).

Edição da Bibl. Hebr. - Houve também por estes tempos uma edição da *Bíblia*

Hebraica, de que se não sabe ao certo o ano, nem o lugar da sua impressão; parece que foi feita em Lisboa, e esta é a tradição dos mesmos Judeus (os Judeus a dão por impressa em Lisboa, como atesta Hermanno van de Wall, e este testemunho deve prevalecer contra a suspeita, que tem Rossi de haver sido impressa em Loncino. Le Long fala de uma *Bíblia Hebraica* antiga do Século XV com pontos e assentos em fol. também sem era, nem nota de lugar, e diz que viu um exemplar em Paris no Museu de M. Beittier; acaso seria esta mesma edição de que falamos. Hermanno Van de Vall, viu outro exemplar de um Judeu de Amesterdão. São três os exemplares de que temos notícia, os dois de Paris do Museu de Beittier, e de Amesterdão, de que temos falado, e outro, que Zacarias Pádua Judeu de Mântua havia dado a Rossi, que dele fala na *Origem da Tipografia Hebraica* pág. 63).

Continua

Solenidades em 1955

Purim - 8 de Março
 Páscoa - 7 de Abril
 Shabuoth - 27 de Maio
 9 de Ab - 28 de Julho
 Rosh Hashanah - 17 de Setembro
 Kipur - 26 de Setembro
 Sukoth - 1 de Outubro
 Hanukah - 10 de Dezembro

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN ROSH

תְּלִפִּיד

*...alumiá-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadourie Mekor HaTm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA MENDONÇA
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º
PORTO

BABILÓNIA

(Salmo CXXXVII)

*Nas margens dos teus rios nos sentamos
Chorando com saudades de Sião,
Sentindo bem, no nosso coração,
O triste cativo em que ficamos.*

*Nos salgueiros, as harpas penduramos
E os algozes disseram-nos então:
— Cantai alegremente uma canção,
Um cântico do Templo que arrasamos*

*Um cântico ao Eterno, entre inimigos!...
Jerusalém! Que todos os castigos
Me venham, se algum dia te esquecer!*

*E tu Senhor, repara nos culpados.
Que os seus filhos pareçam esmagados!
Que sofram como estamos a sofrer!*

16-12-1953.

HANID ESTELA.

ISRAEL

*Alemanha... Polónia... Até na França,
Quanta injustiça e quanta dor sofrida!
Vida de inferno onde era destruída,
Dia após dia, toda a vossa Esperança...*

*E terminada a guerra, que lembrança
Vos ficou desta Europa enlouquecida?
Seis milhões de inocentes, já sem vida,
Na mais bárbara e trágica matança...*

*E no fim de tantos anos de ansiedade
Conquistastes agora a Liberdade
Na pátria querida que dá leite e mel!*

*E nesta hora bendita e neste dia
Chorai, ó meus Irmãos, mas de alegria
Beijando a Terra Santa de Israel!*

15-5-1948

HANID ESTELA.

ESBOÇO DUMA DOCTRINA JUDAICA

POF DAVID BERMAN, RABI DA COMUNIDADE DE BRUXELAS

(Continuação do N.º 152)

CAPÍTULO XVI

Circuncisão, Bar-Mitsvah, Casamento, Morte

III—Ciclo da Vida

Não é cada dia, não é cada ano, é toda a vida que é cercada de santidade, desde o nascimento (circuncisão) até a morte, passando pela adolescência (Bar-Mitsvah) e o casamento (Kidushim). O israelita nasce em via de constituir um valor moral; ele celebra o dia em que começa a tomar consciência das suas responsabilidades na existência: ele festeja, e a comunidade toda inteira festeja com ele, o momento em que ele se une a uma companheira em vista de assegurar a continuidade do espírito eterno, mantido pelo génio d'Israel, e no momento, de morrer, il põe o seu orgulho a entregar a Deus a alma pura que dele tinha recebido.

CAPÍTULO XVII

Circuncisão

Desde o seu nascimento, o israelita é marcado com um sinal que o inscreve na comunidade de Israel: a circuncisão. Ele entra assim na vida não como uma simples célula animal, mas como um valor moral. A razão higiénica que pode determinar este uso na origem não é certamente a que o fez manter com uma singular tenacidade, ao ponto que a Bíblia declara que «aquele que não aceitar este símbolo será irradiado da lista do seu povo» (Gen. XVII, 14). Se este rito é tornado um símbolo de ligação ao judaísmo e que este aí vê «uma aliança

entre Deus, duma parte, Abraham e a sua descendência da outra». A circuncisão é de tal modo ligada à ideia de fidelidade ao judaísmo que ela serve de expressão simbólica aos profetas para designar a própria fidelidade: «Circuncisai o prepúcio de vossos corações e (Deut.) não endureceis mais a vossa nuca.» X, 16). Em duas palavras: entrando na vida, o israelita entra na comunidade dos descendentes de d'Abraham (Ieha-Khnissó bivrihó chel Abraham avinu), e por lá na humanidade moralmente civilizada.

Certos acharão talvez estranho que se determine a religião dum homem antes mesmo que ele tenha podido conceber a menor opinião pessoal e dar a sua adesão. Mas aqueles esquecem que é uma toda outra coisa que formular raciocínios objectivos, como na ciência, e obdecer a raciocínios subjectivos, como na moral. Com uma inteligência suficientemente desenvolvida, um homem se porá sempre ao corrente das teses e das ideias que poderão interessá-lo, e se ele se sente incapaz de escolher o seu ponto de vista pessoal, a sua abstenção não será prejudicial a ninguém. Ele é todo de outro modo na vida moral, onde ninguém se pode abster e onde a atitude de cada um na vida nos interessa a todos. Ora, esta será determinada, menos pela maneira de raciocinar, que pelo conjunto dos sentimentos que serão formados com o desenvolvimento do indivíduo, sua experiência dos homens e das coisas e as impressões que ele tiver guardado.

Estes mesmos censores, de resto, não tardarão seus filhos nos exercícios corporais ou nas artes de divertimentos, sem que eles estejam em estado de exprimir uma preferência em favor dum método ou dum outro. Eles também

não se mostram escrupulosos em reprovar que se seja votado a um país desde o seu nascimento. Como não é nunca demasiado cedo para dirigir um homem em vista dos deveres da vida e que não se saberia esperar, para o fazer, a idade da maturidade da razão e da fixidez dos sentimentos, o pai é bem obrigado de dirigir os seus filhos segundo os princípios que ele próprio seguiu ou que, pelo menos, ele não desaprovou. No dia em que os seus filhos forem capazes de raciocinar e apreciar eles próprios, eles terão sempre a possibilidade, se eles não estão satisfeitos, de renunciar à religião de seus pais. Mas, seria lamentável que estes possam, um dia em que actos irreparáveis terão sido cometidos, encorrer na censura de os ter preparados a afrontar as dificuldades morais da vida e de os ter deixados desarmados diante das tentações que nos espreitam a cada momento da nossa existencia e de lhes ter dado, como último recurso, a perspectiva de começar a sua educação moral numa idade em que os outros a têm já acabado. Não é nunca demasiado cedo para dirigir um homem no caminho do bem. A educação começa com a vida.

CAPÍTULO XVIII

Bar Mitsvah

A educação começada com a vida prossegue com ela e, como a criança veio ao mundo em vista de constituir um valor moral, é um dia de festa também aquele em que, saindo da sua primeira adolescência, ele começa a tomar consciência dos deveres que o esperam na vida. É nesta honra que ele é promovido à dignidade de «Bar Mitsvah» (pessoa responsável) e convidado a ler, pela primeira vez, no Livro sagrado, chave mágica do grande livro da vida.

CAPÍTULO XIX

Casamento

Depois das responsabilidades de jovem vem as do chefe de família (Baal

habaith). Pelo casamento, o israelita atinge uma nova dignidade e um novo estado de santidade (Kidushim). Ele não tem necessidade de ser empellido para a prosperidade familiar por medidas ministeriais e o atractivo duma insignificante ajuda material ele tem nisso um bem estar moral. Tendo aprendido a amar o espírito de que se sente o depositário ele faz uma alegria de transmitir o facho porque, em se casando, ele não se impõe somente um contrato entre ele e sua esposa, mas também para com a sua descendência.

CAPÍTULO XX

Morte

Todo o esforço do israelita, durante a sua vida, é de conservar pura, a alma que recebeu pura. Ligado à eternidade pelo sentimento de santidade, ele sente que tudo não desapareceu com a morte e que através as gerações que se sucederam se continua o mesmo sobre eterno de que nós somos uma chama. É porque ele não exprime lamentações na morte dos seus queridos desaparecidos, mas ele comunica, com eles na eternidade da santidade divina (Kadishe), na qual, confundidos, nós tocamos uma parcela de imortalidade.

Conclusão da segunda parte

É assim que a santidade, que preside ao nascimento e se persegue toda a existência, não cessa com a morte senão para se transportar para as gerações sucessivas. Também, quanto são vãs estas discussões pelo meio das quais certos apologistas do cristianismo se teem esforçado de estabelecer que a moral judaica foi ultrapassada pela dos evangelhos sob o pretexto que certas das suas fórmulas teriam sido redigidas mais habilmente. Colocar a questão sobre este terreno, é colocá-la sobre aquele, mesquinho, de chicanas, bizantinas, indignas, dum tão grande assunto. Admitindo que as fórmulas dos evangelhos sejam tão originaes como pretendem os seus protectores, não são

OS JUDEUS

e o descobrimento da América

(Continuação do N.º 153)

Colombo conseguiu ocultar a sua origem e assim passou-se à discussão do seu projecto marítimo. Não há dúvida de que a ideia de Colombo era atractiva para a corte espanhola: ao mesmo tempo que servia de gesto de mofa e de sarcasmo contra o rei de Portugal, que queria monopolizar todos os descobrimentos, deixando os pobres espanhóis a crescer água na boca... Mas o que Colombo não disse à rainha foi que, se ele tinha ideias de tão grande alcance, as devia em grande parte aos papéis e mapas que tinham sido propriedade do seu sogro (Bartolomeu Perestrelo), cuja filha era agora sua esposa. Contrariamente ao que se diz, a rainha não empenhou as suas jóias para obter o dinheiro por meio da qual forneceria navios e marinheiros a Colombo. Para financiar essa empresa a corte de Espanha (como era também de uso nesse tempo, mesmo em Portugal), pediu — seria melhor dizer, «ordenou» — aos banqueiros judeus que dessem o dinheiro para as despesas.

Um rico judeu, chamado Abravanel, contribuiu financeiramente para a viagem com ajuda dum banqueiro amigo

da corte, chamado Luís de Sant'ángelo, também judeu, mas que não passava por tal («marrano» era o nome que nesse tempo se dava aos judeus que fingiam ser católicos, para poderem estar a salvo de qualquer perseguição). Ambos, pois, adquiriram os três navios que trouxeram o almirante Cristóvão Colombo para as costas americanas, — navios que se denominavam «Santa Maria», «Pinta», e «Nina».

Após 5 semanas de viagem por mares desconhecidos ainda não se via terra e as velas dos três navios estavam pendentes como trapos sem que o vento as enfunasse, e o Céu escaldava, rutilante de sol abrazador. A tripulação, insatisfeita, murmurava, preparando-se para a revolta. A incitá-la ao motim havia a bordo um individuo de nome Lope de Gor, que há última hora se tinha associado à aventura depois, de ter contribuído para com a compra dos três sinos dos barcos. Ao que parece, este Lope de Gor tinha pretensões a substituir o almirante Colombo e a roubar-lhe o prestígio e a fama. Assim nos princípios de Outubro de 1492, os três navios ainda não tinham encon-

nunca senão fórmulas teóricas, que não são aplicadas integralmente na prática da vida e cuja moralidade se mede com cada circunstância. É moral ter dito de estender a face direita aos que batem na face esquerda que ter incitado a os desencorajar pelo medo de sanções? Há mais cuidado com a moral em um Rabi Simon ben-LaKiche que reconhece que aquele que se mostra brando ali onde convém que ele que se mostre firme se conduzirá cruelmente quando tiver de usar de clemência. De facto, o mundo cristão não agiu com os seus rivais com

a mais mansidão e justiça que os outros. O que faz a grandeza do judaísmo, não é tanto por ter encontrado as fórmulas de moral as mais felizes, como dizem os seus rivais, mas de ter estabelecido uma poderosa corrente de vida moral que inspirou estas próprias fórmulas e que teimou no seu entusiasmo, o fiel, mesmo o mais ignorante do texto escrito. O que falta hoje ao mundo, não são nem os tratados, mais maravilhosos uns que os outros nem, nem as formulas mas esta corrente de vida moral que o judaísmo soube criar e desenvolver.

trado porto e a 11 desse mês os tripulantes amotinaram-se sendo o almirante atacado pelo imediato. Mas Colombo deitou abaixo o assaltante com alguns socos bem aplicados. Ao mesmo tempo, Lope de Gor incitava os homens a atirarem o almirante ao mar. Este, imperturbável, esperava a pé firme o primeiro que arremettesse. A confusão era terrível. Só se ouviam insultos e imprecações, quando de repente o vento começou a enfunar as velas das embarcações; isso fez com que o almirante desse ordem para marchar avante. Mas tanto o imediato como Lope de Gor davam contra-ordens à tripulação, incitando-a que voltasse para Portugal e Espanha e não obedecesse ao almirante. Em vão este pedia aos homens que tivessem juízo e lhe obedecessem. E a disciplina a bordo já quase não existia.

Foi nesta altura, quando uma tragédia histórica estava quase a desenrolar-se, que o rapaz postado de vigia na torre do mastro, gritou com toda a força dos seus pulmões: «Terral... Terral... Terral...». Esta palavra mágica fez com que os homens se contivessem e, num momento, como que por milagre, a atitude dos amotinados transformou-se de revolta em alegre demonstração de apoteose. Os homens atiraram-se ao chão do convés, ajoelhando-se diante da figura magésta e impassível do almirante, beijando-lhes os pés e pedindo perdão do acto cometido.

Não quis o almirante Colombo vingar-se nem castigar os culpados. A sua hora tinha chegado; era a ocasião para ser generoso e dar graças à Providência.

Chamando então seu filho Fernando, que o acompanhava na viagem, e Luís Torres, sobrinho do judeu que tinha sido o principal contribuinte para a empresa, Colombo fez face aos homens e, apontando para a terra desconhecida que mais tarde veio a chamar-se, não a Índia, mas a América, proferiu o discurso histórico que demonstra claramente o papel dos judeus na descoberta deste Novo Mundo:

«Nesta hora gloriosa, quando pela primeira vez vamos pisar o solo desta terra dos meus sonhos não devemos,

NOSSAS PERDAS

A 27 de Dezembro de 1954 faleceu em Lisboa o bondoso Engenheiro António Monteiro Azancot, natural de S. Tomé. Foi enterrado no Cimitério Israelita.

A 19 de Abril de 1955 faleceu no Porto o piedoso israelita Asriel Bronstein e foi enterrado no cimitério israelita de Lisboa.

A 29 de Julho de 1955 faleceu no Porto o professor de contabilidade Manuel Oliveira Brandão, um dos primeiros cripto-judeus que entrou oficialmente na Comunidade israelita do Porto.

Do velho Floc-lore comercial português

*Livra-te do mouro e do judeu
É do homem de Viseu,
Vem depois o braquez
Que é pior que todos três,
É o do Porto com seu contrato
Que é pior que todos quatro.*

olvidar o homem que foi o único que tornou realidade esta aventura, contribuindo com os dinheiros necessários para ela. Esse homem foi Luís Santângelo, o «marrano», o judeu e a ele devemos tudo. Aqui vos apresento seu sobrinho, Luís de Torres. Vai ser ele agora o primeiro a entrar no bote que nos levará a terra, e será ele também o primeiro a pôr o pé nessa terra. Não se dirá que Cristóvão Colombo, espanhol e cristão, obediente servo de Sua Majestade e da Igreja, não sabe ser grato e reconhecido para quem o fez grande e vitorioso».

Foi assim que o primeiro homem a pisar terra americana se chamou Luís Torres, um «marrano» e judeu. Os papéis de Colombo provam isso sem deixar a menor dúvida.

(Da Gazeta do Sul 9-1-1955)

B. C.

Não deixem que os seus filhos abandonem o Judaísmo

Amarás pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a alma, e de todas as tuas forças.

Estas palavras que te prescrevo hoje estarão sobre o teu coração; tu as inculcarás a teus filhos e delas falarás constantemente na tua casa ou em viagem, ao levantar e o deitar».

Deut. VI, 5

Se seus filhos acham que não precisam frequentar a Sinagoga ou aprender a tradição judaica, vocês cedem e dizem: talvez seja melhor que fiquem em casa, e vão à praia ou ao cinema, como desejam.

A maioria dos pais pensam, em relação à religião, que é melhor esperar até que seus filhos sejam maiores e possam decidir por si mesmos.

No entanto se estes resolverem brincar ou passear em vez de irem ao colégio que farão eles?

Acharão também, que será melhor

esperar que cresçam para resolver se devem estudar ou passear?

Se seus filhos não quiserem lavar os dentes, tomar banho, deitar cedo, ou comer somente doces em vez de comida vocês esperarão que cresçam para resolverem por si mesmos o que devem fazer?

Certamente não. Uma das obrigações dos bons pais é a de orientar os seus filhos nos hábitos de saúde e a de dar-lhes o costume do estudo e do trabalho para que mais tarde possam usufruir esse cabedal.

Porque então essa timidez no que se refere a religião? Porque não orientá-los no caminho do Judaísmo quando ainda não possuem a compreensão necessária para saber o que é mais conveniente?

A criança que não aprende a estudar, trabalhar e a ter hábitos de saúde dificilmente mais tarde se habituará a fazê-lo.

Como querem que seus filhos aprendam a compreender e a amar ao judaísmo se não lhes ensinam a fazê-lo?

OS CHAZAROS

De maior consequência foi a migração dos Judeus pelas vias do comércio do Mar Negro e do Rio Volga.

Naquela região viviam os Chazares, povo da raça tártara cujo chagan, Bulan, juntamente com os seus fidalgos, adoptaram a religião judaica. Dos arquivos restritos conservados desse reino judaico dos Chazares, que existiu durante um período de cerca de 250 anos, ficou provado que a sua capital Atel, estava situada perto do presente Astrakan, nas margens do Volga, ao passo que o território chazariano compreendia toda a Rússia do Sul. As incursões dos Chazares eram tão temidas pelos Persas, que eles edificaram um grande muro atrás do Cáucaso para detê-los, enquanto a imperial Byzancio via-se obrigada a comprar a suspensão de suas hostilidades por pagamentos mal disfarçados, e os duques russos de Kiev a reconhecer a autoridade dos chagans judeus dos Chazares mediante um tributo fixado. O país dos Chazares judeus era governado com um espírito de extraordinária tolerância, tanto que, por exemplo, a corte suprema de justiça

constava de dois Judeus, dois Cristãos, dois Muçulmanos e um pagão, para representar os Russos e os Búlgaros. O chagan Obadiáh, sucessor de Bulan, convidou alguns mestres judeus para virem ao país instruir o povo nos dogmas do Judaísmo; e foram somente as dificuldades da distância e da viagem que afastaram esse estado judaico do conhecimento geral dos Judeus. Foi por meio de embaixadas de Byzancio que Chasdaí ibn Shaprut, homem de Estado judeu da corte de Córdova, teve notícia da sua existência em meados do século décimo; e é graças a uma correspondência existente, por ele iniciada com o chagan José, que nos chegaram as informações a respeito dos Chazares judeus. Eles mantiveram o seu poder até o ano 969, quando Sviatoslao, duque de Kiev, conquistou a capital e o território dos Chazares. Muitos deles se retiraram para a Crimeia, que também se tornou conhecida por Chazaria; mas o seu poder político desapareceu, e eles perderam-se na massa de Judeus e Caraitas que ali se estabeleceram e geralmente no Sudoeste da Europa.

A PALAVRA JERUSALÉM

Condensado da Revista Filológica; pelo Prof. Dr. David Perez

Vejamos se esta palavra tem etimologia comprovada na história desta cidade.

Há cem anos mais ou menos só se conhecia a documentação bíblica hebraica grega ou latina. Esta e alguns estudos de epigrafia grego-latina, além de escritores judeus e cristãos dos primeiros séculos do cristianismo constituíam a documentação em que se podiam estribar as bases para as interpretações e pesquisas.

Mas, depois de Champolion (1825), e mais tarde Botha (1848), as escavações arqueológicas foram trazendo a lume testemunhos tais que se tornou necessário, refazer todos os quadros históricos do Mundo Antigo — Oriental.

Dito isto vejamos a arqueologia a respeito de Jerusalém. Os egípcios sob a 18ª dinastia dominaram a Palestina.

Isto foi no II milénio antes de Cristo. Em certo monumento se lê **Rixolima** e na tablete de Tell el Amarna, **Ursulina**. Daí por diante outras inscrições acusam o mesmo nome.

Convém falar ligeiramente deste prefixo — palavra **ur**.

Ele se encontra ligado a alguns nomes próprios do Oriente.

Ur Kasdim — Pátria de Abraham;

Urtu, Ursulina ou **Uulina** ou **Ursulima** ou **Urxulima** ou **Urxalém** e outras.

No caso de **Urxalém** seria este **ur** fundação e, portanto, a tradução; fundação de **Xalém**. (Salém).

A forma **Ur** com este sentido corresponde a **yer** da língua hebraica que segundo alguns, é também fundação.

Isto decorre dos monumentos cujas inscrições foram traduzidas depois que os estudos arqueológicos modernos revelaram ao mundo actual os segredos do mundo antigo.

Desses monumentos também se prova que **Jerusalém** existiu e com o nome de **Ursalem** muito antes que a Grécia pudesse projectar a luz da sua cultura sobre as nações e, podemos afirmar,

quando estava recebendo as luzes de que o Oriente dispunha para lhe oferecer. Dada, pois, a sua antiguidade esta **ur** — que corresponde ao hebraico **yer** não podia ser empréstimo da palavra grega **Hierós**.

A palavra **Irosolima**, com esse — **iota** aspirado, ou é corrupta ou verdadeira sujestão semântica, que lisonjeava os tradutores judeus — egípcios que fizeram a **Septuaginta**.

São Jerónimo nos dá o testemunho mais seguro que, no caso, se pode oferecer. Antes de mais nada ele não desconhecia a **Bíblia hebraica**, e muito menos a **Septuaginta**. O seu nome ele o assinava **Hieronimus** e lá está o **Hierós** — mas este nome é grego; e ele, ao mencionar o nome da Cidade Santa, sempre escreveu **Jerusalém**; nada de **Hierosolima**.

Conclusão: a) — O nome de **Hierosolima** é uma corrutela e de modo algum pode corresponder ao termo **Jerusalém**.

b) — Antes de haver literatura grega já se conhecia este nome sem indício algum de vogal aspirada inicialmente.

c) — Este nome se popularizou no Ocidente por influência do cristianismo, e a **Vulgata**, que é documento oficial da Igreja Católica, se escreve **Jerusalém**.

d) — De acordo com a Doutrina hoje aceita entre os etimologistas, o étimo imediatamente anterior é que se deve considerar. Esse étimo mais próximo é **Jerusalém** e não **Hierosolima**.

Hanukah de 1956

A primeira noite de **Hanukah** ou da Festa dos **Maca-beus** é este ano na noite de 28 de Novembro.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 153)

Três Edições de Isaias e Jeremias. I Edição. II Edição - Houve algumas edições de Isaias e Jeremias com os Comentários de Kimchi, feitas em Lisboa, e em diversos anos. A primeira foi feita em 1490 que atesta have-la visto o sábio crítico João Bernardo Rossi (*Integração crítica sobre a Origem da Tipografia Hebraica* pág. 56). A segunda em 1492 em fol. (No fim se lê, segundo traslada Rossi: *Exaratos, Liber, Ulissipone in domo R. Eliezer an. M. 5252* os Bibliógrafos por engano, e também Masch, que os seguiu, a põem em 1497 o que já notou o mesmo Rossi no *Apendix* da Biblioteca March pág. 28 no Livro de *algumas antiquíssimas Edições desconhecidas do Texto Hebreu Bíblico* pág. 29 e no *Aparato Hebreu Bíblico* pág. 54 n.º 15 o que aprova o eruditíssimo Bibliotecário da Academia Júlia Carolina, Paulo José Bruns em a *nota ao Suplemento*, que fez sobre a *Dissertação Geral ao Testamento Velho* de Beujamim Kennicott. pág. 557 Verb. *Anglia*) a qual é mui rara (V. Wolfio *Bibliot. Hebr.* Tom, I pág. 301. Le Long houve esta edição por muito rara e com efeito Kennicott da sua obra do *Estado da Colação* pág. 105 lamentava não se haver nenhum exemplar nas Bibliotecas; e do mesmo se queixava também João Bernardo de Rossi no livro da *Origem da Tipografia Hebraica* pág. 58. Contudo o mesmo Rossi veio a descobrir depois dois exemplares, um completo e perfeito, e outro mutilado em Isaias; *Apend. ad Bibliot. Masch.* pág. 29, e os deu en-

tão pelos únicos que até àquele tempo se conheciam, como ele dizia no *Aparato Hebreu Bíblico* pág. 54 n.º 15 nas notas.

Porém, depois o douto Paulo Jacob Bruns chegou a ver em Oxford na Biblioteca Bodleiana entre os livros impressos de Seldeno Art. R. 2. 15 um raríssimo exemplar Hebraico de Isaias em folha com os Comentários marginaes de R. David Kimchi, o qual não tinha ano, nem lugar de impressão; diz porém, que pelo carácter lhe parecera ser a mesma edição Ulissiponense de Isaias e Jeremias de 1492 que tinha Rossi, ou antes por ventura a mesma Ulissiponense de 1490 que o mesmo Rossi havia visto. Assim o atesta no *Suplemento* sobre a *Dissertação Geral ao Testamento Velho* de Kennicott § 172 pág. 557 e 558. Com esta edição comprova Rossi as Lições do *Cod. Pontif. de Pio VI* ora Reinante, no cap. 49 vol. 21 de Jeremias, e no cap. 33 vol. 1 de Isaias, *Specimen Variar. Lection* pág. 52, 57).

Continua

Solenidades em 1957

Purim - 17 de Março
 Páscoa - 16 de Abril
 Shebuoth - 5 de Junho
 9 de Ab - 6 de Agosto
 Rosh Hashanah - 26 de Setembro
 Kipur - 5 de Outubro
 Sukoth - 10 de Outubro
 Hanukah - 18 de Dezembro

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN ROSH

הַלָּפִיד

*...alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (Ben-Rosh)
Redacção na Sinagoga Raadoorte Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA MENDONÇA
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.
PORTO

Os dez mandamentos para a frequência à Sinagoga

A propósito dos dez mandamentos; saiu publicado no boletim do «Monte Sinai Gongregation» de 14 de Maio, um artigo intitulado, «Os dez mandamentos para a frequência a Sinagoga», estes nos pareceram tão interessantes, abordando tão bem os problemas de todas as congregações judaicas que tomamos a liberdade de aqui traduzi-los para os nossos correligionários.

I—Eu sou a Sinagoga, a tua Congregação; a qual pode te levar das preocupações e trabalhos deste mundo, para a liberdade de espírito.

II—Não deves ter nenhum encontro ou compromisso antes de mim. Não deves dar-te a ti mesmo nenhuma pobre desculpa que te afaste de mim, mesmo que seja a chuva que vem do céu, ou a lama e a neve que fica nos pés, ou qualquer coisa que necessites atender à tua volta, porque Eu, a Sinagoga, não aceitarei desculpas que se dão por motivo de teatro, concerto ou qualquer outro compromisso.

III—Não deverás clamar em vão de que és um bom judeu mesmo sem frequentar a Sinagoga, porque a Sinagoga é o lar religioso da congregação, e tu com a tua família devem estar dentro deste lar.

IV—Lembra o Sábado e a hora marcada para o seu serviço; guarda-a sagradamente. Todo o resto da semana tens

para as outras cousas, mas a hora da oração do Sábado é para a Sinagoga unicamente. Neste dia não deverás estar ausente, nem tu, nem teu filho, nem tua filha. Mas deverás lembrar que chegar tarde, assim como sair antes de terminar o serviço religioso perturbará a devoção dos outros. Portanto deverás manter sempre o horário.

V—Honra a Sinagoga no ambiente da sua devoção e na beleza da sua grandeza.

VI—Não matarás o entusiasmo dos outros pela sua Sinagoga.

VII—Não adulterarás a tua devoção com pequenos cochichos ou conversações vãs.

VIII—Não roubarás as douradas oportunidades que repousam nas mãos do teu irmão, desencorajando, aqueles que estão ansiosos para lutar pelo futuro do judaísmo.

IX—Não falsificarás a verdadeira filantropia da religião com o teu procedimento para com o estrangeiro da tua Sinagoga.

X—Não desejarás serviços religiosos muito curtos. Não desejarás os sermões pregados em outros cultos. Ama a tua própria Sinagoga e respeita-a com veneração, dentro do seu próprio ambiente.

Do «Boletim» da União Israelita de ajuda aos necessitados — Rio de Janeiro.

FASTOS DOUTROS TEMPOS

por ROCHA MARTINS

Os judeus Vila Real e Disraeli

André Maurois, biógrafo de Benjamim Disraeli, que foi o grande ministro da rainha Vitória, filia a família judaica do político notabilíssimo nos Vila Real.

Em Inglaterra, a Reforma, pela leitura da Bíblia, fazia nascer uma curiosidade quase simpática. Os puritanos tomavam nomes hebraicos e buscavam as tribos perdidas. Em 164, uma petição para o regresso do povo de Israel foi apresentada por «lord» Farfaix. Cromvell mostrou-se favorável; Carlos II confirmou a decisão. Assim se reconstituía, em Londres, no fim do século XVII, uma comunidade, pouco numerosa, de judeus portugueses e espanhóis. Muitas das suas famílias, os Vila Real, os Medina, os Lara, foram enobrecidos no tempo dos reis sarracenos e desprezavam os judeus polacos e lituanos, que o levantamento dos cossacos faria ainda afluir para o Oeste, e recusavam admitir nas suas sinagogas tão grosseiros personagens.

Em 1748, esta sociedade judaica de Londres viu chegar um jovem italiano, Benjamim Israel, ou de Israeli, que sendo natural do centro de Ferrara, tinha ido, primeiro, procurar fortuna a Veneza mas julgara poder alcançá-la, melhor num país mais novo e próspero. Foram difíceis os seus princípios. Especulou, perdeu; pareceu arruinado, mas tinha esposado em segundas núpcias, uma mulher que lhe traria o sangue dos Vila Real e um dote conveniente. Entrou no «Stock Exchange» e fez uma bela fortuna.

Quem eram esses Vila Real, que tanta importância tinham na comunidade israelita de Inglaterra, como os Medina e os Lara? Em 1608, nasceu, em Lisboa, Manuel Fernandes Vila Real, antepassado daquela família que se ligaria ao

italiano Disraeli, um século depois. Era filho de Francisco Fernandes Vila Real e de sua mulher Violante Dias, ambos de Vila Real de Trás-os-Montes, onde também tinham nascido seus avós paternos, Manuel Fernandes e Grácia Garcia Fanqueiros, na chamada Fancaria de Cima, levantaram cabeça naquele comércio até que tomaram os Terços do piorado do Crato. Manuel Fernandes Vila Real esteve em Tânger, com o governador D. Jorge de Mascarenhas, depois de se ter dedicado ao comércio que não deixou de fazer com a mourama; voltou às Terças do Crato; passou a corrector dos reais de Lisboa; meteu-se em negócios de trigo de que carregou navios e, sempre ousado e de bons lances, andou a negociar em Sevilha, Madrid e Malaga, até 1638, em que se mudou para a França. Chegou a Ruão em 1638 e adquiriu um barco que teve de ser arranjado no que levou até ao ano seguinte. Entraram como sócios na empresa os Moraes, do Porto: João Rodrigues e Manuel Fernandes.

Durante o período que esteve no Havre a tratar do navio, Vila Real ligou-se muito com o governador Fortecuyer, que o recomendou a Richelieu. O grande ministro recebeu-o, várias vezes; conversou com ele acerca das causas de Portugal e em muita consideração o devia ter para lhe dar aquela importância. A política do cardeal era contrária à Espanha dos Austrias, considerados, por ele, maus vizinhos da França, e entrou em combinações com o judeu acerca de um possível levantamento como o da Catalunha.

A notícia da revolução do 1.º de Dezembro de 1640 produziu o seu enorme efeito no ânimo do estadista, dispondo-se a receber os embaixadores

de D. João IV. Por falsa indicação, Vila Real partiu para a Rochela, a fim de os receber, mas só chegariam mais tarde, em 1 de Março de 1641, tendo pedido ao israelita que os procurasse antes de entrarem na capital da França.

Eram eles o Monteiro-mor Francisco de Melo que tanto lutara para a Restauração e António Coelho de Carvalho. Foram acompanhados pelo Vila Real na primeira audiência que se realizou em Saint Germain pela Semana Santa. Conduziria o bispo de Lamego junto do rei da França. O denodado D. Miguel de Portugal, o antiste nomeado embaixador em Roma, sentiu tanto a influência de Vila Real que ficou muito admirado ao saber que desejava voltar para o reino. Acompanhava o prelado o famoso Pantaleão Rodrigues de Sá, depois bispo de Elvas.

Não deixou a capital francesa naquela data o arteiro, subtil e talentoso Manuel Fernandes Vila Real. Representou, officiosamente, Portugal, até à chegada do embaixador conde da Vidigueira, quando pensava seguir a corte até Perpinhão no seu cargo diplomático.

Findos os trabalhos políticos, instalou-se em Ruão com sua mulher. Aparecera o livro de Caramuel contrário à Restauração e o embaixador pediu ao agente português que respondesse ao ousado atacante das direitas de D. João IV. Foi publicada em 1643 a obra de Vila Real: «Ante Caramuel ó defense del manifiesto del Reyno de Portugal que escrevio Juan Caramuel Lobkowistz». Deveu-se-lhe, também, a melhor e mais assídua colaboração nos livros intitutados: «Mercure Portugais ou Relations Politiques de la fameux revolution d'Stat arrivee en Portugal depuis la mort de D. Sebastien Junqu'au commencement de Jean IV ó present regnant».

Escrevia tão bem na língua francesa, como em espanhol e em latim e italiano. A sua obra foi dedicada à defesa da Restauração em assinalados serviços. Quando pensou em publicar livros de outro género, recaíram sobre eles as censuras inquisitoriais como sucedeu com «El político Christianissimo»,

Confiado na sua acção no estran-

geiro no que lidara para bem do seu país e do seu novo rei, Manuel Fernandes Vila Real dirigiu-se para Lisboa julgando ser bem recebido. No dia 6 de Abril de 1649, chamaram-no a Mesa da Inquisição; ouviram-no acerca dos tantos censurados, deixaram-no em liberdade, mas frei Inácio Galvão, um dos censores, declarou ser preciso proceder contra o autor da obra incriminada. Achava-se muito «ajudaizada». Não havia mais contemplanções. O escritor caíra nas garras dos dominicanos. Acusaram-no de introduzir no reino livros proibidos e, desde logo, entrou no cárcere da penitência. Começou a sua desgraça no dia 30 de Outubro de 1649. Acusavam-no de sectário da lei de Moisés, como se provava pelo comércio feito com israelitas em Ruão e noutros pontos, onde além do trato do negócio, pois gozava de suas intimidades. O denunciante era um padre que ele não quizera servir na França e com o qual entrara em rivalidade. De causa alguma serviu a intervenção do conde da Vidigueira e de outros amigos. A sentença foi lavrada e Manuel Fernandes Vila Real, tido por hereje, cristão-novo, mas judaizante, subiu ao patíbulo e foi garrotado e queimado no auto-de-fé de 1 de Dezembro de 1652.

Celebrava-se o décimo segundo aniversário da Restauração de Portugal por cujo êxito tanto lidara, antes e depois da revolução. Os Vila Real ficaram na França, donde, naturalmente, passaram a Londres, e uma das descendentes da família presita foi a segunda mulher, de Benjamim de Israeli e avó do futuro grande ministro da rainha Vitória.

Do Comêrcio do Porto, 13-Abril-950.

Solenidades em 1958

Purim - 6 de Março
 Páscoa - 5 de Abril
 Shebuoth - 25 de Maio
 9 de Ab - 27 de Julho
 Rosh Hashanah - 15 de Setembro
 Kipur - 24 de Setembro
 Sukoth - 29 de Setembro
 Hanukah - 7 de Dezembro

GRANDEZAS E MISÉRIAS DE ISRAEL

por HANID ESTEIA

Agora que se tem falado tanto de Gaza, do golfo de Akaba e do pequeno Estado democrático que, no fervilhante e atrasado Médio Oriente, pretende progredir, sobreviver e ser livre, como qualquer outra nação civilizada, ainda que para isso tenha que pegar novamente em armas e lutar até à morte do seu último soldado, achamos oportuno lembrar o que tem sido o drama desse povo invencível, que tem sofrido todas as provas, desde a calúnia à fogueira, desde o insulto ao forno crematório, nos mais sangrentos e variados pogromos, na maior tragédia humana de que reza a História.

«Se no sofrimento há fileiras, Israel tem a precedência sobre as nações. Se a duração dos sofrimentos e a paciência com que são suportados enobrecem, os Judeus podem desafiar a aristocracia de todos os países». Estas palavras, de Leopold Zunz, que se referiam ao martírio dos judeus da Dispersão, após a queda de Jerusalém, no ano 70 da era cristã, continuam a poder aplicar-se ao heróico punhado de homens, sobreviventes da hecatombe nazi, que procuram denodadamente triunfar e vencer a injustiça e a hostilidade dos povos que os cercam e que não querem ainda reconhecer-lhes o sagrado direito de existência.

A formação do Estado de Israel, cuja independência foi proclamada em 15 de Maio de 1948, é um acontecimento assombroso, o facto mais admirável da nossa época.

Como se explica que um povo disperso por todo o mundo, sem um palmo de terra seu, errando de país para país, perseguido, incompreendido e, muitas vezes, barbaramente torturado, conseguisse manter tão grande união, tão sublime sentido de nacionalidade? Como é que uma nação destruída há dois mil anos, volta a ressurgir com todo o vigor, na mais perfeita coesão, apesar dos seus

filhos terem regressado dos quatro cantos da Terra, trazendo consigo as mais diferentes civilizações, os elementos mais diversos?

Todavia, é possível compreender como o povo hebreu manteve durante tantos séculos tão profundo amor à Pátria, se pegarmos na Bíblia e a lermos com atenção. Abrindo-a, ao acaso, encontramos estas palavras no cap. 30-3 do Deuterónimo: «O Senhor teu Deus te fará voltar do teu cativo e se compadecerá de ti e te reunirá de novo, tirando te do meio de todos os povos para onde antes te havia espalhado. Ainda que tenhas sido lançado para os polos do céu, daí te tirará o Senhor teu Deus e te trará à terra que teus pais possuíram e a possuirás e abençoando-te te multiplicará mais do que a teus pais».

Foi esta esperança no regresso à Terra Prometida por Deus a Abraão, a Isaac, a Jacob e a todos os seus descendentes, que fez com que o povo de Israel se conservasse unido, século após século, esperando pacientemente e lendo e relendo a sua Bíblia que, pelos factos históricos que narra e pelas constantes evocações das paisagens da Palestina, dos seus lugares sagrados, dos seus Patriarcas, dos seus Reis e dos seus Profetas, passou a ser, para os Judeus, a própria Pátria perdida.

E tão viva era a imagem dessa Pátria, tão grande a saudade que a sua lembrança provocava, em cada página bíblica, que por mais terríveis que fossem os sofrimentos e as perseguições, por mais infeliz que se sentisse, esse povo errante e mártir jamais aceitaria outra terra, que não fosse a Terra Prometida.

Por esse motivo recusou a oferta do território de Uganda, feita pela Grã-Bretanha em 1903, e preferiu continuar sem pátria, até que lhe fosse permitido recuperar a Palestina.

Muita gente pensou que essa recusa fora um erro. Para um povo torturado

e perseguido não seria preferível possuir a Uganda do que não possuir coisa alguma?

A verdade, porém, é que essa terra de África nada dizia aos corações judeus. Não era ali Jerusalém; não era dela que a Bíblia falava... Para quê aceitá-la? Israel continuaria sem pátria e continuaria a sonhar eternamente com a que Tito destruiu.

Para todos os sionistas (e haverá algum judeu que não seja sionista?) só a Palestina era ardentemente desejada e querida.

Teria sido, realmente, um erro essa recusa? A existência do jovem Estado de Israel é a resposta mais clara!

Os judeus sofreram, mas souberam esperar. A promessa bíblica cumpriu-se: de todos os pontos do mundo, os filhos dispersos de Israel voltaram. Os sonhos de Theodor Herzl, o criador do sionismo político, realizaram-se. Os laranjais tornaram a florir. A Primavera voltou às terras de Sião. Pode comemorar-se agora, com dobrada alegria, a festa da libertação, a festa nacional da Páscoa!

Como Herzl se sentiria orgulhoso e feliz se pudesse, por um instante só que fosse, contemplar a sua obra! Ver as cidades erguidas e os campos cultivados e admirar, enternecido, a redenção do seu povo!

Israel, porém, continua rodeado de inimigos. O sangue continua a correr e a Paz, tão desejada, é ainda um sonho longínquo para os judeus... De espingarda à cabeceira, homens e mulheres, têm que estar sempre alerta, defendendo, palmo a palmo, a pequenina terra que Deus lhes deu.

A batalha de Israel prossegue. A tragédia do povo eleito não está ainda completamente terminada...

Todos estes problemas angustiosos foram admiravelmente focados pelo erudito e ilustre português Dr. Augusto d'Esaguy, nos seus livros: «Grandezas e Misérias de Israel», «Europa 39», «Inglaterra 40», «Panorama de Israel na Europa» e «Nasceu um Estado, Israel».

É vasta e conhecida a obra do Dr. Augusto d'Esaguy, médico distintíssimo que à medicina tem dedicado grande parte do seu labor científico e literário.

Jornalista e escritor, duma actividade brilhante e incansável, não é, portanto, de estranhar que, durante a segunda Guerra Mundial e quando os judeus estavam a ser mais bárbaramente perseguidos, tivesse vindo enriquecer as letras portuguesas com mais estas obras que, no seu estilo emotivo e admirável, esclarecem e conduzem o leitor ao âmago do drama judaico.

Em «Grandezas e Misérias de Israel», o primeiro desta série, publicado em 1939, o leitor encontra, logo nas primeiras páginas, dedicadas a Theodor Herzl, a definição do que é o sionismo: «O sionismo é a doença da alma de Israel, a mais profunda de todas as paixões da alma de Israel. Todos os povos emigram na miragem do ouro; Israel emigra, desprezando o ouro, na miragem eterna de uma Pátria».

O diagnóstico do Dr. Augusto d'Esaguy é exacto. O sionismo «que significa o regresso dos judeus à Palestina» é, de facto, a doença da alma de um povo inteiro que, como nenhum outro, soube por dolorosa experiência o que era não ter pátria.

Perpassam depois, neste livro, as visões trágicas dos «ghettos, a injustiça e a crueldade do povo polaco, «dos estudantes polacos que noite alta, assaltam e destroem a vida e os haveres dos judeus, os cemitérios e os templos».

Aparecem rápidas, mas profundas análises à obra de Isaac L. Perez, escritor judeu polaco que «melhor do que ninguém compreendeu e sentiu a vida dos «ghettos», a miséria ancestral e a dor de Israel», e à obra de Scholem Aleichem, escritor igualmente polaco e igualmente admirável que, como Perez, escreveu os seus livros em «ydish», a língua do «ghetto», «a língua-dor, a língua-tragédia, a língua que melhor traduz a ansiedade do povo escolhido».

E referindo-se ainda à vida horrível dos judeus polacos: «Contemplei, com os meus olhos ocidentais, cheios de azul do mar, toda a tragédia de Israel; o negrume da noite; os lábios das crianças que não sabem e não podem rir; os velhos de olhos macerados pelo estudo e pelas noites de vigília; as mulheres em cujos rostos se adivinham os ecos

BENJAMIM, O MARANO

...Benjamim dava-lhe conselhos, mas não insistia muito. Tinha pena dele e, no fundo, quase lamentava nunca ter podido ser assim, nunca ter possuído aquela alegria vibrante, aquele desejo doido de viver o momento presente, sem pensar no futuro, nem no passado e sem se atormentar com coisa alguma:

Mesmo em casa do pai, nunca tinha sido assim, tão despreocupadamente feliz. Era vivo, era alegre, mas bem cedo começara também a conhecer a tristeza e a amargura. A educação fora bem a dor alheia...

Desde menino que ouvira a história triste do seu povo e que lhe povoavam os sonhos infantis os fantasmas horríveis dos «ghetos», das perseguições injustas, de toda a tragédia do Israel sem pátria, errando pelo mundo sempre com os olhos fitos na Terra Prometida, na «terra de Leite e Mel», caída sob o jugo estrangeiro, arrasada, destruída e pilhada.

Apesar de português ferrenho, de açoreano dedicado e sincero, eternamente saudoso da sua ilha e da sua casa, havia no coração de Benjamim um outro amor ainda, um outro sonho, uma outra saudade lendária, envolta numa bruma de tradição e mistério: a Palestina.

Esse amor em nada prejudicava o amor pátrio. Era totalmente diferente.

Benjamim amava os Açores, porque via a sua terra. Ali tinha nascido, ali tinha vivido, ali estava o seu lar, a sua família. Portugal era a sua pátria adorada e querida e a sua ilha um torrãozinho dessa Pátria.

Quando pensava na Palestina não sentia o mesmo que quando pensava nos Açores. Não, seria tão difícil explicar o que sentia, se tivesse que explicar!

Esse país perdido e distante, era um sonho. Era a Terra Sagrada onde Deus dera a Lei a Moisés, onde se erguera o Templo, onde tinham vivido os seus antepassados. A Palestina era a própria Bíblia, a Terra de Israel, a Terra Prometida.

Se lhe perguntassem: — Queres ir viver para lá?

Ele diria: — Não! Eu não deixaria a minha terra pela Palestina!

— Todavia, se lhe dissessem: — Tu serias capaz de dar a tua vida para que a Palestina fosse libertada e novamente entregue a Israel?

Benjamim não hesitaria e responderia imediatamente que sim.

Não desejava a antiga pátria perdida para si, porque era português e tinha

dos «pogromos», os traços da fome e da desventura, tatuagens que jamais desaparecem».

Apesar de nascido e criado em Portugal, sua Pátria adorada e querida, o coração sensível e generoso do Dr. Augusto d'Esaguy não podia ficar indiferente perante o sofrimento do seu povo.

Voluntariamente o ilustre escritor conheceu e conviveu de perto com centenas de refugiados polacos, romenos, húngaros, com toda «essa massa heterogénea» que, fugindo ao terror nazi, aqui passou por Lisboa «a caminho de outras terras, possuindo como único bem, o bilhete de passagem cedido por uma Associação de caridade». Sentiu-lhes o

drama, ouviu-lhes as queixas e enxugou-lhes as lágrimas, ajudando-os, incansavelmente, em tudo quanto pôde.

Talvez por isso, nestas páginas vibrantes, nós encontramos a cada passo a mágoa, a dor e a revolta por todas as injustiças cometidas.

Em «Europa 39» e «Inglaterra 40» o Dr. Augusto d'Esaguy continua a fazer passar diante dos nossos olhos, com um realismo admirável, a trágica odisseia dos judeus que, nos países invadidos pela Alemanha, foram sendo sistematicamente massacrados, espoliados, fuzilados sem julgamento ou condenados aos maiores horrores nos campos de concentração nazis.

(Continua).

pátria; desejava-a para aqueles que a não tinham, para os que eram expulsos daqui e dali, para os que rolavam pelo mundo sem que lhes fosse permitido fixar-se para sempre em qualquer lado, como seres malditos e indesejáveis.

Sempre que havia perseguições, injustiças, crueldades, Benjamim pensava na Palestina. Se ela voltasse a ser a terra de Israel nada daquilo aconteceria. Os judeus teriam para onde fugir, onde se recolher, onde se abrigar. Assim, quando a terra onde nasciam os repelia, quando a pátria os expulsava, eles viam-se completamente sós, abandonados, perdidos num mundo enorme, num mundo imenso onde, por desgraça, nunca cabiam, onde nunca havia um sítio em que os deixassem definitivamente em paz.

A Palestina não fazia falta aos judeus felizes, que viviam integrados nos países, países cultos e civilizados que os não perseguiam, mas era absolutamente precisa para os outros desgraçados, a quem fora sugado o direito de possuir um lar e uma pátria, para aqueles que nada tinham, os que sofriam é que precisavam que houvesse, no mundo, um verdadeiro «lar judaico», um lar que recolhesse todos os infelizes, todos os expatriados e de onde nunca-ninguém pudesse tornar a expulsá-los.

Era este sonho que vivia em todos os corações judeus, era este amor à Terra Prometida que crescia com eles, desde o berço, ao lado do amor pátrio.

Nenhum judeu queria, de livre vontade, deixar para sempre o país em que tinha nascido. Só à força de lá o arrancavam, mas todos gostariam que a Palestina fosse livre e os pudesse receber quando, por fatalidade, se vissem perseguidos e repelidos pelos seus irmãos de nacionalidade.

Era este um problema milenário, em que Benjamim também pensava muitas e muitas vezes, mas sabia que nem sempre aqueles que não eram judeus o compreenderiam.

Quantas vezes não eram acusados de traidores e de antipatriotas? Todavia, em todas as épocas, sempre que houvera guerra, os judeus tinham defendido heróicamente seu país, a sua pátria,

com tanto entusiasmo, com tanto ardor e tanto sacrifício como os outros.

Morriam, de armas na mão, defendendo até ao último instante a terra onde tinham nascido e que lhes dera abrigo e nacionalidade. Mas, depois, tudo isto era esquecido e as acusações injustas tornavam a cair trágicamente sobre eles...

Eram todas estas coisas dolorosas e amargas que davam uma vaga tristeza às almas dos meninos judeus, que cresciam entre os outros, ao lado dos outros sem, contudo, terem a sua alegria, a sua despreocupação, a sua felicidade.

E essa tristeza mantinha-se pela vida fora.

Já homem, Benjamim lutava contra ela. Tinha razão, agora, de ser feliz e esforçava-se por afastar de si todas as recordações penosas.

Queria convencer-se de que, desde que casara com Cassilda, deixara completamente de estar ligado ao seu povo. Para salvar a sua felicidade ele precisava de esquecer o passado e viver uma vida nova. Mas não conseguia... Cassilda dissera que ele estava a enganá-la, há um ano. Não! Não estava! Estava, simplesmente a tentar enganar-se a si próprio. Amava Cassilda e queria ser feliz junto dela. Sacrificara-lhe tudo. Atraíra-a a si e aos seus. Procurava desesperadamente, encontrar a felicidade, mas as palavras da mulher tinham-no, de repente, despertado.

Ficara ofendido e triste, porém reconhecia que ela tinha razão. Apesar de se ter baptizado, não era não podia ser cristão. Pensava e sentia como antigamente, nada se modificara e chegava a esta conclusão com a mais profunda máguia.

Queria reagir e afastar para bem longe todos aqueles problemas. Revoltava-se. Era jovem e tinha o direito de amar e ser feliz... Contudo, sentia que arrastava atrás de si dois mil anos de sofrimento, de que não seria fácil desembaraçar-se. Eram grilhetas demasiadamente pesadas para que pudesse quebrá-las e libertar-se completamente. Estava preso ao seu povo, amava-o e jamais conseguia abandoná-lo...

(Exerpto do romance inédito «Encruelhad» de Hanid Es-tela) — 1957.

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portuguezes desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 154)

III Edição — Parece haver-se feito terceira edição em 1497 (Dizem ser em fol. com os Comentários de Kimchi; dela falam Le Long, Mattaire, e Wolfio, sem contudo a descreverem; Rossi também fala dela na *Origem da Tipografia Hebraica* cap. VI pág. 58 mas confessa não ter visto nenhum exemplar).

Duas edições dos Provérbios — **I Edição** — Também se imprimiram os Provérbios duas vezes. A primeira foi com os Comentários de Sirson e de Meir em Lisboa no ano de 1492, em que se havia feito a segunda edição de Isaías e de Jeremias. É em fôlha e os seus exemplares também são muito raros. (Esta edição é deste ano e não de 1497 como escreveram alguns Bibliógrafos, o que adverte Rossi no *Aparato Hebreu Bíblico* pág. 55 e deve corrigir-se Masch na *Biblioteca Sacr.*, onde diz, que o Comentário de Mevi fora pela primeira vez impresso em Amsterdão em 1724.

Da novidade desta edição fala Rossi não só nas obras acima citadas, mas também no tom. I *das Várias Edições do Testamento Velho em Edição do Texto Sagrado que se hão-de acrescentar à sua Biblioteca* p. c. II n.º 192.

Havia um exemplar na Biblioteca pública de Mântua, que consultou Bruns, e o houve depois a si o mesmo Rossi, como ele diz na *Origem da Tipografia Hebraica* pág. 57, e no *Apêndice à Biblioteca Masch*. Havia outro na *Biblioteca de Oppenheimer* de que fala Wolpio tomo II da *Bibl. Hebr.* pág. 409 e com efeito dele se fez menção no

Catálogo da dita *Biblioteca* publicado em Hamburgo em 4.º pág. 50 onde todavia vem errado o ano e o lugar da sua impressão, como votou o mesmo Rossi no *Aparato à Bibl. Hebr.* pág. 56).

II Edição — A segunda parece ter sido feita no mesmo ano de 1492 com o Comentário chamado Kavenaki em fôlho menor (Esta edição é mui pouco conhecida. Rossi é o único, que a descreve, e ilustra no seu *Opúsculo das Edições Desconhecidas do Texto Hebr.* cap. III pág. 7 e a ela se refere no *Aparato Hebreu Bíblico* pág. 56 dela faz também menção nas *Várias Lições do Testamento Velho* vol. I entre as *edições Bíblicas que se devem acrescentar à sua Biblioteca* p. II n. 193. Consta de 60 folhas e começa pela Prefação do Interprete). Esta edição não traz ano, em lugar da impressão. O Sábio Rossi julga ser feita em Lisboa pelos anos de 1492. O carácter do Texto é quadrado, com pontos e é o mesmo, que o do Pentateuco Ulissipanense de Isaías e Jeremias de 1492 o carácter da Preparação, e dos Comentários é Rabinico da inflexão e forma Hispânica. (Rossi tem dois exemplares completos, como ele diz na obra das *Antiquíssimas Edições Desconhecidas* cap. 3 pág. 7. Há um na Biblioteca Casanatense e outro na Biblioteca do Colégio de Propaganda. Por esta edição, parece, se fez a edição dos Provérbios de Tessalónica de 1522 de que Rossi tem um exemplar, e de que também há outro na Biblioteca Casanatense).

(Continua)

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הלפיד

*...alumia-vos
e aponta-vos o
caminho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PORTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPOGRAFIA MENDONÇA
Rua Jorge Viterbo Ferreira, 12-2.º
PORTO

A mulher, na tradição judaica

Um dos maiores erros divulgados, até entre os judeus, é de que a nossa religião não soube elevar a mulher do nível secundário em que se achava no meio da antiguidade pagã. É também erro julgar que foi preciso sobrevir o cristianismo para que a mulher fosse colocada num plano mais elevado no conceito social.

Abramos a Bíblia. Que lemos num dos primeiros capítulos deste venerável livro?

«Por tanto deixa o homem a seu pai e a sua mãe e se unc a sua mulher; e são uma só carne.»

Genesis II, 24

Aonde se acha pois essa desigualdade de condições de que fazem alarde os detratores do judaísmo?

Vemos também mais adiante; o Senhor diz a Abraham quando este hesita em despedir a Agar e Ismael:

«Em tudo o que Sarah te diz, ouve a sua voz»

Genesis XXI, 12,

Enfim, a nossa história antiga está cheia de mulheres de grande valor, como Deborah, Esther, Ana, etc.

Mais recentemente vemos no Talmud os seguintes aforismos sobre a mulher:

«A—Se a tua mulher é pequena, abaixa-te para lhe falar.

«B—Deus deu à mulher mais inteligência que ao homem.

«C—Honra tua mulher acima de tudo, porque é por causa dela que a bênção entra no teu lar.

«D—Quando a mulher chora durante a noite, as estrelas do céu choram com ela.»

A mulher judia tem a missão de estender a sua solicitude entre a grande família dos infelizes, sejam eles de qualquer culto; de ajudar o marido a seguir o caminho da justiça, de educar os seus filhos dentro dos sentimentos da honra, e de procurar com leveza minorar as dores que só Deus saberá curar.

O Candeeiro de Hanukáh

CONTOS EM PAPEL

Conta-nos a História que Antíoco Epifânio, rei da Síria, oprimia cruelmente os Judeus, obrigando-os a adorar ídolos.

Muitos morreram, em defesa da ídela monoteísta, até que Matatias e os seus cinco filhos, cognominados os Macabeus (166 a. C), organizaram a revolta e lutaram corajosamente contra os sírios.

Judas Macabeu, o héroi mais notável desta família, venceu os invasores e entrando em Jerusalém restaurou e purificou o Templo, onde voltou a arder o candeeiro sagrado.

Desde então, o povo Hebreu ficou a comemorar festivamente a Restauração (Hanukáh) da sua pátria e, embora mais tarde disperso pelo Mundo, continuou sempre a celebrar essa data, acendendo em todos os lares o simbólico candeeiro.

É sobre essa tradição hebraica o conto que ides ler.

Rodeada de sacos, de malas, de cestos e embrulhos de todos os tamanhos e feitios, Raquel procurava desesperadamente qualquer coisa que não aparecia.

De súbito, ergeu-se e, olhando desolada para o resto das coisas amontoadas a um canto da casa, exclamou:

— Não o encontro, Jacob! Não sei onde o meti! Já revolvi tudo, já fiz e desfiz não sei quantas vezes todos os embrulhos, já rebusquei dentro de todas as malas, já despejei todos os sacos e não consigo encontrá-lo! — deixou cair os braços, desanimada. Uma ruga de preocupação sulcava-lhe a fronte, outrora bela e lisa. Depois balbucionou, quase numa queixa:

— Mas eu tenho a certeza de que o trouxe! Não o deixei lá! Veio comigo, sim, lembro-me perfeitamente.

— Mas, se veio, onde está? — perguntou o marido, impaciente.

Ela fez um gesto largo, como se apontasse a imensidão do mundo:

— Para aí, escondido dentro de alguma coisa... Como posso eu ver tudo agora, de repente?

Uma criança agarrou-lhe a saia:

— Mãe...

— Que queres? Não vês que não tenho tempo para te dar atenção? Vai brincar com os teus irmãos. Deixa-me!

Tornou a curvar-se e começou a tirar roupa, de dentro duma mala. Entre a roupa havia loiça e objectos diversos: sapatos de criança, livros, caixas. Nada estava acomodado. Via-se nitidamente que tudo ali fora metido de roldão.

Voltou a erguer-se e estendeu ao marido um rolinho de papel:

— Vês? As torcidas estão aqui...

— Pois é, mas para que servem se não aparece o candeeiro? Por que o não arrumaste de maneira que soubesses dele?

— Ó meu Deus! Como queres tu que, no meio desta confusão, eu saiba de todas as coisas que são precisas? Já encontrei os pratos, o fogareiro, os fósforos, o azeite...

A criança tornou a puxar-lhe a saia:

— Mãe, quero pão...

— Ó filho, deixa-me! É quase noite...

Preciso do candeeiro...

— Está ali! — gritou uma vizinha alegremente.

— Não é aquele! o que eu procuro é o candeeiro de Hanukáh.

— A mãe trouxe-o. Eu vi embrulhá-lo...

— E reparaste onde o meti?

O menino olhou para os volumes, esforçando-se por se lembrar.

— Não viste onde foi?

— Parece-me que foi naquele cesto...

Raquel, já cansada, ajoelhou-se no chão. Abriu o cesto e tirou tudo para fora:

— Não está cá. Vê se te lembras, Abraão!

A criança voltou a fitar os embrulhos:

— Talvez fosse naquela mala...

A mãe abriu a mala mas tornou a fechá-la:

— Não foi, não. Eu já procurei aqui.

— Então, não sei.

— Mas hoje é a festa de Hanukáh e temos de acender o candeeiro! Nem um mendigo pode deixar de acendê-lo! É preciso encontrá-lo! — exclamou o marido, quase zangado — Que mulher és tu, que não sabes de nada?

Raquel curvou a cabeça, onde os cabelos brancos começavam já a multiplicar-se. O seu rosto magro e precocemente envelhecido, em nada se poderia comparar com o daquela outra Raquel por quem, séculos antes, Jacob tão apaixonadamente servira.

— Logo é que chegámos... Se tivéssemos festejado primeiro a Hanukáh... — murmurou baixinho.

Ele encolheu os ombros, num gesto brusco:

— Bem sabes que não era possível. — viu o «ghetto» de onde haviam fugido — Ou hoje ou nunca! Nem sempre se encontra quem nos queira ajudar...

A mulher recomeçou a desfazer embrulhos. Sobre os seus ombros curvados, pesava naquele momento toda a miséria passada, toda a angústia sofrida... Talvez agora, naquela nova terra, a sua vida se modificasse e fossem felizes... Diziam que aquele povo era melhor, mais tolerante... Talvez se acabassem as humilhações e as injustiças... Joshua afirmara-lhes que valia a pena tentar e oferecera-se para os conduzir. Arranjara-lhes casa e prometera, também, um emprego melhor para o marido... As crianças poderiam ir à escola, com as outras... Deixariam de viver isolados, emparedados no «ghetto», como até ali...

As suas mãos continuavam a revolver coisas, os braços cansados doíam e pediam repouso, mas o espírito inquieto e iluminado por uma leve esperança, pairava longe.

Recordou-se dos outros anos, das outras festas de Hanukáh. Apesar da miséria em que viviam, sempre tinham acendido o candeeiro, depois do sol posto, e sempre a alegria enchera as suas almas ao comemorar as vitórias dos Macabeus, a libertação de Israel e a restauração do Templo.

As luzes festivas de Hanukáh todos os anos avivam a esperança, a fé inabalável do povo hebreu no seu regresso

à patria distante, que jazia subjugada por estrangeiros como outrora, no tempo dos Macabeus, sob o poder de Antíoco Epifânio.

Quando pensava no martírio de Hannah e de seus sete filhos, há tantos séculos, Raquel recordava também os «pogroms», as perseguições a que já assistira. Lembrava-se dos pais, sacrificados em defesa da sua fé; lembrava-se das coisas horríveis que tinha visto e, momentâneamente entristecia. Olhava, porém, para o candeeiro iluminado. Não tornariam a aparecer novos Macabeus capazes de lutar pela libertação do seu povo? Sim! Embora mais doloroso e mais prolongado, o cativo que os oprimia não seria eterno. Algum dia a história de Hanukáh se repetiria!

E as luzes acendiam-se em todas as casas, comemorando o milagre e a vitória do passado, com os olhos postos no futuro e no destino do povo escolhido.

Todavia, naquele ano, as luzes não se acenderiam... Raquel sentia o coração confrangido, como se toda a sua alma estivesse de luto, Como era possível que o candeeiro de Hanukáh tivesse desaparecido? Onde estaria? Iria nalgum embrulho, perdido pelo caminho?

Mudos, tristes, os filhos e o marido esperavam. Raquel pegou no mais pequenino que, novamente, se lhe agarrara à saia. Beijou-o, com os olhos enevoados de lágrimas:

— Espera, meu filho, espera... — mas a criança, escondendo a cabeça no seu colo, murmurou;

— Tenho fome...

Desesperada, a mãe foi buscar pão e reparou em todos os olhos ávidos que a seguiam:

— Não posso! Não posso procurar mais o candeeiro!

Do outro canto da casa surgiu então David, o filho mais velho:

— Mãe, eu tenho aqui um...

— Deixa ver!

David aproximou-se e entregou-lhe um candeeiro de folha, ferrugento e velho.

— Não é esse! — exclamou a mãe, desolada — Era o novo, de metal, que eu queria!

GRANDEZAS E MISÉRIAS DE ISRAEL

por HANID ESTELA

(Continuação do n.º 155)

Nem as crianças escaparam ao ódio vil dos homens. Só num mês, a cidade de Frankfurt viu morrer duzentas e cinquenta crianças, porque foi proibido o fornecimento de leite às mães judias!

Todavia, quando um povo tem a consciência do motivo por que ainda existe no mundo, «quando uma raça tem e é portadora de missão tão alta e poderosa, os ataques por mais violentos que eles pareçam são insignificantes, não atingem, não podem atingir o seu fim, esbarram todos de encontro à certeza talmúdica, mais forte que o tempo, mais resistente do que a vida».

Encontramos ainda, nestas obras, interessantíssimos estudos sobre a vida inglesa, sobre Londres, Anthony Eden, Winston Churchill e sobre a França, a França da resistência, a «França eterna».

«A França está sempre no fundo da minha consciência ou do meu coração. Os meus olhos portugueses quando não fixam Portugal sonham com Paris»... «Amo a França e o meu coração de latino está «quelque part en France» ao lado dos bravos soldados franceses em

guerra contra o nazi-comunismo de Hitler e Estaline».

«Inglaterra 40» dá-nos outra série de estudos sobre a Grã-Bretanha e a França, durante a Guerra, e termina com algumas apreciações à «poesia trágica de Morris Rosenfeld».

Através desta biografia, admiravelmente traçada, tomamos conhecimento com o poeta judeu, nascido na Polónia russa, que bem cedo se viu forçado a deixar a sua pátria, em 1882, fugindo aos «pogromos», às perseguições dos seus compatriotas não judeus.

Errando de país para país, sentindo duramente a tragédia da emigração, conhece todos os ofícios e todas as misérias: «na Alemanha austera de Bismarck, experimenta o ofício de tipógrafo; na Holanda, vizinho dos judeus portugueses, o de lapidador de pedras preciosas; na América todos os ofícios que lhe podem fornecer o pão de cada dia. Espera-o a miséria em todos os pontos da terra».

Desiludido, acaba por voltar à Europa. «Londres ensina-lhe um novo ofício: o de cortador de fatos para os seus

O pequeno mirou o candeeiro. A mãe deitara-o fora, quando comprara o outro, e ele, guardara-o, junto com os seus brinquedos. Limpou-o, carinhosamente. Raspou a ferrugem, endireitou os bicos amolgados e untou-o com óleo.

— Mãe, ele não está tão velho como julgas. Tapei o buraco que entornava o azeite...

O pai examinou-o:

— É verdade, Raquel. O candeeiro está arranjado e pode servir perfeitamente. Não procures mais o outro!

Passou a mão, como por acaso, sobre a cabeça de David. Depois, preparou as torcidas, deitou o azeite e acendeu

a primeira luz, dizendo as habituais bênçãos.

Todos se tinham agrupado em volta do candeeirinho. David estava vermelho e, pela primeira vez, longe dos irmãos que batiam palmas, dançavam e cantavam com irreprimível alegria.

E quando a chamazinha trémula brilhou firmemente, a mãe sorriu-lhe e contemplou comovida o velho candeeiro abandonado que voltava a erguer nos seus braços a Esperança, a Esperança eterna de Hanukáh!

18-12-1957

HANID ESTELA

correligionários pobres. Rosenfeld cose fatos e passa fome, a fome de Londres, a mais negra de todas».

Todavia, apesar de se ter tornado no verdadeiro tipo de judeu errante, o seu talento não sucumbe. Pela análise profunda e humana que o Dr. Augusto d'Esaguy consegue fazer à alma do poeta, sentimos como devem ser realmente maravilhosas as suas poesias, ora revoltadas, ora saudosas, tristes, desesperadas, reflectindo a sua dor, a dor eterna, o fatal destino do povo judeu «portador duma mensagem que os outros não compreendem, aos tombos de país para país, saudoso da pequena aldeia que o viu nascer» naquela Polónia que era a sua pátria-mãe, mas que como filho o não considerava.

A compreensão, a terna piedade que ressalta desta biografia, comunica-se-nos. Pobre poeta do «ghetto» polaco!

As suas poesias ficarão para todo o sempre, juntas a muitas outras, como documentos vivos do drama judaico.

Em 1942, o Dr. Augusto d'Esaguy, em «Panorama de Israel na Europa», mostra-nos, com a sua prosa precisa e profundamente humana, novas imagens do que foi essa hecatombe fantástica em que perderam a vida seis milhões de judeus. E nestas páginas, de amarga revolta, o seu autor viu-se obrigado a dizer mal da França que tanto amava, da França eterna que, ao lado de Portugal, trazia sempre na sua alma.

«A França, contaminada pela traição e pela anarquia, vendida à propaganda alemã, como o provou Henri de Kerillis, perdeu a guerra contra os alemães e, dirigida pelo senil Petain, ganhou a guerra contra os judeus e os judeus refugiados.

«Dói-me escrever sobre a França. Não é justo bater nos vencidos quando os vencidos não segredam ao vencedor, a troco de gorjetas e favores pessoais, os nomes das suas próprias vítimas. Nenhum outro povo desceu a escada da amargura com tão pouca dignidade e aprumo moral».

«Ainda os alemães, entretidos a pilhar a França e a remover para a Alemanha tudo quanto viam e alcançavam, não tinham planeado o incêndio das Sina-

gogas, Vichy, macabra capital da França livre, dinamitava apressadamente as suas. Incendiava as Sinagogas e mandava assassinar Dormoy; incendiava as Sinagogas e entregava à Gestapo os principais refugiados alemães, sabendo que a morte os espreitava. Petain? Laval? Darlan? Quem são os responsáveis de mais este crime? Napoleão criou a Legião de Honra. Petain a Legião da Desonra».

Palavras amargas, de verdade cruel, proferidas num momento de profunda dor.

A guerra passou. A França atraçoada e vendida voltou a ser livre e, na actual questão de Gaza, tem estado agora ao lado de Israel. Cremos, também, que voltou novamente a estar, ao lado de Portugal, no coração do Dr. Augusto d'Esaguy...

«Nasceu um Estado: Israel» é o último desta série de livros que acabamos de ler, sobre os trágicos problemas do povo judeu. Publicado em 1950, nele encontramos, maravilhosamente descrita, a história da criação do pequeno Estado, que hoje enfileira galhardamente ao lado das Democracias.

Perpassam nesta obra, não só a satisfação da vitória, a emocionada alegria pela realização do sonho, do anseio milenário de um povo, mas também as amargas recordações das vicissitudes, das angústias, das incertezas, desde a publicação de «O Estado Judaico» de Herzl e do primeiro congresso sionista, realizado na Suíça em 1897, até à conquista final da Independência.

Estamos ainda sob a influência da leitura destes livros admiráveis, que nos contam a luta, a dor e o esforço gigantesco do povo hebreu na reconquista da sua Pátria, na reconquista e transformação do próprio solo, árido e abandonado, e para fechar este artigo tornamos nossas as palavras do seu ilustre autor:

«O martírio e o sofrimento dos Judeus venceram o deserto bíblico. Desfez-se para sempre o negrume milenário da noite do deserto. A terra respondeu! A alma do homem confundiu-se com a seiva, desceu ao húmus. O sonho de Theodor Herzl tornou-se realidade!»

António José da Silva (o Judeu)

António José da Silva, filho do advogado João Mendes da Silva e de Lourença Coutinho, nasceu em 1705, no Brasil, então colónia portuguesa.

Formou-se em direito, em 1726, na Universidade de Coimbra. Desde muito novo, porém, revelou grande vocação literária e a sua primeira peça teatral «História do Grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança» foi representada no teatro do Bairro Alto, em 1733, com extraordinário êxito.

Seguiram-se «Esopaida» e «Encantos de Medeia» que em 1735 obtiveram, igualmente, grande sucesso.

Em 1736 representaram-se mais duas peças suas: «Anfitrião» e «Labirinto de Creta», com idêntico triunfo.

No carnaval de 1737 apareceu uma nova peça ou ópera joco-séria, intitulada «Guerras do Alecrim e Mangerona» que, como as anteriores, foi delirantemente aplaudida.

Escreveu ainda «Variedades de Proteu» e «Precipício de Faetonte».

As suas peças eram tão engraçadas que toda a gente corria ao Bairro Alto, para não perder as «óperas do judeu», como então lhes chamavam.

E tão viva e imorredeira era essa graça que duzentos e vinte anos depois, torna a ressurgir das cinzas do passado com o reaparecimento de «Guerras do Alecrim e Mangerona», no Trindade, pelo Teatro Experimental do Porto.

O público de Lisboa encheu o teatro, riu-se e aplaudiu novamente a obra de António José da Silva, «primo carnal de Goldoni e de Molière, tão bom como Sheridan ou como Marivaux», no dizer de António Pedro, o artista que criou o Teatro Experimental do Porto e que tirou agora do esquecimento esta engraçadíssima peça, prestando assim justa homenagem ao seu autor.

Só foi pena que um doloroso pensamento não nos tivesse deixado gozar, plenamente, a beleza e a alegria do espectáculo.

Enquanto o público aplaudia com

entusiasmo e se ria com verdadeiro prazer, enlutava-nos a alma a lembrança triste de que António José da Silva foi queimado na fogueira do Santo Ofício, no dia 18 de Agosto de 1739, apenas com trinta e quatro anos de idade!

Custa-nos a acreditar que, naqueles tenebrosos tempos em que existiu a Inquisição em Portugal, os homens fossem capazes de cometer tão monstruoso crime. A nossa consciência revolta-se, o nosso coração confrange-se só de pensar que aquele mesmo povo, que enchia o teatro e para quem António José escrevia, assistiu impassível à sua horrorosa morte, sem um protesto, sem um grito de indignação e de dor!

Todas as atrocidades, praticadas pelo Santo Ofício, nos causam pavor, mas mais ainda quando a pessoa atingida era um talento como o malogrado autor de «Guerras do Alecrim e Mangerona». A sua morte não foi somente uma perda irremediável para a sua família e para os seus amigos: foi também um rude golpe para o teatro português.

Com o desaparecimento de António José da Silva, a Pátria ficou roubada no seu património artístico. Portugal não pode guardar todos os tesouros que aquela inteligência brilhante lhe teria oferecido, se os algozes lhe tivessem dado tempo de acabar a sua obra.

Se, tendo sido morto tão jovem, nos deixamos ainda as peças a que acima nos referimos, quanto não teria ele enriquecido o nosso teatro se tivesse vivido a sua vida até ao fim?

E surge-nos outra interrogação, igualmente dolorosa: de que crime foi acusado este homem cheio de talento? A sua origem judaica.

De nada lhe valeu ser baptizado e filho de baptizados. A Inquisição também não poupava os cristãos-novos e bastava esse facto para que o Santo Ofício o vigiasse constantemente, procurando descobrir, na sua obra e nas suas sátiras, intenções que ele não teve e interpretando as suas palavras como

A MULHER JUDIA

Pelo hábito de convívio em países Arabes, a mulher judia relegou-se a um plano de inferioridade que não lhe cabe.

Vejamos os exemplos da nossa história:

Quando Sara pede a Abraão, que mande a escrava embora, e ele fica indeciso, Deus lhe diz: «Não te seja isso duro por causa do moço e por causa de tua escrava, em tudo o que Sara te diz ouve a sua voz.»

Rebeca intercedeu para que a bênção do primogênito fosse dada a Jacó, porque sabia que era o filho mais indicado para seguir a tradição. Apesar de Isaque ficar supreso mais tarde, não se revoltou, porque estava ciente que Jacó continuaria a tradição.

Ziporá a esposa de Moisés, circumdrou seus filhos, para que a maldição do Senhor não caísse sobre eles.

Miriam a irmã de Moisés era considerada profetisa e tomava parte activa na orientação do povo.

Deborá, a juíza, quando mandou chamar Barak para atacar os exércitos inimigos que não os deixavam permanecer em Canaã, Barak disse-lhe: «Se vieres comigo irei mas se não vieres comigo não irei». Respondeu Debora: «Certamente irei contigo». Ordenou-lhe o momento de fazer o ataque por inspiração divina e ganharam a batalha.

Em muitas outras passagens da Bíblia encontram-se mulheres tomando parte activa quer na vida familiar quer na vida política.

Nos provérbios de Salomão encontramos «Ouve filho meu, não abandones o ensino de tua mãe». Por isso nossa lei considera judeu todo o filho de mãe judia.

Quando recebemos os dez mandamentos concita-se o povo todo a comparecer ao pé do Monte de Sinai. Excluindo as peregrinações a Jerusalém, não há passagem bíblica que dispense a mulher dos deveres religiosos colectivos.

O nosso saudoso Rabino Isaias Rafalovich, que veio de Inglaterra extrahava imensamente porque nossas mulheres não comparecem aos serviços religiosos. A mulher se impõe criar o ambiente religioso na família. A religião quando bem orientada dá o equilíbrio moral da paz de espírito que tanto necessitamos. Aos Sábados pela manhã nenhuma mulher trabalha em casa, porque não trazer seus filhos à Sinagoga, esquecendo um pouco a rotina diária tão enervante e elevando seu espírito a Deus para maior aperfeiçoamento de sua alma. Não tendo livros de orações, a Bíblia é uma fonte inesgotável de ensinamentos.

melhor lhe convinha, no criminoso propósito de o lançar à fogueira.

Muito contribuiu também para a sua morte, a inveja de outros escritores, menos talentosos, que se sentiam incomodados com os seus êxitos e se julgavam atingidos pelas suas críticas.

Todos estes factos crueis nos arrepiam e nos fazem duvidar da consciência, da bondade e da justiça dos Homens. Porque a verdade é que o povo gostava de assistir aos autos-de-fé. O povo gozava e sentia o prazer terrível de ver queimar todos aqueles que eram acusados de heresia.

Quantos infelizes não foram reduzidos a cinzas, entre os sorrisos e os

apupos duma multidão de selvagens? E quantos talentos preciosos não se perderam para sempre nas fogueiras do Santo Offício?

«Isto é grave, porque é atroz», afirmou Alexandre Herculano. Isto é profundamente triste e analisando os horribéis crimes cometidos pela Inquisição, ficamos com a amarga certeza de que essa monstruosa injustiça só serviu para roubar valores à Pátria, para nos envergonhar e para empanar o brilho glorioso da nossa História.

17-2-1957

HANID ESTELA

(publicado no jornal «Independência d'Águeda» de 9-5-1957)

MEMÓRIAS

da Literatura Sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até fins do Século XV

MEMÓRIA I

POR ANTÓNIO RIBEIRO DOS SANTOS

(CONTINUAÇÃO DO N.º 155)

Edição da Litúrgica Judaica — As edições dos Livros Sagrados, e Comen-tários dos Rabinos acrescentemos aqui, a da obra Litúrgica de Rabbi David filho de José Avudraham intitulada *Leter tesilod*, isto é, *Ordem das preces de todo o ano*. Imprimiu-se em Lisboa no ano de 1495 em fol. em duas colunas e com carácter Rabbinico Espanhol, o qual contém uma muito perfeita exposição das preces Judaicas, que o autor havia composto em Sevilha. Consta de 170 folhas, e é uma edição elegantíssima. (Desta edição de 1495 não tem falado os Judeus, os quais dão por primeira edição a de 1514. Mas Rossi a viu, e dela fala na *Origem da Biblioteca Hebraica* cap. VI pág. 56. E de passagem notamos que foi feita esta edição no mesmo ano, em que saiu à luz em Lisboa a raríssima obra Portuguesa da Vida de Cristo, traduzida do Latim de Ludolfo de Saxónia em Linguagem por Fr. Bernardo de Alcobça, que foi continuado por Nicolau Vieira, impressa em 4 tomos de fol. de excelente carácter por mandato do Senhor Rei D. João II, e da Rainha D. Leonor, que é uma das mais antigas obras que temos em nossa língua impressas em Portugal afora as Hebraicas, como já dissemos, de que há quatro exemplares em Portugal de que temos notícia, um na Biblioteca de Alcobça, que também tem um Código Ml. outro na Biblioteca do Excelentíssimo e Reverendíssimo Bispo de Beja, outro na Biblioteca dos P.P. da Divina Providência de Lisboa e outro na dos P.P. Franciscanos da observância da Província de Portugal.

Estimação geral destas edições — Estas edições antiquíssimas, que foram as primeiras produções de nossa Tipografia Hebraica, tem a mesma estimação, que se costuma dar a todos os Livros Hebraicos daquele Século: porque sendo de muito apreço todos os Livros, que se imprimiram no princípio da invenção da Tipografia muito mais o são os Hebraicos e deste género; e por muitas razões.

Particularmente pela sua raridade — I. São mais raros, que os outros, pois que poucos exemplares se imprimiram, por haver mui poucas Tipografias Hebraicas naqueles primeiros tempos; e esses poucos os tomaram a si os Judeus, maiormente por ser então muito excessivo o preço dos Mss. e os usaram, e consumiram de maneira, que hoje apenas aparece um ou outro, este pelo comum gastado e mutilado; donde vem que são raros ainda nas melhores Bibliotecas dos Príncipes, confessando todos os Bibliógrafos, principalmene Mattaire, que muito estudo faz em ilustrar os Anais Tipográficos, haver visto muito poucos.

Pela vantagem que tem sobre todos os daquele Século — II. Estas edições são as melhores daqueles tempos; pois que tem óptimo papel, margem muito larga, caracteres pelo comum elegantíssimos, tinta lúsidíssima, e pergaminhos mui brancos, e claros, de maneira, que sobreexcedem muito na elegância, e magnificência a tudo quanto se imprimiu depois.

(Continua)

